



FLORA DE SERGIPE

VOLUME 1



ORGANIZADORES:
ANA PAULA DO NASCIMENTO PRATA
MARIA DO CARMO ESTANISLAU DO AMARAL
MARTA CRISTINA VIEIRA FARIAS
MARCCUS VINICIUS ALVES



FLORA DE SERGIPE

VOLUME 1

ORGANIZADORES:
ANA PAULA DO NASCIMENTO PRATA
MARIA DO CARMO ESTANISLAU DO AMARAL
MARTA CRISTINA VIEIRA FARIAS
MARCCUS VINICIUS ALVES



F632f Flora de Sergipe / Organizadores: Ana Paula do Nascimento Prata ...[et al.]. -
Aracaju : Gráfica e Editora Triunfo, 2013.
v. 1. (592p.) : il.
ISBN 978-85-63770-06-6

1. Botânica – Classificação. 2. Botânica – Sergipe. I. Prata, Ana Paula do
Nascimento.

CDU.582(813.7)

Gráfica e Editora Triunfo Ltda. 1ª Edição / 2013 / Aracaju

CRÉDITOS:

Organizadores

Ana Paula do Nascimento Prata
Maria do Carmo Estanislau do Amaral
Marta Cristina Vieira Farias
Marcus Vinícius Alves

Editoração:

Ana Paula do Nascimento Prata
Ana Cecília da Cruz Silva
Christopher Anderson Santos Souza
Erick de A. Barbosa
Gisele de Oliveira Silva
Itamar Barbosa de Lima
Marta Cristina Vieira Farias
Tatiana U.P. Konno
Viviane da Silveira Oliveira

Design e Diagramação:

Rodrigo Sotero
www.rodrigossotero.com
rsotero2@gmail.com

Fotos:

Balanophoraceae: *Langsdorffia hypogaea* Mart.
Leuciane Andrade Gomes
Lentibulariaceae: *Utricularia foliosa* L.
Silvana Helena Monteiro
Myrtaceae: *Myrciaria ferruginea* O. Berg.
Carolyn Elinore Barnes Proença
Orchidaceae: *Cattleya labiata* Lindl.
Luiz Aquino Silva Santos
Apocynaceae: *Mandevilla moricandiana* (A. DC.)
Woodson
Maria Ana Farinaccio
Amaryllidaceae: *Habranthus sylvaticus* Herb.
Sthépanie Menezes Rocha

Fotos de Paisagens:

Dunas de Pacatuba
Tamires Carregosa
Monumento Natural Grota do Angico
Ana Cecília da Cruz Silva

Ilustradora:

Regina Maria Alcântara de Carvalho

AGRADECIMENTOS

Os organizadores da Flora de Sergipe agradecem:

À Universidade Federal de Sergipe, pelo apoio administrativo, logístico e financeiro para a manutenção e ampliação do acervo do Herbário ASE;

À Universidade Estadual de Campinas e Universidade Federal de Pernambuco pela colaboração e liberação de docentes para o desenvolvimento do projeto FloSe;

Ao CNPq pelo apoio financeiro ao Projeto Flora de Sergipe (processos 472483/2011-0 e 552679/2011-9), e a projetos relacionados: Estudos florísticos e taxonômicos das Cyperaceae do estado de Sergipe – Brasil; Caracterização fitofisionômica e recuperação de áreas degradadas em áreas do semi-árido sergipano; XXXIII Reunião Nordestina de Botânica, Diversidade, Conhecimento e Conservação da Flora Nordestina.

À Universidade Federal de Sergipe (COPES), à Fundação de Apoio a Pesquisa em Sergipe, ao CNPq, Ao INCT, Herbário Virtual das plantas e Fungos e aos gestores do Projeto Floresta Atlântica pela concessão de bolsas de Iniciação Científica e de Apoio Técnico para estagiários do Laboratório de Sistemática Vegetal e Herbário ASE, além do apoio financeiro para coletas e informatização de dados.

Ao PPEC, Programa de Pós-Graduação em Ecologia e Conservação/UFS pelo auxílio, concessão de bolsas para alunos de mestrado e viabilidade de pesquisas com a Flora de Sergipe.

Aos autores e revisores de monografias por aceitarem o convite para desvelar a diversidade botânica deste Estado;

Aos curadores dos herbários visitados e contactados para permutas e doações durante o período de execução do projeto;

Aos coletores que participaram das expedições científicas para obtenção dos espécimes descritos neste volume;

A Eládio dos Santos, técnico do Herbário ASE, por sua inestimável colaboração nas expedições de coleta, na montagem das amostras e na dedicação a qualidade do acervo ASE;

Aos ex-curadores do Herbário ASE: Marcelo Ramos da Fonseca; Gilvane Viana de Souza; Myrna Landim e Carlos Dias da Silva Junior.

Aos gestores da Secretaria de Meio Ambiente e Recursos Hídricos de Sergipe e de suas

Unidades de Conservação: Monumento Natural Grota do Angico; Refugio da Vida Silvestre Mata do Junco e Área de Proteção Ambiental do Litoral Sul;

Aos proprietários de terras que abrigam remanescentes florestais importantes para o conhecimento da biodiversidade florística de Sergipe e nos permitiram visitá-los;

Aos estagiários e bolsistas que auxiliaram no crescimento do Herbário ASE: Adeline Brito Sales, Adriana Stacy Teixeira Brito, Alan Germano Matos, Ana Cecília da Cruz Silva, Ana Cláudia Alencar da Silva Santos, Anderson de Carvalho Silva, Andrea Borges de Menezes, Bárbara Conceição Santos Lima, Bruna Daniela da Silva, Christopher Anderson Santos Souza, Cleice Kelly Sobrinho Santos, Crislaine Costa Calazans, Daniel Silva Melo, Daniele Almeida Campos, Denis Wilson Gomes Ramiro, Diogo Gallo de Oliveira, Elaine Cristine do Amarante Matos, Erivânia Virtuoso Rodrigues Ferreira, Francineide Bezerra Gonçalves, Gabrielle Moreno, Gilda Maria do Amarante Matos, Gilmara da Silva Freire, Giselle Gomes Conceição, Ítalo dos Santos Alves, Itallo Romany Nunes, Ivan Cardoso Lemos Júnior, Jaqueline dos Santos, Jéssica Regina Souza, José Antunes Reis da Fonseca, José Elvino do Nascimento Júnior, José Paulo Santana Santos, Larissa Michelle Santos Melo, Larissa da Paixão Rocha, Leuciane Andrade Gomes, Lívia Sabrina Santos Porto, Luiz Aquino Silva Santos, Luiz Ricardo Oliveira Santos, Maiane Cássia de Castro Vasconcelos, Maiza Fernanda dos Santos Germano, Márcia Luciana Carregosa, Mário Sérgio Secundo Souza, Marla Ibrahim Uebe de Oliveira, Mayara Prata Mendonça, Pricila Barbosa dos Santos, Priscila Cruz Melo, Rainan Matos Deda, Rosineide Nascimento da Silva, Rubiana dos Passos Custódio, Simone Alves Damasceno, Suzana Maria dos Santos Costa, Tainan Amorim Santana, Taiguã Correa Pereira, Tamires Carregosa da Silva, Thalita Rocha da Silva, Wedmi Cordeiro Silva, Wedna de Jesus Machado.

Aos colegas botânicos ou de áreas afins que tanto colaboraram e apoiaram o projeto Flora de Sergipe e a nossa equipe: Everardo Sampaio, pelas importantes colaborações em bancas e apoio nos primeiros projetos do ASE; Adauto de Souza Ribeiro por suas valiosas contribuições e por ter acreditado em nosso sonho, bem como ao Arie Blank, Paulo César Nogueira e Emmanoel Vilaça Costa pela parceria nos estudos da Flora Sergipana e apoio em projetos.

As colegas Maria Ana Farinaccio, Marli Botânico e Silvana Monteiro pelo auxílio na capacitação dos estagiários e apoio significativo para o crescimento do Herbário ASE e concretização do Projeto Flora de Sergipe;

A Marli Morim e Marcus Sobral pelas identificações, palestras e cursos ministrados. Ao Jefferson Maciel por ter aceitado o desafio de ministrar oficinas de identificação para os estagiários do ASE;

Ao comitê gestor do ASE pelas várias reuniões e ações em prol da capacitação e crescimento da equipe. A Todos Muito Obrigado!

AUTORES PARTICIPANTES DA FLORA DE SERGIPE, VOLUME 1 (2013).

Aline Melo, M.Sc. – Universidade Federal de Pernambuco.
Ana Paula do Nascimento Prata, Dra. - Universidade Federal de Sergipe.
Anderson Alves-Araújo, Dr. - Universidade Federal do Espírito Santo.
Anderson de Carvalho Silva, Doutorando – Universidade Estadual Feira de Santana
André O. Simões, Dr. - Universidade Estadual de Campinas.
André Laurênio de Melo, Dr. - Universidade Federal Rural de Pernambuco.
André R. O. Ribeiro, Doutorando – Universidade de Brasília.
Ariclenes de Almeida Mélo Araújo, M.Sc. - Universidade Federal de Pernambuco.
Bruno Sampaio Amorim, Doutorando - Universidade Federal de Pernambuco.
Carolina Oliveira do Vale, Biól. - Universidade Federal de Sergipe.
Carolyn E. B. Proença, Dra. - Universidade de Brasília.
Claudenir Simões Caires, Dr. - Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia.
Daniela Santos Carneiro Torres, Dra. - Universidade Estadual de Feira de Santana.
Daniele Almeida Campos, Biól. - Universidade Federal de Sergipe.
Diogo Araújo, Doutorando - Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho.
Geadelane Carolino Delgado Junior, Mestrando - Universidade Federal de Pernambuco.
Gilda Maria do Amarante Matos, Biól. - Universidade Federal de Sergipe.
Ilaíne Silveira Matos, Mestranda - Inst. de Pesquisa Jardim Botânico do Rio de Janeiro.
Ingrid Koch, Dra. - Universidade Federal de São Carlos.
Italo Romany Nunes, Biól. - Universidade Federal de Sergipe.
Ivan Cardoso Lemos Junior, Doutorando - Universidade Federal da Bahia.
Juan Francisco Morales – University of Bayreuth, Alemanha.
James Lucas da Costa-Lima, Mestrando - Universidade Federal de Pernambuco.
Jefferson Rodrigues Maciel, M.Sc. - Jardim Botânico do Recife.
Juliana Santos Guedes, M.Sc. - Instituto de Botânica de São Paulo.
Julio Antonio Lombardi, Dr. - Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho.
Katarina Pinheiro, M.Sc. - Universidade Federal de Pernambuco.
Luciana dos Santos D. Oliveira, Doutoranda - Universidade Federal Rural de PE.
Luciana Silva Carneiro, Biól. - Universidade Federal do Ceará.
Luiz Aquino Silva Santos, Biól. - Universidade Federal de Sergipe.
Marcus Alves, Dr. - Universidade Federal de Pernambuco.
Margareth Ferreira de Sales, Dra. - Universidade Federal Rural de Pernambuco.

Maria Ana Farinaccio, Dra. – Universidade Federal do Mato Grosso do Sul.
Maria das Graças Lapa Wanderley, Dra. - Instituto de Botânica de São Paulo.
Maria de Fátima Agra, Dra. - Universidade Federal da Paraíba.
Maria de Fátima Araújo Lucena, Dra. - Universidade Federal de Campina Grande.
Maria do Carmo Amaral, Dra. – Universidade Estadual de Campinas.
Maria Iracema Bezerra Loiola, Dra. - Universidade Federal do Ceará.
Maria Mercedes Arbo, Dra. – Instituto Botânico del Nordeste, Argentina.
Maria Teresa Buril, Dra. - Universidade Federal de Pernambuco.
Mariana N. Saka, Doutoranda - Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho.
Marla Ibrahim U. de Oliveira, Doutoranda - Universidade Estadual de Feira de Santana.
Marta Cristina Viera Farias, Dra. - Universidade Federal de Sergipe.
Myrna F. Landim, Dra. - Universidade Federal de Sergipe.
Niara Moura Porto, Doutoranda - Universidade Federal da Paraíba.
Paula Pinto Eymael, M.Sc. - Universidade Federal Rural de Pernambuco.
Rafael Batista Louzada, Dr. - Universidade Federal de Pernambuco.
Rafael Trevisan, Dr. - Universidade Federal de Santa Catarina.
Rainan Matos Déda, Biól. - Universidade Federal de Sergipe.
Sarah Maria Athiê de Souza, Doutoranda - Universidade Federal Rural de Pernambuco.
Silvana Helena N. Monteiro, Dra. - Inst. de Pesquisa Jardim Botânico do Rio de Janeiro.
Suzana Maria Costa, Doutoranda - Universidade Estadual de Campinas.
Tamires Carregosa, Doutoranda - Universidade Estadual de Campinas.
Tatiana U.P. Konno, Dra. - Universidade Federal do Rio de Janeiro

ÍNDICE DE FAMÍLIAS E AUTORES

ALSTROEMERACEAE

Anderson Alves-Araújo

AMARYLIDACEAE

Anderson Alves-Araújo

APOCYNACEAE

Maria Ana Farinaccio (Coord.)

André O. Simões

Carolina Oliveira do Vale

Daniele Almeida Campos

Ingrid Koch

Juan Francisco Morales

Tatiana Konno

ARISTOLOCHIACEAE

Ariclenes de Almeida Mélo Araújo

BALANOPHORACEAE

Aline Melo

Marccus Alves

BURMANNIACEAE

Aline Melo

Marccus Alves

COMBRETACEAE

Rafael B. Louzada

CONVOLVULACEAE I

Jacquemontia

Maria Teresa Buril

COSTACEAE

Jefferson Rodrigues Maciel

CYPERACEAE

Ana Paula do Nascimento Prata (Coord.)

André R.O. Ribeiro

Ítalo Romany Nunes

Ivan Cardoso Lemos Junior

Marccus Alves

Rafael Trevisan

Suzana Maria Costa

DIOSCOREACEAE

Gilda Maria do Amarante Matos

Diogo Amorim de Araújo

Ana Paula do Nascimento Prata

ERYTHROXYLACEAE

James Lucas da Costa-Lima

Luciana Silva Cordeiro

Maria Iracema Bezerra Loiola

Marccus Alves

EUPHORBIACEAE I

Crotoneae

Rainan Matos Déda

Daniela Santos Carneiro Torres

Maria de Fátima Araújo Lucena

Ana Paula do Nascimento Prata

Hippomaneae

André Laurênio de Melo

Luciana dos Santos Dias de Oliveira

Margareth Ferreira de Sales

Paula Pinto Eymael

Sarah Maria Athiê de Souza

GENTIANACEAE

Aline Melo

Marccus Alves

HYDROLEACEAE

Katarina Pinheiro

ICACINACEAE

Bruno S. Amorim

KRAMERIACEAE

Katarina Pinheiro

LENTIBULARIACEAE

Tamires Carregosa

Silvana Helena N. Monteiro

LOASACEAE

Katarina Pinheiro

MALVACEAE I

Byttnerioideae

Bruno S. Amorim

MARANTACEAE

Mariana Naomi Saka

MARCQGRAVIACEAE

Geadelände Carolino Delgado Jr.

MENISPERMACEAE

Niara Mouro Porto

Maria de Fátima Agra

MOLLUGINACEAE

Katarina Pinheiro

MYRTACEAE

Carolyn E. B. Proença (Coord.)

Marla I. U. Oliveira

Myrna F. Landim

ORCHIDACEAE

Silvana H.N. Monteiro (Coord.)

Ilaíne Silveira Matos

Luiz Aquino Silva Santos

Tamires Carregosa

OXALIDACEAE

James Lucas da Costa-Lima

Marccus Alves

PASSIFLORACEAE

Diogo Araújo

POACEAE I

Paspalum

Jefferson Rodrigues Maciel

RHIZOPHORACEAE

James Lucas da Costa-Lima

Marccus Alves

SCHOEPIACEAE

Geadelände Carolino D. Junior

Marccus Alves

TRIGONIACEAE

Geadelände Carolino D. Junior

Marccus Alves

TYPHACEAE

Jefferson Rodrigues Maciel

TURNERACEAE

Maria Mercedes Arbo

VISCACEAE

Claudenir Simões Caires

VITACEAE

Julio Antonio Lombardi

XYRIDACEAE

Maria das Graças Lapa Wanderley

Juliana Santos Guedes

LISTA DE REVISORES

Adriana Quintella Lobão	Maria de Fátima Araújo Lucena
Alessandra Quirino B. dos Santos Jardim	Maria de Fátima Freitas
Alessandro Rapini	Maria do Carmo Estanislau do Amaral
Anderson Alves Araújo	Maria do Céu Rodrigues Pessoa
André Amorim	Maria Fernanda Calió
André O. Simões	Maria Gabriela López
Bruno S. Amorim	Maria Iracema Bezerra Loiola
Claudenir Simões Caires	Maria Teresa Buril
Claudia Carneiro	Marília Cristina Duarte
Fabio A. Vitta	Marli Pires Morim
Fernando Rivadavia	Marta Camargo de Assis
Greta Aline Dettke	Paulo César Baleeiro Souza
Itamar Barbosa de Lima	Pedro Fiaschi
Jaime Ernesto Rivera-Hernández	Rafael B. Louzada
Jesiane Higon	Rafael Trevisan
Jomar Gomes Jardim	Rafaela Campostrini Forzza
Jorge Fontella Pereira	Raquel Lüdke
José Floriano Parêa Pastore	Rebeca Politano Romanini
José Iranildo de Melo	Regina Celia de Oliveira
Julie Henriette Antoinette Dutilh	Reyjane Patrícia de Oliveira
Julio Antonio Lombardi	Ricardo Couto
Letícia Lima	Ricardo Vanni
Lívia Godinho Temponi	Rita Lima
Lucia Rossi	Rosemeri Melo e Souza
Luiz Menini Neto	Rubens Teixeira de Queiroz
Marccus Alves	Sonia Maria Hefler
Marco Octávio de Oliveira Pellegrini	Sueli Maria Gomes
Marcos José da Silva	Tatiana Tavares Carrijo
Marcos Sobral	Teonildes Sacramento Nunes
Marcos Vinicius Meiado	Volker Bittrich
Maria Ana Farinaccio	William Wayt Thomas

SUMÁRIO

• Apresentação ----- Pág. 12	• Lentibulariaceae ----- Pág. 306
• Presentation ----- Pág. 14	• Loasaceae ----- Pág. 322
• Prefácio ----- Pág. 17	• Malvaceae s.l. I Bytnerioideae ----- Pág. 326
• Apresentando Sergipe ----- Pág. 19	• Marantaceae ----- Pág. 338
• Alstroemeriaceae ----- Pág. 35	• Marcgraviaceae ----- Pág. 351
• Amaryllidaceae ----- Pág. 39	• Menispermaceae ----- Pág. 353
• Apocynaceae ----- Pág. 45	• Molluginaceae ----- Pág. 361
• Aristolochiaceae ----- Pág. 97	• Myrtaceae ----- Pág. 364
• Balanophoraceae ----- Pág. 101	• Orchidaceae ----- Pág. 431
• Burmanniaceae ----- Pág. 104	• Oxalidaceae ----- Pág. 491
• Combretaceae ----- Pág. 109	• Passifloraceae ----- Pág. 500
• Convolvulaceae I ----- Pág. 115	• Poaceae I ----- Pág. 510
• Costaceae ----- Pág. 124	• Rhizophoraceae ----- Pág. 522
• Cyperaceae ----- Pág. 127	• Schoepfiaceae ----- Pág. 525
• Dioscoreaceae ----- Pág. 219	• Thyphaceae ----- Pág. 528
• Erythroxylaceae ----- Pág. 233	• Trigoniaceae ----- Pág. 531
• Euphorbiaceae s.s. I Crotonae ----- Pág. 248	• Turneraceae ----- Pág. 533
• Euphorbiaceae s.s. I Hippomaneae ----- Pág. 273	• Viscaceae ----- Pág. 550
• Gentianaceae ----- Pág. 287	• Vitaceae ----- Pág. 556
• Hydroleaceae ----- Pág. 296	• Xyridaceae ----- Pág. 567
• Icacinaceae s.s. ----- Pág. 299	• Índ. Remissivo de Nomes Científicos ----- Pág. 578
• Krameriaceae ----- Pág. 302	• Índ. Remissivo de Nomes Vernaculares ----- Pág. 589

APRESENTAÇÃO

A série Flora do Sergipe (FloSe) apresenta aqui, em seu primeiro volume e sob a forma de monografias botânicas, cerca de 25.% do número estimado para a flora vascular do estado. São 494 táxons, distribuídos em 151 gêneros que estão reunidos em quase 40 famílias de Angiospermas.

É a divulgação de um conhecimento até então pouco difundido no meio acadêmico, já que muitas das espécies aqui monografadas não haviam sido sequer incluídas na Lista de Espécies da Flora do Brasil como presentes no estado de Sergipe. É um avanço considerável se pensarmos que alguns anos atrás o Herbário da Universidade Federal de Sergipe (sigla ASE) era um dos menores do país. Atualmente, o ASE é um herbário dinâmico e frequentado periodicamente por pesquisadores em busca da qualificação taxonômica da flora sergipana e consequentemente da região e do país. O acervo do ASE, reúne hoje cerca de 28.000 espécimens catalogados e disponíveis na base de dados on line SpeciesLink e que são oriundos das diversas formações vegetacionais ocorrentes no estado e inseridas na matriz de Mata Atlântica e Caatinga.

A construção do volume 1 da Flora de Sergipe, iniciado através de parcerias e financiamentos diversos, contou com uma equipe de colaboradores brasileiros e estrangeiros oriundos de diversas e renomadas instituições com atuação em taxonomia de plantas. Foi a partir da dedicação de quatro profissionais, baseados na Universidade Federal de Sergipe, Universidade Estadual de Campinas e Universidade Federal de Pernambuco, que uma ideia almejada por diversos grupos de pesquisa foi transformada em livro. Além de contar com uma equipe local de apoio para o manejo do acervo do herbário ASE e incremento significativo das coletas no Estado, a equipe de organizadores contou com a colaboração de cerca de 50 taxonomistas que monografaram os táxons e outros 60 que se dispuseram a revisar e agregar qualidade aos produtos elaborados por seus pares ao longo dos dois últimos anos. Ao final, foram cerca de 130 profissionais do Brasil e do exterior, doutores, doutorandos, mestrados, biólogos e graduandos, que coletivamente construíram esse sonho que aqui temos o orgulho de apresentar.

Ao longo dessa jornada, novas espécies para ciência foram descobertas e inúmeras novas citações para Sergipe foram catalogadas e estão agora disponibilizadas para consulta. Táxons considerados raros localmente e ameaçados de extinção tiveram suas populações reconhecidas e recursos humanos no Estado foram qualificados na pesquisa em taxonomia vegetal.

Os organizadores da FloSe optaram pelo arranjo mais atual de famílias de Angiospermas (APG III) assim como pela inclusão, para os casos de famílias altamente diversas no estado, de monografias de gêneros selecionados (por exemplo: Convolvulaceae, Euphorbiaceae s.s., Malvaceae s.l., e Poaceae). Merece destaque, as famílias com elevado número de espécies e que estão aqui disponibilizadas, como Apocynaceae, Cyperaceae,

Lentibulariaceae, Myrtaceae, Orchidaceae e Passifloraceae s.l. Tão importantes quanto são as famílias, que apesar de menos diversas são relevantes pela caracterização de fitofisionomias locais como as Dioscoreaceae, Erythroxylaceae, Krameriaceae, Loasaceae, Marantaceae, Marcgraviaceae, Rhizophoraceae e Typhaceae; pela interação com a guilda de polinizadores e dispersores como Aristolochiaceae, Amaryllidaceae, Combretaceae, Costaceae e Oxalidaceae; ou ainda por suas peculiares estratégias biológicas como as Balanophoraceae, Burmanniaceae, Gentianaceae e Viscaceae, entre várias outras.

É com esse conjunto de valiosos dados que apresentamos à sociedade sergipana e à comunidade botânica, o primeiro volume da série Flora de Sergipe. Aproveitamos a oportunidade para comunicar que os esforços para o volume 2 da FloSe já foram iniciados e incluirão as famílias Annonaceae, Ochnaceae, Polygalaceae, Quiinaceae, Podocarpaceae, Sapotaceae, Rhamnaceae, entre várias outras já em andamento.

Organizadores, FloSe.

PRESENTATION

The Flora of Sergipe Series presents here its first volume in the form of botanical monographs, comprising ca. 494 taxons or 25% of the species in the vascular flora of the state. There are 492 species in 151 genera grouped in almost 40 families of Angiosperms.

The knowledge being made available here has been, until now, little known since many of the monographed species were not included in the “Lista de Espécies da Flora do Brasil” as being present in the state of Sergipe. This is a considerable advance since only a few years ago the Herbarium of the Federal University of Sergipe (ASE) was one of the smallest in the country. Today, the ASE Herbarium is dynamic and frequented by researchers seeking concrete data on the flora of Sergipe and its diverse vegetation formations, including Atlantic forest and *caatinga*. The collection at ASE comprises 28.000 catalogued specimens whose data are available online through SpeciesLink.

The construction of the first volume of the Flora of Sergipe, with its diverse partnerships and sources of funding, was made possible by a team of Brazilian and foreign botanists from a variety of well-known institutions. Through the dedication of four botanists based at the Federal University of Sergipe, the State University of Campinas, and the Federal University of Pernambuco, that a dream longed for by many was transformed into this book. Besides relying on a local team managing the ASE collection and its growing collection, the organizers relied on the collaboration of ca. 50 taxonomists who monographed groups and another 60 agreed to revise and edit the manuscripts produced by their peers. In the end, ca. 130 professionals with all levels of training jointly transformed the dream into the reality we are proud to present here.

During this time, species new to science have been discovered and described, and many species new to Sergipe have been catalogued and made available for study. Locally rare or threatened species have had populations rediscovered and more people in Sergipe have been trained in plant taxonomy.

The organizers of the Flora of Sergipe chose to organize the sequence of plant families following APG III, the most modern system available. In the case of families highly diverse in Sergipe (e.g., Convolvulaceae, Euphorbiaceae s.s., Malvaceae s.l., and Poaceae), we have chosen to include monographs of selected genera, with the remaining genera to be published later. Other species-rich families are published here in their entirety including Apocynaceae, Cyperaceae, Lentibulariaceae, Myrtaceae, Orchidaceae, and Passifloraceae s.l. Other families which are less diverse, but nevertheless important in characterizing habitats are included such as Dioscoriaceae, Erythroxylaceae, Krameriaceae, Loasaceae, Marantaceae, Marcgraviaceae, Rhizophoraceae, and Typhaceae. Others are important for their interactions with pollinators or dispersers, such as Aristolochiaceae, Amaryllidaceae, Combretaceae, Costaceae, and Oxalidaceae, while others are important for their unusual biological strategies, such as Balanophoraceae, Burmanniaceae, Gentianaceae, and Viscaceae.

With this introduction we present to the citizens of Sergipe and to the botanical community this first volume of the series, Flora of Sergipe. We take this opportunity also to communicate that volume 2 of the Flora of Sergipe is underway and will include the families Annonaceae, Ochnaceae, Polygalaceae, Quiinaceae, Podocarpaceae, Sapotaceae, and Rhamnaceae, among others.

English version - William W. Thomas

A FLORA DE SERGIPE

Prefácio

É possível afirmar que temos um novo olhar sobre a flora do Estado de Sergipe.

É possível e necessário também reconhecer o esforço de professores, técnicos e estudantes de graduação e pós-graduação da Universidade Federal de Sergipe, vinculados ao Herbário ASE para que isto seja uma realidade.

Há algum tempo era muito comum nos depararmos com uma constante ausência de informações e ausência de materiais no Herbário, que pudessem facilitar a identificação de boa parte das plantas que encontrávamos no nosso Estado. Tínhamos um grande desafio... Como mudar esta realidade diante da Restinga, Manguezal, Mata Atlântica, Caatinga e áreas de transição, presentes em Sergipe?

Diante de tanta biodiversidade e de tanta riqueza nos faltavam materiais que pudessem desmistificar e dar luz às nossas pesquisas sobre as espécies da nossa flora. Era um desafio sem fim... Uma tarefa árdua e às vezes quase impossível de se transpor.

Em pouco menos de uma década encontramos uma nova realidade. Daquilo que era um verdadeiro mistério, aos poucos, com as novas coletas realizadas, aumento dos esforços e trabalhos, a nova realidade veio com as novas descobertas. Inclusive, descoberta de espécies antes desconhecidas da ciência.

Hoje, o Herbário ASE já conta com mais de 28.000 registros e lança o seu primeiro volume da Flora de Sergipe e, neste volume, são apresentadas 38 famílias botânicas, listando-se mais de 500 espécies. Por si só, isto já é muito representativo. É um primeiro passo grandioso para comprovar que temos muito ainda a contribuir neste ramo da Botânica. Seguramente a Taxonomia nordestina, brasileira e universal não será mais a mesma. Sergipe definitivamente fará parte do seu acervo, contribuindo para ampliar o nosso conhecimento e com a condição de acrescentar novas espécies à lista de tão rica biodiversidade do nosso país e do mundo.

É impar o trabalho da Equipe e Colaboradores do Herbário ASE para que isto seja realmente uma realidade. A partir de agora, resta-nos aguardar por seus novos esforços e por seus novos volumes da Flora de Sergipe.

A venda que nos cobria os olhos e nos deixava em escuridão parece que se transforma num tecido transparente e iluminado, ao qual se pode chamar de luz da ciência... Com os meus sinceros agradecimentos, esta obra era o que nos faltava e nos deixava incompletos.

Prof. Robério Anastácio Ferreira

APRESENTANDO SERGIPE

Marta Cristina Vieira Farias¹

Sergipe está localizado na parte oriental da região Nordeste (9° 31' 54" - 11°34'12" S; 36°24'27" - 38°11'20" O). Com área aproximada de 22 mil km², é o menor estado do país, correspondendo a 0,26% do território nacional e 1,42% da região. Limita-se ao norte com Alagoas, separado deste pelo rio São Francisco; ao sul e oeste, com o Estado da Bahia; e a leste, com o Oceano Atlântico, ocupando uma faixa litorânea com máximo de 120 km de largura e 163 km de extensão (ATLAS DE SERGIPE, 1976; FRANÇA; CRUZ, 2007).

Seu território encontra-se dividido em 75 municípios, distribuídos em três mesorregiões geográficas: Sertão, Agreste e Leste, onde está localizada a capital, Aracaju (Figura 1).

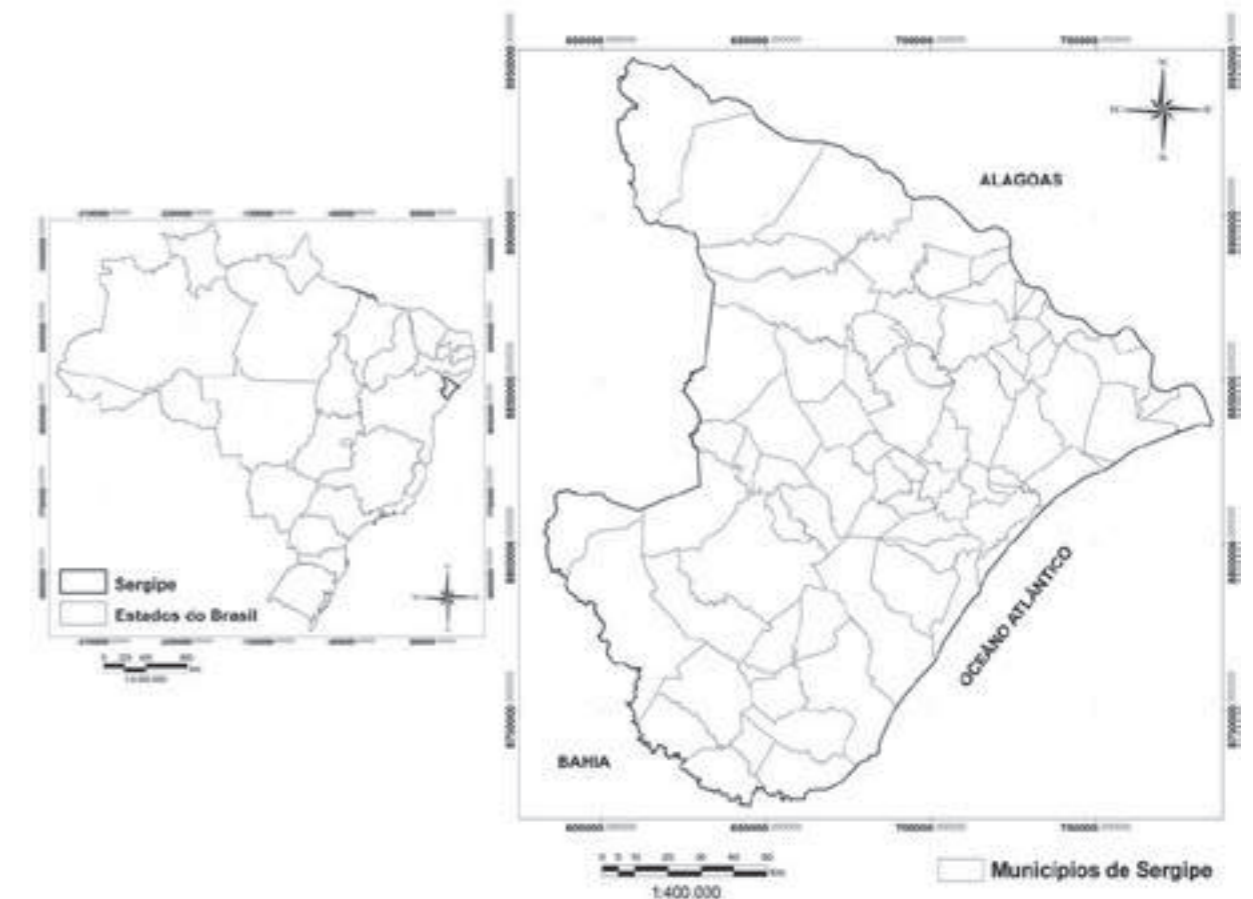


Figura 1. Mapa de localização da área de estudo.

Fonte: Atlas Digital dos Recursos Hídricos de Sergipe. 2011.

Elaborado por Daniela Pinheiro Bitencurti Ruiz-Esparza.

A oeste, o Sertão Sergipano caracteriza-se por apresentar clima semiárido, vegetação de caatinga e solos rasos, abrigando extensas propriedades ocupadas com pastagens e lavouras temporárias. A densidade demográfica é a mais baixa do Estado, em virtude da ausência de grandes centros urbanos. Predomina a pecuária bovina de corte e de leite,

¹ Universidade Federal de Sergipe; Departamento de Biologia, Herbário ASE. Email: marta.ase@gmail.com

que se constitui numa estratégia de sobrevivência de pequenos e médios produtores. Os cultivos alimentícios se destinam ao abastecimento das feiras locais. O Agreste sergipano, localizado em área de transição climática, se destaca por apresentar melhor distribuição da terra em pequenas propriedades e abrigar a maior parte da população rural do Estado, exercendo diversas atividades agrícolas como fruticultura, olericultura e pecuária. O Leste sergipano compreende a faixa costeira, abrigando a região metropolitana de Aracaju e, conseqüentemente, a maior densidade populacional. Destacam-se a atividade industrial, sobretudo a extrativista mineral e a concentração de comércio e serviços e, na agricultura, a produção da cana-de-açúcar, coco-da-baía e frutas (FRANÇA; CRUZ, 2007).

Caracterização física

Embora o arcabouço geológico de Sergipe seja bastante complexo e heterogêneo, englobando terrenos pré-cambrianos, coberturas sedimentares e depósitos recentes, isto não se faz sentir de maneira enfática na sua morfodinâmica, em que se observa uma superfície aplainada pontilhada de "inselbergs". Seu território apresenta altitudes modestas, com mais de 80% de seus terrenos inferiores a 300 metros e poucos superando os 400 m. A curva de nível de 100 m situa-se entre 20 e 45 km do litoral. Altitudes superiores a 600 m são registradas nas Serras Residuais, localizadas ao centro, sudoeste e noroeste do Estado: Itabaiana, Comprida, Cajueiro, Jabiberi, Macota, Miaba, Ribeira e Aguilhadas. O ponto mais elevado, com 750 m, é a Serra Negra, em Poço Redondo, na divisa com o Estado da Bahia (ATLAS DE SERGIPE, 1976; SANTOS; ANDRADE, 1992).

De acordo com a altimetria, o relevo apresenta a seguinte divisão: litoral, com altitudes inferiores a 80 m e declives suaves, e eventuais ocorrências de falésias mortas erodidas; tabuleiros, entre 30 e 100 metros de altitude, com relevo de topos planos, seccionado por vales em U, colinas convexas e declives direcionados para o litoral; pediplano sertanejo, entre 100 e 400 m de altitude, orientados para os vales dos principais rios: São Francisco, Sergipe, Vaza-Barris e Real; serras, com altitudes entre 400 e 750 metros, no Planalto Sedimentar do Nordeste e no Maciço residual dissecado (SANTOS; ANDRADE, op. cit.).

Sergipe está submetido aos efeitos dos controles físicos comuns aos climas tropicais: correntes oceânicas; efeitos topográficos, minimizados por sua topografia com poucas variações; e, continentalidade, definindo o padrão climático regional de sertão, agreste e litoral, com o volume de precipitação decrescente a partir do afastamento do oceano. Apresenta clima quente, de regime pluviométrico do tipo Mediterrâneo, ocorrendo precipitações máximas no outono-inverno e mínimas, na primavera-verão. Em virtude de ocupar a faixa litorânea, com até 120 km de largura, os valores de precipitação decrescem rapidamente do litoral para o interior, em até mais de 60%, possibilitando ocorrência de semiaridez na sua parte ocidental, mais acentuada no noroeste do Estado. O clima quente divide-se em úmido com 1 a 2 meses secos; úmido com 3 meses secos; semiúmido com 4 a 5 meses secos; semiárido brando com 6 meses secos e semiárido mediano com 7 a 8 meses secos. Apresenta fraca amplitude térmica, com temperaturas médias anuais

elevadas, entre 24 e 26°C, com valores inferiores em áreas com altitude superior a 220m. Os meses mais frios são julho e agosto. (ATLAS DE SERGIPE, 1979; p. 25).

As zonas climáticas são definidas em: semiárida, caracterizada por grande deficiência hídrica, com precipitações anuais que variam entre 500 e 700 mm; transição semiárida, também conhecida por Agreste, com precipitações entre 700 e 900 mm anuais, podendo

atingir 1.000 mm; e transição sub-úmida, próxima ao litoral, com totais de precipitação superiores a 1.000 mm anuais, podendo alcançar 1600 mm (SANTOS; ANDRADE, 1992; SEMARH, 2011).

No que diz respeito à disponibilidade hídrica, o território sergipano é drenado por rios que pertencem a duas grandes regiões hidrográficas brasileiras: do rio São Francisco e do Atlântico Leste, incluindo seis bacias. Três são de domínio federal: São Francisco, Vaza Barris e Real; e três são de domínio estadual: Japarutuba, Sergipe e Piauí. A bacia do rio São Francisco, a maior do Estado, drena área superior a 7.000 km², e seus afluentes mais importantes em Sergipe são os rios Xingó, Jacaré e Capivara. A bacia do rio Sergipe drena 26

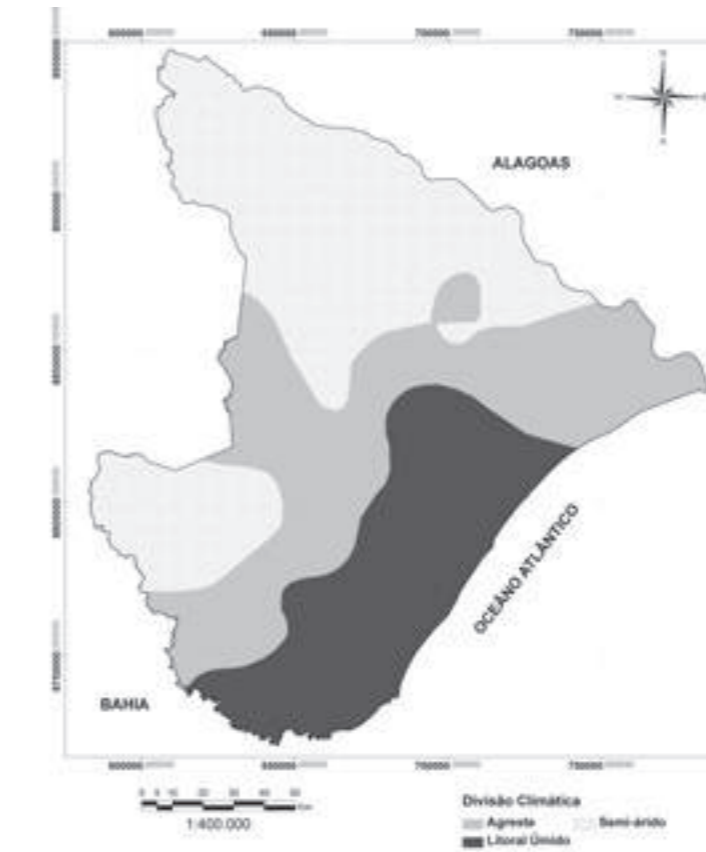


Figura 2. Divisão Climática em Sergipe.
Fonte: Atlas Digital dos Recursos Hídricos de Sergipe, 2011.
Elaborado por Daniela Pinheiro Bitencurti Ruiz-Esparza.

municípios, abrangendo mais de 3,6 mil km², com população residente superior a um milhão de habitantes, em sua maioria residindo em áreas urbanas. A bacia do Rio Piauí compreende área superior a 4 mil km² e abrange 15 municípios, com população superior a 432 mil habitantes. A bacia do rio Japarutuba, drena área superior a 1.800 km², e abrange 20 municípios, tendo mais de 122 mil habitantes na área urbana e quase 80 mil, na rural. A bacia do rio Vaza-Barris, cujo principal curso d'água nasce no estado da Bahia, drena uma área de mais de 3 mil km² em Sergipe. A bacia do rio Real, situada na divisa com o estado da Bahia drena uma área de 2.500 km² e seus principais afluentes da margem esquerda são os rios Jabiberi e Itamirim.

De acordo com o Atlas de Sergipe (1979), o Estado apresenta 25% de sua área ocupada por Neossolos litólicos; 34% por Argissolos; 13% por Planossolos, e 28% pelos demais tipos e

associações. Quanto a sua ocorrência, em todo litoral encontram-se, principalmente, os Neossolos, e após estes, suas associações com os Argissolos. Nas margens de rios, que sofrem influência das marés, são predominantes os Organossolos e suas associações com Neossolos. Nos tabuleiros costeiros, predominam os Argissolos vermelho-amarelos com várias associações. Na direção nordeste, em Japarutuba, Pacatuba e Japoatã, registra-se a ocorrência de grandes áreas com Neossolos, profundos, não hidromórficos. No agreste, em sua porção superior, na abrangência da bacia hidrográfica do rio São Francisco e também além dela, há forte ocorrência de Neossolos e suas associações, que se caracterizam pela pedregosidade. Na porção central dessa faixa, são mais comuns os Argissolos e suas associações, enquanto na sua porção inferior há grande ocorrência de Planossolos e outras associações, intercaladas com Neossolos. No noroeste, correspondente ao sertão semiárido, este tipo também é frequente, enquanto no extremo noroeste ocorrem Luvisolos e, em poucos municípios, Cambissolos. No extremo sudoeste, verifica-se a existência de Planossolos, e em alguns municípios, destes intercalados com Neossolos. (ATLAS DIGITAL DE RECURSOS HÍDRICOS, 2011; JACOMINE, 2008, 2009; SEAGRI, 2012; SEMARH, 2013).

As Formações Vegetais

As descrições sobre as formações vegetais foram realizadas a partir de consulta aos estudos de Leite in CONDESE; SUDENE (1976); Franco (1983) e Santos; Andrade (1992) que consideraram aspectos fisionômicos, florísticos e ecológicos, e para as regiões úmidas, abrangeram toda a faixa litorânea do Estado, unindo as formações perenifólias e as mistas estacionais.

De acordo com os autores citados, Sergipe apresenta as seguintes formações vegetais: 1) Formações das regiões úmidas, incluindo nas perenifólias, os manguezais e as formações de Floresta Atlântica, também denominada de Mata Atlântica ou Mata Costeira, que se subdivide em associações de praias e dunas, os campos e as matas de restingas, os campos e as matas de várzea; e, as matas de terra firme; e, Formações Mistas Estacionais, com a Floresta Atlântica com suas associações subperenifólias e subcaducifólias; associações caducifólias mistas com a caatinga; associações secundárias; campos antrópicos e cerrados; 2) Formações das Regiões Áridas: caatinga hipoxerófila, caatinga hiperxerófila e associações rupestres.

As formações perenifólias são encontradas, de forma contínua, de Pirambu até o extremo sul do Estado. Dentre elas, estão os manguezais que ocupam as margens dos rios, as ilhas estuarinas e as planícies fluvio-marinhas e, juntamente com os apicuns, encontram-se presentes em todos os estuários de Sergipe, podendo alcançar até 25 km acima da foz dos rios. Nos manguezais, classificados por Leite (1976) como Floresta Paludosa Marítima, anota-se a ocorrência de quatro espécies: *Rhizophora mangle* (mangue sapateiro ou mangue vermelho), *Laguncularia racemosa* (mangue manso), *Avicennia germinans* e *Avicennia schaueriana* (mangue siriba ou siriúba), que ocorrem nos solos indiscriminados

de mangues. Nos apicuns, é comum a ocorrência de *Conocarpus erectus* (mangue bola ou mangue de botão) frequentemente associado a ciperáceas, a exemplo de *Remirea*



Figura 3. Biomas ocorrentes em Sergipe.
Fonte: Atlas Digital dos Recursos Hídricos de Sergipe, 2011.
Elaborado por Daniela Pinheiro Bitencurti Ruiz-Esparza.

maritima. Nos brejos e pântanos que margeiam os mangues, pode ser encontrada a samambaia *Acrostichum aureum*. (Leite & Fonseca, 1976).

A Floresta Atlântica, também denominada Mata Atlântica ou Mata Costeira pode chegar a ocupar 40 km de largura, de forma descontínua, principalmente devido a degradação antrópica. Informações da Fundação SOS Mata Atlântica (www.sosma.org.br) dão conta que, em Sergipe, este bioma ocupa 58 municípios, com índices de cobertura que variam

entre 14% na região central do Estado, a 100%, nos litorâneos. Dentro deste bioma, são encontradas as seguintes fitofisionomias:

A associação de praias e dunas, constituída por vegetação herbácea, assentada sobre Neossolos, arenosos, em terrenos livre das marés mais altas, auxiliando a fixação de sedimento nas dunas móveis, podendo se estender por até 2 km após a linha de praia. Ocorrem desde o rio São Francisco até Indiaroba. São registradas a ocorrência das espécies *Canavalia maritima*, *Crotalaria retusa*, *Chrysobalanus icaco*, *Ipomoea pes-caprae*, *Paspalum maritimum*, *Sesuvium portulacastrum*, *Sporobolus virginicus* e *Turnera ulmifolia*, dentre outras.

As associações de restinga assentadas sobre solos arenosos, ocorrendo em todo o litoral como campos ou matas, ocupam extensa faixa litorânea, em contato com a praia ou com manguezais, podendo atingir até 10 km de largura em Pirambu e Pacatuba e comportar formações dunares, fixas ou móveis. Os campos de restinga recobrem os Neossolos e os Espodosolos, admitindo associação de plantas arbustivas perenifólias – cactáceas e orquídeas, de porte baixo, com folhas suculentas, xeromorfas, que podem formar moitas intercaladas com ciperáceas e poáceas – *Lagenocarpus* sp, *Andropogon* sp, *Axonopus aureus*. Dentre as arbustivas, tem destaque a ocorrência de *Byrsonima gardnerana*, *Cassia brachystachia*, *Heliconia angustifolia*, *Simaruba cuneata*, *Symphonia globulifera*, podendo ainda ocorrer cactáceas, a exemplo de *Melocactus violaceus* e *Cereus fernambucensis fernambucensis*.

A mata de restinga, contígua a formação anterior, é uma associação perenifólia de pouca densidade, com árvores de até quinze metros, instaladas sobre terrenos arenosos em Espodosolos e Neossolos, em que se pode encontrar epífitas, orquídeas e aráceas como *Vanilla palmarum* e *Epidendrum* spp, cactáceas como *Cereus fernambucensis fernambucensis* e espécies arbóreas e arbustivas como *Anacardium occidentale*, *Andira nitida*, *Eschweilera ovata*, *Hancornia speciosa*, *Manilkara salzmanni*, *Myrcia* sp, *Psidium* sp, *Ocotea gardnerii*, *Symphonia globulifera*, *Syagrus coronata*, *Syagrus schizophylla*, *Tabebuia* sp., *Talisia esculenta*.

Costa (2013), ao realizar estudo sobre as transformações ambientais na Planície Costeira de Sergipe, reconheceu nas restingas comunidades halófitas, esclerófitas, hidrófitas e mata seca e propôs a seguinte classificação: Ambiente de transição duna-restinga, com formações herbáceas; Ambiente de restinga arbustiva-arbórea, com formações arbustivas; e Ambiente de transição restinga-Mata Atlântica com formações arbóreas.

Os campos de várzeas, instalados sobre os gleissolos, são encontrados em vários municípios ribeirinhos de todos os rios de Sergipe, sendo o mais extenso o do rio Poxim-Betume, afluente que se estende desde Pacatuba até a margem do rio São Francisco. Podem ser encontrados em Brejo Grande, Ilha das Flores, Neópolis, Propriá, Telha, Riachuelo, Divina Pastora, Itaporanga d' Ajuda e São Cristóvão. As áreas podem ser periodicamente ou

permanentemente alagadas, com ocorrência de vegetação herbácea densa, com espécies higrófilas, em que se destacam *Cyperus articulatus*, *Digitaria insularis*, *Eichornia crassipes*, *Montrichardia linifera*, *Paspalum densusum* e *Typha dominguis* e diversas ciperáceas em locais mais enxutos. Às suas margens, na periferia dos solos orgânicos, se estabelecem as matas de várzeas, com algumas espécies arbóreas caducifólias e com raízes tabulares, que podem alcançar altura superior a 25 m. Apresenta-se como floresta ciliar em afluentes dos rios Siriri, em Divina Pastora, e Pomonga, em Santo Amaro das Brotas. São espécies ocorrentes: *Cassia grandis*, *Erythrina velutina*, *Inga edulis*, *Inga subnuda*.

As matas de terra firme se estabelecem para o interior, além das matas de restinga ou das matas de várzeas, em solos menos arenosos, do tipo Argissolo vermelho amarelo, estendendo-se do rio Sergipe para o sul, em todos os municípios até a fronteira com a Bahia. Apresentam espécies perenifólias, de porte arbóreo, com até mais de 30 metros, sendo ocorrentes *Eschweilera ovata*, *Plathymenia reticulata*, *Protium heptaphyllum*, *Psidium* spp, *Sapindus saponaria*, *Syagrus coronata* e *Sclerolobium densiflorum*

Como formações mistas estacionais, denominadas também de matas secas ou matas de cipó, na direção oeste surgem as associações subperenifólias, que ocorrem em diferentes tipos de solos: Argissolos vermelho amarelos, Chernossolos, Vertissolos e Latossolos vermelho amarelo. É característica a ocorrência de espécies caducifólias na primavera ou verão. Podem ocorrer em Laranjeiras, Pacatuba, Japarutuba, Nossa Senhora das Dores, Maruim, Siriri e Divina Pastora. O porte de algumas espécies pode atingir mais de 20m, sendo comum a presença de *Bowdichia virgilioides*, *Byrsonima sericea*, *Cassia grandis*, *Genipa americana*, *Mimosa nigra*, *Parkia pendula*, *Protium heptaphyllum*, *Syagrus coronata*, *Tapirira guianensis*, entre tantas outras, e *Sclerolobium densiflorum* como espécie predominante.

À medida que a Floresta Atlântica avança para oeste, as associações vão se diferenciando gradualmente, com a presença de espécies caducifólias, predominando sobre as perenifólias, e espécies arbóreas com até vinte metros. Ocorrem sobre Argissolos vermelho amarelos, Planossolos e associações com solos litólicos. São encontradas em Itabaianinha, Riachão do Dantas, Lagarto, Itabaiana, Aquidabã, sendo espécies comuns nestas formações: *Byrsonima sericea*, *Cordia trichotoma*, *Eschweilera ovata*, *Manilkara rufula*, *Syagrus coronata*, *Tapirira guianensis*, *Thyrsodium schomburgkianum* e *Xylopia frutescens*.

Ao avançar ainda mais para oeste, a Floresta Atlântica encontra-se com a caatinga e com a mistura de suas espécies, surgem as associações caducifólias mistas, predominando as da primeira a leste e, as da segunda, a oeste. Esta formação ocorre em Tobias Barreto, Poço Verde, Simão Dias, Frei Paulo e Propriá, e estende-se sobre Planossolos, Cambissolos e Neossolos litólicos. As árvores apresentam entre 10 e 15 m de altura e podem ocorrer as espécies *Anadenanthera macrocarpa*, *Aspidosperma pyrifolium*, *Cassia excelsa*, *Poincianella pyramidalis*, *Cereus jamacaru*, *Maytenus rígida*, *Spondias lutea*, *Tabebuia chrysotricha*, *Ziziphus joazeiro*.

O cerrado, vegetação intermediária entre a Floresta Atlântica e a Caatinga, ocorre de forma descontínua em Sergipe, é também conhecido por “Tabuleiro” e se encontra inserido na Floresta Atlântica, com espécies de ambos biomas ocorrendo em mosaico. Quando há predominância de arbustos sobre árvores e espécies da Floresta Atlântica, recebe o nome de agreste; quando se apresenta com moitas e pequenos bosques, é denominado mata de galeria; quando tem dominância de *Mimosa nigra*, é designado juremal. Ocorre sobre toda a área de Latossolos vermelho amarelo e, parcialmente, sobre Argissolos vermelho amarelo, de forma descontínua e suas associações com Neossolos. Pode ser encontrado em vários municípios e nas serras da faixa úmida e, sob sua forma mais característica, como extenso planalto coberto por bosques de árvores isoladas dispersas em campo herbáceo, em Neópolis, Pacatuba e Propriá. Chega a interromper a Floresta Atlântica, entre os rios Vaza Barris e Piauitinga, em Itaporanga d’Ajuda e Estancia. Espécies de cerrado podem ser encontradas nas matas de restinga e nas associações subperenifolias e subcaducifolias, tendo preferência por estas últimas. As espécies arbóreas e arbustivas mais comuns são *Anacardium occidentale*, *Bowdichia virgilioides*, *Cereus jamacaru*, *Curatella americana*, *Didimopanax morototonii*, *Hancornia speciosa*, *Plumeria bracteata*, *Syagrus coronata*.

Dentre as formações de regiões áridas, a caatinga hipoxerófila, ocorre em locais com até sete meses secos, sobre Cambissolos, Chernossolos, Vertissolos, Neossolos, Planossolos e Argissolos vermelho amarelo. Está presente em Canindé de São Francisco, Carira, Frei Paulo, Graccho Cardoso, Monte Alegre de Sergipe, Nossa Senhora da Glória, Porto da Folha e Poço Redondo. No estrato herbáceo, podem estar presentes muitas bromélias - *Aechmea lingulata*, *Bromelia laciniosa*, *Neoglaziovia variegata*, várias espécies de *Tillandsia* - e outras ervas, como *Aristida* spp, *Andropogon* spp, *Chloris* spp, *Cassia uniflora*, *Ipomoea glabra* e *Opuntia palmadora*; no estrato arbustivo tem destaque o *Croton* spp, mas também ocorrem *Bauhinia pentandra*, *Poincianella pyramidalis*, *Combretum fruticosum*, *Jatropha ribifolia*, *Mimosa hostilis*, *Manihot glaziovii*, *Solanum auriculatum* e *Vitex gardneriana*; e, no estrato arbóreo, são anotadas: *Anadenanthera macrocarpa*, *Cereus jamacaru*, *Pilosocereus pyauhyensis*, *Piptadenia zehntnerii*, *Schinopsis brasiliensis*, *Spondias tuberosa*, *Tabebuia caraiba*, *Ziziphus joazeiro*.

A caatinga hiperxerófila ocorre em região com oito a dez meses secos, sobre Neossolos litólicos, Luvisolos, Neossolos regolíticos, Planossolos e Vertissolos, e cobre parcialmente os municípios: Canhoba, Canindé de São Francisco, Graccho Cardoso, Itabi, Monte Alegre de Sergipe e Nossa Senhora de Lourdes. Nos locais mais próximos ao rio São Francisco, aparecem exemplares com até 15 m, e algumas das espécies ocorrentes são *Argemone mexicana*, *Aspidosperma pyriformium*, *Bumelia sartorum*, *Capparis yco*, *Cassia excelsa*, *Mimosa hostilis*, *Nicotiana glauca*, *Tabebuia caraiba*, *Spondias tuberosa*, além das cactáceas *Opuntia monachanta*, *Pilosocereus gounellei* e *Melocactus zehntneri* e várias espécies de bromélias dos gêneros *Aechmea*, *Bromelia*, *Encholirium*, *Hohenbergia*, *Neoglaziovia*, *Ortophytum* e *Tillandsia*.

Estado de conservação

O Brasil conta com apenas 5% da cobertura original de Mata Atlântica; no Nordeste são encontrados 2,5% em remanescentes e Sergipe já teve 40% de seu território coberto por esta formação vegetal, mas no início deste século, contava apenas com cerca de 1% da área originalmente coberta por este bioma. Entretanto, as pressões causadoras da devastação ainda se encontravam atuantes, entre as quais se podem listar a demanda por madeira para utilização em construção civil e combustível, e ampliação de áreas agricultáveis. (RIBEIRO, SIQUEIRA, 2001).

Sergipe já era considerado um Estado bem devastado, a quase quatro décadas, de acordo com Leite (1976, p. 21):

Nos anos de 1958/1959, segundo estimativas, Sergipe possuía apenas 2.000km² de florestas primitivas, 4000 km² de caatingas ainda intactas e 16.000km² de áreas cobertas com formações artificiais formadas à custa de outras formações vegetais, contra 10.000km² das florestas primitivas e 11.000 km² das caatingas ainda intactas à época do Descobrimento.

De acordo com Franco (1983), os manguezais que chegavam a atingir 20 m de altura foram submetidos a intensa degradação por aterramento, uso de madeira como combustível e construção civil, tendo então, diminuído o seu porte e sendo encontrados com menos de 10m. Ainda é intensa a sua derrubada para atender interesses imobiliários, especialmente na Região Metropolitana de Aracaju e no Litoral Sul.

Para Santos; Andrade (1992), a cobertura vegetal de Sergipe encontrava-se bastante devastada, com as formações primitivas sendo substituídas, em sua maioria, por atividades agropecuárias e afirmavam que restavam poucos remanescentes das formações originais. Na região costeira, eles se apresentavam em pequenas manchas, exceto na porção sul, mais preservadas em colinas elevadas ou encostas com declividade acentuada. No litoral norte, em Japarutuba e Japoatã, persistia uma mancha contínua e significativa de transição entre floresta costeira, mata de restinga e cerrado. Na Serra de Itabaiana, em seu sopé e encosta, em Malhador, Areia Branca e Itabaiana, ocorria fragmento de transição entre Floresta Costeira, mata e cerrado, com árvores de até trinta metros e muitas epífitas.

Estes autores também destacam que a partir da destruição da Mata Atlântica, ocupada pela urbanização ou atividades agrícolas, especialmente por pastagens e canaviais, algumas áreas posteriormente abandonadas deram lugar a capoeiras, capoeirões e matas secundárias, em que parte da vegetação ressurgiu a partir das sementes. Em Sergipe, isto ocorreu em muitos locais, mas especialmente em Pacatuba, Santo Amaro das Brotas, Nossa Senhora das Dores. É presença comum espécimes de *Cecropia* sp, *Solanum* sp., *Borreria* sp e *Sida rhombifolia*.

Em avaliações mais recentes, observou-se que no litoral sul, os remanescentes estabelecidos em sua face norte encontram-se mais descaracterizados, provavelmente por sua proximidade de centros de ocupação expressivos, como a região metropolitana de Aracaju. Os fragmentos ao sul se encontram mais preservados, distinguindo-se a “Mata do Crasto”, em Santa Luzia do Itanhy (11°22’S; 37°25’W), de propriedade particular, com cerca de 1.000 ha de floresta estacional e mata de restinga, destacando-se como a maior reserva de Floresta Atlântica do Estado. Souza; Siqueira (2001, p. 30-31) ao realizarem estudo de caracterização florística e ecológica neste remanescente, incluindo as matas de restinga, registraram a ocorrência de 469 espécies, pertencentes a 94 famílias, algumas de ampla distribuição na Mata Atlântica, como Myrtaceae, Fabaceae e Rubiaceae, além de outras com ocorrência comum no Nordeste e espécies endêmicas e restritas, ressaltando a importância de preservação da área. Nestes estudos foram encontradas espécies constantes da lista de espécies ameaçadas de extinção: *Campomanesia viatoris*, *Inga bollandii*, *Lecythis lurida*, *Pouteria grandiflora*, *Rollinia pickelii*, *Sclerolobium densiflorum* e *Trichilia lepidota lepidota*.

Além daquele, outros remanescentes florestais são reconhecidos no Estado (Sousa, 2003; 2009). Ao sul, encontram-se:

A Mata do Colégio, localizada nas proximidades do povoado Cardoso, em São Cristóvão, apresenta áreas de vegetação secundária que abrigam populações de vertebrados estritamente florestais, nas matas ciliares dos rios Poxim Mirim e Poxim-Açu.

O fragmento denominado Reserva do Caju, no Campo Experimental da EMBRAPA, à margem da rodovia SE-100 Sul, em Itaporanga d’Ajuda, com mais de 1000 hectares que comporta remanescente florestal e arbustivo de restinga, além de manguezais.

A Mata do Dira, próxima do povoado Ipanema, em Itaporanga d’Ajuda, apresenta estrato arbóreo entre 10 a 15 metros, com exemplares que podem ultrapassar os 20 metros. Mesmo sendo importante testemunho remanescente de Mata Atlântica na região, tem sido destruída pela expansão de pastagens e assentamentos rurais. Em alguns pontos abriga populações do primata Guigó-de-Sergipe (*Callicebus coimbrai*) espécie endêmica e criticamente ameaçada de extinção.

A Mata da Nova Descoberta, no entorno do povoado Nova Descoberta, em Itaporanga d’Ajuda, é bastante representativa apesar de parcialmente devastada pela exploração de madeira, caça e expansão de lavouras. Comporta fragmentos relativamente preservados de Mata Costeira, ao longo da rodovia SE-270 e abriga primatas ameaçados de extinção.

A Mata da Fazenda Trapsa, em Itaporanga d’Ajuda, inserida em área de Cerrado abriga fragmentos de mata em vales e terrenos baixos, onde a vegetação apresenta-se mais densa, e estrato arbóreo com 5 a 15 metros com árvores de apresentam geralmente um pequeno diâmetro. Encontra-se em recuperação, embora ainda ocorra extração de

madeira. Também abriga animais ameaçados de extinção.

Àqueles, se somam remanescentes de ecossistemas costeiros, tais como os encontrados na foz do rio Vaza Barris e no povoado Caueira, que abrigam manguezais, dunas, restingas e brejos litorâneos situados nas depressões fluviomarinhas, ambientes que se encontram bastante descaracterizados, devido a monocultura do coco, implantação de empreendimentos imobiliários e abertura de rodovia, que resultaram na degradação de parte da vegetação primitiva. Entretanto, abrigam animais ameaçados de extinção: as aves *Herpsilochmus pectoralis* e outras aves litorâneas migratórias, além dos mamíferos peixe-boi-marinho *Trichechus manatus* e o boto *Sotalia fluviatilis*.

As restingas do Abais, que comportam extensa faixa de dunas, dispostas paralelamente à linha da costa, até aproximadamente 2 Km em direção ao continente, com características particulares em relação a porte e tipo de cobertura como as dunas costeiras, a mata de restinga e os cordões litorâneos. São consideradas áreas prioritárias para a conservação pelo Ministério do Meio Ambiente, por apresentarem composição faunística e florística constituída por um mosaico de espécies da Mata Atlântica, Cerrado e Caatinga e abrigar animais ameaçados de extinção, como o pássaro *Herpsilochmus pectoralis*, o lagarto de restinga *Tropidurus hygomi*, o jacaré-de-papo-amarelo *Caiman latirostris*, a lontra *Lontra longicauda*, a tartaruga marinha *Lepdochelis olivacea* e grande número de aves migratórias litorâneas.

A Mata da Fazenda Sabão, com aproximadamente 300 ha, em Indiaroba, mescla trechos de mata devastada e áreas conservadas, comportando expressiva presença de *Ataltea* em meio a formação arbórea densa e áreas de capoeira alta. Abriga populações de espécies ameaçadas como o primata *Callicebus coimbrai* e os pássaros *Pyriglena atra* e *Xipholena atropurpurea* e *Ramphastus vitelinus*, que desempenha importante função como dispersores de sementes.

Além dos fragmentos florestais, encontramos a região da foz do Rio Real, que abriga manguezais, dunas, restingas e brejos litorâneos, situados nas depressões fluviomarinhas. Embora existam áreas preservadas, estes ecossistemas se encontram sob forte pressão antrópica, pela supressão da vegetação e aterramentos para introdução da monocultura do coco e pequenas lavouras, implantação de infraestrutura para residências de veraneio e turismo.

No Nordeste do Estado também são encontrados remanescentes (Sousa, 2003; 2009). A Mata da Santana, localizada entre Pacatuba e Japarutuba, é fragmento de Mata Atlântica com cerca de 300 ha e está inserida em área de cultura canavieira, sendo em sua maior parte constituída por vegetação secundária. Porém, abriga árvores com cerca de 20m, particularmente em grotas e encostas de difícil acesso. No seu entorno ocorrem vários remanescentes de cerrado, embora degradados. A retirada seletiva de madeira e ocorrência de incêndios são os principais riscos. Aves e primatas estão sob ameaça, com

destaque para *Cebus xanthosternos*, *Callicebus coimbrai* e *Crypturellus noctivagus*.

Bem próxima daquela, se encontra a Mata do Serigy, com aproximadamente 150 ha. Em área com vegetação secundária, observam-se muitas clareiras em processo de sucessão ecológica e espécies heliófitas, consequência de incêndio ocorrido há cerca de duas décadas. Apesar do seu estado de perturbação, abriga populações de *Callicebus coimbrai*.

A Mata do Cadoz, também em Pacatuba, inserida entre pastagens e coqueirais abriga remanescente de Mata Atlântica, capoeira alta e vegetação de Cerrado relativamente bem conservado, embora encontre-se ameaçado principalmente por assentamentos para reforma agrária. Também abriga espécies de fauna ameaçadas de extinção.

A Mata da Sambaíba, em Pirambu, próximo ao povoado Sambaíba, é recortada por estrada, pastagens e pequenas propriedades rurais e abriga espécimes de porte arbóreo alto, com mais de 20 m. É importante fragmento florestal com encaves de restinga em diversos aspectos fitofisionômicos. A retirada ilegal de madeira e caça persistente no local colocam em risco a sobrevivência do primata *Cebus xanthosternos*.

A Mata da Fazenda Aiumas, localizada a margem da rodovia SE-204, em Pacatuba, embora se encontre bastante perturbada, por retirada de madeira para lenha e estacas, abriga áreas que comportam árvores de grande porte com muitas lianas e epífitas, com destaque para pequeno trecho de mata ciliar, entremeada com palmeiras dos gêneros *Atallea* e *Elaeis*, em bom estado de conservação. Também abriga populações de *Callicebus coimbrai*.

A Mata do Oiteiro, em Rosário do Catete, estabelecida em meio à formação de cerrado, localiza-se em pequeno fragmento em que a vegetação apresenta maior porte. O estrato arbóreo atinge 10 a 15 m, mas alguns espécimes emergentes podem ultrapassar 20 m. O seu interior encontra-se parcialmente devastado e são constantes a caça e a retirada de madeira.

A Mata do Cadoz, em Neópolis, inserida entre pastagens, plantações de coqueiros e lagoas de piscicultura, com formação de capoeira alta, encontra-se relativamente bem conservada e em estágio de recuperação.

A Mata da Aguada, em Carmópolis, com cerca de 40 ha é um fragmento florestal de Mata Atlântica, relativamente conservada, estabelecida em encosta e no alto de um pequeno morro. A retirada de madeira e atividade de caça colocam em risco a sobrevivência do primata *Callicebus coimbrai*.

A Mata da Aravari, localizada entre Maruim e Santo Amaro das Brotas, apresenta fisionomia de Floresta Atlântica Estacional, com elementos vegetais de grande porte. Em razoável estado de conservação, está submetida a retirada de madeira e destruição das

suas bordas para a formação de pastos e de pequenas lavouras. Abriga primata ameaçado de extinção (*Callicebus coimbrai*).

As restingas de Santo Amaro das Brotas, dispostas em cordões arenosos, paralelos à linha da costa, apresentam mosaico de espécies arbustivas e arbóreas, próprias da Mata Atlântica, cerrado e caatinga. Embora relativamente preservadas, tem sido submetidas a desmatamento para instalação de infraestruturas e empreendimentos imobiliários. Inventário florístico realizado para elaboração de Estudo de impacto ambiental do Polo Cloroquímico de Sergipe, realizado na década de 1990, registrou que as restingas de Santo Amaro abrigam espécies de animais raras ou ameaçadas de extinção.

As restingas de Pirambu, que apresentam florística formada por combinação de espécies da Mata Atlântica, Cerrado e cactáceas. Apesar de não ocorrerem endemismos, abrigam algumas espécies de animais ameaçados de extinção, como *Herpsilochmus pectoralis* e *Tropidurus hygomi*.

Os ecossistemas limnícolas, abrigados nas áreas alagadas de Pirambu, Pacatuba e Brejo Grande, entre as dunas ou cordões litorâneos, com grande representatividade no litoral norte do Estado, representam locais importantes para alimentação e reprodução de aves aquáticas, e também migratórias, e mamíferos ameaçados de extinção. Em Pacatuba, são conhecidos como “Pantanal de Pacatuba”, e abrigam a planície inundável do rio São Francisco e vários de seus afluentes.

A foz do Rio São Francisco, que apresenta um conjunto de formações pioneiras - restingas, dunas, manguezais e brejos nas depressões da planície fluvial, e que ainda abriga áreas preservadas nas suas imediações, embora em grande parte substituída pela cultura do coco, rizicultura, pequenas lavouras e implantação de pequenos núcleos habitacionais. Sobre os remanescentes de regiões áridas, Leite; Fonseca (1976), afirmaram que a tendência da caatinga era seu total desaparecimento, devido ao seu uso constante para a produção de lenha e carvão pela população rural. Santos; Andrade (1992) também registraram que suas feições já se encontravam bastante desfiguradas, tendo sido derrubada para pastagens e submetida a pastoreio. Entretanto, embora muitos afirmem estar degradada, as informações sobre os remanescentes deste bioma, em Sergipe, são imprecisas.

Unidades de conservação

Sergipe abriga quinze Unidades de Conservação da natureza, sendo seis de proteção integral e nove de Uso Sustentável. Quanto ao poder de gestão, três são particulares, três federais, duas municipais e sete estaduais. São elas:

A Floresta Nacional do Ibura (FLONA), em Nossa Senhora do Socorro, criada em 2005, tem 158 ha, com mais de 80% de sua área inserida em remanescente de Mata Atlântica, em avançado e médio estádios de regeneração e abriga nascentes do Aquífero Sapucari,

importante para o abastecimento da Região Metropolitana de Aracaju. Representa um ponto de grande valor natural pela presença da espécie *Caesalpinia echinata*, espécie em risco de extinção.

A Reserva Biológica de Santa Isabel (REBIO), criada em 1988, abrange o litoral de Pirambu e Pacatuba, é UC de uso restrito, com cerca de 50 Km de extensão e visa a proteção da fauna local, sobretudo de algumas espécies de tartarugas marinhas que desovam na praia de Santa Isabel. Ocupa predominantemente as praias, mas também dunas e grande remanescente de restinga arbórea e arbustiva, com brejos e lagoas na sua retaguarda.

O Parque Nacional Serra de Itabaiana (PARNA), localizado nos municípios de Itabaiana e Areia Branca, na região central de Sergipe, foi criado como Estação Ecológica em 1979, a partir de estudos conduzidos pelo CONDESE. Em 2007 a área desta UC foi ampliada para a Serra Comprida, vizinha à de Itabaiana, e decretada como Parque Nacional.

Dentre as áreas de proteção ambiental, tem-se a APA do rio Sergipe, criada em 1990, para prevenir a ocupação de suas margens, pela especulação imobiliária, e consequentemente preservar ecossistemas, em Aracaju e Barra dos Coqueiros; a APA Morro do Urubu, com mais de 200 hectares, foi criada em 1993 e abriga o único remanescente de Mata Atlântica do município. Localizada na zona norte de Aracaju, foi criada para protegê-lo de invasão das terras, por munícipes de bairros circundantes; a APA Litoral Norte, que engloba a REBIO Santa Isabel e envolve parcialmente os municípios Pirambu, Pacatuba, Japoatã, Brejo Grande e Ilha das Flores, com mais de 470 km², tendo início na linha de costa e dirigindo-se para o interior; a APA Litoral Sul, criada em 1993, e se estende da foz do Rio Vaza Barris até a desembocadura do Rio Real, ocupando uma área com cerca de 60 km de costa e largura variável de 10 a 12 km, do litoral para o interior, abrangendo parcialmente Itaporanga d'Ajuda, Estância, Santa Luzia do Itanhhy e Indiaroba; a APA da foz do rio Vaza Barris e Ilha do Paraíso, criada em 1990, para conter a ocorrência de ocupações irregulares e derrubada de manguezais, em ilhas dos rios Vaza Barris e Santa Maria, que limitam Aracaju com Itaporanga d'Ajuda e São Cristóvão, respectivamente.

O Parque Municipal Ecológico do Tramandaí, criado em 1996, que corresponde a pequena área de manguezal do Riacho Tramandaí, inserido na malha urbana de Aracaju, num dos locais mais cobiçados para ocupação imobiliária.

O Refúgio de Vida Silvestre Mata do Junco, localizado no município de Capela, é um fragmento de Mata Atlântica, com área superior a 760 ha e abriga população do primata ameaçado de extinção *Callicebus coimbrai*.

O Monumento Natural Grota do Angico, criado em 2007, com mais de 2.000 ha está situado no Alto Sertão Sergipano, entre os municípios Poço Redondo e Canindé de São Francisco, às margens do Rio São Francisco, abrigando remanescentes florestais da Caatinga.

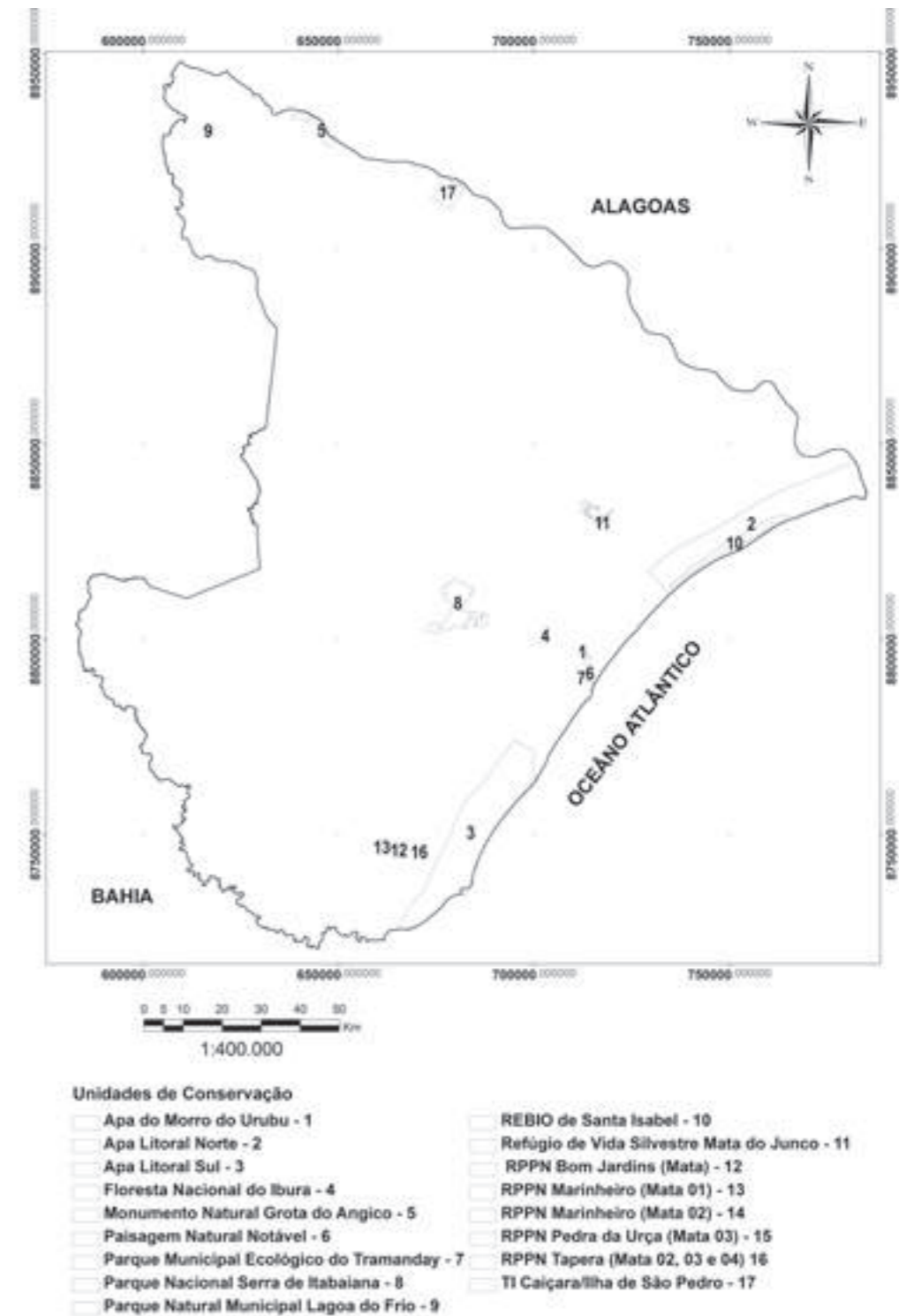


Figura 4. Unidades de Conservação de Sergipe.
 Fonte: Atlas Digital dos Recursos Hídricos de Sergipe, 2011.
 Elaborado por Daniela Pinheiro Bitencurti Ruiz-Esparza.

Na categoria de Reserva Particular de Patrimônio Natural, encontram-se a RPPN Fonte da Bica, criada em e localizada em Areia Branca, nas proximidades do Parque Nacional Serra de Itabaiana; a RPPN Bom Jardim e Tapera, criada em 2006 e a RPPN Marinheiro e Pedra da Urça, criada em 2006, ambas localizadas em Santa Luzia do Itanhy. (SILVA; SOUZA, 2009).

Referências bibliográficas

ATLAS DE SERGIPE. Aracaju: Universidade Federal de Sergipe; Secretaria do Planejamento do Estado de Sergipe. 1979. 93p.

ATLAS DIGITAL DOS RECURSOS HÍDRICOS DE SERGIPE. Secretaria do Meio Ambiente e dos Recursos Hídrico. 2011. Disponível em DVD.

CONDESE; SUDENE. **Zoneamento Ecológico-Florestal do Estado de Sergipe**. Aracaju: CONDESE; Recife: SUDENE. 1976. p. 21-33.

COSTA, J.J.. **Transformações ambientais das restingas na Planície Costeira Sergipana**. Tese (Doutorado em Geografia). 2013. São Cristóvão: Universidade Federal de Sergipe; Núcleo de Pós-Graduação em Geografia.

FRANCO, E.. **Biogeografia do Estado de Sergipe**. Aracaju: SEGRASE. 1983.136p.

JACOMINE, P. K. T.. A nova classificação brasileira de solos. **Anais da Academia Pernambucana de Ciência Agrônômica**, v. 5 e 6, 2008-2009. p. 161-179.

LEITE, L. W.; FONSECA, M. R.. Vegetação de Sergipe. In: CONDESE; SUDENE. **Zoneamento Ecológico-Florestal do Estado de Sergipe**. Aracaju: CONDESE; Recife: SUDENE. 1976. p. 21-33.

RIBEIRO, F.E.; SIQUEIRA, E.R.. (2001). Recursos genéticos vegetais da **Mata Atlântica de Sergipe**. In: SIQUEIRA, E.R.; RIBEIRO, F.E.. (Eds). **Mata Atlântica de Sergipe**. Aracaju: EMBRAPA Tabuleiros Costeiros. 132 p.

SANTOS, A.F.; ANDRADE, J.A.. **Delimitação e regionalização do Brasil semi-árido**. Sergipe. Aracaju: Universidade Federal de Sergipe. 1992. 232p.

SERGIPE. CONDESE.. **Projeto básico para implantação da Estação Ecológica da Serra de Itabaiana**. Aracaju: Conselho de Desenvolvimento de Sergipe. 1978. 23p.

SERGIPE. SECRETARIA DE ESTADO DA AGRICULTURA E DO DESENVOLVIMENTO RURAL.. Caracterização do Estado: solos. Disponível em: <<http://www.sagri.se.gov.br/modules/tinyd0/index.php?id=30>>. Acessado em 15 de julho de 2013.

SILVA, M. S. F.; SOUZA, R. M.. O potencial fitogeográfico de Sergipe: uma abordagem a partir das unidades de conservação de uso sustentável. **Scientia Plena**, v.5, n. 10. 2009.

SOUZA, M.C.. As aves de oito localidades do Estado de Sergipe. **Atualidades Ornitológicas On-line**, n. 149, maio-junho 2009. www.ao.com.br. ISSN 1981-8874

SOUZA, M.C.. Distribuição do guigó (*Callicebus coimbrai*) no Estado de Sergipe. **Neotropical Primates**, n. 11, v.2. August 2003, p. 89-90

SOUZA, M. F. L.; SIQUEIRA, E. R.. Caracterização Florística e Ecológica da Mata Atlântica de Sergipe. In: SIQUEIRA, E.R.; RIBEIRO, F.E. (Eds). **Mata Atlântica de Sergipe**. Aracaju: EMBRAPA Tabuleiros Costeiros. 2001. p 9-50.

ALSTROEMERACEAE

Anderson Alves-Araújo¹

Ervas eretas ou volúveis, 0,2–2,0 m alt.; ramos cilíndricos, glabros. Folhas ressupinadas, membranáceas, 3,5–12 x 0,6–6 cm, elípticas, oblongas, oblongo-lanceoladas a lanceoladas, ápice agudo a acuminado, base atenuada, glabras ou com face abaxial papilosa. Inflorescência umbeliforme simples ou composta; brácteas foliáceas, 1,5–3,5 x 0,5–1,5 cm, membranáceas. Flores pêndulas, 1,5–4,5 cm compr., actinomorfas ou zigomorfas, campanuladas, róseas, esverdeadas, amareladas a avermelhadas; pedicelo glabro, 2–5 cm compr.; tépalas-6; externas sem manchas; internas maculadas, rubro-punctadas a variegadas. Estames-6, exsertos ou inclusos; filetes glabros ou pubescentes na base; anteras oblongas. Ovário trilobular, pluriovulado; estilete glabro; estigma trifido, incluso a exserto. Fruto cápsula loculicida, esferoidal ou globóide; sementes com ou sem sarcotesta.

Alstroemeriaceae possui 201 espécies distribuídas em quatro gêneros: *Alstroemeria* L. (75 spp.), estritamente sulamericano; *Bomarea* Mirb. (120 spp.), distribuído desde a região central do México até o sul da América do Sul; *Luzuriaga* Ruiz. et Pav. (quatro spp.) com distribuição disjunta na Nova Zelândia e Chile; e *Drymophila* R. Br. (duas spp.) ocorrente na Austrália e na Tasmânia (Assis 2012a; Conrad & Clifford 1998). Muitos de seus representantes são cultivados devido ao seu potencial ornamental, no entanto há registros de consumo dos tubérculos ricos em amido e com sabor adocicado de *Bomarea* spp. na região das Américas Central e do Sul. No Brasil registra-se a ocorrência de 45 espécies, 44 delas pertencentes ao gênero *Alstroemeria*, com ampla distribuição na Mata Atlântica, Cerrado, Amazônia e Caatinga. Para Sergipe, duas espécies são citadas: *Alstroemeria longistaminea* Mart. e *Bomarea edulis* (Tussac) Herb. (Assis 2012b).

Chave para identificação dos gêneros de **Alstroemeriaceae** de Sergipe

- 1. Ervas eretas, inflorescências umbeliformes simples, sementes sem sarcotesta
.....**Alstroemeria**
- 1'. Ervas volúveis, inflorescências umbeliformes compostas, sementes com sarcotesta
.....**Bomarea**

Chave para identificação das espécies de **Alstroemeriaceae** de Sergipe

- 1. Flores zigomorfas, estames com filetes pubescentes na base.....
..... **1. Alstroemeria longistaminea**
- 1'. Flores actinomorfas, estames glabros..... **2. Bomarea edulis**

¹ Centro Universitário Norte do Espírito Santo - CEUNES/Universidade Federal do Espírito Santo - UFES, Rodovia BR 101 Norte, Km. 60, Bairro Litorâneo, São Mateus - ES. CEP 29932-540. Email: sapotae@gmail.com

1. *Alstroemeria longistaminea* Mart. ex Schult. & Schult.f., Syst. Veg. 7(1): 739. 1829.

Nome popular: bico-de-nambu

Fig. 1A-B.

Ervas eretas, 0,2–1,0 m alt. Folhas 6–12 x 2,5–6 cm, elípticas a lanceoladas, ápice agudo, base atenuada, glabras. Inflorescência umbeliforme simples; brácteas 1,5–3,5 x 0,5–1,5 cm. Flores 1,5–4,5 cm compr., zigomorfas, campanuladas, róseas a avermelhadas; pedicelo 2–5 cm compr.; tépalas 1,8–2,6 x 1,0–1,3 cm; externas elíptico-oblancheoladas, ápice agudo a acuminado; internas maculadas, lanceolado-espauladas, ápice agudo a acuminado, margem distal inteira ou ligeiramente ciliada. Estames 2,0–3,1 cm compr., exsertos; filetes pubescentes na base. Estilete 1,6–3,0 cm compr.; estigma incluso a exserto. Fruto esférico, 1,5–2,0 x 1,5–2,0 cm, 6-costado; sementes sem sarcotesta, globosas, marrons.

Comentários: Espécie endêmica do Brasil e registrada apenas para os estados da Bahia, Sergipe e Pernambuco em áreas do domínio da Caatinga (Assis 2012b). *A. longistaminea* é facilmente distinta pelo hábito ereto, flores zigomorfas e sementes sem sarcotesta, além disso, folhas glabras e frutos esféricos e 6-costados distinguem-na de *B. edulis*. Floração e frutificação registradas de Julho a Setembro.

Material examinado: **BRASIL. Sergipe:** Itabaiana, IX/2006, fl, A.P. Prata 1356 (ASE); Itabaianinha, VIII/1974, fr., G. Viana s.n. (ASE-51); Nossa Senhora da Glória, VIII/1987, fl., G. Viana 1997 (ASE); Poço Redondo, IX/2009, fl., W.J. Machado & J.B. Jesus 11 (ASE); VIII/2006, fl., 9°58'53"S e 37°52'07"W, A.P. Prata et al. 1323 (ASE); Riachão do Dantas, IX/1981, fl., E. Carneiro 31 (ASE); Simão Dias, VIII/2010, fl, A.P. Prata et al. 2412 (ASE); VII/1986, fl., G. Viana 1527 (ASE).

2. *Bomarea edulis* (Tussac) Herb., Amaryllidaceae 111. 1837.

Nome popular: bico-de-nambu

Fig. 1C-E.

Ervas volúveis, 0,5–2,0 m alt. Folhas 3,5–10 x 0,6–3,0 cm, oblongas ou oblongo-lanceoladas, ápice acuminado a cuspidado, base atenuada, face abaxial papilosa. Inflorescência umbeliforme composta, 4–8-radiada; brácteas 1,5–2,4 x 0,5–1,1 cm. Flores 2,8–4,0 cm compr., actinomorfas, campanuladas, róseas, esverdeadas a amareladas; pedicelo 2,5–5 cm compr.; tépalas 2,5–4,0 x 1,0–1,5 cm; externas oblancheoladas, oblongas a obovadas, ápice agudo a acuminado; internas rubro-punctadas a variegadas, espauladas, ápice retuso a mucronado. Estames 1,4–2,1 cm, inclusos; filetes glabros. Estilete 1,6–2,3 cm compr.; estigma incluso. Fruto depresso-globóide, 1,2–1,8 x 1,0–1,6 cm, ápice truncado; sementes com sarcotesta vermelha, globóides a subglobóides.

Comentários: Espécie com distribuição neotropical e amplamente registrada no Brasil no interior e beira de matas (Assis 2012b). Táxon com grande variabilidade morfológica apresentando largas ou estreitas, papilosas, pubescentes ou glabras e inflorescências

pauci a plurifloras. Seu hábito volúvel e inflorescências compostas são caracteres marcantes que as distinguem de *A. longistaminea*. Floração e frutificação registradas de Junho a Setembro.

Material selecionado: **BRASIL. Sergipe:** Areia Branca, VI/2010, fl. fr., S.H.N. Monteiro & L.A.S. Santos 81 (ASE); Frei Paulo, VI/1981, fl., M. Fonseca 519 (ASE); Nossa Senhora da Glória, VIII/1981, fl., G. Viana 13 (ASE); Poço Redondo, VIII/2006, fl., S.M. Costa et al. 107 (ASE); Poço Verde, VII/2007, fl. fr., E.V.R. Ferreira 121 (ASE); Porto da Folha, VII/2008, fl. fr., C.S. Santos 170 (ASE); Riachão do Dantas, VIII/1982, fl., M.N. Almeida 82 (ASE); Salgado, IX/1987, fl., G. Viana 2053 (ASE); Simão Dias, VII/2010, fl, T. Carregosa-Silva & A.S. Santos 89 (ASE).

Referências Bibliográficas

Assis, M.C. 2012a. Alstroemeriaceae na região Sul do Brasil. *Rodriguésia* 63(4): 1117–1132.

Assis, M.C. 2012b. Alstroemeriaceae. In: **Lista de Espécies da Flora do Brasil**. Jardim Botânico do Rio de Janeiro. Acessado em 25 de Janeiro de 2013. <http://floradobrasil.jbrj.gov.br/2012/FB000041>.

Chacón, J., Assis, M.C., Meerow, A.W. & S.S. Renner. 2012. From East Gondwana to Central America: historical biogeography of the Alstroemeriaceae. *Journal of Biogeography* 38: 1806–1818.

Lista de Exsicatas

Almeida, M.N. 82 (2); **Amorim, B.S.** 05 (2); **Carneiro, E.** 31 (1), 424 (2); **Carregosa-Silva, T.** 89 (2); **Costa, S.M.** 107 (2); **Ferreira, E.V.R.** 121 (2); **Fonseca, M.** 519 (2); **Machado, W.J.** 11 (1); **Miranda, F.V.** 47 (2); **Monteiro, S.H.N.** 81 (2); **Nascimento Jr., J.E.** 103 (2); **Oliveira, D.G.** 210 (2); **Prata, A.P.** 1323 (1), 1356 (1), 2412 (1); **Santos, C.S.** 170 (2); **Viana, G.** 13 (2), 14 (2), 1527 (1), 1532 (2), 1915 (2), 1997 (1), 1998 (2), 2053 (2); **Viana, G.** s.n. (ASE-51) (1).



Figura 1. A-B. *Alstroemeria longistaminea* Mart. ex Schult. & Schult.f. A. Hábito. B. Flor. (W.J. Machado & J.B. Jesus 11, ASE). C-E. *Bomarea edulis* (Tussac) Herb. C. Hábito. D. Folha. E. Flor. (S.M. Costa et al. 107, ASE).

Ervas bulbosas, colo 0,1–5,0 cm compr. Folhas perenes ou decíduas, dísticas, eretas a prostradas, membranáceas, glabras; pseudopecíolo ausente ou presente. Inflorescência umbeliforme, uni- a pluriflora; escapos biconvexos ou cilíndricos; brácteas espatáceas, livres ou fusionadas. Flores eretas ou pêndulas, actinomorfas ou zigomorfas, crateriformes a infundibuliformes; tépalas-6, geralmente isomorfas. Estames-5-6, exsertos, iso- ou heterodínamos, livres, glabros. Ovário ínfero ou súpero, trilocular, 2-pluriovulado; estilete glabro; estigma capitado, trilobado a trifido, exserto. Fruto cápsula septicida, globóide a depresso-globóide; sementes aladas ou não, hialinas a negras.

Amaryllidaceae apresenta ampla distribuição geográfica com três principais centros de diversidade: América do Sul, Sul da África e a Zona Mediterrânea da Europa e da África, ocupando desde áreas temperadas a tropicais. Possui 73 gêneros e cerca de 1.600 espécies pertencentes a três diferentes subfamílias, a saber: Amaryllidoideae, Allioideae e Agapanthoideae (APG III 2009). Muitos de seus representantes são cultivados devido ao seu potencial ornamental, alimentício e medicinal. No Brasil cita-se a ocorrência de 14 gêneros e 135 espécies com ampla ocorrência no território nacional (Dutilh & Oliveira 2012). Para Sergipe, são aqui registrados representantes de duas subfamílias (Amaryllidoideae e Allioideae), quatro gêneros e cinco espécies. (Ilustrações ver Alves-Araújo et al. 2010).

Chave para identificação dos gêneros de **Amaryllidaceae** de Sergipe

- 1. Inflorescência pluriflora, flores actinomorfas, ovário súpero **4. Nothoscordum** (Allioideae)
- 1'. Inflorescência uni a pluriflora, flores zigomorfas, ovário ínfero2 (Amaryllidoideae)
- 2. Inflorescência uniflora, flores crateriformes, estigma trifido **2. Habranthus**
- 2'. Inflorescência pluriflora, flores infundibuliformes, estigma capitado ou trilobado 3
- 3. Pseudopecíolo presente, escapo biconvexo, flores lilás, estames-5, heterodínamos
..... **1. Griffinia**
- 3'. Pseudopecíolo ausente, escapo cilíndrico, flores magenta a vermelhas, estames-6, homodínamos **3. Hippeastrum**

1. Griffinia espiritensis Herb., Pl. Life 25: 67. 1969.

Bulbos com colo 1,0–1,2 mm compr. Folhas 11,7–19,0 x 2,4–4 cm, perenes, eretas, elíptico-lanceoladas, face adaxial verde-brilhante, face abaxial verde-hialina, ápice agudo, margens inteiras, onduladas; pseudopecíolo presente, 5–10 cm compr. Inflorescência

¹ Centro Universitário Norte do Espírito Santo - CEUNES/Universidade Federal do Espírito Santo - UFES, Rodovia BR 101 Norte, Km. 60, Bairro Litorâneo, São Mateus – ES. CEP 29932-540. Email: sapotae@gmail.com

4-7-flora, escapo 10,5-12,0 cm compr., verde, biconvexo; brácteas em parte fusionadas. Flores declinadas, zigomorfas, infundibuliformes, inodoras, pedicelo 6,0-15,0 mm compr., hipanto 2,0-3,0 mm compr.; tépalas lilás com raio longitudinal alvo e fauce alva, reflexas, 5 tépalas 22,0-25,0 x 4,0-5,0 mm, declinado-ascendentes, 1 tépala interna inferior 22,0-25,0 x 1,5-2,0 mm, declinada; estames-5, declinado-ascendentes, heterodínamos, 9,0-15,0 mm compr.; ovário ínfero, 4,0-5,0 mm compr., óvulos-2 por lóculo; estilete 19,0-25,0 mm compr.; estigma capitado. Frutos globóides; semente-1, não alada, hialina.

Comentários: *Griffinia espiritensis* distribui-se nos estados do Espírito Santo, Bahia, Sergipe e Pernambuco (Alves-Araújo *et al.* 2010). Segundo Preuss & Meerow (2001) e Alves-Araújo *et al.* (2010), *G. colatinensis* Rav., *G. mucurina* Rav. e *G. paubrasilica* Ker Gawler, são possíveis sinônimos de *G. espiritensis* e aqui adotado. Distingue-se pela presença de pseudocíolos e 5 estames. Floração registrada de Maio a Setembro.

Material examinado: **BRASIL. Sergipe:** Areia Branca, Serra de Itabaiana, XII.1974, est., A.C. Barreto s.n. (ASE - 231); Nossa Senhora da Glória, V.1982, fl., G. Viana 461 (ASE, IPA).

Material examinado adicional: **BRASIL. Bahia:** Colônia da Bahia, II.1990, fl., J. Dutilh s.n. (UEC - 23097); Mucuri, V.1980, fl., L. Mattos Silva & T. Santos s.n. (CEPEC - 768); Una, IX.1993, fl., A. Amorim *et al.* 1350 (CEPEC); **Pernambuco.** Recife: Casa de Vegetação/CCB/UFPE - origem Cabo de Santo Agostinho, em cultivo, XII.2005, fl., A. Alves-Araújo *et al.* 37 (UFP).

Habranthus Herb.

Folhas decíduas, eretas, ensiformes, pseudopécíolos ausentes. Escapo cilíndrico; brácteas da inflorescência-2, parcialmente fusionadas, livres no ápice. Inflorescência uniflora. Flores pediceladas, não odoríferas e antese diurna, zigomorfas. Estames-6, declinado-ascendentes. Ovário ínfero; estigma trífido. Sementes negras.

Chave para identificação das espécies de **Habranthus** de Sergipe

1. Hipanto até 10 mm compr., tépalas alvas a róseas no ápice, paraperigônio formado por calosidades **1. H. itaobinus**
1'. Hipanto >10 mm compr., tépalas róseas a alaranjadas com anel alvo na região mediana, paraperigônio formado por apêndices recurvados **2. H. sylvaticus**

1. Habranthus itaobinus Ravenna, Onira Bot. Leafl., 3(16): 56. 1999.

Nome popular: cebola-brava.

Bulbos com colo 1,0-4,3 cm compr. Folhas 16,5-41,5 cm x 3,0-5,0 mm, verde-brilhante em ambas as faces, ápice agudo, margens inteiras, retas. Escapo 11,5-26,3 cm compr., verde-claro, base rósea. Flor declinada, crateriforme, pedicelo 2,7-5,5 cm compr., hipanto 7,0-10,0 mm compr.; paraperigônio formado por calosidades,; tépalas-6, levemente reflexas,

alvas a róseas no ápice, fauce verde, 27,0-32,0 x 9,0-10,0 mm; estames heterodínamos, 15,0-20,0 mm; ovário 4,0-6,0 mm compr., 22-24 óvulos por lóculo; estilete 2,1-2,5 cm compr. Frutos depresso-globóides; sementes aladas.

Comentários: *Habranthus itaobinus* distribui-se amplamente no Nordeste, Centro-Oeste e Sudeste (Oliveira 2006). É comumente coletada em áreas abertas desde solos argilosos profundos a ilhas de solos em inselbergs. É caracterizada por suas flores geralmente alvas (raros róseas) com base verde e paraperigônio formado por calosidades. Floração entre Novembro e Março.

Material examinado: **BRASIL. Sergipe:** Areia Branca, III.2008, fr., S.M. Costa *et al.* 340 (ASE); Gararu, I.1983, fl., E. Gom es 154 (ASE); Itabaiana, II.2010, fr., T. Carregosa-Silva *et al.* 22 (ASE); I.1998, fl., M. Landim 1413 (ASE); Poço Redondo, I.2010, fl., W.J. Machado *et al.* 112 (ASE); São Domingos, IV.2006, fr., A.C. Silva *et al.* 13 (ASE).

Material examinado adicional: **BRASIL. Bahia:** Água Quente, XI.1988, fl., R. Harley *et al.* 26699 (CEPEC); Feira de Santana, XI.2005, fl., A. Alves-Araújo *et al.* 45 (UFP); **Ceará:** Quixadá, I.2000, fl., L. Lima-Verde & R. Oliveira 135 (EAC); **Pernambuco:** Bezerros, VII.2005, fl., A. Alves-Araújo *et al.* 36 (MBM, R, RB, UFP); Brejo da Madre de Deus, VI.1973, fl., D. Andrade-Lima 7379 (IPA); Vertentes, III.2006, fl., A. Alves-Araújo *et al.* 69 (UFP); Taquaritinga do Norte, III.2006, fl., A. Alves-Araújo *et al.* 70 (UFP); Pilão Arcado, XI.2009, fr., A.P. Prata *et al.* 1728 (ASE); .

2. Habranthus sylvaticus Herb., Amaryllidaceae: 166. 1837.

Nome popular: alho-bravo, cebola-da-terra.

Bulbo com colo 2,0-5,0 cm compr. Folhas 33,6-53,5 x 0,7-1,1 cm, verde-escuras em ambas as faces, base vinácea, ápice acuminado, margens inteiras, retas. Escapo 15-42,5 cm compr., verde-escuro, base verde a vinácea. Flor declinada, crateriforme, pedicelo 3,5-8,0 cm compr., hipanto 13,0-25,0 mm compr., paraperigônio formado por apêndices recurvados; tépalas-6, leve a fortemente reflexas, róseas a alaranjadas, anel alvo na região mediana das tépalas, bases verdes a vináceas, tépala externa superior 5,3-7,2 x 1,2-2,2 cm; estames heterodínamos, 1,0-3,8 cm compr.; ovário 4-6 mm compr., ínfero, verde a vináceo, 22-24 óvulos por lóculo; estilete 4,8-5,9 cm compr. Frutos depresso-globóides; sementes aladas.

Comentários: *Habranthus sylvaticus* é amplamente distribuído pelo Nordeste, ocorrendo em áreas abertas e apresenta enorme variação dos padrões de coloração floral tanto inter quanto intrapopulacional. O anel alvo central e maior comprimento do estilete são importantes características delimitação do táxon em relação à *H. itaobinus*. Floração e frutificação entre Dezembro e Março.

Material examinado: **BRASIL. Sergipe:** Canindé de São Francisco, I.2011, fl., A.C.C. Silva &

S.M. Rocha 312 (ASE); Poço Redondo, I.2010, fr., *W.J. Machado & L.A. Gomes* 134 (ASE).
Material examinado adicional: **BRASIL. Alagoas**: Pão de Açúcar, V.2002, fl., *R. Lyra-Lemos et al.* 6702 (MAC); **Bahia**: Andorinhas, II.2006, fl., *F. França et al.* 5498 (HUEFS); Canudos, X.2001, fl., *L. Queiroz et al.* 7046 (HUEFS, PEUFR); Feira de Santana, fl., *A. Alves-Araújo et al.* 44 (UFP); Paulo Afonso, XI.2005, fl., *F. França et al.* 5293 (HUEFS); **Pernambuco**: Buíque, VII.2005, fl., *A. Alves-Araújo et al.* 30 (UFP, R, RB); III.2006, fl., *A. Alves-Araújo et al.* 68 (RB, UFP); Petrolina, XII.1982, fl., *G. Foetius* 3276 (IPA); PIAUÍ: Piracuruca, I.1981, fl., *R. Lyra* 210 (MAC); Ribeiro Gonçalves, X.1980, fl./fr., *A. Fernandes & A. Castro s.n.* (EAC 9371).

3. *Hippeastrum stylosum* Herb., Bot. Mag.49:2278. 1822.

Nome popular: cebola-de-cobra, cebola-brava.

Bulbo com colo 9,0–50,0 mm compr. Folhas 36,1–64,4 x 2,1–5,9 cm, decíduas, eretas a prostradas, ensiformes, verde-claras a escuras em ambas as faces, base vinácea, ápice agudo, margens inteiras, retas, pseudopecíolos ausentes. Inflorescência 2–7-flora; escapo 43,5–97,0 cm compr., verde-escuro a vináceo, base vinácea, cilíndrico; brácteas livres. Flores declinadas, zigomorfas, infundibuliformes, inodoras, pedicelo 2,3–5,8 cm compr., hipanto 1,0–2,0 cm compr., paraperigônio fimbriado; tépalas magenta a vermelho-vivo, por vezes com raio longitudinal verde ao longo da tépala, 6,0–9,0 x 1,5–3,6 cm; estames-6, declinado-ascendentes, isodínamos, 7,0–10,2 cm compr.; ovário ínfero, 9,0–10,0 mm compr., óvulos-56–60 por lóculo; estilete 8,0–13,5 cm compr.; estigma trilobado. Frutos depresso-globóides, 3-sulcados; sementes aladas, negras.

Comentários: *Hippeastrum stylosum* tem ampla distribuição no Nordeste, ocupando desde paredões costeiros até afloramentos rochosos na Caatinga. Apresenta grande variação no padrão da coloração das flores. É reconhecida por apresentar maiores dimensões quando comparadas às espécies aqui analisadas, além de seu estilete trilobado. Floração e frutificação entre Novembro a Janeiro.

Material examinado: **BRASIL. Sergipe**: Frei Paulo, XI.1986, fl., *G. Viana* 1642 (ASE); Monte Alegre de Sergipe, X.2010, fl., *W.J. Machado et al.* 951 (ASE); Neópolis, II.1975, fl./fr., *A. Barreto s.n.* (ASE 298); Poço Redondo, VII.2009, fl., *D.S. Melo & W. Machado* 36 (ASE); XI.2009, fl., *D.S. Melo & W. Machado* 31 (ASE); Porto da Folha, 10°02'06"S e 37°24'35"W, X.2011, fl., *D.G. Oliveira et al.* 329 (ASE); Tobias Barreto, X.1981, fr., *E. Carneiro* 111 (ASE).

Material examinado adicional: **BRASIL. Alagoas**: Piaçabuçu, XI.1987, fl./fr., *D. Araújo et al.* 1956 (MAC); **Bahia**: Feira de Santana, XI.1986, fl., *L. Queiroz & N. Lemos s.n.* (HUEFS 6714); Jequié, IX.1965, fl., *A. Duarte & E. Pereira* 9315 (RB); Mucugê, XI.2004, fl., *C. Costa & J. Costa* 127 (HUEFS); Nova Itarana, VIII.1996, fl., *R. Harley & A. Giuliatti* 28211 (HUEFS); **Ceará**: Cedro, V.1912, fl., *Löefgren* 786 (R); **Maranhão**: São Luís, X.1982, fl., *K. Yamamoto et al. s.n.* (UEC 14257); **Paraíba**: Areia, I.1981, fl., *V. Fervereiro et al. s.n.* (JPB 544); Rio Tinto, III.1990, fl., *L. Félix & E. Santana* 2839 (JPB); **Pernambuco**: Agrestina, III.2005, fl., *A. Alves-Araújo et al.* 21 (SPF, UEC, UFP); Bezerros, XII.2005, fl., *A. Alves-Araújo et al.* 51 (HUEFS, R, RB, UFP);

Buíque, VII.2005, fl., *A. Alves-Araújo et al.* 32 (UFP); Cabo de Santo Agostinho, XII.2005, fl., *A. Alves-Araújo et al.* 47 (UFP, RB); Pombos, XI.2005, fl., *A. Alves-Araújo et al.* 39 (HUEFS, RB, UFP); Recife, X.1996, fl., *C. Eugênio* 37 (IPA).

4. *Nothoscordum pernambucanum* Rav., Onira Bot. Leaf. 7(7): 44. 2002.

Bulbo com colo 6,0–24,0 mm compr. Folhas 14,8–22,2 x 0,3–0,4 cm, decíduas, eretas, ensiformes, verde-claro, ápice agudo, margens inteiras, retas, pseudopecíolos ausentes. Inflorescência 5–9-flora; escapo 14,8–22,7 cm compr., verde, cilíndrico; brácteas em parte fusionadas. Flores eretas, actinomorfas, crateriformes, odoríferas, pedicelo 1,5–3,5 cm compr., hipanto ausente; tépalas alvas com nervuras centrais vináceas a enegrecidas, fauce verde, 5,0–7,0 x 2,0–3,0 mm; estames-6, eretos, isodínamos, 4,0–5,0 mm compr.; ovário súpero, 1–2 mm compr., óvulos-2 por lóculo; estilete 4,0–5,0 mm compr.; estigma capitado. Frutos globóides, 3-sulcados; sementes não aladas, globóides, negras.

Comentários: *Nothoscordum pernambucanum* constitui o registro de distribuição mais setentrional do gênero no Brasil ocorrendo em Pernambuco e Sergipe (*Alves-Araújo et al.* 2010). Distingue-se das demais espécies de Sergipe pela presença de flores actinomorfas e ovário súpero. Floração e frutificação de Agosto a Março.

Material examinado: **BRASIL. Sergipe**: Lagarto, V.1982, fl., *E. Carneiro* 367 (ASE, IPA); VII.2008, fl., *J.E. Nascimento Jr & F.S. Feitosa* 358 (ASE); VIII.2010, fl., *A.P. Prata et al.* 2326 (ASE); Poço Verde, V.1982, fl., *G. Viana* 433 (ASE); São Cristóvão, IV.1984, fl., *G. Viana* 932 (ASE); Tobias Barreto, VIII.1983, fl./fr., *E. Gomes* 344 (ASE).

Material examinado adicional: **BRASIL. Pernambuco**: Carpina, III.1987, fl./fr., *V. Lima & A. Rita s.n.* (IPA 50870); Caruaru, V.1966, fl./fr., *E. Tenório* 116 (IPA); Gravatá, VII.1926, fl./fr., *B. Pickel s.n.* (IPA 3541); VII.1997, fl., *M. Guerra & L. Félix* 1413 (UFP-Holótipo); III.2006, fl., *A. Alves-Araújo et al.* 76 (EAC, HUEFS, UFP); São Caetano, IV.1966, fl./fr., *D. Andrade-Lima* 4530 (IPA); Taquaritinga do Norte, IV.1997, fl./fr., *s.col.* 1204 (IPA); Vitória de Santo Antão, VIII.1998, fl./fr., *A. Laurênio et al.* 1174 (PEUFR).

Referências Bibliográficas

Alves-Araújo, A., Dutilh, J.H.A. & Alves, M. 2010. Amaryllidaceae s.s. e Alliaceae s.s. no Nordeste brasileiro. *Rodriguésia* 60(2): 311–331.

Angiosperm Phylogeny Group: APG III. 2009. An update of the Angiosperm Phylogeny Group classification for the orders and families of flowering plants: APG III. *Botanical Journal of the Linnean Society* 161(1): 105–121.

Dutilh, J.H.A. & Oliveira, R.S. 2012. Amaryllidaceae. In: *Lista de Espécies da Flora do Brasil*. Jardim Botânico do Rio de Janeiro. Acessado em 25 de Janeiro de 2013. <http://floradobrasil.jbrj.gov.br/2012/FB033541>.

Oliveira, R.S. 2006. *Flora da Cadeia do Espinhaço: Zephyranthes Herb. e Habranthus Herb. (Amaryllidaceae)*. Dissertação de Mestrado. Universidade de São Paulo, São Paulo.

Lista de Exsicatas

Alves-Araújo, A. 21 (4), 30 (3), 32 (4), 36 (2), 37 (1), 39 (4), 44 (3), 45 (2), 47 (4), 51 (4), 68 (3), 69 (2), 70 (2), 76 (5); Amorim, A. 1350 (1); Andrade-Lima, D. 4530 (5), 7379 (2); Araújo, D. 1956 (4); Barreto, A. s.n. (ASE - 298) (4); Barreto, A.C. s.n. (ASE - 231) (1); Carneiro, E. 111 (4), 367 (5); Carregosa-Silva, T. 22 (2); Costa, C. 127 (4); Costa, S.M. 340 (2); Duarte, A. 9315 (4); Dutilh, J. s.n. (UEC - 23097) (1); Eugênio, C. 37 (4); Félix, L. 2839 (4); Fernandes, A. s.n. (EAC 9371) (3); Fevereiro, V. s.n. (JPB - 544) (4); Foetius, G. 3276 (3); França, F. 5293 (3), 5498 (3); Gomes, E. 154 (2), 344 (5); Guerra, M. 1413 (5); Harley, R. 26699 (2), 28211 (4); Landim, M. 1413 (2); Laurênio, A. 1174 (5); Lima, V. s.n. (IPA - 50870) (5); Lima-Verde, L. 135 (2); Löefgren, 786 (4); Lyra, R. 210 (3); Lyra-Lemos, R. 6702 (3); Machado, W.J. 112 (2), 134 (3), 951 (4); Mattos Silva, L. s.n. (CEPEC - 768) (1); Melo, D.S. 31 (4), 36 (4); Nascimento Jr., J.E. 358 (5); Oliveira, D.G. 329 (4); Pickel, B. s.n. (IPA - 3541) (5); Prata, A.P. 1728 (2), 2326 (5); Queiroz, L. s.n. (HUEFS - 6714) (4), 7046 (3); S.col. 1204 (5); Silva, A.C. 13 (2); Silva, A.C.C. 312 (3); Tenório, E. 116 (5); Viana, G. 433 (5), 461 (1), 932 (5), 1642 (4); Yamamoto, K. s.n. (UEC - 14257) (4).

APOCYNACEAE

Coordenadora: Maria Ana Farinaccio¹

Árvores, arbustos, subarbustos a ervas, eretos ou volúveis, latescentes; ramos com ou sem coléteres nodais, com ou sem catafilos apicais. Folhas simples, alternas, opostas ou verticiladas, pilosas ou glabras, com ou sem coléteres; venação eucamptódroma ou broquidódroma. Inflorescências cimosas ou racemosas, brácteas e bractéolas usualmente presentes, com ou sem coléteres adaxiais. Flores gamossépala e gamopétala; cálice profundamente fendido, piloso ou glabro, com ou sem coléteres adaxiais; corola hipocrateriforme, infundibuliforme, rotácea a urceolada. Estames epipétalos, anteras parcial ou totalmente férteis, adnatas ou não à cabeça estigmática, ginostégio presente ou ausente, rostrado ou não. Grãos de pólen isolados até agregados em polínios; ovário bicarpelar, livre, sincárpico ou hemissincárpico (grau variável de conação na região do ovário), súpero a semi-ínfero, com ou sem nectários; placentação marginal, axilar ou parietal. Frutos baga, drupa, folículo ou cápsula; sementes nuas, ariladas, aladas ou comosas.

Apocynaceae é uma das maiores famílias de angiospermas, apresenta ca. 3700 espécies em 400 gêneros. No Brasil, ocorrem de 80 a 95 gêneros e 750 a 850 espécies. É uma família vastamente representada, tanto nas regiões tropicais, quanto nas subtropicais do globo, principalmente ao longo das faixas Paleotropical e Neotropical, com poucos gêneros atingindo as regiões temperadas. No Brasil, a maior ocorrência se dá em florestas secundárias, campos limpo e sujo, campos rupestres, cerrados e restingas. Em Sergipe ocorrem 25 gêneros e 45 espécies, sendo o gênero mais representativo *Ditassa* R.Br. (6 spp.), seguido de *Mandevilla* (5 spp.) e *Allamanda* L., *Aspidosperma* Mart. e *Matelea* Aubl. (3 spp.). No estado, as Apocynaceae estão representadas em todos os habitats, desde a Restinga, passando pela Mata Atlântica, zonas de transição Mata Atlântica-Caatinga, Matas de Tabuleiros até a Caatinga.

Entre as espécies de Apocynaceae registradas, destacamos *Hancornia speciosa* Gomes, pelas implicações no contexto político e econômico e na luta pela preservação do trabalho tradicional da catação da mangaba. *Hancornia speciosa* é considerada espécie símbolo do estado de Sergipe.

Chave para identificação dos gêneros de **Apocynaceae** de Sergipe

1. Folhas alternas.....2
2. Inflorescências articuladas, brácteas naviculares; ovário semi-ínfero **10. Himatanthus**
- 2'. Inflorescências não articuladas, brácteas escariosas ou ausentes; ovário súpero.....3
3. Corola infundibuliforme; ovário sincárpico, disco nectarífero na base; frutos do tipo

¹ Universidade Federal do Mato Grosso do Sul - PPG em Biologia Vegetal.

drupa.....	25. Thevetia
3'. Corola hipocrateriforme; ovário hemissincárpico, nectários ausentes na base; frutos do tipo folículo	3. Aspidosperma
1'. Folhas opostas ao menos em parte dos ramos ou verticiladas.....	4
4. Folhas verticiladas.....	5
5. Corola infundibuliforme; frutos tipo cápsula, espinescentes, sementes aladas	1. Allamanda
5'. Corola hipocrateriforme; frutos tipo drupa, lisos, sementes nuas	20. Rauvolfia
4'. Folhas opostas em ao menos parte dos ramos.....	6
6. Árvores, arvoretas ou arbustos eretos.....	7
7. Folhas providas de domácias foveoladas na face abaxial	12. Malouetia
7'. Folhas desprovidas de domácias foveoladas na face abaxial.....	8
8. Lobos da corola unidos pelo menos metade a 2/3 do comprimento, formando um tubo distinto a olho nu.....	9
9. Subarbustos, arbustos ou lianas; flores rosadas, vináceas ou amarelas ...	13. Mandevilla
9'. Árvores a arbustos; flores alvas.....	10
10. Folhas com ápice acuminado, cuspidado (-mucronulado); inflorescências paucifloras; frutos do tipo baga	9. Hancornia
10'. Folhas com ápice truncado, agudo (-acuminado); inflorescências multifloras; frutos de outros tipos.....	11
11. Ovário cilíndrico; frutos tipo folículo, mesocarpo carnoso	23. Tabernaemontana
11'. Ovário quadrangular; frutos tipo baga, mesocarpo lenhoso	11. Macoubea
8'. Lobos da corola unidos somente na porção basal, formando um tubo indistinto a olho nu.....	12
12. Subarbusto 30-50 cm alt.; frutos fusiformes	2. Asclepias
12'. Arvoretas a subarbustos 1-2 m alt.; frutos globosos, inflados.....	13
13. Lâminas foliares obovadas, oblongas, 3,5-12 cm larg., base cordiforme; lobos da corola oval-triangulares, 9-10 x 5-6 cm, totalmente glabros	5. Calotropis
13'. Lâminas foliares estreitamente elípticas 0,9-1,7 cm larg, base atenuada; lobos da corola elípticos, 6-8 x 3-4 mm, margem unilateralmente pilosa, no restante glabros	8. Gomphocarpus
6'. Ervas, subarbustos ou arbustos volúveis ou decumbentes.....	14
14. Folhas dispostas em ramos secundários curtos e opostos; inflorescência tirsiforme	7. Forsteronia
14'. Folhas dispostas ao longo da planta toda, inclusive no ramo principal; inflorescência cimosa ou racemosa.....	15
15. Grãos de pólen isolados.....	16
16. Corola hipocrateriforme.....	17
17. Corola com anel carnoso tênue na fauce; sépalas com coléteres adaxiais; disco nectarífero presente; frutos paralelos, moniliformes.....	19. Prestonia
17'. Corola sem anel carnoso na fauce; sépalas sem coléteres; disco nectarífero ausente; frutos subparalelos, livres, cilíndricos.....	22. Skytanthus

16'. Corola infundibuliforme, campanulada ou rotácea.....	18
18. Corola amarela ou amarelo-avermelhada.....	19
19. Corola amarela, inclusive dentro do tubo; cabeça estigmática fusiforme	16. Odontadenia
19'. Corola amarela e tubo internamente avermelhado; cabeça estigmática com 5 projeções longitudinais	13. Mandevilla
18'. Corola rósea ou esverdeada a vinácea.....	20
20. Corola rósea; dois nectários na base do ovário; folículos subparalelos, livres em sua maior extensão	13. Mandevilla
20'. Corola esverdeada a vinácea; disco nectarífero pentalobado na base do ovário; folículos paralelos, fusionados em toda extensão.....	24. Temnadenia
15'. Grãos de pólen agregados em polínios.....	21
21. Flores com corona dupla	6. Ditassa
21'. Flores com corona simples.....	22
22. Corona cimiforme, lobos cuculados	4. Blepharodon
22'. Corona aneliforme ou lobada , lobos não cuculados.....	23
23. Sépalas lineares, coléteres ausentes na base da face adaxial; corola rosada, creme ao longo das margens; lobos da corona subglobosos	18. Petalostelma
23'. Sépalas oblongas, ovais ou lanceoladas, coletéres presentes na base da face adaxial; corola alva, esverdeada, vinácea ou enegrecida; lobos da corona inconspícuos, ou conspícuos retangulares, oblongos ou espatulados.....	24
24. Inflorescência ca. 20-floras; corola urceolada; polínios ascendentes; folículos cilíndricos ou elipsóides com 13-17 cm compr.....	14. Marsdenia
24'. Inflorescência 2-11-floras; corola rotácea, subcampanulada, campanulada ou hipocrateriforme; polínios descendentes a horizontais.....	25
25. Lobos da corola lineares ou lanceolados, distalmente torcidos; polinários com caudículos com dente córneo, lateral, curvo, polínios visivelmente menores que o retináculo; cabeça estigmática rostrada, ápice bífido.....	17. Oxypetalum
25'. Lobos da corola ovais a oblongos, não torcidos distalmente; polinários com caudículos edentados, polínios visivelmente maiores que o retináculo; cabeça estigmática plana a crateriforme, mamilada ou umbonada.....	26
26. Ramos e folhas glabros, glabrescentes, pubescentes, tomentosos ou estrigosos; inflorescências sésseis ou quase sésseis, pedúnculo nunca ultrapassando 8 mm; corola esverdeada a enegrecida, geralmente reticulada; polínios subhorizontais a horizontais; cabeça estigmática plana a crateriforme, mamilada	15. Matelea
26'. Ramos e folhas fulvo-hirsutas; inflorescências com pedúnculo com 2-3 cm compr.; corola alva, nunca reticulada; polínios descendentes; cabeça estigmática umbonada	21. Schubertia

1. *Allamanda L.*

André O. Simões¹

Arbustos; ramos eretos ou escandentes; látex branco abundante. Folhas verticiladas, 3-6 por nó; venação broquidódroma. Inflorescências bostricoides. Cálice com sépalas ovais a lanceoladas, com ou sem coléteres na base. Corola amarela ou vinácea, actinomorfa, infundibuliforme, pré-floração sinistrorsa. Ginostégio ausente. Anteras parcialmente férteis, asas um pouco maiores que o conectivo, inclusas; pólen não agregado em polínios. Ovário súpero, sincárpico, disco nectarífero presente; cabeça estigmática em forma de carretel. Cápsula bivalvar, espinescente ou lisa, elíptico-compressa ou globosa; sementes obovóide-compressas, espessadas ou membranáceas, aladas.

Gênero com 15 espécies, das quais 13 são nativas do Brasil. Várias de suas espécies (*A. blanchetii* A.DC., *A. cathartica* L., *A. laevis* Markgr., *A. schottii* Pohl) são cultivadas como ornamentais, sendo comumente encontradas em parques e jardins. Em Sergipe foi registrada a ocorrência de três espécies.

Chave de identificação das espécies de *Allamanda* de Sergipe

1. Corola vinácea **1.1. *A. blanchetii***
1'. Corola amarela.....2
2. Pecíolo, face adaxial da lâmina foliar e sépalas glabras; nectário pentalobado
..... **1.2. *A. cathartica***
2'. Pecíolo, face adaxial da lâmina foliar e sépalas pubescentes; nectário aneliforme
..... **1.3. *A. doniana***

1.1. *Allamanda blanchetii* A.DC., Prodr. 8: 318. 1844.

Arbusto, 1,5-2 m alt.; ramos eretos, densamente pubescentes. Folhas 3 por nó, pecíolo densamente pubescente; lâmina elíptica, 7,5-8,7 x 3,8-4,5 cm, face adaxial pubescente, face abaxial pubescente com os tricomas mais abundantes sobre as nervuras, ápice acuminado, base atenuada. Inflorescências terminais, 3-10-floras; pedúnculo 10-13 mm compr. Pedicelo 5-7 mm compr. Cálice com sépalas ovais, pubescentes, sem coléteres. Corola vinácea, tubo inferior cilíndrico, 20-23 x 2,5-3 mm, tubo superior obcônico, 38-42 x 23-25 mm, lobos oblíquo-obovados, 25-30 x 30-35 mm. Anteras 4-5 mm. Ovário 3 mm, com disco nectarífero profundamente pentalobado; cabeça estigmática 1,8 mm. Cápsula elíptico-compressa, espinescente, 5-6,5 x 3,5-4 cm; sementes 3-3,5cm diâm.

Comentários: Espécie exclusiva de Caatinga, em locais secos e pedregosos. Ocorre ao longo de todo o Nordeste brasileiro e também no Norte do estado de Minas Gerais. Em

Sergipe, a espécie foi coletada com flores e frutos entre fevereiro e maio. Ilustração em Sakane & Shepherd (1986).

Material selecionado: **BRASIL. Sergipe:** Canindé de São Francisco, III/1992, fl., *M.R. Fonseca s.n.* (ASE 5266a); Poço Redondo, III/2010, fl., *W.J. Machado et al.* 276 (ASE); Poço Verde, II/1980, fl., *M.R. Fonseca* 328 (ASE).

1.2. *Allamanda cathartica* L., Mant. Pl. 2: 214-215. 1771.

Arbusto, até 3m alt.; ramos glabros. Folhas 3 por nó, pecíolo glabro; lâmina elíptica, 7,3-8,5 x 2,8-4,3 cm, face adaxial glabra, levemente brilhante, face abaxial com indumento esparsos sobre a nervura primária, ápice agudo a acuminado, base atenuada. Inflorescências terminais, 3-5-floras; pedúnculo 6 mm compr. Pedicelo 8-10 mm compr. Cálice com sépalas ovais, glabras, 11-13 x 5 mm, sem coléteres. Corola amarela, tubo inferior cilíndrico, 30-32 x 4-5 mm, tubo superior obcônico, 30 x 25 mm, lobos oblíquo-obovados, 35-37 x 30 mm. Anteras 4-5 mm. Ovário 2,5-3 mm, com disco nectarífero pentalobado; cabeça estigmática ca. 2 mm. Cápsula elíptico-compressa, espinescente, 3-4,5 x 2,5-3 cm; sementes ca. 3 cm diâm.

Comentários: Espécie amplamente distribuída em território nacional, sendo muito cultivada como ornamental, tendo o nome popular de dedal-de-princesa ou dedal-de-rainha. Em ambiente natural, ocorre em formações florestais e Restinga. No estado de Sergipe, foi coletada com flores ao longo de todo o ano, e com frutos de setembro a dezembro. Ilustração em Müller (1860) e Sakane & Shepherd (1986).

Material selecionado: **BRASIL. Sergipe:** Aracaju, IV/2002, fl., *E.S. Rosetto* 42 (ASE).

Material adicional examinado. **BRASIL. São Paulo:** São Paulo VIII/1997, fl. fr., *M. Goes, & M. Kirizawa.* 83A (SP, UEC).

1.3. *Allamanda doniana* Müll.Arg., Fl. Bras. 6(1): 11. 1860.

Arbusto até 2m alt.; ramos pilosos. Folhas 3 por nó, pecíolo densamente pubescente; lâmina elíptica, 8-10x3-3,4 cm, face adaxial mais escura, esparsamente pubescente, face abaxial pubescente, com indumento tomentoso concentrado sobre as nervuras, ápice acuminado, base atenuada. Inflorescências terminais, 3-8-floras; pedúnculo 2-8 cm compr. Cálice com lacínias ovais, pubescentes, 12-15 x 5 mm. Corola amarela, tubo inferior cilíndrico, 17-25 x 3 mm, tubo superior obcônico, 20-25 x 15 mm, lobos oblíquo-obovados, 30-35 x 23-28 mm. Anteras 5 mm. Ovário 2 mm, com disco nectarífero aneliforme, sem lobos aparentes; cabeça estigmática ca. 2 mm. Cápsula elíptico-compressa, espinescente, 3-4 x 2,5-3 cm. Sementes ca. 3 cm diâm.

Comentários: *Allamanda doniana* ocorre no norte e nordeste do país, nos estados do Amapá,

¹ Departamento de Biologia Vegetal - Instituto de Biologia - Unicamp.

Pará, Maranhão e Paraíba, em formações florestais. Assemelha-e morfológicamente à *A. cathartica*, da qual difere pela pilosidade das folhas e pelas flores ligeiramente menores. No estado de Sergipe, foi coletada com flores em novembro e janeiro. Ilustração em Sakane & Shepherd (1986).

Material selecionado: **BRASIL. Sergipe:** Carmópolis, XI/1974, fl., A.C.C. Barreto s.n. (ASE 169); São Cristóvão, III/1982, fl., E.M. Carneiro 336 (ASE).

Material adicional examinado: **BRASIL. Pernambuco:** Condado, VIII/1992, fl., A.M. Miranda & M. Grillo 06 (HST, UEC); Ipojuca, II/1995, fr., A.M. Miranda & L.P. Félix 2065 (HST, UEC).

2. *Asclepias* L.

Tatiana U.P. Konno¹
Maria Ana Farinaccio²

Subarbustos eretos, raramente ramificados, ramos glabros a pubescentes. Folhas opostas, pecioladas, sésseis ou subsésseis, venação broquidódroma. Inflorescências terminais ou subaxilares, alternas, cimeiras umbeliformes. Sépalas lanceoladas ou linear-lanceoladas, eretas, com coléteres axilares. Corola alvacentas ou vermelha, rotácea, lobos deflexos. Corona simples, lobos livres entre si quase até a base, cuculiformes e providos internamente de um cornículo curvado sobre o ginostégio. Ginostégio estipitado. Antera quadrangular a subretangular; polinário com retináculo bem menor que os polínios, sagitiforme ou oval, polínios aplainados, férteis em toda a sua extensão. Ápice do ginostégio plano ou crateriforme. Folículos fusiformes, estriados; sementes comosas e verrucosas.

O gênero possui ca. 490 espécies, distribuídas pelas faixas Paleotropical, Holártica e Neotropical, com duas espécies presentes no estado de Sergipe. No Brasil ocorrem em Campo Rupestre, Cerrado, áreas degradadas e mais raramente em Restinga.

Chave para identificação das espécies de *Asclepias* de Sergipe

1. Folhas oval-lanceoladas a elípticas, pecíolo conspicuo; flores com a corola vermelha e corola amarela **2.1. *A. curassavica***
- 1'. Folhas lineares, sésseis ou subsésseis; flores com a corola e corola alvacentas **2.2. *A. mellodora***

2.1. *Asclepias curassavica* L., Sp. pl. 1: 215. 1753.

Nome popular: cega-olho, oficial-de-sala

¹ Universidade Federal do Rio de Janeiro, Núcleo em Ecologia e Desenvolvimento Socioambiental de Macaé (NUPEM/UFRJ).

² Universidade Federal do Mato Grosso do Sul - PPG em Biologia Vegetal.

Subarbusto 30-50 cm alt., ramos glabros. Pecíolo 1,5-2,0 mm compr., glabro; lâmina oval-lanceolada a elíptica, 5-15 x 2-4,5 cm, glabra, ápice acuminado, base atenuada. Inflorescências subaxilares, multifloras; pedúnculo 3,5-8 cm compr., levemente pubescente. Pedicelos 0,7-1,3 cm compr., pubérulos. Sépalas lanceoladas, 3-4 x 0,5-0,8 mm, externa e internamente glabras. Corola vermelha, lobos oblongos ou ovados, 4-5 x 2,5 mm, glabros. Corona amarela, da mesma altura que o ginostégio, lobos agudos no ápice. Antera quadrangular, asas mais longas que o dorso, apêndice membranáceo suborbicular. Polinário com retináculo sagitiforme, caudículos oblíquo-descendentes, polínios clavados, levemente falciformes. Cabeça estigmática crateriforme. Folículos glabros.

Comentários: Espécie cosmopolita, sendo originária da África. Ocorre praticamente em todos os estados brasileiros, como subespontânea em áreas antropizadas. Coletada com flores nos meses de abril, maio, setembro e dezembro e frutos de abril e setembro. Ilustração em: Bacigalupo (1979).

Material examinado: **BRASIL. Sergipe:** Aracaju, VI/1985, fl., M.R. Fonseca et al. (ASE4185); Arauá, XII/1981, fl., G. Viana 286 (ASE); Capela, X.012, fl., L.A. Pereira 428 (JPB); Laranjeiras, XI/2012, fl. fr., L.A. Gomes et al. 757 (ASE); Simão Dias, IV/2010, fl. fr., T. Carregosa-Silva et al. 33 (ASE).

2.2. *Asclepias mellodora* A. St. Hill., Hist. Pl. Remarq. Bresil: 227. 1824.

Subarbusto ereto, ca. 30 cm alt., ramos pubescentes. Folhas sésseis ou subsésseis; lâmina linear, 3,5-7,0 x 0,4-0,6 cm, ápice acuminado, base atenuada, glabra. Inflorescências terminais, multifloras; pedúnculo ca. 5 cm compr. Pedicelos 8-11 mm compr., pubescentes. Sépalas linear-lanceoladas, 3-4 x 1-2 mm, internamente pubescentes. Corola alvacentas, lobos subelípticos, 9-14 x 3-4 mm, externamente glabros e internamente papilosos na base. Corona alva, ultrapassando o ginostégio, lobos arredondados no ápice. Antera subretangular, apêndice membranáceo suborbicular. Polinário com retináculo oval, truncado na base, caudículos oblíquo-descendentes, polínios claviformes, levemente falcados. Cabeça estigmática plana. Folículos pubérulos (Fontella-Pereira 2005)

Comentários: No Brasil ocorre nos estados do Pará, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Sergipe, Bahia, Distrito Federal, Goiás, Espírito Santo, Minas Gerais, São Paulo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul. Registrada também na Argentina, Bolívia, Paraguai e Uruguai. Em Sergipe foi coletada somente no Parque Nacional da Serra de Itabaiana, com flores em fevereiro. Destaca-se por seu odor melífero. *Asclepias mellodora* apresenta flores morfológicamente semelhantes à *A. candida* Vell., diferindo desta por apresentar folhas lineares. Ilustração em: Bacigalupo (1979).

Material examinado: **BRASIL. Sergipe:** Itabaiana, XII/2010, fl., T. Carregosa-Silva et al. 12 (ASE).

3. *Aspidosperma* Mart.

Ingrid Koch¹

Árvores, caule cilíndrico a acanalado, látex branco. Folhas alternas, decíduas ou não, glabras a indumentadas, congestas ou laxas, venação eucamptódroma ou broquidódroma. Inflorescência terminal ou subterminal, cimosas, multiflora. Cálice com sépalas ovais a lanceoladas, sem coléteres, glabras ou pilosas. Corola alva ou creme, hipocrateriforme, glabra externamente e pilosa internamente; pré-floração sinistrorsa. Ginostégio ausente. Anteras totalmente férteis, inclusas, ovais, base cordiforme, ápice apiculado; pólen não agregado em polínios; ovário súpero, hemissincárpico, sem nectários na base; cabeça estigmática fusiforme ou globosa. Folículos 2, lenhosos ou coriáceos, compressos lateralmente, lenticelados, lisos ou muricados ou espinescentes, glabros a pilosos, costa lateral presente ou ausente; sementes obovoide-compressas, aladas, ala concêntrica a lateral.

Gênero neotropical com número estimado entre 52 e 53 espécies, a maioria delas representadas no Brasil. Ocorre desde o México até a Argentina, principalmente em formações de floresta. Em Sergipe foi registrada a ocorrência de três espécies.

Chave para identificação das espécies de *Aspidosperma* de Sergipe

1. Caule acanalado; folhas laxas; folículos muricados ou espinescentes, curtamente estipitados **3.1. *A. discolor***
1'. Caule não acanalado; folhas congestas; folículos lisos, conspicuamente estipitados.
2. Ramos acinzentados, claros; folhas coriáceas, glabras quando maduras, não esbranquiçadas na face abaxial, lâmina geralmente oval-arredondada; folículos glabros, linha ou costa mediana lateral não evidente **3.2. *A. pyriformium***
2'. Ramos avermelhados, escuros; folhas membranáceas, pilosas quando maduras, esbranquiçadas na face abaxial, lâmina amplo-elíptica; folículos pilosos, linha ou costa mediana lateral proeminente **3.3. *A. subincanum***

3.1. *Aspidosperma discolor* A. DC., Prodr. 8: 398. 1844.

Nome popular: bacalhau e pau-falho.

Árvore, caule acanalado, ramos. Folhas laxas; pecíolo 1-1,7 cm; lâmina elíptica, oblonga a oblongo-ovalada, 6,5-11 x 2-4,5 cm, glabras, com face adaxial brilhante e face abaxial opaca, mais clara, ápice obtuso a arredondado, base arredondada, cuneada a revoluta; venação broquidódroma, secundárias próximas entre si, não bifurcadas desde a base. Inflorescência terminal ou subterminal, (3-) 5-7 cm; pedúnculo (1-) 2,5-3 cm, pubescente; pedicelo 1 mm, pubescente. Cálice com sépalas ovais a lanceoladas, 2-3,5 x 1,5-2, glabras ou pilosas. Corola branco-esverdeada, tubo 4-5 x 2 mm, lobos ovais, 2-3 x 1,5 mm. Anteras

1-1,5 mm; ovário 1-1,5 mm, piloso; cabeça do estilete ca. 1 mm. Folículos dolabriformes a levemente arredondados, coriáceos, glabros, muricados a espinescentes, subsésseis, linha ou costa mediana pouco marcada, 4-6 x 3,5-4 cm; sementes com alas levemente excêntricas.

Comentários: A espécie é reconhecida por possuir caule inteiramente acanalado em indivíduos adultos e folículos com superfície muricada a espinescente. Ocorre desde a Floresta Amazônica, incluindo a Venezuela e Guianas, até a Caatinga na Bahia. Foi encontrado somente um material da espécie, apenas com frutos, em Floresta Atlântica, sendo este o primeiro registro para o estado. Flores de agosto a novembro (-julho), frutos velhos, abertos, em abril. Ilustração em Marcondes-Ferreira (1988).

Material examinado: **BRASIL. Sergipe:** Santa Luzia do Itanhy, IV/2012, fr., R.M. Deda et al. 95 (ASE).

Material adicional examinado: **BRASIL. Mato Grosso:** Gaucha do Norte, XII/2000, fl., N.M. Ivanauskas 4386 (UEC); **Distrito Federal:** Niquelândia, VII/1998, fl., A.A. Santos et al. 121 (UEC); **Bahia:** Rio de Contas, VIII/1999, fl., F.H.F. Nascimento 224 (UEC).

3.2. *Aspidosperma pyriformium* Mart., Flora 7(1) Beibl. 4: 136. 1824.

Nome popular: pereiro

Fig. 1. C-E

Árvore até 7m; caule não acanalado; ramos frequentemente acinzentados. Folhas congestas; pecíolo 1,3-1,8 cm; lâmina oval a orbicular ou elíptica, 4,4-9,2 x 2,4-5 cm, face adaxial glabra ou pubérula, face abaxial glabra a pilosa (membranáceas e pilosas, quando em flor, e coriáceas e glabras, quando em fruto), ápice agudo, acuminado a emarginado, base aguda a obtusa; venação broquidódroma, nervuras secundárias não bifurcadas desde a base. Inflorescência axilar, subterminal, 3-3,5 cm; pedúnculo 6-9 mm, pubescente; pedicelo 2-4 mm, pubescente. Cálice com sépalas ovado-lanceoladas, pilosas, 1-2 x 0,8 mm. Corola alva, tubo 4-5 x 1 mm; lobos lineares, 10-12 x 2-2,5 mm. Anteras ca. 1 mm. Ovário piloso, ca. 1 mm; cabeça do estilete globosa, ca. 1 mm. Folículos piriformes, lenhosos, glabros, castanhos, lenticelados, conspicuamente estipitados, linha ou costa mediana não evidenciada, 4,8-6,5 x 8-4 cm; sementes com alas concêntricas.

Comentários: Caracteriza-se pelas folhas oval-arredondadas e frutos lenhosos, lenticelados. É encontrada em formações de Caatinga no Nordeste do Brasil, Norte de Minas Gerais, e na região chaquenha em Mato Grosso do Sul e no Paraguai. Em Sergipe ocorre em formações de Caatinga e Campos arenosos, coletada com flores de agosto a março, e com frutos ao longo de todo o ano.

Material selecionado: **BRASIL. Sergipe:** Canindé de São Francisco, VI/2010, fr., A.C.C. Silva 180 (ASE); Frei Paulo, XI/1981, fl., E.M. Carneiro 200 (ASE); Nossa Senhora da Glória, XI/1981,

¹ Laboratório de Diversidade Vegetal – UFSCar – Sorocaba.

fr., *G. Viana* 190 (ASE); Poço Verde, I/2010, fl., *E.V.R. Ferreira* 24 (ASE); Porto da Folha, IV/2011, fr., *D.G. Oliveira et al.* 134 (ASE); São Cristóvão, VI/2009, fr., *C.R.P. Franco* 5 (ASE).

3.3. *Aspidosperma subincanum* Mart. ex A. DC., Prodr. 8: 397–398. 1844.

Nome popular: quiri-preto

Fig. 1. A-B

Árvore, caule não acanalado, ramos castanho-avermelhados, lenticelados. Folhas congestas; pecíolo 9-11 mm; lâmina amplo-elíptica a obovada, 8,5-10,5-11 x 4,6-6 cm, face adaxial glabra ou pubescente, face abaxial densamente pilosa, pálido-amarelada a cinzenta, ápice agudo a acuminado, base obtusa, decurrente; venação eucamptódroma, nervuras secundárias bifurcadas desde a base em alguns pontos. Inflorescência axilar, subterminal, 3-5 cm; pedúnculo ca. 1,5 cm; pedicelo pubescente, 2-4 mm. Cálice com sépalas ovado-lanceoladas, pilosas, 1,5-2 x 1 mm. Corola branco-amarelada, tubo 3,5-5 x 1 mm; lobos oblíquo-oblongos, 1,5-2x1-1,5 mm. Anteras ca. 1 mm. Ovário piloso, ca. 1 mm; cabeça do estilete ca. 0,5 mm. Folículos piriformes, lenhosos, densamente fulvo-pubescentes a glabros, lenticelados, conspicuamente estipitados, linha ou costa mediana proeminente, 4,8-6,5 x 3,8-4 cm; alas das sementes concêntricas a levemente excêntricas.

Comentários: Esta espécie é reconhecida pelas folhas membranáceas, discolores, congestas nos ramos castanho-avermelhados, além dos folículos com pilosidade ferrugínea. Ocorre em Caatinga no Nordeste do Brasil, Norte de Minas Gerais, e na região chaquenha em Mato Grosso do Sul e Paraguai. Encontrada até então somente na Serra da Guia, constituindo o primeiro registro para o estado. Flores de agosto a março e frutos ao longo de todo o ano.

Material examinado: **BRASIL. Sergipe:** Poço Redondo, XII/2010, veg., *W.J. Machado et al.* 1096 (ASE).

Material adicional examinado: **BRASIL. Ceará:** Crateus, V/2012, fr., *I. Koch* 1016 (CCTS); **Mato Grosso do Sul:** Bonito, XI/2012, fl., *A. Pott et al.* 10650 (CCTS).

4. *Blepharodon* Decne.

*Tatiana U.P. Konno*¹
*Maria Ana Farinaccio*²

Subarbustos volúveis ou eretos, ramos glabros. Folhas opostas, pecioladas, venação broquidódroma. Inflorescências axilares ou subaxilares, alternas, cimeiras corimbiformes.

¹ Universidade Federal do Rio de Janeiro, Núcleo em Ecologia e Desenvolvimento Socioambiental de Macaé (NUPEM/UFRJ).

² Universidade Federal do Mato Grosso do Sul - PPG em Biologia Vegetal.

Sépalas ovais, eretas, com coléteres axilares. Corola alvacenta, lobos patentes ou suberetos. Corona simples, cimiforme, segmentos unidos na base, cuculados, bicornudos ou não. Ginostégio séssil. Anteras quadrangulares a subtrapeziformes; polinário com retináculo maior ou menor que as polínios, caudículas horizontais, providas de membrana reticulada, polínios férteis em toda a sua extensão. Cabeça estigmática mamilada. Folículos lisos e estriados; sementes comosas e verrucosas.

O gênero consta aproximadamente de 34 espécies, em sua maioria da faixa Neotropical, cuja distribuição vai desde a América Central até o norte da Argentina. As espécies brasileiras ocorrem em ambientes diversos, desde o nível do mar até 1800 m. No estado de Sergipe está representado por duas espécies.

Chave para identificação das espécies de *Blepharodon* de Sergipe

1. Lâmina foliar suborbicular, levemente coriácea; inflorescência axilar, subséssil; corona com lobo proximal inflexo **4.1. *B. costae***
1'. Lamina foliar elíptica a oblonga, cartácea; Inflorescência subaxilar, pedúnculo ca. 0,5 cm compr.; corona com lobo proximal ereto **4.2. *B. pictum***

4.1. *Blepharodon costae* Fontella & Morillo, Acta Bot. Venez. 16(2-4):73.1993.

Fig. 2. A-C

Subarbustos volúveis; ramos glabros. Pecíolo 3,0-4,0 mm compr., glabro; lâminas suborbitulares, 3,0-4,0 x 2,0-3,5 cm, glabras em ambas as faces, ápice e base arredondados. Inflorescências axilares, 3-5-floras; pedúnculo inconspícuo. Pedicelos ca. 1,0 cm compr., glabros. Sépalas 0,7-1,2 x 0,7-1,0 mm. Corola alva, subrotácea, lobos triangulares, ca. 2,5 x 2,0 mm, glabros. Corona alvacenta, cuculada, levemente cimiforme, tão longa quanto o ginostégio, lobo proximal inflexo. Anteras subtrapeziformes, asas bem mais longas que o dorso, paralelas, apêndice membranáceo suborbicular, inflexo. Polinário com retináculo oval, caudículos horizontais, membrana reticulada presente, polínios reniformes. Fruto desconhecido.

Comentários: Espécie descrita para o estado da Bahia, ocorrendo em Alagoas e Sergipe. No estado de Sergipe foi coletada no litoral e também na região Agreste Central, na Serra de Itabaiana. Destaca-se por sua folha levemente coriácea, de formato orbicular. Foi coletada com flores no mês de junho.

Material selecionado: **BRASIL. Sergipe:** Areia Branca, VI/2011, fl., *A.B. Andrade* 8 (ASE).

4.2. *Blepharodon pictum* (Vahl.) W.D.Stevens, Novon 10(3): 242. 2000.

Blepharodon nitidum (Vell.) Macbr., Publ. Field Mus. Nat. Hist. Chicago, Bot. Ser., 11(1): 34. 1931.

Fig. 2. D-E

Subarbustos volúveis; ramos glabros. Pecíolo 0,5-1,0 cm, glabrescente; lâminas elípticas a oblongas 3,5-7,5 x 1,0-3,0 cm, glabras em ambas as faces, ápice acuminado, base obtusa. Inflorescências alternas, 3-5-floras; pedúnculo ca. 0,5 cm compr., glabro. Pedicelos 1-1,5 cm compr., glabros. Sépalas 2-2,5 x 1-1,5 mm. Corola alvo-esverdeada, subcampanulada, lobos triangulares, ca. 7,0 x 4,0 mm, pubescentes nas laterais. Corona alvacentá, cuculada, bicornuda, levemente mais alta que o ginostégio, lobo proximal ereto. Anteras subretangulares, asas bem mais longas que o dorso, divergentes na base, apêndice membranáceo, suborbicular, inflexo. Polinário com retináculo oval, caudículos horizontais, membrana reticulada presente, polínios subglobosos. Folículo 1, ovado, longamente acuminado.

Comentários: Apresenta distribuição ampla no Brasil, do Norte da Amazônia até Paraná, em Campos Rupestres, Cerrado, Restingas, Caatinga e Florestas. Floresce e frutifica durante quase todo o ano. Este táxon tem sido tratado erroneamente como *Blepharodon nitidum*.

Material selecionado: **BRASIL. Sergipe:** Areia Branca, XI/2010, fl. fr., M.A. Farinaccio 753 (ASE); Capela, IV/2013, fl., L.A. Gomes 1053 (ASE). Estância, VII/2011, fl., A.P. Prata 2668 (ASE); Itabaiana, VI/2007, fl., M.F.A. Lucena et al. 1796 (UFP 59962); Santa Luzia do Itanhhy, III/2012, fl., fr., L.A. Gomes 345 (ASE). São Cristóvão, VIII/2004, fl. fr., M. Landim 1549 (ASE); Siriri, X/2012, fl., fr., L.A. Gomes 839 (ASE).

5. *Calotropis* R.Br.

Tatiana U.P. Konno¹
Maria Ana Farinaccio²

5.1. *Calotropis procera* (Ait.) R.Br. in Ait.f., Hortus Kew. ed. 2, 2: 78. 1811.

Nome popular: algodão-de-seda, algodão-brabo

Arvoreta ou arbusto ereto, 1-2 m alt., ramos glabros. Folhas opostas, sésseis, lâminas obovais, oblongas, 8-20 x 3,5-12 cm, glabras, ápice acuminado, base cordiforme, venação broquidódroma. Inflorescências axilares, alternas, cimeiras umbeliformes, multifloras; pedúnculo 2,5-4,0 cm compr., glabro. Pedicelos 1,5-2 cm compr., glabros. Sépalas oval-trianguulares, glabras, com coléteres axilares. Corola alva, purpúrea no ápice dos lobos, subrotácea, lobos oval-trianguulares, 9-10 x 5-6 cm, glabros. Corona simples, lobos mais baixos que o ginostégio, bífidos, calcarados na base, ápice truncado ou arredondado, ciliado. Ginostégio séssil. Anteras retangulares, asas mais longas que o dorso, apêndice membranáceo subtriangular. Polinário com retináculo oblongo, caudículos descendentes,

¹ Universidade Federal do Rio de Janeiro, Núcleo em Ecologia e Desenvolvimento Socioambiental de Macaé (NUPEM/UFRJ).

² Universidade Federal do Mato Grosso do Sul - PPG em Biologia Vegetal.

filiformes, polínios claviformes. Ápice do ginostégio pentagonal. Folículo verde, globoso-recurvado, inflado; sementes comosas, ovais.

Comentários: *Calotropis procera* é considerada Pantropical. Ocorre como subespontânea na maioria dos estados brasileiros, do Amapá a São Paulo. Coletada com flores de junho a outubro e em janeiro e frutos nos meses de janeiro, junho e setembro. No estado de Sergipe foi coletada tanto em Caatinga quanto em Restinga. Ilustração em: Rahmann & Wilcock (1991).

Material examinado: **BRASIL. Sergipe:** Canindé de São Francisco, VI/2009, fl. fr., A.C.C. Silva et al. 5 (ASE); Frei Paulo, XI/1981, fl., E.M. Carneiro 105(ASE); Pirambu, VII/2008, fl., C. Calazans et al. 68 (ASE).

6. *Ditassa* R.Br.

Tatiana U.P. Konno¹
Maria Ana Farinaccio²

Subarbustos volúveis, ramos glabros, pubescentes a pilosos. Folhas opostas, pecioladas, venação broquidódroma. Inflorescências subaxilares, alternas ou raramente axilares e opostas, cimeiras umbeliformes ou corimbiformes. Sépalas lanceoladas a ovais, com coléteres axilares. Corola alva a alvo-esverdeada, rotácea a campanulada. Corona dupla, lobos externos geralmente soldados entre si na base, delgados, raramente carnosos, lobos internos geralmente carnosos. Ginostégio séssil. Anteras retangulares, subretangulares a trapeziformes; polinário com retináculo raramente mais longos que as polínios, caudículos planos ou cilíndricos, retos ou sinuosos, providos ou não de membrana reticulada, polínios férteis em toda sua extensão. Ápice do ginostégio com formatos variados, nunca rostrado. Folículos 1-2, fusiformes; sementes comosas e verrucosas.

Gênero da faixa Neotropical, encontrado em quase todos os países da América do Sul, com aproximadamente 100 espécies, das quais 50 têm ocorrência no Brasil. As espécies brasileiras habitam os mais diversos ambientes desde o nível do mar até 2550 m. No estado de Sergipe o gênero está representado por seis espécies.

Chave para identificação das espécies de *Ditassa* de Sergipe

1. Ramos glabros.....2
2. Ramos suberosos na base; folhas hastadas, por vezes triangulares; cimeiras subaxilares e alternas; lobos da corona ultrapassando o ginostégio, membranáceos; folículos não ornamentados na base **6.4. *D. hastata***

¹ Universidade Federal do Rio de Janeiro, Núcleo em Ecologia e Desenvolvimento Socioambiental de Macaé (NUPEM/UFRJ). Email.: tkonno@uol.com.br

² Universidade Federal do Mato Grosso do Sul - PPG em Biologia Vegetal. Email.: mafarinaccio@hotmail.com

2'. Ramos não suberosos na base; folhas geralmente elípticas; cimeiras axilares e opostas; lobos da corola mais baixos que o ginostégio, carnosos; folículos com expansões transversais na base **6.2. *D. crassifolia***

1'. Ramos pubescentes a pilosos, por vezes glabrescentes.....3

3. Ramos inteiramente indumentados.....4

4. Pedúnculo 1,0-3,0 cm de compr.; sépalas levemente curvadas no ápice; lobos da corola barbados na base; polinários com caudículos horizontais, triangulares

..... **6.3. *D. dardanoi***

4'. Pedúnculo inconspícuo; sépalas não curvadas no ápice; lobos da corola inteiramente pubérulo-papilosos; polinários com caudículos sinuosos, cilíndricos **6.5. *D. oxyphyla***

3'. Ramos bilateralmente indumentados.....5

5. Lâmina foliar acastanhada quando seca; corola rotácea, papilosa; lobos internos da corola ultrapassando o ginostégio em altura; anteras com asas mais longas que o dorso; polinários com retináculo oblongo, caudículos retos

..... **6.1. *D. blanchetii***

5'. Lâmina foliar verde-clara quando seca; corola campanulada, glabra; lobos internos da corola mais baixos que o ginostégio; anteras com asas tão longas quanto o dorso; polinários com retináculo linear, caudículos sinuosos

..... **6.6. *D. rotundifolia***

6.1. *Ditassa blanchetii* Decne. in A.DC., Prodr. 8: 575. 1844.

Subarbustos volúveis, ramos bilateralmente pilosos a glabrescentes. Pecíolo 3,0-7,0 mm compr., adaxialmente piloso; lâmina elíptica ou oblonga, 0,7-4,2 x 0,5-1,7cm, ápice arredondado a truncado, mucronado, base cuneada ou arredondada; face adaxial pubescente na nervura principal, face abaxial glabra. Inflorescência subaxilar, alterna, cimeiras umbeliformes, 4-8-floras; pedúnculo ca. 1,0 mm compr., esparsamente piloso a glabrescente. Pedicelos 3,0-4,0 mm compr., glabros. Sépalas ovais, ca. 1,2 x 0,8 mm, inteiramente glabras. Corola alvacenta, rotácea, lobos oval-lanceolados, 2,0-2,2mm compr., face adaxial papilosa nas margens, porção central glabra. Corona alva, mais longa que o ginostégio; lobos externos ovais longamente acuminados, delgados; lobos internos lanceolados, recurvos sobre o ginostégio. Anteras retangulares, asas mais longas que o dorso, apêndice membranáceo suborbicular, inflexo. Polinário com retináculo oblongo, menor que os polínios; caudículos horizontais, levemente planos, membrana reticulada basal presente; polínios oblongos. Ápice do ginostégio umbonado. Folículo 1, hirsuto-tomentoso (*Melo 486*).

Comentários: *Ditassa blanchetii* é uma espécie típica da Restinga, ocorrendo por todo o litoral do Nordeste do Brasil até o Rio de Janeiro, sendo este o primeiro registro da espécie no estado de Sergipe. É por vezes confundida com *Ditassa hispida* (Vell.) Fontella pela semelhança no indumento, especialmente nos frutos e pela coloração acastanhada das folhas quando secas. *D. blanchetii* difere de *D. hispida* principalmente pelas folhas glabras na face abaxial. Coletada com flores em maio. Ilustração em Konno (2005).

Material examinado: **BRASIL. Sergipe:** Japarutuba, VI/1997, fl., *M. Landim.* & *V.M. Schettino* 1245 (ASE).

Material adicional examinado: **BRASIL. Bahia:** Cravolândia, I/1991, fl. fr., *E. Melo* 486 (CEN, UB).

6.2. *Ditassa crassifolia* Decne., in A.DC., Prodr. 8: 576. 1844.

Subarbustos volúveis, ramos glabros. Pecíolo 2,0-4,0 mm compr., adaxialmente pubérulo; lâmina elíptica, obovada ou oblonga, 1,0-4,0 x 0,5-1,5cm, ápice agudo a arredondado, mucronado, base cuneada a aguda, glabra em ambas as faces. Inflorescências axilares, opostas, cimeiras umbeliformes, 5-20-floras; pedúnculo 0,5-1,5 cm compr., delgado, glabro. Pedicelo até 1,0 cm compr., glabro. Sépalas ovais, 0,6-0,8 x ca. 0,5 mm, totalmente glabras. Corola alva, subcampanulada a rotácea, lobos oval-lanceolados, 2,0-2,3 x 0,7-1,0 mm, tomentosos na face adaxial, levemente barbelados junto à fauce. Corona alvacenta; lobos externos oblongos ou espatulados, ápice agudo, carnosos, lobos internos laminares, planos, oblongos ou subulados, ambos mais baixos que o ginostégio. Ginostégio levemente estipitado. Anteras retangulares, asas mais longas que o dorso, apêndice membranáceo suborbicular, inflexo. Polinário com retináculo ovóide, menor ou tão longo quanto os polínios; caudículos horizontais, triangulares, membrana reticulada basal presente; polínios oblongos. Ápice do ginostégio umbonado. Folículos 1-2, expansões transversais na porção seminífera, glabros.

Comentários: *Ditassa crassifolia* tem limite Sul de distribuição no estado do Espírito Santo, sendo bastante comum nas Restingas do estado da Bahia, distribuindo-se ao longo do litoral do Nordeste brasileiro, até o Maranhão. Ocorre preferencialmente em Restinga, raramente em Cerrado. Floresce e frutifica de junho a setembro. Caracteriza-se por suas folhas crassas e glabras, viridescentes e por suas inflorescências geralmente longamente pedunculadas como em *Ditassa banksii*, porém com pedúnculo mais delgado, opostas nas axilas das folhas. Ilustração em Konno (2005).

Material selecionado: **BRASIL. Sergipe:** Areia Branca, VI/2011, fl., *M.A. Farinaccio et al.* 865 (ASE); Barra dos Coqueiros, IV/1997, fl., *M. Landim* 1165 & *E. Santos* (ASE); Capela, VI/2011, fl., *A.P. Prata* 2611 (ASE); Estância, VIII/2011, fl., *L.A.S. Santos et al.* 593 (ASE); Indiaroba, VIII/2012, fr., *M.C.V. Farias et al.* 161 (ASE); Itabaiana, VII/1984, fl., *G. Viana*, 1259 (ASE), Pacatuba, VI/1984, fl., *M.R. Fonseca* 244 (ASE); Pirambu, 10°40'54"S, 36°48'03"W, VI/2012, fl., *A.P. Prata* 2965 et al. (ASE); Santa Luzia do Itanhhy, VII/2010, fl., *A.P. Prata* 2298 (ASE); Santo Amaro das Brotas, VI/2011, fl. fr., *L.A.S. Santos et al.* 566 (ASE); São Cristóvão, VII/2006, fl., *J.E. Nascimento-Júnior* 391 (ASE).

6.3. *Ditassa dardanoi* T.U.P.Konno & Wand., Hoehnea 31(3): 350. 2004.

Fig. 2. F-G

Subarbustos volúveis, ramos pilosos a glabrescentes. Pecíolo 1,0-2,0 mm compr., piloso a glabrescente; lâmina oval ou raramente oblonga, 1,0-2,5 x 0,5-1,3 cm, ápice acuminado, mucronado, base obtusa a truncada, pilosa em ambas as faces. Inflorescências subaxilares, alternas, cimeiras umbeliformes, 2-6-floras; pedúnculo 1,0-3,0 cm compr., piloso. Pedicelos

2,0-5,0 mm compr., pilosos. Sépalas ovais, 1,2-1,5 x ca. 0,5 mm, levemente recurvas no ápice, pilosas. Corola alva, subrotácea, lobos ca. 2,5 x 1,0-1,2 mm, lanceolados, papilosos a barbados no terço inferior adaxial. Corona alva, lobos externos oval-lanceolados, ápice longamente acuminado e ondulado, delgados, mais longos que o ginostégio, lobos internos ovais, acuminados no ápice, inflexos. Ginostégio séssil. Anteras retangulares a obtrapeziformes, asas mais longas que o dorso, apêndice membranáceo suborbicular, inflexo. Polinário com retináculo elipsóide, tão longo quanto os polínios; caudículos horizontais, subtriangulares, membrana reticulada basal presente; polínios oblongos. Ápice do ginostégio cônico. Folículo 1, pubérulo (*Andrade-Lima 79-9575*).

Comentários: *Ditassa dardanoi* se distribui pelos estados de Goiás, Minas Gerais, Bahia, Ceará e Pernambuco, sendo este o primeiro registro para Sergipe. Ocorre em Cerrado, Caatinga e Floresta Atlântica. Coletada com flores em junho.

Material examinado: **BRASIL. Sergipe:** Poço Verde, 10°44'26"S, 38°05'47"W, VI/2011, fl., M.A. Farinaccio et al. 876 (ASE).

Material adicional examinado: **BRASIL. Pernambuco:** Pesqueira, VIII/1979, fl. fr., D. Andrade-Lima 79-9575 (IPA, SP); **Minas Gerais:** Várzea da Palma, XI/1962, fl., A.P. Duarte 7403 (HB, holótipo; RB, SP, SPF, isótipos).

6.4. *Ditassa hastata* Decne. in A.DC., Prod. 8: 575. 1844.

Subarbustos volúveis, ramos suberosos na base, glabros. Pecíolo 0,5-1,5 cm compr., glabro; lâmina hastata, por vezes, triangular, 1,0-3,0 x 0,2-1,0 cm, ápice acuminado, base truncada ou obtusa, glabra em ambas as faces. Inflorescências subaxilares, alternas, cimeiras corimbiformes, 2-10-floras; pedúnculo 0,5-1,5 cm compr., glabro. Pedicelo 3,0-5,0 mm compr., glabro. Sépalas lanceoladas, 0,7-1,0 x 0,4-0,5 mm, totalmente glabras. Corola alvo-esverdeada, subrotácea, lobos oval-lanceolados, 1,7-2,0 x 0,7-1,0 mm, papilosos a pubérulos em direção a fauce. Corona alvacenta, lobos externos ovais, longamente acuminados no ápice, sinuosos, delgados, unidos entre si na base; lobos internos subulados, minutamente denteados no ápice, os externos mais longos que o ginostégio. Ginostégio séssil. Anteras retangulares, asas mais longas que o dorso, apêndice membranáceo suborbicular a subcordiforme, ereto. Polinários com retináculo oblongo, menor que os polínios; caudículos sub-horizontais a curvos, cilíndricos, membrana reticulada basal ausente; polínios oblongos a fusiformes. Ápice do ginostégio subcônico a globoso. Folículo 1, glabro.

Comentários: *Ditassa hastata* é uma espécie que ocorre no Cerrado e na Caatinga. Está presente nos estados de Rondônia, Tocantins, Maranhão, Piauí, Ceará, Paraíba, Pernambuco, Sergipe, Bahia, Goiás, Minas Gerais. Coletada com flores em Sergipe nos meses de fevereiro, abril, outubro e novembro e com frutos de abril. Destaca-se por suas folhas membranáceas, hastadas, que variam amplamente de largura, este caráter é único dentre as *Ditassa*. O caule é suberoso e o látex exala forte odor. Ilustração em

Konno (2005).

Material selecionado: **BRASIL. Sergipe:** Canindé de São Francisco, II/2000, fl., M.F. Sales 1013 (UFP); Poço Redondo, IV/2011, fl., L.A.S. Santos 531 & R.D. Matos (ASE).

6.5. *Ditassa oxyphylla* Turcz., Bull. Soc. Nat. Moscou 21(1): 260, 1848.

Subarbustos volúveis; ramos pubescentes. Pecíolo 4,0-6,0 mm compr., pubescente; lâmina obovado-alongada ou elíptica, 2,0-4,5 x 0,4-1,0 cm, ápice acuminado ou mucronado, base cuneada ou aguda, pilosa em ambas as faces. Inflorescências subaxilares, alternas, cimeiras umbeliformes, 7-8-floras; pedúnculo inconspícuo. Pedicelo 2,0-3,0 mm compr., pubescente. Sépalas lanceoladas, 1,5-2,0 x 0,4-0,6 mm, pubescentes. Corola alva, rotácea, lobos oblongo-lanceolados, levemente torcidos, 2,0-2,5 x 0,7-0,8 mm, pubérulo-papilosos. Corona alvacenta; lobos externos filiformes, delgados, lobos internos filiformes, ambos mais longos que o ginostégio. Ginostégio séssil. Anteras retangulares ou subretangulares, asas mais longas que o dorso, apêndices membranáceos suborbitulares, inflexos. Polinário com retináculo oblongo, menor que os polínios; caudículos sinuosos, cilíndricos, membrana reticulada basal ausente; polínios oblongos a fusiformes. Ápice do ginostégio cônico. Folículo 1, tomentoso a velutino (Konno 2005).

Comentários: Ocorre na Venezuela e Brasil, nos estados de Pernambuco, Alagoas, Sergipe e Bahia, tanto em florestas quanto na Caatinga. Coletada com flores em julho e agosto. Ilustração em Konno (2005).

Material selecionado: **BRASIL. Sergipe:** Indiaroba, VIII/1995, fl., G. Hatschbach 63185 (BHCB, HB, MBM); Salgado, VIII/1982, fl., G. Viana 573 (ASE); Simão Dias, VIII/2010, fl., A.P. Prata 2469 (ASE).

6.6. *Ditassa rotundifolia* (Decne.) Baill. ex K. Schum. in Engl. & Prantl, Naturl.

Pflanzenfam. 4(2): 242. 1895.

Fig. 2. H-J

Erva, prostrada ou volúvel; ramos bilateralmente pubescentes. Pecíolo 1,5-2,5 mm compr., glabro; lâmina elíptica, 0,9-2,0 x 0,4-0,6 cm, ápice mucronado, base cuneada ou aguda, glabrescente em ambas as faces. Inflorescências subaxilares, alternas, bifloras; pedúnculo ca. 1,0 mm compr., glabro. Pedicelo 1,5-2,0 mm compr., pubérulo. Sépalas ovais ca. 1,0 x 0,7 mm, ciliadas nas margens. Corola alva, campanulada, lobos oblongo, 3,5-4,0 x 1,0 mm, glabros. Corona alvacenta; lobos externos lateralmente compressos e espatulados no ápice, mais longos que o ginostégio, lobos internos diminutos. Ginostégio séssil. Anteras subquadrangulares, asas tão longas quanto o dorso, apêndices membranáceos suborbitulares, inflexos. Polinário com retináculo linear, maior que os polínios; caudículos sinuosos, planos, membrana reticulada basal ausente; polínios oblongos a fusiformes. Ápice do ginostégio umbonado. Folículo 1, glabro.

Comentários: Ocorre nos estados de Pernambuco, Sergipe, Bahia. Em Sergipe coletada apenas no município de Itabaiana, em área campestre no alto de serra. Floresce de junho a setembro e frutos verdes foram registrados em agosto. A corola internamente glabra e a corona lateralmente compressa, aliadas à morfologia do polinário, com corpúsculo linear e caudículos fortemente sinuosos, distinguem *Ditassa rotundifolia* das demais espécies do gênero.

Material selecionado: **BRASIL. Sergipe:** Itabaiana, VIII/1998, fl. fr., *M. Landim et al.* 1465 (ASE).

7. *Forsteronia* G. Mey.

*Ingrid Koch*¹

7.1. *Forsteronia affinis* Müll. Arg., Fl. Bras. 6(1): 100, pl. 30. 1860.

Arbusto escandente, látex branco, ramos glabros, lenticelados, coléteres na região nodal. Folhas opostas, dispostas em ramos secundários curtos e opostos; pecíolo 7-10 mm, glabro; lâmina elíptica a oblonga, 9,4-11,4 x 3,7-4,4 cm, 2 coléteres na base, glabras ou com domáceas foveoladas e pilosas na axila das nervuras secundárias e principal na face abaxial, ápice acuminado, base aguda a atenuada; venação eucamptódroma. Inflorescência tirsiforme, terminal ou axilar, multiflora, 1,5-6,5 cm; pedúnculo 14-20 mm, piloso; pedicelo 1,5-2 mm, piloso. Cálice com sépalas ovais, 1-1,5x1 mm, coléteres ausentes na face adaxial. Corola subrotácea, pilosa, alva, tubo ca. 1 mm, lobos 2-3 mm; pré-floração dextrorsa. Ginostégio presente. Anteras parcialmente férteis, exsertas, base truncada, ápice agudo, hialino, piloso, ca. 1,5 mm; pólen não agregado em polínios. Ovário súpero, hemissincárpico, com disco nectarífero na base; estilete 1-1,3 mm, cabeça estigmática fusiforme, com 5 projeções laterais, 1-1,3mm. Folículos cilíndricos, delgados com ápices atenuados, divaricados, glabros, lenticelados, 15-25 x 0,8-1 cm; sementes comosas, levemente achatadas, fusiformes a lineares com superfície costada (descrição dos frutos e sementes adaptada de Hansen 1985).

Comentários: O gênero *Forsteronia* possui ca. 40 espécies de distribuição neotropical. Ocorre em formações de Floresta, Cerrado e Campo Rupestre, com centro de diversidade na região amazônica. *Forsteronia affinis* é amplamente distribuída nas áreas de drenagem do rio Amazonas e até o estado do Mato Grosso e o Pará. Esta espécie foi coletada pela primeira vez no estado, em Restinga, com flores em novembro. Ilustração em Muller (1860).

Material examinado: **BRASIL. Sergipe:** Santa Luzia do Itanhy, XI/1993, fl., *S.C. de Sant'Ana et al.* 473 (ASE).

¹ Laboratório de Diversidade Vegetal – UFSCar – Sorocaba.

8. *Gomphocarpus* R.Br.

*Maria Ana Farinaccio*¹

*Tatiana U.P. Konno*²

8.1. *Gomphocarpus physocarpus* E. Mey., Comm. Pl. Afr. Austr. 202. 1838.

Arbustos eretos; 1-2 m alt., ramos pubescentes, látex branco. Folhas opostas, pecíolo pubescente; lâmina estreitamente elíptica 9-10,5 x 0,9-1,7 cm, glabrescente, ápice acuminado, base atenuada; venação broquidódroma. Inflorescências subaxilares, alternas, cimeiras umbeliformes, 4-8-floras; pedúnculo 0,5-2 cm compr. Pedicelo 1,5-2 cm compr. Cálice com sépalas lanceoladas, internamente glabras, externamente pubescentes, 5 coléteres na base da face adaxial. Corola alva, actinomorfa, rotácea; lobos elípticos, 6-8 x 3-4 mm, deflexos, margem unilateralmente pilosa, no restante glabros, ápice agudo. Corona alva, simples, da mesma altura que o ginostégio, lobos naviculiformes. Anteras retangulares a trapezoidais, asas maiores que o dorso, apêndice membranáceo depressivo-oval. Polinário com retináculo suboblongo, caudículos arqueados, descendentes, edentados, membrana reticulada ausente, polínios descendentes, subdolabriformes. Ovário súpero, glabro, cabeça estigmática crateriforme. Folículos verdes, globosos, inflados, cobertos por cerdas alongadas, 4,5-5 x 4,5-5 cm. Sementes comosas, castanhas, verrucosas.

Comentários: *Gomphocarpus* é de origem africana e apresenta ca. 20 espécies. No Brasil ocorre apenas uma espécie, *G. physocarpus*, considerada naturalizada. Distribuiu-se desde a Paraíba até Santa Catarina. Frequentemente é cultivada como ornamental, principalmente pelos frutos inflados, como acontece em Sergipe. Foi coletada somente em Nossa Senhora das Dores no mês de novembro com flores e frutos. Ilustração em Fournier (1885) como *Gomphocarpus brasiliensis* E.Fourn.

Material examinado: **BRASIL. Sergipe:** Nossa Senhora das Dores, XI/1985, fl. fr., *G. Viana* 1293 (ASE).

9. *Hancornia* Gomes

*Carolina Oliveira do Vale*³

*Maria Ana Farinaccio*⁴

9.1. *Hancornia speciosa* Gomes, Mem. Math. Phis. Acad. Real Sci. Lisboa 2: 1., pl. 1803.

Nome popular: mangaba

Fig. 6. F-H

¹ Universidade Federal do Mato Grosso do Sul - PPG em Biologia Vegetal. Email: mafarinaccio@hotmail.com

² Universidade Federal do Rio de Janeiro, Núcleo em Ecologia e Desenvolvimento Socioambiental de Macaé (NUPEM/UFRJ). Email: tkonno@uol.com.br

³ Universidade Federal de Sergipe - Herbário ASE. Email: oliveiradovale.bio@gmail.com

⁴ Universidade Federal do Mato Grosso do Sul - PPG em Biologia Vegetal. Email: mafarinaccio@hotmail.com

Árvore até 6m alt.; ramos acizentados e glabros, látex branco. Folhas opostas, geralmente decíduas, pecíolo 5-12 mm, glabro; lâmina oblonga, oblongo-elíptica a elíptica, ápice acuminado, cuspidado a mucronulado, base arredondada a atenuada, 2,3-6,2 x 1,17-3 cm, glabra; venação broquidódroma. Inflorescência axilar, 1-5 flora; pedúnculo pubescente, 2,8-16,2 mm. Flores alvas, 31-40 mm; pedicelo pubescente, 3,5-14,8 mm. Cálice com sépalas pubescentes nas margens, glabras internamente, ovais, 1,2-2,7 x 0,8-1,6 mm. Corola hipocrateriforme, tubo 18,8-38,3 x 3 mm; lobos oblongos, 10-14 x 3 mm. Ginostégio ausente. Estames inclusos, anteras totalmente férteis, base cordada; pólen não agregado em polínios. Ovário súpero; sincárpico, cabeça estigmática capitada, bifida. Baga, arredondada, amarelo-esverdeada com máculas ferrugíneas a avermelhadas quando maduro, 18-29 mm.

Comentários: *Hancornia* é um gênero monotípico, ocorre no Paraguai e Brasil, onde é amplamente distribuído e está representada em todas as regiões em uma diversidade de habitats. *Hancornia speciosa* é a planta símbolo do estado de Sergipe onde ocorre preferencialmente em Florestas de Tabuleiro. O fruto é muito apreciado pelas populações locais, sendo utilizado para fins alimentícios. Coletada com flores de fevereiro a dezembro e com frutos de janeiro a dezembro.

Material selecionado: **BRASIL. Sergipe:** Aracaju, VIII/2008, fl., *E. Matos et. al.* 161 (ASE); Areia Branca, IV/2009, fr., *J.S. Lima* 58 (ASE); Barra dos Coqueiros, XII/2010, fl., *J.E. Nascimento-Junior et. al.* 728 (ASE); Estância, VI/1994, fr., *L.A. Mattos Silva et. al.* 3017 (CEPEC); Indiaroba, I/2011, fr., *A.D.C. Santos* 1 (ASE); Itaporanga d'Ajuda, VII/2008, fr., *A.P. Prata* 1439 (ASE); Japarutuba, II/2011, fl. fr., *M.A. Farinaccio et.al.* 806 (ASE); Pirambu, IV/2011, fl. fr., *D.M. Oliveira* 60 (ASE); Santa Luzia do Itanhy, XI/2011, fl. fr., *L.A. Gomes et. al.* 263 (ASE); Santo Amaro das Brotas, III/2011, fr., *J.E. Nascimento-Junior et. al.* 832 (ASE); São Cristóvão, VI/2009, fr., *C.R.P. Franco* 6 (ASE); São Domingos, IV/2006, fr., *A.C.C. Silva et. al.* 17 (ASE).

10. *Himatanthus* Willd. ex Schult.

*Daniele Almeida Campos*¹

*Maria Ana Farinaccio*²

Árvores, arbustos, ou arvoretas, látex branco; ramos suberosos a lisos. Folhas congestas no ápice dos ramos, alternas, pecioladas a subsésseis, espiraladas, venação broquiodódroma. Inflorescência terminal, articulada, tipo cincinio dicotômico; brácteas largas, foliáceas, envolvendo duas flores ("geminadas") e um botão, vários coléteres na base da face adaxial. Flores alvas, amarelas, na fauce, actinomorfas, hipocrateriforme. Cálice com 1-5 sépalas desiguais, sem coléteres na base da face adaxial; corona ausente. Corola sinistrorsa, hipocrateriforme, tubo provido de apêndices supra-estaminiais internamente,

¹ Universidade Federal de Sergipe - Herbário ASE. Email: daniufs08@bol.com.br

² Universidade Federal do Mato Grosso do Sul - PPG em Biologia Vegetal. Email: mafarinaccio@hotmail.com

lobos franjados. Ginostégio ausente. Estames inclusos, anteras totalmente férteis, base cordada pólen não agregado em polínios. Ovário semi-ínfero, hemissincárpico, disco nectarífero ausente, cabeça do estilete fusiforme. Folículos, 2, apocárpico, fusiformes; sementes aladas, orbiculares.

Esse gênero é restrito aos Neotrópicos. Possui 13 espécies, todas ocorrem no Brasil. Em Sergipe ocorrem 2 espécies, aparecendo em quase todos os habitats, com exceção da Caatinga. É muito semelhante a *Plumeria* da qual difere pelas brácteas foliáceas vistosas neste último.

Chave para identificação das espécies de *Himatanthus* de Sergipe

1. Folhas ovais a oblanceoladas e pecioladas (entre 9-32 mm) **10.1. *H. bracteatus***
1'. Folhas obovadas a elípticas, com pecíolos sésseis ou subsésseis **10.2. *H. obovatus***

10.1. *Himatanthus bracteatus* (A. DC.) Woodson, Ann. Missouri Bot. Gard. 25: 200. 1938; Plumel, Bradea 5(Supl.): 30. 1991.

Nome popular: cajueiro-bravo, pau-de-leite, bumba-boi e cajueiro branco.

Arbustos, arvoretas ou árvores, até 5 m alt. Folhas pecioladas, pecíolo glabro, 9-32(-37,5) mm; lâmina oval a oblanceolada, ápice arredondado a acuminado, base atenuada, 11-16,5 x 4-7 cm., glabra. Inflorescência terminal, multiflora, pedúnculo 1,6-7,6 mm; brácteas (7-)18-22 x 6-12(-26) mm. Flores 3,3-5,2 cm, pedicelo 3,2-7,9(-9,1) mm. Cálice com sépalas ovais, 1-2 mm. Corola, tubo 15-24 x 1,5-3,5 mm, lobos oblanceolados, 27-35 x 5-10 mm. Estames com anteras de ápice acuminado, base truncada a ligeiramente cordada. Ovário glabro, 1,6 mm, ovóide, estilete 1,87mm. Folículos, 2, lenhosos, opostos, castanho-escuros, 14-20 x 1,5-3,5 cm; sementes aladas, 2-2,5 x 1,5cm, com ala concêntrica.

Comentários: *Himatanthus bracteatus* ocorre exclusivamente no Brasil, no Nordeste e Sudeste. No estado floresce o ano inteiro e foi coletada com frutos nos meses de fevereiro, maio, agosto, setembro e novembro. Ilustração em Spina (2004).

Material selecionado: **BRASIL. Sergipe:** Areia Branca, XI/1997, fl., *A. Vicente* 59 (ASE); Capela, IX/1981, fl., *G. Viana* 54 (ASE); Cristinápolis, III/1995, fl., *M.F.L. Souza* 271 (ASE); Estância, XII/2009, fl., *C. Calazans et al.* 501 (ASE); Indiaroba, I/2007, fl., *C. Gomes et al.* 3 (ASE); Itaporanga d'Ajuda, III/2007, fl., *J.F. Melo et. al.* 31 (ASE); Japarutuba, XI/2007, fr., *A.V. Santos & E. Santos* 43 (ASE); Pirambu, IV/2012, fl., *M.C.V. Farias et al.* 63 (ASE); Salgado, XII/2009, fl., *D.G. Oliveira et al.* 49 (ASE); Santa Luzia do Itanhy, I/1996, fl., *D.C. Moura et. al.* 809 (ASE); Santo Amaro das Brotas, I/1992, fl., *C. Farney & J.C. Gomes* 3005 (ASE); São Cristóvão, VIII/1997, fr., *M. Landim et al.* 1296 (ASE); Tobias Barreto, III/1983, fl., *E.M. Carneiro* 664 (ASE); Umbaúba, XI/2011, fr., *L.A.S. Santos et al.* 668 (ASE).

10.2. *Himatanthus obovatus* (Müll. Arg.) Woodson, Ann. Missouri Bot. Gard. 25:201. 1938; Plumel, Bradea 5(supl.): 10. 1991.

Nome popular: cajueiro-bravo, pau-de-leite, bumba-boi, cajueiro branco
Arvoretas ou árvores, até 10 m alt. Folhas sésseis ou subsésseis, pecíolo glabro, 3-13(-16) mm; lâmina obovada a elíptica, ápice mucronado, arredondado a acuminado, base atenuada, 13,7-21,5 x 6,1-10,2 cm, glabra a velutina na face adaxial e glabra na face abaxial. Inflorescência terminal, multiflora; pedúnculo 12,1-55(-63,3) mm; brácteas 19-23 x 7-8 mm. Flores 3,1-7 cm, pedicelo 6-11 mm. Cálice com sépalas ovais, 2 x 1,5 mm. Corola, tubo 23-25 x 1,3-2,9 mm, lobos oblanceolados, 17-35 x 5-10 mm. Estames com anteras de ápice acuminado, base truncada a ligeiramente cordada. Ovário, glabro, 2,2 mm, ovóide, estilete 2,2 mm. Folículos, 2, lenhosos, opostos, castanho-escuros, 13-15 x 2-2,8 cm. Sementes não vistas.

Comentários: Ocorre no Brasil e na Bolívia. Numa mesma população ocorrem indivíduos glabros e velutinos, sendo assim essa plasticidade foliar não está relacionada à variação ambiental. Floresce nos meses de janeiro, março, maio e agosto. Frutos encontrados nos meses de janeiro, maio e agosto. Ilustração em Spina (2004).

Material selecionado: **BRASIL. Sergipe:** Areia Branca, IV/2012, fl. *D.A. Campos & E. Santos 84* (ASE); Japarutuba, III/2009 (fl.), *C.M. Donádio 9* (ASE); Laranjeiras, III/1982, fl., *E. Gomes 5* (ASE); Neópolis, V/1992, fl., *F. Esteves 7723* (ASE); Nossa Senhora do Socorro, IX/2012, fr., *T.R. Silva et. al. 31* (ASE); Pacatuba, II/2012, fl., *F. Santos & F.M.S. Santos 13* (ASE); Pirambu, V/2012, fl. *A.P. Prata 3021*(ASE); Siriri, V/2012, fl., *L.A. Gomes et. al. 927* (ASE).

11. *Macoubea* Aubl.

*André O. Simões*¹

11.1. *Macoubea guianensis* Aubl., Hist. Pl. Guiane 2 (Suppl.)17-18, t. 378. 1775
Árvore, ca. 4m alt., látex branco. Folhas opostas; pecíolo glabro; lâmina largo-elíptica, 9,4-12,8 x 6,4-8,7 cm, glabra, ápice truncado, base atenuada; nervação broquidódroma. Inflorescências terminais, cimosas, multifloras; pedúnculo 6-21 mm compr. Pedicelo 4-5 mm compr. Cálice com sépalas ovais, 2 x 1,7-2 mm, com coléteres opostos na base. Corola alva, actinomorfa, hipocrateriforme, pré-floração sinistrorsa, tubo 6-7 x 3,5 mm, lobos oblongo-oblíquos, 4-6 x 2 mm. Ginostégio ausente. Anteras parcialmente férteis, inclusas, 3,5-4 mm compr.; pólen não agregado em polínios. Ovário súpero, hemissincárpico, quadrangular, sem nectários na base, 2,7-3 mm compr.; cabeça estigmática obcônica, 2 mm compr. Mericarpos indeiscentes, do tipo baga, lenhosos, geralmente 1, raro 2, globosos a trapezoides, 5-7 cm diâm.; sementes oblongo-elípticas, 16-20 x 0,5-8 mm, recobertas por substância viscosa transparente.

Comentários: Gênero com três espécies, duas destas (*M. guianensis* e *M. sprucei* (Müll. Arg.) Markgr.) ocorrendo na Amazônia brasileira e uma terceira (*M. mesoamericana* J.F. Morales) restrita à América Central. *Macoubea guianensis* apresenta distribuição disjunta no Norte da América do Sul (estados do Acre, Amapá, Amazonas e Pará, e também na

Guiana, Guiana Francesa e Suriname), em Floresta Amazônica, e na Floresta Atlântica de encosta do Nordeste brasileiro (BA e SE). O presente trabalho representa o primeiro registro da espécie para o estado de Sergipe, tendo sido coletada com flores em outubro. Ilustração em Müller (1860).

Material examinado: **BRASIL. Sergipe:** Itabaiana, X/1981, fl., *E.M. Carneiro 119* (ASE).

Material adicional examinado: **BRASIL. Espírito Santo:** Conceição da Barra, IX/1992, fl., *I.J. Pereira et al. 3845* (UEC, VIES).

12. *Malouetia* A.DC.

André O. Simões

12.1 *Malouetia cestroides* (Nees ex Mart.) Müll.Arg., Fl. Bras. 6(1): 94. 1860. Syn: *Malouetia arborea* (Vell.) Miers, Apocyn. S. Am. 89. 1878.

Fig. 3. D-E

Árvore, ca. 6,5m alt.; ramos glabros; látex branco. Folhas opostas; pecíolo glabro; lâmina elíptica, 7,7-8,7 x 2,9-3,3 cm, glabra, face abaxial com domácias foveoladas, ápice agudo a acuminado, base atenuada, venação broquidódroma. Inflorescências umbeliformes, axilares, 10-30-floras; pedúnculo 1-5 mm compr. Pedicelo 8-15 mm compr. Cálice com sépalas oblongo-ovais, 4;-5 x 1-2mm, com 5 coléteres alternos na base. Corola alva, actinomorfa, hipocrateriforme, pré-floração dextrorsa, tubo 7-10 x 1-2 mm, lobos obovado-oblíquos, 4-8 x 1,5-3 mm. Ginostégio presente. Anteras parcialmente férteis, asas um pouco maiores que o conectivo, 2-3mm, parcialmente exsertas; pólen não agregado em polínios. Ovário súpero, hemissincárpico, ca. 1,5mm, com disco nectarífero pentalobado; cabeça estigmática fusiforme, 0,7-1 mm compr. Folículos 2, castanhos, divergentes, 8-9,5 x 0,6-0,7 cm; sementes 3-4 cm compr., pubescentes em toda a sua extensão.

Comentários: Gênero com 19 espécies e centro de diversidade na Região Amazônica, onde geralmente ocorre em Floresta de Igapó. No Brasil há 14 espécies, das quais apenas uma, *M. cestroides*, ocorre na região Nordeste, sendo o primeiro registro da mesma para o estado de Sergipe. A espécie foi coletada apenas com frutos em junho.

Material examinado: **BRASIL. Sergipe:** Santa Luzia do Itanhy, VI/1997, fr., *M. Landim 1277* (ASE).

Material adicional examinado: **BRASIL. São Paulo:** Cananéia, XII/1979, fl., *H.F. Leitão-Filho 10761* (UEC); Iguape, XII/1990, fl., *I. Cordeiro et al. 747* (SP, UEC); Pariquera-Açu, II/1995, fl., *L. Sakai et al. 33369* (UEC).

¹ Departamento de Biologia Vegetal - Instituto de Biologia - Unicamp. Email: andreosimoes@gmail.com

¹ Departamento de Biologia Vegetal - Instituto de Biologia - Unicamp. Email: andreosimoes@gmail.com

13. *Mandevilla* Lindl.

J. Francisco Morales¹

Andre O. Simões²

Arbustos, subarbustos, lianas ou ervas; látex branco. Folhas opostas, com coléteres ao longo da nervura primária ou restritos à base; venação broquidódroma. Inflorescências terminais ou axilares, racemosas. Cálice com sépalas ovais a lanceoladas, com coléteres adaxiais na base, alternos ou opostos às sépalas. Corola amarela, rósea ou vinácea, actinomorfa a zigomorfa, hipocrateriforme ou infundibuliforme, pré-floração dextrorsa. Ginostégio presente. Anteras parcialmente férteis, asas maiores que o conectivo, inclusas; pólen não agregado em polínios. Ovário súpero, hemissincárpico, com nectários em forma de disco ou com dois lobos alternos; cabeça estigmática com cinco projeções longitudinais pronunciadas. Folículos 2, lanceolados ou fusiformes, lisos a indumentados; sementes comosas.

Maior gênero da subfamília Apocynoideae com ca. 165 espécies neotropicais, a maioria na América do Sul. Para o Brasil são registradas 67 espécies (42 endêmicas), das quais cinco ocorrem no estado de Sergipe.

Chave para identificação das espécies de *Mandevilla* de Sergipe

1. Coléteres foliares ao longo da nervura primária; tubo da corola levemente giboso na base.....2
2. Pedicelo 5-10 mm compr.; brácteas petalóides, 10-14 x 3-5,5 mm; sépalas 4-7 x 1,5-2,5 mm **13.1. *M. hirsuta***
- 2'. Pedicelo 1-4 mm compr.; brácteas escariosas, 4-5 x 1-1,5 mm; sépalas 2-3 x 1,1-1,5 mm **13.4. *M. scabra***
- 1'. Coléteres foliares agrupados na base da nervura central; tubo da corola não giboso.
3. Lâmina foliar cordada na base; corola amarela; folículos 17-24 cm compr **13.2. *M. microphylla***
- 3'. Lâmina foliar aguda, atenuada ou cuneada na base; corola rosada, vinácea, rósea, branco-rósea ou quase alva; folículos 3-14,5 cm compr.....4
4. Erva ou subarbusto; pecíolo 1-2 mm compr.; lâmina 0,2-0,5 cm larg.; sépalas 2,5-3 mm compr.; corola hipocrateriforme; anteras ca. 3 mm compr..... **13.5. *M. tenuifolia***
- 4'. Liana, volúvel; pecíolo 2-6 mm compr.; lâmina 2-3,1 cm larg.; sépalas 4-5,5 mm compr.; corola infundibuliforme; anteras 5-6 mm compr. **13.3. *M. moricandiana***

13.1. *Mandevilla hirsuta* (Rich.) K. Schum. *in* Engler & Prantl, Nat. Pflanzenfam. 4(2): 171. 1895.

¹ University of Bayreuth – Germany. Email: drjfranciscomorales@gmail.com

² Departamento de Biologia Vegetal - Instituto de Biologia – Unicamp. Email: andreosimoes@gmail.com

Liana; ramos pilosos ou tomentosos. Pecíolo tomentoso; lâmina elíptica a oblongo-elíptica, 8,5-12,5 x 3,7-5,8 cm, pilosa em ambas as faces, com coléteres ao longo da nervura primária, ápice acuminado, base cordada. Inflorescências axilares, 10-20-floras; pedúnculo 17-35 mm compr. Pedicelo 5-10 mm compr.; brácteas petalóides, 10-14 x 3-5,5 mm. Cálice com sépalas ovado-lanceoladas, 4-7 x 1,5-2,5 mm, com um coléter oposto na base. Corola amarela com a garganta vermelha, infundibuliforme, pilosa, tubo inferior levemente giboso, 27-32 x 2,5-5,5 mm, tubo superior obcônico, 15-19 x 13-17 mm, lobos oblíquo-obovados, 20-27 x 20-24 mm. Anteras 4,5-5 mm compr. Ovário glabro, disco pentalobado; cabeça do estilete ca. 2 mm compr. Folículos torulosos, tomentosos, 11,5-15 x 3-5 mm; sementes 7-9 mm compr.

Comentários: *Mandevilla hirsuta* é muito similar a *M. Scabra* (Hoffmanns. ex Roem. & Schult.) K. Schum., diferindo desta pelas brácteas petalóides (vs. escariosas) e sépalas maiores. É a espécie de mais ampla distribuição do gênero, ocorrendo em toda a América Central e do Sul. No Brasil, ocorre em formações de Floresta, Cerrado e Campo Rupestre. No estado de Sergipe, indivíduos em florescimento foram encontrados nos meses de julho, outubro e novembro, e com frutos em julho. Ilustração em Müller (1860).

Material examinado: **BRASIL. Sergipe:** Estância, VII/2011, fl. fr., A.P. Prata et al. 2680 (ASE); Itabaiana, X/1982, fl., G. Viana 656 (ASE); Nossa Senhora do Socorro, IX/1981, fl., E.M. Carneiro 92 (ASE).

13.2. *Mandevilla microphylla* (Stadelm.) M. F. Sales & Kin.-Gouv., Iheringia, Bot. 64: 68. 2009.

Liana; ramos pubérulos a glabros. Pecíolo pubérulo, com um tufo de tricomas hirsutos na base; lâmina oval ou ovado-elíptica, 3,5-5,1 x 2-3,9 cm, glabra, com 2 coléteres na base da nervura central, ápice acuminado, base cordada. Inflorescências axilares, 8-15-floras; pedúnculo 2-5 mm compr. Pedicelo 5-14 mm compr.; brácteas escariosas, 0,8-1,5 x 0,5-1 mm. Cálice com sépalas ovais, 1,5-2 x 1,1-1,5 mm, com um coléter oposto na base. Corola amarela, infundibuliforme, esparsamente pubérula a glabra, tubo inferior reto, 20-28 x 3-4 mm, tubo superior obcônico, 18-25 x 16-22 mm, lobos obovado-oblíquos, 25-32 x 20-28 mm. Anteras ca. 7 mm compr. Ovário glabro, disco nectarífero pentalobado; cabeça do estilete ca. 2 mm compr. Folículos levemente torulosos, glabros, 17-24 x 0,3-0,4 cm.; sementes 8-10 mm compr.

Comentários: Espécie de distribuição restrita ao Nordeste do Brasil, nos estados da Bahia, Paraíba, Pernambuco e Sergipe. Ocorre tanto em Caatinga quanto em Restinga e Floresta Atlântica. A espécie é bastante similar à *M. funiformis* (Vell.) K. Schum. e *M. Guanabara* Casar. ex M.F. Sales, Kin.-Gouv. & A.O. Simões, distinguindo-se pelos ramos mais grossos e lenhosos, pelos tufos de tricomas no pecíolo, estendendo-se por vezes até a base da lâmina foliar, pelas folhas coriáceas de maiores dimensões e pela corola com tubo inferior não giboso com o mesmo comprimento ou maior do que o tubo superior. No estado de Sergipe, a espécie floresce e frutifica durante tudo o ano. Ilustração em Sales (1993).

Material selecionado: **BRASIL. Sergipe:** Areia Branca, XI/2010, fl., fr., *M.A. Farinaccio et al. 760* (ASE); Ilha das Flores, IX/1982, fl., *Marlucia 10* (ASE); Itabaiana, XII/2011, fl. fr., *D. Araújo & G.M.A. Matos 1961* (ASE); Japarutuba, IX/1995, fl., *M. Landim et al. 602* (ASE); Nossa Senhora da Glória, VIII/1982, fl., *E. Gomes 112* (ASE); Pacatuba, VI/1984, fl., *M.C. Santana 246* (ASE); Pirambu, XI/1974, fl., *A.C.C. Barreto s.n.* (ASE 124); Poço Redondo, III/2009, fl. fr., *J.E. Nascimento-Júnior 575* (ASE); Poço Verde, I/2010, fl. fr., *E.V.R. Ferreira 23* (ASE); Tobias Barreto, IX/1981, fl., *E.M. Carneiro 94* (ASE).

13.3. *Mandevilla moricandiana* (A. DC.) Woodson, Ann. Missouri Bot. Gard. 20: 705. 1933. Liana; ramos glabros, às vezes com projeções espinoscentes na região nodal. Pecíolo glabro; lâmina elíptica, 2,8-4,5 x 2-3,1 cm, glabra, com 2-3 coléteres na base da nervura central, obovada ou orbicular, ápice mucronado a acuminado, base aguda ou atenuada. Inflorescências axilares, 2-6-floras; pedúnculo 15-25 mm compr. Pedicelo 7-11 mm compr.; brácteas escariosas, 1,5-2,5 x 0,5-1 mm. Cálice com sépalas lanceoladas, 4-5,5 x 0,5-1 mm., com coléteres alternos. Corola rósea, branco-rósea ou quase alva, infundibuliforme, glabra, tubo inferior cilíndrico, 13-16 x 2-3 mm., tubo superior estreito-cônico, 15-20 x 6-7 mm, lobos oblíquo-obovados, 25-32 x 19-25 mm. Anteras 5-6 mm. Ovário glabro, nectários dois; cabeça do estilete ca. 2 mm. Folículos torulosos, glabros, 8-14,5 x 0,3-0,4 cm; sementes 6-8 mm.

Comentários: Espécie encontrada em Restinga nos estados de Alagoas, Bahia, Ceará, Paraíba, Pernambuco, Rio Grande do Norte, Sergipe e Rio de Janeiro. Na Bahia, também ocorre em Campo Rupestre na Chapada Diamantina, e em Pernambuco também pode ser encontrada em Floresta de Tabuleiro. No estado de Sergipe, floresce durante tudo o ano. Espécimes em frutificação foram coletados em janeiro, maio e agosto. Ilustração em Sales (1993) e Watanabe et al. (2009).

Material selecionado: **BRASIL. Sergipe:** Areia Branca, VI/2010, fl., *R. Simão-Bianchini et al. 1764* (ASE); Estância, IV/2008, fl., *C.S. Santos 137* (ASE); Ilha das Flores, IX/1981, fl., *G. Viana 160* (ASE); Itabaiana, X/2007, fl., *K. Mendes et al. 92* (ASE, UFP); Itaporanga d'Ajuda, I/2008, fl., *S.M. Costa et al. 216* (ASE); Pirambu, VI/2011, fl., fr., *M.C. Santana et al. 914* (ASE); Santo Amaro das Brotas, VI/2006, fl., *J.E. Nascimento-Júnior et al. 1079* (ASE).

13.4. *Mandevilla scabra* (Hoffmanns. ex Roem. & Schult.) K. Schum. in Engler & Prantl, Nat. Pflanzenfam. 4(2): 171. 1895.

Liana; ramos glabros a pubescentes. Pecíolo glabro a pubescente; lâmina elíptica a ovado-elíptica, 5,6-10,5 x 2,8-5,5 cm, glabra a tomentosa, com coléteres ao longo da nervura primária, ápice acuminado, base cordada. Inflorescências axilares, 8-20-floras; pedúnculo 10-22 mm compr. Pedicelo 1-4 mm compr.; brácteas escariosas, 4-5 x 1-1,5 mm. Cálice com sépalas ovais, 2-3 x 1,1-1,5 mm, com um coléter oposto na base. Corola amarela, infundibuliforme, glabra a pilosa, tubo inferior levemente giboso, 20-25 x 3-4 mm, tubo superior largo-cônico, 18-25 x 15-19 mm, lobos oblíquo-obovados, 22-27 x 20-

24 mm. Anteras ca. 5,5 mm compr. Ovário glabro, disco nectarífero pentalobado; cabeça do estilete ca. 2 mm compr. Folículos torulosos, glabros, 10-15 x 2-4 cm; sementes 10-12 mm compr.

Comentários: Espécie de ampla distribuição no território brasileiro e facilmente confundida com *M. hirsuta* (Rich.) K. Schum., da qual difere pelas brácteas escariosas e sépalas diminutas. No estado de Sergipe, a espécie floresce durante tudo o ano. Indivíduos em frutificação foram coletados em junho e outubro. Ilustração em Watanabe et al. (2009).

Material selecionado: **BRASIL. Sergipe:** Aracaju, IX/2005, fl., *L.M.O. Rodrigues et al. 04* (ASE); Areia Branca, II/2008, fl., *J.E. Nascimento-Júnior 231* (ASE); Barra dos Coqueiros, VI/1995, fl., *M. Landim 424* (ASE); Capela, X/2008, fl., *A.C.C. Silva 194* (ASE); Estância, IX/2009 (fl.), *A.P. Prata et al. 1676* (ASE); Itaporanga d'Ajuda, IV/2008, fl., *C. Calazans et al. 26* (ASE); Japarutuba, VI/2006, fl., *L.M.O. Rodrigues et al. 72* (ASE); Lagarto, VIII/2010, fl., *L.A.S. Santos 315* (ASE); Monte Alegre de Sergipe, VIII/1978, veg., *M.R. Fonseca et al. s.n.* (ASE 634); Salgado, X/1981, fl. fr., *M.N. Almeida 18* (ASE); Riachuelo, VIII/1982, fl., *E. Gomes 119* (ASE); Santa Luzia do Itanhhy, XI/1993, fl., *A.M. Amorim et al. 1493* (CEPEC, NY); São Cristóvão, VI/2010, fl., *D.S. Melo et al. 99* (ASE); Simão Dias, IV/2010, fl., *T. Carregosa-Silva et al. 51* (ASE).

13.5. *Mandevilla tenuifolia* (J. C. Mikan) Woodson, Ann. Missouri Bot. Gard. 20(4): 679. 1933.

Erva ou subarbusto, 15-50 cm; ramos pubérulos. Pecíolo pubérulo; lâmina linear, 2,2-4,3 x 0,2-0,5 cm, puberulenta abaxialmente, com 1-2 coléteres na base da nervura primária, ápice agudo ou acuminado, base cuneada ou atenuada. Inflorescências axilares, 3-12-floras; pedúnculo 2-22 cm compr. Pedicelo 7-10 mm compr.; brácteas escariosas, 1,5-4 x 1-1,5 cm. Cálice com sépalas linear-ovais a ovado-lanceoladas, 2,5-3 x 1,3-1,5 mm, com coléteres alternos na base. Corola rosada a vinácea, hipocrateriforme, glabra, tubo reto, 14-18 x 1,5-2,5 mm, lobos oblíquo-obovados, 6-11 x 4-7 mm. Anteras ca. 3 mm compr. Ovário glabro, com dois nectários na base; cabeça do estilete ca. 1 mm compr. Folículos torulosos, esparsamente pubérulos, 3-7,5 x 0,2-0,3 cm; sementes 5-6,5 mm compr.

Comentários: Espécie altamente polimórfica quanto ao hábito, altura e forma das folhas. No Brasil, a espécie está amplamente distribuída pelo Nordeste, Centro-Oeste, Sudeste e Sul, em formações de Cerrado e Caatinga, com ocorrência disjunta em manchas de Cerrado na amazônia e no escudo das Guianas. Os exemplares coletados no estado de Sergipe apresentam hábito subarbuscivo a lianescente e folhas lineares de textura subcoriácea. O período de florescimento ocorre de novembro até maio, sendo que espécimes com frutos foram coletados de fevereiro a abril. Ilustração em Müller (1860).

Material selecionado: **BRASIL. Sergipe:** Areia Branca, V/2008, fl., fr., *S.M. Costa et al. 358* (ASE 14160); Itabaiana, XII/1985, fl., *E. Gomes 234* (ASE); São Domingos, IV/2006, fl. fr., *A.P. Prata et al. 1185* (ASE).

14. *Marsdenia* R. Br.

Maria Ana Farinaccio¹

Tatiana U.P. Konno²

Subarbustos voluvéis, lenhosos na base, ramos glabros a indumentados, em geral corticosos, látex branco. Folhas opostas, pecioladas, venação broquidódroma. Inflorescências subaxilares, alternas, cimeiras umbeliformes, congestas, ca. 20 floras. Cálice com sépalas lanceoladas, internamente glabras, externamente tomentosas, 1 coléter axilar adaxial. Corola vinácea a esverdeada, actinomorfa, urceolada, lobos oblongos, agudos no ápice. Corona simples, lobada. Anteras quadrangulares, apêndice membranáceo oval-lanceolados. Polinários com retináculo linear, bem menor que os polínios, caudículos filiformes, ascendentes, edentadas, membrana reticulada ausente, polínios ascendentes, clavados, uniformes. Ovário súpero, glabro, cabeça estigmática mamilada. Folículos cilíndricos ou elipsóides, lisos, indumentados; sementes comosas.

As ca. 300 espécies de *Marsdenia* distribuem-se nas regiões tropicais e subtropicais do mundo. No Brasil, ocorrem 35 espécies em uma grande diversidade de habitats, em altitudes que variam desde o nível do mar até 1500 m. Todas exibem flores com polínios ascendentes o que facilita o reconhecimento do gênero no Brasil, já que é o único representante da subtribo Marsdenieae. Em Sergipe duas espécies estão representadas, *M. altissima* e *M. hilariana*.

Chave para identificação das espécies de *Marsdenia* de Sergipe

1. Ramos velutino-tomentosos; lâmina oval a arredondada, vilosa, base reniforme a cordada; fruto viloso **14.1. *M. altissima***
- 1'. Ramos glabros a glabrescentes; lâmina elíptica, glabra, base cuneada a arredondada; fruto glabro **14.2. *M. hilariana***

14.1. *Marsdenia altissima* (Jacq.) Dugand, Mutisia 9: 1. 1952.

Nome popular: cunhão-de-boi

Subarbusto, volúvel; ramos velutino-tomentosos, muitas vezes corticosos na base. Pecíolo velutino; lâmina oval a arredondada, 6,5-13 x 6-10,5 cm, vilosa em ambas as faces, ápice acuminado a cuspidado, base reniforme a cordada. Cimeiras umbeliformes; pedúnculo ca. 6 mm compr. Pedicelo ca. 5 mm. Corola esverdeada, vinácea na fauce; lobos largamente oblongos, ca. 3 x 2 mm, patentes, face adaxial glabra, face abaxial pubescente. Corona creme, lobos oblongos, ápices agudos, mais baixos que o ginostégio. Folículos verdes a amarelados, até amarronzados, cilíndricos, vilosos, 15-17 cm compr.;

sementes castanhas, lisas.

Comentários: Espécie de ampla distribuição geográfica, se estendendo da Colômbia ao norte da Argentina. No Brasil é amplamente distribuída, exceto na região Sul. Ocorre preferencialmente no Cerrado. Em Sergipe foi coletada na Caatinga e Floresta Atlântica (Brejo de Altitude). Por apresentar frutos conspícuos, bem maiores que as flores, até o momento foi coletada somente em estágio de frutificação nos meses de junho, agosto, setembro, novembro e dezembro. Ilustração em Fournier (1885) como *Marsdenia molissima* E.Fourn.

Material selecionado: **BRASIL. Sergipe:** Poço Redondo, XII/2010, fr., M.A. Farinaccio & W.J. Machado 798 (ASE); Poço Verde, VI/2011, fr., M.A. Farinaccio et al. 875 (ASE, CGMS); Porto da Folha, 10°02'15"S, 37°24'53"W, VIII/2011, fr., D.G. Oliveira et al. 304 (ASE); Santo Amaro das Brotas, XI/1991, fr., C. Farney 2843 (ASE, RB); Tobias Barreto, 10°53'02"S, 37°59'03"W, XI/2010, fr., F.C. Nogueira-Jr 5 (ASE, CGMS).

Material adicional examinado: **BRASIL. Mato Grosso do Sul:** Bela Vista, XI/1987, fl., G. Hatschbach & J.M. Silva 51554 (MBM).

14.2. *Marsdenia hilariana* E. Fourn. in Mart. & Eichler, Fl. bras. 6(4): 322. 1885.

Subarbusto volúvel; ramos glabros a glabrescentes. Pecíolo tomentoso; lâmina elíptica, 10-15 x 4,5-8 cm, glabra, ápice acuminado ou agudo-mucronado, base cuneada. Inflorescência multiflora, glomeruliforme; quase séssil, pedúnculo ca. 4 mm. Pedicelo ca. 6 mm. Sépalas ciliadas. Corola externamente amarelo-esverdeada, internamente vinácea, amarelada nas margens; lobos assimétricos, oblongos, ca. 3 x 2 mm, face adaxial glabra, face abaxial pubescente, ápice agudo, patentes a deflexos. Corona com lobos oblongos, ápices acuminados, mais baixos que o ginostégio. Folículos verdes ou amarelados, elipsóides, glabros ca. 13 cm compr.; sementes castanhas, lisas.

Comentários: *Marsdenia hilariana* ocorre no Uruguai e Brasil, nos estados do Pará, Alagoas, Bahia, Distrito Federal, Mato Grosso, Minas Gerais, Rio de Janeiro, São Paulo, Paraná e Rio Grande do Sul. Pela primeira vez é citada para Sergipe, mas trata-se de uma espécie rara, já que foi coletada uma única vez, na Caatinga, com frutos durante o mês de agosto.

Material examinado: **BRASIL. Sergipe:** Porto da Folha, 10°02'15"S, 37°24'53"W, VIII/2011, fr., D.G. Oliveira et al. 302 (ASE).

Material adicional examinado: **BRASIL. Rio de Janeiro:** Rio de Janeiro, s.m.1816, fl., A. de Saint-Hilaire A2-123 (P, Holótipo).

¹ Universidade Federal do Mato Grosso do Sul - PPG em Biologia Vegetal. Email: mafarinaccio@hotmail.com

² Universidade Federal do Rio de Janeiro, Núcleo em Ecologia e Desenvolvimento Socioambiental de Macaé NUPEM/UFRJ).Email: tkonno@uol.com.br

15. *Matelea* Aubl.

Maria Ana Farinaccio¹

Tatiana U.P. Konno²

Subarbustos a ervas, volúveis; ramos indumentados, grabrescentes ou glabros, frequentemente suberosos, principalmente na base, látex branco. Folhas opostas, pecioladas, venação broquidódroma. Inflorescências subaxilares, alternas, cimeiras umbeliformes, sésseis ou quase sésseis. Cálice com as sépalas oblongas, ovais a lanceoladas, internamente glabras, coléteres adaxiais. Corola esverdeada a enegrecida, geralmente reticulada, actinomorfa, lobos ovais ou oblongos. Corona simples, aneliforme ou lobada, evidente ou inconspícua. Anteras transversalmente deiscentes, apêndices dorsais ausentes. Polinário com retináculo sagitifforme ou cilíndrico, caudículos horizontais, articulados, edentados, membrana reticulada presente, polínios alargados, visivelmente maiores que o retináculo, horizontais, providos de uma região hialina estéril no ápice. Ovário súpero, glabro, cabeça estigmática plana a crateriforme, mamilada. Folículos ovados ou lanceolados, tuberculados ou verrucosos; sementes comosas.

Gênero com ca. 300 espécies distribuídas desde os Estados Unidos até a América do Sul nos mais variados habitats. No Brasil são reconhecidas 43 espécies; dessas, três ocorrem em Sergipe. Recentemente, *M. ganglinosa* e *M. nigra* foram transferidas para *Ibatia*, no entanto preferimos reconhecer esses táxons em *Matelea* até que essa decisão seja apoiada por resultados filogenéticos.

Chave para identificação das espécies de *Matelea* de Sergipe

1. Lâmina glabra; inflorescências 2-3-floras; corona inconspícua **15.3. *M. orthosioides***
- 1'. Lâmina indumentada; inflorescências 5-11-floras; corona evidente.....2
2. Corola marrom escuro, rotácea; lobos ovais, patentes a deflexos, pubescentes, ápice plano; corona aneliforme, da mesma altura ou mais baixa que o ginostégio, ápice ondulando pubescente; folículos tuberculados **15.1. *M. ganglinosa***
- 2'. Corola internamente alva a verde, reticulado-marrom, subcampanulada; lobos oblongos, eretos, glabros, ápice inflexo; corona lobada, mais alta que o ginostégio, lobos bifurcados no ápice; folículos verrucosos **15.2. *M. nigra***

15.1. *Matelea ganglinosa* (Vell.) Rapini, Neodiversity 3: 19. 2008.

Nome popular: pau-de-sebo, leiteiro-bravo

Fig. 4. A-C

Subarbusto volúvel; ramos tomentosos, frequentemente suberosos. Pecíolo tomentoso-

estrigoso; lâmina oval, às vezes lanceolada, 4,5-9 x 1,5-6 cm, face adaxial estrigosa, face abaxial tomentosa, ápice acuminado, base cordada, arredondada a truncada. Inflorescências, 5-11-floras; sésseis. Pedicelo 2-4 mm. Sépalas lanceoladas, externamente pubescentes, 1 coléter axilar adaxial. Corola marrom escuro, menos frequentemente, vinácea na base, esverdeada em direção ao ápice, rotácea; lobos ovais, 3,5-4,5 x 2,5-4 mm, patentes a deflexos, pubescentes em ambas as faces, ápice agudo, plano. Corona negra a esverdeada, da mesma altura ou mais baixa que o ginostégio, aneliforme, ápice ondulado pubescente. Anteras com apêndice membranáceo depresso oval. Polinário retináculo sagitifforme, polínios depresso obovado. Cabeça estigmática crateriforme, mamilada. Folículos verdes, ovados, tuberculados, às vezes, alvo no ápice dos tubérculos, 4-7,5 cm compr; sementes castanhas, verrucosas.

Comentários: Esta espécie ocorre ao longo da costa brasileira, do Sudeste ao Nordeste penetrando no continente preferencialmente em locais secos e pedregosos. Em Sergipe foi coletada em formações de Floresta (Brejo de Altitude), Caatinga e Restinga; com flores de junho a outubro e em fevereiro, com frutos de agosto a outubro.

Material selecionado: **BRASIL. Sergipe:** Areia Branca, II/2008, fl. fr., J.E. Nascimento-Junior & L. Amaral 131 (ASE); Barra dos Coqueiros, XI/2011, fl., A.P. Prata et al. 2742 (ASE); Lagarto, XI/2009, fr., L.A.S Santos et al. 45 (ASE); Monte Alegre de Sergipe, XI/2010, fr., J.W. Machado et al. 947 (ASE); Porto da Folha, VII/2011, fl., D.G. Oliveira & E.S. Almeida 229 (ASE); Poço Verde, 10°44'26"S, 38°05'47"W, VI/2011, fl., M.A. Farinaccio et al. 878 (ASE); São Cristovão, VI/1986, fl. fr., G. Viana 1504 (ASE); Simão Dias, VIII/2010, fr., A.P. Prata et al. 947 (ASE); Tobias Barreto, VIII/1983, fl., E. Gomes 332 (ASE).

15.2. *Matelea nigra* (Decne.) Morillo & Fontella, Ernstia 57:2. 1990.

Nome popular: porquinho-do-mato, cunhão-de-bode

Fig. 4. D-F

Subarbusto, volúvel; ramos pubescentes, grabrescentes, levemente suberosos na base. Pecíolo puberulento; lâmina oval a lanceolada, 4,5-6,5 x 1,8-2 cm, face adaxial pubescente, face abaxial tomentosa, ápice acuminado, às vezes cuspidado, base cordada. Inflorescências, 6-8-floras; curto pedunculadas, quase sésseis. Pedicelo ca. 2 mm compr. Sépalas oblongas, externamente pubéculas a quase glabras, 1-2 coléteres axilares adaxiais. Corola externamente esverdeada, internamente alva a verde, reticulado-marrom, às vezes vináceas na base, subcampanulada; lobos oblongos, 5-6,5 x 1,7-2,5 mm, eretos, glabros, ápice agudo, inflexo. Corona verde a creme, mais longa que o ginostégio, lobos retangulares até a região mediana, bifurcados acima. Anteras com apêndice membranáceo depresso oval. Polinário com retináculo cilíndrico, polínios amplamente elípticos. Cabeça estigmática plana, mamilada. Folículos castanhos, alvo-verrucosos, lanceolados, 3,5-9 cm compr; sementes castanhas, verrucosas.

Comentários: Até o momento, *M. nigra* foi coletada em Minas Gerais e ao longo do

¹ Universidade Federal do Mato Grosso do Sul - PPG em Biologia Vegetal. Email: mafarinaccio@hotmail.com

² Universidade Federal do Rio de Janeiro, Núcleo em Ecologia e Desenvolvimento Socioambiental de Macaé (NUPEM/UFRJ). Email: tkonno@uol.com.br

Nordeste brasileiro, exceto no Maranhão. Em Sergipe é citada pela primeira vez, onde ocorre exclusivamente na Caatinga. Floresce de junho a setembro, foi coletada com frutos em agosto e setembro. Em outros estados também ocorre no Cerrado.

Material selecionado: **BRASIL. Sergipe:** Canindé de São Francisco, 8°93'14"S, 65°00'32"W, XI/2009, fr., A.C.C. Silva et al. 118 (ASE), Poço Redondo, IX/2009, fr., J.E. Nascimento-Junior & T. Dantas 620 (ASE); Poço Verde, 10°44'26"S, 38°05'47"W, VI/2011, fl., M.A. Farinaccio et al. 877 (ASE); Simão Dias, VIII/2010, fr., A.P. Prata et al. 2465 (ASE); Tobias Barreto, 11°02'06"S, 37°22'06"W, VI/2011, fl., M.A. Farinaccio et al. 872 (ASE).

15.3. *Matelea orthosoides* (E.Fourn.) Fontella, Bradea 4(9): 55. 1984.

Erva, volúvel; ramos pubescentes, glabrescentes. Pecíolo pubérulo; lâmina oval-lanceolada, 2,5-6 x 0,6-3 cm, glabras em ambas as faces, ápice acuminado, base cuneada a arredondada. Inflorescências, 2-3-floras; pedúnculo 3-8 mm compr. Pedicelo 3,5-5 mm compr. Sépalas oval-lanceoladas, internamente glabras, externamente pubéculas, 1 coléter axilar adaxial. Corola verde clara a amarela, reticulado-verde escuro, rotácea; lobos ovais, ca. 3 x 3 mm, patentes, face adaxial glabra, face abaxial centralmente pubérula, ápice agudo. Corona aneliforme, mais baixa que o ginostégio, inconspícua. Anteras, apêndice membranáceo estreito transversalmente elíptico. Polinário com caudículos articulados, polínios sulcados, subclaviformes. Cabeça estigmática quase plana, pouco escavada, mamilada. Folículos verdes, imaturos.

Comentários: Espécie amplamente distribuída em território nacional em diferentes habitats, principalmente nas formações florestais ripárias e no Cerrado. Em Sergipe foi coletada em fragmentos de Floresta Atlântica (vegetação secundária) e Caatinga. Floresce de março a abril, em março coletada com frutos imaturos. Ilustração em Fournier (1885).

Material examinado: **BRASIL. Sergipe:** Areia Branca, VI/2011, fl., M.A. Farinaccio et al. 827 (ASE, CGMS); Itabaiana, 10°45'S, 37°20'W, IV/2008, fl., P. Gomes 805 (ASE); Santa Luzia do Itanh, 11°23'36"S, 37°25'16"W, III/2011, fl. fr., M.A. Farinaccio et al. 818 (ASE).

16. *Odontadenia* Benth.

J. Francisco Morales¹

16.1. *Odontadenia salzmannii* (A. DC.) K. Schum. in Engler & Prantl, Nat. Pflanzenfam. 4: 169. 1895.

Fig. 5. A

Liana; ramos pubérulos; látex branco. Folhas opostas, com estípulas; pecíolo pubescente; lâmina oblonga a ovada, 14,5-17,8 x 5-5,7 cm, glabra, ápice acuminado, base assimétrica ou arredondada, venação broquidódroma. Inflorescências terminais, cimosas, 8-floras;

¹ University of Bayreuth – Germany. Email: drjfranciscomorales@gmail.com

pedúnculo 16-18 mm compr. Pedicelo 21-28 mm compr. Cálice com sépalas oblongo-ovais, 11-12 x 5-6 mm, com coléteres alternos na base. Corola amarela, actinomorfa, infundibuliforme, pré-floração dextrorsa, tubo inferior cilíndrico, 18-25 x 3 mm, tubo superior obcônico, 15 x 8 mm, lobos oblíquo-ovados, 23-28 x 21-25 mm. Ginostégio presente. Anteras parcialmente férteis, asas um pouco maiores que o conectivo, inclusas, ca. 8 mm compr.; pólen não agregado em polínios. Ovário súpero, hemissincárpico, disco nectarífero lobado; cabeça estigmática fusiforme, ca. 3 mm compr. Frutos e sementes não vistos.

Comentários: Gênero com ca. 22 espécies Neotropicais, a maioria na América do Sul. Destas, 17 ocorrem no Brasil e apenas uma em Sergipe. *Odontadenia salzmannii* é uma espécie rara e pouco coletada, endêmica do Nordeste do Brasil. A espécie foi incluída na sinonímia de *O. lutea* (Vell.) Markgr., porém ambas podem ser separadas pela forma e ápice da lâminas foliares. No estado de Sergipe, foi coletado espécime com flores no mês de novembro.

Material examinado: **BRASIL. Sergipe:** Japarutuba, XI/2008, fl., A.C.C. Silva 217 (ASE).

Material adicional examinado: **BRASIL. Bahia:** s.l., s.m.1830, fl., P. Salzmänn 326 (G-DC, holótipo).

17. *Oxypetalum* R.Br.

Maria Ana Farinaccio¹

Tatiana U.P. Konno²

Subarbustos volúveis; ramos glabros a indumentados, látex branco. Folhas opostas, pecioladas, venação broquidódroma. Inflorescências subaxilares, alternas, cimeiras corimbiformes. Cálice com sépalas lanceoladas, internamente glabras, externamente pubescentes. Corola creme, esverdeada, vinácea ou atropurpúrea, actinomorfa, lobos lineares ou lanceoladas, distalmente torcidos, ápice agudo. Corona simples, lobada, mais baixa que o ginostégio. Anteras com asas menores ou maiores que o dorso. Polinários com retináculo linear ou clavado, caudículos horizontais, com dente córneo, lateral, curvo, membrana reticulada presente, polínios sigmóides ou cilíndricos, visivelmente menores que o retináculo, descendentes. Ovário súpero, glabro, cabeça estigmática rostrada, ápice bífido. Folículos lanceolados, estriados longitudinalmente; sementes comosas, verrucosas.

Oxypetalum possui aproximadamente 120 espécies, amplamente distribuídas nos Neotrópicos. Ocorre do México até a Argentina, principalmente nas regiões Sudeste e Sul do Brasil, onde são reconhecidas 91 espécies. É o gênero mais diverso das Asclepiadoideae

¹ Universidade Federal do Mato Grosso do Sul - PPG em Biologia Vegetal. Email: mafarinaccio@hotmail.com

² Universidade Federal do Rio de Janeiro, Núcleo em Ecologia e Desenvolvimento Socioambiental de Macaé (NUPEM/UFRJ). Email: tkonno@uol.com.br

brasileiras. *Oxypetalum* ocorre especialmente em formações campestres, Cerrados e orlas de floresta. Em Sergipe está representado por duas espécies.

Chave para identificação das espécies de *Oxypetalum* de Sergipe

1. Corola creme ou esverdeada, vinácea na base, lobos lanceolados, 3-4 mm larg
..... **17.1. *O. banksii***
1'. Corola atropurpúrea, lobos lineares, 0,8-1 mm larg..... **17.2. *O. harleyi***

17.1. *Oxypetalum banksii* R.Br. ex Schult., Syst. Veg.6: 91. 1820.

Subarbusto volúvel; ramos pilosos, glabrescentes. Pecíolo piloso; lâmina lanceolada, oval-lanceolada ou arredondada, 5-6 x 2-6 cm, face adaxial pubérulenta a glabra, face abaxial pubescente, ápice agudo, retuso- mucronado, base cordada. Inflorescências 3-6 floras; pedúnculo 1-1,3 cm compr. Pedicelo 1-2 cm compr. Sépalas com 1 coléter axilar adaxial. Corola creme ou esverdeada, vinácea na base, subcampanulada; lobos lanceolados, 20-24 x 3-4 mm, deflexos, face adaxial papilosos, face abaxial pubérulos. Corona vinácea, lobos espatulados, carnosos, truncados a arredondados no ápice. Anteras retangulares, asas menores que o dorso, apêndice membranáceo lanceolado. Polinário com retináculo clavado polínios sigmóides. Folículos castanho-esverdeados, ca. 8 cm compr.

Comentários: Espécie amplamente distribuída em território nacional, do Nordeste ao Sul do Brasil. Em Sergipe foi coletada na Restinga e em fragmentos de Floresta Atlântica (vegetação secundária). Coletada com flores em maio e agosto, com frutos, somente em agosto. Ilustração em Fournier (1885).

Material examinado: **BRASIL. Sergipe:** Estância, VI/2010, fl., *T. Carregosa-Silva* 72 (ASE, CGMS); Santa Luzia do Itanhhy, VIII/1996, fl., fr., *M.F. Landin* 997 (ASE).

Material adicional examinado: **BRASIL. Rio de Janeiro:** Rio de Janeiro, VII/2012, fl. fr., *M.A. Farinaccio & M. Trovó* 939 (CGMS).

17.2. *Oxypetalum harleyi* (Fontella & Goyder) Farinaccio, Neodiversity 3(2): 20. 2008.

Subarbusto volúvel; ramos glabriúsculos. Pecíolo puberulento; lâmina oval, 4,5-10 x 3-6 cm, face adaxial glabra, face abaxial pilosa, ápice acuminado, base cordiforme, puberulenta. Inflorescências 3-5 floras; pedúnculo ca. 0,7-2 cm compr. Pedicelo 0,7-1,2 cm compr. Sépalas, externamente pubescentes, 1-3 coléteres axilares adaxiais. Corola atropurpúrea, campanulada; lobos lineares, 13-16 x 0,8-1 mm, patentes a deflexos, papilosos em ambas as faces. Corona atropurpúrea, lobos flabeliformes, crenulados no ápice. Anteras quadrangulares, asas maiores que o dorso, apêndice membranáceo oval. Retináculo sublinear, laminar, polínios cilíndricos. Folículos verdes, ca. 10 cm compr.

Comentários: *Oxypetalum harleyi* ocorre na Bahia, Paraíba, Pernambuco e Sergipe. É encontrado na Floresta Atlântica e Caatinga. Em Sergipe foi coletada na caatinga com

flores e frutos no mês de maio. Ilustração em Fontella *et al.* (2005).

Material examinado: **BRASIL. Sergipe:** Simão Dias, VI/1986, fl., *G. Viana* 72 (ASE).

Material adicional examinado: **BRASIL. Bahia:** Morro do Chapéu, 11°40'31,6"S, 40°59'53,1"W, IV/2004, fl. fr., *M.A. Farinaccio et al.* 702 (SPF).

18. *Petalostelma* E. Fourn.

*Maria Ana Farinaccio*¹

*Tatiana U.P. Konno*²

18.1. *Petalostelma martianum* (Decne.) E. Fourn. *in* Mart. & Eichler, Fl. bras. 6(4): 328. 1885.

Subarbusto, volúvel; glabro, látex branco. Folhas opostas; lâmina elíptica a oval, 3,5-5,5 x 1,4-2,5 cm, ápice acuminado, base cuneada; venação broquidódroma. Inflorescências subaxilares, alternas, cimosas, 3-19-floras; pedúnculo ca. 2 mm compr. Pedicelo 4-8 mm compr. Cálice com sépalas lineares, coléteres ausentes. Corola rosada, creme ao longo das margens, actinomorfa, rotácea; lobos ovais, 2-3 x 2-3 mm, eretos, ápice agudo. Corona creme, simples, da mesma altura que o ginostégio, lobos subglobosos. Anteras quadrangulares, asas menores que o dorso, apêndice membranáceo depressamente oval. Polinários com retináculo linear, caudículos horizontais, filiforme, edentado, polínios descendentes, oblongos. Ovário súpero, glabro, cabeça estigmática plana, centralmente depressa. Folículos imaturos, cilíndricos, lisos, 6-9 cm compr.; sementes não vistas.

Comentários: *Petalostelma* é exclusivamente Sulamericano e inclui sete espécies. Além do Brasil, que é centro de diversidade, esse gênero também ocorre na Argentina, Bolívia e Paraguai. Das seis espécies que são registradas no país, apenas uma ocorre em Sergipe, *P. martianum*, que representa o táxon mais amplamente distribuído no Brasil. No estado, foi coletada na Caatinga, com flores, de maio a agosto e com frutos, em julho e agosto. Ilustração em Fournier (1885).

Material selecionado: **BRASIL. Sergipe:** Frei Paulo, VIII/1982, fl., *E.M. Carneiro* 431 (ASE); Nossa Senhora da Glória, VIII/1982, fl. fr., *E.M. Carneiro* 426 (ASE); Porto da Folha, VII/2011, fl. fr., *D.G. Oliveira & E.S. Almeida* 208 (ASE); Tobias Barreto, VI/2011, fl., *M.A. Farinaccio et al.* 870 (ASE, CGMS).

¹ Universidade Federal do Mato Grosso do Sul - PPG em Biologia Vegetal. Email: mafarinaccio@hotmail.com

² Universidade Federal do Rio de Janeiro, Núcleo em Ecologia e Desenvolvimento Socioambiental de Macaé NUPEM/UFRJ). Email: tkonno@uol.com.br

19. *Prestonia* R.Br.

André O. Simões¹

19.1 *Prestonia coalita* (Vell.) Woodson, Ann. Missouri Bot. Gard. 18(4): 551. 1931.

Liana; ramos pubescentes; látex incolor. Folhas opostas; pecíolo pubescente; lâmina elíptica, 7,5-9,5 x 3,5-4,3 cm, glabra, ápice agudo a acuminado, base oblíqua, nervação broquidódroma. Inflorescências racemosas, axilares, 8-13-floras; pedúnculo 4-15 mm compr. Pedicelo 4-10 mm compr. Cálice com sépalas lanceoladas, 4-5 x 2 mm, com coléteres adaxiais na base. Corola amarelo-esverdeada, actinomorfa, hipocrateriforme, pré-floração dextrorsa, tubo 9-20 x 2-3 mm, com anel carnosos tênue na fauce. Ginostégio presente. Anteras parcialmente férteis, asas um pouco menores que o conectivo, inclusas, 5-6 mm compr.; pólen não agregado em polínios. Ovário hemissincárpico, súpero, ca. 1 mm compr., com disco nectarífero pentalobado; cabeça do estilete fusiforme, 1,5 mm compr. Folículos 2, 30-40 x 0,4-0,5 cm, paralelos, moniliformes; sementes 6-8 mm compr.

Comentários: Gênero Neotropical com ca. 60 espécies, das quais 23 ocorrem no Brasil. *Prestonia coalita* é uma espécie de ampla distribuição no Nordeste, Sudeste e Sul do Brasil, alcançando o Nordeste da Argentina e do Paraguai. Ocorre em tanto em Floresta Atlântica quanto em Cerrado. No estado de Sergipe, foi coletada com flores de julho a fevereiro, com pico de floração em novembro e dezembro. Ilustração em Müller (1860).

Material selecionado: **BRASIL. Sergipe:** Poço Redondo, XII/2010, fl., M.A. Farinaccio & W.J. Machado 796 (ASE); Porto da Folha, VII/2008, fl., R.F. Souza-Silva s.n. (ASE 253).

Material adicional examinado: **BRASIL. Minas Gerais:** Carrancas, XII/1998, fl. fr., A.O. Simões et al. 634 (UEC).

20. *Rauvolfia* L.

Ingrid Koch²

20.1 *Rauvolfia ligustrina* Willd. ex Roem. & Schult., Syst. Veg. 4: 805. 1819.

Arbusto 1-2,5 m alt., látex branco; ramos glabros a pubescentes. Folhas 3 por nó; pecíolo 2-3 mm compr., com numerosos coléteres; lâmina ovado-elíptica a elíptica, 3,8-6 x 1,5-3 cm, glabra ou com indumento sobre a nervura central, ápice acuminado, base atenuada, venação broquidódroma. Inflorescências subterminais ou axilares, cimosas, ramificadas, 8-12-floras; pedúnculo 8-12 mm compr. Cálice com sépalas ovais, 1,5-2 x 1-1,2 mm. Corola alva, actinomorfa, hipocrateriforme, pubescente, tubo 2-3 x 2 mm; lobos oblíquo-ovados, 1-1,5 x 1 mm. Ginostégio ausente. Anteras totalmente férteis, inclusas, ca. 1 mm compr. Ovário súpero, sincárpico, 1,5 mm compr., disco nectarífero anelar; cabeça do estilete

livre dos estames, globosa, 1 mm compr. Drupas globosas, vermelhas ou arroxeadas quando maduras, 6-8 mm diâm.; sementes 4-6 x 4,5-5 mm, oblíquo-ovais.

Comentários: Gênero pantropical e um dos maiores da subfamília Rauvolfioideae, com ca. 70 espécies. Destas, 37 ocorrem nos Neotrópicos, das quais 20 ocorrem em território brasileiro. *Rauvolfia ligustrina* possui ampla distribuição nos Neotrópicos, de forma disjunta. A maioria das populações ocorre em uma grande área que abrange a América Central, norte e nordeste da América do Sul, enquanto as demais populações ocorrem no Centro-Oeste Brasileiro, Bolívia e Paraguai. Ocorre em ambientes variados, sendo que no Brasil é encontrada em áreas de Cerrado e Caatinga. No estado de Sergipe, foi coletado com flores e frutos em novembro e março. Ilustração em Rao (1956).

Material selecionado: **BRASIL. Sergipe:** Carmópolis, I/1977, fl. fr., M.R. Fonseca s.n. (ASE242); Laranjeiras, VIII/1987, fl., fr., G. Viana 1963 (ASE).

21. *Schubertia* Mart.

Maria Ana Farinaccio¹

Tatiana U.P. Konno²

21.1. *Schubertia multiflora* Mart., Nov. Gen. Sp. Pl. 1: 56, t. 33. 1824.

Arbusto volúvel; ramos fulvo-hirsutos, látex branco. Folhas opostas, pecioladas; lâmina, fulvo-hirsuta, oboval ou oval, 8-8,5 x 4-4,5 cm, ápice acuminado, base truncado-cordiforme; venação broquidódroma. Inflorescências subaxilares, alternas, cimeiras umbeliformes, ca. 9-floras; pedúnculo 2-3 cm compr. Pedicelo 1,5-2 cm compr. Sépalas oval-lanceoladas, internamente glabras, externamente pubescentes a hirsutas, 1 coléter axilar adaxial. Corola alva, hipocrateriforme; lobos estreito-ovais a oblongos, 11-14 x 3-5 mm, patentes, levemente subulados, glabros em ambas as faces, ápice agudo. Corona alva, simples, mais alta que o ginostégio, lobos retangulares, com uma prega basal, agudos, recurvos no ápice. Anteras subdeltoides, asas mais longas que o dorso, apêndice membranáceo inconspícuo. Polinário com retináculo sagitado, caudículos articulados, sub-horizontais, edentados, membrana reticulada presente, polínios descendentes, oblongos, sulcados longitudinalmente, visivelmente menores que o retináculo. Ovário súpero, glabro, cabeça estigmática umbonada. Folículos não vistos.

Comentários: *Schubertia* apresenta seis espécies, distribuídas na América do Sul, na Argentina, Bolívia, Paraguai e Brasil. Destaca-se pelas flores alvas, bem maiores que as demais Asclepiadoideae. No Brasil ocorrem quatro espécies, uma delas em Sergipe, *S. multiflora*, que também já foi coletada no Piauí, Pernambuco e Paraíba. No estado

¹ Departamento de Biologia Vegetal - Instituto de Biologia - Unicamp. Email: andreosimoes@gmail.com

² Laboratório de Diversidade Vegetal - UFSCar - Sorocaba. Email: ingrid.koch@gmail.com

¹ Universidade Federal do Mato Grosso do Sul - PPG em Biologia Vegetal. Email: mafarinaccio@hotmail.com

² Universidade Federal do Rio de Janeiro, Núcleo em Ecologia e Desenvolvimento Socioambiental de Macaé (NUPEM/UFRJ). Email: tkonno@uol.com.br

de Sergipe foi encontrada uma única vez, com flores, em maio, em área de Caatinga degradada. Ilustração em Martius 1824.

Material examinado: **BRASIL. Sergipe:** Gararu, V/1982, fl., G. Viana 503 (ASE).

22. *Skytanthus* Meyen

André O. Simões¹

22.1. *Skytanthus hancornifolius* (A.DC.) Miers, Apocyn. S. Am. 109. 1878.

Fig. 6. A-E

Subarbusto escandente; ramos glabros; látex branco. Folhas em geral opostas, alternas no ápice dos ramos; pecíolo glabro; lâmina elíptica a oblônga, 40-52 x 13-30 mm, glabra, ápice acuminado, base oblôqua a atenuada, nervação eucamptódroma, com 32-45 nervuras secundárias paralelas entre si. Inflorescências terminais, cimosas, 8-15-floras; pedúnculo 5-30 mm compr. Pedicelo 4-7 mm compr. Cálice com sépalas ovais, 15-20 x 3-5 mm. Corola amarela, actinomorfa, hipocrateriforme, pré-floração sinistrorsa, tubo inferior cilíndrico, 3-5 x 1 mm, tubo superior inflado, 4-5 x 2 mm, lobos 10-12 x 4-6 mm. Ginostégio ausente. Anteras totalmente férteis, parcialmente exsertas, ca. 3 mm compr., com apêndice apical filiforme; pólen não agregado em polínios. Ovário súpero, hemissincárpico, sem nectários; cabeça do estilete livre dos estames, em forma de carretel, ca. 2 mm compr. Folículos 2, subparalelos, 18-30 x 5-7 mm; sementes oblongo-compressas, com duas alas laterais, 12-15 x 5 mm.

Comentários: Gênero com quatro espécies, das quais uma é endêmica de Cuba (*S. havanensis* (Müll. Arg.) Miers), outra do Chile (*S. acutus* Meyen) e as demais ocorrem exclusivamente no território brasileiro (*S. hancornifolius* e *S. martianus* (Müll. Arg.) Miers). *Skytanthus hancornifolius* ocorre no Nordeste e Sudeste do Brasil, nos estados de Alagoas, Bahia, Pernambuco, Sergipe, Minas Gerais, Espírito Santo e Rio de Janeiro, em áreas de Caatinga e Restinga. No estado de Sergipe, foi coletada com flores ao longo de todo o ano, com provável pico de floração entre fevereiro e março, e com frutos de novembro a abril.

Material selecionado: **BRASIL. Sergipe:** Aquidabã, VIII/2008, veg., A.C.C. Barreto s.n. (ASE 308); Arauá, VIII/1982, fl., E.M. Carneiro 341 (ASE); Canindé de São Francisco IV/2001, fl., R.M. Harley 54306 (HUEFS); Carmópolis, I/1977, fl., A.C.C. Barreto s.n. (ASE 329); Japarutuba, III/2011, fl., M.A. Farinaccio et al. 813 (ASE); Lagarto, VIII/1982, fr., G. Viana 383 (ASE); Nossa Senhora da Glória, XI/1991, fl., G. Viana 189 (ASE); Pinhão, IX/1982, fl. fr., G. Viana 401 (ASE); Poço Redondo, XI/2009, fl., W.J. Machado et al. 99 (ASE); Riachão do Dantas, XI/1981, fl., G. Viana 279 (ASE).

¹ Departamento de Biologia Vegetal - Instituto de Biologia - Unicamp. Email: andreosimoes@gmail.com

23. *Tabernaemontana* L.

André O. Simões¹

Árvores ou arbustos, látex branco. Folhas opostas, geralmente com pares desiguais; venação broquidódroma. Inflorescências cimosas, terminais. Cálice com sépalas ovais, com coléteres na base da face adaxial, opostos. Corola alva, actinomorfa, hipocrateriforme, pré-floração sinistrorsa, com tubo distinto. Ginostégio ausente. Anteras parcial ou totalmente férteis, asas maiores que o conectivo ou ausentes, inclusas; pólen não agregado em polínios. Ovário súpero, hemissincárpico, sem nectários; cabeça do estilete com ou sem anel basal, ápice 5-10-lobado. Folículos 2, apocárpico, lisos ou muricados, com mesocarpo carnoso; sementes total ou parcialmente recobertas por um arilo geralmente vermelho, oblôquo-elipsoides.

Maior gênero da subfamília Rauvolfioideae, com distribuição pantropical e ca. 110 espécies. Para o Brasil, são registradas 30 espécies, das quais duas ocorrem no estado de Sergipe.

Chave para identificação das espécies de *Tabernaemontana* de Sergipe

1. Flores 12-20 mm; corola com tubo inflado na base, 10-12 mm; anteras com dorso lignificado, 4-5 mm; cabeça do estilete 5-10-lobada com anel basal **23.1. *T. laeta***
- 1'. Flores 21-25 mm; corola com tubo reto em toda a sua extensão, 17-22 mm; anteras sem lignificação, 3 mm; cabeça do estilete não lobada e sem anel basal **23.2. *T. pandacaqui***

23.1. *Tabernaemontana laeta* Mart., Flora 20(2): Beibl. 98. 1837.

Fig. 5. B-G

Arbustos a arvoretas, até 10 m alt. Folhas com pares iguais ou desiguais; pecíolo glabro; lâmina estreito-elíptica a obovado-elíptica, 7-13 x 2,8-4,2 cm, glabra, ápice acuminado, base oblôqua a atenuada. Inflorescências multifloras, do mesmo tamanho ou ligeiramente menores do que as folhas que as subtendem; pedúnculo 8-20 mm compr. Pedicelo 5-8 mm compr. Cálice com sépalas ovais, 2-3 x 1,5-2 mm, recurvadas na metade apical. Corola com tubo 10-12 x 3-4 mm, inflado na base, lobos dolabriformes, 10-12 x 5-7 mm. Anteras parcialmente férteis, sagitadas, 4-5 mm compr. Ovário glabro, 1,7-2 mm, compr.; cabeça do estilete 1-1,5 mm, 5-10-lobada e anel basal espessado. Folículos ca. 35 x 25 mm, reniformes, muricados, esverdeados a castanhos; sementes ca. 10 x 5 mm, com arilo vermelho.

Comentários: Espécie de ampla distribuição no Sudeste do Brasil em matas secundárias, alcançando o Nordeste nas áreas de Floresta Atlântica dos estados de Sergipe, Alagoas,

¹ Departamento de Biologia Vegetal - Instituto de Biologia - Unicamp. Email: andreosimoes@gmail.com

Bahia e Pernambuco. Em Sergipe, foi coletada com flores em novembro e dezembro. A espécie pode ser encontrada com frutos de fevereiro a abril.

Material selecionado: **BRASIL. Sergipe:** Estância, XI/1974, fl., *M.R. Fonseca s.n.* (ASE 199); Itaporanga d'Ajuda, XI/1981, fl., *E.M. Carneiro 180* (ASE); Nossa Senhora das Dores, XI/1981, fl., *E.M. Carneiro 211* (ASE). Santo Amaro das Brotas, XII/1982, fl., *E.M. Carneiro 253* (ASE). Siriri, XI/1980 fl., *G. Viana 1055* (ASE).

Material adicional examinado. **SÃO PAULO. Ubatuba**, II/1996, fl. fr., *H.F. Leitão-Filho et al. 34848* (UEC).

23.2. *Tabernaemontana pandacaqui* Poir., in *Encycl.* 7: 529. 1806.

Nome popular: banana bush

Arbusto, até 1,5 m. Folhas com pares iguais ou desiguais; pecíolo glabro; lâmina elíptica a obovado-elíptica, 5-9,5 x 2,4-7 cm, glabra, ápice agudo a acuminado, base atenuada. Inflorescências multifloras, do mesmo tamanho ou ligeiramente menores do que as folhas que as subtendem; pedúnculo 9-17 mm compr. Pedicelo 6-11 mm compr. Cálice com sépalas ovais, não recurvadas na metade apical, 1,8-2 x 1,5-2 mm. Corola com tubo 17-22 x 2 mm, não inflado na base, lobos obovado-oblíquos, 12-13 x 6-7 mm. Anteras totalmente férteis, ovais, 3 mm compr. Ovário glabro, 1-1,3mm compr.; cabeça do estilete cilíndrica, sem lobos no ápice e sem anel basal, 2 mm compr. Frutos e sementes não vistos.

Comentários: *Tabernaemontana pandacaqui* é originária da Ásia Tropical, sendo a espécie mais amplamente cultivada do gênero. No Brasil, seu cultivo é mais comum no Norte e Nordeste do país, onde já ocorre de forma subespontânea. Em cultivo, a espécie floresce ao longo de todo o ano, sem, contudo frutificar. Em sua área de ocorrência nativa os folículos são usualmente descritos como em formato de banana, o que em conjunto com sua coloração amarela, faz com que a espécie seja popularmente conhecida como "banana bush"; cada folículo possui a superfície lisa com costa lateral marcada, e adquire coloração vermelha quando maduro. Neste trabalho, foram estudados materiais com flores coletadas em janeiro e maio. Ilustração em Leeuwenberg (1991).

Material selecionado: **BRASIL. Sergipe:** Areia Branca, I/2010, fl., *J.S. Lima 121* (ASE); Simão Dias, VI/1983, fl., *E. Gomes 523* (ASE).

24. *Temnadenia* Miers

André O. Simões¹

24.1. *Temnadenia odorifera* (Vell.) J.F. Morales, *Novon* 9(2): 240. 1999. Syn: *Temnadenia stellaris* (Lindl.) Miers, *Apocyn. S. Am.* 210. 1878.

Fig. 3. A-C

Liana; ramos pilosos; látex incolor. Folhas opostas; pecíolo glabro a pubescente; lâmina oval a elíptica, 60-85 x 32-50 mm, pubescente, ápice agudo a acuminado, base atenuada, venação broquidódroma. Inflorescências axilares, bostricoides, 8-15-floras; pedúnculo 35-60 mm compr. Pedicelo 7-13 mm compr. Cálice com sépalas ovado-lanceoladas, 6-10 x 2-4 mm, com 5 coléteres opostos na base. Corola actinomorfa, infundibuliforme, pré-floração dextrorsa, tubo inferior esverdeado 8-10 x 3-4 mm, tubo superior vináceo, 10-12 x 4-5 mm, lobos obovado-oblíquos, 13-15 x 8-10 mm. Ginostégio presente. Anteras parcialmente férteis, asas maiores que o conectivo, inclusas, ca. 5 mm compr.; pólen não agregado em polínios. Ovário súpero, hemissincárpico, com disco nectarífero pentalobado na base; cabeça do estilete fusiforme, ca. 3 mm compr. Folículos 2, geminados, 28 x 2 cm; sementes 25 x 2mm, comosas.

Comentários: Gênero sulamericano com quatro espécies, três destas ocorrentes no Brasil. *Temnadenia odorifera* apresenta ampla distribuição no território brasileiro, preferencialmente em áreas de Restinga, mas também em Floresta Atlântica. No estado de Sergipe, foi coletada com flores de novembro a abril, e com frutos em novembro e dezembro.

Material selecionado: **BRASIL. Sergipe:** Areia Branca, III/2008, fl., *S.M. Costa 307* (ASE); Estância, XII/2009, fl., *C. Calazans et al. 390* (ASE); Itabaiana, I/1998, fl., *M.C. Santana 139* (ASE); Pirambu, XI/1978, fl., *M.R. Fonseca s.n.* (ASE 502); Poço Redondo, XI/2010, fl. fr., *M.A. Farinaccio & W.J. Machado 794* (ASE); São Cristóvão, XI/1995, fl. fr., *G. Viana 1225* (ASE).

Material adicional examinado: **BRASIL. Paraná:** Paranaguá, IV/1986, fl., *S.M. Silva & R.M. Britez s.n.* (UEC51589).

25. *Thevetia* L.

André O. Simões¹

25.1. *Thevetia peruviana* (Pers.) K.Schum., *Nat. Pflanzenfam.* 4(2): 159. 1895.

Arvoreta até 4 m alt.; ramos glabros; látex branco. Folhas alternas; pecíolo glabro; lâmina lanceolada, 11-14 x 0,6-0,9 cm, glabra, ápice agudo a acuminado, base atenuada; nervação broquidódroma. Inflorescências terminais, cimosas, 4-5-floras; pedúnculo ca.

¹ Departamento de Biologia Vegetal - Instituto de Biologia - Unicamp. Email: andreosimoes@gmail.com

5 mm compr. Pedicelo 14-26 mm compr. Cálice com sépalas ovado-lanceoladas, ca. 7 x 2 mm, com coléteres contínuos na base. Corola amarelo-alaranjada, actinomorfa, infundibuliforme, pré-floração sinistrorsa, tubo inferior cilíndrico, 15-16 x 3,5-4 mm, tubo superior obcônico, 15 x 12 mm, lobos obovado-oblíquos, 32-40 x 18-25 mm. Ginostégio ausente. Anteras totalmente férteis com as tecas dispostas lateralmente, 1,5-2 mm compr., com apêndice apical filiforme. Ovário sincárpico, súpero, ca. 2 mm, com disco nectarífero na base; cabeça do estilete obcônica, 5-6 mm compr. Drupas 25-40 x 32-35 mm, subglobosas, vináceas; sementes 2, elíptico-compressas, 10-15 mm diâm.

Comentários: Gênero neotropical com oito espécies, das quais três ocorrem no Brasil como nativas ou subespontâneas. Segundo Morales (2005), *Thevetia peruviana* é originária do Oeste da América do Sul, sendo amplamente cultivada em todo o mundo. No Brasil, é particularmente comum no Sudeste e Nordeste do Brasil como ornamental, e atualmente pode ser considerada como subespontânea. Encontrada com flores e frutos ao longo de todo o ano, sendo que o espécime aqui analisado foi coletado com flores em novembro. Ilustração em Blanco (1880-1883).

Material examinado: **BRASIL. Sergipe:** Aracaju, XI/2007, fl., *E.M. Matos et al.* 77 (ASE).

Material adicional examinado: **BRASIL. São Paulo:** Campinas, VI/2002, fl. fr., *A.P. Spina* 493 (UEC).

Referências Bibliográficas

Bacigalupo, N.M. 1979. Asclepiadaceae. In: Meyer, T & Bacigalupo, N.M. (eds.) **Flora Ilustrada Entre Rios** 6(5): 103-147, figs. 43-65.

Blanco, F.M. 1880-1883. **Flora de Filipinas: Segun el sistema sexual de Linneo.** Atlas I. Imprenta de Sto. Thomas, Manila, Filipinas.

Decaisne, J., 1844. Asclepiadaceae. In: A.L.P.P. Candolle (ed.) **Prodromus Systematis Naturalis Regni Vegetabilis Parisiis**, Victoris Masson et Fillii ou Treuttel et Würtz, vol. 8, p. 490-665.

Farinaccio, M.A. 2008. **Sistemática molecular de *Oxypetalum* R.Br. (Apocynaceae, Asclepiadoideae).** PhD thesis. Instituto de Biociências, Universidade de São Paulo. São Paulo. Available from: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/41/41132/tde-02062008-143035/> (accessed: 10 April 2012).

Fontella-Pereira, J. & Marquete, N.F.S. 1973. Estudos em Asclepiadaceae. IV-*Blepharodon* Decaisne. **Revista Brasil. Biol.** 33(1): 77-86.

Fontella-Pereira, J. 2005. Asclepiadaceae. In: M.G.L. Wanderley, G.J. Shepherd, T.S. Mehlem & A.M. Giuliatti (coords.) **Flora Fanerogâmica do Estado de São Paulo.** Editora RiMa, vol. 4, p. 92-156.

Fontella-Pereira, J.; Goyder, D.J. & Marquete, N.F.S. 2005. Intraspecific variation in *Oxypetalum cordifolium* (Vent.) Schltr. (Apocynaceae: Asclepiadoideae). **Kew Bulletin** 60: 103-109.

Fournier, E. 1885. Asclepiadaceae. In C.F.P. Martius & A.W. Eichler (eds.) **Flora brasiliensis.** Lipsiae, Frid. Fleischer, vol. 6, pars 4, p. 187-332, tab. 50-98.

Goyder, D.J. & Nicholas, A. 2001. A revision of *Gonphocarpus* R.Br. (Apocynaceae: Asclepiadeae). **Kew Bulletin** 56: 769-836.

Hansen, B. 1985. **A monographic revision of *Forsteronia* (Apocynaceae).** PhD Thesis, University of South Florida, Tampa, EUA.

Hoehne, F.C. 1916. **Monographia das Asclepiadaceae brasileiras. *Oxypetalum et Calostigma.*** Relatório da Comissão de Linhas Telegráficas Estratégicas de Matto Grosso ao Amazonas 38(1): 1-131, tabs.1-59; ib. fasc. 1 supl.: 1-13, tabs. 60-62; ib. (2): 1-29, tabs. 1-12.

Kinoshita, L.S. 2005. Apocynaceae. In: M.G.L. Wanderley, G.J. Shepherd, T.S. Mehlem & A.M. Giuliatti (coords.) **Flora Fanerogâmica do Estado de São Paulo.** Editora RiMa, vol. 4, p. 35-91.

Koch, I. 2002. **Estudo das espécies neotropicais de *Rauvolfia* L. (Apocynaceae).** Tese de Doutorado, Universidade Estadual de Campinas. 292p.

Koch, I.; Rapini, A.; Kinoshita, L.S.; Simões, A.O. & Spina, A.P. 2012. Apocynaceae. In: **Lista de Espécies da Flora do Brasil.** Jardim Botânico do Rio de Janeiro. Pp. 617-643.

Konno, T.U.P. 2005. ***Ditassa* R.Br. no Brasil (Asclepiadoideae-Apocynaceae) e revisão taxonômica de *Minaria* T.U.P. Konno & Rapini.** Tese de Doutorado - Instituto de Biociências da Universidade de São Paulo. São Paulo. 238p.

Leeuwenberg, A.J.M. 1991. **A revision of *Tabernaemontana*. I, The Old World Species.** Series of revisions of Apocynaceae. Richmond, Royal Botanical Gardens, Kew. 439p.

Leeuwenberg, A.J.M. 1994. **A revision of *Tabernaemontana*. II: The New World Species and *Stemmadenia*.** Series of revisions of Apocynaceae. Richmond, Royal Botanical Gardens, Kew. 450p.

Malme, G.O.A. 1900. Die Asclepiadaceen des Regnell'schen Herbars. Kongl. **Svenska Vetenskapsakad. Handl.** 34(7):1-102, tabs. 1-8.

Marcondes-Ferreira, W. 1988. ***Aspidosperma* Mart., nom.cons. (Apocynaceae): estudos taxonômicos.** Tese de Doutorado em Biologia Vegetal. Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

Marcondes-Ferreira, W.; Kinoshita, L. Z. 1996. Uma nova divisão infragenérica para *Aspidosperma* Mart. (Apocynaceae). **Revista Brasileira de Botânica São Paulo**, v. 19, n.2.

Markgraf, F. 1968. Apocináceas. In: R. Reitz (ed.) **Flora Ilustrada Catarinense**, parte I, fasc. Apoc. Itajaí, Herbário Barbosa Rodrigues, 112 p.

Martius, C.F.P. von 1824. **Nova Genera et Species Plantarum.** Munich, Typis Lindaueri, vol 1, 56, tab. 33.

Miers, J. 1878. **On the Apocynaceae of the South America.** London, Williams & Norgate, 227 p.

Monachino, J. 1945. A revision of *Hancornia* (Apocynaceae). **Lilloa** 11: 19-48.

Monachino, J. 1945. A revision of *Macoubea* and the American species of *Landolphia* (Apocynaceae). **Lloydia** 6: 229-247.

Morales, J.F. 1999. Series of revisions of Apocynaceae XLV: a synopsis of the genus *Odontadenia*. **Bull. Jard. Bot. Nation. Belg.** 67: 381-477.

Morales, J.F. 2005. Estudios en las Apocynaceae neotropicales XIII: revisión del género *Temnadenia* (Apocynaceae, Echiteae). **Candollea** 60: 207-231.

Morales, J.F. 2005. Estudios em las Apocynaceae neotropicales XIX: La familia Apocynaceae s.str. (Apocynoideae, Rauvolfioideae) de Costa Rica. **Darwiniana** 43: 90-191.

Morillo, G. 1976. **A revision of *Blepharodon* (Asclepiadaceae).** Dissertação de Mestrado. Saint Louis University.

Morillo, G. 1978. El género *Marsdenia* en Venezuela, Colombia y Ecuador. **Acta Bot. Venez.** 13 (1-4): 23-73.

Morillo, G. 1987. Notas sobre *Marsdenia* R.Br. en el neotropico. **Ernstia** 43: 18-26.

Morillo, G. 1998. *Schubertia hatschbachii* Morillo: a new species from Brazil. **Asklepios** 74: 26-27.

Morillo, G. 2012. Aportes al Conocimiento de las Gonolobinae (Apocynaceae, Asclepiadoideae) Contributions to the Knowledge of the Gonolobinae II (Apocynaceae, Asclepiadoideae). **Pittieria** 36: 13-57.

Muller, J. 1860. Apocynaceae. In: C.F.P. Martius & A.W. Eichler (eds.) **Flora brasiliensis**. Lipsiae, Frid. Fleischer, vol. 6, pars 1, p. 1-196.

Plumel, M.M. 1991. Le genre *Himatanthus* (Apocynaceae) révision taxonomique. **Bradea** 5 (Suplemento) 1-118.

Rahman, M.A. & Wilcock, C.C. 1991. A taxonomic revision of *Calotropis* (Asclepiadaceae). **Nord. J. Bot.** 11: 301-308, 5 figs.

Rao, A.S. 1956. A revision of *Rauvolfia* with particular reference to the American species. **Annals of the Missouri Botanical Garden** 43: 253-355.

Rapini, A.; Mello-Silva, R. & Kawasaki, M.L. 2001. Asclepiadoideae (Apocynaceae) da Cadeia do Espinhaço de Minas Gerais, Brasil. **Boletim de Botânica da Universidade de São Paulo** 19: 55-169.

Rapini, A. & Farinaccio, M.A. 2008. Two taxonomic changes in Asclepiadoideae (Apocynaceae) from Brazil. **Neodiversity** 3: 19-20.

Sakane, M. & Shepherd, G.J. 1986. Uma revisão do gênero *Allamanda* L. (Apocynaceae). **Revista Brasil. Bot.** 9: 125-149.

Sales, M.F. 1993. **Estudo taxonômico de *Mandevilla* subgênero *Mandevilla* (Apocynaceae) no Brasil**. Tese de Doutorado, Universidade Estadual de Campinas, SP.

Schumann, K.M. 1895. Asclepiadaceae. In: A. Engler & K. Prantl (eds.) **Die natürlichen Pflanzenfamilien**. Leipzig, Wilhelm Engelmann, vol. 4, ed 2, p. 189-306.

Simões, A.O. & Kinoshita, L.S. 2002. The Apocynaceae s.str. of the Carrancas Region, Minas Gerais, Brazil. **Darwiniana** 40: 127-169.

Spina, A.P. 2004. **Estudos taxonômico, micro-morfológico e filogenético do gênero *Himatanthus* Willd. ex Schult. (Apocynaceae: Rauvolfioideae - Plumerieae)**. Tese de Doutorado, Universidade Estadual de Campinas. 191 p.

Stevens, W.D. 2000. New and interesting milkweeds (Apocynaceae, Asclepiadoideae). **Novon** 10(3): 242.

Steyermark, J.A.; Berry, P.E. & Holst, B.K. (eds.) 1995. **Flora of the Venezuelan Guayana. Volume 2: Pteridophytes, Spermatophytes - Acanthaceae to Araliaceae**. Missouri Botanical Garden Press, EUA. 681 p.

Watanabe, M.T.C.; Roque, N. & Rapini, A. 2009. Apocynaceae *sensu strictum* no Parque Nacional de Mucugê, Bahia, Brasil, incluindo a publicação de dois nomes em *Mandevilla* Lindl. **Iheringia** 64: 63-75.

Woodson, R.E. 1933. Studies in the Apocynaceae IV. The American genera of Echitoideae. **Ann. Missouri Bot. Gard.** 20: 605-790.

Woodson, R.E. 1935. Studies in the Apocynaceae IV. The American genera of Echitoideae. **Ann. Missouri Bot. Gard.** 22: 153-306.

Woodson, R.E. 1936. Studies in the Apocynaceae IV. The American genera of Echitoideae. **Ann. Missouri Bot. Gard.** 23: 169-548.

Woodson, R.E. 1941. The North American Asclepiadaceae, I. Perspective of the genera. **Ann. Missouri Bot. Gard.** 28(2): 193-244.

Woodson, R.E. 1951. Studies in the Apocynaceae VIII. An Interim Revision of Genus *Aspidosperma* Mart & Zucc. **Ann. Missouri Bot. Gard.** 38(2): 119-206.

Lista de Exsicatas

Almeida, M.N. 18 (13,4); **Amaral, C.** 34 (9,1), 50 (10,1); **Amorim, A.M.** 1493 (13,4); **Amorim, B.S.** 164 (6,2), 49 (13,3); **Andrade, A.B.** 8 (4,1), 10 (6,2); **Andrade-Lima, D.** 62-4100 (6,6), 79-9575 (6,3); **Araújo, D.** 1947 (13,3), 1961 (13,2), 1972 (10,1); **Araújo, T.** 4 (10,1); **Aurélio, M.** s.n. ASE 10841 (10,2); **Barreto, A.C.C.** s.n. ASE 77 (10,1), s.n. ASE 124 (13,2), s.n. ASE 169 (1,3), s.n. ASE 253 (19,1), s.n. ASE 308 (22,1), s.n. ASE 329 (22,1), s.n. ASE 384 (13,2); **Beltrão, A.M.** 3 (13,2), 4 (13,3); **Beti** s.n. CGMS 5545 (8,1); **Campos, D.A.** 84 (10,2); **Campos, M.C.R.** 294 (23,1); **Calazans, C.** 26 (13,4), 68 (5,1), 390 (24,1), 501 (10,1); **Carneiro, E.M.** 76 (13,4), 78 (5,1), 92 (13,1), 94 (13,2), 105 (5,1), 119 (11,1), 145 (5,1), 170 (9,1), 200 (3,2), 253 (23,1), 279 (10,1), 281 (13,2), 319 (10,1), 336 (1,3), 341 (22,1); 382 (4,1), 416 (13,4), 426 (18,1), 431 (18,1), 664 (10,1), 725 (6,2); **Carregosa-Silva, T.** 12 (2,2), 33 (2,1), 51 (13,4), 61 (13,4), 72 (17,1); **Carvalho, M.S.** s.n. ASE 11626 (13,4); **Coelho, D.** 634 (22,1); **Consuelo, A.** 6 (13,2); **Cordeiro, I.** 747 (12,1); **Cordeiro, J.C.** 1 (13,3); **Cordeiro, L.M.** 42 (1,1), 87 (3,2), 188 (3,2), 244 (3,2), 251 (3,2), 277 (3,2); **Costa, S.M.** 216 (13,3), 307 (24,1), 358 (13,5), 417 (10,2); **Cruz, E.M.O.** s.n. ASE 11607 (13,3); **Cynara** s.n. ASE 10856 (13,3); **Damasceno-Júnior, J.E.** s.n. ASE 11295 (10,1); **Dantas, T.P.V.** 1 (13,3), 53 (6,2), 70 (13,2); **Deda, R.M.** 95 (3,1), 169 (4,2); **Donádio, C.M.** 9 (10,2); **Duarte, A.P.** 7403 (6,3); **Eduardo, L.** s.n. ASE 11640 (13,3); **Esteves, F.** 7723 (10,2); **Farias M.C.V.** 63 (10,1), 161 (6,2); **Farinaccio, M.A.** 702 (17,2), 753 (4,2), 755 (13,5), 760 (13,2), 761 (13,3), 773 (4,2), 793 (13,2), 794 (24,1), 795 (13,2), 796 (19,1), 797 (15,1), 798 (14,1), 801 (13,4), 806 (9,1), 813 (22,1), 816 (13,4), 818 (15,3), 820 (13,3), 821 (13,5), 823 (13,3), 824 (13,3), 826 (13,2), 827 (15,3), 828 (6,2), 833 (13,4), 865 (6,2), 866 (4,2), 870 (18,1), 875 (14,1), 872 (15,2), 876 (6,3), 877 (15,2), 878 (15,1), 939 (17,1); **Farney, C.** 2703 (6,2), 2731 (9,1), 2843 (14,1), 2874 (9,1), 3005 (10,1); **Ferreira, E.V.R.** 1 (13,2), 20 (3,2), 23 (13,2), 24 (3,2), 189 (15,1), 222 (14,1); **Fladson** s.n. ASE 10849 (13,3); **Fonseca, M.R.** s.n. ASE 4185 (2,1), 36 (5,1), 153 (13,3), 244 (6,2), 328 (1,1), 439 (13,2), 476 (6,2), 502 (3,2), 532 (6,2), s.n. ASE 199 ASE (23,1), s.n. ASE 242 (20,1), s.n. ASE 247 (9,1), s.n. ASE 502 (24,1), s.n. ASE 586 (3,2), s.n. ASE 634 (13,4), s.n. ASE 736 (10,1), s.n. ASE 5262 (3,2), s.n. ASE 5266a (1,1); **França, M.R.** 43 (9,1); **Franco, C.R.P.** 5 (3,2), 6 (9,1); **Gilvan** s.n. ASE 13768 (13,3); **Givaldo** s.n. ASE 13776 (13,2); **Goes, M.** 83A (1,3); **Gomes, C.** 3 (10,1); **Gomes, E.** 5 (10,2), 112 (13,2), 119 (13,4), 145 (5,1), 234 (13,5), 332 (15,1), 523 (23,2), 805 (15,3); **Gomes, L.A.** 106 (13,4), 142 (4,2), 209 (13,4), 244 (4,2), 263 (9,1), 345 (4,2), 642 (4,2), 707 (10,1), 757 (2,1), 839 (4,2), 902 (4,2), 927 (10,2), 1053 (4,2); **Gomes, P.** 781 (13,2), 810 (9,1); **Harley, R.M.** 54306 (22,1); **Hatschbach, G.** 51554 (14,1), 63185 (6,5); **Iran** s.n. ASE 10875 (10,2), s.n. ASE 10889 (9,1), s.n. ASE 10892 (13,3); **Ivanauskas, N.M.** 4386 (3,1); **Koch, I.** 1016 (3,3); **Landim, M.** 156 (13,4), 424 (13,4), 423 (6,2), 503 (9,1), 602 (13,2), 715 (13,3), 770 (13,5), 809 (10,1), 825 (13,3), 875 (10,1), 997 (17,1), 1132 (10,2), 1165 (6,2), 1233(6,2), 1245 (6,1), 1277 (12,1), 1296 (10,1), 1435 (9,1), 1452 (13,4), 1465 (6,6), 1549 (4,2), 1553 (13,4); **Laurênio, A.** 528 (1,1), 563 (1,1); **Leitão-Filho, H.F.** 10761 (12,1), 34848 (23,1); **Lima, A.C.** 28 (13,3); **Lima, J.S.** 58 (9,1), 121 (23,2), 174 (10,1); **Lucena, M.F.A.** 1333 (13,3), 1342 (9,1), 1796 (4,2), 1814 (6,2); **Machado, W.J.** 45 (22,1), 49 (15,1), 68 (13,2), 72 (22,1), 77 (13,2), 99 (22,1), 183 (22,1), 185 (13,2), 201 (19,1), 236 (22,1), 270 (13,2), 276 (1,1), 789 (15,1), 947 (15,1), 1096 (3,3); **Maciel, J.R.** 298 (6,2); **Marlucia** 10 (13,2); **Martins, S.** 205 (13,5); **Matos, E.** 77 (25,1); **Matos, E.C.A.** 28 (13,4), 49 (13,3), 161 (9,1), 233 (13,3), 247 (10,1); **Matos, I.S.** 33 (13,4), 43 (13,4); **Mattos Silva, L.A.** 3017 (9,1); **Melo, D.S.** 99 (13,4); **Melo, E.** 486 (6,1); **Melo, J.F.** 9 (9,1), 31 (10,1), 51b (13,4); **Mendes, K.** 92 (13,3), 137 (13,3), 141 (13,2), 164 (9,1), 201 (10,2), 202 (10,1), 214 (13,4), 255 (24,1), 275 (13,5), 296 (10,2), 362 (24,1), 369 (13,2); **Miranda, A.M.** 6 (1,3), 2065 (1,3), 6109 (10,1); **Moura, D.C.** 139 (22,1), 159 (22,1), 524 (3,2), 809 (10,1); 882 (3,2), 883 (22,1), 1138 (22,1), 1231 (3,2); **Nascimento, F.H.F.** 224 (3,1); **Nascimento-Júnior, J.E.** 6 (13,4), 21 (4,1), 62 (13,4), 127 (6,2), 131 (15,1), 150 (13,3), 187 (13,3), 188 (13,5), 231 (13,4), 391 (6,2), 522(9,1), 575 (13,2), 620 (15,2), 642 (5,1), 688 (6,6), 728 (9,1), 832 (9,1), 939 (13,3), 992 (6,2), 1006 (4,1), 1079 (13,3); **Nogueira-Jr, F.C.** 5 (14,1); **Oliveira, D.G.** 134 (3,2), 49 (10,1), 304 (14,1), 302 (14,2), 229 (15,1), 208 (18,1); **Oliveira, D.M.** 60 (9,1); **Pereira, I.J.** 3845 (11,1), 4205 (11,1); **Pereira, L.A.** 428 (2,1); **Pott, A.** 10650 (3,3); **Prata, A.P.** 947 (15,1), 1185 (13,5), 1439 (9,1), 1457 (13,3), 1621 (3,2), 1676 (13,4), 2298 (6,2), 2370 (13,4), 2465 (15,2), 2469 (6,5), 2474 (15,1), 2595 (13,4), 2611 (6,2), 2663 (13,4), 2668 (4,2), 2680 (13,1), 2742 (15,1), 2772 (13,3), 2815 (6,2), 2965 (6,2), 3021 (10,2); **Ribeiro, L.V.** 69 (10,1); **Rivelino** s.n. ASE 13780 (13,3); **Rodrigues, L.M.O.** 4 (13,4), 57 (10,2), 72 (13,4); **Rosetto, E.S.** 42 (1,2); **Saint-Hilaire, A. de** A2-123 (14,2); **Sakai, L.** 33369 (12,1); **Sales M.F.** 1013 (6,4); **Sales, A.B.** 104 (10,1), 146 (13,4); **Salzmann, P.** 326 (16,1); **Sant'Ana, S.C.** 473 (7,1); **Santana, M.C.** 74 (13,3), 83 (13,2), 111 (13,4), 139 (24,1), 246 (13,2), 912 (6,2), 914 (13,3); **Santos, A.A.** 121 (3,1); **Santos, A.D.C.** 1 (9,1); **Santos, A.V.** 43 (10,1); **Santos, C.S.** 16 (9,1), 137 (13,3); **Santos, F.** 13 (10,2); **Santos, L.A.S.** 45 (15,1), 315 (13,4), 418 (18,1), 445 (13,3), 446 (13,5), 531 (6,4), 566 (6,2), 593 (6,2); **Schmidt, S.** 231 (13,3); **Silva L.A.M.** 2998 (6,2); **Silva, A.** s.n. ASE 5374 (10,2); **Silva, A.C.C.** 5 (5,1), 17 (9,1), 118 (15,2), 180 (3,2); 194 (13,4), 217 (16,1), 300 (3,2); **Silva, G.N.** 49 (13,4); **Silva, R.A.** 156 (22,1), 171 (1,1), 450 (22,1), 1170 (6,4), 1192 (22,1), 1213 (3,2), 1249 (6,4), 1432 (1,1), 1454 (6,4); **Silva, S.M.** s.n. UEC 51589 (24,1); **Silva, T.R.** 31 (10,2); **Simão-Bianchini, R.** 1764 (13,3); **Simão, A.O.** 146 (19,1), 634 (19,1); **Sousa, G.M.** 363 (6,2); **Souza, C.A.S.** 39 (13,4); **Souza, M.L.F.** 271 (10,1); **Souza-Alves, J.P.** 1 (10,1); **Souza-Silva, R.F.** s.n. ASE 253 (19,1); **Spina, A.P.** 493 (25,1); **Teresinha** s.n. ASE 10866 (10,2), s.n. ASE 10873 (13,3); **Vale, C.O.** 7 (10,2); **Valeria** s.n. ASE 10887 (10,2), s.n. ASE 10888 (9,1); **Vasconcelos, M.** 10 (9,1); **Viana, G.** 48 (10,1), 54 (10,1), 59 (6,6), 72 (17,2), 160 (13,1), 189 (22,1), 190 (3,2), 214 (10,1), 232 (9,1), 279 (22,1), 286 (2,1), 327 (22,1), 383 (22,1), 401 (22,1), 503 (21,1), 573 (6,5), 616 (18,1), 656 (13,1), 665 (13,1), 857 (10,1), 1055 (23,1), 1076 (10,1), 1225 (24,1), 1241 (13,1), 1259 (6,2), 1293 (8,1), 1301 (13,5), 1429 (1,1), 1504 (15,1), 1525 (6,5), 1743 (13,1), 1734 (13,5), 1820 (13,1), 1860 (6,2), 1922 (9,1), 1951 (13,3), 1963 (20,1), s.n. ASE 279 (13,4), s.n. ASE 10843 (13,5), s.n. ASE 1182 (13,4); **Vicente, A.** 59 (10,1).

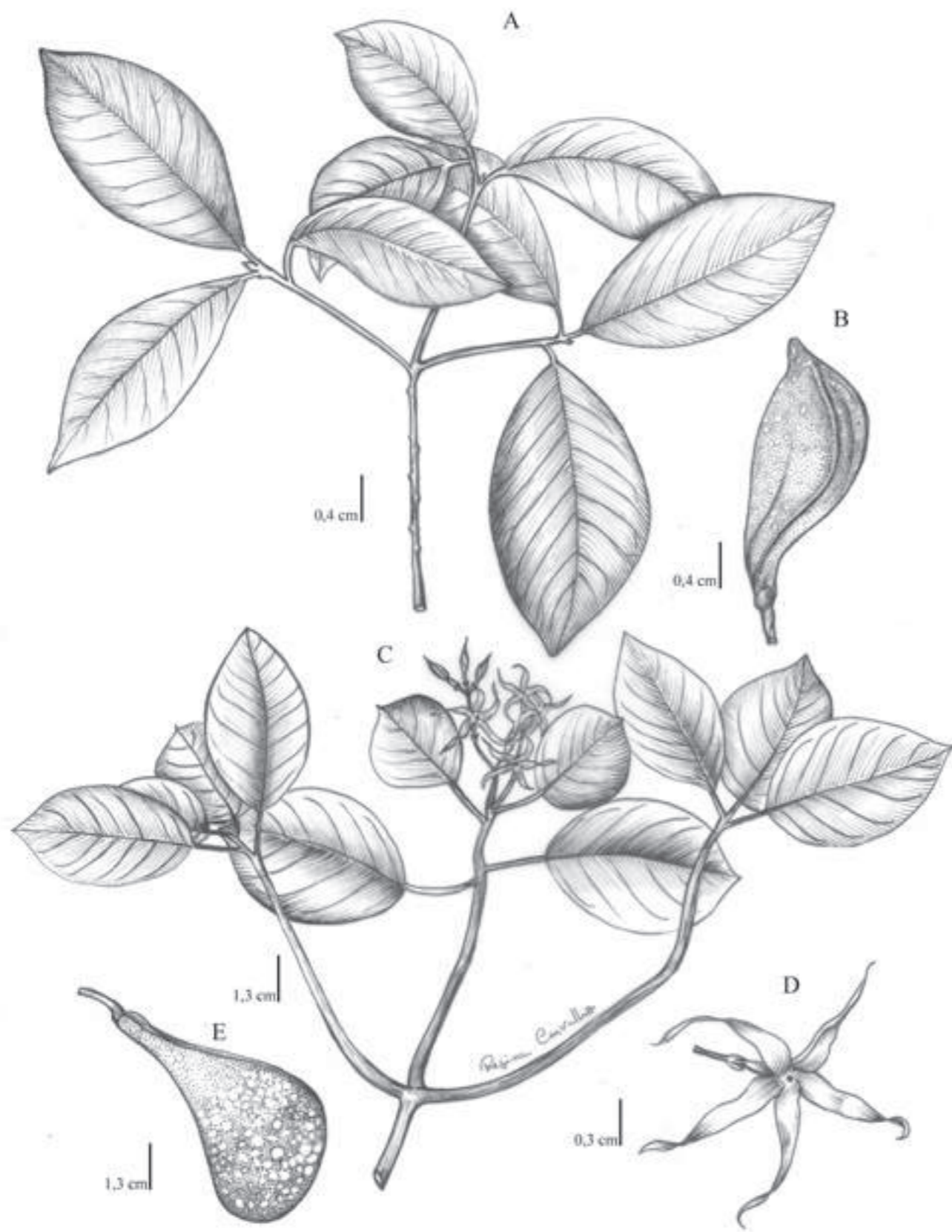


Figura 1. A-B. *Aspidosperma subincanum* Mart. Ex A.DC. A. Ramos vegetativo. B. Fruto em vista lateral (Machado, W.J. 1096, ASE.). C-E *Aspidosperma pyriforme* Mart. C. Ramos com flores. D. Flor em vista frontal (Carneiro, E.M. 200, ASE). E. Fruto em vista lateral. (Silva, A.C.C. 180, ASE).

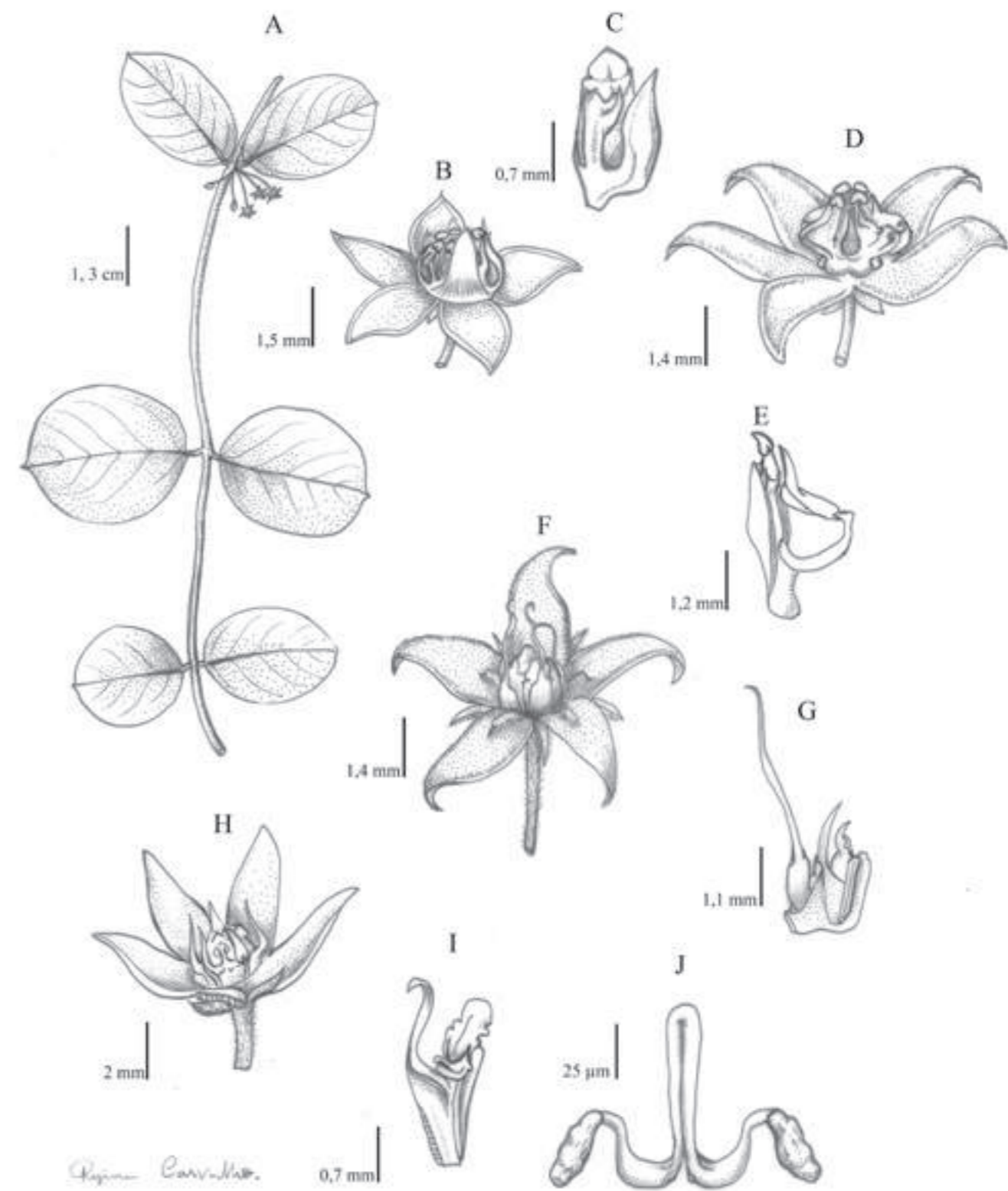


Figura 2. A-C. *Blepharodon costae* Fontella & Morillo. A. Ramo florido. B. Flor em vista lateral. C. Detalhe da antera com corona (Nascimento- Júnior, J.E., 1006, ASE). D-E. *Blepharodon pictum* (Vahl.) W.D. Stevens. D. Flor em vista lateral. E. Detalhe da antera com corona (Farinaccio, M.A. 866, ASE). F-G. *Ditassa dardanoi* T.U.P. Konno & Wand. F. Flor em vista lateral. G. Detalhe da antera com corona (Andrade-Lima, D. 79-9575, IPA). H-J. *Ditassa rotundifolia* (Decne.) Baill. Ex K.Schum. H. Flor em vista lateral. I. Detalhe da antera com corona. J. Polinário (Andrade-Lima, D. 62-4100, IPA)



Figura 3. A-C. *Temnadenia odorifera* (Vell.) J.F.Morales. A. Ramo florido. B. Flor em vista frontal. C. Flor em vista lateral (Costa, S.M.C. 307, ASE). D-E *Malouetia cestroides* (Nees ex Mart.) Müll.Arg. D. Ramo com frutos. E. Detalhe de uma folha em face abaxial, evidenciando domácia na axila de nervura secundária com a principal (Landim, M. 1277, ASE).

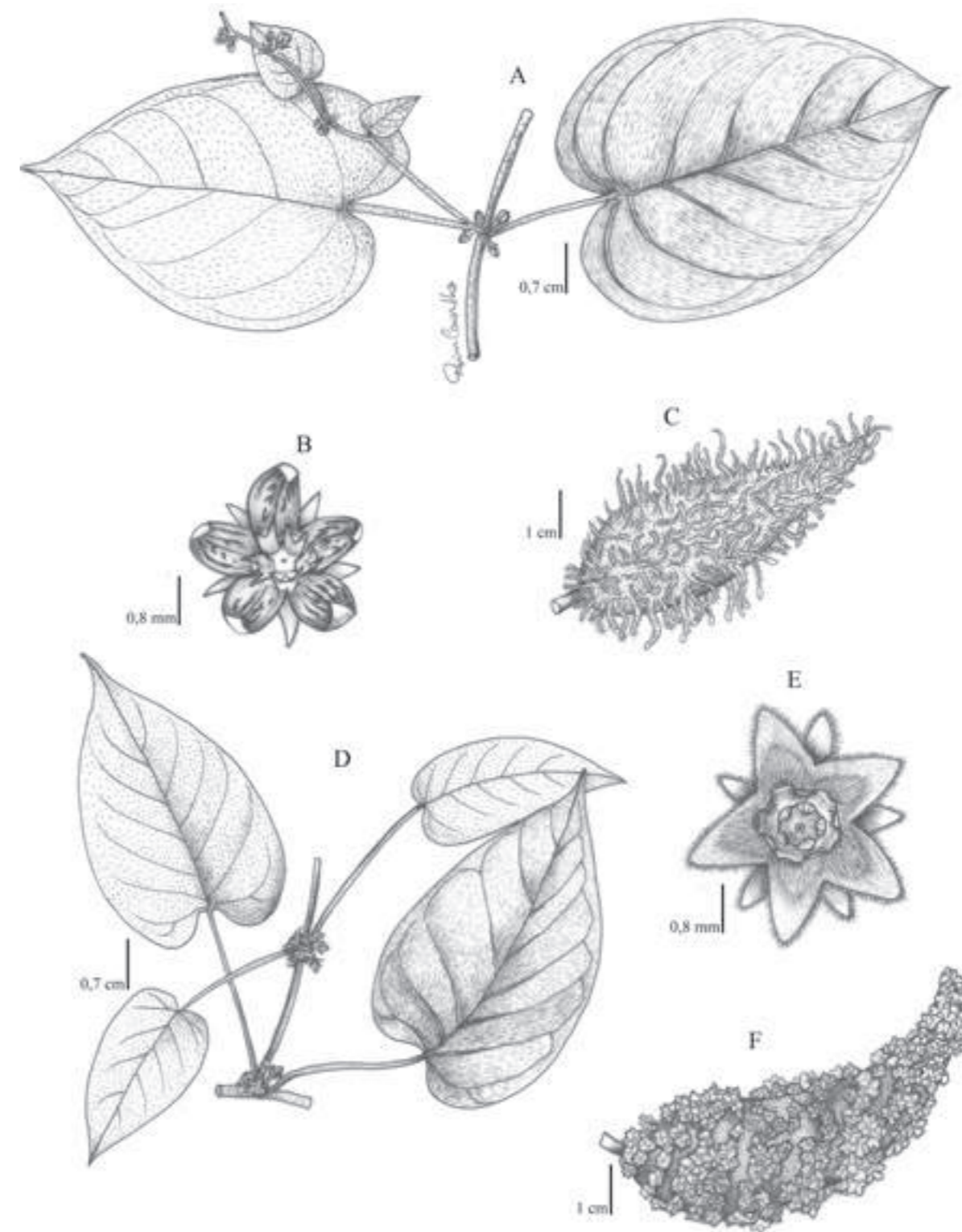


Figura 4. A-C. *Matelea ganclinosa* (Vell.) Rapini. A. Ramo florido. B. Flor, vista frontal; C. Fruto, evidenciando ornamentação (Nascimento - Júnior, J.E. & Amaral, L. 131, ASE). D-F. *Matelea nigra* (Decne.) Morillo & Fontella. D. Ramo florido. E. Flor, vista frontal (Farinaccio, M.A. 872, ASE). F. Fruto, evidenciando ornamentação (Prata, A.P. 2465, ASE).



Figura 5. A. *Odontadenia salzmannii* (A.DC.) K. Schum.. A. Ramo florido (Silva 217, ASE). B-G. *Tabernaemontana laeta* Mart. B. Ramo florido. C. Botão floral. D. Flor em vista lateral (Viana, G. 1055, ASE). E. Fruto aberto, evidenciando sementes parcialmente revestidas por arilo. F. Sementes. G. Fruto (Leitão Filho 34848, UEC).

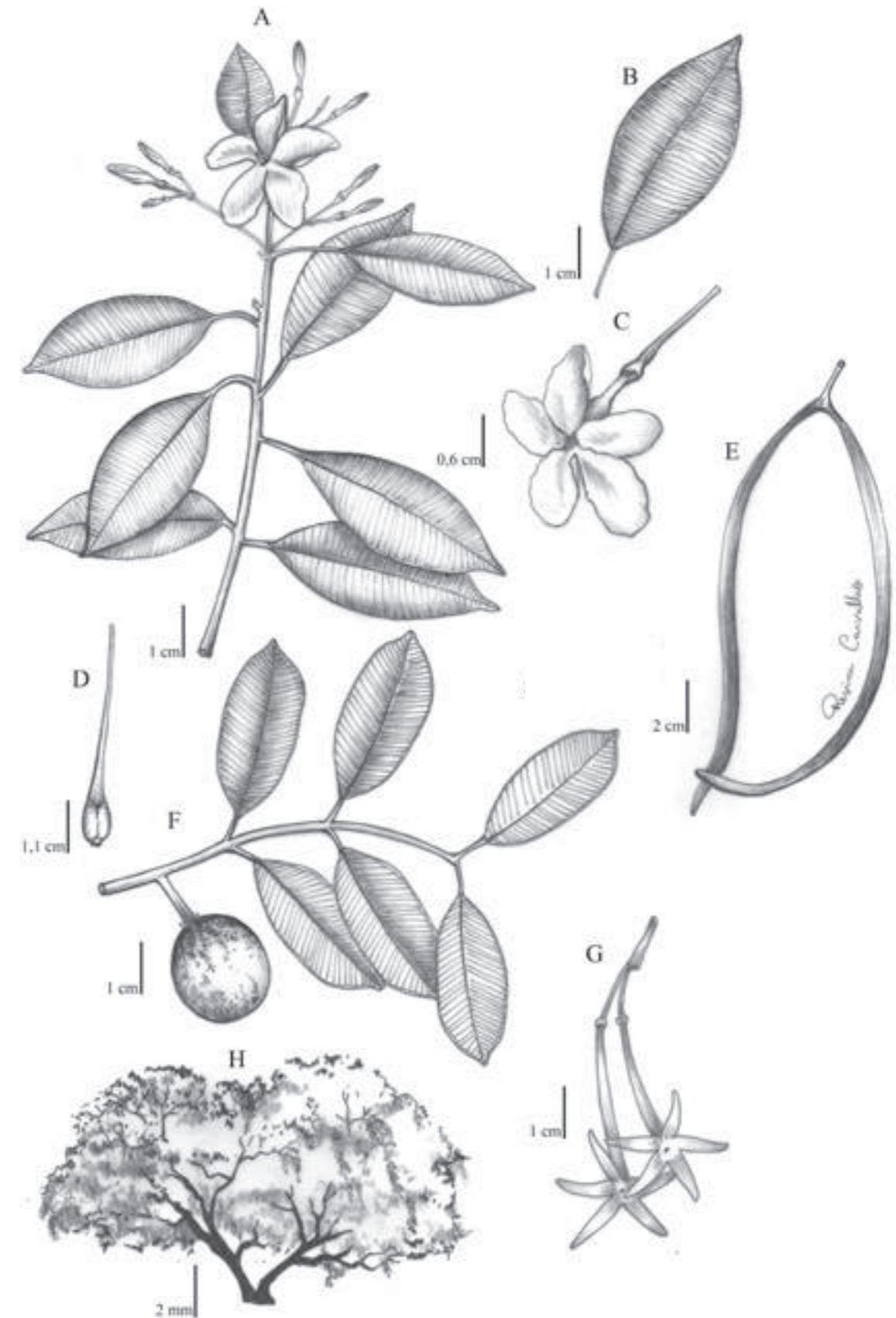


Figura 6. A-E. *Skytanthus hancornifolius* (A. DC.) Miers. A. Ramo florido. B. Lâmina foliar, face adaxial. C. Flor em vista lateral. D. Antera em vista ventral, evidenciando apêndice apical filiforme (Machado, W.J. 45, ASE). E. Fruto (Machado, W.J. 72, ASE). F-H. *Hancornia speciosa* Gomes. F. Ramo com fruto G. Hábito. H. Inflorescência (Farinaccio, M.A. 806, ASE).

Lianas. Folhas alternas, pecioladas, simples, margem inteira, venação palmada-reticulada. Pseudoestípula axilar as vezes presente. Inflorescência racemosa ou flores solitárias. Flor trímera, zigomorfa, monoclamídea, ovário ínfero. Perianto gamotépalo, dividido em utrículo, tubo e limbo. Superfície interna do utrículo tomentosa, superfície interna do tubo setulosa; androceu gamostêmone, diplostêmone, concrecido ao estilete (ginostêmio), anteras sésseis, deiscência longitudinal; gineceu gamocarpelar, 6-carpelar, 6-locular, placentação axilar, pluriovulado. Fruto capsular, deiscência septícida, sementes numerosas.

Aristolochiaceae é composta por quatro gêneros e aproximadamente 550 espécies (González 1999). Apresenta distribuição cosmopolita, embora a maioria das espécies esteja concentrada nos trópicos, tendo as Américas como seu centro de diversidade (Huber 1993; Capellari Jr. 2002; González 2004). No Brasil, apenas o gênero *Aristolochia* L. está presente e é representado por cerca de 90 espécies. No Estado de Sergipe, quatro espécies estão presentes (Barros & Araújo 2012). São espécies preferencialmente encontradas nos dosséis e bordas de formações florestais, embora possam ser encontradas no sub-bosque e no estrato herbáceo.

Aristolochia L. é o gênero mais representativo, contendo cerca de 70% da riqueza da família (González 2011). Predominantemente tropical, em Sergipe pode ser encontrado tanto nas formações vegetais da Floresta Atlântica quanto na Caatinga (Barros & Araújo 2012). São localmente denominadas de "papo-de-peru" (dados de exsicatas).

Chave para identificação das espécies de **Aristolochiaceae** de Sergipe

1. Pseudoestípula presente2
2. Folha com ápice obtuso a agudo; perianto bilabiado.....**2. *Aristolochia labiata***
- 2'. Folha com ápice trilobado; perianto unilabiado..... **4. *Aristolochia trilobata***
- 1'. Pseudoestípula ausente.....3
3. Folha oblonga-ovalada, membranácea a cartácea; perianto creme com venações vináceas ou marrons, lábio obovado com um par de projeções laterais horizontais..... **1. *Aristolochia birostris***
- 3'. Folha ovalada, coriácea; perianto róseo, lábio orbicular a oblongo.....**3. *Aristolochia sp. nov.***

¹ Universidade Federal de Pernambuco, Centro de Ciências Biológicas, Depto. Botânica. Laboratório de Morfo-Taxonomia Vegetal. Av. Prof. Moraes Rego, s/n, Cidade Universitária, Recife, Pernambuco, Brasil. CEP: 50670-901. E-mail: ariclenesalmeida@gmail.com

1. *Aristolochia birostris* Duch. Ann. Sci. Nat., Bot. sér. 4, 2: 60. 1854. Tab. 99 (Hoehne 1942).

Aristolochia allemanii Hoehne. Arch. Bot. São Paulo 1: 15, pl. 5. 1925.

Nome popular: Jarrinha

Ramos glabrescentes quando jovens. Pecíolo 1.9-3 cm compr., glabrescente. Folha oblonga-ovalada, 6-8.5 × 2.5-4.5 cm, face adaxial glabra, abaxial pubescente, membranácea a cartácea, base profundamente cordada, ápice agudo, veias primárias 5-7; pseudoestípula ausente. Racemos axilares. Pedicelo+ovário ca. 1.6 cm compr., glabrescente. Perianto externamente glabro, creme com venações vináceas ou marrons; utrículo obovoide, 1.8-2.2 × 1.2-1.5 cm, tubo 1.3-2 cm compr., limbo unilabiado, lábio obovado, 1-1.3 × 2-2.5 cm, ápice truncado e mucronulado com um par de projeções laterais horizontais (Fig. 1A), superfície interna glabra, papilas e fímbrias ausentes; ginostêmio ca. 0.4 × 0.3 cm, estipitado. Cápsula cilíndrica, 2.7-3.1 × 1-1.2 cm, rostro ausente ou inconspícuo, 0-0.8 cm compr. Semente deltoide, 0.5-0.6 × 0.3-0.5 cm, verrucosa, face adaxial convexa, face abaxial côncava.

Comentários: *Aristolochia birostris* encontra-se morfologicamente mais próxima às espécies unilabiadas que carecem de pseudo-estípula. Entretanto, pode ser facilmente distinguida pela forma de seu lábio, que apresenta um par de projeções horizontais laterais. É endêmica do Nordeste brasileiro, sendo mais comum em áreas de Caatinga, embora também possa ser encontrada na Floresta Atlântica e no Cerrado (Barros & Araújo 2012). Floresce e frutifica durante todo o ano.

Material selecionado: **BRASIL. Sergipe:** Barra dos Coqueiros, III/1991, fl., C. Farney & J.C. Silva 2718 (ASE); Capela, XI/2008, fl., A.C. Silva 196 (ASE); Estância, VI/1997, M.Landim 1226 (ASE); Japarutuba, VI/2006, fl., L.M.O. Rodrigues & E. Santos 71 (ASE); Nossa Senhora da Glória, VI/1984, fl., M.C. Santana 229 (ASE); Poço Redondo, VIII/ 1986, fl., G. Viana 1565 (ASE); Simão Dias, VIII/2010, fl., A.P. Prata et al. 2398 (ASE); Santa Luzia do Itanh, XI. 1993, fl., fr., M.A. Amorim et al. 1498 (ASE, CEPEC); IX/1995, fl., fr., M. Landim & C. Proença 645 (ASE); São Cristóvão, VII/1988, fl., R.C. Oliveira s.n. (ASE 11538).

2. *Aristolochia labiata* Willd. Mém. Coc. Imp. Naturalistes Moscou 2: 101. t. 6. 1809. Tab. 27 (Masters 1875).

Aristolochia brasiliensis Mart. & Zucc. Nov. Gen. Sp. Pl. (Martius) 1(3): 77. 1824.

Aristolochia galeata Mart. & Zucc. Nov. Gen. Sp. Pl. (Martius) 1(3): 76, t. 50. 1824.

Ramos glabros. Pecíolo 6.5-13 cm compr., glabros. Folha ovalada a reniforme, 8-11 × 10-11 cm, glabra, membranácea a cartácea, base profundamente cordada, ápice obtuso a agudo, veias primárias 5-7; pseudoestípula orbicular a ovalada, 3-5 × 3-4 cm. Flor solitária. Pedicelo+ovário 6-10 cm compr., glabro. Perianto externamente glabro, creme com venações avermelhadas; utrículo obovoide, 6.5-7 × 3.7-4.5 cm, tubo 1.7-3.1 cm compr., limbo bilabiado, papilas e fímbrias ausentes, lábio inferior lanceolado, 6-13.5 × 2-3 cm,

ápice agudo, superfície interna setulosa, lábio superior oblongo, unguiculado, 6-9.5 × 12.5-17.5 cm, ápice retuso (Fig. 1B), superfície interna glabra; ginostêmio ca. 1.2 × 0.9 cm, estipitado. Cápsula cilíndrica, 10-13.6 × 3.5-4.7 cm, rostro inconspícuo, 0.3-0.5 cm compr. Semente deltoide a romboide, 1-1.5 × 0.9-1.1 cm, face adaxial verrucosa no centro, plana, face abaxial lisa, plana.

Comentários: *Aristolochia labiata* encontra-se morfologicamente mais próxima às espécies bilabiadas com pseudoestípula. Pode ser reconhecida a partir de seu lábio inferior lanceolado e lábio superior membranáceo e pêndulo. Ocorre ao longo da América do Sul e América Central. No Brasil pode ser encontrada na Floresta Atlântica e no Cerrado (Barros & Araújo 2012; Pfeifer 1966; Tropicos, 2013). Floresce em outubro e frutifica em dezembro.

Material selecionado: **BRASIL. Sergipe:** Capela, X/2008, fl., A.C. Silva 205 (ASE); Salgado, X/1981, fl., E.M. Carneiro 153 (ASE).

3. *Aristolochia sp. nov.*

Ramos glabrescentes quando jovens. Pecíolo 2.3-2.5 cm compr., glabrescente. Folha ovalada, 6.7-9.5 × 8.1-11.5 cm, face adaxial glabra, abaxial glabrescente, coriácea, base profundamente cordada, ápice agudo a acuminado, veias primárias 5; pseudoestípula ausente. Racemos axilares. Pedicelo+ovário 1.2-1.6 cm compr., glabrescente. Perianto externamente glabro, róseo; utrículo obovoide, 1.5-2.6 × 1.1-2.3 cm, tubo 1.4-2.8 cm compr., limbo unilabiado, lábio orbicular a oblongo, revoluto, 0.8-1.2 × 0.8-2 cm, ápice obtuso a retuso, mucronulado (Fig. 1C), superfície interna glabra, papilas e fímbrias ausentes; ginostêmio ca. 0.3 × 0.3 cm, estipitado. Cápsula cilíndrica, 3.1-5.2 × 1.4-1.7 cm, rostro inconspícuo, ca. 0.2 cm compr. Semente deltoide, 0.5-0.6 × 0.3-0.4 cm, verrucosa, face adaxial convexa, face abaxial côncava.

Comentários: *Aristolochia sp. nov.* pode ser diferenciada da espécie morfologicamente mais próxima através de suas folhas coriáceas, flores dispostas em racemos e pela superfície interna do lábio do perianto, que carece de papilas ou fímbrias. Floresce em março e agosto; frutifica em janeiro.

Material selecionado: **BRASIL. Sergipe.** Areia Branca, III/1975, fl., A.C.C. Barreto s.n. (ASE 330); São Cristóvão, VIII/1997, fl., M. Landim et al. 1303 (ASE).

4. *Aristolochia trilobata* L. Sp. Pl. 2: 960. 1753. Tab. 43 (Hoehne 1942).

Aristolochia macroua Gomez. Obs. Bot.-Med. Non. Bras. Pl. 2: 27, t. 4. 1803.

Ramos glabros. Pecíolo ca. 2.5 cm compr., glabro. Folha obovada, 6-9.5 × 8.1-12 cm, face adaxial glabra, abaxial pubescente, membranácea a cartácea, base truncada a sutilmente cordada, ápice trilobado, lobos obtusos a agudos, veias primárias 5; pseudoestípula ovalada, 0.7-2 × 0.3-2.1 cm. Flor solitária. Pedicelo+ovário 7.6-8.6 cm compr., glabro.

Perianto externamente glabro, creme com veações avermelhadas; utrículo oblongo a obovoide, 4.5-5.8 × 2.1-4.1 cm, tubo 4.4-5.8 cm compr., limbo unilabiado, lábio filiforme com expansão orbicular ou cordada na base, 22-45.5 × 2.2-2.4 cm, ápice agudo (Fig. 1D), superfície interna glabra, papilas e fímbrias ausentes; ginostêmio 0.8-1 × 0.5-0.8 cm, estipitado. Cápsula cilíndrica, 5.3-9.7 × 1.9-2.2 cm, rostro ausente. Semente deltoide, 0.5-0.8 × 0.5-0.8 cm, verrucosa, face adaxial convexa, face abaxial côncava.

Comentários: *Aristolochia trilobata* encontra-se morfologicamente mais próxima às espécies unilabiadas com pseudoestípula, entretanto, pode ser facilmente distinguida pelo ápice trilobado de suas folhas. Tem ampla distribuição, ocorrendo na América Central e América do Sul (Pfeifer 1966). No Brasil pode ser encontrada nos domínios das florestas Atlântica e Amazônica (Barros and Araújo 2012). Floresce e frutifica durante todo o ano.

Material selecionado: **BRASIL. Sergipe.** Frei Paulo, VI/2009, C. Alviano 13629 (ASE).

Material examinado adicional: **BRASIL. Bahia:** Itabuna, XI 2009, fr., L. Daneu & L.C. Gomes 193 (CEPEC); Itacaré, VIII/1998, fl., J.G. Jardim & P.G. Jardim 1844 (CEPEC).

Referências bibliográficas

Barros, F. & Araújo, A. A. M. 2012. Aristolochiaceae. In: **Lista de espécies da flora do Brasil**. Jardim Botânico do Rio de Janeiro. (<http://floradobrasil.jbrj.gov.br/2012/FB000054>). Acesso em 01/12/2012.

Capellari Jr., L. 2002. Aristolochiaceae. Pp. 39-49. In: Wanderley, M. G. L.; Shepherd, G. J. & Giuliatti, A. M. (ed.). **Flora Fanerogâmica do Estado de São Paulo**. vol. 2. São Paulo: HUCITEC.

González, F. 1999. Inflorescence morphology and the systematics of Aristolochiaceae. **Systematics and Geography of Plants** 68: 159-172.

González, F. 2004. Aristolochiaceae. In: Smith, N. et al. (ed.). **Flowering plants of the Neotropics**. Princeton University Press. Pp. 31-33.

González, F. 2011. A new pseudostipule-bearing species of *Aristolochia* (Aristolochiaceae) from Bahía and Espírito Santo, Brazil. **Brittonia** 63: 430-435.

Hoehne, F. C. 1942. Aristolochiaceae. Pp. 1-141. In: Hoehne, F. C. (ed.). **Flora Brasílica**. Secretaria da Agricultura, Indústria e Comércio de São Paulo.

Huber, H. 1993. Aristolochiaceae. In: Kubitzki, K.; Rohwer, J. G. & Bittrich, V. (ed.). **The Families and Genera of Vascular Plants, vol. 2**. Springer-Verlag Berlin Heidelberg. Pp. 129-137.

Masters, M. T. 1875. Aristolochiaceae. In: Martius, C. F. P., Eichler, A. G. and Urban, I. (ed.). **Flora Brasiliensis** 4 (2). Lipsiae. Pp. 77-114.

Pfeifer, H. W. 1966. Revision of the North and Central American Hexandrous Species of *Aristolochia* (Aristolochiaceae). - **Annals of the Missouri Botanical Garden** 53(2): 115-196.

Tropicos.org. Missouri Botanical Garden. <<http://www.tropicos.org>>. Acesso em 01/09/2013.

A.A.M.Araújo *et al.* 311 (1); A.C.C.Barreto s.n. (ASE 330) (3); A.C. Silva 196 (1), 205 (2); A. Melquíades & G.J. Bezerra 199 (2); A.P. Prata *et al.* 2398 (1); C. Alviano 13629 (4); C. Farney & J.C. Silva 2718 (1); E.M. Carneiro 153, 275 (2); F.S. Gomes *et al.* 651 (3); G. Pinto 58-2 (4); G. Viana 1565 (1); J.G. Jardim & P.G. Jardim 1844 (4); K. Mendes *et al.* 288 (3); L. Daneu & L.C. Gomes 193 (4); L.M.O. Rodrigues & E. Santos 71 (1); M.A. Amorim *et al.* 1498 (1); M.C. Santana 229 (1); M.F. Landim 1226 (1); M. Landim & C. Proença 645 (1); M.F. Landim *et al.* 1303 (3); R.C. Oliveira s.n. (ASE 11538) (1); S.S. Mendes s.n. (ASE 10137) (1); T.V.P. Dantas & J.E. Nascimento-Júnior 64 (3); W.J. Machado *et al.* 92 (1).

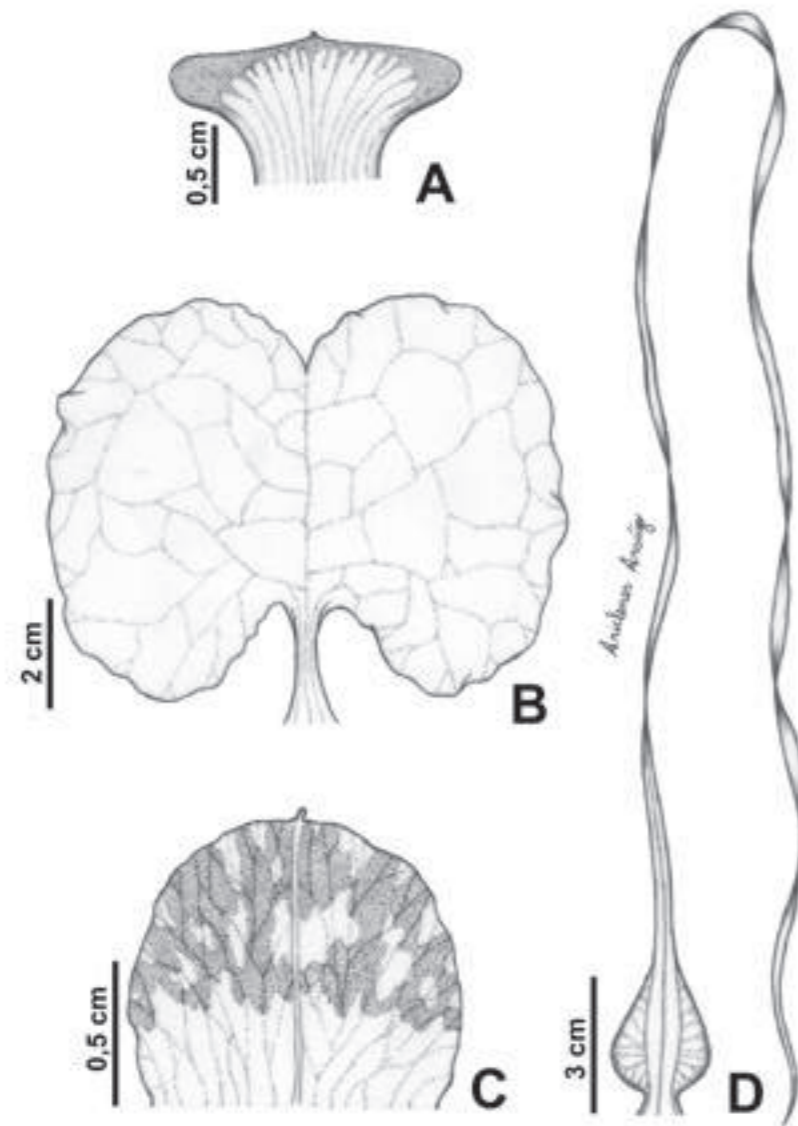


Figura 1. Lábios dos periantos das espécies de Aristolochiaceae encontradas no Estado de Sergipe. **A.** *Aristolochia birostris* Duch. (A. A. M. Araújo *et al.* 311). **B.** Lábio superior de *Aristolochia labiata* Willd. (A. Melquíades & G. J. Bezerra 199). **C.** *Aristolochia* aff. *tamniifolia* (Klotzsch) Duch. (F. S. Gomes *et al.* 651). **D.** *Aristolochia trilobata* L. (G. Pinto 58-2).

BALANOPHORACEAE

Aline Melo¹ e Marccus Alves²

Ervas terrícolas, aclorofiladas, holoparasitas de raízes de arbustos ou árvores, tuberosas, ramificadas. Estruturas vegetativas muito reduzidas ou ausentes, e geralmente subterrâneas. Inflorescência emergente, terminal, espiciforme; escamas dispostas em forma de espiral, desde sua base e podendo atingir o ápice da inflorescência. Flores actinomorfas, unissexuadas, numerosas, pouco vistosas, bracteadas ou não; flor masculina monoclamídea, trímera, tépalas 2-3, perigônio livre, estames 2-3, isostêmone, anteras com deiscência longitudinal; flor feminina aclamídea, ovário súpero, uniovulado, estilete-1, terminal. Frutos do tipo aquênio.

Balanophoraceae possui 18 gêneros e cerca de 50 espécies, com distribuição principalmente tropical, e algumas espécies ocorrendo em regiões subtropicais (Hansen 1980, Cardoso *et al.* 2011). A família possui elevada diversificação na região Neotropical, no qual seis dos sete gêneros que ocorrem nessa região são endêmicos (González 2004). No Brasil ocorrem seis gêneros e 13 espécies representados por todo o país, onde na região Nordeste há registro de três gêneros e três espécies (Cardoso & Braga 2013).

1. *Langsdorffia hypogaea* Mart., J. Brasil. 2: 178. 1818.

Fig.1 A-C

Ervas de até 13 cm alt.; rizoma amarelado, cilíndrico, viloso, grande parte subterrâneo. Escamas 0,4-2,8 x 0,4-0,8 mm, marrons e beges na fauce interna, coriáceas, dispostas em 4-8 verticilos, deltoides a elípticas, ápice agudo, margem ciliada. Inflorescência masculina avermelhada, deltoide, flores 5-8 mm compr., amareladas a rosadas, curvadas, tépalas ovadas, ápice arredondado, margens involutas, brácteas 4-5 x 2-3 mm, avermelhadas, ovadas, ápice agudo, pedicelo 4-6 mm compr., 3-estames, elípticos a lanceolados, sésseis. Inflorescência feminina avermelhada, globosa, flor 1-1,5 mm compr., avermelhadas, ovário 0,8-1 x 0,5-0,8 mm, oblongo a elipsoide. Fruto 1,5-2 x 0,3-0,5 mm, elipsoide. Sementes diminutas, elipsoides a globoides.

Comentários: *Langsdorffia* Mart. possui quatro espécies e está representado na região Neotropical, Madagascar e Nova Guiné (Hansen 1980, Cardoso *et al.* 2011). No Brasil estão registradas duas espécies, *Langsdorffia heterotepala* L.J.T. Cardoso, R.J.V. Alves & J.M.A. Braga e *Langsdorffia hypogaea* Mart., sendo a primeira restrita as regiões Sul e Sudeste do país. *Langsdorffia hypogaea* ocorre desde o México ao Brasil, onde possui

¹ Universidade Federal de Pernambuco, Centro de Ciências Biológicas, Depto. Botânica. Laboratório de Morfo-Taxonomia Vegetal. Av. Prof. Moraes Rego, s/n, Cidade Universitária, Recife, Pernambuco, Brasil. CEP: 50670-901. (aline_vmelo@yahoo.com.br)

² Universidade Federal de Pernambuco, Centro de Ciências Biológicas, Depto. Botânica. Laboratório de Morfo-Taxonomia Vegetal. Av. Prof. Moraes Rego, s/n, Cidade Universitária, Recife, Pernambuco, Brasil. CEP: 50670-901. (alves.marccus@gmail.com)

ampla distribuição e está presente na Amazônia, Caatinga, Cerrado, Mata Atlântica e Pantanal (Cardoso & Braga 2013). Em Sergipe, a espécie foi encontrada apenas em áreas de floresta, mas em outros estados ela também ocorre em áreas de caatinga, restinga e campos rupestres, desde que em locais sombreados. Segundo Hansen (1980), a espécie floresce durante todo o ano, mas em Sergipe foi observada em floração entre agosto e dezembro, e não foi observada em frutificação.

Material examinado: **BRASIL. Sergipe:** Pirambu, IX.1994, fl. fem., *Landim 733* (ASE); Santa Luzia do Itanh, 21/IX/2010, fl. masc., *Gomes & Santos 7* (ASE); 3/VIII/1982, fl. fem., *Carneiro 412* (ASE); 18/IX/1981, fl. fem., *Viana 122* (ASE).

Material adicional examinado: **BRASIL. Pernambuco:** Serinhaém, 15/XII/2004, fr., *Siqueira-Filho et al. 1453* (UFP); 20/IX/2008, fl. fem., *Melo et al. 328* (UFP); 21/XII/2010, fl. masc., *Melo et al. 711* (UFP).

Referências Bibliográficas

Cardoso, L. J. T.; Alves, R. J. V. & Braga, J. M. A. 2011. A new species and a key for *Langsdorffia* (Balanophoraceae). **Systematic botany** 36(2): 424-427.

Cardoso, L. J. T. & Braga, J. M. A. 2013. Balanophoraceae. In: **Lista de Espécies da Flora do Brasil**. Rio de Janeiro, Jardim Botânico do Rio de Janeiro. Disponível em: <http://floradobrasil.jbrj.gov.br/jabot/floradobrasil/FB56>. Acesso em: 08/04/13.

Falcão, W. F. A. 1975. **Flora Ilustrada Catarinense: Balanoforáceas**. Santa Catarina, EMPASC, 43p.

González, F. 2004. Balanophoraceae. Pp. 465-468. In: Smith, N.; Mori, S. A.; Henderson, A.; Stevenson, D. Wm. & Heald, S. V. (eds.). **Flowering plants of the Neotropics**. Princeton and Oxford, Princeton University press Ed.

Hansen, B. 1980. Balanophoraceae. **Flora Neotropica** 23:1-80.

Lista de Exsicatas

Carneiro, E. 412 (1). **Gomes, L.A. & Santos, E.** 7 (1). **Landim, M.** 20 (1). **Melo, A.** 328, 711 (1). **Siqueira-Filho, J. A.** 1453 (1). **Viana, G.** 122 (1).

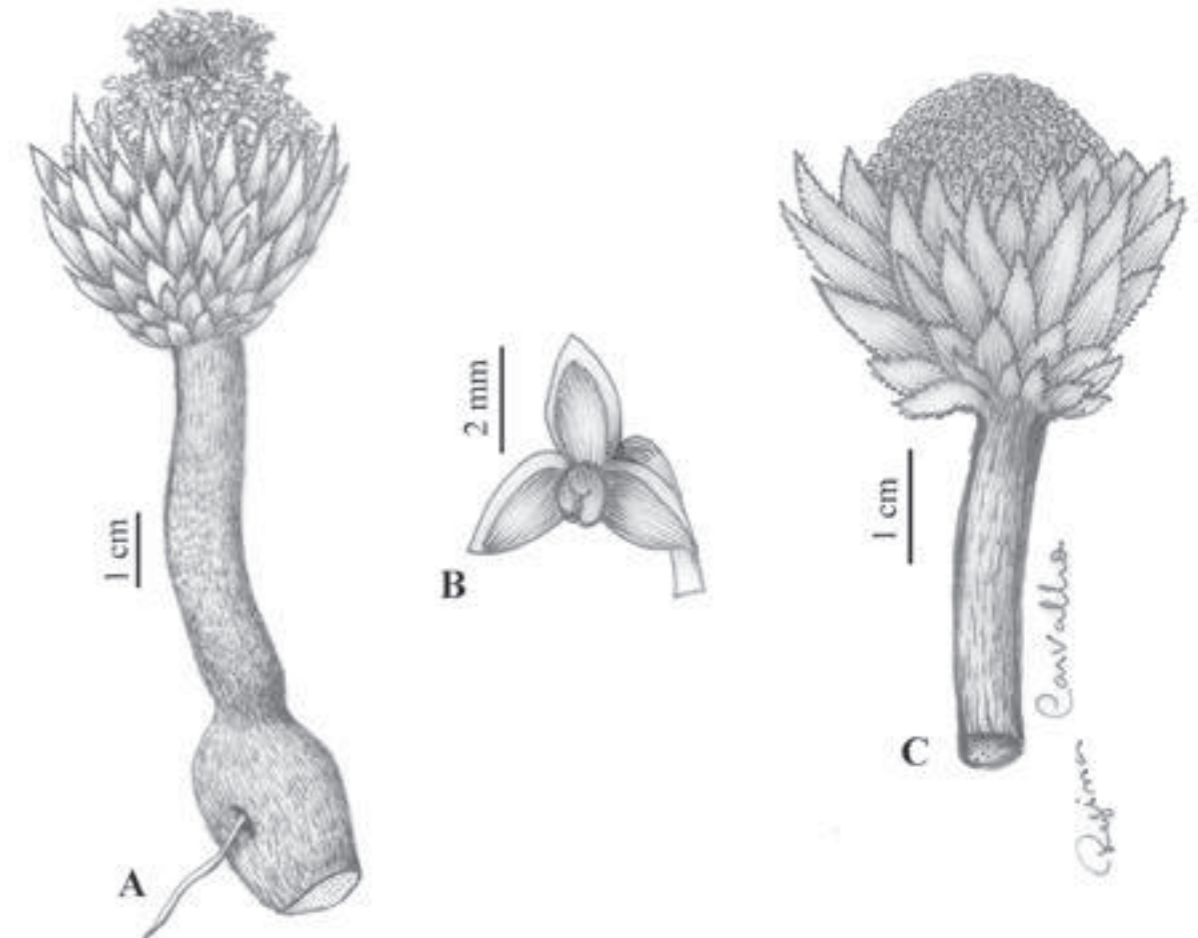


Figura 1: A-C. *Langsdorffia hypogaea* Mart. A. Indivíduo masculino (L.A. Gomes & E.Gomes 7, ASE). B. Flor masculina. C. Indivíduo feminino (M. Landim 733, ASE).

Aline Melo¹
Marccus Alves¹

Ervas terrestres clorofiladas ou mico-heterótrofas, verdes, alvas a levemente amareladas ou lilás a roxas, glabras; caule ereto, cilíndrico, ramificado ou sem ramificações. Folhas alternas, simples, sésseis, uninérveas, margem inteira. Inflorescência terminal, cimeira ou racemo, bracteada. Flores pouco vistosas, actinomorfas, bissexuadas, diclamídeas, homoclamídeas, trímeras, tubulares ou infundibuliformes, sésseis ou pediceladas; tépalas 6, 3 externas (maiores) e 3 internas (menores); estames 3, adnatos ao perigônio e abaixo das tépalas internas, livres entre si; nectários presentes ou ausentes; gineceu gamocarpelar, ovário ínfero, tricarpelar, uni ou trilobular, plurióvulado, placentação axial; estilete único, estigmas 3. Fruto cápsula, deiscência transversal.

Burmanniaceae está representada por 13 gêneros e cerca de 130 espécies, e distribuída nas regiões tropical e temperada (Maas-van de Kamer 1998). Segundo Maas *et al.* (2013), no Brasil estão presentes oito gêneros e 26 espécies, distribuídas nos domínios da Amazônia, Cerrado, Mata Atlântica e Pampa, porém com maior riqueza na Amazônia (19 espécies) e Mata Atlântica (11 espécies). Em Sergipe estão registrados três gêneros, cada um com apenas uma espécie.

Chave para identificação das espécies de **Burmanniaceae** de Sergipe

1. Ervas de caule verde a levemente amarelado (clorofiladas); flores tubulosas
..... **2. *Burmannia capitata***
1'. Ervas de caule alvo ou lilás a roxo (mico-heterótrofas); flores infundibuliformes2
2. Ervas de caule lilás a roxo; inflorescência racemo **1. *Apteria aphylla***
2'. Ervas de caule alvo; inflorescência cimeira **3. *Gymnosiphon divaricatus***

1. *Apteria aphylla* (Nutt.) Barnhart ex Small., Fl. s.e. U.S.: 309. 1903.

Fig. 1A-B.

Ervas 6,8-15 cm alt., mico-heterótrofas; caule lilás a roxo, ramificado ou sem ramificações. Folhas 1,2-2,5 x 0,5-1 mm, lilás, lanceoladas, ápice agudo. Inflorescência 2,5-7 cm compr., 2-8 flora, racemo, brácteas 2-2,5 x 0,3-0,5 mm, elípticas a levemente lanceoladas, ápice agudo. Flores 5-10 mm compr., lilás a roxas e com fauce interna alva; pedicelo 3-5 mm compr.; tépalas externas deltoides, tépalas internas elípticas; ovário até ca. 2 x 1,5 mm, unilocular, nectários ausentes; estigmas amarelos, caliciformes, apêndices ausentes. Fruto 2-3 x 2-3 mm, globoide, estilete persistente. Sementes até ca. 0,5 mm compr.,

globoides, ápice agudo.

Comentários: *Apteria* Nutt. trata-se de um gênero monotípico presente do sudeste dos Estados Unidos à América do Sul, não registrado apenas no Chile e Uruguai (Maas *et al.* 1986). No Brasil está presente na Amazônia, Cerrado e Mata Atlântica, e na região Nordeste, ocorre da Paraíba à Bahia (Maas *et al.* 2013). Em Sergipe a espécie foi encontrada em área de floresta, sobre solo arenoso e sazonalmente alagado. Pode ser facilmente diferenciada das demais espécies da família presentes no estado por apresentar coloração lilás a roxa no caule, folhas e flores e inflorescência em racemo. Espécie com floração conhecida no estado entre os meses de setembro e janeiro, e frutificação apenas em setembro.

Material selecionado: **BRASIL. Sergipe:** Areia Branca, I/2009, fl., K. Mendes *et al.* 295 (ASE, UFP); Itabaiana, II/2010, fl., T. Carregosa-Silva *et al.* 28 (ASE); Santa Luzia do Itanhhy, IX/1995, fl. fr., M.F. Landim 625 (ASE).

2. *Burmannia capitata* (Walter ex J.F. Gmel.) Mart., Nov. Gen. sp. pl. 1: 12. 1823.
Fig. 1C-D.

Ervas 5,3-28,5 cm alt., clorofiladas; caule verde a levemente amarelado, sem ramificações. Folhas 2-8 x 0,5-1,5 mm, verdes, lanceoladas a triangulares, ápice agudo. Inflorescência 4-6 mm compr., 2-14 flora, cimeiras muito curtas; brácteas ca. 2 x 1-2 mm, lanceoladas a lineares, ápice agudo. Flores 2-5 mm compr., esverdeadas a alvo-amareladas, tubulares; sésseis ou com pedicelo até ca. 1 mm compr.; tépalas externas deltoides; tépalas internas lanceoladas; ovário até ca. 2 x 1,2 mm, trilobular, nectários ausentes; estigmas caliciformes, apêndices ausentes. Fruto 1-2 x 1-1,5 mm, globoide a elipsoide, tubo floral e estilete persistentes. Sementes 0,2-0,4 x 0,1-0,2 mm, elípticas, ápice agudo.

Comentários: *Burmannia* L. possui cerca de 70 espécies, presentes na Ásia, África e América, onde ocorre desde o sudeste dos Estados Unidos até a Argentina (Maas *et al.* 1986). No Brasil ocorrem 12 espécies nos domínios da Amazônia, Cerrado, Pampa e Mata Atlântica, sendo quatro endêmicas. Na região Nordeste ocorrem cinco espécies do gênero e apenas *Burmannia capitata* (Walter ex J.F. Gmel.) Mart. está presente no estado de Sergipe (Maas *et al.* 2013). Espécie com floração e frutificação ao longo do ano (Maas *et al.* 1986). Em Sergipe foi encontrada com flores entre junho e outubro, e com fruto apenas em outubro. Segundo Maas *et al.* (1986, 2013), *B. capitata* está distribuída desde os Estados Unidos até o Paraguai e o norte da Argentina, e no Brasil a espécie possui distribuição ampla, ocorrendo geralmente em áreas abertas e sazonalmente alagadas. Em Sergipe *B. capitata* foi encontrada em áreas de bordas de mata e sobre solo arenoso. Distingue-se dos outros táxons por ser a única espécie clorofilada da família encontrada no estado, além do formato tubular de sua flor.

Material selecionado: **BRASIL. Sergipe:** Areia Branca, I/2009, fl., K. Mendes *et al.* 293 (UFP); Itabaiana, X/2007, fl., P. Gomes *et al.* 625 (ASE, UFP); Itaporanga d'Ajuda, VIII/2009, fl., I.S.

¹ Universidade Federal de Pernambuco, Centro de Ciências Biológicas, Depto. Botânica. Laboratório de Morfo-Taxonomia Vegetal. Av. Prof. Moraes Rego, s/n, Cidade Universitária, Recife, Pernambuco, Brasil. CEP: 50670-901. (aline_vmelo@yahoo.com.br).

Matos & E. Santos. 183 (ASE); Pirambu, VI/1977, fl., M. Fonseca s.n. (ASE 466); São Cristovão, VIII/2010, fl. fr., L.A.S. Santos 43 (ASE); Santa Luzia do Itanhy, X/1993, fl., S.C. Sant'Ana et al. 423 (ASE); Santo Amaro das Brotas, VI/2011, fl., J.E. Nascimento-Júnior 934 (ASE).

Material examinado adicional: **BRASIL. Pernambuco:** Cabo de Santo Agostinho, X/1995, fr., K. Yoshida-Arns 81 (UFP).

3. *Gymnosiphon divaricatus* (Benth.) Benth. & Hook.f., Gen. pl. 3(2): 458. 1883. Fig. 1E-F.

Ervas 5,5-19 cm alt., mico-heterótrofas; caule alvo, ramificado ou sem ramificações. Folhas 1-2 x 0,5-1 mm, alvas, lanceoladas a elípticas, ápice agudo. Inflorescência 1-3 cm compr., 6-10 flora, cimeira; brácteas 0,5-1,5 x 0,5-1 mm, elípticas, ápice agudo. Flores 5-7 mm compr., alvas; pedicelo 1-2 mm compr.; tépalas externas trilobadas, lobo central maior, deltoide a triangular, lobos laterais menores, lineares; tépalas internas lineares; ovário 1-1,5 x 1-1,5 mm, unilocular, nectários presentes no ápice; estigmas em forma de ferradura, com apêndices filiformes no ápice. Fruto 1-2 x 1-1,5 mm, globoide, tubo floral e estilete persistentes. Sementes até ca. 0,4 x 0,25 mm, elipsoides, levemente agudas no ápice.

Comentários: *Gymnosiphon* Blume possui cerca de 25 espécies, sendo 14 presentes nos Neotrópicos, sete na Ásia tropical e três na África tropical (Maas et al. 1986). No Brasil ocorrem sete espécies do gênero, todas elas presentes no domínio da Amazônia, porém com espécies ocorrentes também no Cerrado e Mata Atlântica (Maas et al. 2013). *Gymnosiphon divaricatus* (Benth.) Benth. & Hook.f., a única espécie do gênero no estado do Sergipe, ocorre na América Central e na América do Sul. No Brasil a espécie possui a mesma distribuição do gênero como um todo (Maas et al. 2013), e em Sergipe é conhecida apenas no interior de floresta em Santa Luzia do Itanhy. Pode ser diferenciada das demais espécies de Burmanniaceae do Sergipe pela aparência esbranquiçada, inflorescência em cimeira e flores alvas. Floresce ao longo do ano (Maas et al. 1986), mas em Sergipe foi encontrada em floração nos meses de junho a dezembro e em frutificação em junho e dezembro.

Material selecionado: **BRASIL. Sergipe:** Santa Luzia do Itanhy, VII/2009, fl., S.H.N. Monteiro et al. 84 (ASE); XII/2010, fl. fr., L.A. Gomes & E. Santos 13 (ASE); VI/1997, fl. fr., M.F. Landim 1278 (ASE).

Material examinado adicional: **BRASIL. Pernambuco:** Igarassu, VII/2011, fl. fr. A. Melo & M.A. Chagas 819 (UFP).

Referências Bibliográficas

Maas, P. J. M., Maas-van de Kamer, H., Melo, A. 2013. Burmanniaceae. In: **Lista de Espécies da Flora do Brasil**. Rio de Janeiro, Jardim Botânico do Rio de Janeiro. Disponível em: <http://floradobrasil.jbrj.gov.br/jabot/floradobrasil/FB110588>. Acesso em: 07/06/13.

Maas, P. J. M., Maas-van de Kamer, H., van Benthem, J., Snelders, H. C. M. & Rübsamen, T. 1986. Burmanniaceae. **Flora Neotropica Monograph** 42: 1-189.

Maas-van de Kamer, H. 1998. Burmanniaceae. Pp. 154-164. In: Kubitzki, K. (Ed.). **The Families and Genera of Vascular Plants**, Vol. III. Germany, Springer.

Lista de exsicatas

Carregosa-Silva, T. 28 (1). Fonseca, M. s.n. ASE 466 (2). Gomes, L.A. & Santos, E. 13 (3). Gomes, P. 625 (2). Landim, M.F. 625 (1), 1278 (3). Matos, I.S. & Santos, E. 183 (2). Melo, A. & Chagas, M.A. 819 (3). Mendes, K. 295 (1), 293 (2). Monteiro, S.H.N. 84 (3). Nascimento-Júnior, J.E. 934 (2). Sant'Ana, S.C. 423 (2). Santos, L.A.S. 43 (2). Yoshida-Arns, K. 81 (2).

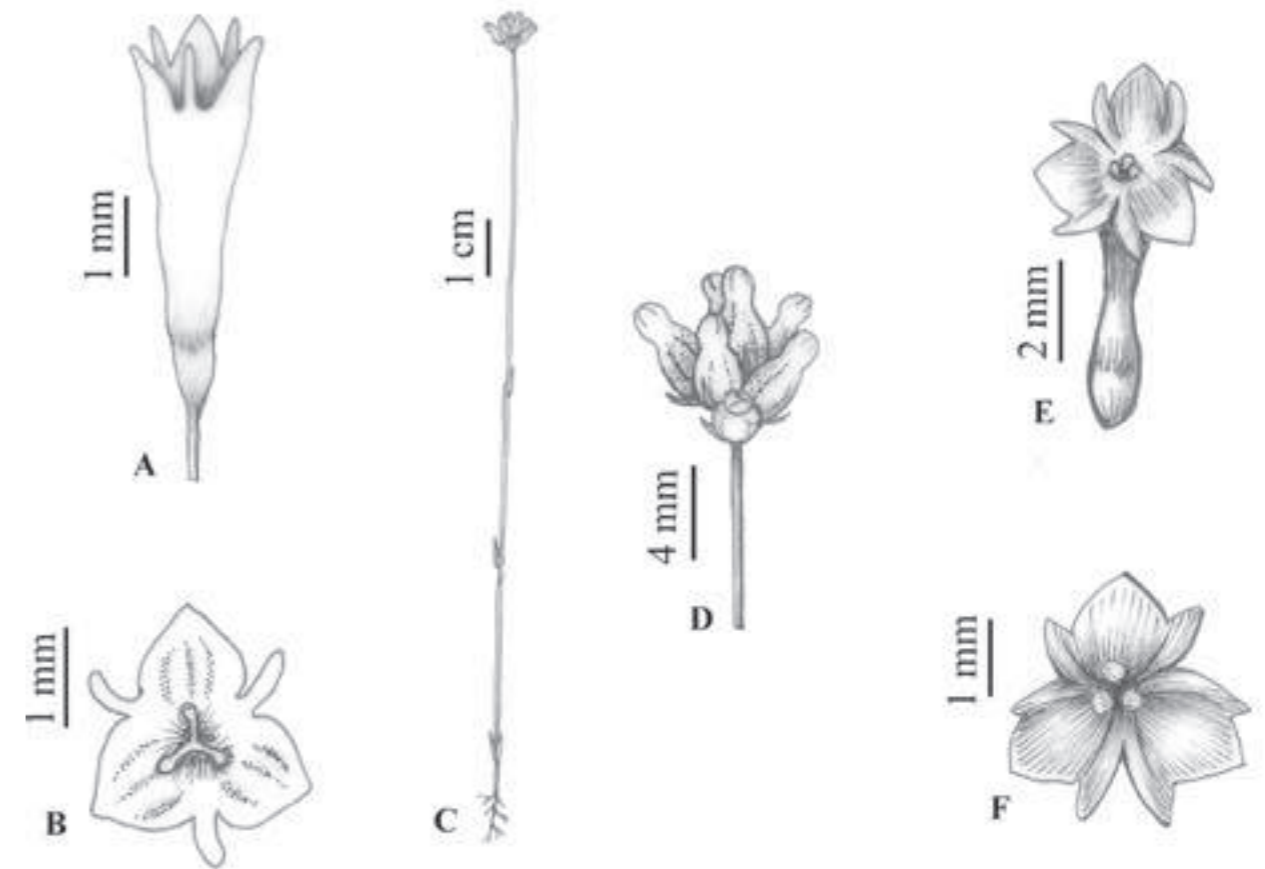


Figura 1. A-B. *Apteris aphylla* (Nutt.) Barnhart ex Small (Carregosa, T. 28, ASE). A. Flor em vista lateral. B. Flor em vista frontal. C-D. *Burmannia capitata* (Walter ex J.F. Gmel.) Mart. (S.C. Sant'Ana et al. 423). C. Hábito. D. Detalhe da inflorescência. E-F. *Gymnosiphon divaricatus* (Benth.) Benth. & Hook. *divaricatus* (Gomes, L.A. 13, ASE) f. E. Flor em vista lateral. F. Flor em vista frontal.

Arbustos eretos ou escandentes, lianas ou árvores. Folhas opostas, alternas ou alternas espiraladas no ápice; pecíolos com ou sem glândulas na base; lâminas subcoriáceas a coriáceas, obovadas ou estreitamente a largamente elípticas, base cuneada, aguda ou obtusa, nervuras proeminentes em ambas as faces ou apenas na face abaxial, glabras, pilosas quando jovens a lepidotas, ápice arredondado, emarginado, truncado, agudo ou levemente acuminado a acuminado. Inflorescências axilares ou terminais, capituliformes, racemosas, espigas ou racemos de espigas, raques levemente turbinadas a turbinadas ou inconspícuas. Flores monoclinas ou diclinas, hipanto superior infundibuliforme, campanulado ou cupuliforme; lobos do cálice 4-5, deltoides ou largamente ovais, pubescentes ou lepidotos, escamas alvas ou ferrugíneas; pétalas presentes ou ausentes, suborbiculares ou elípticas; estames 8-10, exsertos ou insertos, anteras elípticas ou cordiformes; disco nectarífero pubescente, piloso ou tomentoso, tricomas ferrugíneos ou dourados. Frutos drupoides, ovais ou elípticos, sem alas, 2-alado ou 4-alado, glabros a lepidotos, ápice agudo ou apiculado.

Combretaceae apresenta cerca de 500 espécies em 13 gêneros. Possui distribuição tropical, habitando principalmente ambientes quentes. São considerados centros de diversidade para a família os continentes da África e Ásia (Stace, 2004). Tradicionalmente Combretaceae é subdividida em duas subfamílias, Strephonematoideae e Combretoideae (Tan *et al.*, 2002). No Brasil são conhecidos cinco gêneros e 64 espécies pertencentes à subfamília Combretoideae. Contudo, na Lista de Espécies da Flora do Brasil nenhuma espécie de Combretaceae é citada para Sergipe (Marquete, 2013). No presente trabalho são citadas e descritas cinco espécies pertencentes a quatro gêneros para o Estado de Sergipe.

Chave para as espécies de **Combretaceae** de Sergipe

- 1. Folhas opostas; inflorescências racemosas, espigas ou racemos de espigas.....2
- 2. Árvores; glândulas presentes na base dos pecíolos.....**4. Laguncularia racemosa**
- 2'. Arbustos eretos ou escandentes; glândulas ausentes na base dos pecíolos.....3
- 3. Hipanto superior campanulado, escamas do cálice ferrugíneas; pétalas elípticas; disco nectarífero com tricomas dourados.....**2.1. Combretum fruticosum**
- 3'. Hipanto superior infundibuliforme, escamas do cálice alvas; pétalas suborbiculares; disco nectarífero com tricomas ferrugíneos**2.2. Combretum lanceolatum**

- 1'. Folhas alternas ou alternas espiraladas no ápice dos ramos; inflorescências capituliformes.....4
- 4. Estames 8, anteras elípticas, disco nectarífero com tricomas dourados; folhas alternas; glândulas presentes na base dos pecíolos; frutos 2-alados**3. Conocarpus erectus**
- 4'. Estames 10, anteras cordiformes, disco nectarífero com tricomas ferrugíneos; folhas alternas espiraladas no ápice dos ramos; glândulas ausentes na base dos pecíolos; frutos não alados**1. Buchenavia tetraphylla**

1. Buchenavia tetraphylla (Aubl.) R.A. Howard, J. Arnold Arbor. 64(2): 266. 1983.
Nome popular: berindiba, merindiba, imbiridiba, embiridiba

Árvores, 20 m alt. Folhas alternas espiraladas no ápice dos ramos; pecíolos 5–10 mm. compr., glândulas ausentes na base; lâminas 2,7–9 x 1,5–4,3 cm, obovadas, base cuneada, glabras, coriáceas, nervuras proeminentes em ambas as faces, ápice arredondado, emarginado ou truncado. Inflorescências axilares, capituliformes, ca. 1,8 cm compr.; pedúnculos ca. 1 cm compr. Flores monoclinas, verdes; pétalas ausentes; estames 10, exsertos, anteras cordiformes; disco nectarífero piloso, tricomas ferrugíneos. Frutos drupoide, 2–2,3 cm compr., ovais, alas ausentes, glabros, ápice e base agudos. Sementes não observadas.

Comentários: *Buchenavia tetraphylla* é uma espécie de distribuição neotropical. No Estado de Sergipe é conhecida apenas para o município de Santa Luzia do Itanhý. Foi coletada com flores e frutos no mês de julho e frutos maduros em outubro.

Material selecionado: **BRASIL. Sergipe:** Santa Luzia do Itanhý, RPPN Mata do Crasto, VII.2010, fl./fr., A.P. Prata *et al.* 2286 (ASE).

2. Combretum Loefl.

Arbustos eretos ou escandentes, ou lianas. Ramos lepidotos, escamas castanhas. Folhas opostas, glândulas ausentes na base dos pecíolos; lâminas estreitamente elípticas a elípticas, base aguda ou cuneada a arredondada, lepidotas, subcoriáceas, nervuras proeminentes na face abaxial, ápice agudo ou acuminado. Inflorescências axilares ou terminais; raque levemente turbinada a turbinada. Flores monoclinas, verdes ou vermelhas; hipanto superior campanulado ou infundibuliforme, lobos do cálice deltoides ou largamente ovais, lepidotos, escamas alvas ou ferrugíneas; pétalas presentes, elípticas ou suborbiculares; estames exsertos, anteras elípticas, disco nectarífero piloso ou tomentoso, tricomas dourados ou ferrugíneos.

2.1. Combretum fruticosum (Loefl.) Stuntz., U.S.D.A. Bur.Pl. Industr. Invent. Seeds 31: 86–87. 1914.

Fig. 1A–C.

Nome popular: pente-de-macaco, mofumbo

¹ Universidade Federal de Pernambuco, Departamento de Botânica, Recife 50670–901, Pernambuco, Brasil.
E-mail: rb.louzada@gmail.com

Arbustos eretos, ca. 2 m alt. Folhas opostas; pecíolos 8–10 mm compr., glândulas ausentes na base; lâminas 5,5–9,3 x 1,8–5 cm, estreitamente elípticas a elípticas, base cuneada a arredondada, ápice agudo ou acuminado. Inflorescências axilares ou terminais, racemosas, 10–12,5 cm compr.; pedúnculo 1–3,5 cm compr.; raque turbinada. Flores ca. 3 cm compr., verdes ou vermelhas; hipanto superior 5 mm compr., campanulado; lobos do cálice 4, ca. 1,5 x 1,5 mm, deltoides, escamas ferrugíneas; pétalas ca. 1,5 x 0,5 mm, elípticas; estames 8, 15–16 mm compr., anteras ca. 1 mm compr.; disco nectarífero piloso, tricomas dourados; estilete 2,5 mm compr. Frutos e sementes não observados.

Comentários: *Combretum fruticosum* possui ampla distribuição na região neotropical desde o México até a Argentina (Excell, 1953). Trata-se de uma espécie comum de áreas úmidas (Loiola & Sales, 1996), contudo, no Estado de Sergipe é encontrada em áreas de Caatinga. Floresce nos meses de junho a agosto.

Material Selecionado: **BRASIL. Sergipe:** Poço Redondo, Serra da Guia, VI.2010, fl., *W.J. Machado et al.* 455 (ASE); Riachão Dantas, VIII.1982, fl. *G. Viana* 611 (ASE); Monte Alegre de Sergipe, Riacho Grande, VIII.1978, fl., *D. Andrade-Lima et al. s.n.* (ASE 637); Simão Dias, VII.1986, fl., *G. Viana* 1531 (ASE).

2.2. *Combretum lanceolatum* Pohl ex Eichler, *Flora bras.* 4(2): 110, pl.28, 34, f. 4. 1867. Fig. 1D–G.

Arbustos escandentes, ca. 2 m alt. Folhas opostas; pecíolos 0,6–10 mm. compr., glândulas ausentes na base; lâminas 6–10 x 1,7–4,5 cm, estreitamente elípticas a elípticas, base aguda, ápice agudo ou acuminado. Inflorescências axilares ou terminais, racemosas, 5,5–10 cm compr.; pedúnculo 1–1,5 cm compr.; raque levemente turbinada. Flores ca. 2,8 cm compr., verdes; hipanto superior infundibuliforme; lobos do cálice 4, ca. 4 x 4 mm, largamente ovais, escamas alvas; pétalas ca. 1,5 x 1 mm, suborbiculares; estames 8, ca. 2 mm compr., anteras ca. 1 mm compr.; disco nectarífero tomentoso, tricomas ferrugíneos; estilete ca. 2 mm compr. Frutos drupoides, 1,5–2 cm compr., elípticos, 4-alados, lepidotos, ápice apiculado. Sementes ca. 4 mm compr., estreitamente elípticas, sulcadas.

Comentários: *Combretum lanceolatum* possui distribuição restrita à América do Sul, no Paraguai e Brasil (Exell, 1953). No Brasil ocorre em todas as regiões, contudo, é mais representativa no Nordeste. Em Sergipe é encontrada em áreas de caatinga. Floresce e frutifica entre os meses de setembro a novembro.

Material examinado: **BRASIL. Sergipe:** Canindé do São Francisco, XI.1981, fl., *G. Viana* 258 (ASE); Poço Redondo, Monumento Natural Grota do Angico, IX.2009, fr., *J.E. Nascimento-Júnior & T. Dantas* 611 (ASE).

3. *Conocarpus erectus* L., *Sp. Pl.* 1: 176. 1753.

Fig. 1H–K.

Árvores ou arbustos, 1,2–10 m alt. Ramos cinéreos. Folhas alternas; pecíolos 5–10 mm compr., glândulas presentes na base; lâminas 4–8 x 2–3 cm, elípticas, base cuneada, glabras a glabrescentes, subcoriáceas, nervuras proeminentes na face abaxial, ápice agudo, arredondado ou levemente acuminado. Inflorescências axilares ou terminais, capituliformes, 0,5–2 cm compr.; pedúnculo 0,2–1 cm compr.; raque inconspícua. Flores monoclinais ou estaminadas, 0,5–0,7 cm compr., verdes; hipanto superior 1–1,5 mm compr., campanulado; lobos do cálice 5, 0,2–0,3 mm compr., deltoides, pubescentes; pétalas ausentes; estames 8, exsertos, ca. 1 mm compr., anteras ca. 0,2 mm compr., elípticas; disco nectarífero piloso, tricomas dourados; estilete ca. 1 mm compr. Fruto drupóide, ca. 0,3 cm compr., encurvados, 2-alados, glabros.

Comentários: *Conocarpus erectus* é uma espécie típica de mangues pantanosos e terrenos arenosos. Ocorre ao longo da costa dos oceanos Pacífico e Atlântico. Pode ser encontrada desde o México, norte do Peru, Brasil, Antilhas e África (Loiola et al., 2009). No Estado de Sergipe é conhecida desde Pirambu, ao norte, à Santa Luzia do Itanhý, ao sul. Floresce e frutifica durante a maior parte do ano.

Material selecionado: **BRASIL. Sergipe:** Aracaju, Parque dos Cajueiros, VIII.2008, fr., *E. Matos et al.* 167 (ASE); Barra dos Coqueiros, Povoado de Rio Fundo, VIII.2011, fr., *A.P. Prata* 2767 (ASE); Estância, Povoado Rio Fundo, VII.2011, fr., *A.P. Prata* 2673 (ASE); Indiaroba, Povoado Pontal, Fazenda São José, IX.2012, fr., *M.C.V. Farias et al.* 256 (ASE); Itaporanga d'Ajuda, Fazenda Caju (EMBRAPA), XI.2008, fr., *M. Vasconcelos* 47 (ASE); Nossa Senhora do Socorro, Floresta Nacional do Ibura, IV.2009, fr., *F.B. Gonçalves* 1 (ASE); Pirambu, II.1983, fr., *M.C. Santana* 172 (ASE); Santa Luzia do Itanhý, RPPN Mata do Crasto, VIII.2010, fl., fr., *A.P. Prata et al.* 2304 (ASE); São Cristovão, Rio Vasa Barris, II.1982, fr., *G. Viana* 358 (ASE).

4. *Laguncularia racemosa* (L.) C.F. Gaertn., *Suppl. Carp.* 3: 209, t. 217.1807.

Fig. 2A–G.

Nome popular: mangue-amarelo, mangue-branco, mangue-mansó, mangue-sapateiro. Árvores (2–)4–6 m alt. Ramos vermelhos. Folhas opostas; pecíolos (10–)15–24 mm-compr., glândulas presentes na base; lâminas 5,5–11,2 x 3,5–7 cm, elípticas a largamente elípticas, base obtusa, glabras, subcoriáceas, nervuras proeminentes na face abaxial, ápice arredondado ou emarginado, mucronado. Inflorescências axilares ou terminais, espigas ou racemos de espigas, 3–8 cm compr.; pedúnculo 1–2 cm compr.; raque levemente turbinada. Flores diclinas, 3–5 cm compr., alvas ou creme; hipanto superior ca. 1 mm compr., cupuliforme; lobos do cálice 5, 1–2 x 1 mm, deltoide, pubescentes; estames 10, insertos, ca. 1 mm compr.; anteras ca. 0,3 mm compr., elípticas; disco nectarífero pubescente, tricomas dourados; estilete ca. 1 mm compr. Frutos drupoides, elípticos, sulcados. Sementes não observadas.

Comentários: *Laguncularia racemosa* é uma espécie comum nos manguezais dos oceanos Pacífico e Atlântico. Além do Brasil, está distribuída no México, Peru, Antilhas e oeste da África (Stace, 2001). No Estado de Sergipe é conhecida desde Pirambu ao norte a Santa Luzia do Itanhy, ao sul. Floresce e frutifica entre os meses de dezembro a abril.

Material selecionado: **BRASIL. Sergipe:** Aracaju, Povoado Mosqueiro, I.2012, fl., *E.V.S. Oliveira 5* (ASE); Barra dos Coqueiros, III.1984, fl., *M.C. Santana 201* (ASE); Brejo Grande, Povoado Cabeço, I.1986, fl., *G. Viana 1234* (ASE); Itaporanga d'Ajuda, Fazenda Caju (Embrapa), I.2008, fl., *S.M. Costa 255* (ASE); Nossa Senhora do Socorro, Floresta Nacional do Ibura, IV.2009, fl. *Francis & Lucas 4* (ASE); Pirambu, II.1983, fl. *M.C. Santana 165* (ASE); Santa Luzia do Itanhy, RPPN Mata do Crasto, I.2011, fl., *A.P. Prata et al. 2584* (ASE); Santo Amaro das Brotas, margem do Rio Pomonga, I.2011, fr., *J.E. Nascimento-Júnior et al. 951* (ASE); São Cristovão, IV.1981, fl., *M. Fonseca 27* (ASE).

Referências Bibliográficas

Exell, A.W. 1953. The Combretum species of the new world. *Botanical Journal of the Linnean Society* 55: 130-141.

Loiola, M.I.B, Rocha, E.A., Baracho, G.S. & Agra, M.F. 2009. Flora da Paraíba, Brasil: Combretaceae. *Acta Botanica Brasilica* 23: 330-342.

Loiola, M.I.B. & Sales, M.F. 1996. Estudos taxonômicos do gênero *Combretum* Loeffl. (Combretaceae R. Br.) em Pernambuco - Brasil. *Arquivos do Jardim Botânico do Rio de Janeiro* 34: 173-190.

Marquete, N. 2013. Combretaceae in Lista de Espécies da Flora do Brasil. Jardim Botânico do Rio de Janeiro (<http://floradobrasil.jbrj.gov.br/jabot/floradobrasil/FB90>) Acessado em 12 de junho de 2013.

Stace, C.A. 2001. Combretaceae. In: D.W. Stevens; C. Ulhoa-Ulhoa, A. Pool & O.M. Montiel (eds.). Flora de Nicaragua. *Monographs in Systematic Botany* 85.

Stace, C.A. 2004. Combretaceae. Pp. 110-111, fig. 55, pl 15. In: N. Smith; S.A. Mori; A. Henderson; D.W. Stevenson & S.V. Heald (eds.). *Flowering Plants of the Neotropics*. United Kingdom, The New York Botanical Garden. Princeton University Press.

Tan, F.; Shi, S.; Zhong, Y.; Gong, X. & Wang, Y. 2002. Phylogenetic relationships of Combretaceae inferred from plastid, nuclear gene and spacer sequences. *Journal of Plant Research* 115: 475-481.

Lista de Exsicatas

A.P. Prata 2286 (1), 2304 (3), 2584 (4), 2673 (3), 2767 (3); **D. Andrade-Lima** s.n. (ASE 637) (2.1); **E. Matos** 167 (3); **E.V.S. Oliveira** 5 (4); **F.B. Gonçalves** 1(3); **Francis** 4 (4); **G. Viana** 258 (2.2), 358 (3), 611 (2.1), 1234 (4), 1531 (2.1); **J.E. Nascimento-Júnior** 611 (2.2), 951 (4); **M. Fonseca** 27 (4); **M. Vasconcelos** 47 (3); **M.C. Santana** 165 (4), 172 (3), 201 (4); **M.C.V. Farias** 256 (3); **S.M. Costa** 255(4); **W. J. Machado** 455 (2.1).

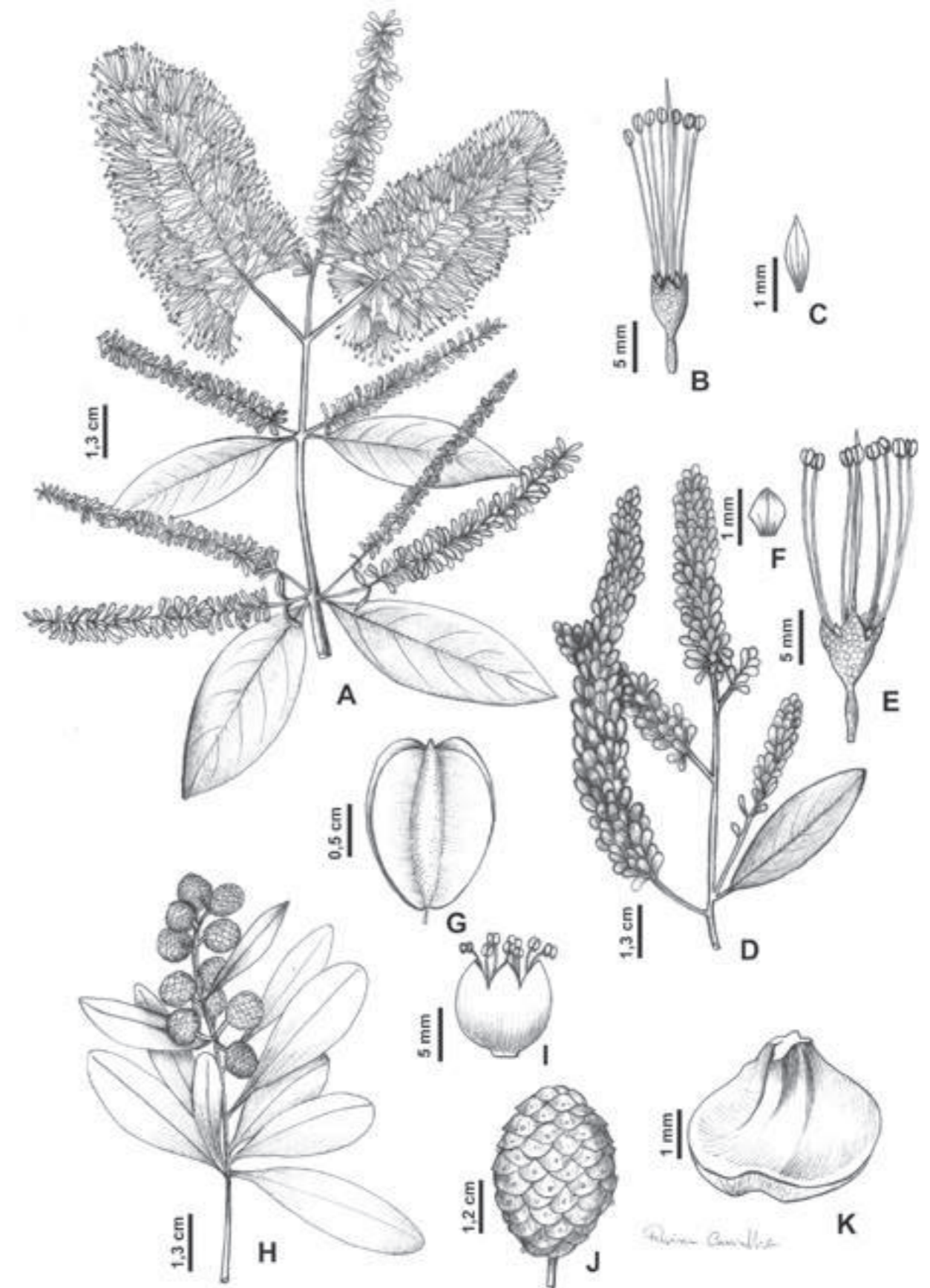


Figura 1. A-C. *Combretum fruticosum* (Loefl.) Stuntz. (*G. Viana 611*, ASE). A. Hábito. B. Flor completa. C. Pétala. D-G. *Combretum lanceolatum* Pohl ex Eichler (*G. Viana 258*, ASE). D. Hábito. E. Flor completa. F. Pétala. G. Fruto. H-K. *Conocarpus erectus* L. (*A.P. Prata et al. 2304*, ASE). H. Hábito. I. Flor completa. J. Detalhe da infrutescência. K. Fruto.

Jacquemontia Choisy

Maria Teresa Buril¹

Trepadeiras herbáceas ou lianas, ervas prostradas ou eretas, ou subarbustos. Látex geralmente ausente. Folhas inteiras, geralmente cordadas, glabrescentes ou densamente pubérulas, tricomas estrelados, 3-7-ramificados, raro glandulares. Inflorescência do tipo cimeira, monocasial ou dicasial, com 1-muitas flores, bractéolas ausentes ou presentes em grande quantidade. Flores sésseis ou pediceladas. Sépalas iguais ou desiguais entre si. Corola geralmente glabra, infundibuliformes, azuis ou brancas.. Estames puberulentos na base, anteras eretas. Ovário glabro, 2-carpelar, 2-locular, 4-ovulado, estilete geralmente inserto, 2-lobado, lobos ovais-planos a cilíndricos. Fruto cápsula, 8-valvar. Sementes trigonais, raro globosas, com anel de tricomas rijos na margem.

Jacquemontia é predominantemente neotropical, incluindo cerca de 120 espécies. No Brasil são reconhecidas 50 espécies, sendo a Cadeia do Espinhaço o centro de diversidade do gênero. Em Sergipe ocorrem dez espécies, associadas a todo o Estado, porém a maior riqueza específica foi registrada em áreas de caatinga.

Chave para identificação das espécies de *Jacquemontia* de Sergipe

- 1. Plantas com tricomas glandulares.....2
- 2. Inflorescência dicásio.....**9. *J. sphaerostigma***
- 2'. Inflorescência monocásio.....3
- 3. Folhas férteis diferenciadas, bastante reduzidas em comparação às estéreis, lineares.....**8. *J. racemosa***
- 3'. Folhas férteis indiferenciadas, ovadas a lanceoladas.....**1. *J. agrestis***
- 1'. Plantas com tricomas de outros tipos, mas nunca glandulares.....4
- 4. Inflorescência glomeruliforme, com bractéolas foliáceas.....5
- 5. Bractéolas de margem sinuosa; sépalas desiguais; corola alva..... **3. *J. choisyana***
- 5'. Bractéolas de margem inteira; sépalas iguais; corola azul..... **10. *J. tamnifolia***
- 4'. Inflorescência dicásio, com bractéolas ausentes, lineares, lanceoladas, elípticas, oblanceoladas ou falcadas.....6
- 6. Sépalas coriáceas, com ápice arredondado ou cordado.....7
- 7. Sépalas iguais ou as externas um pouco menores, as internas com ápice arredondado; corola alva..... **6. *J. nodiflora***
- 7'. Sépalas desiguais, as externas menores que as internas, e estas com o ápice cordado; corola azul..... **2. *J. bahiensis***
- 6'. Sépalas membranáceas, com ápice agudo a acuminado.....8
- 8. Sépalas externas lanceoladas..... **4. *J. corymbulosa***

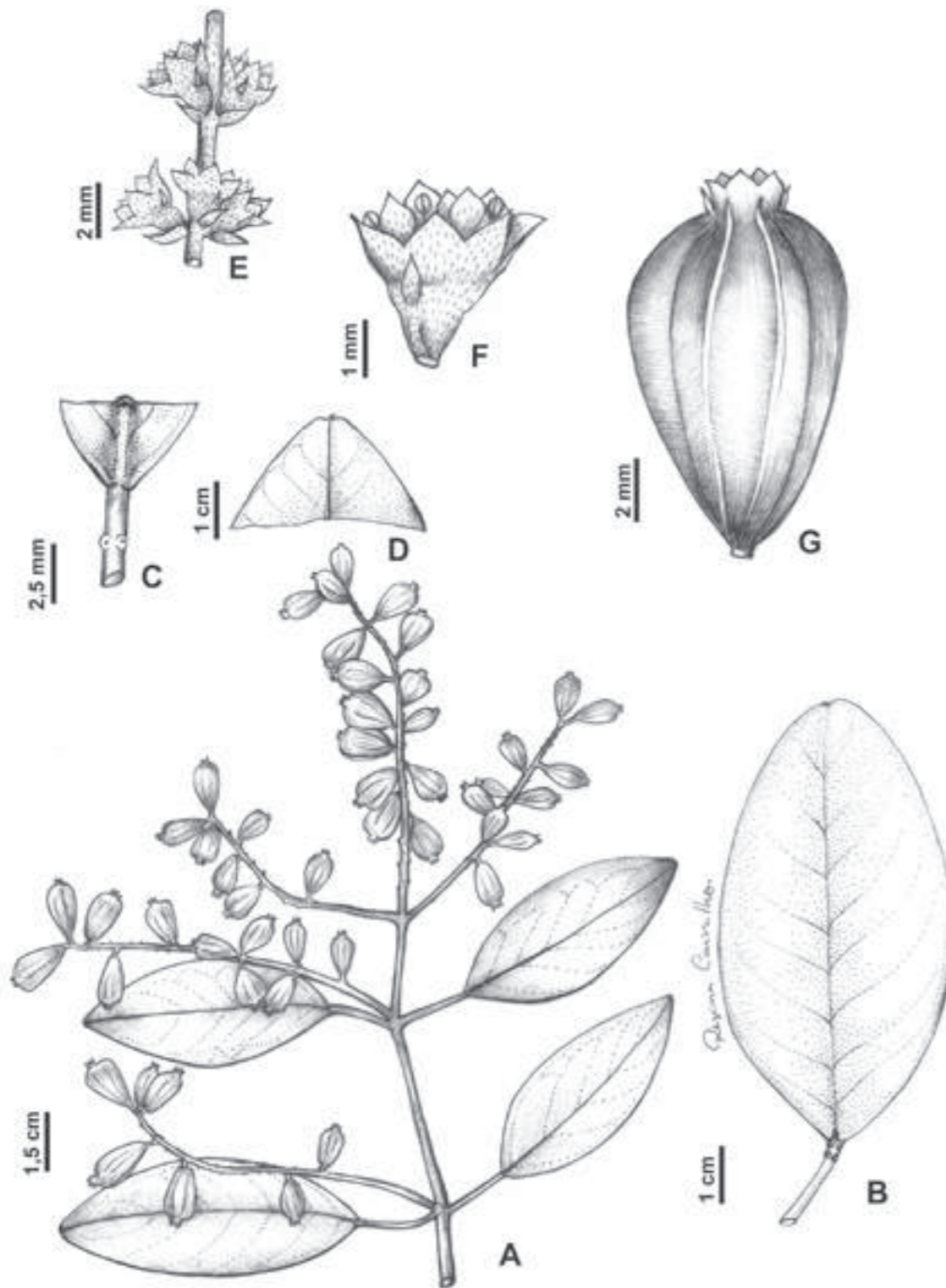


Figura 2. A–G. *Laguncularia racemosa* (L.) C.F. Gaertn. (A.P. Prata et al. 2584, ASE). A. Hábito. B. Folha. C. Detalhe da base da folha. D. Detalhe do ápice da folha. E. Detalhe da inflorescência. F. Flor completa. G. Fruto.

¹ Universidade Federal de Pernambuco, Av. Prof. Moraes Rego, s.n., Cidade Universitária, Recife – PE, CEP: 51930-670; contato: mtburil@gmail.com

- 8'. Sépalas externas rombóides a elípticas ou obovadas.....9
 9. Folhas velutinas, ferrugíneas quando herborizadas..... **5. *J. ferruginea***
 9'. Folhas pubescentes, esverdeadas quando herborizadas.....**7. *J. pentanthos***

1. *Jacquemontia agrestis* (Mart. ex Choisy) Meisn. Fl. Bras. 7: 306-307. 1869.

Jacquemontia evolvuloides var. *longipedunculata* Meisn. Fl. Bras: 308. 1869.

Fig 1 A

Erva prostrada ou trepadeira; ramos pilosos, tricomas 3-armados, com todos os braços iguais entre si e em forma de T, com um dos braços bem mais longo e glandulares. Folhas 1,4-3,5 x 1-3,8 cm, cartáceas, margem inteira a sinuosa, ovadas a lanceoladas, base cordada, ápice agudo a apiculado, glabrescentes; pecíolo 0,4-1,2 cm compr. Monocásio, 1-4-floro; pedúnculo 1,5-8,5 cm, com três tipos de tricomas; bractéolas ca. 1 mm compr., lineares. Sépalas membranáceas, iguais entre si, 3 x 1 mm, lanceoladas, base arredondada, ápice atenuado, com os três tipos de tricomas, as internas geralmente glabras; corola ca. 1 cm compr., hipocrateriforme, azul com a fauce do tubo vinácea ou raramente alva; lobos estigmáticos oval-planos. Cápsula 4 mm diâm., subglobosa; sementes ca. 3 mm compr., areoladas.

Comentários: Espécie amplamente distribuída nas Américas. Com flores e frutos de abril a setembro. Apresenta uma grande plasticidade fenotípica, e atualmente inclui como sinônimos, duas variedades antes descritas sob *J. evolvuloides* Meisn. Pode ser reconhecida principalmente pela presença de tricomas glandulares, monocásios e pelas folhas férteis indiferenciadas, ovadas a lanceoladas.

Material selecionado: **BRASIL, Sergipe:** Aracaju, II/2012, fl., *E.V.S.Oliveira 56* (ASE); Areia Branca, VI/2010, fr., 10°44'49"S 37°20'36"W, *R.Simão-Bianchini 1761 et al.* (ASE, UFP); Indiaroba, IX/2012, fl. fr., *M.C.V.Farias 143* (ASE); Itabaiana, IX/2006, fl. fr., *A.P.Prata360 et al.* (ASE); Poço Redondo, IX/2009, fl., *W.J.Machado 18 et al.* (ASE); Santo Amaro das Brotas, VI/2011, fl., *J.E.Nascimento-Junior 961* (ASE).

2. *Jacquemontia bahiensis* O'Donell. Lilloa 26: 356. 1953.

Fig. 1 B-C

Trepadeira herbácea, látex branco; ramos velutinos, tricomas 5-(7)-armados. Folhas 5-7,3 x 2,3-4,7 cm, cartáceas, margem inteira, ovadas, base arredondada, ápice agudo a obtuso, face abaxial densamente velutina, glauca, face adaxial pubescente, quando secas com coloração marrom, tricomas 5-7-armados; pecíolo 0,6-2,3 cm compr., velutino. Dicásio até 12 floros; pedúnculo 0,5-4 cm compr.; bractéolas caducas. Sépalas coriáceas, desiguais entre si, 2 externas 4 x 3 mm, orbiculares, ápice arredondado, côncavas, pubescentes a velutinas, 2 internas 5-6 x 4-5 mm, obcordadas, ciliadas; corola 1,9-2,3 cm compr., azul; estilete exserto, lobos estigmáticos cilíndricos, mais longos que largos; ovário globoso,

apresentando disco nectarífero. Cápsula ca. 6 mm diâm., ovoide; sementes ca. 4 mm compr., lisas.

Comentários: *Jacquemontia bahiensis* floresce e frutifica o ano todo. É morfológicamente semelhante a *J. glaucescens* Choisy, pelas folhas discolores e sépalas orbiculares, côncavas e externas mais curtas que as internas. No entanto, os tricomas são tipicamente adpressos nesta última enquanto em *J. bahiensis* são pedunculados. A espécie é endêmica da mata atlântica do Nordeste brasileiro.

Material selecionado: **BRASIL, Sergipe:** Itabaiana, XI/2007, fl., *K.Mendes et al. 104* (ASE, UFP); XII/1988, fr., *G.Viana 1808* (ASE, HUEFS); Santa Luzia do Itanhy, 11°23'50"S 37°25'58"W, VI/2012, *L.A.Gomes et al. 552* (ASE); São Cristóvão, VIII/2006, fl. fr., *L.V.Ribeiro 130* (ASE).

3. *Jacquemontia choisyana* Meisn. Fl. Bras:302. 1869

Jacquemontia bracteosa Meisn. Fl. Bras: 304. 1869.

Fig. 1 E

Trepadeiras ou subarbustos prostrados; ramos velutinos a pubescentes, tricomas 3-armados. Folhas 3,5-7 x 2-5 cm, cartáceas, margem inteira a repanda, geralmente ovadas, raro rotundas, base cordada, ápice mucronado, velutinas a pubescentes; pecíolo ca. 1 cm compr. Dicásio, 7-floro, glomeruliforme; pedúnculo 3-7 cm compr., axilar; bractéolas foliáceas, ovadas, longo-acuminadas a caudadas, margens sinuosas, externas 1-1,5 x 0,5-1 cm, internas ca. 1 x 0,5 cm. Sépalas membranáceas, desiguais entre si, 2 externas 7-8 x 3-5 mm, levemente sinuadas, lanceoladas a ovadas, base arredondada, ápice caudado, pubescentes, 1 mediana assimétrica, 2 internas 3,5-4,5 x 1-2 mm, glabrescentes; corola 2-3 cm compr., nervura mesopétala pubescente, alva; anteras ca. 2,5 mm compr.; lobos estigmáticos 1,5-2 mm compr., oval-plano. Cápsulas globosas, 4-5 mm diâm.; sementes ca. 4 mm compr., globosas, lisas.

Comentários: *J. choisyana* Meisn é facilmente reconhecida pelas inflorescências condensadas, com muitas bractéolas de margem sinuosa e ápice longo-acuminado a caudado. Esta espécie ocorre apenas no Brasil.

Material selecionado: **BRASIL, Sergipe:** Capela, XI/1966, fl. fr., *G.Viana 1630* (ASE).

4. *Jacquemontia corymbulosa* Benth. Bot. Voy. Sulphur: 137. 1844.

Fig. 1 F-G

Trepadeira, látex ausente; ramos pubescentes a glabrescentes, tricomas 3-armados. Folhas 1,2-4,7 x 0,8-2,8 cm, cartáceas, inteiras, ovadas, base arredondada a cordada, ápice acuminado a mucronado, tomentosas, tricomas 3-armados; pecíolo 0,5-1 cm compr., tomentoso. Dicásio, 1-12-floro; pedúnculo 1-5,5 cm compr.; bractéolas ca. 2 mm compr.,

lineares. Sépalas membranáceas, desiguais, 2 externas, 4,5-5 x 2,3-2,5 mm, lanceoladas, base cuneada, ápice acuminado, pubescentes, 1 intermediária assimétrica, 2 internas, 3 x 1,2 mm, lanceoladas, margem escariosa, base arredondada, ápice acuminado, glabrescentes; corola 1-1,5 cm compr., azul; lobos estigmáticos ovais-planos. Cápsula globosa, 3-4 mm diâm.; sementes ca. 3 mm compr., verrucosas.

Comentários: Esta espécie floresce e frutifica durante todo o ano. É morfológicamente relacionada a *J. pentanthos* (Jacq.) G. Don, da qual difere principalmente pelas bractéolas lineares, ao invés de lanceoladas ou obelípticas, e pelas sépalas elípticas a lanceoladas.

Material selecionado: **BRASIL, Sergipe:** Canindé de São Francisco, VI/2010, fl. fr., A.C.C.Silva 284 et al. (ASE); Poço Redondo, 9°39'52"S 37°40'12"W, VI/2010, fl., R.Simão-Bianchini 1759 (ASE); Porto da Folha, VII/2011, fl. fr., D.G.Oliveira 244 (ASE); Simão Dias, VIII/2010, fl. fr., A.P.Prata 2455 (ASE).

5. *Jacquemontia ferruginea* Choisy. Mém. Soc. Phys. Genève 8(1): 61. 1838.

Fig. 2 A

Trepadeira; ramos velutinos, tricomas 3-armados. Folhas 2,5-8 x 1,5-5 cm, cartáceas, margem inteira, ovadas a lanceoladas, raro rotundas, base cordada, ápice acuminado a apiculado, velutina, ferrugíneas quando herborizadas; pecíolo 0,5-2,5 cm compr. Dicásio, até 15-floro; pedúnculo até 10 cm compr.; bractéolas 5-1,5 x 0,5-2 mm, lineares a elípticas, oblanceoladas ou falcadas, velutinas. Sépalas membranáceas, desiguais entre si, 2 externas 5-11 x 3-5 mm, rombóides a obovadas, base cuneada, côncava, ápice abruptamente acuminado, densamente pubescente, 1 intermediária assimétrica, 2 internas 4-6 x 2-3 mm, lanceolada, base arredondada, ápice agudo a acuminado, com tricomas restritos à região mediana, margem escariosa; corola 1-1,5 cm compr., azul; lobos estigmáticos oval-planos. Cápsula globosa, ca. 4 mm diâm.; sementes ca. 3 mm., verrucosas.

Comentários: *Jacquemontia ferruginea* Choisy floresce e frutifica de junho a setembro, está espécie também pertence ao grupo morfológico relacionado a *J. pentanthos* (Jacq.) G. Don., mas pode ser distinguida pelo indumento densamente velutino e ferrugíneo quando herborizada. Em Sergipe foi registrada apenas a variedade *J. ferruginea* var. *ambigua*, que difere da variedade típica principalmente pela forma e tamanho das sépalas externas.

Material selecionado: **BRASIL, Sergipe:** Canindé de São Francisco, 9°42'03" S 37°59'15"W, IX/2010, fr., W.J.Machado 813 et al. (ASE); Poço Redondo, VI/1983, fl. fr., G.Viana 701 (ASE).

6. *Jacquemontia nodiflora* (Desr.) G. Don. Gen. Hist.: 283. 1838.

Jacquemontia confusa Meisn. Fl. Bras.: 294. 1869.

Fig. 2 B

Trepadeira, látex ausente; ramos velutinos, tricomas estrelados, 5-armados sésseis e 3-armados pedunculados. Folhas 4-5,5 x 2-2,5 cm, cartáceas, margem inteira, ovais a ovadas, base arredondada a subcordada, ápice agudo a mucronado, face adaxial pubescente, abaxial velutina; pecíolo 1-1,5 cm compr., pubescente. Dicásio, até 30-floro; pedúnculo 0,2-1,5 cm compr.; bractéolas ausentes. Sépalas coriáceas, iguais entre si ou externas um pouco menores, 3 x 2 mm, orbiculares, base arredondada, ápice arredondado, glabrescentes ou pubescentes na base; corola ca. 1,5 cm compr., alva ou alva com a fauce rósea; estilete geralmente exserto, lobos estigmáticos cilíndricos. Cápsula globosa, 4 mm diâm.; sementes ca. 3 mm compr., verrucosas.

Comentários: Esta espécie floresce e frutifica de janeiro a agosto, é facilmente reconhecida pelos pedúnculos curtos, sépalas iguais entre si, arredondadas, flores alvas e pelos lobos estigmáticos cilíndricos.

Material selecionado: **BRASIL, Sergipe:** Itabaiana, VI/2006, fl. fr., B.S.Amorim 39 (ASE, UFP); Nossa Senhora da Glória, VIII/1986, fl., G.Viana 1550 (ASE); Porto da Folha, VIII/2012, fl., A.P.Prata 3255 (ASE); Simão Dias, I/1975, fr., A.C.C.Barreto 259 (ASE).

7. *Jacquemontia pentanthos* (Jacq.) G. Don. Gen. Hist. 4: 283. 1838.

Fig. 2 C-D

Trepadeira, látex ausente; ramos glabrescentes, tricomas estrelados, 3-armados com todos os ramos iguais ou com um dos ramos maior que os demais. Folhas 2,4-7,8 x 2-3,5 cm, cartáceas, margem inteira a discretamente repanda, ovadas a raramente orbiculares, base arredondada a cordada, ápice acuminado a caudado, pubescente, esverdeadas quando herborizadas; pecíolo 0,3-2,5 cm compr. Dicásio, geralmente 9-floro; pedúnculo 3-14 cm compr.; bractéolas 1,5-2 x 0,1-0,2 cm, lanceoladas ou oblanceoladas, base atenuada, ápice agudo, glabrescentes. Sépalas membranáceas, desiguais entre si, 2 externas, 7,5-8 x 3,5-4 mm, rombóides a elípticas, base cuneada, ápice agudo a acuminado, pubescentes, 1 intermediária assimétrica, 2 internas, 5 x 1,5 mm, lanceoladas, base arredondada, ápice agudo, glabrescentes; corola ca. 1,5 cm compr., alva ou azul. Cápsula globosa, ca. 4 mm diâm.; sementes ca. 3,5 mm compr., verrucosas.

Comentários: Esta é uma das espécies de *Jacquemontia* que floresce e frutifica de junho a outubro, é amplamente distribuídas nas Américas, ocorrendo inclusive em ambientes de influência antrópica. Apresenta uma intensa plasticidade fenotípica, o que dificulta o seu reconhecimento. Entretanto, as características diagnósticas consistem na forma e tamanho das bractéolas e na forma das sépalas (rombóides a elípticas).

Material selecionado: **BRASIL, Sergipe:** Areia Branca, XI/2007, fl. fr., *B.S.Amorim 173* (ASE, UFP); Poço Redondo, 9°39'52"S 37°40'12"W, VI/2010, fl., *R.Simão-Bianchini 1758 et al.* (ASE).

8. *Jacquemontia racemosa* Meisn. Fl. Bras.: 308-309. 1869.

Fig. 1 D

Erva trepadeira ou prostradas; ramos hirsutos com três tipos de tricomas – glandular, 3-armados muito curtos e densos, e em forma de T, com um dos ramos muito mais longo. Folhas 1 x 0,7-0,9 cm, cartáceas, sinuadas, ovadas, base cordada, ápice acuminado, pubescente, apenas com tricomas 3-armados; pecíolo 0,5-1 cm compr. Monocásio, 2-(4)-floro, folhas férteis diferenciadas, reduzidas, com ca. 5 mm compr., lineares, sinflorescência paniculiforme; pedúnculos 1,8-2 cm compr., axilar; bractéolas ca. 2 mm compr., linear. Sépalas membranáceas, iguais entre si, ca. 4,5-5,5 x 1-1,5 mm, lanceoladas, base arredondada, ápice acuminado, pubescentes, com tricomas em forma de T nas margens; corola ca. 8 mm compr., azul; ovário subgloboso, lobos estigmáticos ovais-planos. Cápsulas subglobosas, ca. 3,5 mm diâm.; sementes ca. 3 mm compr., lisas.

Comentários: Floresce e frutifica em dezembro. Apresenta tricomas glandulares, característica que a aproxima de *J. agrestis*; no entanto, pode ser diferenciada desta pelas folhas férteis extremamente reduzidas e lineares. Esta espécie é endêmica do Brasil, sendo considerada rara.

Material selecionado: **BRASIL, Sergipe:** Indiaroba, XII/2007, fl. fr., *S.M.Costa, 207* & *A.R.Menezes* (ASE).

9. *Jacquemontia sphaerostigma* (Cav.) Rusby. Bull. Torrey Bot. Club 26 (3):151. 1899.

Fig. 2 E-F

Trepadeira, látex branco, escasso; ramos pubescentes, tricomas glandulares, simples ou 3-armados homogêneos ou heterogêneos com um dos braços 3 vezes mais longo do que os demais. Folhas 2-4,5 x 1,5-2,5 cm, membranáceas, margem inteira a sinuosa, lanceoladas a ovadas, base cordada, ápice agudo a acuminado, pubescentes; pecíolo ca. 1 cm compr. Dicásio, 4-9-floro; pedúnculo 3-10 cm compr., com três tipos de tricomas; bractéolas ca. 4 mm compr., lanceoladas, quando herborizadas apresentando coloração vinácea. Sépalas membranáceas, iguais entre si, ca. 7 mm compr., lanceoladas, base arredondada, ápice agudo, com todos os tipos de tricomas; corola ca. 1 cm compr., azul; lobos estigmáticos oval-planos; ovário oblongo. Cápsulas 3-4 mm diâm., globosa; sementes ca. 3 mm compr., lisas.

Comentários: Esta espécie floresce e frutifica em julho. Assim como *J. agrestis* e *J. breviacuminata* apresenta tricomas glandulares. No entanto, diferencia-se desta última pela presença de dicásios. Encontra-se amplamente distribuída nas Américas.

Material selecionado: **BRASIL, Sergipe:** Canindé do São Francisco, VII/2005, fl. fr., *D.Coelho*

876 (MAC).

10. *Jacquemontia tamnifolia* (L.) Griseb. Fl. Brit. W.I.: 474. 1862.

Fig. 2 G

Trepadeira; ramos glabrescentes, tricomas 3-armados. Folhas 2,5-6 x 1-4,5 cm, membranáceas, margem inteira, ovadas, base cordada, ápice acuminado, ciliadas; pecíolo 1-2 cm compr. Dicásio, até 15-floro, flores condensadas, glomeruliforme; pedúnculos 4-14 cm compr., axilar; bractéolas externas foliáceas, ca. 2 x 1 cm, ovadas a obovadas, inteiras, base arredondada, ápice acuminado, hirsuta, as internas elípticas, ca. 1 cm compr. Sépalas membranáceas, iguais entre si, ca. 6-7.5 x 1-1.5 mm, lanceoladas, base arredondada, ápice acuminado, densamente hirsutas, tricomas dourados quando herborizadas; corola ca. 1,5 cm compr., azul; ovário globoso, lobos estigmáticos oval-planos. Cápsula 4-5 cm diâm., globosa; sementes ca. 2,5 cm compr., verrucosa.

Comentários: *Jacquemontia tamnifolia* floresce e frutifica de fevereiro a junho. Espécie amplamente distribuída, estando associada a locais antropizados. A espécie pode ser facilmente reconhecida pelas inflorescências glomeruliformes, com bractéolas externas foliáceas e internas numerosas, hirsutas e com tricomas de coloração dourada quando herborizadas.

Material selecionado: **BRASIL, Sergipe:** Itaporanga d'Ajuda, II/1983, fl., *E.Gomes 194* (ASE); Poço Redondo, IV/1986, fr., *M.Fonseca 4286* (ASE).

Referências Bibliográficas

Buril, M. T. 2013. **Sistemática e filogenia de *Jacquemontia* Choisy (Convolvulaceae)**. Tese de Doutorado, Universidade Federal de Pernambuco, Recife.

Robertson, K. R. 1971. **A revision of the genus *Jacquemontia* (Convolvulaceae) in North and Central America and the West Indies**. Tese de Doutorado, Washington University, St. Louis.

Lista de exsicatas

Amorim, B. S.: 39 (07), 173 (08); **Barreto, A.C.C.:** 259 (07); **Coelho, D.:** 876 (09); **Costa, S.M.:** 207 (03); **Farias, M.C.V.:** 143 (01); **Fonseca, M.:** 4286 (10); **Gomes, E.:** 194 (10); **Gomes, L.A.:** 552 (02); **Machado, W.J.:** 18 (01), 813 (06); **Mendes, K.:** 104 (02); **Nascimento-Junior, J.E.:** 961 (01); **Oliveira, D.G.:** 244 (05); **Oliveira, E.V.S.:** 56 (01); **Prata, A.P.:** 1360 (01), 2455 (05), 3255 (07); **Ribeiro, L.V.:** 130 (02); **Silva, A.C.C.:** 284 (05); **Simão-Bianchini, R.:** 1758 (08), 1759 (05), 1761 (01); **Viana, G.:** 701 (06); 1550 (07), 1630 (04); 1808 (02).

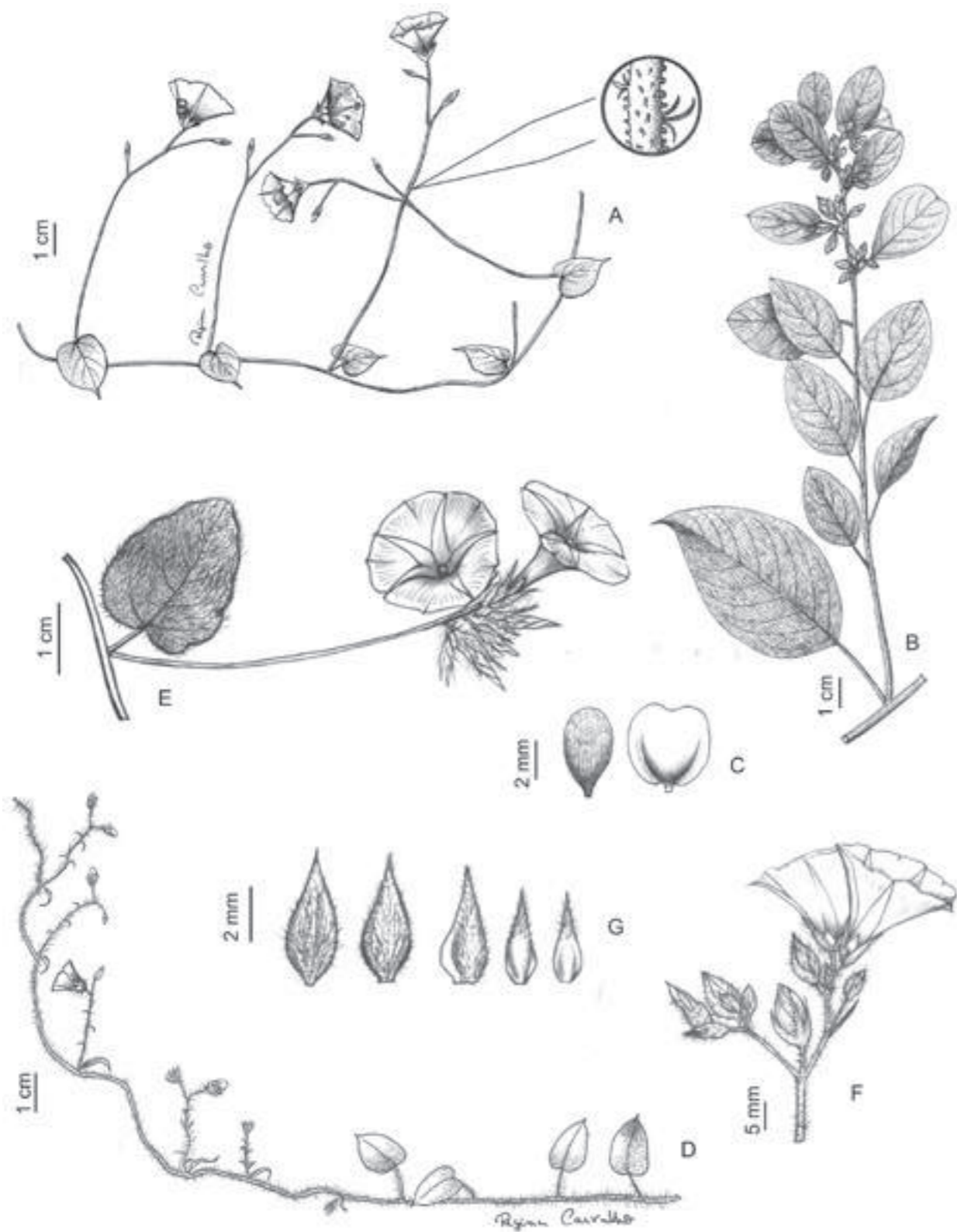


Figura 1: A. *Jacquemontia agrestis* (Mart. ex Choisy) Meisn., (R.Simão-Bianchini 1761 et al., UFP), ramo florífero; B-C. *J. bahiensis* O'Donnell., B. ramo florífero, C. Sépalas, externa à esquerda e interna à direita; D. *Jacquemontia racemosa* Meisn., (S.M.Costa, 207 & A.R.Menezes, ASE), ramo florífero; E- *Jacquemontia choisyana* Meisn., (G.Viana 1630 (ASE), ramo florífero; F-G *Jacquemontia corymbulosa* Benth., (M.T.Buril 430, UFP), F. ramo florífero, G. Sépalas externas a internas da esquerda para a direita.

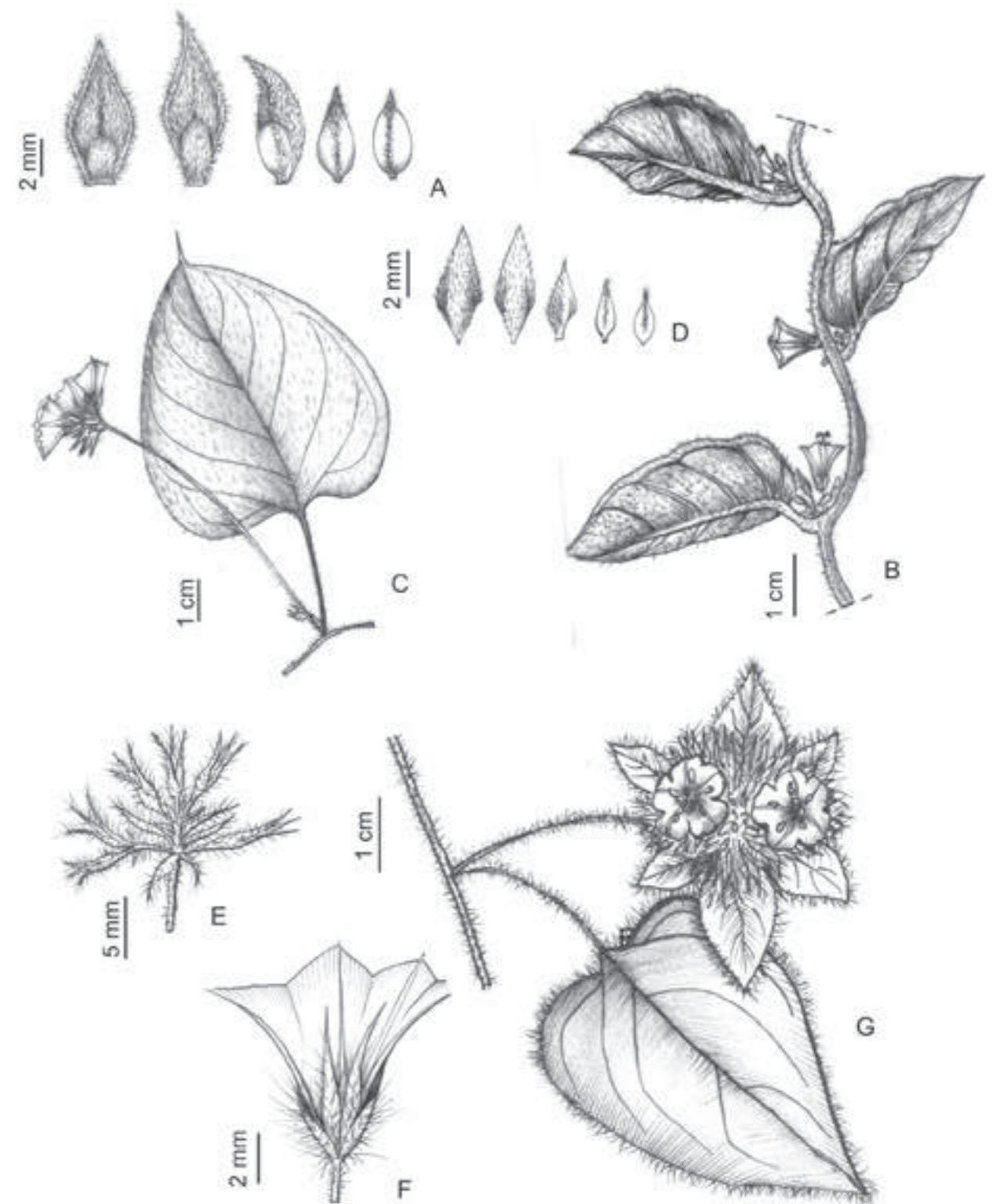


Figura 2: A. *Jacquemontia ferruginea* var. *ambigua* Choisy, (M.T.Buril 212, UFP), sépalas externas e internas da esquerda para a direita; B- *Jacquemontia nodiflora* (Desr.) G. Don., (B.S.Amorim 39, UFP), ramo florífero; C-D *Jacquemontia pentanthos* (Jacq.) G. Don., (B.S.Amorim 173, UFP), C. ramo florífero, D. sépalas externas a internas da esquerda para a direita; E-F *Jacquemontia sphaerostigma* (Cav.) Rusby, (D.Coelho 876, MAC), E. inflorescência, F. Flor; G. *Jacquemontia tamnifolia* (L.) Griseb., (E.Gomes 194, ASE), ramo florífero.

COSTACEAE

Jefferson Rodrigues Maciel¹

Erva perene, canóide, ereta, rizomatosa. Rizoma simpodial portando ramos espiralados, foliosos encerrados por inflorescências. Bainha fechada, envolvendo o caule; pecíolo curto; lâmina foliar arranjada espiraladamente no ramo. Inflorescência estrobiliforme, terminal, multibracteada. Bráctea subentendendo uma flor solitária, com um calo nectarífero linear subapical. Cálice tubular, trilobado, lobos curtos, subiguais, triangulares. Labelo de mesmo comprimento ou maior que a corola. Corola com pétalas conadas na base formando um tubo, trímera, tubo com mesmo comprimento do cálice, lobo dorsal maior que os laterais. Estame fértil 1, estaminódios 5, petalóides, unidos entre si, vistosos. Ovário ínfero, tricarpelar, trilocular, com duas glândulas nectaríferas septais presentes no ápice. Óvulos numerosos, axilares. Fruto cápsula, trilocular.

Família com distribuição pantropical e formada por quatro gêneros e aproximadamente 100 espécies, sendo o gênero *Costus* L. o mais rico entre eles. Para o Brasil, Maas & Maas (2012) reconhecem 23 espécies classificadas em três gêneros (*Costus*, com 19 espécies; *Dimerocostus* Kuntze, com três e *Chamaecostus* C.D. Specht & D.W. Stev. com uma). Até o momento, nenhuma delas foi citada para o estado de Sergipe. A família apresenta centro de riqueza na América Tropical. No Brasil a Amazônia é a região onde se encontra o maior número de espécies. As espécies de Costaceae são encontradas, principalmente, no interior das matas, mas podem ser vistas também em bordas, clareiras e áreas abertas muito úmidas.

1. *Costus spiralis* Roscoe, Trans. Linn. Soc. London 8: 350. 1807.

Nomes populares: cana-de-macaco, gama-brejo, cana-do-brejo

Fig. 1. A-D

Erva 0,8-2 m alt., de aspecto delicado. Bainha 3-4,5 cm compr., glabra ou hirsuta; pecíolo 0,5-1,5 cm compr., piloso; lâmina foliar 14-24 x 5-8,5 cm, elíptica, ápice agudo, base atenuada, levemente cordiforme, glabra. Lígula 5-11 mm compr., glabra. Inflorescência 5-19 cm compr., ovalada a cilíndrica. Brácteas 2,5-4 x 2,5-4,5 cm, vermelhas, coriáceas, ovaladas, glabras, agudas ou obtusas no ápice. Cálice 0,7-1,5 cm compr., vermelho púrpuro, glabro a esparsamente piloso. Labelo de mesmo comprimento que a corola. Corola 4,5-6 cm de compr, vermelha a rósea, glabra, lobos obovados a elípticos. Cápsula elíptica. Sementes pretas.

Comentários: única espécie de Costaceae registrada em Sergipe. Ocorre em fragmentos de Floresta Atlântica e matas ciliares no Agreste, tanto nas bordas quanto no interior. Também foi encontrada em locais abertos muito úmidos e sujeitos a inundação. Floresce

e frutifica ao longo de quase todo o ano, de setembro a junho. O seu uso não foi identificado.

Material examinado: **BRASIL. Sergipe:** Capela, III/2011, L.A. Gomes et al. 94 (ASE); Itabaiana, IX/1996, M.F. Landim et al. 1047 (ASE); Itaporanga, IV/2009, J.F. Lima 124 (ASE); Lagarto, III/2011, L.A. Santos & I.S. Anjos 498 (ASE); Pirambu, IX/2011, D.M. Oliveira 184 (ASE); Riachão do Dantas, VI/1986, G. Viana 1468 (ASE); São Cristóvão, III/1982, G. Viana 386 (ASE).

Referências Bibliográficas

Maas, P.J.M. 1972. Costoideae. **Flora Neotropica**. Monograph No 8. New York. Hafner Publishing Company.

Maas, P.J.M. 1977. Renealmia (Zingiberaceae-Zingiberoideae), Costoideae (Additions). **Flora Neotropica**. Monograph No. 18. New York. The New York Botanical Garden.

Maas, P., Maas, H. 2012. Costaceae In: **Lista de Espécies da Flora do Brasil**. Jardim Botânico do Rio de Janeiro. Acessado em 20 de junho de 2012, <http://floradobrasil.jbrj.gov.br/2012/FB110631>.

Petersen, O.G. 1890. Zingiberaceae. Pp. 29-62. tab 9-14. In: C.F.P. Martius, A.G. Eichler, & I. Urban (eds.). **Flora Brasiliensis**. Vol. 3. Part. 3. Lipsiae. Frid. Fleischer in Comm.

Lista de Exsicatas

Barbosa, A.P.O. 2 (1); **Gomes, L.A.** et al. 94 (1); **Landim, M.F.** et al. 1047 (1); **Lima, J.F.** 124 (1); **Nascimento-Júnior, J.E.** et al. 5 (1); **Oliveira, D.M.** 184 (1); **Santos, L.A.S. & Anjos, I.S.** 498 (1); **Santos, L.A.S.** 13 (1), 97 (1), 98 (1); **Santos, L.A.S.** et al. 67 (1); **Silva, G.N.** 54 (1); **Viana, G.** 386 (1), 1412 (1), 1468 (1), 1673 (1), 1751 (1), 2039 (1).

¹ Prefeitura da Cidade do Recife, Jardim Botânico do Recife, Km 7,5 da BR 232, s/n, Curado, 50000-230, Recife, PE, Brasil. Email: jeff.r.maciell@gmail.com

CYPERACEAE

Coordenadora: Ana Paula do Nascimento Prata¹

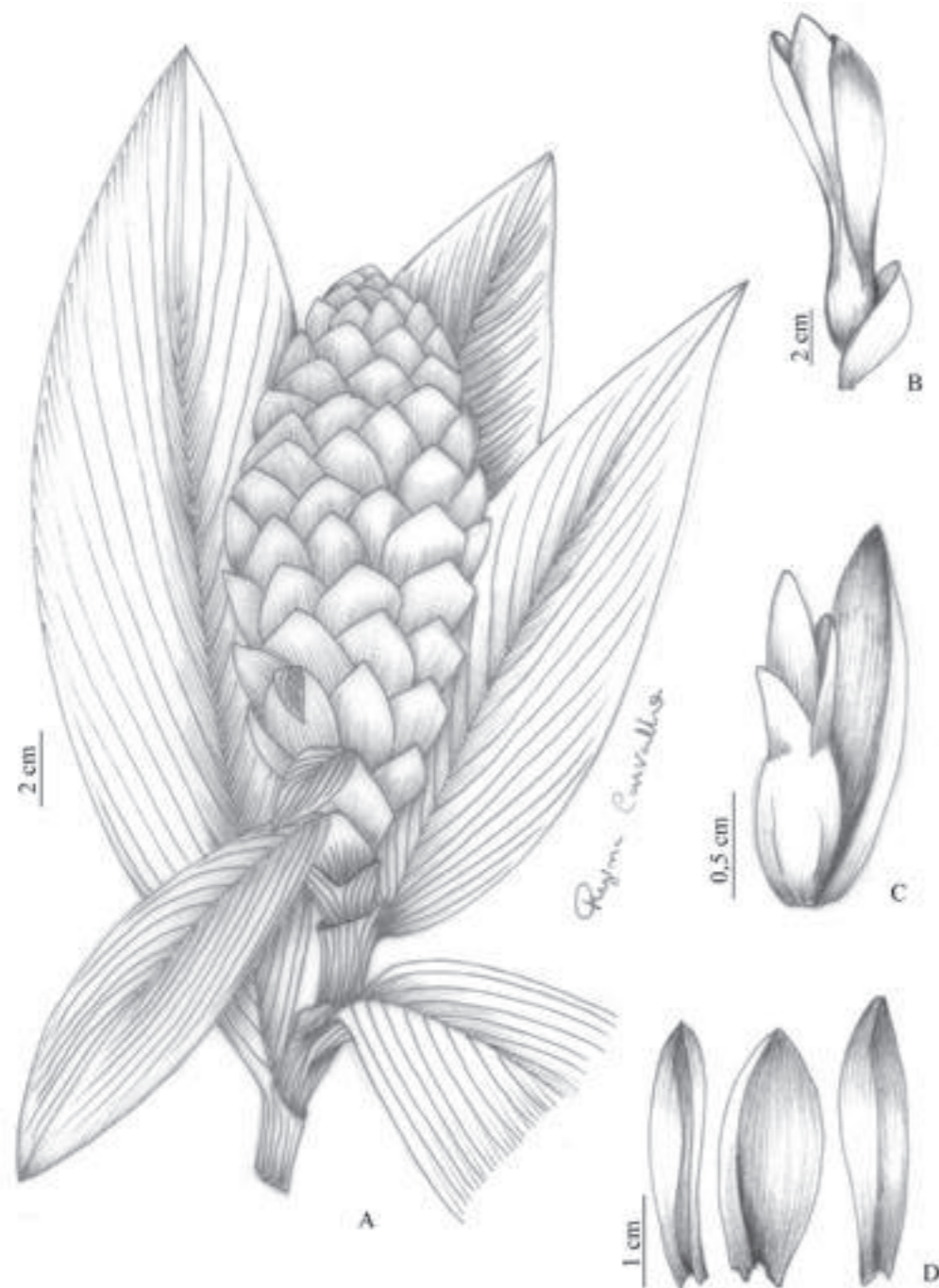


Figura 1. A-D. *Costus spiralis* Roscoe. A. Inflorescência; B. Botão floral; C. Flor subentendida pela bráctea; D. Pétalas (Silva 54, ASE).

Ervas anuais ou perenes, terrestres, raramente aquáticas ou escandentes. As espécies anuais são geralmente cespitosas e as perenes frequentemente apresentam rizomas, estolões, bulbos ou subbulbos. O escapo é geralmente trígono, cilíndrico ou menos frequentemente quadrangular ou pentangular, às vezes com costelas proeminentes. As folhas são trísticas, basais ou basais e caulinares, geralmente com bainha fechada; as lâminas são em geral lineares, glabras, escabras, pilosas, hispídas, com nervura central proeminente; lígula frequentemente ausente (exceto em *Scleria*, *Fimbristylis* e *Fuirena*), contralígula presente ou ausente. Brácteas involucrais frequentemente presentes, foliáceas ou glumáceas. Inflorescência simples ou compostas, geralmente ramificada, paniculada ou antelóide, capitada, ou reduzida a uma única espiguetas. Espiguetas variando de única a várias, terminal, lateral, formada por 1-várias glumas disticamente arranjadas ou mais frequentemente espiralmente arranjadas. Glumas dísticas, espiraladas, formato e indumento variados; flores unissexuadas, bissexuadas ou de ambos os tipos; perigonio quando presente reduzido a cerdas perigoniais, peças glumáceas ou hipogínio. Estames 1-3. Aquênio lenticular, biconvexo, trígono ou globosos com formatos variados e superfície diversificada; estilopódio presente ou ausente, quando presente persistente ou decíduo.

Esta família está distribuída nas zonas tropicais e temperadas do globo, exceto na Antártida. Habita preferencialmente áreas abertas com solo úmido ou alagado com alguns gêneros ocorrendo em ambientes florestais e solos bem drenados. No Brasil de acordo com Alves *et al.* (2009) ocorrem 678 espécies em 42 gêneros. Alves *et al.* (2013) citaram a presença de 13 gêneros e 25 espécies de Cyperaceae em Sergipe. Para a Flora de Sergipe verificamos a ocorrência de 101 espécies distribuídas em 16 gêneros dos quais 67 espécies e 3 gêneros são novas citações para o estado. Além disso, 3 espécies são novas ocorrências para o nordeste e 3 para a Mata Atlântica.

Chave para identificação dos gêneros de **Cyperaceae** de Sergipe

1. Lâminas ausentes, folhas reduzidas a bainhas.....**Eleocharis**
- 1' Lâminas foliares desenvolvidas.....**2**
2. Glumas disticamente dispostas ao longo da espiguetas.....**3**
3. Espiguetas unifloras ou raramente bifloras (*Kyllinga odorata*)..... **Kyllinga**
- 3'. Espiguetas geralmente plurifloras.....**4**
- 4'. Estigma bífido, aquênio lenticular..... **Pycreus**
- 4' Estigma trífido, aquênio trígono**Cyperus**
- 2'. Glumas espiraladamente dispostas ao longo da espiguetas.....**5**
5. Espiguetas unissexuadas.....**6**
6. Aquênios globosos.....**7**
7. Hipogínio ciatiforme, adnato a base do aquênio.....**Becquerelia**

7' Hipogínio geralmente trilobado.....	Scleria
6' Aquênio trígono.....	Lagenocarpus
5' Espiguetas bissexuadas.....	8
8. Perigônio ausente, estilopódio presente.....	9
9. Ápice da bainha foliar com tricomas lanosos; base do estilete persistente....	Bulbostylis
9' Ápice da bainha foliar glabro, base do estilete persistente ou decídua	10
10. Base do estilete persistente em forma de pico ou rostro.....	Rhynchospora
10' Base do estilete decídua.....	11
11. Inflorescência composta por espiguetas solitárias ou até três espiguetas, glumas dísticas.....	Abildgaardia
11' Inflorescência formada por cinco ou mais espiguetas, glumas espiraladas	Fimbristylis
8' Perigônio presente, base do estilete presente ou ausente.....	12
12. Estilopódio presente em forma de pico ou rostro, perigônio formado por cerdas.....	Rhynchospora
12' Estilopódio ausente.....	13
13. Inflorescência capitada.....	14
14. Plantas geralmente anuais, raramente perenes, cespitosas, inflorescência subtendida por brácteas involucrais desiguais, foliformes, glumas espiraladas.....	Lipocarpa
14' Plantas geralmente perenes, rizomatosas, inflorescência subtendida por várias brácteas involucrais foliformes, glumas dísticas.....	Remirea
13' Inflorescência antelóide.....	15
15. Bráctea 1, ereta, parecendo uma continuação do escapo.....	Schoenoplectus
15' Bráctea várias, não parecendo uma continuação do escapo.....	16
16. Perigonio formado por seis peças setiformes	Fuirena
16' Perigonio formado por 4 cerdas	Bolboschoenus

1. *Abildgaardia* Vahl

Anderson de Carvalho Silva¹
Ana Paula do Nascimento Prata¹

Herbáceas, perenes, cespitosas. Caule cilíndrico, glabro, estriado ou não. Folhas basilares, polísticas; bainha aberta, às vezes longitudinalmente estriada, ápice oblíquo, não ciliado. Lígula ausente; lâmina reduzida a bainha ou quando desenvolvida geralmente filiforme. Brácteas involucrais 1-2, setáceas, menores que a inflorescência. Inflorescência formada por espiguetas únicas terminal, ou fascículo de 3-5 espiguetas. Espiguetas oblongo-lanceoladas a ovóides, 8-14 floras. Glumas dísticas a subdísticas, membranáceas, mucronadas, cada uma subtendendo uma flor. Flores bissexuadas, perianto ausente; estames 3, estigma trifido, base espessada, decídua. Aquênio trígono, ovóide a obovóide, superfície verrucosa ou reticulada.

Os gêneros *Abildgaardia*, *Bulbostylis* e *Fimbristylis* foram tradicionalmente inseridos na subfamília Scirpoideae, tribo Scirpeae. Após análise baseada em seqüências de *rbcL*, foram incluídos na subfamília Cyperoideae, tribo Abildgaardieae e são considerados bastante controversos em relação à delimitação taxonômica, necessitando, muitas vezes de um conjunto de caracteres para individualizá-los (Kral & Davidse, 1987). Segundo Goetghebeur & Coudijzer (1984), Luceño *et al.* (1997) e Prata (2004) a diferenciação morfológica entre os gêneros *Abildgaardia*, *Bulbostylis* e *Fimbristylis* é feita principalmente pela persistência ou não da base do estilete sobre o aquênio e pela presença ou ausência de tricomas no ápice da bainha foliar. Em *Bulbostylis* a base do estilete persiste no fruto, as folhas são setáceas e geralmente possuem tricomas lanosos, mais ou menos abundantes rodeando o ápice da bainha foliar. Em *Abildgaardia* e *Fimbristylis* a base do estilete é decídua e raramente possuem tricomas foliares. A diferenciação entre os dois últimos gêneros ocorre em nível de espiguetas. Em *Abildgaardia*, elas são geralmente planas, com glumas dísticamente dispostas. Em *Fimbristylis* as espiguetas são formadas por glumas espiraladamente dispostas.

Segundo Kral (1971), *Abildgaardia* possui 15 espécies distribuídas em regiões tropicais e subtropicais, das quais apenas três ocorrem no Brasil: *A. baeothryon* St. Hil, *A. papilosa* Kral & M. Strong e *A. ovata scirpoides* (Burm. f.) Kral, ocupando preferencialmente campos abertos com alta luminosidade. Em Sergipe foi verificada a ocorrência de duas espécies de *Abildgaardia*.

¹ Universidade Federal de Sergipe, Laboratório de Sistemática Vegetal. Av. Marechal Rondon s/n, Bairro Jardim Rosa Elze, 49100-000 São Cristóvão/SE. E-mail: andersoncs.bio@hotmail.com

Chave para as espécies de **Abildgaardia** de Sergipe

1. Lâminas foliares desenvolvidas, 1/2 do compr. do escapo, inflorescência uniespicada, espiguetas ovóides, aquênio com superfície verrucosa **1.2. A. ovata**

1'. Lâminas foliares reduzidas à bainha, 1/10 do compr. do escapo, inflorescência pluriespicada, com 1-5 espiguetas oblongo-lanceoladas, aquênio com superfície reticulada **1.1. A. baeothryon**

1.1. Abildgaardia baeothryon St. Hil., Voy. Distr. Diam. 2:389.1833.

Erva perene, cespitosa, 18 – 31 cm de alt. Folhas reduzidas à bainha, 1/10 do compr. do escapo, glabras, ápice oblíquo. Escapo 0,3–0,5 mm de larg., filiforme, glabro. Brácteas involucrais glumáceas. Inflorescência formada por fascículo de 1-5 espiguetas. Espiguetas 0,4–1,0 x 0,1 –0,3 mm, oblongo-lanceoladas, achatadas, castanhas, 8-12 floras. Glumas 2-3 x 1 – 2 mm, decíduas, dísticas a subdísticas, membranáceas, naviculares, curto mucronadas, margens hialinas, as inferiores estéreis. Flor com 3 estames. Aquênio 0,5–0,7 x 0,3–0,5 mm, obovóide, trígono, superfície reticulada; estilopódio piramidal, decíduo.

Comentários: Espécie distribuída nos Trópicos do novo mundo. No Brasil ocorre nas regiões Nordeste, Centro Oeste e Sudeste. Em Sergipe habita áreas de mata antropizadas com solos areno-pedregosos. Esta espécie é de fácil reconhecimento no estado pela presença de folhas reduzidas a bainha, inflorescência formada por fascículos de 1-5 espiguetas e aquênio com superfície reticulada.

Material selecionado: **BRASIL. Sergipe:** Areia Branca, IX/2008, A.C. Silva 155 (ASE). Estância, X/2012, D.A. Campos 196 (ASE); Indiaroba, VIII/2011, A.P. Prata 2799 (ASE); Itabaiana, IV/1991, M.L. Santos 85 (ASE); Itaporanga d'Ajuda, I/2008, S.M. Costa 243 (ASE); Japarutuba, V/2010, I.R.N. Menezes 102 (ASE); Pirambu, VI/1976, M.R. Fonseca s.n. (ASE 418); Santa Luzia do Itanhy, VIII/2011, A.P. Prata 2706 (ASE); Santo Amaro das Brotas, XII/2008, J.E. Nascimento - Júnior 492 (ASE).

1.2. Abildgaardia ovata (Burm. f.) Kral, Sida 4:72 .1971.

Erva perene, cespitosa, (-25) 27-38 cm de alt. Folha 6-17 cm de compr. ca. de ½ do compr. do escapo; lâmina glabra, canaliculada, margem escabra, ápice agudo, bainha membranácea, glabra, castanho-clara, ápice arredondado, margem hialina. Escapo 0,5-0,1 mm de larg., glabro, longitudinalmente estriado. Brácteas involucrais 1-2, setáceas, glabras, menores que a inflorescência. Inflorescência terminal uniespicada. Espiguetas (-0,8) 1,0-1,5 (-2) x 0,4-0,6 cm, ovóides, planas, paleácea, ca. de 14 floras. Glumas 0,4 -0,6 x 0,3-0,5cm, membranáceas, ovóides, estriadas, glabras, carenadas, curto mucronadas, margens hialinas. Flor com 3 estames. Aquênio 2,5-3 x 1-2 mm, ovóide, verrugoso; estilopódio trígono, decíduo, margens fimbriadas.

Comentários: Ocorre nos Estados Unidos (Flórida), México, América Central, Antilhas, sul da América do Sul até Argentina, trópicos do Novo e do Velho Mundo. No Brasil, sua

ocorrência se estende às regiões Norte, Nordeste, Centro-oeste, Sul e Sudeste. Ocorre em savanas com solos silicosos ou calcários, erosionados ou com escassa vegetação. Em Sergipe ocorre em áreas abertas, terrenos alagadiços em solo areno-pedregoso.

Material selecionado: **BRASIL. Sergipe:** Itaporanga d`Ajuda, VIII/2007, A.B. Sales 43 (ASE); Santa Luzia do Itanhy, XI/1993, A.M. Carvalho 4316 (ASE); São Domingos, IV/2006, A.C. Silva 24 (ASE); Santo Amaro das Brotas, VI/2011, J.E. Nascimento - Júnior 1026 (ASE); São Cristóvão, V/2007, S.M. Costa 142 (ASE).

2. *Becquerelia* Brongn.

Ana Paula do Nascimento Prata¹
Maria Gabriela López²

2.1. *Becquerelia cymosa* Brongn., Voy. Monde 11: 161. 1833.

Herbáceas, perenes, rizomatosas, 1,5-2,5m alt. Caule trígono, ereto. Folhas basilares e caulinares, 3-nervuras sobressalentes, cartáceas, margens escabras. Brácteas involucrais geralmente foliformes. Inflorescência paniculada composta, com numerosas espiguetas terminais e nos nós superiores. Espiguetas bissexuadas; até 7mm de compr., solitárias ou em fascículos de 2-3, bractéolas imbricadas, carenadas, (1)3(-4) inferiores pequenas, cada uma subjacente a uma espiguetas estaminada com glumas membranáceas e 1 estame, as 3-6 superiores grandes, vazias; espiguetas pistiladas terminal, com glumas mucronadas; estigmas 3; hipogíneo ciatiforme, adnato a base do aquênio. Aquênios globosos, 3-5x2,5-3 mm papilo-rugosos.

Herbácea de grande porte, formando densas populações e comumente distribuída em florestas úmidas (Muniz 2001). Ocorre na Nicarágua, Costa Rica, Panamá, Colômbia, Trinidad, Tobago, Guianas, Suriname, Peru e Brasil. No Brasil ocorre nas regiões Norte, Nordeste, Centro-Oeste, Sudeste e Sul. Em Sergipe foi verificada a presença desta espécie em apenas dois municípios habitando o interior de mata.

Material examinado: **BRASIL. Sergipe:** Areia Branca, I/2010, I.R.N. Menezes 67 (ASE); Lagarto, II/2007, A.P. Prata 1380 (ASE).

3. *Bolboschoenus* (Asch.) Palla

Ana Paula do Nascimento Prata¹
Maria Gabriela López²

3.1. *Bolboschoenus robustus* (Pursh) Soják, Cas. Nár. Mus., Odd. Prir. 141:63.1972.

Planta com (30-)70-100 cm de alt, rizoma rasteiro, base da planta espessada. Folhas linear-lanceoladas com bainhas foliares longas, embainhando geralmente a partir da metade do caule, papiráceas; lâminas 4-12 mm larg., glabras ou escabras. Caule trígono, glabro a ligeiramente escabro no ápice. Brácteas involucrais 3, diferentes comprimentos, superando a inflorescência. Inflorescência em antelódio, as vezes reduzido com espiguetas agrupadas. Espiguetas ovoide 1-1,8 x 0,4-0,8 cm, castanha. Glumas oblongo-elípticas, ápice bilobado, lóbulos agudos, imbricadas, papiráceas, mucronadas, mucron recurvado. Flor: cerdas periânticas não persistentes no aquênio maduro ou 1-2 fracamente aderidas ao aquênio, ½ do compr. do aquênio; anteras 1,5-2mm. Aquênio obovoide, plano-convexo 2-5-3,5 x 1,5-2,5 mm, castanho, lustroso, superfície finamente reticulada, ápice truncado.

Comentários: Espécie conhecida da América do Sul Austral. No Brasil *B. robustus* é a única espécie do gênero coletada até o momento. De acordo com Alves *et al.* 2009 é conhecida nas regiões Nordeste, Sudeste e Sul do país. Os autores ainda citam que esta espécie foi referida em algumas obras como *Scirpus maritimus* L. e *Schoenoplectus robustus* (Pursh) M.T. Strong. Em Sergipe o material estava identificado como *Scirpus maritimus*. *B. robustus* foi encontrada na margem do Rio Pomonga e é de fácil reconhecimento no estado pela presença das glumas mucronadas com ápice recurvado bastante característico da espécie, associada a sua preferência por ambientes aquáticos de regiões costeiras.

Material examinado: BRASIL. Sergipe: Santo Amaro das Brotas, II/1978, M.R. Fonseca ASE 529 (ASE).

¹ Universidade Federal de Sergipe, Departamento de Biologia, Laboratório de Sistemática Vegetal. Av. Marechal Rondon s/n, Bairro Jardim Rosa Elze, 49100-000 São Cristóvão/SE. E-mail: aprata@yahoo.com.br

² Facultad de Ciencias Agrárias, Instituto de Botánica Del Nordeste. C.C. 209. 3400. Corrientes Argentina. E-mail :mglopez@agr.unne.edu.ar

¹ Universidade Federal de Sergipe, Departamento de Biologia, Laboratório de Sistemática Vegetal. Av. Marechal Rondon s/n, Bairro Jardim Rosa Elze, 49100-000 São Cristóvão/SE. E-mail: aprata@yahoo.com.br

² Facultad de Ciencias Agrárias, Instituto de Botánica Del Nordeste. C.C. 209. 3400. Corrientes Argentina. E-mail :mglopez@agr.unne.edu.ar

4. *Bulbostylis* Kunth nom. cons.

Anderson de Carvalho Silva¹
Ana Paula do Nascimento Prata¹

Ervas perenes ou anuais, cespitosas. Caules transversalmente estriados, glabros, escabros, pubescentes ou hispídeos. Folhas com lâminas setáceas, capilares ou filiformes, ascendentes ou recurvadas, glabras, escabras ou pubescentes; bainha foliar geralmente membranácea, ápice ciliado ou glabro. Inflorescência antelóide simples ou composta, com número variável de espiguetas, capitada ou reduzida a uma única espiguetas. Espiguetas bissexuadas, sésseis ou pediceladas; flores basais raramente presentes; glumas glabras ou pubescentes, espiraladas, decíduas, subtendendo uma flor; cerdas perigoniais ausentes. Estames 1-3, anteras oblongas, basefixas com conectivo prolongado em algumas espécies; estilete 2-3 ramificado, a porção ramificada papilosa, a outra porção geralmente lisa; base espessada, geralmente persistente no aquênio (estilopódio). Aquênio trígono, superfície lisa, reticulada, tuberculada, ponticulada ou transversalmente rugosa.

O gênero possui aproximadamente 150 espécies que habitam regiões tropicais a subtropicais de ambos hemisférios, podendo chegar algumas espécies a zonas temperadas. Apresenta dois centros de diversidade: um na África e outro na América do Sul - Brasil (López 1996). De acordo com Prata (2004) no Brasil são conhecidas cerca de 50 espécies deste gênero. Araújo *et al.* (2013) citam para Sergipe a ocorrência de apenas quatro espécies de *Bulbostylis*. Neste trabalho são descritas setes espécies para o estado, habitando preferencialmente áreas abertas, com solo arenoso.

Chave para as espécies de *Bulbostylis* de Sergipe

1. Inflorescência uniespicada.....**4.2. *B. conifera***
- 1'. Inflorescência pluriespicada.....**2**
2. Lâmina foliar e escapo hispídeos.....**4.7. *B. vestita***
- 2' Lâmina foliar e escapo glabros.....**3**
3. Bainha foliar com ápice truncado, tricomas ausentes..... **4.6. *B. truncata***
- 3' Bainha foliar com ápice oblíquo, tricomas presentes.....**4**
4. Aquênio com superfície lisa.....**5**
5. Escapo cilíndrico, Inflorescência antelóide, 3-5, fascículos de espiguetas, o central sésil e os demais em eixos alongados, cada fascículo formado por 3-5 espiguetas.....**4.3. *B. fasciculata***
- 5' Escapo trígono, Inflorescência antelóide, composta por (6)15-25(40) espiguetas, a central sésil.....**4.5. *B. scabra***

¹ Universidade Federal de Sergipe, Laboratório de Sistemática Vegetal. Av. Marechal Rondon s/n, Bairro Jardim Rosa Elze, 49100-000 São Cristóvão/SE. E-mail: andersoncs.bio@hotmail.com

- 4' Aquênio com superfície tuberculada ou reticulada.....**6**
6. Erva 9,5 – 24 cm compr. Folha 0,2-0,3 mm de larg., bráctea involucral menor que o compr. da inflorescência. Inflorescência antelóide 1-4 espiguetas, aquênio com superfície tuberculada.....**4.1. *B. capillaris***
- 6'. Erva 52,5 – 62,5 cm compr. Folha 0,4-0,8 mm de larg. Bráctea involucral ultrapassando o comprimento da inflorescência. Inflorescência fasciculada, 10 – 18 espiguetas, aquênio com superfície reticulada.....**4.4. *B. junciformis***

4.1. *Bulbostylis capillaris* (L.) C.B. Clarke, Hook. f. Fl. Brit. India 6:652. 1893.

Erva anual, cespitosa, (-7) 11 – 31 cm de compr. Folha ½ - ⅓ do compr. do escapo, filiforme, ápice agudo; bainha castanho-clara, (-0,6) 0,9 – 2,5 cm de compr., longitudinalmente estriada, margens hialinas, ca. de ¼ da folha, ápice oblíquo com tricomas alvos; lâmina desenvolvida, filiforme, 4 - 12 cm de compr., inteira, glabra. Escapo 0,2 – 0,3 mm de larg., filiforme, trígono, glabro, estriado longitudinalmente. Brácteas involucrais 3-5, 0,2 – 1 (-1,3) cm de compr., naviculares, menores que a inflorescência, escabras, ápice agudo, margens basais membranáceas. Inflorescência 0,3 - 1,5 x 0,2 – 1,3 cm, antelóide, 1 – 4 (-5) espiguetas, comumente reduzidas a dois ou três eixos monostáquios com uma espiguetas terminal e uma espiguetas central sésil. Espiguetas castanho-escuro, oblongo-elípticas a oblongo-lanceoladas 0,3 – 0,5 x 0,1 – 0,5 mm, pedunculadas, agudas, 6-14 floras. Glumas persistentes, 1,5 – 1,8 x 0,8 – 1,0 mm, obovóides, membranáceas, carenadas, escabras, mucronadas, área dorsal trinérvea, margens inteiras, ciliadas, ápice obtuso, basal estéril. Flor com 3 estames. Aquênio 0,4-0,9 x 0,2-0,4 mm, obovóide, trígono, superfície tuberculada, opaca, corpos silicosos presentes, estilopódio persistente, cilíndrico, 1/5 do compr. do aquênio.

Comentários: Espécie citada para os Trópicos e sub-trópicos americanos, da Argentina aos Estados Unidos. No Brasil, sua ocorrência se estende às regiões Nordeste, Sudeste e Sul. Ocorrem em campos abertos e solos rochosos. Em Sergipe ocorre em solos arenopedregosos associados a matas. Esta espécie pode ser reconhecida pelo pequeno porte (até 31 cm de alt), inflorescência antelóide, com poucas espiguetas, comumente reduzidas a dois ou três eixos monostáquios com uma espiguetas terminal e uma espiguetas central sésil e aquênio com superfície tuberculada.

Material examinado selecionado: **Brasil. Sergipe:** Areia Branca, VIII/2007, E. Matos 62 (ASE); Ilha das Flores, VI/1982, G. Viana 522 (ASE); Indiaroba, XII/2007, S.M. Costa 206 (ASE); Itabaiana, VIII/2008, T.V.P. Dantas 68 (ASE); Itaporanga d'Ajuda, I/2008; S. M. Costa 244 (ASE); Pirambu, VII/2008, C. Calazans 71 (ASE); Poço Redondo, VII/2010, I.R.N. Menezes 163 (ASE); Santo Amaro das Brotas, IV/1978, M.R. Fonseca *et al.* s.n. (ASE 605); São Cristóvão, XI/2008, A.C. Silva 156 (ASE).

4.2. *Bulbostylis conifera* (Kunth) C.B. Clarke in Urb., Symb. Antill. 2:86. 1900.

Erva, perene, cespitosa, 11-37 x 0,03-0,1 cm, base castanho-clara. Folhas basilares 5 – 16 cm de compr., ca. de 1/3 do escapo; lâminas 5-14 x 0,01- 0,03 cm, cerca de 1/3 do compr. do escapo, face adaxial estriada longitudinalmente, face abaxial canaliculada, ereta, flexível, glabra, margens lisas ou escabras, ápice agudo; bainha 1-2 x 0,1-0,3 cm, membranácea, longitudinalmente estriada, glabra, ápice oblíquo, ciliado, tricomas alvos, 0,8 – 1,0 cm de compr., margens halinas. Escapo 0,3 – 0,7 mm de larg., trígono, escabro, longitudinalmente estriado. Brácteas involucrais glumáceas, decíduas, carena evidente, glabras, margens inteiras. Inflorescência terminal uniespicada. Espiguetas 0,3-1,0 x 0,2-0,5 cm, coniforme. Glumas 0,2-0,5 x 0,1-0,2, decíduas, ovadas, côncavas, coriáceas glabras, carenadas, ápice obtuso, as inferiores estéreis. Flor com 3 estames. Aquênio 0,8-1,2 x 0,6-0,8 mm, trígono, base atenuada, margens angulosas, brilhantes, corpos silicosos proeminentes, superfície transversalmente rugosa, ápice truncado, estilopódio persistente, cilíndrico, 1/7 do compr. do aquênio.

Comentários: Espécie conhecida na Venezuela, Bolívia, Suriname e Guianas. No Brasil, sua ocorrência se estende às regiões Norte, Nordeste e Centro-Oeste. Ocorre geralmente em savanas e solos arenosos. Em Sergipe são encontradas em solos secos, areno-pedregosos e alagadiços. É uma espécie de fácil identificação pela presença de folhas basilares ca. de 1/3 do compr. do escapo e inflorescência uniespicada, coniforme.

Material examinado selecionado: **Brasil. Sergipe:** Areia Branca, XI/2007, S.M. Costa 194 (ASE); Capela, VI/2007, A.C. Silva et al. 99 (ASE); Estância, IX/2009, A.P. Prata 1690 (ASE); Itabaiana, I/2007, A.P. Prata 1459 (ASE); Itaporanga d'Ajuda, VI/2008, I.S. Matos 22 (ASE); Japarutuba, XI/2008, Silva 225 (ASE); Lagarto, II/2007, A.P. Prata 1395 (ASE); Pirambu, IV/2006, A.C. Silva et al. 07 (ASE); São Cristóvão, XII/1981, E. Carneiro 225 (ASE); São Domingos, IV/2006, A.C. Silva et al. 19 (ASE).

4.3. *Bulbostylis fasciculata* Uitt. Rec. Trav. Bot. Neerl. 22:338. 1925.

Perene, cespitosa, 22-45 cm alt., base castanho escura, não espessada. Folhas 9-17 x 0,002 cm, 1/2 a 1/3 do compr. do escapo; bainha 1-1,5 cm compr., membranácea, castanha escura, estriada longitudinalmente, glabra, ápice oblíquo, ciliado, tricomas alvos 2-5 mm compr.; lâmina setácea, filiforme, glabra, ereta, face adaxial côncava, lisa, margens espessadas, face abaxial estriada longitudinalmente, lisa. Escapo 0,04 mm diâm., cilíndrico, costelado, glabro. Brácteas involucrais 3-5, foliáceas, base alargada, ferrugínea, escabra, margem hialina, a bráctea inferior maior, 0,5-0,8 cm compr., menor que a inflorescência. Inflorescência 2-4 x 1-1,5 cm, antelóide, simples, fasciculada, fascículos 3-5, o central sésil e os demais em eixos alongados, cada fascículo formado por 3-5 espiguetas. Espiguetas 3-4 x 1-1,5 mm, ovóides, 3-5 floras, sésseis. Glumas persistentes 1,5-1,8 x 1,3-1,4 mm, 1 basal estéril, ovadas, naviculares, membranáceas, carena trinérvea, ápice agudo, curtamente mucronado, superfície pubescente, papilosa, margens hialinas,

ciliadas. Flores bissexuadas; estames 3, anteras 0,5 mm, apiculadas, conectivo prolongado, estilete 1 mm, estigma trífido. Aquênio 0,6-0,7 x 0,4-0,5 mm, obovóide, trígono, ângulos não diferenciados, base ligeiramente atenuada, ápice plano, superfície lisa, brilhante, corpos de sílica ausente, base do estilete persistente, piramidal, castanho escura, 1/8 do compr. do aquênio.

Comentários: Ocorrência registrada no Suriname e no Brasil (regiões Nordeste, Centro Oeste e Sudeste). É uma espécie morfológicamente semelhante a *B. juncooides*. Difere da mesma por apresentar aquênio com superfície lisa (x aquênio com superfície reticulada em *B. junciformis*).

Material examinado: **BRASIL. Sergipe:** Itaporanga d`Ajuda, IV/2008, A.P. Prata 1399 (ASE).

4.4. *Bulbostylis junciformis* (Kunth) C.B. Clarke, Trans. Linn. Soc. London, Bot. ser. 2, 4: 512. 1895.

Erva perene, cespitosa, base castanho-escura não espessada. Folhas 1,0 – 5,0 de compr., ½ do compr. do escapo; lâmina 7 – 33 x 0,05 cm, setácea, glabra, ascendente, ápice agudo, face abaxial côncava; bainha 2,5 – 6,0 x 0,3 – 0,5 cm, ápice oblíquo, densamente ciliado, tricomas alvos, 0,3 – 0,8 cm de compr. Escapo 13 – 53 x 0,1 cm, cilíndrico, costelado, glabro, sulcado longitudinalmente. Brácteas Involucrais 3-6, foliáceas, glabras, setáceas, bases alargadas, as duas inferiores maiores que a inflorescência, mais externa 1,3 – 2,8 cm de compr. Inflorescência 1,5 – 4,0 x 1,0 – 3,0 cm, simples, composta ou capitada, geralmente mais de 10 espiguetas. Espiguetas 0,2 – 0,5 x 0,1 – 0,2 cm, ovóides a lanceoladas, 3 – 5(-6) floras. Glumas, 1,2 – 2,0 mm de compr., persistentes, ovadas, coriáceas, castanho-claras, carenadas, pubescentes, ápice agudo, múcron curto, recurvado, margens hialinas. Flores com 3 estames, anteras ca. de 0,8 – 1,2 mm; estilete ca. de 1 mm, estigma trífido. Aquênio 0,7-1,0 x 0,5-0,6 mm, trígono, obcônico, base atenuada, margens angulosas, delgadas, superfície reticulada, opaca, estilopódio persistente, cilíndrico, 1/10 do comprimento do aquênio.

Comentários: Trópicos americanos desde o México até o Uruguai. No Brasil, sua ocorrência se estende às regiões Norte, Nordeste, Centro-oeste e Sudeste. Frequente em savanas arenosas e áreas abertas de matas, sendo encontrada também em restinga arbórea perturbada, campo rupestre, campo cerrado, campo úmido, brejo, margens de córregos, margens brejosas ao longo dos rios. Em Sergipe ocorre em áreas abertas de mata com solos areno-pedregoso.

Material examinado selecionado: **Brasil. Sergipe:** Aracaju, VIII/2007, A. C. Silva 140 (ASE); Areia Branca, XI/2007, S. M. Costa 192 (ASE); Estância, IX/2009, A.P. Prata 1683 (ASE); Indiaroba, XII/2007, S.M. Costa 205 (ASE); Itabaiana, VIII/2008, T.V.P. Dantas 8 (ASE); Itaporanga d'Ajuda, VI/2008, I. Matos 11 (ASE); Pirambu, IV/2006, A. C. Silva et al. 08 (ASE).

Santa Luzia do Itanhy, VI/2000, *M. Alves et al.* 2050 (ASE). Santo Amaro das Brotas, VI/2000, *M. Alves et al.* 2060 (ASE). São Domingos, IV/2006, *A. P. Prata et al.* 1209 (ASE).

4.5. *Bulbostylis scabra* (J. Presl & C. Presl) C.B. Clarke, Bull. Herb. Boiss. 6(1):21. 1898.

Perene, cespitosa, 22-35 cm alt., base castanho-clara, não espessada. Folhas 8,5-14 x 0,02 cm, 1/4-(1/2)1/3 do compr. do escapo; bainha 1,5-3 cm compr., membranácea, ápice oblíquo, ciliada, tricomas alvos 5 mm compr.; lâminas filiformes, glabras, face adaxial plana ou levemente côncava, face abaxial estriada, margens escabras. Escapo 0,3 mm larg., trígono, estriado longitudinalmente, glabro. Brácteas involucrais 2-7, foliáceas, base alargada, margens curtamente ciliadas, mais curtas do que a inflorescência, a mais externa 1 cm compr., a seguinte 0,5 cm compr. Inflorescência 1,3 x 0,8-1,5 cm, antelóide, composta, (6)15-25(40) espiguetas, a central séssil. Espiguetas 3-10 x 2-3 mm, ovóides, pediceladas, 10-15-floras. Glumas persistentes, 2 x 2,2-3 mm, obcordiformes, naviculares, membranáceas, 1-nervadas, carena às vezes não se prolongado até o ápice, mucronadas, glabras, papilosas, estéreis 2. Flores bissexuadas; estames 2-3, anteras 0,7 mm compr., apiculadas; estilete 1 mm compr. Aquênio 1 x 0,7-1 mm, obcordiforme, trígono, ângulo frontal espessado, superfície lisa, brilhante, creme, sílica ausente, base do estilete persistente, umbonada, 1/8 do compr. do aquênio.

Comentários: Argentina, Paraguai, Uruguai e Brasil (Nordeste, Centro Oeste e Sul). Espécie similar a *B. capillaris*. Diferencia-se da mesma pelas características da superfície do aquênio (tuberculada em *B. capillaris* x lisa em *B. scabra*) além de caracteres da inflorescência.

Material examinado: BRASIL. Sergipe: Itabaiana, X/2007, *P. Gomes* 595 (ASE).

4.6. *Bulbostylis truncata* (Nees) M.T. Strong, Brittonia 45:165. 1993.

Perene, cespitosa, (18)23-27 cm alt., base castanho-escura, espessada, formada por abundantes restos de bainhas foliares. Folhas 5-8,5 x 0,02 cm, 1/3-1/2 do compr. do escapo; bainha 1-1,8 cm compr., membranácea, escabra, ápice truncado, tricomas ausentes; lâminas setáceas, face adaxial côncava, às vezes plana, face abaxial estriada, ápice agudo, margens escabras. Escapo 0,03 mm larg., estriado longitudinalmente, trígono glabro. Brácteas involucrais 3-5, foliáceas, base alargada, glabras, as duas inferiores maiores, a mais externa 1-2,5 cm, compr., a seguinte 1 cm compr. Inflorescência 1,5-2,5 x 2,0-3 cm, antelóide, geralmente simples, às vezes composta, espiguetas 5-7, a central séssil, às vezes 2 sésseis. Espiguetas 1,5-3 x 1-1,4 mm, ovóides, 3-8 floras. Glumas persistentes, 2-2,3 x 0,7-1,4 mm, oblongas, naviculares, membranáceas, ápice agudo, castanhas, superfície escabra, estéreis 2. Flores bissexuadas; estames 3, anteras 0,7-1 mm compr.; estilete 2-2,5 mm compr. Aquênio 0,8 x 0,7 mm, obcordiforme, trígono, base atenuada, superfície ponticulada, base do estilete persistente, cilíndrica, às vezes plana, 1/8 do compr. do aquênio.

Comentário: Bolívia, Colômbia, Guianas, Venezuela e Brasil (Norte, Nordeste, Centro-Oeste, Sudeste e Sul). É uma planta tipicamente de áreas arenosas, encontrada crescendo em cerrados e savanas.

Material examinado: BRASIL. Sergipe: Itaporanga d`Ajuda, IV/2008, *A.P. Prata* 1400 (ASE); Japaratinga, XI/2008, *A.C. Silva* 226 (ASE); Capela, XI/2008, *A.C. Silva* 246(ASE).

4.7. *Bulbostylis vestita* (Kunth) C.B. Clarke, in Urb. Symb. Antill. 2:87. 1900.

Perene, cespitosa, 30-52 cm alt., base castanho-clara, não espessada. Folhas 18-30 x 0,03 cm, 1/2 do compr. do escapo; bainha 3-5 cm compr., membranácea, ciliada, ápice oblíquo, ciliado, tricomas alvos 5 mm compr.; lâminas setáceas, face adaxial côncava, face abaxial estriada, hispídas. Escapo trígono, hispído, estriado longitudinalmente, pêlos de base tuberculada que podem cair com o desenvolvimento da planta. Brácteas involucrais 3-6, foliáceas, base alargada, menores que a inflorescência, hispídas. Inflorescência antelóide, composta, formada por 3-6 fascículos, um central séssil e o restante nos extremos dos eixos alongados. Espiguetas 3-6 x 1,5-2 mm, ovóides, 6-8 floras. Glumas persistentes, 2,3-2,5 x 1,8-2 mm, ovóides, membranáceas, ápice agudo, mucronadas, ciliadas. Flores bissexuadas; estames 3, anteras 0,7 mm compr., apiculadas; estilete 1,5 mm compr., ciliado. Aquênio 0,6-0,8 x 0,4-0,5 mm, obovóide, trígono, superfície foveolada, base do estilete persistente, cilíndrica 1/8 do compr. do aquênio.

Comentário: México, Suriname e Brasil em todas as regiões. Espécie de fácil reconhecimento no estado pela presença de lâmina foliar e escapo hístipos.

Material examinado: BRASIL. Sergipe: Rosário do Catete, VIII/2012, *A.P. Prata* 3421 (ASE).

5. *Cyperus* L.

Suzana Maria Costa¹

Ervas cespitosas e rizomatosas, anuais e perenes, indivíduos desde poucos centímetros a quase 2 metros de altura. Folhas com lâminas desenvolvidas, raramente reduzidas às bainhas, membranáceas ou cartáceas, geralmente escabras nas margens e nervuras. Inflorescência capituliforme ou umbeliforme simples ou composta, laxa ou congesta, esverdeada, esbranquiçada, castanho, marrom ou vinácea; espiguetas sésseis (digitadas ou em glomérulos) ou em espigas. Escapo geralmente trígono a obscuramente trígono ou cilíndrico, ereto, escabro ou liso. Brácteas involucrais foliáceas; brácteas involucrais n-ordinais menores que as brácteas primárias. Perfilho espioular e gluma bracteóide presentes. Espiguetas pauci a multiflora, achatada ou cilíndrica. Flores bissexuadas. Anteras 1-3. Estigma trifido. Aquênio trígono, superfície lisa, faveolada ou pontuada, às vezes, estipitado.

Apresenta distribuição cosmopolita e abrange ca. 600 espécies, com maior riqueza nos trópicos do globo. No Brasil, há registros de 86 espécies das quais apenas 8 eram registradas para o estado de Sergipe (Mendes *et al.* 2010; Lista de Espécies da Flora do Brasil 2013). No presente trabalho, 22 espécies foram registradas em diversos tipos de ambientes, desde áreas alagadas a ambientes de solo seco; nos domínios Mata Atlântica e Caatinga e na região Agreste. Frequentemente estas plantas foram encontradas em áreas antropizadas; o caráter ruderal de diversas espécies de *Cyperus* é conhecido, mas algumas destas podem apresentar valor econômico positivo (Simpson & Inglis 2001). A floração parece ocorrer ao longo de todo ano, associada a condições locais favoráveis. O gênero é diferenciado de gêneros morfológicamente semelhantes (*Pycnus* P.Beauv. e *Kyllinga* Rottb.) pela combinação dos seguintes caracteres: espiguetas geralmente pluriflora, estigma trifido e aquênio trígono em corte transversal. A sinonímia segue aquela apresentada em Alves *et al.* (2009).

Chave para identificação das espécies de *Cyperus* L. de Sergipe

1. Espiguetas dispostas em espigas 2
2. Espiguetas densamente dispostas, ocultando o ráquis completamente 3
3. Glumas com 5-7 mm de comprimento **13. C. maritimus**
- 3'. Glumas com até 3 mm de comprimento 4
4. Ervas com até 15 cm de altura. Espécimes herborizado apresentando odor de "curry". Lâminas foliares com 0,1-0,3 cm de largura. Gluma fértil apresentando cúspide longa e curva, com ~1mm de comprimento **20. C. squarrosus**
- 4'. Ervas com até 1,5 m de altura. Espécimes herborizados sem odor característico. Lâminas

- foliares com (0,3) 0,6-1,5 cm de largura. Gluma fértil com múcron <<1 mm compr. e reto 5
5. Espiguetas paucifloras, com até 4 flores, raramente 5 6
6. Folhas cartáceas. Raios geralmente desenvolvidos. Inflorescência marrom ou vinácea. Espigas frequentemente ramificada na base **11. C. ligularis**
- 6'. Folhas membranáceas. Raios raramente desenvolvidos; espigas sésseis. Inflorescência verde ou marrom. Espigas sem ramificações na base **1. C. aggregatus**
- 5'. Espiguetas plurifloras, com mais de 5 flores 7
7. Folhas membranáceas. Espiguetas partindo-se na base de cada flor (unidade de dispersão (aquênio + gluma + fragmento espessado da raquila). Glumas férteis com até 2 mm de compr. **14. C. odoratus**
- 7'. Folhas cartáceas. Espiguetas caindo inteira, restando apenas o perfilho espioular e a gluma bracteóide no ráquis. Glumas férteis com até 3 mm de comprimento..... **15. C. pohlii**
- 2'. Espiguetas laxamente dispostas, ráquis não oculto por espiguetas 8
8. Escapo com septos transversais **2. C. articulatus**
- 8'. Escapo sem septos transversais 9
9. Ervas robustas de hábito aquático emergente. Folhas geralmente reduzidas a bainhas. Inflorescência com raios desenvolvidos e de comprimento semelhante **6. C. giganteus**
- 9'. Ervas delicadas ou robustas, habitando ambientes palustres ou solos úmidos. Folhas com lâminas desenvolvidas. Inflorescência com raios inconspícuos ou desiguais 10
10. Espiguetas partindo-se na base de cada flor (unidade de dispersão: aquênio + gluma + fragmento espessado da raquila) ou caindo inteira - perfilho espioular e gluma bracteóide persistindo no ráquis 11
11. Bainha do raio com ápice bífido. Espiguetas partindo-se na base de cada flor. Glumas com ~2 mm de compr. Aquênio 1,5-2 x ~1 mm **14. C. odoratus**
- 11'. Bainha do raio com ápice arredondado. Espiguetas caindo inteira, partindo-se apenas na base, perfilho espioular e gluma bracteóide persistindo no ráquis. Glumas com ~3 mm de compr. Aquênio 2-2,5 x 0,5 mm **8. C. hermafroditus**
- 10'. Espiguetas com raquila persistente, apenas a gluma é caduca 12
12. Espiguetas com 3 mm de largura **3. C. compressus**
- 12'. Espiguetas com até 2 mm de largura 13
13. Bainha do raio com ápice bífido (nervuras escabras). Espiguetas apresentando glumas laxamente dispostas **5. C. distans**
- 13'. Bainha do raio com ápice truncado arredondado ou agudo (nervuras escabras ou lisas). Espiguetas apresentando glumas imbricadas 14
14. Ráquis flexível, conferindo aspecto pendente a inflorescência. Glumas férteis orbitulares ou largamente ovais **9. C. iria**
- 14'. Raquila ereta. Glumas férteis lanceoladas 15
15. Inflorescência simples ou composta. Glumas vináceas com carena esverdeada **16. C. rotundus**
- 15'. Inflorescência simples. Glumas paleáceas, com ou sem máculas vináceas restritas às margens **19. C. sphacelatus**
- 1'. Espiguetas sésseis, digitadas ou em glomérulos 16

¹ Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP, Instituto de Biologia, Dpto de Biologia Vegetal. Cidade Universitária Zeferino Vaz, Rua Monteiro Lobato, 255 - Campinas - SP - Brasil - CEP 13083-862. suzanamscosta@yahoo.com.br

16. Inflorescência capituliforme única 17
 17. Glumas alvas, carena indistinta, ápice arredondado **17. C. schomburgkianus**
 17'. Glumas verdes, marrom ou vináceas, carena distinta, ápice cuspidado 18
 18. Aquênio obovóide de coloração marrom **4. C. cuspidatus**
 18'. Aquênio elipsóide de coloração creme **22. C. uncinulatus**
 16'. Inflorescência umbeliforme 19
 19. Ervas diminutas, com até 10 cm altura. Glumas com cúspide ~1mm compr. e par de linhas longitudinais contínuas à cúspide **4. C. cuspidatus**
 19'. Ervas geralmente apresentando mais de 10 cm de altura. Glumas com múcron diminuto 20
 20. Espiguetas em glomérulos 21
 21. Escapo escabro. Inflorescência umbeliforme simples ou composta, esverdeada. Glomérulos ovóides ou globosos **21. C. surinamensis**
 21'. Escapo liso. Inflorescência umbeliforme simples, branca, branco-esverdeada ou amarelo-esverdeada. Glomérulos piramidais **12. C. luzulae**
 20'. Espiguetas digitadas 22
 22. Folhas reduzidas a bainhas. Escapo com lados côncavos **7. C. haspan**
 22'. Folhas com lâminas desenvolvidas. Escapo com lados retos 23
 23. Raios apresentando comprimento menor que o escapo. Glumas esverdeada com linhas longitudinais submarginais evidentes **10. C. laxus**
 23'. Raios apresentando comprimento maior ou igual ao escapo; espiguetas freqüentemente tocando o solo. Glumas alvas com linhas longitudinais ausentes ou pouco evidentes **18. C. simplex**

1. Cyperus aggregatus (Wild.) Endl., Cat. Horti Vindob. 1:93. 1982.

Fig. 1, A – C.

Erva cespitosa, com até 50 cm alt. Folha: bainha 0-7 cm compr.; lâmina foliar ausente-25 x 0,2-0,7 cm, membranácea. Inflorescência umbeliforme simples, marrom a esverdeada; espiguetas em espigas. Escapo 0,1-0,3 cm larg., liso. Brácteas involucrais 2-7. Espiga 1-8, 1,5 x 0,7 cm, oblongo-cilíndrica, 50-150 espiguetas; sem ramificações na base; ráquis oculto. Raio ausente ou -2 x 0,1-0,2 cm; bainha do raio: ápice truncado, nervuras escabras. Perfil espioular 0,2-0,5 x 1-5 mm, filiforme a lanceolado, margem e carena escabros. Gluma bracteóide 1,5 x 1 mm, oval a elíptica, ca. 8 linhas submarginais longitudinais. Espigueta 3-5 x 1-1,5 mm, 1-4 flores, elíptica a lanceolada, cilíndrica; raquila alada; caindo inteira. Gluma fértil 0,5-3 x 1-3 mm, elíptica a obovada, carena verde, mucronada, 5-10 linhas submarginais longitudinais. Aquênio 1,5-2 x 1 mm, elíptico a obovado, castanho a marrom escuro, superfície pontuada.

Comentários: Ocorre nos trópicos e subtropicais. Em Sergipe, ocorre desde áreas litorâneas (domínio Mata Atlântica) até regiões interioranas (domínio Caatinga). Seus espécimes são freqüentemente identificados como *Cyperus liguralis* L., mas podem ser diferenciados desta e de outras espécies do gênero por apresentar: espigas cilíndricas

sésseis, raramente em raios, sem ramificações na base; pela espigueta pauciflora, com até 4 flores.

Material selecionado: **BRASIL. Sergipe:** Aracaju, VIII/2007, fl.fr., S.M. Costa et al. 166 (ASE); Areia Branca, VI/2007, fl.fr., M.F.A. Lucena et al. 1775 (ASE); Indiaroba, XII/2007, fl.fr., S.M. Costa 210 & A.R. Menezes (ASE); Itaporanga d' Ajuda, VII/2008, fl.fr., A.P. Prata 1450 (ASE); Poço Redondo, VIII/ 2006, fl.fr., A.P. Prata et al. 1332 (ASE); Salgado, VII/1982, fl.fr., G. Viana 568 (ASE); São Cristóvão, IV/1985, fl.fr., L.R. Noblick 17 & E. Santos (ASE).

2. Cyperus articulatus L., Sp. Pl.:144. 1753.

Fig 1, D-E.

Erva rizomatosa, com até 1,5 m alt. Folhas reduzidas a bainha: bainha 0-28 cm compr. Inflorescência umbeliforme, simples ou composta, laxa, verde, castanha ou vinácea; espiguetas em espigas. Escapo 0,4-1 cm larg., liso, septos transversais presentes. Brácteas involucrais 2-5. Raio 2-10, 0-8 x 0,1 cm, flexíveis; bainha dos raios: ápice bifido, nervuras lisas ou escabras. Espigas 2-10, 2-15 espiguetas; ráquis visível. Perfil espioular e gluma bracteóide semelhantes: 2,5-3 x 1-1,5 mm, oblongo-lanceoladas, carena verde. Espigueta 1,5-3,5 x 0,2 cm, 10-30 flores, linear-lanceolada, achatada; apenas gluma caduca. Gluma fértil 3 x ~1 mm, oblongo-lanceolada, carena verde. Aquênio 1-1,5 x 0,5 mm, oblongo-obovóide, marrom, superfície pontuada.

Comentários: Pantropical. É frequente em áreas brejosas e em Sergipe foi encontrada nesses ambientes no domínio da Mata Atlântica. Pode ser diferenciada das demais espécies por apresentar: folhas reduzidas às bainhas (lâminas ausentes); septos transversais no escapo; e, espiguetas achatadas com até 3,5 cm de comprimento.

Material selecionado: **BRASIL. Sergipe:** Aracaju, VIII/2007, fl.fr., A.C. Silva et al. 134 (ASE); Neópolis, II/2010, fl.fr., D.G. Oliveira 101 (ASE); Tobias Barreto, VIII/1983, fl.fr., E. Gomes 315 (ASE).

3. Cyperus compressus L., Sp. Pl.:46. 1753.

Fig. 1, F-G.

Erva cespitosa, com até 30 cm alt. Folha: bainha 0-2 cm compr.; lâmina foliar -20 x 0,2-0,4 cm, membranácea. Inflorescência capituliforme a umbeliforme simples, laxa, esverdeada; espiguetas em espigas. Escapo 0,1-0,2 cm larg., liso. Brácteas involucrais 3-6. Espigas inconspícuas, 3-10 espiguetas; ráquis curto, visível entre espiguetas. Raios 0-3(4), 0-4(6,5) x 0,1 cm, eretos; bainha do raio: ápice truncado, duas nervuras lisas. Perfil espioular ~1 x ~1 mm, oval, 2-nérveo, linhas longitudinais presentes, múcron ausente ou diminuto. Gluma bracteóide ~2 x ~1 mm, lanceolada, carena paleácea ou verde, mucronada, linhas longitudinais submarginais presentes. Espigueta 0,5-1,5(2,5) x 0,3 cm, (8)10-15(30) flores, lanceolada, achatada; apenas gluma caduca. Gluma fértil 2-3 x 2 mm, oval-lanceolada,

carena verde, mucronada. Aquênio 1 x 1 mm, obovóide, superfície diminutamente pontuada a lisa.

Comentários: Pantropical. Em Sergipe, há registros da espécie nos domínios da Caatinga e Mata Atlântica e região de ecótono entre as mesmas. Distinguível por apresentar inflorescência umbeliforme simples portando espiguetas achatadas de coloração verde. Pode ser confundida com *C. sphacelatus*, mas esta apresenta até 1,5 mm larg. enquanto as espiguetas de *C. compressus* apresentam até 3 mm larg.

Material selecionado: **BRASIL. Sergipe:** Aracaju, VI/2007, fl.fr., S.M. Costa 149 (ASE); Areia Branca, XI/2008, fl.fr., S.M. Costa 487 & C. Calazans (ASE); Itaporanga d' Ajuda, I/2008, fl.fr., S.M. Costa 245 (ASE); Lagarto, VIII/2010, fl.fr., L.A.S. Santos 364 (ASE); Porto da Folha, VII/2006, fl.fr., J.R. Maciel et al. 236 (ASE); Poço Redondo, IX/2009, fl.fr., J.E. Nascimento-Júnior 655 & T. Dantas (ASE); Simão Dias, VIII/2010, fl.fr., A.P. Prata et al. 2444 (ASE).

4. *Cyperus cuspidatus* Kunth, Nov. Gen. Sp.:204. 1816.

Fig. 1, H.

Erva cespitosa, com até 10 cm alt. Folha: bainha 0-1,7 cm compr.; lâmina foliar 0-6 x ~0,1 cm, membranácea. Inflorescência capituliforme ou umbeliforme simples, laxa ou congesta, esverdeada, marrom ou vinácea; espiguetas digitadas. Escapo ~0,1 cm larg., liso. Brácteas involucrais (2)3-4. Raios 0-1(2), -5 x ~1 mm; bainha do raio de ápice truncado. Grupos de (2)5-20 espiguetas. Perfilho espioular e gluma bracteóide semelhantes às glumas férteis. Espiguetas -1 x 0,2-0,4 cm (incl. cúspide), oblongo-lanceolada, 5-25 flores, achatada; apenas gluma caduca. Gluma fértil 2-3 x 1 mm, carena esverdeada, cúspide ~1 mm e curva (par de linhas longitudinais contínuas a cúspide). Aquênio ~0,7 x ~0,3 mm, obovóide, superfície pontuada, marrom.

Comentários: Pantropical. Em Sergipe foi encontrada no domínio Mata Atlântica e na região de ecótono entre Mata Atlântica e Caatinga. *Cyperus cuspidatus* é frequentemente confundido com *C. squarrosus* e *C. uncinulatus*, com as quais compartilha glumas férteis com cúspide longa (~1 mm) e curva, mas diferencia-se de *C. squarrosus* por apresentar par de linhas longitudinais contínuas ao múcron e espiguetas digitadas e de *C. uncinulatus* pelo aquênio obovóide de coloração castanha.

Material selecionado: **BRASIL. Sergipe:** Areia Branca, XI/2008, fl.fr., S.M. Costa 490 & C. Calazans (ASE); Itaporanga d' Ajuda, VIII/2008, fl.fr., A.P. Prata 1435 (ASE); Nossa Senhora do Socorro, XI/2007, fl.fr., C. Calazans 5 (ASE).

5. *Cyperus distans* L.f., Supp. Pl.:103. 1781.

Fig. 1, I-J.

Erva cespitosa, com até 1 m alt. Folhas: bainha 0-18(25) cm compr.; lâmina 0-50 x -1,5 cm, membranácea. Inflorescência umbeliforme composta, laxa ou raro congesta,

esverdeada, vinácea ou marrom; espiguetas em espigas. Escapo 0,3-0,6 cm larg., liso. Brácteas involucrais 4-6 (10). Espiga 2-3(4) x -1,5(2) cm, oblonga, 20-40 (60) espiguetas; 0-3 ramificações na base; ráquis parcialmente oculto. Raio (3) 6-8 (10), 5-20 x ~0,1-0,2 cm; bainha do raio: ápice bifido, nervuras escabras. Perfilho espioular ~1(1,8) x 0,1 cm, filiforme a estreito-lanceolado, carena verde. Gluma bracteóide ~1 x 1 mm, oval a oblongo-oboval, carena ausente ou bicarenada no ápice. Espiguetas 0,5-1,5(3) x 0,2 cm, linear-lanceolada, 6-20(40) flores, achatada; apenas gluma caduca. Gluma fértil ~2 x ~1 mm, carena verde (ca. 3 linhas longitudinais). Aquênio ~1,5 x ~0,5 mm, oblongo-obovóide, superfície faveolada, castanho a marrom.

Comentários: Pantropical. Em Sergipe, aparece distribuída desde o litoral até regiões interioranas. Esta espécie pode apresentar grande variação quanto à coloração e ao distanciamento das glumas na espiguetas, bem como na complexidade e tamanho da inflorescência. É frequentemente confundida com *C. hermafroditus*, distinguindo-se desta pela inflorescência umbeliforme geralmente composta e presença de brácteas involucrais secundárias conspícuas na inflorescência e espiguetas com raquila persistente e glumas caducas, além de apresentar glumas laxamente inseridas nas espiguetas – opondo-se a glumas geralmente imbricadas nas demais espécies.

Material selecionado: **BRASIL. Sergipe:** Capela, XI/2012, fl. L.M.S. Melo et al. 72 (ASE); Cedro de São João, VIII/2010, fl.fr., I.R.N. Menezes et al. 125 (ASE); Estância, VIII/2010, fl.fr., C. Calazans 520 (ASE 21972); Itabaiana, IX/2006, fl.fr., M. Ibrahim et al. 20 (ASE); Lagarto, VIII/2010, fl.fr., A.P. Prata et al. 2362 (ASE); Nossa Senhora do Socorro, XI/2007, fl.fr., C. Calazans 3 (ASE); Porto da Folha, VII/2006, fl.fr., J.R. Maciel et al. 242 (ASE); Poço Redondo, VIII/2006, fl.fr., s.n. Costa et al. 99 (ASE); Salgado, IV/1982, fl.fr., G. Viana 564 (ASE); Santana do São Francisco, II/2010, fl.fr., A.P. Prata et al. 2235 (ASE); São Cristóvão, III/2010, fl.fr., L.A.S. Santos et al. 155 (ASE).

6. *Cyperus giganteus* Vahl, Enum. Pl. 2:364. 1805.3

Fig. 2, A-B.

Erva rizomatosa, com até 1,5 m alt. Folhas geralmente reduzidas à bainha: bainha 0-20 cm compr.; lâmina 1 cm larg., membranácea. Inflorescência umbeliforme composta, laxa, marrom-amarelada; espiguetas em espigas. Escapo ~1,5 cm larg., liso. Brácteas involucrais 6. Espiga ~3 x ~1 cm, oblonga, 10-15 espiguetas; ráquis visível. Raio ~10, ~8,5 x 0,1 cm; bainha do raio: ápice bifido, nervuras escabras. Perfilho espioular 1 x ~0,5 mm, triangular, carenado. Gluma bracteóide 2 x ~1 mm, lanceolada, bicarenado. Espiguetas ~5 x ~1 mm, linear-lanceolada, achatada; caindo inteira. Gluma fértil ~2 x 1 mm, oblongo-lanceolada, alada (alas basais), carena verde, múcron ausente ou diminuto. Aquênio não observado. Ocorre desde o sul dos Estados Unidos até a Argentina. Em Sergipe, o espécime foi coletado em área brejosa no domínio Mata Atlântica. Embora não tenham sido encontrados no espécime aquênios maduros, de acordo com Davidse et al. (1994) estes apresentam as seguintes características: mede 0,9 x 0,5 mm, são oblongos e de superfície pontuada.

Comentários: Diferencia-se das demais espécies por seu hábito emergente e rizomatoso conspícuos, com folhas geralmente reduzidas a bainhas e pelos seus raios de comprimento semelhante.

Material examinado: **BRASIL. Sergipe:** São Cristóvão, II/2008, fl.fr., *S.M. Costa 297 & C. Calazans* (ASE).

7. *Cyperus haspan* L., Sp. Pl.:45. 1753.

Fig. 1, K-L.

Erva cespitosa, com até 80(-110) cm alt. Folha reduzida a bainha: bainha 0-15(25) cm compr. Inflorescência umbeliforme composta, congesta ou laxa, coloração verde, castanha ou vinácea; espiguetas digitadas. Escapo ~0,3 cm larg., liso; lados côncavos. Brácteas involucrais 2, (inferior) 3-10(14) x 0,4(0,6)cm e (superior) -3x~0,1cm, foliácea, uninervea. Raio 2-25(30), 0,3-5(7) cm x 0,02-1 mm; bainha dos raios de ápice truncado, obtuso ou bifido. Grupos de 3-8 espiguetas. Perfilho espioular e gluma bracteóide semelhantes as glumas férteis, ~1 x ~1 mm. Espiguetas 5-7 x 2 mm, 8-14(20) flores, lanceolada, achatada; apenas gluma caduca. Gluma 1,5-2 x 1 mm, lanceolada, carena verde, mucronada. Aquênio ~0,7 x 0,5 mm, elíptico a oblongo, superfície faveolada, branco ou bege.

Comentários: Pantropical. Em Sergipe ocorre nos domínios da Caatinga e Mata Atlântica, em áreas de solo encharcado ou alagado. É facilmente distinguível das demais espécies por apresentar folhas geralmente reduzidas a bainhas e escapo trígono de lados côncavos.

Material selecionado: **BRASIL. Sergipe:** Aracaju, VIII/2007, fl.fr., *A.C. Silva et al. 133* (ASE); Areia Branca, XI/ 2007, fl.fr., *S.M. Costa 174 & J.E. Nascimento-Júnior* (ASE); Barra dos Coqueiros, XII/ 2008, fl.fr., *J.E. Nascimento-Júnior 437 & T. Dantas* (ASE); Capela, VI/2007, fl.fr., *A.C. Silva 82 & K.C.S. Teixeira* (ASE); Estância, IX/1981, fl.fr., *G. Viana 116* (ASE); Estância, s/data, fl.fr., *C. Calazans s/n* (ASE 21940); Indiaroba fl. IX/2010, fr., *M.C.V. Farias et al. 237* (ASE); Itabaiana, IV/1991, fl.fr., *M.L. Santos 23* (ASE); Itaporanga d' Ajuda, I/2008, fl.fr., *S.M. Costa, 264* (ASE); Pirambu, IV/2006, fl.fr., *A.P. Prata et al. 1181* (ASE); Poço Redondo, III/2009, fl.fr., *J.E. Nascimento-Júnior 572 & W.J. Machado* (ASE); Santa Luzia do Itanhy, IX/2009, fl.fr., *S.M. Costa et al. 585* (ASE); Simão Dias, VII/2010, fl.fr., *T. Carregosa-Silva 85 & A.S. Santos* (ASE); São Cristóvão, III/2010, fl.fr., *L.A.S. Santos et al. 168* (ASE); São Domingos, IV/2006, fl.fr., *S.M. Costa et al. 8* (ASE).

8. *Cyperus hermaphroditus* (Jacq.) Stand., Contr. U.S. Natl. Herb. 18:88. 1916.

Fig. 1, M-N.

Erva cespitosa, com até 50 cm alt. Folha: bainha -5(9) cm compr.; lâmina 8-20(30) x (0,1)0,4-0,6 cm larg., membranácea. Inflorescência umbeliforme simples, laxa ou raro congesta, castanho-esverdeada a castanho-avermelhada; espiguetas em espigas. Escapo 1,5-2 mm larg. Brácteas involucrais (3)4-6. Espigas -2(3) x 1-2 cm, oblongo-cilíndricas, (8)20-60(70)

espiguetas; raramente com ramificações na base; ráquis visível a parcialmente visível. Raio 3-5(8), -5(10) x 0,1 cm, ereto; bainha do raio: ápice arredondado. Perfilho espioular -1,5(5) x <0,3 mm, filiforme a estreito-lanceolado, carena verde. Gluma bracteóide ~2 x ~1 mm, lanceolada a oval, com linhas longitudinais. Espiguetas 0,5-1,5 x ~0,1 cm, linear, 3-8 flores, cilíndrica; caindo inteira. Gluma fértil ~3 x 1 mm, carena verde, múcron diminuto, ca. 6 linhas longitudinais submarginais. Aquênio 2-2,5 x 0,5 mm, oblongo-elipsóide, superfície pontuada, castanho a marrom.

Comentários: Ocorre desde o sul dos Estados Unidos até a Argentina. Em Sergipe há registros da espécie para áreas litorâneas e em manchas de solo de areia branca localizadas na base de serras em regiões interioranas. Apresenta grande variação em relação ao número de espiguetas por espiga, mas, de maneira geral, pode ser diferenciada por sua inflorescência umbeliforme simples, com espigas oblongo-cilíndricas. Pode ser confundida com *C. distans*, mas esta apresenta inflorescência geralmente composta com brácteas secundárias conspícuas e espiguetas onde apenas as glumas são caducas, ou *C. odoratus*, mas esta apresenta espiguetas partindo-se na base de cada flor.

Material selecionado: **BRASIL. Sergipe:** Areia Branca, VII/ 2008, fl.fr., *S.M. Costa 381 & E. Santos* (ASE); Estância, IX/2011, fl.fr., *L.A.S. Santos et al. 625* (ASE); Itabaiana, III/1978, fl.fr., *A.C. Barreto 572* (ASE); Itaporanga d' Ajuda, VII/2008, fl.fr., *A.P. Prata 1452* (ASE); Japarutuba, VI/2010, fl.fr., *I.R.N. Menezes et al. 98* (ASE); Pirambu, VII/2008, fl.fr., *C. Calazans et al. 50* (ASE); Santo Amaro das Brotas, IV/1978, fl.fr., *M. Fonseca 604 & M. Menezes* (ASE).

9. *Cyperus iria* L., Sp. Pl.:45. 1753.

Fig. 1, O.

Erva cespitosa, com até 50 cm alt. Folha: bainha 0-8 cm compr.; lâmina 0-20 x 0,4 cm, membranácea. Inflorescência umbeliforme simples ou composta inconspícua, laxa, castanho-amarelada; espiguetas dispostas em espigas. Escapo ~0,2 cm larg.. Brácteas involucrais 4-6. Raio 4-6, -8 x ~0,1 cm, ereto a pendente; bainha do raio: ápice truncado. Espigas 1-3 x ~0,6 cm, formato indefinido, 10-25 espiguetas. Perfilho espioular ~1 x ~1 mm, oval a lanceolado, carenado ou não. Gluma bracteóide ~1 x 1 mm, semelhante a gluma fértil. Espiguetas ~8 x 2 mm, 8-12 flores, lanceolada, achatada; apenas gluma caduca. Gluma fértil 1,5 x 1,5 mm, orbicular ou largamente oval, carena esverdeada, múcron diminuto, ápice retuso. Aquênio ~1 x 0,5 mm, elíptico a sutilmente obovóide, superfície lisa a minutamente pontuada.

Comentários: Nativa da África, naturalizada nos locais onde ocorre na América. Em Sergipe foi encontrada em ambiente urbano. Distingue-se das demais espécies por apresentar inflorescência verde-amarelada com aspecto pendente conferido pelo ráquis flexível e glumas com ápice retuso.

Material examinado: **BRASIL. Sergipe:** Aracaju, VI/2007, fl.fr., *S.M. Costa 150* (ASE).

10. *Cyperus laxus* Lam., Tabl. Encycl. 1: 146. 1791.

Fig. 2, C.

Erva cespitosa, com até 50 cm alt. Folha: bainha 0-9 cm compr.; lâmina 5-30 x 0,3-1 cm. Inflorescência umbeliforme composta, laxa, verde; espiguetas digitadas. Escapo 2-4 mm larg., liso. Brácteas involucrais (5)7-8(12). Grupos de 2-10 espiguetas. Raio 0,5-15 x <0,1 cm; bainha do raio: ápice agudo a arredondado, nervuras escabras ou não. Perfilho espioular ~2 x 2 mm, elíptica a obovada, carenada, mucronada. Gluma bracteóide ~2 x 2 mm elíptica a oval, ca. 6 linhas longitudinais. Espiguetas 0,3-0,7 x 0,3 cm, 5-20 flores, lanceolada, achatada; apenas gluma caduca. Gluma fértil ~2 x 2 mm, elíptica a obovada, carenada, mucronada, ca. 6 linhas longitudinais submarginais. Aquênio ~1,5 x 1 mm, obovado a elíptico, superfície pontuada, marrom ou negro.

Comentários: Desde o México até o Paraguai. Em Sergipe, apresenta-se amplamente distribuída nas regiões do estado. Diferencia-se por apresentar inflorescência laxa composta, portando espiguetas digitadas cujas glumas mucronadas apresentam linhas submarginais longitudinais.

Material selecionado: **BRASIL. Sergipe:** Aracaju, VII/1996, fl.fr., *R. França s/n* (ASE 13793); Areia Branca, IX/2008, fl.fr., *S.M. Costa et al. 461* (ASE); Capela, VI/2007, fl.fr., *A.C. Silva 94 & K.C.S. Teixeira* (ASE); Capela, VI/2007, fl.fr., *A.C. Silva 84 & K.C.S. Teixeira* (ASE); Carmópolis, VI/1983, fl.fr., *E.M. Carneiro 710* (ASE); Divina Pastora, II/2011, fl.fr., *I.R.N. Menezes, et al. 222* (ASE); Estância, VII/2011, fl.fr., *A.P. Prata et al. 2688* (ASE); Indiaroba, XII/2007, fl.fr., *S.M. Costa 211 & A.R. Menezes* (ASE); Lagarto, VII/2008, fl.fr., *J.E. Nascimento-Júnior 343 & F.S. Feitosa* (ASE); Nossa Senhora do Socorro, XI/2007, fl.fr., *C. Calazans 4* (ASE); Salgado, VIII/1982, fl.fr., *G. Viana 566* (ASE); Santa Luzia do Itanhy, XI/2010, fl.fr., *A.P. Prata et al. 2569* (ASE); Santana do São Francisco, II/2010, fl.fr., *A.P. Prata et al. 2248* (ASE); São Cristóvão, III/2010, fl.fr., *L.A.S. Santos 163* (ASE).

11. *Cyperus ligularis* L., Syst. Nat. Ed. 10. 867. 1759.

Fig. 2, D-E.

Erva cespitosa, com até 1,5 m alt. Folha: bainha 10-30 cm compr.; lâmina 40-80 x 0,7-1,5 cm, cartácea. Inflorescência capituliforme ou umbeliforme simples, laxa ou congesta, verde a marrom-avermelhada; espiguetas em espigas. Escapo 3-7 mm larg., liso. Brácteas involucrais 5-15, 20-40 (-53) x 1 cm. Espiga 2-4 x 1 cm, oblongo-cilíndrica, 50-100, freqüentemente ramificadas na base; ráquis oculto pelas espiguetas. Raio 5-10, 2-8 x 0,1-0,2 cm, ereto; bainha do raio: ápice truncado, arredondado ou agudo. Perfilho espioular 0,5-1 x 1 mm, lanceolada, ca. 6 linhas submarginais longitudinais. Gluma bracteóide 1,5 - 2 x 1,5-2 mm, elíptica a ovada, 6-10 linhas submarginais longitudinais. Espiguetas 4-5 x 1,5 mm, 2-5 flores, lanceolada, cilíndrica; caindo inteira. Gluma fértil 2-3 x 1,5-2 mm, obovada, carena verde, 8-10 linhas marginais longitudinais; raquila alada; glumas e alas da raquila fundidas. Aquênio 1-1,5 x 0,7 mm, trígono, castanho-claro a marrom, superfície

lisa a pontuada.

Comentários: Pantropical. Em Sergipe aparece distribuído desde o domínio Mata Atlântica até as caatingas do estado. A espécie pode ser diferenciada por apresentar folhas cartáceas, inflorescência umbeliforme simples, espigas com espiguetas densamente dispostas (ocultando o ráquis) e espiguetas paucifloras, com até 4 flores. É frequentemente confundida com *C. aggregatus*, mas diferencia-se da mesma por apresentar ramificações na base das espigas.

Material selecionado: **BRASIL. Sergipe:** Aracaju, VIII/2007, fl.fr., *S.M. Costa et al. 162* (ASE); Areia Branca, III/2009, fl.fr., *E.C.A. Matos 248* (ASE); Barra dos Coqueiros, XII/2008, fl.fr., *J.E. Nascimento-Júnior 451 & T.V.P. Dantas* (ASE); Cedro de São João, VIII/2010, fl.fr., *L.A.S. Santos 209* (ASE); Estância, s/data, fl.fr., *C. Calazans s/n* (ASE 21948); Itabaiana, VI/1991, fl.fr., *M.L. Santos 87* (ASE); Itaporanga d' Ajuda, I/2008, fl.fr., *S.M. Costa 258* (ASE); Macambira, III/2011, fl.fr., *R.D. Matos et al. 39* (ASE); Pirambu, IV/2006, fl.fr., *Silva et al. 3* (ASE); Pirambu, VII/2008, fl.fr., *C. Calazans et al. 72* (ASE); Porto da Folha, VIII/2011, fl.fr., *D.G. Oliveira et al. 266* (ASE); Poço Redondo, XI/2009, fl.fr., *A.C. Silva, et al. 124* (ASE); São Cristóvão, VIII/1983, fl.fr., *E. Gomes 288* (ASE).

12. *Cyperus luzulae* (L.) Retz., Observ. Bot. 4:11. 1786.

Fig. 2, F-H.

Erva cespitosa, com até 70 cm alt. Folhas: bainha 0-7 cm compr.; lâmina 0-25(60) x 0,4-0,6 cm, membranácea. Inflorescência umbeliforme simples, geralmente congesta, branca, branco-esverdeada ou amarelo-esverdeada; espiguetas em glomérulos. Escapo 1,5-3 mm larg., liso. Brácteas involucrais 6-10. Glomérulos piramidais, densos, >50 espiguetas. Raios 3-8, -3 x 0,1 cm, ereto; bainha do raio: ápice acuminado, canaliculada com duas nervuras lisas distintas na porção apical. Perfilho espioular ~1 x ~0,5 mm, lanceolado, linhas longitudinais presentes. Gluma bracteóide ~0,5 x ~0,5 mm, largo-oval. Espiguetas 2-5 x 1,5-2 mm, oval, 10-20 flores, achatada; apenas gluma caduca. Gluma fértil ~1,5 x ~0,5 mm, bicarenada, oval. Aquênio 1 x ~0,3 mm, ovóide a elipsóide, superfície pontuada, castanho a marrom.

Comentários: Desde o sul dos Estados Unidos até a Argentina. Em Sergipe, ocorre no domínio Mata Atlântica e no Agreste. Pode ser confundida com *C. surinamensis*, sendo diferenciada por possuir inflorescência esbranquiçada ou verde-amarelada e escapo liso.

Material selecionado: **BRASIL. Sergipe:** Areia Branca, VIII/2008, fl.fr., *S.M. Costa 415* (ASE); Brejo Grande, II/2009, fl.fr., *S.M. Costa 541* (ASE); Capela, VI/2007, fl.fr., *A.C. Silva 89 & K.C.S. Teixeira* (ASE); Divina Pastora, II/2011, fl.fr., *I.R.N. Menezes et al. 221* (ASE); Estância, VI/2007, fl.fr., *C. Calazans s/n* (ASE 21964); Japarutuba, VI/2007, fl.fr., *C. Farney et al. 3057* (ASE); Lagarto, VIII/2010, fl.fr., *L.A.S. Santos 365* (ASE); Nossa Senhora do Socorro, XI/2007, fl.fr., *C. Calazans 8* (ASE); Santa Luzia do Itanhy, III/2010, fl.fr., *C.A.S. Souza et al. 48* (ASE); São

Cristóvão, III/2010, fl.fr., *L.A.S. Santos et al.* 146 (ASE).

13. *Cyperus maritimus* Poir. *In: Lam. Encycl.* 7, p. 240. 1806.

Fig. 2, I-J.

Erva cespitosa, com até 60 cm alt. Folha: bainha 0-9 cm compr.; lâmina 3,5-30 x 0,1-0,4(0,9) cm, cartácea. Inflorescência capituliforme [ou umbeliforme inconspícua], esverdeada ou paleácea; espiguetas em espigas. Escapo 0,2-0,6 cm larg., liso. Brácteas involucrais 2-10, 1-16(23) x 0,3-0,6(0,9) cm. Raios 0-5 x 1 mm, inconspícuos; bainha dos raios: ápice acuminado. Espigas inconspícuas, ca. 10 espiguetas. Perfilho espioular e gluma bracteóide semelhantes: 4 x 3 mm, lanceolados. Espigueta 1-3 x 0,3-0,6 cm, 6-26 flores, lanceolada, achatada; apenas gluma caduca. Gluma fértil 5-7 x 4 mm, mucronada. Aquênio 2-3 x 1 mm, obovóide, superfície lisa, bege a enegrecido.

Comentários: Ocorre na costa oeste da África e costa da região nordeste do Brasil. Em Sergipe ocorreu em áreas litorâneas; especialmente em regiões de dunas pouco antropizadas. A espécie é facilmente diferenciada das demais por sua inflorescência capituliforme e glumas férteis alcançando 5-7 mm de comprimento.

Material selecionado: **BRASIL. Sergipe:** Aracaju, VIII/2000, fl.fr., *M.F. Landim et al.* 1524 (ASE); Estância, X/1993, fl.fr., *J.G. Jardim et al.* 312 (ASE); Itaporanga d' Ajuda, IV/2008, fl.fr., *C. Calazans et al.* 09 (ASE); Pirambu, XII/1976, fl.fr., *M. Fonseca* 412 (ASE).

14. *Cyperus odoratus* L., *Sp. Pl.*:46. 1753.

Fig. 2, K.

Erva cespitosa, com até 50(80) cm alt. Folha: bainha 0-6(12) cm compr.; lâmina 0-30(45) x ~0,6(1,2) cm, membranácea. Escapo 0,2-0,4 cm larg., liso. Inflorescência umbeliforme simples ou composta, laxa ou congesta, castanha a marrom; espiguetas em espigas. Brácteas involucrais 5-8. Espigas 2-4 x 1,5-4 cm, oblonga, 20-40 espiguetas, 0-4 espigas laterais; ráquis parcial ou totalmente oculto. Raios 5-6(10) x 0,1 cm, 3-6; bainha do raio: ápice bifido, nervura glabra ou esparsamente escabra. Perfilho espioular -1 x <0,5 mm, triangular. Gluma bracteóide -1,5 x ~1 mm, oval. Espigueta 0,5 - 1,5 (2) x ~0,1 cm, 6-13 flores, linear, cilíndrica; raquila alada e esponjosa na região basal de cada flor; partindo-se a cada flor. Gluma fértil ~2 x ~1 mm, oval a oblonga, carena verde, múcron ausente ou curto. Aquênio 1,5-2 x ~1 mm, oblongo-obovóide, superfície pontuada, castanho a marrom escuro.

Comentários: Amplamente distribuída nas Américas e nos trópicos e subtropicais do Velho Mundo. Em Sergipe ocorre nos domínios Mata Atlântica e Caatinga e na região de ecótono entre os mesmos. É facilmente distinta das demais espécies por sua espigueta fragmentar-se a cada flor, sendo a unidade de dispersão composta pela união do aquênio, gluma e raquila espessada.

Material selecionado: **BRASIL. Sergipe:** Areia Branca, XI/2008, fl.fr., *Silva* 253 (ASE); Canindé de São Francisco, V/2010, fl.fr., *A.C. Silva* 272 (ASE); Estância, s/data, fl.fr., *C. Calazans s/n* (ASE 21957); Macambira, I/2007, fl.fr., *S.M. Costa et al.* 133A (ASE); Poço Redondo, IX/2009, fl.fr., *J.E. Nascimento-Júnior* 650 & *T. Dantas* (ASE); Poço Verde, VIII/2010, fl.fr., *A.P. Prata et al.* 2502 (ASE).

15. *Cyperus pohlii* (Nees) Steud., *Syn. Pl. Glumac.* 2:40. 1855.

Fig. 2, L.

Erva cespitosa, com até 55 cm alt. Folhas: bainha 0-12 cm compr.; lâmina 0-40 x 0,6-1 cm, cartácea. Inflorescência umbeliforme simples ou inconspicuamente composta, laxa ou congesta, paleácea a vinácea; espiguetas em espigas. Escapo 0,3 cm larg., liso. Brácteas involucrais 5-7. Raio 7-8, -8 x ~0,1 cm, ereto; bainha do raio: ápice truncado ou bifido curto. Espiga -2 x 1-2 cm, oblonga, 20-50 espiguetas; às vezes, espigas ramificadas na base; ráquis oculto. Perfilho espioular ~1 x <1 mm, triangular. Gluma bracteóide ~1,5 x 1 mm, oval, linhas longitudinais presentes. Espigueta 0,5-1 x 0,2 cm, 5-10 flores, linear-lanceolada, achatada; raquila alada; caindo inteira. Gluma fértil ~3 x ~1 mm, basais sem múcron e apicais curto-mucronadas, carenada, ca. 12 linhas longitudinais marginais. Aquênio ~1,5 x ~1 mm, obovóide, superfície lisa a pontuada, marrom.

Comentários: Ocorre no Brasil, Paraguai e Argentina. Em Sergipe foi encontrada desde o litoral até as regiões mais interioranas do estado. É diferenciada por apresentar folhas cartáceas, inflorescência umbeliforme simples e espiguetas plurifloras (entre 5-10 flores) vináceas. É freqüentemente confundida com *C. ligularis*, mas o número de flores por espigueta, inferior nesta, permite a separação das mesmas.

Material selecionado: **BRASIL. Sergipe:** Areia Branca, XI/2008, fl.fr., *A.C. Silva* 253 (ASE); Canindé de São Francisco, V/2010, fl.fr., *A.C. Silva* 272 (ASE); Estância, IX/2010, fl.fr., *C. Calazans s/n* (ASE 21957); Macambira, I/2007, fl.fr., *S.M. Costa et al.* 133A (ASE); Poço Redondo, IX/2009, fl.fr., *J.E. Nascimento-Júnior* 650 & *T. Dantas* (ASE); Poço Verde, VIII/2010, fl.fr., *A.P. Prata et al.* 2502 (ASE).

16. *Cyperus rotundus* L., *Sp. Pl.*:45. 1753.

Fig. 3, A-B.

Erva cespitosa, com até 30(60) cm alt. Folha: bainha 0-7(15) cm compr.; lâmina 0-20(25) x ~0,4 cm, membranácea. Inflorescência umbeliforme simples ou composta, laxa, vinácea; espiguetas em espigas. Escapo ~0,2(0,3) cm larg., liso. Brácteas involucrais 3-4. Raios 4-5 (8), -6(10) x ~0,1 cm, eretos; bainha do raio: ápice arredondado, truncado ou agudo. Espigas ~3 x ~4 cm, 5-12 espiguetas, às vezes ramificadas na base; ráquis visível. Perfilho espioular -3 x -2 mm, estreito-lanceolada a lanceolada, carena verde, múcron curto (0-5 acúleos no ápice). Gluma bracteóide 2 x ~1,5 mm, oval a elíptica, linhas longitudinais presentes. Espigueta 1-2(2,5) x 0,15-0,2 cm, 8-16(30) flores, linear-lanceolada a lanceolada,

achatada; apenas gluma caduca. Gluma fértil ~3 x ~2 mm, lanceolada, carena verde (ca. 5 linhas longitudinais), múcron curto ou ausente, linhas longitudinais laterais 0-4. Aquênio indisponível.

Comentários: Amplamente distribuída em países de clima tropical. Em Sergipe foi encontrado em ambiente urbano e em fragmentos no domínio Mata Atlântica e Agreste. Segundo Davidse *et al.* (1994), o aquênio desta espécie apresenta as seguintes características: mede 1,3-1,9 x 0,8-1 mm, é elipsóide e apresenta superfície pontuada. Diferencia-se das demais espécies por apresentar inflorescência umbeliforme com espiguetas vináceas parcas dispostas em espigas. Pode ser confundida com *C. compressus*, mas esta espécie apresenta espiguetas mais largas, com 3 mm larg., ou com *C. sphacelatus*, mas esta apresenta glumas paleáceas com ou sem máculas vináceas restritas às margens.

Material selecionado: **BRASIL. Sergipe:** Itabaiana, IX/2006, fl.fr., *M. Ibrahim et al.* 19 (ASE); Itaporanga d' Ajuda, IV/2008, fl.fr., *C. Calazans et al.* 18 (ASE); São Cristóvão, III/2010, fl.fr., *L.A.S. Santos et al.* 120 (ASE).

17. *Cyperus schomburgkianus* Nees in Hook., Journ. Bot. 2:393. 1840.
Fig. 2, M.

Erva bulbosa, com até 30 cm alt. Folhas: bainha 0-30 cm compr.; lâmina 0-20 x 0,1 cm, membranácea. Inflorescência capituliforme, globosa, alva. Escapo ~0,1 cm larg., liso. Brácteas involucrais 3. Perfil espioular 2 x <1 mm, triangular, ca. 8 linhas longitudinais, ápice arredondado. Gluma bracteóide 2 x ~1 mm, oval, ca. 6 linhas longitudinais, ápice agudo/n-fido. Espiguetas ~5 x ~3 mm, oval, 8-10 flores, achatada; apenas gluma caduca. Gluma fértil 3 x ~1,5 mm, estreito-lanceolada, ca. 6 linhas longitudinais, ápice arredondado. Aquênio 1 x ~0,2 mm, oblongo, superfície pontuada, marrom..

Comentários: Ocorre nas Guianas e no Brasil. Em Sergipe a espécie foi registrada para a região da caatinga do estado, em uma coleta de 1986. Desde então, embora tenham sido realizadas coletas em Poço Redondo, de onde provem o espécime tombado, e em outros municípios da Caatinga sergipana, a espécie não foi recoletada. Pode ser diferenciada das demais espécies do gênero por apresentar inflorescência capituliforme alva e glumas férteis estreito-lanceoladas de ápice arredondado.

Material examinado: **BRASIL. Sergipe:** Poço Redondo, V/1986, fl.fr., *G. Viana 1444* (ASE).
Material adicional examinado: **BRASIL. Pernambuco:** Buíque, VII/2005, fl.fr., *S. Martins et al.* 129 (ASE).

18. *Cyperus simplex* Kunth, Nov. gen. sp. 1:207. 1816.
Fig. 3, C-D.

Erva cespitosa, com até 20 cm alt. Folha: bainha 0-2,5 cm compr.; lâmina 4-15 x 0,4

cm, membranácea. Inflorescência umbeliforme simples, laxa, verde (raios e raquíla) e branca ou branco-esverdeada (glumas e aquênios); espiguetas digitadas. Escapo ~0,1 cm larg., liso. Bráctea involucrais 4-5. Raio 6-8, 4,5-30(-37) x < 0,1 cm, pendentes ou, menos freqüentemente, eretos; bainha dos raios: ápice bifido, 2 nervuras escabras. Grupos de 1-3 espiguetas por raio. Perfil espioular e gluma bracteóide semelhantes, 3 x 1 mm, lanceoladas, carenadas, (às vezes, escabra). Espiguetas (0,7)1-2(3,5) x 0,3 cm, 10-25 flores, lanceolada, achatada; apenas gluma caduca. Gluma 0,7-3 x 1,5-2 mm, ovada a lanceolada, branca ou branco-esverdeada, carenada (às vezes, escabra). Aquênio 1,2 x 1 mm, obovado a elíptico, superfície pontuada, branco ou bege.

Comentários: Desde o sul do México ao sul do Brasil. Pode ser diferenciada por apresentar raios geralmente mais longos que o escapo e geralmente pendentes, fazendo com que as espiguetas encostem no solo; nessa situação, é freqüente que os aquênios germinem ainda ligados a planta-mãe. A espécie morfologicamente mais próxima à *C. simplex* registrada em Sergipe é *C. laxus*, mas esta última apresenta raios sempre menores que o escapo e um número maior de espiguetas por grupo.

Material selecionado: **BRASIL. Sergipe:** Itabaiana, IX/2006, fl.fr., *S.M. Costa et al.* 121 (ASE); Lagarto, VII/2008, fl.fr., *J.E. Nascimento-Júnior 347 & F.S. Feitosa* (ASE); Riachão do Dantas, VI/1986, fl.fr., *G. Viana 1470* (ASE); Santana do São Francisco, II/2010, fl.fr., *A.P. Prata et al.* 2238 (ASE); São Cristóvão, VII/2007, fl.fr., *S.M. Costa 151* (ASE).

19. *Cyperus sphacelatus* Rottb., Descr. Pl. Rar.:21. 1772.
Fig. 3, F.

Erva cespitosa, com até 60 cm alt. Folha: bainha 0-10 cm compr.; lâmina 0-30 x 0,2-0,3 cm. Escapo 1-0,2 mm larg., liso. Inflorescência umbeliforme simples, laxa, castanha e vinácea; espiguetas dispostas em espigas. Brácteas involucrais 4-5. Raios -10 x 0,1 cm; bainha do raio: ápice truncado, nervuras laterais escabras. Espigas 1-3 x 3 cm, ca. 15 espiguetas, 0-2 ramificações na base; ráquis visível. Perfil espioular ~1-5 x 1 mm, lanceolado a filiforme, carena verde (às vezes, escabra). Gluma bracteóide ~1,5 x 1 mm, lanceolado, bicarenado (carena verde). Espiguetas 0,7-1,8 x ~0,15 cm, oblongo-lanceolada, 10-20 flores, achatada; apenas gluma caduca. Gluma fértil ~2,5-3 x 2 mm, lanceolada carena esverdeada (ca. 6 linhas longitudinais), linhas longitudinais submarginais presentes; pode apresentar máculas vináceas nas margens. Aquênio ~1 x ~0,7 mm, obovóide a elipsóide, superfície lisa a diminutamente pontuada.

Comentários: Pantropical. Ocorreu em ambiente urbano e fragmentos antropizados dos municípios sergipanos onde foi coletada. Diferencia-se das demais espécies por apresentar inflorescência umbeliforme simples de coloração paleácea com linha central da espiguetas vinácea; aspecto conferido por manchas vináceas presentes nas margens de suas glumas imbricadas. Pode ser confundida com *C. compressus* ou *C. rotundus*, mas a ornamentação e largura da espiguetas, como acima descrito, permite sua distinção.

Material selecionado: **BRASIL. Sergipe:** Aracaju, V/2007, fl.fr., *S.M. Costa 145* (ASE); Santa Luzia do Itanhy, III/2010, fl.fr., *C.A.S. Souza et al. 49* (ASE); São Cristóvão, XI/2007, fl.fr., *S.M. Costa 146* (ASE).

20. *Cyperus squarrosus* L., Cent. II. pl., p. 6. 1756.

Fig. 3, G.

Erva cespitosa, com até 15 cm alt. Folha: bainha 0-1,5 cm compr.; lâmina 0-8 x 0,1-0,3 cm, membranácea. Inflorescência capituliforme ou umbeliforme simples, laxa ou congesta, esverdeada ou marrom; espiguetas em espigas. Escapo ~1 cm larg., liso. Raios 0-3, -2 x 0,05-0,1 cm, eretos; bainhas dos raios: ápice truncado a acuminado. Espiga 0,7-1 x 0,3-0,7 cm, globosa a oval, ca. 20 espiguetas; ráquis oculto. Perfilho espioular 1x1-1,5 mm, lanceolada mucronada. Gluma bracteóide 1 x 1 mm, oval, ca. 3 linhas submarginais longitudinais. Espigueta 2,5-5 x 2,5-3 mm, 4-12 flores, oblonga, achatada; caindo inteira. Gluma ~1,5-2 x 0,7 mm, carenada, cuspidada, 6-8 linhas submarginais longitudinais. Aquênio ~1 x 0,3 mm, oblongo-obovado, pontuada, bege a castanho.

Comentários: Pantropical e mais raramente em zonas temperadas. Em Sergipe apresenta-se distribuída em todas as regiões do estado. Diferencia-se de outras espécies com glumas cuspidadas (*C. cuspidatus* e *C. uncinulatus*) por apresentar espécimes herborizados com odor característico de “curry”, espiguetas dispostas em espigas e glumas com linhas longitudinais submarginais.

Material selecionado: **BRASIL. Sergipe:** Aracaju, V/2007, fl.fr., *S.M. Costa 145* (ASE); Areia Branca, XI/2008, fl.fr., *S.M. Costa 489* & *C. Calazans* (ASE); Canindé de São Francisco, V/2007, fl.fr., *S.M. Costa 144* (ASE); Lagarto, VIII/2010, fl.fr., *L.A.S. Santos 362* (ASE); Porto da Folha, VII/2006, fl.fr., *J.R. Maciel et al. 234* (ASE); Poço Redondo, VIII/2006, fl.fr., *S.M. Costa et al. 95* (ASE); Poço Verde, VIII/2010, fl.fr., *A.P. Prata et al. 2493* (ASE); Santa Luzia do Itanhy, III/2010, fl.fr., *C.A.S. Souza et al. 49* (ASE); Simão Dias, VIII/2010, fl.fr., *A.P. Prata et al. 2443* (ASE); São Cristóvão, VII/2006, fl.fr., *S.M. Costa 33* (ASE).

21. *Cyperus surinamensis* Rottb., Descr. Pl. Rar.:20. 1772.

Fig. 3, H-J.

Erva cespitosa, com até 50(80) cm alt. Folha: bainha 0-6(10) cm compr.; lâmina 0-20(60) x 0,2-0,4 cm, membranácea a cartácea. Inflorescência umbeliforme simples ou composta, geralmente laxa, verde; espiguetas em glomérulos. Escapo 0,2-0,3 cm larg., escabro. Brácteas involucrais 3-5(8). Glomérulos 8-30 espiguetas, globosos a ovóides. Raios (2)5-8(10), -6(11) x -0,1 cm, ereto; bainha do raio: ápice agudo, canaliculada. Perfilho espioular - 1 x ~0,3 mm, ca. 2 canalículos. Gluma bracteóide -0,5 x ~1 mm, em formato de “trapézio invertido”. Espigueta -0,7 x 0,2(0,3) cm, lanceolada a estreito-lanceolada, 10-40 flores, achatada; apenas gluma caduca. Gluma fértil 1,5 x 1 mm, oval, bicarenada. Aquênio -0,7 x ~0,3 mm, oblongo-elipsóide, superfície pontuada, castanho a marrom.

Comentários: Desde o sul dos Estados Unidos até a Argentina. Em Sergipe ocorre em todas as regiões do estado, especialmente em ambientes antropizados. É facilmente distinta das demais espécies do gênero por apresentar glomérulos globosos a ovóides verdes e escapo escabro. Pode ser confundida com *C. luzulae*, mas esta espécie apresenta escapo liso e glomérulos piramidais brancos a esverdeados.

Material Selecionado: **BRASIL. Sergipe:** Aracaju, VIII/2007, fl.fr., *A.C. Silva et al. 129* (ASE); Areia Branca, XI/2007, fl.fr., *S.M. Costa 177* & *J.E. Nascimento-Júnior* (ASE); Barra dos Coqueiros, XII/2008, fl.fr., *J.E. Nascimento-Júnior 415* & *T.V.P. Dantas* (ASE); Canindé de São Francisco, IV/1983, fl.fr., *E.M. Carneiro 685* (ASE); Capela, VIII/2012, fl.fr., *L.M.S. Melo et al. 57* (ASE); Estância, VIII/2010, fl.fr., *C. Calazans s/n* (ASE 21961); Itabaiana, IX/2006, fl.fr., *S.M. Costa et al. 122* (ASE); Itaporanga d' Ajuda, I/2008, fl.fr., *S.M. Costa 263* (ASE); Lagarto, VIII/2010, fl.fr., *A.P. Prata et al. 2335* (ASE); Lagarto, III/2009, fl.fr., *C.K. Sobrinho-Santos 8* (ASE); Poço Redondo, IV/2008, fl.fr., *J.E. Nascimento-Júnior 274* & *D.S. Melo* (ASE); Santana do São Francisco, II/2010, fl.fr., *A.P. Prata et al. 2246* (ASE); Simão Dias, VI/2010, fl.fr., *T. Carregosa-Silva 81* & *A.S. Santos* (ASE); São Cristóvão, III/2010, fl.fr., *L.A.S. Santos et al. 125* (ASE).

22. *Cyperus uncinulatus* Schrad. ex Nees in Mart., Fl.bras. 2(1):23. 1842.

Fig. 3, K-L.

Erva bulbosa, com até 20 cm alt. Folha: bainha 0-1,5 cm compr.; lâmina 0-11 x 0,1 cm, membranácea. Inflorescência capituliforme, castanho-esverdeada a vinácea; espiguetas digitadas. Escapo ~0,1 cm larg, liso. Brácteas involucrais 3-4(5). Grupos de aprox. 20 espiguetas. Perfilho espioular 0,5-2,5 x -1 mm, lanceolado, ápice agudo. Gluma bracteóide ~1,5 x -1 mm, oboval a espatulada, ápice *n*-fido. Espiguetas 0,5-4 x 2-4 mm, ca. 20-25 espiguetas, oblongas, achatadas; caindo inteira. Gluma fértil ~1 x ~1 mm (excl. cúspide), oblonga, cúspide curva (~1 mm), carena verde, par de linhas longitudinais contínuas a cúspide. Aquênio ~0,5 x ~0,3 mm, elíptico, superfície pontuada, estiptado, creme.

Comentários: Desde o México até a Argentina. Em Sergipe ocorre nos domínios Mata Atlântica e Caatinga e na região de Agreste. Pode ser diferenciada de *C. cuspidatus*, com a qual é freqüentemente confundida, por apresentar aquênio elíptico com menores medidas (~0,5 x ~0,3 mm) e coloração creme mesmo quando maduro.

Material selecionado: **BRASIL. Sergipe:** Canindé de São Francisco, VI/2006, fl.fr., *S.M. Costa et al. 19* (ASE); Porto da Folha, VII/2006, fl.fr., *J.R. Maciel et al. 243* (ASE); Poço Redondo, VIII/2006, fl.fr., *S.M. Costa et al. 97* (ASE); Simão Dias, VIII/2010, fl.fr., *A.P. Prata et al. 2446* (ASE); São Cristóvão, VI/2006, fl.fr., *S.M. Costa 16* (ASE).



Figura 1. A-C. *Cyperus aggregatus* (Wild) Endl. A. Inflorescência. (G. Viana 568, ASE) B. Espiguetas. C. Aquênio. (S.M. Costa et al. 166, ASE). D-E. *Cyperus articulatus* L. D. Hábito. E. Espiguetas. (IRN Menezes 218, ASE). F-G. *Cyperus compressus* L. F. Hábito; G. Espiguetas. (A.P. Prata 2444, ASE). H. *Cyperus cuspidatus* Kunth. H. Espiguetas. (S.M. Costa 499, ASE). I-J. *Cyperus distans* L. I. Espiguetas. J. Aquênio. (S. M. Costa 99, ASE). K-L. *Cyperus haspan* L. K. Escapo. L. Espiguetas. (A.C. Silva et al. 133, ASE). M-N. *Cyperus hermaphroditus* (Jacq.) Standl. M. Espiguetas. N. Aquênio. (C. Calazans et al. 50, ASE). O. *Cyperus iria* L. O. Espiguetas. (S.M. Costa 150, ASE).



Figura 2. A-B. *Cyperus giganteus* Vahl. A. Inflorescência. B. Espiguetas. (S.M. Costa 297 & C. Calazans, ASE). C. *Cyperus laxus* Lam. C. Espiguetas. (R. França s/n, ASE). D-E. *Cyperus ligularis* L. D. Inflorescência. E. Espiguetas. (A.C. Silva 3, ASE). F-H. *Cyperus luzulae* (L.) Retz. F. Inflorescência. G. Espiguetas. H. Detalhe de aquênio contido numa gluma. (L.R. Noblick 8, ASE). I-J. *Cyperus maritimus* Poir. I. Hábito. J. Espiguetas. (A.P. Prata 1177, ASE). K. *Cyperus odoratus* L. K. Espiguetas. (A.C. Silva 272, ASE). L. *Cyperus pohlii* (Nees) Steud. L. Espiguetas. (A.P. Prata et al. 2502, ASE). M. *Cyperus schomburgkianus* Nees. M. Espiguetas. (G.Viana 1444, ASE).



Figura 3. A-B. *Cyperus rotundus* L. A. Hábito. B. Espigueta. (M. Ibrahim et al. 19, ASE). C-E. *Cyperus simplex* Kunth. C. Hábito. D. Espigueta. E. Aquênio. (G. Viana 1470, ASE). F. *Cyperus sphacelatus* Rottb. F. Espigueta. (S.M. Costa 145, ASE). G. *Cyperus squarrosus* L. G. Espigueta. (S.M. Costa 95, ASE). H-J. *Cyperus surinamensis* Rottb. H. Hábito. I. Detalhe do escapo. J. Espigueta. (E.M. Carneiro 685, ASE). K-L. *Cyperus uncinulatus* Schrad. ex Nees. K. Espigueta. L. Aquênio. (S.M. Costa 97, ASE).

6. *Eleocharis* R. Br.

Rafael Trevisan¹
André R.O. Ribeiro²

Ervas perenes, raro anuais, cespitosas e geralmente rizomatosas. Colmos cilíndricos, triangulares ou pentangulares, septados ou não. Folhas reduzidas a bainhas na base dos colmos, raro lâmina foliar reduzida a um múcron dorsal no ápice da bainha. Inflorescência constituída de uma única espigueta na extremidade do colmo, sem brácteas involucrais. Espiguetas globosas, ovóides, elipsóides, cilíndricas ou lanceolóides, com número de flores que varia de 1 a ca. de 750; *glumas florais* imbricadas espiraladamente, raramente dísticas ou subdísticas, glabras, lisas ou estriadas, adpressas ou reflexas. Flores bissexuadas, protegidas pelas glumas, perianto ausente ou constituído por cerdas hipóginas, escabras ou lisas; estames 1-3; estilete bífido ou trifido, com a base dilatada e persistente sobre o fruto, formando uma estrutura denominada *estilopódio*. Aquênio biconvexo, trígono ou elipsóide, liso, reticulado ou cancelado, oliváceo, estramíneo a negro.

Eleocharis apresenta ca. de 200 espécies (González-Elizondo & Tena-Flores 2000), cosmopolita, com distribuição concentrada nas regiões tropicais e subtropicais da América (Goetghebeur 1998). De acordo com Alves *et al.* (2009) ocorrem cerca de 69 espécies no Brasil.

Para o estado de Sergipe foram registradas 13 espécies pertencentes ao gênero, ocorrendo principalmente nas regiões do Agreste e Mata Atlântica, onde o relevo é mais plano, o que permite extensas áreas com solo hidromórfico, o qual proporciona ambientes adequados ao crescimento das espécies de *Eleocharis*.

Chave para identificação das espécies de *Eleocharis* de Sergipe
(comprimento dos aquênios não inclui o estilopódio)

1. Glumas superiores papiráceas a cartilaginosas, de margem hialina nitidamente delimitada do restante da gluma2
2. Colmos septados, ocos3
3. Presença de um feixe central interno livre ao longo de todo o colmo, apenas transpassando os septos.....5. *E. endounifascis*
- 3'. Ausência de feixe central livre..... 8. *E. interstincta*
- 2'. Colmos não septados, com medula esponjosa.....4
4. Colmos trígono, de 2,3-5,5 mm larg.....5

¹ Departamento de Botânica. Centro de Ciências Biológicas, Universidade Federal de Santa Catarina. Bairro Trindade. 88040-970, Florianópolis, SC, Brasil. rftrevisan@yahoo.com.br

² Departamento de Botânica. Instituto de Ciências Biológicas, Universidade de Brasília, Campus Darcy Ribeiro. Caixa Postal 04457, CEP 70.919-970, Brasília, DF, Brasil. andre_rodolf@hotmail.com

5. Colmos trígono, de ângulos agudos; glumas lisas a levemente estrioladas.. **10. E. mutata**
 5'. Colmos trígono, de ângulos obtusos; glumas fortemente estriadas.. **12. E. obtuserigona**
 4'. Colmos cilíndricos, de 0,7-1,6 mm larg **4. E. elongata**
 1'. Glumas superiores membranáceas, de margem hialina, quando presente, sem uma delimitação nítida entre esta e o restante da gluma..... **6**
 6. Colmos septados, ocos; bainha com múcron dorsal no ápice..... **3. E. elegans**
 6'. Colmos não septados, esponjosos; bainhas sem múcron dorsal no ápice..... **7**
 7. Aquênios biconvexos; estilete bifido..... **8**
 8. Aquênios oliváceos **13. E. schaffneri**
 8'. Aquênios atropurpúreos a negros..... **9**
 9. Aquênios de 0,4-0,5 x 0,4 mm; estilopódio 0,05-0,1 x 0,1 mm..... **1. E. atropurpurea**
 9'. Aquênios de 0,6-1,2 x 0,5-0,8 mm; estilopódio 0,2-0,3 x 0,2-0,4 mm..... **10**
 10. Ápice da bainha com apêndice membranáceo hialino enrugado **9. E. maculosa**
 10'. Ápice da bainha sem apêndice membranáceo hialino..... **11**
 11. Espiguetas elipsóides ou ovoides, de ápice agudo, com 6-10 flores; glumas de ápice agudo **2. Eleocharis debilis**
 11'. Espiguetas ovóides a globosas, com ápice arredondado, com mais de 20 flores; glumas de ápice obtuso ou arredondado..... **7. Eleocharis geniculata**
 7'. Aquênios trígono; estilete trifido..... **12**
 12. Glumas com ápice emarginado; cerdas periânticas 4-6; colmos de 0,8-1,0 mm larg.
 **6. E. filiculmis**
 12'. Glumas com ápice obtuso ou arredondado; cerdas periânticas ausentes; colmos de 0,4-0,6 mm larg..... **11. E. nigrescens**

1. Eleocharis atropurpurea (Retz.) J. Presl & C. Presl, *Reliquiae Haenkeanae* 1(3): 196. 1828.

Fig. 1A-C

Erva cespitosa, 4-10 cm altura. Colmos 0,2-0,4 mm larg., seção transversal circular, septos transversais ausentes, medula esponjosa. Bainhas membranáceas, ápice agudo a acuminado, apêndice membranáceo ausente. Espiguetas 2,5-4 x 2 mm, ovóides. Glumas 1-1,2 x 1 mm, estreito-ovais ou lanceoladas, membranáceas, palhetes na nervura central, vináceas nas laterais, ápice obtuso ou subagudo. Estames 2-3, anteras 0,4-0,5 mm compr. Estilete 2-fido. Aquênios 0,4-0,5 x 0,4 mm, biconvexo, obovóide, atropurpúreos a negros, superfície lisa brilhante, colo ausente, cerdas periânticas mais curtas que o aquênio ou ausentes. Estilopódio 0,05-0,1 x 0,1 mm, deprimido, pálido a esverdeado.

Comentários: Trata-se de uma espécie de pequeno porte, que floresce e frutifica em abundância, com espiguetas e aquênios pequenos. No aspecto geral pode ser confundida com *Eleocharis nigrescens*, da qual pode ser diferenciada pelos aquênios biconvexos negros (vs. trígono, marfim a castanhos claros) e estilete bifido (vs. estilete trifido). As medidas e características do aquênio e estilopódio apresentadas na descrição estão baseadas na coleta ASE 16976 proveniente do Ceará, pois na exsicata coletada no SE

os frutos encontram-se imaturos. Ocorre em regiões tropicais e subtropicais do globo (Svenson 1929; González-Elizondo 2004), em solo úmido, preferencialmente próximo a poças d'água. Coletada ao norte do Estado, no agreste sergipano. Coletada em floração/frutificação no mês de maio, mas provavelmente deve manter-se reprodutiva por período mais longo.

Material examinado: **BRASIL. Sergipe:** Gararu, V/1982, E. Gomes 70 (ASE).

Material adicional examinado: **BRASIL. Ceará:** Aiuaba, IV/1981, P. Martins s.n. (ASE 16976). **Pernambuco:** Ouricuri, 05/VI/1971, E.P. Heringer s.n. (ASE1229).

2. Eleocharis debilis Kunth, *Enum. Pl.* 2: 143. 1837.

Fig. 1D-F

Erva cespitosa, 16 cm alt. Colmos 0,4-0,7 mm larg., seção transversal circular, septos transversais ausentes, medula esponjosa. Bainhas membranáceas, ápice agudo ou obtuso, apêndice membranáceo ausente. Espiguetas 3,4-4 x 1,3-2,4 mm, elipsóides ou ovoides, de ápice agudo. Glumas 2,2-2,8 x 1-2 mm, elípticas, ovais ou lanceoladas, membranáceas, palhetes a vináceas, ápice agudo. Estames 2-3, anteras 0,4-0,6 mm compr. Estilete 2-fido. Aquênios 0,9-1,2 x 0,7-0,8 mm, biconvexos, obovóides, atropurpúreos a negros, superfície lisa, colo ausente, cerdas periânticas 7-8. Estilopódio 0,3 x 0,3 mm, deltóide, castanho.

Comentários: *E. debilis* pode ser facilmente reconhecida pelas espiguetas com poucas flores (6 - 10 flores), de ápice agudo, glumas membranáceas e aquênios biconvexos, atropurpúreos a negros. Sua floração/frutificação ocorre no mês de outubro.

Ocorre em Porto Rico, Venezuela e Brasil (González-Elizondo & Reznicek 1996; Strong & Acevedo-Rodriguez 2005). Coletada na região da caatinga, em olho d'água. Esta espécie cresce preferencialmente em locais com água limpa e corrente, sendo comum em locais com afloramento de água subterrânea, ou mesmo em margens de riachos sombreados.

Material examinado: **BRASIL. Sergipe:** Poço Redondo, XI/2009, S.M.C. Costa 663 (ASE).

3. Eleocharis elegans (Kunth) Roem. & Schult., *Syst. Veg.* 2: 150. 1817.

Basiônimo: *Scirpus elegans* Kunth in Humb. Bonpl. & Kunth, *Nov. Gen. Sp.* 1: 226. 1815 [1816].

Erva cespitosa, 45-93 cm alt. Colmos (2,5)3,5-6 mm larg., seção transversal circular, septos transversais presentes, medula oca, feixe vascular central ausente. Bainhas membranácea a cartilaginosa, ápice truncado com múcron dorsal, apêndice membranáceo ausente. Espiguetas 21-37 x 4-5,8 mm, lanceolóides a cilíndricas. Glumas 2,4-3,6 x 0,6-0,9 mm, lanceoladas, membranáceas, palhetes a ferrugíneas, ápice acuminado a agudo. Estames 3, anteras 1,4-2,5 mm compr. Estilete 3-fido. Aquênios 0,8-1,2 x 0,5-0,9 mm, lenticulares

ou trígonos, obovóides, amarelos a ferrugíneos, superfície finamente reticulada, rugas longitudinais ausentes, colo presente, constricto ou confluyente, cerdas periânticas 7-8. Estilopódio 0,2 x 0,2-0,3 mm, deprimido, deltóide, castanho.

Comentários: É facilmente diferenciada das outras espécies de *Eleocharis* ocorrentes em Sergipe pelos colmos largos, septados, ocos e pelas espiguetas com muitas flores e glumas membranáceas. Entretanto, quando em estágio vegetativo, pode ser confundida com *E. interstincta* e *E. endounifascis*, das quais diferencia-se por apresentar bainha com ápice truncado com múcron dorsal. O material examinado indica floração/frutificação para praticamente o ano inteiro. Ocorre desde México até Argentina (Barros 1928; González-Elizondo 1994). No Brasil ocorre nas regiões Norte (Prata 2002), Nordeste (Luceño *et al.* 1997), Centro-Oeste, Sudeste (Faria 1998) e Sul (Trevisan & Boldrini 2008). Coletada em brejos e baixadas alagadas na caatinga. Iconografia: Trevisan & Boldrini (2008, pág. 45).

Material selecionado: **BRASIL. Sergipe:** Frei Paulo, VI/1982, *E.M. Carneiro 386* (ASE); Nossa Senhora Aparecida, II/2011, *T. Carregosa-Silva et al. 135* (ASE); Poço Redondo, VI/2010, *W.J. Machado et al. 435* (ASE); Simão Dias, VIII/2010, *A.P. Prata 2447 et al.* (ASE); Siriri, VIII/2012, *A.P. Prata et al. 3379a* (ASE); Tobias Barreto, VIII/1983, *E. Gomes 338* (ASE).

4. *Eleocharis elongata* Chapm., *Fl. South. U.S.*: 515. 1860.

Erva cespitosa, ca. 22 cm altura. Colmos 0,7-1,6 mm larg., seção transversal circular, septos transversais incompletos, medula esponjosa, feixe vascular central ausente. Bainhas membranáceas, ápice agudo ou acuminado, apêndice membranáceo ausente. Espiguetas 1,6-3,1 x 1,7-2,4 mm, lanceolóides a cilíndricas. Glumas 3,8-4,5 x 2-2,7 mm, elípticas ou ovais, papiráceas a cartilaginosas, estramíneas com linha submarginal ferrugínea a castanha contornando o ápice, com margem hialina, ápice arredondado ou obtuso. Estames 3, anteras 1,5-1,8 mm compr. Estilete 3-fido. Aquênios 1-1,5 x 1 mm, trígonos ou plano-convexos, obovóides, estramíneos, superfície cancelada, com células mais alongadas no sentido transversal formando fileiras longitudinais, colo presente, cerdas periânticas 7-9. Estilopódio 0,5 x 0,5 mm, piramidal, oliváceo a castanho.

Comentários: esta espécie pode ser facilmente reconhecida pelos colmos 0,7-1,6 mm larg., com seção transversal circular e medula esponjosa, glumas papiráceas a cartilaginosas e aquênios 1-1,5 x 1 mm, trígonos ou plano-convexos, com superfície cancelada. Dificilmente poderia ser confundida com outra espécie do gênero ocorrente no Estado. Distribui-se do Sudoeste dos Estados Unidos, América Central até sul do Brasil (González-Elizondo 1994). Espécie registrada para na região de Mata Atlântica, em ambiente com lâmina d'água permanente e pouco profunda. Coletada em floração/frutificação no mês de julho. Iconografia: Svenson (1939, plate 537, antes da pág. 1).

Material examinado: **BRASIL. Sergipe:** Santa Luzia do Itanhy, 11,395°S 37,419722°W, VII/2010, *A.P. Prata et al. 2268* (ASE).

5. *Eleocharis endounifascis* Hinchliff & Roalson, *Phytotaxa* 7: 20. 2010.

Fig. 1G-I

Erva cespitosa, rizomatosa, 37-59 cm alt. Colmos 2,3-3,2 mm larg., seção transversal circular, septos transversais presentes, medula oca, feixe vascular central presente. Bainhas membranáceas a cartilaginosas, ápice obtuso, mútico ou mucronado, apêndice membranáceo ausente. Espiguetas 19-29 x 3,8-5,1 mm, lanceolóides a cilíndricas. Glumas 3,2-4,1 x 2,5-3 mm, espatuliformes a oblongas, cartilaginosas, palhetes com manchas castanhas, linha submarginal castanha contornando o ápice, com margem hialina, ápice obtuso a arredondado. Estames 3, anteras 1,4-2 mm compr. Estilete 2-fido. Aquênios 1,1-1,4 x 0,9-1,1 mm, biconvexos, obovóides, palhetes a pálidos, superfície cancelada, células mais alongadas no sentido transversal formando fileiras longitudinais, colo ausente, constricto, cerdas periânticas 8. Estilopódio 0,4 x 0,5 mm, deltóide, castanho.

Comentários: talvez uma das espécies de mais fácil reconhecimento a campo. Ela apresenta colmos ocos, com septos transversais e um feixe vascular central livre que acompanha todo o comprimento do colmo. Esta espécie ocorre no sudeste da Venezuela, leste das Guianas, e no nordeste, centro-oeste e sudeste do Brasil (Hinchliff *et al.* (2010)). Espécie registrada para a região de Mata Atlântica em vegetação característica de restinga, preferencialmente em ambiente com lâmina d'água permanente e pouco profunda. O material examinado indica floração/frutificação em abril e de agosto a outubro. Iconografia: Hinchliff *et al.* (2010, pág. 21).

Material selecionado: **BRASIL. Sergipe:** Aracaju, XI/2010, *I.R.N. Menezes & J.E. Nascimento-Junior 208* (ASE); Pirambu, IV/2006, *S.M.C. Costa et al. 5* (ASE); Pirambu, 24/IV/2012, *M.C.V. Farias & O.J. Pereira 54* (ASE); Santa Luzia do Itanhy, IX/2009, *S.M.C. Costa et al. 582* (ASE); São Cristóvão, III/2010, *L.A.S. Santos et al. 108* (ASE).

6. *Eleocharis filiculmis* Kunth, *Enum. Pl.* 2: 144. 1837.

Erva cespitosa, 20-54 cm alt. Colmos 0,8-1,0 mm larg., seção transversal pentangular, septos transversais ausentes, medula esponjosa. Bainhas membranáceas, ápice obtuso ou agudo, apêndice membranáceo ausente. Espiguetas 3,3-7 x 1,6-3,1 mm, ovóides a lanceoladas. Glumas 1,4-1,8 x 0,8-2 mm, ovais, elípticas ou obovais, membranáceas, palhetes a ferrugíneas, ápice emarginado. Estames 3, anteras 0,5-0,7 mm compr. Estilete 3-fido. Aquênios 0,5-0,7 x 0,4-0,6 mm, obovóide, trígono, alvos a palhetes, superfície lisa a finamente reticulada, rugas longitudinais ausentes, colo ausente, cerdas periânticas 4-6. Estilopódio 0,2-0,3 x 0,3-0,4 mm, piramidal, castanho a oliváceo.

Comentários: *Eleocharis filiculmis* é caracterizada por apresentar espiguetas com grande número de flores, glumas emarginadas e aquênios pequenos 0,5-0,7 x 0,4-0,6 mm e cerdas periânticas curtas. Distribui-se do México a América do Sul (González-Elizondo 1994). No Brasil ocorre nas regiões Norte (Prata 2002), Nordeste (Luceño *et al.* 1997),

Centro-Oeste, Sudeste (Faria 1998) e Sul (Trevisan & Boldrini 2008). Coletada em áreas brejosas, formando pequenas moitas, nas regiões do Agreste e Mata Atlântica. O material examinado aponta floração/frutificação para os meses de janeiro, abril, agosto, setembro e novembro. Iconografia: Trevisan & Boldrini (2008, pág. 46).

Material selecionado: **BRASIL. Sergipe:** Areia Branca, XI/2007, S.M.C. Costa & J.E. Nascimento - Junior 176 (ASE); Itaporanga d`Ajuda, I/2008, S.M.C. Costa 265 (ASE); Pirambu, IV/2006, A.P. Prata et al. 1176 (ASE); Poço Verde, VIII/2010, A.P. Prata et al. 2500 (ASE); Santa Luzia do Itanhy, IX/2009, S.M.C. Costa et al. 579 (ASE); Santo Amaro das Brotas, IV/2012, M.C.V. Farias et al. 165 (ASE); São Cristóvão, 11,014722°S 37,206389°W, 15/VI/2008, J.E. Nascimento - Júnior et al. 396 (ASE).

7. *Eleocharis geniculata* (L.) Roem. & Schult., Syst. Veg. 2: 150.1817.

Erva cespitosa, 4-46 cm altura. Colmos 0,4-1 mm larg., seção transversal circular, septos transversais ausentes, medula esponjosa. Bainhas membranáceas, ápice agudo a acuminado, apêndice membranáceo ausente. Espiguetas 2,6-5 x 1,6-4 mm, ovóides a globosas, com ápice arredondado. Glumas 1,4-2 x 1-1,3 mm, ovais, elípticas ou obovais, membranáceas, palhetes, ferrugíneas ou vináceas, ápice obtuso ou arredondado. Estames 3, anteras 0,5-0,8 mm compr. Estilete 2-fido. Aquênios 0,6-1,1 x 0,5-0,8 mm, biconvexos, obovóides, atropurpúreos, superfície lisa, colo ausente, cerdas periânticas 0-9. Estilopódio 0,2 x 0,2-0,3 mm, deprimido deltóide, pálido a palhete.

Comentários: *E. geniculata* pode ser facilmente reconhecida pelas espiguetas ovóides a globosas, com ápice arredondado, com muitas flores, glumas membranáceas e aquênios biconvexos, atropurpúreos. Encontra-se distribuída nas regiões tropicais e subtropicais do globo, preferencialmente próximo à regiões costeiras (Svenson 1929; González-Elizondo 1994). Provavelmente a espécie comum no Estado, com distribuição na região costeira, em área de restinga (com solo arenoso) e também nas baixadas úmidas margeando o rio São Francisco. Forma populações densas nas regiões interdunas, onde ocorre acúmulo de umidade, sendo uma das espécies de Cyperaceae mais comum nas dunas secundárias, juntamente com *Fimbristylis cymosa* R. Br. Com floração/frutificação ao longo de todo o ano. Iconografia: Trevisan & Boldrini (2008, pág. 48).

Material selecionado: **BRASIL. Sergipe:** Aracaju, VIII/2007, S.M.C. Costa et al. 167 (ASE); Barra dos Coqueiros, 10,933861°S 37,026083°W, VIII/2011, A.P. Prata et al. 2744 (ASE); Brejo Grande, II/2009, S.M.C. Costa 535 (ASE); Canindé de São Francisco, VII/2006, A.P. Prata et al. 1220 (ASE); Estância, VII/2011, A.P. Prata et al. 2675 (ASE); Indiaroba, XII/2007, S.M.C. Costa & A.R. Menezes 203 (ASE); Itaporanga d`Ajuda, I/2008, S.M.C. Costa 252 (ASE); Macambira, 03/2011, R.D. Matos et al. 46 (ASE); Pacatuba, III/2011, L.A.S. Santos & I.R.N. Menezes 522 (ASE); Pirambu, X/2008, A.P. Prata et al. 1542 (ASE); Poço Redondo, IX/2009, J.E. Nascimento - Júnior & T. Dantas 689 (ASE); Santa Luzia do Itanhy, 11,351111°S 37,403333°W, VI/2000, M. Alves et al. 2059 (ASE, SP); Santo Amaro das Brotas, 19/XII/2008, J.E. Nascimento - Júnior

& T. Dantas 490 (ASE); São Cristóvão, III/2010, L.A.S. Santos et al. 117 (ASE); Tobias Barreto, VIII/1983, E. Gomes 315 (ASE).

8. *Eleocharis interstincta* (Vahl) Roem. & Schult., Syst. Veg. 2: 149. 1817.

Basiônimo: *Scirpus interstinctus* Vahl, Enum. Pl. 2: 251. 1805.

Erva cespitosa, rizomatosa, 38-139 cm alt. Colmos 3-9 mm larg., seção transversal circular, septos transversais presentes, medula oca, feixe vascular central ausente. Bainhas membranáceas a cartilaginosa, ápice agudo. Espiguetas 22-31 x 3,6-8 mm, cilíndricas. Glumas 4,3-5,1 x 2,8-3,8 mm, espatuliforme a oblonga, cartilaginosa, palhete, às vezes com manchas castanhas, linha castanha contornando o ápice e delimitando uma faixa marginal hialina, ápice arredondado a obtuso. Estames 3, anteras 1,6-1,8 mm compr. Estilete 3-fido. Aquênios 1,8-2 x 1,4-1,8 mm, biconvexos, obovóides, estramíneos, superfície cancelada, células mais alongadas no sentido transversal formando fileiras longitudinais, colo ausente, constricto ou não constricto, cerdas periânticas 6-7. Estilopódio 0,7-0,9 x 0,7-0,8 mm, deltóide, castanho.

Comentários: *Eleocharis interstincta* é facilmente identificada pelos colmos septados, ocos desprovidos de feixe vascular central e pelas glumas superiores cartilaginosa e estriadas. São plantas robustas, com os colmos parcialmente submersos, normalmente contornando corpos d'água, formando um aglomerado denso e homogêneo de indivíduos. Ver comentários em *E. elegans* e *E. endounifascis*. Ocorre do sul dos Estados Unidos a Bolívia e Brasil, Antilhas e Bermudas (González-Elizondo 1994). No Brasil ocorre nas regiões Norte (Prata 2002), Nordeste (Luceño et al. 1997), Centro-Oeste, Sudeste (Faria 1998; Gil & Bove 2007) e Sul (Trevisan & Boldrini 2008). Coletada em áreas com lâmina d'água permanente, parada e pouco profunda, na região da caatinga, agreste e Mata Atlântica. O material examinado indica floração/frutificação ao longo de todo o ano. Iconografia: Trevisan & Boldrini (2008, pág. 49).

Material selecionado: **BRASIL. Sergipe:** Capela, VI/2007, A.C. Silva & K.C.S. Teixeira 115 (ASE) Lagarto, III/2009, C.K. Sobrinho-Santos 3 (ASE); Nossa Senhora Aparecida, II/2011, T. Carregosa-Silva et al. 137 (ASE); São Cristóvão, III/2010, L.A.S. Santos 150 (ASE).

9. *Eleocharis maculosa* (Vahl) Roem. & Schult., Syst. Veg. 2: 154. 1817.

Erva cespitosa, rizomatosa, 28-39 cm alt. Colmos 0,5-0,8 mm larg., seção transversal circular, septos transversais ausentes, medula esponjosa. Bainhas membranáceas, ápice obíquo ou obtuso com múcron, apêndice membranáceo hialino enrugado presente. Espiguetas 3,5-7,1 x 1,7-4,1 mm, ovóides a elipsóides. Glumas 2,6-3,4 x 1,1-2,1 mm, ovais, elípticas ou obovais, membranáceas, vináceas, ápice obtuso. Estames 3, anteras 1,2-1,6 mm compr. Estilete 2-fido. Aquênios 0,7-1 x 0,6-0,9 mm, biconvexos, obovóides, atropurpúreos a negros, superfície lisa a finamente reticulada, rugas longitudinais ausentes, colo ausente, cerdas periânticas 5-7. Estilopódio 0,2-0,3 x 0,3-0,4 mm, deltóide, palhete a oliváceo.

Comentários: *Eleocharis maculosa* diferencia-se das outras espécies do gênero que ocorrem no Sergipe, pelo ápice da bainha com apêndice hialino rugoso, pelas espiguetas vináceas e pelos aquênios biconvexos atropurpúreos a negros com cerdas hipóginas mais longas que o mesmo. Ocorre na América Central e do Sul (González-Elizondo 1994). No Brasil é bem distribuída em todo o território Trevisan & Boldrini (2008). Coletada nas regiões do agreste e mata Atlântica, em ambientes de brejos e campo úmido. As coletas mostram floração/frutificação nos meses de fevereiro, março, abril e setembro, indicando que provavelmente a espécie floresce/frutifica ao longo de todo o ano. Iconografia: Trevisan & Boldrini (2008, pág. 53).

Material examinado: **BRASIL. Sergipe:** Itaporanga d`Ajuda, IV/2008, C. Calazans et al. 13 (ASE); Lagarto, II/2008, A.P. Prata 1392 (ASE); Santa Luzia do Itanhy, IX/1981, E.M. Carneiro 283 (ASE); São Cristóvão, III/2010, L.A.S. Santos et al. 121 (ASE).

10. *Eleocharis mutata* (L.) Roem. & Schult., Syst. Veg. 2: 155. 1817.

Fig. 2A-C

Erva cespitosa, rizomatosa, 33-58 cm alt. Colmos 3-5,5 mm larg., seção transversal trígonos de ângulos agudos, faces planas, septos transversais ausentes, medula esponjosa. Bainhas cartilaginosa a membranácea, ápice agudo ou obtuso, às vezes com múcron, apêndice membranáceo ausente. Espiguetas 13-28 x 4-6,5 mm, lanceolóides a cilíndricas. Glumas 3,4-3,8 x 1,6-3,6 mm, espatuliforme a oblonga, cartilaginosa, lisas a levemente estrioladas, estramíneas com linha ferrugínea a castanha contornando o ápice e delimitando uma faixa marginal hialina definida, ápice obtuso a arredondado. Estames 3, anteras 1,5-2,2 mm compr. Estilete 3-fido. Aquênios 1,3-1,7 x 1,3-1,4 mm, biconvexos, obovóides, estramíneos, superfície reticulada, células mais alongadas no sentido transversal formando fileiras e rugas longitudinais, com porção apical engrossada formando um anel onde se insere o estilopódio, cerdas periânticas 7. Estilopódio 0,2-0,3 x 0,2-0,3 mm, deltóide, castanho.

Comentários: *E. mutata* pode ser reconhecida pelos colmos de 3-5,5 mm larg., triangulares, com medula esponjosa, glumas cartilaginosa, e aquênios com 1,3-1,7 x 1,3-1,4 mm, biconvexos, e estilopódio inserido sobre um anel engrossado no ápice do aquênio. Distribui-se do sul dos Estados Unidos (Texas), México, América Central, Antilhas, América do Sul e África tropical (Rosen et al. 2008). Esta espécie distribui-se principalmente nas baixas altitudes, na porção litorânea da região de Mata Atlântica e também em baixadas úmidas, ao longo do rio São Francisco, associada principalmente a áreas de manguezais, banhados salobros ou regiões interdunas. O material examinado indica floração/frutificação ao longo de todo o ano. Iconografia: Rosen et al. (2008, pág. 240).

Material selecionado: **BRASIL. Sergipe:** Aracaju, III/2009, C.K. Sobrinho-Santos C11 (ASE); Brejo Grande, II/2009, S.M.C. Costa 532 (ASE); Canhoba, 10,113667°S 36,967222°W, I/2013, A.P. Prata et al. 3566 (ASE); Canindé de São Francisco, II/2008, J.E. Nascimento -

Júnior 254 (ASE); Indiaroba, UTM: 672657, 8729310, IX/2012, M.C.V. Farias et al. 157 (ASE); Nossa Senhora Aparecida, II/2011, T. Carregosa-Silva et al. 133 (ASE); Nossa Senhora das Dores, II/2011, T. Carregosa-Silva et al. 142 (ASE); Pirambu, XII/2006, M. Soledade s.n. (ASE 11907); Poço Redondo, III/2009, J.E. Nascimento-Júnior & W.J. Machado 568 (ASE); Riachuelo, XI/2009, C.K. Sobrinho-Santos s.n. (ASE 22001); Santa Luzia do Itanhy, 11,395°S 37,419722°W, VII/2010, A.P. Prata et al. 2264 (ASE); Santo Amaro das Brotas, VI/2011, J.E. Nascimento - Júnior et al. 1020 (ASE); Siriri, VIII/2012, A.P. Prata et al. 3379 (ASE).

Material adicional examinado: **BRASIL. Paraíba:** Sobrado, 22/VII/1986, A.P. Prata 1310 (ASE);

11. *Eleocharis nigrescens* (Nees) Kunth, Enum. Pl. 2: 157. 1805.

Fig. 2D-F

Erva cespitosa, 16 cm altura. Colmos 0,4-0,7 mm larg., seção transversal circular, septos transversais ausentes, medula esponjosa. Bainhas membranáceas, ápice obtuso ou agudo, apêndice membranáceo ausente. Espiguetas 2,2-4,5 x 1,8-3,4 mm, ovóides. Glumas 0,9-1,2 x 0,6-0,9 mm, ovais, elípticas ou obovais, membranáceas, palhetes as ferrugíneas, ápice obtuso ou arredondado. Estames 3, anteras 0,4-0,6 mm compr. Estilete 3-fido. Aquênios 0,5-0,7 x 0,3-0,4 mm, trígonos, obovóides, marfim a castanho-claros, superfície lisa a finamente reticulada, rugas longitudinais ausentes, colo ausente, cerdas periânticas ausentes. Estilopódio 0,1-0,2 x 0,1-0,2 mm, piramidal deprimido, castanho.

Material examinado: **BRASIL. Sergipe:** Itabaiana, IX/1988, M.R. Fonseca 874 (ASE).

Comentários: Espécie de pequeno porte, caracterizada por espiguetas de 2,2-4,5 x 1,8-3,4 mm, ovóides, com muitas flores, glumas membranáceas e aquênios 0,5-0,7 x 0,3-0,4 mm, trígonos, marfim a castanho-claros, com estilopódio piramidal deprimido. Veja comentários em *E. atropurpurea*. Ocorre no sudeste dos Estados Unidos, México, América Central, Antilhas, nordeste do Brasil, África tropical e Madagascar (Svenson 1937). Coletada na região do Agreste savanóide, em área de brejo. Coletada em floração e frutificação no mês de setembro, mas provavelmente deve manter-se reprodutiva por período mais longo.

12. *Eleocharis obtusetrigona* (Lindl. & Nees) Steud., Syn. Pl. Glumac. 2(7): 80. 1854.

Erva cespitosa, ca. 36 cm alt. Colmos 2,3-4,0 mm larg., seção transversal triangular, com ângulos obtusos, septos transversais ausentes, medula esponjosa. Bainhas membranáceas, oblíqua de ápice obtuso a agudo, apêndice membranáceo ausente. Espiguetas 21-32 x 3,2-5,1 mm, linear-lanceolóides Colmo cilíndricas. Glumas 4,2-5 x 2,3-2,8 mm, ovais, cartilaginosa com margens hialina definida, fortemente estriadas, esverdeadas a palhetes, ápice obtuso a arredondado. Estames 3, anteras 1,4-1,7 mm compr. Estilete 3-fido. Aquênios 1,8-2 x 1,1-1,3 mm, obovóides, biconvexos, oliváceos a

castanhos, superfície cancelada, células mais alongadas no sentido transversal formando fileiras longitudinais, colo constricto, cerdas periânticas 7-8. Estilopódio 0,7-0,9 x 0,5-0,6 mm, triangular, castanho.

Comentários: esta espécie é facilmente identificada pelos colmos de 2,3-4,0 mm de larg., com ângulos obtusos, desprovido de septos transversais e com medula esponjosa. Além disso, apresenta glumas cartilaginosas. Distribui-se pelo sul dos Estados Unidos, México, América Central e leste da América do Sul. Brasil: Bahia, São Paulo, Santa Catarina e Rio Grande do Sul (Trevisan & Boldrini 2008). Ocorre em locais com lâmina d'água permanente e pouco profunda. São plantas robustas, com os colmos parcialmente submersos, formando um aglomerado denso e homogêneo de indivíduos. Registrada para o agreste sergipano. Foi coletada em floração/frutificação no mês de fevereiro, mas provavelmente deve manter-se reprodutiva por período mais longo. Iconografia: Trevisan & Boldrini (2008, pág. 58).

Material examinado: **BRASIL. Sergipe:** Nossa Senhora das Dores, II/2011, T. Carregosa-Silva et al. 138a (ASE).

13. *Eleocharis schaffneri* Boeckeler, Bot. Jahrb. Syst. 7: 274. 1886.

Erva cespitosa, 4-6 cm altura. Colmos 0,2-0,8 mm larg., seção transversal circular, septos transversais ausentes, medula esponjosa. Bainhas membranáceas, ápice obíquo ou obtuso com múcron, apêndice membranáceo presente. Espiguetas 1,8-5,5 x 1,6-3,1 mm, ovóides. Glumas 1,2-1,5 x 1-1,3 mm, ovais, elípticas ou ovais, membranáceas, ferrugíneas a purpúreas, ápice obtuso ou arredondado. Estames 3, anteras 0,2-0,4 mm compr. Estilete 2-fido. Aquênios 0,6-0,7 x 0,3-0,4 mm, lenticulares, obovóides, oliváceos, superfície lisa a finamente reticulada, rugas longitudinais ausentes, colo ausente, cerdas periânticas 6-7 mais curtas que o aquênio. Estilopódio 0,1-0,2 x 0,2-0,3 mm, deprimido, deltóide, palhete a castanho.

Comentários: Esta espécie teve poucos registros na coleção, o que pode ser um indicativo de que é incomum no Estado. *E. schaffneri* é similar a *E. sellowiana* Kunth, a qual não foi registrada para Sergipe até o presente momento. Distingue-se de *E. sellowiana* por apresentar aquênios, glumas e anteras menores (vs. aquênio 0,9-1,3 x 0,5-0,9 mm; glumas 2,4-3,5 mm compr. e anteras 0,8-0,9 mm). Ocorre no México, Costa Rica (González-Elizondo, 1994), Guatemala, Nicaragua (González-Elizondo, 2001), e nordeste do Brasil. *Eleocharis schaffneri* ocorre áreas úmidas no Agreste e região costeira. O material examinado aponta para floração e frutificação para os meses de junho e outubro. Todavia, é provável que a espécie apresente período maior de floração/frutificação. Iconografia: Svenson (1929, plate 191, após pág. 244).

Material examinado: **BRASIL. Sergipe:** Aracaju, XI/2005, Koczicki 511 (MBM); Capela, VI/2007, A.C. Silva & K.C.S. Teixeira 79 (ASE); Santo Amaro das Brotas, 2011, J.E. Nascimento - Júnior 913 (ASE).

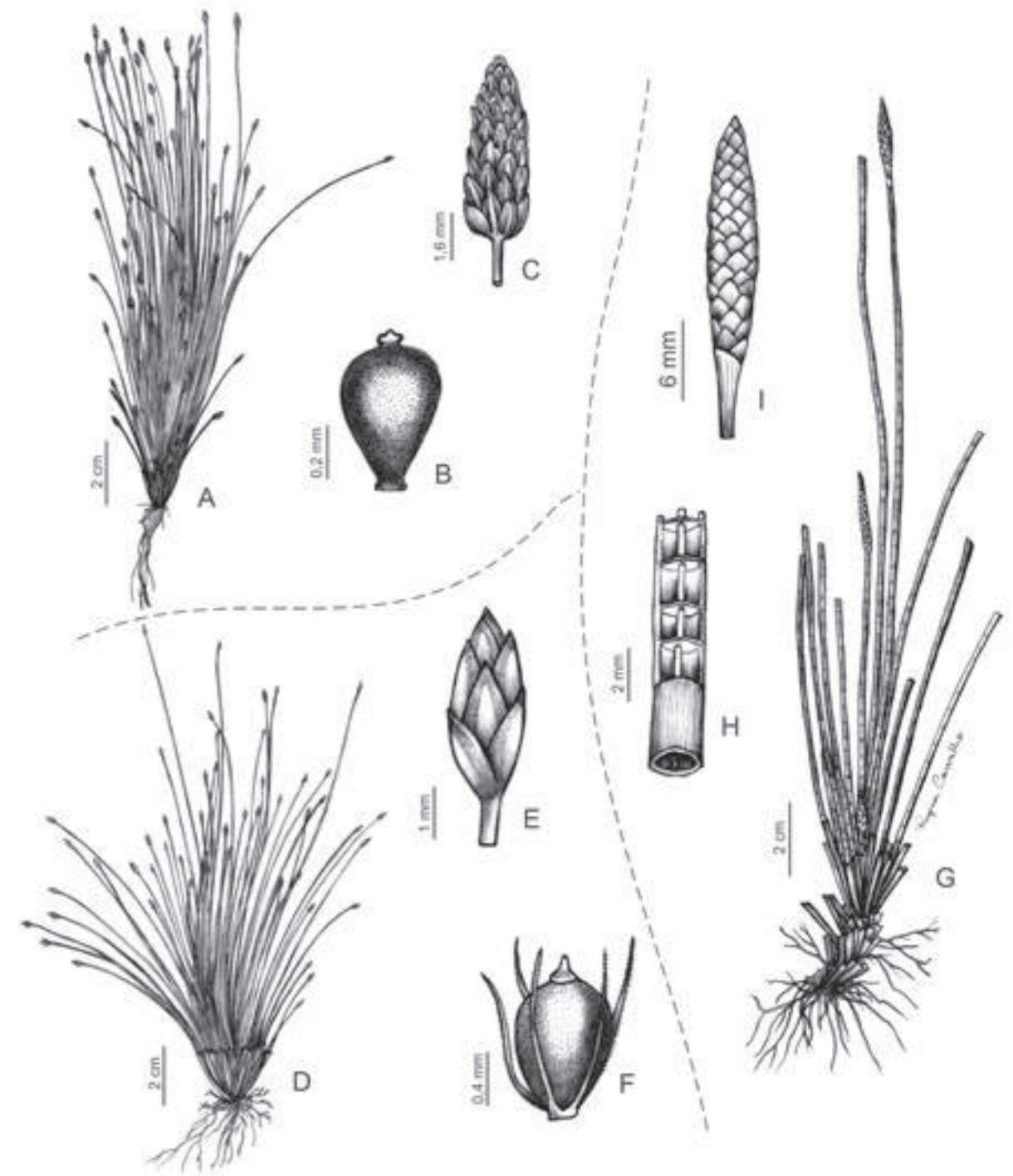


Figura 1. A-C. *Eleocharis atropurpurea* (Retz.) J. Presl & C. Presl. A. Hábito. B. Aquênio. C. Espiguetas. (E.P. Heringer, ASE 1229). D-F. *Eleocharis debilis* Kunth. D. Hábito. E. Espiguetas. F. Aquênio. (S.M. Costa 663, ASE). G-I. *Eleocharis endounifascis* Hinchliff & Roalson. G. Hábito. H. Colmo em seção longitudinal, mostrando feixe vascular central livre. I. Espiguetas. (M.C.V. Farias & O.J. Pereira 54, ASE).

7. *Fimbristylis* Vahl

Anderson de Carvalho Silva¹
Ana Paula do Nascimento Prata¹

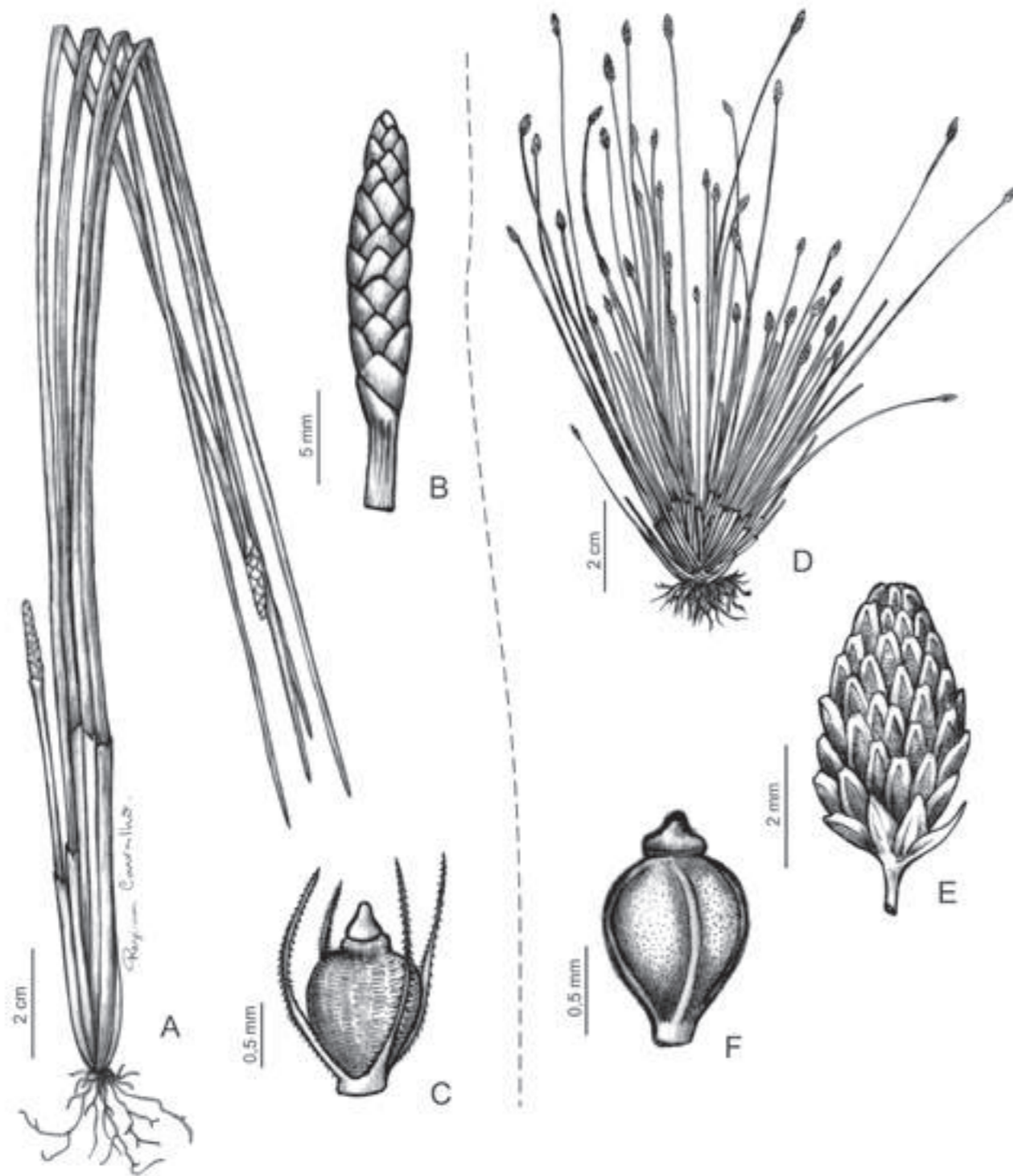


Figura 2. A-C. *Eleocharis mutata* (L.) Roem. & Schult. A. Hábito. B. Espiguetas. C. Aquênio. (A.P. Prata 1310, ASE). D-F. *Eleocharis nigrescens* (Nees) Kunth. D. Hábito. E. Espiguetas. F. Aquênio. (M.R. Fonseca 874, ASE).

Ervas perenes ou anuais, cespitosas ou rizomatosas. Folhas basilares, espiraladas, raramente dísticas; lâminas desenvolvidas, às vezes dorsiventrais, filiformes, margens lisas ou mais frequentemente escabras; bainha foliar longitudinalmente estriada, filiforme, membranácea, glabra, ápice glabro a curtamente ciliado. Escapo ereto, trígono, filiforme, sulcado ou canaliculado, glabro. Brácteas involucrais 1-4, setáceas, foliáceas, glabras, ultrapassando ou não o comprimento da inflorescência. Inflorescência antelóide simples ou composta, pluriespicadas. Espiguetas elípticas, ovoides, lanceoladas, sésseis ou pedunculadas. Glumas glabras, membranáceas, ovado-lanceoladas, carenadas, mucronadas ou não. Flores com 2-3 estames. Aquênio trígono, biconveo, obovóide, superfície rugosa, verrucosa ou tuberculada; estilopódio decíduo.

Este gênero de acordo com Tucker (1987) é formado por cerca de 200 espécies que habitam as regiões tropicais e subtropicais de ambos hemisférios em uma variedade de habitats, com centro de diversidade no sudoeste da África. No Brasil de acordo com Alves *et al.* (2009) são conhecidas 15 espécies deste gênero. Em Sergipe foi verificada a presença de cinco espécies habitando áreas abertas em bordas de matas e áreas alteradas devido à ação antrópica.

Chave para identificação das espécies de *Fimbristylis* de Sergipe

- | | |
|---|--------------------------------|
| 1. Folhas espiraladamente dispostas..... | 2. <i>F. cymosa</i> |
| 1'. Folhas dísticas dispostas..... | 2 |
| 2. Brácteas involucrais menores que a inflorescência..... | 3. <i>F. complanata</i> |
| 2' Brácteas involucrais ao menos a inferior ultrapassando a inflorescência..... | 3 |
| 3. Glumas puberulas..... | 5. <i>F. ferruginea</i> |
| 3'. Glumas glabras..... | 4 |
| 4. Estigma bifido, 2 estames..... | 4. <i>F. dichotoma</i> |
| 4'. Estigma trifido, 3 estames..... | 1. <i>F. autumnalis</i> |

1. *Fimbristylis autumnalis* (L.) Roem. & Schult., Syst. Veg. 2:97. 1817.

Erva anual, cespitosa, ereta. Folhas fibrosas; lâmina desenvolvida, ereta, 13,2-22 x 0,2-0,4 cm, ca. de ½ do escapo, face adaxial estriada longitudinalmente, face abaxial lisa, ápice agudo, margens escabras; bainha 1,5-3,8 x 0,7-1 cm, filiforme, membranácea, glabra, ápice

¹ Universidade Federal de Sergipe, Laboratório de Sistemática Vegetal. Av. Marechal Rondon s/n, Bairro Jardim Rosa Elze, 49100-000 São Cristóvão/SE. E-mail: andersoncs.bio@hotmail.com

agudo. Escapo 30-35 x 0,2 cm, trígono, ereto, sulcado, glabro. Brácteas involucrais 3, 1-3,5 x 0,1-0,2 cm, setáceas, glabras, levemente estriadas, ápice agudo, a inferior ultrapassando a inflorescência. Inflorescência antelóide composto, denso, 1,5-2 x 2-2,5 cm, pluriespicada. Espigueta 0,3-0,6 x 0,2 cm, elíptica, castanho-escura. Glumas glabras, castanho-escuras, imbricadas, côncavas, glabras, carenadas, margens membranosas, base fibrosa, ápice agudo, setáceo. Flor com 3 estames alvos, ca. de 1,8 – 2,0 mm, estilete achatado, estigma trifido, ca. de 0,5 mm, castanho. Aquênio 0,6 – 0,8 x 0,3 – 0,5 mm, trígono, alvo, superfície rugosa proeminente, corpos silicosos presentes, bordos angulares robustos, base tênue, estilopódio caduco.

Comentários: ocorre em zonas temperadas do leste da América do Norte, México, América Central, Antilhas, América do Sul, regiões temperadas, sub-tropicais e tropicais do velho mundo. Sua ocorrência se estende a todas as regiões geográficas do Brasil em campos arenosos abertos, margens de lagos e riachos e bosques. Em Sergipe ocorre em áreas abertas de solo areno-pedregosos.

Material examinado selecionado: **BRASIL. Sergipe:** Areia Branca, XI/2008, *Silva* 255 (ASE); Capela, VI/2007, *A. C. Silva* 88 (ASE); Estância, s.d., *C. Calazans* s.n. (ASE 21950); Pirambu, IV/2006, *A. C. Silva et al.* 02 (ASE); Santa Luzia do Itanhy, VII/1986, *G. Viana* 1547 (ASE).

2. *Fimbristylis cymosa* R.Br., Prodr. Fl. Nov. Holland. 228. 1810.

Erva perene, cespitosa. Folhas menores que 1/2 do escapo; lâmina 3 - 12 x 0,17 – 0,5 cm, estriada longitudinalmente, pardo-amarelada, glabra, alargada na base, margens membranáceas; bainha 0,5 – 1,0 cm de compr., membranácea, estriada longitudinalmente, pardas. Escapo 5 – 23 x 0,15 cm, filiforme, ereto, glabro, canaliculado. Brácteas involucrais 2-4, ca. 1 cm de compr., foliáceas, geralmente não ultrapassando o comprimento da inflorescência. Inflorescência terminal pluriespicada, antelóide, densa, raio ca. 1,5 cm. Espiguetas 0,2 – 0,5 x 0,1 – 0,2 cm, ovóides, geralmente sésseis. Glumas helicoidais, pardas, decíduas, membranáceas, hialinas, carenadas. Flor com 2 estames; estigma bifido, estilete com base alargada, achatada, ca. de 1 mm, glabro. Aquênio 0,6 - 0,8 x 0,4 – 0,6 mm, castanho, obovóide, biconvexo, margens arredondadas, superfície levemente verrucosa, opaca, base tênue, castanha.

Comentários: Ocorre na Bolívia, Estados Unidos (Florida), México, Venezuela, Trinidad e Tobago, Nicaragua, Suriname, América Central, Antilhas, costa tropical e sub-tropical da América do Sul. No Brasil, sua ocorrência se estende às regiões Norte, Nordeste e Suldeste. Em Sergipe ocorre em áreas próximas a mangues e restingas e na Caatinga.

Material examinado selecionado: **BRASIL. Sergipe:** Aracaju, VI/2007, *A. C. Silva* 137 (ASE); Areia Branca, X/2008, *S.M. Costa* 494 (ASE); Barra dos Coqueiros, VII/1980, *M. Fonseca* 387 (ASE); Brejo Grande, II/2009, *S.M. Costa* 540 (ASE); Canindé de São Francisco, VI/2006, *S.M. Costa* 25 (ASE); Indiaroba, XII/2007, *S. M. Costa* 204 (ASE); Japaratuba, VIII/2012, *A.P. Prata*

3327 (ASE); Nossa Senhora da Glória, VI/2013, *A.P. Prata* 3651 (ASE); Pirambu, IV/2006, *A.C. Silva et al.* 01 (ASE); Poço Redondo, IX/2009, *J.E. Nascimento – Júnior* 648 (ASE); Porto da Folha, VIII/2011, *D.G. Oliveira* 294 (ASE); Santa Luzia do Itanhy, VII/1986, *G. Viana* 1542 (ASE); Santo Amaro das Brotas, XII/ 2008, *J.E. Nascimento–Júnior* 491 (ASE); São Cristóvão, VI/2006, *I.C. Lemos et al.* 01 (ASE).

3. *Fimbristylis complanata* (Retz.) Link in Hort. Berol. 1: 292

Erva perene, 20 – 85 cm de compr., rizoma curto coberto por escamas fibrosas castanhas. Folha 1/10 – 1/3 do compr. do escapo; lâmina 2,5 – 22 x 0,6 – 0,8 cm, fibrosa, plana, dorsiventral, glabra, nervura central marcante, ápice agudo; bainha ¼ da lâmina foliar, castanha, fibrosa, glabra. Escapo ereto, 22 – 80 x 0,2 – 0,3 cm, trígono, aplanado, glabro, canaliculado, base castanha. Brácteas involucrais 2 1,5 – 4 x 0,1 – 0,2 cm, menores que a inflorescência, foliáceas, glabras, planas, longitudinalmente estriadas, ápice agudo. Inflorescência 3 – 6 x 2,5 – 7 cm, antelóide composta, raios primários até 6 cm, desiguais, carenados. Espigueta 0,3 – 0,6 x 0,1 – 0,15 cm, lanceolada, pedunculada, ápice agudo, 9-11 floras. Glumas 2,5 – 3,0 x 1,5 – 2 mm, ovado-lanceoladas, membranáceas, glabras, carenadas, múcronadas, ápice agudo. Flor 2-3 mm de compr., estilete ca. de 2 mm de compr, trígono a subcilíndrico, liso. estigma trifido, estames 3, ca. de 1,5 mm, alvos, translúcidos. Aquênio 0,8 – 1 x 0,4 – 0,5 mm, trígono, verrucoso, obovóide, opaco, alvo-amarelado, base larga, ápice arredondado.

Comentários: Distribuição pantropical. México, Argentina, Suriname, Estados Unidos, Paraguai, Austrália, América Central, Antilhas, América do Sul e regiões tropicais e subtropicais do Velho Mundo. Sua ocorrência se estende a todas as regiões geográficas do Brasil ocorrendo comumente em áreas abertas arenosas, savanas, pastagens, áreas perturbadas. Em Sergipe ocorre próximo a rios e riachos ou ainda próximo a áreas de mangue.

Material examinado: **BRASIL. Sergipe:** Aracaju, VIII/2007, *A.C.Silva* 135 (ASE); Areia Branca, XI/2007, *S.M.Costa* 181 (ASE); Itaporanga d'Ajuda, I/2008, *S.M.Costa* 262 (ASE).

4. *Fimbristylis dichotoma* (L.) Vahl, Enum. Pl. 2:287. 1805

Erva perene, 21-58 cm de compr., Folha desenvolvida, ½ do escapo. Bainha persistente, castanha, 2-6 x 0,3-0,8 cm, glabra, fibrosa, margens e ápice membranáceos. Lâmina glabra, 5-30 x 0,2-0,05 cm, estriada longitudinalmente, ápice oblíquo a obtuso. Escapo rígido, ereto, filiforme, estriado, trígono, 21-58 x 0,05-0,3 cm, esverdeado. Brácteas involucrais 1-3, a inferior ultrapassando a inflorescência, 1-8 cm de compr., filiforme, ápice agudo. Inflorescência antelóide terminal, fasciculada, 1-9 cm de compr. Espigueta castanha, elíptica, 0,3-0,6 x 0,2 cm. Gluma glabra, membranácea. Flor com 2 estames, ca. de 2 mm, Estigma bifido, estilete aplanado, ca. de 2 mm, tricomas nas margens, base alargada, achatada. Aquênio 0,8 – 1,2 x 0,6 – 1,0 mm, biconvexo, obovóide - arredondado, opaco,

superfície tuberculada, tubérculos distribuídos horizontalmente pela superfície, corpos silicosos presentes, base castanho – escura, cilíndrica.

Comentários: Pantropical, Argentina, Bolívia, Bulgária, Equador, Guiana, Índia, Nigéria, Panamá, Peru, Romênia e Suriname. Sua ocorrência se estende a todas as regiões geográficas do Brasil. Ocorre nos trópicos e subtropicais do novo e velho mundo em solos areno-pedregosos. Em Sergipe ocorre em áreas abertas de matas, margens de reservatórios aquíferos e apicum de mangue.

Material examinado: **BRASIL. Sergipe:** Aracaju, VIII/2007, S. M. Costa 168 (ASE); Areia Branca, VIII/2008, S.M. Costa 410 (ASE); Capela, VI/2007, A. C. Silva 81 (ASE); Estância, sem data, C. Calazans ASE 21937 (ASE); Lagarto, VIII/2010, L.A.S. Santos 363 (ASE); Poço Redondo, VIII/2006, A.M. Costa 94 (ASE); Santa Luzia do Itanhy, VI/2000, M. Alves et al. 2056 (ASE); São Cristóvão, VII/2006, S.M.Costa 32 (ASE).

5. *Fimbristylis ferruginea* (L.) Vahl, Enum. Pl. 2:291.1805.

Erva perene, 30 - 60 cm de compr., rizoma curto, folhas curtas cobrindo a base. Folha 1/2 - 2/3 do compr. do escapo, castanha, margens inteiras; lâmina 5 - 23 x 0,4 - 0,7 cm, plana, dorsiventral, côncava, envolvendo a base do escapo; bainha 1/8 - 1/10 do compr. da lâmina, opaca, glabra. Escapo ereto, 31 - 53 x 0,2 - 0,4 cm, castanho - esverdeado, canaliculado, longitudinalmente sulcado, glabro. Brácteas involucrais 1-3, 2 - 2,5 x 0,1 - 0,2 cm, inferior geralmente ultrapassando a inflorescência, ereta, carenada. Inflorescência 2 - 2,5 x 1 - 1,2 cm, antelóide, simples ou raramente composta, 5 - 7 raios cada um contendo 1 - 3 espiguetas, raios 1,5 - 2 mm de compr., bractéolas na base da espiguetas. Espiguetas 0,5 - 1 x 0,2 - 0,4 cm, lanceolada a elíptica, cilíndrica, castanha, subaguda, 6 - 10 espiguetas por inflorescência, 28 - 45 flores. Gluma 2,5 - 4 x 2 - 3 mm, decídua, ovada, côncava, arredondada, ápice puberulento, carenada, obtusa. Flor 3 estames; estilete 2,5 - 3 mm de compr., pardo-amarelado, plano, margens densamente fimbriadas, base dilatada, estigma (2), 1/2 do estilete, marrom-avermelhado. Aquênio 1,2 - 1,5 x 0,8 - 1,0 mm, lenticular - obovado, apiculado, desigualmente biconvexo, ápice arredondado, base obtusa.

Comentários: Pantropical, Austrália, Guiana, América do Sul. No Brasil, sua ocorrência se estende às regiões Nordeste e Sudeste. Muito comum em solos inundados próximos ao litoral. Em Sergipe ocorre em solo arenoso em área antropizada.

Material examinado selecionado: **BRASIL. Sergipe:** Aracaju, VIII/2007, S.M. Costa 168 (ASE); Itaporanga d'ajuda, I/2008, S.M.Costa 266 (ASE).

8. *Fuirena* Rottb.

Ana Paula do Nascimento Prata¹

Maria Gabriela López²

8.1. *Fuirena umbellata* Rottb., Desc. Icon. Rar. Pl.:70. 1773.

Planta perene (20-)60-130 de alt., com rizoma espessado. Caule ereto pentaangular. Folhas basilares e caulinares; bainha alongada, subinflada, lígula presente, membranácea, curtamente ciliada; lâmina linear lanceolada, (4-)6-27 x 0,4-1,8 cm, superfície abaxial lisa, adaxial lisa a hispida, margens escabras, ápice agudo ou atenuado. Brácteas involucrais foliáceas. Inflorescência em panícula terminal e séries de 1-3 panículas laterais com espiguetas agrupadas no topo dos ramos. Espiguetas ovoides 4-8 x 1,5-2,5 mm. Glumas obovadas, 2-2,5 x 1-1,5mm, hispida, carena trinérvea prolongada até o ápice, múcron recurvado. Flor com verticilo simples de 3 cerdas hipoginais; estames 2-3, anteras 0-5-1mm compr., apiculadas. Aquênio ovóide apiculado, ±1,25, lados côncavos estipitado, ângulos espessados, superfície reticulada, ápice liso ou distalmente papilado.

Comentários: Citada para o México, América Central, Índias Ocidentais, América do Sul, África, Ásia, Malésia, Austrália e Ilhas do Pacífico. No Brasil ocorre em todas as regiões em áreas alagadas e geralmente antropizadas, formando grandes touceiras.

Material examinado: BRASIL. Sergipe: Aracaju, VII/2007, Silva 119 (ASE); Areia Branca, III/1982, E. Gomes 10 (ASE); Barra dos Coqueiros, XII/2008, J.E. Nascimento - Júnior 438 (ASE); Capela, XI/2012, L.M.S. Melo 73 (ASE); Estância, V/2010, V. Santos 45 (ASE); Itabaiana, I/1975, A.C.C. Barreto ASE 271 (ASE); Itaporanga d' Ajuda, IV/2008, A.P. Prata 1414 (ASE); Japarutuba, XII/2012, A.P. Prata 3487 (ASE); Lagarto, II/2007, A.P. Prata 1383 (ASE); Pirambu, II/1983, M.C. Santana 176 (ASE); Poço Redondo, X/2009, S.M. Costa 603 (ASE); Santa Luzia do Itanhy, VI/2000, M. Alves 2054 (ASE); São Cristóvão, III/2010, L.A.S. Santos 107 (ASE); São Domingos, IV/2006, A.P. Prata 1212 (ASE).

¹ Universidade Federal de Sergipe, Departamento de Biologia, Laboratório de Sistemática Vegetal. Av. Marechal Rondon s/n, Bairro Jardim Rosa Elze, 49100-000 São Cristóvão/SE. E-mail: apprata@yahoo.com.br

² Facultad de Ciencias Agrárias, Instituto de Botánica Del Nordeste. C.C. 209. 3400. Corrientes Argentina. E-mail :mglopez@agr.unne.edu.ar

9. *Kyllinga* Rottb.

Suzana Maria Costa¹
Ana Paula do Nascimento Prata²
Marccus Alves³

Ervas rizomatosas ou cespitosas, até 50 cm alt., raízes fraca a fortemente aromáticas. Folhas com lâminas desenvolvidas ou reduzidas à bainha; bainha glabra; lâmina 1-4 mm larg., linear, lisa ou escabra nas margens e/ou face abaxial da nervura central, ápice acuminado. Escapo ereto, trígono a irregularmente cilíndrico, glabro. Brácteas involucrais 2-4, foliáceas, 1-4 mm larg., margem lisa ou escabra. Inflorescência terminal, capitada, globosa, oval ou cilíndrica, 1-4(5) espigas; ráquis cilíndrico ou cônico, oculto pelas espiguetas densamente dispostas em espiral; pedicelo desenvolvido ou não. Espigueta uniflora ou raramente biflora, elíptica, lanceolada, ovada ou obovada. Bráctea inconspícua e perfilo presentes. Glumas 2 (3), dísticas, naviculares, brancas a paleáceas, mucronadas; carena lisa ou escabra, alada ou não. Estames 1-2. Estigma bifido. Aquênio até 1,5 mm compr., lenticular, obovado, circular ou elíptico, verde (imaturo) a marrom ou preto (maduro).

Distribuição pantropical, com maior riqueza na África; ca. 50 espécies. No Brasil e em Sergipe, há registros de seis espécies, amplamente distribuídas nas formações vegetacionais. Habita solos de diferentes tipos, úmidos a encharcados, e ambientes antropizados. Distinguem-se pela inflorescência terminal capitada, espigueta geralmente uniflora, aquênio lenticular e estigma bifido. Estes últimos caracteres reunidos diferem de gêneros próximos, como *Cyperus* L. e *Pycnus* P.Beauv. Suas espécies podem ser encontradas em estágio reprodutivo em todos os meses do ano, a depender de condições ambientais favoráveis. Descrições mais detalhadas e pranchas ilustrativas de todos os táxons aqui apresentados estão disponíveis em Costa *et al.* (2012).

Chave para identificação das espécies de *Kyllinga* de Sergipe

1. Espiguetas com glumas aladas..... 2
2. Plantas rizomatosas. Inflorescência branca. Espiguetas irregularmente obovadas, glumas com alas restritas à porção mediana e apical da carena..... **2. *K. nemoralis***
- 2'. Plantas cespitosas. Inflorescência esverdeada. Espiguetas lanceoladas a ovais, glumas

¹ Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP, Instituto de Biologia, Depto. de Biologia Vegetal. Cidade Universitária Zeferino Vaz, Rua Monteiro Lobato, 255 - Campinas - SP - Brasil - CEP 13083-862. suzanamscosta@yahoo.com.br

² Universidade Federal de Sergipe. Depto. de Biologia. Campus Universitário Professor Aloísio de Campos, 49100-000, São Cristóvão, SE, Brasil.

³ Universidade Federal de Pernambuco, Centro de Ciências Biológicas, Depto. Botânica. Laboratório de Morfo-Taxonomia Vegetal. Av. Prof. Moraes Rego, s/n, Cidade Universitária, Recife, Pernambuco, Brasil. CEP: 50670-901.

- com alas irregulares por todo comprimento da carena..... **5. *K. squamulata***
- 1'. Espiguetas com glumas não aladas..... 3
3. Plantas geralmente cespitosas ou apresentando rizoma com entrenós inconspícuos muito curtos.....4
4. Inflorescência branca; ráquis ápice agudo; glumas com carena lisa..... **3. *K. odorata***
- 4'. Inflorescência esverdeada; ráquis com ápice "truncado"; carena escabra..... **4. *K. pumila***
- 3'. Plantas rizomatosas, com entrenós evidentes..... 5
5. Plantas com folhas de lâminas sempre desenvolvidas; brácteas com comprimentos desiguais; bráctea inferior ereta, mais comprida que as demais e assemelhando-se a continuação do escapo..... **1. *K. brevifolia***
- 5'. Plantas com folhas geralmente reduzidas à bainha; brácteas com comprimentos semelhantes, sem essa combinação de caracteres..... **6. *K. vaginata***

1. *Kyllinga brevifolia* Rottb., Descr. Icon. Rar. Pl. 13, Pl. 4, f. 3. 1773.

Erva rizomatosa, 15-40 cm alt.; rizoma 2-3 mm larg. Bainha 2-6 cm compr. Lâmina foliar 4-10 x 0,1-0,2 cm, margem e superfície abaxial da nervura central esparsamente escabra. Escapo 8-40 x 0,1 cm, trígono. Brácteas involucrais 3-4, 5-10 cm compr., margem e superfície abaxial da nervura central esparsamente escabras; bráctea inferior freqüentemente mais longa e ereta. Inflorescência 3-6 mm diâm., globosa, verde, ca. 50 espiguetas; espigas laterais 0-3, inconspícuas; ráquis 0,5-0,8 mm diâm. na base, cônico, pedicelo pouco desenvolvido. Espigueta 2-3 x 1 mm, lanceolada, uniflora. Gluma 2-3 x 2 mm, elíptica a lanceolada, ca. 6 linhas submargnais longitudinais, mucronada, ca. 0,3 mm; carena verde, escabra, 5-8 acúleos. Estames 1-2. Aquênio 1-1,3 x 0,5-0,7 mm, obovóide, verde (imaturo) a preto (maduro).

Kyllinga brevifolia apresenta distribuição Pantropical (Luceño et al. 1997). Em Sergipe, é encontrada no domínio da Mata Atlântica (Restinga e Manguezais), em diferentes níveis de antropização. Difere das demais espécies de hábito rizomatoso por possuir espiga globosa, verde e geralmente única.

Material selecionado: **BRASIL. Sergipe:** Aracaju, VIII/2007, fl.fr., A.C. Silva et al. 126 (ASE); São Cristóvão, VII/2006, fl.fr., S.M. Costa 30 (ASE); São Cristóvão, V/2007, fl.fr., S.M. Costa 140 (ASE).

2. *Kyllinga nemoralis* (J.R. Forster & G. Forster) Dandy ex Hutchinson & Dalziel, Fl. W.

Erva rizomatosa, 10 cm alt.; rizoma ca. 3 mm larg. Bainha 0,5-1 mm. Lâmina 2-10 x 0,2 cm, margem e superfície abaxial da nervura central esparsamente escabras. Escapo 3-4 x 0,1 cm, trígono. Brácteas involucrais 3-4, 1-4 cm larg., margem e face abaxial da nervura central esparsamente escabras. Inflorescência 0,7 x 0,5 cm diâm., oval, branca, ca. 100 espiguetas; ráquis cônico, ca. 0,3 cm diâm. na base, pedicelo não desenvolvido. Espigueta 2,5-3 x 1-1,5 mm, oboval a irregularmente oboval, uniflora. Gluma 2,5-3,0 x 1,5 mm, elíptica a oboval, ca. 6 linhas submarginais longitudinais, mucronada; carena alada, escabra, 8-14

acúleos, ápice verde. Estames 2. Aquênio 1-1,5 x 0,5-0,7 mm, elipsóide, verde (imaturado) a marrom (maduro).

Kyllinga nemoralis ocorre nos trópicos do Velho Mundo e foi provavelmente introduzida na América (Luceño et al. 1997). Em Sergipe ocorre somente em áreas verdes urbanas. Diferencia-se das outras espécies rizomatosas pelo formato oboval de sua espiguetas, derivado do posicionamento apical das alas nas glumas. Além de *K. nemoralis*, apenas *K. squamulata* possui glumas aladas, mas nesta espécie o hábito é cespitoso, as espiguetas são lanceoladas a ovais e as alas das glumas apresentam margem irregular.

Material selecionado: **BRASIL. Sergipe:** Aracaju, X/2007, fl.fr., S.M. Costa 171 (ASE).

3. *Kyllinga odorata* Vahl, Enum. Pl. 2: 385. 1805.

Erva cespitosa, raro rizomatosas, 10-45 cm alt. Bainha 0,5-10 cm. Lâmina foliar 5-30 x 0,3 cm, margem e face abaxial da nervura central esparsamente escabras. Escapo 10-45 x 0,1-0,3 cm, trígono. Brácteas involucrais 2-5 (6), 5-20 cm, margem e superfície abaxial da nervura central esparsamente escabras. Inflorescência 0,5-2 x 0,7 cm, raro globosa ou oblongo-cilíndrica, alva, ca. 200 espiguetas; espigas laterais 1-3 (4), -0,7 cm compr.; ráquis cilíndrico, 0,8 mm diâm., pedicelo não desenvolvido. Espiguetas uniflora: 2,5-3 x 1 mm, lanceolada; glumas 2, 2,5-3 x 2 mm, oboval a lanceolada, 4 - 6 linhas submarginais longitudinais, mucronada, múcron - 0,3 mm; carena lisa, sutilmente esverdeada em alguns espécimes. Espiguetas biflora: 3 x 2 mm, oval; gluma 3, 2,5-3 x 1 mm., oboval a lanceolada, ca. 8 linhas submarginais longitudinais, mucronada; carena lisa, paleácea ou sutilmente esverdeada. Estames 2. Aquênio 1 x 1 mm, obovóide, verde (imaturado) a preto (maduro).

Kyllinga odorata apresenta distribuição Pantropical (Adams 1994; Luceño et al. 1997). Em Sergipe é encontrada nos domínios da Mata Atlântica e Caatinga, em áreas antropizadas. Distingue-se das demais espécies por possuir espigas geralmente cilíndricas, alvas e por suas glumas de carena lisa e sem alas.

Material selecionado: **BRASIL. Sergipe:** Aracaju, VI/2007, fl.fr., S.M. Costa 148 (ASE); Areia Branca, IX/2008, fl.fr., S.M. Costa et al. 459 (ASE); Canindé de São Francisco, II/2010, fl.fr., A.P. Prata et al. 2237 (ASE); Cedro de São João, VIII/2010, fl.fr., I.R.N. Menezes et al. 130 (ASE); Estância, VIII/2010, fl.fr., C. Calazans s/n (ASE 21965); Itabaiana, IX/2006, fl.fr., S.M. Costa et al. 123 (ASE); Itaporanga d`Ajuda, I/2008, fl.fr., S.M. Costa 246 (ASE); Lagarto, VIII/2010, fl.fr., A.P. Prata 2332 (ASE); Poço Redondo, VII/2009, fl.fr., D.S. Melo, D.S. 34 & W.J. Machado (ASE); Riachão do Dantas, VI/1982, fl.fr., E.Gomes 67 (ASE); Salgado, VII/1982, fl.fr., G.Viana 567 (ASE); Santa Luzia do Itanhy, III/2010, fl.fr., A.G. Matos 16 (ASE); São Cristóvão, VI/2006, fl.fr., S.M. Costa 10 & I.C. Lemos (ASE); Simão Dias, VIII/2010, fl.fr., A.P. Prata et al. 2418 (ASE).

4. *Kyllinga pumila* Michx., Fl. Bor.-Amer. 1: 28-29. 1803.

Erva cespitosa, 20-50 cm alt. Bainha 3-8 cm. Lâmina 3-15 x 0,3 cm, margem escabra e

superfície abaxial da nervura central escabra na porção apical. Escapo 10-25 x 0,1 cm, trígono. Brácteas involucrais 3-4, 2-15 cm, margem escabra e face abaxial da nervura central escabra na porção apical. Inflorescência 0,5 x 0,5 cm, oval a globosa, verde, ca. 150 espiguetas; espigas laterais 1-2, inconspícuas; ráquis cilíndrico, ca. 1 mm diâm. na base, pedicelo pouco desenvolvido. Espiguetas 3 x 1 mm, lanceolada a elíptica, uniflora. Gluma 3 x 1 mm, oboval a lanceolada, ca. 8 linhas submarginais longitudinais; carena escabra, 7-8 acúleos, verde, mucronada. Estames 2. Aquênio 1 x 0,7 mm, oblongo-obovóide, verde-amarelado (imaturado).

Kyllinga pumila ocorre nos trópicos e subtropicais da África e América (Luceño et al. 1997). Em Sergipe, foi encontrada no domínio da Mata Atlântica, em fragmento antropizado de mata. Diferencia-se de *K. brevifolia*, espécie com a qual pode ser confundida, por suas glumas densamente escabras e hábito cespitoso.

Material selecionado: **BRASIL, Sergipe:** Capela, VI/2007, fl.fr., A.C. Silva 80 & K.C.S. Texeira, (ASE); Itabaiana, IX/2006, fl.fr., S.M. Costa et al. 120 (ASE).

5. *Kyllinga squamulata* Thonn. ex Vahl, Enum.Pl. 2: 381. 1805.

Erva cespitosa, ca. 30 cm alt. Bainha - 4 cm. Lâmina 3-15 x 0,2 cm, margem e face abaxial da nervura central esparsamente escabras. Escapo 4-20 x 0,1 cm, irregularmente cilíndrico. Brácteas involucrais 3-4, 3-10 cm, margem e face abaxial da nervura central esparsamente escabras. Inflorescência 5 x 5 mm, globosa a oval, verde, 40-60 espiguetas; espiga secundária 0-1, inconspícuas; ráquis cônico, ca. 1 mm diâm. na base, pedicelo desenvolvido. Espiguetas 3- 4 x 3-4 mm, lanceolada a oval, uniflora. Gluma 3-4 x 1,5-2 mm, oval-lanceolada; carena alada, alas escabras de margem irregular. Estames 2. Aquênio 1,5 x 1,5 mm, ovóide a circular, verde (imaturado) a castanho (maduro).

Kyllinga squamulata distribui-se pelos trópicos do Velho Mundo, de onde é nativa, e é considerada introduzida na América, ocorrendo na Flórida, algumas ilhas do Caribe e Brasil (Luceño et al. 1997). Em Sergipe é encontrada em áreas de Caatinga e Mata Atlântica antropizadas. É facilmente identificável pelas alas irregulares de suas espiguetas visíveis a olho nu.

Material selecionado: **BRASIL. Sergipe:** Aracaju, VIII/2007, fl.fr., S.M. Costa et al. 163 (ASE); Areia Branca, X/2008, fl.fr., S.M. Costa 496 (ASE); Itaporanga d`Ajuda, VIII/2008, fl.fr., A.P. Prata 1436 (ASE); Poço Redondo, VIII/2006, fl.fr., A.P. Prata et al. 1334 (ASE); Santa Luzia do Itanhy, VIII/2011, fl.fr., A.P. Prata et al. 2708 (ASE); São Cristóvão, VI/2006, fl.fr., I.C. Lemos 2 & S.M. Costa (ASE).

6. *Kyllinga vaginata* Lam., Tabl. Encycl. 1: 148. 1791.

Erva rizomatoza, 10-40 cm alt. Rizoma 0,3-0,5 cm larg. Folhas geralmente reduzidas a bainhas. Bainhas 1-9 cm. Lâmina foliar 0-5 x 0-0,4 cm, margem e face abaxial da nervura central escabros. Escapo 5-40 x 0,1-0,2 cm, trígono. Brácteas involucrais 2-4, 1-4 cm compr.,

margem e face abaxial da nervura central esparsamente escabros. Inflorescência 0,5-1,3 x 0,3-0,7 cm, globosa a oval, verde, 50 – 250 espiguetas; espigas laterais 0-3, -0,5 cm diâm.; ráquis cônico, 1-2 mm diâm. na base, pedúnculo desenvolvido. Espiguetas 2-3 x 1 mm, uniflora, lanceolada a elíptica. Gluma 2-3 x 2 mm, oboval, ca. 6-8 linhas submarginais longitudinais; carena esverdeada, com (0) 2-6 acúleos, mucronada. Estames 2. Aquênio 1 x 0,5 mm, obovóide a oblongo, verde (imaturo) a negro (maduro).

Kyllinga vaginata distribui-se pela América Central e regiões tropicais e temperadas da América do Sul (Adams 1994; Luceño et al. 1997). Em Sergipe, foi encontrada nos domínios da Mata Atlântica e na região de ecótono entre os domínios da Mata Atlântica e Caatinga. Distingue-se das demais espécies por apresentar hábito rizomatoso e por possuir folhas, em geral, somente com bainhas.

Material selecionado: **BRASIL. Sergipe:** Aracaju, VIII/2007, fl.fr., S.M. Costa et al. 157 (ASE); Areia Branca, XI/2007, fl.fr., S.M. Costa 178 & J.E. Nascimento - Júnior (ASE); Barra dos Coqueiros, XII/2008, fl.fr., J.E. Nascimento - Júnior 428 & T.V.P. Dantas (ASE); Brejo Grande, II/2009, fl.fr., S.M. Costa 536 (ASE); Estância, 08/X/1993, fl.fr., J.G. Jardim et al. 318 (ASE); Itabaiana, IV/1991, fl.fr., M.L. Santos 86 (ASE); Itaporanga d`Ajuda, I/2008, fl.fr., S.M. Costa 247 (ASE); Pirambu, XII/1976, fl.fr., M. Fonseca 413 (ASE); Santo Amaro das Brotas, XII/2008, fl.fr., J.E. Nascimento - Júnior 489 & T.V.P. Dantas (ASE); São Cristóvão, II/2008, fl.fr., S.M. Costa 301 & C. Calazans (ASE);

10. *Lagenocarpus* Nees

Suzana Maria Costa¹

Ivan Cardoso Lemos Junior²

Ana Paula do Nascimento Prata³

Erva rizomatosa ou estolonífera. Lâminas foliares basais, glabras ou pilosas, lineares a lanceoladas, escabras nos bordos e/ou na nervura central. Escapo trigono, glabro ou piloso, ereto. Brácteas foliáceas, diminuindo da base para o ápice; bainha de coloração diferenciada, com contralígula. Inflorescência paniculiforme ou dispostas em fascículos; em geral, paracládios masculinos mais basais e femininos terminais [exceto em *L. inversus*], às vezes paracládios bissexuados, pendentes ou eretos. Espiguetas unissexuadas; espiguetas masculina pauci a multiflora; espiguetas feminina uniflora. Gluma mucronada ou não, pilosa ou glabra, margem lisa ou ciliada. Flores unissexuadas; anteras 1 (2 ou 4-5), apiculadas ou não; estigma 3-fido, raro 4 ou 5-fido. Aquênio circular a trigono; superfície pontuada, lisa ou rugosa, trilobado, trissulcado ou levemente sulcado na base, ovado a obovado; escamas hipoginas 3, inconspícuas, margem glabra ou ciliolada.

O gênero ocorre na América tropical, exceto região Andina, e engloba 16 espécies (Alves et al. 2009). No Brasil há registros de 16 espécies, das quais três estão registradas para Sergipe; estas ocorrem em áreas de Mata Atlântica e Agreste (ecótono Caatinga-Mata Atlântica), em solos arenosos e geralmente hidromórficos.

O gênero apresenta circunscrição controversa: Koyama (2004) considera *Lagenocarpus* incluindo *Cryptangium*, num total de 26 espécies, enquanto Vitta (2005) defende *Cryptangium* e *Lagenocarpus* como gêneros distintos. Entre as espécies encontradas em Sergipe, apenas uma pertenceria a *Cryptangium sensu* Vitta (2005), *C. verticillatum* [= *L. verticillatus*], já as demais permanecem em *Lagenocarpus* (*L. guianensis* e *L. rigidus*). Mas na lista apresentada por Alves et al. (2009), teoricamente seguindo proposta de Vitta (2005), *Cryptangium verticillatum* aparece como *Lagenocarpus verticillatus*, tornando dúvida a circunscrição adotada. Vitta (2005) é uma tese de doutorado, e, embora seja de uso generalizado em trabalhos recentes com a família no Brasil, não é considerada uma publicação efetiva. Ainda que reconhecendo a necessidade de maiores estudos no gênero, o presente trabalho segue Vitta (2005) quanto a circunscrição das espécies e Alves et al. (2009) em relação a inserção dessas espécies nos gêneros.

Chave para identificação das espécies de *Lagenocarpus* de Sergipe

¹ Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Biologia. Rua Monteiro Lobato, 255, Cidade Universitária, CEP 13083-862 - Campinas, SP. Email: suzanamcosta@gmail.com

² Universidade Federal da Bahia, Instituto de Geociências, Rua Barão de Jeremoabo, s/n, Campus Ondina, CEP 40210-340 - Salvador, BA. Email: ivanjunior-bio@hotmail.com

³ Universidade Federal de Sergipe, Centro de Ciências Biológicas e da Saúde. Cidade Universitária Professor Aloísio de Campos, Rosa Elze, CEP 49100-000 - São Cristóvão, SE. Email: aprata@yahoo.com

1. Erva com até 40 cm de altura; paracládios de aspecto verticilado; aquênio com superfície pontuada, base com três concavidades **3. *L. verticillatus***
- 1'. Erva com mais de 40 cm de altura; paracládios de aspecto paniculiforme; aquênio com superfície rugosa ou lisa, longitudinalmente sulcado ou com concavidades apenas na base.....**2**
2. Paracládios masculinos pendentes; aquênio de superfície rugosa, longitudinalmente sulcado, porção apical geralmente diferenciada por dessecação do fruto**2. *L. rigidus***
- 2'. Paracládios masculinos eretos; aquênio com superfície lisa, porção apical não diferenciada por dessecação **1. *L. guianensis***

1. *Lagenocarpus guianensis* Nees, Linnaea 9: 304. 1834.

Erva estolonífera, -2 m alt. Lâminas foliares 40-70 x 1,2-1,5 cm, glabras, lanceoladas. Escapo -90 x 0,9 cm, ereto. Brácteas 0,7-47 x 0,1-1,5 cm; bainha 1-6,5 cm compr. Inflorescência 1,5-6,5 x 0,1-2 cm, paniculiforme, marrom-avermelhada, -4 nós basais estéreis, 0-4 nós com paracládios masculinos, eretos; demais nós com paracládios femininos, eretos. Espigueta masculina 5-6 glumas. Espigueta feminina 5 glumas. Gluma 3,5-4 mm, mucronada e coriácea (mais externas) a não-mucronada e membranosa (mais internas), pilosa, ciliada nos bordos. Antera única, -0,5 mm. Estigma e estilete 2-3 mm. Aquênio -3 x 2 mm, ovóide, secção transversal circular, superfície lisa, estipitado, às vezes levemente sulcado na base.

Comentários: Ocorre desde a América Central até o sudeste do Brasil (Vitta 2005). Em Sergipe ocorre em ambiente de solo arenoso hidromórfico de restinga e brejos, nas regiões litorânea e central do Estado. Esta espécie é frequentemente confundida com *L. rigidus* devido a seu porte e tipo de inflorescência. Entretanto, em *L. rigidus* os paracládios masculinos são pendentes enquanto que em *L. guianensis* são eretos; adicionalmente, a superfície do aquênio em *L. guianensis* é lisa e, com pouca frequência, apresenta sulcos restritos à porção basal do fruto.

Material selecionado: **BRASIL. Sergipe:** Areia Branca, *I.R.N. Menezes et al. 60*, fl. fr., I/2010 (ASE); Japarutuba, *I.R.N. Menezes et al. 93*, fl. fr., V/2010 (ASE); Pirambu, *A.P. Prata et al. 1183*, fl. fr., IV/2006 (ASE); São Cristóvão, *S.M. Costa & C. Calazans 304*, fl. fr., II/2008 (ASE).

2. *Lagenocarpus rigidus* (Kunth) Nees in Mart., Fl. Bras. 2(1): 167. 1842.

Erva rizomatoza, -1 m alt. Lâminas foliares 40-71 x 0,5-2 cm, glabras, lanceoladas. Escapo 65-110 x 0,3-0,5 cm, ereto. Brácteas 5,1-39,5 x 0,3-0,8 cm; bainha 1-6,5 cm compr. Inflorescência 4,7-14 x 2,4-6,3 cm, paniculiforme, castanha; 3-4 nós basais estéreis; 2-3 (4-5) nós com paracládios masculinos, pendentes; demais paracládios terminais femininos, eretos; raramente apenas paracládios femininos após nós estéreis. Espigueta masculina 3-6 glumas. Espigueta feminina 4-5 glumas/flor. Glumas 3-4 x 2 mm, mucronada, ciliada nos bordos. Antera 2-3, 1,5-2 mm compr., apiculadas, filete 2-2,5 mm. Estigma e estilete 3-4 mm. Aquênio 2-3 x 1 mm, elíptico, secção transversal circular, superfície rugosa, estipitado, 3 sulcos longitudinais.

Comentários: Ocorrem em Cuba, Venezuela, Guiana, Suriname, Colômbia, Guiana Francesa e Brasil (todas as regiões) (Vitta 2005). Em Sergipe ocorre em fitofisionomias campestres e arbustivo-arbóreas, solos arenosos hidromórfico, nas regiões litorânea e central do Estado. *Lagenocarpus rigidus* distingue-se seu porte, pelo aspecto pendente dos paracládios masculinos e superfície rugosa do aquênio.

Material selecionado: **BRASIL. Sergipe:** Areia Branca, *M. Fonseca 615*, fl. fr., IV/1978 (ASE); Estância, *T. Carregosa-Silva et al. 120*, fl. fr., XII/2010 (ASE); Indiaroba, *A.P. Prata et al. 2828*, fl. fr., VIII/2011 (ASE); Pirambu, *M. Fonseca s.n.*, fl. fr., IX/1978 (ASE 653); Santo Amaro das Brotas, *M. Fonseca & M. Menezes s.n.*, fl. fr., IV/1978 (ASE 602).

3. *Lagenocarpus verticillatus* (Spreng.) Koyama & Maguire, Mem. New York Bot. Gard. 12(3): 49. 1965.

Erva curto-rizomatoza, -40 cm alt. Lâminas foliares 16-27 x 0,2-0,3 cm, lanceoladas, margem ciliada na base. Escapo 39-54 x 0,1 cm, pendente. Brácteas 2-18,2 x 0,1-0,3 cm; bainha 0,6-2,2 cm compr. Inflorescência 1-6,3 x 1-4,3 cm, disposta em fascículos, marrom; nós estéreis ausentes; 0 ou 4-6 nós com paracládios masculinos basais, pendentes; 1-2 ou 5-4 nós com paracládios bissexuados intermediários; 2 ou 4-6 nós com paracládios femininos; raramente paracládios femininos basais. Espigueta masculina 5-8 glumas. Espigueta feminina 3 glumas. Gluma 1-2 mm, mucronada, margem lisa. Antera 2, 1-1,5 mm compr., apiculadas. Estilete e estigma 5-6 mm. Aquênio -2 x 1 mm, obovóide, trígono, superfície pontuada, estipitado, trissulcado na base.

Comentários: Ocorre na Venezuela, Suriname e Brasil (Regiões Norte, Nordeste e Sudeste) (Vitta 2005). Em Sergipe ocorre em ambientes de restinga, tabuleiros arenosos, solos de areia branca e amarela, nas regiões litorânea e central do Estado. *Lagenocarpus verticillatus* é facilmente distinta de *L. rigidus* e *L. guianensis* pelo porte mais delicado (com até 40 cm alt.) e paracládios com aspecto verticilado; além de apresentar aquênio de superfície pontuada e base com 3 concavidades.

Material selecionado: **BRASIL. Sergipe:** Areia Branca, *S.M. Costa & J.E. Nascimento-Júnior 173*, fl. fr., XI/2007 (ASE); Indiaroba, *A.P. Prata et al. 2798*, fl. fr., VIII/2011 (ASE); Itabaiana, III/1978, fl. fr., *A.C.C. Barreto s.n.* (ASE 573); Itaporanga d'Ajuda, *S.M. Costa 241*, fl. fr., I/2008 (ASE); Pirambu, *M. Fonseca s/n*, fl. fr., XI/1077 (ASE 500); Santo Amaro das Brotas, *M. Landim 1184*, fl. fr., IV/1997 (ASE).

11. *Lipocarpa* R.Br.

Ana Paula do Nascimento Prata¹

Maria Gabriela López²

Plantas geralmente anuais, cespitosas ou rizomatosas. Caule ascendente, cilíndrico, glabro. Folhas geralmente mais curtas que o caule, achatadas, glabras. Brácteas involucrais foliformes, desiguais, a inferior de maior comprimento. Inflorescência capituliforme terminal ou pseudolateral pela posição erguida da bráctea involucral inferior, constituída por uma ou várias espigas ovóides ou globosas. Espigas 20- multifloras. Espiguetas 5-várias por inflorescência. Glumas presentes ou ausente, quando presente disposta em espiral, caducas, as inferiores (1-2) estéreis, as demais sustentando uma flor; glumelas 2, paralelas a gluma, livres, envolvendo a flor (o fruto se desprende envolto nelas). Flores bissexuadas, perianto ausente; estames 1-2; estilete trifido, decíduo. Aquênio trígono, superfície reticulada a papilosa.

Este gênero é constituído por 35 espécies pantropicais e de regiões temperadas frias (Goetghebeur & Van den Borre 1989). Para o Brasil Alves *et al.* citam a ocorrência de quatro espécies, das quais três ocorrem em Sergipe.

Chave para identificação das espécies de *Lipocarpa* de Sergipe

1. Inflorescência pseudolateral, bráctea inferior ereta, parecendo uma continuação do caule, estilete bífido, glumas ausentes.....**2. L. micrantha**
- 1' Inflorescência terminal, brácteas patentes ou reflexas; estilete trifido, glumas presentes, desenvolvidas.....**2**
2. Plantas perenes, 30-80 cm alt. Inflorescência castanho clara a pálida, 2 estames.....**1. L. humboldtiana**
- 2' Plantas anuais, menores que 30 cm de alt., Inflorescência arroxeadas, 1 estame.....**3. L. salzmaniana**

11.1. *Lipocarpa humboldtiana* Nees, Linnaea 9:287. 1834.

Ervas perenes, 40-70 cm alt., cespitosas. Folhas basilares; lâminas filiformes, glabras, ápice agudo; bainhas estriadas na base. Escapo cilíndrico, glabro. Brácteas involucrais 2-3 ascendentes, filiformes. Inflorescência capitada formadas por 1 espiga central maior e duas laterais, ovóides, obtusas, sésseis, multifloras. Espiguetas bissexuadas, glumas imbricadas. Glumas obovadas, trinérveas, esbranquiçadas a palhetes, ápice arredondado; glumelas 2, membranáceas. Aquênio 1-1,5x0,2-0,4 mm, oblongos, superfície papilosa,

¹ Universidade Federal de Sergipe, Departamento de Biologia, Laboratório de Sistemática Vegetal. Av. Marechal Rondon s/n, Bairro Jardim Rosa Elze, 49100-000 São Cristóvão/SE. E-mail: apprata@yahoo.com.br

² Facultad de Ciencias Agrárias, Instituto de Botánica Del Nordeste. C.C. 209. 3400. Corrientes Argentina. E-mail :mglopez@agr.unne.edu.ar

base atenuada, quando maduros se desprendem junto com as glumelas.

Comentários: Ocorre do Sul do México a Colômbia e Guianas a Peru, Bolívia, Brasil, Uruguai e Argentina. No Brasil ocorre em todas as regiões. Em Sergipe foi encontrada em áreas abertas, úmidas. A espécie é de fácil reconhecimento pela inflorescência clara com glumas esbranquiçadas a palhetes.

Material examinado: **BRASIL. Sergipe:** Estância, VIII/2010, C. Calazans s.n. (ASE 21960); Indiaroba, VIII/2011, A.P. Prata 2821 (ASE).

11.2. *Lipocarpa micrantha* (Vahl) G.C.Tucker, J. Arnold Arbor.: 68: 410 (1987).

Erva cespitosa (2-) 9-25 cm. Lâmina foliar 0,5-7,0 cm x 0,7-1,1 mm. Bainha 0,5-2,2 cm compr. Brácteas de 1ª ordem 1-2, a mais longa ereta parecendo ser a continuação do escapo. Inflorescência pseudolateral, composta. Bráctea da espiguetas 0,6-0,8 x 0,3-0,4 mm, mucronada, obovada a oblanceolada, ápice agudo, obtuso ou arredondado, decídua, parda a vinácea nas margens, verde, parda ou vinácea na carena; múcron 0,1-0,2 mm compr. Gluma ausente. Estames 1; antera 0,20 x 0,1-0,2 mm. Estilete 0,2 mm compr.; estigmas 2. Aquênio 0,4-0,6 x 0,2 mm, obscuramente trígono, obovóide, com múcron 0,1 mm compr., bege a ocráceo, superfície conspicuamente ponticulada.

Comentários: Canadá ao sul do México, América Central, Colômbia até as Guianas e Uruguai, Antilhas e África tropical. No Brasil está presente em todas as regiões habitando em áreas úmidas, geralmente perturbadas.

Lipocarpa micrantha é a única espécie do gênero que habita em ambos hemisférios, nos continentes Africano e Americano (Goetghebeur & Van den Borre 1989), em regiões tropicais e temperadas. Na América se distribui desde o sul do Canadá na América do Norte até a América do Sul, chegando até o Paraguai, Nordeste da Argentina e Nordeste do Uruguai. Seu limite de distribuição é 33° lat. Sul. (Van de Velde & López, 2009)

Material examinado selecionado: **BRASIL. Sergipe:** Aracaju, VIII/2007, S.M. Costa 158 (ASE); Areia Branca, X/2008, S.M. Costa 485 (ASE); Poço Redondo, VIII/2008, A.P. Prata 1624 (ASE); São Cristóvão, VII/2006, S.M. Costa 34 (ASE).

11.3. *Lipocarpa salzmaniana* Steudel, Syn. Pl. Glumac 2:129.1855.

Ervas anuais, cespitosas. Caule 5-40 cm alt, irregularmente trígono, liso. Folhas mais curtas que o caule, com até 1mm de larg., geralmente achatadas. Brácteas involucrais 2-3 desiguais, patentes ou reflexas, foliformes. Inflorescência capitada formadas por 1-2 espigas ovóides, obtusas, sésseis, multifloras. Brácteas das espiguetas espatuladas, obtusas a amplamente acuminadas, inconspicuamente nervadas, uninérveas, nervura mediana verde, nas laterais arroxeadas, gluma (abaxial) e o profilo (adaxial) maiores que

o aquênio. Flor com 1 estames; estigma trifido. Aquênio 1-1,5x 0,2-0,4mm, oblongos, ponticulados, apiculados com rostro pequeno, base constricta e espessada.

Comentários: América Central, Cuba, Colômbia, Venezuela e Brasil. No Brasil ocorre em todas as regiões em solos arenosos, úmidos. Esta espécie é morfológicamente similar a *L. humboldtiana*. Difere da mesma por apresentar inflorescência arroxeadada e a outra espécie inflorescência castanho clara a pálida.

Material examinado: BRASIL. Sergipe: Areia Branca, IX/2008, S.M. Costa 444 (ASE).

12. *Pycreus* P. Beauv.

Suzana Maria Costa¹

Ervas perenes ou anuais. Folhas membranáceas, lâminas com ápices dos bordos e nervura central (face abaxial) escabros a esparsamente escabros. Inflorescência capituliforme ou umbeliforme, laxa ou congesta, simples ou composta. Escapo trigono, ereto, glabro. Brácteas involucrais foliáceas, apresentando medidas e características similares às lâminas foliares. Espiguetas bissexuadas, raquila persistente. Perfilho espioular e gluma bracteóide presentes. Glumas dísticas, carenadas, linhas longitudinais submarginais ausentes, caducas. Flores bissexuadas; estames 1-3; estigma bifido. Aquênio lenticular, lateralmente comprimido, superfície pontuada ou de células retangulares côncavas.

Apresenta distribuição pantropical e engloba cerca de 70 espécies. Segundo Alves *et al.* (2013), 15 espécies de *Pycreus* ocorrem no Brasil, das quais quatro ocorrem em Sergipe.

No Estado, as espécies ocorrem desde as regiões litorâneas até o interior, muitas delas apresentando comportamento ruderal. *Pycreus* é morfológicamente semelhante a *Cyperus*, sendo muitas vezes considerado subgênero do mesmo em tratamentos taxonômicos, juntamente com *Kyllinga*. Distingue-se de *Cyperus* por apresentar aquênio lenticular e estigma bifido; pode ser diferenciado de *Kyllinga* pelas espiguetas plurifloras. A sinonímia das espécies é aquela apresentada em Alves *et al.* (2009).

Chave para identificação das espécies de *Pycreus* de Sergipe

1. Escapo 3-5 mm de larg. Glumas com margem hialina conspícua ... **2. *P. macrostachyos***
- 1'. Escapo até ca. 2 mm de larg. Glumas sem margem hialina.....**2**
2. Estames 3. Aquênio obovóide, células da superfície retangulares..... **1. *P. flavescens***
- 2'. Estame único ou dois. Aquênio oblongo, células da superfície isodiamétricas com uma papila central

¹ Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP, Instituto de Biologia, Dpto de Biologia Vegetal. Cidade Universitária Zeferino Vaz, Rua Monteiro Lobato, 255 - Campinas - SP - Brasil - CEP 13083-862. suzanamscosta@yahoo.com.br

3. Inflorescência capituliforme ou umbeliforme, simples ou composta, laxa ou congesta. Gluma fértil lanceolada **4. *P. polystachyos***
- 3'. Inflorescência umbeliforme simples, laxa. Gluma fértil oval **3. *P. fugax***

1. *Pycreus flavescens* (L.) Rchb., Fl. Germ. Excurs. 1: 72. 1830.

Fig 1, A-B.

Erva cespitosa, com até 40 cm alt. Bainha foliar 0-2 cm compr.; lâmina foliar 0-6 x 0,2 cm. Inflorescência umbeliforme, laxa ou congesta, esverdeada, castanha ou vinácea. Escapo 1 mm de larg. Brácteas involucrais (2-)3-4. Raio 3-4, 0-4(7) x <0,1 cm. Espigueta 0,5-1,5(-2) x 0,2-0,3 cm, lanceolada, grupos de 1-5(-7), 10-30(-60) flores por espigueta; glumas fortemente imbricadas. Gluma fértil 2 x 1-1,5 mm, oval, margem hialina ausente. Estames 3. Aquênio ca. 1 x 1 mm, obovóide, superfície de células retangulares, marrom ou enegrecido, às vezes com incrustações esbranquiçadas.

Comentários: Amplamente distribuída em países tropicais e em alguns países de clima temperado. A espécie pode ser diferenciada das demais por apresentar escapo com até 1 mm de largura, espiguetas com glumas fortemente imbricadas e aquênio com superfície de células retangulares longitudinais, às vezes apresentando incrustações esbranquiçadas.

Material examinado: Areia Branca, IX/2008, fl. fr., S.M. Costa *et al.* 452 (ASE); Capela, VIII/2012, fl. fr., L.M.S. Melo *et al.* 47 (ASE); Lagarto, VIII/2010, fl. fr., A.P. Prata *et al.* 2342 (ASE); Simão Dias, VIII/2010, fl. fr., A.P. Prata *et al.* 2445 (ASE).

2. *Pycreus fugax* (Liebm.) C. Adams., Ann. Missouri Bot. Gard. 78(1): 254. 1991.

Fig 1, C-D

Erva cespitosa, com até 15 cm alt. Bainha foliar 0-2 cm compr.; lâmina foliar 0,1 x 0-9 cm. Inflorescência umbeliforme, laxa, verde, verde-amarelada a vinácea. Escapo ca. 1 mm larg. Brácteas involucrais 2-5. Raios 2-6, ca. 3 x 3(-7) cm. Espigueta 5-12(-16) x 1-1,5 cm, em grupos 3-5, linear-lanceoladas, (5-)8-20(-35) flores por espigueta; glumas separadas. Gluma fértil ca. 1,5 x 1,5 mm, oval, margem hialina ausente. Estames 2. Aquênio ca. 1 x 0,5 mm, obovóide, superfície pontuada, castanho, incrustações esbranquiçadas ausentes.

Comentários: Ocorre desde o México até o Brasil. Diferencia-se por apresentar inflorescência umbeliforme simples e laxa, com poucas espiguetas linear-lanceoladas (menos de 50 espiguetas), gluma fértil oval e aquênio oblongo com superfície pontuada. Material selecionado: Brasil: Sergipe: Areia Branca, X/2008, fl. fr., S.M. Costa 488 & C. Calazans (ASE); Canindé de São Francisco, VI/2006, fl. fr., S.M. Costa *et al.* 18 (ASE); Poço Redondo, VIII/2006, fl. fr., S.M. Costa *et al.* 100 (ASE); Poço Verde, VIII/2010, fl. fr., A.P. Prata *et al.* 2492 (ASE); São Cristóvão, VI/2007, fl. fr., S.M. Costa 147 (ASE).

3. *Pycreus macrostachyos* (Lam.) Raynal, Kew Bull. 23: 314. 1969.

Fig 1, D-E

Erva cespitosa, com até 1,2 m alt. Bainha foliar 0-15(-20) cm compr.; lâmina foliar 0-15 x 0,4 cm. Inflorescência umbeliforme laxa, castanha a vinácea; raios secundários às vezes presentes. Escapo 3-5 mm larg. Brácteas involucrais 5-6. Raio (4-)8-10, (5)8-13 cm x 0,2-0,3 cm. Espigueta 0,7-2,5 x 0,2-0,3 cm, linear-lanceolada a oblongo-lanceolada, em grupos de 30-40, (8)12-26 flores/espigueta; glumas separadas. Gluma fértil ca. 3 x 2 mm, oval a lanceolada, margem hialina presente. Estames 2-3. Aquênio 1,5-2 x 2 mm, obovóide, superfície pontuada, enegrecido, incrustações esbranquiçadas ausente.

Comentários: Ocorre desde os Estados Unidos até o Paraguai e nos trópicos e subtropicais do Velho Mundo. Pode ser diferenciada das demais pelo aspecto serrado da espigueta, conferido pelas glumas separadas e patentes e principalmente pela presença de margem hialina conspícua nas glumas férteis.

Material selecionado: Canindé de São Francisco, IX/2010, fl. fr., *W.J. Machado et al.* 826 (ASE); Itabaiana, IX/2006, fl. fr., *M. Ibrahim et al.* 18 (ASE); Porto da Folha, VII/2006, fl. fr., *J.R. Maciel et al.* 240 (ASE); Poço Redondo, VIII/2008, fl. fr., *A.P. Prata* 1607 (ASE).

4. *Pycreus polystachyos* (Rottb.) P. Beauv., Fl. Owarl. 2:48. 1816.

Fig 1, F-G

Erva cespitosa, com até 50(80) cm alt. Bainha foliar 0-2(-4) cm compr.; lâmina foliar 8-13(-30) cm x (0,5-)1,5-3(-5) mm. Inflorescência capituliforme, umbeliforme congesta a laxa, esverdeada. Escapo ca. 2 mm larg. Brácteas involucrais 3-5(-7). Raios (0-)3-5(-8), 3-4 x 0,1 cm. Espigueta 0,5-1,5(-2) x 0,1 cm, linear-lanceolada, em grupos de 5-20, 10-20(-34) flores por espigueta; glumas imbricadas. Gluma fértil ca. 2 x 1 mm, estreito-lanceolada a lanceolada, margem hialina ausente. Estame único. Aquênio ca. 1 x <0,5 mm, oblongo, superfície pontuada, esverdeado ou castanho, incrustações esbranquiçadas ausentes.

Comentários: Amplamente distribuída nos trópicos e subtropicais do globo. Distingue-se das demais espécies por apresentar inflorescência geralmente com mais de 50 espiguetas, gluma fértil estreito lanceolada a lanceolada e aquênio oblongo com ca. 0,5 mm de largura.

Material selecionado: Aracaju, VIII/2007, fl. fr., *S.M. Costa et al.* 170 (ASE); Areia Branca, IV/1982, fl. fr., *G. Viana* 419 (ASE); Barra dos Coqueiros, XII/2008, fl. fr., *J.E. Nascimento - Júnior* 417 & *T.V.P. Dantas* (ASE); Brejo Grande, II/2009, fl. fr., *S.M. Costa* 534 (ASE); Canindé de São Francisco, IX/2010, fl. fr., *W.J. Machado et al.* 849 (ASE); Estância, III/2010, fl. fr., *I.R.N. Menezes et al.* 90 (ASE); Indiaroba, XI/2007, fl. fr., *S.M. Costa* 202 & *A.R. Meneses* (ASE); Itaporanga d' Ajuda, I/2008, fl. fr., *S.M. Costa* 248 (ASE); Pirambu, IV/2006, fl. fr., *A.P. Prata et al.* 1175 (ASE); Santa Luzia do Itanhy, VI/1983, fl. fr., *E.M. Carneiro* 697 (ASE); Santo Amaro das Brotas, XII/2008, fl. fr., *J.E. Nascimento - Júnior* 488 & *T.V.P. Dantas* (ASE); São Cristóvão, VIII/2006, fl. fr., *S.M. Costa* 117 (ASE); São Domingos, IV/2006, fl. fr., *A.C. Silva et al.* 18 (ASE).

13. *Remirea* Aubl.

*Ana Paula do Nascimento Prata*¹

*Maria Gabriela López*²

13.1. *Remirea maritima* Aubl., Hist. Pl. Guiane 1:45. 1775.

Ervas perenes, reptantes, rizomas longos. Caules eretos, em sua maioria recoberto pelas folhas dispostas em espiral. Folhas glabras, lanceoladas, canaliculadas, coriáceas, ápice mucronado, margens antrorsamente escabras; bainha púrpura. Brácteas involucrais foliáceas, oblongo-piramidais, numerosos e comprimentos variáveis. Inflorescência terminal capitada, formada por várias espiguetas. Espiguetas 3-4,5 x 1-1,5 mm, ovadas. Glumas 3 por espigueta, a superior envolvendo o aquênio. Flor com 3 estames; estigma trifido. Aquênio 2-2,5 x 0,5-0,8 mm, oblongo, apiculado, superfície lisa, finamente ponticulada.

Comentários: Gênero monoespecífico com distribuição tropical habitando preferencialmente em áreas litorâneas. No Brasil de acordo com *Alves et al.* (2009) é frequentemente encontrada em dunas costeiras nas regiões nordeste, sudeste e sul. Conhecida popularmente como pinheirinho-de-praia, *Remirea maritima* é uma espécie cuja principal característica é a grande resistência à movimentação de areia. Possui alta propagação vegetativa (*Dansereau*, 1947) e de acordo com (*Andrade* 1968) um sistema radicular extenso, que se estende sob a areia em direções que são evidenciadas pelos brotos que se formam, distanciados uns dos outros.

Material examinado selecionado: **BRASIL. Sergipe:** Barra dos Coqueiros, XII/2008, *J.E. Nascimento - Júnior* 418 (ASE); Brejo Grande, II/2009, *S.M. Costa* 538 (ASE); Pirambu, III/2009, *A.P. Prata* 1537 (ASE);

¹Universidade Federal de Sergipe, Departamento de Biologia, Laboratório de Sistemática Vegetal. Av. Marechal Rondon s/n, Bairro Jardim Rosa Elze, 49100-000 São Cristóvão/SE. E-mail: apprata@yahoo.com.br

² Facultad de Ciencias Agrárias, Instituto de Botánica Del Nordeste. C.C. 209. 3400. Corrientes Argentina. E-mail :mglopez@agr.unne.edu.ar

14. *Rhynchospora* Vahl

Ítallo Romany Nunes¹
Ana Paula do Nascimento Prata¹

Representantes deste gênero são herbáceos, anuais ou perenes. Nas espécies anuais os rizomas são poucos desenvolvidos e as plantas apresentam aspecto cespitoso. Nas perenes eles podem ser desenvolvidos horizontalmente. Além do caule subterrâneo, o caule aéreo geralmente é trigono ou obtuso, arranjado em grupos próximos ou individualmente a partir do rizoma. As folhas podem ser numerosas, basais, filiformes a lineares, glabras a pilosas, com margens lisas a escabras; lígula e contralígula geralmente ausentes. A inflorescência é bastante diversificada, podendo variar de uma única espiguetas terminal, a inflorescência capituliforme, paniculada ou fasciculada, inseridas lateralmente ou terminais. A inflorescência encontra-se protegida por brácteas involucrais 1-6, foliformes ou glumáceas. As espiguetas são sésseis ou pedunculadas, lanceoladas, ovóides, com um número variado de glumas, as inferiores estéreis. As flores estão inseridas nas axilas das glumas, geralmente 1-várias. Possuem 1-2 ou 3 estames, com estilete basifixo; estigma bifido ou indiviso, estilete espessado. Cerdas hipoginiais estão presentes na maioria das espécies, sendo consideradas importante caracteres diagnósticos. O aquênio de *Rhynchospora* é biconvexo ou lenticular quase sempre transversalmente rugoso, com estilopódio persistente.

Rhynchospora é constituído por cerca de 300 espécies (Thomas *et. al.* 2009). No Brasil, o gênero possui muitos representantes, sendo considerado um dos mais ricos dentre as Cyperaceae, com 150 espécies descritas. Dentre estas, são conhecidas 39 espécies endêmicas, ocorrendo em todas as regiões geopolíticas do Brasil. No nordeste são conhecidas 66 espécies (Alves *et. al.* 2009). O gênero possui representantes distribuídos na maioria dos continentes, mas é nas Américas o seu centro de diversidade, onde ocorre mais de 80% das espécies de *Rhynchospora* conhecidas no mundo. Strong (2006) cita o sudeste dos Estados Unidos e principalmente a região neotropical como as principais regiões de riqueza e diversidade.

As espécies de *Rhynchospora* habitam principalmente ambientes úmidos, brejosos e campos abertos herbáceos ou com solos arenosos, e bordas de matas tropicais (Haines, 1983; Strong 2006; Thomas 2009).

Representantes do gênero possuem importância econômica local e regional, principalmente nos países da América do Sul Tropical e alguns países da África. Dentre as importâncias mais citadas, estão: alimento para animais, fibras para confecção de papel, ornamentais, medicina popular e cultos religiosos. Além disso, algumas espécies também

possuem importância econômica negativa, sendo considerada invasoras de plantações (Simpson 2001).

Rhynchospora em Sergipe está representado por 19 espécies que podem ser facilmente reconhecidas pela junção de alguns caracteres diagnósticos, tais como: inflorescência geralmente paniculada, capituliforme com capítulos solitários ou capítulos terminais e laterais, a presença de cerdas hipoginiais e a persistência do estilopódio no ápice do aquênio em forma de pico ou rostro.

Chave para as espécies de *Rhynchospora* de Sergipe

1. Brácteas involucrais brancas 2
2. Brácteas involucrais brancas nas duas faces **1. *R. albiceps***
- 2' Brácteas involucrais brancas em pelo menos uma das faces..... **13. *R. nervosa***
- 1' Brácteas involucrais verdes 3
3. Inflorescência capituliforme4
4. Inflorescência formada por apenas 1 capítulo5
5. Brácteas involucrais glumáceas, inflorescência globosa, aquênio com 4 cerdas periânticas **2. *R. barbata***
- 5' Brácteas involucrais foliáceas, inflorescência piramidal, aquênio com 5 cerdas periânticas **3. *R. cephalotes***
- 4' inflorescência formada por mais de 1 capítulo 6
6. Cerdas hipoginiais ausentes7
7. Aquênio com até 0,6 mm de compr8
8. Brácteas involucrais 3, reflexas, Inflorescência globosa, capítulos formados por mais de 20 espiguetas, capítulos distribuídos ao longo do eixo..... **8. *R. exaltata***
- 8' Brácteas involucrais 1, ereta parecendo a continuação do caule, Inflorescência subglobosa, capítulo único, formado por até 10 espiguetas **15. *R. riedeliana***
- 7' Aquênio com 0,8-1mm de compr **14. *R. ridley***
- 6' Cerdas hipoginiais presentes **11. *R. holoschoenoides***
- 3' Inflorescência em panículas9
9. Cerdas hipoginiais ausentes10
10. Espécies anuais, cespitosas11
11. Espiguetas ovóides12
12. Aquênio ovóide, 0,8-1mm **5. *R. contracta***
- 12' Aquênio obovoide, 1,1-1,4mm **18. *R. tenerrima***
- 11' Espiguetas lanceoladas **19. *R. tenuis***
- 10' Espécies perenes, geralmente rizomatosas 13
13. Aquênio com superfície transversalmente rugosa 14
14. Aquênios menores que 1mm **16. *R. riparia***
- 14' Aquênio maiores que 1mm **7. *R. elegantula***
- 13' Aquênio com superfície ponticulada **9. *R. filiformis***
- 9' Cerdas hipoginiais presentes 15

¹Universidade Federal de Sergipe. Depto. de Biologia. Campus Universitário Professor Aloísio de Campos, 49100-000, São Cristóvão, SE. Brasil. (italloromany@hotmail.com)

15. Espécie anual cespitosa	6. R. diodon
15' Espécie perene, geralmente rizomatosa	16
16 Cerdas periânticas 6, espiguetas maiores que 5mm	10. R. gigantea
16' Cerdas periânticas 5, espiguetas menores que 5mm	17
17. Aquênio menor que 1 mm	18
18. Estilopódio menor que o corpo do aquênio	17. R. rugosa
18' Estilopódio maior que o corpo do aquênio	12. R. marisculus
17' Aquênio maior que 1 mm	4. R. comata

14. 1. *Rhynchospora albiceps* Kunth, Enum. Pl. 2:289.1837.

Herbácea, rizomatosa, raízes fibrosas. Caule 0,06-0,16 x 13-60 cm, trígono, glabro. Folhas 0,15-0,30 x 8,5-30 cm, basilares, lineares, glabras. Brácteas involucrais 5, lineares, glabras, com região basal branca. Inflorescência capituliforme, solitária. Espiguetas 3,5-4 mm x 3-4 mm, oval-lanceoladas. Glumas 1-2 x 2,5-4 mm, lanceoladas; anteras 1,5-2 mm de comp., lineares, glabras. Cerdas hipoginais menores 3-4, escabras, translúcidas, atingindo no máximo a metade do compr. do aquênio; cerdas maiores 3-4, glabras podendo atingir acima de 3 mm de compr. Aquênio 0,2-0,5 x 0,8-1,2 mm, deltóide, glabro; estilopódio persistente, triangular, as vezes com dois pequenos discos na base.

Comentários: Neotropical. Para o Brasil sua ocorrência é citada para as regiões Nordeste, Sudeste, Centro-oeste e Sul. *R. albiceps* foi coletada em Sergipe apenas em áreas de Mata Atlântica e pode ser confundida com *R. nervosa*. No entanto, a primeira espécie possui cerdas hipoginais e bráctea involucral branca nas duas faces da folha, enquanto que *R. nervosa* não possui cerdas hipoginais e a bráctea involucral é branca em apenas em uma das faces.

Material selecionado: **BRASIL. Sergipe:** Areia Branca, VIII/2008, S.M. Costa 398 (ASE); Itabaiana, II/2008, J.E. Nascimento - Júnior 210 (ASE); Itaporanga d`Ajuda, IV/2008, A.P. Prata 1406 (ASE); São Cristóvão, XII/1981, G. Viana 270 (ASE).

14. 2. *Rhynchospora barbata* (Vahl) Kunth, Enum. PL. 2:290. 1837.

Herbácea, cespitosa, raízes fibrosas. Caule 20-60 cm de compr., levemente trígono, glabro. Folhas 0,2-0,4 x 4-40 cm, basilares, eretas, lineares, escabras. Brácteas involucrais -20, glabras, margens escabras. Inflorescência capituliforme, globosa, solitária. Espiguetas 1,5-3 x 1,5-6 mm, oval-lanceoladas. Glumas 1,5-3,5 x 3-6 mm, glabras; estames 3, 1,5-2,5 mm de compr., lineares, glabros, crista do conectivo diminuta. Cerdas hipoginais 4, 2-4,5 mm de compr., lineares, translúcidas, escabras. Aquênio 0,5-1,5 x 1-2 mm, biconvexo, obovado, superfície papilosa, corpo alado, alas membranáceas marcantes, 0,5-1,2 mm de larg.; estilopódio acuminado, 0,7-1 mm de comp., com a mesma textura das alas.

Comentários: Neotropical. Para o Brasil é conhecida nas regiões Norte, Nordeste,

Centro-Oeste e Sudeste. Em Sergipe habita campo aberto herbáceo com solos arenosos, argilosos ou úmidos e em borda de mata, margens de lagoas e regiões antropizadas. *R. barbata* possui inflorescência capituliforme, globosa e solitária que a distingue das demais espécies do gênero em Sergipe. Além disso, o aquênio com as margens aladas membranáceas com textura igual à do estilopódio são características marcantes nesta espécie.

Material selecionado: **BRASIL. Sergipe:** Areia Branca, VIII/2008, S.M. Costa 393 (ASE); Capela, VI/2007, A.C. Silva & K.C.S. Teixeira 118 (ASE); Estância, IV/1981, M.R. Fonseca 455 (ASE); Itabaiana, IX/1988, M.R. Fonseca 870 (ASE); Itaporanga d`Ajuda, III/2007, J.F. Maciel 43 (ASE); Japarutuba, VI/2010, I.R.N. Menezes 95 (ASE); Lagarto, II/2007, A.P. Prata 1394 (ASE); Pirambu, IV/2006, A.C. Silva 5 (ASE); Santa Luzia do Itanhy, XI/1993, S.C. Sant'Ana 381 (ASE); São Cristóvão, VII/2008, J.E. Nascimento - Júnior 397 (ASE); São Domingos, IV/2006, S.M. Costa 9 (ASE); Tobias Barreto, XII/1979, M.R. Fonseca s.n. (ASE 676).

14. 3. *Rhynchospora cephalotes* (L.) Vahl, Enum. Pl. 2:237.1805.

Herbácea, rizomatosa. Caule 50-120 cm, trígono, glabro. Folhas 0,3-0,9 x 15-60 cm, basilares, lineares, glabras, nervura central esparsamente ciliolada, margens escabras. Brácteas involucrais 3-4, lanceoladas, glabras, margens escabras. Inflorescência capituliforme, solitária, piramidal. Espiguetas 1-2,5 x 1,5-6 mm, ovais-acuminadas. Glumas 1,5-3 x 3-5 mm; deltóide-acuminadas, glabras; estames 2-3, 2,5-3,5 mm de compr., glabros, presença de crista ao conectivo diminuta, glabra. Cerdas hipoginais 5, 3,5-6 mm de compr., lineares, escabras. Aquênio 1-1,5 x 2,5-4 mm; estreito-elíptico, glabros; estilopódio 0,5-1 x 1-2,5 mm.

Comentários: Neotropical. No Brasil está presente nas regiões Norte, Nordeste, Centro-Oeste e Sudeste. Em Sergipe habita em brejos, campo gramíneos e borda de matas. Destacam-se como principais caracteres diagnósticos a inflorescência piramidal, solitária e terminal e o estilopódio que pode atingir 2,5 mm de compr., muitas vezes superando o comprimento do aquênio.

Material selecionado: **BRASIL. Sergipe:** Areia Branca, IX/2008, S.M. Costa 464 (ASE); Canindé de São Francisco, II/2010, A.P. Prata 2244 (ASE); Capela, VI/2007, A.C. Silva & K.C.S. Teixeira 87 (ASE); Divina Pastora, II/2011, I.R.N. Menezes 220 (ASE); Estância, IX/2010, C. Calazans s.n. (ASE 21954); Itabaiana, II/1991, M.L. Santos 24 (ASE); Itaporanga d`Ajuda, I/2008, S.M. Costa 249 (ASE); Japarutuba, XI/1992, C. Farney 3026 (ASE); Lagarto, II/2007, A.P. Prata 1396 (ASE); Nossa Senhora do Socorro, XI/2007, C. Calazans 6 (ASE); Pirambu, VII/2000, G. Viana s.n. (ASE 7392); Santa Luzia do Itanhy, VII/2010, A.P. Prata 2260 (ASE); São Cristóvão, IX/1981, G. Viana 132 (ASE); São Domingos, IV/2006, S.M. Costa 7 (ASE); Simão Dias, I/2012, A.P. Prata 2833 (ASE); Tobias Barreto, I/2010, A.P. Prata 2173 (ASE).

14. 4. *Rhynchospora comata* (Link) Roem. & Schult., Mant. 2: 50.1824.

Herbácea, rizomatosa, perene, podendo atingir 1,5 m. Caule 1,3-4,3 mm de larg., trígono, pubescente, ereto. Folhas 0,2-0,7 x 20-80 cm; basilares, lineares, região abaxial pubescente, região adaxial escabra, margens escabras. Brácteas involucrais 3-4, lineares, pilosas. Inflorescência 2-3, panículas, terminais, com ramos pubescentes; bractéolas, lineares, glabras, margens cilioladas. Espiguetas 1-4 x 3-7 mm; deltóide-acuminadas. Glumas 1-2 x 2-4 mm; triangulares, glabras; estames 3, 2,3-2,5 mm de compr., lineares, glabros. Cerdas Hipoginais 5, 4-6 mm de compr., lineares, escabras. Aquênio 2-2,5 x 2,5-3 mm, biconvexo, glabro, largo-elíptico, ápice truncado, dilatado, superfície lisa com projeções circulares, margens claras; estilopódio 1-1,5 x 2,5-3 mm, triangular, glabro.

Comentários: Está distribuída na América Central, principalmente em Costa Rica, Panamá e América do Sul Tropical. No Brasil está presente nas regiões Norte, Nordeste, Centro-Oeste e Sudeste. Em Sergipe habita preferencialmente o interior e bordas de matas. Esta espécie é de fácil reconhecimento pela inflorescência paniculada com espiguetas grandes e aquênio que juntamente com o estilopódio podem atingir 6 mm de comprimento, sendo considerados os maiores para o estado.

Material examinado: **BRASIL. Sergipe:** Itaporaga d'Ajuda, *S.M Costa. et. al. 1401* (ASE); Santa Luzia do Itannhy, *L.A. Gomes et. al. 2261* (ASE), *L.A. Gomes et. al. 2303* (ASE).

14. 5. *Rhynchospora contracta* (Nees) Raynal, Adansonia 17: 277. 1978.

Herbácea, cespitosa, anual, raízes fibrosas. Caule 20-50 cm, trígono, glabro, ereto. Folhas 0,1-0,3 x 3-15 cm, basilares, lineares, glabras. Brácteas involucrais 4-5, lineares, glabras. Inflorescência 4-5, panículas, uma terminal, 3-4 axilares, ramos primários, alongados, glabros; ramos secundários, sustentando as espiguetas, glabros, alongados, bractéolas lineares, levemente escabras. Espiguetas 0,8-1,8 x 1-2,5 mm, oval-acuminadas. Glumas 0,5-1,5 x 1-2 mm, oval-acuminadas, glabras. Cerdas hipoginais ausentes. Aquênio 0,8-1 x 0,7-1 mm, levemente biconvexo, ovado, ápice truncado, base linear bilobada; superfície transversalmente rugosa; estilopódio com base achatada, ápice levemente triangular, 0,2-0,3 mm de compr., superfície rugosa, frequentemente com pontuações brancas.

Comentários: México, América Central, atingindo a América do Sul. Além disso ainda ocorre nas ilhas da Jamaica, Cuba, Hispaniola e Puerto Rico. Em Sergipe habita áreas de Caatinga, Brejo de Altitude e Matas ciliares, principalmente com solos úmidos. *R. contracta* é de fácil reconhecimento pela sua inflorescência paniculada, com vários ramos e muitas espiguetas pequenas. Destaca-se também a presença de folhas basilares, menores que as brácteas involucrais.

Material examinado: **BRASIL. Sergipe:** Cedro de São João, *I.R.N. Menezes et. al. 140* (ASE); Itabaiana, *A.P. Prata 1358* (ASE); Poço Redondo, *I.R.N. Menezes et. al. 172* (ASE); Santana do

São Francisco, *A.P. Prata et. al. 2234* (ASE).

14. 6. *Rhynchospora diodon* (Nees) Griseb., Cat. Pl. Cub.: 245. 1866.

Herbácea, cespitosa, anual, raízes fibrosas. Caule 0,03-0,06 x 20-40 cm, trígono, glabro. Folhas 0,03-0,07 x 15-25 cm, filiformes, glabras, basilares. Brácteas involucrais 1-3 mm de compr., lineares, glabras, margens levemente escabras. Inflorescência paniculada, terminal, pedicelada. Espiguetas 1-2 x 2,5-5 mm, pediceladas, lanceoladas. Glumas 1-1,5 x 2,5-4,5 mm, lanceoladas, glabras; estame 1,5 mm de compr., glabro, crista do conectivo presente. Cerdas hipoginais 5, 2,5-4 mm de compr., lineares, região basal até mediana pilosa, região apical escabra. Aquênio 1-1,5 x 1,3-1,5 mm, biconvexo, obovado, ápice truncado, superfície reticulada; estilopódio 0,5-0,7 mm de compr., linear.

Comentários: América do Sul Tropical. No Brasil ocorre no Nordeste e Centro-Oeste. Em Sergipe habita principalmente borda de Mata Atlântica. As cerdas hipoginais nesta espécie são características e pilosas na região mediana das cerdas, tornando-se levemente escabra na região apical. Além disso, o estilopódio linear também facilita a identificação desta espécie.

Material examinado: **BRASIL. Sergipe:** Itabaiana, *M.R. Fonseca 879* (ASE).

14. 7. *Rhynchospora elegantula* Maury, Journal de Botanique (Morot) 3: 209. 1889.

Herbácea, rizomatosa. Caule 0,37-0,96 mm – 60 cm; trígono, glabro. Folhas 0,05-0,12 x 3,7-12,6 cm, basilares, lineares, glabras. Brácteas involucrais 3, 3-10 cm de compr., lineares, glabras. Inflorescência em panícula, 1 terminal 2 axilares. Espiguetas pediceladas 0,85-1,2 x 5,5-7 mm, lanceoladas, protegidas por bractéolas. Glumas 0,8-1,7 x 1,9-5 mm; externas, oval-acuminadas, internas, lanceoladas, glabras e pardas. Cerdas hipoginais ausentes. Aquênio 1,3 de larg. x 1,10 mm de compr., subgloboso, biconvexo, superfície transversalmente rugosa; estilopódio deltóide, superfície papilosa.

Comentários: Ocorre no Centro-Oeste e Sul do país. Em Sergipe esta espécie foi coletada em apenas uma localidade com vegetação herbácea e solo-arenoso.

Material examinado: **BRASIL. Sergipe:** São Domingos, *A.C. Silva et al. 23* (ASE).

14. 8. *Rhynchospora exaltata* Kunth, Enum. PL. 2: 291. 1837.

Herbácea, rizomatosa, perene. Caule 0,1-0,5 x 150 cm, trígono, glabro. Folhas 0,4-1 x 60-100 cm, lineares, glabras, margens escabras. Brácteas involucrais 6, 0,089-0,490 x 4-30 cm, lineares, glabras, margens escabras. Inflorescência capituliforme, globosa com séries 3-6 capítulos. Espiguetas bissexuadas, 2,12-6,50 mm de compr., lanceoladas, glabras, protegidas por bractéolas. Glumas externas, 1-2 x 1,8-5,7 mm, lanceoladas-acuminadas,

glabras, internas, 1-1,5 x 3-4,5 mm, lanceoladas, glabras; estames 3, 1,9-3 mm de compr., lineares, glabros. Cerdas hipoginais ausentes. Aquênio 0,3-0,6 x 0,7-1 mm, biconvexo, obovado, glabro; estilopódio 0,2-0,5 x 2-2,5 mm, estreito-triangular.

Comentários: Ocorre na América Central, Ilhas de Cuba e Hispaniola e América do Sul Tropical. Ocorre em todas as regiões do Brasil. Em Sergipe habita em borda de Mata. Esta espécie possui inflorescência capituliforme globosa, podendo chegar a seis capítulos por indivíduo. Além disso, o estilopódio estreito triangular, maior que o próprio aquênio são considerados caracteres diagnósticos para a sua identificação.

Material examinado: **BRASIL. Sergipe:** Areia Branca, *G. Viana 417* (ASE); Itabaiana, *G. Viana 1745* (ASE); *E. Gomes 251* (ASE); Itaporanga d'Ajuda, *A.B. Sales et. al. 27* (ASE).

14. 9. *Rhynchospora filiformis* Vah, Enum. pl. 2: 232.1805.

Herbácea, rizomatosa, raízes fibrosas, cespitosa. Caule 0,04-0,07 x 28-60 cm, trígono, glabro. Folhas lineares, glabras. Brácteas involucrais 2-9 mm de compr., lineares, glabras. Inflorescência (2-3), paniculas. Espiguetas 8,25-12,07 mm de compr., pediceladas, lanceoladas, bissexuadas, glabras, protegidas por bractéolas. Glumas 1-3 x 2,7-9 mm, estreito-triangular, às vezes com ápice acuminado, glabras. Cerdas hipoginais ausentes. Aquênio 1,09-1,42 x 1,8-2,3 mm, biconvexo, globoso, base truncada, podendo chegar a 1 mm de compr., superfície levemente irregular com inúmeras marcas circulares; estilopódio presente.

Comentários: Neotropical. No Brasil ocorre nas regiões Norte, Nordeste, Centro-Oeste e Sudeste. Em Sergipe habita principalmente áreas de restinga, campo gramíneo de solo seco ou úmido. Esta espécie possui espiguetas cujo comprimento pode atingir 12 mm. O aquênio globoso com base truncada e estilopódio com pequenas projeções laterais e elevação intermediária são caracteres distintivos marcantes na espécie.

Material examinado: **BRASIL. Sergipe:** Areia Branca, *S.M. Costa et. al. 392* (ASE); *S.M. Costa 408* (ASE); Pirambu, *S.M. Costa et. al. 4* (ASE); São Domingos, *A.P. Prata et. al. 1205* (ASE).

14. 10. *Rhynchospora gigantea* Link, Jahrb. Gewächsk. 1(3):76. 1820

Herbácea. Caule 1,74-4,05 mm de larg., trígono, glabro. Folhas não examinadas. Brácteas involucrais 5, 0,4-0,8 x 4,5-32,8 cm, glabras, margens escabras. Inflorescência panícula terminal com 2-3 axilares. Espiguetas 5-5,7 x 0,95-1,33 mm, levemente pedunculada, protegidas por bractéolas. Glumas 1-3 mm x 3-5,1 mm, externas oval-acuminadas, glabras, internas lanceoladas, glabras; estames 3, 2-2,8 mm de compr., crista do conectivo presente. Cerdas hipoginais 6, 4 mm de compr., lineares, escabras, excedendo o compr. do aquênio. Aquênio 1-1,2 x 2-2,5 mm, elíptico-obovado, superfície rugosa; estilopódio 1-1,2 x 2-2,8 mm, estreitamente triangular, superfície irregular.

Comentários: Espécie distribuída desde o Sudoeste do México até a América do Sul tropical. No Brasil ocorre em todas as regiões. Em Sergipe habita áreas de restinga. Esta espécie possui uma inflorescência característica que junto com o aquênio elíptico-obovado e estilopódio maior que o comprimento do aquênio auxiliam na sua identificação.

Material examinado: **BRASIL. Sergipe:** Pacatuba, *J.S.D. D'Ávila s.n* (ASE 3655).

14. 11. *Rhynchospora holoschoenoides* (Rich.) Herter, Ver. Sudamer. Bot. 9:157. 1953.

Herbácea, rizomatosa, perene. Caule 0,1-0,3 mm x 30-60 , trígono, glabro. Folhas 0,3-0,5 x 12-48 cm, lineares, glabras, margens levemente escabras. Brácteas involucrais 3-4, 0,02-0,04 x 4,9-34 cm, lineares, glabras. Inflorescência capituliforme, 1 terminal, 2-3 axilares, cada um com 2-4 capítulos globosos, pedunculados. Espiguetas ovado-elípticas 1,0-1,8 x 2,3-3,4 mm. Glumas 1,2-2,6 x 2,4-4,2 mm, externas, oval-acuminadas, glabras; internas, oval-elíptica, glabras; estames 2, 1-2,4 mm de compr., lineares, glabros. Cerdas hipoginais 6, 2-3 mm de compr., lineares, levemente escabras. Aquênio 1,16-1,5 x 1,8-2 mm, biconvexo, obovado, superfícies lisa, brilhante, estilopódio estreito-triangular, 1-3 mm de compr.

Comentários: Ocorre na região Neotropical, Sul da África e Madagascar. No Brasil é relativamente comum, tendo sido encontrada em todas as regiões. Em Sergipe é uma espécie bem representada sendo encontrada principalmente em áreas brejosas, mata ciliar e restinga. A inflorescência capituliforme com um capítulo terminal e vários axilares é característica da espécie. Observa-se também que o estilopódio estreito-triangular, às vezes superando o comprimento do aquênio também facilita a sua identificação.

Material examinado: **BRASIL. Sergipe:** Areia Branca, *S.M. Costa & J.E. Nascimento-Júnior 180* (ASE); Barra dos Coqueiros, *J.E. Nascimento-Júnior & T.V.P. Dantas 423* (ASE); Capela, *C.A.S. Souza et al. 95* (ASE); Estância, *I.R.N. Menezes et al. 81* (ASE); Itaporanga d'Ajuda, *S.M. Costa 259* (ASE); Japarutuba, *I.R.N. Menezes et al. 104* (ASE); Lagarto, *L.A.S. Santos 295* (ASE); Nossa Senhora do Socorro, *M.R. Fonseca 367* (ASE); Santana do São Francisco, *A.P. Prata et al. 2241* (ASE); Santa Luzia do Itanhhy, *A.P. Prata et al. 2267* (ASE); Santo Amaro das Brotas, *J.E. Nascimento-Júnior & T.V.P. Dantas 487* (ASE); São Cristóvão, *S.M. Costa & C. Calazans 303* (ASE); Simão Dias, *A.P. Prata et. al. 2441* (ASE).

14. 12. *Rhynchospora marisculus* Lindl. & Nees in Mart., Fl. Bras. 2(1): 142 (1842)

Herbácea, perene, cespitosa. Caule 0,07-0,2 x 80 cm, trígono, glabro. Folhas 0,2-0,5 x 17,5-46 cm, lineares, glabras. Brácteas involucrais 5,2-6,8 cm de compr., lineares, glabras. Inflorescência em panículas. Espiguetas 4,77-5,16 mm de compr., lanceoladas, bissexuadas, protegidas por bractéolas. Glumas femininas 1-2 x 2,3-5,1 mm, ovadas, glabras. Glumas masculinas 1-1,5 x 4,5-5 mm, lanceoladas, glabras; estames 3, 1,5-2,3 mm de compr., lineares, glabros, crista do conectivo presente. Cerdas hipoginais 5,

podendo atingir 5 mm de compr., levemente escabras. Aquênio 0,88-1,15 x 1,4-1,9 mm, biconvexo, globoso, base atenuada, ápice truncado, superfície transversalmente irregular; estilopódio estreito-triangular, 1-2 mm de compr., glabro, superfície levemente irregular. Comentários: Possui distribuição Neotropical. No Brasil ocorre em todas as regiões. No estado de Sergipe habita principalmente campos gramíneos com solos pedregosos ou matas de galeria e ciliar. *R. marculus* é morfologicamente similar a *R. rugosa*. No entanto, sua inflorescência em panícula, cerdas hipoginais podendo atingir 5 mm de compr. e estilete estreito-triangular a diferencia de *R. rugosa*.

Material examinado: **BRASIL. Sergipe:** Itabaiana, L.M. Santos 89 (ASE); São Domingos, A.C. Silva et. al. 21 (ASE); Santa Luzia do Itanhhy, S.M. Costa et al. 584 (ASE).

14. 13. *Rhynchospora nervosa* (Vahl) Boeck., Vidensk. Meddel. Dansk Naturhist. Roren. Kjobenhavn: 143. 1869.

Herbácea, ereta, cespitosa, perene, raízes fibrosas. Caule 0,07-0,1 x 20-60 cm, trígono, piloso. Folhas 0,1-0,5 x 2,3-38 cm, lineares, pubescentes. Brácteas involucrais 7-9, 0,1-0,3 x 1,2-19,1 cm, lineares, região adaxial branca na base, região abaxial verde e levemente pilosa no início, às vezes cilioladas no início da bráctea. Inflorescência capituliforme, terminal, solitária. Espiguetas bissexuadas, 2-3 x 6-8mm, lanceoladas, glabras. Glumas masculinas e femininas, 2,5-3,5 x 2,3-6 mm, oval-deltóides, glabras; estames 3, 1,8-2,7 mm de compr., lineares, glabros, crista do conectivo presente. Cerdas hipoginais ausentes. Aquênio 0,56-0,88 x 0,8-1,2 mm, biconvexo, arredondado-obovado, superfície lisa; estilopódio arredondado, ápice obtuso, podendo atingir 0,7 mm de compr., superfície levemente irregular.

Comentários: É uma espécie Neotropical. No Brasil, *R. nervosa* ocorre em todas as regiões geográficas. Em Sergipe habita em áreas de Mata Atlântica e Caatinga, principalmente em campo gramíneo, borda de mata, mata ciliar e áreas antropizadas. Esta espécie pode ser frequentemente confundida com *R. albiceps*. No entanto, a ausência de cerdas hipoginais e coloração branca na parte abaxial da folha da primeira espécie difere das características presente na segunda.

Material examinado: **BRASIL. Sergipe:** Aracaju, A.C. Silva et. al. 123 (ASE); Areia Branca, S.M. Costa 413 (ASE); S.M. Costa et. al. 460 (ASE); Capela, A.C. Silva 243 (ASE); A.C. Silva & K.C.S. Teixeira 122 (ASE); Lagarto, A.P. Prata et. al. 2334 (ASE); Salgado, G. Viana 975 (ASE); Santana do São Francisco, A.P. Prata 2200 et. al. (ASE); São Cristóvão, L.V. Ribeiro & E. Santos 127 (ASE); Riachão do Dantas, G. Viana 634 (ASE); Simão Dias, T. Carregosa-Silva et. al. 39 (ASE).

14. 14. *Rhynchospora ridleyi* C.B. Clarke, Kew Bull. Addit. Ser.8:36. 1908.

Herbácea, ereta, cespitosa, perene. Caule 45-33 x 0,1-0,2 cm, trígono, glabro. Folhas 0,2-0,5 x 13-39,2 cm, lineares, glabras, margens cilioladas. Brácteas involucrais 3-4, 0,06-

0,3 x 2,8-26,9 cm, lineares, glabras, margens e nervura central cilioladas. Inflorescência capituliforme 2-3 capítulos terminais, 1-2 axilares. Espiguetas bissexuadas, 0,75-1,85 x 4,6-7,2 mm, lanceoladas. Glumas masculinas e femininas, 0,95-2,6 x 3,1-9,15 mm, estéreis, lanceoladas-acuminadas, glabras, férteis, lanceoladas, levemente pilosas; estames 3, 2,9-3,2 mm de compr., glabros, lineares, crista do conectivo presente. Cerdas hipoginais ausentes. Aquênio 0,87-1,13 x 1,4-1,6 mm, obovado, glabro, superfície transversalmente irregular; estilopódio cônico, podendo atingir 6 mm de compr.

Comentários: Espécie considerada endêmica do Brasil, ocorrendo principalmente nas regiões Nordeste e Sudeste. Em Sergipe habita áreas de restinga. Apesar desta espécie ser similar a *R. riedeliana*, as duas possuem aquênio e estilopódio diferentes. O estilopódio de *R. ridleyi* pode atingir 6mm de comprimento enquanto que o de *R. riedeliana* não ultrapassa 1mm.

Material examinado: **BRASIL. Sergipe:** Areia Branca, K. Mendes et. al. 321 (UFP, ASE); Santo Amaro das Brotas, J.E. Nascimento-Júnior et. al. 486 (ASE).

14. 15. *Rhynchospora riedeliana* C.B. Clarke, Kew Bull. Addit. Ser. 8:34. 1908

Herbácea, ereta, cespitosa, perenes. Caule 0,95-2,61 mm x 30-50 cm, trígono, glabro, às vezes piloso. Folhas 0,2-0,6 x 12,2-34,3 cm, lineares, glabras, margens cilioladas. Inflorescência globosa, capituliforme; 1-2 capítulos terminais, 2-4 axilares. Espiguetas 1,1-1,6 x 7,1-9,2 mm, pedunculadas, lanceoladas. Glumas masculinas e femininas, 0,7-2 x 3,9-9,1 mm, mais externas oval-acuminadas, levemente pilosas, mais internas lanceoladas, glabras; estames 3, 2,5-4,2 mm de compr., lineares, crista do conectivo presente. Cerdas hipoginais ausentes. Aquênio 0,4-0,6 x 1,0-1,5 mm, biconvexo, obovado, superfície levemente irregular; estilopódio 0,63-1,14 mm de compr., triangular.

Comentários: Espécie endêmica do Brasil, ocorrendo principalmente nas regiões Nordeste e Sudeste. Alves et. al. (2009) restringiram a distribuição desta espécie para os estados da Bahia e Minas Gerais. No entanto, a ocorrência da espécie em Sergipe amplia a sua distribuição no país. Em Sergipe esta espécie habita preferencialmente áreas com solos periodicamente alagados.

Material examinado: **BRASIL. Sergipe:** Areia Branca, S.M. Costa 405 (ASE); S.M. Costa 480 (ASE); S.M. Costa 439 (ASE); S.M. Costa et. al. 183 (ASE); G. Viana 1310 (ASE); Itabaiana, J.E. Nascimento-Júnior et. al. 89 (ASE).

14. 16. *Rhynchospora riparia* (Nees) Boeck., Linnaea 37: 561 (1873)

Herbácea, perene, raízes fibrosas. Caule 0,05 -0,1 x 20-30 cm, trígono, às vezes piloso. Folhas 0,01-0,2 x 3,4-18,6 cm, lineares, glabras, às vezes pilosas em algumas regiões. Brácteas involucrais 0,2-0,3, 0,01-0,02 x 2,8-11,6 cm, lineares. Inflorescência paniculada,

1 terminal, 1-2 axilares, cada ramo frequentemente com 3 espiguetas. Espiguetas 1,15-2,27 x 4,5-6,2 mm, ovóide-lanceoladas, pedunculadas, protegidas por bractéolas. Glumas 1-2,2 x 3-4,2 mm, ovadas-lanceolada, glabras; estames 3, 1,4-2,7 mm de compr., lineares, crista do conectivo diminuta. Cerdas hipoginais ausentes. Aquênio 0,65-0,96 x 0,7-1,1 mm, obovado, biconvexo, ápice truncado, base 2-lobada, superfície transversalmente irregular, frequentemente com pontuações brancas longitudinalmente; estilopódio levemente arredondado, 2-lobado.

Comentários: Ocorre na América do Sul e em todas as regiões do Brasil. Em Sergipe habita preferencialmente áreas de Mata Atlântica e Restinga, em campos gramíneos de solo encharcado e manguezal. *R. riparia* possui aquênio com uma base bilobada evidente, característica que facilita a sua identificação.

Material examinado: **BRASIL. Sergipe:** Aracaju, S.M. Costa et al. 165 (ASE); Areia Branca, S.M. Costa 407 (ASE); Estância, A.P. Prata et al. 1687 (ASE); Itabaiana, J.R. Maciel et al. 291 (ASE); Pirambu, A.P. Prata et al. 1572 (ASE); Santa Luzia do Itanhhy, S.M. Costa et al. 581 (ASE); Santo Amaro das Brotas, M.R. Fonseca & M. Menezes 606 (ASE); São Cristóvão, M.R. Fonseca 908 (ASE).

14. 17. *Rhynchospora rugosa* (Vahl) Gale, Rhodora 46:275. 1944.

Herbácea, perene, ereta, cespitosa. Caule 0,04-0,1 x 30-170 cm, trígono, glabro. Folhas 0,02-0,5 x 5,9-43 cm, lineares, glabras, frequentemente basilares. Brácteas involucrais 0,2 mm x 1,8-11,2, lineares, glabras, margens levemente escabras. Inflorescência paniculada 1-5 ramos, terminais e axilares. Espiguetas 1-1,25 x 3-5,1 mm, lanceoladas, levemente pedunculadas. Glumas masculinas e femininas 0,65-2 x 1,5-3,7 mm, ovadas, glabras; estames, 1,7-2 mm de compr., lineares, crista do conectivo diminuta. Cerdas hipoginais 5, 2,8-4 mm de compr., lineares, escabras, base ciliolada. Aquênio 0,57-1,21 mm x 1,55-2,93 mm, obovado, biconvexo, transversalmente rugoso, frequentemente com pontuações vináceas; estilopódio 0,57-0,8 mm de compr., triangulares.

Comentários: *R. rugosa* possui distribuição Neotropical, no Brasil ocorre em todas as regiões. Em Sergipe habita em áreas de matas ciliares e brejos. Esta espécie possui inflorescência paniculada, podendo ter entre 3 e 5 ramos. Um caráter marcante para o seu reconhecimento é seu estilopódio triangular. Comparado ao estilopódio de *R. marisculus* (espécie morfologicamente relacionada) o estilopódio de *R. rugosa* é menor que o comprimento do aquênio enquanto que o de *R. marisculus* é maior que o comprimento do mesmo.

Material examinado: **BRASIL. Sergipe:** Areia Branca, S.M. Costa et al. 186 (ASE); S.M. Costa 441 (ASE); São Domingos, A.C. Silva et al. 22 (ASE).

14. 18. *Rhynchospora tenerima* Nees ex Spreng., Syst. Veg. 4(2):26. 1827.

Herbácea, anual, raízes fibrosas. Caule 0,03-0,08 x 29-37,5 cm, trígono, glabro. Folhas 0,03-0,1 x 8,3-24,1 cm, lineares, glabras, folhas basilares. Brácteas involucrais 2-, 2,3-16 cm de compr., lineares, glabras. Inflorescência paniculada, 1 terminal, (2-3) axilares. Espiguetas 0,9-1,8 x 5-6 mm, ovóide-elipsóide, pedunculadas, bractéolas protegendo a base. Glumas 1-1,8 x 2,5-5 mm, as externas, oval-acuminadas, glabras, as internas, oval-lanceoladas, glabras; estames 2, 2,4-2,6 mm de compr., lineares, glabros, crista do conectivo diminuta. Cerdas hipoginais ausentes. Aquênio 1,1-1,4 x 1,5-1,9 mm, biconvexo, obovado, ápice com laterais pontiagudas, base truncada, superfície transversalmente rugosa; estilopódio 0,2-0,3 x 0,4-0,6 mm, cônico, glabro, superfície irregular.

Comentários: A espécie é distribuída desde o Sul do México até as regiões da América do Sul Tropical. No Brasil é conhecida em todas as regiões. Em Sergipe habita principalmente a borda de Mata Atlântica e campos herbáceos de solo pedregoso. O aquênio com superfície transversalmente rugosa, ápice pontiagudo e base truncada caracteriza morfologicamente esta espécie.

Material examinado: **BRASIL. Sergipe:** Capela, A.C. Silva 244 (ASE); Itaporanga d'Ajuda, A.P. Prata et al. 1413 (ASE); Lagarto, A.P. Prata 1393 (ASE); Pirambu, A.C. Silva et al. 9 (ASE); São Domingos, A.C. Silva et al. 14 (ASE).

14. 19. *Rhynchospora tenuis* Link, Jahrb. Gewachsk. 1(3):76. 1820

Herbácea, anual, raízes fibrosas. Caule 0,02-0,06 x 20-50 cm, trígono, glabro. Folhas 0,04-0,1 x 15-40 cm, lineares, glabras, basilares. Brácteas involucrais 2-5, 2,3-23 cm, lineares, glabras. Inflorescência corimbosa com 4-5 corimbos, 1 terminal, 2-3 axilares, pedunculados. Espiguetas 0,2-1 x 2-4 mm, lanceoladas, pediceladas, protegidas na base por bractéolas. Glumas 0,3-1,5 x 1,1-3,2 mm, externas oval-acuminadas, internas oval-lanceoladas, glabras; estames 3, 1-1,8 mm de compr., lineares, glabros. Cerdas hipoginais ausentes. Aquênio 0,8-1,3 x 0,8-1,2 mm, levemente obovado, ápice truncado, superfície transversalmente ondulada; estilopódio acuminado, base alargada, bilobada, superfície com diminutas papilas.

Comentários: Amplamente distribuída nos Trópicos, ocorrendo desde o México, Bahamas, Cuba até o norte da Argentina. No Brasil ocorre em todas as regiões. Em Sergipe habita áreas de Mata Atlântica, com vegetação herbácea e solo gramíneo. *R. tenuis* é caracterizada pelo seu aquênio transversalmente ondulado e estilopódio bilobado.

Material examinado: **BRASIL. Sergipe:** Areia Branca, S.M. Costa 409 (ASE); S.M. Costa et al. 85 (ASE); M.F.A. Lucena et al. 1564 (UFPE;ASE); Capela, A.C. Silva 237 (ASE); São Domingos, A.C. Silva et al. 20 (ASE).

15. *Schoenoplectus* (Rchb.) Palla

Ana Paula do Nascimento Prata¹
Maria Gabriela López²

15.1. *Schoenoplectus californicus* (C.A. Mey) Soják, Cas. Nar. Mus. Odd. Prir 140(3-4): 127. 1972.

Nome popular: junco comum

Erva perene, 1-3 m de alt., rizomatosa. Caule inconspicuamente trígono ou teretes, lisos. Folhas reduzidas a bainha foliar castanhas, lâminas ausentes. Brácteas involucrais eretas, parecendo uma continuação do caule, lisas. Inflorescência antelóide com espiguetas dispostas no ápice de vários raios de comprimentos desiguais. Bractéolas presente, lisas, a superior escamiforme. Espiguetas 3-6x 2-3 mm, ovoides, a central séssil, o restante no final dos eixos, solitárias ou agrupadas. Glumas 2,5-3x 1,5-2mm, ovadas, glabras ou ciliadas, nervura mediana excurrente, mucronada, margens hialinas. Flor com perianto formado por 2-4 escamas mais curtas que o corpo do aquênio; 3 estames; estigma bifido. Aquênio 1,5-2 x 1-1,5 mm, lenticulares, obovados, liso, apiculado.

Comentários: De acordo com Adams *et al.* (1994) *Schoenoplectus* é um gênero formado por aproximadamente 40 espécies cosmopolitas. No Brasil, segundo Alves *et al.* (2009) são conhecidas quatro espécies, das quais apenas uma foi encontrada em Sergipe em áreas alagadas próximas a manguezal.

Material examinado selecionado: **BRASIL. Sergipe:** Brejo Grande, II/2009, S.M. Costa 531 (ASE); Pirambu, XII/2006, M. Soledade ASE 11908 (ASE);

16. *SCLERIA* Berg.

Ítallo Romany Nunes¹
Ana Paula do Nascimento Prata¹

Ervas perenes ou mais raramente anuais, eretas ou escandentes. Caule trígono, liso, glabrescente ou piloso. Folhas basilares e ao longo do caule, cortantes devido ao elevado conteúdo de sílica nas células, escabras ou glabras; bainha fechada ou alada, comprimento variável, lígula presente ou ausente; contralígula comumente desenvolvida, triangular, arredondada ou reta; apêndice membranoso presente ou ausente. Brácteas involucrais presentes, bem desenvolvidas e foliosas protegendo as panículas ou a inflorescência espiciforme, ou ausentes; bractéolas pequenas e poucos desenvolvida protegendo os ramos das espiguetas ou ausentes. Inflorescências paniculadas, terminais e axilares e espiciformes, com as espiguetas em glomérulos. Espiguetas distribuídas em flores masculinas ou femininas, unissexuadas, e raramente bissexuadas. Flores masculinas podem conter 2-3 estames, protegidos por brácteas reduzidas, denominadas glumas. Espigueta feminina contém uma única flor, um óvulo, unilocular e tricarpelar. O tamanho, a forma, a cor e o grau de pilosidade das glumas masculinas e femininas geralmente são caracteres taxonômicos importantes. O aquênio é geralmente globoso ou, às vezes trígono, branco, purpúreo ou negro. Hipogínio presente ou ausente, se presente trilobado ou inteiro, margem inteira, fimbriada ou ciliada.

O aquênio em estágio maduro é quase sempre essencial para a identificação confiável. Além disso, a ausência ou a presença e forma do hipogínio constituem os principais caracteres usados para o reconhecimento de seções e devem ser observados com bastante cuidado para determinar as espécies (MUNIZ & SHEPHERD, 1987).

O gênero *Scleria* é formado por 250 espécies (GOETGHEBEUR, 1998) que ocorrem predominantemente nas regiões pantropicais, mas com espécies registradas nas regiões temperadas em ambos os hemisférios (CORE, 1952). Os centros de diversidade são a América do Sul Tropical, América do Norte, África Tropical e sudeste da Ásia (TUCKER, 1987). A maioria das espécies de *Scleria* habita áreas periodicamente úmidas ou alagadas, frequentemente sobre solos arenosos, muitas sobre solos rasos de rocha sazonalmente úmidos e mais raramente em florestas abertas a densas (GOETGHEBEUR, 1998).

No Brasil de acordo com Alves *et al.* (2009) este gênero é considerado o terceiro mais rico dentre as Cyperaceae com 82 espécies, das quais 25 são endêmicas no país. Em Sergipe foram catalogadas doze espécies habitando áreas de Restinga, borda e clareiras de matas, campo aberto gramíneo, ambientes brejosos, região de várzea e de mata ciliar

¹ Universidade Federal de Sergipe, Departamento de Biologia, Laboratório de Sistemática Vegetal. Av. Marechal Rondon s/n, Bairro Jardim Rosa Elze, 49100-000 São Cristóvão/SE. E-mail: apprata@yahoo.com.br

² Facultad de Ciencias Agrárias, Instituto de Botánica Del Nordeste. C.C. 209. 3400. Corrientes Argentina. E-mail :mglopez@agr.unne.edu.ar

¹ Universidade Federal de Sergipe. Depto. de Biologia. Campus Universitário Professor Aloísio de Campos, 49100-000, São Cristóvão, SE. Brasil. (italloromany@hotmail.com)

em solos arenosos, úmidos ou encharcados.

Chave para identificação das espécies de *Scleria* de Sergipe

1. Espiguetas masculinas e femininas em inflorescências distintas, a feminina basal, a masculina apical.....**1. S. bracteata**
- 1' Espiguetas masculinas e femininas na mesma inflorescência.....**2**
2. Plantas herbáceas escandentes.....**11. S. secans**
- 2' Plantas herbáceas eretas ou apoiantes, nunca escandentes.....**3**
3. Inflorescência espiciforme, hipogínio ausente.....**4**
4. Contralígula com apêndice membranáceo.....**3. S. hirtella**
- 4' Contralígula sem apêndice membranáceo, triangular ou reta.....**5**
5. Glumas e carenas das bractéolas pilosas, aquênio globoso.....**4. S. interrupta**
- 5' Glumas e carenas das bractéolas glabras, aquênio ovoide.....**12. S. verticillata**
- 3' Inflorescência em panícula, hipogínio presente.....**6**
6. Inflorescência formada por uma panícula solitária, piramidal.....**2. S. cyperina**
- 6' Inflorescência formada por 3-5 panículas terminais e axilares.....**7**
7. Folha 3-7 com de larg.....**5. S. latifolia**
- 7' Folha 0.1-0,5 cm de larg.....**8**
- 8 Hipogínio com bordo trilobado.....**9**
9. Contralígula com apêndice membranáceo.....**10. S. scabra**
- 9' Contralígula sem apêndice membranáceo.....**10**
10. Panícula 1 terminal e 3 axilares, contralígula deltoide.....**6. S. melaleuca**
- 10' Panículas apenas terminais, contralígula arredondada.....**9. S. reticularis**
- 8' Hipogínio com bordo inteiro.....**11**
11. Folhas 2,3-2,5 mm de larg., espiguetas femininas sésseis, estilopódio negro...**8. S. mitis**
- 11' Folhas 1,5-2,0 mm de larg, espiguetas femininas curtamente pediceladas, estilopódio branco.....**7. S. microcarpa**

1. *Scleria bracteata* Cav., Icon. 5:34, t.457. 1799.

Herbácea 1-1,5 m de altura, ereta ou escandente, rizomas nodulosos. Caule 1,08-4,71 mm de larg., trígono, liso a glabrescente. Folhas 22-38,3 cm de comp. x 0,7-1,2 cm de larg., lanceoladas, alternas, pilosas, margens escabras; bainha triangular, início frequentemente vinácea, hispida a pilosa; contra-lígula triangular, ciliada, cílios brancos. Brácteas involucrais 6-9, foliáceas. Inflorescência paniculada, panículas basais, formada por espiguetas femininas (4-7 panículas), panículas apicais, espiguetas masculinas (1-4 panículas). Espiguetas masculinas sésseis. Glumas masculinas, 1,5-2,5 mm de larg. x 2,0-3,5 mm, ovadas, ápice vináceo, castanho clara, glabras. Flores com 3 estames. Espiguetas femininas, sésseis, lanceoladas, protegidas por bractéolas evidentes, margens escabras, podendo chegar a 6 cm, base do hipogíneo persistente. Glumas femininas, 1,0-2,5 mm de larg. x 2,5-5,0 mm de comp., ovais-lanceoladas, ápice vináceo, glabras, verde com regiões castanhas. Hipogíneo trilobado, margem ondulada, vinácea. Aquênio 2,40 mm de comp.,

globoso, branco a pardo, superfície ondulada, com tufo de pêlos por toda superfície.

Comentários: *Scleria bracteata* ocorre desde o México até o Paraguai. No Brasil está presente em todas as regiões geográficas. Em Sergipe habita principalmente em campo aberto gramíneo, borda da mata e ambientes brejosos. Conforme citado por Muniz (1987), é uma espécie comum, habitando geralmente em lugares brejosos e abertos, sendo considerada muito frequente e abundante nas margens e áreas degradadas da selva ou Mata Atlântica. É uma espécie de fácil reconhecimento morfológico, pelo fato de possuir na inflorescência panículas superiores contendo apenas espiguetas masculinas e na panícula inferior espiguetas femininas. Esta característica é marcante na identificação desta espécie em campo.

Material examinado selecionado: **BRASIL. Sergipe:** Areia Branca, Serra Comprida, XII/2007, E. Matos 111 & al., (ASE); Capela, Mata do Junco, VI/2007, A. C. Silva 117 & al., (ASE); Estância, Mata do Riacho Carrapato, II/2010, I.R.N. Menezes 70, (ASE); Itaporanga d'Ajuda, Fazenda Trapsa, VIII/2007, A. B. Sales 35 & al., (ASE); Itabaiana, PARNA Serra de Itabaiana, III/2009, I. R. N. Menezes 12, (ASE); Japarutuba, Pov. São José, VIII/2006, L. M. O. Rodrigues 93 & E. Santos, (ASE); Lagarto, II/2007, A. P. Prata 1391, (ASE). Maruim, Faz. Tanque Verde, II/1983, E. Gomes 165, (ASE); São Domingos, Serra da Miaba, IV/2006, A. P. Prata 1211 & al., (ASE); Santa Luzia do Itanhhy, Mata do Crasto, XII/1995, A. Vicente 791 & M. Landim, (ASE).

2. *Scleria cyperina* Willd. ex Kunth, Enum. Pl. 2:345. 1837.

Herbácea 1-1,5 m de comp., rizomatosa, formando touceiras. Caule 2,1-7,9 mm de larg., trígono, glabro, com regiões vináceas. Folhas 0,4-1,7 cm de larg. x 11-39,5 cm de comp., alternas, lineares, glabras, margens escabras com corpos silicosos cônicos, bainha alada, glabra, contralígula proeminente, 9 mm de larg. x 9,3 mm de comp., ovada, nervada, rígida. Brácteas involucrais (2-3), 0,4-1,5 cm de larg. x 3,5-12 cm de comp, lanceoladas, foliáceas, glabras, eretas. Inflorescência panícula terminal, piramidal, bissexuada, espiguetas femininas mais internamente, espiguetas masculinas externamente. Espiguetas masculinas, pediceladas. Glumas masculinas, 1-2 mm de larg. x 2,5-4,5mm de comp., lanceoladas, glabras, castanho claras a translúcidas. Flores com 3 estames. Espiguetas femininas, sésseis, protegidas por bractéolas, glabras, lineares, podendo atingir 2 cm de comp. Glumas femininas, 2-4 mm de larg. x 2,5-7 mm de comp., lanceoladas, glabras, pardas claras. Hipogíneo trilobado, rugoso. Aquênio 2-2,5 mm de comp., globoso, branco, levemente ondulado, piloso.

Comentários: Ocorre desde Honduras a Colômbia, Guianas e Brasil. No território nacional, tem registro para as regiões Norte, Nordeste, Sudeste e Centro-Oeste. De acordo com Alves (2009) *Scleria cyperina* Willd. ex Kunth é amplamente distribuída em vegetação sub-arbustiva e rasteira de florestas secas a úmidas. Em Sergipe esta espécie é popularmente conhecida como pente-de-macaco. Os habitats característicos de ocorrência no estado são: borda de mata, campo aberto, gramíneo com solo encharcado e mata ciliar. Esta

espécie tem como características diagnósticas a presença de inflorescência terminal piramidal, quase sempre subtendida por 3 brácteas eretas, contralígula proeminente, nervada e rígida. As espiguetas femininas são sésseis e estão inseridas no início dos ramos; as masculinas são pediceladas e estão localizadas nas extremidades dos ramos.

Material examinado selecionado: **BRASIL. Sergipe:** Areia Branca, Serra de Itabaiana, II/1991, *M. L. Santos* ASE 5126, (ASE); Areia Branca, Serra Comprida, XI/2007, *S. M. Costa* 193 & *J. E. Nascimento-Júnior*, (ASE); Itaporanga d'Ajuda, Faz. Trapsa, IV/2008, *A. P. Prata* 1405 & *al.*, (ASE); Japarutuba, Pov. São José, VIII/2006, *L. M. O. Rodrigues* 91 & *al.*, (ASE); São Domingos, Serra da Miaba, IV/2006, *A. P. Prata* 1210 & *al.*, (ASE); São Cristóvão, Mata do Pratinha, VI/2008, *J. E. Nascimento-Junior* 378 & *al.*, (ASE).

3. *Scleria hirtella* Sw., Prodr.:19. 1788.

Herbácea 35-65 cm de comp., ereta, anual, raízes fibrosas. Caule 0,47-2,04 mm de larg., trígono, piloso. Folhas 1,87-3,33 mm de larg. x 12-27 cm de comp., lanceoladas, pilosas, principalmente nas nervuras; bainha triangular, pilosa, contralígula com apêndice membranáceo, ciliada. Brácteas involucrais ausentes. Inflorescência espiciforme, solitária, interrompida por 5-9 glomérulos bissexuados. Espiguetas masculinas dispostas internamente a espiguetas femininas. Glumas masculinas, 0,5-1 mm de larg. x 2,5-3 mm de comp., lanceoladas, glabras, base castanho claro, ápice vináceo. Flores com 2 estames. Espiguetas femininas, 3-5 mm de comp., lanceoladas, sésseis, protegidas por bractéolas, ápice vináceo ou negro, margens cíliadas. Glumas femininas, 0,5-1 mm de larg. x 3,5-5 mm de comp., ovadas-lanceoladas, membranáceas, base verde clara, ápice vinho escuro, carena pilosa, base persistente no aquênio. Hipogínio nulo. Aquênio 1,15-1,17 mm de larg. x 1,1-1,48 mm de comp., subgloboso, apiculado, branco a cinza, glabro, base triangular com 4 poros em cada vértice.

Comentários: *Scleria hirtella* ocorre desde o sul dos Estados Unidos até a Argentina e Chile. Luceño *et al.* (1997) citam a sua ocorrência também nas zonas tropicais do oeste da África. No Brasil está distribuída em todas as regiões geográficas. Em Sergipe possui como habitats principais a restinga, orla da mata, áreas próximas ao mangue, campos gramíneos e ambientes brejosos. Esta espécie pode ser reconhecida pela presença de inflorescência espiciforme com espiguetas dispostas em glomérulos laterais e pelas glumas pilosas na região mediana. Outra característica importante para a sua identificação é o aquênio sem hipogínio e base triangular com superfície lisa e 4 poros em cada vértice.

Material examinado selecionado: **BRASIL. Sergipe:** Aracaju, Mosqueiro, VIII/2007, *A. C. Silva* 136 & *al.*, (ASE); Indiaroba, Mata do Sabão, VIII/2009, *I. R. N. Menezes* 35, (ASE); Santa Luzia do Itanhy, Mata do Crasto, XI/1993, *A. M. A. Amorim* 1470 (ASE).

4. *Scleria interrupta* Richb., Actes Soc. Hist. Nat. Paris 1:113. 1792.

Herbácea 25-60 cm de comp., ereta, anual, rizoma ausente, raízes fibrosas. Caule 0,41-0,9 mm de larg., trígono, base vinácea, pilosa, meio ao ápice, verde claro, glabrescente. Folhas 1,15-3,45 mm de larg. x 0,7-18,5 mm de comp., lineares, pilosas, 2-4 folhas por caule, bainha não alada, pilosa, contralígula discreta, obtusa, membranácea, pilosa. Bráctea involucral (1), 7-15 cm de comp., linear, pilosa. Inflorescência bissexuada, espiciforme de 6-10 glomérulos, estes protegidos por bractéolas ciliadas, cílios translúcidos. Espiguetas masculinas, 0,5 mm x 2,8-3 mm, glabras, protegidas pela gluma feminina. Glumas masculinas, 0,5-1 mm x 2,5-3 mm, oblongas, glabras, castanho claro a escuro. Espiguetas femininas, sésseis. Glumas femininas, 1-1,5 mm x 2,5-5,5 mm, ovadas-lanceoladas, pilosas, regiões vináceas, ápice das glumas e bractéolas preto a vináceo. Hipogínio ausente, persistência de uma base na espiguetas femininas. Aquênio 0,07-1,33 mm de larg. x 1,11-1,6 mm de comp., globoso, branco, projeções retangulares na superfície, glabro, base triangular, 4 poros em cada face, com minúsculas elevações na base.

Comentários: A espécie está distribuída desde o sul do México ao norte da América do Sul. No Brasil tem ocorrência em três regiões: Nordeste, Sudeste e Centro-Oeste. Em Sergipe foi coletada habitando principalmente solos arenosos, tanto em campo quanto na borda de mata e em solo encharcado em vegetação gramínea. *Scleria interrupta* Rich. é quase sempre confundida com *S. hirtella* Sw. em vários herbários brasileiros, devido a semelhanças morfológicas compartilhadas que incluem a presença de inflorescência espiciforme e carena das glumas e bractéolas ciliadas. No entanto, alguns caracteres taxonômicos de *S. interrupta* são utilizados na distinção destas duas espécies, são eles: vários glomérulos por caule e a presença de projeções retangulares na superfície do aquênio que são ausentes em *S. hirtella*.

Material examinado selecionado: **BRASIL. Sergipe:** Areia Branca, PARNA Serra de Itabaiana, VIII/2008, *S. M. Costa* 404 (ASE); Indiaroba, Mata do Sabão, VIII/2009, *I. R. N. Menezes* 36 (ASE); Itaporanga d'Ajuda, Fazenda Trapsa, IV/2008, *C. Calazans* 16 (ASE); Santa Luzia do Itanhy, Mata do Crasto, IX/2009, *I. R. N. Menezes* 52 (ASE); São Cristóvão, Lagoa do Rio Poxim, XI/2010, *L.A.S. Santos* 40 (ASE).

5. *Scleria latifolia* Sw., Prodr. 18, 1788.

Herbácea, 1,1-1,7 cm de comp., perene, rizomatosa. Caule 1,18-5,21 mm de larg., trígono, base glabrescente. Folhas 2,8-7 cm de larg. x 36-47 cm de comp., lanceoladas, assimétricas, região adaxial glabra, região abaxial glabra a glabrescente; bainha com alas desenvolvidas, superfície glabra a glabrescente, contralígula 7,59 mm de larg., triangular, glabrescente. Brácteas involucrais (3-5), 0,5-3,7 cm de larg. x 6-35 cm de comp., lanceoladas. Inflorescência paniculada, 3-5 panículas, terminais e axilares, ramo das panículas pardo a vináceo, glabro a glabrescente, bractéolas protegendo as espiguetas. Espiguetas masculinas pediceladas, glabras. Glumas masculinas 1,5-2 mm de larg. x 2,5-

3,5 de comp., ovais, membranáceas, ápice frequentemente vináceo, base parda. Flores com 3 estames. Espiguetas femininas, sésseis. Glumas femininas, 2-5 mm de larg. x 3-4 mm de comp., ovadas, acuminadas. Hipogíneo trilobado, bordo membranáceo, laciniado, ápice frequentemente vináceo, base trilobada persistente na espiguetas feminina. Aquênio 2,5-2,6 mm de larg., x 2,79 mm de comp., globoso, branco na base e lilás no ápice ou apenas branco, glabro.

Comentários: Ocorre desde a América Central até a Argentina e o Paraguai. No Brasil habita em todas as regiões. A identificação desta espécie é facilitada pela presença das seguintes características: folhas largas 2,8-3,7 cm, assimétricas na extremidade, bainhas aladas, hipogíneo trilobado, fimbriado, purpúreo a negro no ápice. Além disso, o aquênio com ápice lilás e base branca é bastante característico desta espécie.

Material examinado: **BRASIL. Sergipe:** Areia Branca, PARNA Serra de Itabaiana, I/2010, *Menezes, I.R.N. 62 et. al.* (ASE); Itaporanga d'Ajuda, Mata da Sizia, VIII/1996, *M. Landim 973 et. al.* (ASE).

6. *Scleria melaleuca* Rchb. ex Schltld. & Cham., *Linnaea* 6(1):29. 1831.

Herbácea 60-120 cm de comp., perene, rizomatosa, formando touceiras. Caule 1,13-6,45 mm de larg., trígono, glabro a glabrescente, verde claro com regiões vináceas, margens escabras. Folhas 0,8-1,3 cm de larg., 34-57,5 de comp., lineares, verticiladas, superfície glabra a glabrescente; bainha alada, glabra, contalígula proeminente, deltóide, podendo alcançar 1 cm, glabra, as vezes com ápice ciliado. Brácteas involucrais 7-36,5cm de comp., protegendo panículas axilares. Inflorescência paniculada, 1 terminal e 3 axilares, bractéolas protegendo ramificações ou pares de espiguetas. Espiguetas masculinas pediceladas. Glumas masculinas 1-2 mm de larg. x 2,5-3 mm de comp., ovadas-lanceoladas, glabras, pardas. Flor com 1 estame. Espiguetas femininas, subssésseis. Glumas femininas 2-4 mm de larg. x 2,5-3,8 mm de comp., subdísticas ou orbiculares, marrom esverdeadas a purpúreas, glabras. Hipogíneo trilobado, bordo inteiro, redondo, glabro, membranáceo, base trilobada do hipogíneo persistente na espiguetas feminina. Aquênio 2,12-2,32 mm de larg., x 2 mm de comp., obovóide-globoso, branco a pardo, as vezes tingido de roxo, glabro, ápice acuminado, levemente piloso próximo ao hipogíneo.

Comentários: Distribuída na América tropical iniciando no México, América Central, Argentina, África tropical e Madagascar. No Brasil ocorre em todas as regiões. Em Sergipe *Scleria melaleuca* é encontrada em áreas de mata aberta, borda de mata, matas devastadas, brejo e também como invasora de laranjais. Luceño *et al.* (1997), citam esta espécie para campo nitrificado, bordas e clareiras de matas. Alves *et. al.* (2009), citam a sua ocorrência em florestas úmidas e secas com grau de perturbação. Outro habitat de *S. melaleuca* em Sergipe é o Brejo. Pott e Pott (2000) mencionaram a ocorrência desta espécie neste tipo de ambiente. Uma das principais características taxonômicas desta espécie é a presença da lígula deltóide com nervuras conspícuas e margem ciliada. Além disso, outras

características como glumas femininas subdísticas, aquênio liso, hipogíneo trilobado com bordos inteiros membranáceos e redondos também auxiliam na identificação da espécie.

Material examinado selecionado: **BRASIL. Sergipe:** Capela, Mata do Junco, VI/2007, *A. C. Silva 116 & K. C. S. Teixeira* (ASE); Estância, Mata do Riacho Carrapato, II/2010, *I.R.N. Menezes 73* (ASE); Indiaroba, Mata do Sabão, VIII/2009, *I. R. N. Menezes 38* (ASE); Itabaiana, Pov. Ribeira, IX/2006, *A. P. Prata 1359* (ASE); Itaporanga d'Ajuda, Faz. Caju (Embrapa), I/2008, *S. M. Costa 260* (ASE); Lagarto, Colônia Treze, VIII/2009, *L. A. S. Santos 5* (ASE); Salgado, Sítio Sr. Bomfim, VII/1982, *G. Viana 563* (ASE); Santa Luzia do Itanhy, Mata do Crasto, VII/2009, *I. R. N. Menezes 25* (ASE); Santo Amaro das Brotas, VII/2009, *I. R. N. Menezes 15* (ASE); São Cristóvão, Matinha da UFS, I/2009, *I. R. N. Menezes 5* (ASE).

7. *Scleria microcarpa* Nees ex Kunth, Enum Pl. 2:341. 1837.

Herbácea 1,5-2,5 m de comp., ereta, rizomatosa, perene. Caule 1,17-3,78 mm de larg; trígono, liso. Folhas 0,5-1,1 cm de larg. x 8-38 cm de comp., lineares, margens escabras; bainha trilobada, 2,8-2,6 mm de larg., x 2,5-8,2 cm de comp., membranácea; contralígula falciforme, 1,31-16,5 mm de comp., pilosa. Brácteas involucrais (3-4), 1,37-2,7 mm de larg. x 5-20 cm de comp., lanceoladas, foliáceas. Inflorescência paniculada 1 terminal e 3-4 axilares, pediceladas. Espiguetas masculinas 1-2 mm de larg. x 2-3 mm de comp., pediceladas. Glumas masculinas, 1-2 mm de larg. x 1,5-2,5 mm de comp., obtusas, pardas claras. Flores com 3 estames. Espiguetas femininas curtamente pediceladas. Glumas femininas, 1-2 mm de larg. x 1,8-2,5 mm de comp., ovais-acuminadas, pardo claras, 4 glumas com o aquênio. Hipogíneo 1,47-1,74 mm de diam., x 1,56-1,74 mm de larg., elevado, mais comprido que o aquênio, bordo inteiro, pardo claro, esparsamente ciliado. Aquênio 1,5-2 mm de comp., elipsóide-ovóide, branco a acinzentado, liso, brilhante, estilete branco algumas vezes persistente.

Comentários: *S. microcarpa* está distribuída desde o México até Paraguai. No Brasil ocorre em todas as regiões. Em Sergipe a espécie foi encontrada em campo aberto com solo encharcado e em borda de matas. Esta espécie é caracterizada pela bainha trilobada proeminente e contralígula falciforme. O hipogíneo com seu bordo inteiro e ciliolado pode ser percebido na própria espiguetas em razão do comprimento que ultrapassa as glumas. A persistência do estilete branco no ápice do aquênio também é um caráter taxonômico da espécie.

Material examinado selecionado: **BRASIL. Sergipe:** Estância, Mata do Riacho Carrapato, II/2010, *I.R.N. Menezes 75* (ASE); Itaporanga d'Ajuda, Faz. Trapsa, I/2008, *A. B. Sales 144 & E. Santos* (ASE); Pirambu, Sítio Mero, II/1983, *M. C. Santana 177* (ASE); Santa Luzia do Itanhy, Mata do Crasto, VII/2009, *I. R. N. Menezes 21* (ASE); São Cristóvão, matinha da UFS, I/2009, *I. R. N. Menezes 4* (ASE).

8. *Scleria mitis* Berg., Kongl. Vetensk. Acad. Handl. 26:145. 1765.

Herbácea 2 m de altura, rizomatosa, perene. Caule 2,6-6,6 mm de larg., trígono, glabro, verde claro, margens lisas. Folhas 1,5-1,8 cm de larg. x 30-60 cm de comp., lineares, alternas, glabras, região abaxial com 2 nervuras marginais pilosas, adaxial com estria pilosa central, margens escabras, alas terminais, desiguais, bainha trilobada, lisa; contralígula 0,3-0,5 cm de larg. x 2,8-3,9 cm de comp., lanceolada, lisa. Brácteas involucrais (4). Inflorescência paniculada 1 terminal, 4 axilares, verde clara, glabra. Espiguetas masculinas 0,8-1,5 mm de larg. x 2,5-3 mm de comp., pediceladas. Glumas masculinas, 1,2 mm de larg. x 1,5-2,2 mm de comp., ovóides, pardas. Flores com 3 estames. Espiguetas femininas sésseis. Glumas femininas, 2-2,8 mm de larg. x 2,2-3,2 mm de comp., orbiculares, pardas claras, membranáceas. Hipogíneo com bordo inteiro, ondulado, piloso, vináceo escuro. Aquênio 2,31-2,48 mm de larg., x 1,64-1,73 mm de comp., branco, glabro, estilete cônico preto persistente no aquênio maduro.

Comentários: ocorre desde Belize ao Paraguai. No Brasil tem registro para todas as regiões. *Scleria mitis* foi coletada em dois municípios sergipanos na borda da mata, mas em contato com uma região de várzea. Seus espécimes foram observados distribuídos no solo úmido. As características mais marcantes desta espécie são a persistência do estilete cônico no aquênio branco e o bordo do hipogíneo com pêlos vináceos escuros, ultrapassando as glumas que recobrem o fruto.

Material examinado: **BRASIL. Sergipe:** Capela, Mata do Junco, XI/2008, I. R. N. Menezes 1 (ASE); Lagarto, margem do rio Piauitinga, I/2010, Santos, L.A.S. 14 (ASE).

9. *Scleria reticularis* Michx. ex Willd., Fl. Bor.-Amer. 2:167. 1803.

Herbácea, perene, ereta. Caule 0,80-2,55 mm de larg., trígono, glabro, verde lustroso. Folhas 3,58 mm de larg. x 29 cm de comp., lineares, glabras; bainha alada, glabra, margens escabras; contralígula, arredondada, ciliada, cílios pardos. Brácteas involucrais 1,8-4 mm de larg. x 4-30 cm de comp., lineares, glabras. Inflorescência paniculada, terminal, 2-3 panículas, sésseis ou pedunculadas, pedúnculo podendo chegar a 12 cm, bractéolas lineares, protegendo as espiguetas. Espiguetas masculinas, 1,5-2,8 mm de larg. x 3,8-4,2 mm de comp., pediceladas, glabras. Glumas masculinas, 1-2 mm de larg. x 3-4,5 mm de comp., lanceoladas, pardas a vináceas. Flores com 2 estames. Espiguetas femininas, sésseis, glabras. Glumas femininas, 4-5 mm de larg. x 2-3 mm de comp., ovadas-lanceoladas, ápice vináceo, carena lisa, verde lustrosa. Hipogíneo profundamente trilobado, bordos oblongos, glabros, base do hipogíneo persistente na espiguetas. Aquênio 2-2,2 mm de larg. x 1,7-1,8 mm de comp., ovóide a subgloboso, branco a pardo, apiculado, glabro, superfície levemente irregular com pontos retangulares verticais, frequentemente 2 poros na base do aquênio entre os lóbulos do hipogíneo.

Comentários: ocorre desde o sul dos Estados Unidos, México, América Central a América

do Sul. No Brasil tem registro para as regiões Norte, Nordeste e Sudeste. Em Sergipe está representada em apenas um município, onde foi encontrada habitando o campo gramíneo em solo encharcado. *Scleria reticularis* tem como caracteres taxonômicos marcantes algumas panículas pediceladas, hipogíneo trilobado e aquênio com a superfície levemente irregular com pontos levemente retangulares e 2 poros.

Material examinado: **BRASIL. Sergipe:** Lagarto, Pov. Rio das Vacas, XI/2009, L. A. S. Santos 21 (ASE).

10. *Scleria scabra* Willd., Sp. Pl. 4(1): 315. 1805.

Herbácea 60 cm de comp., perene, rizomatosa. Caule 1,61-3,61 mm de larg., trígono, alado, ângulos agudos, glabros. Folhas 4,22-6,68 mm de larg. x 15,7-33,5 cm de comp., lineares, rígidas e eretas, glabras, bainha trilobada, glabra, podendo chegar a 9 cm de comp. e 2,5 mm de larg.; contralígula 4 mm de larg. x 8 mm de comp., lanceolada, base coriácea, parda escura, ápice com apêndice membranáceo ou escabro, castanho. Brácteas involucrais (3), 5,42-7,62 mm de larg. x 4-22 cm de comp., lineares, glabras. Inflorescência paniculada, panícula única, espiguetas femininas mais internamente, espiguetas masculinas externas. Espiguetas masculinas, 1,5-2 mm de larg. x 4-6 mm de comp., pediceladas. Glumas masculinas, 2-3 mm de larg. x 3-6 mm de comp., deltóides, glabras. Espiguetas femininas, pediceladas. Glumas femininas 4-6 mm de larg. x 5-10 mm de comp., ovadas-lanceoladas, tamanhos desiguais. Hipogíneo trilobado, denteado, abaixo da base do aquênio. Aquênio 3 mm de comp. e 3,6 mm de larg., ovóide, branco, glabrescente.

Comentários: *Scleria scabra* ocorre desde a Venezuela ao Brasil e Cuba. No Brasil tem registro para todas as regiões. Em Sergipe foi coletada em borda de Mata. Um caráter morfológico marcante da espécie é a presença de contralígula com apêndice membranáceo. Além disso, nesta espécie a inflorescência é protegida pelas brácteas que diminuem de comprimento da base ao ápice.

Material examinado: **BRASIL. Sergipe:** Japaratuba, P.A. Ivan Ribeiro, VI/1997, M. Landim 1259 & V. M. Schettino (ASE).

11. *Scleria secans* (L.) Urb., Symb. Antill. 2(2): 169. 1900.

Herbácea, 2-5 m, escandente, rizomatosa, perene. Caule trígono, com várias ramificações, liso a glabrescente, margens escabras, entre as bainhas. Folhas 1,8-5 mm de larg. x 18-50 cm de comp., lineares, glabras a glabrescentes, bordos e nervura central escabros; bainha, glabra a glabrescente, margens escabras; contralígula oblonga, apêndice membranáceo, castanho, podendo atingir acima de 5 mm de comp. Brácteas involucrais, 3-25 cm de comp., lineares, glabrescentes, escabras. Inflorescência paniculada, 1-5 axilares, algumas pediceladas. Espiguetas masculinas, 0,5-1 mm x 3,2-4 mm, pediceladas. Glumas masculinas, 0,8-1,2 mm de larg. x 2-4 mm de comp., lanceoladas, glabras, ápice vináceo.

Flores com 2 estames. Espiguetas femininas, sésseis. Glumas femininas 3-4 mm x 4-6 mm, ovais, glabras, bordos vináceos, carena verde. Hipogíneo suborbicular, levemente denteado, glabro, base do hipogíneo persistente na espiguetas feminina. Aquênio 2,75-2,8 mm de larg., x 2,8-3 mm de comp., ovóide, branco, brilhante, glabro,

Comentários: Sua distribuição é registrada desde o México ao Paraguai. No Brasil está representada em todas as regiões. Em Sergipe foi coletada principalmente na Borda de matas e clareiras. *S. secans* tem como caráter taxonômico marcante a presença de contralígula proeminente e membranácea. Outra característica importante é o hábito escandente, quase sempre gerando um emaranhado de caules e folhas no arbusto ou árvore que se apoia.

Material examinado selecionado: **BRASIL. Sergipe:** Areia Branca, Serra de Itabaiana, I/2010, *I.R.N. Menezes 66 et. al.* (ASE); Estância, Mata do Riacho Carrapato, II/2010, *I.R.N. Menezes 74* (ASE); Indiaroba, Mata do Sabão, VIII/2009, *I. R. N. Menezes 31* (ASE); Itaporanga d'Ajuda, Faz. Trapsa, IV/2008, *A. P. Prata 1415 & al.*, (ASE); Lagarto, Pau Grande, IX/2009, *L. A. S. Santos 9 & al.* (ASE); Pirambu, margem do Riacho Aningas, IV/2006, *A.P. Prata 1180 et. al.* (ASE); Santa Luzia do Itanhhy, Mata do Crasto, VII/2009, *I. R. N. Menezes 18* (ASE).

12. *Scleria verticillata* Muhl. ex Willd., Sp. Pl. 4(1):317. 1805.

Herbácea 20-40 cm de comp., anual, raízes fibrosas. Caule 20-70 mm de larg., trígono, glabro. Folhas 1,1-1,3 mm de larg. x 4,5-17,5 cm de comp., lineares, glabras, verde brilhantes; bainha não alada, base vinácea, pilosa e ápice verde a pardo; contralígula arredonda, convexa, ciliada, vinácea a verde. Bráctea involucral (1), 0,5-1 mm x 7-15 mm, linear, glabra. Inflorescência espiciforme simples, 5-9 glomérulos, com algumas ramificações 1-3, com 1-2 glomérulos, glomérulos protegidos por pequenas bractéolas. Espiguetas femininas, 0,5-1 mm x 2,5-2,8 mm, margens vináceas. Glumas femininas, 0,8-1,5 mm x 2-3 mm, ovada-lanceoladas, pardas, com regiões vináceas, glabras. Espiguetas masculinas, 0,3-0,5 mm x 2,8-3 mm, sésseis, localizadas internamente as espiguetas femininas.. Glumas masculinas, 0,5-1 mm x 2-2,8 mm, oblongas, vináceas ou pretas. Flores com 1-3 anteras. Hipogíneo ausente, persistência de uma base na espiguetas feminina. Aquênio 1-1,3 mm de comp. x 0,8-1 mm de larg., ovóide, acizentado, superfície com cristas quadradas transversalmente, ápice mucronado, glabro, base triangular, com 4-5 pequenos poros em cada face.

Comentários: os representantes desta espécie ocorrem desde os Estados Unidos ao Brasil. Neste tem registro de ocorrência nas regiões Norte, Nordeste e Sudeste. Em Sergipe habita a borda de mata e campos gramíneos. *Scleria verticillata* é similar a *Scleria hirtella* e *Scleria interrupta*, já que as três fazem parte da secção *Hypoporum*. Certos caracteres taxonômicos observados em *Scleria verticillata* como a inflorescência ramificada, espiguetas glabras e aquênio ovóide são utilizados para indentificar a primeira espécie.

Material examinado selecionado: **BRASIL. Sergipe:** Areia Branca, Serra Comprida, XI/2007, *S.M. Costa 187* (ASE); Areia Branca, PARNA Serra de Itabaiana, VIII/2008, *S.M. Costa 397* (ASE); Santa Luzia do Itanhhy, Mata do Crasto, II/2009, *I. R. N. Menezes 53*(ASE).

Referencias bibliográficas

Adams, C. D., W.W. Thomas, O. Seberg, P. Goetghebeur, M. S. González-Elizondo, A.O. Chater & J. Gómez-Laurito. 1994. Cyperaceae. In: G. Davidse, M.S. Sousa & A.O. Chater (Eds.). **Flora Mesoamericana**, v. 6, Missouri Botanical Garden, St. Louis. Pp. 402-501.

Ahumada, O.; Vegetti, A. C. **Inflorescence structure in species of *Scleria* subgenus *Hypoporum* and subgenus *Scleria* (Sclerieae-Cyperaceae)**. Springer-Verlag, 2009.

Alves, M. & Martins, S. 2009. Cyperaceae. In: Alves, M.; Araújo, M.F.; Maciel, J. & Martins, S. (Org.). **Flora de Mirandiba**, v. 1. Recife: APNE. p. 137-145.

Alves, M.; Araújo, A.C.; Hefler, S.M.; Trevisan, R.; Silveira, G.H. & Luz, C.L. 2013. Cyperaceae in **Lista de Espécies da Flora do Brasil. Jardim Botânico do Rio de Janeiro**. (<http://floradobrasil.jbrj.gov.br/jabot/floradobrasil/FB7253>)

Alves, M.; Araújo, A.C.; Prata, A.P.; Vitta, F.; Hefler, S.; Trevisan, R.; Gil, A.S.B.; Martins, S. & Thomas, W. 2009. Diversity of Cyperaceae in Brazil. **Rodriguesia** 60 (4): 771-782.

Alves, M.; Araújo, A.C.; Prata, A.P.; Vitta, F.A.; Hefler, S.; Trevisan, R.; Gil, A.B.; Martins, S. & Thomas, W. W. 2010. Documenting Cyperaceae in diverse Tropical Countries: The Example of Brasil. In: Seberg, Petersen, Barford & Davis. (Org.). **Diversity, Phylogeny, and Evolution in teh Monocotyledons**. Aarhus: Aarhus University Press, v. 1, p. 417-424.

Andrade, M.A.B. 1968. Contribuição ao conhecimento da ecologia das plantas das dunas do litoral do Estado de São Paulo. **Boletim da Faculdade de Filosofia Ciências e Letras da USP** 305(22): 3-170.

APG. Angiosperm Phylogeny Group. An update of the Angiosperm Phylogeny Group classification for the orders and families of flowering plants: APG II. **Botanical Journal of the Linnean Society** 141: 399-436. 2003.

Araújo, A.C. 2001. **Revisão taxonômica de *Rhynchospora* Vahl section *Pluriflorae* Kük. (Cyperaceae)**. Tese (Doutorado em Botânica). São Paulo: Instituto de Biociências, Universidade de São Paulo.

Araújo, A.C., Prata, A.P.N.; Oliveira, A.R.; Alves, M.; Trevisan, R. & Hefler, S. 2009. Cyperaceae. In Cavalcanti, T.C. & Batista, M.F. (Orgs.). **Flora do Distrito Federal, Brasil**. Brasília: Embrapa Recursos Genéticos e Biotecnologia, v. 7.

Araújo, A.C.; Loghi-Wagner, H.M. 1996. Levantamento taxonômico de *Cyperus* L. subg. *Anosporum* (Nees) Clarke (Cyperaceae-Cypereae) no Rio Grande do Sul, Brasil. **Acta Botanica Brasilica** 10 (1): 153 - 192.

Araújo, A.C.; Longhi-Wagner, H.M. & Thomas, W.W. 2003. New uncapitate species of *Rhynchospora* (Cyperaceae) from South America. **Brittonia**, 55(1):30-36.

Araújo, A.C.; Longhi-Wagner, H.M.; Thomas, W.W.; Simpson, D.A. 2008. Taxonomic novelties in *Rhynchospora* (Cyperaceae) from South America. **Kew Bulletin** 63: 301-307.

Araújo, A.C.; Thomas, W.W.; Longhi-Wagner, H.M. 2004. Two New Species and Two New Combinations in *Rhynchospora* Sect. *Pluriflorae* (Cyperaceae). **Novon**, 14(1): 6-11.

Barros, M. 1928. Ciperáceas Argentinas I: gênero *Heleocharis* R.Br. **Anales del Museo Nacional de Historia Natural "Bernardino Rivadavia"**, 34: 425-496.

Barros, M. 1943-1945. Ciperáceas Argentinas. In: **Anales del Museo Argentino de Ciencias Naturales "Bernardino Rivadavia"**. Buenos Aires. Tomo XLI.

- Barros, M.. 1960. Las Ciperáceas del Estado de Santa Catarina. **Sellowia** 12: 1-181.
- Bertels, A. 1966. Ciperáceas no Rio Grande do Sul. **Pesq. Agropec. Bras.** 1: 279-286.
- Bruhl, J.J. 1995. Sedge genera of the world: relationships and a new classification of the Cyperaceae. **Australian Systematic Botany** 8: 125-305.
- Camelbeke, K. & Goetghebeur, P. 1999. The ligule, a new diagnostic character in *Scleria* (Cyperaceae). **Syst. Geog.** Pl. 68: 73-84.
- Camelbeke, K.; Goetghebeur, P. 1998. *Scleria* Bergius. In: Berry, P., B.K. Holst & K. Yatskievych (Eds.). **Flora of the Venezuelan Guayana**. Volume 4 Caesalpiniaceae-Ericaceae: 486-663. Missouri Bot. Gard. Press, St. Louis.
- Camelbeke, K.; Goetghebeur, P. 2002. The genus *Scleria* (Cyperaceae) in Colombia. An updated checklist. El género *Scleria* (Cyperaceae) en Colombia. Una lista anotada. **Caldasia** 24(2): 259-268,
- Camelbeke, K.; Goetghebeur, P. & Strong, M. T. 1997. *Scleria amazonica*, a new Species of *Scleria* (Cyperaceae) from Venezuela. **Novon** 7: 98-101.
- Core, E. L. 1936. The American Species of *Scleria*. **Brittonia**, vol. 2, March, nº 1, pp 1-105.
- Core, E. L. 1952. The Genus *Scleria* in Brazil. **Rodriguésia**. Ano XV- número 27: 137-162.
- Costa, S.M.; Prata, A.P. & Alves, M. 2012. *Kyllinga* (Cyperaceae) no estado de Sergipe, Brasil. **Rodriguésia** 63 (4): 795-802.
- Dansereau, P. 1947. Distribuição de zonas e sucessão nas restingas do Rio de Janeiro. **Boletim Geográfico** 60: 1431-1433.
- Davidse, G.; Sousa, M.S.; Chater, A.O. **Flora Mesoamericana**. Universidad Nacional Autónoma de México. Vol 6: 402-501. 1994
- Faria, A.D. 1998. **O gênero Eleocharis R. Br. (Cyperaceae) no Estado de São Paulo**. Dissertação (Mestrado em Botânica). Campinas: UNICAMP. 150p.
- Gil, A.S.B & Bove, C.P. 2007. *Eleocharis* R. Br. (Cyperaceae) no Estado do Rio de Janeiro, Brasil. **Biota Neotrop.** 7(1):<http://www.biotaneotropica.org.br/v7n1/pt/abstract?Taxonomicreview+bn00507012007> ISSN 1676-0603
- Goetghebeur, P. & Coudijzer, J. 1984. *Fimbristylis* and *Abildgaardia* in Central Africa. Bull. lard. **Bot. Nat. Belg. Bull. Nat. Plantentuin Belg.** 54: 65-89.
- Goetghebeur, P. 1998. Cyperaceae. In: Kubitzki, K. (Ed.). **The families and genera of vascular plant: IV. Flowering plants- monocotyledons**. Berlin: Springer-Verlag. Pp. 141-190.
- González-Elizondo, M. S. 1994. *Eleocharis* R. Br. (Cyperaceae). In: Davidse, G., Souza, M. & Chater, A. O. (eds.). **Flora Mesoamericana. Alismataceae a Cyperaceae, 6**. Mexico: Universidad Nacional Autónoma de Mexico, Missouri Botanical Garden, The Natural History Museum (London). Pp. 458-464.
- González-Elizondo, M.S. & Reznicek, A. A. 1996. New *Eleocharis* (Cyperaceae) from Venezuela. **Novon** 6(4): 356 - 365.
- González-Elizondo, M. S. & Reznicek, A. A. 1998. *Eleocharis* R. Br. In: BERRY, P. E., HOLST, B. K., YATSKIEVYCH, K. (Eds.). **Flora the Venezuelan Guayana. Caesalpiniaceae-Ericaceae, 4**. St. Louis: Missouri Botanical Garden Press. Pp. 548-560.
- González-Elizondo, M.S. & Tena-Flores, J.A. 2000. *Eleocharis* (Cyperaceae) in the New World. In: Wilson, K.L. & Morrison, D.A. (Eds.). **Monocots: Systematics and Evolution**. Melbourne: CSIRO. Pp. 637-641.
- Govaerts, R.; Simpson, D.; Bruhl, J.; Egorova, T.; Koopman, J.; Simpson, D.; Goetghebeur, P.; Wilson, K.; & Bruhl, J. 2010. **World Checklist of Cyperaceae**. The Board of Trustees of the Royal Botanic Gardens, Kew.
- Guaglianone, R. 2001. Contribución al estudio del género *Rhynchospora* (Cyperaceae) V. Sección Longirostres en América austral. **Darwiniana** 39(3-4): 287-342.
- Haines, R.W. & Lye, K.A. 1983. The sedges and rushes of east Africa. **East African Natural History Society**. Nairobi.
- Hefler, S.M. 2007. *Cyperus* L. subg. *Cyperus* (Cyperaceae) na região sul do Brasil. **Tese (Doutorado em Botânica)** Porto Alegre, RS: Universidade Federal do Rio Grande do Sul. 188p.
- Hinchliff, C.E.; S. Petersen & E.H. Roalson. 2010. *Eleocharis endounifascis*: A new species of *Eleocharis* subgenus *Limnochloa* (Cyperaceae) from northern South America. **Phytotaxa** 7: 19-24
- Kearns, D.M., Thomas, W.W.; Tucker, G.C.; Kral, R.; Camelbeke, K.; Simpson, D.A.; Reznick, A.A.; Gonzales-Elizondo, M.S.; Strong, M.T. & Goetghebeur, P. 1998. Cyperaceae. Vol. 4. Pp. 486-663. In: P.E. Berry, B.K. Holst & K. Yatskievych (Eds.). **Flora of the Venezuelan Guayana**. Missouri Botanical Garden, St. Louis.
- Kissmann, K. G. **Plantas Infestantes e Nocivas**. 2 edição, São Paulo: BASF, 1999.
- Koyama, T. 1967. The systematic significance of leaf structure in the Tribe Sclerieae (Cyperaceae). **Memoirs of the New York Botanical Garden** 16:46-70.
- Koyama, T. 1979. Cyperaceae In: Howard, R.A.; Gould, F.W.; Koyama, T.; Maas, P.J.M.; Read, R.W. 1979. **Flora of Lesser Antilles: Leeward and Windward Islands: vol. 3**. Monocotyledoneae. Arnold Arboretum, Harvard University.
- Koyama, T. 2004. A taxonomic revision of the genus *Lagenocarpus* (Cyperaceae) materials for a Cyperaceae monograph of the Flora Neotropica. Part. II. **Makinoa N.S.** 4: 1-73.
- Kral, R. **A treatment of Abildgaardia, Bulbostylis and Fimbristylis (Cyperaceae) for North America**. Sida 4: 57-227. 1971.
- Luceño, M. Alves M. V. & Mendes A.P. 1997. Catálogo Forístico y Claves de Identificación de las Ciperáceas de los Estados de Paraíba y Pernambuco (nordeste de Brasil). **Anales Jard. Bot. Madrid** 55(1): 67-100.
- Luceño, M. & Alves, M. V. 1997. Clave de los géneros de Ciperáceas de Brasil y novedades taxonômicas y corológicas en la familia. **Candollea**, Genebra, 52(1): 185-197.
- Martins, L. L.; Carvalho-Okano, R. M.; Luceño, M. 1999. Cyperaceae do Parque Estadual Paulo César Vinha, Guarapari, Espírito Santo, Brasil. **Acta bot. Brás.** 13(2): 187-222.
- Mendes, K.; Gomes, P. & Alves, M. 2010. Floristic inventory of a zone of ecological tension in the Atlantic Forest of Northeastern Brazil. **Rodriguésia** 61(4): 669-676.
- Missouri Botanical Garden. **W3TROPICOS (Vast)**. Saint Louis, 2009. Disponível em: <<http://mobot.mobot.org/W3T/Search/vast.html>>. Acesso em: 15 de janeiro de 2009.
- Moore, G.; Guaglianone, R.E. & Zarteman, C. 2002 [2003]. *Rhynchospora pseudomacrostachya*, a new Brazilian species of Cyperaceae. **Brittonia** 54: 340-343.
- Muniz, C. 2001. Cyperaceae. In: Costa, A. & Dias, I. (Orgs.). **Flora do Parque Nacional da Restinga de Jurubatiba e arredores, Rio de Janeiro, Brasil: listagem florística e fitogeografia: angiospermas, pteridófitas, algas continentais**. Rio de Janeiro: Museu Nacional do Rio de Janeiro. Pp. 60-63,
- Muniz, C., G. e SHEPHERD, J. 1987. O Gênero *Scleria* Berg. (Cyperaceae) no Estado de São Paulo. **Revista Brasileira de Botânica.** 10 (1): 63-94.
- Muniz, C.. 1987. Flora Fanerogâmica da Reserva do Parque Estadual das Fontes do Ipiranga (São Paulo, Brasil). **Hoehnea** 14: 95-102, 1987.
- Nees, C. G. D. 1842. Cyperaceae. In Martius, C. F. P. **Flora Bras.** 2(1): 1-208.
- Pott, V.J.; Pott, A. 2000. **Plantas aquáticas do Pantanal**. Corumbá: EMBRAPA. 353p.
- Prata, A.P. 2002. Listagem florística das Cyperaceae do estado de Roraima, Brasil. **Hoehnea** 29(2): 93-107.
- Raynal, J. **Deux Nouveaux Scleria Ouest-Africains**. Adansônia, Nouvelle Série. Tome IV, Fascicule I, PARIS, 1964.
- Rocha, E.A. & Luceño, M. 2002. Estudo taxonômico de *Rhynchospora* Vahl Seção *Tenuis* (Cyperaceae) no Brasil.

Hoehnea 29(3): 189-214.

Rosen, D.J.; Hatch, S.L. & Carter, R. 2008. Taxonomy and nomenclature of three closely related species of Eleocharis subgenus Limnochloa (Cyperaceae). **Blumea** 53: 235-246.

Schnee, L. 1943. Las Ciperáceas del herbário Nacional de Venezuela. **Boletín de la Sociedad Venezolana de Ciencias Naturales. Tomo IX** (57): 1-1001.

Simpson, D.A. 1987. New Descriptions and a New Species of *Rhynchospora* from Northeastern Brazil: Notes on Brazilian Cyperaceae I. **Kew Bulletin** 42(4): 889-895.

Simpson, D.A. 1995. A New Species of *Rhynchospora* (Cyperaceae) from Bahia, Brazil: Notes on Brazilian Cyperaceae: VII. **Kew Bulletin** 50(1): 151-153.

Simpson, D.A. 1995. Cyperaceae. In: B.L. Stannard (ed.). **Flora of the Pico das Almas, Chapada Diamantina, Bahia, Brazil**. Royal Botanic Gardens, Kew, p. 661-682. 1995.

Simpson, D.A. & Inglis, C.A. 2001. Cyperaceae of economic, ethnobotanical and horticultural importance: a checklist. **Kew Bulletin** 56(2) 257 - 360.

Simpson, D.A. 2006. Flora da Reserva Ducke, Amazonas, Brasil: Cyperaceae. **Rodriguésia** 57 (2): 171 -188.

Smith, S.G. & Alli. 2002. Eleocharis R. Br. In: **Flora of North America Editorial Committee** (eds). Flora of North America North of Mexico, Vol. 23. Oxford Univ. Press, New York. Pp. 60 - 120.

Strong, M. T. 1994. Two new Species of *Scleria* Section *Scleria* (Cyperaceae) from the Neotropics. **Novon** 4: 296-302.

Strong, M.T. & Acevedo-Rodríguez, P. 2005. Cyperaceae. In: P. Acevedo-Rodríguez & M. T. Strong (eds.). **Monocotyledons and Gymnosperms of Puerto Rico and the Virgin Islands**. Pp. 236 - 383. Contributions from the United States National Herbarium, vol. 52. Washington, DC, USA.

Strong, M.T. 2006. Taxonomy and Distribution of *Rhynchospora* (Cyperaceae) in the Guianas, South America. Department of Botany. **National Museum of Natural History**. Volume 53, 225 pages. Washington D.C.

Svenson, H. K. 1929. Monographic Studies in the Genus Eleocharis I. **Rhodora**, 31: 121-135, 152-163, 167-191, 199-219, 224-242.

Svenson, H. K. 1932. Monographic Studies in the Genus Eleocharis II. **Rhodora**, 34: 193-203, 215-227.

Svenson, H. K. 1934. Monographic Studies in the Genus Eleocharis III. **Rhodora**, 36: 377-389.

Svenson, H. K. 1937. Monographic Studies in the Genus Eleocharis IV. **Rhodora**, 39: 210-231, 236-273.

Svenson, H. K. 1939. Monographic Studies in the Genus Eleocharis V. **Rhodora**, 41: 1-19, 43-77, 90-110.

Svenson, H. K. 1943. Cyperaceae in Flora of Panama. **Annals of the Missouri Botanical Garden**, v.30.

Thomas, W.W.; Prata, A. P. & Simpson, D. Cyperaceae. In; Barbosa, M.R.V. & ali. (Organizadores). **Checklist das plantas do nordeste brasileiro: Angiospermas e Gymnospermas**. Brasília: Ministério de Ciência e Tecnologia, 156p, 2006.

Thomas, W.W. 1984. The systematics of *Rhynchospora* section *Dichromena*. Mem. **New York Bot. Gard.** 37: 1-116.

Thomas, W.W. 1992. A synopsis of *Rhynchospora* (Cyperaceae) in Mesoamerica. **Brittonia** 44: 14-44.

Thomas, W.W. 1994. *Rhynchospora* Vahl (Cyperaceae). In: G. Davidse, M. Souza S. and A.O. Chater (Eds.). **Flora Mesoamericana** 6: 404-422. Universidad Nacional Autónoma de México, México, D. F.; Missouri Botanical Garden, St. Louis; The Natural History Museum, London.

Thomas, W.W. 1996. Notes on Capitata Venezuelan *Rhynchospora* (Cyperaceae). **Brittonia** 48(4): 481-486.

Thomas, W.W. 1998. *Rhynchospora* (Cyperaceae). Pages 610-629, In: J. A. Steyermark, P.E. Berry, and B.K. Holst (Eds.). **Flora of the Venezuelan Guayana**, Volume 4, Caesalpiniaceae-Ericaceae. Missouri Botanical Garden

Press, St. Louis.

Trevisan, R. & Boldrini, I.I. 2008. O gênero Eleocharis R. Br. (Cyperaceae) no Rio Grande do Sul, Brasil. **Revista Brasileira de Biociências**, 6(1): 7-67.

Trevisan, R. 2009. Eleocharis R. Br. (Cyperaceae). In: T.B. Cavalcanti, & M.F. Batista (Org.). **Flora do Distrito Federal, Brasil - Cyperaceae**. Brasília: Embrapa, v. 7, pp. 92-110.

Trevisan, R. & Boldrini, I.I. 2010. Novelty in Eleocharis ser. Tenuissimae (Cyperaceae), and a key to the species of the series occurring in Brazil. **Systematic Botany**, 35(3): 504-511.

Trevisan, R. et al. 2012. Three new species of Eleocharis (Cyperaceae) from Brazil. **Brittonia**, 64(1): 15-22.

Trevisan, R.; Lüdtke, R.; Boldrini, I.I. 2007. O gênero *Kyllinga* Rottb. (Cyperaceae) no Rio Grande do Sul, Brasil. **Revista Brasileira de Biociências** 5 (2-3): 27-36.

Tucker, G. C. , 1987. The Genera of Cyperaceae in the Southeastern United States. **Journal of the Arnold Arboretum**, vol: 68, number 4.

Tucker, G.C. 1982. The taxonomy of *Cyperus* (Cyperaceae) in Costa Rica and Panama. **Systematic Botany Monographs** vol. 2: 85p

Tucker, G.C. 1984. A revision of the genus *Kyllinga* (Cyperaceae) in Mexico and Central America. **Rhodora** 86: 507-538

Tucker, G.C. 1994. Revision of the Mexican Species of *Cyperus* (Cyperaceae). **Systematic Botany Monographs** vol. 43: 213p

Van de Velde, P.R. & López, M.G. 2009. Lipocarpha micrantha (Cyperaceae), nueva cita para la flora de Argentina: Micromorfología del fruto. **J. Bot. Res. Inst. Texas** 3(2): 793-798.

Vitta, F.A. 2005. Revisão taxonômica e estudos morfológicos e bio sistemáticos em *Cryptangium* Schrad.. ex Nees e *Lagenocarpus* Nees (Cyperaceae: Cryptangieae). **Tese** (Doutorado em Botânica). Campinas: Universidade Estadual de Campinas.

Vitta, F.A.; Prata, A.P. 2009. Flora de Grão-Mogol, Minas Gerais: Cyperaceae. **Boletim do Instituto de Botânica** (São Paulo), v. 27, p. 43-62.

Lista de Exsicatas

Alves, M. 2056 (7,4), 2050 (4,4), 2056 (7,4), 2060 (4,4), 2061 (10,3); **Alves-Araújo, A.** 1118 (5,12); **Amorim, A.** M. A. 1470 (16,3); **Barreto, A.C.C.** s.n. ASE 572 (5,8), s.n. ASE 573 (10,3); **Braguini, C.R.** 3 (5,2); **Calazans, C.** 1 (16,4), 3 (5,5), 4 (5,10), 5 (5,4), 6 (14,3), 8 (5,12), 9 (5,13), 10 (8,1), 13 (6,9), 18 (5,16), 50 (5,8), 70 (12,4), 71 (4,1), 72 (5,11), 520 (5,5), 521 (5,10), s.n. ASE 21937 (7,4), s.n. ASE 21940 (5,7), s.n. ASE 21941 (8,1), s.n. ASE 21948 (5,11), s.n. ASE 21950 (7,1), s.n. ASE 21951 (7,4), s.n. ASE 21953 (12,4), s.n. ASE 21954 (14,3), s.n. ASE 21956 (5,7), s.n. ASE 21957 (5,14), s.n. ASE 21960 (11,1); s.n. ASE 21961 (5,21), s.n. ASE 21963 (5,10), s.n. ASE 21964 (5,12), s.n. ASE 21965 (9,3); **Campos, D.A.** 190 (9,6), 196 (1,1); **Carneiro, E.M.** 225 (4,2), 283 (6,9); 685 (5,21), 697 (12,4); 710 (5,10); **Carregosa-Silva, T.** 39 (14,13), 55 (5,5), 68 (5,13), 81 (5,21), 82 (9,3), 85 (5,7), 120 (10,2), 133 (6,10), 137 (6,8), 138a (6,12), 142 (6,10); **Carvalho, A.M.** 4316 (1,2); **Costa, A.M.** 94 (7,4), 168 (7,5), 266 (7,5); **Costa, S.M.** 1 (9,6), 2 (9,6), 4 (14,9), 5 (6,5), 7 (14,3), 8 (5,7), 9 (14,2), 10 (9,3), 11 (9,3), 12 (5,1), 13 (5,11), 14 (9,3), 15 (9,3), 16 (5,22), 17 (9,5), 18 (12,2), 19 (5,22), 20 (5,15), 21 (5,15), 23 (6,7), 25 (7,2), 26 (12,2), 27 (5,15), 30 (9,1), 32 (7,4), 33 (5,20), 34 (11,2), 85 (14,19), 94 (7,4), 95 (5,20), 97 (5,22), 98 (5,5), 99 (5,5), 100 (12,2), 117 (12,4), 118 (5,16), 119 (5,12), 120 (9,4), 121 (5,18), 122 (5,21), 123 (9,3), 133A (5,14), 140 (9,1), 142 (1,2), 144 (5,20), 145 (5,19), 146 (5,19), 147 (12,2), 149 (5,3), 150 (5,9), 151 (5,18), 156 (7,2), 157 (9,6), 158 (11,2), 159 (12,4), 160 (6,7), 161 (5,13), 162 (5,11), 163 (9,5), 165 (14,16), 166 (5,1), 167 (6,7), 168 (7,4), 169 (7,2), 170 (12,4), 173 (10,3), 174 (5,7), 171 (9,2), 175 (8,1), 177 (5,21), 178 (9,6), 179 (12,4), 180 (14,11), 182 (10,2), 183 (14,15), 186 (14,17), 187 (16,12), 192 (4,4), 193 (16,2); 194 (4,2), 202 (12,4), 203 (6,7), 204 (7,2), 205 (4,4), 206 (4,1), 210 (5,1), 211 (5,10), 241 (10,3), 242 (5,8), 243 (1,1), 244 (4,1), 245 (5,3), 246 (9,3), 247 (9,6), 248 (12,4), 249 (14,3), 250 (7,5), 258 (5,11), 259 (14,11), 260 (16,6), 262 (7,3), 263 (5,21), 264 (5,7), 266 (7,5), 294 (9,6), 295 (5,21), 296 (6,10), 297 (5,6), 301(9,6), 303 (14,11), 304 (10,1), 310 (9,6), 361 (7,2), 381 (5,8), 387 (10,3), 392 (14,9), 393 (14,2), 394 (10,2), 397 (16,12), 398 (14,1), 402 (5,8), 404 (16,4); 405 (14,15), 407 (14,16), 408 (14,9), 409 (14,19), 410 (7,4), 413 (14,13), 415 (5,12), 439 (14,15), 441 (14,17), 442 (10,3), 444 (11,3), 445 (10,2), 452 (12,1), 458 (9,6), 459 (9,3), 460 (14,13), 461 (5,10), 462 (5,21), 463 (12,4), 464 (14,3), 480 (14,15), 481 (10,2), 484 (9,5), 485 (11,2), 486 (9,3), 487 (5,3), 488 (12,2), 489 (5,20), 490 (5,4), 491 (9,6), 492 (12,4), 494 (7,2), 496 (9,5), 498 (11,2), 499 (5,4), 500 (5,21), 501 (7,4), 502

(5,1), 503 (12,2), 504 (5,3), 532 (6,10), 534 (12,4), 535 (6,7), 536 (9,6), 540 (7,2), 541 (5,12), 578 (6,7), 579 (6,6), 581 (14,16), 582 (6,5), 584 (14,12), 585 (5,7), 586 (8,1), 590 (6,10), 652 (5,5), 662 (5,7), 663 (6,2), 1401 (14,4), 1436 (9,5); **D'Ávila, J.S.D.** s.n. ASE 3655 (14,10); **Dantas, T.V.P.** 8 (4,4), 28 (10,3), 31 (5,8), 68 (4,1), 74 (5,8); **Dória, G.A.A.** s.n. ASE 20166 (13,1); **Farias, M.C.V.** 54 (6,5), 153 (6,7), 157 (6,10), 165 (6,6); **Farney, C.** 2737 (13,1), 2956 (6,7), 2957 (13,1), 2958 (9,6), 2962 (7,2); 3026 (14,3); 3057 (5,12); **Ferreira, E.S.** 74 (13,1); **Fonseca, M.R.** s.n. ASE 412 (5,13), s.n. ASE 604 (5,8); s.n. ASE 367 (14,11), s.n. ASE 455 (14,2), s.n. ASE 606 (14,16), s.n. ASE 870 (14,2), s.n. ASE 879 (14,6), s.n. 908 (14,16), s.n. ASE 676 (14,2); s.n. ASE 413 (9,6); s.n. ASE 500 (10,3), s.n. ASE 601 (10,3), s.n. ASE 615 (10,2), s.n. ASE 602 (10,2), s.n. ASE 653 (10,2); s.n. ASE 874 (6,11); s.n. ASE 416 (13,1); s.n. ASE 418 (1,1); s.n. ASE 616 (7,2), s.n. ASE 387 (7,2), (7,2 s.n. ASE 414), s.n. ASE 415 (7,2); **França, R.** 13793 (5,10); **Gomes, E.** 67 (9,3); 70 (6,1), 199 (8,1); 244 (10, 2); 251 (14,8); 288 (5,11), 315 (5,2); 338 (6,3); **Gomes, L.A.** 59 (1,2); 165 (16, 1); 167 (9,3); 261 (14,4), 405 (5,12); 1025 (8,1); 2303 (14,4); **Gomes, P.** 595 (4,5); **Heringer, E.R.** ASE 1229 (6,1); **Ibrahim, M.** 18 (12,3), 19 (5,16), 20 (5,5); **Jardim, J.G.** 312 (5,13), 318 (9,6); **Koczicki, C.** 511 (6,13); **Landim, M.** 724A (10,2), 724 (10,3), 744 (6,7); **Lucca, F.G.** 1184 (10,3); 1259 (16,10); 1524 (5,13); **Lemos, I.C.** 1 (7,2); 2 (9,5); 3 (5), 4 (5,10); 72 (12,2); **Lucena, M.F.A.** 1564 (14,19), 1775 (5,1); **Machado, W.J.** 62 (5,21), 169 (5,21), 170 (5,7), 375 (5,5), 420 (5,1), 426 (7,4), 431 (8,1), 433 (5,21), 435 (6,3), 447 (5,5), 469 (5,1), 474 (5,5), 498 (9,3), 587 (6,3), 620 (8,1); 621 (12,3), 622 (5,7), 633 (9,5), 635 (5,5), 644 (9,3); 645 (7,4); 824 (6,7), 826 (12,3), 830 (5,14); 838 (6,7); 849 (12,4); 889 (7,2); **Maciêl, J.F.** 43 (14,2); 234 (5,20), 236 (5,3), 240 (12,3); 242 (5,5), 243 (5,22), 291 (14,16); 296 (5,8); **Martins, P.** ASE 16976 (6,1); **Matos, A.G.** 3 (5,19); 16 (9,3); **Matos, E.C.A.** 248 (5,11), 249 (5,8); **Matos, E.** 62 (4,1); 111 (16, 1); **Matos, I.S.** 11 (4,4), 22 (4,2); **Matos, R.D.** 39 (5,11); 46 (6,7); **Melo, D.S.** 34 (9,3); **Melo, L.M.S.** 128 (8,1); **Mendes, K.** 321 (14,14); **Menezes, I.R.N.** 1 (16,8); 4 (16,7); 5 (16,6); 12 (16, 1); 15 (16,6); 18 (16,11), 21 (16,7); 25 (16,6); 31 (16,11), 36 (16,4); 38 (16,6); 52 (16,4); 60 (10,1), 62 (16,5); 66 (16,11), 67 (2,1), 70 (16, 1); 73 (16,6); 74 (16,11), 75 (16,7); 79 (9,6), 81 (14,11), 84 (6,7), 88 (5,13), 89 (7,2), 90 (12,4), 93 (10,1); 95 (14,2), 98 (5,8), 102 (1,1); 104 (14,11), 108 (5,8), 118 (9,3), 121 (7,2), 125 (5,5), 130 (9,3), 140 (14,5), 156 (12,2), 157 (9,3), 158 (5,21), 159 (9,5), 160 (5,20), 163 (4,1), 165 (7,4), 166 (11,2), 167 (11,2), 168 (5,5), 169 (5,22), 172 (14,5), 207 (5,13), 211 (7,2); 213 (9,6); 206 (8,1); 208 (6,5), 209 (6,7); 214 (5,7), 215 (5,11), 216 (5,21), 217 (11,2); 218 (5,2), 220 (14,3); 221 (5,12), 222 (5,10); **Nascimento - Júnior, J.E.** 89 (14,15), 110 (5,8), 210 (14,1), 222 (5,1), 254 (6,10), 274 (5,21), 275 (5,22), 276 (12,2), 343 (5,10), 347 (5,18), 378 (16,2); 396 (6,6), 397 (14,2), 399 (5,7), 415 (5,21), 423 (14,11), 428 (9,6), 437 (5,7), 445 (7,2), 451 (5,11), 417 (12,4), 486 (14,14), 487 (14,11); 488 (12,4), 489 (9,6); 490 (6,7), 491 (7,2), 492 (1,1), 568 (6,10), 572 (5,7), 648 (7,2), 649 (5,21), 650 (5,14), 652 (11,2); 653 (7,1), 654 (12,2), 655 (5,3), 656 (7,4); 657 (6,3), 689 (6,7); 738 (6,7), 752 (5,11); 758 (12,4), 776 (12,4); 846 (1,1), 913 (6,13), 996 (1,1), 1020 (6,10), 1022 (6,7); 1023 (1,1), 1026 (1,2); **Noblick, L.R.** 12 (1,2); 12A (7,2); 8 (5,12), 17 (5,1), 25 (5,11); **Oliveira, D.G.** 101 (5,2), 266 (5,11), 278 (5,3), 283 (5,5); 294 (7,2); **Oliveira, D.M.** 195 (6,5); **Oliveira, E.V.S.** 18 (5,11); 113 (6,7); 187 (13,1); **Pergentino, T.C.** 20 (5,13); 22 (7,2); 23 (9,6); **Prata, A.P.** 1175 (12,4), 1177 (5,13), 1176 (6,6), 1180 (16,11), 1181 (5,7), 1182 (8,1), 1183 (10,1), 1205 (14,9), 1209 (4,4), 1210 (16,2); 1217 (7,2), 1218 (6,7), 1220 (6,7), 1211 (6, 1); 1310 (6,10), 1332 (5,1), 1334 (9,5), 1358 (14,5), 1359 (16,6); 1369 (10,3), 1380 (2,1), 1391 (16, 1); 1392 (6,9); 1394 (14,2), 1395 (4,2), 1396 (14,3), 1399 (4,3), 1400 (4,6), 1402 (5,7), 1405 (16,2); 1406 (14,1), 1415 (16,11) 1435 (5,4), 1436 (9,5), 1450 (5,1), 1452 (5,8), 1459 (4,2), 1542 (6,7), 1545 (5,13), 1572 (14,16), 1578 (12,4), 1594 (5,22), 1607 (12,3), 1624 (11,2), 1682 (10,2), 1683 (4,4), 1687 (14,16), 1690 (4,2), 2173 (14,3), 2200 (14,13), 2234 (14,5), 2235 (5,5), 2237 (9,3), 2238 (5,18), 2239 (5,5), 2241 (14,11), 2244 (14,3), 2246 (5,21), 2248 (5,10), 2258 (8,1), 2260 (14,3), 2263 (5,10), 2264 (6,10), 2266 (9,3), 2267 (14,11), 2268 (6,4), 2332 (9,3), 2334 (14,13), 2335 (5,21), 2342 (12,1), 2362 (5,5), 2417 (9,3), 2418 (9,3), 2441 (14,11), 2443 (5,20), 2444 (5,3), 2445 (12,1), 2446 (5,22), 2463 (5,5), 2492 (12,2), 2493 (5,20), 2502 (5,14), 2569 (5,10), 2651 (10,2), 2670 (12,4), 2672 (8,1); 2675 (6,7), 2688 (5,10), 2707 (5,10); 2706 (1,1), 2708 (5); 2744 (6,7), 2778 (11,2), 2790 (12,4); 2798 (10,3), 2799 (1,1), 2821 (11,1), 2828 (10,2); 2833 (14,3); 3327 (7,2), 3379 (6,10), 3379a (6,3), 3421 (4,7), 3566 (6,10); 3651 (7,2); **Rabelo** 1 (13,1); **Ramos, M.** 1 (5,13); 2 (9,6); 7 (7,2); ASE 7345 (13,1); **Ribeiro, L.V.** 127 (14,13), **Rodrigues, L. M. O.** 93 (16, 1); 91 (16,2); **Sales, A.B.** 27 (14,8), 35 (16, 1); 43 (1,2); Sant'Ana, S.C. 381 (14,2); **Santana, M.C.** s.n. ASE 13635 (7,2); s.n. ASE 13637 (6,7); **Santos, L.A.S.** . 5 (16,6); 9 (16,11), 14 (16,8); 21 (16,9); 40 (16,4) 117 (6,7), 118 (5,21), 120 (5,16), 121 (6,9), 125 (5,21), 144 (16,7), 144 (5,12), 146 (5,12), 147 (8,1), 148 (8,1); 150 (6,8); 155 (5,5), 162 (5,5), 163 (5,10), 168 (5,7), 295 (14,11); 362 (5,20), 363 (7,4); 364 (5,3), 365 (5,12), 368 (5,5), 369 (5,5), 409 (5,12), 410 (5,10), 624 (10,2); 625 (5,8); **Santos, L.M.** 89 (14,12); **Santos, M.L.** 23 (5,7); 24 (14,3); 46 (5,7), 85 (1,1); 86 (9,6); 87 (5,11); s.n. ASE 5091 (7,2), s.n. ASE 5126 (16,2); **Santos, V.** 44 (5,13); **Silva, A.C.** 1 (7,2), 2 (7,1), 3 (5,11), 4 (13,1); 5 (14,2), 7 (4,2), 8 (4,4), 9 (14,18), 14 (14,18), 18 (12,4), 19 (4,2), 20 (14,19), 21 (14,12), 22 (14,17), 23 (14,7), 24 (1,2), 35 (16,3); 79 (6,13), 80 (9,4), 81 (7,4), 82 (5,7), 84 (5,10), 87 (14,3), 88 (7,1), 89 (5,12), 91 (5,12), 92 (5,7); 93 (7,1), 94 (5,10), 97 (7,4), 98 (7,1), 99 (4,2), 115 (6,8); 116 (16,6), 117 (16, 1); 118 (14,2), 120 (6,5), 121 (5,20), 122 (14,13), 123 (14,13), 124 (5,11), 125 (9,6), 126 (9,1); 127 (12,4); 128 (5,11), 129 (5,21), 130 (5,3), 131 (6,7); 133 (5,7), 134 (5,2), 135 (7,3), 136 (16,3); 137 (7,2), 138 (5,1), 140 (4,4), 144 (5,11), 156 (4,1), 157 (1,2), 179 (7,1), 202 (5,21), 225 (4,2), 226 (4,6), 237 (14,19), 239 (7,4), 240 (7,1), 243 (14,13), 244 (14,18), 246 (4,6), 253 (5,14), 254 (5,21), 255 (7,1); 256 (7,4), 259 (8,1), 272 (5,14); **Silva, A.C.C.** 203 (7,4); **Silva, K.C.S.** 90 (7,4); **Sobrinho-Santos, C.K.** 1 (6,8), 2 (6,8), 3 (6,8), 4 (6,8), 7 (6,8), 8 (5,21), 22 (6,7), s.n. ASE 22001 (6,10), A12 (6,10), B11 (6,10), C11 (6,10); 12 (5,13), 13 (5,13); 15 (9,6), 16 (12,4), 17 (12,4); 19 (7,2); 24 (9,6); 26 (7,2); **Soledade, M.** s.n. ASE 11906 (6,10), s.n. ASE 11907 (6,10); **Souza, C.A.S.** 48 (5,12), 49 (5,19); 95 (14,11); **Viana, G.** 116 (5,7), 132 (14,3), 270 (14,1), 417 (14,8), 419 (12,4), 522 (4,1), 563 (16,6), 564 (5,5), 566 (5,10), 567 (9,3), 568 (5,1), 634 (14,13), 975 (14,13), 1287 (6,7), 1310 (14,15), 1325 (10,2) 1444 (5,17), 1470 (5,18), 1542 (7,2), 1543 (6,7), 1745 (14,18), 1547 (7,1), 1750 (5,18), s.n. ASE 7392 (14,3), s.n. ASE 7393 (7,2) **Vicente, A.** 791 (16, 1); **Vinicius, M.** s.n. ASE 13290 (15,1).

DIOSCOREACEAE

Gilda Maria do Amarante Matos¹

Diogo Amorim de Araújo²

Ana Paula do Nascimento Prata¹

Plantas trepadeiras com rizomas ou túberas, geralmente com presença de saponinas, esteroides e alcaloides. Caules aéreos volúveis, cilíndricos, às vezes apresentam túberas aéreas nas axilas foliar. Folhas simples, alternas, frequentemente cordadas, venação palmada com as nervuras principais convergindo no ápice das folhas, pecíolos sulcados com pulvino superior e inferior. Plantas geralmente dióicas e raramente monóicas. Inflorescências axilares, indeterminadas, dispostas em espigas, cimeiras, panículas ou racemos, flores inconspícuas, pediceladas ou sésseis, bractéolas 2, tépalas 6, perianto campanulado, rotáceo, tubular, urceolado ou infundibuliforme, estames 3 ou 6, pistilódios e estaminódios geralmente presentes, estiletos 3. Ovário ínfero tricarpelar. Frutos cápsulas triloculares. Sementes aladas.

A família Dioscoreaceae (R. BR.) Lindley pertencente ao clado das monocotiledôneas, incluída na ordem Dioscoreales, é encontrada em climas sazonais, sendo essencialmente tropical, com pouca representação nas regiões temperadas. Possui 3 gêneros (*Stenomaris* Planch, *Trichopus* Gaertn e *Dioscorea* L.) e mais de 400 espécies. No Brasil ocorre apenas o gênero *Dioscorea* L., com 131 espécies, sendo em Sergipe registrado a ocorrência de 9 espécies. Todas elas representando novos registros acrescentados à Lista da Flora do Brasil. 4 delas apresentaram preferência por habitat e tiveram sua ocorrência apenas na região de caatinga; outras 3 espécies apresentaram preferência por mais de um habitat; 2 foram bem representadas em todas as regiões. Conhecidas como inhame, as espécies de *Dioscorea* apresentam potencial econômico, sendo uma importante fonte de alimento, especialmente na região Nordeste do Brasil.

Dioscorea L.

Plantas trepadeiras com rizomas ou túberas. Caules aéreos volúveis, cilíndricos, às vezes apresentam túberas aéreas nas axilas foliar. Folhas simples, alternas, frequentemente cordadas, venação palmada com as nervuras principais convergindo no ápice das folhas, pecíolos sulcados com pulvino superior e inferior. Plantas geralmente dióicas e raramente monóicas. Inflorescências axilares, indeterminadas, dispostas em espigas, cimeiras, panículas ou racemos, flores inconspícuas, pediceladas ou sésseis, bractéolas 2, tépalas 6, perianto campanulado, rotáceo, tubular, urceolado ou infundibuliforme, estames 3 ou 6, pistilódios e estaminódios geralmente presentes, estiletos 3. Ovário ínfero tricarpelar.

¹ Laboratório de Sistemática Vegetal, Universidade Federal de Sergipe (UFS), Av: Marechal Rondon s/n, Jardim Rosa Elze, São Cristóvão/SE. gilda.amarante@globocom

² Pós Graduação em Biologia Vegetal, Departamento de Botânica, Instituto de Biociências, Universidade Estadual Paulista (UNESP), Caixa Postal 199, 13506-900, Rio Claro, SP, Brasil

Frutos cápsulas triloculares. Sementes aladas.

Dioscorea é frequentemente confundido com *Smilax* (Smilacaceae), podendo ser diferenciado morfológicamente: *Dioscorea* é reconhecido por enrolar-se de forma sinistrorsa ou dextrorsa a um suporte e também apresenta pulvinos e *Smilax* por apresentar gavinhas provenientes das bainhas foliares; em estado fértil *Smilax* se diferencia por apresentar inflorescência umbeliforme e ovário súpero.

Chave para identificação das espécies de *Dioscorea* de Sergipe baseadas nas flores estaminadas.

1. Flores com 6 estames.
2. Flores com pistilódios ausentes **1. D. Campestris**
- 2'. Flores com pistilódios presentes 3
3. Flores pilosas 4
4. Inflorescência com uma flor por nó floral **2. D. dodecaneura**
- 4'. Inflorescência com mais de uma flor por nó floral **8. D. stegelmanniana**
- 3'. Flores glabras 5
5. Inflorescência com mais de uma flor por nó floral **6. D. ovata**
- 5'. Inflorescência com uma flor por nó floral 6
6. Perianto rotáceo **7. D. piperifolia**
- 6'. Perianto campanulado **3. D. hasslerana**
- 1'. Flores com 3 estames.
7. Inflorescência com mais de uma flor por nó floral **4. D. leptostachya**
- 7'. Inflorescência uma flor por nó floral 8
8. Perianto tubular **5. D. orthogoneura**
- 8'. Perianto rotáceo **9. D. Subhastata**

Chave para identificação das espécies de *Dioscorea* de Sergipe baseadas nas flores pistiladas.

1. Flores com estaminódios ausentes.
2. Folhas glabras, estiletes divididos em três ramos divergentes **7. D. piperifolia**
- 2'. Folhas glabrescentes na face abaxial, estiletes uncinados **9. D. subhastata**
- 1'. Flores com estaminódios presentes.
3. Flores com 6 estaminódios 4
4. Perianto urceolado **3. D. hasslerana**
- 4'. Perianto campanulado 5
5. Folhas ovadas ou elíptico-lanceoladas 6
6. Estiletes unidos na base **1. D. campestris**
- 6'. Estiletes livres desde a base **6. D. ovata**
- 5'. Folhas deltoides a romboides-cordada 7
7. Folhas glabras e variegadas **2. D. dodecaneura**

- 7'. Folhas glabrescentes na face adaxial, pilosas na face abaxial e verdes **8. D. stegelmanniana**
- 3'. Flores com 3 estaminódios 8
8. Folhas deltoide-sagitadas, elíptico-lanceoladas **4. D. leptostachya**
- 8'. Folhas sagitadas a deltoides-ovadas ou ovadas a oblongo-lanceoladas **5. D. orthogoneura**

1. *Dioscorea campestris* Griseb., in Mart. & Eichl., Fl. Bras. 3(1): 30. 1842.

Dioscorea campestris var. *grandiflora* Griseb., in Mart. et al., Fl. bras. 3(1): 30. 1842.

Fig. 1. A-G.

Planta dióica. Ramos aéreos sinistrorsos, glabrescentes. Túberas aéreas ausentes. Pecíolos glabrescentes, 0,5-2 cm compr.; folhas verdes, 2-10 x 0,7-7,5 cm, alternas, elíptico-lanceoladas a ovadas, ápice atenuado-mucronado, base obtusa-cuneada, glabras, papiráceas, 5-9 nervuras salientes. Inflorescências estaminadas glabras, racemosas, 4-20 cm compr., bractéolas elípticas, 0,1-0,2 cm compr.; flores verdes, 1-3 em cada nó floral, 0,2-0,3 cm compr.; perianto campanulado, lobos livres no terço apical, reflexos, ápices arredondados; estames 6, inseridos no centro do receptáculo, pistilódio ausente. Inflorescências pistiladas glabras, espigas, 2-5 cm compr., bractéolas lanceoladas 0,1-0,2 cm compr.; flores verdes, 1 em cada nó floral, 0,8-1,2 cm compr.; perianto campanulado, lobos livres no terço apical, ápices arredondados; estiletes trifidos, unidos na base, ápices bífidios, estaminódios 6. Cápsulas 1-1,2 x 0,4-0,5 cm, castanhas quando secas, oblongas, pedicelos até 0,2 cm compr.; sementes 0,2-0,3 cm diam., ovaladas, castanhas.

Comentários: Floresce e frutifica de janeiro a setembro. Ocorre em áreas de Caatinga, Cerrado e Mata Atlântica. Em Sergipe houve ocorrência apenas na Caatinga. *Dioscorea campestris* pode ser confundida *D. ovata* pela semelhança na forma das folhas (*D. campestris* apresenta ampla variação morfológica nas folhas) e frutos. O que as distingue é a forma das flores estaminadas, *D. campestris* possui flor campanulada com lobos reflexos, enquanto a *D. ovata* possui flor infundibuliforme com lobos eretos.

Material selecionado: **BRASIL. Sergipe:** Poço Redondo, ago.2008, fl., A.P. Prata, 1609 (ASE); Poço Verde, jan.2010, fl., J.E. Nascimento-Júnior, 696 (ASE); set.2012, fr., R.M. Deda et al., 182 (ASE); Porto da Folha, set.2012, fl., A.P. Prata et al., 3165 (ASE).

2. *Dioscorea dodecaneura* Vell., Fl. flum. 10 (ícones): tab. 123. 1831, et in Arch. Mus. Nac. Rio de Janeiro 5: 426. 1881.

Dioscorea discolor Kunth. Enum. Pl. [Kunth] 5: 334. 1850.

Dioscorea dodecaneura var. *maronensis* Uline ex R. Knuth. Notizbl. Bot. Gart. Berlin-Dahlem 7: 218. 1917.

Dioscorea dodecaneura var. *villosa* R. Knuth. Pflanzenr. (Engler) 4, Fam. 43: 250. 1924.

Dioscorea vittata W. Bull ex Baker. Bot. Mag. 105: t. 6409. 1879.

Dioscorea dodecandra Steud. Nomencl. Bot. [Steudel], ed. 2. 1: 511. 1840.

Fig. 1. H-M.

Planta dióica. Ramos aéreos dextrorsos, glabrescentes a pilosos. Túberas aéreas ausentes. Pecíolos glabrescentes, 1,5-6 cm comp.; folhas verdes a vináceas, variegadas, 2-18 x 1,5-12,5 cm, alternas, deltoides, romboide-ovadas, ápice atenuado-acuminado, base cordada, glabras, membranáceas, 7-11 nervuras salientes. Inflorescências estaminadas pilosas, racemosas, 3-20 cm comp., bractéolas lanceoladas, 0,1-0,4 cm comp.; flores amareladas, 1 em cada nó floral, 0,2-0,4 cm comp.; perianto campanulado, lobos livres, ápices cuneado-atenuado; estames 6, inseridos na base de cada tépala, pistilódio presente. Inflorescências pistiladas, pilosas, espigas, 6-18 cm compr., bractéolas lanceoladas 0,2-0,4 cm comp.; flores creme, 1 em cada nó floral, 0,5-1 cm compr.; perianto campanulado, lobos unidos na base, ápice agudo; estiletos trífidios, unidos na base, ápices bífidios, estaminódios 6. Cápsulas 1,5-1,8 x 3-4 cm, nítidas, marrom-claras a douradas, transversalmente oblongas, pedicelos até 0,8 cm compr.; sementes 1-1,5 cm diam., elíptico-ovadas, castanha-escuras.

Comentários: Floresce e frutifica de julho a setembro. Ocorre na Amazônia, Caatinga, Cerrado e Mata Atlântica. Em Sergipe houve ocorrência nas áreas de Caatinga e Mata Atlântica. *D. dodecaneura* apresenta folhas variegadas semelhantes à *D. hasslerana*. Diferenciando-se desta por apresentar folhas cordadas e glabras

Material selecionado: **BRASIL. Sergipe:** Poço Verde, jun.2011, fl., L.A.S. Santos, et al., 559 (ASE); jun.2011, fl., L.A.S. Santos, et al., 560 (ASE); Porto da Folha, 10°02'S, 37°24' W, jul.2006, fr., J.R. Maciel et al., 252 (ASE); Santa Luzia do Itanhy, 11°22'19" S, 37°26'04" W, set. 2012, fl., L.A. Gomes, et al., 703 (ASE); Simão Dias, jun.1987, fl., G. Viana, 1916 (ASE).

3. *Dioscorea hasslerana* Chodat., Bull. Herb. Boissier, sér. 3(2): 1111. 1903.

Dioscorea hastata Vell., Fl. Flumin. Icon. 10: t. 126. 1831.

Fig. 2. A-C.

Planta dióica. Ramos aéreos sinistrorsos, glabros. Túberas aéreas ausentes. Pecíolos glabros, 1,0-4,5 cm comp.; folhas verdes, variegadas, 3-12 x 2,8-11 cm, alternas, trilobadas, ápice atenuado-mucronado, base cordada-truncada, glabrescentes, papiráceas, 7-9 nervuras salientes. Inflorescências estaminadas glabrescentes, espigas, 4-23 cm compr., bractéolas oblongas-acuminadas 0,1-0,2 cm; flores castanhas, 1 em cada nó floral, 0,1-0,4 cm comp.; perianto campanulado, lobos livres no terço apical, reflexos, ápices elíptico-atenuados, estames 6, inseridos na base de cada tépala, pistilódio presente. Inflorescências pistiladas, glabras, espigas, 7-22 cm comp., bractéolas deltoide-lanceoladas 0,1-0,2 cm comp.; flores verdes, 1 em cada nó floral, 0,2-0,6 cm comp.; perianto urceolado, lobos livres no terço apical, eretos, ápices elíptico-cuneados; estiletos trífidios, unidos na base, ápices bífidios reflexos para o interior, estaminódios 6. Cápsulas 1,5-2,5 x 1,3-1,8 cm, castanhas-claras, largo-ovadas, pedicelos até 0,4 cm compr.; sementes 1-1,5 cm diam., circulares a ovais, castanha-escuras.

Comentários: Floresce e frutifica de abril a agosto. Ocorrência conhecida na Caatinga, Cerrado e Mata Atlântica. Em Sergipe houve ocorrência apenas em área Caatinga. *D. hasslerana* pode apresentar folhas variegadas semelhantes à *D. dodecaneura*. Diferenciando-se desta por apresentar folhas lobadas e tricomas na face abaxial da folha.

Material examinado: **BRASIL. Sergipe:** Porto da Folha, 10°02'06" S, 37°24'35"W, ago. 2011, fl., fr., D.G. Oliveira, 303 (ASE).

Material adicional examinado: **BRASIL. Pernambuco:** Afrânio, abr. 1971, fl., *Academia Brasileira de Ciências*, 261 (IPA).

4. *Dioscorea leptostachya* Gardner., in Hooker Lond. Journ. of Botany vol. I: 534. 1842.

Fig. 2. D-H.

Planta dióica. Ramos aéreos dextrorsos, glabros. Túberas aéreas ausentes. Pecíolos glabros, 0,8-3,5 cm comp.; folhas verdes, 1,5-10 x 1-6 cm, alternas, deltoide-sagitadas, elíptico-lanceoladas, ápice agudo, agudo-atenuado, base cordada, cordada-sagitada, glabras, membranáceas a papiráceas, 5-7 nervuras salientes. Inflorescências estaminadas glabras, espigas, 4-17 cm compr., bractéolas lanceoladas 0,1-0,2 cm comp.; flores verdes, 1-4 em cada nó floral, 0,1-0,3 cm comp.; perianto infundibuliforme, lobos eretos, ápices elípticos, estames 3 alternados por 3 estaminódios, inseridos na base de cada tépala, pistilódio presente. Inflorescências pistiladas, glabras, espigas, 5-16 cm comp., bractéolas lanceoladas 0,1-0,2 cm comp.; flores verdes, 1 em cada nó floral, 0,2-0,5 cm compr.; perianto campanulado, lobos eretos, ápices elípticos; estiletos trífidios, unidos na base, ápices bífidios, estaminódios 3. Cápsulas 1-1,7 x 0,6-1 cm, castanhas-claras, arredondadas, pedicelos até 0,3 cm compr.; sementes 0,4-0,7 cm diam., arredondados, castanhas.

Comentários: Floresce e frutifica de maio a novembro. Ocorre na Caatinga, Cerrado e Mata Atlântica. Em Sergipe houve ocorrência em áreas de Caatinga, Cerrado, Mata Atlântica. *Dioscorea leptostachya* é a única espécie estudada que apresenta flores estaminadas sésses, 1-4 por nó floral, reunidas em espigas.

Material selecionado: **BRASIL. Sergipe:** Areia Branca, jul.2011, fl., L.A.S. Santos et al., 574 (ASE); Indiaroba, set.2012, fl. G.M.A. Matos et al., 189 (ASE); set.2012, fl. fr., G.M.A. Matos et al., 190 (ASE); Itabaiana, ago.1981, fr., G. Viana, 81 (ASE); Nossa Senhora da Glória, ago.1982, E. Gomes, 118 (ASE); set.2012, fl., G.M.A. Matos & E. Santos, 180 (ASE); Pirambu, ago.2012, fl., G.M.A. Matos, & E. Santos, 198 (ASE); Poço Redondo, set.2009, fl. fr., J. E. Nascimento-Júnior & T. Dantas, 613 (ASE); jul. 2010, fl. W.J. Machado et al., 583 (ASE); Poço Verde, jun.2011, fl., L.A.S. Santos et al, 557 (ASE); Santa Luzia do Itanhy, 11°22'19" S, 37°26'04" W, set.2012, fl., Gomes et al., 852 (ASE); Santo Amaro das Brotas, jun.2011, fl. J. E. Nascimento-Júnior et al., 1011 (ASE).

5. *Dioscorea orthogoneura* Uline ex. Hochr., Bull. New York Bot. Gard. 6: 267. 1910.

Fig. 2. I-N.

Planta dióica. Ramos aéreos sinistrorsos, glabro. Túberas aéreas ausentes. Pecíolos glabros, 1-4 cm comp.; folhas verdes, 3,8-13,5 x 2-7 cm, alternas, sagitadas a deltoides-ovadas ou ovadas a oblongo-lanceoladas, ápice agudo-atenuado, mucronado-acuminado, base cordada, truncada a truncado-arredondada, glabras, papiráceas, 5-9 nervuras salientes. Inflorescências estaminadas glabras, espigas, 2,5-10,5 cm comp., bractéolas ovadas, lanceoladas, 0,1-0,3 cm comp.; flores verdes, parcialmente vináceas, 1 em cada nó floral, 0,3-0,5 cm comp.; perianto tubular lobos eretos, ápice cuneado-arredondados, estames 3 inseridos em 1/3 das paredes das tépalas, pistilódio presente. Inflorescências pistiladas, glabras, espigas, 2,3-10,5 cm comp., bractéolas deltoide-lanceoladas 0,1-0,3 cm comp.; flores verdes, parcialmente vináceas, 1 em cada nó floral, 0,3-0,5 cm compr.; perianto campanulado, lobos eretos, ápices arredondados; estiletos trifidos, unidos na base, ápices bífidos, estaminódios 3. Cápsulas 1,2-1,8 x 0,7-1,2 cm, marrom-escuras, transversalmente oblongas, pedicelos até 0,2 cm compr.; sementes 0,4-0,6 cm diam., circulares, castanha-escuras.

Comentários: Floresce e frutifica de agosto a dezembro. Ocorre na Caatinga, Cerrado e Mata Atlântica. Em Sergipe houve ocorrência em áreas de Mata Atlântica. *D. orthogoneura* é a única espécie estudada que apresenta flores estaminadas tubulares e também apresenta ampla variação morfológica nas folhas

Material selecionado: **BRASIL. Sergipe:** Barra dos Coqueiros, nov.1995, fl. fr., *M. F. Landim et al.*, 577 (ASE); Indiaroba, ago.1997, fl. *M.F. Landim et al.*, 1352 (ASE); Santa Luzia do Itanhy, 11°22'32" S, 37°25'45" W, dez.2011, fl. *L.A. Gomes et al.*, 288 (ASE); Siriri, 10°30'54" S, 37°06'07" W, out.2012, fl. *L.A. Gomes et al.*, 810 (ASE).

6. *Dioscorea ovata* Vell., Fl. Flum. 10 (ícones): tab. 117. 1831, et in Archos. Mus. Nac. Rio de Janeiro 5: 425. 1881.

Fig. 3. A-E.

Planta dióica. Ramos aéreos sinistrorsos, glabros. Túberas aéreas ausentes. Pecíolos glabros, 0,8-2 cm comp.; folhas verdes, 1,5-8,6 x 0,8-5,8 cm, alternas, ovadas, ápice attenuado-acuminado, base arredondada, glabras, papiráceas, 5-7 nervuras salientes. Inflorescências estaminadas glabras, paniculada, 2-22 cm comp., bractéolas lanceoladas 0,1-0,2 cm; flores verdes, 1-4 em cada nó floral, 0,2-0,4 cm compr.; perianto infundibuliforme, lobos eretos, ápices elípticos, estames 6, inseridos na base de cada tépala, pistilódio presente. Inflorescências pistiladas, glabras, espigas, 3-12 cm compr., bractéolas lanceoladas 0,2-0,3 cm comp.; flores verdes, 1 em cada nó floral, 0,2-0,4 cm compr.; perianto campanulado, lobos eretos, ápices elípticos; estiletos trifidos, livres desde a base, ápices bífidos, estaminódios 6. Cápsulas 0,7-2x0,4-1,2 cm, marrom-escuras, oblongas, pedicelos até 0,3 cm compr.; sementes 1-1,5 cm diam., oval-lanceoladas,

castanhas.

Comentários: Floresce de janeiro a agosto e frutifica de março a outubro. Ocorre na Caatinga, Cerrado e Mata Atlântica. Em Sergipe houve ocorrência em áreas de Caatinga, Cerrado e Mata Atlântica. *Dioscorea ovata* pode ser confundida *D. campestris* por ambas apresentarem semelhança na forma das folhas e frutos. O que as distingue é a forma das flores estaminadas, *Dioscorea campestris* possui flor campanulada com lobos reflexos, enquanto *D. ovata* possui flor infundibiliforme com lobos eretos.

Material selecionado: **BRASIL. Sergipe:** Estância, out. 2012, fr., *G.M.A. Matos et al.*, 195 (ASE); Indiaroba, set. 2012, fr. *G.M.A. Matos et al.*, 187 (ASE); Itabaiana, mar.1996, *M. F. Landim et al.*, 887 (ASE); Pirambu, abr.1984, fl., *M.C. Santana*, 204 (ASE); 10°38'00" S, 36°45'28" W, mai.2012, fr., *A.P. Prata et al.*, 3060 (ASE); Poço Verde, set.2012, fr. *R.M. Deda et al.*, 185 (ASE); Santo Amaro das Brotas, abr.1997, fl., *M. F. Landim*, 1182 (ASE); jun.2011, fl., *J.E. Nascimento-Junior et al.*, 1000 (ASE).

7. *Dioscorea piperifolia* Humb. & Bonpl. ex Willd., Sp. pl., ed. 4, p. 795. 1805.

Fig. 4. G-K.

Planta dióica. Ramos aéreos sinistrorsos, glabros. Túberas aéreas presentes. Pecíolos glabros, 1,2-3,5 cm; folhas verdes, 2,8-12,5 x 1,5-10 cm, alternas, deltoides-ovadas, romboide-ovadas, ápice agudo-acuminado, mucronado-acuminado, base cordada, glabras, membranáceas, 7-9 nervuras salientes. Inflorescências estaminadas glabras, racemosas, 3-18 cm compr., bractéolas ovadas-acuminadas, 0,1-0,2 cm comp.; flores verdes a vináceas, 1 em cada nó floral, 0,1-0,3 cm compr.; perianto rotáceo, lobos patentes, ápices cuneados, estames 6, inseridos no centro do receptáculo, pistilódio presente. Inflorescências pistiladas, glabras, espigas, 4-20 cm compr., bractéolas ovadas-acuminadas 0,2-0,3 cm comp.; flores verdes a vináceas, 1 em cada nó floral, 0,2-0,5 cm compr.; perianto rotáceo, lobos patentes, ápices arredondados; estiletos trifidos, dividido em três ramos divergentes, estaminódios ausentes. Cápsulas 0,8-1,8x0,6-0,9 cm, verdes à castanhas, elípticas, pedicelos até 0,2 cm compr.; sementes 0,2-0,4 cm diam., circulares, ovadas, castanha-escuras.

Comentários: Floresce e frutifica de junho a outubro. Ocorre na Amazônia, Caatinga, Cerrado e Mata Atlântica. Em Sergipe houve ocorrência em áreas de Caatinga, Cerrado, Mata Atlântica. *Dioscorea piperifolia* é facilmente reconhecida pelos estames posicionados no centro do hipanto. Representa um complexo taxonômico de ampla distribuição geográfica e alta plasticidade fenotípica. Muitas espécies semelhantes já foram descritas com base em caracteres como tamanho da flor e cor dos estames. Variações não detectadas nas espécies de *Dioscorea piperifolia* ocorrentes em Sergipe.

Material selecionado: **BRASIL. Sergipe:** Areia Branca, out. 2012, fl. fr., *D. Araújo, et al.*, 2242 (ASE); Cedro de São João, ago.2010, fl., *L.A.S. Santos & I.R.N. Menezes*, 236 (ASE); Lagarto,

ago.2010, A. P. Prata et al. 2325 (ASE); Laranjeiras, ago.2012, fl. fr., A.P. Prata et al., 3290 (ASE); Nossa Senhora da Glória, set.2012, G.M.A. Matos & E. Santos, 181(ASE); set.2012, G.M.A. Matos & E. Santos, 186 (ASE); Poço Redondo, ago.2010, W.J. Machado, 678 (ASE); Porto da Folha, 10°02'06" S, 37°24'35" W, jul. 2011, fl., D. G. Oliveira et al, 206 (ASE); Santa Luzia do Itanhy, 11°22'23" S, 37°26'00" W, set. 2012, L. A. Gomes et al, 850 (ASE); 11°20'14" S, 37°24'06" W, jul.2011, fl., L. A. Gomes et al., 183 (ASE).

8. *Dioscorea stegelmanniana* R. Knuth., Notizbl. Bot. Gart. Berlin-Dahlem 7: 203 1917.

Fig. 3. F-J.

Planta dióica. Ramos aéreos dextrorsos, pilosos. Túberas aéreas ausentes. Pecíolos pilosos, 1-4,5 cm comp.; folhas verdes, 2-3,10 x 1,2-3 cm, alternas, romboide-ovada, ápice atenuado-acuminado, base cordada, glabrescente na face adaxial, pilosas na face abaxial, papiráceas, 7-9 nervuras salientes. Inflorescências estaminadas pubescentes, racemosas, 9-20 cm comp., bractéolas deltóide, 0,1-0,4 cm comp.; flores verdes, 1-3 em cada nó floral, 0,2-0,3 cm comp.; perianto campanulado, lobos livres, ápice cuneado-atenuado; estames 6, inseridos na base de cada tépala, pistilódio presente. Inflorescências pistiladas, pilosas, racemosas, 8-22 cm compr., bractéolas oblongo-lanceoladas 0,1-0,3 cm comp.; flores verdes, 1 em cada nó floral, 0,2-0,9 cm compr.; perianto campanulado, lobos eretos, ápice cuneado; estiletes trífidos, unidos na base, ápices bífidos, estaminódios 6. Cápsulas 1,8-2,4x0,9-1,2 cm, castanhas, oblongas, pedicelos até 0,2 cm compr.; sementes 0,6-1,2 cm diam., oblongas- lanceoladas, castanhas.

Comentários: Informações limitadas sobre a fenologia da espécie indicam que ela floresce e frutifica entre julho e setembro. Ocorre na Amazônia, Caatinga e Mata Atlântica. Em Sergipe foi registrada apenas em uma área de Caatinga. Facilmente reconhecida no estado de Sergipe por ser a única espécie cujos tricomas revestem toda a planta. Flores frequentemente confundidas com as de *D. dodecaneura*, mas esta possui apenas uma flor por nó floral, enquanto que *D. stegelmanniana* apresenta de uma a três.

Material examinado: **BRASIL. Sergipe:** Simão Dias, jul.1986. fl., G. Viana, 1514 (ASE).

Material adicional examinado: **BRASIL. Alagoas:** Ibateguara, jul. 2003. fl. fr., J.B.S. Oliveira et al., 169 (IPA).

9. *Dioscorea subhastata* Vell., Fl. flum. 10(ícones): tab. 121. 1831, et in Archos. Mus. Nac. Rio de Janeiro 5: 425. 1881.

Fig. 4. A-F.

Planta monóica. Ramos aéreos sinistrorsos, glabros a glabrescentes. Túberas aéreas ausentes. Pecíolos glabrescentes, 2-4,5 cm comp.; folhas 2-12 x 1,5-9,4 cm, deltoides a ovadas, ápice atenuado-cuspidado, base cordada, glabras na face adaxial, glabrescente na face abaxial, membranáceas, 7-9 nervuras salientes. Inflorescências estaminadas glabras, racemosas, 5-12 cm compr., bractéolas oval-lanceoladas, 0,1-0,2 cm; flores verdes, 1 em

cada nó floral, 0,3-0,5 cm compr.; perianto rotáceo, lobos patentes, ápices atenuado-cuneado, estames 3, inseridos em uma coluna estaminal trígona com ápice pontiagudo, pistilódios ausentes. Inflorescências pistiladas, glabrescentes, espigas, 5-12 cm compr., bractéolas oblongo-lanceoladas, 0,2-0,3 cm comp.; flores verdes a vináceas, 1 em cada nó floral, 0,3-0,4 cm compr.; perianto rotáceo, lobos patentes,, ápices cuneados ; estiletes trífidos, uncinados, estaminódios ausentes. Cápsulas 0,8-1,8 x 0,4-0,8 cm, marrom-claras, oblongas, pedicelos até 0,3 cm compr.; sementes 0,3-1 cm diam. ovadas, castanhas.

Comentários: Floresce e frutifica de julho a setembro. Antes conhecida apenas para Cerrado e Mata Atlântica. Em Sergipe é registrada sua primeira ocorrência em áreas de Caatinga. *Dioscorea subhastata* é a única espécie monóica registrada em Sergipe. Apresentando estames unidos em uma coluna estaminal.

Material selecionado: **BRASIL. Sergipe:** Nossa Senhora da Glória, set.2012, G.M.A. Matos & E. Santos, 182 (ASE); Poço Redondo, ago.2008, A. P. Prata, 1599 (ASE); Porto da Folha, 10°02'06" S, 37°24'35" W, jul.2011 D. G. Oliveira et al., 211 (ASE).

Referências Bibliográficas

Angiosperm Phylogeny Group. [APG] 2009. An update of the Angiosperm Phylogeny Group classification for the orders and families of flowering plants: APG III. **Bot. J. Linnean Soc.** 161: 105-121.

Barroso, G. M., Silva, J. B., Sucre, D., Guimarães, E. F., Carvalho, L. F., Rosenthal, F. R.T., Valente, M. C., Barbosa, C. M., Silva, J. D., Barbosa, A. F., Barth, O. M., Roseira, A.N. & Silva, J. B. 1974. Flora da Guanabara: família Dioscoreaceae. **Sellowia (25):** 9-256.

Couto, R. S. 2010, **Dioscoreaceae (R. Br.) Lindley do Estado do Rio de Janeiro, Brasil.** 2010. Dissertação (Mestrado em Ciências Biológicas - Botânica), Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Kirizawa, M., Xifreda, C.C., Couto, R. & Araújo, D. 2013. Dioscoreaceae In: **Lista de Espécies da Flora do Brasil.** Jardim Botânico do Rio de Janeiro. (<http://floradobrasil.jbrj.gov.br/jabot/floradobrasil/FB104>). Acesso em: 15/05/2013.

Pedralli, G. **Revisão taxonômica das espécies de Dioscoreaceae (R.Br.) Lindley da Cadeia do Espinhaço, Minas Gerais e Bahia, Brasil.** 1997. Tese (Doutorado) - Depto. Botânica/Universidade de São Paulo, São Paulo.

Wilkin, P., Schols, P., Chase, M. W., Chayamarit, K., Furness, C. A., Huysmans, S., Rakotonasolo, F., Smets, E., & Thapayai, C. 2005. A plastid gene phylogeny of the yam genus, *Dioscorea*: Roots, fruits and Madagascar. **Syst. Bot.** 30: 736-749.

Lista de Exsicatas

Araújo, D., 1945 (4); Araújo D., 1946 (4); Araújo D., 2245 (4); Araújo D., 2246 (4); Araújo D., 2242 (7); Araújo D., 2244 (7); Barreto, M.I., 58 (6); Dantas, T.V.P., 39 (4); Deda, R.M., 183 (1); Deda, R.M., 182 (1); Deda R.M., 184 (4); Deda R.M., 185 (6); Farinaccio, M.A., 861 (4); Ferreira E.V.R., 82 (1); Fonseca, M., 425 (6); Fonseca, M., 594 (6); Gomes, E., 118 (4); Gomes, E., 241 (6); Gomes, L.A., 703 (2); Gomes, L.A., 581 (2); Gomes, L.A., 705 (2); Gomes, L.A., 541 (4); Gomes, L.A., 596 (4); Gomes, L.A., 849 (4); Gomes, L.A., 852 (4); Gomes, L.A., 810 (5); Gomes, L.A., 288 (5); Gomes, L.A., 152 (7); Gomes, L.A., 163 (7); Gomes, L.A., 183 (7); Gomes, L.A., 172 (7); Gomes, L.A., 570 (7); Gomes, L.A., 564 (7); Gomes, L.A., 850 (7); Gomes, L.A., 851(7); Heringer E.P., 261 (3); Landim, M.F., 159 (4); Landim, M.F., 778 (4); Landim, M. F., 577 (5); Landim, M.F., 1352 (5); Landim, M.F., 1182 (6); Landim, M.F., 817 (6); Landim, M.F., 887 (6); Machado, W.J., 517(1); Machado, W.J., 583 (4); Machado, W.J., 678 (7); Maciel, J.R., 252 (2); Matos, G.M.A., 74 (2); Matos, G.M.A., 180 (4); Matos, G.M.A., 188 (4); Matos G.M.A., 189 (4); Matos G.M.A., 190 (4); Matos G.M.A., 198 (4); Matos G.M.A., 187 (6); Matos G.M.A.,

195 (6); Matos, G.M.A., 181 (7); Matos, G.M.A., 186 (7); Matos, G.M.A., 182 (9); Nascimento-Júnior, J.E., 696 (1); Nascimento-Júnior, J.E., 1011 (4); Nascimento-Júnior, J. E., 613 (4); Nascimento-Junior, J. E., 1000 (6); Oliveira, D.G., 296 (2); Oliveira, D.G., 223 (2); Oliveira, D.G., 303 (3); Oliveira, D.G., 204 (4); Oliveira, D.G., 206 (7); Oliveira, D.G., 211 (9); Oliveira, J.B.S., 169 (8); Prata, A.P., 3273 (1); Prata, A.P., 3165 (1); Prata, A.P., 3164 (1); Prata, A.P., 1580 (1); Prata, A.P., 1609 (1); Prata A.P., 2806 (4); Prata, A.P., 2720 (4); Prata, A.P., 3278 (4); Prata A.P., 3163 (4); Prata A.P., 3060 (6); Prata, A.P., 2784 (7); Prata A.P. 2325 (7); Prata, A.P., 3162 (7); Prata, A.P., 1599 (9); Santana, M.C., 204 (6); Sant'Ana, S.C.de, 466 (5); Santos, L.A.S., 559 (2); Santos, L.A.S., 560 (2); Santos, L.A.S., 574 (4); Santos L.A.S., 557 (4); Santos, L. A. S., 236 (7); Santos, L.A.S., 556 (7); Santos, L.A.S., 319 (7); Viana, G., 1916 (2); Viana, G., 81 (4); Viana, G., 526 (4); Viana, G., 577 (4); Viana, G., 759 (4); Viana, G., 325 (6); Viana, G., 1034 (7); Viana, G., 2012 (7); Viana, G., 1013 (7); Viana, G., 1514 (8); Viana, G., 614 (9).

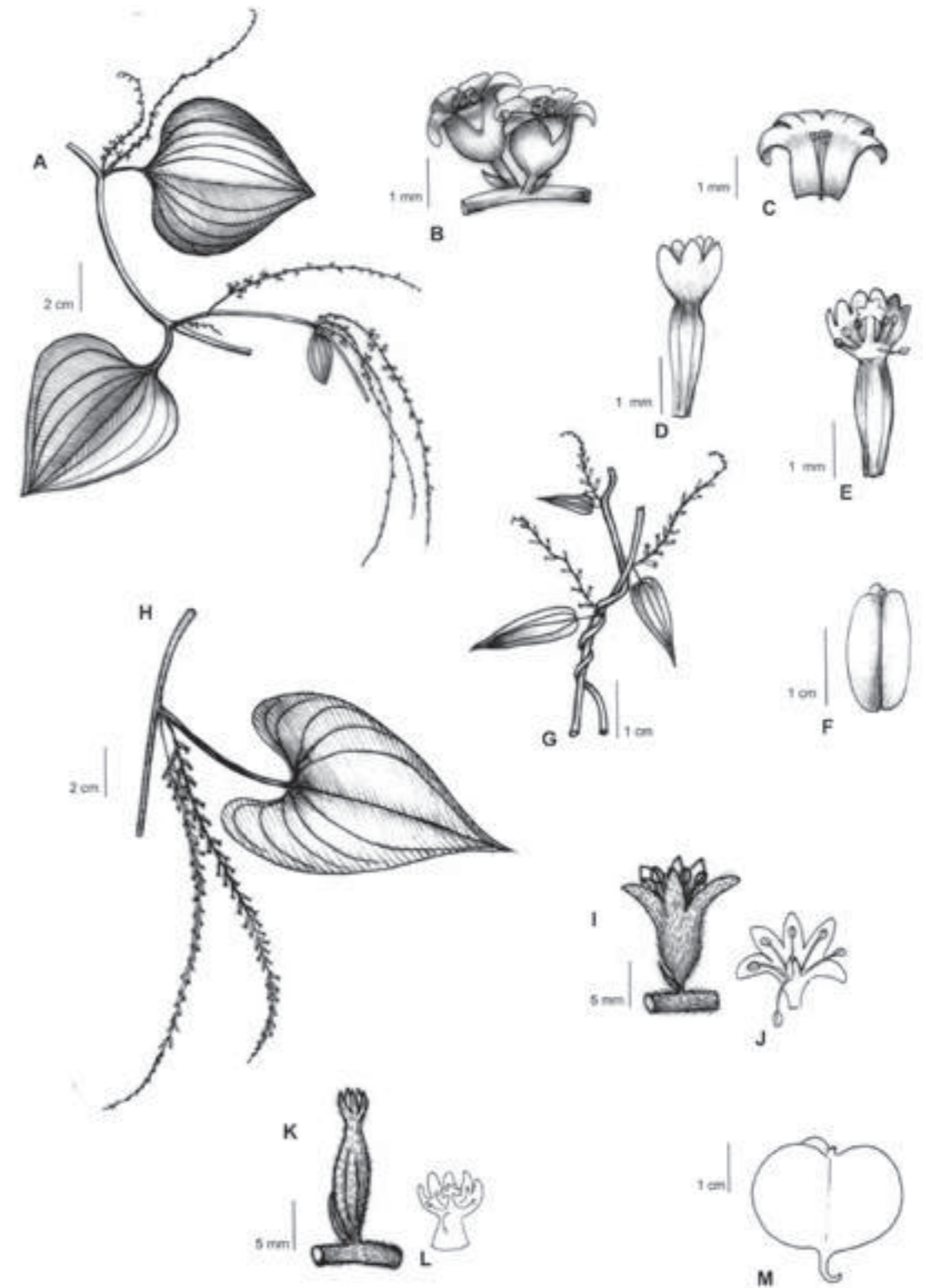


Figura 1. A-G. *Dioscorea campestris* Griseb., A. ramo com flores estaminadas; B. detalhe das flores estaminadas; C. flor estaminada aberta mostrando os estames; D. detalhe da flor pistilada; E. flor pistilada aberta mostrando estigma e estaminódios; F. fruto; G. ramo com variação foliar. A.P. Prata, 1609; J.E. Nascimento-Júnior, 696; R.M. Déda, et al., 182; A.P. Prata, et al., 3165. H-M. *Dioscorea dodecaneura* Vell., H. ramo com flores pistiladas; I. detalhe da flor estaminada; J. flor estaminada aberta mostrando estames e pistilódio; K. detalhe da flor pistilada; L. flor pistilada aberta mostrando estigma e estaminódios; M. fruto. J.R. Maciel, et al., 252; L.A.S. Santos, et al., 559; L.A.S. Santos, et al., 560.

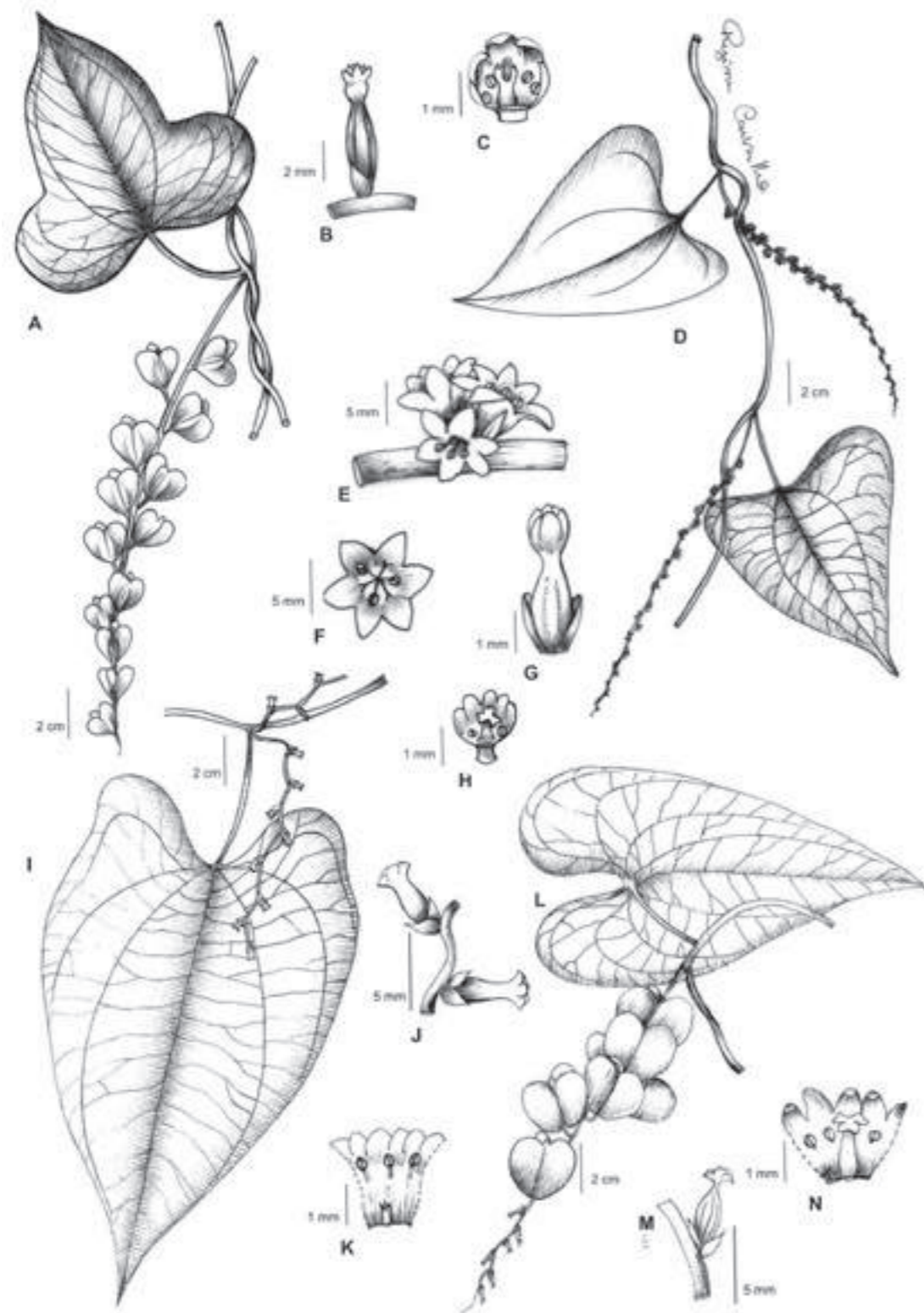


Figura 2. A-C. *Dioscorea hasslerana* Chodat, A. ramo com frutos; B. detalhe da flor pistilada; C. flor pistilada aberta mostrando estigma e estaminódios. D.G. Oliveira, et al., 303; Academia Brasileira de Ciências, 261. D-H. *Dioscorea leptostachya* Gardner, D. ramo com flores estaminadas; E. detalhe das flores estaminadas; F. vista frontal da flor estaminada, evidenciando os estaminódios; G. detalhe da flor pistilada; H. flor pistilada aberta mostrando estigma e estaminódios. J.E. Nascimento-Júnior, 613; L.A.S. Santos et al, 557. I-N. *Dioscorea orthogoneura* Uline ex. Hochr., I. ramo com flores estaminadas; J. detalhe das flores estaminadas; K. flor estaminada aberta mostrando estames e pistilódio; L. ramo com flores pistiladas e frutos; M. detalhe da flor pistilada; N. flor pistilada aberta mostrando estigma e estaminódios. M.F. Landim, et al., 577; L.A. Gomes, et al., 288.

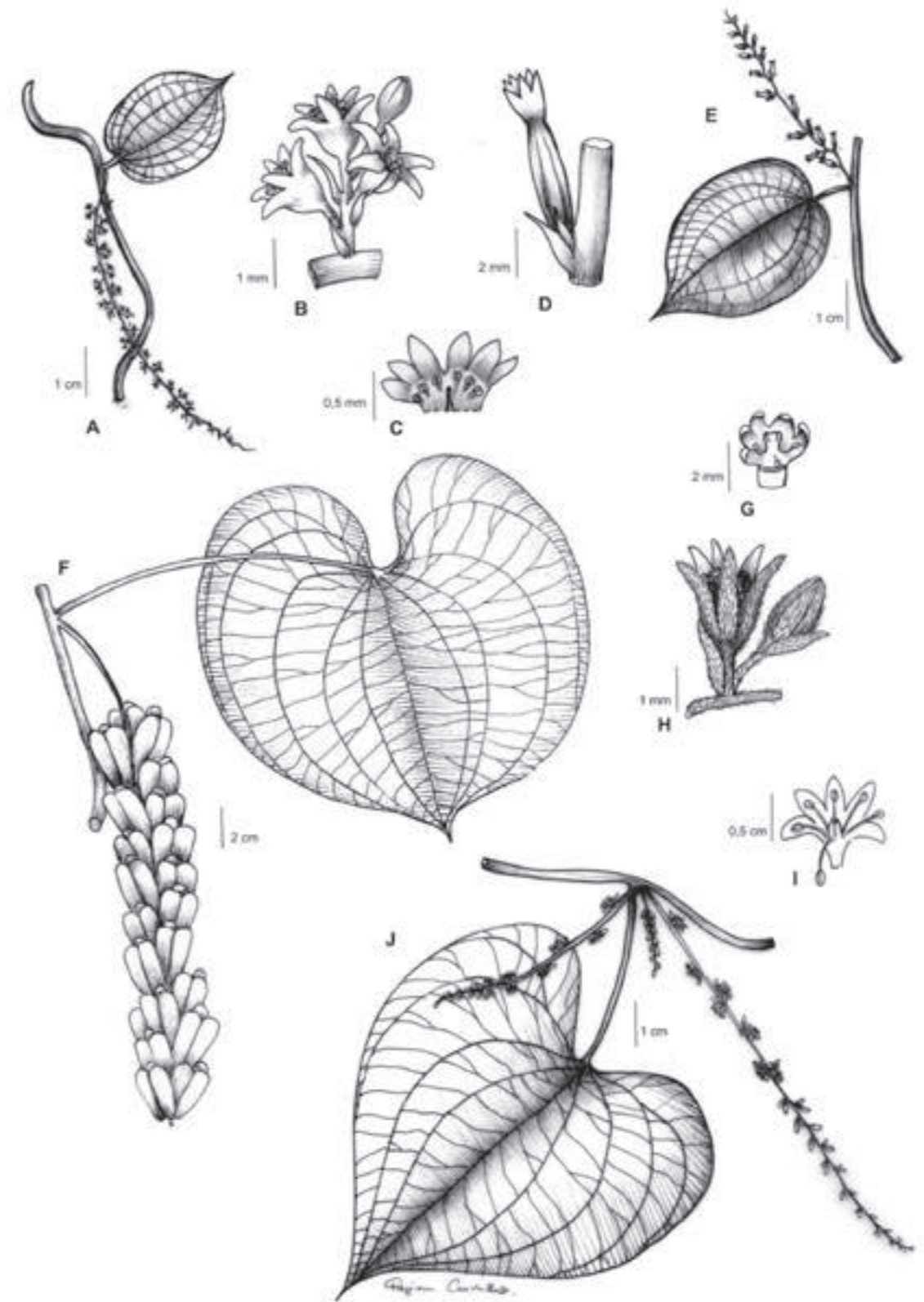


Figura 3. A-E. *Dioscorea ovata* Vell., A. ramo com flores estaminadas; B. detalhe das flores estaminadas; C. flor estaminada aberta mostrando os estames; D. detalhe da flor pistilada; E. ramo com flores pistiladas. M.C. Santana, 204; M.F. Landim et al., 887. F-J. *Dioscorea setegelmanniana* R. Knuth., F. ramo com frutos; G. flor pistilada aberta mostrando estigma e estaminódios; H. detalhe das flores estaminadas; I. flor estaminada aberta mostrando estames; J. ramo com flores estaminadas. G. Viana, 1514 J.B.S. Oliveira et al., 169.

James Lucas da Costa-Lima¹
 Maria Iracema Bezerra Loiola²
 Luciana Silva Cordeiro²
 Marccus Alves¹

Erythroxyloaceae apresenta cerca de 250 espécies em quatro gêneros: *Aneulophus* Benth., *Erythroxyllum* P. Browne, *Nectaropetalum* Engl. e *Pinacopodium* Exell & Mendonça, destes apenas *Erythroxyllum* ocorre na região Neotropical, os demais são restritos ao continente africano.

Erythroxyllum P. Browne

Arbustos ou árvores, córtex estriado ou suberoso, escasso a densamente lenticelado. Estípulas intrapeciolares, lisas ou estriadas longitudinalmente, 2-3-setulosas no ápice, com coleteres fimbriolados, vilosos ou inconspícuos; catafilos persistentes, em geral semelhantes às estípulas. Folhas alternas, glabras, simples; pecíolo subcilíndrico, canaliculado na face superior. Inflorescências fasciculadas ou unifloras, na axila das folhas e/ou dos catafilos; bractéolas 2-3-numerosas. Flores 5-meras, andróginas, heterostílicas; lobos do cálice triangulares ou oblongos; pétalas côncavas, apêndice ligulado internamente com 1-2 pares de aurículas; estames 10, em 2 verticilos, filetes concrecidos na base; ovário súpero, 3-carpelar, 3-locular, 1 óvulo desenvolvido; 3 estiletos, livres ou parcialmente concrecidos na base. Drupa carnosa; 1 pirênio, sulcado longitudinalmente ou não.

Erythroxyllum circunscreve cerca 240 espécies com maior diversidade na região Neotropical, onde são reportados 187 táxons. A maioria ocorre no Brasil, onde são registradas 114 espécies, que ocorrem desde as florestas úmidas, como na Floresta Atlântica e Amazônia, até os tipos de vegetação mais secos, como as formações do semiárido e dos Cerrados. Para o estado do Sergipe foram registradas 17 espécies, 14 delas ocorrem nas formações vegetais da Mata Atlântica, como restingas, tabuleiros litorâneos, florestas estacionais e florestas ombrófilas. Três espécies (*Erythroxyllum macrocalyx* Mart., *E. pulchrum* A.St.-Hil. e *E. vacciniifolium* Mart.) foram coletadas e disponibilizadas para estudo após a finalização do tratamento taxonômico. Desta forma, as descrições dessas espécies não foram elaboradas, porém constam na chave de identificação, além de serem apresentados comentários sobre fenologia, distribuição geográfica, caracteres diagnósticos para reconhecimento e afinidade com outras espécies que ocorrem no Estado.

¹ Laboratório de Morfo-Taxonomia Vegetal, Departamento de Botânica, Universidade Federal de Pernambuco, Cidade Universitária, Av. Professor Moraes Rego, 50670-901, Recife, Pernambuco, Brasil. jimcostalima@yahoo.com.br

² Herbário EAC, Departamento de Biologia, Universidade Federal de Ceará, Campus do Pici, Bloco 906, 60455-970, Fortaleza, Ceará, Brasil.

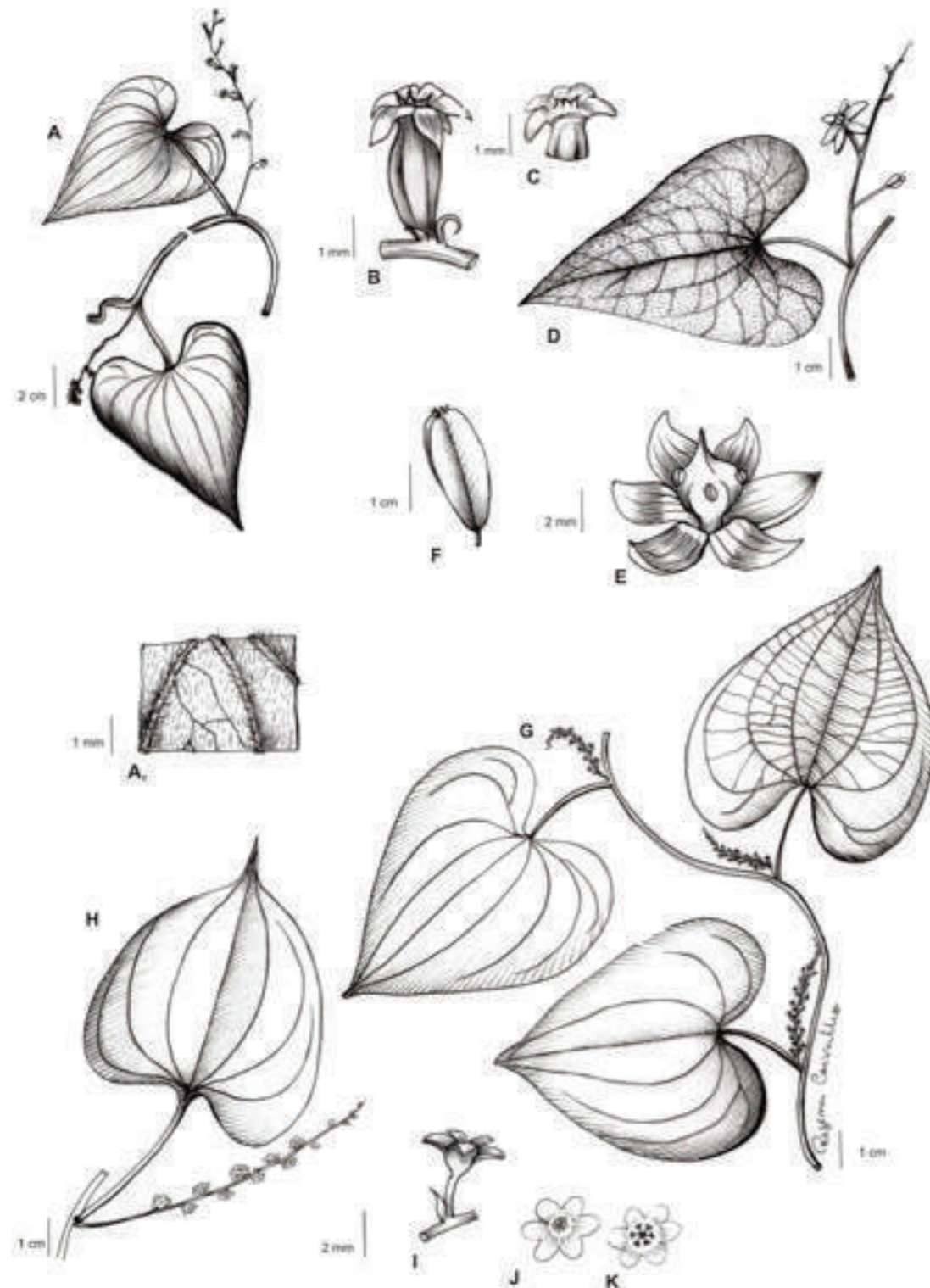


Figura 4. A-F. *Dioscorea subhastata* Vell., A. ramo com flores pistiladas; A₁, detalhe do indumento na face abaxial; B. detalhe da flor pistilada; C. detalhe da flor pistilada mostrando os estigmas; D. ramo com flores estaminadas; E. detalhe da flor estaminada; F. fruto. A. P. Prata, 1599; G.M.A. Matos, 182. G-K *Dioscorea piperifolia* Humb. & Bonpl. ex Willd., G. ramo com flores pistiladas; H. ramo com flores estaminadas; I. detalhe da flor estaminada; J. vista frontal da flor estaminada; K. vista frontal da flor estaminada evidenciando o pistilódio. L.A. Gomes et al., 163; D.G. Oliveira, 206; D.A. Araújo, et al., 2242.

Chave para identificação das espécies de *Erythroxylum* de Sergipe

1. Estípulas lisas.....2
 2. Estípulas 2-setulosas no ápice.....3
 3. Estípulas $\geq 2,5$ mm compr.; folhas cartáceas, concentradas no ápice dos braquiblastos; pedicelo $\leq 2,0$ mm; flores brevistilas com estiletos concrecidos na base; pirênio 3-sulcado longitudinalmente **3. *E. caatingae***
 3'. Estípulas $\leq 2,2$ mm compr.; folhas membranáceas, distribuídas ao longo dos ramos; pedicelo ≥ 3 mm; flores brevistilas com estiletos livres entre si; pirênio 6-sulcado longitudinalmente **16. *E. subrotundum***
 2'. Estípulas 3-setulosas no ápice.....4
 4. Estípulas ≥ 7 mm compr. **11. *E. pulchrum***
 4'. Estípulas ≤ 2 mm compr.
 5. Folhas com ápice cuspidado; cálice com prefloração contorcida, lobos ovais a largo-ovais, ápice acuminado, nervuras proeminentes..... **5. *E. macrocalyx***
 5'. Folhas com ápice agudo ou obtuso; cálice com prefloração valvar, lobos triangulares, ápice agudo, nervuras sem essa característica **17. *E. vacciniifolium***
 1'. Estípulas estriadas longitudinalmente.....6
 6. Córtex com ritidoma papiráceo; cálice com prefloração contorcida, lobos oblongos, ápice cuspidado **13. *E. rimosum***
 6'. Córtex sem ritidoma; cálice com prefloração valvar, lobos triangulares a estreito-trianguulares, ápice acuminado a agudo.....7
 7. Folhas com margem revoluta ou ondulada; flores sésseis a subsésseis, pedicelo ≤ 2 mm compr.....8
 8. Limbo foliar $\geq 5,5$ cm compr., pecíolo $\geq 4,6$ mm compr. **8. *E. nobile***
 8'. Limbo foliar ≤ 5 cm compr., pecíolo $\leq 3,5$ mm compr.....9
 9. Folhas com margem ondulada, membranáceas ou cartáceas; pecíolo $< 1,5$ mm compr., menor que as estípulas; cálice com lobos estreito-trianguulares **9. *E. nordestinum***
 9'. Folhas com margem revoluta, coriáceas; pecíolo $\geq 2,5$ mm compr., maior ou igual as estípulas; cálice com lobos triangulares a largo-trianguulares **12. *E. revolutum***
 7. Folhas com margem plana; flores pediceladas, pedicelo $\geq 2,5$ mm compr.....10
 10. Catafilos adensados formando braquiblastos com folhas concentradas no ápice; lâmina foliar com ápice cuspidado **15. *E. squamatatum***
 10'. Catafilos e folhas laxamente distribuídos nos ramos; lâmina foliar com ápice acuminado, agudo, arredondado ou retuso.....11
 11. Drupa com pirênio 6-sulcado longitudinalmente **10. *E. passerinum***
 11'. Drupa com pirênio cilíndrico.....12
 12. Estípulas com coleteres fimbriolados; inflorescência uniflora **6. *E. mikanii***
 12'. Estípulas com coleteres levemente vilosos ou inconspícuos; inflorescência em fascículos de até 9 flores.....13
 13. Estípulas $\leq 2,5$ mm compr.; tubo estaminal maior que os lobos do cálice.....14
 14. Folhas obovadas a largo-elípticas, ápice retuso; drupa elipsoide **2. *E. andrei***
 14'. Folhas elípticas a estreito-elípticas, ápice acuminado; drupa obovoide a

- largo-elipsoide **14. *E. simonis***
 13'. Estípulas $\geq 2,8$ mm compr.; tubo estaminal menor que os lobos do cálice.....15
 15. Estípulas membranáceas, em geral menores que o pecíolo; folhas com ápice retuso **1. *E. affine***
 15'. Estípulas paleáceas, pelo menos duas vezes o comprimento do pecíolo; folhas com ápice acuminado.....16
 16. Estípulas $\leq 6,5$ mm compr., caducas; fascículos na axila das folhas e dos catafilos
 **4. *E. citrifolium***
 16'. Estípulas ≥ 8 mm compr., persistentes; fascículos na axila dos catafilos
 **7. *E. mucronatum***

1. *Erythroxylum affine* A.St.-Hil., Fl. Bras. mer. 97. 1829.

Arbustos a árvores, 1,5–6 m alt. Estípulas 2,8–7 mm compr., estriadas longitudinalmente, membranáceas, triangulares, 3-setulosas, coleteres inconspícuos. Folhas elípticas a largo-elípticas, cartáceas, limbo 3–10,2 x 1,3–3,4 cm, base aguda, margem plana, ápice retuso; pecíolo 2,1–6 mm compr. Fascículos com 1–3 flores, na axila das folhas e/ou catafilos. Flores 4,5–9 mm compr., pedicelo 2,5–6,5 mm compr.; cálice com prefloração valvar, lobos 0,8–1 x ca. 0,6 mm, triangulares, ápice agudo; pétala 1,6–2,4 mm compr.; tubo estaminal menor que os lobos do cálice; flores brevistilas: filetes 1,4–1,7 mm compr., estiletos 0,6–0,8 mm compr., livres; flores longistilas: filetes opositissépalos 0,6–0,7 mm compr., alternissépalos ca. 1,6 mm compr., estiletos 1,8–3 mm compr., livres; ovário 1,8–2 x 1,2–1,5 mm, elipsoide. Drupa 9,6–11 x 3,6–4 mm, elipsoide; pirênio cilíndrico.

Comentários: *Erythroxylum affine* ocorre em área de Mata Atlântica, do Rio de Janeiro a Pernambuco (Loiola 2013), sendo aqui um novo registro no estado do Sergipe, onde foi encontrado em florestas estacionais e restingas. É semelhante a *E. simonis* no aspecto geral dos ramos, mas é distinto, principalmente, pelas estípulas mais longas e pelo tubo estaminal menor que os lobos do cálice. Floresce e frutifica ao longo de todo ano e no estado do Sergipe foi registrada em estádio fértil de janeiro a maio.

Material selecionado: **BRASIL. Sergipe.** Barra dos Coqueiros, IV/1997, fl. e fr., *M. Landim* 1142 (ASE, UFP); Itaporanga d'Ajuda, II/2000, fr., *M. Landim* 1473 (ASE, UFP); Lagarto, II/2009, fl., *D.S. Melo et al.* 15 (ASE); Pirambu, VI/2012, fl., *A.P. Prata et al.* 3151 (ASE, UFP); Riachão do Dantas, IV1983, fl., *E.M. Carneiro* 652 (ASE, UFP); Salgado, VI/1988, fl., *G. Viana* 2061 (ASE); Santa Luzia do Itanhy, IV/2012, fr., *J.L. Costa-Lima et al.* 643 (UFP, UFRN).

2. *Erythroxylum andrei* Plowman, Fieldiana, Bot., 19: 2. 1987.

Arbustos, ca. 2,5 m alt. Estípulas 2–2,5 mm compr., estriadas longitudinalmente, membranáceas, largo-trianguulares, curtamente 3-setulosas, coleteres inconspícuos. Folhas obovadas a largo-elípticas, cartáceas, limbo 2–4,3 x 1,3–2,4 cm, base aguda, margem plana, ápice retuso; pecíolo 1,8–3,8 mm compr. Fascículos com 1–4 flores, na

axila das folhas e/ou catafilos. Flores 5–6,5 mm compr.; pedicelo 3,5–6,5 mm compr.; cálice com prefloração valvar, lobos 1–1,5 x 0,8–1,4 mm, triangulares, ápice agudo; pétala 2–3 mm compr.; tubo estaminal maior que os lobos do cálice; flores brevistilas: filetes 2,5–2,8 mm compr., estiletos 1–1,2 mm compr., livres; flores longistilas: filetes opositissépalos 0,6–0,8 mm compr., alternissépalos 1,2–1,4 mm compr., estiletos 1,8–2,5 mm compr., livres; ovário 1,2–1,8 x 0,8–1,6 mm, obovoide. Drupa 7,0–9,0 x 3,5–4 mm, elipsoide; pirênio cilíndrico.

Comentários: Espécie das restingas dos estados da Bahia, Sergipe e Alagoas (Loiola 2013). Assemelha-se a *E. passerinum* Mart., que também ocorre nas restingas, mas podem ser diferenciadas, principalmente, pelo ápice das folhas retuso em *E. andrei* (vs. agudo ou obtuso em *E. passerinum*), tubo estaminal maior que os lobos do cálice (vs. menor) e pelo pirênio cilíndrico (vs. 6-sulcado longitudinalmente). Floresce e frutifica entre os meses de setembro a abril. No estado do Sergipe foi coletada em plena floração no mês de janeiro e com flores passadas em setembro.

Material selecionado: **BRASIL. Sergipe:** Japarutuba, I/2013, fl., M.C.V. Farias et al. 298 (ASE); Pirambu, IX/2013, fl., J.L. Costa-Lima et al. 1030 (CEPEC, EAC, F, RB, UFP).

Material adicional examinado: **BRASIL. Bahia:** Ilhéus, III/1985, fl. e fr., L.A. Mattos-Silva et al. 1863 (CEPEC).

3. *Erythroxylum caatingae* Plowman, Fieldiana, Bot. 19: 5. 1987.

Arbustos até 3 m alt.; catafilos adensados formando braquiblastos. Estípulas 2,5–5,3 mm compr., lisas, membranáceas, triangulares, 2-setulosas, coleteres inconspícuos. Folhas obovadas ou suborbiculares, cartáceas, concentradas no ápice dos braquiblastos, limbo 2–4,5 x 1–2,5 cm, base cuneada, margem plana, ápice arredondado a retuso; pecíolo 5–9 mm compr. Fascículos com 1–3 flores, na axila dos catafilos, concentrados no ápice dos braquiblastos. Flores 3,2–5 mm compr., pedicelo 0,6–2 mm compr.; cálice com prefloração valvar, lobos 1,2–1,8 x 1–1,5 mm, triangulares, ápice agudo; pétala 2–3 mm compr.; tubo estaminal menor que os lobos do cálice; flores brevistilas: filetes 1,5–2,5 mm compr., estiletos 0,8–1,2 mm compr., concrescidos na base; flores longistilas: não observadas; ovário 1–1,5 x 1–1,2 mm, obovoide. Drupa 6,5–8 x 4–6 mm, elipsoide; pirênio 3-sulcado longitudinalmente.

Comentários: *Erythroxylum caatingae* ocorre no semiárido, em vegetação de caatinga, nos estados Bahia, Pernambuco, Paraíba, Rio Grande do Norte e Ceará (Loiola 2013) e aqui tem-se sua primeira referência para Sergipe. É reconhecida pelas estípulas lisas e com ápice 2-setuloso, as folhas obovadas a suborbiculares, concentradas no ápice dos braquiblastos, as flores subsésseis e o pirênio 3-sulcado longitudinalmente. Encontra-se em estágio fértil no primeiro semestre do ano. No estado do Sergipe foi encontrada apenas com frutos nos meses de abril e maio.

Material examinado: **BRASIL. Sergipe:** Canindé de São Francisco, IV/2001, fr., R.M. Harley et al. 54289 (ALCB, CEPEC, HRB, HUEFS, UFRN); Poço Redondo, VI/2010, fr., W.J. Machado et al. 443 (ASE).

Material adicional examinado: **BRASIL. Bahia:** Raso da Catarina, I/1981, fl. e fr., H.P. Bautista 445 (holótipo: HRB; isótipos: CEPEC, F, RB). **Rio Grande do Norte:** Coronel João Pessoa, VI/1984, fl. e fr., A.C. Sarmento & J. Assis 747 (CTES, F, HRB, MBM, NY, RB).

4. *Erythroxylum citrifolium* A.St.-Hil., Fl. Bras. mer. 94. 1829.

Fig. 1. A-D

Arbustos, ca. 3 m alt. Estípulas 4–6,5 mm compr., estriadas longitudinalmente, paleáceas, caducas, estreito-triangulares, 3-setulosas, coleteres inconspícuos. Folhas elípticas, cartáceas, limbo 6,4–13 x 2,2–5 cm, base aguda, margem plana, ápice acuminado; pecíolo 2,8–4,5 mm compr. Fascículos com 1–9 flores, na axila das folhas e/ou catafilos. Flores 5–7 mm compr.; pedicelo 3–6,2 mm compr.; cálice com prefloração valvar, lobos 1,2–1,6 x 0,8–1 mm, triangulares, ápice acuminado; pétala 2,5–3,8 mm compr.; tubo estaminal menor que os lobos do cálice; flores brevistilas: filetes 1,5–2 mm compr., estiletos 0,8–1 mm compr., livres; flores longistilas: filetes opositissépalos 0,5–1 mm compr., alternissépalos 1,5–2 mm compr., estiletos 3–3,6 mm compr., livres; ovário 1,2–1,4 x 0,8–1 mm, obovoide. Drupa 7–9,2 x 4,2–6 mm, elipsoide ou obovoide; pirênio cilíndrico.

Comentários: Distribui-se na região Neotropical, desde o México, América Central e América do Sul. No Brasil ocorre em praticamente todos os estados, principalmente na Mata Atlântica e Amazônia (Plowman & Hensold 2004; Loiola 2013). Está sendo citada pela primeira vez em Sergipe, onde foi encontrada nas florestas estacionais. *Erythroxylum citrifolium* e *E. mucronatum* Benth. são morfologicamente similares e simpátricas. Em *E. citrifolium* as estípulas são menores que 6,5 mm compr., caducas e permanecem íntegras quando maduras, desprendendo-se dos ramos na base e os fascículos estão localizados na axila das folhas e dos catafilos. E em *E. mucronatum*, as estípulas são maiores que 8 mm compr., persistentes e se rompem longitudinalmente quando maduras e os fascículos são encontrados na axila dos catafilos. *Erythroxylum citrifolium* é encontrada com flores e frutos ao longo de todo o ano e no estado do Sergipe foi registrada com flores no mês de fevereiro e frutos e junho.

Material selecionado: **BRASIL. Sergipe:** Divina Pastora, II/2011, fl., C.A.S. Souza et al. 68 (ASE); Itabaiana, VI/1987, fr., G. Viana 1723 (ASE).

Material adicional examinado: **BRASIL. Pernambuco:** Igarassu, IV/2008, fl. e fr., L.M. Nascimento & G. Batista 678 (ASE, MAC, UFP).

5. *Erythroxylum macrocalyx* Mart., Beitr. Erythroxylon 384. 1840.

Comentários: Espécie registrada nos estados de Minas Gerais e Bahia (Loiola 2013), em diversos tipos de vegetação, e agora no estado do Sergipe. É distinta das demais espécies que ocorrem no estado do Sergipe pelas folhas com ápice cuspidado associadas ao cálice com prefloração contorcida, de lobos ovais a largo-ovais com ápice acuminado e nitidamente nervados e estiletos concrecidos na base. Encontrada com frutos no mês de janeiro.

Material examinado: **BRASIL. Sergipe:** Simão Dias, I/2012, fr., *A.P. Prata et al.* 2839 (ASE).

6. *Erythroxylum mikanii* Peyr. in Mart., Fl. bras. 12 (1): 138. 1878.

Arbustos, 2–3 m alt. Estípulas 2,5–4 mm compr., estriadas longitudinalmente, membranáceas, triangulares, 3-setulosas, coleteres fimbriolados. Folhas elípticas a oblongo-elípticas, cartáceas, limbo 4–6,2 x 1,7–2,6 cm, base aguda, margem plana, ápice agudo a retuso; pecíolo 1–3 mm compr. Inflorescência uniflora, na axila dos catafilos. Flores 5–7,5 mm compr.; pedicelo 2,5–3 mm compr.; cálice com prefloração valvar, lobos 1,4–1,6 x 1–1,5 mm, triangulares, ápice acuminado; pétala 1,8–2,5 mm compr.; tubo estaminal menor que os lobos do cálice; flores brevistilas: não observadas; flores longistilas: filetes opositissépalos 0,8–1,1 mm compr., alternissépalos 1,2–2,6 mm compr., estiletos 3–4 mm compr., livres; ovário 1,2–2 x 0,8–1,2 mm, elipsoide. Drupa 7,0–8,5 x 4,8–5,0 mm, ovoide; pirênio cilíndrico.

Comentários: Segundo Loiola (2013), *Erythroxylum mikanii* ocorre na Mata Atlântica dos estados do Rio de Janeiro, Bahia e Sergipe. Neste último, é encontrada nas florestas estacionais e restingas. Pode ser confundida com *E. subrotundum* A.St.-Hil., porém *E. mikanii* apresenta as estípulas estriadas longitudinalmente e 3-setulosas no ápice e o pirênio cilíndrico, e em *E. subrotundum* as estípulas são lisas e 2-setulosas no ápice e o pirênio é 6-sulcado longitudinalmente. Coletada com flores e frutos nos meses de outubro e novembro.

Material selecionado: **BRASIL. Sergipe:** Santa Luzia do Itanhy, XI/1993, fl. e fr., *A.M.A. Amorim et al.* 1462 (CEPEC, K, MO, NY, RB, UFRN).

7. *Erythroxylum mucronatum* Benth., London J. Bot. 2: 372. 1843.

Árvores, 2,5–4 m alt. Estípulas 8–23 mm compr., estriadas longitudinalmente, paleáceas, triangulares, 3-setulosas, coleteres inconspícuos. Folhas elípticas, cartáceas, limbo 9,4–18 x 2,6–4,8 cm, base aguda, margem plana, ápice acuminado; pecíolo 2,5–5 mm compr. Fascículos com 1–6 flores, na axila dos catafilos. Flores 5,2–8 mm compr.; pedicelo 2,5–4,6 mm compr.; cálice com prefloração valvar, lobos 1,2–1,5 x 0,6–1 mm, triangulares, ápice acuminado; pétala 2–3 mm compr.; tubo estaminal menor que os lobos do cálice; flores brevistilas: filetes 1,5–2,2 mm compr., estiletos 0,8–1 mm compr., livres; flores longistilas:

filetes opositissépalos 0,8–1 mm compr., alternissépalos 1,5–2 mm compr., estiletos 3,2–3 mm compr., livres; ovário 1,2–2 x 1–1,4 mm, obovoide. Drupa 9–12 x 5–6,5 mm, elipsoide; pirênio cilíndrico.

Comentários: Amplamente distribuída na América do Sul. no Brasil ocorre em matas úmidas da Mata Atlântica e Amazônia, nas regiões Norte, Centro-Oeste e Nordeste (Plowman & Hensold 2004; Loiola 2013). No estado do Sergipe ocorre em florestas ombrófilas, estacionais e na restinga arbórea. Assemelha-se a *E. citrifolium*, com quem divide o mesmo hábitat, sendo os caracteres para diferenciação mencionados anteriormente. Espécie que floresce e frutifica ao longo de todo o ano. No estado do Sergipe foi registrada com flores nos meses de janeiro e fevereiro.

Material selecionado: **BRASIL. Sergipe:** Indiaroba, II/1998, fl., *M. Landim* 1419 (ASE); Santa Luzia do Itanhy, I/1993, fl., *J.R. Pirani & J.A. Kallunki* 2650 (CEPEC, MO, NY).

Material examinado adicional: **BRASIL. Pernambuco:** Igarassu, III/2003, fr., *A. Melquíades & G. Bezerra* 207 (PEUFR, RB, UFP).

8. *Erythroxylum nobile* O.E.Schulz in Engl., Pflanzenr. 4 (134): 37. 1907.

Fig. 1. E-H

Arbustos a árvores, 2,5–5 m alt. Estípulas 5–8,4 mm compr., estriadas longitudinalmente, membranáceas, triangulares, curtamente 3-setulosas, coleteres inconspícuos. Folhas elípticas a oblongas, cartáceas, limbo 5,5–18 x 3,2–7,5 cm, base aguda, margem levemente revoluta, ápice agudo a arredondado; pecíolo 4,6–16 mm compr. Fascículos com 1–3 flores, na axila das folhas e/ou catafilos. Flores 5,5–7 mm compr.; pedicelo 0,4–2 mm compr.; cálice com prefloração valvar, lobos 1–1,5 x 0,6–1 mm, triangulares, ápice agudo; pétala 3–3,5 mm compr.; tubo estaminal menor que os lobos do cálice; flores brevistilas: filetes 2–2,5 mm compr., estiletos 1–1,2 mm compr., livres; flores longistilas: não observadas; ovário 1–1,5 x 0,8–1 mm, obovoide. Drupa 8,2–9 x 4–5,2 mm, elipsoide; pirênio cilíndrico.

Comentários: *Erythroxylum nobile* tem registro para a Mata Atlântica, em floresta ombrófila nos estados da Bahia e Sergipe (Loiola 2013), neste último também em matas de restinga arbórea e florestas estacionais, onde é conhecida localmente por “araticuntiaia”. Diferencia-se das demais espécies ocorrentes no estado pelas folhas maiores, pecíolo alongado e flores subsésseis, associados ao pirênio cilíndrico. Encontrada com flores e frutos ao longo de todo o ano.

Material selecionado: **BRASIL. Sergipe:** Areia Branca, IV/2002, fl. e fr., *M.L. Santos* 11 (ASE); Lagarto, X/2008, fr., *C.S. Santos* 351 (ASE); Pirambu, IV/1984, bot., *M.C. Santana* 219 (ASE); Salgado, III/1981, fl., *G. Viana* 222 (ASE); Santa Luzia do Itanhy, IV/2012, fl., *J.L. Costa-Lima et al.* 642 (UFP, UFRN).

9. *Erythroxylum nordestinum* Costa-Lima, Loiola & M.Alves, Brittonia online first. 2013. Arbustos a arvoretas, 1,6–3 m alt. Estípulas 2,4–9 mm compr., estriadas longitudinalmente, membranáceas, triangulares, curtamente 3-setulosas, coleteres inconspícuos. Folhas elípticas a obovadas, membranáceas a cartáceas, limbo 3–4,5 x 1,6–3 cm, base arredondada, margem ondulada, ápice retuso; pecíolo 0,6–1,5 mm compr. Fascículos com 1-3 flores, na axila dos catafilos. Flores 3,5–5 mm compr.; pedicelo 0,2–1 mm compr.; cálice com prefloração valvar, lobos 1–1,5 x 0,3–0,6 mm, estreito-triangulares, ápice acuminado; pétala 3–3,5 mm compr.; tubo estaminal menor que os lobos do cálice; flores brevistilas: filetes 2,2–4 mm compr., estiletos 0,5–0,7 mm compr., livres; flores longistilas: filetes opositissépalos 0,5–0,7 mm compr., alternissépalos 1–1,2 mm compr., estiletos 1,8–3 mm compr., livres; ovário 0,8–1 x 0,6–0,8 mm, obovoide. Drupa ca. 15 x 10 mm, obovoide; pirênio cilíndrico.

Comentários: Registrada nos estados da Bahia, Sergipe e Pernambuco, em áreas de Caatinga. Diferencia-se de *E. revolutum*, principalmente, pelas estípulas maiores, margem das folhas ondulada, pecíolo curto e lobos do cálice estreito-triangulares. Encontrada com flores no mês de dezembro e frutos em abril.

Material examinado: **BRASIL. Sergipe:** Canindé de São Francisco, X/2005, fl., *D. Coelho* 842 (NY, UFP); Porto da Folha, IV/2011, fr., *D.G. Oliveira et al.* 147 (ASE, UFP).

10. *Erythroxylum passerinum* Mart., Beitr. *Erythroxylon* 106. 1840.

Arbustos, 1,5–4 m alt. Estípulas 1,7–3 mm compr., estriadas longitudinalmente, membranáceas, triangulares, curtamente 3-setulosas, coleteres inconspícuos. Folhas elípticas, largo-elípticas a ovadas, cartáceas, limbo 2,5–7 x 1,4–3,5 cm, base aguda, margem plana, ápice agudo ou arredondado; pecíolo 1,2–3 mm compr. Fascículos com 1-12 flores, na axila das folhas e/ou catafilos. Flores 6–9,5 mm compr.; pedicelo 3–5,5 mm compr.; cálice com prefloração valvar, lobos 1–1,5 x 0,7–1 mm, triangulares, ápice agudo; pétala 2,5–3 mm compr.; tubo estaminal menor que os lobos do cálice; flores brevistilas: filetes 2,5–3 mm compr., estiletos 0,8–1,2 mm compr., livres; flores longistilas: filetes opositissépalos 1–1,2 mm compr., alternissépalos 1,5–2,4 mm compr., estiletos 3–3,5 mm compr., livres; ovário 1–1,5 x 0,8–1 mm, obovoide. Drupa 6,5–9,5 x 3–4,5 mm, elipsoide; pirênio 6-sulcado longitudinalmente.

Comentários: Encontrada nas restingas e tabuleiros costeiros do estado do Rio de Janeiro a Paraíba (Loiola 2013). No estado do Sergipe, é aqui referida pela primeira vez, onde foi encontrada habitando formações abertas ou borda de restingas arbóreas. É conhecida localmente por “bom-nome” e morfologicamente relacionada com *E. andrei*, que também ocorre nas restingas e cujos caracteres diferenciais foram citados anteriormente. *Erythroxylum passerinum* floresce e frutifica ao longo de todo o ano.

Material selecionado: **BRASIL. Sergipe:** Aracaju, VII/2000, fl. fr., *M. Landim et al.* 1504

(ASE); Barra dos Coqueiros, V/1995, fr., *M. Landim* 391 (ASE); Brejo Grande, VI/2012, fr., *D.G. Oliveira et al.* 379 (ASE); Pirambu, IV/2012, fr., *M.C.V. Farias et al.* 107 (ASE); Pacatuba, VI/2012, fr., *D.G. Oliveira et al.* 414 (ASE); Santa Luzia do Itanhy, V/1995, fr., *M. Landim* 361 (ASE); São Cristóvão, V/1985, fl. fr., *G. Viana* 1102 (ASE); Siriri, X/2012, fr., *L.A. Gomes et al.* 941 (ASE)

11. *Erythroxylum pulchrum* A.St.-Hil., Fl. Bras. Merid. 2: 94. 1829.

Comentários: *Erythroxylum pulchrum* tem distribuição do estado de São Paulo ao Ceará (Loiola 2013), em áreas de Mata Atlântica. Este é o primeiro registro da espécie no estado do Sergipe, onde foi encontrada em uma área de mata úmida, circundada por vegetação de caatinga. É localmente conhecida como “pau-chorão” e pode ser reconhecida pelas estípulas maiores que 7 mm compr., lisas e curtamente 3-setulosas no ápice. Pode ser confundida com *E. nobile*, que apresenta folhas grandes e com dimensões semelhantes, mas as estípulas estriadas longitudinalmente nessa última espécie as diferenciam prontamente. Esta espécie apresenta flores de outubro a janeiro e frutos de dezembro a abril. No estado do Sergipe foi registrada apenas em estágio vegetativo. Ilustração em Peyritsch (1878).

Material examinado: **BRASIL. Sergipe:** Poço Redondo, X/2010, st., *W.J. Machado et al.* 1092, 1100 (ASE)

Material examinado adicional: **BRASIL. Pernambuco:** Caruaru, I/2008, fl., *P. Gomes et al.* 756 (HUEFS, HVASF, MAC, RB, UFP).

12. *Erythroxylum revolutum* Mart., Beitr. *Erythroxylon* 71. 1840.

Fig. 1. I-L

Arbustos a árvores, 2–5 m alt. Estípulas 1,5–2,5 mm compr., estriadas longitudinalmente, membranáceas, triangulares, curtamente 3-setulosas, coleteres inconspícuos. Folhas oblongas, obovadas a ovadas, coriáceas, limbo 1,5–5 x 1,2–3,5 cm, base aguda, margem revoluta, ápice agudo; pecíolo 2,5–3,5 mm compr. Fascículos com 1–3 flores, na axila dos catafilos. Flores 5–6 mm compr.; pedicelo 0,5–2 mm compr.; cálice com prefloração valvar, lobos 0,8–1,2 x 0,8–1 mm, triangulares, ápice agudo a acuminado; pétala 2–4 mm compr.; tubo estaminal menor que os lobos do cálice; flores brevistilas: filetes 3–4 mm compr., estiletos 1,8–2,2 mm compr., livres; flores longistilas: filetes opositissépalos 1,2–2 mm compr., alternissépalos 1,8–3 mm compr., estiletos 3–4,2 mm compr., livres; ovário 1–1,2 x 0,6–0,8 mm, obovoide. Drupa 7–9,5 x 4,2–6,5 mm, elipsoide; pirênio cilíndrico.

Comentários: Registrada para a região semiárida dos estados da Bahia, Sergipe, Alagoas, Pernambuco, Paraíba, Ceará e Piauí (Loiola 2013). No estado do Sergipe, ocorre em vegetação de caatinga sedimentar, onde é conhecida pelos nomes de “amarelinho”,

“banha-de-galinha” e “varela”. Apresenta-se como arbustos a árvores, com cálice de prefloração valvar e pedicelo menor que 2 mm compr., enquanto *E. rimosum*, espécie morfológicamente similar, é um subarbusto, em geral cespitoso, com prefloração do cálice contorcida e pedicelo maior que 4 mm compr. Floresce e frutifica ao longo de todo o ano.

Material selecionado: **BRASIL. Sergipe:** Canindé de São Francisco, VII/2000, fr., R.A. Silva & D. Moura 1551 (HRB, PEUFR, RB); Pacatuba, VI/2012, fr., D.G. Oliveira et al. 406 (ASE); Poço Redondo, XI/2011, fl., G.M.A. Matos et al. 65 (ASE); Santana do São Francisco, IV/2011, fl., P.M.G. Marroquim et al. 40 (ASE).

13. *Erythroxylum rimosum* O.E. Schulz in Engl., Pflanzenr. 4 (134): 53. 1907.

Fig. 2. A-C

Subarbustos, 0,4–1,5 m alt., geralmente cespitosos; córtex com ritidoma papiráceo. Estípulas 1,5–3 mm compr., estriadas longitudinalmente, membranáceas, triangulares, curtamente 3-setulosas, coleteres inconspícuos. Folhas oblongas a obovadas, coriáceas, limbo 1,6–7 x 1,5–4,8 cm, base aguda, margem revoluta, ápice emarginado a arredondado; pecíolo 1,5–4 mm compr. Fascículos com 1–4 flores, na axila dos catafilos. Flores 5–7,5 mm compr.; pedicelo 4–8,6 mm compr.; cálice com prefloração contorcida, lobos 1–2,2 x 1,2–2 mm, oblongos, triangulares, ápice cuspidado; pétala 3,5–5 mm compr.; tubo estaminal menor que os lobos do cálice; flores brevistilas: filetes 3–4,2 mm compr., estiletos 1–1,8 mm compr., livres; flores longistilas: filetes opositissépalos 0,8–1,4 mm compr., alternissépalos 1,4–2,2 mm compr., estiletos 2,2–3 mm compr., livres; ovário 1,1–1,6 x 0,6–1,2 mm, obovoide a largo-elipsoide. Drupa 6,2–7,0 x 4,0–5,2 mm, largo-elipsoide; pirênio cilíndrico.

Comentários: Com registros para os estados do Sergipe, Ceará e Piauí (Loiola 2013), *E. rimosum* é uma espécie de habita formações savânicas, sendo comum nos tabuleiros litorâneos e carrasco. Os caracteres para sua diferenciação de *E. revolutum*, espécie morfológicamente relacionada, foram citados anteriormente. Espécie encontrada em estágio fértil principalmente nos meses do primeiro semestre.

Material selecionado: **BRASIL. Sergipe.** Aracaju, II/1981, fl., E.M. Carneiro 232 (ASE); Areia Branca, VI/2007, fr., M.F.A. Lucena et al. 1771 (UFP); Itabaiana, II/1998, fr., A. Vicente 110 (ASE); Pirambu, VI/2012, A.P. Prata et al. 3024 (ASE); Santo Amaro das Brotas, I/1978, fl., M.R. Fonseca s.n. (ASE 512); São Cristóvão, VI/1999, fl., A. Cruz & E. Matos 103 (ASE); Siriri, VI/2012, fr., L.A. Gomes et al. 897 (ASE, JPB).

14. *Erythroxylum simonis* Plowman, Brittonia 38 (3): 189. 1986.

Arbustos, 2–3 m alt. Estípulas 1,0–2,5 mm compr., estriadas longitudinalmente, membranáceas, triangulares, 3-setulosas, coleteres levemente vilosos. Folhas elípticas

a estreito-elípticas, membranáceas a cartáceas, limbo 1,5–5 x 1,2–2,5 cm, base aguda, margem plana, ápice acuminado; pecíolo 1,5–3,5 mm compr. Fascículos com 1–5 flores, na axila das folhas e/ou catafilos. Flores 4,5–7,2 mm compr.; pedicelo 2,5–5,5 mm compr.; cálice com prefloração valvar, lobos 0,5–1 x 0,6–1 mm, triangulares, ápice agudo; pétala 2,5–3,4 mm compr.; tubo estaminal maior que os lobos do cálice; flores brevistilas: filetes 1–1,4 mm compr., estiletos 0,5–0,8 mm compr., livres; flores longistilas: filetes opositissépalos 0,5–0,8 mm compr., alternissépalos 0,6–1,2 mm compr., estiletos 1–1,6 mm compr., livres; ovário 1–1,5 x 0,8–1,2 mm, obovoide a largo-elipsoide. Drupa 7,2–9,5 x 6,2–7,8 mm, obovoide a largo-elipsoide; pirênio cilíndrico.

Comentários: Restrita a áreas de Mata Atlântica nos estado do Sergipe, Pernambuco, Paraíba e Ceará (Loiola 2013). No Sergipe foi registrada em áreas de floresta estacional e restinga. Pode ser reconhecida, principalmente, pelo hábito arbustivo, no interior da floresta, e pelo tubo estaminal maior que os lobos do cálice e o pirênio cilíndrico. Assemelha-se a *E. affine*, sendo os caracteres de diferenciação já citados nos comentários desta espécie. Espécie com flores e frutos ao longo de todo o ano. No estado do Sergipe foi coletada com flores e frutos entre os meses de maio e junho.

Material examinado: **BRASIL. Sergipe.** Carmópolis, VI/1982, fl. fr., G. Viana 476 (ASE); Santo Amaro das Brotas, VI/1991, fr., C. Farney et al. 2755 (RB).

15. *Erythroxylum squamatum* Sw., Prod. 75. 1788.

Fig. 2. D-E

Árvores, 4–8 m alt.; catafilos adensados formando braquiblastos. Estípulas 2–2,8 mm compr., estriadas longitudinalmente, embora pouco evidentes, coriáceas, triangulares, curtamente 3-setulosas, coleteres inconspícuos. Folhas elípticas a largo-elípticas, membranáceas a cartáceas, concentradas no ápice dos braquiblastos, limbo 8–15 x 4,2–5,5 cm, base cuneada, margem plana, ápice cuspidado; pecíolo 1,6–6 mm compr. Fascículos com 1–3 flores, na axila dos catafilos. Flores 8–10 mm compr.; pedicelo 6–9,2 mm compr.; cálice com prefloração valvar, lobos 2–2,6 x 1,2–2 mm, triangulares, ápice acuminado; pétala 3,5–4,8 mm compr.; tubo estaminal menor que os lobos do cálice; flores brevistilas: filetes 2,5–3,6 mm compr., estiletos 1,8–2 mm compr., livres; flores longistilas: filete opositissépalos 1–1,2 mm compr., alternissépalos 2–2,3 mm compr., estiletos 3–3,8 mm compr., livres; ovário 1,5–2 x 1–1,4 mm, obovoide. Drupa 7–11 x 4–6 mm, oblongoide; pirênio 6-sulcado longitudinalmente.

Comentários: Com distribuição do Caribe a América do Sul, no Brasil ocorre em áreas florestadas das regiões Norte e Nordeste e nos estados de Goiás e do Mato Grosso (Plowman & Hensold 2004; Loiola 2013). No estado do Sergipe é comum no subosque das matas, especialmente em florestas estacionais. É distinta das demais espécies que ocorrem no Sergipe pelas folhas concentradas nos braquiblastos e com ápice cuspidado e os pirênios 6-sulcados longitudinalmente. Espécie com flores e frutos ao longo de todo

o ano, mas com poucas amostras com flores em herbários, possivelmente devido à rápida floração. No estado do Sergipe foi encontrada com frutos de fevereiro a junho.

Material selecionado: **BRASIL. Sergipe:** Capela, V/2011, fr., A.P. Prata et al. 2616 (ASE, JPB); Indiaroba, II/2007, fr., C. Gomes & E. Santos 39 (ASE); Itaporanga d'Ajuda, abr.2008, fr., C. Calazans et al. 35 (ASE); Santa Luzia do Itanhy, VI/1996, fr., J.G. Jardim et al. 445 (CEPEC, K, MO, NY).

Material examinado adicional: **BRASIL. Bahia:** Ipiaú, X/1970, fl., T. S. Santos 1191 (CEPEC, IPA); **Pernambuco:** Recife, II/1990, fl., M.L. Guedes 2273 (IPA).

16. *Erythroxylum subrotundum* A.St.-Hil., Pl. usuel. bras. 3: t. 69. 1828.

Fig. 2. F-H

Arbustos a árvores, 3–6 m alt. Estípulas 1–2,2 mm compr., lisas, membranáceas, triangulares, 2-setulosas, coleteres vilosos. Folhas obovadas, elípticas a suborbiculares, membranáceas, limbo 2–5,5 x 0,8–3 cm, base atenuada, margem plana, ápice arredondado; pecíolo 1,5–6 mm compr. Fascículos com 1–4 flores, na axila dos catafilos. Flores 3–5,5 mm compr.; pedicelo 3–4 mm compr.; cálice com prefloração valvar, lobos 1,2–1,8 x 0,6–1 mm, estreito-triangulares, ápice acuminado; pétala 2,5–4 mm compr.; tubo estaminal menor que os lobos do cálice; flores brevistilas: filetes 1–2 mm compr., estiletos 0,6–1 mm compr., livres; flores longistilas: filetes opositissépalo 1–1,2 mm compr., alternissépalo 2–2,2 mm compr., estiletos 3–3,8 mm compr., livres; ovário 1–1,4 x 0,8–1,3 mm, obovoide. Drupa 6,2–8 x 4,2–6,5 mm, elipsoide a obovoide; pirênio 6-sulcado longitudinalmente.

Comentários: Registrada na Bolívia e no Brasil, e neste último, do Rio de Janeiro ao Ceará e também nos estados de Minas Gerais e Goiás e no Distrito Federal, em diversas formações vegetais (Plowman & Hensold 2004; Loiola 2013). É aqui citada pela primeira vez no estado do Sergipe, onde foi encontrada habitando formações das Caatingas e florestas estacionais. Pode ser confundida com *E. mikanii*, especialmente devido ao aspecto geral dos ramos e a morfologia foliar. Espécie com floração concentrada nos meses do primeiro semestre. No estado do Sergipe foi encontrada com flores no mês de fevereiro e frutos março a junho.

Material selecionado: **BRASIL. Sergipe:** Canindé de São Francisco, II/2005, fl., D. Moura 663 (UFP); Capela, IV/2012, fr., J.L. Costa-Lima et al. 647 (ASE, JPB, NY, RB, UFP, UFRN); Poço Redondo, III/2010, fr., W.J. Machado et al. 234 (ASE); Riachão do Dantas, V/1987, fl. e fr., G. Viana 1752 (ASE).

17. *Erythroxylum vacciniifolium* Mart., Beitr. Erythroxylon 71. 1840.

Comentários: Com distribuição do Rio Grande do Sul ao Ceará (Loiola 2013), em diferentes tipos de vegetação, como restingas, campos rupestres e áreas florestadas. No estado

do Sergipe foi encontrada habitando a orla das matas das florestas estacionais, sendo este o primeiro registro da espécie no Estado. Pode ser reconhecida pelas estípulas lisas, 3-setulosas no ápice, lobos do cálice triangulares e drupa levemente curvada com pirênio 6-sulcado longitudinalmente. Encontrada com frutos no mês de maio. Ilustração em Peyritsch (1878).

Material examinado: **BRASIL. Sergipe:** Maruim, V/2013, fr., L.A. Gomes et al. 1116 (ASE).

Referências Bibliográficas

- Peyritsch, J. 1878. Erythroxylaceae. In: K.F.P. Martius & A.G. Eichler (eds.). *Flora Brasiliensis* 12(1): 125–180.
- Loiola, M.I.B. 2013. Erythroxylaceae. In: **Lista de Espécies da Flora do Brasil**. Jardim Botânico do Rio de Janeiro. Disponível em: <http://floradobrasil.jbrj.gov.br/jabot/floradobrasil/FB111>. Acesso em 16 de abril de 2013.
- Plowman, T.C. & Berry, P.E. 1999. Erythroxylaceae. In: J.A. Steyermark; P.E. Berry; B. Holst & K. Yatskievych (eds.). *Flora of Venezuelan Guayana* 5: 59–71.
- Plowman, T.C. & Hensold, N. 2004. Names, types and distribution of neotropical species of *Erythroxylum* (Erythroxylaceae). *Brittonia* 56(1): 1–53.
- Schulz, O.E. 1907. Erythroxylaceae. In: A. Engler (ed.). *Das Pflanzenreich* 4(134): 1–176.

Lista de Exsicatas

- Alves-Araújo, A. 947 (13); Amorim, A.M.A. 1148 (8), 1462 (6); Bautista, H.P. 445 (3); Calazans, C. 35 (15); Carneiro, E.M. 232 (13), 316 (8), 652 (1), 655 (16); Coelho, D. 842 (9); Cordeiro, L.M.: 67 (12), 83 (16), 293 (12), 640 (16); Costa-Lima, J.L. 641 (15), 642 (8), 643 (1), 644 (10), 645 (15), 646 (13), 647 (16), 848 (4), 1030 (2); Cruz, A. 103 (13); Deda, R.M. 255 (13); Farias, M.C.V. 107 (10), 298 (2); Farney, C. 2755 (14); Fonseca, M.R. s.n. ASE 210 (13), s.n. ASE 227 (10), s.n. ASE 347 (8), s.n. ASE 490 (2), s.n. ASE 512 (13), s.n. ASE 2859 (12); Galvão, L. s.n. ASE 20507 (10); Gomes, C. 39 (15); Gomes, L.A. 86 (15), 107 (16), 117 (1), 339 (10), 454 (13), 540 (13), 897 (13), 941 (10), 1116 (17); Gomes, P. 756 (11); Guedes, M.L. 2237 (15); Harley, R.M. 54289 (3); Jardim, J.G. 445 (15); Landim, M. 239 (8), 300 (7), 361 (10), 391 (10), 414 (10), 433 (15), 905 (10), 1142 (1), 1196 (8), 1205 (15), 1419 (7), 1473 (1), 1504 (10); Lucena, M.F.A. 1771 (13); Machado, W.J. 323 (12), 324 (16), 443 (3), 1092 (11), 1100 (11); Marroquim, P.M.G. 40 (12); Matos, G.M.A. 65 (12), 139 (16); Mattos-Silva, L.A. 1863 (2); Melo, D.S. 15 (1), 107 (10); Melquíades, A. 207 (7); Menezes, R.N. 227 (10); Moura, D.C. 638 (10), 663 (16); Nascimento, L.M. 678 (4); Nascimento - Junior, J.E. 56 (15), 223 (13), 721 (10), 86 (10), s.n. ASE 11286 (13), s.n. ASE 11287 (13); Oliveira, D.G. 147 (9), 379 (10), 383 (10), 406 (12), 414 (10); Oliveira, E.V.S. 41 (10); Pirani, J.R. 2640 (15), 2650 (7); Prata, A.P. 2616 (15), 2760 (10), 2839 (5), 3019 (10), 3024 (13), 3151 (1), 3628 (10); Santana, M.C. 219 (8); Sant'Ana, S.C. 372 (6), 393 (8), 400 (8); Santos, M.L. 11 (8); Santos, S.C. 351 (8); Santos, T.S. 1191 (15); Sarmiento, A.C. 747 (3); Silva, R.A. 1551 (12); Siqueira-Filho, J.A. 2353 (10); Souza, C.A.S. 68 (4); Viana, G. 22 (16), 222 (8), 272 (10), 476 (14), 892 (1), 1102 (10), 1196 (6), 1197 (8), 1723 (4), 1752 (16), 2061 (1); Vicente, A. 110 (13).

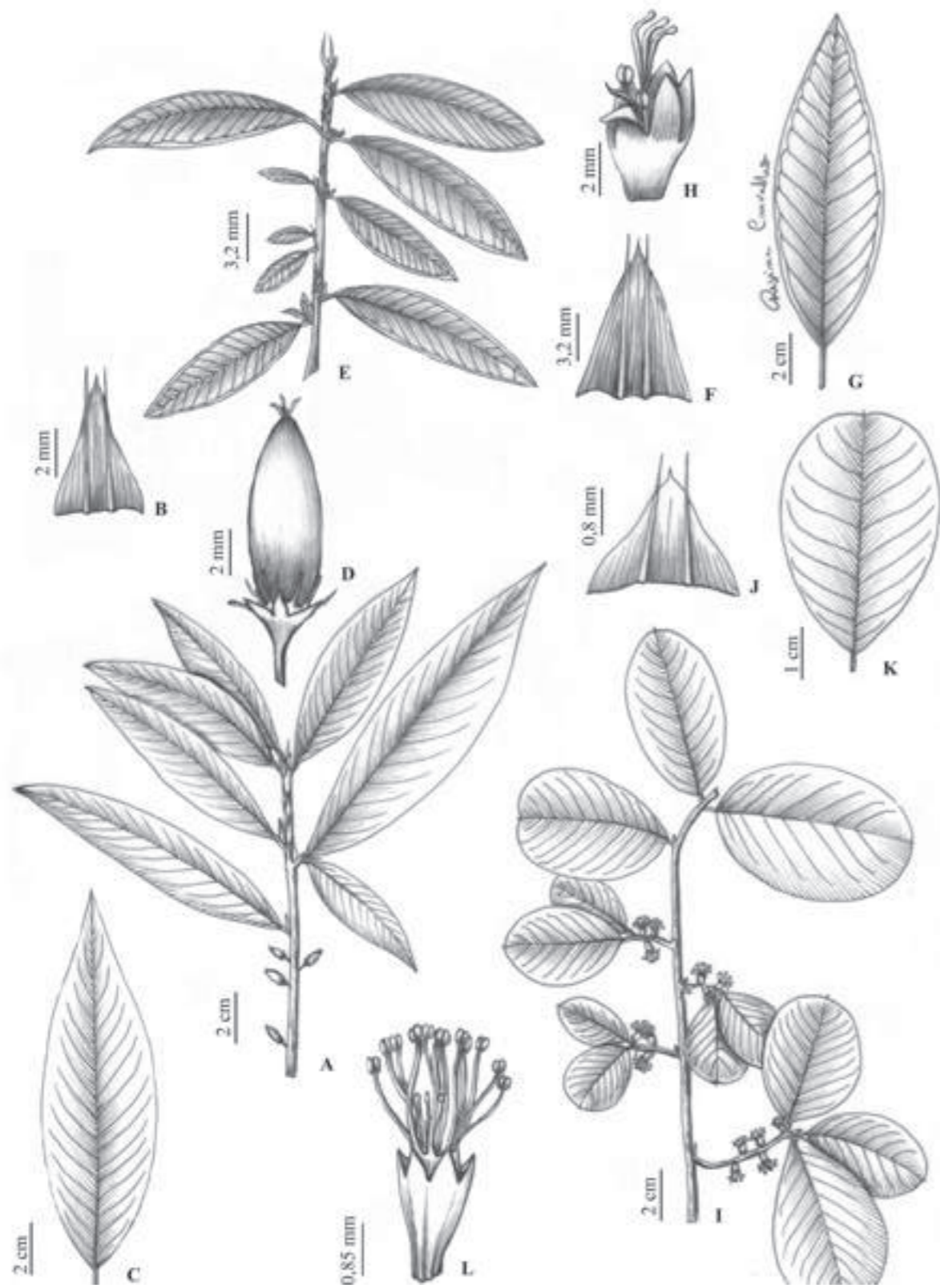


Figura 1. A-D. *Erythroxylum citrifolium* A.St.-Hil. A. Hábito. B. Estípula. C. Folha. D. Drupa (G. Viana 1723, ASE). E-H. *Erythroxylum nobile* O.E.Schulz. E. Hábito. F. Estípula. G. Folha. H. Flor longistila (J.L. Costa-Lima et al. 642, UFP). I-L. *Erythroxylum revolutum* Mart. I. Hábito. J. Estípula. K. Folha. L. Flor brevistila (P.M.G. Marroquim et al. 40, ASE).

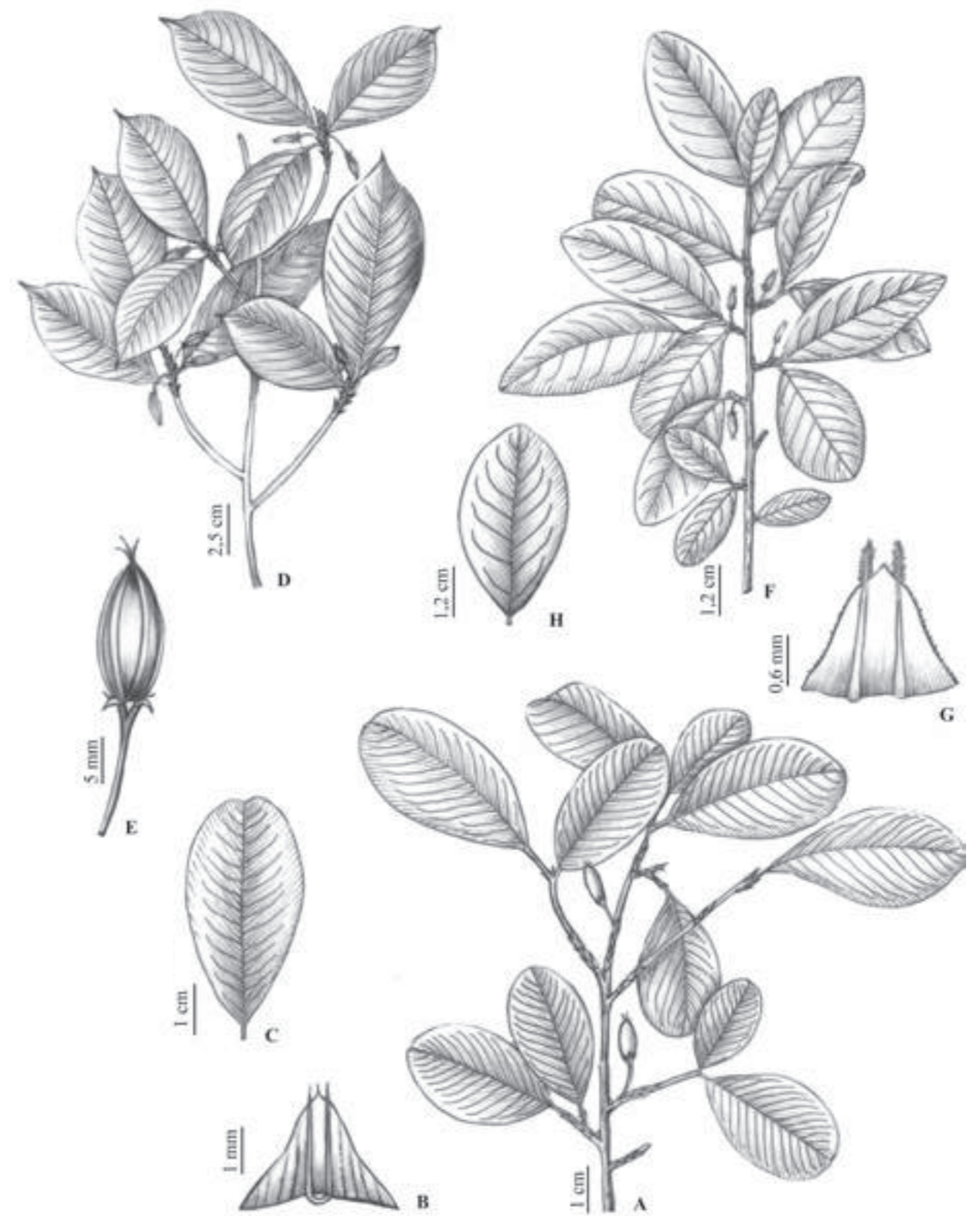


Figura 2. A-C. *Erythroxylum rimosum* O.E.Schulz. A. Hábito. B. Estípula. C. Folha (M.F.A. Lucena et al. 1771, UFP). D-E. *Erythroxylum squamatum* Sw. D. Hábito. E. Drupa (A.P. Prata et al. 2616, ASE). F-H. *Erythroxylum subrotundum* A.St.-Hil. F. Hábito. G. Estípula. H. Folha (J.L. Costa-Lima et al. 647, UFP).

1. Crotoneae Dumort.Rainan Matos Déda¹Maria de Fátima Araújo Lucena²Daniela Santos Carneiro Torres³Ana Paula do Nascimento Prata¹

Ervas, subarbustos, arbustos a árvores, monóicos ou dióicos, geralmente latescentes, látex translúcido a avermelhado, laticíferos articulados ou não, indumento de tricomas estrelados a lepidotos, raro plantas glabras. Folhas alternas, simples a palmado-lobadas ou, mais raramente, compostas; pecíolo com ou sem glândulas; estípulas presentes ou ausentes. Inflorescência terminal ou axilar, racemosa ou espiciforme, bissexual, raro unissexual, geralmente com flores estaminadas na porção distal e flores pistiladas na porção proximal. Flores estaminadas, em geral, diclamídeas, actinomorfas; 5 sépalas, imbricadas ou valvares, livres; 5 pétalas, às vezes ausentes, imbricadas, livres; disco anular, receptáculo geralmente piloso; estames 3-400, filetes livres, frequentemente inflexos no botão (*Croton*), raro eretos (*Brasiliocroton*); grãos de pólen tricolporados ou, mais frequentemente porados ou inaperturados, exina com padrão crotonóide. Flores pistiladas monoclamídeas, actinomorfas; 4-7(-10) sépalas, livres a unidas na base ou até a metade, às vezes acrescentada, imbricadas a reduplicado-valvares; pétalas, geralmente reduzidas a 5 glândulas ou ausentes; ovário súpero, 3-carpelar, 3-locular; estiletes livres a unidos, inteiros, bifidos a multifidos. Fruto capsular; sementes em geral carunculadas.

De acordo com recentes estudos baseados em dados moleculares a tribo *Crotoneae* inclui os gêneros *Astraea* Klotzsch, *Brasiliocroton* P.E. Berry & Cordeiro, *Croton* L., *Ophellantha* Standl., *Sandwithia* Lanj. e *Sagotia* Baill (Berry *et al.*, 2005). No Brasil, é representada por cinco gêneros e 323 espécies (Cordeiro *et al.*, 2013). Em Sergipe, são encontrados os gêneros *Astraea* e *Croton*, representados por 22 espécies.

Astraea é monofilético e possui ca. de dez espécies com ocorrência restrita à América do Sul, com exceção de *Astraea lobata* (L.) Klotzsch, referida para a região neotropical (Caruzo & Cordeiro, 2007). Em Sergipe esse gênero apresentou a ocorrência de 2 espécies.

¹ Herbário ASE, Laboratório de Sistemática Vegetal Departamento de Biologia, Universidade Federal de Sergipe, Cidade Universitária Professor José Aloísio de Campos, Jardim Rosa Elze, São Cristóvão, Sergipe. CEP: 49100-000. Email: rainandeda@hotmail.com

² Herbário CSTR, Lab. de Botânica, Centro de Saúde e Tecnologia Rural, Universidade Federal de Campina Grande, Patos, PB Cx. Postal 61. Email: fatima@cstr.ufcg.edu.br

³ Programa de Pós-Graduação em Botânica, Departamento de Ciências Biológicas, Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana, BA. E-mail: dscarneiro@hotmail.com

Croton é o segundo maior e mais diverso gênero das Euphorbiaceae abrangendo aproximadamente 1200 espécies. Ocorre em regiões tropicais e subtropicais do mundo (Govaerts *et al.*, 2000), tendo como principais centros de diversidade o Brasil, Antilhas e México (Burger & Huft, 1995). No Brasil podem ser encontradas pouco mais de 300 espécies, em vegetações abertas, florestas secas e, com menor frequência, em matas úmidas (Carneiro-Torres, 2009). Em Sergipe, ocorrem 20 espécies.

Chave para os gêneros da tribo **Crotoneae** de Sergipe

1. Receptáculo das flores estaminadas glabro; estiletes avermelhados; sementes tetragonais **1. *Astraea***
 1'. Receptáculo das flores estaminadas piloso; estiletes alvos a esverdeados; sementes globosas, subglobosas a elipsóides **2. *Croton***

1. *Astraea* Klotzsch

Ervas a arbustos, monóicos, ramos glabrescentes a hirsuto-pubescentes, indumento de tricomas estrelados. Folhas simples, inteiras a lobadas, alternas; pecíolos sem de glândulas no ápice; estípulas presentes. Inflorescências terminais, tirso, címulas proximais geralmente com flores pistiladas, címulas distais com flores estaminadas. Flores estaminadas diclamídeas; sépalas 5; pétalas 5, com tricomas simples, curtos nas margens próximo a base; estames 11-15; receptáculo glabro; disco formado por 5 glândulas opostas às sépalas. Flores pistiladas monoclamídeas; sépalas 5, lanceoladas; disco inteiro; estiletes 3, multifidos, avermelhados; ovário globoso; disco inteiro. Fruto cápsula septicida-loculicida; sementes tetragonais; columela inteira.

Chave para as espécies de ***Astraea*** do Estado de Sergipe

1. Folhas inteiras; sépalas das flores pistiladas sem glândulas estipitadas na margem; estames 15 **1.1. *A. klotzschii***
 1'. Folhas 3-lobadas; sépalas das flores pistiladas com glândulas estipitadas na margem; estames 11 **1.2. *A. lobata***

1.1. *Astraea klotzschii* Didr., Vidensk. Meddel. Dansk Naturhist. Foren. Kjøbenhavn 1857: 137. 1857.

Fig1A-C

Arbustos, 0,8-2,5 m alt.; ramos glabrescentes. Folhas alternas, inteiras; limbo oval a elíptico, 3,5-11 x 0,6-4 cm; ápice atenuado a acuminado; base arredondada a cuneada; margem serrilhada; face adaxial a abaxial glabrescentes, tricomas estrelados; pecíolo 0,4-2,9(-5,1) cm compr.; estípula lanceolada, 1,1-3,6 mm compr. Inflorescência 5,5-22 mm compr.; brácteas elípticas, 1-1,3 mm compr. Flores estaminadas 4,2-5,5 mm compr., esparsas; sépalas elípticas, 1,6-1,8 x 0,7-0,9 mm; pétalas lanceoladas, ca. 2 x 0,7 mm; estames-15; pedicelo 2,4-3 mm compr. Flores pistiladas 5,5-6 x 3-3,5 mm, esparsas, sépalas iguais,

lineares, 1,7-3,6 mm, sem glândulas estipitadas na margem; ovário 2-2,5 mm compr.; pedicelo 1,1-1,8 mm compr. Fruto 4,8-7,5x 3,2-5,4 mm, pubescente; sementes tetragonal, oblongas, 4,8-5,2 x 2,8-3 mm.

Comentários: Em Sergipe, essa espécie ocorre em bordas de mata de restinga, sobre solos arenosos. Espécie facilmente distinguida de *Astraea lobata* (L.) Klotzsch por apresentar folhas inteiras. Segundo Cordeiro *et al.* (2013), na Lista de espécies da Flora do Brasil, essa espécie é endêmica do Brasil, porém não é citada para o Estado de Sergipe, sendo esta a primeira citação desse táxon para o referido estado. Floresce e frutifica nos meses de setembro, outubro, janeiro e março.

Material selecionado: **BRASIL. Sergipe:** Areia Branca, I/2009, fl., *Mendes, K. et al.* 346 (ASE, UFP); Estância, VII/2011, fl. fr., *Prata, A.P. et al.* 2647 (ASE); Itaporanga d'Ajuda, I/2008, fl. fr., *Costa, S.M. et al.* 272 (ASE); Santa Luzia do Itanhy, VIII/2012, fl. fr., *Gomes, L.A. et al.* 612 (ASE); São Cristovão, III/1982, fl. fr., *Carneiro, E.* 339 (ASE).

1.2. *Astraea lobata* (L.) Klotzsch, Arch. Naturgesch.7: 194. 1841.

Fig.1D-F

Ervas, 0,25-0,50 m alt.; ramos hirsuto-pubescentes. Folhas alternas, opostas no ápice dos ramos, 3-lobadas, lobos obovatis a oblanceolados, 4-6,2 x 0,9-3,4 cm; ápice acuminado; base hastada; margem crenado-serrilhada; face adaxial glabrescente, tricoma estrelado, face abaxial glabra; pecíolo 1,8-4,8 cm compr., estípula subulada, 1,3-3,2 mm compr. Inflorescência 3,5-19 cm compr.; brácteas lanceoladas, 1-1,5 mm compr. Flores estaminadas 2,6-3,4 mm compr., congestas; sépalas elípticas, ca. 1 x 0,5 mm; pétalas ovais, ca. 1,2 x 0,5 mm; estames 11; pedicelo ca. 1,5 mm compr. Flores pistiladas 2,5-3,8 mm compr.; esparsas, sépalas iguais, lineares a oblanceolada, 1,8-2,5 mm compr., glândulas estipitadas presentes na metade inferior da margem, face externa hirsuto-pubescente; ovário 0,8-1 mm compr.; pedicelo 0,8-1 mm compr. Fruto 4,5-8 x 4-5 mm, esparso-pubescente; sementes elípticas, 3,5-4 x 2,2-2,5 mm.

Comentários: Apresenta ampla distribuição no Brasil ocorrendo em todos os estados do território nacional (Cordeiro *et al.*, 2013), em vegetação de cerrado, borda de florestas ombrófilas e estacionais, em vegetação perturbadas e em terrenos cultivados (Caruzo & Cordeiro, 2007). Em Sergipe foi frequentemente encontrada em áreas antropizadas e bordas de matas perturbadas. É facilmente reconhecida em campo por apresentar folha com três lobos. Floresce e/ou frutifica nos meses de maio e junho.

Material selecionado: **BRASIL. Sergipe:** Porto da Folha, VI/2011, fr., *Oliveira, D.G. et al.* 184 (ASE); Riachão do Dantas, VI/1982, fl., *Gomes, E.* 74 (ASE).

2. *Croton* L.

Ervas, subarbustos, arbustos ou árvores, monóicos; ramos pilosos, indumento de tricomas estrelados ou lepidotos e variações destes. Folhas simples, inteiras, alternas, em algumas espécies passando a verticiladas ou opostas no ápice dos ramos; ápice do pecíolo ou base do limbo frequentemente com glândulas, estipitadas ou sésseis; estípulas presentes. Inflorescências terminais, tirso, címulas proximais geralmente com flores pistiladas, címulas distais com flores estaminadas. Flores estaminadas diclamídeas; sépalas 5; pétalas 5, geralmente vilosas nas margens, principalmente junto à base, tricomas tectores; estames 8-20; receptáculo piloso; disco de 5 glândulas opostas às sépalas. Flores pistiladas monoclamídeas; sépalas 5-6; pétalas reduzidas ou ausentes; estiletos 3, bífidos a multífidos, frequentemente livres a unidos na base, alvos a esverdeados; ovário 3-carpelar, 3-locular; disco inteiro. Fruto cápsula septicida-loculicida; sementes globosas, subglobosas a elipsóides; columela inteira a tripartida no ápice.

Chave para as espécies de ***Croton*** de Sergipe

1. Face abaxial do limbo foliar lepidota a glabrescente.....2
2. Flores estaminadas com até 12 estames.....3
3. Ápice do limbo tripartido e margem esparso-serrilhada**2.18. *C. tridentatus***
- 3'. Ápice do limbo inteiro e margem inteira, repanda a serreada.....4
4. Face adaxial do limbo foliar lepidota; estiletos 3-fidos **2.15. *C. sellowii***
- 4'. Face adaxial do limbo foliar glabra ou pubescente; estiletos 2 ou 8-fidos.....5
5. Face adaxial do limbo pubescente; brácteas elípticas; estiletos 2-fidos
..... **2.14. *C. polyandrus***
- 5'. Face adaxial do limbo glabra; brácteas lineares; estiletos 8-fidos **2.17. *C. tricolor***
- 2'. Flores estaminadas com 15-16 estames.....6
6. Brácteas ovais a triangulares; sépalas das flores pistiladas triangulares, não reduplicadas; estiletos 4-fidos **2.11. *C. limae***
- 6'. Brácteas lineares; sépalas das flores pistiladas ovais, reduplicadas; estiletos 6-fidos ...
..... **2.3. *C. argyrophyllus***
- 1'. Face abaxial do limbo foliar não lepidota.....7
7. Sépalas das flores pistiladas fortemente desiguais, 2 menores e 3 maiores.....8
8. Margem do limbo inteira a diminuto serrilhada; nervação penínervia; brácteas espatuladas; estiletos 2-fidos **2.6. *C. fuscescens***
- 8'. Margem do limbo esparso-serrilhada; nervação palmatinérvia; brácteas lineares; estiletos 4-fidos **2.19. *C. triqueter***
- 7'. Sépalas das flores pistiladas iguais a levemente desiguais.....9
9. Presença de glândulas na margem do limbo.....10
10. Glândulas do pecíolo estipitadas e arredondadas; sépalas das flores pistiladas levemente desiguais, ovais **2.1. *C. adamantinus***
- 10'. Glândulas do pecíolo sésseis e clavadas; sépalas das flores pistiladas iguais, lineares a estreito-triangulares **2.8. *C. grewioides***

9'. Ausência de glândulas na margem do limbo.....	11
11. Fruto com ápice da columela tripartido	2.9. C. heliotropiifolius
11'. Fruto com ápice da columela inteiro.....	12
12. Ausência de glândulas na base do limbo ou ápice do pecíolo.....	13
13. Estiletes 16-fidos, unidos, formando coluna	2.4. C. blanchetianus
13'. Estiletes 2-6-fidos, unidos na base, nunca formando coluna.....	14
14. Limbo linear a estreito-oblongo; ápice mucronado; margem do limbo e das estípulas inteiras	2.13. C. pedicellatus
14'. Limbo oval a cordiforme; ápice acuminado; margem do limbo irregularmente ou duplo-serrilhada; margem da estípula fimbriado-glandular.....	15
15. Face externa das sépalas das flores pistiladas glabra; estiletes 4-fidos.....	2.2. C. adenocalyx
15'. Face externa das flores pistiladas hirsuto-pubescente; estiletes 6-fidos	
.....	2.20. C. urticifolius
12'. Presença de glândulas na base do limbo ou ápice do pecíolo.....	16
16. Glândulas no ápice do pecíolo 4-6; face externa das sépalas das flores estaminadas tomentosas	2.16. C. tetradenius
16'. Glândulas no ápice do pecíolo 2; face externa das sépalas das flores estaminadas pubescentes.....	17
17. Folhas alternas ao longo de todo o ramo; inflorescências com flores pistiladas esparsas; flores estaminadas com 15-20 estames; flores pistiladas sésseis	
.....	2.5. C. echioides
17'. Folhas opostas a verticiladas no ápice dos ramos; inflorescências com flores pistiladas congestionadas; flores estaminadas com 8-11 estames; flores pistiladas pediceladas.....	18
18. Flores pistiladas com 6 sépalas e pétalas presentes, lineares	2.12. C. lundianus
18'. Flores pistiladas com 5 sépalas e pétalas ausentes.....	19
19. Glândulas do ápice do pecíolo sésseis a subsésseis; inflorescências descontínuas; brácteas com glândulas sésseis.....	2.7. C. glandulosus
19'. Glândulas do ápice do pecíolo longo-estipitadas; inflorescências contínuas; brácteas com glândulas longo-estipitadas	2.10. C. hirtus

2.1. Croton adamantinus Müll.Arg., Fl. Bras. 11(2):115.1873.

Arbustos a subarbustos, 1,5-4 m alt., indumento de tricomas estrelados. Folhas alternas; limbo oval-lanceolado, 4,8-9,5 x 2,9-4,5 cm; ápice agudo; base cordada; margem duplo-serrilhada, com glândulas estipitadas; face adaxial esparso-pubescente a glabrescente, face abaxial canescente; glândulas 2, estipitadas, na base do pecíolo; pecíolo 1-4 cm compr.; estípula linear, 5-6 mm compr. Inflorescência 10-35 mm compr.; brácteas lineares, 1-2 mm compr. Flores estaminadas 5-6 mm compr., congestionadas; sépalas ovais, 2,5-3,5 x 1,5-2 mm; face externa pubescente; pétalas oblongas, 2,5-3 x 2-2,5 mm; estames 10; pedicelo 2-3 mm compr. Flores pistiladas 5-7 mm compr., congestionadas; pedicelo 2-4 mm compr., sépalas 5, desiguais, ovais, 3-4,6 x 2-3 mm, não reduplicadas, livres, face

externa pubescente; pétalas ausentes; ovário globoso, 2-2,5 x 2-2,5 mm, tomentoso; estiletes bífid, unidos na base; pedicelo 2-4 mm compr. Fruto 5-6 x 4-5 mm, tomentoso; sementes globosas, 3-4,6 x 2,5-3 mm; columela inteira.

Comentários: Essa espécie pode ser encontrada na Bahia, Ceará, Minas Gerais, Pernambuco, Piauí, Rio Grande do Norte e Sergipe (Silva, 2009), sendo restrita ao bioma Caatinga. Na área de estudo foi coletada no extremo noroeste do estado. Pode ser facilmente reconhecida pela presença de duas glândulas estipitadas no ápice do pecíolo, pelas inflorescências relativamente curtas, atingindo no máximo 35 mm de comprimento, pelos estiletes bífid e pelo androceu constituído por dez estames. Até o presente foram encontrados apenas dois registros da espécie para o Estado de Sergipe, sendo coletada pela última vez em 2002. Encontrada florida e frutificada de novembro a janeiro. Ilustração em Silva *et al.* (2009).

Material selecionado: **BRASIL. Sergipe:** Canindé do São Francisco, XI/1999, fl. fr., Moura, D & Silva, R.A. 881 (UFP).

2.2. Croton adenocalyx Baill., Adansonia 4: 344. 1864.

Nome popular: marmeleiro-branco

Fig. 2A-F

Arbusto, 4 m alt., indumento de tricomas estrelados. Folhas alternas, limbo oval, 2,5-11 x 1-5,5 cm, ápice inteiro, acuminado, base arredondada a cordada, margem irregularmente serrilhada, ausência de glândulas entre as serras; face adaxial pubescente, abaxial esparso-pubescente; ausência de glândulas na base do limbo e no ápice do pecíolo; pecíolo 1-3,5 cm compr.; estípula fimbriado-glandular, linear-lanceolada, 2,3-6,2 mm compr. Inflorescência contínua, 35-157 mm compr., pubescente; brácteas lanceoladas, margem glandulosa, 1,1-2 mm compr. Flores estaminadas 4,2-6 mm compr., esparsas; pedicelo 1,4-5 mm compr.; sépalas oval-lanceolada, 2-2,5 x 1-1,5 mm; face externa glabra; pétalas espatuladas a lanceoladas, 1,5-2,5 x 1-1,5 mm; estames 11. Flores pistiladas 5-6,5 mm compr., congestionadas, pedicelo 1-2 mm compr.; sépalas 5, iguais, oblongas, 4,5-5 x 2,5-3 mm, margem glanduloso-estipitadas, não reduplicadas, livres, face externa glabra; pétalas ausentes; ovário globoso, 4-4,5 x 3-3,5 mm, pubescente; estiletes unidos na base, 4-fido. Fruto 5,5-8 x 5,5-6 mm, esparso-pubescente; sementes elipsoides, 3-4 x 2-2,5 mm; columela inteira.

Comentários: Pode ser encontrada nos estados do Ceará, Paraíba, Pernambuco, Rio Grande do Norte e Sergipe, com distribuição restrita ao bioma Caatinga (Cordeiro *et al.*, 2013). Em Sergipe, ocorre em áreas de caatinga arbustiva a arbórea do alto sertão. Facilmente reconhecida por apresentar as estípulas fimbriado-glandulares e pelas sépalas das flores pistiladas com margem glanduloso-estipitada. Encontrada florida e frutificada de março a maio.

Material selecionado: **BRASIL. Sergipe:** Nossa Senhora da Glória, VI/1982, fl., *Viana, G.* 464 (ASE); Porto da Folha, III/2011, fl. fr., *Oliveira, D.G. et al.* 120 (ASE).

2.3. *Croton argyrophyllus* Kunth, Nov. Gen. Sp. 2:68.1817.

Nome popular: sacatinga-branca.

Arbusto, 1-3m alt., indumento de tricomas estrelado-porrectos a dentado-lepidotos. Folhas alternas, limbo lanceolado a elíptico, 2,7-7 x 0,5-1,5 cm, ápice inteiro, acuminado a mucronado, base cordada a arredondada, margem inteira; face adaxial pubescente, abaxial lepidota; ausência de glândulas na base do limbo e no ápice do pecíolo; pecíolo 0,5-1,5 cm compr.; estípula inteira, oblonga-lanceolada, 1,5-2 mm compr. Inflorescência contínua, 12-60 mm compr., lepidota; brácteas lineares, inteiras, 2-3 mm compr. Flores estaminadas 4-5mm compr., esparsas; pedicelo 1,5-3,5 mm compr.; sépalas ovais a ovais-triangular; 2-2,8 x 1,7-2,2 mm; face externa lepidota; pétalas elípticas a oblanceoladas, 2,6-3,1 x 0,8-1,1 mm; estames 15-16. Flores pistiladas 5-7,5 mm compr., esparsas, pedicelo 1-2 mm compr.; sépalas 5, iguais, ovais, 3,5-7 x 2,5-4 mm, inteiras, reduplicadas, unidas na base, face externa lepidota; pétalas ausentes; ovário largo-ovoide, 2-2,5 x 1,9-2 mm, lepidoto; estiletes unidos na base, 6-fido. Fruto 2,5-5,5 x 2,8-3,5 mm, lepidoto; sementes subglobosas, 3,5-4 x 2-2,5 mm; columela inteira.

Comentários: Ocorre na porção norte da América do Sul (Bolívia, Colômbia, Paraguai e Venezuela) e no Brasil (Alagoas, Bahia, Ceará, Paraíba, Pernambuco, Piauí, Rondônia, Roraima, e Sergipe) (Silva, 2009). Em Sergipe, ocorre em vegetação de caatinga, sobre solos arenosos ou pedregosos. Facilmente reconhecida por apresentar limbo com face abaxial prateada coberto por tricomas lepidotos e sépalas das flores pistiladas reduplicadas. Assemelha-se a *C. tricolor* Klotzsch ex Baill., porém difere desta por apresentar sépalas das flores pistiladas ovais, além dos caracteres acima citados, enquanto naquela as sépalas das flores pistiladas variam de deltóides a elípticas e o limbo é prateado com pontuações ferrugíneas. Encontrada florida em março. Ilustração em Silva *et al.* (2009).

Material examinado: **BRASIL. Sergipe:** Canindé do São Francisco, VII/2011, fl., *Franco, C.R.P. s.n.* 20584 (ASE); Poço Redondo, III/2010, fl., *Machado, W.J. et al.* 232 (ASE).

Material adicional examinado: **BRASIL. Alagoas:** Olho d'Água do Casado, III/2012, fl. fr., *Araújo, S.S. s.n.* (ASE22792).

2.4. *Croton blanchetianus* Baill., Adansonia 4:301.1864.

Nome popular: marmeleiro.

Fig. 2G-K

Árvore a arbusto, 1-6 m alt., indumento de tricomas estrelados a estrelados-porrectos. Folhas alternas, limbo oval-lanceolado, 3-11 x 1,5-5,5 cm, ápice inteiro, acuminado a agudo, base cordada, margem inteira; face adaxial pubescente a glabrescente, abaxial escabra;

ausência de glândulas na base do limbo e no ápice do pecíolo; pecíolo 0,8-2,5 cm compr.; estípula inteira, linear a auriculada-reniforme, 4,5-13 mm compr. Inflorescência contínua, 32-153 mm compr., hirsuto-pubescente; brácteas lineares, inteiras, 1,5-2,5 mm compr. Flores estaminadas 5-8 mm compr., congestas; pedicelo 1,7-4 mm compr.; sépalas oval-triangular, 3-4 x 2-2,3 mm; face externa lepidota a estrelado-lepidota; pétalas oblongas, 2-4 x 1-2 mm; estames 15-16. Flores pistiladas 8-11 mm compr., congestas, pedicelo 2-5 mm compr.; sépalas 5, iguais, ovais, 4-6 x 2-3,5 mm, inteiras, reduplicadas, unidas na base, face externa lepidota; pétalas ausentes; ovário globoso, 2,5-2,8 x 2-2,5 mm, lepidoto; estiletes unidos em coluna, 16-fido. Fruto 4-6 x 4-4,5 mm, lepidoto; sementes elipsoides, 4-5 x 2,8 -3 mm; columela inteira.

Comentários: No Brasil, ocorre nos estados de Alagoas, Bahia, Ceará, Minas Gerais, Paraíba, Pernambuco, Piauí, Rio Grande do Norte e Sergipe, restrita ao bioma Caatinga (Cordeiro *et al.*, 2013). Em Sergipe, ocorre em vegetação de caatinga. Facilmente reconhecida por apresentar folhas com limbo oval-lanceolado, estípulas lineares a auriculado-reniformes e estiletes unidos, formando uma coluna. Muitos dos materiais examinados estavam identificados como *C. sonderianus* Müll.Arg. devido à semelhança na forma das folhas, ao tipo de nervação, à forma das estípulas e aos estiletes multífidos, que nessa não estão unidos formando uma coluna. Porém, *C. sonderianus* não foi registrada para Sergipe. Encontrada florida de fevereiro a maio e em outubro e frutificada de fevereiro a maio.

Material selecionado: **BRASIL. Sergipe:** Carmópolis, XI/1974, fl., *Fonseca, M.* 132 (ASE); Canindé do São Francisco, VI/2011, fr., *Silva, A.C.C.* 317 (ASE); Itabi, III/2010, fl., *Conceição, G.G. et al.* 7 (ASE); Japoatã, IV/1982, fl., *Almeida, M.N.* 41 (ASE); Lagarto, VI/1982, fl., *Carneiro, E.* 369 (ASE); Nossa Senhora da Glória, IV/2011, fl., *Santos, V.* 2 (ASE); Poço Redondo, IV/2008, fl., *Nascimento-Júnior, J.E. & Melo, D.S.* 281 (ASE); Porto da Folha, IV/2011, fl., *Oliveira, D.G. et al.* 197 (ASE); Santana do São Francisco, II/2010, fl., *Prata, A.P. et al.* 2214 (ASE); Tobias Barreto, VI/1982, fl., *Viana, G.* 448 (ASE).

2.5. *Croton echioides* Baill., Adansonia 4:334.1864.

Nome popular: quebra-faca.

Arbusto a subarbusto, 1,2-4 m alt., indumento de tricomas estrelados e estrelado-estipitados. Folhas alternas, limbo oval a oblongo, 4,2-9,5 x 1, 6-3,3 cm, ápice inteiro, agudo a mucronado, base cordada a arredondada, margem inteira; face adaxial pubescente passando a glabrescente, abaxial tomentosa a velutina; pecíolo 1,2-2,5 cm compr.; glândulas 2, arredondadas e curto-estipitadas; estípula inteira, linear, 1-2 mm compr. Inflorescência contínua, 59-160 mm compr., tomentosa; brácteas ovais, inteiras, 1,5-2 mm compr. Flores estaminadas 4,3-8,6 mm compr., congestas; pedicelo 2-4,6 mm compr.; sépalas oblongas, 2-3 x 1-2 mm; face externa pubescente; pétalas espatuladas, 2 x 1,5 mm; estames 15-20. Flores pistiladas 3,5-4 mm compr., esparsas, sésseis; sépalas 5, iguais, oval-lanceoladas a lanceoladas, 1,5-2 x 1-1,5 mm, inteiras, não reduplicadas, unidas na base, face externa pubescente; pétalas ausentes; ovário globoso, 1,2-2 x 1,5-2

mm, pubescente; estiletes unidos na base, 2-fido. Fruto 5,5-6,5 x 5,7-6,4 mm, pubescente; sementes elipsóides, 5-5,5 x 2,6-3 mm; columela inteira.

Comentários: Esse táxon pode ser encontrado em Alagoas, Bahia, Ceará, Minas Gerais, Paraíba, Pernambuco, Piauí, Rio Grande do Norte e Sergipe, estando restrito ao bioma Caatinga (Silva *et al.*, 2009). No Estado de Sergipe, ocorre em áreas com vegetação de caatinga arbustiva a arbórea. É facilmente reconhecida por apresentar glândulas arredondadas e curto-estipitadas no pecíolo, bem como flores pistiladas sésseis. Não foi encontrado material florido e frutificado na área de estudo. Ilustração em Silva *et al.* (2009).

Material examinado: **BRASIL. Sergipe:** Poço Verde, XI/2010, est., Ferreira, E.V.R. *et al.* 213 (ASE).

Material adicional: **BRASIL. Paraíba:** São José dos Cordeiros, II/2005, fl. fr., Lacerda, A.V. & Barbosa, F.M. 354 (JPB).

2.6. *Croton fuscescens* Spreng., Syst. Veg. 2:874. 1825.

Subarbusto, 0,3-2 m alt., indumento de tricomas estrelados e fasciculados estipitados. Folhas alternas, passando a opostas no ápice dos ramos, limbo oval a oval-lanceolado, 8,5-11,1 x 2,9-3,5 cm, ápice inteiro, acuminado, base arredondada, margem inteira a diminuto serrilhada, ausência de glândulas entre as serras; face adaxial velutina a pubescente, abaxial velutina a pubescente, ausência de glândulas na base do limbo e no ápice do pecíolo; pecíolo 1-4 cm compr.; estípula inteira, linear a subulada, 8-15 mm compr. Inflorescência contínua, 26-65 mm compr., tomentosa; brácteas espatuladas, inteiras, 3-5 mm compr. Flores estaminadas 4-5 mm compr., congestas; pedicelo 2-3 mm compr.; sépalas ovais a oval-lanceoladas, 3-4 x 2,5-3 mm; face externa tomentosa; pétalas oblongas a estreito-oblongas, 3-4 x 2,7-3,6 mm; estames 11. Flores pistiladas 6-7 mm compr., congestas, sésseis; sépalas 5(3 maiores + 2 menores) fortemente desiguais, 2 menores inconspícuas a lineares e 3 maiores lanceoladas a obovais, 6-8 x 4-5 mm, margem profundamente laciniada a fimbriada, não reduplicadas, livres, face externa tomentosa, pétalas ausentes; ovário globoso, 3,5-4,5 x 3,5-4,5 mm, pubescente; estiletes unidos na base, 2-fidos. Fruto 7-8 x 6,5-7,5 mm, pubescente; sementes globosas, 5-6 x 4,5-5,5 mm; columela inteira.

Comentários: Encontrada na Argentina e no Brasil (Alagoas, Bahia, Pernambuco, Sergipe, Goiás, Minas Gerais, Rio de Janeiro e São Paulo) (Silva *et al.*, 2009), em florestas estacionais e ombrófilas. Em Sergipe foi encontrada em áreas de floresta ombrófila densa atlântica, em borda de mata. Espécie muito semelhante, morfológicamente, a *C. triquetra* Lam., no entanto difere desta por apresentar brácteas espatuladas e flores pistiladas com estiletes bífidos, enquanto naquela as brácteas são lineares e as flores pistiladas possuem estiletes tetráfidos. Encontrada florida e frutificada em setembro. Ilustração em Silva *et al.* (2009).

Material examinado: **BRASIL. Sergipe:** São Cristovão, IX/1981, fl. fr., Viana, G. s.n. 1181 (ASE).

2.7. *Croton glandulosus* L., Syst. Nat.2:1275. 1759.

Fig. 2L-O

Subarbusto a erva, 0,4 m alt., indumento de tricomas estrelados. Folhas alternas passando a verticiladas no ápice dos ramos, limbo oval a elíptico, 2-4 x 0,8-2 cm, ápice inteiro, acuminado, base cuneada a arredondada, margem serrilhada, ausência de glândulas entre as serras; face adaxial pubescente, abaxial pubescente, presença de glândulas no ápice do pecíolo, 2, sésseis a subsésseis, largo-elípticas a transversalmente elípticas; pecíolo 0,5-1,3 cm compr.; estípula inteira, linear-lanceolada, 2-3 mm compr. Inflorescência descontínua, 8-15 mm compr., hirsuto-pubescente; brácteas lanceoladas, margem glandulosa, 0,7-1 mm compr. Flores estaminadas 1,5-2 mm compr., congestas; pedicelo 0,7-1,5 mm compr.; sépalas oval-lanceoladas, 1-1,5 x 0,5-1 mm; face externa pubescente; pétalas elípticas, 1,5-1,7 x 0,5-0,7 mm; estames 8-10. Flores pistiladas 2-3 mm compr., congestas; pedicelo 0,8-1 mm compr.; sépalas 5, iguais, espatuladas, 2-2,5 x 1-1,5 mm, inteiras, não reduplicadas, livres, face externa hirsuto-pubescente; pétalas ausentes; ovário globoso, 1,5-2 x 1-2 mm, pubescente; estiletes unidos na base, 2-fidos. Fruto 4-5 x 3-4 mm, hirsuto-pubescente; sementes elipsóides, 2,5-3,5 x 2-2,5 mm; columela inteira.

Comentários: Amplamente distribuída no Brasil, ocorrendo em todas as regiões, sobre solo arenoso e argiloso ou sobre afloramentos rochosos (Cordeiro *et al.*, 2013). Em Sergipe, ocorre em campos abertos com vegetação de caatinga e em áreas antropizadas. Facilmente reconhecida por apresentar glândulas sésseis a subsésseis no ápice do pecíolo e androceu composto por oito a dez estames. É frequentemente confundida com *C. hirtus* L'Her, pois ambas apresentam hábito herbáceo, margem do limbo serrilhada e glândulas no ápice do pecíolo, no entanto, *C. glandulosus* não possui o ápice da bráctea com glândulas com formato de ampulheta, característica evidente em *C. hirtus*. Encontrada florida e/ou frutificada de abril a agosto.

Material examinado: **BRASIL. Sergipe:** Areia Branca, VI/2007, fl., Amorim, B.S. 118 (UFP); Barra dos Coqueiros, VIII/2011, fl. fr., Prata, A.P. *et al.* 2753 (ASE); Nossa Senhora da Glória, VI/1984, fl. fr., Viana, G. 986 (ASE); Pirambu, VI/2012, fl., Prata, A.P. *et al.* 3086 (ASE); Poço Redondo, IV/2012, fl. fr., Machado, W.J. *et al.* 315 (ASE).

2.8. *Croton grewioides* Baill., Adansonia 4:365. 1864.

Nome popular: alecrim-de-vaqueiro.

Arbusto a subarbusto, 1-2 m alt., indumento de tricomas estrelados e fasciculados. Folhas alternas, limbo oval a lanceolado, 2-6,5 x 1-3,5 cm, ápice inteiro, agudo, base cuneada a arredondada, margem serrilhada, presença de glândulas estipitado-pateliformes entre as serras; face adaxial esparso-pubescente abaxial tomentosa, presença de glândulas no ápice do pecíolo, 2, sésseis, clavadas; pecíolo 0,6-2 cm compr.; estípula inteira, linear, 1-1,5

mm compr. Inflorescência contínua, 26-57 mm compr., puberulenta; brácteas lineares, inteiras, 1-1,5 mm compr. Flores estaminadas 2,5-5 mm compr., congestas; pedicelo 1,3-2,8 mm compr.; sépalas oval-lanceoladas, 1,5-2 x 1-1,5 mm; face externa hirsuto-pubescente; pétalas elípticas a oblongas, 2-2,5 x 1-1,5 mm; estames 11. Flores pistiladas 4-5,5 mm compr., congestas, pedicelo 2-2,5 mm compr.; sépalas 5, iguais, estreito-triangulares a lineares, 1,5-2 x 0,9-1,5 mm, inteiras, não reduplicadas, livres, face externa pubescente; pétalas ausentes; ovário globoso, 1,8-2,3 x 1,3-2 mm, puberulento; estiletes unidos na base, 2-fido. Fruto 4,5-5,5 x 4,5-5 mm, puberulento; sementes globosas, 3-3,5 x 2-2,5 mm; columela inteira.

Comentários: Pode ser encontrada em Alagoas, Bahia, Ceará, Minas Gerais, Paraíba, Pernambuco, Piauí, Rio Grande do Norte e Sergipe, restrita ao bioma Caatinga (Cordeiro *et al.*, 2013). Em Sergipe, ocorre em áreas de caatinga subarbustiva e arbórea, sobre solo arenoso e argiloso. Pode ser facilmente reconhecida por apresentar glândulas curto-estipitadas no pecíolo, inflorescências alongadas, flores pistiladas pediceladas com sépalas variando de estreito-triangulares a lineares. Além disso, quando maceradas, suas folhas possuem um forte odor de canela ou alecrim, bastante característico dessa espécie, conferindo-lhe inclusive seu nome popular regional. Encontrada florida de outubro a janeiro e em maio e frutificada em maio e julho. Ilustração em Silva *et al.* (2009).

Material selecionado: **BRASIL. Sergipe:** Areia Branca, XI/2010, fl., Santos, L.A.S. *et al.* 477 (ASE); Canindé do São Francisco, II/2005, fl. fr., Moura, D.C. 647 (UFP); Poço Redondo, V/2012, fr., Deda, R.M. *et al.* 179 (ASE); Poço Verde, XI/2010, fl., Ferreira, E.V.R. 223 (ASE).

2.9. *Croton heliotropiifolius* Kunth, Nov. Gen. Sp. 2:83. 1817.

Nome popular: velame, velande.

Arbusto, 1-3 m alt., indumento de tricomas estrelados. Folhas alternas, limbo oval, oval-lanceolado, 1,5-12 x 0,5-6,5 cm, ápice inteiro, agudo a acuminado, base arredondada a cordada, margem inteira a levemente serrilhada, ausência de glândulas entre as serras; face adaxial pubescente, abaxial velutina, presença de glândulas na face adaxial do limbo, 2, sésseis, ovoides; pecíolo 0,5-1,5 cm compr.; estípula inteira, lanceolada a elíptica, 2-2,5 mm compr. Inflorescência contínua, 43-131 mm compr., hirsuto-pubescente; brácteas lanceoladas a triangulares, inteiras, 2-3 mm compr. Flores estaminadas 3,5-7 mm compr., congestas; pedicelo 2,5-5 mm compr.; sépalas ovais a elípticas, 2-3 x 1-2 mm; face externa pubescente; pétalas espatuladas, 2-3 x 1,5-2 mm; estames 15-19. Flores pistiladas 3-4 mm compr., congestas, pedicelo sésil a subsésil; sépalas 5, iguais, linear-lanceoladas, 1-2 x 0,5-1 mm, inteiras, não reduplicadas, livres, face externa pubescente; pétalas ausentes; ovário globoso, 3-4,2 x 1,5-3,5 mm, pubescente; estiletes unidos na base, 2-fido. Fruto 4,5-8 x 3,5-6 mm, pubescente; sementes subglobosas, 3,5-4,5 x 2,5-3 mm; columela tripartida.

Comentários: Amplamente distribuída nos Neotrópicos, incluindo o Brasil (AL, BA, CE, DF, GO, MA, MG, PB, PE, PI, RN, RJ, SE, SP) (Cordeiro *et al.*, 2013). No Estado de Sergipe

apresenta ampla distribuição ocorrendo, frequentemente, em áreas com vegetação de caatinga, borda de mata e áreas antropizadas, em solos arenosos a argilosos. Trata-se de uma espécie que apresenta grande variação morfológica quanto ao formato e tamanho do limbo, mas pode ser reconhecida na área de estudo, pois é a única espécie que apresenta frutos com o ápice da columela tripartido. Alguns espécimes apresentaram glândulas na base do limbo, imersas entre os tricomas. Encontrada florida e frutificada o ano todo. Ilustração em Silva *et al.* (2009).

Material selecionado: **BRASIL. Sergipe:** Aracaju, VIII/2005, fl., Silva, W.J. s.n. 8217 (ASE); Areia Branca, I/2012, fl. fr., Prata, A.P. *et al.* 2905 (ASE); Barra dos Coqueiros, IX/1995, fr., Landim, M. *et al.* 585 (ASE); Canindé do São Francisco, XI/2009, fl. fr., Silva, A.C.C. 137 (ASE); Capela, I/2011, fl. fr., Deda, R.M. *et al.* 65 (ASE); Carmópolis, VI/2004, fl. fr., Carvalho, L. s.n. 8073 (ASE); Cristinápolis, III/1995, fl. fr., Souza, M.F.L. 264 (ASE); Divina Pastora, II/2011, fl. fr., Souza, C.A.S. *et al.* 65 (ASE); Estância, III/2010, fl. fr., Souza, C.A.S. *et al.* 20 (ASE); Itabaiana, VI/2012, fl. fr., Santos, R.M.J. 1 (ASE); Itabi, III/2010, fl. fr., Conceição, G.G. *et al.* 26 (ASE); Itaporanga d' Ajuda, IV/2009, fl. fr., Lima, J.F. 119 (ASE); Japarutuba, III/2006, fl. fr., Rodrigues, L.M.O. & Santos, E. 31 (ASE); Lagarto, IX/2011, fl. fr., Deda, R.M. *et al.* 17 (ASE); Laranjeiras, III/1982, fl., Gomes, E. 4 (ASE); Macambira, III/2011, fl. fr., Deda, R.M. *et al.* 44 (ASE); Nossa Senhora da Glória, VII/2011, fl. fr., Matos, G.M.A. 43 (ASE); Pacatuba, III/2011, fl. fr., Menezes, I.R.N. & Santos, L.A.S. 202 (ASE); Pedra Mole, II/2011, fl. fr., Deda, R.M. *et al.* 8 (ASE); Pirambu, IV/2011, fl. fr., Oliveira, D.M. 62 (ASE); Poço Redondo, IV/2011, fl. fr., Deda, R.M. & Santos, L.A.S. 56 (ASE); Poço Verde, XI/2010, fl. fr., Deda, R.M. *et al.* 1 (ASE); Porto da Folha, IV/2011, fl. fr., Oliveira, D.G. *et al.* 160 (ASE); Riachão do Dantas, III/2012, fl. fr., Campos, D.A. *et al.* 72 (ASE); Riachuelo, V/2011, fl. fr., Santos, L.A.S. 549 (ASE); Salgado, VII/1982, fl. fr., Viana, G. 552 (ASE); Santana do São Francisco, V/2011, fl. fr., Marroquim, P.M.G. *et al.* 49 (ASE); São Cristóvão, III/2010, fl. fr., Melo, D.S. *et al.* 94 (ASE); Simão Dias, II/2011, fl. fr., Deda, R.M. *et al.* 22 (ASE); Siriri, VI/2012, fl. fr., Gomes, L.A. *et al.* 536 (ASE); Tobias Barreto, I/2010, fl. fr., Prata, A.P. *et al.* 2191 (ASE).

2.10. *Croton hirtus* L'Her., Stirp. Nov. 17, pl.9.1785.

Fig. 3A-E

Subarbusto a erva, 0,5 m alt., indumento de tricomas simples e estrelados. Folhas alternas, passando a opostas no ápice dos ramos, limbo oval a orbicular, 2-8,5 x 0,6-4,5 cm, ápice inteiro, agudo a obtuso, base cuneada a truncada, margem serrilhada, ausência de glândulas entre as serras; face adaxial hirsuto-pubescente, abaxial pubescente, presença de glândulas no ápice do pecíolo, 2, longo-estipitadas, arredondadas; pecíolo 0,4-2,5 cm compr.; estípula inteira, lineares, 2-3,4 mm compr. Inflorescência contínua, 16-58 mm compr., hirsuto-pubescente; brácteas lineares, com glândulas longo-estipitadas, inteiras, 1,8-3 mm compr. Flores estaminadas 2,5-3,5 mm compr., congestas; pedicelo 1,5-2 mm compr.; sépalas oval-lanceoladas, 1,5 x 0,8-1,5 mm; face externa pubescente; pétalas lanceoladas, 2-2,5 x 1-1,5 mm; estames 11. Flores pistiladas 3-4 mm compr., congestas, pedicelo 1-2 mm compr.; sépalas 5, levemente desiguais, lanceoladas, 1,5-2,5 x 1-2 mm,

inteiras, não reduplicadas, livres, face externa pubescente; pétalas ausentes; ovário globoso, 2,2-3,1 x 1,6-2,3 mm, hirsuto-pubescente; estiletos unidos na base, 2-fido. Fruto 3-5,3 x 2,5-4 mm, hirsuto-pubescente; sementes subglobosa, 3,3-4 x 2-2,4 mm; columela inteira.

Comentários: Amplamente distribuída nos Neotrópicos. No Brasil encontra-se presente nas regiões Norte (AM, RO, PA), Nordeste (BA, CE, MA, PE, PI, RN), Sul (SC, PR, RS), Sudeste (MG, SP) e Centro-oeste (DF, GO, TO) (Cordeiro *et al.*, 2013). Em Sergipe, ocorre sobre solos arenosos em locais abertos e bordas de mata. Facilmente reconhecida pelo hábito herbáceo, pela presença de glândulas longo-estipitadas, semelhantes a uma ampulheta, no ápice das brácteas e também no ápice dos pecíolos. Encontrada florida e/ou frutificada de agosto a novembro.

Material selecionado: **BRASIL. Sergipe:** Areia Branca, VI/2007, fl., *Amorim, B.S. 125* (UFP); Lagarto, IX/2011, fr., *Deda, R.M. et al. 24* (ASE); Nossa Senhora da Glória, VII/2011, fr., *Matos, G.M.A. 21* (ASE); Poço Redondo, VIII/2008, fl. fr., *Santos, C.S. 380* (ASE).

2.11. *Croton limae* A.P.Gomes, M.F. Sales & P.E. Berry, *Brittonia*, 62(3): 206-209. 2010.

Nome popular: candeia-branca

Arbusto a arvoreta, 1-8 m alt., indumento de tricomas dentado-lepidotos e lepidotos. Folhas alternas, limbo oblango-elíptico a elíptico, 5-10,5 x 1,8-3,8 cm, ápice inteiro, agudo a acuminado, base levemente cordada a arredondada, margem inteira, face adaxial escabra, abaxial lepidota, ausência de glândulas na base do limbo e no ápice do pecíolo; pecíolo 0,5-1,1 cm compr.; estípula inteira, lanceolada, 5-8 mm compr. Inflorescência contínua, 28-96 mm compr., lepidota; brácteas ovais a triangulares, inteiras, 1,5-2 mm compr. Flores estaminadas 6-7,5 mm compr., esparsas; pedicelo 3-4,5 mm compr.; sépalas triangulares, 2-3 x 1,7-2,7 mm; face externa lepidota; pétalas elípticas a oblango-elípticas, 4-4,5 x 3-4 mm; estames 15. Flores pistiladas 3,8-5,5 mm compr., esparsas, pedicelo 1,5-2 mm compr.; sépalas 5, iguais, triangulares, 2,6-3,2 x 1,5-2 mm, inteiras, não reduplicadas, unidas na base, face externa lepidota; pétalas ausentes; ovário globoso, 2,5-3 x 2,5-3 mm, lepidoto; estiletos unidos na base, 4-fidos. Fruto 5-8 x 6-8 mm, lepidoto; sementes globosas, 4,5-5 x 3,5-4 mm; columela inteira.

Comentários: Essa espécie pode ser encontrada nos estados da Bahia, Ceará, Paraíba, Pernambuco, Piauí, Rio Grande do Norte e Sergipe sobre solos arenosos, com afloramentos rochosos (Cordeiro *et al.*, 2013). Em Sergipe, ocorre em caatingas arbóreas sobre solo com afloramentos rochosos. É muito semelhante a *C. argyrophyllus* Kunth, porém diferencia-se desta por apresentar as sépalas das flores pistiladas triangulares e discretamente reduplicadas. Encontrada florida em março. Ilustração em Gomes *et al.* (2010a).

Material examinado: **BRASIL. Sergipe:** Poço Redondo, III/2010, fl., *Machado, W.J. et al. 217* (ASE).

Material adicional: **BRASIL. Bahia:** Abaíra, XII/1991, fl. fr., *Harley, R.M. et al. 50157* (HUEFS).

2.12. *Croton lundianus* (Didr.) Müll.Arg., *Prodr.* 15(2):662. 1866.

Fig. 3F-I

Arbusto a subarbusto, 0,3-0,5 m alt., indumento de tricomas estrelados. Folhas alternas, passando a opostas ou verticiladas próximo ao ápice dos ramos, limbo oval a elíptico, 2-4,5 x 0,5-2 cm, ápice inteiro, agudo, base cuneada a arredondada, margem crenada, ausência de glândulas entre as crenas; face adaxial hirsuto-pubescente, abaxial hirsuto-pubescente, presença de glândulas no ápice do pecíolo, 2, sésses, arredondadas; pecíolo 0,4-1,3 cm compr.; estípula inteira, linear, 1,5-3 mm compr. Inflorescência descontínua, 25-52 mm compr., serícea; brácteas lineares, margem glandulosa, 1,5-2,5 mm compr. Flores estaminadas 2,5-4 mm compr., congestas; pedicelo 1,5-2 mm compr.; sépalas ovais, 1,5-2,5 x 1-1,5 mm; face externa pubescente; pétalas oblongas, 1,5-2 x 0,6-1 mm; estames 10. Flores pistiladas 4-5 mm compr., congestas, pedicelo 1-1,5 mm compr.; sépalas 6, iguais, oblanceoladas a oblongas, 2,5-3,5 x 1-1,5 mm, inteiras, não reduplicadas, livres, face externa pubescente a glabrescente; pétalas lineares; ovário globoso, 2-2,5 x 2-2,5 mm, hirsuto-pubescente; estiletos unidos na base, 2-fido. Fruto 3,5-4,5 x 4-5 mm, hirsuto-pubescente; sementes globosas, 3-4 x 3-3,5 mm; columela inteira.

Comentários: Trata-se de uma espécie amplamente distribuída ocorrendo na Argentina, Colômbia, Guiana Francesa, Paraguai e Brasil (AL, BA, ES, GO, MA, MG, PA, PE, PI, PR, RJ, RO, SC, SE, SP e TO), em áreas com vegetação de caatinga, campo rupestre, matas ciliares e interior de capoeiras (Cordeiro, 1992). Em Sergipe ocorre, frequentemente, em áreas abertas sobre solos arenosos a argilosos. Pode ser reconhecida por apresentar flores pistiladas e estaminadas descontínuas ao longo da raque da inflorescência, bem como flores pistiladas com seis sépalas. Carneiro-Torres (2009) e Silva *et al.* (2009) relataram a presença de flores pistiladas com número de sépalas variando entre seis e oito nos espécimes coletados nos estados da Bahia e Pernambuco, no entanto, nos indivíduos coletados em Sergipe só foram observadas flores pistiladas com seis sépalas. Encontrada florida e frutificada durante todo o ano.

Material examinado: **BRASIL. Sergipe:** Areia Branca, XI/2007, fl., *Amorim, B.S. 148* (UFP); Capela, IV/2012, fl. fr., *Gomes, L.A. et al. 392* (ASE); Santa Luzia do Itanhy, IV/2012, fl. fr., *Deda, R.M. et al. 172* (ASE).

2.13. *Croton pedicellatus* Kunth, *Nov. Gen. Sp.* 2:75, pl.104. 1817.

Fig. 3J-L

Subarbusto, 0,4-1 m alt., indumento de tricomas estrelados. Folhas alternas, passando a opostas ou verticiladas no ápice dos ramos, limbo linear a estreito-oblongo, 1,5-4,5 x 0,5-1,2 cm, ápice inteiro, mucronado, base arredondada a obtusa, margem inteira; face adaxial velutina a pubescente, abaxial velutina a pubescente, ausência de glândulas na

base do limbo e no ápice do pecíolo; pecíolo 0,2-0,5 cm compr.; estípula inteira, linear, 2-3 mm compr. Inflorescência contínua, 10-25 mm compr., pubescente; brácteas lineares a ovais, inteiras, 2-3 mm compr. Flores estaminadas 3-3,5 mm compr., congestas; pedicelo 1-2,5 mm compr.; sépalas oval-lanceoladas, 1,5-2 x 1-1,5 mm; face externa pubescente; pétalas oblongas, 2-2,5 x 1-1,5 mm; estames 11. Flores pistiladas 4-5 mm compr., esparsas, pedicelo 1-2 mm compr.; sépalas 5, iguais, oblongas a elípticas, 2,5-3 x 1-1,5 mm, inteiras, não reduplicadas, livres, face externa pubescente; pétalas lineares; ovário globoso, 2,5-3 x 2-2,5 mm, hirsuto-pubescente; estiletes unidos na base, 2-fido. Fruto 4,5-5,5 x 4-5,5 mm, hirsuto-pubescente; sementes subglobosas, 3-4 x 1,8-2,3 mm; columela inteira.

Comentários: Pode ser encontrada no México, Colômbia, Peru, Bolívia e Brasil (BA, CE, GO, MA, MG, MS, MT, PB, PI, PR, RJ, RN, SE e TO) ocorrendo em solos arenosos da caatinga, cerrado, campos e áreas alagadiças (Govaerts *et al.*, 2000). Em Sergipe, encontra-se em vegetação arbustiva aberta sobre solos arenosos. Facilmente reconhecida pelas folhas variando de lineares a estreito-oblongas, pelas inflorescências curtas (1-2,5 cm compr.) e pelo fruto externamente hirsuto-pubescente. Encontrada florida e/ou frutificada de abril a novembro.

Material selecionado: **BRASIL. Sergipe:** Areia Branca, V/2011, fl. fr., *Deda, R.M. et al.* 66 (ASE); Lagarto, IX/2011, fl. fr., *Deda, R.M. et al.* 69 (ASE); Poço Redondo, IV/2010, fl., *Machado, W.J.* 341 (ASE)

2.14. *Croton polyandrus* Spreng., *Neue Entdeck. Pflanzenk.*2: 120.1821.

Arbusto, 1-2,5 m alt., indumento de tricomas dentado-lepidotos. Folhas alternas, limbo elíptico a obovado, 2,5-8,5 x 1,4-3,5 cm, ápice inteiro, arredondado a cuspidado, base arredondada a aguda, margem repanda a levemente serrada, ausência de glândulas entre as serras; face adaxial pubescente, abaxial lepidota a glabrescente, presença de glândulas na face abaxial do limbo, 2, sésseis, discóides; pecíolo 0,7-2 cm compr.; estípula inteira, linear, 0,7-1,5 mm compr. Inflorescência contínua, 14-260 mm compr., pubescente; brácteas elípticas, inteiras, 1-2 mm compr. Flores estaminadas 3-4 mm compr., esparsas; pedicelo 1,3-1,8 mm compr.; sépalas oblongas, 1,5-2 x 0,8-1,3 mm; face externa pubescente; pétalas estreito-elípticas, 1,5-2 x 1-1,3 mm; estames 9-11. Flores pistiladas 2-2,5 mm compr., esparsas, pedicelo 1-1,5 mm compr.; sépalas 5, iguais, ovais a elípticas, 1,8-2,5 x 1,5-2 mm, inteiras, não reduplicadas, livres, face externa pubescente; pétalas ausentes; ovário globoso, 1,5-3 x 1,5-2,5 mm, denso-estrelado; estiletes unidos na base, 2-fido. Fruto 4,5-7,5 x 3,5-5 mm, hirsuto-pubescente; sementes elipsoides, 3-4 x 1,4-1,8 mm; columela inteira.

Comentários: Esse táxon pode ser encontrado em Alagoas, Bahia, Paraíba Pernambuco e Sergipe, em vegetação de restinga (Silva *et al.*, 2009). Pode ser distinguida das demais espécies de *Croton* ocorrentes em Sergipe por apresentar limbo variando de elíptico a oboval, margem repanda a serrada e glândulas discóides na face abaxial do limbo. Até o

momento não era referida para Sergipe, sendo aqui diagnosticada a primeira ocorrência da espécie para o estado supracitado. Encontrada florida durante todo o ano e frutificada de fevereiro a outubro. Ilustração em Silva *et al.* (2009).

Material selecionado: **BRASIL. Sergipe:** Estância, IX/2011, fl., *Santos, L.A.S. et al.* 599 (ASE); Indiaroba, VIII/2011, fl. fr., *Prata, A.P. et al.* 2791 (ASE); Japarutuba, X/2010, fl. fr., *Donadio, C.M.* 73 (ASE); Pirambu, X/2008, fl., *Prata, A.P. et al.* 1579 (ASE); Santo Amaro das Brotas, VII/2011, fl., *Nascimento-Júnior, J.E. et al.* 813 (ASE).

2.15. *Croton sellowii* Baill., *Adansonia* 4:304. 1864.

Fig. 3M-S

Arbusto a subarbusto, 0,5-2,5 m alt., indumento de tricomas lepidotos. Folhas alternas, passando a opostas no ápice dos ramos, limbo oblongo a elíptico, 3-13,5 x 1,8-5 cm, ápice inteiro, obtuso a cuspidado, base arredondada a aguda, margem inteira; face adaxial lepidota, abaxial lepidota, ausência de glândulas na base do limbo e no ápice do pecíolo; pecíolo 0,5-3 cm compr.; estípula inteira, deltoide, 1,5-2 mm compr. Inflorescência contínua, 28-60 mm compr., lepidota; brácteas deltoides, inteiras, 1-2 mm compr. Flores estaminadas 2,5-4 mm compr., congestas; pedicelo 1-2 mm compr. sépalas ovais, 1,8-2,2 x 1-1,5 mm; face externa lepidota; pétalas espatuladas, 2,5-3 x 2-2,5 mm; estames 11. Flores pistiladas 4,5-6 mm compr., congestas, pedicelo 0,5-1,6 mm compr.; sépalas 5, iguais, oblongas a elípticas, 3-5 x 1,3-3 mm, inteiras, reduplicadas, unidas na base, face externa lepidota; pétalas lineares; ovário globoso, 1,5-2 x 1,5-2 mm, lepidoto; estiletes unidos na base, 3-fido. Fruto 4,5-5,5 x 3,5-5 mm, lepidoto; sementes elipsoides, 3-3,5 x 2-2,5 mm; columela inteira.

Comentários: Pode ser encontrada em Alagoas, Bahia, Paraíba, Pernambuco e Sergipe, associada à vegetação de restinga (Cordeiro *et al.*, 2013). Facilmente reconhecida em campo por apresentar as faces adaxial e abaxial do limbo com tricomas lepidotos distribuídos espaçadamente que se destacam, bem como pelas inflorescências com brácteas deltoides. Encontrada florida e/ou frutificada durante todo o ano.

Material selecionado: **BRASIL. Sergipe:** Areia Branca, VI/2007, fl., *Amorim, B.S. et al.* 126 (UFP); Barra dos Coqueiros, IV/1997, fl., *Landim, M. & Santos, E.* 1155 (ASE); Estância, X/2012, fl., *Campos, D. et al.* 204 (ASE); Ilha das Flores, IX/1981, fl., *Santana, M.C.* 12 (ASE); Indiaroba, VIII/2011, fr., *Prata, A.P. et al.* 2825 (ASE); Itaporanga d' Ajuda, VII/2008, fl. fr., *Prata, A.P.* 1417 (ASE); Japarutuba, XII/1996, fl., *Landim, M.* 1078 (ASE); Pirambu, VI/2012, fl. fr., *Prata, A.P. et al.* 3027 (ASE); Santa Luzia do Itanhy, IV/2012, fl., *Deda, R.M. et al.* 115 (ASE); Santo Amaro das Brotas, III/2011, fl. fr., *Nascimento-Júnior, J.E. et al.* 810 (ASE); São Cristovão, VII/2008, fl., *Nascimento-Júnior, J.E. et al.* 376 (ASE).

2.16. *Croton tetradenius* Baill., *Adansonia* 4:343.1864.

Nomes populares: velandinho, velandinho-de-cheiro.

Fig. 3T-W

Arbusto a subarbusto, 0,5-2 m alt., indumento de tricomas estrelados e fasciculados. Folhas alternas, passando a verticiladas no ápice dos ramos, limbo oval-lanceolado a oblanceolado, 4,5-10 x 1,4-3,5 cm, ápice inteiro, acuminado a mucronado, base cuneada, margem serrilhada, ausência de glândulas entre as serras; face adaxial pubescente, abaxial canescente, presença de glândulas no ápice do pecíolo, 4-6, curto-estipitada, arredondadas; pecíolo 0,5-2 cm compr.; estípula inteira, linear a lanceolada, 1,5 mm compr. Inflorescência contínua, 23-81 mm compr., tomentosa; brácteas lineares a ovais, inteiras, 0,5-1,5 mm compr. Flores estaminadas 3,5-4,5 mm compr., congestas; pedicelo 1,5-2 mm compr.; sépalas ovais, 1,5-2 x 1-1,5 mm; face extern atomentosa; pétalas largo-obtruladas a espatuladas, 1,5-2,5 x 1-1,5 mm; estames 11-15. Flores pistiladas 3,5-6 mm compr., esparsas, pedicelo 1,5-2,5 mm compr.; sépalas 5, iguais, largo-obtruladas, 1-3 x 1,7-2 mm, inteiras, não reduplicadas, livres, face externa tomentosa a canescente; pétalas ausentes; ovário globoso, 1-1,5 x 1-1,5 mm, tomentoso; estiletes profundamente partido, 2-fido. Fruto 3-4 x 2,5-3 mm, pubérulo; sementes globosas, 2,2-2,7 x 1,5-2 mm; columela inteira.

Comentários: Encontrada nos estados de Alagoas, Bahia, Ceará, Paraíba, Pernambuco, Rio Grande do Norte, Sergipe e Minas Gerais, sobre solos arenosos e argilosos, com afloramentos rochosos (Cordeiro *et al.*, 2013). Em Sergipe, é encontrada em áreas de caatinga arbustivo-arbórea, sobre solo argiloso e pedregoso. Facilmente reconhecida por apresentar folhas com o limbo variando de oval-lanceolado a oblanceolado e pelas glândulas, curto-estipitadas, no ápice do pecíolo, que variam de quatro a seis. Encontrada florida durante todo ano e frutificada de março a dezembro.

Material selecionado: **BRASIL. Sergipe:** Canindé do São Francisco, XI/2011, fl. fr., Santos, L.A.S. 705 (ASE); Frei Paulo, V/1987, fl., Viana, G. 1929 (ASE); Lagarto, IX/2011, fl. fr., Deda, R.M. *et al.* 67 (ASE); Nossa Senhora da Glória, V/1984, fl. fr., Viana, G. 951 (ASE); Riachão do Dantas, III/1975, fl. fr., Barreto, A.C. 320 (ASE); Poço Redondo, V/2012, fl., Deda, R.M. *et al.* 180 (ASE); Poço Verde, X/2010, fl., Deda, R.M. *et al.* 2 (ASE); Tobias Barreto, X/2009, fl., Melo, D.S. & Ribeiro, A.S. 49 (ASE).

2.17. *Croton tricolor* Klotzsch ex Baill., *Adansonia* 4:291. 1864.

Nome popular: sacatinga-preta.

Fig. 4A-E

Arbusto, 2-3 m alt., indumento de tricomas lepidotos. Folhas alternas, limbo lanceolado a elíptico, 2-5 x 0,6-1,5 cm, ápice inteiro, mucronado a retuso, base crenada a cordada, margem inteira; face adaxial glabra, abaxial lepidota, ausência de glândulas na base do limbo e no ápice do pecíolo; pecíolo 0,3-0,7 cm compr.; estípula inteira, oval a lanceolada, 1,3-2,5 mm compr. Inflorescência contínua, 21-79 mm compr., lepidota; brácteas lineares, inteiras, 1-2 mm compr. Flores estaminadas 4,5-7 mm compr., congestas; pedicelo 1,5-2,5

mm compr.; sépalas ovais, 1,5-2 x 1,5-1,7 mm; face externa lepidota; pétalas obovais, 3-3,5 x 2-2,5 mm; estames 12. Flores pistiladas 4-6 mm compr., esparsas, pedicelo 2-2,5 mm compr.; sépalas 5, iguais, elípticas a deltoides, 2,7-3,6 x 1,3-1,5 mm, inteiras, reduplicadas, unidas na base, face externa lepidota; pétalas ausentes; ovário globoso, 2-2,5 x 1,5-2 mm, lepidoto; estiletes unidos na base, 8-fidos. Fruto 4-4,5 x 3,5-4 mm, lepidoto; sementes globosas, 3,5-4 x 3-3,5 mm; columela inteira.

Comentários: A ocorrência dessa espécie foi registrada para Alagoas, Bahia, Ceará, Paraíba, Pernambuco, Piauí, Rio Grande do Norte, Sergipe, Minas Gerais, São Paulo e Paraná, em solos arenosos e argilosos com afloramentos rochosos (Cordeiro *et al.*, 2013). Em Sergipe, foi encontrada em áreas de caatinga sobre afloramentos rochosos. Facilmente reconhecida por apresentar face abaxial do limbo prateada com pontuações ferrugíneas e flores pistiladas com sépalas reduplicadas, variando de deltóides a elípticas. Foram encontradas várias exsicatas dessa espécie identificadas como *C. argyrophyloides* Müll. Arg., no entanto essa espécie foi sinonimizada a *C. tricolor* Klotzsch ex Baill por Gomes *et al.* (2010b). Encontrada florida e/ou frutificada de fevereiro a abril.

Material selecionado: **BRASIL. Sergipe:** Poço Redondo, III/2010, fl., Machado, W.J. *et al.* 216 (ASE).

2.18. *Croton tridentatus* Mart. ex Müll. Arg., *Fl. Bras.* 11(2): 219. 1874.

Subarbusto, 0,4-1 m alt., indumento de tricomas lepidotos e dentado-lepidotos. Folhas alternas, limbo oblongo, 1-1,3 x 0,7-1 cm, ápice tripartido, agudo, base cuneada, margem esparso-serrilhada, ausência de glândulas entre as serras; face adaxial e abaxial lepidota, ausência de glândulas na base do limbo e no ápice do pecíolo; pecíolo 0,5-1 cm compr.; estípula fimbriado-glandular, linear, 2-2,5 mm compr. Inflorescência contínua, 8-10 mm compr., lepidota; brácteas ovais, inteiras, 2-3 mm compr. Flores estaminadas 3-4 mm compr., congestas; pedicelo 2-3 mm compr.; sépalas ovais, 1,5-2 x 1-1,5 mm; face externa serícea; pétalas estreito-espatuladas, 2-3 x 1,5-2 mm; estames 10. Flores pistiladas 3-4 mm compr., esparsas, pedicelo 2-2,5 mm compr.; sépalas 5, iguais, ovais, 1,5-2 x 1,5-2,5 mm, inteiras, não reduplicadas, livres, face externa serícea; pétalas ausentes; ovário alongado, 2-3 x 2-2,5 mm, lepidoto; estiletes unidos na base, 2-fido. Fruto 5-6 x 4-5 mm, lepidoto; sementes não vistas; columela inteira.

Comentários: Pode ser encontrada na Bahia, Pernambuco e Sergipe, restrita ao bioma Caatinga, ocorrendo em solos arenosos (Silva *et al.*, 2009). Em Sergipe, foi coletada em áreas de caatinga. É facilmente reconhecida por apresentar o ápice do limbo tripartido. Espécie pouco coletada em Sergipe sendo registrado apenas um exemplar. Encontrada florida e frutificada em setembro. Ilustração em Silva *et al.* (2009).

Material examinado: **BRASIL. Sergipe:** Canindé do São Francisco, IX/1999, fl. fr., Silva, R.A. & Moura, D. 1004 (UFP).

2.19. *Croton triqueter* Lam., Encycl. 2:214.1786.

Fig. 4F-H

Arbusto a subarbusto, 1-2 m alt., indumento de tricomas estrelados e fasciculado-estipitados. Folhas alternas passando a opostas no ápice dos ramos, limbo oval a elíptico, 5-14 x 2-5,5 cm, ápice inteiro, acuminado a agudo, base cordada a truncada, margem esparso-serrilhada, ausência de glândulas entre as serras; face adaxial escabra, abaxial tomentosa, ausência de glândulas na base do limbo e no ápice do pecíolo; pecíolo 0,4-3 cm compr.; estípula inteira, oval-lanceolada, 3-8 mm compr. Inflorescência contínua, 12-48 mm compr., pubescente; brácteas lineares, inteiras, 2-3 mm compr. Flores estaminadas 3-4 mm compr., congestas; pedicelo 1,5-2 mm compr.; sépalas oval-lanceolada, 2,5-3 x 1,5-2 mm; face externa pubescente; pétalas espatuladas, 2-2,5 x 1,5-2 mm; estames 11. Flores pistiladas 4-5,5 mm compr., congestas, sésseis a subsésseis; sépalas 5(3 maiores + 2 menores) fortemente desiguais, lanceoladas a oval-lanceoladas, 3 maiores e 2 menores, inconspícuas, 4-6 x 4-4,5 mm, margem profundamente laciniada a fimbriada, não reduplicadas, livres, face externa pubescente; pétalas ausentes; ovário globoso, 2-3,5 x 2-2,5 mm, pubescente; estiletes unidos na base, 4-fidos. Fruto 4 x 4,5 mm, esparso-pubescente; sementes subglobosas, 3-4 x 3-4 mm; columela inteira.

Comentários: Espécie que ocorre na Argentina, Bolívia, Colômbia, Guatemala, Paraguai, Peru, México, Venezuela e Brasil (AL, BA, CE, ES, MA, MG, MS, PB, PE, RJ, PR, RN, RS, SC, SE, SP), em florestas ombrófilas e estacionais (Caruzo & Cordeiro, 2007). Em Sergipe, foi coletada em interior de mata sobre solos arenosos e argilosos. Pode ser reconhecida por apresentar ramos com indumento ferrugíneo com tricomas estrelados e fasciculado-estipitados, sépalas das flores pistiladas desiguais com margens variando de laciniadas a fimbriadas e estiletes tetráfidos. Encontrada florida e/ou frutificada nos meses de janeiro a outubro.

Material selecionado: **BRASIL. Sergipe:** Capela, XI/2011, fr., *Gomes, L.A. et al. 211* (ASE); Cedro de São João, VIII/2010, fr., *Menezes, I.R.N. et al. 138* (ASE); Lagarto, IX/2011, fl., *Deda, R.M. et al. 68* (ASE); Laranjeiras, IX/2012, fr., *Gomes, L.A. et al. 755* (ASE). Simão Dias, I/2012, fl., *Prata, A.P. et al. 2846* (ASE); Tobias Barreto, XI/2009, fl., *Melo, D.S. & Ribeiro, A.S. 50* (ASE).

2.20. *Croton urticifolius* Lam., Encycl. 2:219. 1786.

Nome popular: velande-branco.

Fig. 4I-M

Arbusto, 1-4 m alt., indumento de tricomas estrelados e estrelado-estipitados. Folhas alternas, passando a verticiladas no ápice dos ramos, limbo oval a cordiforme, 3,5-11 x 0,9-4,2 cm, ápice inteiro, acuminado, base cordada a arredondada, margem duplo-serrilhada, ausência de glândulas entre as serras; face adaxial esparso-pubescente a glabrescente, abaxial pubescente, ausência de glândulas na base do limbo e no ápice do pecíolo; pecíolo 0,7-3,3 cm compr.; estípula fimbriado-glandular, 2-2,5 mm compr.

Inflorescência contínua, 24-106 mm compr., pubescente; brácteas lanceoladas, margem glandulosa, 1-2 mm compr. Flores estaminadas 4-7 mm compr., congestas; pedicelo 2-3 mm compr.; sépalas ovais, 2-3 x 1,5-2 mm; face externa pubescente; pétalas oblongas a espatuladas, base unguiculada, 2,5-3,5 x 1,5-2 mm; estames 11. Flores pistiladas 3-5 mm compr., esparsas, pedicelo 1,5-2,5 mm compr. sépalas 5, iguais, oblongas, 2,5-4 x 2-3 mm, inteiras, não reduplicadas, livres, face externa hirsuto-pubescente; pétalas ausentes; ovário globoso, 2,5-3,5 x 2,5-3,5 mm, tomentoso; estiletes unidos na base, 6-fido. Fruto 4-6 x 4-4,5 mm, pubescente; sementes globosas, 3-4 x 2-3 mm; columela inteira.

Comentários: No Brasil, ocorre nas regiões Norte (AM, PA), Nordeste (AL, BA, CE, PI, PE, PB, RN, SE) e Sudeste (ES, MG, RJ), em áreas de caatinga arbórea e florestas estacionais (Silva *et al.*, 2009). Em Sergipe foi coletada em áreas de caatinga arbórea aberta, em solos arenosos ou argilosos e sobre afloramentos rochosos. Facilmente reconhecida por apresentar folhas com limbo oval a cordiforme, margem duplo-serrilhada, estípula fimbriado-glandular, flores pistiladas urceoladas e estiletes 6-fido. Encontrada florida de abril a julho e frutificada de março a setembro.

Material selecionado: BRASIL. Sergipe: Lagarto, VI/2011, fr., *Santos, L.A.S. 551* (ASE); Nossa Senhora da Glória, VI/2012, fl. fr., *Viana, G. 1783* (ASE); Poço Redondo, IV/2012, fl., *Deda, R.M. & Santos, L.A.S. 54* (ASE); Poço Verde, VII/2010, fl., *Ferreira, E.V.R. 120* (ASE); Simão Dias, VIII/2010, fl. fr., *Prata, A.P. et al. 2404* (ASE).

Referências Bibliográficas

Berry, P.E., Hipp, A.L., Wurdack, K.J., Van Ee, B. & Riina, R. 2005. Molecular phylogenetics of the giant genus *Croton* and tribe Crotonaeae (Euphorbiaceae sensu stricto) using *ITS* and *trnL-trnF* DNA sequence data. **American Journal of Botany** 92: 1520-1534.

Burger, W.; Huft, M. 1995. **Euphorbiaceae**. In: Flora Costaricensi Fieldiana II. 36:1-169.

Carneiro-Torres, D.S. 2009. **Diversidade de *Croton* L. (Euphorbiaceae) no Bioma Caatinga**. Tese (Doutorado em Botânica) – Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana.

Caruzo, M.B.R. & Cordeiro, I. 2007. Sinopse da tribo *Crotonaeae* Dumort. (Euphorbiaceae) no Estado de São Paulo, Brasil. **Hoehnea**, 34(4): 571-585.

Cordeiro, I. 1992. Flora da Serra do Cipó, Minas Gerais: Euphorbiaceae. **Boletim de Botânica da Universidade São Paulo**. 13: 169-217.

Cordeiro, I.; Secco, R.; Cardiel, J.M.; Steinmann, V.; Caruzo, M.B.R.; Riina, R.G.; Lima, L.R.; Maya-L., C.A.; Berry, P.; Carneiro-Torres, D.S.; Pscheidt, A.C.; Silva, O.L.M.; Melo, A.L.; Sales, M.F.; Silva, M.J.; Oliveira, L.S.D.; Souza, S.M.A.; Sodré, R.C. 2013. *Euphorbiaceae*. In: Lista de Espécies da Flora do Brasil. Jardim Botânico do Rio de Janeiro. In: (<http://floradobrasil.jbrj.gov.br/jabot/floradobrasil/FB17497>).

Gomes, A.P.S.; Sales, M.F. & Berry, P.E. 2010a. *Croton limae* (Euphorbiaceae), a new species of section *Argyroglossum* from northeastern Brazil. **Brittonia**, 62(3): 206-209.

Gomes, A.P.S.; Sales, M.F. & Melo, A.L. 2010b. Novidades taxonômicas em *Croton* sect. *Argyroglossum* Baill. e C. sect. *Lasiogyn* Klotzsch (Crotonoideae-Euphorbiaceae). **Acta Botanica Brasilica**, 24(4): 905-908.

Govaerts, R.; Frodin, D. G. & Radcliffe-Smith, A. *Croton*. 2000. In: **World Checklist and bibliography of Euphorbiaceae and Pandaceae**. Royal Botanic Gardens Kew, London. 2: 417-536.

Lista de exsicatas

Almeida, M.N. 41 (2.4); **Amaral, A.** 23 (1.1); **Amorim, B.S.** 118 (2.7), 125 (2.10), 126 (2.15), 148 (2.12); **Araújo, S.S.** s.n. (ASE22792) (2.3); **Barreto, A.C.** 282 (2.9), 320 (2.16); **Calazans, C.** 20 (2.15), 442 (2.9), 447 (2.15); **Campos, D.A.** 45 (2.15), 72 (2.9), 192 (1.1), 204 (2.15); **Carneiro, E.** 133 (2.14), 339 (1.1), 369 (2.4); **Carregosa-Silva, T.** 46 (2.9), 102 (2.15), 175 (2.9), 238 (2.9); **Carvalho, L.** s.n. (ASE8073) (2.9); **Conceição, G.G.** 7(2.4), 26 (2.9); **Cordeiro, L.M.** 677 (UFP) (2.1); **Costa, S.M.** 272 (1.1), 274 (2.15); **Dantas, T.V.P.** 72 (2.13); **Déda, R.M.** 1 (2.9), 2 (2.16), 8(2.9),17 (2.9), 22 (2.9), 24 (2.10) 44 (2.9);45 (2.9), 52 (2.20), 54 (2.20), 55 (2.9), 56 (2.9), 63 (2.17), 64 (2.16), 65 (2.9), 66 (2.13), 67 (2.16), 68 (2.19), 69 (2.13), 115 (2.15), 172 (2.12), 179 (2.8), 180 (2.15); **Donadio, C.M.** 36 (2.15), 73 (2.14), 113 (2.14); **Farias, M.C.V.** 76 (2.15); **Farinaccio, M.A.** 851 (2.14); **Farney, C.** 2686 (2.15), 2691 (2.14), 2768 (2.15); **Ferreira, E.V.R.** 52 (2.16), 89 (2.16), 94 (2.20), 120 (2.20), 139 (2.8), 213 (2.5), 223 (2.8); **Fonseca, M.** 108(2.15), 115 (2.9),132(2.4), 536 (2.15), 537 (2.14), s.n. (ASE453) (2.15), s.n. (ASE2861) (2.9), s.n. (ASE5263) (2.9). **Franco, C.R.P.** s.n. (ASE20584) (2.3); **Galvão, L.** s.n.(ASE20508) (2.9); **Gomes, E.** 4 (2.9), 65 (2.9), 74 (1.2), 271 (2.15); **Gomes, L.A.** 69 (2.15), 103 (2.19), 211 (2.19), 392 (2.12), 536 (2.9), 612 (1.1),755 (2.19); **Harley, R.M.** 50157 (SPF, HUEFS, CEPEC) (2.11); **Jesus, J.R.** 1 (2.9), 2 (2.9); **Júnior, H.T.** s.n. (ASE8325) (2.9); **Landim, M.** 585 (2.9), 1078 (2.15), 1155 (2.15), 1191 (2.14), 1192 (2.14), 1302 (2.15), 1554 (2.15); **Lacerda, A.V.** 354 (JPB) (2.5); **Lima, J.F.** 119 (2.9); **Lima, M.M.** s.n. (ASE19007) (2.4), s.n. (ASE19008) (2.2); **Machado, W.J.** 117 (2.8),163 (2.16), 179 (2.9), 190 (2.16), 208 (2.17), 216 (2.17), 217 (2.11), 221 (2.9), 232 (2.3), 272 (2.20), 273 (2.16), 284 (2.17), 291 (2.20), 315 (2.7), 329 (2.20), 341 (2.13), 541 (2.9), 820 (2.9), 907 (2.8); **Marroquim, P.M.G.** 13 (2.4), 49 ASE (2.9); **Matos, G.M.A.** 21 (2.10), 43 (2.9); **Melo, D.S.** 49 (2.16), 50 (2.19), 67 (2.9), 76 (2.9), 94 (2.9); **Mendes, K.** 346 (1.1); **Menezes, I.R.N.** 138 (2.16); 202 (2.9); **Melo, J.F.** 36 (2.15); **Moura, D.C.** 647 (2.8); **Nascimento-Júnior, J.E** 76 (2.9), 279 (2.9), 281 (2.4), 283 (2.9), 284 (2.9), 376 (2.15), 495 (2.15), 612 (2.9), 810 (2.15), 813 (2.14), 946 (2.14), 954 (2.15); **Nogueira, P.C.L.** 1 (2.9), 2 (2.9), 3 (2.16); **Oliveira, D.G.**120 (2.2), 160 (2.9), 184 (1.2), (ASE), 197 (2.4), 345 (2.9), 464 (2.9), 487 (2.9); **Oliveira, D.M.** 62 (2.9), 72 (2.9); **Paes, V.S.** 14 (2.9); **Prata, A.P** 1417 (2.15), 1579 (2.14), 1613 (2.9), 1646 (2.16), 1657 (2.9), 1691 (2.15), 2191 (2.9), 2202 (2.9), 2214 (2.4), 2233 (2.4), 2338 (2.19), 2350 (2.9), 2385 (2.13), 2387 (2.9), 2404 (2.20), 2458 (2.9), 2619 (2.15), 2645 (2.15),2647 (1.1), 2753 (2.7), 2777 (2.13), 2791 (2.14), 2825 (2.15), 2836 (2.9), 2846 (2.19), 2905 (2.9), 2959 (2.15), 3006 (2.15), 3010 (2.14), 3027 (2.15), 3086 (2.7); **Rodrigues, L.M.O.** 5 (2.9), 31 (2.9), 69 (2.9); **Sales, A.B.** 1 (2.15), 11 (1.1), 57 (2.15); **Santana, M.C.** 12 (2.15),40 (2.16),203 (2.15), 206 (2.15); **Santana, V.S.** 1 (2.16); **Santos, A.V.** 11 (2.9), 37 (2.15); **Santos, C.S.** 86 (2.15), 103 (2.9), 135 (2.15), 151 (2.15), 156 (2.10), 144 (2.2), 380 (2.10); s.n.(ASE11064) (2.9); **Santos, L.A.S.** 298 (2.16),304 (2.19), 348 (2.19), 477 (2.8); 478 (2.13), 479 (2.9), 504 (2.9), 505 (2.9), 528 (2.9), 529 (2.9), 549 (2.9), 551 (2.20), 567 (2.15), 589 (2.15), 599 (2.14), 705 (2.16), 807 (1.1); **Santos, R.M.J.** 1 (2.9); **Santos, V/1** (2.4), 2 (2.4); **Silva, A.C.C.** 137 (2.9), 232 (2.4), 317 (2.4); **Silva, G.N.** 64 (2.15); **Silva, R.A. & Moura, D.** 1004 (UFP) (2.18); **Silva, W.J.** s.n. 8217 (2.9); **Soares, F.** 2 (2.9); **Souza, C.A.S.** 3 (2.9), 20 (2.9), 26 (2.15), 65 (2.9); **Souza, C.L.** 25 (2.16); **Souza, M.F.L.** 264 (2.9); **Viana, G.** 67 (2.15), 237 (2.15), 393 (2.15), 448 (2.4), 464 (2.2), 509 (2.15), 552 (2.9), 950 (2.2), 951 (2.16), 986 (2.7), 1739 (1.1), 1783 (2.20), 1929 (2.16); s.n. (ASE1181) (2.6).



Figura 1. A-C. *Astraea klotzschii* Didr. A. Ramo florido. B. Flor pistilada. C. Fruto (Prata et al. 2647, ASE); D-F. *Astraea lobata* (L.) Klotzsch D. Ramo florido. E. Flor pistilada. F. Fruto (Gomes 74, ASE).

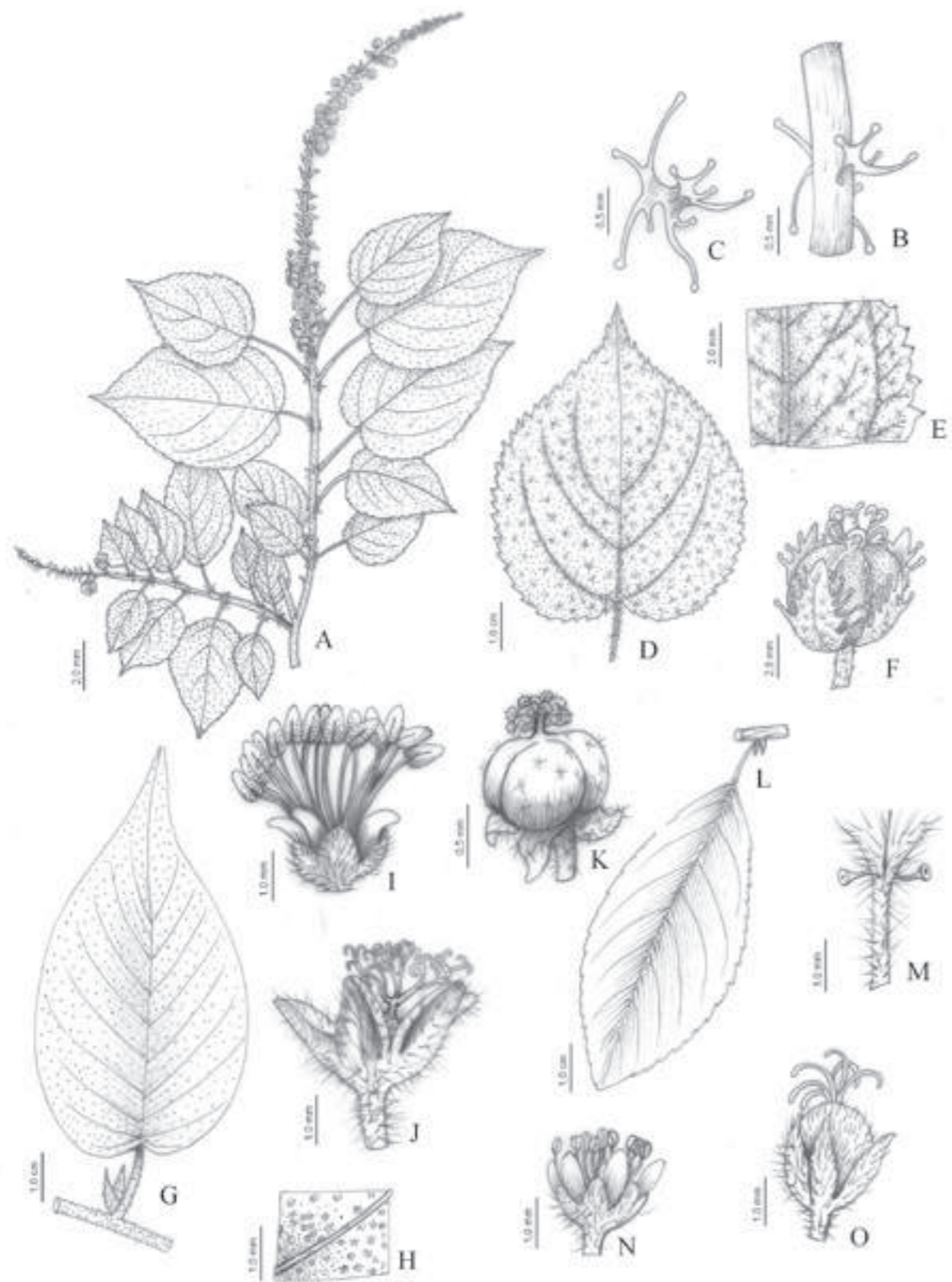


Figura 2. A-F. *Croton adenocalyx* Baill. A. Ramo florido. B. Estípula. C. Detalhe da estípula. D. Folha. E. Detalhe da face adaxial do limbo. F. Fruto (Oliveira et al. 120, ASE); G-K. *Croton blanchetianus* Baill.: G. Folha. H. Detalhe do limbo. I. Flor estaminada. J. Flor pistilada. K. Fruto (Andrade-Lima et al., 1204, ASE); L-O. *Croton glandulosus* L. L. Folha. M. Glândula no ápice do pecíolo. N. Flor estaminada. O. Fruto (Viana 985, ASE).

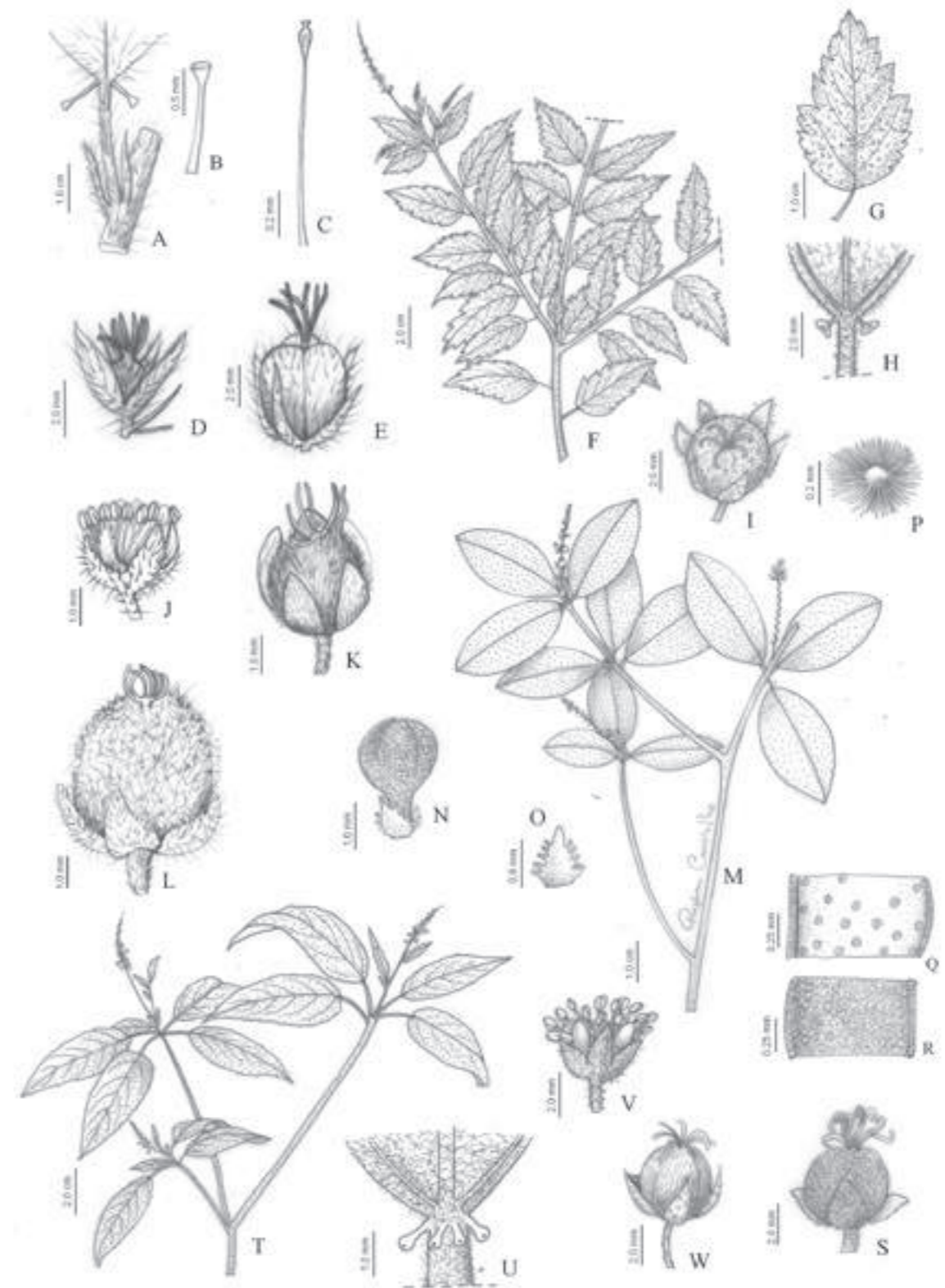


Figura 3. A-E. *Croton hirtus* L'Her. A. Glândulas no ápice do pecíolo. B. Detalhe da glândula do ápice do pecíolo. C. Bráctea. D. Flor pistilada. E. Fruto (Santos 380, ASE); F-I. *Croton lundianus* (Didr.) Müll.Arg.. F. Ramo florido. G. Folha. H. Glândula no ápice do pecíolo. I. Fruto (Prata et al. 2603, ASE); J-L. *Croton pedicellatus* Kunth J. Flor estaminada. K. Flor pistilada. L. Fruto (Deda et al. 66, ASE); M-S. *Croton sellowii* Baill.. M. Ramo florido. N. Botão floral da flor estaminada. O. Bráctea. P. Detalhe do tricoma lepidoto do limbo. Q. Detalhe da face adaxial do limbo. R. Detalhe da face abaxial do limbo. S. Fruto (Carregosa-Silva et al. 102, ASE); T-W. *Croton tetradenius* Baill. T. Ramo florido. U. Glândulas no ápice do limbo. V. Flor estaminada. W. Fruto (Silva 136, ASE).

2.Hippomaneae A. Juss. ex Spach.

André Laurênio de Melo¹

Luciana dos Santos Dias de Oliveira²

Sarah Maria Athiê de Souza²

Paula Pinto Eymael²

Margareth Ferreira de Sales²

Ervas, subarbustos, arbustos a árvores, monóicos, geralmente latescentes, glabros ou indumentados; ramos não, ou raro, espinescentes. Folhas alternas, simples, glândulas acropielares (*Sapium*), basilaminares, dispersas na lâmina ou marginais; estipuladas; pecioladas, catafilos 1 par a numerosos. Inflorescência espiciforme, bissexual, raramente unissexual, com numerosas flores estaminadas na porção distal e flores pistiladas na porção proximal. Flores unissexuais, actinomorfas ou zigomorfas (*Gymnanthes*), apétalas. Címulas estaminadas e flores pistiladas subtendidas por brácteas com 0-3 pares de glândulas basilaterais, sésseis a estipitadas. Flores estaminadas pediceladas; sépalas 0-5, livres ou unidas; estames 2-9(>20), filetes livres ou unidos. Flores pistiladas sesséis ou pediceladas; sépalas 3-6, livres ou unidas; ovário súpero, 3-carpelar, 3-locular, 1-óvulo por lóculo; 3 estiletos inteiros. Cápsula com deiscência loculicida septicida a septífraga; carpidióforo (*Stillingia*), columela 3-facetada a claviforme. Sementes carunculadas ou ecarunculadas, não ariladas (exceto em *Sapium*).

Euphorbiaceae s.s. está inserida na ordem Malpighiales, no clado Rosídeas, subclado Fabídeas (APG III 2009). Compreende cerca de 6.500 espécies e 300 gêneros nos trópicos e subtropicais (Govaerts *et al.* 2000). No Brasil, ocorrem 70 gêneros e cerca de 1.000 espécies distribuídas em todos os tipos de vegetação (Souza & Lorenzi 2008). O Nordeste reúne ca. 220 espécies e 45 gêneros encontrados principalmente em áreas de Caatinga (Carneiro-Torres 2009), sendo que, Sergipe abriga nove gêneros e 31 espécies (Cordeiro *et al.* 2013). A tribo Hippomaneae configura-se por ser uma das menos conhecidas e mais complexas taxonomicamente dentro de Euphorbioideae. Abrange 33 gêneros e cerca de 300 espécies associadas, principalmente, às savanas e florestas tropicais de todo o mundo (Esser 2012) e, no Brasil, são encontrados 13 gêneros e ca. 120 espécies (Esser 2012), dos quais sete gêneros e 11 espécies foram registrados no estado de Sergipe.

¹Unidade Acadêmica de Serra Talhada, Universidade Federal Rural de Pernambuco, 56900-000, Serra Talhada, PE, andrelaurenio@yahoo.com.br

²Departamento de Biologia, Universidade Federal Rural de Pernambuco, 52171-900, Recife, PE, sarah_athie@yahoo.com.br



Figura 4. A-E. *Croton tricolor* Klotzsch ex Baill. A. Detalhe da face abaxial do limbo. B. Detalhe de tricoma lepidoto do limbo. C. Flor estaminada. D. Flor pistilada. E. Fruto (Machado *et al.* 216, ASE); F-H. *Croton triquetrum* Lam. F. Ramo florido. G. Detalhe do indumento dos ramos. H. Flor pistilada sem 3 sépalas (Maciel *et al.* 453, ASE); I-M. *Croton urticifolius* Lam. I. Ramo florido. J. Estípula. K. Bráctea. L. Detalhe da face adaxial do limbo. M. Flor pistilada (Santos 551, ASE).

Chave para identificação dos gêneros de **Hippomaneae** de Sergipe

1. Plantas glabras; folhas sem glândulas.....**2**
2. Folhas elíptico-rômbricas; sépalas estaminadas unidas; carpidióforo persistente aderido à planta após a deiscência do fruto; sementes carunculadas **7. *Stillingia***
- 2'. Folhas elípticas, obovais ou espatuladas; sépalas estaminadas livres; sem carpidióforo persistente aderido à planta; sementes ecarunculadas **6. *Sebastiania***
- 1'. Plantas glabras a indumentadas; folhas com glândulas.....**3**
3. Folhas com 1 par de glândulas acropetiolares; cápsula septífraga; sementes com arilo **5. *Sapium***
- 3'. Folhas sem glândulas acropetiolares; cápsula septicida loculicida; sementes sem arilo.....**4**
4. Catafilos numerosos; glândulas foliares dispersas na lâmina **1. *Actinostemon***
- 4'. Catafilos-2; glândulas foliares marginais.....**5**
5. Inflorescências opositifólias; ovário e fruto geralmente corniculados; estiletos sésseis; carúncula estipitada **4. *Microstachys***
- 5'. Inflorescências nunca opositifólias; ovário e fruto lisos; estiletos em coluna; carúncula séssil.....**6**
6. Plantas latescentes; folhas elípticas a oblongas, 7-12,5 x 2,1-4,2 cm, amarronzadas; brácteas estaminadas sésseis; ovário densamente tomentoso **3. *Mabea***
- 6'. Plantas sem látex; folhas elípticas, 1,8-6 x 1-2,6 cm, esverdeadas; brácteas estaminadas estipitadas; ovário glabro **2. *Gymnanthes***

Observação: os números anexos a cada ilustração nas figuras 1 e 2 representam em ordem sequencial as letras indicadas nas respectivas legendas e descrições de espécies.

1. *Actinostemon* Mart. ex Klotzsch

Arbusto a árvore 2-4 m alt., sem látex, ramos glabros. Folhas alternas ou pseudoverticiladas, elípticas, cartáceas, glabras, glândulas dispersas na face abaxial da lâmina, broquidódromas. Catafilos numerosos, conspícuos, imbricados, caducos, envolvendo totalmente as inflorescências jovens. Inflorescência axilar ou terminal, unissexuada ou bissexuada; brácteas com 0-1 par de glândulas, sésseis a estipitadas. Címulas estaminadas 1-3-flora, flores estaminadas centrais diferenciadas das laterais, pediceladas, aclamídeas ou monoclamídeas; estames 4-9, filetes livres. Flores pistiladas solitárias ou em címulas unifloras a bissexuadas, aclamídeas a monoclamídeas, pediceladas; ovário com 2-cornos por carpelo ou liso, coluna estilar. Cápsula com deiscência loculicida e septicida, subglobóide, pedicelada; columela até 3 facetada. Sementes carunculadas, sem arilo.

Gênero neotropical com 13-15 espécies (Jablonski 1969; Esser 2012), das quais sete ocorrem no Brasil (Eymael 2012). Suas espécies distribuem-se nas cinco regiões do país associadas à vegetação de Caatinga, Cerrado e nas florestas Amazônica e Atlântica (Cordeiro *et al.* 2013). O pronto reconhecimento das suas espécies fundamenta-se na

presença de catafilos numerosos que envolvem completamente as inflorescências jovens e nas glândulas dispersas na face abaxial da lâmina foliar.

Chave para identificação das espécies de ***Actinostemon*** de Sergipe

1. Folhas pseudoverticiladas; flores estaminadas e pistiladas monoclamídeas; ovário e fruto apendiculados; pedicelo do fruto de 3-6 mm de compr. **1.1. *Actinostemon appendiculatus***
- 1'. Folhas alternas; flores estaminadas e pistiladas aclamídeas; ovário e fruto sem apêndices; pedicelo do fruto de 16-22 mm de compr. **1.2. *Actinostemon concolor***

1.1. *Actinostemon appendiculatus* Jabl., Phytologia 18(4): 229. 1969.

Fig. 1A-B

Arbusto a arvoreta. 3 m alt. Folhas 4,1-14,7 x 1,1-5 cm, pseudoverticiladas, elípticas, glabras, folhas jovens às vezes ciliadas, base cuneada, ápice agudo; pecíolo 0,2-2,4 cm compr. Catafilos triangulares a lineares. Inflorescência terminal, até 8 mm compr. Brácteas com 1 par de glândulas disciformes. Flores estaminadas centrais monoclamídeas, laterais aclamídeas; sépalas 0,5 mm compr., livres, sem glândulas; estames 5-8. Flores pistiladas em címulas bissexuadas, monoclamídeas; pedicelo ca. 1,4 mm compr.; sépalas ca. 0,7 mm compr., livres, 0-1 par de glândulas estipitadas; ovário ca. 1 x 3 mm; carpelos 2-cornos, estiletos 4-4,5 mm compr., coluna estilar até 1 mm compr. Cápsula 4-7 x 5-8 mm, com apêndices; pedicelo 3-6 mm compr.; columela 0,3-1,0 cm compr., 3-facetada. Sementes 7-7,5 x 6-7,3 mm, oblongas, base truncada, ápice obtuso-apiculado.

Comentários: Restrita a região Nordeste do Brasil (AL, BA, PB, PE e SE). Em Sergipe foi encontrada no interior ou na borda de remanescentes florestais inclusive em floresta estacional, em solo arenoso/argiloso. Caracteriza-se por apresentar folhas pseudoverticiladas, flores estaminadas e pistiladas monoclamídeas; ovário e fruto apendiculados e pedicelo do fruto de 3-6 mm de compr. Parte das características referentes ao fruto foi obtida no estudo de Eymael (2012). Floresce em janeiro e frutifica em abril e junho. Ilustrações em Eymael (2012).

Material selecionado: **BRASIL. Sergipe:** Boquim, VI/2012, fr., *G.M.A. Matos & D.A. Campos* 96 (ASE). Japarutuba, I/1992, fl., *C. Farney et al.* 3062 (ASE). Riachão do Dantas, IV/1986, fr., *G. Viana* 1413 (IPA).

Material adicional: **BRASIL. Alagoas:** Coruripe, X/1999, fl., *Lyra-Lemos & Bayma* 4454 (IPA, PEUFR).

1.2. *Actinostemon concolor* (Spreng.) Müll. Arg., Prodr. 15(2): 1193. 1866.

Fig. 1C-E

Arbusto a árvore ca. 2-4 m alt. Folhas 4-9,2 x 1,1-3,2 cm, alternas, elípticas, base atenuada, ápice agudo; pecíolo 0,2-2,3 cm compr. Catafilos ovóides a lineares. Inflorescência axilar ou terminal, 2,3-6,4 cm compr. Brácteas das címulas estaminadas com 1 par de glândulas globosas a estipitadas, nas címulas bissexuadas sem glândulas. Flores estaminadas centrais e laterais aclamídeas; estames 4-9. Flores pistiladas solitárias, aclamídeas; pedicelo 2-3 mm compr.; ovário 0,7-1,2 x 0,8-1,3 mm, sem apêndices, estiletos 4,3-4,6 mm compr., coluna estilar 0,8-1,1 mm compr. Cápsula ca. 6 x 7 mm, sem apêndices; pedicelo 1,6-2,2 cm compr.; columela 6 mm compr., 3-facetada. Sementes 3-4 x 4-5 mm, oblongas, base truncada, ápice obtuso, marrom.

Comentários: Espécie amplamente distribuída em todas as regiões do país. Em Sergipe ocorre em mata seca e mata associada à caatinga hipoxerófila. Pode ser reconhecida pelas folhas alternas, flores estaminadas e pistiladas aclamídeas, ovário e fruto sem apêndices e fruto longo-pedicelado com pedicelo de 1,6-2,2 cm de compr. Floresce em março, abril e novembro e frutifica em março. Ilustrações em Eymael (2012).

Material selecionado: **BRASIL. Sergipe:** Riachão das Antas, III/2012, fr., *G.M.A. Matos et al.* 148 (ASE).

Material adicional: **BRASIL. PERNAMBUCO:** , Brejo da Madre de Deus, I/2000, fl., *Silva et al.* 71 (PEUFR).

2. *Gymnanthes klotzschiana* Müll. Arg., Linnaea 32: 98. 1863.

Fig. 1F-L

Arbusto a árvore 2-4 m alt., sem látex; ramos às vezes espinescentes, glabros a glabrescentes. Folhas 1,8-6 x 1-2,6 cm, alternas, elípticas, cartáceas, base arredondada a cuneada, ápice agudo, margem inteira a levemente serrada, revolutas, glabras na face adaxial, indumento simples na face abaxial, concentrado na base da lâmina ou próximo à nervura central, broquidódromas, glândulas marginais; pecíolo 2-6 mm compr.; 1 par de catafilos, evidentes. Inflorescência terminal ou axilar, até 2,5 cm compr., raque glabra a pubérula. Brácteas com 1 par de glândulas estipitadas; címulas estaminadas 1-3 flora; sépalas 3, livres, 0,5-1 mm compr., desiguais; estames 3, livres. Flores pistiladas 2-5 mm compr., glabras, pediceladas; sépalas 3, ca 1 x 2 mm, unidas; ovário ovóide, 1-1,5 x 2 mm, liso. Cápsula subglobóide, ca. 5 x 6 mm, lisa, castanha; pedicelo acrescentado, 0,6-1,6 cm compr.; columela obtriangular. Sementes 3,5-4,5 x 2-3 mm, ovóides, lisas, carunculadas, sem arilo.

Comentários: Encontrada em ambientes xéricos (caatinga hiperxerófila) e em áreas úmidas (brejos e matas ciliares) de várias formações vegetacionais do Brasil. Apresenta acentuada variabilidade morfológica. Sua madeira é utilizada na construção civil, lenha e carvão (Cordeiro, 2008). Caracteriza-se por apresentar ramos espinescentes, folhas com glândulas marginais, címula estaminada 1-3 floras, ovário e fruto lisos e pedicelo

acrescente. Floresce e frutifica de janeiro a abril. Ilustração em Müller (1873).

Material examinado: Lagarto, 07.jan.1982, fl. fr., *E. Carneiro* 373 (ASE). Riachão do Dantas: 15.mar.2012, fl. fr., *D.A. Campos et al.* 63 (ASE); 15.mar.2012, fl. fr., *M.C.V. Farias et al.* 182 (ASE); 06.abr.1983, fl., *E. Carneiro* 650 (ASE).

3. *Mabea piriri* Aubl., Hist. Pl. Guiane 2: 867, t. 334, f. 1.1775.

Nome popular: mangaba-braba

Fig. 1 M-P

Subarbusto a arvoreta 2-4,5 m alt., látex branco, ramos glabros. Folhas 7-12,5 x 2,1-4,2 cm, alternas, elípticas a oblongas, cartáceas, discolores, base obtusa a arredondada, ápice cuspidado, margem crenada, glabras, glândulas marginais ao longo da lâmina, broquidódromas; pecíolo 0,5-1 cm compr.; 1 par de catafilos. Inflorescência axilar, 5-14 cm compr., pubescente. Brácteas com 1 par de glândulas, elipsoides, sésseis; címulas estaminadas umbeliformes, 1-3 flora; flores estaminadas longo pediceladas; sépalas 5, unidas, 0,5-1 cm compr.; estames > 20, livres. Flores pistiladas 3-3,7 cm compr., pubescente a tomentosa, longo pedicelada, 1,5-2,3 cm compr.; sépalas 6, 2-4 x 1-2 mm, desiguais, unidas; ovário ovóide, ca. 2 x 2 mm, liso, densamente tomentoso; coluna estilar até 1 cm. Fruto e semente não vistos.

Comentários: Ocorre em quase todas as regiões do Brasil, associada às florestas Amazônica e Atlântica e em áreas de cerrado (Cordeiro *et al.* 2013). Em Sergipe, foi encontrada em restinga. Caracteriza-se pelo tamanho da inflorescência (5-14 cm compr.), pelas glândulas das brácteas conspícuas, címulas estaminadas umbeliformes, ovário densamente tomentoso e coluna estilar longa (1 cm). Floresce em julho e setembro e frutifica em abril e dezembro.

Material selecionado: Barra dos Coqueiros, IX/2012, fl., *D.A. Campos et al.* 128 (ASE).

Material adicional: **Brasil.Bahia:** Ilhéus, X/1972, fl., *D.P. Lima* 13086 (PEUFR). **Brasil. PERNAMBUCO:** Amaraji, IX/1962, fl., *S. Tavares* 1194 (ASE).

4. *Microstachys* A. Juss.

Erva, subarbusto a arbusto, às vezes escandente, geralmente latescente; ramos glabros a indumentados. Folhas alternas, oval-lanceoladas, ovais a elípticas, membranáceas a coriáceas, glabras a indumentadas, glândulas marginais, broquidódromas a cladódromas; 1 par de catafilos. Inflorescência geralmente opositifólia, glabra a densamente tomentosa. Brácteas com 1 par de glândulas, estipitadas; címulas estaminadas 2-5-flora; sépalas 3, livres; estames 3, livres. Flores pistiladas sésseis a subsésseis; sépalas 3, livres; ovário glabro a densamente tomentoso, estiletos sésseis. Cápsula com deiscência loculicida e septicida, séssil a subséssil, geralmente corniculado; columela obtriangular. Sementes oblongas, lisas, carúncula estipitada, sem arilo.

Gênero pantropical engloba ca. 15 espécies (Esser 2001). Destas, 14 ocorrem no Brasil em áreas de caatinga, campo limpo, campo rupestre, cerrado e restinga (Cordeiro *et al.* 2013). As espécies de *Microstachys* encontradas em Sergipe caracterizam-se pelas inflorescências marcadamente opositifólias, frutos geralmente corniculados e sementes com carúncula estipitada.

Chave para identificação das espécies de *Microstachys* de Sergipe

1. Ramos tomentosos a densamente tomentosos, tricomas dendríticos, ferrugíneos; folhas ovais a elípticas, base arredondada; ovário densamente tomentoso

..... **4.2. *Microstachys heterodoxa***

1'. Ramos glabros a pubescentes, às vezes hirsutos, tricomas simples, esverdeados; folhas ovais-lanceoladas, base cordada; ovário glabro

..... **4.1. *Microstachys corniculata***

4.1. *Microstachys corniculata* (Vahl) Griseb., Fl. Brit. W. I. 49. 1859.

Fig. 2A-C

Subarbusto a arbusto escandente 0,4-2 m alt., ramos glabros a pubescentes, às vezes hirsutos, tricomas simples. Folhas 1-6,4 x 0,3-2,2 cm, oval-lanceoladas, membranáceas a coriáceas, discolores, base cordada, ápice agudo a acuminado, às vezes mucronado, margem minutamente serreada, plana, glabras a pubescentes, glândulas próximo à margem, cladódromas a broquidódromas; pecíolo 0,2-1,8 cm compr. Inflorescência pubérula. Címulas estaminadas 2-5 flora; sépalas oblongas, 0,5-1,5 mm compr. Flores pistiladas 2-3 mm compr., séssil a subséssil, glabra; sépalas ca. 0,5 mm compr.; ovário globóide a oblongóide, ca. 3 x 2 mm, 12-cornos (4 cornos por lóculo), glabro. Cápsula ca. 4 x 3 mm, globóide a oblongóide, corniculada, séssil. Sementes ca. 3 x 2 mm, oblongas, alveoladas, carúncula estipitada.

Comentários: Amplamente distribuída, sendo encontrada em diversos tipos vegetacionais no Brasil. Em Sergipe, ocorre frequentemente em áreas de restinga, caatinga, cerrado e em bordas de matas. Apesar de ser comumente confundida com outras espécies do gênero, *M. corniculata* é reconhecida pelas folhas oval-lanceoladas, de base cordada, látex hialino e frutos geralmente com 12 cornos (4 cornos por lóculo). Floresce e frutifica o ano todo. Ilustrações em Santos & Sales (2009).

Material selecionado: **BRASIL. Sergipe:**, V/1982, fl. fr., M.C. Santana 97 (ASE). Areia Branca, VIII/2012, fl. fr., G.M.A. Matos & E. Santos 158 (ASE). Barra dos Coqueiros, IV/1997, fl., M. Landim & E. Santos 1164 (ASE, IPA). Estância, IX/2012, fl., D.A. Campos *et al.* 147 (ASE). Indiaroba, IX/2012, fr., M.C.V. Farias 243 (ASE). Itabaiana, IX/1981, fl., G. Viana 100 (ASE). Itaporanga, X/2007, fl. fr., A.B. Sales & E. Santos 67 (ASE). Itaporanga d'Ajuda, I/2008, fl., S.M. Costa 270 (ASE). Nossa Senhora da Glória, VI/1984, fl., G. Viana 982 (ASE). Pirambu, 10°38'S, 36°45'28"W, V/2012, fl., A.P. Prata *et al.* 3037 (ASE). São Cristóvão, IV/1984, fl. fr., G. Viana 935 (ASE). Santo Amaro das Brotas, VIII/2011, fl., J.E. Nascimento-Jr. 967 (ASE). Santa

Luzia do Itanhay, 11°22'34"S, 37°25'44"W, IX/2012, fl. fr., L.A. Gomes *et al.* 706 (ASE). Siriri, 10°30'41"S, 37°6'1"W, X/2012, fl. fr., L.A. Gomes 827 (ASE).

4.2. *Microstachys heterodoxa* (Müll. Arg.) Esser, Kew Bull. 53: 959. 1998.

Fig. 2D-F

Arbusto 1,5-2,5 m alt., ramos tomentosos a densamente tomentosos, ferrugíneos. Folhas 1,6-2,5 x 1,3- 2,2 cm, ovais a elípticas, coriáceas, discolores, face adaxial pubescente, verde-escuro a marrom escuro, abaxial tomentosa a densamente tomentosa, amarelada, tricomas dendríticos, glândulas próximo à margem, base arredondada, ápice emarginado, margem sinuosa, revoluta, fracamente broquidódroma a cladódroma; pecíolo 0,2-0,5 cm. Inflorescência tomentosa-pubescente. Címulas estaminadas 4-flora; sépalas oblongas, > 0,5 mm compr. Flores pistiladas ca. 1,5 mm compr., séssil a subséssil; sépalas ca. 0,5 mm compr., margem fimbriada, 1-4 glândulas basilaterais; ovário globóide, ca. 1 x 1 mm, densamente tomentoso, liso. Cápsula e sementes não vistos.

Comentários: Espécie endêmica do Brasil registrada, até o momento, apenas para o Nordeste em áreas de caatinga e campo rupestre (Cordeiro *et al.* 2013). *M. heterodoxa* é facilmente reconhecida pelos ramos fortemente indumentados, com tricomas dentríticos, ferrugíneos. Floresce em abril e novembro. Ilustração em Müller (1873).

Material examinado: **BRASIL. Sergipe:** Barra dos Coqueiros, IV/1997, fl., M. Landim & E. Santos 1161 (ASE, IPA). Estância, XI/2010, fl., T. Carregosa-Silva *et al.* 103 (ASE)

5. *Sapium* Jacq.

Arbusto a árvore 2,5-8 m alt., latescente, ramos glabros. Folhas alternas, elípticas, obovadas a oblongas, membranáceas a coriáceas, glabras, sem glândulas ou com glândulas marginais, margem inteira a serreada; broquidódroma a misto eucamptódroma-broquidódroma; 1 par de glândulas acropielares; 1 par de catafilos. Inflorescência terminal. Brácteas com 1 par de glândulas, sésseis; címulas estaminadas 4-13 flora; sépalas 2, unidas; estames 2, unidos. Flores pistiladas, sésseis; sépalas 3, unidas. Cápsula com deiscência septífraga; columela 3-facetada. Sementes ecarunculadas, ariladas.

Apresenta-se amplamente distribuído na região Neotropical compreendendo 21 espécies (Kruijt 1996). No Brasil são registradas dez espécies, das quais quatro estão representadas no Nordeste (*S. argutum*, *S. haematospermum*, *S. glandulosum* e *S. obovatum*) (Cordeiro *et al.* 2013), duas delas registradas na flora sergipana. O gênero distingue-se dos demais da tribo Hippomaneae por apresentar glândulas acropielares e sementes ariladas.

Chave para identificação das espécies de *Sapium* de Sergipe

1. Folhas fortemente serradas e com glândulas marginais, ápice agudo a cuspidado; estípulas inteiras; címula estaminada 4-7 floras; semente ovóide**5.1. *Sapium argutum***
1'. Folhas inteiras a serruladas sem glândulas marginais, ápice cuculado-inflexo; estípulas fimbriadas; címula estaminada 9-13 floras; semente elipsóide ... **5.2. *Sapium glandulosum***

5.1. *Sapium argutum* (Müll. Arg.) Huber, Bull. Herb. Boiss. 2(6): 439. 1906.

Nomes populares: burra-leiteira, pau-de-leite

Fig. 2G-I

Arbusto a árvore 2,5-8 m alt. Folhas 2,7-11,7 x 1-5,6 cm, elípticas a obovadas, membranáceas a coriáceas, base aguda a atenuada, às vezes arredondada, ápice agudo a cuspidado, margem fortemente serrada com glândulas, broquidódromas; estípulas inteiras; pecíolo 0,3-1 cm compr. Inflorescência 3,1-5,7 cm compr. Brácteas 0,6-1,5 mm compr., oboval-depressa; glândulas 1-3 x 1,8-2,8 mm, oblongas a circulares; címulas estaminadas 4-7 floras; sépalas 1,8-2,1 mm compr., lobos obovais; estames 2-2,2 mm compr. Flores pistiladas 1,2-1,5 mm compr., sésseis; sépalas ca 1 x 2 mm; ovário ovóide, 2,8-3 x 2-2,5 mm. Cápsula globóide, 0,7-0,8 x 0,8-0,9 cm. Sementes 5-7 x 5 mm, ovóides, verruculosas.

Comentários: Espécie endêmica do Nordeste brasileiro, sendo encontrada em vegetação de floresta atlântica, restinga e em caatinga. Caracteriza-se por apresentar pecíolo curto (0,3-1 cm compr.), lâmina foliar fortemente serrada com glândulas marginais, de ápice foliar agudo a cuspidado, e pela címula estaminada 4-7 floras. Floresce de janeiro a maio e frutifica de janeiro a junho. Ilustrações em Santos & Sales (2009).

Material selecionado: **BRASIL. Sergipe:** 11°07'44"S, 37°08'42"W, I/2012, fr., E.V.S. Oliveira 25 (ASE). Barra dos Coqueiros, VI/1995, fl., fr., M. Landim 385 (ASE). Canindé de São Francisco, I/2011, fl., A.C.C. Silva & S.M. Rocha 311 (ASE); Lagarto, III/1982, fr., M.N. Almeida 59 (ASE). Pacatuba, 10°31'50"S, 36°36'35"W, VI/2012, fr., D.G. Oliveira et al. 354 (ASE). Pirambu, III/2011, fl., fr., M.A. Farinnacio et al. 857 (ASE). Porto da Folha, III/2011, fl., D.G. Oliveira et al. 124 (ASE).

5.2. *Sapium glandulosum* (L.) Morong, Ann. New York Acad. Sci. 7: 227. 1893.

Sapium glandulatum (Vell.) Pax, Engler, H.G.A., Pflanzenr. (Engler), IV, 147, V: 229, 1912.

Nome popular: pau-de-leite

Fig. 2J-L

Árvore 4,5-8 m alt. Folhas 8,7-14,5 x 3,2-5,5 cm, elípticas a oblongas, membranáceas a cartáceas, base atenuada, ápice cuculado-inflexo, margem inteira a serrulada, sem glândulas, eucamptódroma-broquidódroma; estípulas fimbriadas; pecíolo 1,5-2,5 cm compr. Inflorescência 14,3-18 cm compr. Brácteas 1,5 mm compr., deltóides; glândulas 2-2,5 x 1,4-1,6 mm, elípticas a arredondadas; címulas estaminadas 9-13 floras; sépalas 1-1,7 mm compr., lobos obovais. Flores pistiladas 2-3 mm compr., sésseis; sépalas ca. 2 x 3 mm;

ovário globóide a ovóide, 3-4 x 2,5-3 mm. Cápsula globóide a obovoide, 1-1,2 x 1,2-1,5 cm. Sementes ca. 7 x 5 mm, elipsóides, verruculosas.

Comentários: Ocorre em florestas úmidas e decíduas de todas as regiões do Brasil (Santos & Sales 2009). Em Sergipe, foi encontrada em floresta atlântica e caatinga em solos pedregosos. Caracteriza-se pelo pecíolo longo (1,5-2,5 cm compr.), ápice foliar cuculado-inflexo, margem foliar inteira a discretamente serrada, sem glândulas, e pela címula estaminada com 9-13 floras. Não foi encontrado registro da época de florescimento e frutificação em Sergipe. Ilustrações em Santos & Sales (2000) e Pscheidt & Cordeiro (2012). Material selecionado: **BRASIL. Sergipe:** Areia Branca, 10°49'17"S, 37°23'83"W, 275 m, VI/2007, M.F.A. Lucena et al. 1792 (UFP). Malhador, VIII/2000, G. Viana & P.C. Umbelino 54 (ASE). Porto da Folha, VI/2007, M.F.A. Lucena et al. 1839 (UFP).

Material adicional: **BRASIL. PERNAMBUCO:** Garanhuns, XII/1948, fl., D.A. Lima 48-138 (ESA). DISTRITO FEDERAL, Brasília, XII/1961, fl., E.P. Heringer 8745/939 (UB). GOIÁS, Doverlândia, 16°52'S, 52°20'W, XI/1994, fr., J.A. Ratter et al. R.7371 (UB).

6. *Sebastiania* Spreng.

Arbusto a árvore, latescente, ramos espinescentes ou não, glabros. Folhas estreitamente elípticas a largamente elípticas até oboval-espauladas, membranáceas até coriáceas, glabras, sem glândulas, broquidódromas; 1 par de catafilos, ovais, caducos ou persistentes. Inflorescência terminal. Brácteas com 1-3 pares de glândulas, sésseis; címulas estaminadas 1-3 floras; sépalas até 3, livres; estames 3(2), livres. Flores pistiladas sésseis ou curtamente pediceladas; sépalas 3, livres, internamente com glândulas digitiformes. Cápsula com deiscência loculicida e septicida; columela claviforme. Sementes lisas, ecarunculadas, sem arilo.

Sebastiania é um gênero neotropical reunindo 17 espécies associadas a afloramentos rochosos em regiões semiáridas, onde a vegetação circundante é decídua ou semidecídua. De um modo geral, as espécies crescem em áreas próximas à margem de corpos d'água (Melo 2006). Sete espécies são endêmicas do Brasil, das quais cinco estão distribuídas no Nordeste com duas delas registradas no estado de Sergipe. Diferencia-se por não apresentar glândulas foliares e pela semente ecarunculada.

Chave para identificação das espécies de *Sebastiania* de Sergipe

1. Ramos nunca espinescentes; folhas distribuídas regularmente ao longo dos ramos, elípticas a largamente elípticas **6.1. *Sebastiania jacobinensis***
1'. Ramos geralmente espinescentes; folhas adensadas no ápice dos ramos, oboval-espauladas a estreitamente elípticas **6.2. *Sebastiania riparia***

6.1. *Sebastiania jacobinensis* (Müll. Arg.) Müll. Arg. in DC., Prodr. 15(2): 1188. 1866.

Nome popular: pau-de-leite, murta

Fig. 2M

Arbusto a árvore 2-8 m alt.; ramos nunca espinescentes. Folhas 2,1-9,6 x 1,5-6,1 cm, elípticas a largamente elípticas, membranáceas a ligeiramente cartáceas, base aguda a arredondada, ápice agudo a apiculado, raro arredondado, margem inteira a ligeiramente crenada; pecíolo 0,2-1,7 cm compr. Inflorescência 2-3,5 cm compr. Brácteas com 1-3 pares de glândulas, circulares a ligeiramente oblongas; címulas estaminadas 1-3-flora; sépalas 0,1-0,2 mm compr., filiformes; estames 3. Flores pistiladas ca. 3 mm compr., séssil; sépalas 1-2 x 1,1 mm, largamente triangulares, internamente com glândulas digitiformes; ovário ovóide, ca. 1,3 x 1 mm, discretamente trígono. Cápsula triangular, ca. 7 x 8 mm. Sementes ca. 3,2 x 2,3 mm, largamente elipsóides, marrons.

Comentários: Restrita ao Nordeste do Brasil (Melo 2006). Em Sergipe foi registrada em caatinga hipoxerófila, caatinga arbórea e em floresta estacional decidual. Caracteriza-se por apresentar folhas elípticas a largamente elípticas e regularmente distribuídas ao longo dos ramos. Floresce de outubro a maio e frutifica em maio. Ilustrações em Melo (2006).

Material selecionado: **BRASIL. Sergipe:** Frei Paulo, XI/1981, fl., M.C. Santana 42 (ASE). Nossa Senhora da Glória, XII/1981, fl., G. Viana 328 (ASE).

6.2. *Sebastiania riparia* Schrad., Neuwied Reise Brás: 26. 1821.

Nomes populares: aração brabo, maria mole, murici-brabo

Fig. 2N

Arbusto a árvore 2-5 m alt.; ramos às vezes espinescentes. Folhas 1,5-5 x 0,6-1,1 cm, oboval-espatuladas a estreitamente elípticas, cartáceas a coriáceas, base aguda, ápice arredondado a retuso, margem crenada; pecíolo ca. 0,1 cm compr. Inflorescência 1,6-2,6 cm compr. Brácteas com 1-2 pares de glândulas, circulares; címulas estaminadas 3-floras; sépalas 0,3-0,5 mm compr., subuladas; estames 2-3. Flores pistiladas 2-3,5 mm compr., séssis ou pediceladas; sépalas 1,3-1,8 x 1,2-1,3 mm, ovais, internamente com glândulas digitiformes; ovário piriforme, 1,6-1,8 x 1-1,3 mm. Cápsula triangular, 5-6 x 6-7 mm. Sementes ca. 4 x 3 mm, ovóides, castanhas com máculas marrom-claro.

Comentários: Endêmica do Brasil (AL, BA, PB, SE, ES, SP) (Melo 2006). Ocorre associada a cursos de água, sendo encontrada às margens do rio São Francisco no estado de Sergipe. Pode ser reconhecida pelas folhas oboval-espatuladas a estreitamente elípticas, adensadas no ápice dos ramos e algumas vezes, espinescentes. Floresce de dezembro a fevereiro e frutifica de dezembro a setembro. Ilustrações em Müller (1873) e Melo (2006).

Material selecionado: **BRASIL. Sergipe:** Canindé de São Francisco, 3°33'23,5"S,

37°56'24,5"W, III/2000, fr., Moura & Silva 1071 (PEUFR, UFP).

7. *Stillingia trapezoidea* Ule, Bot. Jahrb. Syst. 42: 223. 1908.

Nome popular: burra-leiteira

Fig. 2O-P

Subarbusto a arbusto ca. 1,8 m alt., latescente; ramos glabros. Folhas 1,5-4,1 x 0,7-1,5 cm, elíptico-rômbricas, coriáceas, base atenuada, ápice cuspidado, margem crenada, glabras, sem glândulas, eucamptódromas; pecíolo 0,5-1 cm compr.; 1 par de catafilos. Inflorescência terminal, 3-3,3 cm compr. Brácteas com 1 par de glândulas, disciformes, séssis; címulas estaminadas 3-7 flora; sépalas 2, unidas, ca. 1,1 mm compr., lobos obovais; estames 2, unidos. Flores pistiladas 3,5-5,1 mm compr., séssis; sépalas 3, livres, 1,3-2 mm compr., obovais; ovário ovóide, 1,8-2,0 x 1,6-2,0 mm, liso. Cápsula com deiscência loculicida e septicida, 3-lobada, 6-9 x 6,5-9 mm; com carpidióforo; columela 3-facetada. Sementes 3,5-4,5 x 2,8-4 mm, ovóides a elipsóides, rugosas, carunculadas, sem arilo.

Comentários: *Stillingia* abrange aproximadamente 30 espécies predominantemente americanas, distribuídas nas regiões subtropicais e temperadas (Esser 2012). *S. trapezoidea* é encontrada no Nordeste do Brasil em caatinga, carrasco e em brejos de altitude, sobre afloramentos rochosos. Em Sergipe, foi registrada em áreas de caatinga e brejo de altitude. Esta espécie pode ser facilmente reconhecida pelas folhas elíptico-rômbricas, sem glândulas, e pelo carpidióforo. Floresce e frutifica de fevereiro a outubro. Ilustrações em Santos & Sales (2009).

Material selecionado: **BRASIL. Sergipe:** Poço Redondo: X/2010, fl., fr., W.J. Machado & J.B. Jesus 760 (ASE).

Referências Bibliográficas

APG III. 2009. An update of the Angiosperm Phylogeny Group classification for the orders and families of flowering plants: APG III. **Botanical Journal of the Linnean Society**, 161, 105-121.

Carneiro-Torres, D.S. 2009. Diversidade de *Croton* no Bioma Caatinga. **Tese de Doutorado** - Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana.

Cordeiro, I.; Secco, R.; Cardiel, J.M.; Steinmann, V.; Caruzo, M.B.R.; Riina, R.G.; Lima, L.R.; Maya-L., C.A.; Berry, P.; Carneiro-Torres, D.S.; Pscheidt, A.C.; Silva, O.L.M.; Melo, A.L.; Sales, M.F.; Silva, M.J.; Oliveira, L.S.D.; Souza, S.M.A.; Sodré, R.C. 2013. *Euphorbiaceae*. In: Lista de Espécies da Flora do Brasil. Jardim Botânico do Rio de Janeiro. (<http://floradobrasil.jbrj.gov.br/jabot/floradobrasil/?id=FB113>).

Esser, H. J. 2001. Tribe Hippomaneae, Pachystromateae & Hureae. Pp. 352-361. In: Radcliffe-Smith, A. (ed.). **Genera Euphorbiacearum**. Royal Botanic Gardens, Kew.

Esser, H.-J. 2012. The tribe Hippomaneae (Euphorbiaceae) in Brazil. **Rodriguesia** 63(1): 209-225.

Eymael, P.P. 2012. Estudo taxonômico sobre o gênero *Actinostemon* Mart. ex Klotzsch (Hippomaneae, Euphorbiaceae) no Brasil. Recife. **Dissertação de Mestrado** - Universidade Federal Rural de Pernambuco.

Govaerts, R.; Frodin, D. G.; Radcliffe-Smith, A. 2000. **World checklist and bibliography of Euphorbiaceae**

(with Pandaceae). 4 vols. Royal Botanic Gardens, Kew, UK.
 Jablonski, E. 1969. Notes on neotropical Euphorbiaceae: 4. Monograph of the genus *Actinostemon*. **Phytologia** 18(4): 213-240.

Kruijt, R.C. 1996. A taxonomic monograph of *Sapium* Jacq., *Anomostachys* (Baill.)Hurus, *Duvigneaudia* J. Léonard and *Sclerocroton* Hochst. (Euphorbiaceae, Tribe Hippomaneae). **Bibliotheca Botanica** 146: 1-109.

Lucena, M.F.A. 2009. Diversidade de Euphorbiaceae s.l. no Nordeste do Brasil, Recife. **Tese de Doutorado**- Universidade Federal de Pernambuco.

Melo, A.L. 2006. Revisão de *Sebastiania* Spreng. *sensu stricto* (Euphorbiaceae - Hippomaneae). Recife. **Tese de Doutorado**- Universidade Federal Rural de Pernambuco.

Müller, A. 1863. Euphorbiaceae. **Linnaea** 32(1): 1-126.

Müller, A. 1873. Euphorbiaceae. Pp. 1-751. In: Martius, C.F.P. (ed.). **Flora Brasiliensis**. Vol. 11, part 2. Lipsiae, F. Fleisher.

Pax, F. & Hoffmann, K. 1912. Euphorbiaceae-Hippomaneae. Pp. 57-198. In: Engler, A. (ed.). **Das Pflanzenreich regni vegetabilis conspectus**. Vol. IV (147) V (Heft 52). Leipzig: Engelmann.

Pscheidt, A.C. & Cordeiro, I. 2012. Sinopse da tribo Hippomaneae (Euphorbiaceae) no Estado de São Paulo. **Hoehnea** 39(3): 347-368.

Rogers, D.J. 1951. A revision of *Stillingia* in the New World. **Annals of the Missouri Botanical Garden** 38: 207-259.

Santos, V. J. & Sales, M.F. 2009. A tribo Hippomaneae A. Juss. ex Spach. (Euphorbiaceae Juss.) no Estado de Pernambuco, Brasil. **Acta Botanica Brasilica** 23(4): 976-990.

Souza, V.C. & Lorenzi, H. 2008. **Botânica sistemática: guia ilustrado para identificação das famílias de Fanerógamas nativas e exóticas no Brasil, baseado em APG II**. 2ªed. Nova Odessa: Instituto Plantarum.

Lista de exsicatas

Almeida, M.N. 59 (5.1); Amaral, C. 28 (3); Calazans, C. 377 (4.1); Campos, D.A. 63 (2), 128 (3), 147 (4.1), 200 (4.1); Carneiro, E. 373 (2), 650 (2); Carregosa-Silva, T. 103 (4.2); Coelho 130 (6.2), 446 (6.2); Cordeiro, L.M. 64 (6.2), 120 (6.2); Costa, S.M. 270 (4.1), 466 (4.1); Cruz, A. 69 (3); Déda, R.M. 166 (4.1); Farias, M.C.V. 182 (2), 243 (4.1); Farinnacio, M.A. 848 (4.1), 857 (5.1); Farney, C. 3062 (1.1); Fonseca, M. 228 (4.1), 533 (4.1); Gomes, E. 212 (4.1); Gomes, L.A. 262 (4.1), 544 (4.1), 706 (4.1), 827 (4.1), 887 (4.1); Heringer, E.P. 8745/939 (5.2); Landim, M. 385 (5.1), 1154 (3), 1161 (4.2), 1164 (4.1); Lima, D.A. 48-138 (5.2), 13086 (3); Lucena, M.F.A. 1792 (5.2), 1839 (5.2); Lyra-Lemos 4454 (1.1); Machado, W.J. 196 (7), 283 (7), 760 (7); Matos, G.M.A. 96 (1.1), 148 (1.2), 158 (4.1); Moura, D.C. 1071 (6.2); Nascimento-Junior, J.E. 123 (4.1), 967 (4.1); Oliveira, D.G. 124 (5.1), 354 (7); Oliveira, E.V.S. 25 (5.1); Prata, A.P. 1672 (4.1), 2780 (4.1), 2789 (4.1), 3037 (4.1), 3127 (4.1); Ratter, J.A.R. 7371 (5.2); Sales, A.B. 67 (4.1); Sales, M.F. 1010 (6.2); Santana, M.C. 42 (9); 97 (4.1); Santos, L.A.S. 592 (4.1); Schmidt, S. 213 (5.1); Silva, A.C.C. 311 (5.1), 318 (5.1); Silva, R.A. 1111 (6.2), 1739 (6.2), 1813 (6.2); Silva 71 (1.2); Tavares, S. 1194 (3); Viana, G. s.n (ASE782)(6.1), 54 (8), 89 (1.2), 100 (4.1), 262 (6.1), 328 (6.1), 374 (4.1), 935 (4.1), 947 (6.1), 982 (4.1), 1209 (1.2), 1406 (1.2), 1413 (1.1).



Figura 1. A-B. *Actinostemon appendiculatus* Jabl.: A. Folhas pseudoverticiladas. B. Flor pistilada monoclamídea, ovário apendiculado (Farney et al. 3062). C-E. *Actinostemon concolor* (Spreng.) Müll. Arg.: C. Folhas alternas. D. Fruto liso e longo pedicelado. E. Flor pistilada aclamídea e sem apêndices (G. Viana 89). F-L. *Gymnanthes klotzschiana* Müll. Arg.: F. Indumento concentrado na base da lâmina ou próximo à nervura central. G. Folhas com glândulas marginais. H. Detalhe da glândula marginal. I. Inflorescência. J. Flor estaminada. K. Flor pistilada. L. Fruto (E. Carneiro 373; D.A. Campos et al. 63). O-P. *Mabea piriri* Aubl.: M. Inflorescência. N. Flor pistilada. O. Flor estaminada. P. Fruto (A. Cruz & Santos 69; Fruto adaptado de Pscheidt & Cordeiro (2012)).

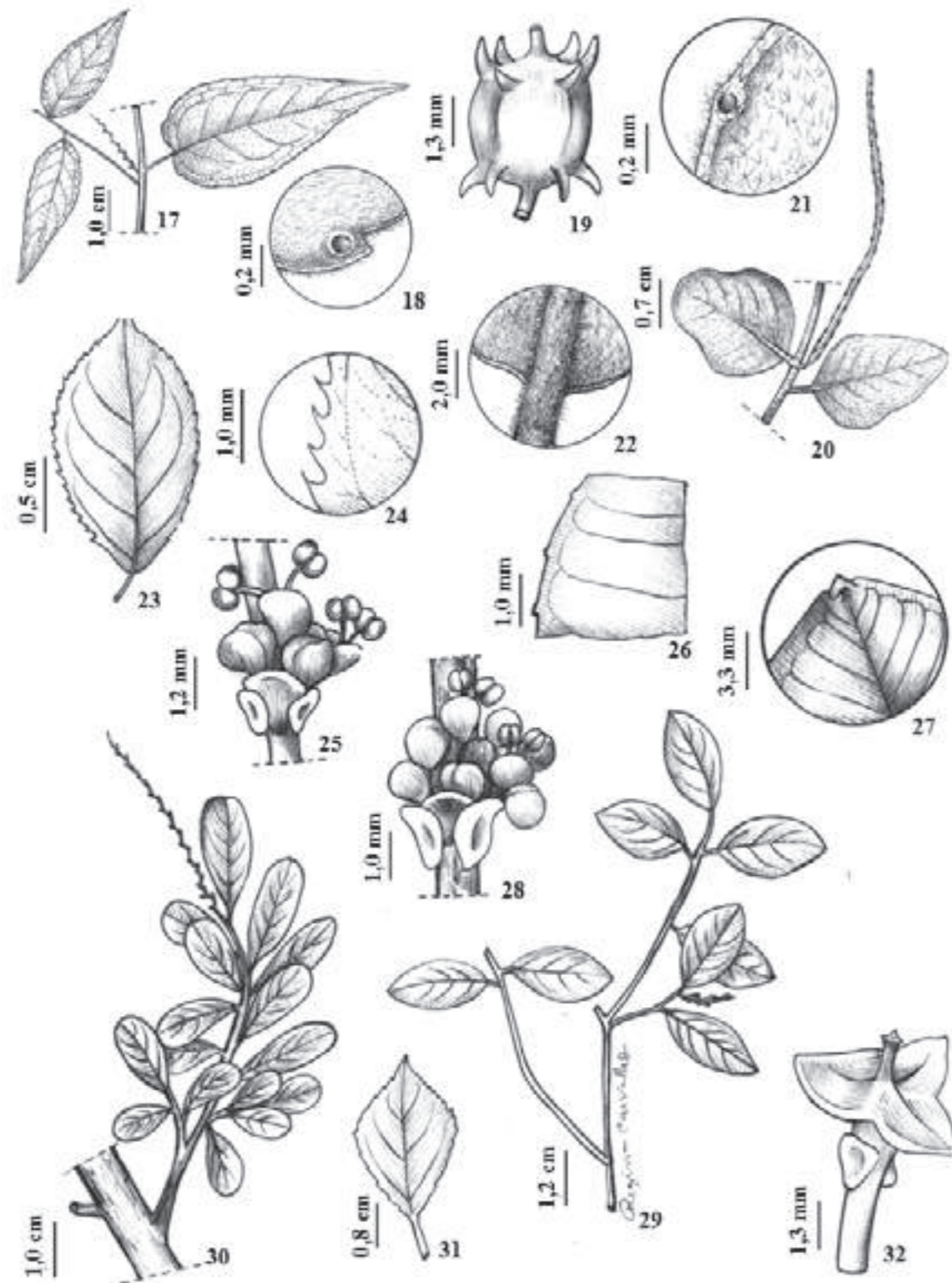


Figura 2. A-C. *Microstachys corniculata* (Vahl) Griseb.: A. Folha oval-lanceolada, base cordada. B. Detalhe da glândula marginal. C. Fruto corniculado (L.A. Gomes et al. 706). D-F *Microstachys heterodoxa* (Müll. Arg.) Esser: D. Ramo florido. E. Detalhe da glândula marginal. F. Face abaxial evidenciando o tipo de indumento (M. Landim & E. Santos 1161). G-I. *Sapium argutum* (Müll. Arg.) Huber: G. Folha evidenciando a margem e o ápice. H. Detalhe da margem fortemente serrada. I. Címula estaminada (M. Landim 385). J-L. *Sapium glandulosum* (L.) Morong: J. Detalhe da margem foliar discretamente serrada. K. Detalhe do ápice cuculado-inflexo. L. Címula estaminada (D.A. Lima 48-138). *Sebastiania jacobinensis* (Müll. Arg.) Müll. Arg.: M. Ramo florido (G. Viana 328). *Sebastiania riparia* Schrad.: N. Ramo florido (D. Moura et al. 1071). O-P. *Stillingia trapezoidea* Ule: O. Folha elíptico-rômbica eglandular. P. Carpidióforo (W.J. Machado et al. 196).

Ervas ou arbustos, clorofilados ou aclorofilados, geralmente glabros; raízes com escamas presentes ou ausentes; caule cilíndrico ou anguloso. Folhas opostas, simples, e às vezes reduzidas a escamas (*Voyria*), sésseis, margem inteira, padrão de nervação pinado; estípulas ausentes. Inflorescências racemosas, espiciformes ou cimeiras, bracteadas ou não, ou flores solitárias. Flores actinomorfas, bissexuadas, diclamídeas, heteroclamídeas, tetrâmeras ou pentâmeras, gamossépalas, gamopétalas, sésseis ou pediceladas; bractéolas presentes ou não; estames 4-5 (isostêmone), alternipétalos; ovário súpero, bicarpelar, unilocular, pluriovulado, placentação parietal, axial ou central-livre; estames sésseis ou não; estilete único, estigma único, bilobado, caliciforme, capitado ou em forma de disco. Fruto cápsula. Sementes globosas, elípticas, filiformes, quadrangulares ou angulosas.

Gentianaceae está amplamente distribuída no mundo, bem representada em número de espécies na região temperada e na região Neotropical é bastante diversificada no Escudo das Guianas (Struwe & Albert 1998; Struwe et al. 1999; Struwe & Albert 2004). A família possui cerca de 85 gêneros e 1.600 espécies, onde no Brasil ocorrem 31 gêneros e 115 espécies distribuídas por todo o território, sendo o domínio da Amazônia aquele que possui o maior registro de espécies, seguido pelo Cerrado e Mata Atlântica (Struwe & Albert 2004; Guimarães et al. 2013). No Nordeste estão registrados 14 gêneros e 43 espécies, dos quais cinco gêneros e sete espécies ocorrem em Sergipe.

Chave para identificação de gêneros e espécies de **Gentianaceae** de Sergipe

1. Ervas aclorofiladas 2
2. Flores organizadas em inflorescência **6. *Voyria caerulea***
2. Flores solitárias 3
3. Flores 2,4-2,8 cm compr., corola amarela, lacínios com ápice agudo a acuminado **5. *Voyria aphylla***
3. Flores 0,8-1,2 cm compr., corola lilás a roxa, lacínios com ápice arredondado ou raro levemente emarginado **7. *Voyria obconica***
1. Ervas e arbustos clorofilados 4
4. Flores pentâmeras 5
5. Ervas; folhas 4-7,5 x 0,3-1 mm, lineares a estreitamente obovadas; corola alva a amarelada **3. *Curtia tenella***

¹ Laboratório de Morfo-Taxonomia Vegetal, Departamento de Botânica, Universidade Federal de Pernambuco, Cidade Universitária, Av. Professor Moraes Rego, 50670-901, Recife, Pernambuco, Brasil. (aline_vmelo@yahoo.com.br).

5. Arbustos; folhas 1,7-6,5 x 1,2-2,8 cm, lanceoladas a elípticas; corola azulada a lilás
 **1. *Chelonanthus purpurascens***
 4. Flores tetrâmeras 6
 6. Inflorescência espiciforme; corola alva **2. *Coutoubea spicata***
 6. Inflorescência cimeira; corola amarela a lilás **4. *Schultesia guianensis***

1. *Chelonanthus purpurascens* (Aubl.) Struwe, S. Nilsson & V.A. Albert., Harvard Pap. Bot. 3: 70. 1998.

Fig. 1. A-D

Arbustos 0,4-2 m alt., clorofilados, ramificados ou sem ramificações; caules tetragonais ou raramente cilíndricos. Folhas 1,7-6,5 x 1,2-2,8 cm, lanceoladas a elípticas, base decorrente ou arredondada, ápice agudo, margem ciliada a glabra. Inflorescências (4)6,5-18(20) cm compr., cimeiras; brácteas 2-5 x 1-2 mm, deltoides a lineares, ápice agudo. Flores 2-4,7 cm compr., pentâmeras; pedicelos 0,3-1,2 cm compr.; cálice verde, tubular a campanulado, lacínios 0,3-0,6 cm compr., elípticos a oblongos, ápice arredondado; corola azulada a lilás, campanulada a infundibuliforme, lacínios 0,3-1,1 cm compr., ovoides a deltoides, ápice arredondado a levemente aristado; filetes 1-2,6 cm compr., desiguais no tamanho, alas ausentes; estames oblongos, ápice e base arredondados; ovário 5-10 x 2-3 mm; estigma bilobado. Cápsulas 1-1,9 x 0,4-0,6 cm, elipsoide a globoide, glabra. Sementes 0,25-0,8 x 0,2-0,5 mm, quadrangulares.

Comentários: *Chelonanthus* Gilg possui oito espécies, distribuídas desde o México à Bolívia, com maior diversidade no Escudo das Guianas (Struwe *et al.* 1999). Para o Brasil são citadas nove espécies com ocorrência na Amazônia, Caatinga, Cerrado e Mata Atlântica. Na região Nordeste ocorre quatro espécies: *Chelonanthus fistulosus* (Poir.) Gilg, *C. grandiflorus* (Aubl.) Chodat & Hassl., *C. purpurascens* (Aubl.) Struwe, S. Nilsson & V.A. Albert. e *C. viridiflorus* (Mart.) Gilg (Calió 2013). No estado de Sergipe é citada apenas uma espécie: *C. purpurascens* (Mendes *et al.* 2010). *Chelonanthus purpurascens* está distribuída na Colômbia, Venezuela, Guianas, Peru e Brasil, onde ocorre na Amazônia, Caatinga, Cerrado e Mata Atlântica (Struwe *et al.* 1999; Guimarães *et al.* 2013). No Nordeste, a espécie ocorre no Maranhão, Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco, Sergipe e Bahia (Mendes *et al.* 2010; Calió 2013), e, em Sergipe, foi encontrada em áreas abertas e em borda de mata. É fácil distinguir das demais espécies da família por serem arbustos clorofilados de flores azuladas a lilás e de corolas campanuladas. Em Sergipe a espécie floresce ao longo do ano, e foram observados indivíduos com frutos nos meses de março, e entre maio e novembro.

Material selecionado: **BRASIL. Sergipe:** Areia Branca, 25/VIII/2008, fl. fr., S.M. Costa & E. Santos 428 (ASE); Estância, 1/X/2010, fl. fr., C. Calazans *et al.* 357 (ASE); Itabaiana, 13/VI/2008, fl. fr., G. Viana 1270 (ASE); Japarutuba, 18/II/2011, fl., M.A. Farinacio *et al.* 812 (ASE); Santa Luzia do Itanhy, 2/IX/2009, fl., S.M. Costa *et al.* 601 (ASE); São Cristovão, 3/X/1981, fl. fr., M.N. Almeida 2 (ASE).

2. *Coutoubea spicata* Aubl., Hist. pl. Guiane 1: 72-74. 1775.

Fig. 1. E-G

Arbustos 0,35-1,5 m alt., clorofilados, ramificados ou sem ramificações; caule cilíndrico ou levemente anguloso. Folhas 2-9,5 x 0,6-2,9 cm, elípticas a lanceoladas, base arredondada ou cuneada, ápice agudo a aristulado, margem glabra. Inflorescências 3,2-23 cm compr., espiciformes; brácteas 0,3-0,5 x 0,05-0,1 cm, lineares, ápice agudo ou aristulado. Flores 0,7-1,8 cm compr., tetrâmeras, sésseis; cálice verde, tubular; lacínios 0,3-0,7 cm compr., estreitamente deltoides, ápice agudo; corola alva, hipocrateriforme, lacínios 4-8 mm compr., lanceolados, ápice acuminado; filetes 4-7 mm compr., iguais no tamanho, alas ausentes; ovário 4-5 x 1-1,5 mm; estigma bilobado. Cápsulas 0,5-0,8 cm compr., quase do mesmo tamanho do cálice, elipsoide, de ápice agudo. Sementes 0,2-0,4 x 0,2-0,4 mm, globosa, de superfície irregular.

Comentários: *Coutoubea* Aubl. possui cinco espécies ocorrendo desde o México até a Bolívia (Guimarães & Kleins 1985; Struwe *et al.* 1999). No Brasil, está representado por quatro espécies, distribuídas na Amazônia, Cerrado e Mata Atlântica (Guimarães & Klein 1985; Guimarães & Saavedra 2013a). Na região Nordeste, são encontradas duas espécies (*Coutoubea ramosa* Aubl. e *C. spicata* Aubl.), mas apenas uma em Sergipe (Guimarães & Saavedra 2013a). *Coutoubea spicata* ocorre do México ao Peru, e no Brasil está presente na Amazônia, Cerrado e Mata Atlântica. Para o Nordeste, há registro para os estados do Maranhão, Piauí, e de Pernambuco à Bahia (Guimarães & Saavedra 2013a). Em Sergipe, a espécie foi encontrada em áreas abertas e bordas de mata. É diferenciada das demais espécies da família por sua inflorescência espiciforme e pela cor alva da corola, que podem exalar odor adocicado. Em Sergipe foi encontrada em floração entre os meses de agosto e dezembro, e em frutificação de agosto a setembro.

Material selecionado: **BRASIL. Sergipe:** Aracaju, 25/XI/2007, fl., C.R. Braguini 1 (ASE); Areia Branca, 14/X/2007, fl., B.S. Amorim *et al.* 180 (ASE, UFP); Capela, 4/XI/2011, fl., L.A. Gomes *et al.* 207 (ASE, UFP); Estância, 16/XII/2009, fl., C. Calazans *et al.* 344 (ASE); Indiaroba, 25/VIII/1997, fl. fr., M. Landim *et al.* 1350 (ASE); Itabaiana, 23/X/1997, fl. A. Vicente 61 (ASE); Itaporanga, 22/IX/2008, fl., I.S. Matos *et al.* 63 (ASE); Largato, 23/IX/2010, fl., L.S.A. Santos 389 (ASE); Santa Luzia do Itanhy, 6.X.1993, fl., S.C. Sant'Ana *et al.* 385 (ASE); São Cristovão, 4/X/1984, fl., G. Viana 1042 (ASE).

3. *Curtia tenella* (Mart.) Cham., Linnaea 8: 13. 1833.

Ervas 10-15 cm alt., clorofiladas, sem ramificações; caules cilíndricos. Folhas 0,4-0,75 x 0,03-0,1 cm, lineares a estreitamente obovadas, base obtusa a cuneada, ápice arredondado a agudo, margem glabra. Inflorescências 1-1,7 cm compr., cimeiras; brácteas 0,15-0,4 x 0,03-0,05 cm compr., duas inseridas na base da inflorescência. Flores 0,5-0,8 cm compr., tetrâmeras; pedicelo 0,15-0,25 cm compr.; cálice verde, tubular, lacínios 0,3-0,5 x 0,03-0,05 cm, lineares, ápice agudo; corola alva a amarelada, hipocrateriforme, lacínios 0,2-0,3

x 0,05-0,1 cm, obovados, ápice arredondado; filetes de até 0,05 cm de compr., iguais no tamanho, alas ausentes; ovário 0,15-0,2 x 0,1-0,15 cm, estigma bilobado. Cápsulas 0,3-0,4 x 0,1-0,15 cm, elipsoides, estilete persistente. Sementes 0,2-0,5 x 0,2-0,5 mm, globosas a angulosas.

Comentários: *Curtia* Cham. & Schltl. possui oito espécies e está distribuído pela Região Neotropical (Crespo & Marcondes-Ferreira 2009). No Brasil, estão presentes sete delas, com representatividade na Amazônia, Cerrado e Mata Atlântica. No Nordeste, estão registradas três espécies, *Curtia tenella* (Mart.) Cham., *C. tenuifolia* (Aubl.) Knobl. e *C. verticillaris* (Spreng.) Knobl., mas apenas *Curtia tenella* está presente em Sergipe (Guimarães & Saavedra 2013b).

C. tenella ocorre desde Honduras até a Bolívia, Suriname e Guiana Francesa, e no Brasil pode ser encontrada na Amazônia e Cerrado, em áreas abertas. Em Sergipe, foi registrada em áreas abertas, e diferencia-se das demais espécies da família por ser uma erva clorofilada delicada e de pequeno porte, com folhas e flores pequenas. Em Sergipe foi encontrada em floração em agosto e outubro, e em frutificação apenas no mês de outubro.

Material examinado: **BRASIL. Sergipe:** Areia Branca, 25/VIII/2008, fl., S.M. Costa 432 (ASE); Itabaiana, 13/X/2007, fl. fr., K. Mendes et al. 133 (UFP).

4. *Schultesia guianensis* (Aubl.) Malme, Ark. Bot. 3 (12): 9. 1904.

Ervas 4-15 cm alt., clorofiladas, ramificadas ou sem ramificações; caules angulosos. Folhas (0,7)1-1,9 x (0,1)0,3-0,6 cm, elípticas a oblongas ou raro lineares, base cuneada a arredondada, ápice agudo a obtuso, ou raramente acuminado, margem glabra. Inflorescência com até 3 cm de compr., cimeiras ou reduzidas a uma única flor; brácteas ausentes. Flores 1,5-2 cm compr., tetrâmeras; pedicelo 0,2-0,6 cm compr.; cálice verde, tubular, alado, lacínios 0,5-0,8 x 0,3-0,7 cm, lineares, ápice agudo; corola amarela a lilás, hipocrateriforme, lacínios 0,5-0,8 cm compr., ovados, ápice arredondado a levemente acuminado; filetes 0,8-1,3 cm compr., desiguais no tamanho, alados, alas de até 0,6-0,7 cm de altura, dentadas em seu ápice; ovários 0,5-0,7 x 0,2-0,4 cm, estigma bilobado. Cápsulas 0,5-0,7 x 0,2-0,3 cm, elipsoides, glabras. Sementes 0,1-0,3 x 0,2-0,4 mm, quadrangulares ou angulosas.

Comentários: *Schultesia* Mart. contém aproximadamente 20 espécies, e está presente desde o México até o Paraguai e Brasil, com representantes também na África (Struwe 1999; Guimarães 2002). No Brasil, o gênero está representado em todos os estados, com 18 espécies, das quais 14 ocorrem na região Nordeste (Guimarães & Saavedra 2013c). *Schultesia guianensis* ocorre desde o México até o Brasil, Senegal e Madagascar (Guimarães 2002). É uma espécie com ampla distribuição no Brasil (exceto na região Sul). No Nordeste está presente em todos os estados, sendo comumente encontrada nos acervos botânicos da região. Diferencia-se das demais espécies da família pelo pequeno

porte, flores amareladas a lilás, e pelo cálice alado. Foi encontrada em áreas com solo arenoso, abertas, o que coincide com as informações citadas por Guimarães (2002). Segundo Guimarães (2002), a espécie floresce e frutifica durante todo o ano, mas em Sergipe foi encontrada em floração entre agosto e outubro, e em frutificação em agosto e setembro.

Material examinado: **BRASIL. Sergipe:** Canindé de São Francisco, 31/VIII/2005, fl., D. Coelho 793 (UFP); Itabaiana, 13/X/2007, fl., P. Gomes et al. 630 (ASE, UFP); Lagarto, 8/IX/1987, fl. fr., G. Viana 2042 (ASE, UFP); Poço Redondo, 19/VIII/2008, fl. fr., A.P. Prata 1590 (ASE, UFP); 17/X/2009, fl., S.M. Costa 653 (ASE, UFP).

Voyria Aubl.

Ervas aclorofiladas, mico-heterótrofas, glabras; caules alvos a amarelados, sem ramificações, cilíndricos. Folhas reduzidas a escamas, conatas. Inflorescências umbeliformes ou flores solitárias, bracteadas ou não. Flores pentâmeras, brácteas e bractéolas presentes ou ausentes; cálice alvo a amarelado, tubular, sépalas fundidas por quase toda sua extensão; corola amarela ou lilás a roxa, hipocrateriforme; anteras sésseis ou com filete curto; estigma caliciforme ou capitado. Cápsulas elipsoides, glabras. Sementes filiformes ou globosas, prolongamentos nos ápices presentes ou ausentes, diminutas, numerosas.

Voyria Aubl. contém 19 espécies, das quais 18 ocorrem na Região Neotropical, e apenas uma é restrita à África (Maas & Ruyters 1986). No Brasil, o gênero está presente na Amazônia, Cerrado e Mata Atlântica, com 12 espécies, e para o Nordeste estão registradas sete delas (Guimarães et al. 2013b). Segundo Guimarães et al. (2013), em Sergipe ocorrem três espécies, todas aqui tratadas.

5. *Voyria aphylla* (Jacq.) Pers., Syn. pl. 1: 284. 1805.

Ervas 11,4-12,5 cm alt.; caules alvos a amarelados. Folhas 0,14-0,4 x 0,03-0,1 cm, lineares, ápice agudo. Flores 2,4-2,8 cm compr., solitárias; cálice alvo a amarelado, lacínios 0,15-0,2 cm compr., deltoides, ápice agudo; corola amarela, lacínios 0,4-0,6 cm compr., lanceolados, ápice agudo a acuminado, geralmente com três nervuras proeminentes; filetes com até 1 mm compr., iguais no tamanho; ovários 0,6-0,8 x 0,2-0,3 cm compr., estigma capitado. Cápsulas 0,5-1 cm compr. Sementes com até 1 mm compr., filiformes, prolongamentos ausentes.

Comentários: Segundo Maas & Ruyters (1986), *Voyria aphylla* está distribuída por todo o Neotrópico, onde pode ser encontrada em várias fitofisionomias: florestas ombrófilas ou estacionais, restingas, savanas e áreas de campina da Amazônia. No Brasil, ocorre na Amazônia, Cerrado e Mata Atlântica, e no Nordeste está registrada para os estados do Ceará, Paraíba, Pernambuco, Sergipe e Bahia (Guimarães et al. 2013b). Pode ser diferenciada das demais espécies do gênero pelas flores solitárias, amarelas e longas. Segundo Maas & Ruyters (1986), a espécie floresce durante todo o ano, mas em Sergipe foi encontrada com flor apenas no mês de julho.

Material examinado: **BRASIL. Sergipe:** Estância, 2/VII/2011, fl., A.P. Prata et al. 2667 (ASE).
Material adicional examinado: **BRASIL. Pernambuco:** Serinhaém, 20/IX/2008, fl. fr., A. Melo et al. 329 (UFP); 29/IV/2011, fl. fr., A. Melo et al. 789 (UFP).

6. *Voyria caerulea* Aubl., Hist. pl. Guiane 1: 211. 1775.

Ervas 4,7-9,5 cm alt.; caules alvos. Folhas 0,2-0,7 x 0,1-0,35 cm, deltoides, ápice agudo. Inflorescências 2,5-3,7 cm compr., 1-5 flora, umbeliforme; brácteas 0,4-0,8 x 0,15-0,3 cm, lanceoladas, ápice agudo. Flores 2,3-3,7 cm compr.; cálice alvo, lacínios 1-1,5 cm compr., deltoides com ápice agudo; corola lilás a roxa e parte central alva, tubo floral com espessamento de 0,05-0,1 cm compr. próximo aos lacínios; lacínios 4-8 cm compr., elípticos, ápice arredondado ou levemente emarginado; filetes menores que 1 mm compr., iguais no tamanho; ovários 0,5-1 x 0,2-0,3 cm compr.; estigmas caliciformes. Cápsulas 1,5-2 x 0,15-0,3 cm. Sementes 0,2-0,4 x 0,2-0,3 mm, globosas, prolongamentos ausentes.

Comentários: Espécie distribuída na Venezuela, Guiana, Suriname, Guiana Francesa e Brasil (Maas & Ruyters 1986). No Brasil, pode ser encontrada na Amazônia e Mata Atlântica, e no Nordeste está registrada para Paraíba, Pernambuco, Sergipe e Bahia (Maas & Ruyters 1986; Guimarães et al. 2013). Pode ser facilmente diferenciada das demais espécies de *Voyria* que ocorrem em Sergipe pelas flores reunidas em inflorescência, além da presença de brácteas e bractéolas. Em Sergipe foi encontrada em flor entre os meses de junho e setembro.

Material examinado: **BRASIL. Sergipe:** Santa Luzia do Itanhy, 14/VI/1994, fl., J.G. Jardim et al. 475 (ASE); 21/IX/2010; fl., L.A. Gomes & E. Santos 12 (ASE).

Material adicional examinado: **BRASIL. Pernambuco:** Camaragibe, 31/V/2011, fl. fr., A. Melo et al. 791 (UFP); Igarassu, Usina São José, Mata de Piedade, 2/VIII/2013, fl., J.L. Costa-Lima et al. 974 (UFP).

7. *Voyria obconica* Progel. in Mart., Fl. bras. 6: 221. 1865.

Ervas 6,5-11,5 cm alt.; caules alvos. Folhas 0,2-0,5 x 0,1-0,2 cm, deltoides a lanceoladas, ápice agudo. Flores 0,8-1,2 cm compr., solitárias; cálice alvo, lacínios 0,3-0,5 cm compr., oblongos, ápice agudo a arredondado; corola lilás a roxa, lacínios 0,25-0,5 cm compr., oblongos, ápice arredondado ou raro levemente emarginado; anteras sésseis; ovários 0,8-1 x 0,2-0,25 cm, estigma capitado. Cápsulas de até 1,5 cm compr. Sementes com até 0,5 mm compr., elípticas e com prolongamentos filiformes em ambas a extremidades.

Comentários: Espécie endêmica do Brasil e restrita à Floresta Atlântica dos estados da Paraíba, Pernambuco, Sergipe, Bahia e Rio de Janeiro (Maas & Ruyters 1986; Guimarães et al. 2013). Suas flores possuem odor adocicado, e diferencia-se das demais do gênero por apresentar flores lilás, solitárias e pelo curto estreitamento no tubo da corola, próximo à abertura dos lacínios. Em Sergipe a espécie foi encontrada em floração nos meses de

abril e setembro.

Material examinado: **BRASIL. Sergipe:** Itabaiana, 15/X/2007, fl. fr., K. Mendes et al. 139 (UFP); Salgado, 9/IX/1986, fl., G. Viana 1611 (ASE); Santa Luzia do Itanhy, 18/IV/1986, fl., G. Viana 1424 (ASE); 24/IV/1997, fl., M. Landim et al. 1214 (ASE).

Material adicional examinado: **BRASIL. Pernambuco:** Igarassu, Usina São José, Mata de Piedade, 2/VIII/2013, fl., J.L. Costa-Lima et al. 973 (UFP).

Referências Bibliográficas

Calió, M.F. 2013. *Chelonanthus*. In: **Lista de Espécies da Flora do Brasil**. Jardim Botânico do Rio de Janeiro (<http://floradobrasil.jbrj.gov.br/jabot/floradobrasil/FB7752>). (Acessado em: 21/03/2013).

Crespo, S. R. M. & Ferreira, W. M. 2009. Revisão taxonômica do gênero *Curtia* (Gentianaceae). **Rodriguésia** 60 (2): 423-444.

Guimarães, E.F. 2002. *Schultesia* Mart. (Gentianaceae) - Revisão taxonômica. **Tese de doutorado**, Universidade Federal do Rio de Janeiro/ Museu Nacional, Rio de Janeiro, 356p.

Guimarães, E. F.; Calió, M. F.; Saavedra, M. M.; Melo, A. 2013a. Gentianaceae. In: **Lista de Espécies da Flora do Brasil**. Rio de Janeiro, Jardim Botânico do Rio de Janeiro. Disponível em: <http://floradobrasil.jbrj.gov.br/jabot/floradobrasil/FB117>. (Acessado em: 09/04/13).

Guimarães, E.F.; Calió, M.F.; Saavedra, M.M.; Melo, A. 2013b. *Voyria*. In: **Lista de Espécies da Flora do Brasil**. Jardim Botânico do Rio de Janeiro. Disponível em: <http://floradobrasil.jbrj.gov.br/jabot/floradobrasil/FB7792>. (Acessado em: 21/06/2013).

Guimarães, E.F.; Saavedra, M.M. 2013a. *Coutoubea*. In: **Lista de Espécies da Flora do Brasil**. Jardim Botânico do Rio de Janeiro. Disponível em: <http://floradobrasil.jbrj.gov.br/jabot/floradobrasil/FB7755>. (Acessado em: 21/03/2013).

Guimarães, E.F.; Saavedra, M.M. 2013b. *Curtia*. In: **Lista de Espécies da Flora do Brasil**. Jardim Botânico do Rio de Janeiro. Disponível em: <http://floradobrasil.jbrj.gov.br/jabot/floradobrasil/FB7757>. (Acessado em: 21/03/2013).

Guimarães, E.F.; Saavedra, M.M. 2013c. *Schultesia*. In: **Lista de Espécies da Flora do Brasil**. Jardim Botânico do Rio de Janeiro. Disponível em: <http://floradobrasil.jbrj.gov.br/jabot/floradobrasil/FB7780>. (Acessado em: 21/03/2013).

Lepis, K.B. 2009. Evolution and Systematics of *Chelonanthus* (Gentianaceae). **Dissertação de doutorado**, New Jersey, 166p.

Maas, P.J.M.; Ruyters, P. 1986. *Voyria* and *Voyriella* (Saprophytic Gentianaceae). **Flora Neotropica** 41: 1-93.

Mendes, K., Gomes, P.; Alves, M. 2010. Floristic inventory of a zone of ecological tension in the Atlantic Forest of Northeastern Brazil. **Rodriguésia** 61(4): 669-676.

Struwe, L.; Albert, V.A. 1998. Six new species of Gentianaceae from Guayana Shield. **Harvard Papers in Botany** 3(2): 181-197.

Struwe, L.; Albert, V.A. 2004. Gentianaceae. Pp. 166-168. In: Smith, N., Mori, S.A., Henderson, A., Stevenson, D. Wm. & Heald, S.V. (Eds.). **Flowering plants of the Neotropics**. Princeton and Oxford, Princeton University Press.

Struwe, L., Maas, P.J. M., Pihlar, O. & Albert, V.A. 1999. Gentianaceae. Pp. 474-542. In: Berry, P. E., Holst, B.K. & Yatskievych, K. (Eds.). **Flora of the Venezuelan Guayana**. vol. 5. Saint Louis, Missouri Botanical Garden Press.

Almeida, M.N. 2 (1); Amaral, C. 93 (2); Amorim, B.S. 180 (2); Andrade-Lima, D. 55-2090 (7); Braguini, C.R. 1 (2); Calazans, C. 357 (1), 344 (2); Carneiro, E. 107 (2); Coelho, D. 793 (4); Costa, S.M. 428 (1), 432 (3), 601 (1), 653 (4); Costa-Lima, J.L. 973 (7), 974 (6); Cruz, A. 1 (2); Farinaccio, M.A. 812 (1); Fonseca, M.R. s.n. ASE 84 (2); Gomes, L.A. 12 (6), 207 (2); Gomes, P. 630 (4); Jardim, J.G. 475 (6); Landim, M. 701 (1), 962 (1); 1214 (7), 1350 (2), 1357 (2), 1543 (2); Lucena, M.F.A. 1.569 (1); Matos, E. 108 (2); Matos, I.S. 63 (2); Melo, A. 329 (5), 789 (5), 791 (6); Mendes, K. 133 (3), 139 (7); Nascimento - Júnior, J.E. 321 (1); Oliveira, F.F. 2 (1); Prata, A.P. 1590 (4), 2667 (5); Sales, A.B. 66 (2), 85 (2); Santana, M.C. 189 (2); Sant'Ana, S.C. 385 (2); Santos, L.A.S. 431 (1), 389 (2), 444 (2); Santos, M.L. 51 (1); Santos, V. 19 (1); Silva, A.C. 169 (2); Viana, G. 71 (1), 219 (2), 391 (1), 1042 (2), 1181 (1), 1270 (1), 1298 (1), 1424 (7), 1611 (7), 1859 (1), 1969 (1), 2042 (4); Vicente, A. 53 (1), 61 (2).

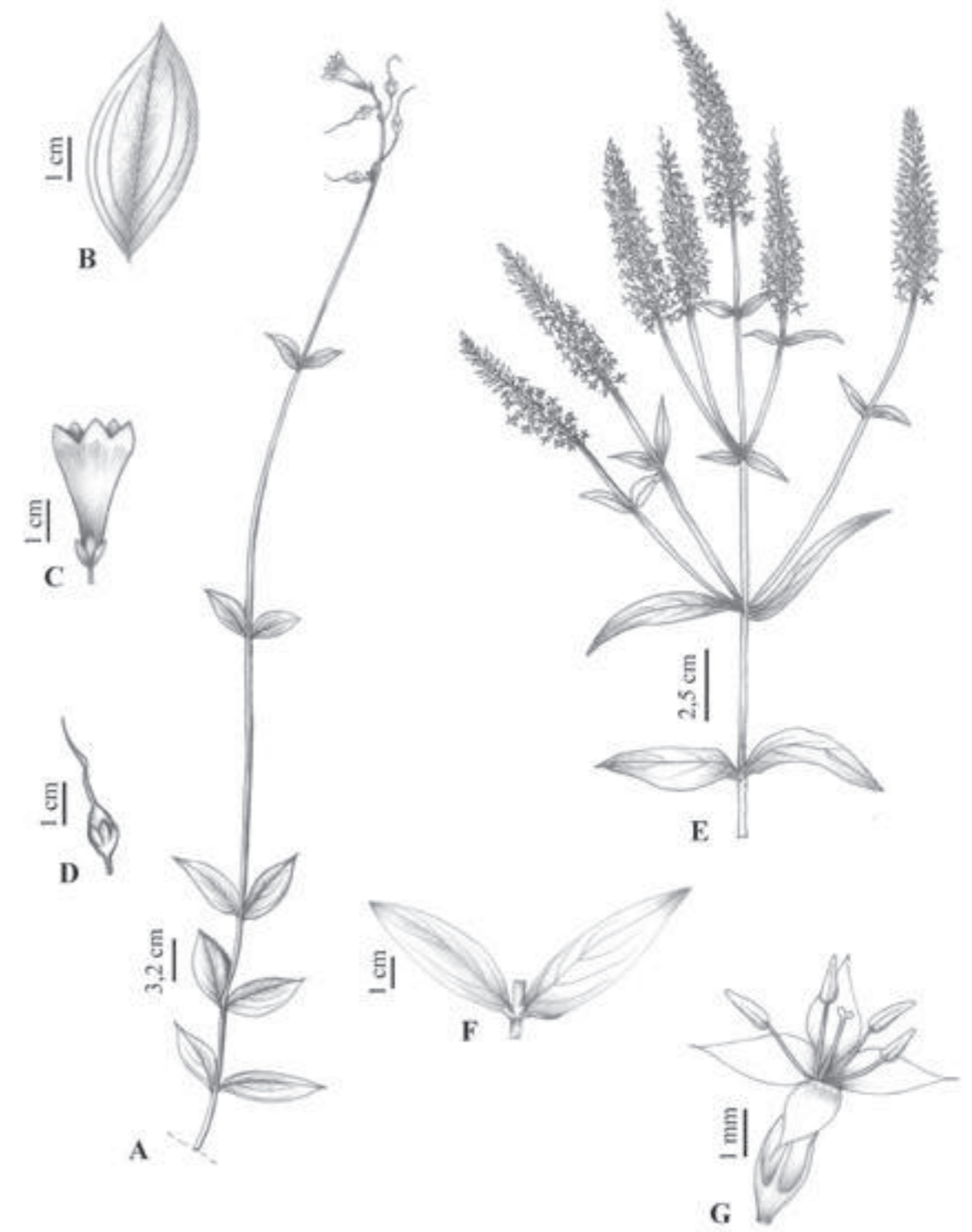


Figura 1. A-D. *Chelonanthus purpurascens* (Aubl.) Struwe, S.Nilsson & V.A.Albert. A. Hábito. B. Folha. C. Flor. D. Fruto com estilete persistente (G. Viana 391 ASE). E-G. *Coutoubea spicata* Aubl. E. Hábito. F. Detalhe do ramo com folhas. G. Flor (A. Vicente 61, ASE).

HYDROLEACEAE

Katarina Pinheiro¹

Subarbustos a arbustos armados ou não, pubescentes. Folhas simples, alternas, pubescente, lâmina oblanceolada, ápice agudo a aristulado base cuneada a atenuada, margem inteira; venação penínervia, estípulas ausentes, espinhos axilares. Inflorescências axilares ou terminais, cimosas. Flores pentâmeras, actinomorfas, bissexuais, hipóginas; cálice gamossépalo, sépalas 5, oblanceoladas, pubescentes, tricomas hialinos, capitados; corola gamopétala, pétalas 5, estames 5, epipétalos, filetes glabros, anteras rimosas; ovário súpero, 2-5 carpelar, bilocular, globoso, estigmas 2, livres, glabros, capitados a globosos. Fruto do tipo cápsula, com numerosas sementes.

Hydroleaceae (ordem Solanales) compreende um único gênero (*Hydrolea* L.) com aproximadamente 10 espécies de distribuição pantropical (Davenport, 1988). No Brasil são encontradas três espécies, sendo *Hydrolea spinosa* L. a mais comum, habitando ambientes alagadiços, sendo também considerada invasora de culturas. Em Sergipe foi verificada a ocorrência de uma espécie de *Hydrolea*. Tradicionalmente o gênero está inserido na família Hydrophyllaceae *s.l.*, porém estudos filogenéticos baseados em dados moleculares reorganizaram Hydrophyllaceae e a inseriram em Boraginaceae (APG III, 2009). No entanto, análises filogenéticas combinadas realizadas recentemente excluem *Hydrolea* para que Boraginaceae seja monofilética, como visto por Davenport (1988).

1. *Hydrolea spinosa* L., Sp. Pl. (ed. 2) 1: 328. 1762.

Fig. 1A-F.

Nome popular: carqueja-do-pântano

Subarbustos a arbustos até 4 m alt., pubescente. Lâmina membranácea a cartácea, ápice agudo, base atenuada, pubescente, tricomas glandulosos, capitados, hialinos, margem inteira, 7,0-2,0 x 1,8-0,6 cm, venação broquidodrôma; pecíolo 1,2-0,2 cm compr., pubescente, tricomas glandulares. Inflorescências axilares e terminais, corimbiformes, pedúnculos 2-4 cm compr., com tricomas glandulosos. Flores pediceladas; sépalas 0,3-0,6 x 0,1 cm, pubescentes, tricomas glandulosos; corola roxa, pétalas 0,6-1 cm compr., glabras; filetes 0,4 cm compr., abruptamente dilatados na base, glabros, anteras rimosas, ca. 0,1 cm compr.; ovário, 0,1 x 0,1 cm, glabro, estiletos roxos, estigmas globosos. Cápsula deiscente, 0,4-0,7 x 0,4 cm, glabra, estigmas persistentes.

Comentários: *Hydrolea spinosa* é uma espécie nativa do Brasil, amplamente distribuída nos neotrópicos, estando associada a uma grande diversidade de ambientes, principalmente a áreas antropizadas e alagadas. Caracteriza-se morfológicamente por apresentar grande

variabilidade foliar, sendo resultado da adaptação à heterogeneidade de ambientes onde a espécie ocorre. Encontrada florida de maio a outubro e frutificada de novembro a abril.

Material selecionado: **BRASIL. Sergipe:** Aracaju, XI.1974, fr., *M. Fonseca s.n.* (ASE 183); Barra dos Coqueiros, XII.2008, fr., *Nascimento-Jr., J. E. & Dantas, T.V.P. 459* (ASE); Canindé de São Francisco, V.2010, fl. *Silva, A.C.C. 266* (ASE); Itaporanga d'Ajuda, XII.2009, fr., *Sales, A.B., Guimarães, V.A.S. & Santos, E. 109* (ASE); Poço Redondo, VIII.2009, fl., *Prata, A.P. 1603* (ASE); Riachão do Dantas, IX.1981, fl., *G. Viana 38* (ASE); São Cristóvão, X.2010, fl., *Santos, L.A.S. 36* (ASE);

Material adicional examinado: **BRASIL. Ceará:** Aiuaba, VIII.1982, fl. *Viana, F.A. s.n.* (ASE 17024); Itapagé, IX.1988, fl., *Fernandes, A. s.n.* (ASE 17039).

Referências Bibliográficas

APG III. 2009. An update of the Angiosperm Phylogeny Group classification for the orders and families of flowering plants. **Botanical Journal of the Linnean Society**. 161: 105-121.

Davenport, L. J. 1988. A monograph of *Hydrolea* (Hydrophyllaceae). **Rhodora**. 90:169-208.
Erbar, C.; Porembski, S. & Leins, P. 2005. Contributions to the systematic position of *Hydrolea* (Hydroleaceae) based on floral development. **Plant Systematics and Evolution** 252: 71-83.

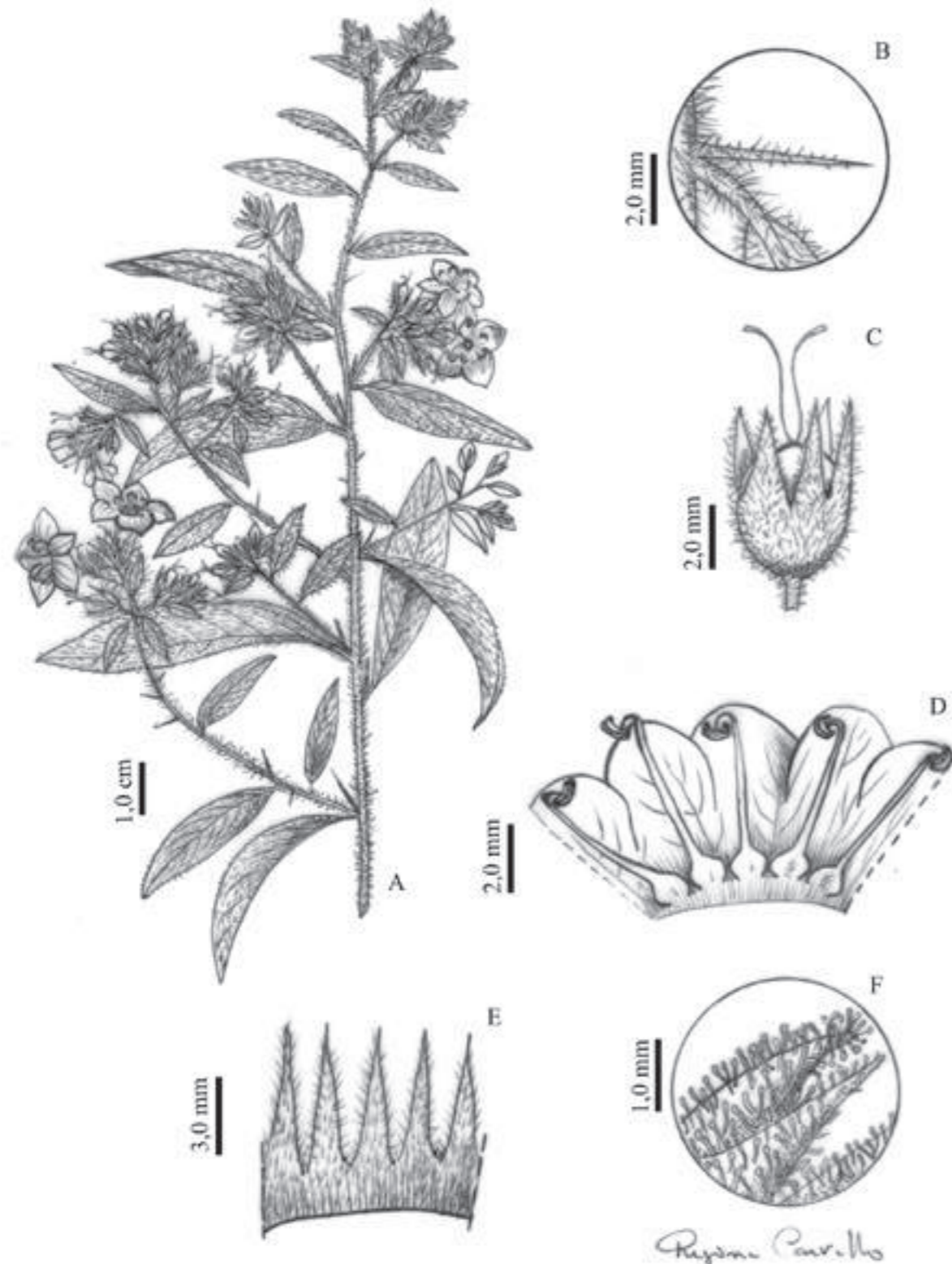
Melo, J.I.M.; Silva, M.J. & Sales, M.F. 2008. Hydrophyllaceae *sensu lato* R.Br. ex Edwards em Pernambuco – Brasil. **Revista Caatinga** 21 (1): 51-54.

Walter, B.M.T. 2013. Hydroleaceae. In: **Lista de Espécies da Flora do Brasil**. Jardim Botânico do Rio de Janeiro. (<http://floradobrasil.jbrj.gov.br/jabot/floradobrasil/FB7993>). Acessado em: 03 de maio de 2013.

Lista de exsicatas

A.B. Sales, A.B. 109 (1); **A.C.C. Silva, A.C.C.** 266 (1); **A.P. Prata, A.P.** 1603 (1); **F.A. Viana, s.n.** (ASE 17024) (1); **Fernandes, A. s.n.** (1); **J.E. Nascimento-Junior** 459 (1); **L.A.S. Santos, L.A.S.** 36 (1); **M. Fonseca, s.n.** (ASE 183) (1); **Viana, G.** 38 (1).

¹ Laboratório de Morfo-Taxonomia Vegetal, Departamento de Botânica, CCB, UFPE, Av. Prof. Moraes Rego s/n, Cidade Universitária, 50670-901, katarina_romenia@yahoo.com.br



Figuras A-F: *Hydrolea spinosa* L. (G. Viana 38, ASE). A. Hábito; B. Detalhe evidenciando espinhos axilares; C. Fruto; D. Corola repartida, evidenciando estames; E. Cálice repartido; F. Lacínios do cálice apresentando os tricomas glandulares.

Arbustos. Folhas alternas, coriáceas, simples, lâmina ovado-elíptica, acuminada, a orbicular, base atenuada a truncada, margem revoluta, discolor; venação primária sulcada, estípulas ausentes. Inflorescências axilares, paniculadas; brácteas lanceoladas. Flores pentâmeras, actinomorfas, bissexuais, hipóginas, pubescentes; sépalas lanceoladas; pétalas com tricomas hialinos na face externa, lanuloso-alaranjados (quando herborizados) na face interna; estames 5, filetes glabros, anteras rimosas; ovário elíptico, tomentoso, estilete glabro, estigma capitado. Frutos drupas, subglobosas, pubescentes.

Icacinaeae s.l. é considerada uma família polifilética e possui cerca de 52 gêneros e 400 espécies. Em sua atual circunscrição, *Icacinaeae s.l.* foi desmembrada em quatro famílias distintas (*Cardiopteridaceae*, *Icacinaeae s.s.*, *Stemonuraceae* e *Pennantiaceae*) com distribuição predominantemente tropical e gêneros de distribuição restrita a domínios fitogeográficos, a exemplo de *Emmotum* Desv ex. Ham. (*Icacinaeae s.s.*), cuja distribuição é restrita aos Neotrópicos, *Pennantia* J.R. Forst & G. Forst (*Pennantiaceae*) restrito aos Paleotrópicos, excetuando *Citronella* D. Don (*Cardiopteridaceae*) que apresenta distribuição pantropical. *Icacinaeae s.s.* é pantropical, com cerca de 30 gêneros e 140 espécies. O gênero mais representativo da família é *Emmotum* Desv ex. Ham. com 14 espécies, tendo registro de espécies para a Floresta Atlântica, apesar de ser predominantemente Amazônico. Em Sergipe foi registrada a ocorrência de apenas uma espécie.

1. *Emmotum affine* Miers

Nome popular: falso-louro, louro-da-caatinga

Fig. 1. A-E

Arbustos a árvores, até 10 m alt., ramos pubescentes. Pecíolo 1,5-2 cm compr., sulcado na face adaxial, pubescente; lâmina coriácea, ovado-elíptica, acuminada a orbicular, base atenuada a truncada, margem revoluta, 3,5-13 x 2-8 cm; venação primária sulcada, glabra, secundárias 6-8 pares, com tricomas dourados na face abaxial. Inflorescência paniculada, brácteas ca. 1 mm compr., lanceoladas, pubescentes, com tricomas dourados; sépalas ca. 1 mm compr., lanceoladas, pubescentes, com tricomas hialinos; pétalas 3-4 cm compr., pubescentes, com tricomas hialinos na face externa, lanuloso-alaranjados (quando herborizados) na face interna; estames 5, filetes ca. 2mm compr., glabros, anteras 1 mm compr., rimosas; ovário 1,5-2 x 1 mm, elíptico, com tricomas hialinos, estilete 2-2,5 mm compr., glabro, estigma capitado. Frutos 1,3 x 1 cm, subglobóides, pubescentes, tricomas esparsos.

Comentários: *Emmotum affine* é uma espécie restrita às restingas e matas costeiras

¹ Laboratório de Morfo-Taxonomia Vegetal, Departamento de Botânica, Universidade Federal de Pernambuco, CEP: 50670-901, Recife, Pernambuco, Brasil; e-mail: brunosarim@yahoo.com.br

dos Estados da Paraíba ao Espírito Santo. As poucas amostras disponíveis nos acervos dos herbários da região nordeste refletem a dificuldade de localizar esta espécie nos remanescentes das formações vegetais costeiras. Sua floração é de fevereiro a dezembro, frutificação de abril a janeiro.

Material examinado: **BRASIL. Sergipe:** Barra dos Coqueiros, XII/1997, fl., C. Amaral & E. Santos 31 (ASE); Pirambu, IV/1984, bf., G. Viana 914 (ASE); XI/1981, fl., E. Carneiro 132 (ASE); XI/1977, fl., M. Fonseca s.n. (ASE 498); Santa Luzia de Itanhy, XI/1993, bf. fl., S. C. Sant'Ana et al. 422 (ASE); Santo Amaro das Brotas, II/1978, bf., M. Fonseca s.n. (ASE 539).

Material adicional examinado: **BRASIL. Alagoas:** Marechal Deodoro, IV/2002, fl. fr., R. Lyra-Lemos et al. 6503 (MAC). **BRASIL. Pernambuco:** Goiana, IV/1967, fr., A. Lima et al. 67-4991 (IPA).

Referências Bibliográficas

Amorim, B.S.; Alves-Araújo, A.; Duno de Stefano, R. & Alves, M. 2013. Icacinaceae s.l. da Mata Atlântica do Nordeste, Brasil. **Rodriguésia** 64 (1): 021-027.

Duno-de-Stefano, R. & Amorim, B. 2012a. Cardiopteridaceae. In: **Lista de Espécies da Flora do Brasil**. Jardim Botânico do Rio de Janeiro. <http://floradobrasil.jbrj.gov.br/2011/FB000078>. Acessado em 17 de maio de 2012.

Duno-de-Stefano, R. & Amorim, B. 2012b. Icacinaceae. In: **Lista de Espécies da Flora do Brasil**. Jardim Botânico do Rio de Janeiro. <http://floradobrasil.jbrj.gov.br/2011/FB000135>. Acessado em 17 de maio de 2012.

Duno-de-Stefano, R. & Fernández-Concha, G.C. 2011. Morphology-inferred phylogeny and a revision of the genus *Emmotum* (Icacinaceae). **Annals of the Missouri Botanical Garden** 98 (1): 1-27.

Duno-de-Stefano, R. 2004. Icacinaceae. In: Smith, N.; Mori, S.A.; Henderson, A.; Stevenson, D.Wm. & Heald, S.V. (ed.). **Flowering plants of the Neotropics**. Princeton University Press, Princeton. Pp. 192-193.

Karehed, J. 2001. Multiple Origin of the Tropical Forest Tree Family Icacinaceae. **American Journal of Botany** 88 (12): 2259-2274.

Lista de Exsicatas

Amaral, C & Ramos, E. 31 (1). **Carneiro, E.** 132 (1), **Fonseca, M. A.** s/n (ASE 498) (1), s/n (ASE 539) (1). **Lima, A.** 67-4991 (1). **Lyra-Lemos, R.** 6503 (1). **Sant'Ana, C.** 422 (1). **Viana, G.** 914 (1).

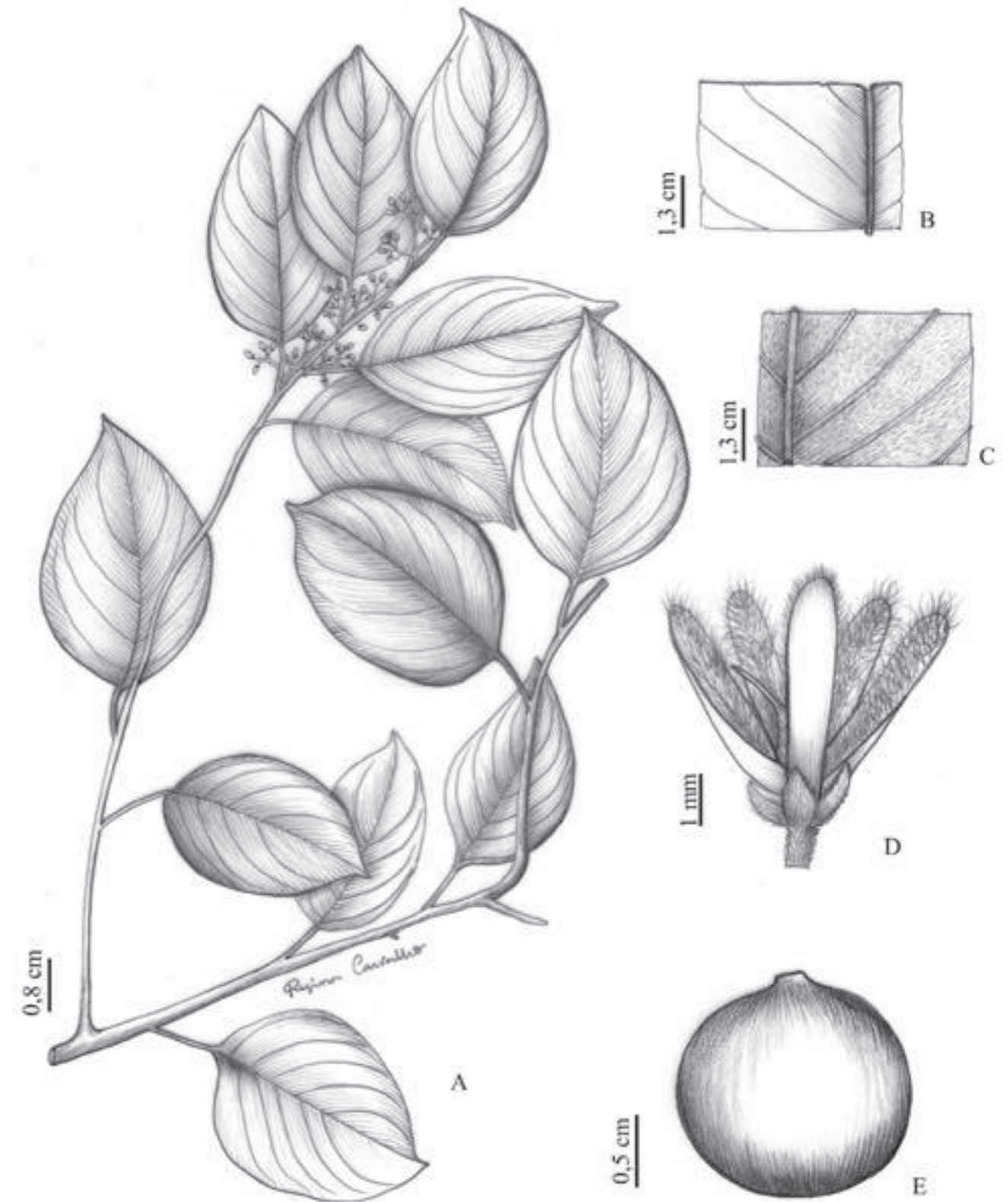


Figura 1. A-E. *Emmotum affine* Miers. A. Hábito; B. Detalhe da face adaxial das folhas; C. Detalhe da face abaxial das folhas; D. Flor (Sant'Ana 422); E. Fruto (Lima 67-4991).

Katarina Pinheiro

Ervas, subarbustos, arbustos, com tricomas simples. Folhas alternas, cartáceas, simples, pubescentes a glabras, tricomas simples e ferrugíneos, lâmina oval, rotunda a oblanceolada, base arredondada a atenuada, ápice subagudo, cuspidado a mucronado, margem inteira; venação reticulada, estípulas ausentes. Inflorescência racemosa. Flores zigomorfas, bissexuais, hipóginas, glabras, envolvidas por 2 bractéolas, densamente pilosas; sépalas 5, pubescentes, tricomas simples; pétalas 5, dialipétalas,; estames 4, livres, didínamos, filetes glabros, anteras poricidas; ovário súpero, ovóide, densamente pubescente, tricomas brancos, simples, estilete recurvado.

Krameriaceae é uma família com posicionamento filogenético controverso devido ao gênero *Krameria* Loefl. ser incluído ora em Polygalaceae ora em Zygophyllaceae, e até mesmo em Fabaceae como pertencente a subfamília Caesalpinioideae (Simpson, 2004). Este posicionamento confuso é atribuído principalmente aos caracteres morfológicos da flor, que são bastante semelhantes às estruturas encontradas nas famílias acima citadas. No entanto, estudos taxonômicos sugerem que *Krameria* Loefl. seja considerada uma família a parte com base na presença de duas pétalas petaloides secretoras de óleo. Tais pétalas restringem a polinização das espécies realizadas pelas abelhas fêmeas de *Centris*. Em escala mundial, a família detém 18 espécies, sendo estas ervas, subarbustos e arbustos mais comumente encontrados em ambientes áridos dos Neotrópicos, com distribuição disjunta baseada nas variações de temperatura. No Brasil, são encontradas cinco espécies com ampla distribuição geográfica, encontradas em diversos ecossistemas, sendo em Sergipe encontrada em Caatinga sedimentar, Cerrado, Mata Atlântica e Restinga. Em Sergipe foi registrada a ocorrência de duas espécies.

Chave para identificação das espécies de *Krameria* de Sergipe

1. Lâmina foliar lanceolada a oblanceolada, frutos com pequenos acúleos curvados densamente concentrados no ápice dos espinhos **1. *Krameria bahiana***
- 1'. Lâmina foliar oval a rotunda, frutos com pequenos acúleos retos distribuídos espaçadamente ao longo dos espinhos **2. *Krameria tomentosa***

1. *Krameria bahiana* B. Simpson, Brittonia 39(2): 198, f. 1. 1987.

Fig. 1 A-F

Ervas a subarbustos até 1,5 m alt., ramos glabros ou pouco pilosos, tricomas simples espessos. Pecíolo com 0,1-0,4 cm compr., glabro; lâmina, cartácea, lanceolada a oblanceolada, base atenuada, ápice mucronado a mucronulado, margem inteira; venação

reticulada, estípulas ausentes. Inflorescência racemosa, pedicelos 0,5-1,0 cm compr., bractéolas 2, densamente pilosas, tricomas simples, 0,3-1,0 cm compr. Flores zigomorfas, bissexuais; sépalas 4, 0,3-0,7 cm compr., lanceoladas, tomentosa na face adaxial, tricomas simples; pétalas 5, sendo 3 pétalas petaloides, opostas aos estames, unidas na base, lanceoladas 0,4-1,2 mm compr., 2 pétalas petaloides, lateral e envolvendo o ovário, levemente obdeltoide, glabras; estames 4, filetes, 0,2-0,4 cm compr., encurvados sobre o ovário, livres, glabros, anteras rimosas; ovário súpero, densamente piloso, tricomas simples, estilete 1, estigma capitado. Frutos cápsula globosa, densamente pilosa tricomas simples, espinhos vários, dilatados na base, ápice do espinho com pequenos acúleos, densamente concentrados no ápice dos espinhos.

Comentários: *Krameria bahiana* B. Simpson é uma espécie nativa e até o momento era considerada endêmica do estado da Bahia, ocorrendo nos domínios Caatinga, Mata Atlântica e Cerrado. Com a elaboração da Flora de Sergipe sua distribuição geográfica foi ampliada para o estado ocorrendo nos mesmos domínios referidos anteriormente, sendo comumente encontrada em ambientes abertos e solos sedimentares. Florece de maio a outubro e a sua frutificação é de novembro a abril.

Material examinado: **BRASIL. Sergipe:** Areia Branca, VIII/2008, fr., T.V.P. Dantas & J.E. Nascimento-Júnior 17 (ASE); Estância, XI/2011, fr., T. Corregosa-Silva et al. 113 (ASE); Itaporanga D'Ajuda, XI/2008, fr., M. Vasconcelos 35 (ASE); Japarutuba, XI/2010, fl. C.M. Donadio 71 (ASE); Pirambu, VI/2012. fl. fr., A.P. Prata et al. 3114 (ASE); Santo Amaro das Brotas, VI/1978, fr., M. Fonseca & M. Menezes s/n (ASE 624).

Material adicional examinado: **BRASIL. Rio Grande do Norte:** Seridó, 02/VIII/2006, fl., M.L. Silva & C.G.T. Ferreira. s/n (MOSS 014217).

2. *Krameria tomentosa* A. St.-Hill. Ann. Soc. Sci. Orleáns, 9: 18. 1828.

Fig.1 G-L

Arbusto até 2m alt., ramos velutinos, tricomas simples. Pecíolo 0,3-0,6 cm compr., velutino, tricomas simples, densos; lâmina cartácea, oval a rotunda, base arredondada, ápice agudo a cuspidado, margem inteira; venação reticulada a levemente pinepalmada. Inflorescência racemosa, pedicelos 0,5-0,3 cm compr. Flores zigomorfas, dialipétalas; sépalas 4, ovadas, 6,0-3,0 x 0,3 cm, pilosas na face abaxial, tricomas simples; pétalas 5, sendo 3 petalóides, lanceoladas 0,6-0,3 x 0,2 cm, glabras, opostas aos estames, 2 petalóides inferiores, na frente do ovário, 0,4-0,2 x 0,2 cm, glabras, espatuladas; estames 4, livres, filetes, 0,5-0,2 cm compr., glabros, encurvados sobre o ovário, anteras rimosas; ovário súpero, densamente piloso, tricomas simples, estilete 1, estigma capitado. Frutos cápsula, globosa, pilosa, tricomas simples, espinhos espaçados, sem dilatação na base, presença de acúleos retos, espaçadamente distribuídos nos espinhos, ápice do espinho em formato de lança.

Comentários: *Krameria tomentosa* A. St.-Hil. é uma espécie com ampla distribuição

¹ Laboratório de Morfo-Taxonomia Vegetal, Departamento de Botânica, CCB, UFPE, Av. Prof. Moraes Rego s/n, Cidade Universitária, 50670-901. Email: katarina_romenia@yahoo.com.br

geográfica, ocupando diversos ecossistemas nas regiões Centro-Oeste, Norte, Nordeste e Sudeste. Além disso, apresenta grandes populações encontradas preferencialmente em ambientes abertos como Restingas e Caatinga sedimentar no estado de Sergipe. De acordo com Simpson (2013) essa espécie não estava citada para o estado de Sergipe, e portanto, também constitui uma nova citação para o estado. Florece de setembro a novembro e sua frutificação é de dezembro a agosto.

Material examinado: **BRASIL. Sergipe:** Aracaju, XI/1981, fr., *M.N. Almeida 11* (ASE); Areia Branca, VIII/1988, fr., *M. Fonseca 875* (ASE); Campo do Brito, VIII/1981, fr., *E. Carneiro 25* (ASE); Capela, IV/2012, fl., *L.A. Gomes et al. 447* (ASE 24233); Estância, XI/1993, fr., *J.G. Jardim, et al. 331* (ASE); Estância, Abaís, XI/1996, fr., *A. Cruz et al. 80* (ASE); Indiaroba, VIII/2012, fl., *M.C.V. Farias et al. 158* (ASE); Itabaiana, Serra Comprida, XII/2007, fr., *E. Matos et al. 116* (ASE); Itaporanga D'Ajuda, VII/2008, fr., *A.P. Prata 1426* (ASE); Japarutuba, XI/2011, fl., *A.C. Silva 220* (ASE); Japoatã, VIII/1981, fl., *G. Viana 154* (ASE); Pirambu, V/2012, fl., *A.P. Prata et al. 2942* (ASE); Poço Redondo, VIII/2010, fl., *W.J. Machado et al. 522* (ASE); Santo Amaro das Brotas, IV/1997, fl., *M. Landim 1190* (ASE); São Cristovão, VIII/1997, fl., *A. Cruz et al. 06* (ASE); São Domingos, VIII/2008, fl., *A.P. Prata et al. 1204* (ASE).

Material adicional examinado: **BRASIL. Bahia:** Salinas, XI/2011, fl., *A.P. Prata et al. 1734* (ASE); **Ceará:** Fortaleza, VI/1960, fr., *A. Fernandes s/n* (EAC 2016); **Paraíba:** São José de Piranhas, XII/1971, fl., *A. Andrade-Lima et al. 1111* (ASE).

Referências Bibliográficas

Every, J.L.R.; Baracat, A. 2009. Neotropical Krameriaceae. In: Milliken, W., Klitgård, B. & Baracat, A. (ed.), **Neotropikey - Interactive key and information resources for flowering plants of the Neotropics**. Kew Royal Botanic Gardens. <http://www.kew.org/science/tropamerica/neotropikey/families/Krameriaceae.htm>. (Acesso em: 06 de agosto de 2013).

Gianinni, T.C.; Takahasi, A.; Medeiros, M.C.M.P.; Saraiva, A.M. & Alves-dos-Santos, I. 2011. Ecological niche modeling and principal component analysis of *Krameria* Loefl. (Krameriaceae). **Journal of Arid Environments** **75**: 870-872.

Gimenes, M. & Lobão, C.S. 2006. A polinização de *Krameria bahiana* B.B. Simpson (Krameriaceae) por abelhas (Apidae) na restinga, BA. **Neotropical Entomology** **35** (4): 440-445.

Simpson, B.B. 1987. A new species of *Krameria* (Krameriaceae) from Bahia, Brazil. **Annals of the New York Botanical Garden** **39** (2): 198-200.

Simpson, B.B. 2004. Krameriaceae. In: Smith, N.; Mori, S.A.; Henderson, A.; Stevenson, D.Wm. & Heald, S.V. (ed.). **Flowering plants of the Neotropics**. Princeton University Press, Princeton. Pp. 198-200.

Simpson, B. 2013. Krameriaceae. In: **Lista de Espécies da Flora do Brasil**. Jardim Botânico do Rio de Janeiro. <http://floradobrasil.jbrj.gov.br/jabot/floradobrasil/FB8092>. (Acesso em: 23 de maio de 2013).

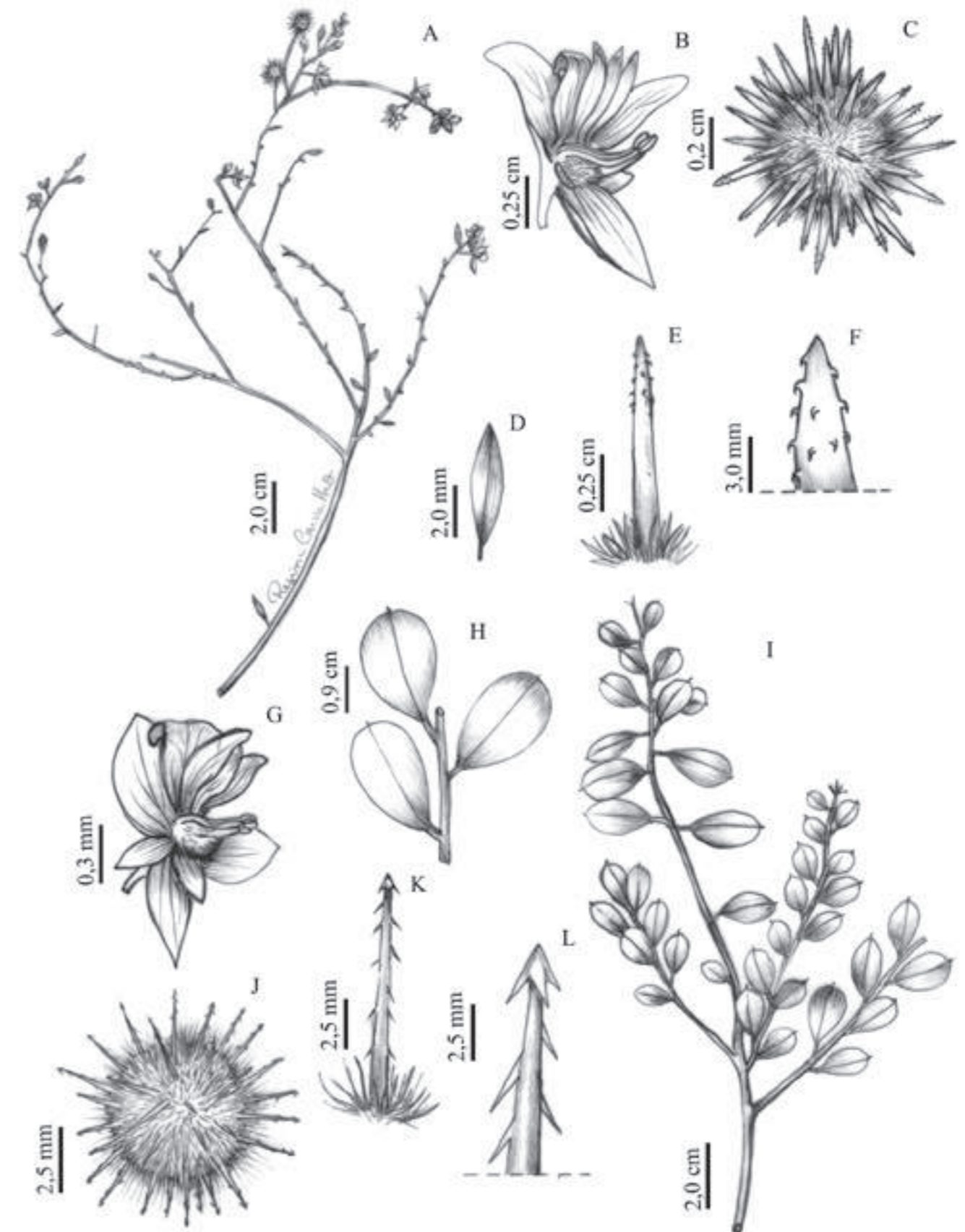


Figura 1. A-F. *Krameria bahiana* B. Simpson. A. Hábito; B. Flor; C. Fruto; D. Detalhe da face adaxial das folhas; E. Espinho do fruto; F. Detalhe do ápice dos espinhos do fruto. (*Santos, L.S.A. 590 ASE*). G-L. *Krameria tomentosa* A. St.-Hil. G. Flor; H. Detalhe da face adaxial das folhas; I. Hábito; J. Fruto; K. Espinho do fruto; L. Detalhe do ápice dos espinhos do fruto. (*Farias, M.C.V. 158 ASE*).

Ervas terrestres, aquáticas fixas ou flutuantes, litófitas, reófitas ou epífitas. Raízes verdadeiras ausentes, rizoides frequentemente presentes. Estolões frequentemente presentes na base do escapo, geralmente ramificados. Folhas partindo do escapo, caule, estolão ou rizoides; quando terrestres pecioladas, rosuladas ou não, espatuladas, oval-orbiculares, obovadas, orbiculares ou lineares; quando aquáticas pinadas, dicotomicamente ramificadas, utriculíferas; folhas subterrâneas modificadas para captura de presas (*Genlisea* e *Utricularia*). Inflorescência uniflora ou racemosa, raramente paniculada, laxa ou congesta, glabra, pilosa e/ou glandular. Flores bissexuadas, zigomorfas, diclamídeas; cálice com 2, 4 ou 5 sépalas; corola bilabiada, calcarada; estames 2, anteras dorsifixas; ovário súpero, unilocular, uni-pluriovulado, placentação central livre. Frutos cápsula, geralmente oval ou globosa, com deiscência ou aparentemente indeiscente. Semente única a numerosas.

Dentre as plantas consideradas carnívoras, Lentibulariaceae é a família mais diversa compreendendo mais de 300 espécies subordinadas a três gêneros, *Pinguicula* L., *Genlisea* A. St-Hil. e *Utricularia* L. que se distribuem de forma cosmopolita, sobretudo nas regiões tropicais (Jobson *et al.* 2003). Seus representantes são caracterizados principalmente por apresentarem folhas modificadas que atuam na captura de pequenos organismos. No Brasil ocorrem apenas os gêneros *Genlisea* (14 spp.) e *Utricularia* (69 spp.). Miranda & Rivadavia (2013) citam a ocorrência da família para todos os estados da federação, sem menção, até o momento, para Sergipe. O conhecimento gerado pelo estudo de Lentibulariaceae para a flora de Sergipe demonstra a importância de trabalhos básicos de florística para suprir lacunas de conhecimento sobre a biodiversidade brasileira. Este trabalho traz o registro de 15 espécies de Lentibulariaceae para o estado de Sergipe, com a confirmação dos registros de *Utricularia costata* P.Taylor, *Utricularia lloydii* Merl ex F.E. Lloyd e *Utricularia resupinata* B.D.Greene ex Bigelow para o bioma Mata Atlântica (Carregosa & Costa, dados não publicados) e a ampliação da distribuição geográfica de *Utricularia flaccida* A. DC., até então, considerada endêmica da Chapada Diamantina. Entre as 15 espécies encontradas apenas uma pertence ao gênero *Genlisea*, enquanto as demais pertencem a *Utricularia*.

Chave para identificação dos gêneros de **Lentibulariaceae** de Sergipe

1 Cálice com 5 sépalas **1. *Genlisea* (*G. filiformis*)**

¹ Universidade Federal de Sergipe- UFS, Depto. Ciências Biológicas, Av. Marechal Rondon, s/n, 49100-000, São Cristóvão, SE, Brasil. tamirescarregosa@gmail.com

² Instituto Pesquisa Jardim Botânico do Rio de Janeiro, Unidade de Botânica Sistemática, Rua Pacheco Leão 915, 22460-030, Rio de Janeiro, RJ, Brasil. shnmonteiro@gmail.com

1' Cálice com 2 sépalas **2. *Utricularia***

1. *Genlisea filiformis* A.St.-Hil., Voy. Distr. Diam. 2: 430. 1833.

Fig. 1. A-D

Erva terrestre, 4,5-16 cm de alt., rizoma filiforme. Folhas formando uma densa roseta na base do escapo, lâmina espatulada a oval-orbicular, ápice arredondado. Sistema de captura localizado abaixo da roseta foliar, em forma de "Y" (invertido). Inflorescência racemosa, com tricomas glandulares; escapo ereto, frequentemente piloso; escamas basifixas; brácteas basifixas, 0,6-1,1 mm compr., lanceoladas; bractéolas lanceoladas. Flores 1 a 8; cálice 1-3,5 mm compr., 5 sépalas, subiguais, pilosas na face abaxial; corola amarela, 2-7 mm compr., lábio superior oval-oblongo, ápice obtuso, lábio inferior obovado, ápice 3-lobado; calcar cônico, ápice obtuso. Fruto cápsula globosa, tomentosa, 1,8-2,5 mm compr., deiscência circuncisa. Sementes numerosas, amplamente ovóides.

Comentários: O gênero *Genlisea* compreende 29 espécies distribuídas pelas Américas do Sul e Central e pela África (incluindo Madagascar), sendo o Brasil um dos seus centros de diversidade, onde ocorrem 18 espécies, das quais 10 são endêmicas (Fleischmann 2013). Em Sergipe ocorre apenas *Genlisea filiformis*, associada a ambientes abertos de solos arenosos e encharcados, de vegetação de Restinga e no PARNA da Serra de Itabaiana, área de ecótono entre Mata Atlântica e Caatinga. *G. filiformis* é facilmente diferenciada das demais espécies de *Utricularia* pelo cálice composto por cinco sépalas e sistema de captura que se subdivide em uma estrutura dilatada na base, seguida de uma estrutura cilíndrica que dá origem a dois apêndices helicoidais, apresentando assim, formato de "Y" invertido. Floresce e frutifica entre julho a outubro.

Material selecionado: **BRASIL. Sergipe:** Areia Branca, VII/2011, fl. fr., L.A.S. Santos *et al.* 571 (ASE); Estância, VII/2011, fl. fl., T. Carregosa-Silva *et al.* 213 (ASE); Itabaiana, XI/2007, fl., P. Gomes *et al.* 617 (UFP, ASE); Santo Amaro das Brotas, VII/2011, fl. fr., T. Carregosa-Silva *et al.* 218 (ASE).

2. *Utricularia* L.

Ervas terrestres ou aquáticas fixas ou flutuantes. Raízes ausentes; rizóides quando presentes filiformes ou capilares. Estolões frequentemente presentes na base do escapo, capilares a espessados, geralmente ramificados e utriculíferos. Folhas aéreas, submersas, ou parcialmente enterradas no substrato, partindo dos estolões, rizóides ou base do escapo, aproximadamente circulares, obovadas, orbiculares ou lineares, às vezes utriculíferas; utrículos (sistema de captura) globosos ou ovóides, presentes geralmente nos rizoides, estolões e folhas. Inflorescência solitária ou racemosa, raramente paniculada, laxa ou congesta; escapo geralmente glabro; escamas presentes ou ausentes; brácteas presentes; bractéolas quando presentes, duas; cálice com 2 sépalas; corola bilabiada, amarela, branca, rosa ou lilás, calcarada. Fruto cápsula oval ou globosa; sementes

geralmente numerosas.

Utricularia é constituído por 228 espécies (Fleischmann 2012) representando cerca 35% das plantas consideradas carnívoras presentes no mundo (Guisande *et al.* 2007). É um gênero cosmopolita, porém com maior frequência nas áreas tropicais e subtropicais, especialmente na América do Sul, nas montanhas da Venezuela, nas Guianas e no Brasil, com alta diversidade (Taylor 1989). Na região Nordeste ocorrem 36 das 69 espécies registradas para o Brasil (Miranda & Rivadavia 2013). Sendo assim, apesar do seu reduzido tamanho territorial e da intensa fragmentação da vegetação primária, foram confirmadas 14 espécies para o estado de Sergipe, representando quase 40% das espécies registradas para o Nordeste. *Utricularia* é facilmente reconhecida por apresentar cálice composto por duas sépalas e estrutura de captura utriculiforme.

Chave para identificação das espécies de *Utricularia* de Sergipe

1. Bráctea tubular **13. *U. resupinata***
- 1'. Bráctea não tubular.
2. Bráctea peltada.
3. Folhas oblanceoladas, calcar cerca 2x mais longo que o lábio inferior da corola **12. *U. pusilla***
- 3'. Folhas lineares, calcar menor a levemente maior que o lábio inferior da corola.
4. Calcar ca. 1,5x menor que o lábio inferior, cônico, levemente expandido na base, ápice truncado **4. *U. flaccida***
- 4'. Calcar levemente menor/maior que o lábio inferior, subulado, ápice obtuso ou agudo **14. *U. subulata***
- 2'. Bráctea basifixa
5. Terrestres; bractéolas presentes.
6. Bractéolas adnatas à bráctea, ao menos na base **1. *U. amethystina***
- 6'. Bractéolas não adnatas à bráctea.
7. Flores de corola violácea.
8. Planta diminuta (2- 5 cm de alt.); cálice com nervuras proeminentes; corola com 3-5 mm de compr. **2. *U. costata***
- 8'. Planta mais robusta (> 10 cm de alt.); cálice sem nervuras proeminentes; corola > 1 cm de compr. **10. *U. longifolia***
- 7'. Flores de corola amarela.
9. Calcar inconspícuo, sacóide **7. *U. guyanensis***
- 9'. Calcar conspícuo, subulado ou estreitamente cônico.
- 10 Sépala superior do cálice com nervuras proeminentes **11. *U. nana***
- 10'. Sépalas sem nervuras proeminentes.
11. Inflorescência geralmente congesta; lábio superior da corola oblongo; lábio inferior orbicular, ápice retuso **3. *U. erectiflora***
- 11'. Inflorescência geralmente laxa; lábio superior da corola orbicular a levemente oval; lábio inferior transversalmente oblongo, ápice inteiro a levemente trilobado **9. *U. lloydii***

5'. Aquáticas; bractéolas ausentes.

12. Flores de corola róseo-purpúrea **8. *U. hydrocarpa***
- 12'. Flores de corola amarela.
13. Estolões espessos; escamas ausentes; lábio superior da corola transversalmente elíptico **5. *U. foliosa***
- 13'. Estolões filiformes; escamas presentes, lábio superior da corola amplamente ovóide ou orbicular **6. *U. gibba***

2.1. *Utricularia amethystina* Salzm. ex A.St.-Hil. & Girard, Compt. Rend. Hebd. Séances Acad. Sci., Ser. D. 7: 870. 1838.

Fig.1. E-J

Erva terrestre; rizóides capilares; estolões capilares. Folhas formando uma roseta na base do escapo, lâmina aproximadamente circular, obovada a orbicular, ápice arredondado. Utrículos nos rizóides e estolões, 0,9-1,3 mm compr., ovóides. Inflorescência racemosa, raramente paniculada, laxa; escapo 3,7- 27 cm alt.; escamas basifixas; brácteas basifixas, 0,6-1,6 mm compr., amplamente ovais, ápice agudo; bractéolas lanceoladas, adnatas à bráctea, ao menos na base. Flores 1 a 11; pedicelo ereto; cálice 1,3-3,5 mm compr., sépalas subiguais, sem nervuras proeminentes; corola lilás ou branca, com uma mancha amarela na base do lábio inferior, 4-13 mm compr.; lábio superior ovado, ápice arredondado, até 2x maior que a sépala superior; lábio inferior obovado, ápice 3-lobado; calcar ca. 2 a 3 vezes maior que o lábio inferior, cônico, ápice obtuso. Fruto cápsula globosa, 1,8-3,1 mm compr. Sementes numerosas, amplamente ovóides.

Comentários: No Brasil não apresenta ocorrência apenas para região Sul, compreendendo os estados do Amapá, Amazonas, Bahia, Goiás, Maranhão, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Minas Gerais, Pará, Paraíba, Pernambuco, Rio de Janeiro, Roraima, São Paulo, Sergipe e Tocantins. Em Sergipe, *Utricularia amethystina* pode ser facilmente encontrada em áreas mais abertas de Restinga e no PARNA da Serra de Itabaiana, durante a estação úmida, cujo substrato, arenoso, apresenta-se recoberto por uma fina película de água. De acordo com alguns trabalhos (Silva *et al.* 2011, Souza 2011, Taylor 1989) há uma série de variações na cor e forma da corola de *U. amethystina*, mas em Sergipe foram encontrados somente indivíduos com corola lilás ou branca, não ocorrendo com corola amarela. Diferencia-se das demais espécies do gênero, com ocorrência confirmada para o estado, pela presença de bractéolas adnatas à bráctea ao menos na base e pelas folhas aproximadamente circulares, obovadas a orbiculares. Floresce e frutifica entre os meses de junho e outubro.

Material selecionado: **BRASIL, Sergipe:** Areia Branca, VIII/2011, fl. fr., *T. Carregosa-Silva et al.* 221 (ASE); Estância, VII/2011, fl. fr., *T. Carregosa-Silva et al.* 214 (ASE); Indiaroba, VII/2011, fl. fr., *T. Carregosa-Silva et al.* 222 (ASE); Itabaiana, XI/2007, fl. fr., *K. Mendes et al.* 117 (ASE, UFP); Japarutuba, V/2010, fl. fr., *L.A.S. Santos et al.* 371 (ASE); Pirambu, fl. fr., *T. Carregosa-Silva et al.* 500 (ASE); Santo Amaro das Brotas, fl. fr. *T. Carregosa-Silva et al.* 217 (ASE).

2.2. *Utricularia costata* P.Taylor, Kew Bull. 41: 7. 1986.

Fig. 1. K-M

Erva terrestre; rizóides filiformes; estolões capilares. Folhas nos estolões, lâmina linear, ápice subagudo. Utrículos nos estolões e folhas, 0,14-0,25 mm compr., ovóides. Inflorescência racemosa, laxa; escapo 2-5 cm alt.; escamas basifixas; brácteas basifixas, ca. 0,7 mm compr., oblongo-lanceoladas, ápice agudo; bractéolas lanceoladas, livres. Flores 1 a 3; pedicelo ereto; cálice ca. 3 mm compr., sépalas desiguais, com nervuras proeminentes; corola lilás, com uma mancha amarela na base do lábio inferior, 3-5 mm compr.; lábio superior oval, ápice arredondado a levemente truncado, ca. 2x maior que a sépala superior; lábio inferior transversalmente oblongo, ápice 3-lobado; calcar ca. 2 a 3 vezes maior que o lábio inferior, cônico, ápice obtuso. Fruto cápsula globosa, ca. 1,5 mm compr. Sementes numerosas e amplamente ovóides.

Comentários: No Brasil sua distribuição compreende os estados de Goiás, Mato Grosso, Pará, Roraima e Sergipe. Seu baixo registro nas coleções botânicas pode ser pelo seu tamanho diminuto, passando despercebida, na maioria das vezes, por não especialistas da família. Em Sergipe sua distribuição, até o momento, se restringe ao PARNA da Serra de Itabaiana, em solos arenosos encharcados, entre rochas. Dentre as espécies tratadas para Sergipe, *Utricularia costata* pode ser confundida com *U. amethystina* quanto a morfologia da corola. Mas *U. costata* é facilmente reconhecida pelas sépalas apresentarem nervuras proeminentes e bractéolas não estarem adnatas a bráctea. Floresce e frutifica entre julho e novembro.

Material selecionado: **BRASIL. Sergipe:** Areia Branca, VIII/2013, fl. fr., *T. Carregosa et al.* 421 (ASE); Itabaiana, VIII/2011, fl. fr., *T. Carregosa-Silva et al.* 220 (ASE).

2.3. *Utricularia erectiflora* A.St.-Hil. & Girard, Ann. Sci. Nat., Bot. sér. 2, 11: 159. 1839.

Fig. 1. N-P

Erva terrestre; rizóides filiformes; estolões com ramificações capilares. Folhas nos estolões, lâmina linear, ápice agudo. Utrículos geralmente nos estolões, 0,4-0,9 mm compr., globosos. Inflorescência racemosa, geralmente congesta; escapo 2,5-30 cm alt.; escamas basifixas; brácteas basifixas, 0,8-2 mm compr., ovais, ápice agudo; bractéolas lanceoladas, livres. Flores 3 a 14; pedicelo ereto; cálice 3,2-6,9 mm compr.; sépalas subiguais, sem nervuras proeminentes; corola amarela, 5-13 mm compr.; lábio superior oblongo, ápice arredondado, levemente menor que a sépala superior; lábio inferior orbicular, ápice retuso; calcar ca. 2x maior que o lábio inferior, subulado, ápice agudo. Fruto cápsula elipsóide, 1,6-3,7 mm compr. Sementes numerosas, estriadas, amplamente ovóides.

Comentários: No Brasil é encontrada em todas as regiões, compreendendo os estados do Ceará, Distrito Federal, Espírito Santo, Goiás, Mato Grosso, Rio Grande do Norte, Rio Grande do Sul, Rio de Janeiro, Roraima, Santa Catarina, São Paulo, Sergipe e Tocantins.

Em Sergipe, habita áreas abertas de Mata Atlântica, sobre solos encharcados, geralmente a margem de lagoas. *Utricularia erectiflora* apresenta estreitas relações morfológicas com *U. lloydii*. Entretanto a inflorescência mais congesta, lábio superior oblongo e lábio inferior orbicular com ápice retuso, permitem o fácil reconhecimento de *U. erectiflora*. Floresce e frutifica entre abril e outubro.

Material selecionado: **BRASIL. Sergipe:** Barra dos Coqueiros, VIII/2011, fl., *J.E. Nascimento-Júnior* 1125 (ASE); Pirambu, IV/2012, fl. fr., *M.C.V. Farias et al.* 102 (ASE); Santa Luzia do Itanhhy, VII/2010, fl., *M.A. Farinaccio et al.* 792 (ASE); São Cristóvão, IX/2009, fl. fr., *L.A.S. Santos et al.* 50 (ASE).

2.4. *Utricularia flaccida* A. DC. Prodr. 8: 17. 1844.

Fig. 2. A-C

Erva terrestre ou litófitas; rizóides filiformes; estolões ramificados, filiformes. Folhas na base do pedúnculo e nos estolões, lâmina linear, ápice arredondado. Utrículos nas ramificações dos estolões, 0,3-0,6 mm compr., ovóides. Inflorescência racemosa, laxa; escapo 14-21 cm alt.; escamas peltadas; brácteas peltadas, 1,2-1,8 mm compr., amplexicaules, lanceoladas a ovais, ápice e base agudos a arredondados; bractéolas ausentes. Flores 3 a 11; pedicelo ereto; cálice 1,8-3,1 mm compr., sépalas desiguais, sem nervuras proeminentes; corola amarela, 0,1-15 mm compr.; lábio superior oblongo-oval, ápice levemente arredondado a levemente retuso, levemente maior que a sépala superior; lábio inferior rômboide, ápice 3-lobado; calcar ca. 1,5x menor que o lábio inferior, cônico, levemente expandido na base, ápice truncado. Fruto cápsula globosa, ca. 2 mm compr. Sementes numerosas, ovóides.

Comentários: Espécie até então considerada restrita à Chapada Diamantina, Bahia, *Utricularia flaccida* teve sua distribuição ampliada, sendo registrada para o PARNA Serra de Itabaiana, em Sergipe, assim como *Encyclia alboxanthina* Fowlie (Orchidaceae), também considerada endêmica da Chapada Diamantina e que recentemente teve sua distribuição ampliada por Monteiro *et al.* (2012). Isto talvez possa indicar um compartilhamento passado dessas áreas. Os espécimes coletados de *U. flaccida* foram encontrados em ambientes úmidos ou de água corrente, sobre rochas, semelhante aos espécimes da Chapada Diamantina. Esta espécie é morfológicamente similar a *U. subulata*, possuindo, brácteas peltadas, ausência de bractéolas e corola amarela, mas é possível reconhecer *U. flaccida* pelo calcar de ápice truncado, ca. 1,5x menor que o lábio inferior da corola. Floresce e frutifica entre setembro a janeiro.

Material selecionado: **BRASIL. Sergipe:** Areia Branca, IX/1981, fl. fr., *G. Viana* 64 (ASE); Itabaiana, XI/2010, fl. fr., *L.A.S. Santos et al.* 394 (ASE).

2.5. *Utricularia foliosa* L. Sp. Pl. 1: 18. 1753.

Fig. 2. D-E

Erva aquática flutuante; rizóides ausentes; estolões robustos, podendo atingir metros de comprimento. Folhas sobre os ramos dos estolões, alternas, divididas em segmentos capilares. Utrículos nos segmentos foliares, 1-2,5 mm compr., ovóides ou globosos. Inflorescência racemosa, ligeiramente congesta a laxa; escapo 8-25 cm alt.; escamas ausentes; brácteas basifixas, 3,5-5,2 mm compr., oblongas, ápice trucidado; bractéolas ausentes. Flores 5 a 16; pedicelo ereto em flor e reflexo em fruto; cálice 4-9 mm compr., sépalas semelhantes, sem nervuras proeminentes; corola amarela, com nervuras arroxeadas no lábio inferior da corola e no calcar, 12-22 mm compr.; lábio superior ovado ou transversalmente elíptico, ápice arredondado, 2x maior que a sépala superior; lábio inferior, transversalmente elíptico a sub-reniforme, ápice inteiro ou retuso; calcar de igual tamanho ou menor que o lábio inferior, cônico, ápice obtuso. Fruto cápsula globosa, 2,2-6 mm compr. Sementes ca. 18, lenticulares, estreitamente aladas.

Comentários: No Brasil apresenta ampla ocorrência, compreendendo quase todo território. Em Sergipe é comum nas regiões litorâneas, sendo bastante frequente em ambientes de águas paradas, em brejos e lagoas rasas ou profundas. *Utricularia foliosa* e *U. gibba* são as únicas espécies aquáticas de corola amarela. No entanto, *U. foliosa* apresenta estolões robustos, que podem atingir metros em comprimento, pedicelo ereto em flor e pedicelo reflexo em fruto. Floresce e frutifica em quase todos os meses do ano.

Material selecionado: **BRASIL. Sergipe:** Ilha das Flores, VIII/2011, fl., T. Carregosa-Silva et al. 225 (ASE); Itaporanga d'Ajuda, XI/2008, fr., I. Matos & E. Santos 96 (ASE); Pacatuba, III/2011, fl. fr., L.A.S Santos & I.R.N. Menezes 517 (ASE); Pirambu, VII/2011, fl., T. Carregosa-Silva et al. 227 (ASE); Santo Amaro das Brotas, VI/1982, fl., E. Carneiro 381 (ASE); São Cristóvão, IX/2009, fl. fr., L.A.S. Santos et al. 51 (ASE).

2.6. *Utricularia gibba* L., Sp. Pl. 1: 18. 1753.

Fig.2. F-G

Erva aquática flutuante; rizóides geralmente ausentes, quando presentes filiformes; estolões ramificados, filiformes. Folhas quando presentes, divididas em duas segmentações capilares. Utrículos nos segmentos foliares, 0,7-2,2 mm compr., ovóides. Inflorescência racemosa; escapo 2-12 cm alt.; escamas basifixas; brácteas basifixas, 0,6-1,5 mm compr., semi-amplexicaules, elípticas, ápice arredondado; bractéolas ausentes. Flores 1 a 3; pedicelo ereto; cálice 1,2-3,7 mm compr., sépalas semelhantes, sem nervuras proeminentes; corola amarela, geralmente com nervuras avermelhadas no lábio inferior, 5-12 mm compr.; lábio superior amplamente ovóide ou orbicular, ápice usualmente 3-lobado, ca. 3x maior que a sépala superior; lábio inferior oval a arredondado, ápice arredondado ou 3-lobado; calcar levemente de maior/menor que o lábio inferior, cônico, ápice obtuso ou agudo. Fruto cápsula globosa, 1-1,7 mm compr. Sementes lenticulares,

largamente aladas.

Comentários: No Brasil apresenta ampla ocorrência, compreendendo quase todo território. Em Sergipe é registrada da Mata atlântica até a Caatinga, sendo bastante frequente em brejos, lagoas e alagados, podendo apresentar-se tanto de forma flutuante como fixa. Alguns caracteres que permitem a fácil distinção de *Utricularia gibba* de indivíduos menores de *U. foliosa*, são os estolões filiformes, pedicelo sempre ereto e presença de escamas no escapo em *U. gibba*. Floresce e frutifica entre os meses de março a dezembro.

Material selecionado: **BRASIL. Sergipe:** Aracaju, X/2010, fl. fr., I.R.N. Menezes & J.E. Nascimento-Júnior 239 (ASE); Estância, XII/2010, fl., T. Carregosa-Silva et al. 126 (ASE); Frei Paulo, VII/1983, fr., G. Viana 711 (ASE); Ilha das Flores, VIII/2011, fl. fr., T. Carregosa-Silva et al. 224 (ASE); Pacatuba, III/2011, fl., L.A.S. Santos & I.R.N. Menezes 516 (ASE); Santa Luzia do Itanhhy, VI/2011, fl. fr., L.A. Gomes et al. 162 (ASE); Simão Dias, VII/1986, fr., G. Viana 1579 (ASE).

2.7. *Utricularia guyanensis* A.DC., Prodr. 8: 11-12. 1844.

Fig. 2. H-J

Erva terrestre; rizóides filiformes; estolões com ramificações capilares. Folhas não observadas. Utrículos nos estolões, rizóides e folhas, ca. 0,2 mm compr., globosos. Inflorescência racemosa, laxa; escapo 6-10 cm alt.; escamas basifixas; brácteas basifixas, 0,7-1 mm compr., amplamente ovais, ápice obtuso; bractéolas lanceoladas. Flores 1 a 6; pedicelo ereto; cálice ca. 2,5 mm compr., sépalas semelhantes, sem nervuras proeminentes; corola amarela brilhante, 3-4,5 mm compr.; lábio superior oval, ápice arredondado, maior que a sépala superior; lábio inferior, transversalmente elíptico, ápice levemente retuso; calcar inconspícuo, sacóide, ápice arredondado. Fruto cápsula elipsóide, ca. 1,5 mm compr. Sementes numerosas, ovais.

Comentários: No Brasil é registrada para os estados da Bahia, Pará, Paraíba, Mato Grosso, Tocantins e Sergipe. Em Sergipe ocorre em vegetação de Restinga aberta, associada a solo arenoso, molhado ou úmido. Segundo Taylor (1989) as folhas de *Utricularia guyanensis* são normalmente filiformes, estreitando-se aos poucos, com ápice agudo. Pode ser facilmente distinguida das demais espécies com ocorrência confirmada para o estado, pela calcar se apresentar inconspícuo e sacóide. Floresce em Setembro.

Material examinado: **BRASIL. Sergipe:** Estância, IX/2011, fl., L.A.S. Santos et al. 580 (ASE).

2.8. *Utricularia hydrocarpa* Vahl, Enum. Pl. 1: 200. 1804.

Fig. 2. K-L

Erva aquática flutuante; rizóides ausentes; estolões pouco ramificados, filiformes. Folhas

dicotômicas ou multipinadas. Utrículos nos segmentos foliares, 1,8-2,5 mm compr., ovóides. Inflorescência racemosa, laxa; escapo 3-8 cm alt.; escamas ausentes; brácteas basifixas, 1,7-2,7 mm compr., ovais, ápice agudo; bractéolas ausentes. Flores 2 a 5; pedicelo ereto em flor, subereto em fruto; cálice 3,2-5 mm compr., sépalas semelhantes, sem nervuras proeminentes; corola róseo-purpúrea, com mancha amarela na base do lábio inferior, 6-10 mm compr.; lábio superior orbicular, ápice retuso, ca. 2x maior que a sépala superior; lábio inferior transversalmente elíptico a sub-reniforme, ápice bilobado; calcar menor que o lábio, levemente curvada, cônico, ápice obtuso. Fruto cápsula globosa, ca. 2 mm compr. Sementes lenticulares.

Comentários: No Brasil é amplamente distribuída, compreendendo todas as regiões. Em Sergipe tem ocorrência registrada para a Mata Atlântica, sobretudo em áreas de restinga. Semelhantemente a *Utricularia foliosa* e *U. gibba*, ocorre em brejos e lagoas rasas ou profundas, mas é mais freqüente em lagoas rasas resultantes da estagnação da água nos períodos de chuva. *U. hydrocarpa* pode ser distinguida das demais espécies aquáticas pela corola róseo-purpúrea, com lábio inferior transversalmente elíptico e ápice bilobado. Floresce e frutifica de março a outubro.

Material selecionado: **BRASIL. Sergipe:** Barra dos Coqueiros, VII/2011, fl., Nascimento-Júnior *et al.* 908 (ASE); Ilha das Flores, VIII/2011, fl. fr., *T. Carregosa-Silva et al.* 226 (ASE); Pacatuba, III/2011, fl., *L.A.S. Santos & I.R.N. Menezes* 527 (ASE); Santa Luzia do Itanhy, X/2011, fl. fr., *R.M. Deda & E. Santos* 78 (ASE).

2.9. *Utricularia lloydii* Merl ex F.E. Lloyd, Flora 126: 311–313, f. 8. 1932.

Fig. 3. A-C

Erva terrestre; rizóides filiformes; estolões ramificados, filiformes. Folhas nos estolões, lâmina linear, ápice arredondado. Utrículos nos estolões, 0,3-0,5 mm compr., globosos. Inflorescência racemosa, laxa; escapo 5-12 cm alt.; escamas basifixas; brácteas basifixas, 0,8-1,3 mm compr., ovais, ápice agudo; bractéolas lanceoladas. Flores 1 a 4; pedicelo ereto; cálice 2,5-3,6 mm compr., sépalas semelhantes, sem nervuras proeminentes; corola amarela, 5-7 mm compr.; lábio superior orbicular a levemente oval, ápice arredondado a levemente retuso, de igual tamanho ou pouco menor que a sépala superior; lábio inferior, transversalmente oblongo, ápice inteiro a levemente trilobado; calcar maior que o lábio inferior, estreitamente cônico, reto, ápice agudo. Fruto cápsula amplamente ovóide, ca. 2 mm compr. Sementes numerosas, amplamente globosas.

Comentários: No Brasil apresenta ocorrência nos estados do Amazonas, Goiás, Mato Grosso, Roraima, Tocantins e Sergipe. Em Sergipe é encontrada em vegetação de Restinga aberta, sobre solo arenoso e úmido. *Utricularia lloydii* é morfologicamente mais próxima a *U. erectiflora*, entretanto em *U. lloydii* a inflorescência é geralmente laxa, o lábio superior da corola é orbicular a levemente oval e inferior transversalmente oblongo com ápice inteiro a levemente trilobado. Floresce e frutifica entre os meses de

agosto e dezembro.

Material selecionado: **BRASIL. Sergipe:** Estância, XI/2010, fl. fr., *T. Carregosa-Silva et al.* 123 (ASE); Pirambu, VIII/2013, fl. fr., *T. Carregosa-Silva & E. Santos* 423 (ASE).

2.10. *Utricularia longifolia* Gardner, London J. Bot. 1: 545. 1842.

Fig. 3. D

Erva terrestre; rizóides filiformes; estolões filiformes. Folhas rosuladas na base do escapo, lâmina oblanceolada, ápice ligeiramente agudo. Utrículos nos rizóides e ramificações dos estolões, ca. 1 mm compr., globosos. Inflorescência racemosa, laxa; escapo 45-56 cm alt.; escamas basifixas; brácteas basifixas, 3-5,5 mm compr., oval-lanceoladas, ápice acuminado; bractéolas lanceoladas. Flores até 18; pedicelo ereto; cálice 7-15 mm compr., sépalas semelhantes, sem nervuras proeminentes; corola lilás, com uma mancha amarelada na base do lábio inferior, 18-25 mm compr.; lábio superior oval, ápice arredondado, pouco maior que a sépala superior; lábio inferior orbicular, ápice retuso; calcar pouco maior que o lábio inferior, cônico, ápice agudo. Fruto cápsula globosa, ca. 5 mm compr. Sementes não observadas.

Comentários: Espécie endêmica do Brasil se distribuindo de São Paulo a Sergipe. *Utricularia longifolia* não foi encontrada durante as expedições a campo realizadas neste trabalho. Em Sergipe a coleta mais recente é de 1985 no PARNA da Serra de Itabaiana, ocorrendo em solo encharcado. Segundo Taylor (1989) as sementes são obliquamente ovóides. *U. longifolia* é facilmente diferenciada das demais, em virtude do seu porte mais robusto (acima de 40 cm de alt.), sendo a espécie com o maior tamanho de folhas encontrado no gênero (Taylor 1989). Floresce e frutifica em novembro.

Material examinado: **BRASIL. Sergipe:** Itabaiana, XI/1985, fl. fr., *G. Viana* 1178 (ASE).

Material adicional examinado: **BRASIL. Bahia:** Rio das Contas, II/2001, fl. fr., *E.R. Pansarin & A.O. Simões s/n* (UEC- 134283).

2.11. *Utricularia nana* A.St.-Hil. & Girard, Compt. Rend. Hebd. Séances Acad. Sci. 7: 869. 1838.

Fig. 3. E-F

Erva terrestre; rizóides ramificados, filiformes; estolões ramificados, capilares. Folhas na base do escapo ou no estolão, lâmina oblanceolada, ápice arredondado. Utrículos nos rizóides e estolões, 0,4-0,7 mm compr., ovóides. Inflorescência solitária ou racemosa, laxa; escapo 2,8-4 cm alt.; escamas basifixas; brácteas basifixas, 0,8-1 mm compr., ovais, ápice agudo; bractéolas lanceoladas. Flores 1 a 2; pedicelo ereto em flor e reflexo em fruto; cálice 3-3,6 mm compr., sépalas desiguais, com nervuras proeminentes apenas na sépala superior; corola amarela, 4-7,5 mm compr.; lábio superior oblongo, ápice

arredondado, de igual tamanho ou levemente maior que a sépala superior; lábio inferior transversalmente elíptico, ápice retuso ou indistintamente 4-crenado; calcar pouco maior que o lábio inferior, envolto pela sépala inferior, subulado, reto ou levemente curvada, ápice agudo. Fruto cápsula globosa, ca. 1,2 mm compr. Sementes não observadas.

Comentários: No Brasil apresenta ocorrência em todas as regiões. Em Sergipe foi coletada na Serra de Itabaiana, sobre solo encharcado. Segundo Taylor (1989) as sementes são ovóides. *Utricularia nana* é distinguida das demais espécies, pela presença de nervuras proeminentes apenas na sépala superior do cálice e calcar envolto pela sépala inferior. Floresce em agosto.

Material examinado: **BRASIL. Sergipe:** Areia Branca, Serra de Itabaiana, VIII/2011, fl., *T. Carregosa-Silva et al.* 219 (ASE).

2.12. *Utricularia pusilla* Vahl, Enum. Pl. 1: 202. 1804.

Fig. 3. G-I

Erva terrestre; rizóides capilares; estolões capilares. Folhas na base do escapo e estolão, lâmina oblanceolada, ápice arredondado. Utrículos nos estolões, ca. 0,4 mm compr., ovais. Inflorescência racemosa, laxa; escapo 3-10 cm alt.; escamas peltadas; brácteas peltadas, amplexicaule, 0,5-1 mm compr., ovais, ápice e base agudos a arredondados; bráctea estéril presente entre as flores terminais; bractéolas ausentes. Flores 2 a 4; pedicelo ereto; cálice 1,1-1,8 mm compr., sépalas semelhantes, sem nervuras proeminentes; corola amarela, 5-7 mm compr.; lábio superior oval; ápice arredondado, ca. 2x maior que a sépala superior; lábio inferior amplamente rombóide; ápice fortemente 3-lobado; calcar ca. 2x maior que o lábio inferior da corola, subulado, ápice agudo. Fruto cápsula globosa, 1,3-2 mm compr. Sementes numerosas, ovóides.

Comentários: No Brasil é registrada para os estados do Amazonas, Bahia, Ceará, Goiás, Maranhão, Mato Grosso, Minas Gerais, Pará, Paraíba, Pernambuco, Rio de Janeiro, Roraima, São Paulo. Em Sergipe é encontrada em ambiente de Mata atlântica e na região central de agreste do estado, associada geralmente a solos arenosos e úmidos. *Utricularia pusilla*, é frequentemente encontrada próximo a *U. subulata*, podendo, inicialmente, não ser distinguida dos indivíduos menores de *U. subulata*. Entretanto, caracteres como, calcar bem mais longo (ca. 2X) que o lábio inferior da corola e bráctea estéril entre as flores em *U. pusilla* permitem a sua identificação. Floresce e frutifica entre os meses de junho e setembro.

Material examinado: **BRASIL. Sergipe:** Areia Branca, IX/2012, fl. fr., *G.M.A. Matos et al.* 202 (ASE); Pacatuba, II/2013, fl. fr., *E.V.S. Oliveira & E.S. Ferreira* 167 (ASE); Santa Luzia do Itanhhy, VI/2011, *L.A. Gomes et al.* 161 (ASE); Santo Amaro das Brotas, VIII/2011, fl. fr., *T. Carregosa-Silva et al.* 215 (ASE); São Cristóvão, VIII/2004, fl. fr., *M. Landim et al.* 1568 (ASE).

2.13. *Utricularia resupinata* B.D.Greene ex Bigelow, Fl. Boston. (ed. 3) 10. 1840.

Fig. 3. J-L

Erva paludosa; rizóides capilares; estolões capilares. Folhas partindo da base do pedúnculo ou dos estolões, lâmina filiforme, afinando até atingir ápice agudo. Utrículos localizados nos estolões e nas folhas, 3-0,7 mm compr., obliquamente ovóides. Inflorescência solitária; escamas ausentes, bráctea basifixa, 1-1,3 mm compr., tubular, ápice em geral levemente obtuso, bilobado; bractéolas ausentes; Flores 1; cálice 3-4,2 mm compr., sépalas semelhantes, sem nervuras proeminentes; corola rosa, com uma mancha amarela na base do lábio inferior, ca. 13 mm compr.; lábio superior estreitamente oblongo-ovado, ápice arredondado a levemente retuso, quase 4x maior que a sépala superior; lábio inferior orbicular, ápice mais ou menos truncado; calcar ascendente, pouco maior que o lábio inferior, estreitamente cônico, com ápice obtuso ou emarginado. Fruto não observado.

Comentários: De acordo com Taylor (1989) as principais ocorrências dessa espécie estão nos Estados Unidos e no Canadá, não fazendo menção desta para América do Sul. Entretanto Miranda & Rivadavia (2013) mencionam essa espécie na lista da Flora do Brasil, com base em um único registro para o estado do Amazonas. Levando em consideração o banco de dados do *SpeciesLink* (2013) que registra *Utricularia resupinata* para uma área de restinga do Rio Grande do Norte, amplia-se a sua distribuição, levando a crer que ela ocorra numa faixa litorânea que vai Rio Grande do Norte a Sergipe. Em Sergipe é encontrada em vegetação de Restinga, em solo encharcado lamoso. Diferentemente das demais espécies ocorrentes no estado, *U. resupinata* apresenta uma bráctea floral tubular no escapo. Floresce em Março.

Material examinado: **BRASIL. Sergipe:** Estância, III/2010, fl., *I.R.N. Menezes et al.* 87 (ASE).

2.14. *Utricularia subulata* L., Sp. Pl. 1: 18. 1753.

Fig. 3. M-N

Erva terrestre; rizóides ramificados, capilares; estolões capilares. Folhas localizadas nos estolões, lâmina linear, ápice arredondado a agudo. Utrículos localizados nos estolões, 0,2-0,5 mm compr., ovais. Inflorescência racemosa, laxa; escamas peltadas; brácteas peltadas, 0,6-1,5 mm compr., amplexicaules, largo-elípticas, ovadas ou oblongas, ápice agudo ou arredondado, base arredondada; bractéolas ausentes; Flores 1 a 7; pedicelo ereto; cálice 1-2 mm compr., sépalas semelhantes, com nervuras pouco proeminentes; corola amarela, 3-10 mm compr.; lábio superior oval, ápice obtuso, até 2x maior que a sépala superior; lábio inferior rombóide, ápice 3-lobado; calcar levemente maior/ menor que o lábio inferior, subulada, inteira ou 2-dentada, ápice obtuso ou agudo. Fruto cápsula globosa, 1,1-1,7 mm compr. Sementes numerosas, ovais.

Comentários: Com ampla distribuição, ocorre em quase todo território brasileiro. Em

Sergipe compreende a vegetação de Mata Atlântica, sobretudo em restinga, ocorrendo em áreas abertas, em corpos d'água de solo arenoso. *Utricularia subulata* é semelhante a *U. pusilla* e *U. flaccida*. Diferencia-se de *U. pusilla* por apresentar folhas lineares, levemente maior/ menor que o lábio inferior e ausência de brácteas estéreis entre as flores e de *U. flaccida* pelo calcar com ápice agudo ou obtuso. Floresce e frutifica em todos os meses do ano.

Material selecionado: **BRASIL. Sergipe:** Areia Branca, III/2008, fl. fr., S.M. Costa & J.E. Nascimento-Júnior 315 (ASE); Estância, VII/2011, fl., T. Carregosa-Silva et al. 212 (ASE); Indiaroba, VIII/2011, fl., T. Carregosa-Silva et al. 223 (ASE); Itabaiana, XI/2007, fr., P. Gomes et al. 621 (ASE, UFP); Pacatuba, II/2013, fl., E.V.S. Oliveira & E.S. Ferreira 165 (ASE); Santo Amaro das Brotas, VIII/2011, fl., T. Carregosa-Silva et al. 216 (ASE); Santa Luzia do Itanhy, VII/2009, fl. fr., S.H.N. Monteiro et al. 83 (ASE).

Referências Bibliográficas

Fleischmann, A. 2012. **Monograph of the genus *Genlisea*** Poole, Redfern Natural History Productions Ltd – XVII, 728 S, ISBN 978-1-908787-00-2; 1-908787-00-7.

Fleischmann, A. 2012. The new *Utricularia* species described since Peter Taylor's Monograph. **Carniv. Pl. Newsletter 41:** 67-76.

Guisande, C.; Lorencio, C.G.; Andrade-Sossa, C.E.; Duque, S.R. 2007. Bladderworts – Carnivorous Plants of the genus *Utricularia*. **Functional Plant Science and Biotechnology 1(1):** 58-68.

Jobson, R.W.; Playford, J.; Cameron, K.M. & Albert, V.A. 2003. Molecular phylogenetics of Lentibulariaceae inferred from plastid rps16 intron and trnL-F DNA sequences: implications for character evolution and biogeography. **Systematic Botany 28:** 157-171.

Miranda, V.F.O. & Rivadavia, F. 2013. Lentibulariaceae In: **Lista de Espécies da Flora do Brasil**. Jardim Botânico do Rio de Janeiro. Disponível em: <http://floradobrasil.jbrj.gov.br/2012/FB000146>. (Acesso em: 6 de maio de 2013).

Monteiro, S.H.N., Santos, L.A.S., & Carregosa-Silva, T. 2012. Expanding the distribution of *Encyclia albioxanthina* Fowlie (Orchidaceae, Laeliinae). **Revista Brasileira de Biociências 10(2):** 248.

Silva, N.G.; Alves, R.J.V.; Pereira, J.F.; & Rivadavia, F. 2011. Lentibulariaceae, Serra de São José, Minas Gerais, Brazil. **Check List. 7(2):** 120-127.

Taylor, P. 1989. **The genus *Utricularia* - a taxonomic monograph**. Kew Bulletin Additional Series XIV. Royal Botanic Gardens, Kew. London, 736 p.

Lista de Exsicatas

Amorim, B.S. 145 (2,4); **Carneiro, E.** 381 (2,5); **Carregosa-Silva, T.** 27 (2,4), 123 (2,9), 126 (2,6), 127 (2,9), 210 (2,11), 212 (2,14), 213 (1,1), 214 (2,1), 215 (2,12), 216 (2,14), 217 (2,1), 218 (1,1), 219 (2,11), 220 (2,2), 221 (2,1), 222 (2,1), 223 (2,14), 224 (2,6), 225 (2,5), 226(2,8), 227 (2,5); **Carregosa, T.** 421 (2,2), 422 (1,1), 423 (2,9), 500 (2,1); **Costa, S.M.** 315 (2,14), 378 (2,2), 382 (2,14), 665 (2,5); **Deda, R.M.** 78 (2,8); **Farias, M.C.V.** 102 (2,3); **Farinaccio, M.A.** 792 (2, 3); **Gomes, L.A.** 161 (2,12), 162 (2,6), 284 (2,6), 617 (1,1), 621 (2,14), 626 (2,1); **Landim, M.** 669 (2,14), 670 (2,1), 1057 (2,4), 1568 (2,12); **Matos, G.M.A.** 201 (1,1), 202 (2,12); **Matos, I.** 96 (2,5); **Mendes, K.** 117 (2,1), 158 (2,1), 292 (2,4); **Menezes, I.R.N.** 87 (2,13), 174 (2,5), 239 (2,6); **Monteiro, S.H.N.** 83 (2,14); **Nascimento-Júnior, J.E.** 908 (2,8), 1098 (2,1), 1125 (2,3); **Oliveira, E.V.S.** 99 (2,5), 164 (2,6), 165 (2,14), 167 (2,12); **Pansarin, E.R.** s.n. (UEC- 134283) (2,10); **Prata, A.P.** 2297 (2,8), 2691 (1,1), 2692 (2,1); **Santos, L.A.S.** 38 (2,3), 44 (2,3), 50 (2,3), 51 (2,5), 123 (2,9), 127 (2,9), 371 (2,1), 393 (2,1), 394 (2,4), 395 (2,1), 516 (2,6), 517 (2,5), 527 (2,8), 562 (2,14), 563 (2,1), 571 (1,1), 575 (2,1), 580 (2,7), 581(2,1) 582 (2,14); **Schmidt, S.** 268 (2,2); **Viana, G.** 64 (2,4), 659 (2,1), 711 (2,6), 802 (2,5), 1178 (2,10), 1579 (2,6).

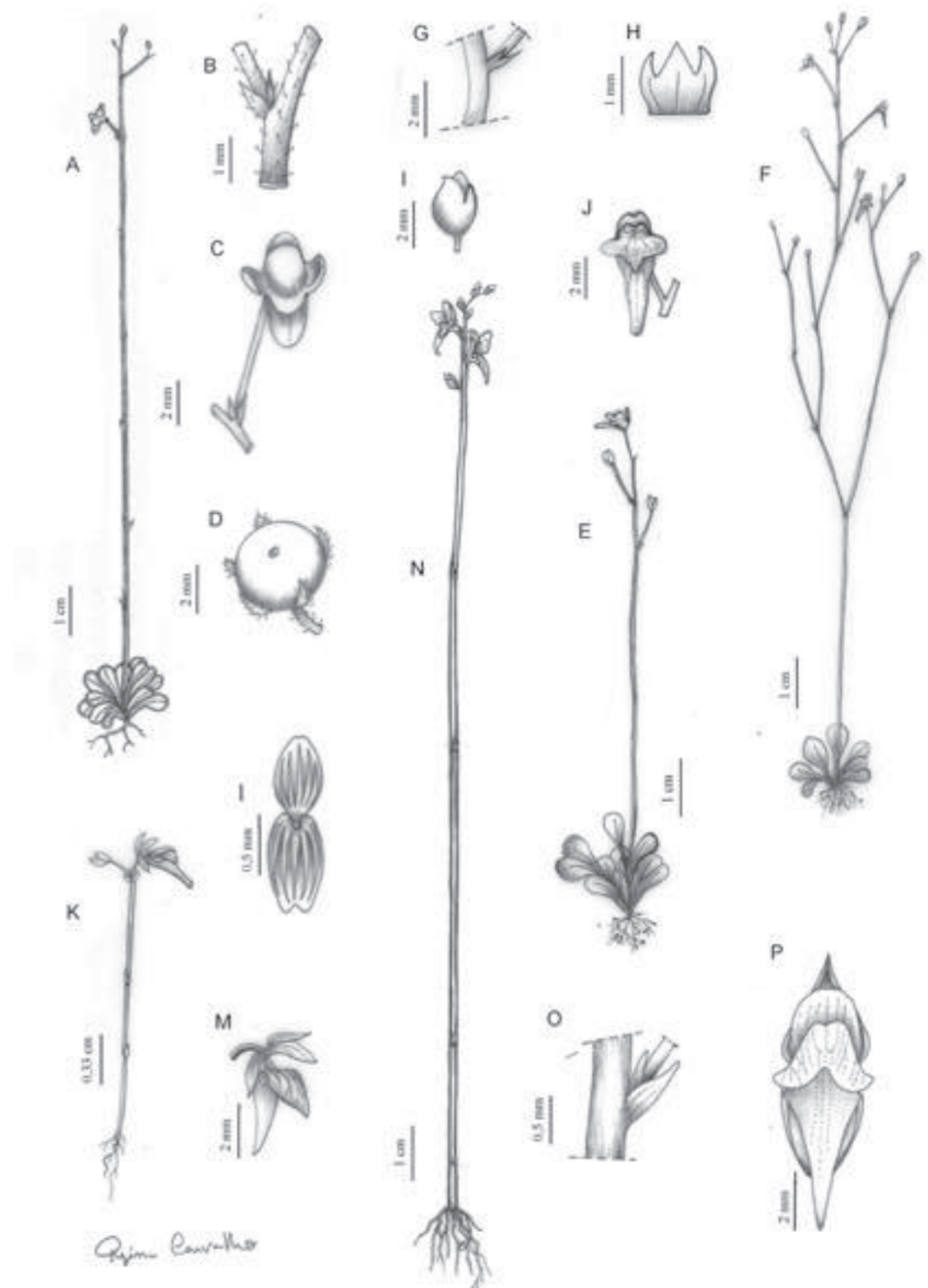


Figura 1. A-D. *Genlisea filiformis* A.St.-Hil. A. Hábito, B. Escapo com bráctea floral basifixa e bractéola, C. Flor em visão frontal, D. Fruto (T. Carregosa et al. 213, ASE). E-J. *Utricularia amethystina* Salzm. ex A.St-Hil & Girard. E.F. Hábito, G. Escapo floral com bráctea floral basifixa e bractéola, H. Bráctea adnata as bractéolas, I. Botão floral, J. Flor em visão frontal (L.A.S. Santos et al. 575, ASE; T. Carregosa et al. 221, ASE). K-M. *Utricularia costata* P.Taylor. K. Hábito, L. Cálice, M. Flor em visão lateral (T. Carregosa-Silva et al. 220, ASE). N-P. *Utricularia erectiflora* A.St-Hil & Girard. N. Hábito, O. Escapo com bráctea floral basifixa e bractéola, P. Flor em visão frontal (M.A.B. Farinaccio et al. 792, ASE).

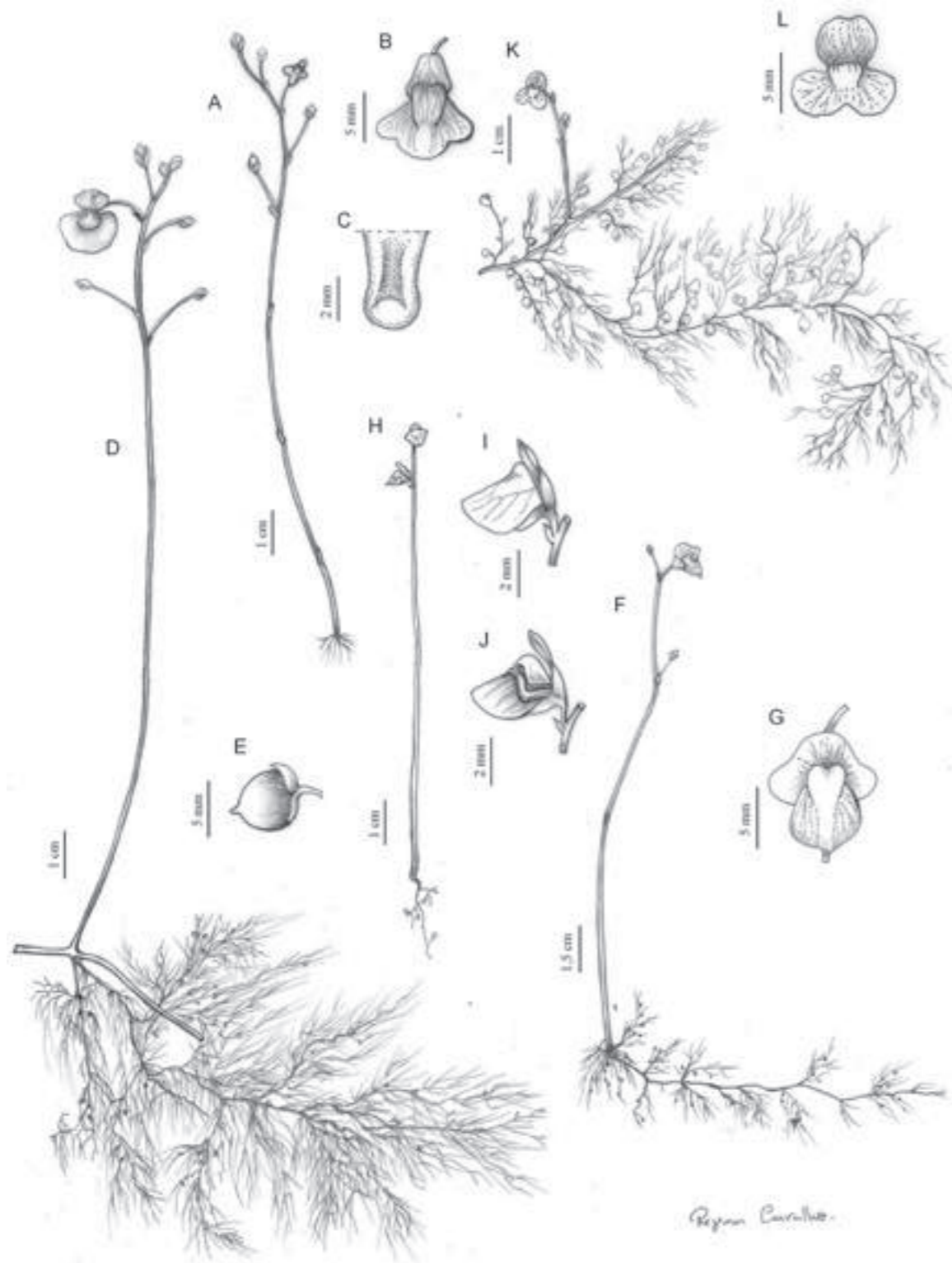


Figura 2. A-C. *Utricularia flaccida* A.DC. A. Hábito, B. Flor em visão frontal, C. Calcar (G. Viana 64, ASE). D-E. *Utricularia foliosa* L. D. Hábito, E. Fruto (S.M. Costa & D.S. Melo 665, ASE). F-G. *Utricularia gibba* L. F. Hábito, G. Flor em visão frontal (L.A. Gomes et al. 284, ASE). H-J. *Utricularia guyanensis* A.DC. H. Hábito, I. Flor em visão lateral, J. Flor em visão lateral com gineceu e androceu (G. Viana 1178, ASE). K-L. *Utricularia hydrocarpa* Vahl. K. Hábito, L. Flor em visão frontal (J.E. Nascimento-Júnior et al. 908, ASE).



Figura 3. A-C. *Utricularia lloydii* Merl ex F.E.Lloyd. A. Hábito, B. Bráctea floral basifixa, C. Flor em visão lateral (T. Carregosa-Silva et al. 127, ASE). D. *Utricularia longifolia* Gardner. D. Hábito (G. Viana 1178, ASE). E-F. *Utricularia nana* A.St-Hil & Girard. E. Hábito, F. Flor em visão lateral (G. Viana 1178, ASE). G-I. *Utricularia pusilla* Vahl. G. Hábito, H. Bráctea peltada, I. Flor em visão frontal (G.M.A. Matos et al. 202, ASE). J-L. *Utricularia resupinata* B.D.Greene ex Bigelow. J. Hábito, K.L. Bráctea tubular (G. Viana 1178, ASE). M-N. *Utricularia subulata* L. M. Hábito, N. Flor em visão frontal (M. Landim et al. 669, ASE)

Katarina Pinheiro¹

Ervas pilosas. Folhas alternas, simples, membranáceas, lâmina ovada, lobada, ápice agudo a aristulado, base levemente cordada a arredondada ou levemente oblíqua, margem serrada a lobulada, venação reticulada, estípulas ausentes. Inflorescência axilar, cimosa a racemosa, dicásio, raro flores solitárias. Flores bissexuais, pentâmeras, actinomorfas, epíginas, glabras, brancas, amarelas; cinco sépalas, gamossépalas, actinomorfas, pubescentes; pétalas 5, dialipétalas, actinomorfas, glabras; estames numerosos, livres, filetes glabros, anteras rimosas; ovário ínfero, turbinado, estilete glabro. Frutos cápsulas. Loasaceae é uma família composta por 15 gêneros e cerca de 300 espécies distribuídas principalmente nas regiões tropicais das Américas, com maior representatividade nas regiões semi-áridas. No Brasil a família está representada por cinco gêneros e 15 espécies encontradas em diversos ambientes, principalmente em locais mais abertos (Weigend 2013). Loasaceae subdivide-se em duas subfamílias: Loasoideae e Mentzelioideae. A primeira apresenta flores com pétalas cuculadas e vários estames dispostos em grupo. Já Mentzelioideae tem pétalas aplanadas e poucos estames. Seu posicionamento filogenético é bastante controverso, onde de acordo com estudos morfológicos alguns grupos de Loasaceae tem similaridade com outros grupos de Hydrangeaceae. Porém, a baixa quantidade de estudos dificulta estabelecer um posicionamento mais preciso. Atualmente a família está inserida na ordem Cornales (Weigend *et al.* 2004).

Chave para identificação das espécies de **Loasaceae** de Sergipe

1. Erva com tricomas simples nos ramos, flores com pétalas unguiculadas
 **1. *Aosa rupestris***
 1'. Erva com tricomas estrelados nos ramos, flores com pétalas planas
 **2. *Mentzelia aspera***

1. *Aosa rupestris* (Gardner) Weigend Icon. Pl. 7: t. 663. 1844.

Nome popular: urtiga

Fig. 1. A-F.

Erva pilosa, ca. 30 cm compr., ramos pilosos, tricomas simples. Pecíolo 6-3 cm compr., piloso, tricomas simples; Folha simples, Lâmina membranácea, ovada, lobada, ápice agudo, base cordada, margem lobada a lobulada, 14-4 x 6-2 cm; venação reticulada, tricomas presentes, simples. Inflorescência racemosa, pedúnculo 18-12 cm compr., tricomas presentes, simples. Flores bissexuais, actinomorfas; sépalas 5, ovadas, 3-2 x 1 mm, pubescentes, tricomas simples; pétalas 5, unguiculadas, 4-5 x 2 mm, glabras; escamas

nectaríferas 5, 2-1 x 1 mm, livres, estriadas 5; estames vários, coberto pelas pétalas, filetes livres, glabros, anteras rimosas, 1 x 1 mm; ovário ínfero, globoso-alongado a turbinado, glabro, 2 x 1 mm, estilete ca. 2 mm, estigma turbinado. Fruto cápsula, sementes marrons, 1 x 1 mm, estriadas.

Comentários: *Aosa rupestris* é uma espécie nativa e classificada endêmica da região do nordeste do Brasil, restrita aos domínios da Caatinga e Mata Atlântica nos estados da Bahia, Ceará, Paraíba e Pernambuco (Weigend, 2013). Com a Flora de Sergipe esta distribuição foi ampliada, porém nos mesmos domínios vegetacionais citados acima. Floração em março a setembro e frutificação em outubro a junho.

Material selecionado: **BRASIL. Sergipe:** Canindé de São Francisco, IX/2009, fr., *W.J. Machado et al.* 890 (ASE); Poço Redondo, VII/1986, fl., *M. Fonseca s/n* (ASE 04294); Macambira, III/2012, fl., *G.M.A. Matos et al.* 78 (ASE).

Material adicional examinado: **BRASIL. Paraíba:** Itabaiana, XI/1971, fr., *D. Andrade-Lima et al.* s/n (ASE 01247).

2. *Mentzelia aspera* L. Sp. Pl. 1: 516. 1753.

Nome popular: pega-bode

Fig. 1. G-I.

Erva pilosa até 1,10 m alt., tricomas estrelados no caule. Pecíolo 6-2 cm compr., piloso, tricomas simples; Folha simples, Lâmina membranácea, ovada, ápice agudo a aristulado, base arredondada a levemente oblíqua, margem serrada, 13,5-8 x 6-4 cm, pilosa, tricomas simples; venação reticulada, tricomas simples. Inflorescência dicásio ou flores solitárias, axilares ou terminais, pedúnculo 1-0,5 cm compr., tricomas estrelados presentes. Flores, bissexuais; sépalas 5, lacínios oblanceolados, 0,8 x 0,1 cm, ápice acuminado, pilosos, tricomas simples na face adaxial, abaxial glabra; pétalas 5, obdeltóide, 1-0,7 x 0,3 cm, glabras, planas, ápice cuspidado, escamas nectaríferas ausentes; estames vários, livres, filetes glabros, 3 mm compr., anteras rimosas, 1 mm compr.; ovário ínfero, glabro, estilete alvo, 3 mm compr. Fruto cápsula.

Comentários: *Mentzelia aspera* é uma espécie com distribuição ampla, porém com maior representatividade em ambientes secos. No Brasil é registrada nas regiões nordeste, centro-oeste e sudeste, porém não é classificada como endêmica do Brasil. Recentemente sua distribuição foi ampliada com o primeiro registro na Flora do Paraguai (Elsam & Peña-Chocarro 2010). Floração em março a agosto e frutificação em setembro a fevereiro.

Material selecionado: **BRASIL. Sergipe:** Canindé de São Francisco, VI/2000, fl., *D.V. Braga s/n* (IPA 73898); Porto da Folha, VIII/2012, fl., *A.P. Prata et al.* 3218 (ASE).

¹ Universidade Federal de Pernambuco, Centro de Ciências Biológicas, Departamento de Botânica. Professor Nelson Chaves, s/n, Cidade Universitária, CEP 50670-420 - Recife, PE. Email: katarina_romenia@yahoo.com.br

Referências Bibliográficas

Elsam, J.E. & Peña-Chocarro, M. 2010. *Mentzelia aspera* (Loasaceae), nuevo registro para la flora del Paraguay. **Bonplandia** 19 (2): 115-119.

Weigend, M. 2004. In: Smith, N.; Mori, S.A.; Henderson, A.; Steverson, D.W. & Heald, S.V. (ed.). **Flowering plants of the Neotropics**. Princeton: Princeton University Press. Pp. 217-219.

Weigend, M. 2013. Loasaceae. In: **Lista de Espécies da Flora do Brasil**. Jardim Botânico do Rio de Janeiro. Disponível em: <http://floradobrasil.jbrj.gov.br/jabot/floradobrasil/FB119972>. (Acesso em: 03 de maio de 2013).

Weigend, M.; Gottschling, M.; Hoot, S. & Ackermann, M. 2004. A preliminary phylogeny of Loasaceae (Angiosperm: Conales) based on *trnL* (UAA) sequence data, with consequences for systematics and historical biogeography. **Organisms, Diversity & Evolution** 4: 73-90.

Lista de exsicatas

Andrade-Lima, D. *s/n* (1); Braga, D.V. *s/n* (2); Fonseca, M. *s/n* (1); Machado, W.J. 890 (1); Matos, G.M.A. 78 (1); Prata, A.P. 3218 (2).

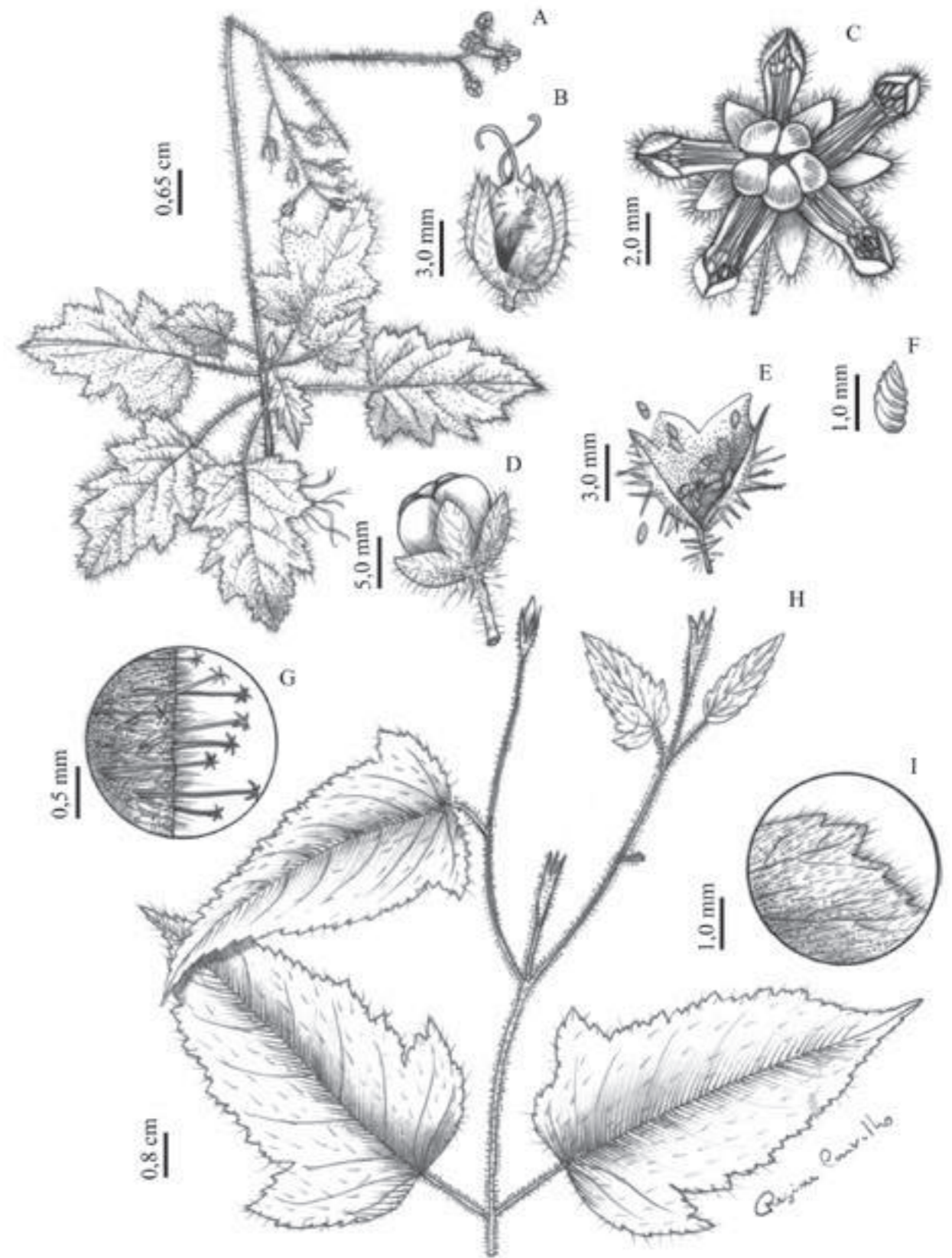


Figura 1. A-F. *Aosa rupestris* (Gardner) Weigend. A. Hábito. B. Fruto em visão lateral. C. Flor em visão frontal. D. Botão floral e cálice em visão lateral. E. Fruto aberto. F. Semente estriada. (Machado, W.J. 890, ASE). G-I. *Mentzelia aspera* L. G. Detalhe dos tricomas estrelados dos ramos. H. Hábito. I. Detalhe dos tricomas simples das folhas. (Prata, A.P. 3218, ASE).

Byttnerioideae

Bruno S. Amorim¹

Arvoretas, arbustos ou subarbustos, ramos glabros ou pubescentes com tricomas simples ou estrelados, acúleos presentes ou ausentes. Folhas alternas, cartáceas, membranáceas, simples, lâmina circular, ovada a elíptica, ápice agudo ou obtuso, base atenuada, cordada, truncada ou circular, margem dentada, crenulada ou inteira; estípulas presentes. Inflorescências axilares e/ou terminais, cimeiras, glomérulos ou paniculiformes. Flores 5-meras, actinomorfas, bissexuais, hipóginas; estames 5-15, presença de tubo estaminal, estaminódios presentes ou ausentes, anteras rimosas; ovário súpero 1 ou 5-locular, estigmas lineares, lobados, plumosos. Frutos esquizocárpicos, globoides, subgloboides ou piramidais, 1 ou 5-locular, aculeados, muricados, rostrados ou não. Sementes globoides, obovóides, elipsoides, deltóides ou trígonas.

Malvaceae em sua circunscrição *sensu lato* é uma família monofilética, e engloba quatro famílias que anteriormente eram consideradas próximas morfológicamente, porém distintas (Tiliaceae, Sterculiaceae, Bombacaceae e Malvaceae s.s.). Malvaceae s.l. apresenta distribuição pantropical e ca. 3200 espécies, onde a maior riqueza é encontrada em ambientes secos. A família é composta por nove subfamílias monofiléticas, das quais cinco delas possuem registro para o Estado de Sergipe (Byttnerioideae, Grewioideae, Helicteroideae, Bombacoideae e Malvoideae). A subfamília Byttnerioideae inclui os gêneros representantes das tribos Byttnerieae, Lasiopetaleae, Theobromeae e Hermannieae, onde no Estado de Sergipe é representada pelos gêneros *Byttneria*, *Guazuma*, *Melochia* e *Waltheria*.

Chave para identificação das espécies de *Malvaceae s.l. (Byttnerioideae)* de Sergipe

1. Ramos com acúleos..... **1. *Byttneria filipes***
 1'. Ramos sem acúleos..... **2**
 2. Ramos com tricomas glandulares..... **10. *Waltheria viscosissima***
 2'. Ramos sem tricomas glandulares..... **3**
 3. Ovário 5-carpelar, cápsula 5-locular..... **4**
 4. Pétalas livres, estames-15, cápsula globoide, muricada..... **2. *Guazuma ulmifolia***
 4'. Pétalas adnadas ao tubo estaminal, estames-5, cápsula pentáptera piramidal..... **5**
 5. Sépalas 2-5 mm compr., pétalas de coloração branca, cápsula com projeções basais..... **3. *Melochia betonicifolia***
 5'. Sépalas 8 mm compr., pétalas de coloração lilás, cápsula sem projeções basais..... **4. *Melochia tomentosa***

- 3'. Ovário 1-carpelar, cápsula 1-locular..... **6**
 6. Ramos com tricomas simples..... **8. *Waltheria operculata***
 6'. Ramos com tricomas estrelados..... **7**
 7. Estípulas lineares..... **8**
 8. Estípula 1-fida..... **9. *Waltheria rotundifolia***
 8'. Estípulas 3-5-fidas..... **6. *Waltheria cinerescens***
 7'. Estípulas lanceoladas..... **9**
 9. Pétalas unguiculadas, cápsula, parcialmente loculicida, densamente serícea..... **5. *Waltheria albicans***
 9'. Pétalas não unguiculadas, cápsula indeiscente, puberulenta apicalmente..... **7. *Waltheria indica***

1. *Byttneria filipes* Mart. ex K. Schum., Fl. bras. 12 (3): 95. 1886.

Nome popular: maria espinhenta

Fig. 1. A-B

Arbustos, 1,5 a 3 m alt., ramos glabros, presença de acúleos. Pecíolo 0,5-1 cm compr., tricomas simples; lâmina cartácea, ovada a elíptica, ápice agudo, base atenuada a circular, margem inteira, 3-5,5 x 1-2,1 cm, presença de nectários na face abaxial. Inflorescência em cimeiras axilares 5-7-floras; sépalas ca. 1 mm compr., ovadas a lanceoladas, face externa glabra, interna glandular; pétalas 2-3 mm compr., glabras, com alas pubescentes aderidas ao tubo estaminal; estames-5, tubo estaminal campanulado, estaminódios-5, alternos aos estames; ovário 5-carpelar, estiletos-5, coalescentes, estigmas lobados. Fruto 1-1,5 x 1 cm, ovóide, aculeado, acúleos 0.5-0.7 cm compr., aciculares. Sementes ca. 0,8 x 0,2 cm, elipsoides, glabras. Floração de fevereiro a novembro, frutificação de março a dezembro.

Material examinado: **BRASIL, Sergipe:** Canindé de São Francisco, IX/1984, fl., fr., *G. Viana* 260 (ASE); Riachão do Dantas, VI/1984, fr., *G. Viana* 979 (ASE).

Material adicional examinado: **BRASIL, Bahia:** Barra, fev. 1997, fl., *L.P. Queiroz* 4780 (ASE); Lagoa do Jatobá, XI/2009, *A.P. Prata* 1781 et al. (ASE). **BRASIL, Ceará:** Aracati, VII/1977, fl., fr., *A. Fernandes s.n.* (ASE 17055). **BRASIL, Maranhão:** São Bernardo, XI/1977, *A. Fernandes s.n.* (ASE 17004). Comentários: *Byttneria filipes* apresenta distribuição no sul da Bolívia, Paraguai, norte da Argentina, e regiões Centro-Oeste, Norte e Nordeste do Brasil, nos domínios da Amazônia, Caatinga e Cerrado. No estado de Sergipe, *B. filipes* é encontrada em áreas de Caatinga, sendo um novo registro para o Estado, assim como para o Estado do Maranhão.

2. *Guazuma ulmifolia* Lam., Encycl. 3: 52-53. 1789.

Nome popular: mutamba

Fig. 1. C-D

Arbustos a arvoretas, 2 a 7 m alt., ramos jovens pubescentes, tricomas estrelados, não

¹ Laboratório de Morfo-Taxonomia Vegetal, Departamento de Botânica, Universidade Federal de Pernambuco, CEP: 50670-901, Recife, Pernambuco, Brasil. Email: brunosarim@yahoo.com.br

glandulares, acúleos ausentes. Pecíolo 1,5-2,2 cm compr., pubescentes; lâmina cartácea, ovada a elíptica, ápice agudo, base atenuada a truncada, margem crenulada, 5,5-14 x 2,5-5,6 cm; estípulas 3-6 mm compr., lanceoladas, pubescentes. Inflorescência em cimeiras axilares 3-7-floras, brácteas 2 mm compr., pubescentes, pedicelo 2-5 mm compr., pubescente; sépalas 3-4 mm compr., apiculadas, face externa pubescente; pétalas com lâmina 4-7 mm compr., glabra, unha 3-4 mm compr., pilosa na face dorsal; estames-15, alternados com 5 estaminódios, distribuídos em 5 grupos de 3, 1 livre e 2 concrecidos na porção apical, opositipétalos, tubo estaminal 2-3 mm compr., parte livre dos estames 0,5 mm compr., parte livre dos estaminódios 5 mm compr.; ovário 5-carpelar, estiletos-5, 0,8-1,5 cm compr., insertos no tubo estaminal, estigmas lobados. Fruto globoide, muricado, tricomas estrelados esparsos. Sementes 3-4 mm compr., globoides.

Floração de março a dezembro, frutificação de agosto a março.

Material examinado: **BRASIL, Sergipe:** Aracaju, X/2011, fr., D.S. Cardoso 379 et al. (ASE); Areia Branca, I/2012, fr., A.P. Prata 2899 et al. (ASE); Canindé de São Francisco, s.d., fl., G.R. 39 (ASE); Capela, XI/2011, fr., L.A. Gomes 233 et al. (ASE); Estância, VIII/2010, fr., C. Calazans 435 et al. (ASE); Itabaiana, XI/1998, fr., A. Vicente 165 (ASE); Itaporanga d'Ajuda, III/1998, fl., C. Amaral 49 et al. (ASE); Lagarto, IV/1980, fl., M.R. Fonseca 335 (ASE); Nossa Senhora do Socorro, IX/2012, fl., fr., D.A. Campos 112 et al. (ASE); Salgado, XII/2009, fl., D.G. Oliveira 51 et al. (ASE); Santa Luzia do Itanhy, XIII/2012, fl., L.A. Gomes 633 et al. (ASE); Santo Amaro das Brotas, VI/1983, fl., E. Carneiro 713 (ASE); São Cristóvão, V/1987, fl., G. Viana 1713 (ASE).

Comentários: *Guazuma ulmifolia* apresenta ampla distribuição nas Américas, desde o México até o Paraguai. No Brasil, é encontrada em todas as regiões, nos domínios fitogeográficos da Amazônia, Caatinga, Cerrado e Floresta Atlântica. No Estado de Sergipe, *G. ulmifolia* é encontrada nos domínios da Floresta Atlântica, em bordas de matas e ambientes perturbados.

3. *Melochia betonicifolia* A. St.-Hil., Fl. bras. merid. 1: 165. 1825.

Fig. 1. E-G

Arbustos 1 a 1,7 m alt., ramos jovens pubescentes, tricomas estrelados, não glandulares, acúleos ausentes. Pecíolo 0,5-1,5 cm compr., pubescentes; lâmina cartácea, ovada, ápice agudo, base cordada (truncada nas menos expandidas), margem dentada, 4- 6,5 x 2,5-4,5 cm; estípulas 2-3 mm compr., lanceoladas, pubescentes. Inflorescência em cimeiras axilares e/ou terminais 2-8-floras, brácteas 1-2 mm compr., lanceoladas, pubescentes, pedicelo ca. 1 cm compr., pubescente; sépalas 2-5 mm compr., apiculadas, pubescentes; pétalas 5-8 mm compr., coloração branca, glabras, adnadas ao tubo estaminal; estames-5, tubo estaminal 3 mm compr., parte livre dos estames 2 mm compr., estaminódios ausentes; ovário 5-carpelar, estiletos-5, fundidos na base, 3 mm compr., pubescente, parte livre dos estiletos 2 mm compr., glabra, estigma linear. Fruto 1 x 0,8 cm, cápsula piramidal, pentáptera, rostrada, pubescente, rostros 1-4 cm compr., projeções basais 1-2

mm compr., pubescentes. Sementes 2 mm compr., trígonoas.

Material selecionado: **BRASIL, Sergipe:** Lagarto, VIII/2010, fl., L.A.S. Santos 303 (ASE).

Material adicional examinado: **BRASIL, Sergipe:** Lagarto, fl., fr., A.P. Prata 2375 et al. (ASE) **BRASIL, Bahia:** Jequié, VIII/2011, fl., fr., B.S. Amorim 1006 et al. (UFP). **BRASIL, Pernambuco:** Caruaru, XI/1999, fl., fr., E. Locatelli & P. Medeiros s.n. (UFP39657); Triunfo, XI/1985, fl., fr., L.P. Félix s.n. et al. (ASE 14107). **BRASIL, Rio Grande do Norte:** Ceará-Mirim, VII/2006, fl., fr., R.C. Oliveira 1751 et al. (ASE).

Comentários: *Melochia betonicifolia* é uma espécie endêmica do Brasil, nos domínios da Floresta Atlântica e Caatinga. A espécie é encontrada em áreas abertas e apresenta distribuição para as regiões Sudeste (Rio de Janeiro e Minas Gerais) e Nordeste (Bahia, Pernambuco e Ceará). Este registro amplia o conhecimento de sua distribuição para os Estados de Sergipe e Rio Grande do Norte. Floração de julho a outubro e frutificação de julho a outubro

4. *Melochia tomentosa* L. Syst. nat. 2: 1140. 1759.

Fig. 1. H-J

Arbustos 1 a 2 m alt., ramos jovens pubescentes, tricomas estrelados, não glandulares, acúleos ausentes. Pecíolo 0,4-0,8 cm compr., pubescentes; lâmina cartácea, ovada, ápice agudo, base truncada, margem dentada, 2-4,6 x 1-3 cm; estípulas 3-6 mm compr., lanceoladas, pubescentes. Inflorescência em cimeiras axilares e/ou terminais 4-8-floras, brácteas 2-3 mm compr., lineares, pubescentes, pedicelo 1,2-1,5 cm compr., pubescente; sépalas 8 mm compr., apiculadas, pubescentes; pétalas com lâmina 10 mm compr., coloração lilás, glabras, adnadas ao tubo estaminal; estames-5, tubo estaminal 2 mm compr., parte livre dos estames 2-3 mm compr., estaminódios ausentes; ovário 5-carpelar, estiletos-5, fundidos na base, 3 mm compr., pubescentes, parte livre dos estiletos 4-5 mm compr., pubescentes, estigma linear. Fruto 0,6 x 0,5 cm, cápsula piramidal, pentáptera, rostrada, pubescente, rostros 0,3-0,4 cm compr., projeções basais ausentes, pubescentes. Sementes 2 mm compr., trígonoas. Floração de junho a dezembro, frutificação junho a dezembro.

Material selecionado: **BRASIL, Sergipe:** Canindé de São Francisco, IX/2010, fl., W.J. Machado 850 et al. (ASE); Itabaianinha, XII/1981, fl., fr., G. Viana 290 (ASE); Poço Redondo, IX/2009, fl., fr., J.E. Nascimento-Junior 680 et al. (ASE); Porto da Folha, VIII/2012, fl., A.P. Prata 3247 et al. (ASE).

Material adicional examinado: **BRASIL, Bahia:** Jequié, VIII/2011, fl., fr., B.S. Amorim 1007 et al. (UFP). **BRASIL, Pernambuco:** Mirandiba, III/2006, fl., fr., K. Pinheiro et al. 83 (UFP).

Comentários: *Melochia tomentosa* é uma espécie de ampla distribuição nas Américas,

desde o sul dos Estados Unidos até o Paraguai. No Brasil, é encontrada em ambientes com vegetação aberta. Nas regiões Nordeste e Centro-Oeste, nos domínios da Caatinga, Cerrado e Floresta Atlântica. Apesar de ser uma espécie de ampla distribuição na região Nordeste do Brasil seu registro no Estado não era conhecido, sendo uma nova ocorrência para Sergipe.

5. **Waltheria albicans** Turcz, Bull. Soc. Imp. Naturalistes Moscou 31(1): 214. 1858.

Nome popular: malva vermelha

Fig. 2. A

Subarbusto até 1,5 m alt., ramos setosos, tricomas estrelados, não glandulares, acúleos ausentes. Pecíolo 0,5 cm compr., setoso; lâmina cartácea, elíptica, ápice agudo, base atenuada, margem dentada, 2,5-4,5 x 0,5-1,2 cm; estípulas 5-10 mm compr., lanceoladas, setosas. Inflorescência glomerular a paniculiforme, terminais e/ou axilares, brácteas 5-6 mm compr., lanceoladas, pubescentes adaxialmente, tricomas simples; sépalas 5 mm compr., seríceas; pétalas 4-5 mm compr., pétalas unguiculadas 0,8-1,6 mm compr., 1,5-4,5 mm largura; estames 5, tubo estaminal 1-1,5 mm em flores brevistilas e 2-4 mm em flores longistilas; estilete 0,7 mm compr., homostílico, seríceo; estigma plumoso, 0,5 mm compr. em flores brevistilas e 1 mm em flores longistilas. Fruto cápsula, 3 x 2 mm, 1-locular, membranácea, densamente serícea, parcialmente loculicida; sementes 2 x 1,5 mm, obovóides, reticuladas, glabras. Com floração de agosto a abril e frutificação de agosto a abril.

Material examinado: **BRASIL. Sergipe:** Aracaju, II/2012, fl., fr., *E.V.S. Oliveira 66 et al.* (ASE); Indiaroba, IX/2012, fl., fr., *M.C.V. Farias 155 et al.* (ASE); Poço Redondo, VIII/2008, fl., fr., *C.S. Santos 242* (ASE).

Material adicional examinado: **BRASIL. Bahia:** Malhada, IX/2003, fl., *A.M. Miranda 4177* (ASE). **BRASIL. Ceará:** Caucaia, IV/1998, fl., fr., *L.Q. Matias s.n.* (EAC 26990). **BRASIL. Pernambuco:** Mirandiba, IV/ 2007, fl., fr., *L.L. Santos 263 et al.* (UFP).

Comentários: *Waltheria albicans* apresenta ampla distribuição no Nordeste em áreas de Caatinga, indicadora deste tipo de vegetação. Nas regiões Sudeste e Centro-Oeste, é também encontrada em áreas de transição Cerrado-Caatinga ou em vegetações de Cerrado com algum grau de perturbação. Apesar da ampla distribuição no Nordeste, *Waltheria albicans* está sendo registrada pela primeira vez para o Estado de Sergipe, em áreas de caatinga e restinga, assim como para os tabuleiros litorâneos no estado do Ceará.

6. **Waltheria cinerescens** A. St.-Hil. Fl. bras. merid. 1: 152. 1825.

Fig. 2. B

Arbustos 0,7 a 2 m alt., ramos pubescentes, tricomas estrelados, não glandulares, acúleos ausentes. Pecíolo 0,5 cm compr., pubescentes; lâmina cartácea, circular a ovada, ápice

obtusos, base atenuada, margem dentada, 3-7 x 2,3-6 cm; estípulas 6-8 mm compr., lineares, 3-5-fidas pubescentes. Inflorescência paniculiforme, terminal, brácteas 7-9 mm compr., lanceoladas, pubescentes; pedicelo 1-1,6 cm compr., pubescente; sépalas 6 mm compr., seríceas; pétalas 4-5 mm compr.; estames 5, tubo estaminal 3 mm em flores brevistilas e 4-5 mm em flores longistilas; estilete 2 mm compr., pubescente, em flores brevistilas e 8 mm em flores longistilas; estigma plumoso. Fruto cápsula, 3-3,5 x 2 mm, 1-locular, membranácea, serícea. Sementes 2-2,5 x 1,5 mm, obovóides, glabras. Floração de agosto a abril, frutificação de agosto a abril.

Material examinado: **BRASIL. Sergipe:** Areia Branca, IV/1982, fl., fr., *G. Viana 421* (ASE); Barra dos Coqueiros, IV/1997, fl., *M. Landin 1160* (ASE); Carmópolis, II/1975, fl., fr., *A.C.C. Barreto s.n.* (ASE 310); Estância, VIII/2008, fl., *C.S. Santos 270* (ASE); Indiaroba, IX/2012, fl., fr., *M.C.V. Farias 234 et al.* (ASE); Santo Amaro das Brotas, III/1980, fl., *M.R. Fonseca s.n. et al.* (ASE 609);

Material adicional examinado: **BRASIL. Alagoas:** Piaçabuçu, V/1987, fl., fr., *M.N.R. Staviski 1017 et al.* (ASE). **BRASIL. Bahia:** Jacobina, VI/2008, fl., fr., *M.A. Neto s.n. et al.* (EAC 43693); Maraú, XII/ 2004, fl., fr., *A.M. Miranda 4533 et al.* (EAC); Morro do Chapéu, III/ 2011, fl., *B.S. Amorim 758 et al.* (UFP).

Comentários: *Waltheria cinerescens* é uma espécie endêmica do Brasil e considerada restrita a áreas de campos rupestres nos estados de Minas Gerais e Bahia e áreas costeiras da Bahia. No Estado de Sergipe, além de ser encontrada em áreas consideradas como sendo de campos rupestres na Serra de Itabaiana, *W. cinerescens* também foi coletada em áreas de restingas, sendo uma nova ocorrência para o Estado de Sergipe, assim como para as restingas do Estado de Alagoas.

7. **Waltheria indica** L., Sp. Pl. 2: 653. 1753.

Nome popular: vassourinha-amarela, relógio

Fig. 2. C

Subarbustos até 1 m alt., ramos jovens pubescentes, tricomas estrelados, não glandulares, acúleos ausentes. Pecíolo 0,5-1,5 cm compr., pubescentes; lâmina membranácea, elíptica, raro rombóideia, ápice agudo, base atenuada, truncada ou levemente cordada, margem dentada, 2,5-6 x 0,9-2,5 cm; estípulas 3-4 mm compr., lanceoladas, pubescentes. Inflorescência glomerular terminal e/ou axilar, brácteas 3-4 mm compr., pubescentes, pedicelo séssil a 3 mm compr., pubescente; sépalas 4-5 mm compr., pubescentes; pétalas 3-4 mm compr.; estames-5, tubo estaminal ca. 1 mm compr.; estilete séssil a 1 mm compr., glabro; estigma 1 mm, plumoso. Fruto cápsula, 2 x 1 mm, 1-locular, indeiscente puberulenta apicalmente, tricomas simples. Sementes 1-1,5 x 1 mm, sub-obovóide, glabras. Floração de junho a maio, frutificação de junho a maio.

Material examinado: **BRASIL. Sergipe:** Areia Branca, VII/1987, fl., fr., *G. Viana 1832* (ASE);

Barra dos Coqueiros, VIII/ 2011, fl., fr., A.P. Prata 2749 (ASE); Capela, VI/2012, fl., fr., L.A. Gomes 464 et al. (ASE); Estância, IX/2010, fl., fr., C. Calazans 387 et al. (ASE); Lagarto, VIII/ 2010, fl., fr., A.P. Prata 2271 et al. (ASE); Nossa Senhora da Glória, IX/2011, fl., fr., G.M.A. Matos 25 (ASE); Pacatuba, VI/2012, D.G. Oliveira 367 et al. (ASE); Pirambu, X/2008, fl., fr., A.P. Prata 1534 et al. (ASE); Salgado, VII/1982, fl., fr., G. Viana 555 (ASE); Santa Luzia do Itanhhy, III/1982, fl., fr., G. Viana 374 (ASE); Santo Amaro das Brotas, VI/2011, fl., fr., J.E. Nascimento-Júnior 847 (ASE); Simão Dias, VIII/2010, fl., fr., A.P. Prata 2413 et al. (ASE).

Comentários: *Waltheria indica* é uma espécie pantropical e de ampla distribuição na América do Sul. É encontrada em todos os estados brasileiros, nos domínios fitogeográficos da Amazônia, Caatinga, Cerrado, Floresta Atlântica e Pantanal. *W. indica* é amplamente distribuída no Estado de Sergipe, sendo característica de ambientes antropizados.

8. *Waltheria operculata* Rose, Contr. U.S. Natl. Herb. 5(4): 183. 1899.

Fig. 2. D-E

Subarbusto até 1 m alt., ramos setosos, tricomas simples, não glandulares, acúleos ausentes. Pecíolo 0,5 cm compr., setoso; lâmina cartácea, elíptica, ápice agudo, base atenuada, margem dentada, 2,5-4,5 x 0,5-1,2 cm; estípulas 5-10 mm compr., lanceoladas, setosas. Inflorescência glomerular, terminal, brácteas 6 x 1-4 mm compr. mm compr., elípticas a circulares, setosas, pedicelo 6,5-10 cm compr., setoso; sépalas 5-6 mm compr., setosas, tricomas simples marginais e estrelados agrupados nas nervuras; pétalas 4-5 mm compr., aderidas ao tubo estaminal até 1,4 mm compr., glabras; estames 3,3 mm compr., imbricados ao estilete, agrupados em tubo até 2 mm compr., filetes livres 1,1 mm compr.; estilete 1,1-1,5 mm compr., glabro, tricomas simples e bífidos na base; estigma 1,6 x 0,7 mm, plumoso. Fruto cápsula, 3 x 1,5 mm, 1-locular, deiscência apical, glabro subapicalmente, opérculo setoso ou estrioso, tricomas simples. Sementes 2 x 1,4-1,1 mm, sub-obovóide, lateralmente comprimidas, ápice bissulcado, divididas em 3-faces lateralmente, reticuladas, verrucosas, glabras. Floração de agosto a março, frutificação de agosto a março.

Material examinado: **BRASIL. Sergipe:** São Miguel do Aleixo, VIII/1986, fl., fr., G. Viana 1595 (ASE);

Material adicional examinado: **BRASIL. Alagoas:** Marechal Deodoro, V/1988, fl., fr., G. Esteves 2095 et al. (ASE). **BRASIL. Ceará:** Quixadá, VI/1982, fl., fr., E. Nunes s.n. (EAC 11547). **BRASIL. Piauí:** Oeiras, III/1983, fl., fr., A. Fernandes s.n. (EAC 11821).

Comentários: *Waltheria operculata* é encontrada em áreas de vegetação aberta na América do Sul, a exemplo do Chaco, da Caatinga e do Cerrado. No Brasil é amplamente encontrada em áreas de caatinga no Nordeste, com registros em áreas de Cerrado das regiões Sudeste e Centro-Oeste. Em Sergipe, foi encontrada exclusivamente em vegetação de Caatinga. A mesma está sendo registrada pela primeira vez para este mesmo tipo de

vegetação no Estado de Ceará, para regiões de transição entre Caatinga e Cerrado no Piauí e restinga no Estado de Alagoas.

9. *Waltheria rotundifolia* Schrank, Syll. Pl. Nov. 2: 65-66. 1828.

Nome popular: malva branca

Fig. 2. F

Subarbusto 1,5 m alt., ramos pubescentes, tricomas estrelados, não glandulares, acúleos ausentes. Pecíolo 0,5-1,5 cm compr., pubescente; lâmina cartácea, circular, ápice obtuso, base atenuada a truncada, margem dentada no 2/3 superior, inteira no 1/3 inferior, 2-3,5,3 x 1,5-5 cm; estípulas 5-7 mm compr., lineares, pubescentes. Inflorescência glomerular, axilar e/ou terminais, brácteas 3-8 mm compr., triangulares a filiformes, pedicelo sésil a 1,6 cm compr., pubescente; sépalas 4 mm compr., hirsutas, tricomas estrelados; pétalas 3-5 mm compr., ápice hirsuto, tricomas simples a estrelados; estames-5, tubo estaminal 2,2-2,7 mm compr. nas flores brevistilas e 1,2-3,1 nas flores longistilas; estilete 0,7-1,3 mm compr., glabro nas flores brevistilas e 3,9-5,3 mm compr. e distalmente pubescente nas flores longistilas, tricomas estrelados; carpelo-1, estilete 2 mm compr., nas flores logistila, estigma penicilado. Fruto cápsula, 2 x 2 mm, 1-locular, puberulenta. Sementes 1,5-2,1 x 1,1-1,6 mm, deltóides, reticuladas, glabras.

Material examinado: **BRASIL. Sergipe:** Canindé de São Francisco, IX/2010, fl., fr., W.J. Machado 839 et al. (ASE); Poço Redondo, VIII/1998, fl., G.M.L. Bispo 2 (ASE); Poço Verde, VI/2010, fl., fr., E.V.R. Ferreira 86 (ASE); Porto da Folha, VIII/2010, C.M. Donadio 61 (ASE).

Material adicional examinado: **BRASIL. Ceará:** Caridade, XII/1989, fl., fr., B. Freitas s.n. (EAC 17633). **BRASIL. Pernambuco:** Mirandiba, III/2007, fl., fr., K. Pinheiro 98a (UFP).

Comentários: *Waltheria rotundifolia* apresenta ocorrência disjunta entre a península de Yucatan, no México e o Brasil. Ocorre na região Nordeste tipicamente em áreas de Caatinga e raramente em Campos Rupestres. Em Sergipe, *W. rotundifolia* ocorre em áreas de Caatinga e representa uma nova ocorrência para o Estado, onde também é registrada pela primeira vez para a Caatinga do Ceará e sua ocorrência para restingas na Paraíba. Floração de setembro a março, frutificação de setembro a março.

10. *Waltheria viscosissima* A. St.-Hil., Fl. bras. merid. 1: 150. 1825.

Fig. 2. G

Subarbustos até 1 m alt., ramos com tricomas glandulares, acúleos ausentes. Pecíolo 0,5-1,7 cm compr., pubescentes, tricomas glandulares; lâmina membranácea, ovada, ápice agudo, base cordada, margem dentada, 4-9,5 x 2-5 cm; estípulas 3-4 mm compr., lanceoladas, pubescentes. Inflorescência glomerular, axilar, brácteas 3 x 1 mm compr. mm compr., lanceoladas, pubescentes, pedicelo 6,5-8,5 cm compr., pubescente; sépalas 4-5 mm compr., pubescentes, tricomas glandulares; pétalas 5-6 mm compr., aderidas ao

tubo estaminal até 2 mm compr., glabras; estames-5, tubo estaminal 2 mm compr. nas flores brevistilas e 1-2 mm compr. nas flores longistilas; estilete 1 mm compr., glabro nas flores brevistilas e 3-4 mm compr. e pubescente nas flores longistilas, tricomas estrelados;. Fruto cápsula, 3-3,2 x 2-2,5 mm, 1-locular, deiscência parcialmente loculicida. Sementes 2-2,5 x 1,4-2 mm, subobovóide, glabras. Floração de novembro a julho, frutificação novembro a julho.

Material examinado: **BRASIL. Sergipe:** Aracaju, IX/2005, fl., fr., *L.M.O. Rodrigues 01 et al.* (ASE); Indiaroba, VIII/1997, fl., fr., *M. Landim 1356 et al.* (ASE); Itaporanga d'Ajuda, IX/ 1981, fl., fr., *G. Viana 111* (ASE); Nossa Senhora do Socorro, XI/2012, fl., fr., *T.R. Silva 01 et al.* (ASE); Santa Luzia do Itanhy, IX/1997, fl., fr., *C. Amaral 04 et al.* (ASE); São Cristovão, XI/ 2007, fl., fr., *A.V. Santos 09 et al.* (ASE)

Material adicional examinado: **BRASIL. Ceará:** Ubajara, VII/1978, fl. fr., *A. Fernandes s.n.* (EAC 4004). **BRASIL. Pernambuco:** Igarassu, IX/2007, fl., *A. Alves-Araújo 478 et al.* (UFP).

Comentários: *Waltheria viscosissima* é uma espécie disjuncta entre o México e América do Sul. No Brasil é uma espécie de ampla distribuição, ocorrendo nas regiões Norte, Nordeste, Centro-Oeste e Sudeste, nos domínios fitogeográficos da Amazônia, Caatinga, Cerrado e Floresta Atlântica. *W. viscosissima* é citada pela primeira vez para o Estado de Sergipe, ocorrendo em áreas abertas e bordas de mata, assim como para o Estado do Ceará.

Referências bibliográficas

Alverson, W.S.; Karol, K.G.; Baum, D.A.; Chase, M.W.; Swensen, S.M.; McCourt, R. & Sytsma, K.J. 1998. Circumscription of the Malvales and Relationships to other Rosidae: Evidence from *rbcl* Sequence Data. **American Journal of Botany** 85 (6): 876–887.

Alverson, W.S.; Whitlock, B.A.; Nyffeler, R.; Bayer, C. & Baum, D.A. 1999. Phylogeny of the Core Malvales: Evidence From *ndhF* Sequence Data. **American Journal of Botany** 86 (10): 1474–1486.

Amorim, B.S.; Saunders, J.G.; Du Bocage-Neta, A.L. & Alves, M. 2009. Malvaceae *s.l.* In: Alves, M.; Araújo, M.F.; Maciel, F.R. & Martins, S. (Ed.). **Flora de Mirandiba**. Associação de Plantas do Nordeste, Recife. Pp. 245–262.

Bayer, C.; Fay, M.F.; Bruijn, A.Y.; Savolainen, V.; Morton, C.M.; Kubitzki, K.; Alverson, W.S. & Chase, M.W. 1999. Support for an expanded family concept of Malvaceae within a recircumscribed order Malvales: a combined analysis of plastid *atpB* and *rbcl* DNA sequences. **Botanical Journal of the Linnean Society** 129: 267–303.

Bovini, M.G.; Esteves, G.; Duarte, M.C. 2013. Malvaceae. In: Lista de Espécies da Flora do Brasil. Jardim Botânico do Rio de Janeiro. (<http://floradobrasil.jbrj.gov.br/jabot/floradobrasil/FB156>) Acessado em 10 de maio de 2013.

Cristóbal, C.L. 2007. Sterculiaceae de Paraguay. I. *Ayenia*, *Byttneria*, *Guazuma*, *Helicteres*, *Melochia* y *Sterculia*. **Bonplandia** 16 (1–2): 5–142.

Cruz, F.R.; Esteves, G.L. & Guimarães, T.B. 2009. Sterculiaceae. In: Wanderley, M.G.L.; Shepherd, G.J.; Melhem, T.S.; Giulietti, A.M. & Martins, S.E. (Ed.) **Flora Fanerogâmica do Estado de São Paulo. Vol. 6**. Instituto de Botânica, São Paulo. Pp. 257–284.

Goldberg, A. 1967. The genus *Melochia* L. **Contributions from the U.S. National Herbarium** 34 (5): 191–363.

Saunders, J.G. 1995. **Systematics and evolution of Waltheria (Sterculiaceae-Hermannieae)**. Ph.D. Dissertation. The University of Texas, Austin.

Saunders, J.G. 2007. Sterculiaceae of Paraguay. II. *Waltheria*. **Bonplandia** 16 (1–2): 143–180.

Lista de exsicatas

A. Alves-Araújo 478 et al. (10); **A.C.C. Barreto** s.n. (ASE 310)(6); **A. Fernandes** s.n. (ASE 17055)(1); **A. Fernandes** s.n. (ASE 17004)(1); **A. Fernandes** s.n. (EAC 11821)(8); **A. Fernandes** s.n. (EAC 4004)(9); **A.M. Miranda** 4177 (4); **A.M. Miranda** 4533 et al. (6); **A.P. Prata** 1781 (1), **A.P. Prata** 2899 et al. (2); **A.P. Prata** 2375 et al. (3); **A.P. Prata** 1534 et al.; **A.P. Prata** 2271 et al., **A.P. Prata** 2413 et al. (7); **A.P. Prata** 2749 (7); **A. Vicente** 165 (2); **A.V. Santos** 09 et al. (9); **B. Freitas** s.n. (EAC 17633)(9); **B.S. Amorim** 1006 et al. (3); **B.S. Amorim** 1007 et al. (4); **B.S. Amorim** 758 et al. (6); **C. Amaral** 49 et al. (2); **C. Amaral** 04 et al. (9); **C. Calazans** 435 et al. (2); **C. Calazans** 387 et al. (7); **C.M. Donadio** 61 (9); **C.S. Santos** 242 (5); **D.A. Campos** 112 et al. (2); **D.G. Oliveira** 51 et al. (2); **D.G. Oliveira** 367 et al. (7); **D.S. Cardoso** 379 et al. (2); **E. Carneiro** 713 (2); **E.V.R. Ferreira** 86 (9); **E.V.S. Oliveira** 66 et al. (5); **E. Locatelli** et al s.n. (UFP39657) (3); **E. Nunes** s.n. (EAC 11547)(8); **G. Esteves** 2095 et al. (8); **G.M.A. Matos** 25 (7); **G.M.L. Bispo** 2 (9); **G.R.** 39 (2); **G. Viana** 260, 979 (1); **G. Viana** 1713 (2); **G. Viana** 290 (4); **G. Viana** 421 (6); **G. Viana** 374, 555, 1832 (7); **G. Viana** 1595 (8); **G. Viana** 111 (9); **J.E. Nascimento-Júnior** 680 et al. (4); **J.E. Nascimento-Júnior** 847 (7); **K. Pinheiro** et al. 83 (4); **K. Pinheiro** 98a (9); **L.A. Gomes** 233 et al. (2); **L.A. Gomes** 633 et al. (2); **L.A. Gomes** 464 et al. (7); **L.A.S. Santos** 303 (3); **L.L. Santos** 263 et al. (5); **L.M.O. Rodrigues** 01 et al. (10); **L.P. Félix** s.n. et al. (ASE 14107)(3); **L.P. Queiroz** 4780 (1); **L.Q. Matias** s.n. (EAC 26990)(5); **M.A. Neto** s.n. et al. (EAC 43693)(6); **M.C.V. Farias** 155 et al. (5); **M.C.V. Farias** 234 et al. (6); **M. Landim** 1160 (6); **M. Landim** 1356 et al. (9); **M.N.R. Staviski** 1017 et al. (6); **M.R. Fonseca** 335 (ASE); **M.R. Fonseca** s.n. et al. (ASE 609)(6); **R.C. Oliveira** 1751 et al. (3); **T.R. Silva** 01 et al. (9); **Santos** 270 (6); **W.J. Machado** 850 et al. (4); **W. J. Machado** 839 et al. (9).



Figura 1. A-B. *Byttneria filipes* Mart. ex K. Schum. A. Ramo com fruto (G. Viana 979, ASE); B. Detalhe do fruto (G. Viana 979, ASE); C-D. *Guazuma ulmifolia* Lam. (D.S. Cardoso 379, ASE). C. Ramo com fruto. D. Detalhe da superfície do fruto; E-G. *Melochia betonicifolia* A. St.-Hil. E. (L.P. Félix 14107, ASE). E. Ramo com frutos. F. Fruto. G. Flor; H-J. *Melochia tomentosa* L. H. Ramo com frutos (B.S. Amorim 1007, UFP). I. Flor (A.P. Prata 3247, ASE). J. Fruto (B.S. Amorim 1007, UFP).

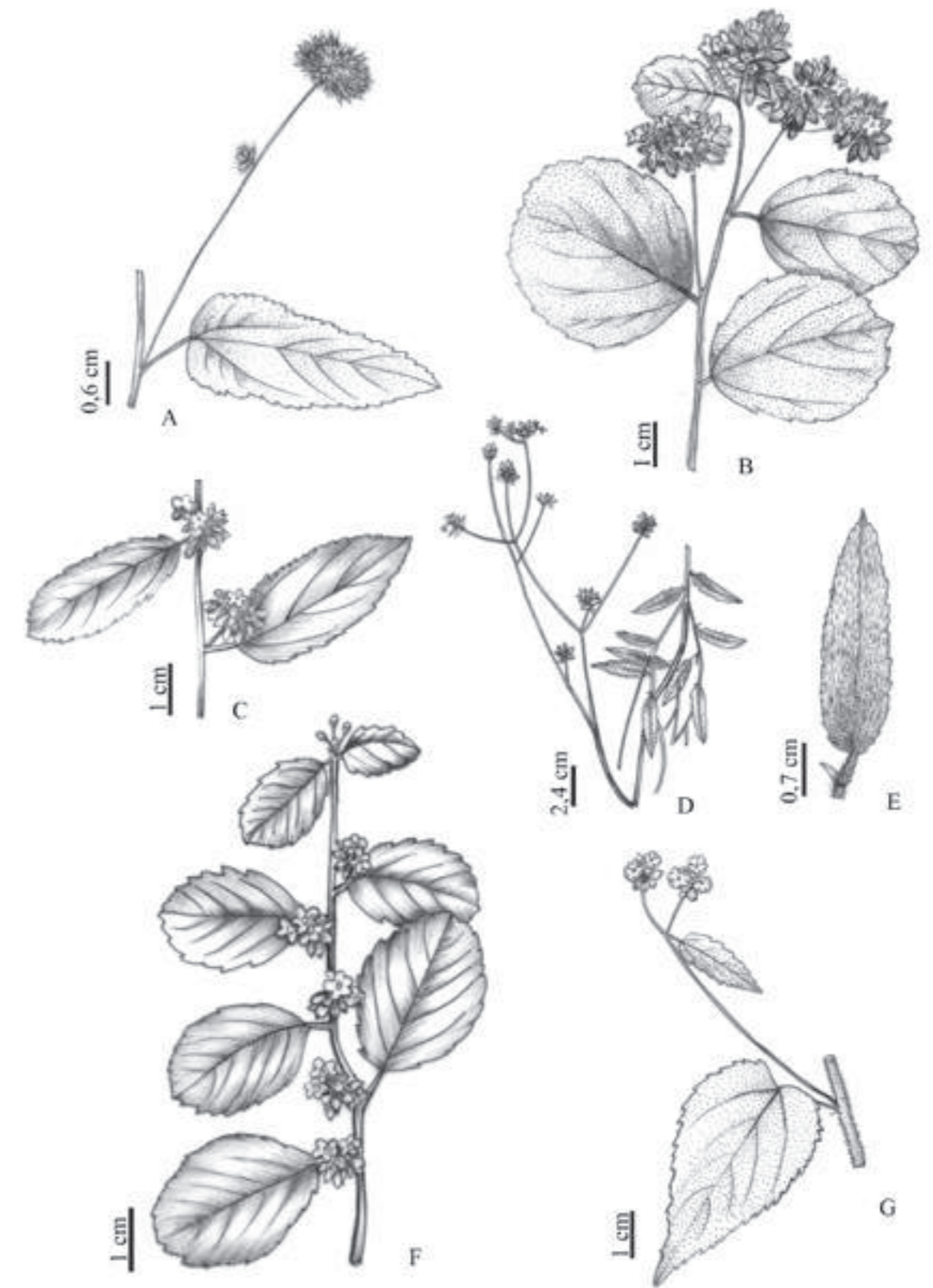


Figura 2. A. *Waltheria albicans* Turcz. Ramo florido (G.L. Esteves 2095_ASE); B. *W. cinerescens* A. St.-Hil. Hábito (G. Viana 421, ASE); C. *W. indica* L. Hábito (L.A. Gomes 464, ASE); D-E. *W. operculata*. D. Hábito (G. Viana 1595, ASE). E. Folhas com tricomas simples (G. Viana 1595, ASE); F. *W. rotundifolia*. Hábito (C.M. Donadio 61, ASE); G. *W. viscosissima* A. St.-Hil. Hábito, ramos com tricomas glandulares (M. Landim 1356, ASE).

Ervas rizomatosas terrestres, com ou sem caule aéreo. Folhas homótroas ou antitropas, dísticas ou rosuladas, com ou sem bainha, pecíolo presente ou ausente, pulvino e lâmina com nervura central proeminente, nervuras secundárias paralelas sigmóides. Sinflorescências terminais ou axilares, formadas de florescências (espigas ou tirso) subentendidas por espatas dísticas ou espiraladas; cada címula que forma a florescência antecedida por um perfilo basal e uma ou duas bractéolas dorsais. Flores bissexuadas, diclamídeas, heteroclamídeas, trímeras, assimétricas; um ou dois estaminódios externos petaloídes; um estame com uma teca fértil e uma petaloide; um estaminódio caloso e um cuculado; estilete fundido basalmente ao tubo da corola, simples, em geral recurvado; ovário ínfero, trilocular, tricarpelar, um ou três lóculos férteis. Frutos cápsulas loculicidas indeiscentes, sementes ariladas com endosperma abundante.

Marantaceae é uma família pantropical e possui aproximadamente 550 espécies, das quais 450 ocorrem na região neotropical, e aproximadamente 200 no Brasil, distribuídas em 12 gêneros. No estado de Sergipe são encontradas dez espécies, distribuídas em cinco gêneros, ocorrendo desde as áreas de Mata Atlântica do litoral até a caatinga do interior.

Chave para gêneros de **Marantaceae** de Sergipe

- 1. Ervas acaulescentes. Folhas rosuladas 2
- 2. Florescências monossimétricas. 2 estaminódios externos petaloídes, perfilo unicarenado **4. Myrosma**
- 2'. Florescências bissimétricas. 1 estaminódio externo petaloide, perfilo sem carena ou bicarenado.....3
- 3. Anel de tricomas entre o pulvino e o pecíolo presente. Sinflorescência congesta, composta por mais de 4 florescências, ovário com um lóculo fértil**3. Monotagma**
- 3'. Anel de tricomas entre o pulvino e o pecíolo ausente. Sinflorescência composta por menos de 4 florescências, frequentemente 1, ovário com três lóculos férteis **1. Goepertia**
- 1'. Ervas caulescentes. Folhas dísticas..... 4
- 4. Folhas homótroas. Bracteas verdes ou pardas. Cálice persistente no fruto **2. Maranta**
- 4'. Folhas antitropas. Bracteas lilases ou rosadas. Cálice decíduo no fruto **5. Stromanthe**

1. Goepertia Nees, Linnaea 6: 337 (1831). – Espécie-tipo: *Maranta zebrina* Sims [= *Goepertia zebrina* (Sims) Nees]

¹ Departamento de Botânica, Instituto de Biociências, Universidade Estadual Paulista – UNESP – Campus de Rio Claro. E-mail: mari_n_s@yahoo.com.br

Ervas acaulescentes. Folhas rosuladas, homótroas, uniformemente verdes ou com manchas vináceas na face adaxial, ausência de anel de tricomas na base do pulvino. Sinflorescência terminal, subtendida ou não por uma folha caulinar, monossimétrica. Bracteas da inflorescência espiraladas ou mais ou menos dísticas. Címulas braquiblasticas, 2-3 flores; precedidas de 1 interfilo e 1 perfilo bicarenado, e 1-2(-4) bractéolas. Cálice e corola membranáceos, tubo da corola alongado, maior que os lobos; 1 estaminódio externo petaloide; apêndice do estaminódio cuculado distal, estaminódio caloso com calo inconspícuo; estilete com depressão estilar transversal, ovário com três lóculos férteis. Fruto cápsula deiscente ou tardiamente deiscente, com 3 sementes com arilo basal.

Goepertia é composto pela maioria das espécies antes circunscritas em *Calathea* G.Mey, sendo atualmente o maior gênero de Marantaceae, com a estimativa de aproximadamente 300 espécies, distribuídas do México à Argentina. Habitam principalmente florestas pluviais com altitude abaixo de 1500m, podendo ser encontradas também em florestas de galeria, semidecíduas e nebulares. No Brasil há registro de 97 espécies, sendo que três ocorrem em Sergipe.

Chave para as espécies de **Goepertia** de Sergipe

- 1. Folhas com máculas vináceas ou verde escuras na face adaxial. Bracteas da florescência mais ou menos dísticas, densamente vilosas..... **1.2. Goepertia villosa**
- 1'. Folhas verdes, sem máculas na face adaxial. Bracteas da florescência espiraladas, pubérulas 3
- 3. Florescência não subtendida por uma folha caulinar. Bracteas com ápice ereto, arranjadas em 3-4 séries **1.3. Goepertia sp.nov.**
- 3'. Florescência subtendida por uma folha caulinar. Bracteas com ápice recurvado, arranjadas em 7-10 séries..... **1.1. Goepertia cylindrica**

1.1. Goepertia cylindrica (Roscoe) Borchs. & S.Suárez, Syst. Bot. 37(3): 630 (2012).

Phrynium cylindricum Roscoe, Monandr. Pl. Scitam. t.40 (1828).

Calathea cylindrica (Roscoe) K.Schum., Das Pflanzenreich IV. 48: 83 (1902).

Ilustrações em Monandr. Pl. Scitam. t.40 (1828).

Ervas até 1m alt. Bainha foliar membranácea, hirsuta; pulvino tomentoso na face abaxial e pubérulo na adaxial, 0,8-2,2cm compr., lâmina foliar elíptica a ovada, base cuneada, ápice agudo, 21-31,5 x 11-15,5(-16,6)cm, nervura da face abaxial esparsamente tomentosa, face adaxial glabra. Florescência subtendida por uma folha caulinar, estreitamente elíptica, 6,5-10,3 x 3,4-5cm. Bracteas verdes, (15-)22-29, arranjadas espiraladamente em 7-10 séries, monomorfas, largamente ovadas, 2,1-2,7 x 2,1-4,1cm, base obtusa, ápice truncado e recurvado, pubérulas. Componente básico da florescência composto por 2-3 pares de flores, flores amarelas, não analisadas. Frutos não observados. (Descrição de flores e frutos em Vieira *et al.* 2012).

Comentários: *Goepertia cylindrica* diferencia-se das demais espécies do gênero em Sergipe pelo ápice truncado e recurvado das brácteas e pela presença de uma folha caulinar subtendendo a florescência. É muito comum no território brasileiro, sendo encontrada do Nordeste ao Sul do país. Suas populações crescem preferencialmente em áreas úmidas. Apesar da presença de flores no material examinado, a análise não foi realizada devido à impossibilidade de reidratação do material. Floresce de julho a setembro.

Material selecionado: **BRASIL. Sergipe:** Riachão do Dantas, IX.1981, fl., Souza 6 (ASE);
Material adicional examinado: **BRASIL. Pernambuco:** Vicência, VII.1968, fl., Andrade-Lima 68-5418 (IPA).

1.2. *Goepertia villosa* (Lindl.) Borchs. & S. Suárez

Calathea villosa Lindl., Edwards's Bot. Reg. 31: t. 14 (1845).

Goepertia villosa (Lodd. ex G. Don) Borchs. & S. Suárez, Syst. Bot. 37(3): 635 (2012).

Ilustrações em Edwards's Bot. Reg. 31: t. 14 (1845).

Ervas 40-60cm alt. Bainha foliar membranácea, centralmente vilosa, pulvino viloso, 3-6(-22)mm, lâmina foliar lanceolada a elíptica, base e ápice cuneados, (7,5-)12,5-23(-40,2) x (3,5-)6,6-7,4(-12,3)cm, face abaxial verde, serícea; face adaxial verde com máculas verde-escuras ou vináceas, estriada. Florescência não subtendida por uma folha caulinar, estreitamente oblonga, 4,0-5,5 x 1,3-2,8cm. Brácteas verdes, 3-4, arranjas de maneira mais ou menos dística em 3-4 séries, monomorfas, ovadas, 1,1-1,9 x 1,8-2,2cm, base obtusa, ápice agudo a acuminado e ereto, densamente vilosas. Componente básico da florescência composto por 1 címula de 2 flores. Perfil bicarenado ovado, ápice acuminado, viloso, 23-25 x 3-5mm; interfilo ovado, 20-22 x 10-11mm, viloso no terço superior; 1 bractéola por címula, carenada e canaliculada, 8-10 mm compr., vilosa. Sépalas verdes, 33-35 x 3-5 mm, estreitamente elípticas, ápice acuminado, glabras. Tubo da corola amarelo, 3,8-4,2cm compr., glabro; lobos iguais, amarelos, 28-33 x 4-7mm, elípticos, ápice acuminado, glabros. Estaminódio externo petaloide amarelo, obovado, 18-22 x 10-13mm; estaminódio caloso amarelo, espatulado com margens laterais reflexas, ápice arredondado, 2,8-3,1 x 1,8-2cm; estaminódio cuculado amarelo, 8-12 x 3-4mm. Estilete 1,8-2,2cm compr., ovário totalmente glabro, 1,5-1,8 x 0,8-1mm. Frutos não observados.

Comentários: *Goepertia villosa* é caracterizada pelas folhas maculadas, inflorescência quase dística e pilosidade presente em quase toda a planta. É encontrada também nos Estados do Amazonas, Ceará, Goiás, Maranhão, Pará, Paraíba, Pernambuco e Roraima. Floresce de abril a dezembro.

Material selecionado: **BRASIL. Sergipe:** Lagarto, XII.2009, fl., Santos *et al.* 31 (ASE). Riachão do Dantas, VI.1982, fl., Gomes 78 (ASE). Simão Dias, IV.2010, fl., Carregosa-Silva *et al.* 48 (ASE).

Material adicional examinado: **BRASIL. Pernambuco:** Novo Exú, X.1933, fl., Luetzelburg

s.n. (IPA).

1.3. *Goepertia sp.nov.*

Fig. 1A-M.

Ervas 0,2-0,6m alt. Bainha foliar membranácea, pubérula, pulvino com uma fileira de tricomas adaxialmente, 4-9cm compr., lâmina foliar elíptica a largamente obovada, base reniforme a cuneada, ápice agudo ou arredondado com acúmen, 9,1-24,5 x 4,8-10,2cm, face abaxial pubérula, face adaxial pubérula com nervura principal esparsamente pilosa na base. Florescência não subtendida por uma folha caulinar, obovada a largamente obovada, 3,4-4,9 x 2,3-4,4cm. Brácteas verdes, 7-15 arranjas espiraladamente em 3-4 séries, monomorfas, amplamente ovadas a lanceoladas, 1,5-2,4(-3,3) x (0,7-)1,2-1,4 cm, base obtusa, ápice agudo a longo acuminado e ereto, pubescentes. Componente básico da florescência composto de 2-4 címulas de 2 flores. Perfil bicarenado ovado, ápice agudo a arredondado, minutamente pubérulo, 0,9-1,3 x 0,4-0,7 cm; interfilo ovado, 1-1,2 x 0,5-0,6cm, minutamente pubérulo; 1 bractéola por címula, carenada e canaliculada, 12-15 mm compr., glabra. Sépalas verdes, 13-14 x 2-3 mm, estreitamente elípticas, ápice agudo, ventralmente pubérula, dorsalmente glabra. Tubo da corola amarelo, 15-26mm compr., glabro; lobos iguais, amarelos, 7 x 1-2mm, estreitamente elípticos, ápice agudo, glabrescentes. Estaminódio externo petaloide, amarelo, obovado, 8-12 x 6-8mm; estaminódio caloso amarelo, espatulado com margens laterais reflexas, ápice arredondado, 8-16 x 3-4mm; estaminódio cuculado amarelo, 4 x 1-2mm. Estilete 5-7mm compr., ovário glabro na base com anel de tricomas no ápice, 1 x 0,8mm. Cápsula lisa, arredondada, 8-9 x 7-8mm, glabra, cálice persistente.

Comentários: Esta espécie é comum no estado de Sergipe, também ocorrendo em Pernambuco. É distinta das demais espécies do gênero em Sergipe pela florescência não subtendida por uma folha caulinar e pelas brácteas pubescentes com ápice agudo a acuminado e ereto. Muitas vezes, a planta entra em floração com suas folhas não totalmente abertas, uma característica comum em coletas de herbário. Floresce e frutifica preferencialmente durante os meses de abril e maio, podendo florir até o mês de setembro.

Material selecionado: **BRASIL. Sergipe:** Aquidabã, V.1982, fr., Viana 492 (ASE). Capela, IV.2012, fl., Gomes *et al.* 397 (ASE). Gararu, IV.1983, fr., Viana 681 (ASE). Nossa Senhora da Glória, V.1982, fl. fr., Viana 465 (ASE – isótipo, IPA – holótipo); IX.1983, fl., Viana 760 (ASE, HRCB-parátipo). Poço Verde, V.2010, fl. fr., Ferreira *et al.* 71 (ASE). Porto da Folha, IV.2011, fl. fr., Oliveira *et al.* 131 (ASE). Simão Dias, IV.2010, Carregosa-Silva *et al.* 45 (ASE)

Material adicional examinado: **BRASIL. Pernambuco:** Taperá, VII.1928, fl. fr., Pickel s.n. (IPA – parátipo)

2. **Maranta L.**, Sp. Pl.1: 2 (1753). – Espécie-tipo: *Maranta arundinacea* L.

Ervas rizomatosas, caulescentes. Folhas alternas dísticas, se caulinares com entrenós distintos; homótopas, uniformemente verdes. Sinflorescências terminais ou laterais, simples ou pouco ramificadas. Brácteas persistentes, normalmente verdes ou marrons. Címulas dolíoblasticas, composta de 2 flores, com pedúnculo distinto e a flor terminal pedicelada; interfilo ausente, bractéolas ausentes ou rudimentares. Cálice fibroso, tubo da corola 2 vezes mais comprido que largo; 2 estaminódios externos petaloides; estaminódio caloso firme ou distalmente petaloide, com calo; apêndice do estaminódio cuculado curto e basal; estilete com depressão estilar oblíqua, ovário com um lóculo fértil. Fruto cápsula obcônica angulosa, sépalas normalmente persistentes, pericarpo esclerótico quando maduro; sementes ariladas.

Comentários: *Maranta* é um gênero exclusivamente neotropical composto por cerca de 50 espécies, e tem como centro de diversidade o Brasil central. Para o Brasil são descritas aproximadamente 32 espécies, representado em Sergipe por 3 espécies.

Chave para as espécies de **Maranta** de Sergipe

1. Folhas ovadas a largamente ovadas. Sépalas recurvadas no fruto **2.2. Maranta protracta**
1'. Folhas lanceoladas ou estreitamente elípticas. Sépalas eretas no fruto 2
2. Ápice das folhas agudo ou acuminado; folhas glabras **2.1. Maranta noctiflora**
2'. Ápice das folhas mucronado; folhas na face abaxial glabras e na face adaxial hirsutas próximo ao múcron **2.3. Maranta zingiberina**

2.1. Maranta noctiflora Regel & Körn., Index Sem. [St. Petersburg]: 81–82 (1858).

Figura 2A-C.

Nome popular: caetê (Santos 16 – ASE 22589), cana-de-macaco (Prata *et al.* 2686 – ASE 21584)

Ervas até 1,5m alt, caule aéreo glabro. Bainha membranácea glabra; pecíolo ausente; pulvino tomentoso na face adaxial e glabro na abaxial, 1-3mm; lâminas lanceoladas, base cuneada levemente assimétrica ou truncada, ápice agudo, glabras em ambas as faces; (7,6-)10,5-13,6(-17) x (1,8-)3,4-4,2(-4,8)cm. Sinflorescência laxa, 1-2 florescências; florescência composta por 1-2 címulas de 2 flores; brácteas creme, 3,7-4,1(-7)cm compr. Sépalas 10-12 x 1-1,5mm, tubo da corola 1,2-1,3cm compr., lobos 5-6mm compr., ovário tomentoso, tricomas esbranquiçados encobrindo totalmente a superfície, 1-2mm compr. Frutos 8-10mm compr., sépalas persistentes e eretas.

Comentários: *Maranta noctiflora* é morfologicamente semelhante à *Maranta zingiberina*, da qual difere por não apresentar folhas com ápice mucronado e possuir o ovário tomentoso com tricomas encobrindo totalmente sua superfície. Ocorre no leste dos

estados da Bahia e de Sergipe. Floresce e frutifica de março a julho.

Material selecionado: **BRASIL. Sergipe:** Areia Branca, III.2011, fl. fr., Santos *et al.* 530 (ASE, HRCB). Estância, VII.2011, fl., Prata *et al.* 2686 (ASE, HRCB). Itabaiana, IV.1982, fl., Viana 416 (ASE).

2.2. *Maranta protracta* Miq., Linnaea 18: 71 (1844).

Fig. 2D-E.

Ervas com 0,5-1m alt, caule aéreo glabro. Bainha membranácea glabra, pecíolo muito curto (até 0,5mm) ou ausente, pulvino seríceo na face adaxial e glabro na abaxial, 2-6mm; lâmina foliar ovada a largamente ovada, base cuneada a levemente cordada, ápice atenuado, glabra, 6,5-15(-22) x (2,8-) 3,9-7,2 (-9,5) cm. Sinflorescência laxa, 2-3 florescências; florescência composta por 1-2 címulas de 2 flores; brácteas pardas, 3,2-3,9cm compr. Sépalas 10-11 x 1-2mm, tubo da corola 7-8mm compr., ovário densamente seríceo, tricomas esbranquiçados encobrindo totalmente a superfície, 1-2mm compr. Frutos (5-)8-11mm compr., sépalas persistentes e reflexas.

Comentários: *Maranta protracta* distingue-se das demais espécies por apresentar sépalas reflexas no fruto. É descrita como ocorrente das Guianas até a Bacia Amazônica e leste brasileiro ao sul da Bahia, preferencialmente em ambientes secos. *Maranta protracta* é uma espécie de antese noturna, o que ocasiona na prevalência de coletas de espécimes com frutos nos herbários. Floresce e frutifica de maio a novembro.

Material selecionado: **BRASIL. Sergipe:** Poço Redondo, V.2010, fr., Santos & Machado 181 (ASE, HRCB). Riachão do Dantas, 29/XI/1986, fr., Viana 1666 (ASE, HRCB); VI.1984, fl., Santana 227 (ASE). Siriri, V.2012, 10°30'52"S, 37°06'09"W, fr., Gomes *et al.* 519 (ASE, HRCB).

2.3. Maranta zingiberina L.Anderss., Nordic J. Bot. 6(6): 746–747 (1986).

Fig. 2F-H.

Ervas até 2m alt., caule aéreo glabro. Bainhas membranáceas sobrepostas, seríceas inteiramente ou somente no terço superior da face abaxial, e glabras na face adaxial; pecíolo muito curto (até 1mm compr.) ou ausente; pulvino seríceo, (3-)4-7mm compr.; lâmina foliar estreitamente oblonga, base cuneada a truncada, ápice obtuso e mucronado; face abaxial glabra com nervura principal pilosa, face adaxial hirsuta nas margens e próximo ao múcron, glabra no resto da lâmina; 8-13(-16)cm x 3,1-4,1(-4,7)cm. Sinflorescência laxa, 2-4 florescências; florescência composta por 1 címula de 2 flores; brácteas verdes, 3,1-4,3cm compr. Sépalas 11-12 x 1-2(-3)mm, tubo da corola 1,8-2,2cm compr., lobos 5-7mm compr., ovário esparso a densamente seríceo, tricomas nunca encobrindo totalmente a superfície, 2,5-3,5mm compr.. Frutos 8-10(-13)mm compr., sépalas eretas no fruto.

Comentários: *Maranta zingiberina* é uma espécie característica de áreas secas do Nordeste

brasileiro, sendo descrita por Andersson (1986) como ocorrente do leste da Paraíba ao centro da Bahia. Diferencia-se das demais espécies de *Maranta* de Sergipe por apresentar folhas com ápice mucronado e ovário com tricomas nunca encobrendo totalmente a superfície. Floresce e frutifica de abril a setembro.

Material selecionado: **BRASIL. Sergipe:** Canindé de São Francisco, IX.2010, fl. fr., Machado *et al.* 874 (ASE, HRCB). Lagarto, VIII.2010, fr., Santos 246 (ASE, HRCB). Poço Redondo, IV.1986, fl. fr., Fonseca s.n. (ASE, HRCB). Porto da Folha, IX.2011, 10°02'06" S, 37°24'22" W, fr., Oliveira 295 (ASE, HRCB).

3. *Monotagma K. Schum.*, Das Pflanzenreich IV, 48:166 (1902). – Espécie-tipo: *Phrynium parkeri* Roscoe [= *Monotagma spicatum* (Aubl.) Macbr.]

Monotagma ocorre exclusivamente na região neotropical, e apresenta 37 espécies, das quais 18 foram recentemente descritas. Apenas *Monotagma plurispicatum* ocorre em Sergipe, habitando áreas úmidas de florestas ou próximo a cursos d'água.

3.1. *Monotagma plurispicatum* (Körn.) K.Schum., Das Pflanzenreich IV. 48: 169 (1902). *Ischnosiphon plurispicatum* Körn., Bull. Soc. Impér. Naturalistes Moscou 35(1): 83–85 (1862).

Ilustrações em Costa *et al.* 2008.

Nome popular: "caetés" (PE), em Santos 55 (ASE 5133)

Ervas 0,5-1,5m alt., acaulescente. Catáfilos paleáceos, margem serícea. Folhas rosuladas, homótropas, bainha papirácea com face adaxial glabra e face abaxial tomentosa; pulvino com linha de tricomas na base, face adaxial tomentosa, o restante glabro, 1,5-4,6cm compr.; pecíolo pubérulo, 8,2-23,2cm compr.; lâmina foliar lanceolada a oblonga, base truncada a obtusa, simétrica; ápice acuminado a caudado, assimétrico; 17,2-39,6 x 9,5-16cm, glabra. Sinflorescência formada por 4-17(-20) florescências monossimétricas, componente básico da florescência composto por 1 címula com 1 flor. Brácteas verdes ou paleáceas, dispostas de maneira espiralada, coriáceas, 1,3-1,9cm compr., glabras. Perfilho não carenado, 5-7mm compr., ausência de interfilo e bractéolas. Sépalas verdes, membranáceas, 4-6 x 1-1,5mm, glabras; tubo da corola branco, 9-11mm compr., externamente glabro, internamente pubérulo na porção superior, lobos 4-6 x 2-3mm; estaminódios brancos, lilases ou esverdeados: 1 estaminódio externo petaloide, espatulado, 4-6mm x 3-4mm; estaminódio cuculado com apêndice curto, 3-4 x 1,5-2,5mm; estaminódio caloso petaloide, 4-5mm compr., calo conspícuo, carnoso; estame 3mm compr., apêndice inserido abaixo da antera, antera 1,5mm compr.. Estilete circinado quando disparado, 3-5mm compr., depressão estilar oblíqua; ovário pubérulo na metade superior, 1-1,5mm compr., com um lóculo fértil. Fruto cápsula 8-10 x 2-3mm.

Comentários: *Monotagma plurispicatum* diferencia-se das demais espécies de Marantaceae de Sergipe pela sinflorescência abundante e ausência de interfilos e bractéolas. Floresce e

frutifica de abril a novembro.

Material selecionado: **BRASIL: Sergipe:** Areia Branca, XI.2010, fl.fr., Santos *et al.* 425 (ASE). Itabaiana, IV.1991, fl. fr., Santos 55 (ASE), São Cristóvão, X.1981, fl., Viana 179 (ASE, HRCB).

4. *Myrosma L.f.*, *Myrosma* L.f. (1782) 80. — Espécie-tipo: *Myrosma cannifolia* L.f.

Myrosma é um gênero monotípico distribuído do Caribe ao sudeste do Brasil, sendo comum na região central brasileira. Habitam áreas de caatinga e cerrado, comumente próximo a cursos d'água.

4.1. *Myrosma cannifolia* L.f., (1782) 80

Ilustrações em Vieira *et al.* 2012b.

Ervas 30-40cm alt., acaulescente. Catáfilos paleáceos, glabros. Folhas rosuladas, homótropas, bainha papirácea glabra; pulvino piloso na face adaxial, (3-)4-6(-8)mm compr.; pecíolo glabro, 2,6-13(-21)cm compr.; lâmina estreitamente elíptica a estreitamente oblonga, base cuneada, simétrica; ápice acuminado a caudado, assimétrico; (6,3-)14,2-20,6 x (2,2-)3,3-6 cm, glabra ou com tricomas na face adaxial apenas próximo à nervura central. Sinflorescência formada por 1(-2) florescências, florescência subtendida por uma folha caulinar, bissimétrica, 3,1-4 x 1,5-1,8cm. Brácteas brancas, 9-11, arranjadas de maneira dística em 4-5 séries, monomorfas, ovadas a largamente ovadas, 1,2-1,5 x 1,2-1,3cm, base obtusa, ápice acuminado, glabras. Componente básico da florescência composto por uma címula de 2 flores. Perfilho unicarenado, ovado, ápice arredondado, glabro, 10-11 x 7-9mm; interfilo e bractéolas ausentes. Botões com sépalas 8-11 x 3-4mm, elípticas, ápice agudo, glabras; pétalas 5-6mm compr. 2 estaminódios externos desiguais, o maior obovado com ápice arredondado, 4-6 x 3-4mm; o menor espatulado com ápice arredondado, 4-5 x 2-3mm; estaminódio caloso retangular, com ápice arredondado ou emarginado, 6-7mm compr.; estaminódio cuculado, distalmente lobado, 5-6mm compr.; estame 4mm compr., apêndice petaloide inserido abaixo da antera, 3mm largura, antera 1-2mm compr. Estilete 3- 4mm compr., ovário glabro, 1-2mm compr. Frutos não observados.

Comentários: *Myrosma cannifolia* pode ser identificada dentre as demais espécies de Marantaceae de Sergipe pela florescência monossimétrica, com brácteas brancas, e presença do perfilho unicarenado. Floresce em junho.

Material selecionado: **BRASIL: Sergipe:** Pirambu, VI.2013, fl., Carregosa-Silva, T. 391 (ASE, HRCB).

5. *Stromanthe Sond.*, Neue Allg. Deutsche Garten- Blumenzeitung 5: 225 (1849). –
Espécie-tipo: *Stromanthe sanguinea* Sond. [= *Stromanthe thalia* (Vell.) J.M.A.Braga].

Ervas rizomatosas caulescentes, com sistema aéreo ramificado sem entrenós distintos devido às bainhas foliares imbricadas. Folhas alternas, antítropas, uniformemente verdes. Sinflorescências terminais, bastante ramificadas, laxas ou congestas. Brácteas persistentes ou decíduas, lilases a rosadas. Címulas dolicoblásticas, com pedúnculo distinto ou com pelo menos uma das flores pediceladas; interfilo ausente, bractéolas ausentes ou rudimentares. Cálice fibroso, cuculado, envolvendo a corola e os estaminódios, tubo da corola inconspícuo; 2 estaminódios externos petalóides ou rudimentares, ou ausentes; estaminódio caloso firme, bilobado, com calo inconspícuo; estaminódio cuculado maior que o caloso, com um apêndice simples basal; estilete com depressão estilar oblíqua, ovário com um lóculo fértil. Fruto cápsula, sépalas normalmente decíduas pericarpo esclerótico quando maduro; sementes ariladas.

Comentários: As espécies de *Stromanthe* são caracterizadas pelas folhas antítropas e sinflorescências laxas muito ramificadas. Possui dezenove espécies neotropicais, das quais dez ocorrem no Brasil e duas em Sergipe.

Chave para as espécies de *Stromanthe* de Sergipe

1., Bainha e pulvino velutinos. Bráctea primária basal sem lâmina, brácteas róseas ou arroxeadas**5.1. *Stromanthe porteana***
1'. Bainha glabrescente ou com margens tomentosas, pulvino hirsuto. Bráctea primária basal frondosa, brácteas verdes**5.2. *Stromanthe tonckat***

5.1. *Stromanthe porteana* Griseb., Ann. Sci. Nat., Bot., sér. 4(9): 185 (1858).
Ilustrações em Yoshida-Arns *et al.* (2002) e Fl. Bras. 3(3), pl. 42, (1890).

Ervas com até 2m alt. Folhas ausentes na base do caule aéreo, bainhas velutinas, 7,8-10,2cm compr., pecíolo ausente, pulvino velutino, 0,5-0,8cm compr.; lâminas foliares lanceoladas, base aguda a cuneada, ápice agudo; face abaxial glabra com nervura principal tomentosa, face adaxial com margens, nervura principal e terço inferior tomentosos; (9,5-)16-18,3(-22,3) x (3,2-)5,9-6,5(-7,9)cm. Sinflorescências laxas, laterais, (1-)2-4 florescências, florescência composta por (4-)6-10 címulas, cada uma com 1 par de flores. Bráctea primária basal sem lâmina, (2,8-)7-7,8 x 0,3-0,7cm. Pedúnculo e pedicelos vilosos; brácteas seríceas ou glabrescentes, róseas ou arroxeadas, 1,2-2,3cm compr. Sépalas 7-8 x 3-4mm, tubo da corola 1-2(-3)mm compr., lobos 5-6mm compr. Estaminódio cuculado 4-5mm compr., estaminódio caloso 3-3,5mm compr., estame 4-5mm compr.; ovário velutino, 1-2mm compr. Frutos oblongos, vilosos, 6-8mm compr., sépalas decíduas ou persistentes.

Comentários: *Stromanthe porteana* apresenta ampla distribuição na região neotropical, e no Brasil ocorre em Alagoas, Amazonas, Bahia, Espírito Santo, Pará, Paraíba, Paraná,

Pernambuco, Rio de Janeiro, São Paulo e Sergipe. Preferencialmente forma populações em áreas úmidas. Floresce e frutifica de fevereiro a agosto.

Material selecionado: **BRASIL. Sergipe:** Riachão do Dantas, IV.1986, fl., Viana 1390 (ASE, HRCB). Santa Luiza do Itanhhy, VII.2009, fl. fr., Santos *et al.* 543 (ASE, HRCB).

5.2. *Stromanthe tonckat* (Aubl.) Engl., Abh. Königl. Akad. Wiss. Berlin 1884: 80 (1884).
Maranta tonckat Aubl., Hist. Pl. Guiane 1:3 (1775).
Ilustrações em Yoshida-Arns *et al.* (2002)

Ervas com até 2m alt. Folhas ausentes na base do caule aéreo, bainha glabrescente ou com margens tomentosas, 6,4-11,2cm compr., pecíolo ausente; pulvino hirsuto na face adaxial e glabro na abaxial ou hirsuto em ambas as faces, 0,3-0,5cm compr. Folhas lanceoladas a ovadas, base aguda, ápice agudo a acuminado; face abaxial glabra com nervura principal glabra ou hirsuta na base, face adaxial glabra com nervura principal hirsuta; (6,6-)10,3-12,2(-16,9) x (2-)3,9-5,2(-6,9)cm. Sinflorescências laxas, laterais, 1-2 florescências; florescência composta de 8-11 címulas, cada uma com 1 par de flores. Bráctea primária basal frondosa, 5,6-7,1(-9,6) x 2-2,6(3,5)cm. Pedúnculo viloso e pedicelos glabros; brácteas glabras, verdes, 1,6-2,1cm compr. Sépalas 5-6,5 x 2-2,5mm, tubo da corola 1-2mm compr., lobos 4-5mm compr. Estaminódio cuculado 3-4mm compr., estaminódio caloso 2-3mm compr., estame 3-4mm compr.; ovário tomentoso, 1-2mm compr. Frutos não observados.

Comentários: *Stromanthe tonckat* é morfologicamente muito semelhante à *Stromanthe porteana*, diferenciando-se pelo indumento nas folhas, bainha e pulvino, a presença da bráctea primária basal frondosa e a coloração verde das brácteas. Assim como *S. porteana*, *S. tonckat* ocorre em áreas úmidas de Alagoas, Amazonas, Bahia, Espírito Santo, Pará, Paraíba, Paraná, Pernambuco, Rio de Janeiro, São Paulo e Sergipe. Floresce de fevereiro a outubro.

Material selecionado: **BRASIL. Sergipe:** Divina Pastora, II.2011, fl., Souza *et al.* 72 (ASE, HRCB). Itaporanga d'Ajuda, X.1997, fl., Amaral & Santos 13 (ASE, HRCB). Siriri, 10°30'52"S, 37°06'09"W, V.2012, fl., Gomes *et al.* 515 (ASE, HRCB).

Referências Bibliográficas

- Andersson, L. 1981. The Neotropical Genera of Marantaceae. Circumscription and relationships. **Nordic Journal of Botany** 1(2): 218-245.
- Andersson, L. 1986. Revision of *Maranta* subg. *Maranta* (Marantaceae). **Nordic Journal of Botany** 6(6): 729-756.
- Andersson, L. 1998. Marantaceae. In: Kubitzki, K. (Ed.). **The families and genera of vascular plants**. Springer-Verlag, Berlin. Vol. 4, pp. 278-293.
- Borchsenius, F.; Suárez, S.L.; Prince, L. 2012. Molecular Phylogeny and Redefined Generic Limits of *Calathea* (Marantaceae). **Systematic Botany** 37(3):620-635.

Braga, J.M.A. 2013. Marantaceae. In: **Lista de Espécies da Flora do Brasil**. Jardim Botânico do Rio de Janeiro. (<http://floradobrasil.jbrj.gov.br/jabot/floradobrasil/FB157>).

Costa, F.R.C.; Espinelli, F.B.; Figueiredo, F.O.G. 2008. Guia de Marantáceas da Reserva Ducke e da REBIO Uatumã – Amazonas Central. Áttema Design Editorial Ltda.: Manaus. 162p.

Hagberg, M. & Eriksson, R. 2011. New names in *Monotagma* (Marantaceae). **Phytotaxa** 20:1-25.

Hagberg, M. 1990. The genus *Monotagma* (Marantaceae). Ph.D. dissertation, Department of Systematic Botany, University of Gothenburg.

Petersen, O.G. 1890. Marantaceae in C.F.P. Martius, A.G. Eichler & I. Urban (Eds.) **Flora Brasiliensis**. Monachii, Frid. Fleischer, vol. 3, pars 3, p. 81 -172.

Schumann, K.M. 1902. Marantaceae. In: Engler, A. (Ed.) **Das Pflanzenreich**. Leipzig, Wilhelm Engelmann, IV.48, Heft 11, p. 1 -184.

Vieira, S. 2005. Estudos filogenéticos e taxonômicos em Marantaceae, com ênfase em *Maranta* L. Tese (Doutorado) – Instituto de Biociências da Universidade de São Paulo. Departamento de Botânica, 71p.

Vieira, S.; Forzza, R.C.; Wanderley, M.G.L. 2012. Marantaceae. In: Wanderley, M.G.L.; Shepherd, G.J.; Melhem, T.S.; Giulietti, A.M.; Martins, S.E. (Eds.) **Flora Fanerogâmica do Estado de São Paulo**. São Paulo: FAPESP, vol. 7, pp. 208-231.

Vieira, S.; Maas, P.J.; Borchsenius, F. 2012. Taxonomic revision of *Myrosma* (Marantaceae). **Blumea** 57:125-130.

Yoshida-Arns, K.N. 2003. Revisão taxonômica de *Ctenanthe* Eichler e *Stromanthe* Sond. (Marantaceae). Tese de Doutorado, Universidade Federal de Pernambuco.

Yoshida-Arns, K.N.; Mayo, S.; Alves, M.V. 2002. O gênero *Maranta* L. no Estado de Pernambuco, Nordeste do Brasil. **Insula** 31: 39-57.

Yoshida-Arns, K.N.; Mayo, S.; Alves, M.V. 2002. O gênero *Stromanthe* Sond. (Marantaceae) no Estado de Pernambuco – Nordeste do Brasil. **Ernstia** 12(1-2): 31-42.

Lista de Exsicatas

Amaral, A. 13 (5.2). **Amaral, C.** 13 (5.2). **Andrade-Lima** 4506 (1.3), 68-5418 (1.1). **Arruda, R.** 31 (3.1). **Baracho, G.S.** 491 (1.1). **Carneiro, E.M.** 284 (5.1), 391 (1.2), 443 (1.1), 504 (5.1). **Carregosa-Silva, T.** 17 (2.1), 45 (1.2), 48 (1.3), 77 (1.2), 391(4.1). **Coelho, P.** 47903 (1.2). **Costa, S.M.** 345 (2.1), 605 (1.2). **Deda, R.M.** 114 (5.1), 164 (5.1). **Ferreira, E.V.R.** 71 (1.2), 72 (1.2). **Fonseca, M.** s.n. (2.3), 521 (1.2). **Gomes, E.** 78 (1.3). **Gomes, L.A.** 319 (5.1), 397 (1.2), 515 (5.2), 519 (2.2). **Landim, M.F.** 460 (5.1), 496 (5.1), 558 (5.1). **Luetzelburg, P.** s.n. (1.3). **Machado, W.J.** 193 (2.2), 240 (1.2), 296 (1.2), 297 (1.2), 393 (1.2), 457 (1.2), 874 (2.3). **Melo, E.** 1935 (2.3). **Menezes, A.B.** 16 (2.1). **Nascimento Jr., J.E.** 353 (1.2), 354 (1.3). **Oliveira, D.G.** 131 (1.2), 295 (2.3). **Pickel, B.** s.n. (1.2). **Prata, A.P.** 2311 (5.1), 2451 (2.3), 2478 (1.2), 2686 (2.1). **Saka, M.N.** 221 (3.1). **Sant'Anna, S.C.** 447 (3.1). **Santana, M.C.** 227 (2.2). **Santos, L.A.S.** 31 (1.3), 130 (2.3), 133 (2.3), 142 (2.1), 171 (5.1), 173 (2.1), 177 (1.2), 181 (2.2), 198 (1.3), 246 (2.3), 289 (1.2), 425 (3.1), 530 (2.1), 536 (2.3), 543 (5.1), 553 (5.1). **Santos, M.L.** 16 (2.1), 30 (2.1), 55 (3.1). **Santos, V.** 18 (2.1). **Souza, C.A.S.** 72 (5.2). **Souza, C.L.** 6 (1.1). **Viana, G.** s.n. (1.3), 179 (3.1), 343 (2.1), 416 (2.1), 465 (1.2), 492 (1.2), 605 (1.1), 681 (1.2), 760 (1.2), 959 (1.2), 1390 (5.1), 1411 (2.2), 1426 (5.1), 1475 (1.1), 1476 (1.3), 1666(2.2), 1748 (1.3), 1930 (1.2), 2019 (1.2), 2035 (1.1), 2038 (2.2). **Yoshida-Arns, K.N.** 681 (1.3)

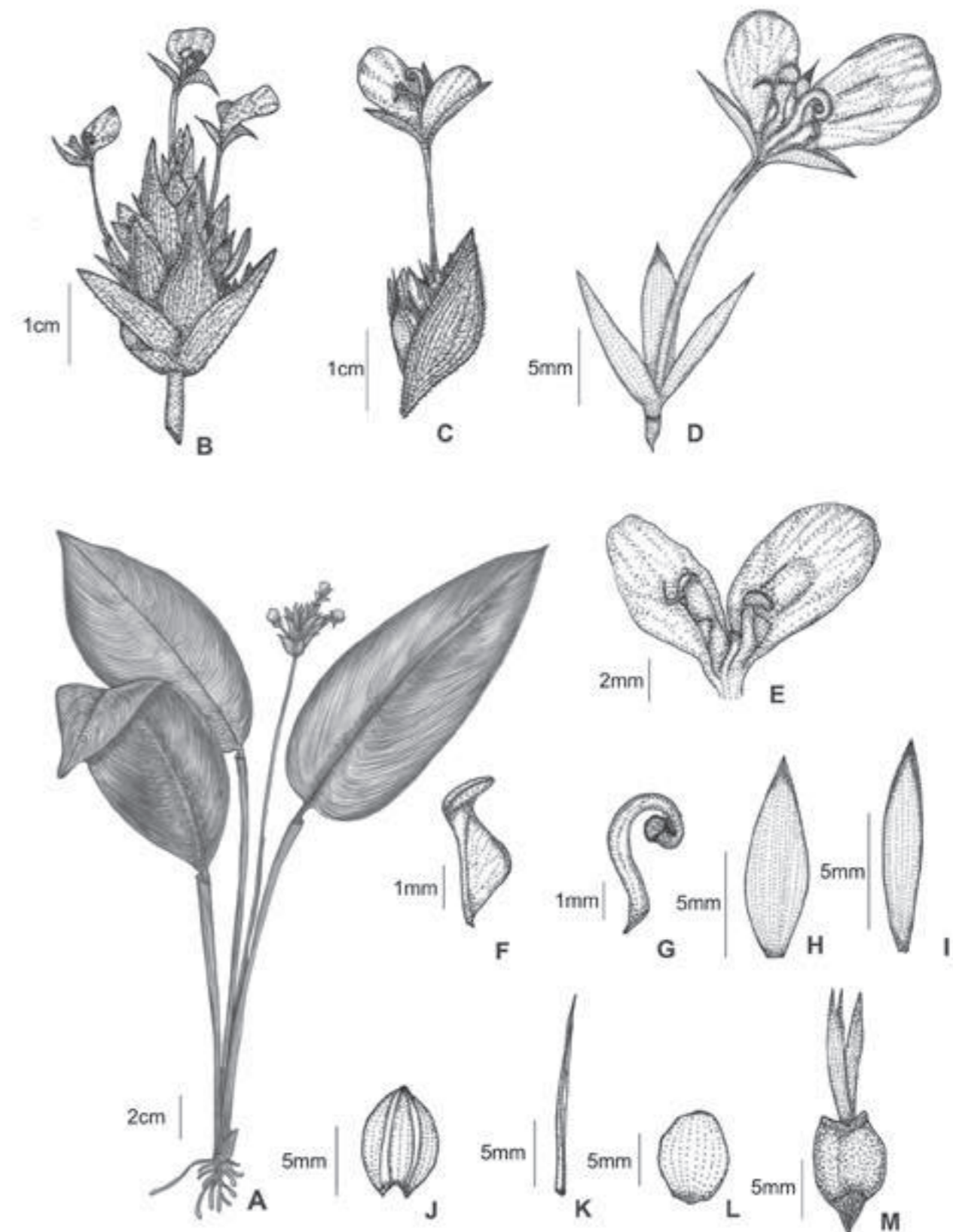


Figura 1. *Goepertia decidua* (Viana 760, ASE 3419, exceto hábito, de Prata *et al.* 2478, ASE 17744). **A.** Hábito. **B.** Inflorescência. **C.** Flor subtendida por bráctea e perfilo bicarenado. **D.** Flor. **E.** Estame com estaminódios externo, caloso e cuculado. **F.** Estame. **G.** Estilete circinado e estigma. **H.** Sépala. **I.** Pétala. **J.** Perfilo bicarenado. **K.** Bractéola. **L.** Interfile. **M.** Fruto. (Ilustrações de M.N.Saka, exceto pelo hábito, ilustrado por R.M.A. Carvalho).

MARCGRAVIACEAE

Geadelande Carolino Delgado Junior¹
Marccus Alves¹

Arbustos eretos a escandentes. Folhas alternas, simples, coriáceas, margem plana a revoluta, nervuras pouco evidente; pecioladas; estípulas ausentes. Inflorescência terminal, racemosa; bractéolas 2. Flores actinomorfas, bissexuais, nectário reprodutivo inserido no pedicelo; cálice 5-mero, sépalas livres; corola 5-mera, pétalas concrecidas na base; estames numerosos, livres, filetes lineares; ovário súpero, globoso. Fruto cápsula, coriáceo, globoide. Inserida na ordem Ericales, Marcgraviaceae é uma família polifilética, com distribuição neotropical, possui sete gêneros e aproximadamente 130 espécies. No Brasil ocorrem seis gêneros e 35 espécies. O gênero mais representativo é *Marcgravia* com 18 spp. *Schwartzia brasiliensis* é o único representante do Estado de Sergipe.

1. *Schwartzia brasiliensis* (Choisy) Bedell ex Gir.-Cañas, *Caldasia* 23: 341. 2001.

Figura 1. A-D

Arbustos eretos a arbustos com ramos decumbentes, 2-8 m alt.; ramos glabros, às vezes estriados. Folha 5,5-11,5 x 2,5-4,5 cm, coriácea, oval, obovada ou oblanceolada, ápice obtuso, retuso ou emarginado, base cuneada a arredondada, glabra; nectários na face abaxial. Pecíolo 0,5-1,5 cm compr., glabro. Inflorescência terminal racemosa, raque até 30 cm compr., multiflora; pedicelo 1,5 - 3 cm compr., glabro; nectário reprodutivo 5-9 mm compr., cocleariforme, vermelho, inserido no pedicelo; bractéolas ca. 1 mm compr., ovadas. Sépalas ca. 1 mm compr., rotundas, glabras; pétalas ca. 5 cm compr., ovadas a oblongas; estames 15-20, filetes aplanados, adnatos às pétalas, anteras oblongas; ovário piriforme. Fruto, 6-9 mm de diâmetro, globóide, rugosa; sementes semilunares.

Comentários: Endêmica do Brasil, ocorre na região costeira do Ceará a Santa Catarina, principalmente na Mata Atlântica e no Cerrado. No estado do Sergipe aparece também em ecossistemas associados à Caatinga, como brejos de altitudes. *Schwartzia brasiliensis* é mais comum nas restingas e nos campos rupestres. É facilmente reconhecida pela inflorescência terminal longa com nectários reprodutivos, vistosos, cocleiformes e vermelhos. Floração de setembro a dezembro e frutificação de janeiro a abril.

Material selecionado: **BRASIL: Sergipe.** Areia Branca, PARNA Serra de Itabaiana, X/2007, fr., J.E. Nascimento 119 (ASE); Estância, XII/1981, fl., G. Viana 288 (ASE); Itabaiana, PARNA Serra de Itabaiana, X/2007, bf., fl., K. Mendes et al. 161 (ASE); Poço Redondo, Serra da Guia, X/2010, fl., W.J. Machado et al. 161 (ASE); Riachão do Dantas, IV/1986, fr., G. Viana 1392

¹ Universidade Federal de Pernambuco, Centro de Ciências Biológicas, Programa de Pós Graduação em Biologia Vegetal, Laboratório de Morfo Taxonomia, Rua Professor Nelson Chaves, s/n, Cidade Universitária, Recife - PE. CEP 50670-420. Email: geadelande@gmail.com



Figura 2. *Maranta noctiflora* (Prata et al. 2686, ASE). A. Hábito. B. Ápice da folha agudo. C. Fruto. *Maranta protracta* (Viana 1666, ASE). D. Hábito. E. Fruto com sépalas reflexas. *Maranta zingiberina* (Fonseca s.n., ASE 4297). F. Hábito. G. Ápice da folha mucronado. H. Fruto. (Ilustrações de R.M.A. Carvalho).

(ASE); Tobias Barretos, Serra dos Macacos, I/2010, bf., fl., A.P. Prata 2170 (ASE).

Referências Bibliográficas

Giraldo-Cañas, D. & Fiaschi, P. 2005. Las Marcgraviaceae (Ericales) de Brasil: Las Especies del Complejo Norantea. The Marcgraviaceae (Ericales) of Brazil: The Species Of The Norantea Complex. *Caldasia* 27(2): 173.
Souza, V.C. 2013. Marcgraviaceae. In: **Lista de Espécies da Flora do Brasil**. Jardim Botânico do Rio de Janeiro. Disponível em: <http://floradobrasil.jbrj.gov.br/jabot/floradobrasil/FB103323>. (Acesso: em 14 de maio de 2013).
Ward, N.M. & Price, R.A. 2002. Phylogenetic Relationships of Marcgraviaceae: Insights from Three Chloroplast Genes. *Systematic Botany* 27(1): 149-160.

Lista de exsicatas

Machado, W.J. 161 (1); **Mendes, K.** 161 (1); **Nascimento, J.E.** 119 (1); **Prata, A.P.** 2170 (1); **Viana, G.** 288 (1), 1392 (1).



Figura 1. A-D. *Schwartzia brasiliensis* (Choisy) Bedell ex Gir.-Cañas. A. Hábito evidenciando a inflorescência terminal. B. Flor. C. Nectário reprodutivo aberto inserido no pedicelo. D. Fruto. (Delgado Junior, J.E. Nascimento 119, ASE).

MENISPERMACEAE

Niara Moura Porto¹
Maria de Fátima Agra¹

Lianas, às vezes arbustos ou subarbustos, dioicas. Folhas alternas, às vezes peltadas, simples, ovais, oblongas, deltoides, cordiformes ou suborbiculares, margem inteira, actinódromas, raramente peninérveas, pecíolo com ápice e/ou base alargados, estípulas ausentes. Inflorescências racemosas, paniculadas ou fasciculadas, caulifloras ou axilares. Flores unissexuadas diclamídeas, sépalas 3-6, raramente 1, livres ou conatas, em 2 ou mais verticilos, imbricadas; pétalas 1-6 ou ausentes, livres ou conatas, em geral imbricadas; estames 4-6, livres ou concrecidos em sinândrio, anteras rimosas, introrsas ou extrorsas; estaminódios ausentes; gineceu apocárpico, carpelos 1 a 3, livres entre si, 2-ovulados (1 óvulo abortivo), estigma terminal, inteiro ou lobado. Fruto drupa, obovoide, elipsoide ou comprimida, estipitado ou séssil, endocarpo lenhoso, externamente rugoso ou tuberculado; semente com ou sem endosperma; embrião reto ou curvo.

Com distribuição pantropical, Menispermaceae possui cerca de 70 gêneros e 500 espécies (Ortiz et al., 2007). Na América tropical ocorrem 17 gêneros e 166 espécies, sendo *Abuta* (com 32 spp.) e *Odontocarya* (ca. de 30 spp.) os maiores (Barneby & White, 2004). No Brasil, ocorrem 16 gêneros e 110 espécies, 26 delas endêmicas (Braga, 2012), sendo a Amazônia o centro de diversidade (Krukoff & Barneby, 1970). Espécies de Menispermaceae são ricas em alcaloides e empregadas em diversos usos medicinais: no tratamento de doenças do aparelho respiratório, reumatismos, distúrbios gastrointestinais e malária, entre outros (Barbosa-Filho et al., 1997; De Wet & Van Wyk, 2008; Jahan et al., 2010). Em Sergipe, a família está representada por três gêneros e seis espécies.

Chave para identificação dos gêneros de Menispermaceae de Sergipe

1. Flores masculinas com 4 sépalas, pétalas conatas, 4 estames conatos (raro 6), formando um sinândrio; flores femininas com 1 sépala, 1 pétala, 1 carpelo..... **1. *Cissampelos* L.**
- 1'. Flores masculinas com 6 sépalas, 6 pétalas livres, 6 estames livres ou conatos; flores femininas trímeras com 6 sépalas, 6 pétalas, 3 carpelos
2. Estames com filetes totalmente livres, base das folhas sem glândulas entre as nervuras ..
.....**2. *Hyperbaena domingensis* (DC.) Benth.**
- 2'. Estames com filetes conatos até ½ compr, base das folhas com glândulas entre as nervuras **3. *Odontocarya duckei* Barneby**

¹ Laboratório de Taxonomia e Farmacobotânica, Pós-graduação em Produtos Naturais e Sintéticos Bioativos, Universidade Federal da Paraíba, 58051-970, João Pessoa, Paraíba, Brasil. Fone/fax: +55 83 32167502.

1. *Cissampelos* L., Species Plantarum 2: 1031-1032. 1753.

Trepadeiras, raro subarbustos ou arbustos. Folhas peltadas ou marginais, inserção do pecíolo peltado ou marginal, lâminas cordiformes, ovais, deltoides ou suborbiculares; nervação actinódroma-broquidódroma. Inflorescências masculinas axilares, em fascículos de dicásios, flores inconspícuas, cremes a esverdeadas, sépalas 4, pétalas conatas em estrutura cupuliforme ou pateliforme, estames 4, raramente 6, sinândrio séssil ou estipitado. Inflorescências femininas axilares, racemosas, fasciculadas, flores com 1 sépala, 1 pétala, 1 carpelo, estigma trifido. Fruto drupa oboval, endocarpo hipocrepiforme, endosperma contínuo.

Comentários: O gênero inclui cerca de 20 espécies distribuídas na América tropical, África e Ásia (Rhodes, 1975). No Brasil são encontradas 10 espécies, com distribuição em quase todos os estados, com predominância no Acre, Amazonas e Minas Gerais (Braga, 2012). Em Sergipe, foram registradas quatro espécies, encontradas principalmente em áreas de Floresta Atlântica.

Chave para identificação das espécies de *Cissampelos* L. de Sergipe

1. Subarbustos; caule ereto, indumento viloso 3. *Cissampelos ovalifolia*
1'. Trepadeiras; caule volúvel, com indumento glabro a piloso 2
2. Folhas com pecíolo inserido na margem da lâmina, inflorescência masculina cauliflora; flores masculinas sem brácteas 1. *Cissampelos andromorpha*
2'. Folhas com inserção do pecíolo peltada ou excêntrica; inflorescência masculina axilar; flores masculinas com brácteas cordiformes ou reniformes 3
3. Folhas arredondadas, pubérulas; flores masculinas com brácteas reniformes, corola conata cupuliforme, ca. 1 mm diâm., sinândrio estipitado 2. *Cissampelos glaberrima*
3'. Folhas deltoides, glabras; flores masculinas com brácteas cordadas, corola conata pateliforme, ca. 0,5 mm diâm., sinândrio séssil 4. *Cissampelos sympodialis*

1.1. *Cissampelos andromorpha* DC., Regni Vegetabilis Systema Naturale 1:539. [1817] 1818.

Figura 1 A-C

Trepadeira herbácea, caule cilíndrico, estriado, pubérulo a piloso. Folhas com lâminas deltoides; 3,8-5,5 x 3,5-6,5 cm, pubescentes, membranáceas, margem inteira, ápice agudo a obtuso, mucronado, base cordada; pecíolo 2,5-6,5 (8,4) cm, inserção marginal ou submarginal a 1,5-2,0 mm da margem, ápice e base espessados, pubescente. Inflorescências masculinas em fascículos axilares, ca. 5 cm. Flores com sépalas 4, ca. 1,7 mm compr., glabras, corola conata cupuliforme, ca. 0,5 mm diâm., estames 4, sinândrio estipitado. Inflorescências femininas em fascículos axilares; brácteas foliáceas raras, cordadas, 0,15-0,2 x 0,12-0,2 mm, pilosas. Flores monômeras, sépala oboval, ca. 1-1,5 x 0,8-1 mm, pilosa; pétala orbicular, 0,7-0,9 x 0,9-1,1 mm, glabra; estigma 3-lobado, piloso.

Drupa, 5-6 x 4-6 mm, oboval, glabra a pubérula, endocarpo tuberculado.

Comentários: As flores masculinas podem apresentar pétalas livres com tamanho superior às anteras. Entretanto, as brácteas são ausentes nas inflorescências com flores estaminadas e raramente presentes nas inflorescências com flores femininas. Amostras da espécie foram coletadas com flores de fevereiro a março e com frutos em março.

Material examinado: **BRASIL. Sergipe:** Poço Redondo, III/2010 (fl.), *W.J.Machado* et al. 220 (ASE); Simão Dias, II/1975 (fl.), *A.C.Barreto s.n* (ASE 294).

Material adicional examinado: **BRASIL. Pernambuco:** Igarassu, III/2012 (fl., fr.), *M.F.Agra & N.M.Porto* 7132 (JPB); Jaqueira, XII/2003 (fl.), *A.Viana* et al. 425 (UFP).

1.2. *Cissampelos glaberrima* A.St-Hil., Flora Brasiliae Meridionalis 1: 46. 1825.

Figura 1 D-F

Trepadeira herbácea, caule cilíndrico, glabro a pubérulo, estriado. Folhas peltadas com lâminas cordiformes a orbiculares, 3,2-6,3 x 3,3-6,8 cm, pubescentes, membranáceas, margens inteiras, ápice agudo, mucronado, base truncada; pecíolo 0,6-1,1 cm compr., excêntrico, base alargada, pubescente. Inflorescências masculinas em fascículos axilares de dicásios; brácteas reniformes, 0,7-1,2 mm compr., pubérulas. Flores com sépalas 4, ca. 1,8 mm compr., glabras, corola conata cupuliforme, ca. 1 mm diâm., glabra a pubérula, estames 4, sinândrio estipitado. Inflorescências femininas em fascículos, axilares; brácteas reniformes, 0,7-1,1 x 1,1-1,8 cm, glabras. Flores monômeras, sépala ca. 1,7 x 1,0 mm, oboval, pilosa; pétala ca. 0,8 x 1,0 mm, reniforme, glabra; carpelo glabro, estigma 3-lobado. Drupa 5-7 x 4-6 mm, oboval, pubérula, endocarpo levemente tuberculado.

Comentários: Espécie encontrada em áreas de Florestas Atlântica, em arredores incluindo áreas antropizadas, de capoeiras e pastos. Amostras da espécie foram coletadas com flores de fevereiro a março e setembro a outubro, com frutos em agosto.

Material examinado: **BRASIL. Sergipe:** Capela, XI/2011 (fl.), *L.A.Gomes* et al. 298 (ASE); Laranjeiras, III/1982 (fl.), *E.Gomes* 01 (ASE); Santa Luzia do Itanhy, IX/1995 (fl.), *M.Landim* et al. 653 (ASE); IX/1995 (fl.), *M.Landim* et al. 655 (ASE); São Cristóvão, VIII/1982 (fl., fr.), *E. Carneiro* 415 (ASE);

Material adicional examinado: **BRASIL. Paraíba:** Cabedelo, III/93 (fl.), *L.P.Félix & G.V.Dornelas* 1675 (JPB); Santa Rita, IV/1994 (fl.), *M.F.Agra & F.Barbosa* 3328 (JPB).

1.3. *Cissampelos ovalifolia* DC., Regni Vegetabilis Systema Naturale 1: 537. [1817] 1818.

Figuras 1G-H

Subarbusto, caule tomentoso. Folhas com lâminas 7,7-8,9 x 7,8-9,4 cm, oval a suborbicular,

púberula a pilosa na face adaxial e vilosa na face abaxial, subcoriácea, margens inteiras, ápice obtuso, mucronado, base truncada a subcordada; pecíolo 0,5-0,9 cm compr., marginal, base alargada, viloso. Inflorescências masculinas em fascículos axilares de dicásios, brácteas ovais, 0,8-2,0 x 0,9-2,4 cm, velutinas. Flores com bractéolas subuladas, vilosas; sépalas 4, ca. 1,5 mm compr., púberulas, obovais, corola conata, pateliforme, ca. 0,5 mm diâm., glabra, estames 4, sinândrio estipitado. Inflorescências femininas em fascículos axilares; brácteas orbiculares 0,9-1,2 x 1,0-1,3 cm, vilosas. Flores monômeras, sépala orbicular, ca. 1,7 x 1,0 mm, pilosa; pétala flabeliforme, ca. 1,0 x 1,7 mm, glabra; carpelo tomentoso, estigma 3-lobado. Drupa 5,5-7 x 4,2-6 mm, oboval, piloso, endocarpo tuberculado.

Comentários: É a única espécie subarborescente de *Cissampelos* L., consequentemente, de fácil distinção principalmente pelo indumento nas folhas e caule. Amostras da espécie foram coletadas com flores de fevereiro a março e outubro a novembro e com frutos em fevereiro e outubro a novembro.

Material examinado: **BRASIL. Sergipe:** Areia Branca, III/2008 (fl.), *S.M.Costa et al.* 350 (ASE).

Material adicional examinado: **BRASIL. Amazonas:** Humaitá, XI/1966 (fl., fr.), *G.T.Prance et al.* 3422 (MG); **BRASIL. Mato Grosso:** Cuiabá, II/1979 (fl., fr.), *M.G.Silva & A. Pinheiro* 4406 (MG); **BRASIL. Paraíba:** Areia, X/1953 (fl.), *J.C.Moraes s.n.* (EAN 890).

1.4. *Cissampelos sympodialis* Eichl., Flora 47(25): 392. 1864.

Figuras 1 I-L

Trepadeira herbácea, caule cilíndrico, pubérulo, estriado. Folhas com lâminas, 1,3-2,3 x 1,3-1,8 cm, oval a deltoide, glabra, cartácea a subcoriácea, margens inteiras, ápice obtuso a retuso, mucronulado, base cordada; pecíolo 0,9-1,1 cm compr., peltado, excêntrico a 0,5 cm da margem, com ápice e base alargados, pubérulo. Inflorescências masculinas em fascículos de dicásios, axilares, brácteas cordadas, ca. 0,4-0,6 mm compr., glabras. Flores com sépalas 4, ca. 0,8-1 mm compr., pilosa, corola conata, pateliforme, ca. 0,5 mm diâm., glabra, estames 4, sinândrio séssil. Inflorescências femininas em fascículos, axilares; brácteas cordadas, ca. 0,2-0,3 mm compr., pilosa. Flores monômeras, sépala ca. 0,6 x 0,8 mm, oboval, pilosa; pétala ca. 0,6 x 0,9 mm, reniforme, glabra a pilosa; carpelo glabro, estigma 3-lobado. Drupa 0,6 x 0,4 cm, glabra, endocarpo levemente tuberculado.

Comentários: Espécie endêmica do Brasil, registrada para o Ceará, Alagoas, Pernambuco, Paraíba e Minas Gerais (Rhodes, 1975; Braga, 2012). Em Sergipe foi encontrada frequentemente em áreas de Mata Atlântica, em solos argilosos. Conhecida popularmente como "milona" e "orelha-de-onça". É bastante distinguível pelas lâminas glabras (Porto *et al.*, 2008). Amostras da espécie foram coletadas com flores e frutos nos meses de janeiro a abril.

Material examinado: **BRASIL. Sergipe:** Santana do São Francisco, II/2010 (fl., fr.), *A.P.Prata et al.* 2231 (ASE).

Material adicional examinado: **BRASIL. Paraíba:** Santa Rita, X/1993 (fl.), *M.F.Agra & G.Góis* 1559 (JPB).

2. *Hyperbaena domingensis* (DC.) Benth., Journal of the Proceedings of the Linnean Society, Botany 5 (Suppl. 2): 50. 1861.

Figura 1 M

Liana, caule glabro, estriado. Folhas com lâmina 4,8-11,0 x 2,6-5,5 cm, oblonga, glabra, coriácea, margens inteiras, revolutas, ápice agudo, base cuneiforme, nervação pinado-camptódroma; pecíolo 0,9-2,1 cm compr., marginal, ápice alargado, pubérulo. Inflorescências masculinas em panículas axilares, bractéolas lanceoladas. Flores 6-meras, sépalas em 2 séries, a exterior deltoide, 0,8-1,0 x 0,6-0,8 mm, a interior oboval, 1,1-1,3 x 0,6-0,8 mm; pétalas em 2 séries semelhantes, obovais, 0,7-0,9 x 0,3-0,4 mm; estames ca. 0,5 mm, filetes livres entre si, anteras com deiscência longitudinal. Inflorescências femininas em panículas, axilares, bractéolas lanceoladas. Flores com sépalas 6 em 2 séries, a interior deltoide, 0,8-1,0 x 0,6-0,8 mm, a exterior oboval, 1,1-1,3 x 0,6-0,8 mm; pétalas 6 em 2 séries semelhantes, obovais, 0,7-0,9 x 0,3-0,4 mm; carpelos 3, oblongos a elipsoides, ca. 0,8-1,0 mm compr., glabros. Fruto drupa oboval, superfície ornamentada com cristas transversais e reticuladas pequenas, endocarpo em forma de gancho, 1,2-1,7 x 0,9-1,0 cm.

Comentários: No Brasil ocorrem três espécies do gênero *Hyperbaena* (Braga, 2012). Em Sergipe, o gênero está representado apenas por *Hyperbaena domingensis*, onde é conhecida popularmente como "cipó-bala" e "uva-do-mato". As inflorescências femininas e masculinas não apresentaram brácteas. Amostras da espécie foram coletadas com flores de fevereiro a abril e setembro a outubro com frutos em abril.

Material examinado: **BRASIL. Sergipe:** Santa Luzia do Itanhhy, IV/2012 (fr.), *R.M.Deda et al.* 94 (ASE).

Material adicional examinado: **BRASIL. Paraíba:** Areia, IX/1943 (fl.), *J.C.Moraes s.n.* (EAN 47); João Pessoa, X/1992 (fl.), *O.T.Moura* 901 (JPB).

3. *Odontocarya duckei* Barneby, Memoirs of the New York Botanical Garden 20 (2): 92-93. 1970.

Figuras 1 N - O

Trepadeira, caule glabro, lenticelado. Folhas com lâmina de 4,0-7,8 x 3,3-7,0 cm, cordiforme, cartácea, glabra, margens inteiras, revolutas, ápice cuspidado, base cordada com glândulas na região proximal entre as nervuras, nervação actinódromo-broquidódroma; pecíolo 2,5-5,5 cm compr., marginal, base alargada, glabro.

Inflorescências masculinas em fascículos axilares, bractéolas lanceolares. Flores 6-meras, sépalas em 2 séries, glabras, a exterior deltoide, 0,9 x 0,6 mm, a interior oboval a orbicular, 1,7-2,1(2,7) x 1,2-1,8(1,9) mm; pétalas obovadas, 1,0-1,7 x 0,7-1,0(1,2) mm; estames ca. 0,8-1,1 mm, filetes conatos até ½ do compr., anteras com deiscência longitudinal. Inflorescências femininas não vistas. Drupas, glabra, endocarpo reto, 1,2-1,7 x 0,9-1,0 cm, côndilo arredondado.

Material examinado: **BRASIL. Sergipe.** Capela, V/2011 (fl.), *A.P.Prata* et al. 2623 (ASE); V/2011 (fl.), *A.P.Prata* et al. 2626 (ASE); VIII/2012 (fr., fl.), *N.M. Porto* & et al. 17 (JPB).

Material adicional examinado: **BRASIL. Alagoas:** Pilar, VI/2006 (fl.), *S.M. Costa* et al. 44 (MAC).

Comentários: No Brasil, ocorrem 21 espécies (Braga, 2012). Em Sergipe, o gênero está representado por apenas uma espécie, *Odontocarya duckei*. É uma espécie endêmica do Brasil, com ampla distribuição para as regiões: Norte (Pará), Nordeste (Maranhão, Ceará, Paraíba, Pernambuco, Bahia), Centro-Oeste (Goiás) e Sudeste (Minas Gerais) (Braga, 2012). As inflorescências masculinas não apresentaram brácteas e as folhas apresentam glândulas nas nervuras próximas da base. Amostras da espécie foram coletadas com flores de maio a julho e frutos em agosto.

Referências bibliográficas

- Barbosa-Filho, J.M., Agra, M.F. & Thomas, G. 1997. Botanical, chemical and pharmacological investigation on *Cissampelos* species from Paraíba (Brazil). **Journal of the Brazilian Association for the Advancement of Science**, **49**: 386-394.
- Barneby, R.C. & White, P. 2004. Menispermaceae. In: Smith, N. et al. (eds.), **Flowering Plants of the Neotropics**. The New York Botanical Garden, New York, pp. 247-320.
- Braga, J.M.A. 2012. Menispermaceae In: **Lista de Espécies da Flora do Brasil**. Jardim Botânico do Rio de Janeiro. (<http://floradobrasil.jbrj.gov.br/2010/FB000163>).
- De Wet, H. & Van Wyk, B.E. 2008. An ethnobotanical survey of southern African Menispermaceae. **South African Journal of Botany** **74**: 2-9.
- Eichler, A.W. 1864. Menispermaceae. In: C.F.P. von Martius & A.W. Eichler (eds.). **Flora Brasiliensis**. Monachii, Frid. Fleischer, **vol 13** (1): 162-226.
- Jahan, R. et al. 2010. Use of Menispermaceae family plants in folk medicine of Bangladesh. **Advances in Natural and Applied Sciences** **4**(1): 1-9.
- Krukoff, B.A. & Barneby R.C. 1970. Supplementary notes on American Menispermaceae-VI. **Memoirs of the New York Botanical Garden** **20**: 1-70.
- Mathias, M.E. & Theobald, W.L. 1981. A revision of the genus *Hyperbaena* (Menispermaceae). **Brittonia** **33**(1): 81-104.
- Ortiz, R.D.C. 1997. Menispermaceae. In: R. Vásquez Martínez (ed.). Flórua de las reservas biológicas de Iquitos, Perú. **Monographs in systematic botany from the Missouri Botanic Garden** **63**: 457-500.
- Ortiz, R.D.C. 2001. Menispermaceae. In: W.D. Stevens et al. (eds.). Flora de Nicaragua. Missouri Botanical Garden. **Systematic Botany Monographs** **85**: 1432-1442.

Ortiz, R.D.C., Kellogg, R.A. & Van Der Werff, H. 2007. Molecular phylogeny of the moonseed family (Menispermaceae): Implications for morphological diversification. **American Journal of Botany** **94**: 1425-1438.

Porto, N.M., Basílio, I.J.L.D. & Agra, M.F. 2008. Estudo farmacobotânico de folhas de *Cissampelos sympodialis* Eichl. (Menispermaceae). **Revista Brasileira de Farmacognosia** **18**: 102-107.

Rhodes, D.G. 1962. Menispermaceae. In: Duke J.A. (ed.). Flora of Panama IV, fascicle V. **Annals of the Missouri Botanic Garden** **49**: 137-255.

Rhodes, D.G. 1975. A revision of the genus *Cissampelos*. **Phytologia** **30**: 415-484.

Lista de exsicatas

Agra, M.F. & Barbosa, F. 3328 (1.2); **Agra, M.F. & Góis, G.** 1559 (1.4); **Agra, M.F. & Porto, N.M.** 7132 (1.1); **Barreto, A.C.C.** s.n (ASE 294) (1.1); **Carneiro, E.** 415 (1.2); **Costa, S.M.** et al. 44 (3); **Costa, S.M.** et al. 350 (1.3); **Deda, R.M.** et al 94 (2); **Félix, L.P. & Dornelas, G.V.** 1675 (1.2); **Gomes, E.** 01 (1.2); **Gomes, L.A.** et al. 298 (1.2); **Landim, M.** et al. 653 (1.2); **Landim, M.** et al. 655 (1.2); **Machado, W.J.** et al. 220 (1.1); **Moraes, J.C.** s.n. (EAN 47) (2); **Moraes, J.C.** s.n. (EAN 890) (1.3); **Moura, O.T.** 901.(2); **Prance, G.T.** et al. 3422 (1.3); **Prata, A.P.** et al. 2626 (3); **Prata, A.P.** et al. 2623 (3); **Prata, A.P.** et al. 2231 (1.4); **Porto, N.M.** & et al. 17 (3); **Silva, M.G. & Pinheiro, A.** 4406 (1.3); **Viana, A.** et al. 425 (1.1).

Erva. Folhas verticiladas a opostas ou alternas, membranáceas, simples, lâmina linear, sésil, base atenuada, ápice mucronado a mucronulado, raro agudo, margem inteira, verdes; folhas basais presentes, normalmente sem estípulas. Inflorescência cimas umbeliformes, plana a arredondada, raramente com flor solitária. Flores bissexuadas, raramente unissexuais, actinomorfas, monoclamídeas, pediceladas; tépalas 5, raramente 4, livres, persistentes; estames 3-muitos, livres ou soldados na base; ovário súpero, globoso ou oblongo, óvulos um a numerosos por loco, placentação axial, estiletos (1) 3-5, livres. Frutos aquênio ou cápsula loculicida; sementes numerosas, reniformes, com ou sem arilo, estriadas.

Molluginaceae apresenta classificação taxonômica confusa, pois originalmente é considerada como polifilética de acordo com o encontrado por Endress & Bittrich (1993). Porém, atualmente seu monofiletismo foi comprovado e é fortemente sustentado através de sequenciamento genético de *rbcl* e *tmK-matK* (Christin *et al.* 2011a). Filogeneticamente a família está inserida como grupo irmão do clado Portulacinae, no qual contém alguns gêneros como *Mollugo*, *Adenogramma*, *Coelanthum*, *Glinus*, *Glischrothamnus*, *Pharnaceum*, *Polpoda*, *Psammotropha*, e *Suessenguthiella* e uma espécie pertencente ao gênero *Hypertelis* (*H. spergulacea*). Em geral, a família não apresenta grande importância econômica, sendo utilizada ocasionalmente como fitoterápico. A família apresenta 90 espécies com distribuição pantropical subordinadas a 11 gêneros em escala mundial. No Brasil ocorrem 3 gêneros *Glinus*, *Glischrothamnus* e *Mollugo*, encontrados em diversos ambientes, o que reflete em sua variabilidade da lâmina foliar. Em Sergipe foi verificada a ocorrência de uma espécie.

1. *Mollugo verticilata* L. Sp. Pl. 1: 89. 1753.

Fig. 1. A-C. Para detalhe da flor, ver Ibrahim *et al.* (2010).

Erva anual, prostrada a ascendente, até 29 cm alt., terrestre, ramos glabros. Folhas basais membranáceas, oblanceoladas a espatuladas, em roseta, ápice agudo a obtuso, base atenuada; folhas superiores membranáceas, oblanceoladas a espatuladas, verticiladas, ápice mucronado, base atenuada, margem inteira, 0,5-3,0×0,3-0,4cm; venação reticulada, simples, sésseis, glabra. Inflorescência umbela, brácteas ca. 1 cm compr., espatulada, inconspícuas, persistentes, glabras; pedicelos 0,5-1,5 cm, tricomas simples. Tépalas 0,5-2,0 mm compr., elípticas-ovadas, glabras, 3 nervuras, proeminentes, verdes; estames 3-5, unidos na base, filetes delgados; filetes 1,0-1,5 mm, alargados na base, glabros, anteras 0,01 mm compr., rimosas; ovário 1,0-3,0 x 1,0-0,5 mm, globoso, glabro, estilete 1-2 mm compr., 3-locular, 3-carpelar, estiletos 3 com estigmas globosos, livres. Fruto cápsula

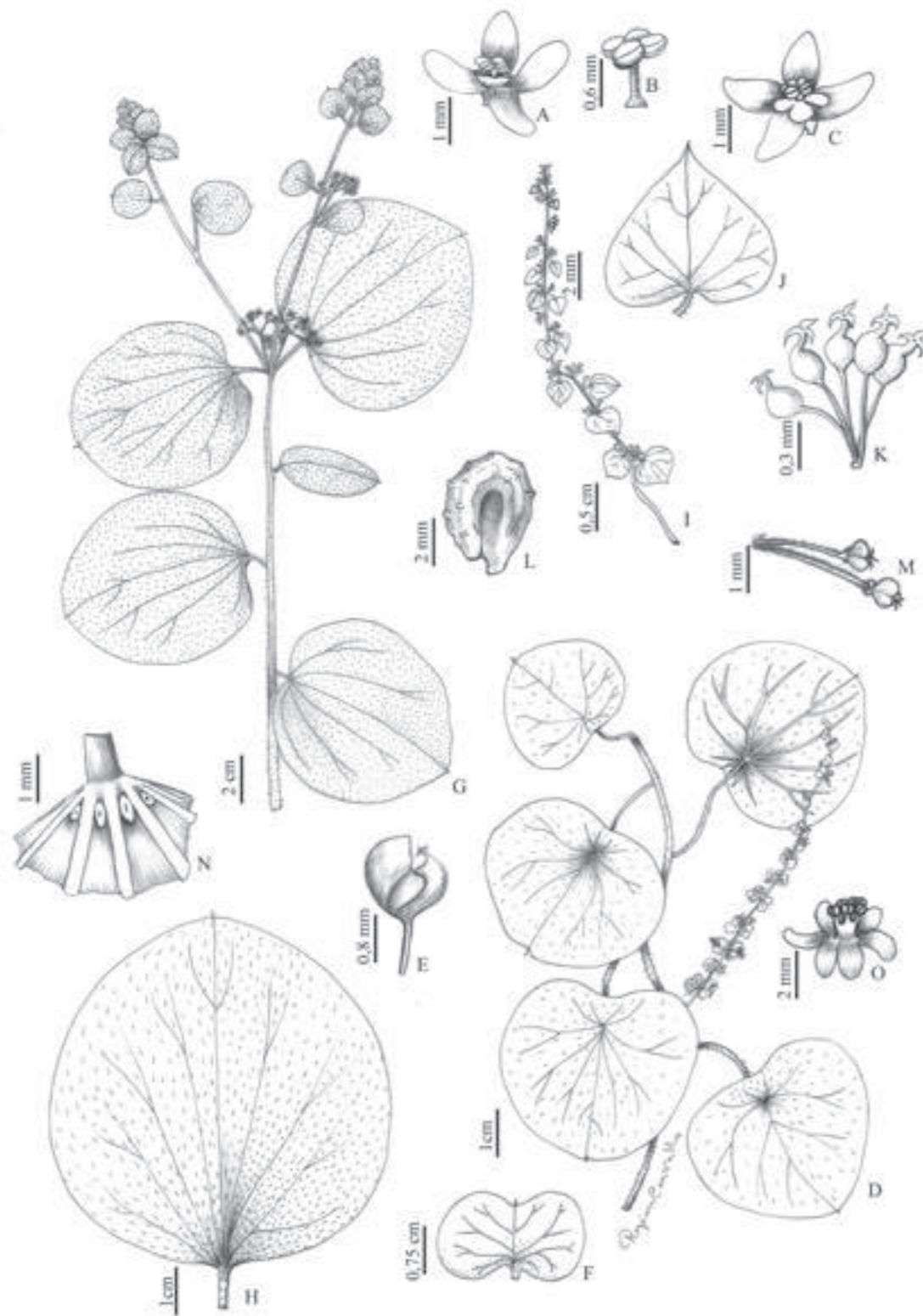


Figura 1. A-C. *Cissampelos andromorpha* DC. (W.J.Machado *et al.* 220, ASE). A. Flor estaminada com pétalas conatas; B. Androceu formando sinândrio estipitado; C. Flor estaminada com pétalas livres. D-F. *Cissampelos glaberrima* A.St.-Hil. (E.Gomes 01, ASE). D. Hábito; E. Flor feminina; F. Bráctea reniforme. G-H. *Cissampelos ovalifolia* DC. (S.M.Costa *et al.* 350, ASE). G. Hábito; H. Folha com nervação actinódroma. I-L. *Cissampelos sympodialis* Eichl. (A.P.Prata *et al.* 2231, ASE). I. Inflorescências femininas em fascículos; J. Bráctea cordiforme; K. Flores femininas unicarpeladas com estigmas trífidios; L. endocarpo. M. *Hyperbaena domingensis* (DC.) Benth. (R.M.Deda *et al.* 94, ASE), flores femininas. N-O. *Odontocarya duckei* Barneby. (A.P.Prata *et al.* 2623, ASE). N. Detalhe da face abaxial da folha, evidenciando glândulas na base. O. Flor masculina com estames conatos até a metade do comprimento.

¹ Laboratório de Morfo-Taxonomia Vegetal, Departamento de Botânica, CCB, UFPE, Av. Prof. Moraes Rego s/n, Cidade Universitária, 50670-901. Email: katarina_romenia@yahoo.com.br

globosa, loculicida, placentação axial; sementes castanhas a douradas, reniformes ca. 20, testa estriada.

Comentários: *Mollugo verticillata* L. é a única espécie ocorrente no Brasil, e consequentemente para o estado de Sergipe. Apresenta uma ampla distribuição geográfica, ocupando diversos Domínios como Amazônia, Caatinga, Cerrado, Pampas e Mata Atlântica. Embora seja uma espécie nativa, a mesma não é classificada como endêmica do Brasil, ocorrendo em várias regiões tropicais e subtropicais do mundo. Floração de dezembro a maio, frutificação de abril a novembro.

Material selecionado: **BRASIL. Sergipe:** Aracaju, Praia de Atalaia, VIII/1979, fr., *M. Fonseca* 672 (ASE); Barra dos Coqueiros, II/2011, fl., *J.E. Nascimento-Jr* 750 (ASE); Canindé de São Francisco, IX/2010, fr., *W.J. Machado et al.* 899 (ASE); Itaporanga d'Ajuda, I/2008, fl., *S.M. Costa et al.* 271 (ASE); Poço Redondo, IV/2008, fl., *Nascimento-Jr & D.S. Melo* 282 (ASE); Santa Luzia do Itanhy, XIII/1982, fr., *E. Carneiro* 409 (ASE); São Domingos, IV/2006, fl., *A.P. Prata et al.* 1188 (ASE); São Cristóvão, Campus Universitário, VII/1984, fr., *G. Viana* 742 (ASE).

Material adicional examinado: **BRASIL. Alagoas:** São José da Tapera, VII/2000, fr., *R.P. Lyra-Lemos* 4759 (MAC); **Bahia:** Barra Ibiraba, VI/2010, fl., *L.P. Queiroz et al.* 14660 (ASE); **Ceará:** Mauriti, XII/2009, fl., *A.C.C. Silva* 171 (ASE).

Referências Bibliográficas

Bittrich, V. 2013. Molluginaceae. In: **Lista de Espécies da Flora do Brasil**. Jardim Botânico do Rio de Janeiro. Disponível em: <http://floradobrasil.jbrj.gov.br/jabot/floradobrasil/FB165> (Acesso em 08/04/2013).

Christin, P.A.; Sage, T.L.; Edwards, E.J.; Ogburn, R.M.; Khoshnavesh, R. & Sage, R.F. 2011a. Complex evolutionary transitions and the significance of C3-C4 intermediate forms of photosynthesis. In: Molluginaceae. **Evolution** 65: 643-660.

Endress, M.E. & Bittrich, V. 1993. Molluginaceae. In: Kubitzki, K.; Rohwer, J.G. & Bittrich, V. (ed.). **The families and genera of vascular plants Magnoliid, Hamamelid and Caryophyllid families**. Germany, Berlin: Springer Verlag. p. 419-426.

Ibraim, M.; Silva, T.R.S.; Giuliatti, A.M. & Carneiro, C.H. 2010. Molluginaceae: Flora da Bahia. **Sitientibus** 10(1): 84-90.

Lu Dequan & Hartmann, H.E.K. 2003. Molluginaceae. **Flora of China** 5: 437-439.

Souza, V.C. & Lorenzi, H. 2008. Molluginaceae. In: Souza, V.C. & Lorenzi, H. **Botânica Sistemática**. 2 ed. Nova Odessa, SP: Instituto Plantarum.

Vincent, M.A. 1993. Molluginaceae. In: **Flora of North America**. Missouri Botanical Garden. http://www.efloras.org/florataxon.aspx?flora_id=1&taxon_id=20193 (Acesso em 08/04/2013).

Lista de Exsicatas:

Carneiro, E. 409 (1); **Costa, S.M.** 271 (1); **Fonseca, M.** 672 (1); **Gomes, L.A.** 602 (1); **Lyra-Lemos, R.P.** 4759 (1); **Machado, W.J.** 899 (1); **Nascimento-Jr, J.E.** 750, 282 (1); **Prata, A.P.** 1188 (1); **Queiroz, L.P.** 14660 (1); **Silva, A.C.C.** 171 (1); **Viana, G.** 742 (1).

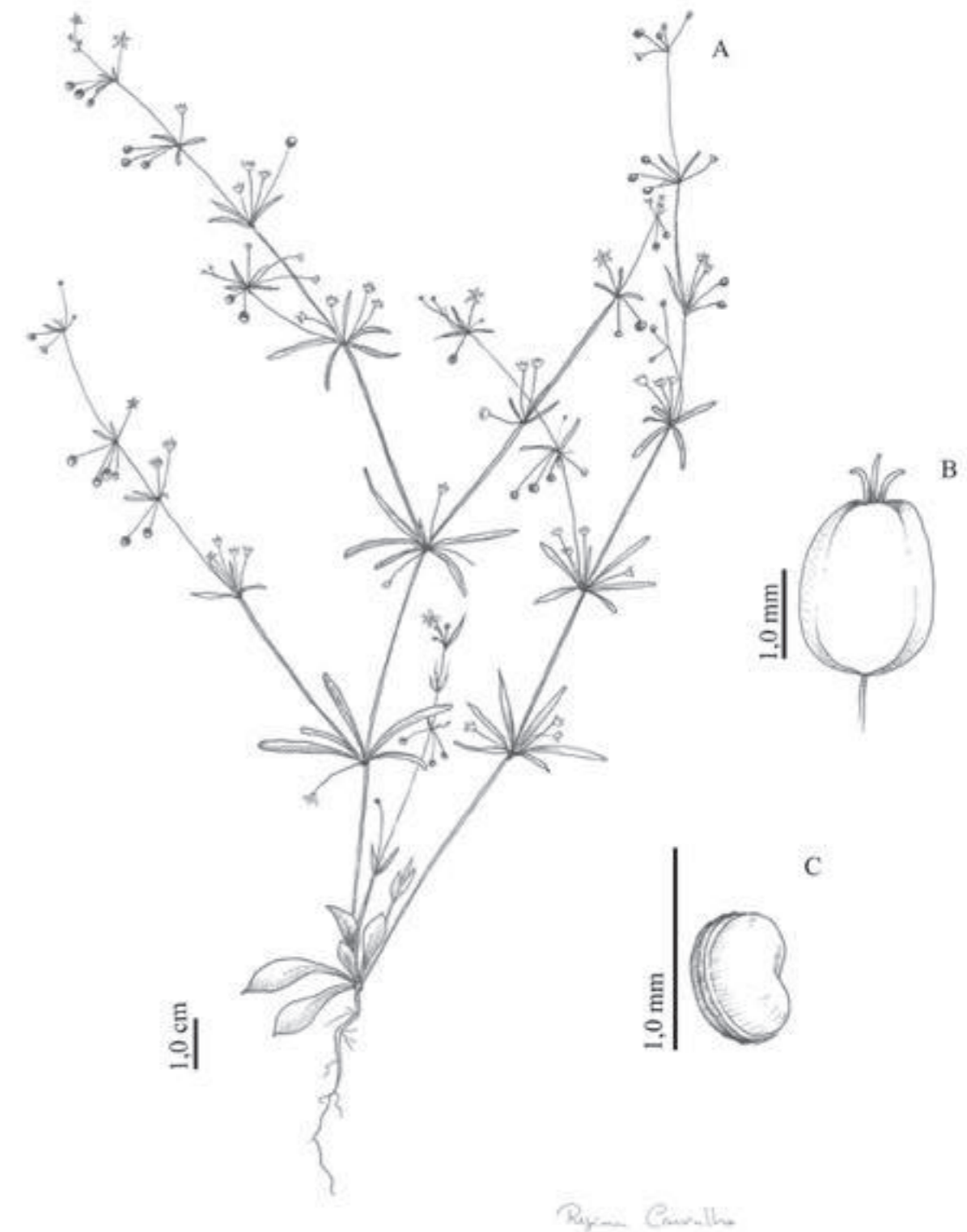


Figura 1 A-C. *Mollugo verticillata* L. A. Hábito; B. Fruto; C. Semente (Carneiro E. 409, ASE).

Carolyn E. B. Proença¹
 Myrna F. Landim²
 Marla I. U. Oliveira³

Arbustos a árvores de grande porte, aromáticos, geralmente com conspícuas glândulas oleíferas por toda planta, sem látex; caule comumente com ritidoma esfoliante em lâminas ou placas; folhas simples, geralmente opostas, inteiras, geralmente com nervação broquidódroma formando uma nervura marginal. Flores isoladas, racemos, glomérulos ou panículas cimosas. Flores hermafroditas, actinomorfas, sépalas livres ou coalescidas no botão floral, pétalas 4-5(6) livres, brancas, cremes ou rosadas no botão, estames numerosos, livres, com filetes filiformes superando as anteras, ovário ínfero, 2-multilocular, com 2-numerosos óvulos por lóculo; bagas ou drupas com uma a numerosas sementes; testa membranácea até óssea.

Myrtaceae compreende 140 gêneros e ca. 5.800 espécies (Govaerts *et al.*, 2008), distribuídas nas zonas tropicais e subtropicais do hemisfério sul. No Brasil, é representada por 985 espécies, das quais 744 são endêmicas (Sobral *et al.*, 2013). O centro de diversidade no Brasil é na Mata Atlântica, onde 98% dos levantamentos florísticos de espécies arbóreas realizados até 1993 registraram a família (Siqueira, 1994). A polinização é geralmente por abelhas e a dispersão principalmente por aves e primatas (Gressler *et al.*, 2006). Em Sergipe ocorrem 10 gêneros e 60 espécies nativas; este número inclui quatro espécies inéditas, em vias de publicação (Proença *et al.*, submetido em 2013), que foram incluídas.

Os esforços intensivos de coleta dos últimos 2-3 anos, resultantes de projetos na região da Caatinga, bem como o projeto Flora de Sergipe em si, aumentaram o número de espécies conhecidas do estado, o que deve continuar acontecendo.

Ocorrem ainda os gêneros exóticos, ornamentais e/ou madeireiros, *Corymbia* K.D. Hill & L.A.S. Johnson, *Eucalyptus* L' Herit., *Melaleuca* R. Br. e *Syzygium* L., este último ornamental e frutífero com três espécies: *S. cumini* (L.) Skeels (jamelão, mangelão), *S. jambos* (L.) Alston (jambo) e *S. malaccense* (L.) Merr. & L.M. Perry (jambo-vermelho). Várias espécies cultivadas que pertencem a gêneros nativos também são encontradas e serão citadas nos respectivos gêneros.

¹ Departamento de Botânica, Universidade de Brasília – UnB, ICB Bloco D, Campus Darcy Ribeiro, Gleba A, CEP 70919-900, Brasília, Distrito Federal, Brasil. E-mail: cbproença@unb.br

² Departamento de Biologia, Universidade Federal de Sergipe, Cidade Universitária Prof. José Aloísio de Campos, Bairro Rosa Elze, CEP 49100-000, São Cristóvão, Sergipe, Brasil. E-mail: mlandim@ufs.br

³ Programa de Pós-graduação em Botânica, Departamento de Ciências Biológicas, Universidade Estadual de Feira de Santana – UEFS, Av. Transnordestina, s/n, Bairro Novo Horizonte, CEP 44036-900, Feira de Santana, Bahia, Brasil. E-mail: marlauehbe@yahoo.com.br

1. Botões florais totalmente fechados (globo petalífero oculto), caliptrados ou rasgando na antese; frutos coroados por hipanto tubuloso truncado ou (2-)4-5 laciniado 2
2. Flores axilares solitárias (Fig. 2G), glomérulos (Fig. 2H) ou dicásios 3-7-floros (Fig. 2F) ... 3
3. Flores e frutos em glomérulos axilares, subsésseis; frutos com sementes de testa fina **9. Neomitranthes**
- 3'. Flores solitárias pediceladas ou em dicásios pedunculados; frutos sementes com falsa testa verrucosa ou testa óssea 4
4. Frutos maduros verde-amarelados ou amarelos 10-30 mm diâm. com 3-200 sementes de testa óssea **10. Psidium**
- 4'. Frutos maduros atropurpúreos 7-10 mm diâm. com sementes com falsa testa verrucosa, testa verdadeira membranácea **3.2 Campomanesia dichotoma**
- 2'. Flores em panículas terminais ou subterminais multifloras (Fig. 2C) 5
5. Antese por caliptra; fruto coroado por tubo floral truncado às vezes com caliptra pêndula (Fig. 4A) **2. Calyptanthus**
- 5'. Antese por ruptura em (2-)4-5 lacínios **5.1. Marlierea excoriata**
- 1'. Botões florais com 4-5 lobos calicinos bem evidentes ou poro apical que evidencia o globo petalífero; frutos coroados por 4-5 lobos do cálice, estes às vezes, parcialmente rasgados ou alguns destacados nos frutos maduros 6
6. Flores pentâmeras, ou raro pentâmeras e tetrâmeras na mesma planta 7
7. Bractéolas sempre persistentes até a floração, 7-12 mm compr., foliáceas, cordiformes ou ovais **1.1. Calycolpus legrandii**
- 7'. Bractéolas, quando persistentes até a floração, rudimentares até lineares, 1-5 mm compr. 8
8. Flores solitárias ou em dicásios perfeitos 9
9. Botões florais abertos (Fig. 2G), lobos calicinos desenvolvidos ou, se quase fechados, 10-15 mm compr. (*C. dichotoma*); frutos com 3-18 lóculos, com falsa testa verrucosa (às vezes em anel, como gomos de frutas cítricas)..... **3. Campomanesia**
- 9'. Botões florais com lobos calicinos fechados a parcialmente soldados (Fig. 2F), abrindo-se com rompimento, se abertos botões até 6,5 mm compr.; frutos com 3-200 sementes imersas na polpa; sementes com opérculo **10. Psidium**
- 8'. Flores em panículas multifloras, terminais e nas axilas superiores dos ramos; lobos calicinos até 3 mm de compr.; frutos laranja, vermelhos ou mais frequentemente atropurpúreos **6. Myrcia**
- 6'. Flores tetrâmeras 10
10. Inflorescências com flores isoladas, racemos com raquis e pedicelos desenvolvidos, ou racemos contraídos (Fig. 2E) até glomérulos (Figs. 2H, 2I) 11
11. Pedicelos 4-23 mm (Fig. 2D); lobos do cálice iguais a subiguais; globo petalífero aparente no botão floral; frutos com os lobos calicinos persistentes (Figs. 4B, 4C) **4. Eugenia**
- 11'. Pedicelos até 2 mm (Fig. 2H); lobos do cálice nitidamente desiguais, um par maior e outro menor; globo petalífero escondido pelos lobos do cálice no botão; conjunto de

hipanto e lobos calicinos caducos, deixando uma pequena cicatriz circular no fruto (Figs. 3K, 4G, 4H) **8. Myrciaria**
 10'. Inflorescências dicotômicas, dicásios ou cimeiras com 3-7 flores com a flor central sésil na forquilha de duas flores laterais pediceladas 12
 12. Botões florais com bractéolas persistentes após a antese; folhas elípticas a estreito-elípticas com base aguda; arbustos de restinga e tabuleiros arenosos; frutos maduros amarelos, densamente alvo velutinos, ca. 3 cm diam. **4.10 Eugenia aff. pohliana**
 12'. Botões florais e frutos glabros ou virtualmente glabros; folhas obovadas com base obtusa a arredondada; árvores de porte elevado em mata; frutos maduros atropurpúreos até 1 cm diâm. **7.1 Myrcianthes pseudomato**

1. *Calycolpus* O.Berg

Árvores ou arbustos. Flor solitária axilar. Brácteas e bractéolas livres, estas foliáceas, persistentes após a antese. Botões abertos no ápice com antese ocorrente pela abertura dos lobos calicinos acompanhada ou não de rasgamento. Hipanto não prolongado em tubo acima do nível de inserção do estilete. Lobos calicinos 5, iguais, foliáceos. Pétalas 5, alvas. Anteras oblongas ou alongadas; lóculos das anteras se abrindo por fendas longitudinais retas, paralelas aos filetes. Ovário 3-5-locular; óvulos 20-30; estigma puntiforme. Baga subglobosa, com bractéolas e lobos calicinos persistentes.

Sementes numerosas; testa dura. Embrião formado pelo eixo radícula-hipocótilo desenvolvido, uncinado.

Gênero sul-americano com 15 espécies (Landum, 2010). No Brasil ocorrem nove espécies, sendo a maioria de distribuição restrita à Amazônia (Sobral et al., 2013); representada em Sergipe por apenas uma espécie.

1.1. *Calycolpus legrandii* Mattos, Loefgrenia 5: 1. 1962.

Nomes populares: araçá, araçá-de-birro, candeia

Fig. 2L

Árvore ou arbusto, 0,7–2 m alt., glabra exceto disco estaminífero pubérulo. Caule liso, esfoliante em lâminas papiráceas (tipo goiabeira); ramos novos quadrangulares. Folhas elípticas, raro ovadas, 1,9–7,0 x 1,2–4,2 cm, razão foliar 1,4–2,2, ápice acuminado a atenuado, base obtusa a atenuada, lâminas recurvadas ao longo da nervura mediana no material fresco, muitas vezes dobrada ao meio, ou ápice ou base dobrada, no material herborizado; face ventral lustrosa, com a nervura mediana sulcada na face ventral e as demais invisíveis ou quase, bordo revoluto. Flores axilares solitárias, longo-pediceladas; botões florais ca. 15 mm, bractéolas foliáceas, cordadas, largo-elípticas ou ovadas ca. 7-12 mm compr., com algumas pontuações glandulosas inconspícuas; lobos do cálice 5, foliáceos, 8–12 mm compr., elípticos a ovados, com algumas pontuações glandulosas inconspícuas; estames 5–7 verticilos; pedicelos 0,8–2,5 cm. Bagas maduras atropurpúreas, subglobosas, com pontuações glandulosas e sépalas persistentes; sementes 15–20, ca.

2,5 mm compr., cocleariformes, testa cartilaginosa brilhante, amarelada, com pontuações glandulosas; hilo evidente, transversal; embrião em formato de "C", creme-amarelado. Comentários: Espécie endêmica da região Nordeste do Brasil (Bahia, Alagoas, Sergipe), ocorrendo no Domínio da Mata Atlântica (Sobral et al., 2013). Em Sergipe, registrada em restingas arbustivas e arbóreas, tabuleiros arenosos, e áreas de mata atlântica. Floresce de novembro a junho e frutifica de abril a junho.

Material selecionado: **BRASIL. Sergipe:** Barra dos Coqueiros, IV/1997, 10°54'32"S, 37°02'19"W, fr., M.F. Landim et al. 1157 (ASE, UB); Estância, III/2012, 11°15'59"S, 37°16'14"W, C. Proença et al. 4046 (ASE, UB); Indiaroba, VIII/2011, A.P. Prata et al. 2780 (ASE); Itaporanga d'Ajuda, IV/2012, M.F. Landim et al. 1626 (ASE); Japarutuba, II/2011, 10°37'12"S, 36°50'16"W, bot., fl., M.A. Farinaccio et al. 808 (ASE); Pirambu, V/2012, 10°40'42"S, 36°52'25"W Alt: 41 - 70m, fr., A.P. Prata et al. 2971 (ASE); Santo Amaro das Brotas, III/1991, 10°47'20"S, 36°58'34"W, fl., C. Farney 2683 (RB).

2. *Calyptranthes* Sw.

Árvores ou arbustos. Inflorescência geralmente uma panícula terminal ou subterminal. Brácteas e bractéolas livres, geralmente decíduas antes e logo após a antese. Botões fechados no ápice com antese ocorrendo pelo destacamento da caliptra. Hipanto prolongado em tubo acima do nível de inserção do estilete. Pétalas ausentes ou rudimentares, glabras. Disco estaminífero circular, inconspícuo, imediatamente abaixo do bordo do tubo do hipanto, lóculos das anteras se abrindo por rimas longitudinais retas, paralelas aos filetes. Ovário 2-3-locular; óvulos 2 por lóculo; estigma puntiforme. Baga globosa, com tubo do hipanto persistente seco; pericarpo fino. Semente 1(-3); testa membranácea. Embrião com eixo radícula-hipocótilo alongado, parcialmente enrodilhando os cotilédones foliáceos, conduplicados.

Comentários: Um dos maiores gêneros de *Myrtaceae* neotropicais, com distribuição do Caribe à Argentina. No Brasil ocorrem mais de 100 espécies (Sobral et al., 2013), provavelmente em todos os estados do país.

Chave para identificação das espécies de *Calyptranthes* de Sergipe

1. Ramos jovens ferrugíneo-pubescentes; folhas com base aguda, raro obtusa **3.1. *C. brasiliensis***
 1'. Ramos jovens glabrescentes ou ocráceo-pubérulos; folhas com base arredondada.....**2**
2. Folhas com ápice obtuso, raro arredondado; panículas com mais de 20 flores; botões florais arredondados, ≤ 3 mm compr.**3.2. *C. clusiifolia***
 2'. Folhas com ápice acuminado ou agudo, raro rostrado; panículas com menos de 20 flores; botões florais obovoides, ≥ 4 mm compr.**3.3. *C. restingae***

2.1. *Calyptranthes brasiliensis* Spreng., Syst. Veg. 2: 499. 1825.

Nome popular: murta-branca

Árvore 3,5–8 m alt., glabra exceto ramos jovens e ramos da inflorescência obscuramente ferrugíneo-pubescentes. Ramos ascendentes e dicotômicos. Folhas 5,5–10,5 x 2,7–5,2 cm, elípticas, raro ovadas, razão foliar 1,8–2,4, ápice agudo ou às vezes obtuso, base aguda ou raro obtusa; pecíolo 4–10 mm compr., canaliculado, glabrescente. Panículas nas axilas superiores, 2 por axila, 7,5–10,5 cm compr., com 20–110 flores. Botões florais ca. 2 mm, arredondados, totalmente fechados, com apículo quando jovens, abrindo-se por caliptra; bractéolas ca. 1 mm compr., ovadas, com pontuações glandulosas, envolvendo os botões jovens; estames 50–60 em 2 verticilos. Bagas (imaturas) ca. 4 mm diâm., subglobosas, com tubo do hipanto persistente e às vezes caliptra parcialmente destacada; semente membranácea, amarelada; embrião tipicamente mircioide, glanduloso.

Comentários: Espécie endêmica do Brasil, onde é amplamente distribuída, ocorrendo nas regiões Nordeste (Paraíba, Pernambuco, Bahia, Sergipe), Centro-Oeste (Goiás), Sudeste (Minas Gerais, Espírito Santo, São Paulo, Rio de Janeiro), e Sul (Paraná, Santa Catarina) (Sobral *et al.*, 2013). Encontrada no domínio da Mata Atlântica e, marginalmente, no domínio do Cerrado (Sobral *et al.*, 2013). Em Sergipe foi coletada em mata atlântica e restinga. O fruto é consumido *in natura* (fide *J.S. Lima 31*). Floresce e frutifica de dezembro a abril.

Material selecionado: **BRASIL. Sergipe:** Areia Branca, XII/2009, fr., *J.S. Lima 31* (ASE); Estância, XI/2010, 37°27'29"S, 11°09'40"W, *C. Calazans et al. 306* (ASE); Itabaiana, XII/1997, 10°41'06"S, 37°25'31"W, *A. Vicente 85* (ASE, RB); Santa Luzia do Itanhy, I/1996, 11°21'03"S, 37°26'54"W, fl., *M.F. Landim et al. 800* (ASE, HUEFS, UB); Santo Amaro das Brotas, XII/2008, 10°47'20"S, 37°03'16"W, *J.E. Nascimento Jr. et al. 493* (ASE).

2.2. *Calyptranthes clusiifolia* O.Berg, Fl. Bras. 14(1): 39. 1857.

Nomes populares: murta-pilunga, murta-preta
Figs. 1B, 4A, 4K

Árvore 4–12 m alt., folhas e ramos glabrescentes, ramos jovens, pecíolos e face abaxial das folhas jovens ocráceo-pubérulas, inflorescências e flores ferrugíneo-pubescentes; caule castanho acinzentado, fissurado; ramos fortemente dicotômicos. Folhas discolores no material vivo, (5,5–)7,2–13,5 x (4,4–)5,4–7,4 cm, elípticas, razão foliar (1,1–)1,4–1,9, ápice obtuso raro arredondado, base arredondada; nervuras 12–16 pares (aparentando mais pela presença de inter-laterais), mais elevadas na face adaxial do que na abaxial no material exsiccado; pecíolo 5–11 mm, robusto. Panículas terminais ou nas axilares superiores, longo-pedunculadas, gema terminal produzindo (1)2–4(5) inflorescências (junto com 1–4 ramos vegetativos e 2 pares de catáfilos foliáceos, ramos da inflorescência fortemente comprimidos na superfície ventral, ca. 20–60 flores; flores subtendidas por 2 brácteas e 2 bractéolas, ca. 1–3 mm compr., ovadas, persistentes até a frutificação. Botões florais ca. 2–3 mm, arredondados, totalmente fechados, levemente mamilados no ápice, abrindo-se por caliptra; tubo do hipanto fortemente prolongado acima da inserção do estilete; caliptra ca. 2mm diâm.; pétalas não vistas, provavelmente suprimidas; estames 50–60

em 2 verticilos. Bagas amadurecendo na sequência amarelo-pálido, rosa, e, finalmente, vináceas, com tubo do hipanto e caliptra persistente; semente castanha, muito lustrosa; embrião mircioide, castanho-arroxeadado, glanduloso.

Comentários: Espécie endêmica do Brasil, ocorrendo nas regiões Nordeste (Alagoas, Pernambuco, Sergipe), Sudeste (Espírito Santo, Minas Gerais, São Paulo) e Centro-oeste (Goiás) (Sobral *et al.*, 2013). Ocorre no Domínio da Mata Atlântica e Cerrado (Sobral *et al.*, 2013). Em Sergipe foi coletada em mata atlântica, mata de altitude (topo da Serra Comprida), mata de restinga, e interior de mata de restinga cercada por área brejosa. Floresce de dezembro a fevereiro e frutifica de março a abril.

Material selecionado: **BRASIL. Sergipe:** Areia Branca, II/2008, 10°45'28"S, 37°18'55"W, fl., *J.E. Nascimento Jr. et al. 217* (ASE); Estância, III/2012, 11°15'59"S, 37°16'14"W, fr., *C. Proença et al. 4066* (ASE, UB); Itabaiana, XII/2011, fl., *D.S.D. Araújo et al. 1948* (ASE); Santa Luzia do Itanhy, IV/2012, fr., *J.E.Q. Faria et al. 2597* (UB).

2.3. *Calyptranthes restingae* Sobral, Napaea 4: 11. 1988.

Árvore ou arbusto 3–15 m alt., glabrescente, pubescência ferrugínea inconspícua sobre os pecíolos jovens, ramos da inflorescência, e às vezes hipanto e bagas. Folhas elípticas ou ovadas, 4,7–11 x 2,6–5,9 cm, razão foliar 1,6–2,7; ápice acuminado ou agudo, raro rostrado, base arredondada, face ventral lustrosa com a nervura mediana sulcada, limbo recurvado ao longo da nervura mediana em forma de "V" no material fresco, muitas vezes dobrada ao meio, senão ápice e/ou base dobrados em material herborizado; pecíolo mais ou menos robusto, enegrecido no material desidratado, canaliculado, 0,8–1(–1,9) cm compr. Panículas nas axilas superiores, 1–2 por axila, com até 20 flores, pedúnculo 2–2,9 cm. Botão floral ca. 4 mm compr., obovoide, fechado, apiculado, abrindo por caliptra; flores sem pétalas com 1–2 verticilos de estames; ovário com 2 lóculos, lóculos biovulados. Bagas globosas, 7–8 mm de diâm., coroados pelo tubo do hipanto, caliptra decídua.

Comentários: Espécie endêmica do Brasil, ocorrendo apenas na região Nordeste (Bahia, Sergipe) e encontrada no Domínio da Mata Atlântica (Sobral *et al.*, 2013). Em Sergipe apenas foram encontradas duas coletas em restinga e restinga arbustiva, no município de Santo Amaro das Brotas. Floresce em novembro e frutifica em janeiro.

Material examinado: **BRASIL. Sergipe:** Santo Amaro das Brotas, XI/1991, 10°47'20"S, 36°58'34"W, bot., fl., *C. Farney 2824* (RB); I/1992, 10°47'20"S, 36°58'34"W, fr., *C. Farney 2913* (RB, UB).

3. *Campomanesia* Ruiz & Pav.

Árvores ou arbustos. Inflorescência axilar ou subterminal, flor isolada ou inflorescência em dicásio, cimeira ou racemo axilar altamente modificado no qual a ráquis continua o crescimento vegetativo e produz folhas normais abaixo de cada botão de modo a parecer um ramo vegetativo normal com uma série de flores ou bagas axilares isolados (racemo precoce). Brácteas e bractéolas geralmente persistentes no fruto. Botões abertos a fechados no ápice com antese ocorrente pela abertura dos lobos calicinos acompanhada ou não de rasgamento. Hipanto geralmente não prolongado em tubo acima do nível de inserção do estilete. Lobos calicinos 4-5, iguais a subiguais. Pétalas 5, alvas. Anteras arredondadas, oblongas ou ovadas, às vezes apiculadas; lóculos se abrindo por fendas longitudinais retas, paralelas aos filetes. Ovário 3-18-locular; paredes do lóculo glandulares; óvulos 2-6 por lóculo, bisseriados; estigma peltado. Bagas verde-amarelado, amarelo, laranja-pálido, ou atropurpúreo quando maduro, globoso, oblato ou subpiriforme, com lobos calicinos persistentes; pericarpo pouco a espesso; sementes 0-1 por lóculo, falsa testa verrucosa, testa verdadeira membranácea. Embrião creme formado pelo eixo radícula-hipocótilo desenvolvido, uncinado.

Comentários: O gênero compreende ca. 45 espécies distribuídas exclusivamente na América do Sul, com grande representatividade no Sudeste brasileiro (Landrum 1986, Govaerts *et al.* 2008). Foram registradas em Sergipe cinco espécies, que ocorrem principalmente em áreas de floresta e caatinga.

Chave para identificação das espécies de *Campomanesia* de Sergipe

1. Flores em dicásios 3-floros com a flor central séssil e as flores laterais pediceladas 1
2. Botão floral aberto com sépalas truncado-auriculadas ou ovado-auriculadas (Fig. 2 G) ...
..... **3.5. *C. ilhoensis***
- 2'. Botão floral fechado ou parcialmente aberto; sépalas ovadas ou triangulares
..... **3.2. *C. dichotoma***
- 1'. Flores solitárias, aparentemente solitárias (cicatriz das demais flores do dicásio visíveis), ou uma combinação de dicásios 3-floros e flores solitárias
3. Botão floral fechado ou parcialmente aberto no botão **3.2. *C. dichotoma***
- 3'. Botão floral aberto no botão (Fig. 3G) 4
4. Anteras com ápice agudo a apiculado (Fig. 2J); frutos alaranjados (Fig. 3B)
..... **3.5. *C. ilhoensis***
- 4'. Anteras com ápice arredondado (Fig. 2K); frutos roxos a atropurpúreos (Fig. 3A) 5
5. Folhas com face abaxial tomentoso-vilosa, tomentosa, velutina ou pubescente
..... **3.1. *C. aromatica***
- 5'. Folhas com face abaxial pubérula a glabra 6
6. Folhas com base arredondada, subcordada ou cordada..... **3.3. *C. eugenioides***
- 6'. Folhas com base aguda ou atenuada 7
7. Pedicelos ≥ 25 mm compr.; lobos do cálice ovados ou truncados **3.1. *C. aromatica***

7'. Pedicelos ≤ 9 mm compr.; lobos do cálice triangulares, mais largos que longos, ou arredondados **3.4. *C. guaviroba***

3.1. *Campomanesia aromatica* (Aubl.) Griseb., Fl. Brit. W. I.: 242. 1860.

Nomes populares: banheira, gobirabinha, guabirabinha, vermelhinho
Figs. 2K, 3A.

Arbustos ca. 3,5 m alt.; ritidoma do tronco escamosa; ramos glabros, glandulosos. Folhas elípticas, estreito-elípticas, raro ovadas; 2,5-7,2 x 0,8-3 cm; razão foliar 2,3-3,5; nervura principal impressa na face adaxial; pecíolo canaliculado, delgado, 4-7 mm compr.; ápice agudo ou acuminado; base aguda ou atenuada. Flores solitárias, axilares; pedicelos 25-30 mm compr.; bractéolas lineares, caducas; lobos do cálice 2-3 mm compr., ovados ou truncados, glandulosos, ciliados, pubescentes na face interna; estames com anteras oblongas. Bagas imaturas subglobosas, glandulosas, ca. 7 mm diâm.; lobos do cálice enegrecidos na porção central; testa da semente amarelada; sementes ca. 4 mm compr.; embrião ca. 3 mm compr.

A espécie se distribui na América do Sul, com registros em Trinidad e Tobago, Venezuela, Guiana, Suriname, Guiana Francesa e Bolívia (Landrum 1986). No Brasil, ocorre nos domínios da Mata Atlântica, Amazônia e Caatinga (Sobral *et al.*, 2013) na região Norte (Pará) e Nordeste (Ceará, Paraíba, Sergipe e Bahia) (Landim & Landrum, 2002; Sobral *et al.*, 2013). Em Sergipe, foi coletada em áreas de caatinga e mata. As observações de Oliveira *et al.* (2012) a respeito das diferenças de dimensões entre as folhas jovens e desenvolvidas nesta espécie na Bahia foram confirmadas para Sergipe, demonstrando uma forte relação entre brotamento foliar e floração. Floresce de março a maio e frutifica de abril a maio.

Material selecionado: **BRASIL. Sergipe:** Aracaju, XI/2011, *D.S. Cardoso* 391 (ASE); Areia Branca, IV/2009, *J.S Lima* 93 (ASE); Itabaiana, VII/1988, 10°41'06"S, 37°25'31"W, *M. Fonseca* 857 (ASE); Japaratuba, IV/2009, fr., *C.M. Donádio* 33 (ASE); Lagarto, VI/1982, 10°55'02"S, 37°39'00"W, fl., *E.M. Carneiro* 374 (ASE); Malhador, VIII/2000, *G. Viana et al.* 38 (ASE); Poço Redondo, XII/2010, 9°56'25"S, 37°55'21"W, *W.J. Machado et al.* 1097 (ASE); Salgado, XII/1981, 11°01'55"S, 37°28'30"W, fr., *G.N. Silva* 39 (ASE); Santa Luzia do Itanhy, VI/1995, fr., *M.F. Landim* 354 (ASE); Santana do São Francisco, III/2010, bot., fl., *P.M.G. Marroquim et al.* 26 (ASE).

3.2. *Campomanesia dichotoma* (O.Berg) Mattos, Loefgrenia 26: 28. 1967.

Nomes populares: bacalhau, guabiroba, guabiroba-branca, guabiroba-da-folha-larga

Árvores ou arbustos 0,7-7 m alt.; inovações pubérulas, raro pubescentes, tricomas alvos. Folhas 3,6-14,5 x 2,4-7,4 cm; razão foliar 1,2-2; elípticas ou ovadas; nervura principal impressa na face adaxial; pecíolo canaliculado, 1-3 x 1 mm; ápice agudo ou obtuso; base obtusa, raro subcordada ou arredondada. Dicásios típicos, axilares, 3-7-floros; pedúnculos 20-60 mm compr.; botões florais fechados ou parcialmente abertos quando jovens, às vezes apiculados, 10-15 mm compr., flor central quase sempre séssil, raro pedicelada;

pedicelos laterais 5–25 mm compr.; bractéolas caducas; lobos do cálice 4–7 mm compr., ovados ou arredondados, glândulas inconspícuas, pubescentes; estames 6–7 verticilos, com anteras oblongas. Bagas maduras atropurpúreas, globosas a subglobosas; 7–10 mm diâm., superfície lisa; lobos do cálice secos e amarronzados; sementes 8–10.

Comentários: Espécie endêmica do Brasil, com distribuição nas regiões Nordeste (Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco, Bahia, Sergipe), e Sudeste (Espírito Santo, Rio de Janeiro) (Landim & Landrum, 2002; Amorim & Alves, 2011; Oliveira *et al.* 2012; Sobral *et al.*, 2013). Ocorre nos domínios da Mata Atlântica, Caatinga e Cerrado (Sobral *et al.*, 2013). Em Sergipe, foi registrada em áreas de mata atlântica, mata de restinga e em vegetação secundária savaniforme (chamada localmente de cerrado). Floresce de dezembro a junho e frutifica de março a junho.

Material selecionado: **BRASIL. Sergipe:** Capela, III/2011, 10°32'10"S, 37°03'14"W, fl., fr., L.A. Gomes *et al.* 109 (ASE); Itaporanga d'Ajuda, 2007, fr., T. Araújo 30 (ASE); Japarutuba, VI/2006, 10°35'36"S, 36°56'25"W, fl., L.M.O. Rodrigues *et al.* 83 (ASE, HUEFS); Maruim, II/1983, 10°44'15"S, 37°04'54"W, fl., E. Gomes 159 (ASE); Pacatuba, VI/2012, 10°33'09"S, 36°37'01"W, 0 - 10m alt., D. Oliveira *et al.* 462 (ASE); Pirambu, V/2012, 10°40'54"S, 36°48'03"W, 0 - 51m alt., fl., A.P. Prata *et al.* 3140 (ASE); Salgado, XII/2009, bot., fl., D.G. Oliveira *et al.* 18 (ASE); Santa Luzia do Itanhy, VI/1995, 11°21'03"S, 37°26'54"W, fr., M.F. Landim 406 (ASE); Santana do São Francisco, III/2010, fr., P.M.G. Marroquim *et al.* 20 (ASE); Umbaúba, III/2012, fr., L.A. Santos *et al.* 701 (ASE).

3.3. *Campomanesia eugenoides* (Cambess.) D.Legrand ex Landrum, Notul. Syst. Paris 15: 274. 1958.

Nomes populares: guabiroba-da-folha-miúda, araçá-de-boi

Arbustos ca. 5 m alt.; inovações pubescentes, tricomas alvos a ferrugíneos; ramos maduros glabrescentes. Folhas 1,6–2,9 x 0,8–1,9 cm; elípticas, oblongas ou ovadas; nervura principal impressa na face adaxial; razão foliar 1,5–2; pecíolo canaliculado, 2–4 mm compr., glabro a pubescente; ápice agudo a arredondado, raramente acuminado; base arredondada, cordada ou subcordada. Flores solitárias, axilares; botões florais ca. 2 mm compr.; pedicelos 6–19 mm compr.; brácteas ca. 2 mm compr., elípticas, pubescentes; bractéolas 1–2 mm compr., lineares, pubescentes; lobos do cálice ca. 1–3 mm compr., triangulares, glabros, glandulosos, ciliados; pétalas ca. 3–4 mm compr., espatuladas, glandulosas; estames ca. 2 verticilos. Bagas imaturas, subglobosas ou globosas, glabrescentes, glandulosas, ca. 12 mm diâm.; sementes ca. 4 mm compr.

Comentários: Espécie endêmica e com ampla distribuição no Brasil, ocorrendo nas regiões Norte (Tocantins), Nordeste (Alagoas, Bahia, Paraíba, Pernambuco e Sergipe), Centro-Oeste (Distrito Federal, Mato Grosso e Goiás), Sudeste (Espírito Santo, Minas Gerais, Rio de Janeiro e São Paulo) e Sul (Paraná e Santa Catarina) nos domínios da Caatinga, Cerrado e Mata Atlântica (Sobral *et al.*, 2013). Pela primeira vez registrada em Sergipe,

foi reconhecida apenas *Campomanesia eugenoides* var. *desertorum* (DC.) Landrum, que, diferentemente da variedade típica, vegeta mais em caatinga, possuindo hábito arbustivo e folhas menores. Floresce de novembro a fevereiro e frutifica em abril e maio.

Material selecionado: **BRASIL. Sergipe:** Canindé de São Francisco, XI/2000, fl., L.M. Cordeiro 279 (RB); Poço Redondo, V/2010, 9°56'25"S, 37°55'21"W, fr., W.J. Machado *et al.* 403 (ASE).

3.4. *Campomanesia guaviroba* (DC.) Kiaersk., Enum. Myrt. Bras.: 8. 1893.

Nome popular: guabiraba

Arbustos 1,5–2 m alt.; inovações pubérulas; ramos pubescentes; face abaxial das folhas com tufo de tricomas na axila das nervuras e hipanto pubescente. Folhas 3,6–8,5 x 1,9–4,2 cm; razão foliar 1,7–2,8; elípticas; ápice acuminado; base aguda ou atenuada; face adaxial das folhas com a nervura mediana impressa e manchas claras; face abaxial com nervuras secundárias poucas, espaçadas, fortemente elevadas e retículo de nervuras terciárias perceptível; pecíolo canaliculado, delgado, 7–12 mm compr. Flores solitárias, axilares; botões florais ca. 8 mm compr.; pedicelos 7–9 mm compr.; bractéolas caducas; lobos do cálice ca. 2 mm compr., triangulares, mais largos que longos, ou arredondados, glandulosos, pubescentes; estames ca. 7 verticilos; anteras oblongas. Bagas maduras amareladas, subglobosas; ca. 10 mm diâm.; lobos do cálice esverdeados, com bordas amarronzadas; sementes ca. 6 mm compr.

Comentários: Distribui-se nas regiões Norte (Amazonas), Nordeste (Sergipe, Bahia), Centro-oeste (Distrito Federal), Sudeste (Espírito Santo, Minas Gerais, São Paulo) e Sul (Paraná, Rio Grande do Sul, Santa Catarina) (Landim & Landrum, 2002; Sobral *et al.*, 2013) nos domínios do Cerrado e Mata Atlântica (Sobral *et al.*, 2013). Registrada em áreas de Mata Atlântica de Sergipe, representam o limite boreal da espécie (Landim & Landrum, 2002). Floresce em abril e frutifica em maio.

Material selecionado: **BRASIL. Sergipe:** Santa Luzia do Itanhy, IV/1996, bot., fl., M.F. Landim 906 (ASE).

3.5. *Campomanesia ilhoensis* Mattos, Loefgrenia 66:3. 1975.

(= *Campomanesia viatoris* Landrum, Fl. Neotropica 45: 65–66. 1986)

Nome popular: gabirobinha

Figs. 2G, 2J, 3B

Árvores ou arbustos 1,5–7 m alt.; ritidoma do tronco escamosa; ramos glabros, inovações pubescentes, tricomas alvos. Folhas 3,3–10,4 x 1,8–6,4 cm; razão foliar 1,2–2,3; ovadas ou elípticas; buladas; margem ondulada, revoluta; nervura principal impressa na face adaxial; pecíolo canaliculado 3–5 mm; ápice agudo; base arredondada. Flores axilares solitárias ou raro em dicásios 3-floros; pedicelos 5–10 mm; botões florais 16–20 mm compr.; bractéolas lineares, caducas, raramente persistindo antes da antese, ca. 2 mm compr.; lobos do

cálice 3–5 mm compr., truncado–auriculados, às vezes sinuoso–auriculada; estames ca. 6 verticilos, anteras alongadas, agudas; hipanto turbinado. Bagas maduras amarelo-alaranjadas, subglobosas, com protuberâncias características; ca. 2–1,3 mm diâm.; lobos do cálice persistentes, secos e retorcidos; sementes 5–7 mm compr.

Comentários: Endêmica do Nordeste do Brasil (Alagoas, Bahia, Ceará, Paraíba, Pernambuco, Rio Grande do Norte, Sergipe (Landim & Landrum, 2002 [como *C. viatoris*]; Oliveira *et al.* 2012; Sobral *et al.*, 2013). Ocorre nos domínios da Caatinga e Mata Atlântica (Sobral *et al.*, 2013). Em Sergipe, é registrada em Mata Atlântica. *C. ilhoensis* Mattos (1975) era um táxon praticamente desconhecido (Goaverts *et al.* 2008), mas recentemente seu tipo foi descoberto no UB, e mostrou ser conspecífico com *C. viatoris* (Oliveira *et al.*, 2012). Por ter prioridade sobre esta última, *C. ilhoensis* passou a ser o nome correto. Em Sergipe, as flores são geralmente solitárias, apesar dos materiais *A. Vicente 7* e *M.F. Landim 1202* apresentarem dicásios. Floresce de novembro a maio e frutifica de janeiro a julho.

Material selecionado: **BRASIL. Sergipe:** Aracaju, I/1988, 10°54'40"S, 37°04'18"W, fl., *E.L.M. Catharino 1302* (MBM, SP); Itabaiana, III/1997, 10°41'06"S, 37°25'31"W, fr., *A. Vicente 7* (ASE); Malhador, VIII/2000, *G. Viana & P.C. Umbelino 21* (ASE); Pirambu, I/1992, fr., *C. Farney 2944* (RB); Santa Luzia do Itanhy, IV/1997, 11°21'03"S, 37°26'54"W, fr., *M.F. Landim et al. 1202* (ASE); Santo Amaro das Brotas, XII/1981, 10°47'20"S, 37°03'16"W, fl., *G. Viana 294* (ASE, IPA); São Cristóvão, IV/1996, 11°00'53"S, 37°12'23"W, fr., *M.F. Landim 904* (ASE).

Material adicional examinado: **BRASIL. Bahia:** Itaberaba, II/2008, 12°25' S, 40°30', *D. Cardoso et al. 2299* (HUEFS).

4. *Eugenia* L.

Árvores, arbustos ou subarbustos perenes, lenhosos na base ou com xilopódio. Inflorescência um racemo normal ou altamente modificado em que a ráquis é tão contraída que a inflorescência se assemelha a uma umbela séssil (racemo umbeliforme), ou continua o crescimento vegetativo após a floração e produz folhas abaixo de cada flor, de modo a parecer um ramo vegetativo com uma série de flores ou bagas isolados, axilares (racemo precoce). Brácteas e bractéolas livres, geralmente persistentes no fruto. Botões abertos no ápice com antese ocorrendo pela abertura dos lobos calicinos. Hipanto não prolongado acima da inserção do estilete ou raro ligeiramente prolongado. Lobos calicinos 4, geralmente com o par externo um tanto menor do que o par interno mas às vezes iguais. Pétalas 4, brancas ou rosa-pálido, glabras. Anteras arredondadas ou oblongas; lóculos se abrindo por fendas longitudinais retas, paralelas aos filetes. Ovário bilocular; óvulos 3-12 por lóculo; estigma puntiforme. Baga geralmente vermelha, laranja-brilhante, amarela ou preta, globosa, elíptica ou piriforme, com lobos calicinos persistentes verdes ou secos; pericarpo fino a um tanto espesso. Sementes 1(-3); testa membranácea a coriácea. Embrião verde ou creme, totalmente conferruminado (Fig. 4J), apresentando uma falsa linha divisória intercotiledonar ou cotilédones plano-convexos livres.

Comentários: *Eugenia* é o maior gênero neotropical de Myrtaceae, com distribuição do México a Argentina. No Brasil ocorrem 372 espécies, em quase todos os estados do país (Sobral *et al.*, 2013) porém com maior riqueza na Mata Atlântica.

Chave para identificação das espécies de *Eugenia* de Sergipe

1. Folhas subsésseis a curto-pecioladas (pecíolos até 2 mm compr.) 2
2. Folhas com a nervura mediana plana a proeminente na face adaxial 3
3. Hipanto densamente pubérulo, pubescente ou velutino, contrastando com os lobos do cálice glabros (lobos às vezes ciliados na margem); botões florais ca. 7 mm **4.16. *Eugenia* sp. nov.**
- 3'. Hipanto e lobos do cálice sem diferença de indumento, ou uniformemente glabros ou uniformemente pubérulos (lobos às vezes ciliados na margem); botões florais até 5 mm 4
4. Botões florais uniformemente pubérulos; racemos com eixo de até 10 mm e 1-3 pares de flores opostas; folhas 1-2,5 cm de compr. **4.9. *E. modesta***
- 4'. Botões florais uniformemente glabros; racemos umbeliformes sem eixo (1-9 flores aparentemente se originando de um só ponto); folhas com 2,3-11,5 cm de compr. 5
5. Planta glabra; botões florais 3-5 mm compr.; lobos do cálice iguais ou quase iguais, verde amarelados na maturação das bagas..... **4.6. *E. excelsa***
- 5'. Planta hirta nos ramos jovens, pecíolo, nervura mediana e margens das folhas novas; botões florais ca. 3 mm compr.; lobos do cálice desiguais e da mesma cor da baga (vermelhos) na maturação desta..... **4.7. *E. hirta***
- 2'. Folhas com a nervura mediana sulcada na face abaxial 6
6. Racemos com eixo de até 10 mm e 1-3 pares de flores opostas; folhas 1-2,5cm compr.; botões com 2-3 mm compr. **4.9. *E. modesta***
- 6'. Racemos umbeliformes (1-9 flores aparentemente se originando de um só ponto) ou flores isoladas nas axilas de folhas jovens; folhas com 0,9-9,5 cm de compr.; botões com 4-6 mm compr. 7
7. Lobos do cálice ca. 1 mm compr., largo-triangulares, eretos nas flores velhas, inconspícuos (secos e adpressos ao disco estaminífero) nas bagas maduras **4.1. *E. astringens***
- 7'. Lobos do cálice 2-6 mm compr., semicirculares a oblongos, revolutos nas flores velhas, verdes e vistosos nas bagas maduras 8
8. Racemos umbeliformes nas axilas de folhas normais com 1-4 flores aparentemente se originando de um só ponto; hipanto sempre glabro; razão foliar 1,3-2,4, mas a maioria das folhas com razão foliar entre 1,3-2 **4.11. *E. puniceifolia***
- 8'. Flores isoladas nas axilas de folhas jovens; hipanto às vezes velutino; razão foliar 1,9-3,1, mas a maioria das folhas com razão foliar > 2 **4.8. *E. ligustrina***
- 1'. Folhas curto a longo-pecioladas (pecíolos 2-12 mm compr.) 9
9. Folhas (maioria) com razão foliar acima de 3 e densamente velutinas na face dorsal; flores solitárias ou dicasiais com 3(-7) flores; bagas 2-3 cm compr., densamente velutino-pubescentes, arredondados ou obovatas e amarelo-claro quando maduros

..... **4. 10. *E. aff. pohliana***
 9'. Folhas (maioria) com razão foliar entre 1-2,5, glabras; flores isoladas em racemos de 1-9 pares de flores, flores isoladas ocasionais, dicásios nunca presentes; bagas 0,5-1(-2) cm de compr., elípticos ou glabros, laranja, vermelhas ou negras quando maduras (tipicamente ornitocóricas), sem o conjunto de caracteres acima 10
 10. Flores isoladas ou racemos com eixo curto, porém perceptível; flores opostas, aos pares, com cada par de flores subtendidas por duas brácteas opostas 11
 11. Flores isoladas surgindo nas axilas de folhas jovens nos ápices dos ramos 12
 12. Folhas jovens avermelhadas com a nervação terciária não aparente, lustrosas na maturidade; razão foliar 1,9-3,1; botões florais com hipanto velutino e lobos glabros
 **4.8. *E. ligustrina***
 12'. Folhas jovens verde-amareladas com nervação terciária reticulódroma, não lustrosas na maturidade; razão foliar 1,6-2,2; botões florais com hipanto e lobos esparso estrigosos
 **4.15. *E. subreticulata***
 11' Racemos com eixo curto, porém perceptível; flores opostas com cada par de flores subtendidas por duas brácteas opostas 13
 13. Botões florais maduros com mais de 6 mm compr.; hipanto e lobos seríceo-velutinos; bagas 2-3,5 cm compr., alaranjados e com costas salientes quando maduros
 **4. 5. *E. costatifructa***
 13'. Botões florais maduros até 5 mm compr., totalmente glabros ou apenas o hipanto pubérulo; bagas até 2 cm compr., negros e não-costados quando maduros 14
 14. Pecíolos 6-11 mm compr.; racemos com 1-5 pares de flores; pedicelos de 3-5 mm; bagas ca. 1 cm compr., globosas a oblatas, pubéculas (Fig. 4B)..... **4.2. *E. brejoensis***
 14'. Pecíolos 4-7 mm compr.; racemos com 4-9 pares de flores; pedicelos 4-10 mm; bagas ca. 2 cm, elípticas, glabras (Fig. 3C) **4.3. *E. candolleana***
 10'. Racemos umbeliformes (flores aparentemente surgindo do mesmo ponto); brácteas aglomeradas na base do racémulo umbeliforme (pares não identificáveis) 15
 15. Face adaxial da folha com a nervura mediana plana a plano-estriada; face abaxial da folha densamente e diminutamente glandulosa sob a lupa 16
 16. Pecíolo < 4 mm compr.; folhas com ápice acuminado; botões ca. 7 mm compr.; lobos do cálice com nervura mediana aparente **4.16. *Eugenia sp. nov.***
 16'. Pecíolo >7 mm compr.; folhas com ápice arredondado; botões 4-5mm compr.; lobos do cálice sem nervura mediana aparente **4.13. *E. schottiana***
 15'. Face adaxial da folha com a nervura mediana impressa a sulcada, ou, se plana, face abaxial eglandulosa a esparso-glandulosa sob a lupa 17
 17. Botões florais ca. 9 mm compr.; folhas com ápice e base atenuados com margens repando revolutas; bagas frequentemente atenuadas em direção ao ápice, resultando em uma sinuosidade entre o fruto e o cálice **4.4. *E. cerasiflora***
 17'. Botões florais até 6 mm compr.; folhas com ápice e base obtusos ou arredondados, ou então base arredondada e ápice acuminado ou rostrado; margens planas ou uniformemente revolutas; bagas com ápice arredondado 18
 18. Pecíolo 7-9 mm compr.; lobos do cálice desiguais, 1,5-2 mm compr., apiculados
 **4.12. *E. rostrata***

18'. Pecíolo até 5 mm compr.; lobos do cálice iguais a subiguais, ou menores do que 1 mm ou maiores do que 2mm, não-apiculados 19
 19. Lobos do cálice iguais, ca. 1 mm compr., largo triangulares, eretos nas flores velhas, inconspícuos (secos e adpressos ao disco estaminífero) nas bagas maduras
 **4.1. *E. astringens***
 19'. Lobos do cálice subiguais, 2-4 mm compr., arredondados ou elípticos, patentes nas flores abertas, verdes e vistosos nas bagas maduras (Fig.4C) **4. 11. *E. puniceifolia***

4.1. *Eugenia astringens* Cambess., Fl. Bras. Merid. 2: 361. 1833.
 Fig. 1D

Árvore 2,3-5 m alt., glabra exceto hipanto e ramos novos às vezes pubérulos; tricomas incolores. Ritidoma do tronco finamente fissurado. Folhas com lâmina 3,7-9,4 x 1,9-4,5 cm, obovadas ou raro oblongas ou oblanceoladas, razão foliar 1,3-3,1, pecíolo canaliculado 1-3 mm compr., ápice obtuso ou arredondado, base obtusa ou mais raramente rotunda ou aguda; margem revoluta; nervura mediana impressa na face adaxial. Racemos umbeliformes, axilares e principalmente laterais em nós desfolhados, com (2-)4-6(7) flores; botões florais maduros ca. 4 mm compr., bractéolas rudimentares, triangulares a sublineares, persistentes até a frutificação, lobos do cálice iguais, ca. 1 mm compr., largo-deltoides, obtusos; estames em 2-3 verticilos. Bagas amadurecendo na sequência verde, amarelo, laranja, vermelho e finalmente atropurpúreas, ca. 10 x 6-8 mm de diâm., redondas a largo-elipsoides; lobos do cálice persistentes mas quase imperceptíveis, adpressos ao disco floral; embrião perfeitamente conferruminado, reniforme.

Comentários: Espécie com um histórico nomenclatural complexo; durante muito tempo, foi chamada por diversos homônimos posteriores, como *Eugenia rotundifolia* Casar., *E. cyclophylla* O. Berg e *E. cassinoides* O. Berg. Estes foram então desconsiderados em favor de *Eugenia umbelliflora* O. Berg (Govaerts *et al.*, 2008; Amorim & Alves, 2011) presumido o nome válido mais antigo para a espécie. Recentemente, foi acessada uma excelente imagem de um isótipo de *E. astringens* Cambess. [considerado até então sinônimo de *E. puniceifolia* (Kunth) DC.] no herbário MPU (Montpellier, França), e foi verificado que pertence a esta espécie, ficando então estabelecida sua prioridade nomenclatural sobre *E. umbelliflora* O. Berg (Sobral *et al.*, 2012).

Endêmica do Brasil, ocorrendo no Nordeste (Bahia, Paraíba, Pernambuco e Sergipe), Sudeste (Espírito Santo, Rio de Janeiro e São Paulo), e Sul (Paraná e Santa Catarina) (Amorim & Alves, 2011; Lourenço & Barbosa, 2012; Sobral *et al.*, 2013; nova ocorrência em Sergipe é aqui registrada), no domínio da Mata Atlântica (Sobral *et al.*, 2013). Em Sergipe foi coletada em caatinga, capoeira de caatinga, vegetação secundária savaniforme chamada localmente de cerrado, mata, restinga e sopé de dunas. Floresce de abril a agosto e frutifica de abril a outubro.

Material selecionado: **BRASIL. Sergipe:** Aracaju, IV/2012, 11°48'48"S, 37°63'29"W, fr., T.

Silva et al. 36 (ASE); Areia Branca, VIII/2004, fl., *A.S. Ribeiro s.n.* (ASE 13284) (ASE); Campo do Brito, IX/1981, 10°44'00"S, 37°29'36"W, fr., *E.M. Carneiro 18* (ASE); Estância, V/1997, 11°16'06"S, 37°26'18"W, fl., fr., *M.F. Landim 1241* (ASE, HUEFS, UB); Itabaiana, IV/1998, 10°41'06"S, 37°25'31"W, bot., fr., *A. Vicente 129* (ASE, RB); Tobias Barreto, VIII/1983, 11°11'02"S, 37°59'54"W, fl., *E. Gomes 342* (ASE).

4.2. *Eugenia brejoensis* Mazine, Bot. J. Linn. Soc. 158: 776. 2008.

Nome popular: mama-de-cachorra

Figs. 1C, 2E, 4B

Arbusto ou arvoreta 2–5 m alt., glabra exceto pecíolos, nervura mediana das folhas novas, eixo da inflorescência, bractéolas, hipanto e bagas densamente albo-pubérulos. Caule levemente áspero. Folhas 3,5–8,6 x 1,1–5,4 cm, elípticas, raro ovais ou levemente obovais, razão foliar 1,6–3,3, ápice curto, grosso-acuminado, base aguda a obtuso-atenuada; nervura mediana impressa, nervura marginal duplicada, a mais interna conspícua, até 5 mm da margem, a externa inconspícua; pecíolo 6–11 mm, canaliculado a plano-canalicular. Racemos curtos nas axilas distais, às vezes pseudo-apicais (nas axilas apicais), sésses, (1)2–5 pares de flores curto-pediceladas; eixo até 1 cm compr.; botões florais ca. 3–3,5 mm compr., bractéolas naviculares, obtusas ou arredondadas, igualando-se ao hipanto, persistentes até a frutificação; lobos do cálice subiguais, 2–2,5 mm compr., arredondados, densamente ciliados; estames em 2 verticilos. Bagas amadurecendo simultaneamente na inflorescência, atropurpúreas, 5–8 x 5–7 mm, arredondadas a oblatas; semente 1, transversal, ca. 7 x 6 mm; testa castanho-clara, opaca com textura de fibras entrelaçadas; embrião conferruminado, oblongo-reniforme.

Comentários: Espécie endêmica do Brasil, ocorrendo apenas na região Nordeste (Alagoas, Bahia, Ceará, Paraíba, Pernambuco, Rio Grande do Norte, Sergipe) (Cunha, 2010; Mazine, 2008; Sobral *et al.*, 2013), nos domínios da Mata Atlântica e Caatinga (Sobral *et al.*, 2013). Em Sergipe foi coletada em mata atlântica, restinga, mata de restinga e brejo de altitude. Floresce de março a junho e frutifica de maio a junho.

Material selecionado: **BRASIL. Sergipe:** Brejo Grande, VI/2012, 10°22'19"S, 36°33'19"W, 4 m alt., fl., *D. Oliveira et al. 445* (ASE); Estância, III/2012, 11°18'55"S, 37°17'53"W, 20 m alt., fl., *C. Proença et al. 4062* (ASE, UB); Itaporanga d'Ajuda, XII/2008, bot., *I.S. Matos et al. 112* (ASE); Japarutuba, V/1997, 10°35'36"S, 36°56'25"W, fr., *M.F. Landim et al. 1252* (ASE, UB); Malhador, VIII/2000, *G. Viana et al. 3* (ASE); Pacatuba, VI/2012, 10°31'50"S, 36°36'55"W, bot., fr., *D. Oliveira et al. 423* (ASE); Pirambu, VI/2012, 10°38'00"S, 36°45'28"W, 0 – 17 m alt., bot., *A.P. Prata et al. 3013* (ASE); Poço Redondo, V/2010, 9°56'25"S, 37°55'21"W, fr., *W.J. Machado et al. 451* (ASE); Santa Luzia do Itanhy, VI/2011, fr., *L.A. Gomes et al. 134* (ASE); São Cristóvão, VII/1998, 11°00'53"S, 37°12'23"W, *A. Cruz et al. 66* (ASE).

4.3. *Eugenia candolleana* DC., Prodr. 3: 281. 1828.

Nomes populares: azeitona, canela-de-veado, mama-de-cachorro

Fig. 3C

Árvores a arbustos 1,5–8 m alt., glabros exceto os ramos jovens e disco estaminífero pubérulos; tricomas amarelados a acinzentados. ritidoma lisa, esfoliante, avermelhada. Folhas com lâmina 3–8,6 x 1,2–4,4 cm, elíptica a ovada, razão foliar 1,3–2,8(3,9), pecíolo canaliculado 4–7 mm compr., ápice acuminado, base atenuada ou às vezes rotunda, margem plana; nervura mediana sulcada na face ventral, nervuras secundárias formando nervura marginal dupla, a mais externa até 5 mm da margem, a mais externa inconspícua. Flores em racemos axilares e laterais com 4–9 pares de flores; pedicelos 4–10 mm; botões florais maduros ca. 4 mm, bractéolas rudimentares (< 1 mm), naviculares, glandulosas, ciliadas, às vezes conadas, persistentes após a antese, lobos do cálice desiguais, glandulosas, ciliadas, as maiores ca. 2 mm compr., ovadas, as menores ca. 1 mm compr., arredondadas; estames ca. 50 em 2 verticilos. Bagas amadurecendo na sequência creme, rosa, vinácea de um lado e finalmente atropurpúreas, ca. 2 cm compr., elípticas; lobos do cálice verde-claras, persistentes; semente 1, reniforme, ca. 1 cm compr.; embrião subgloboso, glanduloso.

Comentários: Espécie endêmica do Brasil, ocorrendo nas regiões Nordeste (Bahia, Paraíba, Pernambuco, Rio Grande do Norte e Sergipe), Sudeste (Espírito Santo, Minas Gerais, Rio de Janeiro e São Paulo) e Sul (Paraná) (Lourenço & Barbosa, 2012; Sobral *et al.*, 2013; nova ocorrência em Sergipe é aqui registrada). Encontrada nos domínios da Caatinga, Cerrado, e Mata Atlântica (Sobral *et al.*, 2013). Em Sergipe foi coletada em mata atlântica, mata subperenifolia, brejo de altitude, capoeira, vegetação secundária savaniforme localmente chamada de cerrado, caatinga, tabuleiros arenosos e restinga. Floresce de setembro a abril e frutifica de janeiro a setembro.

Material selecionado: **BRASIL. Sergipe:** Aracaju, IX/2011, *D.S. Cardoso 231* (ASE); Barra dos Coqueiros, IV/1994, 10°54'32"S, 37°02'19"W, fr., *M.F. Landim et al. 1149* (ASE, UB); Cristinápolis, III/1995, 11°28'32"S, 37°45'19"W, fl., *M.F. Landim 275* (ASE, UB); Ilha das Flores, IX/1981, 10°44' S, 36°54' W, fr., *G. Viana 163* (ASE, IPA); Japarutuba, I/1982, 10°35'36"S, 36°56'25"W, bot., *C. Farney 3054* (ASE, RB); Japoatã, IV/1982, 10°20'48"S, 36°48'04"W, fl., fr., *G. Viana 425* (ASE, IPA); Lagarto, VIII/2010, 10°55'12"S, 37°39'00"W, fr., *A.P. Prata et al. 2367* (ASE); Pirambu, out.2011, *D.M. Oliveira 212* (ASE); Poço Redondo, IX/2010, 9°56'25"S, 37°55'21"W, fl., *W.J. Machado et al. 697* (ASE); Santa Luzia do Itanhy, III/1997, 11°21'03"S, 37°26'54"W, fl., *M.F. Landim et al. 1139* (ASE, UB); Santana do São Francisco, III/2010, fr., *P.M.G. Marroquim et al. 6* (ASE); Santo Amaro das Brotas, XI/1991, 10°47'20"S, 37°03'16"W, fl., *C. Farney 2798* (RB); Umbaúba, III/2012, fr., *L.A. Santos et al. 705* (ASE).

4.4. *Eugenia cerasiflora* Miq., *Linnaea* 22: 793. 1850.

Árvore a arvoreta até pelo menos 2,5 m alt., glabra. Folhas com lâmina repanda no material fresco, 3,9–10,4 x 2,0–5,7 cm, elípticas ou obovadas, razão foliar 1,7–2,7, ápice grosso-acuminado ou obtuso, o terço superior ou o acúmen frequentemente dobrado no material herborizado, base aguda, atenuada no pecíolo; margem frequentemente sinuoso-revoluta com bordo cartilaginioso mais claro do que a lâmina; nervura mediana sulcada na face ventral, venação secundária igualmente prominente a inconspícua em ambas as faces; pecíolo 3–8 mm compr., canaliculado. Flores em racemos umbeliformes, apicais, axilares e/ou laterais nos nós desfolhados, com 1–4 flores; botões florais maduros ca. 9 mm compr., largo-oblongos a largo-obovados; pedicelos delgados, 7–20 mm, bractéolas ca. 1 mm compr., persistentes; lobos do cálice desiguais, par maior ca. 5 mm de compr., par menor ca. 3 mm compr., cuculados, arredondados, ciliados; estames em 2-3 verticilos. Bagas vermelhas quando maduras, ca. 1,5 cm de compr., elipsoides a elipsoide-fusiformes (constrictas entre o ápice do fruto e os lobos do cálice); lobos do cálice persistentes no fruto, involutos ou revolutos; semente 1, com testa creme.

Comentários: Espécie endêmica do Brasil, ocorrendo nas regiões Nordeste (Bahia e Sergipe), Sudeste (Espírito Santo, Minas Gerais, Rio de Janeiro e São Paulo), e Sul (Paraná e Santa Catarina) (Sobral *et al.*, 2013). Encontrada nos domínios da Caatinga, Cerrado e Mata Atlântica (Sobral *et al.*, 2013). Em Sergipe foi coletada em mata atlântica e mata de restinga. Floresce e frutifica de junho a agosto.

Material selecionado: **BRASIL. Sergipe:** Itabaiana, VI/1998, 10°41'06"S, 37°25'31"W, fr., *A. Vicente* 145 (ASE, RB); Santa Luzia do Itanhy, VIII/1983, 11°21'03"S, 37°26'54"W, fl., *E. Gomes* 270 (ASE); São Cristóvão, VIII/1997, 11°00'53"S, 37°12'23"W, fr., *M.F. Landim et al.* 1321 (ASE, UB).

4.5. *Eugenia costatifructa* Mazine, *Novon* 19:82. 2009.

Nome popular: estrelinha

Arbusto a arvoreta 1–4 m alt., com ramos jovens, nervura mediana na face abaxial da folha jovem, eixos da inflorescência, brácteas, bractéolas, lobos do cálice e hipanto velutino-seríceos; tricomas alvos a cinza-claros. Folhas com lâmina 6,9–11,3 x 4,0–5,1 cm, elíptica, recurvada, coriácea, densamente glandulosa, razão foliar 1,6–2,2, ápice grosso-acuminado com acúmen obtuso a retuso, base arredondada, raro subcordada ou obtusa; nervura mediana levemente sulcada na face ventral; pecíolo canaliculado, robusto, secando enegrecido, 8–12 mm compr.. Flores em racemos inseridos nas axilas distais; brácteas às vezes se transformando em folhas normais (racemos continuando crescimento vegetativo); racemos pedunculados, com 2–3 pares de flores longo-pediceladas; botões florais maduros 7–9 mm compr., bractéolas conadas, largo-triangulares, obtusas, persistentes; lobos do cálice desiguais, as maiores 2,5–4 mm compr., as menores 2–3,5 cm compr., arredondadas a truncadas ou com leve sinus central. Bagas não vistas, 2–3,5 x 2,2–3,3 cm, costadas, amadurecendo na sequência amarelo e laranja (descrição de

literatura, vide Comentários:). Comentários: Espécie recentemente descrita, reconhecível pelas folhas recurvadas, densamente glandulosas, com eixos, pedúnculos e pedicelos bem desenvolvidos. Endêmica do Brasil, ocorrendo apenas na região Nordeste (Bahia, Sergipe) (Mazine & Souza, 2008; Sobral *et al.*, 2013), no domínio da Mata Atlântica (Sobral *et al.*, 2013). Em Sergipe, é típica dos tabuleiros arenosos, sendo também encontrada em restinga (Mazine & Souza, 2008), restinga arbustiva e área de dunas com areia branca. A fenologia da frutificação e descrição dos frutos foi complementada de Mazine & Souza (2008). Floresce de novembro a fevereiro e frutifica de março a maio.

Material selecionado: **BRASIL. Sergipe:** Ilha das Flores, II/2012, fl., *D.A. Campos et al.* 88 (ASE); Japarutuba, I/2012, fl., *E. Melo et al.* 27 (ASE); Pirambu, XI/2011, fl., *E.A. Melo et al.* 15 (ASE); Santo Amaro das Brotas, I/1992, 10°47'20"S, 36°58'34"W, bot., *C. Farney* 2905 (RB, Parátipo de *Eugenia costatifructa* Mazine).

4.6. *Eugenia excelsa* O. Berg, *Fl. Bras.* 14(1): 227. 1857.

Nome popular: batinga

Árvore 3–4,5 m alt., totalmente glabra exceto brácteas jovens pubérulas. Folhas com lâmina 4–11,5 x 1,5–4,3 cm, elíptica, razão foliar 2,3–2,8, ápice acuminado a rostrado, base aguda ou às vezes atenuada, face adaxial lustrosa com nervura mediana plana a levemente proeminente nas folhas maduras; pecíolo canaliculado 2–3 mm compr. Racemos umbeliformes, terminais, axilares e laterais no mesmo ramo (geralmente do 1° até o 4° ou 5° nó), com (1)2–4(5) flores; botões florais maduros não vistos, 3–5 mm compr. (), pedicelos 4–12 mm compr., brácteas persistentes, bractéolas lanceoladas, ca. 1 mm compr., geralmente caducas, lobos do cálice iguais ou quase, convexo-triangulares de ápice obtuso, ca. 1–1,5 mm compr.; estames em 2 verticilos. Bagas amadurecendo vinho-escuras, ca. 6–7 x 5–6 mm, subglobosas; lobos do cálice verde-amarelados, persistentes, eretos; semente 1; embrião conferruminado, glanduloso. Comentários: Ocorre na Guiana, Guiana Francesa, e Suriname (Govaerts *et al.*, 2008). No Brasil, ocorre nas regiões Norte (Amazonas e Pará), Nordeste (Alagoas, Bahia, Maranhão, Pernambuco, Paraíba, Rio Grande do Norte e Sergipe), Sudeste (Espírito Santo, Rio de Janeiro e São Paulo) e Sul (Paraná e Santa Catarina) (Govaerts *et al.*, 2008; Amorim & Alves, 2011; Lourenço & Barbosa, 2012; Sobral *et al.*, 2013), sendo encontrada nos domínios da Amazônia e Mata Atlântica (Sobral *et al.*, 2013). Em Sergipe ocorre em áreas de mata. A descrição dos frutos é de Sobral (2011). Floresce de março a abril e frutifica de março a junho.

Material selecionado: **BRASIL. Sergipe:** Pirambu, out.2011, *D.M. Oliveira* 214 (ASE); Riachão do Dantas, III/2012, fr., *G.M.A. Matos et al.* 142 (ASE); Santa Luzia do Itanhy, VI/1995, 11°21'03"S, 37°26'54"W, fr., *M.F. Landim* 404 (ASE, UB).

4.7. *Eugenia hirta* O. Berg, Fl. Bras. 14(1): 574. 1859.

Fig. 3D

Arbusto a arvoreta 1,7–3 m alt., hirta nos ramos jovens, pecíolo, nervura mediana e margens das folhas novas; tricomas incolores, nítidos, eretos, mais longos na porção proximal e mais curtos na porção distal da folha. Folhas subsésseis, 2,3–6 x 1–3,1 cm, ovadas raro elípticas, razão foliar 1,7–2,7, ápice agudo a abrupto-acuminado, o acúmen ou extremo ápice arredondado, base arredondada, mais raro obtusa ou subcordada; margens geralmente planas com fina borda cartilaginosa. Flores axilares, 1–2 pares por axila, longo-pediceladas; pedicelos delgados, 5–13 mm compr.. Botões florais maduros ca. 2,75–3 mm compr., bractéolas rudimentares, explanadas, persistentes nos bagas jovens; lobos do cálice 1,5–2 mm compr., desiguais no botão jovem, tornando-se a subiguais, par externo menor, cuculado-deltaide, par interno maior, cuculado, ambos com ápice densamente ciliado; estames em ca. 3 verticilos. Bagas amadurecendo vermelho-vivo e finalmente atropurpúreas 6–8 x 5–8 mm diâm., globosas; lobos do cálice vermelhos a roxo-escuros, persistentes; semente 1; embrião conferruminado.

Comentários: Espécie endêmica do Brasil, ocorrendo nas regiões o Nordeste (Alagoas, Bahia, Paraíba, Pernambuco, Rio Grande do Norte, Sergipe), e Sudeste (Espírito Santo) (Sobral *et al.*, 2013; Amorim & Alves, 2011), no domínio da Mata Atlântica (Sobral *et al.*, 2013). Em Sergipe foi coletada em mata, mata subperenifólia e mata primária. Pode ser encontrada com flores e frutos em todos os meses do ano.

Material selecionado: **BRASIL. Sergipe:** Itaporanga d'Ajuda, VIII/2007, 10°59'53"S, 37°18'38"W, fr., A.B. Sales 38 (ASE); Japarutuba, VI/2000, A. Amorim 3455 (CEPEC, HUEFS, UB); Santa Luzia do Itanhy, III/2000, 11°21'03"S, 37°26'54"W, bot., fl., M.F. Landim *et al.* 1475 (ASE, UB); Santo Amaro das Brotas, VI/1991, 10°47'24"S, 37°03'00"W, fl., C. Farney 2754 (RB).

4.8. *Eugenia ligustrina* (Sw.) Willd., Sp. Plant. 2: 962. 1800.

Nomes populares: canela-de-veado, pitanga-de-cágado, pirunga

Árvore a arbusto 3–10 m alt., glabro exceto as inovações e às vezes margens e nervura principal das folhas jovens e bagas jovens pubescentes, e hipanto velutino; tricomas diminutos, alvos a ferrugíneos. Folhas com lâmina (0,9–)1–2,8(–5,4) x (0,4–)2–2,8(–5,8) cm, elípticas a ovadas, razão foliar 1,9–3,1, ápice agudo ou às vezes acuminado com acúmen arredondado, base aguda ou atenuada, face adaxial mais escura que a abaxial, com a nervura mediana sulcada, lustrosa nas folhas mais velhas; pecíolo 2–5 mm compr., delgado, involuto na base. Racemos precoces (floração simultânea com a brotação e gema apical do racemo apresentando crescimento vegetativo após a floração) axilares e terminais; pedicelos 10–23 mm compr.; botões florais maduros ca. 5–6 mm compr., piriformes, bractéolas rudimentares, lineares, ca. 1 mm compr., caducas; lobos do cálice subiguais, triangulares, obtusos, ca. 3–6 x 0,75–3 mm; estames 50–70 em 2–3 verticilos.

Bagas amadurecendo na sequência amarelo, laranja, vermelho e atropurpúreos, 0,7–1 x 0,6–1 cm, oblatas; lobos do cálice verde-amarelados, persistentes.

Comentários: Espécie amplamente distribuída no norte da América do Sul e no Caribe (Govaerts *et al.*, 2008). No Brasil ocorre nas Regiões Norte (Pará), Nordeste (Bahia, Ceará, Paraíba, Pernambuco, Piauí, Rio Grande do Norte e Sergipe), Sudeste (Espírito Santo, Minas Gerais, Rio de Janeiro e São Paulo) e Sul (Paraná), nos domínios da Amazônia, Caatinga, Cerrado e Mata Atlântica (Sobral *et al.*, 2013). Em Sergipe, as coletas são em caatinga, mata de caatinga, brejo de altitude e mata. Floresce de novembro a março e frutifica de março a junho.

Material selecionado: **BRASIL. Sergipe:** Aracaju, VIII/2011, D.S. Cardoso 112 (ASE); Frei Paulo, XI/1981, 10°32'58"S, 37°32'04"W, fl., G. Viana 451 (ASE); Lagarto, III/2009, 10°55'12"S, 37°39'00"W, bot., fl., D.S. Melo *et al.* 14 (ASE); Nossa Senhora da Glória, VIII/1987, 10°13'06"S, 37°25'13"W, G. Viana 2024 (ASE); Poço Redondo, IV/2010, 9°56'25"S, 37°55'21"W, fr., W.J. Machado *et al.* 293 (ASE); Porto da Folha, III/2011, 9°53' S, 34°15' W, fr., D.G. Oliveira *et al.* 119 (ASE); Riachão do Dantas, VI/2013, fr., M.C.V. Farias *et al.* 308 (ASE, UB).

4.9. *Eugenia modesta* DC., Prodr. 3: 279. 1828.

Árvore a arbusto 1,5–2 m alt., glabro exceto as inovações e flores pubérulas; tricomas creme-amarelados. Folhas com lâmina 1,2–2,5 x 0,6–1,8 cm, elíptica, razão foliar 1,9–3,1, pecíolo ca. 1 mm compr., ápice abrupto-acuminado a largo-rostrado, o acúmen obtuso a emarginado, base obtusa. Racemos axilares mais curtos do que as folhas ou igualando-as em comprimento, com 1–3 pares de flores; pedicelos 2–4 mm compr.; botões florais maduros ca. 2–3 mm diâm. (fide Mazine, 2006), bractéolas ca. 1 mm compr., ovadas, conadas, ciliadas, persistentes; lobos do cálice subiguais, triangulares, obtusos, 1–1,5 mm compr.; estames em 1–2 verticilos. Bagas não vistas, 4–7 mm compr., globosas a depresso-globosas, atropurpúreas quando maduras (descrição da literatura, vide Comentários:).

Comentários: A coleta depositada no herbário RB tem o no. 99, mas trata-se da mesma espécie e foi feita no mesmo local e dia; presumivelmente, o número foi perdido quando o material foi incorporado ao ASE. Como só foi coletada uma única vez em Sergipe, a descrição foi complementada de Mazine (2006). Espécie endêmica do Brasil com ocorrência no Nordeste (Bahia, Ceará e Sergipe), e Sudeste (Minas Gerais e São Paulo) (Mazine, 2006; Sobral *et al.*, 2013), no domínio da Mata Atlântica (Sobral *et al.*, 2013). Em Sergipe foi coletada em Caatinga. A única coleta de Sergipe estava em flor e foi feita em setembro.

Material selecionado: **BRASIL. Sergipe:** Tobias Barreto, IX/1974, 11°11'02"S, 37°59'54"W, fl., M. Fonseca *s.n.* (ASE 94, RB).

4.10. *Eugenia aff. pohliana* DC., Prod. 3: 264. 1828.

Arbusto densamente velutino nas inovações, a face adaxial das folhas glabrescente; tricomas alvos a amarelados. Folhas com lâmina 6,1–7,3 x 1,7–2,4 cm, elíptica a estreito-elíptica, razão foliar 2,9–3,5, ápice acuminado, base aguda, pecíolo canaliculado 4–6 x 1 mm compr. Flores isoladas ou em dicásios axilares 3(–7) floras com a flor central séssil, pedúnculos 1,5–2 cm compr.; pedicelos 8–10 mm compr.; botões florais maduros ca. 5 mm compr., bractéolas lineares, persistentes após a antese; lobos do cálice subiguais, ovais, arredondadas, ca. 2 mm compr., par externo estreito deltóide com ápice agudo, par interno quadrado com ápice truncado-apiculado; estames ca. 70–80 em 3 verticilos. Bagas amarelas quando maduras, obovatas, ca. 3–3,5 cm diam., velutinos; lobos do cálice persistentes, coriáceos, revolutos; semente 1-2, embrião com cotilédones plano-convexos, livres.

Comentários: Há três coletas desta espécie em Sergipe, todas oriundas da planície litorânea do estado. Diferem de *Eugenia pohliana* (material tipo e coletas recentes na Chapada Diamantina, entre 800-1000 m, todas bem similares ao tipo) pelas folhas maiores e inflorescências, que chegam a ser cimeiras com 3-7 flores, além do dimorfismo entre os pares de lobos do cálice ser mais acentuado do que na forma típica.

Espécie endêmica do Brasil, ocorrendo na região Nordeste (Bahia, Pernambuco e Sergipe) (Sobral *et al.*, 2013). Embora tenha registro de distribuição no bioma Caatinga (Sobral *et al.* 2013), na Bahia ocorre em carrascos de solo arenoso e campo rupestre arenoso; em Sergipe foi registrada em tabuleiro arenoso com presença de dunas. Floresce de dezembro a janeiro e frutifica em maio.

Material selecionado: **BRASIL. Sergipe:** Pirambu, V/2012, 10°38'00"S, 36°45'28"W, 0-71m alt., fr., A.P. Prata *et al.* 3035 (ASE); Santo Amaro das Brotas, I/1978, 10°47'24"S, 37°03'00"W, bot., fl., M. Fonseca 58 (ASE, UB).

4.11. *Eugenia puniceifolia* (Kunth) DC., Prodr. 3: 267. 1828.

Figs. 2D, 4C

Nomes populares: murta, murta-de-tabuleiro, murta-vermelha, pitomba

Subarbusto, arbusto ou árvoreta 0,5–7 m alt., totalmente glabro ou com diminutos tricomas esparsos nos ramos jovens, margens de folhas e pecíolos jovens, pedicelos, bractéolas e no disco estaminífero; tricomas alvos. Ritidoma do tronco áspero e fibroso. Folhas com lâmina 2–3,2(–9,5) x 1,0–2,4 cm, predominantemente estreito-elíptica a largo-elíptica, raramente algumas obovais ou ovais, razão foliar 1,3–2,4, pecíolo canaliculado 0,5–3(–4,5 nas folhas maiores) cm compr., ápice grosso-acuminado com acúmen obtuso, raro obtuso ou rotundo, base muito variável, rotunda, obtusa, aguda ou atenuada. Flores 1–2(–4) aglomeradas por axila das folhas jovens; botões florais maduros 4–6mm compr., bractéolas rudimentares, triangulares a sublineares, persistentes até a frutificação, lobos do cálice subiguais, arredondados a oblongos, as maiores 2,5–4 mm compr., as menores

2–2,5 mm compr.; estames em 2 verticilos. Bagas amadurecendo na sequência verde, amarelo, laranja e vermelho vivo, 1–1,1 x 0,75–1 cm, subglobosas a largo-elípticas; lobos do cálice verde-claros, persistentes, incurvados, verdes ou amarelo-esverdeados nas bagas maduras.

Comentários: Espécie amplamente distribuída na região neotropical (Govaerts *et al.*, 2008). No Brasil, ocorre nas regiões Norte (Acre, Amazonas, Amapá, Pará, Rondônia, Roraima e Tocantins), Nordeste (Alagoas, Bahia, Ceará, Maranhão, Paraíba, Pernambuco, Piauí, Rio Grande do Norte e Sergipe), Centro-Oeste (Distrito Federal, Goiás, Mato Grosso do Sul e Mato Grosso), Sudeste (Espírito Santo, Minas Gerais, Rio de Janeiro e São Paulo) e Sul (Paraná) (Sobral *et al.*, 2013). É encontrada nos domínios da Amazônia, Caatinga, Cerrado e Mata Atlântica (Sobral *et al.*, 2013). Em Sergipe foi registrada em caatinga, encosta de serra, capoeira, dunas de restinga, restinga arbórea, restinga, vegetação secundária savaniforme localmente chamada de cerrado, mata atlântica, mata, borda de mata e áreas antropizadas.

Suas folhas são usadas para amadurecer frutos (informação constante da etiqueta da exsicata J.F. Lima 137). Encontrada com flores o ano todo, mas com maior frequência de coletas em agosto; frutifica o ano todo com maior frequência de coletas em setembro e outubro.

Material selecionado: **BRASIL. Sergipe:** Aracaju, XI/2011, 10°53'24"S, 37°03'14"W, fl., D.S. Cardoso *et al.* 397 (ASE); Areia Branca, IX/1995, 10°45'28"S, 37°18'55"W, bot., M.F. Landim *et al.* 695 (ASE, HUEFS); Barra dos Coqueiros, IX/1994, 10°54'32"S, 37°02'19"W, M.F. Landim 167 (ASE); Brejo Grande, XI/2000, fr., L. Galvão s.n. (ASE 20502) (ASE); Campo do Brito, IX/1981, 10°44'00"S, 37°29'36"W, fl., G. Viana 34 (ASE); Canindé de São Francisco, VI/2011, A.C.C. Silva 308 (ASE); Estância, out.1993, 11°19'12"S, 37°17'24"W, fr., J.G. Jardim 311 (ASE, CEPEC, RB); Itabaiana, IX/1996, 10°41'06"S, 37°25'31"W, fl., fr., M.F. Landim *et al.* 1069 (ASE, UB); Itaporanga d'Ajuda, out.2006, 10°59'53"S, 37°18'38"W, M.F. Landim 1590 (ASE, HST); Japaratinga, VI/1997, 10°35'36"S, 36°56'25"W, fl., fr., M.F. Landim *et al.* 1255 (ASE); Lagarto, VII/2008, fl., C.S. Santos 210 (ASE); Neópolis, III/1994, 10°19'12"S, 36°34'46"W, J.C.S. Cunha 11477 (ASE); Pacatuba, VI/2012, 10°31'50"S, 36°36'55"W, 0-17m alt., bot., fl., D. Oliveira *et al.* 460 (ASE); Pirambu, XII/2011, fr., E.A. Melo *et al.* 16 (ASE); Poço Verde, IX/2010, veg., E.V.R. Ferreira 199 (ASE); Porto da Folha, III/2011, 9°53'S, 34°15'W, bot., D.G. Oliveira *et al.* 117 (ASE, UB); Santa Luzia do Itanhy, out.1995, 11°21'03"S, 37°26'54"W, fr., M.F. Landim 727 (ASE, UB); Santo Amaro das Brotas, I/1992, 10°47'20"S, 37°03'16"W, fr., C. Farney 2904 (RB); São Cristóvão, VIII/2004, 11°00'53"S, 37°12'23"W, fl., M.F. Landim *et al.* 1561 (ASE, UB).

4.12. *Eugenia rostrata* O. Berg, Fl. Bras. 14(1): 282. 1857.

Arbustos até 1,5 m alt., glabros exceto gemas e faces internas dos lobos do cálice seríceos e inovações diminutamente pubérulo-seríceas; tricomas alvos. Folhas 5,3–9,2 x 2,9–4,9 cm, largo a estreito-elípticas, razão foliar 1,8–2,1, nervura mediana sulcada na face ventral, secundárias ca. 10–12 pares, formando nervura marginal arqueada, 2–7 mm da margem;

pecíolo 7–9 mm compr., recurvado-canaliculado, glanduloso, ápice acuminado ou rostrado; base obtusa a aguda decorrente no pecíolo. Racêmulos umbeliformes nos nós velhos, com 2–3 pares de flores, pedicelos 6–12 mm compr., delicados; bractéolas persistentes até a frutificação, lanceoladas, 1–1,2 mm compr., adnadas ao hipanto ou estipete, ciliadas; lobos do cálice desiguais, 1,5–2 mm compr., deltoides, apiculados, densamente ciliados, par externo menor, par interno maior, e mais arredondado que o externo, estames em 3 verticilos. Bagas globosas, lobos do cálice persistentes, eretos. Comentários: A coleta *Proença & Landim 4065* (estéril) de mata de restinga foi tentativamente atribuída a esta espécie. Espécie endêmica do Brasil, ocorrendo apenas nas regiões Nordeste (Bahia e Sergipe) e Sudeste (Espírito Santo e Rio de Janeiro) (Sobral *et al.*, 2013; nova ocorrência em Sergipe é aqui registrada), no domínio da Mata atlântica (Sobral *et al.*, 2013). Em Sergipe foi coletada em estado fértil apenas uma vez, em restinga. A única coleta fértil de Sergipe estava em flor e foi feita em janeiro.

Material selecionado: **BRASIL. Sergipe:** Estância, III/2012, 11°15'59"S, 37°16'14"W, veg., C. *Proença & M.F. Landim 4065* (UB). Santo Amaro das Brotas, I/1992, fl., C. *Farney & R.A. Silva 2905a* (RB, UB).

4.13. *Eugenia schottiana* O. Berg, Fl. Bras. 14(1): 286 1857.

Nome popular: murta

Arbustos a arvoretas 2–12 m alt., glabros, exceto, à vezes, hipanto diminuta e densamente griseo-pubérulo; ramos velhos claros e finamente rugosos. Folhas 5,2–8,7 x 2,9–4,9 cm, elípticas a largo-elípticas, raro levemente obovadas, razão foliar 1,3–3,2, ápice arredondado, obtuso ou grosso-acuminado, base obtusa ou aguda decorrente no pecíolo; ambas as faces densamente e diminutamente glandulosas, nervura mediana plano-estriada na face ventral, laterais 8–11, formando nervura marginal em arcos 1,5–9 mm da margem, duplicada nas folhas maiores; pecíolo robusto, aplanado-recurvado na face ventral. Racêmulos umbeliformes em nós velhos áfilos, e nas axilas proximais, distais e apicais, geralmente 3–4(–6) nós consecutivos floríferos, (1–)3–5(–11) flores por nó; botões florais 4–5 mm compr., piriformes; bractéolas conadas na base no botão rompendo-se e assumindo posição explanada nas flores velhas; lobos do cálice desiguais, par menor 2,0–2,5 mm, par maior 3–3,5 mm compr., semicirculares a levemente oblongos, ápice arredondado a obtuso; disco estaminal claro, circular, ca. 3 verticilos de estames. Bagas desconhecidas.

Comentários: Espécie endêmica do Brasil, ocorrendo nas regiões Nordeste (Bahia e Sergipe) e Sudeste (Rio de Janeiro) (Sobral *et al.*, 2013; nova ocorrência em Sergipe é aqui registrada), nos domínios da Caatinga e Mata Atlântica e (Sobral *et al.*, 2013). Em Sergipe, foi coletada em restinga. Floresce e frutifica de maio a julho.

Material selecionado: **BRASIL. Sergipe:** Aracaju, V/1982, 10°54'40"S, 37°04'18"W, fl., M.C. *Santana 99* (ASE, UB); Pacatuba, VI/2012, 10°31'50"S, 36°36'55"W Alt: 0 - 17m, veg., D.

Oliveira et al. 346 (ASE); Santana do São Francisco, VII/2010, fr., P.M.G. *Marroquim et al. 41* (ASE).

Material adicional examinado: **BRASIL. Bahia.** Ilhéus: V/1965, 12°32'44"S, 40°07'32"W, fl., R.P. *Belém et al. 1135* (UB).

4.15. *Eugenia subreticulata* Glaz., Fl. Bras. 14(1): 340. 1857.

Nomes populares: canela-de-veado, pitomba-de-cágado

Árvore ca. 5 m alt., glabra exceto ramos jovens, brácteas, bractéolas, lobos do cálice, hipanto e bagas estrigosos; tricomas rígidos, ascendentes, dourado-acastanhados. Ramos novos com catáfilos arredondados, persistentes na base. Folhas pecioladas com lâminas membranáceas, 5,1–7,6 x 1,6–3,2 cm, elíptico-oblongas, razão foliar 1,6–2,2, ápice agudo, acuminado com acúmen arredondado, obtuso ou arredondado, base aguda ou atenuada, face adaxial levemente mais escura que a abaxial, com a nervura mediana sulcada na base e plana no ápice tornando-se proeminente nas folhas velhas, face adaxial opaca; nervação delicadamente reticulada na face abaxial; pecíolo ca. 4 mm compr., delgado, involuto na base. Racemos precoces (floração simultânea com a brotação e gema apical do racemo apresentando crescimento vegetativo após a floração) axilares e terminais; pedicelos 10–20 mm compr., delgados, achatados; botões florais maduros ca. 6 mm compr., piriformes, bractéolas rudimentares, lineares, ca. 1 mm compr., caducas; lobos do cálice subiguais, reflexos, 4,5–6 x 1,5–3 mm, oblongos, obtusos e estrigoso-franjados com maior concentração de tricomas no ápice; estames 45–70 em 2–3 verticilos. Bagas amadurecendo na sequência amarelo, laranja, vermelho, atropurpúreo, 0,7–1 x 0,6–1 cm, arredondados ou mais raro largo-elípticos; lobos do cálice verde-amarelados, persistentes.

Comentários: Espécie endêmica do Brasil, registrada nas regiões Sudeste (Minas Gerais) e Nordeste (Bahia e Sergipe) (Sobral *et al.*, 2013; nova ocorrência em Sergipe é aqui registrada). Segundo Sobral *et al.* (2013), ocorre no domínio da Floresta Atlântica, mas isto não foi confirmado em Sergipe, já que as coletas neste estado são de brejo de altitude ou caatinga. A única coleta em flor de Sergipe foi feita em dezembro e em fruto.

Material examinado: **BRASIL. Sergipe:** Canindé de São Francisco, veg., VI/2011, A.C.C. *Silva 308* (ASE); Nossa Senhora da Glória, VIII/3987, G. *Viana 2024* (ASE); Poço Redondo, fr., VI/2010, W.J. *Machado et al. 363* (ASE); fr., VI/2010, W.J. *Machado et al. 381* (ASE); bot., XII/2010, W.J. *Machado et al. 1090* (ASE).

4.16. *Eugenia sp. nov.* [Submetido a Phytotaxa]

Árvore 12–20 m alt., glabra exceto diminuta puberulência nos pedicelos e disco estaminal, e hipanto densamente griseo-velutino. Ramos novos achatados, cinza-claros e lisos. Folhas com lâmina 5–10,2 x 2,3–4,5 cm, elíptica, razão foliar 1,5–2,4(–2,7), pecíolo canaliculado 2–4 mm compr., robusto, face ventral com a nervura mediana plana, nervação secundária e glândulas imperceptíveis, face dorsal densamente e diminutamente glandulosa e 5–6

pares de nervuras secundárias, inconspícuas, subpatentes, broquidódromas, formando amplos arcos quase imperceptíveis; ápice grosso-acuminado a acuminado, o acúmen recurvado e arredondado, às vezes formando dobras no material exsiccado, base atenuada ou abruptamente decorrente no pecíolo, bordos delicadamente revolutos, mais marcadamente no terço basal. Racemos umbeliformes, axilares e laterais, com 2-4 flores odoríferas, floração abundante; botões florais maduros ca. 7 mm compr. pedicelos 5-18 mm compr., delgados, às vezes diferindo nitidamente de tamanho na mesma inflorescência; brácteas escamiformes, arredondadas, ca. 1-1,25 mm compr., bractéolas ca. 0,75 mm compr., naviculares, escariosas, ciliadas, ambas persistentes até pelo menos o início da frutificação; hipanto infundibuliforme, lobos do cálice subiguais, largo-elípticos de ápice arredondado ou obtuso, ca. 3,5 mm compr., escarioso-hialinos com nervura mediana perceptível; pétalas alvas; estames em ca. 4 verticilos. Bagas ca. 10 mm diâm., subglobosas, cor da maturação desconhecida; lobos do cálice persistentes, escariosos, involutos; semente 1.

Comentários: Espécie aparentemente endêmica do Nordeste do Brasil (Bahia e Sergipe), ocorrendo no domínio da Mata atlântica. Na Bahia, foi coletada em mata semidecídua. Em Sergipe, foi coletada em mata subperenifolia com solo argiloso e mata semidecídua. A única coleta de Sergipe estava em flor e foi feita em junho.

Material examinado: **BRASIL. Sergipe:** Carmópolis, VI/1982, 10°38'53"S, 36°59'20"W, fl., G. Viana 471 (ASE).

Material adicional examinado: **BRASIL. Bahia:** Jussari, fl., II/1998, W.W. Thomas *et al.* 11757 (CEPEC, NY).

5. *Marlierea* Cambess.

Árvores. Inflorescência geralmente uma panícula terminal ou subterminal. Brácteas e bractéolas livres, geralmente decíduas antes e logo após a antese. Botões fechados no ápice com antese ocorrendo pela ruptura do tubo hipanto. Hipanto não prolongado acima da inserção do estilete a mais ou menos prolongado. Lobos calicinos 4-5, iguais ou desiguais. Pétalas 4-5, alvas, glabras. Anteras arredondadas ou oblongas; lóculos das anteras se abrindo por rimas longitudinais retas, paralelas aos filetes. Ovários 2-3-locular; óvulos 2 por lóculo; estigma puntiforme. Baga atropurpúrea quando madura (Sergipe), globosa, com lobos calicinos persistentes, secos; pericarpo fino. Sementes 1(-3); testa membranácea. Embrião verde com eixo radícula-hipocótilo longo, grande, parcialmente enrodilhado aos cotilédones foliáceos, conduplicados.

Comentários: Este gênero possui ca. 100 espécies distribuídas na América do Sul, com ca. 65 espécies presentes no Brasil (Govaerts *et al.* 2008, Sobral *et al.* 2013). Apenas uma espécie foi registrada em Sergipe.

5.1. *Marlierea excoriata* Mart., Flora 20(2): 88. 1837.

Fig. 4F

Nome popular: pirunga

Arbustos até árvores 3-7 m alt., glabros exceto inovações estrigoso-pubérrulas e às vezes hipanto estrigoso-pubescente; tricomas diminutos, incolores ou fuscos; ritidoma dos ramos velhos esfoliante em tiras tênues. Folhas muito variáveis em tamanho e forma no mesmo indivíduo, 3,3-10,9 x 1,7,5-6,2 cm, largo-elípticas a estreito-elípticas ou levemente oblanceoladas, razão foliar 1,5-2,0, ápice abrupto-acuminado ou agudo, base aguda, obtusa ou arredondada; face adaxial secando acinzentada com áreas claras principalmente ao longo da nervura mediana e nas margens, com a nervura mediana levemente impressa a plana; pecíolo 4-8 mm compr., ventralmente aplanado. Panículas piramidais em pares apicais vigorosos com supressão da gema terminal, esta às vezes tardiamente continuando crescimento vegetativo, longo-pedunculadas, entrenós laxos, fortemente achatados, pedúnculos 1,5-4,2 cm compr., achatados; botões florais maduros ca. 2-3 mm compr., apiculados quando jovens e arredondados na pre-antese; flores abrindo-se por ruptura regular em 4-5 lobos iguais; lobos calicinos 1-2 mm compr., deltoides, reflexos, externamente glandulosos, às vezes com margens involutas; estames em 2 verticilos. Bagas atropurpúreas na maturidade, subglobosas a oblatas, ca. 8-10 mm diâm., glandulosas, coroadas pelos lobos do cálice ressecados e revolutos; semente 1(-3), ca. 7 mm compr., testa castanha, membranácea, embrião mircoide com pontuações glandulosas escuras.

Comentários: Endêmica do Brasil, com distribuição nas regiões Nordeste (Bahia e Sergipe), Sudeste (Espírito Santo, Minas Gerais, Rio de Janeiro e São Paulo) e Sul (Paraná, Rio Grande do Sul e Santa Catarina) (Sobral *et al.*, 2013; nova ocorrência em Sergipe é aqui registrada), ocorrendo no domínio da Mata Atlântica (Sobral *et al.*, 2013). Em Sergipe foi coletada em "mata de altitude" (Serra de Itabaiana), mata atlântica, mata subperenifolia, mata de restinga, restinga, e restinga arbustiva com *Vellozia* sp. Floresce e frutifica de novembro a abril.

Material selecionado: **BRASIL. Sergipe:** Barra dos Coqueiros, IV/1997, 10°54'32"S, 37°02'19"W, fr., M.F. Landim *et al.* 1166 (ASE); Estância, III/2012, 11°15'35"S, 37°16'22"W Alt: -2m, fr., C. Proença *et al.* 4077 (ASE, UB); Itabaiana, I/1983, 10°41'06"S, 37°25'31"W, fl., M.C. Santana 150 (ASE); Itaporanga d'Ajuda, II/2000, 10°59'53"S, 37°18'38"W, fr., M.F. Landim *et al.* 1468 (ASE, HUEFS, UB); Japaratinga, XII/2010, fl., C.M. Donádio 119 (ASE); Santa Luzia do Itanhhy, XI/1993, 11°21'03"S, 37°26'54"W, fl., S.C. Sant'ana *et al.* 481 (ASE, CEPEC, NY); São Cristóvão, I/1982, 11°00'53"S, 37°12'23"W, fl., M.N. Almeida 29 (ASE).

6. *Myrcia* DC. ex Guill.

Árvores, arbustos ou subarbustos perenes lenhosos na base ou com xilopódio. Inflorescência geralmente uma panícula terminal ou subterminal. Brácteas e bractéolas

livres, geralmente decíduas imediatamente antes a logo após a antese. Botões abertos no ápice com a antese correndo pela abertura dos lobos calicinos. Hipanto não prolongado acima do nível de inserção do estilete ou mais ou menos prolongado. Lobos calicinos 5, iguais ou desiguais. Pétalas 5, alvas ou rosa pálidas. Anteras arredondadas ou oblongas; lóculos das anteras se abrindo por rimas longitudinais retas ou sinuosas, torcidas com o ápice introrso e a base extrorsa. Ovário 2-3-locular; óvulos 2 por lóculo; estigma puntiforme. Baga vermelha, rosada ou atro-purpúrea quando madura, globosa, oblate ou elíptica, com todos ou alguns lobos calicinos persistentes; pericarpo fino. Sementes 1(-3); testa membranácea a coriácea. Embrião verde com eixo radícula-hipocótilo longo, grande, parcialmente enrodilhando os cotilédones foliáceos, contortuplicados.

Comentários: *Myrcia* reúne ca. 400 espécies, que ocorrem desde o México até o norte da Argentina (Landrum & Kawasaki 1997, Govaerts *et al.* 2008). No Brasil, ca. 250 espécies se distribuem por todos os domínios fitogeográficos, como prevalência de áreas de Mata Atlântica (Sobral *et al.* 2013). Em Sergipe foram registradas 22 espécies.

Chave para identificação das espécies de *Myrcia* de Sergipe

1. Hipanto prolongado em tubo ou taça acima do nível de inserção do estilete 2
2. Plantas essencialmente glabras; folhas expandidas sempre glabras (ramos e folhas jovens ainda em expansão, ramos da inflorescência, disco estaminífero, lobos do cálice ou hipanto (nunca ambos), às vezes com indumento) 3
3. Folhas quase sempre > 9 cm compr.; inflorescências amplamente floríferas (150–200 flores) com 10–25 cm compr.; sépalas fortemente desiguais, 1 par diminuto deltoide, 1 par maior semicircular, e a maior e mais interna cuculada **6.7 M. insularis**
- 3'. Folhas 1,5–12,8 cm compr. (raramente > 7 cm compr.); inflorescências com (3–)12–100(–140) flores; sépalas iguais a desiguais 4
4. Pecíolo 4–9 mm compr., avermelhado no material vivo; folhas secando amarelado, oliva ou mostarda, com a nervação secundária e terciária obscuramente e igualmente proeminente na face abaxial formando um retículo **6.11 M. lundiana**
- 4'. Pecíolo (1)2–4(5) mm compr., esverdeado, amarelado ou glauco no material vivo; nervuras secundárias mais salientes e de maior calibre do que as terciárias 5
5. Plantas de restingas e tabuleiros arenosos 6
6. Folhas predominantemente obovais ou espatuladas; ápice da folha arredondado a emarginado; base da folha aguda a atenuada 7
7. Botões florais 2,5–3 mm compr. com o hipanto densamente alvo-pubérulo, contrastando com os lobos do cálice glabros; ramos da inflorescência robustos e aplanados **6.10 M. littoralis**
- 7'. Botões florais ca. 2 mm compr. com hipanto e lobos do cálice uniformemente glabros; ramos da inflorescência delgados **6.15 M. ramuliflora**
- 6'. Folhas predominantemente elípticas ou ovadas; ápice acuminado, grosso-acuminado ou arredondado; base da folha obtusa ou arredondada 8
8. Nervuras secundárias igualmente prominulas em ambas as faces; panículas delicadas,

- com (3–)12–40 flores, surgindo em fascículos de 1–3 por axila, até 5 por nó; bagas amadurecendo na sequência rosa-pálido, carmim do lado da insolação e finalmente atropurpúreas (Fig. 3G) **6.13 M. polyantha**
- 8'. Nervuras secundárias ou inconspícuas em ambas as faces, ou mais proeminentes na face abaxial do que na adaxial; panículas solitárias por axila, com 30 a mais de 100 flores; bagas passando por um estágio vermelho-vivo antes de se tornarem atropurpúreas 9
9. Ritidoma do tronco esbranquiçado, liso, esfoliante (tipo goiabeira); nervuras secundárias invisíveis no campo, inconspícuas em ambas as faces em material herborizado **6.3 M. decorticans**
- 9'. Ritidoma do tronco levemente fissurado; nervuras secundárias invisíveis no campo (Fig. 1G), conspícuas em ambas as faces em material herborizado **6.4 M. guianensis**
- 5'. Plantas de matas e capoeiras 10
10. Panículas geralmente com mais de 100 flores; botões florais ca. 2 mm compr. 11
11. Folhas secando enegrecidas a castanho avermelhado intenso; pecíolo geralmente 1–2 mm compr.; rara em Sergipe **6.1 M. amazonica**
- 11'. Folhas secando esmaecidas, oliváceas a castanho-acinzentadas; pecíolo 2–4 mm compr.; comum em Sergipe **6.3 M. decorticans**
- 10'. Panículas paucifloras com (3–)12–30 flores; botões florais 3–5 mm compr. 12
12. Cálice com lobos ornamentados por 5 flanges dorsais auriculiformes; pecíolo recurvado-aplanado na face ventral **6.22 M. verrucosa**
- 12'. Cálice com lobos triangulares não ornamentados; pecíolo profundamente canaliculado em forma de U na face ventral **6.14 M. racemosa**
- 2'. Plantas essencialmente indumentadas; folhas expandidas, ramos da inflorescência, flores e bagas imaturos conspicuamente indumentadas (folhas velhas às vezes glabrescentes, mas com persistência de pelos ao longo da nervura mediana) 13
13. Folhas obovadas ou espatuladas (maior largura na metade superior da folha) 14
14. Gemas protegidas por catáfilos imbricados que subtendem as inflorescências jovens e folhas imaturas; ápice foliar acuminado ou agudo; nervação broquidódroma convencional, sem formar nervura marginal; folhas adultas planas 15
15. Razão foliar 2,6–4; botões florais obpiriformes, constrictos no ápice do hipanto **6.9 M. laruotteana**
- 15'. Razão foliar 1,2–1,8; botões florais obovais **6.21 M. tomentosa**
- 14'. Gemas não protegidas por catáfilos; ápice foliar arredondado a retuso; base foliar aguda a atenuada; folhas adultas revolutas **6. 18 Myrcia sp. nov. 3**
- 13'. Folhas em sua maioria do tipo elípticas (maior largura no meio da folha) 16
16. Folhas 2–3,5 cm compr., revolutas; tricomas alvos, lisos, ascendentes, com aspecto penteado **6.12 Myrcia sp. nov. 2**
- 16'. Folhas (1,5–)12,8 cm compr., revolutas ou não; tricomas avermelhados, ocráceos ou, se alvos, curtos, frágeis e retorcidos 17
17. Tricomas esbranquiçadas; sépalas desiguais, sendo dois menores externos e três maiores internos **6.5 M. hirtiflora**
- 17'. Tricomas avermelhados ou ocráceos; sépalas aproximadamente iguais 18
18. Botões florais ca. 2–3 mm compr., com globo petalífero glabro; frutos com uma

construção entre os lobos calicinos e a baga **6.4 M. guianensis**
 18'. Botões florais ca. 3,5–4 mm compr., com globo petalífero densamente ocráceo ou bege-pubescente; bagas coroadas pelos lobos calicinos eretos, sem constricção 19
 19. Pecíolo 3–7 mm compr.; folhas com ápice arredondado **6.6 M. ilheosensis**
 19'. Pecíolo 0,5–4 mm compr.; folhas com ápice agudo a obtuso (pequeno acúmen mucronado comum nas folhas jovens) **6.16 M. rosangelae**
 1'. Hipanto não prolongado em tubo acima do nível de inserção do estilete 20
 20. Folhas lanceolado-ovadas, ovadas, largo elípticas, sub-rotundas 21
 21. Folhas com base arredondada a cordada **6.17. M. salzmannii**
 21'. Folhas com base aguda ou atenuada 22
 22. Pecíolo \geq 4 mm compr.; Panículas multifloras, com mais de 20 flores; botões florais piriforme-turbinados **6.2. M. bergiana**
 22'. Pecíolo \leq 2 mm compr.; Panículas paucifloras, com menos de 20 flores; botões florais ovados **6.20. M. sylvatica**
 20'. Folhas elípticas a estriato elípticas, lanceolado-elípticas 23
 23. Panículas paucifloras, com menos de 20 flores **6.8. Myrcia sp. nov. 1**
 23'. Panículas multifloras, com mais de 20 flores 24
 24. Inovações densamente ferrugíneo-seríceas, tricomas ferrugíneo-escuros ou acinzentados; panículas subapicais; bractéolas rudimentares; lobos do cálice semicirculares; bagas oblatas **6.2. M. bergiana**
 24'. Inovações pubérulas a pubescentes, tricomas amarelados a ferrugíneos; panículas axilares; bractéolas lanceoladas; lobos do cálice arredondados a truncados; bagas elipsoides **6.19. M. splendens**

6.1. Myrcia amazonica DC., Prodr. 3: 250. 1828.

Arbustos até árvores 3 m alt., glabros exceto pelas inovações pubérulas; ritidoma do tronco avermelhado, esfoliante. Folhas 5,7–7,4 x 3,9–5,3 cm, elípticas, razão foliar 1,4–1,8, ápice obtuso ou arredondado, base obtusa; limbo foliar marrom no material exsiccado, face adaxial com nervura mediana impressa; nervuras secundárias subpatentes formando uma nervura marginal crenulada; pecíolo 1–2(–5) mm compr. Panícula terminal única ou aos pares nas axilas terminais superiores, piramidais, multifloras (mais de 50 flores), com ca. 7–10 cm compr., ramos achatados, laxos, flores frequentemente sésseis agregadas em tríades nos ápices dos ramos. Botões florais 1,75–2,5 mm compr., obovados; lobos do cálice triangulares ou truncados, revolutos, glandulosos, com ca. 1 mm compr.; hipanto levemente prolongado em taça acima do nível de inserção do ovário; estames em 1–2 verticilos. Bagas maduras não vistas em Sergipe, globosas ou oblatas com 4–6 mm diâm.; sementes 1(–3) (descrição baseada na literatura, vide Comentários).

Comentários: Espécie próxima de *M. decorticans*, com apenas duas coletas em Sergipe; descrição do fruto é baseada em (descrição baseada na literatura, vide Comentários). Ocorre desde a América Central, Bolívia e até o sul do Brasil (Govaerts *et al.*, 2008). No

Brasil ocorre nas regiões Norte (Acre, Amapá, Amazonas, Pará e Roraima), Nordeste (Bahia, Maranhão, Pernambuco e Sergipe), Centro-Oeste (Goiás e Mato Grosso), Sudeste (Espírito Santo, Minas Gerais, Rio de Janeiro e São Paulo) e Sul (Paraná e Santa Catarina) (Sobral *et al.*, 2013, nova ocorrência em Sergipe é aqui registrada). Encontrada nos domínios da Amazônia, Cerrado e Mata Atlântica (Sobral *et al.*, 2013). Em Sergipe, foi registrada em mata subperenifólia e capoeira de mata; a descrição do fruto foi baseada em McVaugh (1950). Floresce em agosto e frutifica em novembro.

Material selecionado: **BRASIL. Sergipe:** Salgado, VIII/1982, 11°01'55"S, 37°28'30"W, fl., *G. Viana 576* (ASE, UB); Santa Luzia do Itanhhy, XI/1993, 11°21'03"S, 37°26'54"W, fr., *S.C. Sant'ana et al. 438* (ASE, RB).

6.2. Myrcia bergiana O. Berg, Fl. Bras. 14(1): 194. 1857.
 Figs. 1E, 1F, 2A, 3E

Arbustos a árvores 4–10 m alt.; ritidoma do tronco levemente fissurado; inovações densamente ferrugíneo-seríceas em ambas as faces, face ventral das folhas glabrescente, a deciduidade dos tricomas se iniciando na borda da folha que se torna vernicosa na maturidade; face dorsal permanecendo serícea; tricomas ferrugíneo-escuros tornando-se acinzentados com a idade. Folhas 5,4–13,5 x 2,3–6,1 cm, estreito a largo-elípticas ou lanceolado-elípticas, razão foliar 1,8–2,7, margem finamente revoluta a quase plana; ápice agudo, acuminado a finamente caudado, base aguda a atenuada, face ventral com nervura mediana sulcada, nervuras secundárias e terciárias sutilmente elevadas; pecíolo 4–12 mm compr., um tanto robusto, fortemente canaliculado. Panículas subapicais, 20–120 flores, piramidais; botões florais maduros ca. 3 mm compr., piriforme-turbinados, bractéas estreito-oblongas, 2–3mm, bractéolas rudimentares, ambas cedo caducas; lobos do cálice adpressos ao globo petalífero, 1,25–1,75, semicirculares, levemente desiguais, o mais interno truncado e ligeiramente maior, os externos arredondados ou obtusos no ápice; estames 2–3 verticilos. Bagas ca. 6 x 7 mm, um tanto oblatas quando maduras, amadurecendo na sequência amarelas, vináceas e finalmente atropurpúreas; lobos do cálice persistentes, eretos, com os ápices encurvados para dentro.

Comentários: As coletas examinadas diferem das da Bahia pelas inflorescências com menor número de flores, flores um pouco maiores e frutos menores. Espécie endêmica do Brasil, ocorrendo nas regiões Nordeste (Alagoas, Bahia Rio Grande do Norte, Pernambuco e Sergipe) e no Sudeste (Espírito Santo) (Sobral *et al.*, 2013; nova ocorrência em Sergipe é aqui registrada). Encontrada nos domínios da Mata Atlântica e Caatinga (Sobral *et al.*, 2013). Em Sergipe, ocorre em Floresta subperenifólia, Mata higrófila, Mata costeira e Restinga. Floresce de abril a junho e frutifica de abril a julho.

Material selecionado: **BRASIL. Sergipe:** Barra dos Coqueiros, IV/1997, 10°54'32"S, 37°02'19"W, fr., *M.F. Landim et al. 1153* (ASE, UB); Estância, III/2012, 11°15'59"S, 37°16'14"W, fl., *C. Proença et al. 4049* (ASE, UB); Indiaroba: VI/2012, fr., *M.C.V. Farias et al. 95* (ASE);

Itaporanga d'Ajuda, VII/2008, 10°59'53"S, 37°18'38"W, fr., *I.S. Matos et al. 54* (ASE, UB); Pirambu, V/2012, 10°41'11"S, 36°50'31"W, 0-80 m alt., fr., *A.P. Prata et al. 2977* (ASE); Santa Luzia do Itanhy, IV/2012, 11°24'24"S, 37°25'86"W, *R.M. Deda et al. 80* (ASE); Santo Amaro das Brotas, VI/2011, 10°47'24"S, 37°03'00"W, fl., *J.E. Nascimento Jr. et al. 950* (ASE, UB).

Material adicional examinado: **BRASIL. Bahia:** Alagoinhas: XII/1999, 12°08'S, 38°26'W, 120-150 m alt., bot., *N.G. Jesus et al. 331* (HUNEB, UB); Entre Rios: I/1997, 12°32'44"S, 40°07'32"W, 120-150 m alt., bot., *N.G. Jesus et al. 75* (HUNEB, UB); Maraú: I/1988, bot., *E.B. Santos 230* (UB); Santa Cruz Cabralia: III/1967, 16°17'S, 39°02'W, bot., *R.P. Belém et al. 3317* (UB); Valença: XII/1980, 3°19'S, 39°00'W, 10 m alt., bot., *L.A.M. Silva et al. 1286* (UB).

6.3. *Myrcia decorticans* DC., Prodr. 3: 252. 1828.

Nomes populares: araçá, araçá-branco, araçá-de-birro, candeia, murta, murta-cheirosa, murta-roxa, pirunga

Fig. 2C

Arbustos até árvores 1-9 m alt., glabros exceto pelas inovações pubescentes, nervura mediana das folhas pubescente-hirsuta na face abaxial das folhas novas; tricomas ferrugíneos; ritidoma do tronco esbranquiçado, liso, esfoliante (tipo goiabeira). Folhas 2,8-12,8 x 1,1-8,1 cm, largo-elípticas, subrotundas ou levemente ovadas, razão foliar 1,2-3,6, ápice agudo, arredondado ou levemente acuminado, base atenuada, obtusa ou arredondada; margem revoluta, nervura principal impressa na face adaxial, nervação secundária inconspícua em ambas as faces. Panículas terminais ou nas axilas distais, multifloras (mais de 100 flores), 4-13,5 cm compr., piramidais. Botões florais ca. 2 mm compr., obovados, com bractéolas persistentes, lineares, ca. 1 mm compr.; lobos do cálice ovados, glandulosos, 0,5-1 mm compr., estames 20-30 em 2 verticilos. Bagas glandulosas, subglobosas a oblatas, 4-8 x 6 mm, amadurecendo na sequência verdes, vermelhas e atropurpúreas; lobos do cálice persistentes, amarelados a amarronzadas; sementes com 4-5 mm diâm., com testa membranácea, lisa, amarelo-amarronzada, com fenda visível; embrião mircioide, glanduloso, ca. 3 mm compr.

Comentários: No Brasil, ocorre nas regiões Norte (Amapá e Pará) e Nordeste (Alagoas, Bahia e Sergipe), nos domínios da Amazônia e Mata Atlântica (Sobral *et al.*, 2013). Em Sergipe é uma das espécies de Myrtaceae mais comumente coletadas em mata, mata atlântica e mata de altitude (Serra de Itabaiana, Serra Comprida), embora ocorra também em vegetação secundária savaniforme localmente chamada de cerrado e, raramente, em mata de restinga. Floresce de setembro a março e apresenta frutos de outubro a agosto. Material selecionado: **BRASIL. Sergipe:** Areia Branca, VIII/2008, bot., fr., *T.V.P. Dantas et al. 32* (ASE); Capela, IV/2012, 10°31'10"S, 37°03'05"W, fr., *L.A. Gomes et al. 427* (ASE); Cristinápolis, III/1995, 11°28'32"S, 37°45'19"W, bot., fl., *M.F. Landim 273* (ASE); Estância, out.1993, J.G. Jardim 333 (ASE, NY, RB); Indiaroba, III/2000, 11°31'09"S, 37°30'42"W, fr., *M.F. Landim 1476* (ASE); Itabaiana, VIII/2007, 10°41'06"S, 37°25'31"W, bot., fr., *J.E. Nascimento Jr. 114* (ASE); Itaporanga d'Ajuda, VI/2009, fr., *I.S. Matos et al. 177* (ASE); Japarutuba, V/1997,

10°35'36"S, 36°56'25"W, fr., *M.F. Landim et al. 1253* (ASE, UB); Japoatã, XI/1982, 10°20'48"S, 36°48'04"W, fl., *E.M. Carneiro 755* (ASE); Lagarto, IX/2010, fl., *C.S. Santos 415* (ASE); Malhada dos Bois, IX/1974, 10°20'58"S, 36°55'27"W, fl., *M. Fonseca s.n.* (ASE 103) (ASE); Pirambu, IX/1994, 10°44'16"S, 36°51'22"W, *M.F. Landim 734* (ASE, UB); Santa Luzia do Itanhy, III/2000, 11°21'03"S, 37°26'54"W, fr., *M.F. Landim et al. 1480* (ASE, UB); São Cristóvão, III/2010, fr., *D.S. Melo et al. 95* (ASE).

6.4. *Myrcia guianensis* (Aubl.) DC., Prodr. 3: 245. 1828.

Nomes populares: araçá, cu-de-nego, murta-tereza

Figs. 1G, 4E, 4L

Arbustos até árvores 2-8 m alt., essencialmente glabros; ritidoma do tronco cinza, áspero, fissurada nas árvores velhas. Folhas 1,5-7,4 x 1,3-3,8 cm, elípticas ou ovadas, raro obovadas, razão foliar 1,1-2,5, ápice arredondado ou obtuso, às vezes emarginado, base obtusa ou às vezes arredondada, margem revoluta; ambas as faces lustrosas, face abaxial glandulosa; pecíolos 2-3mm, canaliculados, robustos. Panículas multifloras geralmente terminais às vezes também nas axilas distais, ca. 4-15 cm compr.; botões florais 2-3 mm compr., bractéolas lineares, geralmente persistentes, 0,5-1 mm compr.; lobos do cálice arredondados, glandulosos e ciliados, ca. 1 mm compr.; estames ca. 50 em 1-2 verticilos; hipanto prolongado em taça acima do nível de inserção do estigma. Bagas subglobosas, glandulosas, 4-6 x 6-7 mm, amadurecendo na sequência creme, rosa, vermelho e atropurpúreas quando maduras, coroadas pelo hipanto constricto e lobos do cálice cuculados, atropurpúreos; sementes 1(-3) por fruto, 3 mm diâm., testa coriácea e amarelada; fenda enegrecida com hilo branco conspicuo; embrião típico mircioide, glandular, verde no material fresco.

Comentários: Espécie amplamente distribuída na América do Sul (Govaerts *et al.*, 2008) sendo que no Brasil ocorre nas regiões Norte (Acre, Amazonas, Amapá e Pará), Nordeste (Alagoas, Bahia, Ceará, Pernambuco, Rio Grande do Norte e Sergipe), Centro-oeste (Goiás, Mato Grosso do Sul e Mato Grosso), Sudeste (Espírito Santo, Minas Gerais, Rio de Janeiro e São Paulo) e Sul (Rio Grande do Sul e Santa Catarina) (Sobral *et al.*, 2013; nova ocorrência em Sergipe é aqui registrada). Encontrada nos domínios da Amazônica, caatinga, Cerrado e Mata Atlântica (Sobral *et al.*, 2013). Em Sergipe, ocorre em áreas de restinga, dunas e mata atlântica. Floresce praticamente o ano todo, de dezembro a setembro, e frutifica também em quase todos os meses, com maior frequência de coletas entre março e junho.

Material selecionado: **BRASIL. Sergipe:** Areia Branca, IX/1995, 10°45'28"S, 37°18'55"W, fr., *M.F. Landim et al. 667* (ASE, HUEFS); Barra dos Coqueiros, IV/1997, 10°54'32"S, 37°02'19"W, fr., *M.F. Landim et al. 1141* (ASE, UB); Capela, IV/2012, 10°31'10"S, 37°03'05"W, fr., *L.A. Gomes et al. 414* (ASE); Estância, III/2012, 11°15'33"S, 37°16'25"W, 12 m alt., bot., fr., *C. Proença et al. 4081* (ASE, UB); Indiaroba, VI/2003, *G. G. Hatschbach 75665* (BHCB, CEPEC); Itabaiana, III/1996, bot., fl., *M.F. Landim et al. 896* (ASE, UB); Itaporanga d'Ajuda, IV/2012, *M.F. Landim et al. 1612* (ASE); Lagarto, IX/2008, 10°55'02"S, 37°39'00"W, fl., *C.S. Santos 298* (ASE); Pacatuba,

VI/2012, 10°31'50"S, 36°36'55"W, fr., *D. Oliveira et al.* 425 (ASE); Pirambu, VI/2012, 10°40'54"S, 36°48'58"W, 0-51 m alt., fr., *A.P. Prata et al.* 3075 (ASE); Poço Redondo, VI/2010, 9°56'25"S, 37°55'21"W, fr., *W.J. Machado et al.* 497 (ASE); Salgado, XII/2009, 11°01'48"S, 37°28'48"W, bot., *D.G. Oliveira et al.* 33 (ASE); Santa Luzia do Itanhy, VI/2012, 11°23'59"S, 37°25'43"W, fr., *L.A. Gomes et al.* 543 (ASE); Santo Amaro das Brotas, VI/2011, fr., *J.E. Nascimento Jr. et al.* 1014 (ASE); São Cristóvão, III/1987, 11°00'53"S, 37°12'23"W, fl., fr., *G. Viana* 1693 (ASE).

6.5. *Myrcia hirtiflora* DC., Prodr. 3: 249. 1828.

Fig. 3H

Arbustos até árvores 2,5–9 m alt., hispídulos a lanuginosos; tricomas cremes a branco-sórdidos tornando-se nigrescentes sobre as nervuras principais das folhas velhas, hispídulo-ascendentes sobre os ramos e sobre a nervura mediana da folha, mais finos e lanuginosos sobre a inflorescência, flores e bagas; ramos lisos, esfoliando em finas tiras. Folhas 3,5–9,1 x 1,6–4,8 cm, elípticas a levemente obovadas, margens planas a fortemente revolutas nas folhas velhas, razão foliar 1,6–3,1, ápice arredondado a abrupto-acuminado, às vezes obtuso com extremo ápice arredondado, base geralmente arredondada ou obtusa, raro subaguda; nervuras mediana plana e secundárias proeminentes na face adaxial; pecíolos 3–8 mm compr., secando enegrecidos. Panículas nas axilas terminais, 30–140 flores, 5,5–12 cm compr., ramos racemosos, flores sésseis; brácteas 1,5–2 mm compr., bractéolas rudimentares, lineares, caducas; botões florais 2,25–3 mm compr.; lobos do cálice desiguais, 0,5–1,5 mm compr., sendo dois menores externos e três maiores internos, os dois menores deltoides, os três maiores um deltoide de ápice agudo e dois largo-oblongos de ápice arredondado; estames em ca. 2 verticilos; hipanto prolongado em taça acima do nível de inserção dos estames. Bagas globosas, ca. 9–10 mm diâm., densamente lanuginosas até próximos da maturação, amadurecendo na sequência verde-pálido, lilás e finalmente atropurpúreas, esparso-pilosas quando maduras; sépalas persistentes, revolutas; sementes 1(–3).

Comentários: O nome *Myrcia neobullata* Mattos (nome supérfluo) tem sido utilizado para esta espécie (Sobral et al., 2013) e *Myrcia hirtiflora* equivocadamente tratada como um sinônimo de *M. tomentosa*; este engano pode ser corrigido graças às imagens de alta resolução de um isótipo recentemente disponibilizado pelo herbário M; a sinonimização de *M. neobullata* e restauração de *M. hirtiflora* está sendo publicada à parte. Espécie endêmica do Brasil, ocorrendo apenas na região Nordeste (Bahia e Sergipe) (Sobral et al., 2013; nova ocorrência em Sergipe é aqui registrada). Encontrada nos domínios da Amazônica e Mata Atlântica (Sobral et al., 2013). Em Sergipe ocorre em restinga, restinga arbustiva, mata de restinga, borda de mata, interior de mata. Floresce de novembro a janeiro e frutifica de janeiro a julho.

Material selecionado: **BRASIL. Sergipe:** Estância, III/2012, 11°15'59"S, 37°16'14"W, fr., *C. Proença et al.* 4067 (ASE, UB); Itabaiana, IV/1991, 10°41'06"S, 37°25'31"W, fr., *M.L. Santos* 126 (ASE); Japarutuba, VI/2010, fr., *V. Santos et al.* 25 (ASE); Santa Luzia do Itanhy, I/1996,

11°21'03"S, 37°26'54"W, fl., *M.F. Landim et al.* 799 (ASE, UB); Santo Amaro das Brotas, I/1992, 10°47'20"S, 37°03'16"W, fl., *C. Farney* 2910 (CEPEC, RB, SP).

Material adicional examinado: **BRASIL. Bahia:** Ilhéus, I/1993, 14°40' S, 39°06' W, fl., fr., *W.W. Thomas et al.* 9551 (UB); Itacaré, I/1967, bot., R.P. Belém et al. 2975 (UB); Maraú, VI/1979, 14°04' S, 38°57' W, fr., *L.A.M. Silva et al.* 450 (UB).

6.6. *Myrcia ilheosensis* Kiaersk., Enum. Myrt. Bras.: 109. 1893.

Árvores 6–8,5 m alt., densamente pubérulo-velutinas nas inovações, inflorescências, botões florais (inclusive pétalas) e bagas jovens; tricomas cinza-amarronzados, tornando-se enegrecidos com a idade; ritidoma do caule estriado. Folhas 4,5–8,8 x 3,1–5,5 cm, largo-elípticas, razão foliar 1,2–1,8, ápice arredondado, base truncada, arredondada a obtusa, decorrente no pecíolo; face ventral com a nervura mediana sutilmente impressa com tricomas persistentes; pecíolos 3–7 mm compr., robustos. Panículas nas axilas terminais e superiores, 1 panícula por axila, longo-pedunculadas, pedúnculos 4–5,4 cm compr.; ápices das inflorescências com cimeiras congestas com flores centrais sésseis e laterais curto-pediceladas. Botões florais 3,5–4 mm compr.; bractéolas subfoliáceas, 2,5–8 mm compr., caducas nos botões florais muito jovens; lobos do cálice subiguais, 1–1,5 mm compr., largo-deltoides a arredondados; hipanto levemente prolongado em taça acima do nível de inserção do estilete; estames em 2 verticilos compactos. Bagas (não vistas em Sergipe), ca. 7 mm diâm., globosas, vináceas, com lobos do cálice eretos, imbricados, formando uma coroa compacta.

Comentários: Espécie endêmica do Brasil, ocorrendo nas regiões Nordeste (Bahia e Sergipe), Sudeste (Espírito Santo, Rio de Janeiro e São Paulo) e Sul (Paraná, Rio Grande do Sul e Santa Catarina) (Sobral et al., 2013; nova ocorrência em Sergipe é aqui registrada). Encontrada no domínio da Mata Atlântica (Sobral et al., 2013). Em Sergipe, ocorre em mata subperenifólia e restinga arbustiva. Floresce em janeiro e frutifica entre março e maio.

Material selecionado: **BRASIL. Sergipe:** Itabaiana, I/1999, 10°41'06"S, 37°25'31"W, *M.F. Landim* 1399 (ASE); Santo Amaro das Brotas, III/1991, 10°47'20"S, 37°03'16"W, fr., *C. Farney* 2710 (RB).

Material adicional selecionado: **BRASIL. Bahia.** Abaíra, V/1992, 13°20' S, 41°53' W, 1800 m alt., fr., *W. Ganey* 355 (UB).

6.7. *Myrcia insularis* Gardner, London J. Bot., 1: 536, 1842.

Árvores 2–3 m alt.; ramos jovens, pecíolos, ramos da inflorescência pubescentes; face interna das sépalas seríceas; folhas glabrescentes, persistindo alguns tricomas na porção basal da nervura mediana; flores glabras; tricomas frágeis, diminutos, ocráceos. Folhas 9,7–13,1 x 4,9–6,4 cm, elípticas ou estreito-elípticas, razão foliar 1,9–3, ápice acuminado,

base aguda ou subobtusada decorrente no pecíolo, margens planas, nervuras laterais delicadamente salientes em ambas as faces e formando uma conspícua nervura marginal externa a ca. 1,5(-3,5) mm da margem das folhas e uma marginal interna visível apenas sob lupa; pecíolo 4-7 mm compr., robusto, planado na face ventral. Panículas multifloras, com 150-200 flores, amplamente superando as folhas, nas axilas superiores, 10-25 cm compr., longo-pedunculados, os ramos longos, achatados, e angulosos; pedúnculos 5,5-10,2 cm compr.. Botões florais ca. 2 mm compr., obovados, os distais geralmente sésseis; lobos calicinos muito desiguais, 2 diminutos, ca. 0,5 mm compr., 2 semicirculares a truncados ca. 1 mm compr., e o lobo interno cuculado, 2-2,25 mm compr.; estames 1-2 verticilos; tubo do hipanto levemente prolongado em taça acima do ponto de inserção do estilete. Bagas (imaturas) ca. 6 mm diâm., subglobosas; lobos do cálice persistentes, imbricados.

Comentários: Espécie endêmica do Brasil, ocorrendo nas regiões Nordeste (Pernambuco, Sergipe e Bahia), Sudeste (Espírito Santo, Rio de Janeiro e São Paulo) e Sul (Paraná) (Sobral *et al.*, 2013; nova ocorrência em Sergipe é aqui registrada), no domínio da Mata Atlântica (Sobral *et al.*, 2013). Em Sergipe foi registrada em mata, sendo, porém, comumente coletada em restinga em São Paulo e no Paraná. Conhecida em Sergipe a partir de uma única coleta. Floresce em dezembro.

Material examinado: **BRASIL. Sergipe:** Japarutuba, XII/2010, fl., *C.M. Donádio 108* (ASE).

6.8. *Myrcia* sp. nov. 1 [submetido a Phytotaxa]

Figs. 5F, 5G, 5H

Arvoreta a árvore 10-14,8 m alt., todas as partes densamente pubescentes quando novas, inclusive pétalas e bagas, mas face adaxial das folhas e bagas glabrescentes com a idade; tricomas ocráceo-ferrugíneos finos nas folhas. Folhas 8,1-15,4 x 2,2-5,7 cm, elípticas, razão foliar 2,3-3,3, ápice agudo, longo-acuminado ou atenuado, base aguda ou obtusa, revoluta; face adaxial da folha nova opaca e reticulada, madura lustrosa e levemente bulada, com nervura mediana sulcada na face ventral, as secundárias e terciárias imperceptivelmente elevadas em retículo; pecíolo 4-8 mm compr., robusto. Flores em panículas paucifloras nas axilas foliares terminais, longo-pedunculadas, com 4-5 nós e ca. 4-18 flores, pedúnculos 1,3-2,6 cm compr.; botões florais maduros não vistos, imaturos totalmente envolvidos pelas brácteas, ca. 3,5-4 mm compr.; lobos do cálice desiguais, imbricados, com 2 lobos do cálice totalmente externos, 2 totalmente internos e o quinto lobo com uma margem interna e a outra externa, 2,5-3 mm compr.; estames em 2-3 verticilos, estilete 5-7 mm compr. com tricomas na base; ovário bilocular, 2-ovulado por lóculo. Bagas levemente oblatas, ca. 7-10 mm diâm., atropurpúreas e glabras na maturidade, coroadas pelos lobos do cálice ereto-explanados, densamente pubescentes.

Comentários: Espécie aparentemente endêmica da Mata Atlântica, com distribuição na Bahia e Sergipe, encontrada em mata costeira e mata subperenifolia. Esta espécie faz

parte da dieta do macaco guigó (*Callicebus coimbrai*), um primata recentemente descrito e de distribuição também restrita a Bahia e Sergipe (Souza-Alves *et al.*, 2010). Floresce em março e frutificação em julho.

Material examinado: **BRASIL. Sergipe:** Indiaroba, III/2009, 11°31'S, 37°31'W, bot., *C. Gomes et al.* 282 (ASE, UB); Itaporanga d'Ajuda, VII/2009, 11°00'00"S, 37°18'36"W, *J.P.S. Alves s.n.* (ASE 15430).

Material adicional examinado: **BRASIL. Bahia:** Camamu, III/1967, 13°57' S, 39°06' W, fl., *R.P. Belém et al.* 3364 (UB); Entre Rios, VI/1998, 12°54'55"S, 40°12'56"W, 120-150 m alt., *N.G. Jesus et al.* 539 (HUNEB, UB); Una, VIII/1995, c. 15°05' S, 39°03' W, fr., *A.M. de Carvalho et al.* 6073 (RB, SP, UB, UPCB).

6.9. *Myrcia laruotheana* Cambess., Fl. Bras. Merid. 2: 311. 1832.

Arbusto a arvoreta 2 m a arvoreta 3 m, pubescente-estrigoso sobre as inovações, persistindo na nervura mediana na face dorsal da folha madura; tricomas alvos e ralos. Caule liso, esfoliante (tipo goiabeira); ramos em braquiblastos ou mais raro entrenós alongados; gemas hirsutas, comprimidas perpendicularmente ao plano de compressão dos ramos. Folhas 2,6-6,1 x 1-1,9 cm, elípticas, razão foliar 2,6-4, ápice agudo ou atenuado-acuminado, base aguda, obtusa ou subrotunda, nervura mediana sulcada nas folhas velhas; pecíolo 4-5 mm compr., delgado, canaliculado-aplanado na face ventral. Panículas axilares no 1o. e 2o. nós dos braquiblastos, subtendidos por brácteas ou folhas normais; pedúnculos 2,5-5 cm compr. Botões florais ca. 3 mm compr., sésseis, piriformes, nitidamente constrictos entre o hipanto e o globo petalífero; bractéolas muito cedo caducas; lobos do cálice 0,5-0,75 mm, desiguais, cuculado-deltoides, obtusos a arredondados, ciliados, com concentração de pelos no ápice, reflexos na flor; estames ca. 70 em 1-2 verticilos. Bagas 3-5 mm diâm., globosas, amadurecendo na sequência rosa, carmim e atropurpúrea; lobos do cálice persistentes, revolutas, castanhas (secas) na maturidade do fruto; sementes 1(-2).

Comentários: No Brasil, é amplamente distribuída nas regiões Norte (Tocantins), Nordeste (Maranhão e Sergipe), Centro-Oeste (Distrito Federal, Mato Grosso do Sul e Mato Grosso), Sudeste (Espírito Santo, Minas Gerais e São Paulo) e Sul (Paraná e Santa Catarina) (Sobral *et al.*, 2013, novas ocorrências na Bahia, Sergipe e Piauí são aqui registradas). Encontrada nos domínios da Amazônia, Caatinga, Cerrado e Mata Atlântica (Sobral *et al.*, 2013). Em Sergipe, foi registrada em mata. A única coleta de Sergipe estava em botão e foi feita em março.

Material examinado: **BRASIL. Sergipe:** Lagarto, III/2009, 10°55'12"S, 37°39'00"W, bot., *D.S. Melo 24* (ASE, UB).

Material adicional examinado: **BRASIL. Bahia: Marau:** II/1980, 13°59'10"S, 38°57'02"W, fr., *A.M. de Carvalho et al.* 181 (K, RB).

6.10. *Myrcia littoralis* DC., Prodr. 3: 249 1828.

Arbustos ou árvores 2,5–10 m alt., glabérrimos exceto densa puberulência sobre o hipanto e pelos esparsos sobre ramos vegetativos e das inflorescências; tricomas alvos, adpressos, ascendentes. Folhas 2,4–3,8 x 1,4–2,5 cm, obovadas ou largo-elípticas, razão foliar 1,5–2,2, ápice arredondado emarginado ou obtuso, base aguda, margens planas, quando maduras coriáceas, com a nervura mediana levemente impressa, avênia; pecíolos 2–3,5 mm compr., secando enegrecidos. Panículas terminais, às vezes com fraco desenvolvimento vegetativo da gema apical que forma algumas folhas reduzidas, 6–9 cm compr., ca. 20–100 flores, os ramos dicotômicos, aplanados, rugosos, terminando em tríades de flores, pedúnculo 0–1,5 cm compr.; botões florais 2,5–3 mm compr., turbiniformes; lobos do cálice, iguais, mais largos do que longos, deltoides ou arredondados, glandulosos; hipanto prolongado em taça acima do nível de inserção do estilete. Bagas ca. 7 mm diâm., globosas, amadurecendo na sequência verde-oliva, vináceo e finalmente atropurpúreas, com alguns pelos alvos na base sob lupa, coroadas pelo tubo do hipanto constrito e pelos lobos do cálice explanado-incurvos; semente 1.

Comentários: Espécie endêmica do Brasil, ocorrendo apenas nas regiões Nordeste (Bahia, Pernambuco e Sergipe) e Sudeste (Espírito Santo) (Sobral *et al.*, 2013; nova ocorrência em Sergipe é aqui registrada), no domínio da Mata Atlântica (Sobral *et al.*, 2013). Em Sergipe ocorre em restinga. Floresce em novembro.

Material examinado: **BRASIL. Sergipe:** Santo Amaro das Brotas, XI/1991, bot., C. Farney 2829 (RB).

Material adicional examinado: **BRASIL. Bahia:** Belmonte, I/1967, 15°51'47"S, 38°52'58"W, fl., R.P. Belém *et al.* 3208 (UB); Ilhéus, VI/1995, 14°59'37"S, 39°02'21"W, fr., W.W. Thomas *et al.* 10953 (NY, UB).

6.11. *Myrcia lundiana* Kiaersk., Enum. Myrt. Bras.: 78. 1893.

Nomes populares: canela-de-tabuleiro, limãozinho

Arbustos 2–4 m alt., glabros exceto lobos do cálice pubérulos. Folhas 3–9,4 x 1,4–4,9 cm, amareladas quando herborizadas; ovadas, largo-ovadas, raro elípticas; razão foliar 1,2–2,7, ápice acuminado, acúmen obtuso; nervura mediana sulcada na face adaxial; secundárias e terciárias obscuramente e igualmente proeminentes na face abaxial formando um retículo; pecíolos avermelhados *in natura*, canaliculados, 4–9 mm compr.; panículas axilares multifloras, 6,5–9,5 cm compr.; eixos da inflorescência vinho *in natura*; botões florais 1–4 mm compr.; bractéolas lineares e glandulosas, pubérulas, 1–2 cm compr.; lobos do cálice glandulosos, triangulares, menores que 1 mm compr.; estames em 1–2 verticilos. Bagas subglobosas, ca. 6 mm compr., ca. 7 mm diâm., vináceas quando maduras; lobos do cálice persistentes, hipanto elevado em tubo. Sementes 7 mm compr., testa lisa, coriácea, amarelada; fenda conspícua; embrião tipicamente mircioide,

glandular, marrom.

Comentários: Espécie endêmica do Brasil, ocorrendo apenas nas regiões Nordeste (Sergipe) e Sudeste (Espírito Santo e Rio de Janeiro) no domínio da Mata Atlântica (Sobral *et al.*, 2013). Em Sergipe, ocorre em mata atlântica, restinga arbustiva, restinga alta, e restinga sobre areia branca. Notável pelo forte aroma cítrico-resinoso nas folhas. Floresce de agosto a novembro e pode ser encontrada com frutos de novembro a junho, com a maturação dos frutos ocorrendo de abril a junho.

Material selecionado: **BRASIL. Sergipe:** Areia Branca, XI/2010, fl., C.S. Santos 428 (ASE); Barra dos Coqueiros, IV/1997, 10°54'32"S, 37°02'19"W, fr., M.F. Landim *et al.* 1140 (ASE, UB); Estância, III/2012, 11°15'35"S, 37°16'22"W Alt: -2m, fr., C. Proença *et al.* 4076 (ASE, UB); Itabaiana, XI/1986, 10°41'06"S, 37°25'31"W, fl., G. Viana 1653 (ASE, UB); Itaporanga d'Ajuda, IV/2012, M.F. Landim *et al.* 1613 (ASE); Japarutuba, IV/2012, 0-94 m alt., fr., M.C.V. Farias *et al.* 77 (ASE); Pirambu, VI/2012, 10°41'11"S, 36°50'31"W, 0-80 m alt., fr., A.P. Prata *et al.* 3058 (ASE); Santa Luzia do Itanhy, VIII/1983, 11°21'03"S, 37°26'54"W, fl., E. Gomes 277 (ASE); Santo Amaro das Brotas, VI/2011, fr., J.E. Nascimento Jr. *et al.* 955 (ASE); São Cristóvão, VI/1997, 11°00'53"S, 37°12'23"W, fr., M.F. Landim 1227 (ASE, HUEFS); Tomar do Geru, III/1996, 11°22'24"S, 37°50'26"W, fr., G. Viana *s.n.* (ASE 6448) (ASE).

6.12. *Myrcia* sp. nov. 2 [Submetido a Phytotaxa]

Figs. 5I, 5J

Arbustos 1–2 m alt., todas as partes densamente velutino-seríceas, inclusive superfície externa das pétalas e bagas, face adaxial das folhas e bagas glabrescentes; tricomas alvos, longos, ascendentes, com aspecto penteado; ramos velhos escamosos. Folhas 2–3,5 x 1,4–2,2 cm, largo-elípticas, razão foliar 1,3–1,9, ápice arredondado a obtuso, base obtusa ou mais raro arredondada, margem finamente, mas pronunciadamente revoluta; face adaxial das folhas velhas lustrosas com a nervura mediana canaliculado-elevada; nervuras secundárias promínulas na face adaxial das folhas jovens, mas se tornando quase imperceptíveis nas folhas velhas, formando uma nervura marginal levemente crenulada a ca. 1 mm da recurvatura da margem, nervura marginal mais proeminente do que as secundárias nas folhas jovens; pecíolo 3–4 mm compr., aplanado na face ventral. Panículas nas axilas superiores, fortemente piramidais, bracteadas; longo-pedunculadas, com 3–4 nós e ca. 15–25 flores; ramos terminando em um dicásio 3-floro perfeito, com a flor central séssil e as laterais curto-pediceladas; pedúnculos 2,1-4 cm compr., achatados. Botões florais ca. 2,5–3,5 mm compr., turbiniformes, bractéolas 4–7 mm compr., lineares, persistentes até após a antese; lobos do cálice imbricados, ca. 1 mm compr., subiguais, 2 lobos do cálice totalmente externos, 2 totalmente internos e o quinto lobo com uma margem interna e outra externa, deltoides, ápice obtuso ou arredondado; pétalas glabras internamente, com glândulas pustuliformes esparsas; disco estaminal circular, piloso; estames ca. 90, ca. 2 verticilos; filetes infletidos no botão, escondendo as anteras; anteras 0,2 mm compr., com lóculos das anteras paralelos, eglandulares; hipanto prolongado em taça acima do nível de inserção do estilete, glabro internamente; estilete ca. 6 mm compr.,

glabro; ovário 3-locular, 2-ovular por lóculo. Bagas amadurecendo na sequência laranja, vermelho vivo e atropúpureo.

Comentários: Espécie aparentemente endêmica de Sergipe, ocorrendo em tabuleiros arenosos e em restinga. Floresce de setembro a janeiro e frutifica de abril e maio.

Material selecionado: **BRASIL. Sergipe:** Japarutuba, IV/2012, 0-94 m alt., fr., *M.C.V. Farias et al.* 75 (ASE); Pirambu, I/2011, fl., *M.F. Landim* 1596 (ASE).

6.13. *Myrcia polyantha* DC., Prodr. 3: 252 1828.

Nomes populares: araçá-da-mata, branquinha, candeia, cambuí, guabiraba-doce

Fig. 3G

Arbustos até árvores 1,5-6 m alt., glabros salvo inovações, às vezes pubérulas. Folhas 2,1-6,8 x 1-3 cm, ovadas ou estreito-ovadas, razão foliar 1,4-3,1, ápice acuminado, base obtusa ou subcordada, margem revoluta, face adaxial lustrosa com nervura mediana impressa sulcada, mais marcadamente na base da folha, nervuras secundárias prominulas em ambas as faces formando uma nervura marginal crenada; pecíolo 2-4 mm compr. Panículas nas axilas terminais ou laterais (nos nós desfolhados), delicadas, (3-)12-40 flores, 1-5 panículas por nó, surgindo com a brotação nova, subtendida por brácteas ou folhas normais, às vezes continuando crescimento vegetativo, pedúnculo 0,7-2,5 cm compr., delgado. Botões florais ca. 2 mm compr., bractéolas lineares, rudimentares, até 0,5 mm compr., caducas; lobos do cálice 0,5-1 mm compr., ovados, mais largos que longos, glandulosos, margem ciliada; estames 30-50, em 1-2 verticilos. Bagas 4-5 mm diâm., subglobosas ou oblatas, glandulosas, maduras atropúpureas, lobos do cálice persistentes, enegrecidos, sustentadas pelo tubo do hipanto. Semente ca. 3-4 mm compr.; testa amarelada, lisa, coriácea, hilo inconspícuo com pequenas glândulas marginais; embrião ca. 3 mm compr., creme-amarelado com hipocótilo rosado, tipicamente mircioide.

Comentários: Espécie endêmica do Brasil, ocorrendo apenas na região Nordeste (Bahia, Sergipe) (Sobral *et al.*, 2013; nova ocorrência em Sergipe é aqui registrada), nos domínios da Caatinga, Cerrado e Mata Atlântica (Sobral *et al.*, 2013). Em Sergipe, registrada em mata, mata atlântica, capoeira, vegetação savaniforme secundária localmente chamada de cerrado e restinga. Floresce de outubro a abril e frutifica de janeiro a setembro.

Material selecionado: **BRASIL. Sergipe:** Areia Branca, IX/1995, 10°45'28"S, 37°18'55"W, fr., *M.F. Landim et al.* 694 (ASE, HUEFS, UB); Estância, 04.1981, 11°16'06"S, 37°26'18"W, fl., *M. Fonseca* 460 (ASE); Indiaroba, IV/2008, c. 11°31' S, 37°31' W, fr., *C. Gomes et al.* 191 (ASE, UB); Itabaiana, VIII/1987, *G. Viana* 1948 (ASE); Itaporanga d'Ajuda, VII/2008, 10°59'53"S, 37°18'38"W, fr., *I.S. Matos* 50 (ASE); Japarutuba, I/1996, 10°35'36"S, 36°56'25"W, fr., *M.F. Landim et al.* 841 (ASE, UB); Lagarto, out.2008, fl., *C.S. Santos* 358 (ASE); Malhada dos Bois, IX/1974, 10°20'58"S, 36°55'27"W, *M. Fonseca* 2892 (RB); Pirambu, IV/2011, fr., *D.M. Oliveira*

63 (ASE); Salgado, XI/1981, 11°01'55"S, 37°28'30"W, fl., *G. Viana* 226 (ASE); Santa Luzia do Itanhhy, XII/1996, 11°21'03"S, 37°26'54"W, bot., *M.F. Landim et al.* 1106 (ASE, HUEFS, UB); Santo Amaro das Brotas, I/1992, 10°47'20"S, 37°03'16"W, fr., *C. Farney* 2829 /2929? (RB); São Cristóvão, VI/2008, fr., *J.E. Nascimento Jr. et al.* 377 (ASE).

6.14. *Myrcia racemosa* (O. Berg) Kiaersk. Enum. Myrt. Bras.: 72. 1893.

Árvores a arbustos 3-10 m alt., glabros exceto ramos jovens, canalículo do pecíolo, ramos da inflorescência e às vezes disco estaminal estrigoso-pubérulos; tricomas alvos, diminutos. Folhas 2,9-9,0 x 1,1-3,6 cm, elípticas ou estreito-elípticas, raro oblongas, razão foliar 2,0-4,4, ápice acuminado ou rostrado, acúmen obtuso, base aguda ou atenuada decorrente no pecíolo, margens com inconspícuo bordo cartilágneo amarelado, finamente revoluto, face adaxial com nervura mediana sulcada na base e plana a saliente no terço médio; nervuras laterais numerosas, confundindo-se com as interlaterais, delicadamente salientes em ambas as faces e formando uma conspícua nervura marginal externa a ca. 1-1,5(-2) mm da margem das folhas e uma marginal interna visível apenas sob lupa; pecíolo 3-5 mm compr., profundamente canalículado em forma de U, as margens chegando a se sobrepor na base. Panículas nas axilas distais, 1,5-4,5 cm compr., com 1-2 eixos proximais mais longos e os distais muito curtos ou suprimidos, às vezes a panícula toda quase reduzida a uma espiga, ramos alternos, achatados, flores ca. 5-30; bractéolas caducas nas flores em antese. Botões florais ca. 3 mm compr., obovais; lobos do cálice 1-2 mm compr., triangulares, amarelados, glandulosos; estames em 2 verticilos; tubo do hipanto prolongado em taça acima do ponto de inserção do estilete. Bagas 11-14 mm diâm., subglobosas, amadurecendo na sequência creme-rosadas, vináceas, e finalmente atropúpureas; lobos do cálice persistentes, eretos; sementes 1(-2), 7-9 mm compr., reniforme; testa coriácea, amarelada; embrião tipicamente mircioide.

Comentários: Somente uma exsicata com flores. Folhas secas apresentando manchas, nervura inframarginal distinguível na face abaxial, face adaxial lustrosa, nervura principal na face adaxial destacada. Espécie endêmica do Brasil, ocorrendo nas regiões Nordeste (Bahia, Pernambuco e Sergipe), Sudeste (Espírito Santo, Rio de Janeiro e São Paulo) e Sul (Paraná, Santa Catarina) (Amorim & Alves, 2011, Sobral *et al.*, 2013), nos domínios do Cerrado e Mata Atlântica (Sobral *et al.*, 2013). Em Sergipe somente foram encontradas coletas na Mata do Crasto, em Santa Luzia do Itanhhy. Floresce de novembro a dezembro e frutifica de novembro a junho.

Material selecionado: **BRASIL. Sergipe:** Santa Luzia do Itanhhy, VI/1997, 11°21'03"S, 37°26'54"W, fr., *M.F. Landim et al.* 1285 (ASE, HUEFS, UB).

6.15. *Myrcia ramuliflora* (O. Berg) N. Silveira, *Rosleria* 7: 66. 1985.

Fig. 5L

Árvores totalmente glabras exceto lobos do cálice puberulentos. Ramos jovens castanho claros. Folhas 4,1-5,2 x 2-3,1 cm, obovadas ou elípticas; razão foliar 1,6-2, ápice

arredondado, base aguda; nervura principal proeminente no terço basal das duas faces; lâmina discolor, face adaxial castanha e lustrosa com a, face abaxial opaca e amarelo-oliva; nervuras secundárias 7–10, formando nervura marginal obscura 1–2 mm da margem, esta levemente revoluta; pecíolos robustos, enegrecidos no material herborizado, canaliculados, 2–3 mm compr. Flores em panículas terminais, largo-piramidais, com até ca. 50 flores, pedúnculos 2,5–4,3 cm compr.; botões florais ca. 2 mm compr., glandulosos; brácteas não vistas, bractéolas ca. 0,5 mm compr., ovais; lobos do cálice 0,5–1 mm compr., ovado-deltoides, puberulentas e ciliadas; hipanto prolongado em taça acima do nível de inserção do estilete; estames em 1–2 verticilos. Bagas desconhecidas.

Comentários: Espécie endêmica do Brasil, ocorrendo apenas na região Nordeste (Bahia e Sergipe) (Sobral *et al.*, 2013; nova ocorrência em Sergipe é aqui registrada), nos domínios da Mata Atlântica (Sobral *et al.*, 2013). Em Sergipe ocorre em restinga e tabuleiros arenosos. O nome tem sido equivocadamente aplicado a *Myrcia sp. nov.* 3. Floresce de novembro a dezembro e frutifica em maio.

Material selecionado: **BRASIL. Sergipe:** Itaporanga d’Ajuda, XII/2007, 11°00’00”S, 37°18’36”W, bot., fl., *T. Araújo* 37 (ASE); Japarutuba, XI/2010, fl., *C.M. Donádio* 101 (ASE); Pirambu, V/2012, 10°41’11”S, 36°50’31”W Alt: 0 - 80m, fr., *A.P. Prata et al.* 3082 (ASE); Santo Amaro das Brotas, XII/2008, 10°47’20”S, 37°03’16”W, fr., *J.E. Nascimento Jr.* 454 (ASE).

6.16. *Myrcia rosangelae* NicLugh., Kew Bull. 67: 1. 2012.

Fig. 3I, 4D

Arbustos até árvores 2–8 m, ritidoma do tronco lisa, todas as partes densamente pubérulo-velutinas quando novas, inclusive pétalas e bagas, mas face adaxial das folhas e bagas glabrescentes com a idade, persistindo alguns tricomas pelo menos ao longo das nervuras medianas; tricomas curtos, ocráceos a acinzentados. Folhas 2,8–12,8 x 1,1–8,1 cm, largo-elípticas, ovadas ou raro cordadas, razão foliar 1,5–3,6, ápice agudo a obtuso com pequeno acúmen mucronado nas folhas jovens, base obtuso-atenuada, raro cordada, subcordada, arredondada ou aguda. Flores em panículas piramidais nas axilas foliares terminais, longo-pedunculadas, com 2–5 nós e ca. 7–50 flores, pedúnculos 2,2–6,8 cm, achatados; botões florais ca. 3,5–4 mm compr., obovais; lobos do cálice imbricados, com 2 lobos do cálice totalmente externos, 2 totalmente internos e o quinto lobo com uma margem interna e outra externa; estames ca. 80; hipanto elevado em taça acima do nível do nível do estilete. Bagas 8–9 mm diâm., globosas, amadurecendo na sequência amarelo, laranja, pêssego, vermelho e finalmente atropurpúreas; sementes 1(–2), castanho-brilhantes, ca. 6 mm compr., hilo transversal conspícuo.

Comentários: Espécie endêmica do Brasil, ocorrendo apenas na região Nordeste (Alagoas, Bahia e Sergipe) (Lughadha *et al.*, 2012; Sobral *et al.*, 2013), no domínio da Mata Atlântica (Sobral *et al.*, 2013). Em Sergipe, ocorre em mata atlântica, interior da mata, borda de mata, restinga e em vegetação secundária savaniforme chamada localmente de cerrado.

Floresce de novembro a fevereiro e frutifica de março a agosto.

Material selecionado: **BRASIL. Sergipe:** Areia Branca, II/2012, fl., *A.P. Prata et al.* 2919 (ASE); Indiaroba, VI/2007, fr., *C. Gomes* 89 (ASE); Itabaiana, VII/1987, fr., *G. Viana* 1847 (ASE); Itaporanga d’Ajuda, VI/2009, fr., *I.S. Matos et al.* 178 (ASE); Japarutuba, VI/1997, 10°35’36”S, 36°56’25”W, fr., *M.F. Landim et al.* 1251 (ASE, UB); Pirambu, VI/1998, 10°44’16”S, 36°51’22”W, fr., *A. Cruz* 45 (ASE); Salgado, XII/2009, bot., *D.G. Oliveira et al.* 38 (ASE); Santa Luzia do Itanhhy, VI/1997, 11°21’03”S, 37°26’54”W, fr., *M.F. Landim* 1266 (ASE); Santo Amaro das Brotas, IV/1997, 10°47’20”S, 37°03’16”W, fr., *M.F. Landim et al.* 1173 (ASE); São Cristóvão, VIII/1997, 11°00’53”S, 37°12’23”W, fr., *M.F. Landim et al.* 1306 (ASE).

6.17. *Myrcia salzmannii* O.Berg, Fl. Bras. 14(1): 207. 1857.

Nome popular: itaipuna

Figs. 1A, 2B

Arbusto a árvore até 6 m alt., com ramos jovens, face abaxial de folhas novas, pecíolos, eixos da inflorescência e flores seríceo-pubescentes; tricomas adpressos, beges a creme-amarelados, mais densos e claros sobre as gemas e hipanto. Folhas pêndulas nas plantas vivas, 3,1–5,3(–6,7) x 1,6–2,8(–3,4) cm, ovadas, ovado-lanceoladas ou elípticas, razão foliar 1,7–2,7, ápice breve a longo-acuminado, base arredondada a cordada, fortemente revoluta, face ventral das folhas maduras avênia ou quase salvo nervura mediana sulcada; pecíolo 0,5–1,25 mm compr. Panículas nas axilas apicais ou subapicais, (15–)30–100 flores, regularmente dicotômicas, subtirsoides, pedúnculo 5–19 mm compr., eixos delgados, com 1–2 pares de coflorescências. Botões florais 2,0–2,75 mm compr., turbinados; lobos do cálice 5, ca. 1–1,25 mm compr., subiguais, semicirculares a largo-ovais, arredondados; pétalas ca. 2 mm compr., pilosas no dorso; disco estaminal piloso, estames em 2–3 verticilos; hipanto não prolongado em tubo acima do nível da inserção do estilete. Bagas amadurecendo na sequência verde-avermelhado, vermelho e atropurpúreo, ca. 4 mm diâm., levemente oblatas; lobos do cálice persistentes, eretos ou recurvadas para dentro.

Comentários: Espécie endêmica do Brasil, ocorrendo apenas na região Nordeste (Bahia e Sergipe) (Sobral *et al.*, 2013; nova ocorrência em Sergipe é aqui registrada), no domínio da Mata Atlântica (Sobral *et al.*, 2013). É pouco coletada em Sergipe, com registro em mata atlântica e restinga. Na Bahia, é registrada em mata costeira. Apresenta rápida maturação dos frutos, às vezes já presentes nas forquilhas de inflorescências que ainda têm botões no ápice. Floresce de dezembro a abril e frutifica de março a maio.

Material selecionado: **BRASIL. Sergipe:** Estância, III/2012, 11°15’59”S, 37°16’14”W, fr., *C. Proença et al.* 4048 (ASE, UB); Indiaroba, VI/2012, fr., *M.C.V. Farias et al.* 89 (ASE); Itaporanga d’Ajuda, IV/2012, *M.F. Landim et al.* 1607 (ASE); Japarutuba, VI/2010, fr., *V. Santos et al.* 10 (ASE).

Material adicional examinado: **BRASIL. Bahia:** Belmonte, I/1967, 15°51’00”S, 38°53’24”W, bot., fl., *R.P. Belém et al.* 3220 (UB); Ilhéus, VI/1981, 15°04’05”S, 38°59’54”W, fr., *S. Mori et*

al. 232 (K); Maraú, XII/2006, 13°59'10"S, 38°57'02"W, fl., *E.J. Lucas et al. 1090* (K); Santa Cruz Cabrália, II/1967, c. 16°17' S, 39°02' W, bot., fl., *R.P. Belém et al. 3300* (UB); Vera Cruz, IV/2003, fl., *P.M. Lopes et al. 4* (K).

6.18. *Myrcia sp. nov.* 3 [Submetido a Phytotaxa]

Fig. 5K

Arbustos ou árvores 2–10 m alt., ramos vegetativos e da inflorescência, flores e bagas jovens densamente pubescentes quando novos, glabrescentes com a idade, às vezes persistindo tricomas esparsos nos pecíolos e na face dorsal das folhas; tricomas alvos, adpressos, ascendentes; ritidoma do caule áspero e finamente fissurado; arquitetura da árvore densamente ramificada, com entrenós menores do que as folhas. Folhas 1,1–3 x 0,6–1,9 cm, espatuladas, obovadas ou raro largo-elípticas, razão foliar 1,5–2,2, ápice arredondado a arredondado-obtuso, base aguda, raro obtusa, margens planas a fortemente revolutas, quando maduras coriáceas, com a nervura mediana levemente elevada na face ventral avênica e eglandulosa, nítida, secando mais escura do que a face dorsal, marrom a oliva-escuro; face dorsal oliva-claro a oliva-escuro, com 8–9(–12) nervuras secundárias obscuramente proeminentes formando nervura marginal a ca. 1 mm da margem, glândulas amarelo-ocre, conspícuas; pecíolos 1–3 mm compr., secando enegrecidos. Panículas nas axilas foliares distais, 5–8 cm compr., com ca. 5–15 flores, 3–5 nós, os eixos laterais reduzidos, apenas o mais basal atingindo no máximo 1,2 cm compr., os mais distais frequentemente reduzidos a uma tríade pedicelada ou a uma única flor, o conjunto semelhante a um racemo; botões florais abertos; lobos do cálice 5(–6), iguais a subiguais, 0,5–0,75 mm compr., deltoides, agudos, internamente glabros, revolutos na flor; hipanto pouco prolongado em taça a apenas levemente abaulado acima do nível de inserção do estilete; estilete glabro na base, cedo caduco. Bagas 5–8 mm diâm., globosas; lobos do cálice persistentes ou alguns caducos, revolutos ou patentes na maturidade do fruto, o disco estaminal tornando-se inchado a plano no fruto; sementes 1(–2).

Comentários: Aparentemente endêmica do Brasil, ocorrendo apenas na região Nordeste (Bahia e Sergipe). Na Bahia, ocorre em dunas, restinga e mata costeira. É uma espécie muito característica e foi observada em Sergipe em estado vegetativo, em restinga, mas ainda não coletada fértil.

Material adicional examinado: **BRASIL. Bahia:** Camaçari, I/2006, 12°41'51"S, 38°19'27"W, bot., fr., *A.M. Miranda 5382* (UFRN); Canavieiras, IV/1965, fr., *R.P. Belém et al. 795* (UB); Itacaré, III/2006, 14°15'32"S, 38°59'53"W, fr., *J.G. Carvalho Sobrinho et al. 763* (HUEFS, K); Maraú, II/1980, 13°59'10"S, 38°57'02"W, fr., *A.M.V. Carvalho s.n.* (RB 197627) (RB); Salvador, V/1981, fr., *A.M. de Carvalho et al. 704* (UB).

6.19. *Myrcia splendens* (Sw.) DC., Prodr. 3: 244. 1828.

Nomes populares: camuxá, murta, murta-de-tabuleiro, murta-roxa, vara-branca

Fig. 4I

Arbustos até árvores 0,6–6 m alt., glabros exceto inovações, pubérulos a pubescentes; tricomas amarelados a ferrugíneos. Folhas 2,8–12,8 x 1,1–8,1 cm, elípticas ou estreito-elípticas, margens levemente revolutas, razão foliar 1,5–3,6, ápice acuminado, acúmen obtuso a agudo, base aguda; face adaxial com a nervura mediana sulcada e nervuras secundárias às vezes fortemente impressas; pecíolos mais ou menos robustos, canaliculados. Panículas axilares multifloras; botões florais 2–3 mm compr.; bractéolas lanceoladas, caducas, ca. 4 mm compr.; lobos do cálice ca. 1,25 mm compr., arredondados a truncados. Bagas elipsoides, glandulosas, pubérulas, amadurecendo na sequência amarelo-pálido, lilás e finalmente atro-purpúreas quando maduras; lobos do cálice persistentes, verdes, mais claros nas margens.

Comentários: Espécie amplamente distribuída no Brasil, ocorrendo nas regiões Norte (Acre, Amazonas, Amapá, Pará, Rondônia, Roraima e Tocantins), Nordeste (Alagoas, Bahia, Ceará, Paraíba, Pernambuco, Rio Grande do Norte e Sergipe), Centro-oeste (Goiás, Mato Grosso do Sul e Mato Grosso), Sudeste (Espírito Santo, Minas Gerais, Rio de Janeiro e São Paulo) e Sul (Paraná, Rio Grande do Sul, Santa Catarina) (Sobral *et al.*, 2013). É encontrada nos domínios da Amazônia, Caatinga, Cerrado, Mata Atlântica e Pantanal (Sobral *et al.*, 2013). Em Sergipe, ocorre em restinga e vegetação secundária savaniforme localmente chamada de cerrado. Floresce de novembro a maio e frutifica de março a junho.

Material selecionado: **BRASIL. Sergipe:** Aracaju, II/2010, fl., *E.C.A. Matos et al. 256* (ASE); Areia Branca, III/2009, bot., *E.C.A. Matos 215* (ASE); Capela, IV/2012, 10°32'10"S, 37°03'48"W, fr., *L.A. Gomes et al. 378* (ASE); Divina Pastora, II/2011, fl., *C.A.S. Souza et al. 71* (HUEFS); Estância, XI/1993, 11°16'06"S, 37°26'18"W, fl., *A.M.A. Amorim et al. 1518* (ASE, CEPEC, NY); Itabaiana, I/1998, 10°41'06"S, 37°25'31"W, bot., fl., *M.F. Landim 1401* (ASE, UB); Itaporanga d'Ajuda, XII/2007, 10°59'53"S, 37°18'38"W, fl., *A.B. Sales et al. 133* (ASE); Japaratinga, VI/1997, 10°35'36"S, 36°56'25"W, fr., *M.F. Landim et al. 1263* (ASE); Lagarto, II/2008, 10°55'02"S, 37°39'00"W, fl., *C.S. Santos 68* (ASE); Maruim, II/1988, 10°44'15"S, 37°04'54"W, bot., *E. Gomes 163* (ASE); Neópolis, III/1994, 10°19'12"S, 36°34'46"W, *J.C.S. Cunha s.n.* (ASE 11471) (ASE); Pirambu, II/1983, 10°44'16"S, 36°51'22"W, fl., *M.C. Santana 155* (ASE); Poço Redondo, V/2010, 9°56'25"S, 37°55'21"W, fr., *W.J. Machado et al. 380* (ASE); Ribeirópolis, I/1985, 10°32'24"S, 37°25'12"W, fl., *G. Fotius 3923* (HTSA); Salgado, XII/2009, bot., *D.G. Oliveira 43* (ASE); Santa Luzia do Itanhy, V/1995, 11°21'03"S, 37°26'54"W, bot., fl., *M.F. Landim 362* (ASE, UB); Santana do São Francisco, IV/2010, fr., *P.M.G. Marroquim et al. 38* (ASE); Santo Amaro das Brotas, XII/1981, 10°47'20"S, 37°03'16"W, fl., *G. Viana 298* (ASE, IPA); São Cristóvão, III/1985, 11°00'53"S, 37°12'23"W, fl., *G. Viana 1104* (ASE).

6.20. *Myrcia sylvatica* (G. Mey.) DC., Prodr. 3: 244. 1828.

Arbusto ca. 2 m alt., glabrescente, as inovações, hipanto e disco estaminal pubescentes, folhas jovens com face abaxial pubérula e pubescente ao longo da nervura principal; tricomas amarelados, acinzentados ou sórdidos. Folhas 2,6–5,5 x 0,6–1,3 cm, ovadas a ovado-lanceoladas, razão foliar 3,4–5, ápice acuminado, longo-caudado ou rostrado, base atenuada, margem subrevoluta, face ventral lustrosa, subavenia exceto nervura mediana

sulcada, com pontuações glandulosas impressas; pecíolo 1,5–2 mm compr., canaliculado, delicado. Panículas nas axilas distais, delicadas, 1,5–3 cm compr., tirsoides, flores 5–20; pedúnculo 7–15 mm compr. Botões florais ca. 2 mm compr., subglobosos, bractéolas ca. 1 mm compr., lineares, glandulosas; hipanto não prolongado acima do nível de inserção do estilete; lobos do cálice 0,5–1 mm compr., ovados, inseridos no mesmo nível do estilete; estames ca. 3 verticilos, disco estaminal sórdido-pubescente até a base do ovário. Baga não vista em Sergipe, 1,1 x 0,5 cm, elipsoide, lisos, glabros, semente 1 (adaptada da literatura, vide Comentários:).

Comentários: A descrição dos frutos segue Amorim & Alves (2011). No Brasil, ocorre nas regiões Norte (Acre, Amazonas, Amapá, Pará) e Nordeste (Bahia, Pernambuco e Sergipe) (Amorim & Alves, 2011; Sobral *et al.*, 2013; nova ocorrência em Sergipe é aqui registrada). É encontrada nos domínios da Amazônia, Caatinga e Cerrado (Sobral *et al.*, 2013). Em Sergipe ocorre em área de mata atlântica. Floresce em abril.

Material selecionado: **BRASIL. Sergipe:** Estância, XII/2009, 11°09'57"S, 37°28'58"W, veg., C. Calazans *et al.* 317 (ASE); Santa Luzia do Itanhy, IV/1995, 11°21'03"S, 37°26'54"W, bot., M.F. Landim 303 (ASE, UB).

6.21. *Myrcia tomentosa* DC., Prodr. 3: 245. 1828.

Arbusto a arvoreta, 1,6–3 m alt., pubérulo-lanuginoso sobre as inovações, nervura mediana na face ventral da folha madura, ramos da inflorescência, flores e bagas; tricomas alvos, tênues e crespos. Caule liso, esfoliante (tipo goiabeira); ramos em braquiblastos ou mais raro entrenós alongados; gemas protegidas por 3–5 séries de catáfilos imbricados. Folhas (3–)4–8,3 x 1,9–4,2 cm, suborbiculares, obovadas, rômbricas ou raro espatuladas, razão foliar 1,2–1,8, ápice abrupto-acuminado a agudo, às vezes diminutamente mucronadas quando novas, base obtusa, aguda ou atenuada, nervura mediana plana a sub-impressa em folhas velhas; pecíolo 2,75–6 mm compr., aplanado-recurvado na face ventral. Panículas axilares nos nós proximais com 1–2 eixos proximais longos e os distais muito curtos ou suprimidos, às vezes a panícula toda quase reduzida a uma espiga; botões florais sésseis, piriformes, bractéolas muito cedo caducas; lobos do cálice 0,5–1 mm compr., subiguais, deltoides, obtusos, agudos ou arredondados, ciliados; estames em 1–2 verticilos. Bagas 5–6 mm diâm., globosas a oblatas, amadurecendo na sequência rosa, carmim e atropurpúrea; lobos do cálice persistentes, revolutos ou patentes, castanhos (secos) na maturidade do fruto; sementes 1(–2).

Comentários: Espécie amplamente distribuída, ocorrendo nas regiões Norte (Amazonas e Pará), Nordeste (Alagoas, Bahia, Ceará, Maranhão, Paraíba, Pernambuco, Piauí e Sergipe), Centro-oeste (Distrito Federal, Goiás, Mato Grosso do Sul e Mato Grosso), Sudeste (Espírito Santo, Minas Gerais, Rio de Janeiro e São Paulo) e Sul (Paraná) (Sobral *et al.*, 2013). É encontrada nos domínios da Amazônia, Caatinga, Cerrado e Mata Atlântica (Sobral *et al.*, 2013). Em Sergipe ocorre em mata, borda da mata, área antropizada, Mata Atlântica e restinga. Floresce e frutifica de novembro a janeiro.

Material selecionado: **BRASIL. Sergipe:** Itabaiana, XI/1997, 10°41'06"S, 37°25'31"W, fr., A. Vicente 66 (ASE); Japarutuba, III/2006, 10°35'36"S, 36°56'25"W, fl., L.M.O. Rodrigues *et al.* 47 (ASE); Santa Luzia do Itanhy, I/2011, 11°35'08", 0°00'00", bot., C.O. Vale *et al.* 14 (ASE).

6.22. *Myrcia verrucosa* Sobral, Bol. Mus. Biol. Mello Leitão. 20: 77. 2006.

Fig. 3J

Arbustos até árvores 2,5–8 m alt., glabros exceto gemas, folhas muito novas e flores estrigoso-pubérulas; ramos novos angulosos; tricomas diminutos, bege-alvacentos. Folhas 5,2–11,9 x 2,9–5,5 cm, elípticas a largo-elípticas, razão foliar 1,7–2,6, ápice obtuso ou abrupto-acuminado com acúmen obtuso, base aguda, atenuada ou obtusa; nervura mediana impressa na face adaxial; pecíolo 3–6 mm compr., recurvado-aplanado na face ventral. Flores em panículas terminais, laxas, paucifloras, 10–15(–30) flores, ramos achatados, bractéas agudas às vezes persistentes nos nós; botões florais ca. 3–5 mm compr. (Sobral, 2006); lobos do cálice 0,75–1 mm, adpressos ao globo petalífero, com flanges dorsais auriculiformes e sinus entre os lobos; estames em 3 verticilos. Bagas globosas, bilobadas ou trilobadas, amadurecendo na sequência amarelo pálido, branco-rosado, rosa e finalmente atropurpúreas, lustrosas; lobos do cálice persistentes com flanges auriculiformes intactas; sementes 1(–3); testa crustácea, áspera e verrucosa, com hilo arredondado.

Comentários: Espécie endêmica do Brasil, ocorrendo apenas nas regiões Nordeste (Bahia, Pernambuco e Sergipe) e Sudeste (Espírito Santo), no domínio da Mata Atlântica (Sobral *et al.*, 2013). Em Sergipe ocorre em Mata Atlântica. Floresce em dezembro e frutifica de abril a outubro.

Material selecionado: **BRASIL. Sergipe:** Itaporanga d'Ajuda, VIII/1996, 10°59'53"S, 37°18'38"W, fr., M.F. Landim *et al.* 971 (ASE, UB); Santa Luzia do Itanhy, IX/1995, 11°21'03"S, 37°26'54"W, fr., M.F. Landim *et al.* 623 (ASE, HUEFS, UB).

7. *Myrcianthes* O.Berg

Árvores. Inflorescência flor isolada, dicásio ou cimeira com a flor central séssil e as laterais pediceladas. Bractéolas livres, geralmente caducas antes da antese. Botão floral do tipo aberto. Hipanto não prolongado acima do nível de inserção do estilete. Lobos calicinos 4, imbricados. Pétalas 4. Estames com anteras arredondadas ou oblongas; lóculos das anteras se abrindo por fendas longitudinais retas, paralelas aos filetes. Ovário 2-3-locular; óvulos numerosos por lóculo; placentação axilar; estigma puntiforme. Bagas globosas, coroadas pelos lobos calicinos persistentes; pericarpo fino; sementes 1-4, com testa membranácea. Embrião com cotilédones livres, plano-convexos, verdes no material fresco; eixo radícula-hipocótilo teretiforme e menor do que os cotilédones; plúmula geralmente evidente.

Comentários: *Myrcianthes* é representado por ca. de 35 espécies distribuídas desde o México ao Chile (Grifo 1992, Landrum & Kawasaki 1997, Govaerts *et al.* 2008). No Brasil, ocorrem nove espécies (Sobral *et al.* 2013), sendo uma delas presente em Sergipe.

7.1 *Myrcianthes pseudomato* (D.Legrand) McVaugh, Fieldiana, Bot. 29: 493 1963.

Árvores atingindo grande porte (vide comentários), essencialmente glabras exceto face interna dos lobos calicinos densamente alvo-seríceas, mas sob lupa com pelos esparsos sobre os pecíolos, margens e nervura mediana das folhas jovens, base do hipanto e disco estaminífero, e base do estilete; indumento alvo, diminutamente estrigoso. Caule avermelhado, esfoliante; ramos jovens matizados de cinza e avermelhado e finamente esfoliantes. Folhas 2,8–5,1 x 1,1–3,0, obovadas ou oblanceoladas, razão foliar 1,5–3, ápice obtuso ou arredondado, mas usualmente estreitando-se abruptamente em ponta fina, base aguda ou atenuada, margens planas a finamente revolutas na base, com espessamento cartilágneo nos bordos e no ápice, tornando a folha rígida na ponta mas não mucronadas; pecíolo 4–5 mm compr., delicado, amarelado, canaliculado; nervura mediana impressa na face ventral. Inflorescências cimosas 3–6(7)-floras, os dicásios simples perfeitos, 3-floras (flor central persistente), os compostos (potencialmente 7-floras) geralmente imperfeitos, 4–6-floras; pedúnculos 3,5–5,1 cm, delicados; bractéolas caducas antes da antese, lineares, ca. 1 mm compr. Botões florais largo-piriformes, 4–6 mm compr.; sépalas 4, desiguais, 2–2,25 mm compr., par externo convexo-obtuso, par interno ligeiramente maior, arredondado. Fruto não visto; oblate, ca. 1 cm diâm., sementes 1–2; testa membranácea, embrião com cotilédones iguais, eixo radícula-hipocótilo ca. 1 mm compr. (fide Grifo, 1992).

Comentários: A descoberta desta espécie em Sergipe é surpreendente já que sua área de distribuição conhecida é Argentina, Bolívia e sul do Brasil (Paraná) (Govaerts *et al.*, 2008; Sobral *et al.*, 2013). Segundo Eládio dos Santos (com. pessoal, 2013), técnico do herbário ASE, com vasta experiência de coleta no estado, ocorre quase sempre como árvore de grande porte. A única coleta é de 2013 e foi fruto de uma busca paciente por um indivíduo fértil ao alcance do podão de vara. Padrão mais ou menos similar de distribuição geográfica é registrado para *Myrrhinium loranthoides* Schott, que ocorre na Colômbia, Equador, e Peru e reaparece na Mata Atlântica, do Uruguai até o Rio de Janeiro (Landrum, 1986). Floresce em junho.

Material examinado: **BRASIL. Sergipe:** Riachão do Dantas, VI/2013, fl., M.C.V. Farias *et al.* 307 (ASE, UB).

8. *Myrciaria* O.Berg

Árvores ou arbustos. Inflorescência um racemo axilar glomeruliforme, a ráquis e os pedicelos muito contraídos. Brácteas e bractéolas geralmente persistentes até a frutificação, as brácteas livres e as bractéolas conadas na base, envolvendo o ovário

muito curto. Botões abertos no ápice com a antese ocorrendo pela abertura dos lobos calicinos acompanhada ou não pela ruptura do tubo do hipanto. Hipanto prolongado em taça acima do nível de inserção do estilete; tubo largo, caduco após a polinização deixando uma cicatriz circular sobre o ovário. Lobos calicinos 4, desiguais, o par externo um tanto menor do que o par interno. Pétalas 4, alvas ou rosa pálido, glabras. Anteras arredondadas; lóculos das anteras se abrindo por fendas longitudinais retas, paralelas aos filetes. Ovário bilocular; óvulos 2 por lóculo; estigma puntiforme. Baga madura laranja, vermelha ou atropurpúrea, globosa, com pequena cicatriz discoide resultante da abscisão do tubo do hipanto; pericarpo pouco a um tanto espesso; sementes 1(–3); testa membranácea. Embrião conferruminado (Fig. 4J) ou apresentando uma falsa linha divisória inter-cotiledonar, ou cotilédones livres plano-convexos.

Comentários: Gênero com ca. 25 espécies distribuídas desde o México e Caribe até o norte da Argentina (Landrum & Kawasaki 1997, Govaerts *et al.* 2008). Amplamente distribuído no Brasil, das ca. 20 espécies registradas (Sobral *et al.* 2013), quatro ocorrem em Sergipe.

Chave para identificação das espécies de *Myrciaria* de Sergipe

1. Folhas subsésseis com pecíolos até 2 mm compr.; folhas 1,4–3,1 cm compr..... 2
2. Ramos jovens, pecíolos e nervação na face abaxial das folhas conspicuamente hirsutos; bagas maduras vermelho-vivo (Fig. 3K) **8.3. *M. ferruginea***
- 2'. Ramos jovens, pecíolos e nervação na face abaxial das folhas obscuramente pubérulos a glabros; bagas maduras atropurpúreas **8.4 *M. tenella***
- 1'. Folhas pecioladas, pecíolos (0,5–)2–8 mm compr.; folhas 2,2–7,4 cm compr. 3
3. Pecíolo 2–4,5(–8) mm compr., canaliculado na face ventral; bagas maduras alaranjadas, translúcidas, ca. 9–11 mm diâm.; semente com testa matizada, lisa (Fig. 4J) **8.1 *M. floribunda***
- 3'. Pecíolo 2–2,5 mm compr., aplanado na face ventral; bagas maduras atropurpúreas, glaucas e opacas, ca. 10–13 mm diâm.; semente com testa clara, áspera, curtamente espiculada **8.2 *M. aff. guaquiaea***

8.1. *Myrciaria floribunda* (H.West ex Willd.) O. Berg, Linnaea 27: 330. 1856.

Nomes populares: cambuí, cambuí-do-mato

Figs. 4G, 4J

Arbusto a arvoreta 1,7–5 m alt., totalmente glabra ou obscuramente pubérula nos pecíolos das folhas jovens; tricomas diminutos, incolores. Folhas 2,2–6,5 x 1,2–3,7 cm, ovadas, ovado-lanceoladas ou lanceoladas, razão foliar 1,2–3,2, ápice acuminado, rostrado ou agudo, base aguda, obtusa ou arredondada, sempre atenuada no pecíolo; pecíolo 2–4,5(–8) mm compr., delgado, canaliculado, às vezes enegrecido no material exsiccado. Flores aglomeradas nas axilas foliares proximais e nos nós velhos desfolhados, (1)2–5 por axila, subsésseis. Botões florais maduros 3,5–4 mm compr., arredondados; bractéolas conadas em cúpula, persistentes; lobos do cálice 4, inexpressivos no botão floral, arredondados,

par externo menor e par interno maior; hipanto glanduloso prolongado em forma de taça acima do ponto de inserção do estilete, caduco após a polinização deixando uma cicatriz circular sobre o fruto; disco estaminal circular entre o ápice do tubo do hipanto e os lobos do cálice; estames 1–2 verticilos. Bagas 9–11 mm diâm., globosas, amadurecendo na sequência verde, amarelo e laranja; semente 1; testa manchada.

Comentários: Espécie presente em diversos países da América do Sul (Govaerts et al., 2008), ocorrendo no Brasil nas regiões Nordeste (Bahia, Pernambuco, Sergipe) e Sudeste (Rio de Janeiro) (Amorim & Alves, 2011; Sobral et al., 2013; nova ocorrência em Sergipe é aqui registrada), nos domínios da Caatinga e Mata Atlântica (Sobral et al., 2013). Em Sergipe, ocorre em dunas, restinga, restinga arbórea, restinga, mata costeira alta e fechada, mata de restinga, mata seca, mata, mata atlântica, mata ciliar, vegetação secundária savaniforme localmente chamada de cerrado, tabuleiros arenosos e área antropogênica. Floresce de dezembro a junho e frutifica de março a setembro.

Material selecionado: **BRASIL. Sergipe:** Areia Branca, IV/1997, 10°54'32"S, 37°02'19"W, bot., fr., *M.F. Landim et al. 1148* (ASE, UB); Brejo Grande, VI/2012, 10°22'19"S, 36°33'19"W, 0–4 m alt., fl., *D. Oliveira et al. 452* (ASE); Estância, III/2012, 11°15'59"S, 37°16'14"W, bot., fr., *C. Proença et al. 4051* (ASE, UB); Indiaroba, IV/2012, fr., *M.C.V. Farias et al. 120* (ASE); Itabaiana, III/1983, 10°41'06"S, 37°25'31"W, fl., *E. Gomes 240* (ASE); Nossa Senhora da Glória, VIII/1987, 10°13'06"S, 37°25'13"W, veg., *G. Viana 2023* (ASE); Pacatuba, VI/2012, 10°34'37"S, 36°39'07"W, bot., fl., *D. Oliveira et al. 422* (ASE); Pirambu, I/2011, fl., *M.F. Landim 1591* (ASE); Riachão do Dantas, IV/1986, 11°04'08"S, 37°43'30"W, fr., *G. Viana 1400* (ASE, UB); Santa Luzia do Itanhy, IV/2012, 11°24'24"S, 37°25'86"W, fr., *R.M. Deda et al. 81* (ASE); Simão Dias, V/1983, 10°44'18"S, 37°48'40"W, bot., fl., *E. Gomes 255* (ASE).

8.2. *Myrciaria aff. guaqueia* (Kiaersk.) Mattos & D.Legrand, *Loefgrenia* 67: 6. 1975.

Nome popular: cambucá

Arbustos glabros exceto pubescência inconspícua sobre ramos e pecíolos jovens; tricomas eretos, ocráceos, 0,2–0,4 mm compr.. Ramos dicotômicos, cilíndricos, canaliculados quando jovens. Folhas 6,1–7,4 x 2,1–2,7 cm, elíptico-lanceoladas, razão foliar 2,6–3,2, ápice atenuado a longo-acuminado, base subcordada a subtruncada, margem finamente revoluta; venação quase imperceptível a olho nu, nervura mediana sulcada na face ventral e saliente e estriada na dorsal, laterais ca. 22 pares, confundindo-se com as interlaterais, formando nervura marginal crenulada a ca. 0,5–1,5 mm da margem, face adaxial glauca com glândulas diminutas, negras e impressas, translúcidas mesmo em folhas velhas; pecíolo 2–2,5 mm compr., aplanado na face ventral. Flores aglomeradas nas axilas foliares e nos nós velhos desfolhados, ca. 3 por axila, sésseis; brácteas oblongas, arredondadas no ápice; bractéolas ca. 1,5 mm compr., livres, explanadas, largo-oblongas, base afunilada, possivelmente por terem sido conadas, persistentes no fruto. Botões florais não vistos; lobos do cálice ca. 0,75 mm compr., arredondados, albo-seríceos internamente, tubo do hipanto 3,5 mm compr., persistindo até a maturação do fruto quando se desprende;

anteras oblongas ca. 1 mm compr.; estilete 7 mm compr., estigma puntiforme. Bagas globosas, 10–13 mm diâm., glaucescente na base quando imaturas, atropurpúreas quando maduras, com epicarpo glanduloso; semente 1, elipsóide, testa densamente indumentada com curtos tricomas espiculares; embrião totalmente conferruminado, com faixa dorsal no sentido longitudinal, escurecida, densamente diminuto glandulosa. Comentários: Conhecida apenas de duas coletas em fruto, da Serra da Guia, próximo da divisa com Alagoas. A presença de hepáticas epifilas sobre alguns dos nós e folhas indica que a espécie provavelmente vegeta nos ambientes mais úmidos dos brejos de altitude, embora inserido no bioma Caatinga. O material de Sergipe se apresenta mais glabro do que o material do Rio de Janeiro e as folhas tem o ápice foliar mais longamente atenuado; poderá vir a ser descrito como nova espécie se coletas adicionais de material com flores apontarem diferenças adicionais.

Espécie endêmica do Brasil, ocorrendo apenas nas regiões Nordeste (Bahia, Sergipe) e Sudeste (Rio de Janeiro) (Sobral et al., 2013; possível nova ocorrência em Sergipe é aqui registrada), nos domínios da Caatinga e Mata Atlântica (Sobral et al., 2013). Frutifica em janeiro e fevereiro.

Material selecionado: **BRASIL. Sergipe:** Poço Redondo, II/2010, 9°56'25"S, 37°55'21"W, fr., *W.J. Machado et al. 184* (ASE, UB).

8.3. *Myrciaria ferruginea* O. Berg, *Fl. Bras.* 14(1): 597. 1859.

Nomes populares: cambuí

Fig. 3K

Arbusto a arvoreta, ca. 3 m alt., ramos férteis longos, com 6–8 nós; ramos jovens, pecíolos e nervação na face abaxial das folhas hirsutos; ramos velhos e botões florais esparso-pubéculos; tricomas das inovações longos, ocráceos, frágeis, quebrando-se com a idade; tricomas dos botões florais diminutos e incolores. Folhas subsésseis, 1,4–3,1 x 0,6–1,4, ovadas a ovado-elípticas, razão foliar 2–2,6, ápice agudo a atenuado, curto a longo-mucronado, base obtusa a subcordada, margens revolutas nas folhas velhas; pecíolo até 1 mm compr. Flores aglomeradas nas axilas foliares proximais, 1–3 por axila, subsésseis. Botões florais maduros 2,25–4 mm compr., arredondados; bractéolas conadas na base, arredondadas a largo-triangulares, glabras, ciliadas; lobos do cálice 4, no botão floral 0,5–1 mm compr., par externo menor arredondado e par interno maior truncado, na antese até 1,5 mm compr. pelo rasgamento do tubo do hipanto; hipanto prolongado em forma de taça acima do ponto de inserção do estilete, caduco após a polinização deixando uma cicatriz circular sobre o fruto; disco estaminal circular entre o ápice do tubo do hipanto e os lobos do cálice, estames 1–2 verticilos. Bagas vermelhas quando maduras, 1–1,5 cm diâm., subglobosas, com 1(–2) sementes.

Comentários: Espécie endêmica do Brasil, ocorrendo na região Nordeste (Bahia, Pernambuco e Sergipe) e Sudeste (Rio de Janeiro) (Amorim & Alves, 2011; Sobral et al.,

2013; nova ocorrência em Sergipe é aqui registrada), nos domínios da Caatinga e Mata Atlântica (Sobral *et al.*, 2013). Em Sergipe, ocorre em mata, capoeira de mata, orla da mata e Mata Atlântica (Floresta Estacional Semidecidual). Floresce de março a maio e agosto a outubro, frutificando em maio e outubro.

Material selecionado: **BRASIL. Sergipe:** Aracaju, VIII/2011, fl., *D.S. Cardoso 73* (ASE); Estância, IX/2010, 11°10'18"S, 37°28'52"W, *C. Calazans et al. 312* (ASE); Salgado, IV/1983, 11°01'55"S, 37°28'30"W, fl., *E.M. Carneiro 673* (ASE, UB); Santa Luzia do Itanhy, IX/1995, fl., *M.F. Landim et al. 628* (ASE, UB).

Material adicional examinado: **BRASIL. Bahia:** out.1966, fr., *R.P. Belém et al. 2707* (UB).

8.4. *Myrciaria tenella* (DC.) O.Berg. *Linnaea* 27: 328.3856.

Fig. 4H

Arbustos a árvores 2–10 m alt.; caule cinza claro, liso, finamente esfoliante. Ramos e folhas novas obscuramente pubéculas, as demais partes glabras; tricomas diminutos, incolores. Folhas 1–2,5 x 0,6–1,4 cm, elípticas, raro levemente obovadas, razão foliar 1,6–2,6, ápice obtuso a arredondado, base obtusa a arredondada, raro subagudo, margens revolutas a fortemente revolutas; pecíolo 0,5–2 mm compr., enegrecido no material herborizado. Flores aglomeradas nas axilas foliares proximais e nos nós velhos desfolhados, 1–3 por axila, subsésseis. Botões florais maduros 3,5–4 mm compr., largo-obovais, bractéolas conadas formando uma cúpula navicular; lobos do cálice 4, ca. 1 mm compr., par externo semicircular obtuso e par interno transverso-elíptico, truncado, ciliados; hipanto prolongado em forma de funil acima do ponto de inserção do estilete, caduco após a polinização deixando uma cicatriz circular sobre o fruto; disco estaminal circular entre o ápice do tubo do hipanto e os lobos do cálice; estames em 1–2 verticilos. Bagas 1,2–1,8 cm diâm., globosas, amadurecendo na sequência verde, rosa, carmim, vinho e atropurpúreo; semente 1, elipsoide a levemente reniforme, testa crustácea, bege no material fresco; embrião totalmente conferruminado.

Comentários: Ocorre nas regiões Norte (Pará), Nordeste (Bahia, Maranhão e Sergipe), Sudeste (Minas Gerais, Rio de Janeiro e São Paulo) e Sul (Paraná, Rio Grande do Sul e Santa Catarina) (Sobral *et al.*, 2013; nova ocorrência em Sergipe é aqui registrada). É encontrada nos domínios da Amazônia, Caatinga, Cerrado e Mata Atlântica (Sobral *et al.*, 2013). Em Sergipe, ocorre em restinga, restinga arbórea e tabuleiros arenosos. Floresce em dezembro e frutifica de dezembro a junho.

Material selecionado: **BRASIL. Sergipe:** Estância, III/2012, 11°15'59"S, 37°16'14"W, fr., *C. Proença et al. 4063* (ASE, UB); Itabaiana, XII/2011, fr., *Araújo et al. 1958* (ASE); Pacatuba, VI/2012, 10°31'50"S, 36°36'55"W Alt: 0 - 17m, fr., *D. Oliveira et al. 459* (ASE); Pirambu, XII/1981, 10°44'16"S, 36°51'22"W, fl., *G. Viana 304* (ASE); Santo Amaro das Brotas, XI/1991, 10°47'20"S, 36°58'34"W, bot., *C. Farney 2821* (RB).

9. *Neomitranthes* Kausel ex D.Legrand

Arbustos ou árvores. Folhas opostas. Inflorescência botrioide, racemulo umbeliforme ou glomeruliforme. Brácteas e bractéolas persistentes ou caducas, ciliadas, as últimas conadas ou livres. Botão floral fechado, apiculado, a antese por uma caliptra. Hipanto prolongado acima do ovário; antese ocorrente pelo destacamento da caliptra. Pétalas 4, normais a rudimentares, ciliadas; estames com os lóculos das anteras se abrindo por fendas longitudinais retas, paralelas aos filetes. Ovário bilocular, óvulos 2-6 por lóculo; estigma puntiforme. Baga globosa, atropurpúrea quando madura, coroada pelo tubo do hipanto com a caliptra ainda ligada por um único ponto e pêndula ou por uma cicatriz circular decorrente da abscisão completa da caliptra; sementes 1(-2); testa membranácea. Embrião com cotilédones livres, plano-convexos.

Comentários: Gênero endêmico do Brasil com 14 espécies com distribuição no domínio da Mata Atlântica. Ocorre do Rio Grande do Norte ao Rio Grande do Sul (Souza, 2009; Sobral *et al.*, 2013); representada em Sergipe por apenas uma espécie.

9.1. *Neomitranthes obtusa* Sobral & Zambon, *Novon* 12(1): 112. 2002.

Fig. 1H, 1I

Árvore ca. 4-5 m alt., glabra. Ramos novos achatados com glândulas alongadas castanhas. Folhas largo-elípticas a largo-obovadas, 3,8–5,2 x 2,8–4 cm, razão foliar 1,2–1,9, ápice agudo ou arredondado, base obtusa decorrente no pecíolo, margem plana nas folhas jovens, tornando-se fortemente revoluta com a idade, face adaxial lustrosa com a nervura mediana proeminente até 2/3 da lâmina, face abaxial com densas pontuações glandulosas proeminentes de tamanho desigual; pecíolo robusto, 2–5 mm compr., canaliculado. Racemos axilares, glomeruliformes, com 2–3(-6) flores; botões florais ca. 3 mm compr., fechados, apiculados quando jovens e arredondados na pre-antese, abrindo por caliptra; bractéolas ca. 1 mm compr., enegrecidas no centro e escariosas na margem, com pontuações glandulosas, ciliadas; estames em ca. 2 verticilos. Bagas maduras não vistas, globosas, até 15 mm diâm., atropurpúreas quando maduras, coroadas pelo tubo do hipanto com cicatriz circular da queda da caliptra, sementes 1–2, embrião eugenióide, com cotilédones livres, plano-convexos (descrição de literatura, vide comentários).

Comentários: Espécie endêmica do Brasil, ocorrendo nas regiões Nordeste (Bahia e Sergipe) e Sudeste (Espírito Santo), no domínio da Mata Atlântica (Sobral *et al.*, 2013). Em Sergipe ocorre em restinga e restinga arbórea. A descrição do fruto foi adaptada de Souza (2009). Floresce de março a junho e frutifica abril a junho.

Material selecionado: **BRASIL. Sergipe:** Barra dos Coqueiros, VI/1995, 10°54'32"S, 37°02'19"W, fl., fr., *M.F. Landim 419* (ASE, UB); Estância, III/2012, 11°15'59"S, 37°16'14"W, veg., *C. Proença et al. 4047* (ASE, UB); Ilha das Flores, IX/1981, 10°26'24"S, 36°32'24"W, *G.*

Viana 163 B (IPA); Pirambu, V/2011, fr., D.M. Oliveira 83 (ASE); Santo Amaro das Brotas, III/1991, 10°47'20"S, 36°58'34"W, fl., C. Farney 2733 (RB).

10. *Psidium* L.

Árvores ou arbustos. Inflorescência flor isolada, dicásio ou racemo axilar paucifloro altamente modificado, no qual a ráquis continua o crescimento vegetativo e produz folhas normais abaixo de cada botão de modo a parecer um ramo vegetativo normal com série de flores ou bagas axilares isolados em estágios posteriores (racemo precoce). Brácteas e bractéolas livres. Botões abertos no ápice com antese ocorrendo pela abertura dos lobos calicinos ou fechados abrindo-se por rasgaduras regular ou irregular do tubo do hipanto ou fechados abrindo-se por destacamento da caliptra. Hipanto mais ou menos prolongado em tubo acima do nível de inserção do estilete. Lobos calicinos, quando presentes, 2-5, iguais ou desiguais. Pétalas 5, alvas. Anteras oblongas; lóculos se abrindo por fendas longitudinais retas, paralelas aos filetes. Ovário 2-5-locular; óvulos vários a muitos por lóculo; placentação extrusiva; estigma geralmente um tanto expandido, não-puntiforme. Baga verde-amarela a amarela, globosa a piriforme, com lobos do cálice persistentes; pericarpo um tanto espesso; sementes várias a muito numerosas; testa óssea, opaca, com opérculo. Embrião formado pelo eixo radícula-hipocótilo desenvolvido, uncinado, com cotilédones diminutos inflexos.

Comentários: *Psidium* possui ca. 70 que ocorrem nas regiões tropical e subtropical da América, desde o México e Caribe até o norte da Argentina (Landrum & Kawasaki 1997, Govaerts *et al.* 2008). São registradas para o Brasil ca. 60 espécies (Sobral *et al.* 2013), podendo oito delas ser encontradas em Sergipe.

Chave para identificação das espécies de *Psidium* de Sergipe

1. Ramos novos quadrangulares; espécie cultivada ou subespontânea; bagas maduras amarelo esverdeados com polpa vermelha (às vezes branca), geralmente acima de 3 cm diâm ***Psidium guajava* (não tratada)**
- 1'. Ramos novos levemente achatados a cilíndricos; espécies nativas; bagas maduras amarelos ou amarelo esverdeados, com polpa mais ou menos da mesma cor, geralmente abaixo de 2 cm diâm. 2
2. Plantas conspicuamente hirsutas ou pubescentes, inclusive as folhas maduras, botões florais e bagas jovens 3
3. Plantas pubescentes, o indumento rufescente quando jovem; botões florais fechados com lobos calicinos inexistentes ou diminutos, formando um poro apical circular, quadrado ou pentagonal; bagas coroadas pelos hipanto dilacerado em (2-)4-5 lobos irregulares **10.4. *P. guineense***
- 3'. Plantas hirsutas, o indumento alvo a dourado pálido quando jovem; botões florais e bagas coroadas com 5 lobos calicinos lineares a lanceolados **10.2. *P. appendiculatum***

- 2'. Plantas glabrescentes, folhas adultas, botões florais e bagas sempre glabros (às vezes ramos, folhas jovens e face interna dos lobos calicinos pubérulos ou seríceos) 4
4. Botão floral totalmente fechado, ápice arredondado, apiculado ou mamilado em vista apical, abrindo por uma caliptra; bagas coroadas por uma cicatriz circular de abscisão da caliptra ou caliptra pêndula persistente 5
5. Folhas de ápice arredondado ou grosso-acuminado; pedicelos 6-12 mm compr.; botão floral 5-7 mm compr., apiculado **10.6. *P. sartorianum***
- 5'. Folhas de ápice agudo, acuminado ou atenuado-rostrado; pedicelos 12-26 mm compr.; botão floral 7-9 mm compr., arredondado ou mamilado **10.5. *P. oligospermum***
- 4'. Botões florais do tipo aberto, o globo petalífero visível mesmo que apenas por um poro em vista apical, abrindo por rompimento do hipanto entre os lobos calicinos 6
6. Ramos e folhas jovens glabros; botões florais 9-12 mm compr.; inflorescência um racemo apical ou lateral séssil (primeiro par de flores saindo da base da ráquis) às vezes frondoso no ápice; plantas de restinga ou tabuleiros arenosos **10.1. *P. amplexicaule***
- 6'. Ramos e folhas jovens apenas com indumento sob lupa; botões florais 4,5-7 mm compr.; flores geralmente isoladas e axilares (raro racemo frondoso); plantas de caatinga, carrasco ou mata 7
7. Folhas com o ápice geralmente arredondado, muito raramente agudo, e razão foliar 1,3-2,1; lobos calicinos coalescidos pelas faces internas formando 5 álulas (como a asa inteira de uma xícara de café) **10.7. *P. schenckianum***
- 7'. Folhas com ápice geralmente agudo ou atenuado, raro abrupto acuminado ou obtuso, e razão foliar 1,4-3,7; lobos calicinos sem álulas, ápice lanceolado a obscuramente apiculado 8
8. Nervura mediana saliente-estriada na face ventral; lobos calicinos truncados, geralmente obscuramente apiculados **10.3. *P. decussatum***
- 8'. Nervura mediana da folha impressa na face ventral; lobos calicinos lanceolados **10.2. *P. appendiculatum***

10.1. *Psidium amplexicaule* Pers., Syn. pl. 2: 27. 1806.

Arbustos a arvoretas 1,5-2 m alt., glabros exceto às vezes os ápices da superfície interna dos lobos do cálice alvo-pubérulos; ritidoma castanho-avermelhado, esfoliante, o jovem ritidoma matizado de cinza e bege (tipo goiabeira). Folhas pecioladas a subsésseis, suborbiculares a largo-elípticas, 3,5-6,2 x 2,5-4,1 cm, razão foliar 1,1-1,8, concolores, ápice arredondado, raro levemente retuso ou obtuso, base arredondada a subcordada amplexicaule; face adaxial lustrosa com nervura mediana plana evanescente em direção ao ápice; nervuras secundárias 5-8 pares, bifurcando a partir do terço distal da lâmina e formando arcos bem nítidos pecíolo ausente a muito curto, até 1,5 mm compr., robusto. Racemo apical séssil (primeiro par de flores emergindo da base) com 1-3 pares de flores, às vezes continuando crescimento vegetativo; brácteas e bractéolas às vezes persistentes até a frutificação, bractéolas ca. 1-2 mm compr., deltoide-subulados; pedicelos 13-28 mm compr., delicados, achatados. Botões jovens com diminuto poro apical que expande e rompe com o crescimento, botão maduro 9-12 mm compr., piriforme-fusiforme, densamente glanduloso, glândulas maiores e pustuliformes sobre o cálice, diminutamente

verrucosas sobre o hipanto; cálice rasgando-se em (3–)5 lobos irregulares até o disco estaminífero na antese; estames ca. 190 em 6 verticilos; anteras com uma glândula no ápice. Bagas imaturas ca. 1,5 x 1 cm, ovóides a elipsoides, coroado pelos lobos do cálice truncados, revolutos.

Comentários: Além do Brasil, esta espécie ocorre também no Caribe (Govaerts *et al.*, 2008). No Brasil, ocorre na Bahia e Sergipe, no domínio da Mata Atlântica (Sobral *et al.*, 2013). Em Sergipe, ocorre em restinga, restinga arbórea e tabuleiros arenosos. Floresce em setembro e outubro e frutifica em janeiro.

Material selecionado: **BRASIL. Sergipe:** Japarutuba, out.2010, fl., *C.M. Donádio 70* (ASE); Pirambu, IX/1995, bot., *M.F. Landim et al. 607* (ASE, ASU, HUEFS); Santo Amaro das Brotas, I/1978, fr., *M.A. Fonseca 41* (ASE).

10.2. *Psidium appendiculatum* Kiaersk., *Symb. Fl. Bras. Centr.* 39: 32. Tab. 3 fig. d–e. 1893. Nome popular: araçá-de-boi

Árvore ou arbusto 1,5–4 m alt.; caule liso avermelhado, esfoliante em amplas placas, ramos velhos teretiformes a subquadrangulares, ramos e folhas, pedicelos, flores e bagas jovens geralmente hirsutos (alguns indivíduos totalmente glabros); tricomas ascendentes, branco-sórdidos a dourado-pálidos. Folhas pecioladas, vilosas, 1,3–7,0 x 0,7–3,4 cm, oblongas, oblanceoladas ou elípticas, razão foliar 1,3–3,7, ápice geralmente agudo, raro obtuso, mas a ponta quase sempre fina e mucronada, base atenuada ou aguda, margem finamente e irregularmente revoluta; face ventral da lâmina foliar com nervura mediana impressa e ca. 7 secundárias formando uma nervura marginal em arcos ca. 1–2 mm da margem, pouco conspicuos, às vezes obscurecidos pelo indumento; pecíolos 1,5–5 mm compr., delicados, aplanados na face ventral. Flores solitárias, axilares, pedicelos 5–12 mm compr., bractéolas estreito-oblanceoladas, ca. 8–12 mm compr.. Botão floral (excluindo apêndices) 4–6,5 mm compr., lobos do cálice com apêndices foliáceos, linear-lanceoladas, ca. 5–6 mm compr. Baga ca. 7–12 mm diâm., amarelo-esverdeado e glabrescente quando maduro, os apêndices do cálice explanados ou revolutos; sementes ósseas, 2–13 mm compr., lenticular-angulosas.

Comentários: A espécie ocorre no altiplano da Venezuela (C. Proença, observação pessoal) e no Brasil, onde é encontrada nas regiões Nordeste (Bahia, Ceará, Piauí e Sergipe) e Sudeste (Minas Gerais) (Sobral *et al.*, 2013; nova ocorrência em Sergipe é aqui registrada), nos domínios da Caatinga e Cerrado (Sobral *et al.*, 2013). Em Sergipe, ocorre apenas em Caatinga, mas na Bahia ocorre em Carrasco, Cerrado e Mata de Cipó. Frutifica em abril e agosto.

Material selecionado: **BRASIL. Sergipe:** Canindé de São Francisco, IV/2001, 9°33'48"S, 38°01'03"W, fr., *R.M. Harley et al. 54290* (ASE, HUEFS, RB); VIII/2000, 9°32'44"S, 38°01'11"W,

fr., *R.A. Silva et al. 1700* (RB); Poço Redondo, I/2010, 9°56'25"S, 37°55'21"W, *W.J. Machado et al. 128* (ASE); Poço Verde, VIII/2010, 10°42'36"S, 38°10'48"W, fr., *E.V.R. Ferreira 153* (ASE, UB).

10.3. *Psidium decussatum* DC., *Prod.* 3: 235. 1828.

Nomes populares: araçá, araçazinho, araçáí, araçarica, araçá-de-porco, goiabinha

Árvore a arbusto 1,5–5 m alt., glabrescente; ramos jovens, pecíolos, nervura mediana na face abaxial das folhas e bractéolas pubérulas e bordos das folhas jovens ciliadas; ramos achatados. Folhas elípticas, 1–5,2 x 0,7–2,7cm, razão foliar 1,4–3,2, ápice agudo ou atenuado, raro abrupto-acuminado ou obtuso; base arredondada a obtusa; margem delicadamente revoluta em folhas maduras; face adaxial densamente glandulosa, com a nervura mediana proeminente e estriada na face ventral, tornando-se quase avênia com a idade; pecíolo 1–3 mm compr., plano convexo levemente incurvado. Flores axilares, solitárias, no 2º a 4º nós consecutivos a partir do ápice, raro racemo precoce com 1–2 pares de flores e crescimento vegetativo apical; bractéolas ca. 3 mm, lineares, persistentes; pedicelos delicados, ancipitados, 11–22 mm compr.. Botões florais obovais, abertos, ca. 6 mm compr., abrindo-se com rompimento do hipanto; estames ca. 110 em 4–5 verticilos. Baga amadurecendo na sequência verde-amarelado e amarelo-claro na maturação, arredondada, 10–12 mm diâm., coroada pelos lobos calicinos explanados a revolutos; sementes ca. 10, lenticuliforme-angulosas.

Comentários: *Psidium decussatum* DC. foi reduzido ao nível de variedade (= *P. salutare* var. *decussatum* (DC.) Landrum) por Landrum (2003), porém uma nova análise do tipo de *P. decussatum* o fez mudar de opinião (Landrum, com. pessoal, 2008). O rastreamento geográfico do tipo de *P. decussatum* ("ad Contendas", atual Brasília de Minas, na região do agreste mineiro, próximo ao Rio São Francisco) está em desacordo com a sinonimização. Espécie endêmica do Brasil, ocorrendo nas regiões Nordeste (Ceará e Sergipe) e Sudeste (Minas Gerais) (Sobral *et al.*, 2013; nova ocorrência em Sergipe é aqui registrada), nos domínios da Caatinga e Mata Atlântica (Sobral *et al.*, 2013). Em Sergipe, ocorre em mata atlântica, borda de mata e restinga. Flores em março e junho, frutificando entre janeiro e julho.

Material selecionado: **BRASIL. Sergipe:** Areia Branca, XI/2009, veg., *J.F. Lima 107* (ASE); Capela, IV/2012, 10°31'10"S, 37°03'05"W, fr., *L.A. Gomes et al. 413* (ASE); Itabaiana, III/1982, *E. Gomes 8* (ASE); Itaporanga d' Ajuda, IV/2008, fr., *A.B. Sales et al. 161* (ASE, UB); Pirambu, V/2011, fr., *D.M. Oliveira 74* (ASE); Salgado, XI/1981, *E.M. Carneiro 210* (ASE); Santa Luzia do Itanhhy, VI/2011, 11°22'11"S, 37°26'02"W, fr., *L.A. Gomes et al. 168* (ASE); Umbaúba, III/2012, fr., *L.A. Santos et al. 702* (ASE).

10.4. *Psidium guineense* Sw., *Prodr. Veg. Ind. Occ.*: 77. 1788.

1. Nomes populares: araçá, araçá-de-porco, araçá-goiaba, araçá-verdadeiro

Arvoreta, arbusto ou subarbusto 0,3–3 m alt., velutino-pubescente sobre inovações, flores e bagas, mas face adaxial das folhas glabrescente; tricomas eretos, ferrugíneos quando jovens, tornando-se ocráceos ou cremes com a idade. Ramos velhos cilíndricos e lisos, os jovens um tanto achatados. Folhas 3,4–8,7(–14,5) x 1,8–7,6(–11) cm, elípticas a obovadas, razão foliar 1–2,9, ápice arredondado ou obtuso, às vezes com um múcron curto e espesso, base arredondada, obtusa ou aguda e abruptamente decorrente no pecíolo; face adaxial com a nervura mediana plana a levemente impressa, secundárias 7–12, promínulas, curvas, broquidódromas, sem formar nervura marginal; pecíolo 2,5–10 x 1–2 mm, pubescente, achatado em folhas jovens e robusto-canalicular em folhas velhas. Dicásios normalmente 3-floros, raro flor solitária ou compostos com até 7 flores, axilares, brácteas e bractéolas decíduas no botão jovem até pouco depois da antese, botões maduros 8–14 mm compr., fusiformes quando jovens e piriformes na pré-antese, constrictos entre hipânquio e cálice; antese pela abertura dos 5 lobos acompanhado de rompimento do hipânquio até ruptura total deste em casos de botão fechado; lobos do cálice (2–)3–5, 2–8 mm compr.; hipanto não prolongado acima da base do estilete; estames em 4–5 verticilos; anteras oblongas a lineares. Bagas 17–30 mm diâm., arredondadas a ligeiramente alongadas, amarelo-esverdeadas quando maduras, coroadas pelos lobos do cálice eretos, reflexos ou patentes; sementes poucas a numerosas, 2–3 mm, lenticulares a reniformes.

Comentários: Espécie amplamente distribuída por toda a América do México até a Argentina (Govaerts *et al.* 2008). No Brasil, ocorre nas regiões Norte (Amazonas, Amapá e Pará), Nordeste (Alagoas, Bahia, Ceará, Maranhão, Paraíba, Pernambuco, Rio Grande do Norte e Sergipe), Centro-oeste (Goiás, Mato Grosso do Sul e Mato Grosso), Sudeste (Espírito Santo, Minas Gerais, Rio de Janeiro e São Paulo) e Sul (Paraná e Santa Catarina), sendo encontrada nos domínios da Amazônia, Caatinga, Cerrado e Mata Atlântica (Sobral *et al.*, 2013). Em Sergipe, ocorre em Mata Atlântica, Mata subperenifólia, Mata, Borda de mata, Restinga, e “Cerrado” (capoeira savaniforme). É comercializada *in natura* nas feiras de Aracaju e como doce (obs. pessoal). Floresce e frutifica o ano todo.

Material selecionado: **BRASIL. Sergipe:** Aracaju, sem data, fl., fr., S.M. Costa 514 (ASE); Areia Branca, IV/2009, fl., J. Lima 100 (ASE); Capela, XI/2011, 10°57'52"S, 37°04'65"W, fl., L.A. Gomes *et al.* 241 (ASE); Cristinápolis, III/1995, 11°28'48"S, 37°45'36"W, fr., M.F.L. Souza 269a (ASE); Estância, III/2012, 11°15'59"S, 37°16'14"W, fr., C. Proença *et al.* 4068 (ASE, UB); Itabaiana, VI/1998, bot., fl., fr., A. Vicente 128 (ASE); Itaporanga d'Ajuda, I/2008, fr., A.B. Sales *et al.* 154 (ASE, IPA); Malhador, VIII/2000, fr., G. Viana *et al.* 46 (ASE); Pacatuba, II/2012, fr., F. Santos *et al.* 05 (ASE); Pirambu, VII/2011, fl., D.G. Oliveira 99 (ASE); Santa Luzia do Itanhhy, IX/1995, bot., fr., M.F. Landim *et al.* 643 (ASE, HUEFS, UB); Santana do São Francisco, IV/2010, fr., P.M.G. Marroquim *et al.* 22 (ASE); São Cristóvão, VII/1987, 11°01'01"S, 37°11'57"W, fl., fr., G. Viana 1887 (ASE); Siriri, V/2012, 10°30'40"S, 37°05'57"W, fr., L.A. Gomes *et al.* 550 (ASE).

Nomes populares: araçá, araçá-de-porco, araçá-pedra, mulatinha

Fig. 3L

Árvore a arbusto 1–8 m alt., glabrescente; ramos e pecíolos jovens, e pétalas externamente pubérulos ou com pelos esparsos; ramos achatados, canaliculados, com catáfilos na base. Folhas elípticas, lanceoladas ou um tanto ovadas, 2,8–6,0 x 1,6–2,5 cm, ápice agudo, acuminado ou atenuado-rostrado, o extremo ápice agudo nas folhas distais e arredondado nas folhas proximais; base arredondada, obtusa ou aguda, abruptamente decorrente no pecíolo; margem delicadamente revoluta em folhas maduras; face adaxial densamente glandulosa, com 6–8 nervuras laterais inconspícuas ascendendo a 45° – 65° tornando-se quase avênias com a idade; pecíolo 2–6 mm compr., achatado e canaliculado. Flores axilares, solitárias, no 2° e/ou 3° nós consecutivos a partir do ápice, nas axilas de folhas normais ou de brácteas 0,8–1,5 x 0,5–1 cm; bractéolas cedo caducas; pedicelos delicados, ancipitados, 12–26 mm compr. Botões florais obovais, fechados, 7–9 mm compr., arredondados ou mamilados, abrindo-se por uma caliptra 5–6 mm diâm; pétalas revolutas na antese, 5–7 x ca. 4 mm, diminutamente glandulosas, externamente pubérulas ou com uma faixa central de diminutos pelos alvos; disco estaminal arredondado, c. 5 mm, revoluto na antese, albo ou rufo-seríceo; estames em 2–3 verticilos. Baga amadurecendo na sequência verde-amarelado, a amarelo claro na maturação, arredondada ou piriforme, ca. 10 mm diâm., coroada pelos remanescentes lacerados do tubo do hipanto; sementes várias, reniforme-angulosas.

Comentários: Espécie endêmica do Brasil, ocorrendo nas regiões Nordeste (Alagoas, Bahia, Ceará, Maranhão, Paraíba, Pernambuco, Rio Grande do Norte e Sergipe), Centro-oeste (Goiás) e Sudeste (Espírito Santo e Minas Gerais), nos domínios da Caatinga e Mata Atlântica (Sobral *et al.*, 2013). Em Sergipe, ocorre em Restinga, Mata Atlântica, Mata primária, Borda de Mata e Caatinga. Pode ser encontrada fértil em todos os meses do ano, sendo que os frutos amadurecem de setembro a novembro.

Material selecionado: **BRASIL. Sergipe:** Aracaju, XI/2011, 10°53'24"S, 37°03'14"W, fr., D.S. Cardoso *et al.* 398 (ASE); Campo do Brito, IX/1981, 10°43' S, 37°36' W, fr., G. Viana 28 (ASE); Capela, IV/2012, 10°31'10"S, 37°03'05"W, fr., L.A. Gomes *et al.* 421 (ASE); Indiaroba, VIII/1997, 11°31'48"S, 37°30'36"W, bot., fr., M.F. Landim *et al.* 1349 (ASE); Itabaiana, IV/1998, 10°41'06"S, 37°25'31"W, fr., A. Vicente 124b (ASE); Itaporanga d'Ajuda, IV/2009, J.F. Lima 104 (ASE); Japarutuba, I/1997, 10°34'48"S, 36°57'00"W, bot., fl., fr., M.F. Landim *et al.* 1115 (ASE, UB); Malhador, VIII/2000, G. Viana *et al.* 23 (ASE); Pacatuba, VI/2012, 10°31'50"S, 36°36'55"W, bot., fr., D. Oliveira *et al.* 427 (ASE); Pirambu, VI/2012, 10°41'11"S, 36°50'31"W Alt: 0 - 80m, fl., fr., A.P. Prata *et al.* 3059 (ASE); Santa Luzia do Itanhhy, IX/1995, fr., M.F. Landim *et al.* 561 (ASE, UB); Santana do São Francisco, IV/2011, fr., P.M.G. Marroquim *et al.* 39 (ASE); Santo Amaro das Brotas, VI/1991, 10°47'24"S, 37°03'00"W, fr., C. Farney 2758 (RB); São Cristóvão, I/1992, 11°00'53"S, 37°12'23"W, fl., D.S.D. Araújo 9520 (RB); Umbaúba, III/2012, fr., L.A. Santos *et al.* 703 (ASE).

10.6. *Psidium sartorianum* (O. Berg) Nied., Nat. Pflanzenfam. 3(7): 69 1893.

Arbusto a arvoretas até 2 m alt., glabras exceto ramos jovens e margens e nervura mediana das folhas novas. Caule muito liso, escamando em placas arredondadas. Folhas com diminutas glândulas pustuliformes quando jovens, 1,0–4,1(–5,6) x 0,7–2,2(–3) cm, elípticas a obovadas, razão foliar 1–2,5, ápice arredondado a obscuramente grosso-acuminado, base aguda ou mais raro obtusa; face adaxial das folhas velhas com a nervura mediana saliente, manchas esbranquiçadas entre as nervuras secundárias; pecíolo 0,75–3(4) mm compr., delgado. Flores solitárias nas axilas distais; botões florais fechados, apiculados, 5–7 mm, antese por caliptra; caliptra rostrada; pedúnculos delicados, 6–13 mm compr., disco estaminal revoluto na antese, estames em 4–5 verticilos. Baga verde-pálida quando madura, 8–12 mm diâm., elipsoide a subgloboso, glandulosa, coroada pelo remanescente do hipanto; sementes ca. 3–7(–10), 4–8 mm compr., irregulares e angulosas no ponto de contato, se encaixando dentro dos 2–3 lóculos ao redor da placenta não desenvolvida e formando um globo de sementes, este solto dentro do pericarpo.

Comentários: Ocorre desde o México, América Central (Govaerts *et al.*, 2008) até o Brasil, onde se distribui nas regiões Norte (Acre e Rondônia), Nordeste (Bahia, Ceará e Sergipe), Centro-oeste (Goiás e Mato Grosso), Sudeste (Espírito Santo, Minas Gerais e São Paulo) e Sul (Paraná) (Sobral *et al.*, 2013, novas ocorrências em Ceará e Sergipe são aqui registradas). Encontrada nos domínios da Amazônia, Caatinga, Cerrado e Mata Atlântica (Sobral *et al.*, 2013). Em Sergipe, onde é rara, foi registrada em caatinga. Floresce e frutifica em março. Material examinado: **BRASIL. Sergipe:** Porto da Folha, III/2011, 9°53' S, 34°15' W, fl., fr., *D.G. Oliveira et al.* 118 (ASE, UB).

10.7. *Psidium schenckianum* Kiaersk. Symb. Fl. Bras. Centr. 39: 34. Tab. 13 fig. f. 1893.

Nome popular: araçá

Arbusto a árvore, 1–4 m alt., glabra exceto ramos e folhas jovens, lobos do cálice internamente e pétalas externamente velutino-pubéculas a pubescentes. Ramos jovens fortemente achatados nos nós. Folhas curto-pecioladas a subsésseis, largo-elípticas, raro oblongas ou lanceoladas, 1,2–4,1 x 0,9–2,7 cm, razão foliar 1,3–2,1, ápice arredondado ou muito raramente agudo, base arredondada, subcordada ou raramente obtusa, margens fortemente revolutas nas folhas maduras, algumas folhas se enrolando e escondendo a face abaxial; nervuras laterais 2–6, imperceptíveis a muito inconspícua, a mediana tornando-se impressa na face adaxial com a idade; pecíolo 1–1,75 x 1–1,25 mm, canaliculado nas folhas novas. Flores solitárias nos nós proximais, ou racemos precoces com 1–2 pares de flores nos nós proximais e 1–2 pares de folhas novas nos nós distais, continuando o crescimento vegetativo após a floração, quando racemo precoce este ebracteado; pedicelos 4–9 mm compr., delicados, achatados; bractéolas 1,5–3 mm compr., lineares, persistentes. Botões porados, 4–6 mm compr.; cálice subcoriáceo, lobos do cálice coalescentes pela superfície interna, formando 5 álulas em forma de crista, ca. 0,5–0,75 mm compr., rasgando-se na antese e tornando-se revolutas. Bagas globosas,

amadurecendo na sequência verde, amarelo-esverdeado, amarelo, ca. 10 mm diâm., coroadas pelos lobos do cálice eretos ou explanados; sementes 4–7, comprimidas no espaço interno do fruto, lenticular-angulosos, 4–4,5 mm compr., ocre, opacas. Floresce e frutifica em maio.

Material selecionado: **BRASIL. Sergipe:** Poço Redondo, VI/2010, 9°56'25"S, 37°55'21"W, fl., *W.J. Machado et al.* 363 (ASE, UB); Poço Verde, XI/2009, *E.V.R. Ferreira* 13 (ASE).

Comentários: Espécie endêmica do Brasil, ocorrendo apenas na região Nordeste (Bahia, Ceará, Pernambuco e Sergipe) (Sobral *et al.*, 2013; nova ocorrência em Sergipe é aqui registrada). É encontrada nos domínios da Caatinga e Mata Atlântica (Sobral *et al.*, 2013). Em Sergipe, ocorre em Caatinga e Mata de Caatinga.

Referências Bibliográficas

- Amorim, B.S. & Alves, J. 2011. Flora da Usina São José, Igarassu, Pernambuco: Myrtaceae. **Rodriguésia** 62, n.3, p. 499-514.
- Govaerts, R.; Sobral, M.; Ashton, P.; Barrie, F.; Holst, B.K.; Landrum, L.R.; Matsumoto, K.; Mazine, F.F.; Nic Lughadha, E.; Proença, C.E.B.; Silva, L.H.S.; Wilson, P.G. & Lucas, E.J. 2008. **World Checklist of Myrtaceae**. Royal Botanic Gardens, Kew.
- Gressler, E.; Pizo, M.A. & Morellato, L.P.C. 2006. Polinização e dispersão de sementes em Myrtaceae do Brasil. **Revista Brasileira de Botânica** 29(4):509-530.
- Grifo, F.T. 1992. A revision of *Myrcianthes* Berg (Myrtaceae). Tese de Ph.D. Cornell University.
- Landim, M.F. & Landrum, L.R. 2002. The genus *Campomanesia* (Myrtaceae) in Atlantic Rainforest fragments in Sergipe, Northeast region of Brazil. **Sida** 20(1): 205-214.
- Landrum, L.R. 1986. **Flora Neotropica Monograph 45**. *Campomanesia*, *Pimenta*, *Blepharocalyx*, *Legrandia*, *Acca*, *Myrrhinium* and *Luma* (Myrtaceae). New York: The New York Botanical Garden, p. 7-72.
- Landrum, L.R. 2003. A revision of the *Psidium salutare* complex (Myrtaceae). **Sida** 20: 1449-1469.
- Landrum, L.R. 2010. A revision of *Calycolpus* (Myrtaceae). **Systematic Botany** 35(2): 368-389.
- Lourenço, A.M.R. & Barbosa, M.R. 2012. Myrtaceae em restingas no limite norte de distribuição da Mata Atlântica, Brasil. **Rodriguésia** 62(2): 373-393.
- Mazine F.F. 2006. **Estudos Taxonômicos em *Eugenia* L. (Myrtaceae), com ênfase em *Eugenia* sect. *Racemosae* O. Berg**. Tese de Doutorado, Instituto de Biociências, Universidade de São Paulo.
- Mazine, F.F.; Souza, V.C. 2008. A new species of *Eugenia* (Myrtaceae) from north-eastern Brazil. **Botanical Journal of the Linnean Society** 158: 775-777.
- Oliveira, M.I.U.; Funch, L.S. & Landrum, L.R. 2012. Flora da Bahia – Myrtaceae: *Campomanesia* Ruiz & Pavón. **Sitientibus Série Ciências Biológicas** 12(1): 91-107.
- Proença, C.E.B.; Oliveira, M.I.U.; Sobral, M. & Landim, M.F. New species, a new occurrence, a new synonym and an expanded description in Myrtaceae: preparing for a Flora of the State of Sergipe, Brazil (submetido a **Phytotaxa** em outubro de 2013).
- Siqueira, M.F. de. **Ordenação de espécies arbóreas da Mata Atlântica através de dados binários**. Dissertação de Mestrado. Campinas: Unicamp, 143 p.
- Sobral, M.; Grippa, C. R.; Souza, M.C., Aguiar, O.T.; Bertoncello, R.; Guimarães T.B. 2012. Fourteen new species and two taxonomic notes on Brazilian Myrtaceae. **Phytotaxa** 50: 19-50.

Sobral, M.; Proença, C.; Souza, M.; Mazine, F.; Lucas, E. 2013. Myrtaceae In: **Lista de Espécies da Flora do Brasil**. Jardim Botânico do Rio de Janeiro. (<http://floradobrasil.jbrj.gov.br/jabot/floradobrasil/FB10802>)

Souza, M.C. 2009. **Estudos taxonômicos em Myrtaceae no Brasil: Revisão de *Neomitranthes* Kausel ex D.Legrand e contribuição ao conhecimento da diversidade e conservação de *Plinia* L. no Domínio Atlântico**. Tese de Doutorado. Rio de Janeiro: Escola Nacional de Botânica Tropical

Lista de Exsiccatas

Almeida, B. 1 (6.4); **Almeida, M.N. de** 29 (5.1); **Alves, J.P.S.** s.n.(ASE 15430) (6.8); **Amaral, C.** 64 (6.4); **Amorim, A.M.A.** 459 (4.7); 1466 (6.14); 1476 (6.16); 1518 (6.19); 1522 (6.11); **Amorim, B.S.** 1497 (6.16); 1498 (6.3); **Araújo** 1958 (8.4); **Araújo, D.** 1957 (4.11); **Araújo, T.** 28 (6.17); 29 (5.1); 32 (4.11); 37 (6.15); 45 (6.4); **Barreto, A.C.C.** s.n. (10.1); **CONDESE** 429 (1.1); **Calazans, C.** 29 (4.7); 306 (2.1); 312 (8.1); 317 (6.20); 421 (4.11); **Campos, D.A.** 20, 21 (6.11); 88 (4.5); **Cardoso, D.S. A1** p.p. (6.19); **A1** p.p. (4.11); 2 (10.5); 73 (8.1); 102 (4.11); 112, 114 (4.8); 231 (4.3); 251 (10.5); 286 (6.19); 391 (3.1); 395 (6.19); 397 (4.11); **Carneiro, E.** 127 (10.1); 469 (6.16); 691 (10.4); **Carneiro, E.M.** 18 (4.1); 227 (6.13); 302 (6.4); 362 (8.2); 450 (4.7); 453 (5.1); 477 (6.6); 502 (6.4); 673 (8.1); 727 (8.2); 735 (6.4); 755 (6.3); **Carregosa-Silva, T.** 62, 65 (4.1); **Carvalho, A.M. de** 391 (6.3); 4339 (4.11); 4345 (6.3); **Carvalho Sobrinho, J.** 463 (6.18); **Cesar** s.n. (ASE 11477) (10.4); **Cordeiro, L.M.** 279 (3.3); **Costa, S.M.** 514 (10.4); **Cruz, A.** 36 (3.2); 42 (4.2); 45 (6.16); 47 (6.3); 48 (1.1); 55 (10.3); 92 (6.13); 95 (5.1); **Cruz, E.M.O.** s.n. (ASE 11470) (6.19); **Cunha, J.C.S.** 11477 (4.11); **Cynara** s.n. (ASE 11475) (6.19); **Dantas, T.V.P.** 32 (6.3); **Déda, R.M.** 80 (6.2); 81 (8.2); 84 (5.1); 85 (4.7); 90 (6.19); 92 (6.14); 93 (6.3); 124 (3.2); 129 (6.2); 131 (4.6); 158 (3.2); **Donádio, C.M.** 26 (6.13); 33 (3.1); 35 (3.2); 70 (10.1); 76 (6.3); 101 (6.15); 108 (6.7); 109 (3.5); 119 (5.1); 120 (6.12); **Edileuza** s.n. (ASE 11478) (6.11); **Faria, J.E.Q.** 2602 (3.5); 2608 (8.1); **Farias, M.C.V.** 71 (1.1); 75 (6.12); 79 (6.19); 89 (6.17); 95 (6.2); 112 (6.4); 121 (6.17); 307 (7.1); 308 (4.8); **Farinaccio, M.A.** 768 (6.5); 769 (6.3); 776 (6.22); 792 (6.5); 808 (1.1); 834 (4.5); **Farney, C.** 2710 (6.6); 2732 (6.11); 2754 (4.7); 2821 (8.4); 2829 (6.13); 2887 (6.11); 2902 (6.13); 2934 (6.4); 2942 (8.2); 3028 (6.3); **Ferreira, E.V.R.** 13 (10.7); 153 (10.2); 199 (4.11); **Fládson** s.n. (ASE 11474) (6.19); **Fonsêca, M.** s.n. (ASE 18) (4.11); s.n. (ASE 756) (4.1); s.n. (ASE 103) (6.3); s.n. (ASE 105) (6.13); s.n. (ASE 22) (4.11); s.n.(ASE 13509) (6.15); **A41** (10.1); 45 (6.4); **A58** (4.10); 460 (6.13); 476 (4.3); 857 (3.1); 866 (4.1); 2885, 2892 (6.13); **Gomes, C.** 10 (6.16); 18 (6.3); 47, 68, 82, 89 (6.16); 165 (6.3); 191 (6.13); 206 (10.5); 282 (6.8); **Gomes, E.** 84, 163, 198 (6.19); 206 (10.5); 237 (4.11); 240 (8.2); 274 (6.4); 277 (6.11); 342 (4.1); **Gomes, L.** 17 (6.14); **Gomes, L.A.** 22, 30 (6.5); 39 (6.16); 42 (6.14); 73 (5.1); 74 (4.7); 98 (10.5); 109 (3.2); 116 (6.16); 118 (6.19); 119 (6.3); 120 (5.1); 128 (6.19); 131 (10.5); 134 (4.2); 168 (10.3); 215 (6.3); 241 (10.4); 297 (3.2); 303 (6.19); 313 (8.2); 316 (6.2); 331 (6.13); 332 (3.5); 350, 378 (6.19); 413 (10.3); 414 (6.4); 421 (10.5); 427 (6.3); 531 (4.6); 543 (6.4); 550 (10.4); **Jardim, J.G.** 311 (4.11); 450, 465 (6.14); 473 (6.16); **Landim, M.F.** 108 (3.5); 166 (8.2); 167 (4.11); 190 (6.11); 210 (6.22); 211 (2.1); 214 (6.13); 237 (6.16); 269 (6.3); 275 (4.3); 282 (3.2); 283 (4.6); 303 (6.20); 312 (2.1); 333 (3.2); 341 (6.19); 346 (3.4); 351 (4.6); 354 (3.1); 355 (3.5); 358 (10.5); 360 (4.7); 362 (6.19); 386 (8.2); 403 (4.7); 406 (3.2); 410 (8.2); 419 (9.1); 447 (6.3); 456 (3.5); 458 (6.3); 468 (4.3); 472 (8.2); 484 (6.16); 561 (10.5); 569 (6.11); 580 (8.2); 607 (10.1); 622b (6.22); 627 (6.14); 631 (4.7); 634 (6.16); 637 (6.3); 643 (10.4); 661, 661 (10.5); 667, 668 (6.4); 683 (8.2); 695, 727 (4.11); 734 (6.3); 799 (6.5); 800 (2.1); 803 (6.3); 807 (6.13); 808 (3.5); 827 (6.3); 841 (6.13); 896 (6.4); 904 (3.5); 906 (3.4); 920 (3.2); 945 (6.13); 965 (6.3); 971 (6.22); 1001 (6.11); 1069 (4.11); 1077 (6.16); 1091 (6.3); 1096 (6.16); 1105 (4.7); 1106 (6.13); 1107 (6.3); 1111, 1111 (10.5); 1129 (4.2); 1135 (6.16); 1139 (4.3); 1141 (6.4); 1148 (8.2); 1149 (4.3); 1157 (1.1); 1166 (5.1); 1173 (6.16); 1200, 1202 (3.5); 1221 (8.2); 1235, 1236 (6.4); 1241 (4.1); 1251 (6.16); 1252 (4.2); 1255 (4.11); 1263 (6.19); 1266 (6.16); 1267 (10.5); 1306 (6.16); 1349 (10.5); 1401 (6.19); 1468 (5.1); 1471 (6.3); 1472, 1475 (4.7); 1476, 1478, 1480 (6.3); 1561 (4.11); **Landrum, L.R.** 638 (4.7); **Lima, J.** A61 (6.4); 100 (10.4); 135 (6.19); 146 (3.1); 205 (10.4); **Lima, J.F.** 104 (10.5); 107 (10.3); 111 (6.11); **Lima, J.S.** 31 (2.1); 93 (3.1); 130 (2.1); 137 (4.11); 149 (8.2); **Luís Eduardo** s.n.(ASE 11477) (6.19); **Machado, W.** 144 (4.3); **Machado, W.J.** 154 (8.3); 245 (6.19); 293 (4.8); 363 (10.7); 380 (6.19); 381 (6.4); 403 (3.3); 405 (6.4); 451 (4.2); 497 (6.4); 697 (4.3); 1097 (3.1); **Marcos Antônio** s.n.(ASE 11469) (6.4); s.n.(ASE 11473) (6.19); **Marroquim, P.M.G.** 6 (4.3); 20 (3.2); 22, 31 (10.4); 38 (6.19); 39 (10.5); 41 (4.13); **Matos, A.G.** 6, 10 (3.5); 11 (6.16); 28 (6.3); **Matos, E.C.A.** 215 (6.19); **Matos, I.S.** 50 (6.13); 112 (4.2); 127 (1.1); 177 (6.3); **Mattos Silva, L.A.** 3015 (6.4); **Melo, D.S.** 24 (6.9); 93 (3.5); 95 (6.3); **Melo, E.A.** 16 (4.11); **Melo, J.F.** 10 (10.3); 18 (6.3); **Menezes, I.R.N.** 228 (4.11); **Nascimento Júnior, J.E.** 114 (6.3); 133, 194 (6.4); 217 (2.2); 377 (6.13); 454 (6.15); 456 (4.11); 493 (2.1); 817 (1.1); 950 (6.2); 955 (6.11); 1014 (6.4); 1117 (6.2); **Nascimento, M.** 2 (6.4); **Oliveira, D.** 100, 213 (10.3); 346 (4.13); 423 (4.2); 425 (6.4); 445 (4.2); 452 (8.2); 453 (6.4); 482 (3.2); **Oliveira, D.G.** 33 (6.4); 43 (6.19); 99 (10.4); 119 (4.8); **Oliveira, D.M.** 42 (6.3); 53 (3.2); 63 (6.13); 67 (1.1); 74 (10.3); 105, 150 (4.11); 188 (6.13); 192 (6.11); 212 (4.3); 214 (4.6); **Oliveira, E.V.S.** 76 (6.4); **Pirani, J.R.** s.n.(ESA 92624) (10.5); **Prata, A.P.** 1649 (6.4); 1663 (4.11); 2215, 2240 (10.5); 2280 (4.7); 2281 (6.13); 2282 (6.3); 2288 (6.5); 2367 (4.3); 2586 (5.1); 2617 (6.3); 2666 (4.11); 2780 (1.1); 2919 (6.16); 2977, 2989 (6.2); 2998, 2999 (6.12); 3013 (4.2); 3014 (6.4); 3035 (4.10); 3058 (6.11); 3068 (6.2); 3075 (6.4); 3076 (6.12); 3082 (6.15); 3105 (6.11); 3116 (6.4); 3146 (6.11); **Proença, C.** 3485 (6.19); 4046 (1.1); 4047 (9.1); 4048 (6.17); 4049 (6.2); 4050 (6.4); 4051 (8.2); 4054 (6.4); 4055 (2.2); 4056 (6.4); 4060 (8.2); 4061, 4062 (4.2); 4063 (8.4); 4065 (4.12); 4066 (2.2); 4067 (6.5); 4068 (10.4); 4076 (6.11); 4077 (5.1); 4079 (8.2); 4081 (6.4); **Ramos, M.** 12 (4.11); **Ribeiro, A.S.** s.n. (ASE 13284) (4.1); 621 (6.12); **Ribeiro, L.V.**

48, 110 (6.16); **Rodrigues, L.M.O.** 41, 44 (10.5); 45 (6.3); 46 (4.11); 47 (6.21); 61 (6.13); 83 (3.2); **Rozenie** s.n. (ASE 11479) (6.11); **Sales, A.** 161 (10.3); **Sales, A.B.** 38 (4.7); 90 (4.11); 154 (10.4); **Sant'ana, S.C.** 410 (4.7); 440 (6.16); 481 (5.1); 3030 (4.1); **Santana, M.** 197a (6.4); 913 (4.10); 917 (1.1); 920 (6.4); **Santana, M.C.** 41 (4.8); 50 (6.19); 78 (6.4); 99 (4.13); 150 (5.1); 155 (6.19); 157 (4.3); 158 (6.4); **Santos, A.V.** 35, 44 (10.5); 52 (4.11); **Santos, C.S.** 32 (4.5); 102 (6.19); 128 (6.17); 138 (6.4); 153 (8.2); 174 (2.2); 183 (6.4); 210 (4.11); 358 (6.13); 415? (5.1); 415 (6.3); 419 (2.2); 428 (6.11); **Santos, L.A.** 688, 702 (10.3); 705 (4.3); 707 (8.2); **Santos, R.V.S.** s.n.(ASE 13216), s.n. (6.11); **Santos, V.** 10 (6.17); 14 (6.11); 25 (6.5); **Silva, A.C.** 185 (6.3); **Silva, A.C.C.** 308 (4.11); **Silva, G.N.** 1 (4.11); 39 (3.1); **Silva, R.A.** 1700 (10.2); **Silva, T.** 36 (4.1); **Souza, C.A.S.** 33 (6.4); 71 (6.19); 80 (6.11); 97 (6.19); 98 (6.4); 99 (6.3); **Souza, C.L.** 17 (4.11); **Souza, M.F.L.** 284 (10.4); 285 (3.5); **Souza-Alves, J.P.** s.n. (ASE 15433) (10.3); s.n. (6.3); s.n. (ASE 15431) (6.19); s.n. (6.3); s.n. (ASE 15424) (6.19); **Terezinha** s.n. (ASE 11468) (6.4); **Vale, C.O.** 14 (6.21); **Vasconcelos, M.** s.n.(ASE 18785) (4.11); 19 (5.1); 45 (4.11); 46 (6.11); **Viana, G.** s.n. (ASE 166) (10.5); s.n. (ASE 6448) (6.11); s.n. (ASE 785) (4.8); 3 (4.2); 23, 28 (10.5); 34 (4.11); 38 (3.1); 46 (10.4); 50, 166 (10.5); 226 (6.13); 268 (6.3); 273 (6.19); 342 (8.2); 423 (6.4); 425 (4.3); 451 (4.8); 642 (4.11); 885 (6.16); 1040 (6.3); 1079 (6.19); 1081 (6.4); 1104 (6.19); 1169 (6.3); 1201 (4.8); 1284 (6.16); 1335 (6.4); 1448 (10.7); 1454 (4.8); 1502 (10.4); 1506 (6.4); 1653 (6.11); 1693, 1723 (6.4); 1760 (10.5); 1787 (6.3); 1847 (6.16); 1887 (10.4); 1888 (10.5); 1947 (6.11); 1948 (6.13); 1960, 2023 (8.2); 2024 (4.8).

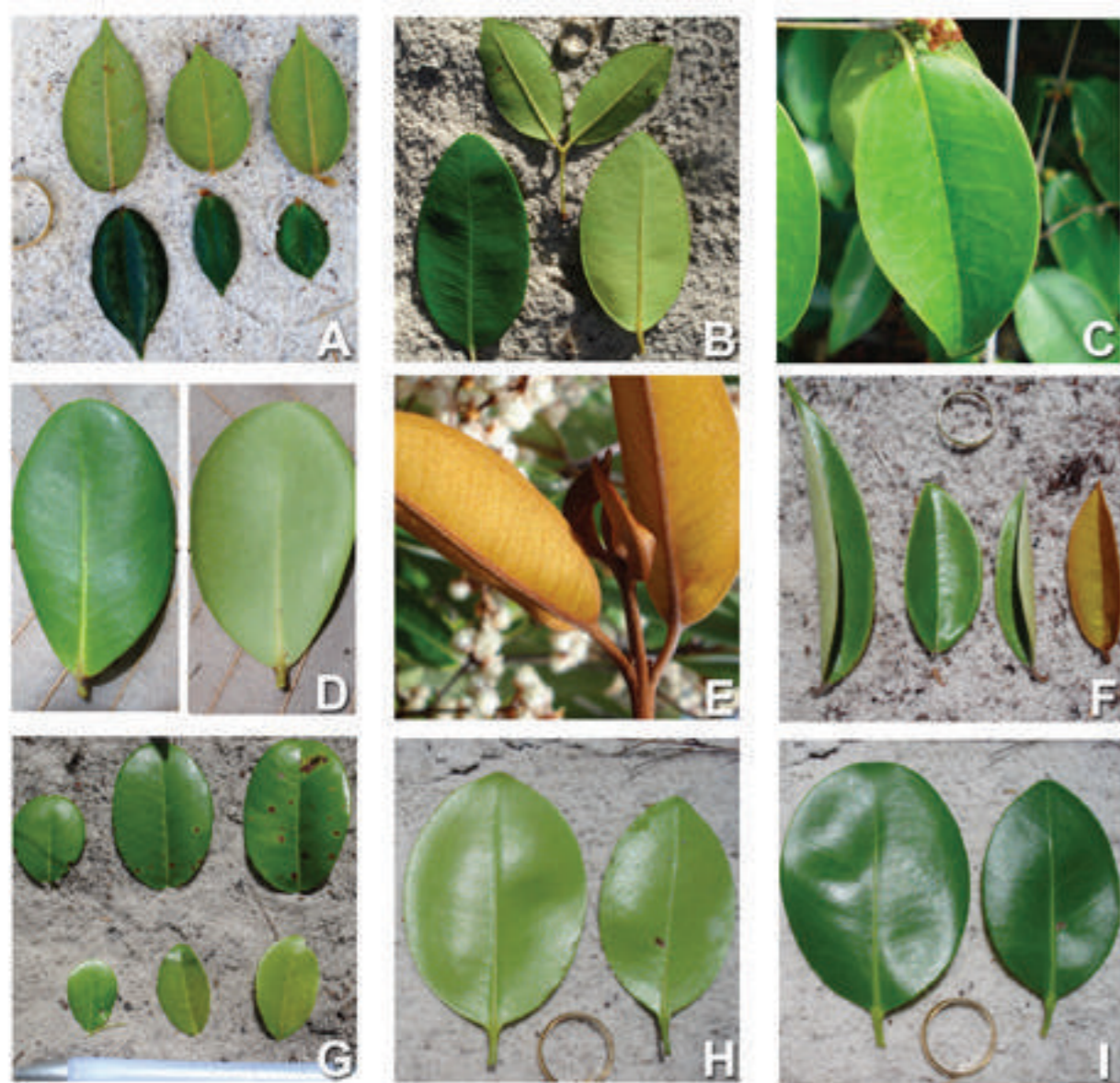


Figura 1. Folhas de material fresco de espécies selecionadas da família Myrtaceae que ocorrem em Sergipe. A. *Myrcia salzmannii*. Folhas face adaxial e abaxial (C. Proença & M.F. Landim 4048, UB); B. *Calyptranthes clusiifolia*. Folhas face adaxial e abaxial (C. Proença & M.F. Landim 4055, UB); C. *Eugenia brejoensis* Folhas face adaxial (C. Proença & M.F. Landim 4062, UB); D. *Eugenia astringens*. Folhas face adaxial e abaxial (sem testemunha); E., F. *Myrcia bergiana*. Inovação vegetativa e folhas face adaxial e abaxial (C. Proença & M.F. Landim 4049, UB); G. *Myrcia guianensis*. Variação foliar (C. Proença & M.F. Landim 4050, UB); H., I. *Neomitranthes obtusa*. Folhas face adaxial e abaxial (C. Proença & M.F. Landim 4047, UB). (Todas as coletas de Sergipe, exceto *E. astringens*, da Bahia). Argola-escala = 1,5 cm.

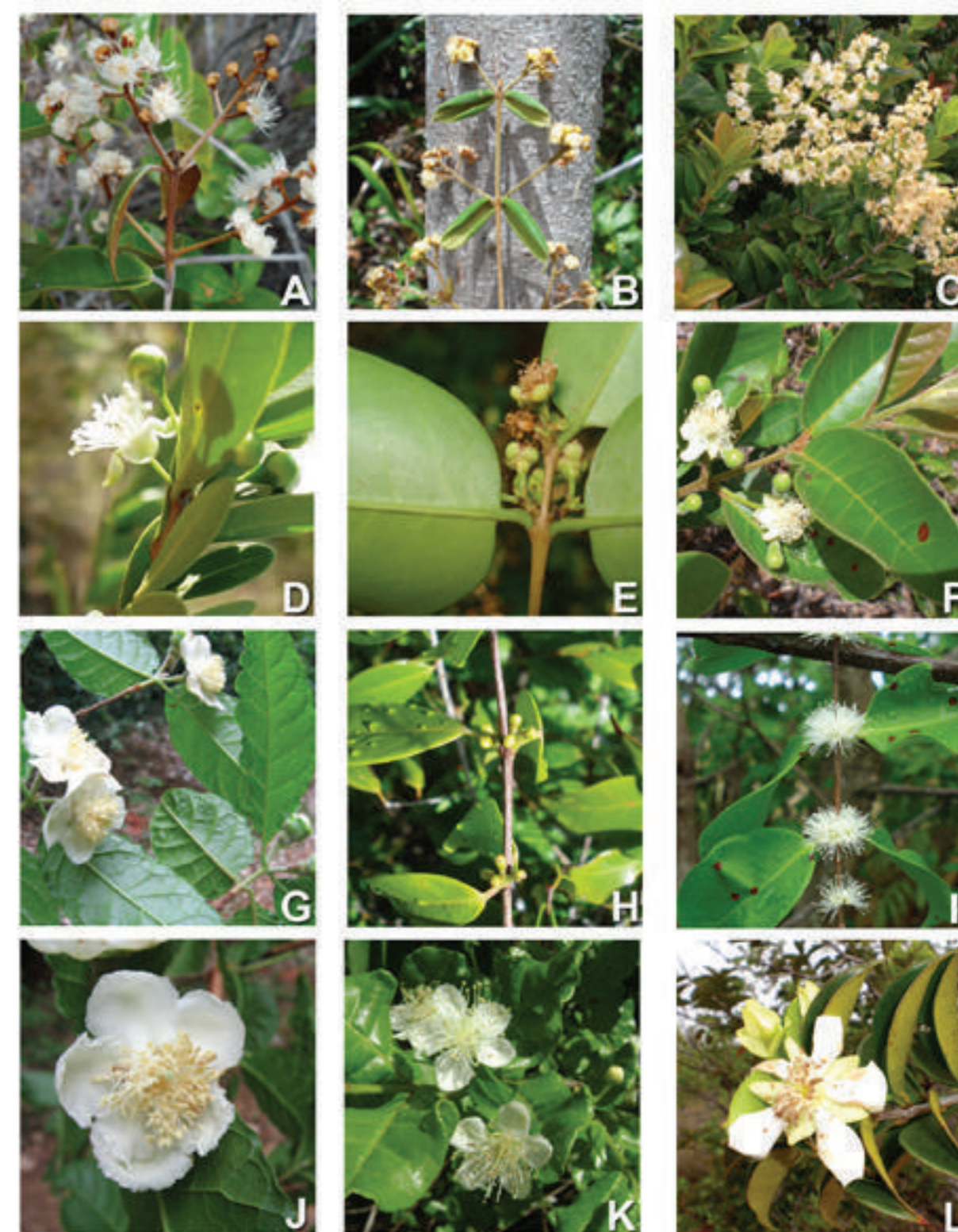


Figura 2. Flores e inflorescências de material fresco de espécies selecionadas da família Myrtaceae que ocorrem em Sergipe. A. *Myrcia bergiana*. Inflorescência (C. Proença & M.F. Landim 4049, UB); B. *Myrcia salzmannii* Inflorescência (C. Proença & M.F. Landim 4048, UB); C. *Myrcia decorticans*. Inflorescências com flores abertas (I.S. Matos 177, ASE); D. *Eugenia puniceifolia*. Flores e botões florais (M. Ibrahim 22 HUEFS); E. *Eugenia brejoensis*. Inflorescência com flores passadas (C. Proença & .F. Landim 4062, UB); F. *Psidium guineense*. Botões florais e flores (I.S. Matos 105, ASE); G., J. *Campomanesia ilhoensis*. Botões florais e flores (Cardoso et al. 2299, HUEFS); H., I. *Myrciaria floribunda* (C. Proença & M.F. Landim 4051, UB); K. *Campomanesia aromatica* (M. Ibrahim 140, HUEFS); L. *Calycolpus legrandii* (I.S. Matos 127, ASE). (Todas coletas de Sergipe, exceto *C. ilhoensis* e *E. puniceifolia*, da Bahia).

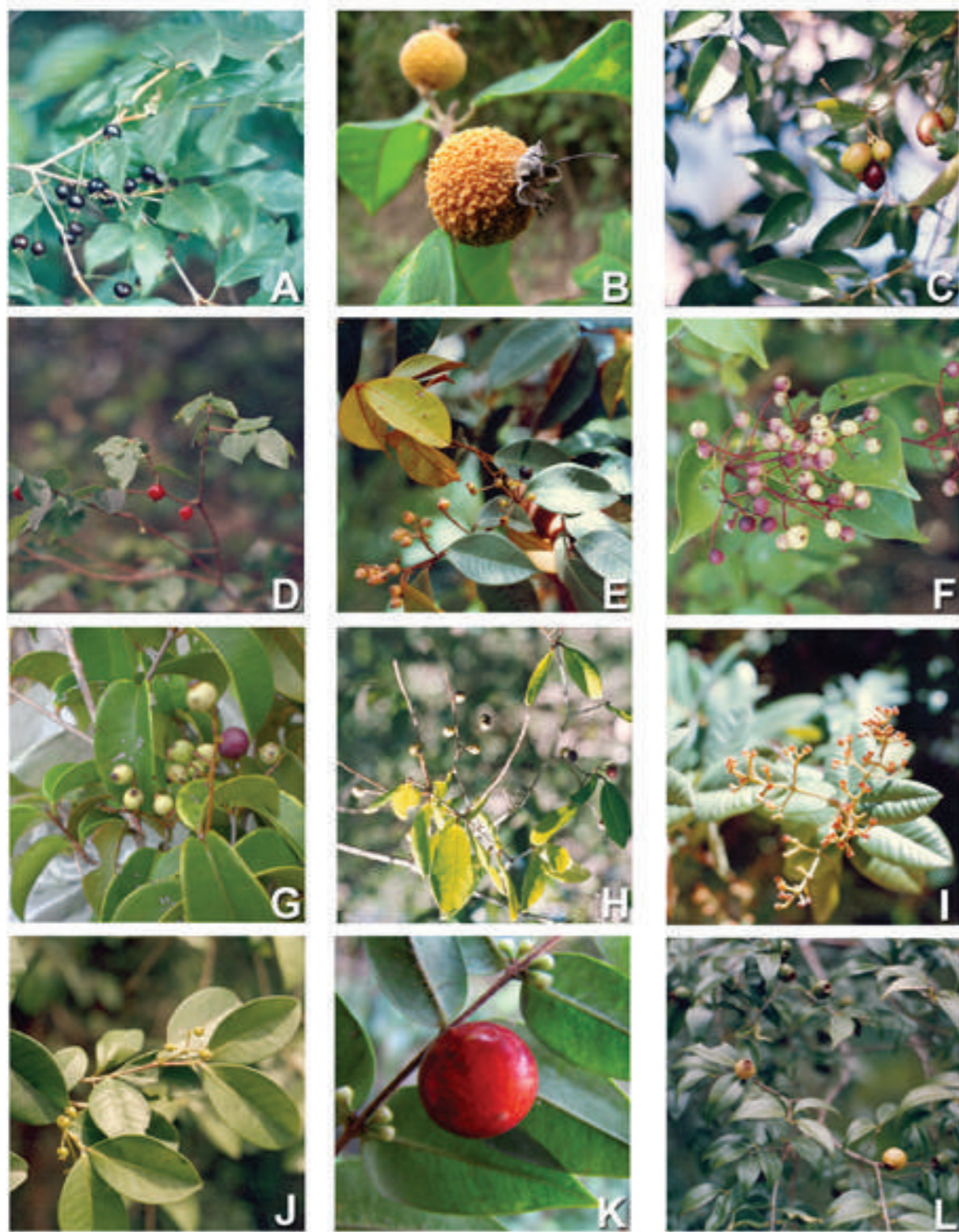


Figura 3. Frutos de material fresco de espécies selecionadas da família Myrtaceae que ocorrem em Sergipe. A. *Campomanesia aromatica*. Frutos maduros (M.F.L. de Souza 354, ASE); B. *Campomanesia ilhoensis*. Frutos maduros (J.E.Q. Faria 2602, UB); C. *Eugenia candolleana* Frutos verdes e maduros (M.F. Landim 468, ASE); D. *Eugenia hirta*. Frutos maduros (M.F. Landim 360, ASE); E. *Myrcia bergiana*. Frutos verdes e maduros (M.F. Landim 1153, ASE); F. *Myrcia lundiana* Frutos em diferentes estágios de maturação (M.F. Landim 1140, ASE); G. *Myrcia polyantha*. Frutos verdes e quase maduros (I.S. Matos 12, ASE); H. *Myrcia hirtiflora*. Frutos imaturos e verdes (M.F. Landim 459, ASE); I. *Myrcia rosangelae*. Frutos muito jovens (M.F. Landim 1173, ASE); J. *Myrcia verrucosa*. Frutos verdes (M.F. Landim 210, ASE); K. *Myrciaria ferruginea*. Frutos maduros (J.E.Q. Faria 2608, UB); L. *Psidium oligospermum*. Frutos maduros (M.F. Landim 561, ASE).

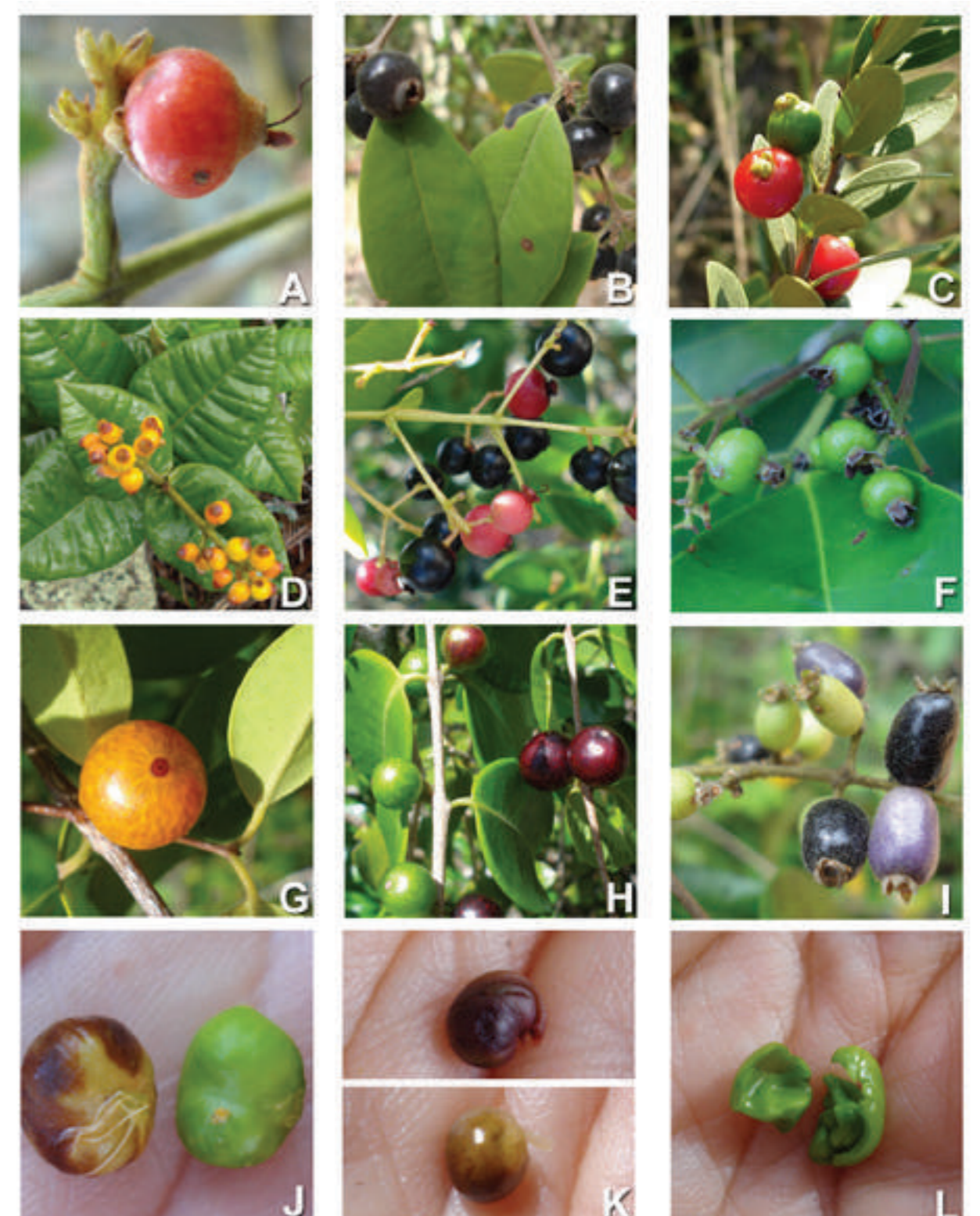


Figura 4. Frutos de material fresco de espécies selecionadas da família Myrtaceae que ocorrem em Sergipe. A., K. *Calyptanthes clusiifolia*. Fruto imaturo com caliptra pêndula (C. Proença & M.F. Landim 4066, UB); B. *Eugenia brejoensis*. Frutos maduros (L.A. Gomes 134, ASE); C. *Eugenia puniceifolia*. Frutos verdes e maduros (M. Ibrahim 22, HUEFS); D. *Myrcia rosangelae*. Frutos imaturos (I.S. Matos 178, ASE); E., L. *Myrcia guianensis*. Frutos imaturos e maduros (M.F. Landim et al. 1612, ASE); F. *Marlierea excoriata*. Frutos imaturos (C. Proença & M.F. Landim 4077, ASE); G., J. *Myrciaria floribunda*. Fruto maduro, semente e embrião (C. Proença & M.F. Landim 4051, ASE); H. *Myrciaria tenella*. Frutos verdes e maduros (C. Proença & M.F. Landim 4063, ASE); I. *Myrcia splendens* Frutos verdes e maduros (C. Proença & S.A. Harris 3485, UB). (Todas as fotos de Sergipe, exceto *Myrcia splendens*, de Minas Gerais, e *Eugenia puniceifolia*, da Bahia).

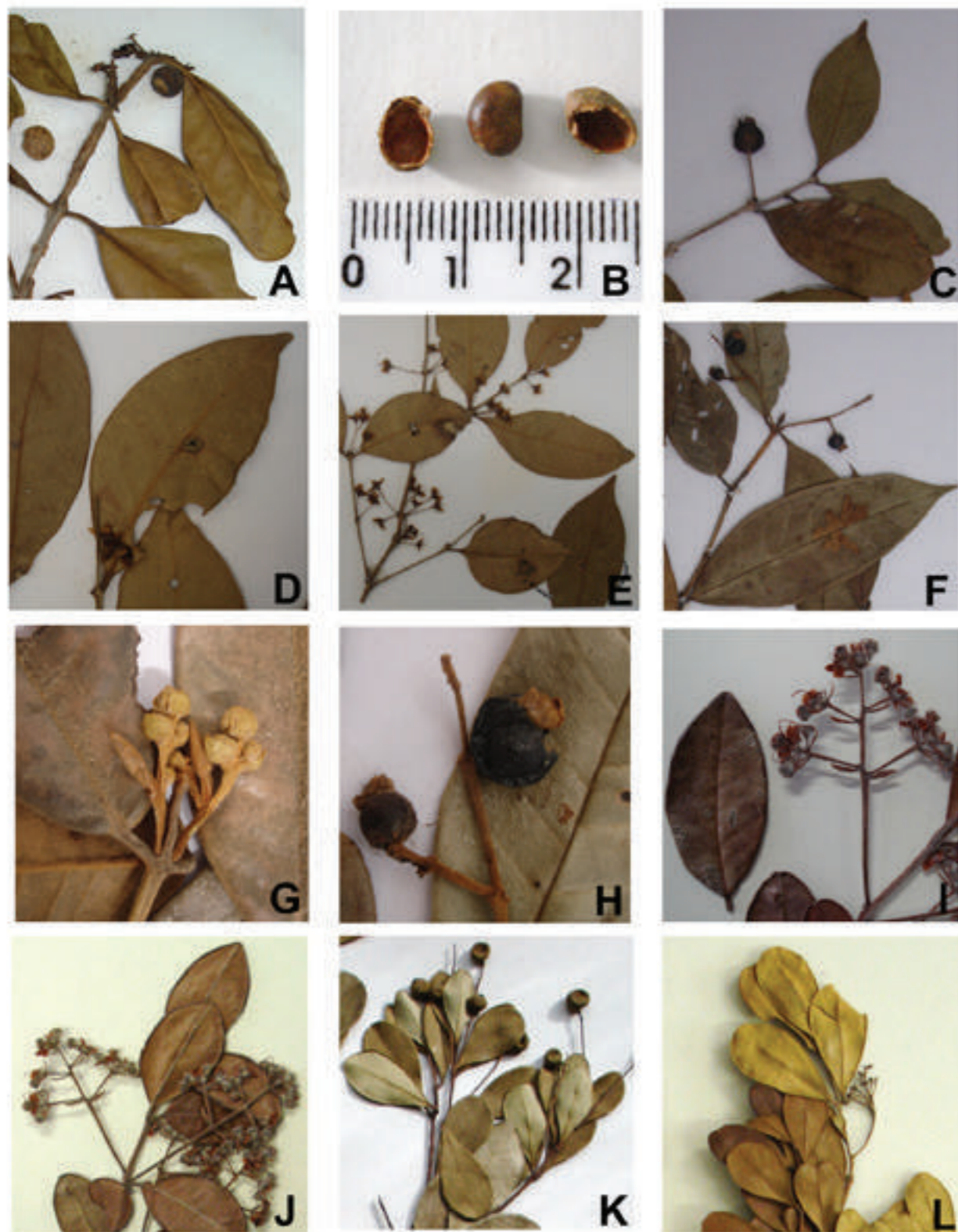


Figura 5. Detalhes de espécies raras ou recém-descritas de Sergipe. A., B. *Eugenia brejoensis*. Fruto maduro e semente (M.F. Landim *et al.* 1252, ASE); C. *Eugenia sp. nov.*. Frutos maduros (J. Paula-Souza *s.n.*, ASE 15432); D., E. *Eugenia sp. nov.*. Flores velhas (G. Viana 471, ASE); F., H. *Myrcia sp. nov.* 1. Frutos maduros (J. Paula-Souza *s.n.*, ASE 15430); G. *Myrcia sp. nov.* 1. Botões florais jovens envolvidos por brácteas (C. Gomes & E. Santos 282, ASE); I., J. *Myrcia sp. nov.* 2. Inflorescências jovens com bractéolas conspicuas (E. Carneiro 264, ASE); K. *Myrcia sp. nov.* 3. Folhas e frutos imaturos (J. Carvalho Sobrinho 463, HUEFS); L. *Myrcia ramuliflora*. Folhas e inflorescência jovem (M. Fonsêca *s.n.*, ASE 405).

ORCHIDACEAE

Coordenadora: Silvana H.N. Monteiro¹

Ervas perenes, terrícolas, rupícolas, epífitas ou hemiepífitas, monopodiais ou simpodiais. Raízes cilíndricas ou achatadas, delgadas ou espessadas. Rizomas conspícuos ou inconspícuos com pseudobulbos presentes ou não. Pseudobulbos homoblásticos ou heteroblásticos, globosos a alongados. Folhas alternas, articuladas ou não, crassas, membranáceas ou coriáceas. Inflorescências terminais, axilares ou laterais, racemo simples ou ramificados, uni ou multifloras. Flores trímeras, zigomorfas, ressupinadas ou não, hermafroditas, raro unissexuadas, pediceladas ou não, geralmente sem distinção entre ovário e pedicelo; sépalas e pétalas tepaloides, pétala mediana diferenciada em labelo; estilete fundido ao filete formando a coluna, antera rimosa, grãos de pólen geralmente agrupado formando polínias. Frutos cápsulas elipsoides ou globosas, deiscentes ou não, polispérmicas.

As Orchidaceae estão distribuídas principalmente nas regiões tropicais e subtropicais, compreendendo cerca de 800 gêneros e aproximadamente 20.000 espécies (Dressler 1993). Para o Brasil são registrados 240 gêneros e 2442 espécies (Barros *et al.* 2013). Em Sergipe a família ocorre em todas as formações vegetacionais, sendo predominante em áreas campestres, e está representada no estado por 68 espécies subordinadas a 36 gêneros. Os principais períodos de floração ocorrem entre janeiro a março e setembro a dezembro (Monteiro *et al.* 2012).

Chave para identificação dos gêneros de **Orchidaceae** de Sergipe
 Tamires Carregosa¹
 Silvana H.N. Monteiro²

- 1. Terrícolas ou rupícolas 2
- 2. Caules intumescidos em pseudobulbos 3
- 3. Pseudobulbos cilíndricos, folhas cilíndricas **2. *Brassavola tuberculata***
- 3'. Pseudobulbos ovoides ou fusiformes, folhas planas 4
- 4. Flores calcaradas 5
- 5. Folhas verde-claras, com máculas verde-escuras, inflorescência lateral, labelo plano ..
 **25. *Oeceoclades maculata***
- 5'. Folhas verdes, sem máculas, inflorescência terminal, labelo infundibuliforme
 **15. *Galeandra montana***
- 4'. Flores não calcaradas 6

^{1,2} Coordenadora: Instituto de Pesquisas Jardim Botânico do Rio de Janeiro, Herbário, Rua Pacheco Leão nº 915, 22460-030, Rio de Janeiro, RJ, Brasil. shnmonteiro@gmail.com

¹ Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP, Instituto de Biologia, Depto. Biologia Vegetal, C.P. 6109, 13083-970, Campinas, SP, Brasil.tamirescarregosa@gmail.com

6. Inflorescência lateral, emergindo da base do pseudobulbo	7
7. Flores com dimorfismo sexual (flor feminina ou masculina)	4. <i>Catasetum</i>
7'. Flores hermafroditas	7. <i>Cyrtopodium</i>
6'. Inflorescência terminal, emergindo do ápice do pseudobulbo	8
8. Pseudobulbo heteroblástico; folhas planas, coriáceas, linear-lanceoladas	11. <i>Encyclia</i>
8'. Pseudobulbo homoblástico; folhas plicadas, ovado-lanceoladas ou oblongo-lanceoladas	21. <i>Liparis</i>
2'. Caules não intumescidos em pseudobulbos	9
9. Plantas geralmente áfilas durante a floração folhas, quando presentes, dispostas em roseta basal	10
10. Flores dotadas de mentum, com sépalas e pétalas avermelhadas	29. <i>Sacoila lanceolata</i>
10'. Flores sem mentum, com sépalas e pétalas verdes ou branco-esverdeadas	11
11. Sépalas fortemente falcadas, ápice arredondado; labelo verde	30. <i>Sarcoglottis</i>
11'. Sépalas levemente falcadas, ápice agudo; labelo branco-esverdeado	36. <i>Veyretia rupicola</i>
9'. Plantas folhosas durante a floração, raramente áfilas, folhas invaginantes ou pecioladas	12
12. Flores calcaradas	13
13. Folhas com bainhas, sempre presentes na floração; pedúnculo glabro; lobo mediano sem fimbrias.....	17. <i>Habenaria</i>
13'. Folhas longo-pecioladas, raramente ausentes na floração; pedúnculo pubescente; lobo mediano fimbriado.....	10. <i>Eltroplectris calcarata</i>
12'. Flores não calcaradas	14
14. Folhas coriáceas	12. <i>Epidendrum</i>
14'. Folhas membranáceas	15
15. Flores ressupinadas	16
16. Folhas pecioladas, em roseta basal, pedúnculo pubescente	18. <i>Hapalorchis lineata</i>
16'. Folhas sésseis ou com bainhas invaginates, distribuídas pelo caule, pedúnculo glabro	17
17. Folhas ovado-oblongas, lisas, sésseis; pétalas e sépalas lilases, labelo lilás, internamente esbranquiçado	13. <i>Epistephium lucidum</i>
17'. Folhas longamente lanceoladas, plicadas, bainhas invaginates; pétalas, sépalas e labelo brancos, labelo com área central amarelada	32. <i>Sobralia liliastrum</i>
15'. Flores não ressupinadas	15
18. Flores pediceladas, labelo ovado, unguiculado	6. <i>Cranichis candida</i>
18'. Flores sésseis, labelo cuculado, subséssil	27. <i>Prescottia plantaginea</i>
1'. Epífitas ou hemiepífitas	19
19. Caules intumescidos em pseudobulbos	20
20. Folhas cilíndricas	21
21. Inflorescência racemo simples; flores brancas, labelo inteiro	2. <i>Brassavola tuberculata</i>
21'. Inflorescência racemo ramificado (paniculada); flores amarelas maculadas de	

castanho, labelo trilobado	33. <i>Trichocentrum</i>
20'. Folhas planas	22
22. Flores não ressupinadas	23
23. Pseudobulbos > 5 cm, fusiformes; inflorescência racemo simples; flores branco-amareladas, vistosas (> 2 cm. compr.)	28. <i>Prosthechea aemula</i>
23'. Pseudobulbos < 2 cm, ovoides; inflorescência paniculada; flores verde-amareladas, diminutas (< 1 cm compr.)	26. <i>Polystachya estrellensis</i>
22'. Flores ressupinadas	24
24. Pseudobulbos homoblásticos	25
25. Flores dimórficas	4. <i>Catasetum</i>
25'. Fores monomórficas	9. <i>Dimerandra emarginata</i>
24'. Pseudobulbos heteroblásticos	26
26. Inflorescência terminal	27
27. Pseudobulbos superpostos, emergindo da base ou do ápice do pseudobulbo anterior; flores com sépalas laterais unidas na base; labelo inteiro ou bilobado	31. <i>Scaphyglottis sickii</i>
27'. Pseudobulbos não superpostos, emergindo do rizoma; flores com sépalas laterais separadas na base; labelo trilobado.....	28
28. Folhas linear-lanceoladas; flores com até 6 cm compr.	11. <i>Encyclia</i>
28'. Folhas oblongas; flores acima de 6 cm compr.	5. <i>Cattleya</i>
26'. Inflorescência lateral	29
29. Inflorescência uniflora	34. <i>Trigonidium acuminatum</i>
29'. Inflorescência multiflora	30
30. Inflorescência racemo simples	24. <i>Notylia barkerii</i>
30'. Inflorescência paniculada	31
31. Folhas sempre planas, elípticas, verdes	32
32. Flores amarelas, com manchas castanho-avermelhadas; labelo não unguiculado, fortemente trilobado, lobos laterais reniformes	16. <i>Gomesa barbata</i>
32'. Flores lilases; labelo unguiculado, inteiro, obcordado	19. <i>Ionopsis utricularioides</i>
31'. Folhas cilíndricas, se planas, oblanceoladas, verdes com manchas castanho-avermelhadas	32. <i>Trichocentrum</i>
19'. Caules não intumescidos em pseudobulbos	33
33. Flores calcaradas	3. <i>Campylocentrum</i>
33'. Flores não calcaradas	34
34. Labelo livre	35
35. Labelo trilobado	36
36. Folhas lateralmente comprimidas, não dísticas	37
37. Folhas oblongo-lanceoladas, dispostas em forma de leque	14. <i>Erycina pusilla</i>
37'. Folhas estreitamente triangulares, densamente imbricadas .	22. <i>Lockhartia goyazensis</i>
36'. Folhas não comprimidas lateralmente, dísticas	8. <i>Dichaea cogniauxiana</i>
35'. Labelo inteiro	38
38. Folhas dísticas, inflorescência terminal	20. <i>Jacquiella globosa</i>
38'. Folhas arranjadas em forma de leque, inflorescência lateral	23. <i>Macroclinium sp.</i>

34'. Labelo adnato a coluna	39
39. Caules reduzidos, folhas ovadas, diminutas (ca. 2 mm compr.), apressas ao substratos, flores igualmente diminutas	1. <i>Barbosella crassifolia</i>
39'. Caules alongados, folhas lanceoladas a elíptico-oblongas (média de 5 cm compr.), não apressas ao substrato, flores vistosas	40
40. Plantas epífitas ou terrícolas, hastes caulescentes, inflorescências terminais	12. <i>Epidendrum</i>
40'. Plantas hemiepífitas, escandentes, semelhantes a lianas, inflorescências laterais	35. <i>Vanilla</i>

1. *Barbosella* Schltr.

Silvana H.N. Monteiro¹

1.1. *Barbosella crassifolia* (Edwall) Schltr., Repert. Spec. Nov. Regni Veg. 15: 261. 1918.

Epífita. Caule não intumescido em pseudobulbo, unifoliado. Folhas ca. 2 mm compr., crassas, ovadas, ápice obtuso. Inflorescência ca. 15 mm compr., 1-flora, ereta; brácteas do pedúnculo ca. 0,2 mm compr., ovado-lanceoladas, ápice agudo, base amplexiva, brácteas florais ca. 0,18 mm compr., oval-lanceoladas, ápice agudo. Flores branco-amareladas com nuances vináceas, hermafroditas, ressupinadas, pediceladas; sépalas laterais concrescidas ca. 12,5 × 6,5 mm oblongo-lanceoladas, sépala dorsal ca. 15 × 3,5 mm linear, ápice agudo; pétalas ca. 13,5 × 3 mm, lanceoladas, ápice agudo; labelo trilobado, lobos laterais eretos, deltoides, ápice obtuso, lobo terminal transversalmente lanceolado, ápice agudo; coluna ca. 29 mm compr., alada, articulada com o labelo, branca com nuances vináceas, polínias 4. Fruto não visto.

Comentários: *Barbosella crassifolia* é endêmica do Brasil, ocorre nas regiões Nordeste (Bahia, Sergipe), Sudeste (Minas Gerais, São Paulo) e Sul (Rio Grande do Sul, Santa Catarina) (Barros *et al.* 2013; Toscano-de-Brito & Cribb 2005). São plantas muito pequenas, prostradas ao substrato, as folhas ovadas são crassas, não atingem mais que 2 mm, apresentam pedunculo bastante alongado com flores que não ultrapassam 3 mm de compr. e não se abrem totalmente. Floresce em junho.

Material examinado: **BRASIL. Sergipe:** Santo Amaro das Brotas, VI/1991, C. Farney 2757 (ASE).

2. *Brassavola* R.Br.

Silvana H.N. Monteiro

2.1. *Brassavola tuberculata* Hook., Bot. Mag. t. 2878. 1829.

Fig. 1. A

Epífita ou rupícola. Pseudobulbo 4 -7 cm compr. cilíndrico. Folhas 8-17 × 0,4-0,5 cm carnosas, cilíndricas, ápice agudo. Inflorescência 3-4 cm compr., racemo simples, pendente, lateral, 2-5 flora; brácteas do pedúnculo 3-5 mm compr., romboides, ápice agudo, base amplexiva; brácteas florais 2-3 mm compr., oval-lanceoladas, ápice agudo. Flores brancas, base interna verde-amarelada, hermafroditas, ressupinadas; pediceladas; sépalas 3,2-4,6 × 0,3-0,6 cm lanceoladas, ápice agudo; pétalas 3,2-3,6 × 0,3-0,4 cm, lanceoladas, ápice agudo; labelo 3-3,4 × 2-2,9 cm, inteiro, ovado, ápice cuspidado, margem ligeiramente revoluta; coluna 10-11 × 2,7-3 mm compr., alada, branca, polínias 8. Fruto não visto.

Comentários: *Brassavola tuberculata* ocorre em todos os estados das regiões Sul e Sudeste e nos estados de Alagoas, Bahia, Goiás, Paraíba, Pernambuco, Sergipe e Tocantins (Barros *et al.* 2013; Pabst & Dungs 1975). Em Sergipe ocorre em afloramentos rochosos sombreados ou como epífita em áreas abertas ou matas, as flores são odoríferas, especialmente à noite. A espécie é reconhecida pelas folhas cilíndricas e carnosas, e pelo labelo branco com a área interna da base em tons verde-amarelados, durante à noite liberar odor cítrico. Floresce de novembro a março.

Material selecionado: **BRASIL. Sergipe:** Lagarto, XI/2010, L.A.S. Santos 140 (ASE); Poço Verde, I/2011, E.V.R. Ferreira 240 (ASE).

3. *Campylocentrum* Benth.

Silvana H.N. Monteiro¹

Epífitas. Crescimento monopodial. Caule não intumescido em pseudobulbo. Raízes cilíndricas ou achatadas, emergindo ao longo do caule. Caule alongado. Folhas invaginantes, linear-elípticas ou aciculadas, crassas ou membranáceas, ápice agudo ou emarginado. Inflorescência racemo simples, axilar, levemente pendente, multiflora. Flores calcaradas, hermafroditas, pediceladas, ressupinadas; sépalas lanceoladas, ápice agudo; pétalas semelhantes às sépalas, por vezes menores; labelo inteiro ou trilobado, transversalmente lanceolado; coluna livre; polínias 2.

Campylocentrum tem distribuição neotropical, com aproximadamente 45 espécies (Toscano-de-Brito & Cribb 2005). Barros *et al.* (2013) citam 36 espécies para o Brasil, das quais duas ocorrem em Sergipe. *Campylocentrum* é o único gênero ocorrente no Brasil

¹ Instituto de Pesquisas Jardim Botânico do Rio de Janeiro, Herbário, Rua Pacheco Leão n° 915, 22460-030, Rio de Janeiro, RJ, Brasil. shnmonteiro@gmail.com

¹ Instituto de Pesquisas Jardim Botânico do Rio de Janeiro, Herbário, Rua Pacheco Leão n° 915, 22460-030, Rio de Janeiro, RJ, Brasil. shnmonteiro@gmail.com

que apresenta crescimento monopodial (Toscano-de-Brito & Cribb 2005).

Chave para identificação das espécies de *Campylocentrum* de Sergipe

1. Raízes cilíndricas, folhas linear-elípticas **3.1. *C. crassirhizum***
1'. Raízes achatadas, folhas aciculadas **3.2. *Campylocentrum* sp.**

3.1. *Campylocentrum crassirhizum* Hoehne, Arq. Bot. Estado São Paulo, n.s., f.m., 1: 44. 1939.

Fig. 1. B

Epífita. Raízes cilíndricas. Folhas 2-4,5 × 0,81,3 cm numerosas, alternas, ligeiramente crassas, elípticas, ápice emarginado. Inflorescência 1,2-1,5cm compr., axilar, levemente pendente, 4-8-flora; brácteas florais 1-1,3 × 1-1,4 mm, ovadas, ápice agudo. Flores branco-amareladas a cremes, com matizes alaranjadas; sépalas laterais 3-3,2 × 1-1,2 mm lanceoladas, ápice agudo, sépala dorsal 3,2-3,5 × 1-1,5 mm linear, ápice agudo-reflexo; pétalas 3,3-3,9 × 0,7-1 mm, lanceoladas, ápice agudo-reflexo; labelo trilobado, lobos laterais eretos, semi-orbiculares, ápice obtuso, lobo mediano lanceolado, ápice agudo; coluna 1-1,2 mm compr., branca com nuances amareladas. Fruto não visto.

Comentários: Em recente revisão taxonômica do gênero (E. Pessoa, dados não publicados), foi verificado que muitos espécimes de *Campylocentrum crassirhizum* estão erroneamente determinados como *C. micranthum* (Lindl.) Rolfe nas coleções biológicas dos herbários nacionais. A diferença principal entre estas espécies é que o ápice da folha de *C. crassirhizum* é fortemente emarginado, enquanto *C. micranthum* é algo retuso. *Campylocentrum crassirhizum* é endêmico do Brasil, ocorrendo nas regiões Nordeste (Paraíba, Pernambuco) e Sudeste (Espírito Santo, Rio de Janeiro), mas com a revisão do gênero acima citada, essa distribuição tende a aumentar. A espécie é reconhecida pelas raízes bastante aderentes ao substrato, folhas elípticas com ápice fortemente retuso e pela organização da inflorescência, com as flores dispostas paralelamente. Floresce em março.

Material selecionado: **BRASIL. Sergipe:** Areia Branca, III/2011, L.A.S. Santos 493 (ASE); Lagarto, III/2010, L.A.S. Santos 99 (ASE); Poço Redondo, III/2009, J.E. Nascimento-Júnior & W.J. Machado. 13230 (ASE); Simão Dias, III/2011, T. Carregosa-Silva et al. 184 (ASE).

3.2. *Campylocentrum* sp.

Epífita. Raízes achatadas. Folhas ca. 3 × 0,3 cm ligeiramente membranáceas, aciculadas, ápice agudo. Inflorescência ca. 0,5 cm compr. Flores e Fruto não visto.

Comentários: Conhecida por apenas uma coleta da região norte do estado, esta espécie assemelha-se vegetativamente a *Campylocentrum aciculatum* (Rchb.f. & Warm.) Cogn., que ocorre nos estados da Bahia, Minas Gerais e Rio de Janeiro, e a *C. pernambucense* Hoehne, que ocorre em Pernambuco. De acordo com E. Pessoa (comunicação pessoal,

10 de setembro de 2013), o material vegetativo é mais similar a *C. pernambucense*, nesse caso a distribuição geográfica da espécie seria ampliada até Sergipe, visto que até o momento só é considerada endêmica de Pernambuco. Devido à falta de material fértil não foi possível identificar a espécie.

Material examinado: **BRASIL. Sergipe:** Capela, XI/2012, L.M.S. Melo et al. 64 (ASE).

4. *Catasetum* Rich. ex Kunth

Tamires Carregosa¹

Epífitas ou terrícolas. Pseudobulbos robustos, homoblásticos, fusiformes. Folhas membranáceas, planas, elípticas, ápice agudo; brácteas do pedúnculo amplexivas; brácteas florais eretas. Inflorescência lateral, racemo simples, ereta, multiflora. Flores unissexuadas, pediceladas; flores masculinas não ressupinadas; sépalas elípticas a oblanceoladas, ápice obtuso a agudo; pétalas elípticas, ápice agudo; labelo côncavo, carnoso, bilobado ou trilobado, lobos lisos, denticulados ou com fímbrias; coluna livre, 2 antenas inconspícuas ou conspícuas; 2 polínias; flores femininas não ressupinadas; sépalas oblanceoladas a oblongas, ápice agudo; pétalas elípticas, ápice agudo; labelo côncavo, sem lobos definidos; coluna curta. Fruto não visto.

Comentários: O gênero *Catasetum* possui cerca de 130 espécies (Silva & Silva 1998, Bastos & van den Berg 2012) e apresenta distribuição neotropical, sendo o Brasil o seu centro de diversidade, onde são registradas 100 espécies (Barros et al. 2013). Em Sergipe foram encontradas quatro espécies, facilmente reconhecidas por apresentarem notável dimorfismo floral, entre as flores masculinas e femininas, além de flores masculinas portando um par de estruturas em forma de antena na parte ventral da coluna.

Chave para identificação das espécies de *Catasetum* de Sergipe

1. Labelo bilobado; pétalas com máculas castanhas **4.3. *C. macrocarpum***
1'. Labelo trilobado; pétalas sem máculas 2
2. Terrícolas; lobos laterais e mediano com margem fimbriada **4.1. *C. discolor***
2'. Epífitas; lobos laterais com margem levemente denticulada ou serrada e lobo mediano com margem inteira 3
3. Flores esverdeadas; pétalas lanceoladas; lobos laterais do labelo semienvoltos pelas pétalas e sépalas **4.4. *C. uncatum***
3'. Flores amarelo-esverdeadas; pétalas ovadas; lobos laterais do labelo completamente envoltos pelas pétalas e sépalas **4.2. *C. hookeri***

¹ Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP, Instituto de Biologia, Depto. Biologia Vegetal, C.P. 6109, 13083-970, Campinas, SP, Brasil.tamirescarregosa@gmail.com

4.1. *Catasetum discolor* (Lindl.). Lindl., Edwards's Bot. Reg. 20: t. 1735. 1834.

Fig. 1. C

Terrícola. Pseudobulbos 14-26 cm compr. Folhas não vistas. Inflorescência 42-62 cm compr., racemo simples, lateral; brácteas do pedúnculo 6-14 mm compr., deltoides, ápice ligeiramente obtuso; brácteas florais 4-14,2 mm compr., lanceoladas, ápice agudo. Flor masculina amarelo-esverdeada; sépalas 12,5-15 × 2,5-3,5 mm, oblanceoladas, ápice obtuso; pétalas 17,7-19,5 × 6,5-7,8 mm, elípticas, ápice obtuso; labelo 14,5-15,3 × 13-13,8 mm, carnoso, trilobado, calceolado, amarelo-esverdeadas; lobos laterais semienvoltos pelas sépalas e pétalas, margem fimbriada; lobo mediano bilobado, curtamente fimbriado; coluna 8,9-9,7 × 4,3-4,7 mm, livre, antenas inconspícuas. Flor feminina pedicelada amarelo-esverdeada; sépalas 13-14 × 2,6-3 mm, membranáceas, oblanceoladas, ápice agudo; pétalas 14-14,5 × 4,4-6 mm, membranáceas, elípticas, ápice agudo; labelo 22,5-29 × 14,1-15 mm, carnoso, inteiro, calceolado, amarelo-esverdeadas; coluna 5,7-6,4 × 4,7-5,6 mm, livre. Fruto não visto.

Comentários: *Catasetum discolor* é bem representada no Norte e Nordeste do Brasil, nos domínios da Mata Atlântica e Amazônia (Barros *et al.* 2013). Em Sergipe pode ser encontrada em ambiente de solo arenoso em restinga e no PARNA Serra de Itabaiana, área de ecótono entre Mata Atlântica e Caatinga. Pode ser diferenciada das demais por seu hábito terrícola, em solos arenosos e flores masculinas e femininas com sépalas e pétalas amarelo-esverdeadas, além de labelo apresentando lobos laterais e mediano de margem fimbriada. Floresce nos meses de novembro e dezembro.

Material selecionado: **BRASIL. Sergipe:** Areia Branca, XII/2010, fl., L.A.S. Santos *et al.* 441 (ASE); Estância, XII/2010, fl., T. Carregosa-Silva *et al.* 125 (ASE); XII/2010, fl., Carregosa-Silva *et al.* 100 (ASE); Itaporanga d'Ajuda, XI/2012, fl., G.M.A. Matos *et al.* 213 (ASE).

4.2. *Catasetum hookeri* Lindl., Bot. Reg. 10: sub t. 840. 1825.

Fig. 1. D

Epífita. Pseudobulbos 6-8,7 cm compr., 6-8 foliado. Folhas 7-40,5 × 2,4-5,66 cm, dísticas, distribuídas pelo pseudobulbo, membranáceas, elípticas, ápice agudo. Inflorescência 20-34 cm compr., racemo simples, lateral; brácteas do pedúnculo 6,2-12 mm compr., oblongas, ápice arredondado a obtuso; brácteas florais 6-11 mm compr., ovadas a lanceoladas, ápice agudo. Flor masculina amarelo-esverdeada; sépalas 23-26 × 11-14 mm, ovada, ápice agudo; pétalas 23-24 × 14 mm, elípticas, ápice obtuso a agudo; labelo 17-18 × 13-14 mm, carnoso, trilobado, calceolado; lobos laterais completamente envoltos pelas sépalas e pétalas, margem posteriormente serreada; lobo mediano levemente dobrado para frente, margem inteira; coluna ca. 12 × 3-4 mm, livre, antenas conspícuas. Flor feminina verde; sépalas 12,3-15,5 × 7,6-11,5 mm, carnosas, oblongas, ápice agudo; pétalas 14,4-15,6 × 9-9,7 mm, carnosas, elípticas, ápice agudo; labelo 19,8-20,5 × 16,6-17,5 mm carnoso, inteiro, calceolado, verde, glabro; coluna 6,0 × 8-9 mm, livre; ovário 1,5

× 3,5-4,5 mm. Fruto não visto.

Comentários: *Catasetum hookeri* é endêmico do Brasil, apresentando ocorrência nas regiões Norte, Nordeste e Sudeste (Barros *et al.* 2013). Em Sergipe pode ser encontrada desde a Mata Atlântica até a Caatinga, epifitando geralmente em *Arecaceae*. Pode ser diferenciada das demais espécies por suas flores masculinas amarelo-esverdeadas, apresentarem lobo mediano do labelo levemente dobrado para frente, completamente envolto pelas pétalas e sépalas, flores femininas esverdeadas, com sépalas e pétalas carnosas. Floresce entre março e agosto.

Material examinado: **BRASIL. Sergipe:** Poço Redondo, VIII/2006, S.M. Costa *et al.* 111 (ASE). Material adicional examinado: **BRASIL. Bahia:** Morro do Chapéu, I/2012, R.F. Machado 660 (HUEFS)

4.3. *Catasetum macrocarpum* Rich. ex Kunth, Syn. Pl.1: 331. 1822.

Epífita. Pseudobulbos 6-10 cm compr., 5-6 foliado. Folhas 12-25 × 4-7 cm, dísticas, distribuídas pelo pseudobulbo, membranáceas, ápice agudo. Inflorescência ca. 24 cm, racemo simples, lateral; brácteas do pedúnculo 9-13 mm compr., oblongas, ápice arredondado a obtuso; brácteas florais 10-13 mm compr., ovadas, ápice agudo. Flor masculina, verde-amarelada com máculas castanhas, principalmente nas pétalas; sépalas 41-43 × 18-22 mm compr., elípticas, ápice agudo; pétalas 41-42 × 20-22 mm, elípticas, ápice agudo; labelo ca. 30 × 20 mm, carnoso, bilobado, campanulado, verde-amarelado, com algumas máculas castanhas internamente; lobos com margem inteira, calosidade central entre os lobos, semienvoltos pelas sépalas e pétalas; coluna 33-35 × 12-14 mm, livre, antenas conspícuas; antenas 22-25 mm compr. Flor feminina não vista. Fruto não visto.

Comentários: *Catasetum macrocarpum* é amplamente distribuído, pelo Norte, Nordeste e Sudeste do Brasil, compreendendo os domínios da Amazônia e Mata Atlântica (Toscano de Brito & Cribb 2005, Barros *et al.* 2013). Em Sergipe foi encontrada em ambiente de restinga, na região leste do estado. Pode ser diferenciada, por apresentar flores masculinas com máculas castanhas, sobretudo, nas pétalas, além de labelo bilobado com margem inteira e calosidade central entre os lobos. Floresce entre junho e agosto.

Material examinado: **BRASIL. Sergipe:** Indiaroba, VIII/2011, fl., S.D. Vieira *et al.* 1 (ASE).

Material adicional examinado: **BRASIL. Bahia:** Entre Rios, IV/2010, fl. A.V. Popovkin 691 (HUEFS).

4.4. *Catasetum uncatum* Rolfe, Bull. Misc. Inform. Kew: 283.1895.

Fig. 1. E-F

Epífita. Pseudobulbos 6-12 cm compr., 4-7 foliado. Folhas 10-65 × 3-8,3 cm, dísticas,

distribuídas pelo pseudobulbo, membranáceas, estreito-elípticas, ápice agudo. Inflorescência 14–51 cm, racemo simples, lateral; brácteas do pedúnculo 6,7–13,3 mm compr., oblongas, ápice arredondado a obtuso; brácteas florais 6,3–11,2 mm compr., ovadas a lanceoladas, ápice agudo. Flor masculina esverdeada; sépalas 24,3–25,1 × 12,1–13,9 mm, elípticas, ápice agudo a obtuso; pétalas 24,2–25 × 11,4–12 mm, elípticas, ápice agudo; labelo 13,5–14 × 10,2–11,5 mm, carnosos, trilobado, calceolado, verde; lobos laterais semienvoltos pelas sépalas e pétalas, margem levemente denticulada; lobo mediano com margem inteira; coluna 12–14 × 4–5 mm, livre, antenas conspícuas; antenas 13,8–16,5 mm compr. Flor feminina não vista. Fruto não visto.

Comentários: *Catasetum uncatum* é endêmico da região Nordeste e registrada até então, somente para a Mata Atlântica de Pernambuco (Barros *et al.* 2013), fazendo parte da lista oficial de espécies ameaçadas do Brasil (IBAMA 2008). Em Sergipe, *Catasetum uncatum* apresenta uma distribuição ampla, tanto na Mata Atlântica quanto na Caatinga, incluindo uma área de brejo de altitude localizada na região noroeste no estado. Pode ser diferenciada das demais espécies do gênero pelas flores masculinas apresentarem labelo trilobado com lobos laterais de margem levemente denticulada. Floresce, sobretudo, entre os meses de março e agosto.

Material selecionado: **BRASIL. Sergipe:** Areia Branca, VII/2011, fl., L.A.S. Santos *et al.* 576 (ASE). Lagarto, XI/2009, fl., L.A.S. Santos *et al.* 26 (ASE); Nossa Senhora do Socorro, XI/2010, fl., T.R. Silva & L.A. Pereira 29 (ASE); Poço Redondo, VI/1986, fl., G. Viana 1434 (ASE).

5. *Cattleya* Lindl.

Luiz Aquino Silva Santos¹

Terrícolas, epífitas ou rupícolas. Pseudobulbos cilíndricos, fusiformes ou claviformes, heteroblástico ou homoblástico, estreitos ou carnosos, geralmente coberto por bainha paleácea, uni a trifoliado. Folhas oblongas, lanceoladas, ovais, carnosas ou coriáceas, terminais. Inflorescência terminal, racemo simples, pauciflora, raramente multiflora, subtendida por uma espata oblíqua, simples ou dupla, amplexiva. Brácteas florais paleáceas com ápice agudo a obtuso. Flores hermafroditas, ressupinadas, geralmente grandes, vistosas. Coluna geralmente branca. Polínias 4. Cápsula globosa a elipsoide. Estudos moleculares realizados nas últimas décadas revelaram uma nova delimitação para *Cattleya* (van den Berg *et al.* 2000, 2009). O gênero agora engloba as espécies tratadas anteriormente em *Sophranitis* Lindl., *Eunannos* Porta & Brade, *Hadrolaelia* (Schltr.) Chiron & V.P. Castro, *Dungsia* Chiron & V.P. Castro, *Hoffmannseggella* H.G. Jones, *Chironiella* Braem, *Microlaelia* (Schltr.) Chiron & V.P. Castro e *Schluckebieria* Braem, além das espécies brasileiras do gênero *Laelia* Lindl. (van den Berg 2010, 2008). Em Sergipe há a ocorrência

¹ Universidade Federal de Sergipe- UFS, Depto. Ciências Biológicas, Av. Marechal Rondon, s/n, 49100-000, São Cristóvão, SE, Brasil. luizaquino_1989@hotmail.com.

de duas espécies: *C. labiata* Lindl. e *C. tigrina* A. Rich.

Chave para identificação das espécies de *Cattleya* de Sergipe

1. Pseudobulbo adulto com até 8 cm compr., unifoliado, sépalas e pétalas lilás-claro, labelo levemente trilobado, lilás-claro com a porção central magenta..... **5.1. *C. labiata***
- 1'. Pseudobulbo adulto maior que 35 cm compr., bifoliado, sépalas e pétalas castanho-avermelhadas com máculas vináceas, labelo fortemente trilobado, lilás-claro com a porção central róseo-escuro **5.2. *C. tigrina***

5.1. *Cattleya labiata* Lindl., Coll. Bot.: t. 33. 1824.

Fig. 1. G

Epífita. Pseudobulbo 6,5–8,4 × 0,4–1,3 cm, heteroblástico, ereto, claviforme, achatado lateralmente, sulcado, unifoliado. Folha 13–25,5 × 4–5,5 cm, terminal, oblonga, ápice obtuso, coriácea. Espata ca. 8 × 3–4 cm, simples. Inflorescência pauciflora; brácteas florais ca. 4 mm compr., deltoide, ápice agudo. Flores lilás-claro a lilás-escuro, labelo com tons mais escuros na parte interna ou veias de colorido mais intenso na base; sépalas 6,8–8,3 × 1,3–1,9 cm, lanceoladas, margem inteira, ápice agudo; pétalas 6,8–8,4 × 3,6–4,9 cm, deltoides, ápice agudo; labelo 6,6–7,6 × 4,6–5,8 cm, levemente trilobado, margem crespada; coluna 2,7–3,3 × 0,3–0,4 cm. Cápsula elipsoide ca. 11,7 cm compr.

Comentários: *Cattleya labiata* é endêmica do Brasil, citada para as regiões Nordeste e Sudeste, onde ocorre em dois domínios fitogeográficos: Caatinga e Mata Atlântica (Barros *et al.* 2013). Em Sergipe ocorre em área de brejo de altitude (Monteiro *et al.* 2012). A espécie possui variação na coloração, apresentando flores com diferentes tons de lilás. O extrativismo indiscriminado levou *Cattleya labiata* à categoria de espécie ameaçada (IBAMA 2008). Floresce nos meses de março a abril e frutifica no mês de agosto.

Material examinado: **BRASIL. Sergipe:** Poço Redondo, III/2010, fl., L.A.S. Santos *et al.* 139 (ASE).

5.2. *Cattleya tigrina* A. Rich., Portef. Hort. 2: 166. 1848.

Epífita. Pseudobulbo 14–55 × 0,5–1 cm, homoblástico, cilíndrico, sulcado, com 3–8 entrenós, bifoliado. Folhas 9,5–21 × 4,5–8,4 cm, terminais, oblongo-ovadas, crassas, ápice obtuso. Espata ca. 5–13 cm compr., simples. Inflorescência racemosa simples; brácteas florais ca. 5 × 4 mm, deltoide, ápice agudo. Flores com sépalas e pétalas castanhas, maculadas de vináceo e labelo de cor magenta, lobos em tonalidade mais clara; sépalas laterais ca. 3,5 × 1,5 cm, oblongo-lanceoladas, ápice agudo, margem lisa ou algo repanda; sépala dorsal ca. 4,5 × 1,5, subfalcadas, margem levemente revoluta; pétalas ca. 4 × 1,2 cm, elíptico-oblongas, margem repanda ou marcadamente ondulada, ápice obtuso; labelo ca. 3 × 2,4 cm compr., trilobado, lobos laterais envolvendo a coluna; lobo mediano obcordado, superfície verrucosa, ápice emarginado; coluna ca. 2,5 × 1 cm. Fruto não visto.

Comentários: *Cattleya tigrina* é endêmica do Brasil e ocorre nas regiões Nordeste, Sudeste e Sul do Brasil, no domínio fitogeográfico da Mata Atlântica (Barros *et al.* 2013). Em Sergipe esta espécie ocorre em área de transição de Mata Atlântica e Caatinga, na região Centro-sul do estado. Diferencia-se de *C. labiata*, por apresentar duas folhas apicais, coloração rósea no labelo e sépalas e pétalas castanhas com máculas vináceas. Floresce em janeiro.

Material examinado: **BRASIL. Sergipe:** Riachão do Dantas, I/2011, S.D. Vieira *et al.* 2 (ASE).

Material adicional examinado: **BRASIL. Bahia:** Recôncavo Sul, IX/1980, Grupo Pedra do Cavalo 759 (ALCB).

6. *Cranichis* Sw.

Luiz Aquino Silva Santos¹

6.1. *Cranichis candida* (Barb.Rodr.) Cogn. in Fl. Bras. 3(4): 248. 1895.

Terrícola. Caule não intumescido em pseudobulbo. Folhas 6,5–10,2 × 0,9–2,8 cm, rosuladas, pecioladas, oval a elíptica, ápice agudo, nervação acródroma. Inflorescência ca. 24,5 cm compr., multiflora, laxa; brácteas do pedúnculo 3–4, 1,8–2,4 × 0,1–0,5 cm, lanceoladas, ápice agudo a acuminado; brácteas florais 3,7–4,2 × 1,3 mm, lanceoladas, ápice agudo. Flores hermafroditas, não-ressupinadas, alvas com manchas verdes; sépalas 2,8–3,3 × 1,6–2,4 mm, ovais, ápice obtuso; pétalas ca. 2,5 × 1,51 mm, oblongas, glabras, ápice obtuso; labelo 2,3–2,9 × 2–2,75 mm, unguiculado, ovado; coluna ca. 1,4 mm compr. Fruto não visto.

Comentários: *Cranichis* possui 30 espécies distribuídas desde o México, Sul do Caribe, Bolívia, Brasil até a Argentina (Pridgeon *et al.* 2003). Para o Brasil há registro do gênero para todos os estados, com distribuição diferente entre as cinco espécies registradas (Barros *et al.* 2013). *C. candida* é restrita ao Brasil (Barros *et al.* 2013). Em Sergipe é encontrada em uma área de brejo de altitude no município de Poço Redondo, no alto sertão sergipano. Diferencia-se das demais espécies terrestres por apresentar folhas longamente pecioladas, com nervação acródroma, flores não-ressupinadas com labelo marcadamente unguiculado, formando uma concha. Floresce no mês de junho.

Material examinado: **BRASIL. Sergipe:** Poço Redondo, VII/2010, W.J. Machado *et al.* 454 (ASE).

7. *Cyrtopodium* R. Br.

Tamires Carregosa¹

Terrícolas ou rupícolas. Pseudobulbos robustos ou não, homoblásticos, ovoides ou fusiformes. Folhas planas, cartáceas, linear-lanceoladas, ápice agudo. Inflorescência racemo simples ou ramificado, lateral, ereta, multiflora, provida de brácteas amplexivas, grandes e coloridas, as do pedúnculo oval-lanceoladas, ápice agudo, as florais lanceoladas com ápice agudo. Flores hermafroditas, pediceladas, ressupinadas; sépalas ovais, elípticas ou lanceoladas, ápice agudo; pétalas ovais, lanceoladas ou obovadas, ápice acuminado; labelo trilobado; lobos laterais arredondados, ovais ou subreniformes, ápice arredondado; lobo mediano sub-orbicular, ápice arredondado ou retuso; coluna livre; 2 polínias. Fruto cápsula elipsoide.

Cyrtopodium é composto por ca. 50 espécies de distribuição neotropical, desde o sul da Flórida ao Norte da Argentina, sendo o Brasil um centro de diversidade, com 39 espécies (Romero-González *et al.* 2008), das quais quatro foram encontradas em Sergipe.

Chaves para identificação das espécies de *Cyrtopodium* de Sergipe

1. Pseudobulbos ovoides, ca. 3 cm compr., enterrados no solo; sépalas e pétalas purpúreo-fuscas, **7.1. *C. brandonianum***
- 1'. Pseudobulbos fusiformes, 10–70 cm compr., aéreos; sépalas e pétalas amarelo-esverdeadas 2
2. Sépalas e pétalas sem máculas; labelo amarelo com calosidade alaranjada ou avermelhada **7.2. *C. flavum***
- 2'. Sépalas e pétalas com máculas castanho-avermelhadas; labelo vináceo, se amarelo, calosidades de outra cor 3
3. Pseudobulbos até 18 cm compr.; inflorescência até 55 cm compr.; pétalas de margem plana; labelo vináceo, com grande mácula amarela sobre o lobo mediano, calosidade branco-rosada **7.4. *C. parviflorum***
- 3'. Pseudobulbos 45–70 cm compr.; inflorescência 95–170 cm compr.; pétalas de margem repanda; labelo amarelo, com máculas castanho-avermelhadas próximas à margem, calosidade amarelada ou amarela **7.3. *C. holstii***

7.1. *Cyrtopodium brandonianum* Barb. Rodr., Gen. Sp. Orchid. 1: 132. 1877

Fig. 1. H-I

Terrícola. Pseudobulbos ca. 3 cm compr., enterrados no solo, ovoides. Folhas 12,8–34 × 0,7–1,1 cm, cartáceas, linear-lanceoladas, ápice agudo. Inflorescência ca. 43,5 cm compr., racemo simples; brácteas do pedúnculo 21–24,8 mm compr.; brácteas florais 7,8–12,7

¹ Universidade Federal de Sergipe- UFS, Depto. Ciências Biológicas, Av. Marechal Rondon, s/n, 49100-000, São Cristóvão, SE, Brasil. luizaquino_1989@hotmail.com

¹ Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP, Instituto de Biologia, Depto. Biologia Vegetal, C.P. 6109, 13083-970, Campinas, SP, Brasil. tamirescarregosa@gmail.com

mm compr. Flores purpúreo-fuscas; sépalas 10,5–14,3 × 6–7,5 mm, ovais, ápice agudo; pétalas 12,2–3,5 × 7,3–8,7 mm, ovais, ápice acuminado; labelo 12,8–13,6 × 11,7–12,1 mm, trilobado, purpúreo-fusca; lobos laterais ovais, ápice arredondado; lobo mediano sub-orbicular, ápice arredondado; coluna 6,8–7,6 mm compr., livre. Fruto não visto.

Comentários: Espécie amplamente distribuída pela Nordeste, Sudeste, Centro-Oeste e Sul, ocorrendo na Mata Atlântica, Caatinga e no Cerrado (Barros *et al.* 2013). Em Sergipe foi encontrada em uma área de ecótono entre Mata Atlântica e Caatinga, região Centro-Oeste do estado. *Cyrtopodium brandonianum* é facilmente reconhecido por apresentar pseudobulbos pequenos (ca. 3 cm compr.), ovoides e flores com sépalas e pétalas purpúreo-fuscas. Floresce em abril.

Material examinado: **BRASIL. Sergipe:** São Domingos, IV/2006, fl., A.P. Prata *et al.* 1200 (ASE).

7.2. *Cyrtopodium flavum* Link & Otto ex Rchb.f., Iconogr. Bot. Exot. 3: 7, t. 214. 1830.

Cyrtopodium polyphyllum (Vell.) Pabst ex F. Barros, Acta Bot. Brasil. 8(1): 12. 1994

Fig. 1. J

Terrícola ou rupícola. Pseudobulbos ca. 30 cm compr., fusiformes. Folhas 10–35 × 1,0–1,8 cm, cartáceas, linear-lanceoladas, ápice agudo. Inflorescência 90–135 cm compr., racemo ramificado; brácteas do pedúnculo 30,3–58 mm compr.; brácteas florais 1,4–2,4 mm compr. Flores amarelo-esverdeadas; sépalas 12–13,4 × 7,5–8,2, elípticas, ápice agudo; pétalas 13–14,5 × 9,8–10,8 mm, obovadas, ápice acuminado; labelo 11,5–12,7 × 12,1–13,6 mm, trilobado, amarelo; lobos laterais arredondados, ápice arredondado; lobo mediano sub-orbicular, ápice retuso; coluna 5,5–6,9 mm compr., livre. Cápsula ca. 5 cm compr.

Comentários: *Cyrtopodium flavum* tem ocorrência nas regiões Sul, Sudeste e Nordeste do Brasil, apresentando distribuição contínua do Rio Grande do Sul a Paraíba (Barros *et al.* 2013). Em Sergipe ocorre na Mata Atlântica e em uma área de transição com a Caatinga, no centro-leste do estado. *Cyrtopodium flavum* é facilmente distinguida, das demais espécies do gênero que ocorrem em Sergipe, por apresentar pseudobulbos fusiformes, além de sépalas e pétalas amarelo-esverdeadas, sem máculas castanho-avermelhadas. Floresce e frutifica entre novembro e janeiro.

Material selecionado: **BRASIL. Sergipe:** Areia Branca, XI/1981, fr., G. Viana 243 (ASE); Japarutuba, XII/2011, fl., E.A. Melo *et al.* 20 (ASE).

7.3. *Cyrtopodium holstii* L.C.Menezes, Schlechteriana 4 (4): 149. 1993.

Fig. 1. K

Terrícola. Pseudobulbos 45–70 cm compr., fusiformes. Folhas 11–75 × 1,5–4,5 cm, cartáceas, linear-lanceoladas, ápice agudo. Inflorescência 95–170 cm compr., racemo ramificado; brácteas do pedúnculo 35–75 mm compr.; brácteas florais 13–18,3 mm

compr. Flores amarelo-esverdeadas com máculas castanho-avermelhadas; sépalas 15,3–15,9 × 6,3–6,8 mm, lanceoladas, ápice agudo, margem repanda; pétalas 14,8–6,8 × 8,4–8,9 mm, ovais, ápice acuminado, margem repanda; labelo 10,8–12 × 16,3–17,4 mm, trilobado; lobos laterais castanho-avermelhados, sub-reniformes, ápice arredondado; lobo mediano amarelo, maculado de castanho-avermelhado na margem, sub-orbicular, ápice retuso; coluna 6,7–8,2 mm compr., livre. Cápsula 5,8–6,5 cm compr.

Comentários: *Cyrtopodium holstii* é endêmico do Brasil, distribuindo-se pelas regiões Norte, Nordeste e Sudeste (Barros *et al.* 2013). Em Sergipe apresenta ampla ocorrência, desde a Mata Atlântica até a Caatinga. *Cyrtopodium holstii* é facilmente reconhecida por apresentar sépalas e pétalas verde-amareladas com máculas castanho-avermelhadas e labelo predominantemente amarelo, com máculas castanho-avermelhadas. Floresce e frutifica entre março e setembro.

Material selecionado: **BRASIL. Sergipe:** Capela, IV/2012, fl., L.A. Gomes, *et al.* 401 (ASE); Estância, IX/2011, fr., L.A.S. Santos *et al.* 577 (ASE); Poço Redondo, IV/2011, fl., L.A.S. Santos & R.M. Deda 532 (ASE); Poço Verde, IX/2010, fr., E.V.R. Ferreira 163 (ASE); São Cristovão, III/1999, fl., A. Cruz & E. Santos 90 (ASE).

7.4. *Cyrtopodium parviflorum* Lindl., London J. Bot. 2: 672. 1843.

Fig. 1. L

Terrícola ou rupícola. Pseudobulbos 10–18 cm compr., fusiformes. Folhas ca. 35 × 2 cm, cartáceas, linear-lanceoladas, ápice agudo. Inflorescência 45–55 cm compr., racemo simples ou ramificado; brácteas do pedúnculo 12–20 mm compr.; brácteas florais 1–2 mm compr. Flores amarelo-esverdeadas com muitas maculas vermelho-acastanhadas; sépalas 9–12 × 4–6 mm, lanceoladas, ápice agudo; pétalas 9–1,1 × 6–7 mm, elípticas, ápice acuminado; labelo 9–11 × 12 mm, trilobado, vinho com grande mácula amarela sobre o lobo mediano; lobos laterais arredondados, ápice arredondado; lobo mediano sub-orbicular, ápice retuso; coluna ca. 5 mm compr., livre. Fruto não visto.

Comentários: *Cyrtopodium parviflorum* apresenta ampla ocorrência, compreendendo todas as regiões do Brasil (Barros *et al.* 2013). Em Sergipe pode ser encontrada em solos secos na região central do estado, correspondendo a áreas de transição entre Mata Atlântica e Caatinga. Pode ser diferenciada por apresentar labelo vinho, com grande mácula amarela sobre o lobo mediano. Floresce entre dezembro e fevereiro.

Material selecionado: **BRASIL. Sergipe:** Areia Branca, II/2008, fl., J.E. Nascimento-Júnior *et al.* 236 (ASE); São Domingos, XII/2010, fl., T. Carregosa-Silva *et al.* 206 (ASE).

8. *Dichaea* Lindl.

Silvana H.N. Monteiro¹

8.1. *Dichaea cogniauxiana* Schltr., Anexos Mem. Inst. Butantan, Secç. Bot. 1(4): 66. 1922. Epífita. Caule não intumescido em pseudobulbo. Folha 2,5–4,4 × 0,5–0,4cm, alternas, imbricadas, lineares, ápice agudo. Inflorescência 1,5–2,2 cm compr., levemente pendente, axilar, uniflora; bráctea do pedúnculo 2–3 mm, amplexivas, suborbicular, ápice agudo, brácteas florais inconspícuas. Flores hermafroditas, ressupinadas, sépalas e pétalas branco-esverdeadas com máculas vináceas, pediceladas; sépalas laterais 6–7,4 × 3 mm, falciformes, ápice agudo, sépala dorsal 5–6 × 1,8–2 mm, largamente lanceolada, ápice agudo; pétalas 5–5,7 × 3–3,2 mm, ovado-elíptica, ápice agudo; labelo inteiro, sagitado, ápice acuminado, branco com máculas vináceas, 4–5,5 × 5–5,5 mm. Coluna 3–3,5 mm, branca com matizes vináceas, polínias 4. Fruto não visto.

Comentários: *Dichaea cogniauxiana* é endêmica do Brasil, bastante comum na Mata Atlântica, ocorre nas regiões Nordeste (Bahia, Sergipe), Centro-Oeste (Mato Grosso), Sudeste (Espírito Santo, Minas Gerais, Rio de Janeiro, São Paulo) e Sul (Paraná, Rio Grande do Sul, Santa Catarina) (Barros *et al.* 2013; Toscano-de-Brito & Cribb 2005). No estado é encontrada na região central e no leste sergipano. Monteiro *et al.* (2012) e Barros *et al.* (2013) identificaram a espécie ocorrente em Sergipe como *Dichaea panamensis* Lindl., no entanto os espécimes encontrados nos fragmentos de mata no estado são mais condizentes com *D. cogniauxiana*, comumente encontrada na Mata Atlântica. A espécie é reconhecida por seu crescimento cespitoso, por suas folhas fortemente imbricadas, a inflorescência desenvolve-se na axila da folha e possui uma única flor. Floresce de setembro a outubro.

Material selecionado: **BRASIL. Sergipe:** Itabaiana, IX/1996, M.F. Landim *et al.* 1030 (ASE); Itaporanga d'Ajuda, XI/2006, M.F. Landim & E. Santos 1571 (ASE).

9. *Dimerandra* Schltr.

Silvana H.N. Monteiro²

9.1. *Dimerandra emarginata* (G.Mey.) Hoehne, Bol. Agric. (São Paulo) 34: 618. 1933, publ. 1934.

Epífita. Pseudobulbos 5–17 cm compr., homoblásticos, cilíndricos, multifoliados. Folhas 3–8 × 0,6–0,8 cm, coriáceas, lineares, ápice emarginado. Inflorescência 0,5–1 cm compr.,

¹ Instituto de Pesquisas Jardim Botânico do Rio de Janeiro, Herbário, Rua Pacheco Leão n° 915, 22460-030, Rio de Janeiro, RJ, Brasil. shnmonteiro@gmail.com

² Instituto de Pesquisas Jardim Botânico do Rio de Janeiro, Herbário, Rua Pacheco Leão n° 915, 22460-030, Rio de Janeiro, RJ, Brasil. shnmonteiro@gmail.com

racemosa, semi-ereta, terminal, 1–4-flora; brácteas florais 3–4 cm compr., amplexivas, lanceoladas, ápice agudo. Flores lilases, base interna do labelo esbranquiçada, hermafroditas, ressupinadas, pediceladas; sépalas laterais 15–17 × 4–7 mm, elíptico-lanceolada, ápice agudo, sépala dorsal 14–16 × 5–7 mm, elíptico-lanceolada, ápice agudo; pétalas 15–18 × 7–10 mm, elíptico-obovadas, ápice agudo; labelo 17–19 × 1–14 mm, inteiro, suborbicular, ápice emarginado. Coluna 4–6 mm, parcialmente adnata ao labelo, lilás-escuro, polínias 4. Cápsula ca. 3 cm compr., elipsoide.

Comentários: *Dimerandra emarginata* não é endêmica do Brasil. Ocorre nas regiões Norte (Amazonas, Amapá, Pará), Nordeste (Alagoas, Bahia, Maranhão, Paraíba, Pernambuco, Sergipe) e Sudeste (Espírito Santo) (Barros *et al.* 2013). É encontrada na região Centro-Oeste e leste de Sergipe. Caracteriza-se pelo crescimento cespitoso, pseudobulbos cilíndricos, alongados e bastante delgados, e pelas flores lilases com mácula branca na parte interna da base do labelo. Floresce de setembro a novembro.

Material selecionado: **BRASIL. Sergipe:** Itabaiana, IX/2006, fl., Silva *et al.* 65 (ASE); Japarutuba, XI/2008, fl., Silva 222 (ASE).

10. *Eltroplectris* Raf.

Tamires Carregosa¹

10.1. *Eltroplectris calcarata* (Sw.) Garay & H.R. Sweet, J. Arnold Arbor. 53(3): 390. 1972. Terrícola. Caule não intumescido em pseudobulbo, inconspícuo. Folhas longo-pecioladas, membranáceas; pecíolo 12–18 cm compr.; lâmina 10–14 cm compr., elíptica, ápice agudo, verde, variegada. Inflorescência 30–55 cm compr., racemo simples, ereta, multiflora, terminal; brácteas do pedúnculo 25–30 mm compr., elípticas, ápice agudo; brácteas florais 18–23 mm compr., ovadas, ápice agudo. Flores hermafroditas, sésseis, ressupinadas, tubulosas, calcaradas; sépalas 30–40 × 2,5–3 mm, lanceoladas, ápice agudo, verdes; pétalas 28–30 × 2,5–3 mm, lanceoladas, ápice agudo, brancas; calcar 1,2–1,5 compr., esverdeado; labelo 15–18 mm, discretamente trilobado, branco; lobos laterais arredondados; lobo mediano deltoide, ápice agudo, fimbriado; coluna ca. 10 mm compr.; polínias 2. Cápsula elipsoide, ca. 25 mm compr.

Comentários: *Eltroplectris* é representado por aproximadamente 12 espécies distribuídas nos Estados Unidos (Flórida), Antilhas e América do Sul. Tem como centro de diversidade o Brasil, principalmente nas florestas litorâneas, onde ocorre a maior parte de seus representantes (Toscano-de-Brito & Cribb 2005). No Brasil, *E. calcarata* apresenta ocorrência para Bahia, Espírito Santo, Paraíba, Pernambuco, Rio de Janeiro e São Paulo (Barros *et al.* 2013). Em Sergipe foi registrada em interior de mata em vegetação de floresta

¹ Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP, Instituto de Biologia, Depto. Biologia Vegetal, C.P. 6109, 13083-970, Campinas, SP, Brasil. tamirescarregosa@gmail.com

estacional semidecidual, podendo ser reconhecida por um conjunto de caracteres como, folhas longo-pecioladas, flor calcarada e labelo branco com lobo mediano fimbriado. Floresce e frutifica em agosto.

Material examinado: **BRASIL. Sergipe:** Santa Luzia do Itanhy, VIII/2012, fl. fr., L.A. Gomes et al. 613 (ASE).

11. *Encyclia* Hook.

Tamires Carregosa¹

Ervas epífitas, terrícolas ou rupícolas. Pseudobulbos heteroblásticos, ovoides ou piriformes, 2–3-foliados. Folhas planas, coriáceas, linear-lanceoladas, ápice obtuso. Inflorescência racemo simples ou ramificado, terminal, ereta, multiflora, com brácteas do pedúnculo amplexivas, deltoides, ápice agudo, as florais com formato semelhante. Flores hermafroditas, pediceladas, ressupinadas; sépalas oblanceoladas a obovadas, ápice obtuso a agudo; pétalas espatuladas, ápice agudo; labelo trilobado; lobos laterais estreitamente obtusos, ápice arredondado; lobo mediano suborbicular a orbicular, ápice emarginado, retuso-mucronado ou agudo; coluna livre; polínias 4. Cápsula fusiforme.

Encyclia é representado por ca. 240 espécies de distribuição neotropical (Dressler 1993), das quais 56 ocorrem no Brasil (Barros et al. 2013). Em Sergipe são registradas quatro espécies.

Chave para identificação das espécies de *Encyclia* de Sergipe

1. Pseudobulbos ovoides; sépalas e pétalas lilases a róseas ou amarelo-esverdeadas 2
2. Flores lilases a róseas; lobo mediano com ápice emarginado **11.2. *E. dichroma***
- 2'. Flores amarelo-esverdeadas; lobo mediano com ápice retuso-cuspidado
..... **11.1. *E. alboxanthina***
- 1'. Pseudobulbos piriformes; sépalas e pétalas acastanhadas com nuances amareladas 3
3. Rupícola ou terrícola; lobo mediano orbicular, ápice retuso-cuspidado **11.4. *E. patens***
- 3'. Epífita; lobo mediano arredondado a suborbicular, ápice agudo **11.3. *E. oncidioides***

11.1. *Encyclia alboxanthina* Fowlie, Orchid Digest 54: 27. 1990.

Fig. 2. A-B

Rupícola ou terrícola. Pseudobulbos 3–6,5 cm compr., ovoides. Folhas 9–23 × 1,1–1,7 cm, apicais, coriáceas, linear-lanceoladas, ápice obtuso. Inflorescência 23–86 cm compr., racemo simples ou ramificado; brácteas do pedúnculo 2–10 mm compr.; brácteas florais

1–4,5 mm compr. Flores verde-amareladas; sépalas 13–19 × 07–9 mm, obovadas, ápice obtuso; pétalas 1,6–1,9 × 0,6–0,9 cm, espatuladas, ápice agudo; labelo 15–19 × 20–23 cm, trilobado, branco, estriado de vináceo no lobo mediano; lobos laterais oblongos, ápice levemente obtuso; lobo mediano orbicular, ápice retuso-cuspidado; coluna 10–13 mm compr., livre. Cápsula ca. 3,5 cm compr.

Comentários: *Encyclia alboxanthina* é endêmica do Brasil, apresentando ocorrência apenas para Bahia e Sergipe (Monteiro et al. 2012). Em Sergipe ocorre nos campos rupestres do Parque Nacional (PARNA) da Serra de Itabaiana, na região central do estado. *Encyclia alboxanthina* pode ser diferenciada das demais espécies do gênero ocorrentes no estado, por apresentar pseudobulbo ovoide, sépalas e pétalas amarelo-esverdeadas, labelo branco portando estrias vináceas. Floresce entre os meses de outubro a fevereiro. Material selecionado: **BRASIL. Sergipe:** Areia Branca, I/2009, fl., K. Mendes et al. 298 (ASE, UFP); Itabaiana, I/1993, fl., S. Gomes & M. Viana 10842 (ASE).

11.2. *Encyclia dichroma* (Lindl.) Schltr., Die Orchideen 1(2): 29. 1914.

Fig. 2. C

Epífita ou terrícola. Pseudobulbos 2,5–6 cm compr., ovoide. Folhas 6–24 × 1–1,7 cm, apicais, coriáceas, linear-lanceoladas, ápice obtuso. Inflorescência 25–60 cm compr., racemo simples; brácteas do pedúnculo 2–9 mm compr.; brácteas florais 1–3 mm compr. Flores lilases a róseas; sépalas 15–19 × 04–07 mm, oblanceoladas, ápice agudo; pétalas 15–19 × 07–10 mm, espatuladas, ápice obtuso; labelo 15–18 × 17–19 mm, trilobado, róseo a lilás, portando estrias mais escuras nos lobos; lobos laterais estreitamente oblongos, ápice arredondado; lobo mediano orbicular, ápice emarginado; coluna 10–13 mm compr., livre. Cápsula ca. 2,5 cm compr.

Comentários: Espécie endêmica do Brasil, ocorrendo apenas na Bahia, Pernambuco e Sergipe (Barros et al. 2013). Em Sergipe pode ser encontrada no PARNA Serra de Itabaiana como rupícolas ou, quando terrícolas, sobre solos de areias brancas. *Encyclia dichroma* pode ser reconhecida por seus pseudobulbos ovoides e pelas flores lilases a róseas. Floresce e frutifica em quase todos os meses do ano.

Material examinado: **BRASIL. Sergipe:** Areia Branca, VI/2011, fr., A.B. Andrade et al. 5 (ASE).

11.3. *Encyclia oncidioides* (Lindl.) Schltr., Die Orchideen 1(2): 210. 1914.

Fig. 2. D

Epífita. Pseudobulbos 6–8,5 cm compr., piriformes. Folhas 20–42 × 1,5–2 cm, apicais, coriáceas, linear-lanceoladas, ápice obtuso. Inflorescência 50–95 cm compr., racemo simples ou ramificado, 12–23-flora; brácteas do pedúnculo 5–11 mm compr.; brácteas florais 2–4 mm compr. Flores amarelo-acastanhadas; sépalas 16–18 × 5–7 mm, oblanceoladas, ápice agudo; pétalas 16–18 × 06–10 mm, espatuladas, ápice agudo; labelo

¹ Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP, Instituto de Biologia, Depto. Biologia Vegetal, C.P. 6109, 13083-970, Campinas, SP, Brasil.tamirescarregosa@gmail.com

14–16 × 13–17 mm, trilobado, branco com estrias vináceas nos lobos; lobos laterais estreitamente oblongos, ápice arredondado; lobo mediano arredondado a suborbicular, ápice agudo; coluna 7–9 mm compr., livre. Cápsula ca. 3,5 cm compr.

Comentários: *Encyclia oncidioides* apresenta ampla distribuição, ocorrendo em todas as regiões do Brasil (Toscano-de-Brito & Cribb 2005). Em Sergipe ocorre na Mata Atlântica e Caatinga. Entre as espécies encontradas no estado *E. oncidioides* se assemelha a *E. patens*, mas diferencia-se desta por ter forma de vida epífita, folhas até duas vezes maiores e labelo com lobo mediano arredondado a suborbicular de ápice agudo. Floresce entre os meses de dezembro e janeiro e frutifica em março.

Material selecionado: **BRASIL. Sergipe:** Japarutuba, XII/1996, fl., *M.F. Landim 1087* (ASE); Pirambu, XII/1881, fl., *G. Viana 300* (ASE); Poço Verde, I/2010, fl., *J.E. Nascimento-Júnior 695* (ASE); Simão Dias, III/2011, fr., *T. Carregosa-Silva 185* (ASE).

11.4. *Encyclia patens* Hook., Botanical Magazine 57: pl. 3013. 1830.

Encyclia odoratissima (Lindl.) Schltr., Die Orchideen 1(2): 210. 1914.

Fig. 2. E

Rupícola ou terrícolas. Pseudobulbos 3,5–4,5 cm compr., piriformes. Folhas 7–29 × 1,3–2 cm, apicais, coriáceas, linear-lanceoladas, ápice obtuso. Inflorescência 35–55 cm compr., racemo simples; brácteas do pedúnculo 4–11 mm compr.; brácteas florais 1,3–2 mm compr. Flores amarelo-acastanhadas; sépalas 15–18 × 6–8 mm, oblongo-oblancheoladas, ápice agudo; pétalas 14–17 × 8–10 mm, espatuladas, ápice agudo; labelo 14–16 × 13–17 mm, trilobado, branco com estrias vináceas no lobo mediano; lobos laterais estreitamente oblongos, ápice arredondado; lobo mediano orbicular, ápice retuso-cuspidado; coluna 8–9 mm compr., livre. Cápsula 3–4 cm compr.

Comentários: *Encyclia patens* é endêmica do Brasil, encontradas nas regiões Nordeste, Sul e Sudeste (Barros *et al.* 2013). Em Sergipe apresenta ocorrência restrita ao PARNA Serra de Itabaiana, na região central do estado. *Encyclia patens* é morfologicamente mais próxima a *E. oncidioides*, porém, apresenta forma de vida terrícola e labelo com lobo mediano orbicular de ápice retuso-cuspidado. Floresce entre os meses outubro e março.

Material selecionado: **BRASIL. Sergipe:** Areia Branca, I/2010, fl., *L.A.S. Santos et al. 58* (ASE); III/2008, fl., *S.M. Costa et al. 357* (ASE); Itabaiana, I/1983, fl., *F. Carneiro 484* (ASE); X/1985, fl., *G.Viana 1175* (ASE).

12. *Epidendrum* L.

Tamires Carregosa¹

Ervas epífitas, terrícolas e rupícolas. Caule não intumescido em pseudobulbo, alongado ou não, multifoliado. Folhas dísticas, planas, coriáceas, lanceoladas a elípticas, ápice obtuso ou levemente cuspidado. Inflorescência racemo simples, terminal, ereta ou pendente, uniflora, pauciflora ou multiflora. Flores hermafroditas, pediceladas ou subsésseis, ressupinadas ou não; sépalas linear-lanceoladas, oblanceoladas ou obovadas, ápice obtuso, cuspidado ou agudo; pétalas oblanceoladas, elípticas, lineares ou linear-lanceoladas, ápice agudo ou obtuso; labelo inteiro, bilobado ou trilobado; lobos laterais e medianos, quando presentes, com margem inteira, erosa a denticulada ou franjada; coluna adnata ao labelo; polínias 4. Cápsula ovoide a elipsoide.

Epidendrum é um dos maiores gêneros de Orchidaceae, englobando cerca de 1000 espécies, distribuídas desde a Carolina do Norte e México até as Ilhas Galápagos e Argentina (Pridgeon *et al.* 2005). No Brasil ocorrem aproximadamente 130 espécies (Barros *et al.* 2013), das quais seis são registradas para Sergipe. A característica mais marcante do gênero é ter a base do labelo totalmente adnada à face inferior da coluna (Toscano-de-Brito & Cribb 2005)

Chave para identificação das espécies de *Epidendrum* de Sergipe

1. Flores ressupinadas 2
2. Inflorescência curto-racemo simples (ca. 1 cm), ereta 3
3. Folhas largo-elípticas, verde na face adaxial e vináceas na face abaxial; pétalas estreitamente lineares; labelo branco, com lobo mediano linear-deltaide e ápice agudo
..... **12.1. *E. carpophorum***
- 3'. Folhas estreito-elípticas, face adaxial e abaxial verdes; pétalas oblanceoladas; labelo esverdeado, com lobo mediano suborbicular e ápice emarginado ... **12.3. *E. pseudodiforme***
- 2'. Inflorescência racemo simples (≥4 cm), pendente 4
4. Terrícola; labelo bilobado, lobos arredondados, ápice emarginado .. **12.4. *E. orchidiflorum***
- 4'. Epífita; labelo inteiro, cordiforme, ápice agudo **12.5. *E. rigidum***
- 1'. Flores não ressupinadas 5
5. Flores grandes (> 2 cm de largura), vermelho-alaranjadas; lobos do labelo com margem franjada **12.2. *E. cinnabarinum***
- 5'. Flores pequenas (< 9 mm de largura), lilases a róseas; lobos do labelo com margem erosa a denticulada **12.6. *E. secundum***

12.1. *Epidendrum carpophorum* Barb.Rodr., Gen. Sp. Orchid. 2: 148. 1882.

Epífita. Caule 13–18 cm compr. Folhas 3,5–10 × 1,5–4 cm, largo-elípticas, ápice levemente

¹ Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP, Instituto de Biologia, Depto. Biologia Vegetal, C.P. 6109, 13083-970, Campinas, SP, Brasil.tamirescarregosa@gmail.com

cuspidado, face adaxial verde, face abaxial vinácea. Inflorescência ca. 1 cm compr., curto-racemo simples, ereta, 1(-2)-flora; brácteas do pedúnculo 13–40 mm compr., amplexivas, oblongas, ápice truncado; brácteas florais ca. 5 mm compr., deltoides, ápice agudo. Flores pediceladas, ressupinadas, pardo-amareladas; sépalas laterais ca. 42 × 5 mm, subfalcadas, ápice agudo, sépala dorsal ca. 40 × 5 mm, linear-lanceoladas, ápice agudo; pétalas ca. 38 × 3 mm, estreitamente lineares, ápice agudo; labelo ca. 30 × 16 mm, trilobado, branco, dois calos amarelados e ovoides próximos à coluna; lobos laterais suborbiculares, ápice arredondado; lobo mediano linear-deltoide, ápice agudo; coluna ca. 20 cm compr. Cápsula elipsoide, ca. 11 cm compr.

Comentários: *Epidendrum carpophorum* apresenta distribuição disjunta compreendendo as regiões Norte, Nordeste e Sudeste do Brasil (Barros *et al.* 2013). É provável que essa disjunção seja fruto da confusão taxonômica ocasionada pela semelhança de *E. carpophorum* com *E. nocturnum*, levando a identificações errôneas nas coleções biológicas brasileiras ou mesmo considerá-la como sinônimo deste último em diversas obras, fazendo com que delimitação da espécie fosse ignorada (Toscano-de-Brito & Cribb 2005). Em Sergipe ocorre no PARNA Serra de Itabaiana, em uma área de ecótono entre Mata Atlântica e Caatinga. Pode ser reconhecida dentre as espécies de *Epidendrum*, registradas para o estado, por suas folhas largo-elípticas de cor verde-vináceo, inflorescência encoberta pela bainha da folha apical, pétalas estreitamente lineares e labelo com lobo mediano linear-deltoide. Até o momento não há espécime para Sergipe depositado em acervo de herbário, uma vez que os exemplares encontrados foram coletados por pesquisadores do Departamento de Agronomia da Universidade Federal de Sergipe e estão em cultivo na casa de vegetação do referido departamento e no momento de floração serão herborizados para incorporação ao acervo do ASE. Floresce em maio (Arie Fitzgerald Blank, comunicação pessoal).

Material adicional examinado: **BRASIL. Bahia:** Amargosa, VIII/2007, J.L. Paixão 1293 (HUEFS).

12.2. *Epidendrum cinnabarinum* Salzm., Bot. Mus. Leaf. 106. 1831.

Fig. 2. F

Terrícola. Caule 20–60 cm compr. Folhas 5–11,4 × 1,8–2,9 cm, lanceoladas, ápice obtuso. Inflorescência 15–32 cm compr., racemo simples, ereta, multiflora; brácteas do pedúnculo 17,2–54,6 mm compr., amplexivas, deltoides, ápice agudo; brácteas florais 3–12,8 mm compr., deltoides, ápice agudo. Flores pediceladas, não ressupinadas, vermelho-alaranjadas; sépalas 18,5–22 × 6–7,2 mm, oblanceoladas, ápice obtuso; pétalas 19,4–23,8 × 5,7–9,2 mm elípticas, ápice obtuso; labelo 22,3–25,7 × 15,7–20 mm, trilobado, vermelho-alaranjado, centralmente amarelado; lobos laterais fortemente recortados ou franjeados; lobo mediano deltoide, ápice 4-franjado, calos no disco; coluna 15,3–19,2 mm compr. Cápsula ovoide a elipsoide, 3,5–6 cm compr.

Comentários: *Epidendrum cinnabarinum* é amplamente distribuído pela região Nordeste do Brasil, desde a Bahia ao Rio Grande do Norte (Barros *et al.* 2013), existindo ainda registros para o Amazonas, Pará e Mato Grosso do Sul (Pabst & Dungs 1975). Em Sergipe é facilmente encontrado na Mata Atlântica, principalmente nos solos arenosos da restinga e nos campos rupestres, em áreas de transição de Mata Atlântica e Caatinga. *Epidendrum cinnabarinum* é facilmente reconhecido pelas suas flores vistosas, vermelho-alaranjadas e lobos do labelo com margem fortemente franjada. Floresce e frutifica em quase todos os meses do ano.

Material selecionado: **BRASIL. Sergipe:** Areia Branca, I/2010, fl., L.A.S. Santos *et al.* 63 (ASE); Capela, III/2011, fl., L.A.Gomes *et al.* 89 (ASE); Estância, XI/2010, fl., T. Carregosa-Silva *et al.* 117 (ASE); Itabaiana, I/1983, fl., M.C. Santana 151 (ASE); Itabaianinha, XII/1981, fl., G.Viana 289 (ASE); Itaporanga d'Ajuda, XI/2008, fl., M. Vasconcelos 36 (ASE); Japarutuba, VI/2010, fl., L.A.S. Santos *et al.* 175 (ASE); Neópolis, XI/1982, fl., E.M. Carneiro 761 (ASE); Pirambu, VIII/2011, fl., E.D. Melo *et al.* 23414 (ASE); Poço Redondo, II/2010, fl., W.J. Machado *et al.* 181 (ASE); Santo Amaro das Brotas, III/2011, fl., J.E. Nascimento-Júnior *et al.* 788 (ASE); São Cristóvão, IX/1986, fl., G. Viana 1603 (ASE); Tomar do Geru, XI/1981, fl., E.M. Carneiro 110 (ASE).

12.3. *Epidendrum pseudodiforme* Hoehne & Schltr., Arq. Bot. Estado São Paulo 1: 242. 1926.

Epífita. Caule 10–35 cm compr. Folhas 3,5–9 × 1–2 cm, estreito-elípticas, ápice obtuso. Inflorescência ca. 1 cm compr., racemo simples, ereta, multiflora; brácteas do pedúnculo 10–40 mm compr., amplexivas, oblongas, ápice truncado; brácteas florais 8–12 mm compr., ovadas, ápice obtuso. Flores pediceladas, ressupinadas, esverdeadas; sépalas laterais ca. 13 × 5 mm, linear-obovadas, ápice agudo, sépala dorsal ca. 12 × 4,1 mm; pétalas ca. 10 × 25 mm, oblanceoladas, ápice agudo; labelo ca. 10 × 12 mm, trilobado, esverdeado, apresentando linhas mais claras, dois calos próximos à coluna; lobos laterais, orbiculares, ápice arredondado; lobo mediano suborbicular, ápice emarginado; coluna ca. 8 mm compr. Cápsula ovoide, ca. 3 cm compr.

Comentários: *Epidendrum pseudodiforme* é endêmico do Brasil, apresentando distribuição nos estados do Amazonas, Amapá, Pará, Maranhão, Pernambuco, Minas Gerais, Rio de Janeiro, São Paulo, Paraná, Santa Catarina, Sergipe, Rio Grande do Sul (Stancik *et al.* 2009). Em Sergipe, *E. pseudodiforme* é encontrado no Agreste da região Centro-Sul do estado, em áreas com vegetação de transição de Mata Atlântica e Caatinga. Pode ser reconhecida, por apresentar racemo curto (ca. 1 cm compr.), flores esverdeadas, labelo trilobado, com lobo mediano de ápice emarginado. Floresce em outubro e frutifica em janeiro.

Material selecionado: **BRASIL. Sergipe:** Lagarto, X/2009, fl., L.A.S. Santos *et al.* 27 (ASE); Simão Dias, I/2012, fr., A.P. Prata *et al.* 2854 (ASE).

12.4. *Epidendrum orchidiflorum* (Salzm.) Lindl., Gen. Sp. Orchid. Pl. 103. 1853.

Fig. 2. G-H

Terrícola. Caule 24–63 cm compr. Folhas 22–62 × 0,8–2,24 cm, lanceoladas, ápice obtuso. Inflorescência 20–60 mm compr., racemo simples, pendente, multiflora; brácteas do pedúnculo 14–46,8 mm compr., amplexivas, deltoides; ápice agudo; brácteas florais 2,5–14,4 mm compr., deltoides a lanceoladas, ápice agudo. Flores pediceladas, ressupinadas, verdes, algumas vezes pouco maculadas de castanho-claro; sépalas 9,3–10 × 4,4–6 mm, oblanceoladas, ápice cuspidado; pétalas 8–9,7 × 1,1–1,4 mm, estreitamente oblanceoladas, ápice agudo; labelo 10,5–11,5 × 12,6–13,8 mm, bilobado, verde, portando algumas máculas vináceas; lobos obovados, ápice arredondado ou emarginado, 2 calos na base; coluna 4,5–5,7 mm compr. Cápsula ovoide a elipsoide, 3,7–4 cm compr.

Comentários: No Brasil, *Epidendrum orchidiflorum* tem ocorrência registrada para as regiões Sudeste, Nordeste e Norte (Barros *et al.* 2013). Em Sergipe é encontrada em solos arenosos de restinga e na região central do estado, correspondendo a um ecótono de Mata Atlântica e Caatinga. *Epidendrum orchidiflorum* pode ser reconhecida por apresentar flores verdes, pouco maculadas de castanho, labelo bilobado com lobos arredondados de ápice emarginado. Floresce e frutifica entre os meses de janeiro e junho.

Material selecionado: **BRASIL. Sergipe:** Areia Branca, III/2011, fl., L.A.S. Santos *et al.* 486 (ASE); III/2008, fl., E.C.A. Matos 228 (ASE); Itabaiana, II/2010, fl., T. Carregosa-Silva *et al.* 24 (ASE); Itaporanga d'Ajuda, I/2008, fl., S.M. Costa *et al.* 223 (ASE); Pirambu, VI/2011, fl., S.N. Pureza & M.C. Santana 2 (ASE); VI/2010. fr., D.M. Oliveira 9 (ASE).

12.5. *Epidendrum rigidum* Jacq., Enum. Syst. Pl. 29.1760.

Fig. 2. I

Epífita. Caule 3–5 cm compr. Folhas 2,4–5 × 0,9–1,3 cm, estreito-elípticas, ápice levemente cuspidado. Inflorescência ca. 4 cm compr., racemo, pendente, pauciflora; brácteas do pedúnculo 15–20 mm compr., oblongas, ápice truncado; brácteas florais 10–13 mm compr., ovadas, ápice agudo. Flores subsésseis, ressupinadas, esverdeadas; sépalas laterais ca. 6,1 × 4 mm, ovadas, ápice agudo, sépala dorsal ca. 5 × 3 mm, oblongo-lanceolada, ápice agudo; pétalas ca. 5 × 2,1 mm, linear-lanceoladas, ápice agudo; labelo ca. 8 × 1,6 mm, cordiforme, ápice agudo, esverdeado; coluna ca. 3 mm compr. Cápsula ovoide, 1,7–2,0 cm compr.

Comentários: *Epidendrum rigidum* é amplamente distribuído em todas as regiões do Brasil, ocorrendo em distintas formações vegetacionais (Barros *et al.* 2013). Em Sergipe foi encontrada em uma área de brejo de altitude na região noroeste do estado. Essa espécie pode ser facilmente reconhecida por apresentar flores verdes, subsésseis e labelo cordiforme de ápice agudo. Floresce e frutifica entre os meses outubro e março.

Material examinado: **BRASIL. Sergipe:** Poço Redondo, III/2010, fr., L.A.S. Santos *et al.* 129 (ASE).

12.6. *Epidendrum secundum* Jacq., Enum. Syst. Pl. 29. 1760.

Fig. 2. J

Epífita, terrícola ou rupícola. Caule 10–55 cm compr. Folhas 2,5–9 × 0,9–2,3 cm, lanceoladas, ápice obtuso a arredondado. Inflorescência 20–61 cm compr., racemo simples; brácteas do pedúnculo 2,2–6 mm compr., amplexivas, deltoides, ápice agudo; brácteas florais 1–10 mm compr., deltoides a lanceoladas, ápice agudo. Flores pediceladas, não ressupinadas, lilases a róseas; sépalas 6,5–9 × 3–4 mm, oblanceoladas, ápice agudo; pétalas 6,5–8,5 × 2–3 mm, oblanceoladas, ápice agudo; labelo 7–9 × 6,5–9 mm, trilobado, lilás a róseo, calosidade branca, centralmente amarela; lobos laterais suborbiculares, margem erosa a denticulada; lobo mediano retangular a deltoide, bilobado, margem erosa a denticulada; coluna 3,5–4,5 mm compr. Cápsula ovoide a elipsoide, 2,8–3,5 cm compr.

Comentários: *Epidendrum secundum* é amplamente distribuído em todas as regiões do Brasil (Barros *et al.* 2013). Em Sergipe pode ser encontrado nos campos rupestres da região central do estado. É facilmente reconhecido pelas suas flores pequenas de cor lilás a róseo e lobos do labelo com margem erosa a denticulada. Floresce e frutifica entre janeiro e outubro.

Material selecionado: **BRASIL. Sergipe:** Areia Branca, VII/2006, fl., J.R. Marciel *et al.* 327 (ASE); Itabaiana, IX/1981, fl., G. Viana 101 (ASE); São Domingos, IV/2006, fl., A.P. Prata *et al.* 1197 (ASE).

13. *Epistephium* Kunth.

Tamires Carregosa¹

13.1. *Epistephium lucidum* Cogn., Fl. Bras. 3(4): 141, pl.30. 1893.

Terrícola. Caule não intumescido em pseudobulbo, 100–150 cm compr., ereto, cilíndrico, multifoliado. Folhas 3,2–12 × 1,5–4,3 cm, dísticas, sésseis, coriáceas, planas, nervação reticulada, lanceoladas a ovadas, ápice agudo. Inflorescência 13–35 cm compr., racemo simples, terminal, ereta, multiflora; brácteas do pedúnculo 7–10 mm compr., amplexivas, ovadas, ápice agudo; brácteas florais 0,5–1,2 mm compr., ovadas, ápice agudo. Flores hermafroditas, pediceladas, ressupinadas, presença de epicálice, róseas a lilases; sépalas 35–46 × 8–11 mm, oblanceoladas, ápice obtuso-agudo; pétalas 36–47 × 9–13 mm, oblanceoladas, ápice obtuso-agudo; labelo 3,8–4,8 × 3,4–4,0 mm, adnato lateralmente à coluna, inteiro, róseo a lilás, centralmente esbranquiçado, obovado, ápice retuso, calos lamelares partem do centro até a base; coluna 30–35 × 5 mm, lilás com ápice branco; grãos de pólen agrupados em massa farinosa, não formando polínias distintas. Cápsula fusiforme, 3,8–6 cm compr.

¹ Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP, Instituto de Biologia, Depto. Biologia Vegetal, C.P. 6109, 13083-970, Campinas, SP, Brasil.tamirescarregosa@gmail.com

Comentários: *Epistephium* engloba aproximadamente 20 espécies distribuídas principalmente nas regiões tropicais da América do Sul (Toscano-de-Brito & Cribb 2005). Para o Brasil são registradas 14 espécies (Barros *et al.* 2013), das quais apenas *Epistephium lucidum* foi registrada para Sergipe. Restrita ao Brasil, *E. lucidum* apresenta ampla distribuição, ocorrendo em quase todas as regiões, exceto o Sul do país. Em Sergipe ocorre em solo arenoso de restinga e em áreas mais abertas e ensolaradas do agreste, na região central do estado. É facilmente reconhecida pelo seu porte grande (caule 1–1,5 m compr.), pela nervação reticulada de suas folhas e flores róseas a lilases. Floresce e frutifica entre março e dezembro.

Material selecionado: **BRASIL, Sergipe:** Areia Branca, IX/1989, fl. fr., *Claudia & Letícia* 2 (ASE) Indiaroba, VIII/2011, fr., *A.P. Prata et al.* 2810 (ASE). Itabaiana, VI/1987, fl. fr., *G. Viana* 1714 (ASE). Santo Amaro das Brotas, VIII/2011, fl., *J.E. Nascimento-Júnior et al.* 933 (ASE). São Domingos, XII/2010, fl. fr., *L.A.S. Santos et al.* 448 (ASE).

14. *Erycina* Lindl.

*Tamires Carregosa*¹

14.1. *Erycina pusilla* (L.) N.H. Williams & M.W. Chase, *Lindleyana* 16 (2): 136. 2001.

Fig. 2. L

Epífita. Caule não espessado em pseudobulbo. Folhas 1,1–5,6 × 0,4–0,78 cm, alternodísticas, lateralmente achatadas e equitantes, coriáceas, linear-lanceoladas, ápice obtuso. Inflorescência 2,4–4,8 cm compr., ereta, axilar, uniflora; brácteas do pedúnculo 2,4–3,2 mm compr., amplexivas, deltoides, ápice agudo; brácteas florais 2,3–4,6 mm compr., deltoides, ápice agudo. Flores hermafroditas, pediceladas, ressupinadas, amarelas, com máculas castanhas na base; sépalas 4,4–5 × 1,7–2,3 mm, elípticas, ápice agudo; pétalas 5,5–6,9 × 2,4–3,2 mm, oblongas, ápice arredondado; labelo 10,8–17,5 × 9,8–19,4 mm, trilobado, amarelo, com máculas castanhas centralmente; lobos laterais obovados, ápice arredondado; lobo mediano suborbicular, bilobado, lobos cordiformes; coluna 3,6–4,7 mm compr., livre; polínias 2. Cápsula elipsoide, 13–16,5 compr.

Comentários: Das três espécies do gênero *Erycina* que ocorrem no Brasil (Barros *et al.* 2013), apenas *Erycina pusilla* pode ser encontrada no território sergipano, ocorrendo na região de agreste do centro-sul do estado. É reconhecida pela posição de suas folhas, alternodísticas, formando um pequeno leque plano ou pouco ondulado, com a inflorescência uniflora, partindo da axila foliar. Floresce entre os meses de abril e agosto.

Material selecionado: **BRASIL, Sergipe:** Riachão do Dantas, VIII/1982, fl. fr., *G. Viana* 603

¹ Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP, Instituto de Biologia, Depto. Biologia Vegetal, C.P. 6109, 13083-970, Campinas, SP, Brasil.tamirescarregosa@gmail.com

(ASE). Simão Dias, IV/2010, fl. fr., *T. Carregosa-Silva et al.* 44 (ASE)

15. *Galeandra* Lindl.

*Silvana H.N. Monteiro*¹

15.1. *Galeandra montana* Barb.Rodr., *Gen. Spec. Orchid.* 2: 175. 1882.

Fig. 3. A

Terrícola. Pseudobulbos 5-6 cm compr., homoblásticos, piriformes, 2–5-foliados. Folhas 16–30 × 1–2 cm, alternas, membranáceas, lineares, ápice acuminado. Inflorescência 15–20 cm compr., racemo simples, raramente ramificado, ereta, terminal, 2–5-flora; brácteas do pedúnculo 6–10 × 0,5–0,7 cm, lanceoladas, ápice acuminado; brácteas florais 2–3 cm, lanceoladas, ápice acuminado. Flores branco-rosadas, com lobos vináceos, hermafroditas, ressupinadas, calcaradas, pediceladas; sépalas laterais 30–40 × 5–6,5 mm, subfalcadas, ápice agudo-reflexo, sépala dorsal 25–30 × 5,5–7 mm, levemente espatulada, ápice agudo-reflexo; pétalas 18–29 × 4–6,5 mm, lanceoladas, ápice agudo-reflexo; labelo 42–44 × 41–50 mm trilobado, rombico-obovado, lobos laterais semi-orbitulares, lobo mediano orbicular, disco 4-carenados; coluna 13–15 mm, branco-amarelada, polínias 2. Cápsula 3–4 cm de compr., oblonga.

Comentários: Espécie endêmica do Brasil, ocorre em áreas de Cerrado ou restinga, nas regiões Norte (Pará, Tocantins), Nordeste (Bahia, Maranhão, Rio Grande do Norte, Sergipe), Centro-Oeste (Distrito Federal, Goiás, Mato Grosso), Sudeste (Minas Gerais, São Paulo) (Barros *et al.* 2013; Monteiro *et al.* 2009). Em Sergipe é encontrada em áreas de campos rupestres do PARNA da serra de Itabaiana. A espécie é facilmente identificada pelos pseudobulbos piriformes, subterrâneos e pelas flores infundibuliformes com cálcil saquiforme. Floresce em junho e julho.

Material selecionado: **BRASIL, Sergipe:** Areia Branca, VI/2010, *S.H.N. Monteiro & L.A.S. Santos* 80 (ASE); Itabaiana, VII/2006, *J.R. Maciel et al.* 332 (ASE).

¹ Instituto de Pesquisas Jardim Botânico do Rio de Janeiro, Herbário, Rua Pacheco Leão nº 915, 22460-030, Rio de Janeiro, RJ, Brasil.shnmonteiro@gmail.com

16. *Gomesa* R.Br.

Luiz Aquino Silva Santos¹

16.1. *Gomesa barbata* (Lindl.) M.W.Chase & N.H.Williams, Ann. Bot. (Oxford) 104: 395. 2009.

Oncidium barbatum Lindl., Coll. Bot.: t. 27. 1821.

Alatiglossum barbatum (Lindl.) Baptista, Colet. Orquídeas Brasil. 3: 87. 2006.

Fig. 3. B

Epífita. Pseudobulbo 0,9–4,8 × 1,6–3,3 cm, ovoide, heteroblástico, bifoliado. Folhas 4–20 × 0,9–3 cm, 2 basais, 1 apical, oblongo-elípticas, ápice obtuso. Inflorescência 37–110 cm, lateral, racemo ramificado, laxa, multiflora; brácteas florais ca. 0,3 × 0,2 mm, deltoides, ápice agudo. Flores hermafroditas, ressupinadas, sépalas e pétalas castanho-amareladas; sépala dorsal ca. 14 × 7,9 mm, estreito-ovada, ápice arredondado; sépala lateral 11,9–12,7 × 6,5–7,5 mm, estreito-ovada, ápice agudo; pétalas 1,5–1,7 cm compr., conatas, ápice arredondado; labelo 8–9 × 20 mm, trilobado, amarelo maculado de castanho, calo no disco central, lobos laterais 0,9–1,4 × 0,9–1,2 cm, reniformes, ápice arredondado, axilas fimbriadas; lobo mediano 3–5 mm compr., ápice acuminado. Coluna 4,7–5,8 mm compr. livre, polínias 2. Fruto não visto.

Comentários: O nome *Gomesa barbata* foi adotado neste trabalho conforme a circunscrição de Chase *et al.* (2009), onde através de estudos moleculares demonstra que algumas seções de *Oncidium* (sect. *Barbata*, sect. *Crispa*, sect. *Waluwewa*, *Concoloria pro parte*, *Synsepalia*), bem como os gêneros *Gomesa*, *Baptistonia* Barb. Rodr., *Rodrigueziella* Ruiz & Pav., *Rodrigueziopsis* Schltr., formam um grupo monofilético. Os autores sugerem que os caracteres florais utilizados para separar os grupos são apenas reflexos de uma convergência floral, determinada por síndrome de polinização. *Gomesa barbata* é restrita ao Brasil, encontrada nas regiões Nordeste e Sudeste do Brasil (Barros *et al.* 2013). Em Sergipe, é bem distribuída ocorrendo nas regiões de Mata Atlântica, Caatinga e Agreste do estado. É reconhecida pelas suas flores amarelo brilhante, labelo fortemente trilobado com uma grande calosidade carnosas no centro. Difere das espécies de *Trichocentrum* por ter as axilas dos lobos laterais fimbriadas. Floresce nos meses de julho a novembro.

Material selecionado: **BRASIL. Sergipe:** Arauá, IX/1982, fl., M.C. Santana 116 (ASE); Canhoba, IX/1984, fl., G. Viana, 1028 (ASE); Capela, XI/2011, fl., L.A. Gomes *et al.* 210 (ASE); Itabaiana, IX/1996, fl., M.F. Landim *et al.* 1032 (ASE); Lagarto, VIII/2009, fl., L.A.S. Santos & F.B. Suzart 06 (ASE); Poço Redondo, VII/2010, fl., L.A.S. Santos *et al.* 197 (ASE); Riachão do Dantas, VIII/1982, fl., M.N. Almeida 86 (ASE); Salgado, VIII/1984, fl., G. Viana 1018 (ASE); Santa Luzia do Itanhhy, X/1993, fl., A.M. Carvalho *et al.* 4334 (ASE); São Cristóvão, VIII/1997, fl., M.F. Landim *et al.* 1329 (ASE); Simão Dias, VII/2010, fl., T. Carregosa-Silva & A.S. Santos 88 (ASE).

¹ Universidade Federal de Sergipe- UFS, Depto. Ciências Biológicas, Av. Marechal Rondon, s/n, 49100-000, São Cristóvão, SE, Brasil. luizaquino_1989@hotmail.com.

17. *Habenaria* Willd.

Luiz Aquino Silva Santos¹

Ilaine Silveira Matos²

Terrícolas. Raízes carnosas e longas, formando tuberoide, hipógeo, no geral solitário. Caules eretos, cilíndricos, não intumescidos em pseudobulbo. Folhas distribuídas ao longo do caule ou até certa altura, raramente dispostas apenas na base. Inflorescência terminal, racemo simples, (uni-) multiflora. Flores pediceladas, ressupinadas, calcaradas, subtendidas por brácteas, pedicelo incluindo o ovário 6-sulcado; sépalas subiguais, livres, a dorsal mais curta que as laterais; pétalas simples ou bipartidas; labelo inteiro ou trilobado; calcar geralmente presente, raro ausente, maior ou menor que o ovário e pedicelo. Anteras em dois lóculos adjacentes, ocupados cada um por uma polínia. Cápsulas fusiformes.

Habenaria possui distribuição nas regiões tropicais e subtropicais do novo e velho mundo. Consiste em um dos maiores gêneros da família Orchidaceae, apresentando cerca de 600 espécies (Pridgeon *et al.* 2001). O Brasil, com 167 espécies, é o maior centro de diversidade do gênero no Novo Mundo (Batista *et al.* 2011). Em Sergipe é o gênero mais representativo da família com nove espécies. Encontrado nas áreas de Caatinga e Mata Atlântica, especialmente em áreas abertas com solos de areias brancas e campos gramíneos, frequente em áreas perturbadas.

Chave para identificação das espécies de *Habenaria* de Sergipe

1. Labelo inteiro 2
2. Pétalas espatuladas, ápice truncado **17.5. *H. petalodes***
- 2'. Pétalas obtusas, ápice obtuso **17.3. *H. obtusa***
- 1'. Labelo trilobado 3
3. Até duas folhas, adpressas a base do caule, prostradas sobre o solo **17.8. *H. schenkii***
- 3'. Mais de duas folhas distribuídas por todo o caule ou até parte dele 4
4. Flores com até 1 cm de comprimento **17.4. *H. parviflora***
- 4'. Flores > 1 cm de comprimento 5
5. Pétalas inteiras **17.7. *H. rotundiloba***
- 5'. Pétalas bipartidas 6
6. Inflorescências 1-2-floras, calcar mais longo que o pedicelo, incluindo o ovário **17.9. *H. trifida***
- 6'. Inflorescências 3-multifloras, calcar menor ou igual ao comprimento do pedicelo, incluindo o ovário 7

¹ Universidade Federal de Sergipe- UFS, Depto. Ciências Biológicas, Av. Marechal Rondon, s/n, 49100-000, São Cristóvão, SE, Brasil. luizaquino_1989@hotmail.com.

² Instituto de Pesquisas Jardim Botânico do Rio de Janeiro, Laboratório de Sementes, Rua Pacheco Leão nº 915, 22460-030, Rio de Janeiro, RJ, Brasil. ilaine.matos@gmail.com

7. Folhas elíptico-oblongas, calcar fortemente ascendente **17.1. *H. cryptophila***
 7'. Folhas linear-lanceoladas, calcar pendente 8
 8. Labelo com lobos laterais filiformes, formando ângulo maior que 90 com o lobo mediano, este sagitado **17.2. *H. fluminensis***
 8'. Labelo com lobos laterais linear-espatuliforme, formando ângulo menor que 90 com o lobo mediano, este espatulado a lanceolado **17.6. *H. pratensis***

17.1. *Habenaria cryptophila* Barb.Rodr., Gen. Spec. Orchid. 1: 154. 1877.

Terrícola. Caule 30–49 cm compr. Folhas 5–10 × 2–3,6 cm, elíptico-oblongas, ápice agudo. Inflorescência ca. 10 cm compr., laxa, multiflora; brácteas florais ca. 1,7 × 0,4 mm, patentes, lanceoladas, ápice agudo. Flores esverdeadas; sépalas laterais ca. 8 × 5 mm, ovais, margem inteira, ápice agudo a apiculado; sépala dorsal ca. 0,5 × 0,4 mm, oval, ápice obtuso; pétalas ca. 1 × 0,3 cm, bipartidas, seguimento anterior ca. 8–10 × 0,7 mm, quase duas vezes maior que o posterior, linear, ápice agudo; seguimento posterior ca. 6 × 1 mm, linear-lanceolada, ápice agudo; labelo ca. 1,3 cm compr., tripartido, segmentos laterais lineares, ápice agudo a obtuso, o mediano linear, ápice obtuso; cálcar ca. 2,5 cm compr., ápice obtuso. Coluna ca. 3 mm compr. Fruto não visto.

Comentários: Espécie endêmica do Brasil, *Habenaria cryptophila* ocorre nas regiões Nordeste, Centro-Oeste e Sudeste, nos domínios fitogeográficos da Caatinga, Cerrado e Mata Atlântica (Barros *et al.* 2013). Diferencia-se das demais espécies do gênero ocorrentes no estado por possuir folhas elíptico-oblongas e flores com calcar fortemente ascendente. Floresce no mês de agosto.

Material examinado: **BRASIL. Sergipe:** Capela, VIII/2012, fl., L.M.S. Melo *et al.* 36 (ASE).

17.2. *Habenaria fluminensis* Hoehne, Arq. Bot. Estado São Paulo, n.s., f.m., 1: 41. 1939.
 Fig. 3. C-E

Terrícola. Caule 38–96 cm compr. Folhas 8,5–19 × 0,9–1,5 cm, linear-lanceoladas, ápice agudo. Inflorescência 7,5–24 cm compr., congesta ou levemente laxa, geralmente multiflora; brácteas florais 1,6–3,4 × 0,8–1 cm, lanceoladas, ápice agudo. Flores amarelo-esverdeadas; sépalas laterais 10–14 × 4,2 mm, lanceoladas, ápice agudo; sépala dorsal 1,1 × 0,6–0,9 cm, ovada, ápice obtuso; pétalas 10 × 1,4–2,2 mm, bipartidas, segmento anterior linear, ápice aciculado, segmento posterior linear-lanceolado, ápice agudo; 13–25 × 3–3,8 mm; labelo tripartido, segmentos laterais ca. 20 × 0,4 mm, filiformes, ápice aciculado, segmento mediano ca. 13 × 1,4 mm, sagitado, ápice agudo; cálcar 22–25 mm compr., ápice obtuso. Coluna ca. 3,7 mm compr. Fruto não visto.

Comentários: Endêmica do Brasil, registrada para as regiões Nordeste e Sudeste (Barros, 2013). Em Sergipe ocorre em solos de areia branca e solos pedregosos em áreas abertas. Apresenta brácteas mais curtas que o pedicelo-ovário. Diferencia-se das demais espécies por possuir os seguimentos anteriores das pétalas aciculados, com cerca de 2 cm compr.,

retrorsos. Floresce nos meses de junho a agosto.

Material selecionado: **BRASIL. Sergipe:** Areia Branca, VI/2010, fl., L.A.S. Santos 183 (ASE); Itaporanga d'Ajuda, VIII/2009, fl., I.S. Matos 181 (ASE).

17.3. *Habenaria obtusa* Lindl., Gen. Sp. Orchid. Pl.: 315 1835.

Fig. 3. F-H

Terrícola. Caule 40–77 cm compr. Folhas 6,5–17 × 1,4–2,3 cm, oblongo-lanceoladas, ápice agudo. Inflorescência 7–25 cm compr., congesta, multiflora; brácteas florais 2–3,9 × 12–17 mm, oval-lanceoladas, ápice acuminado. Flores amarelo-esverdeadas; sépalas laterais 10,5–13 × 5,5–7,8 mm, côncavas, falcadas a oblíquo-ovadas, ápice agudo; sépala dorsal 7,7–9,3 × 5,7–7,7 mm, oval, ápice obtuso; pétalas ca. 8 × 3,4 mm, simples, obtuso, ápice agudo; labelo 12,1–15,2 × 1,5–2 mm, inteiro, pendente, linear-liguliforme, ápice arredondado; cálcar ca. 50 mm compr., ápice obtuso. Coluna ca. 4 mm compr. Fruto não visto.

Comentários: *Habenaria obtusa* é amplamente distribuída no Brasil, Colômbia, Equador, Guiana, Paraguai, Peru, Suriname e Venezuela (Batista *et al.* 2008; Barros *et al.* 2013). Em Sergipe é frequente em áreas abertas gramíneas e pedregosas. É diferenciada das demais espécies congêneres, por apresentar pétalas simples, obtusas de ápice obtuso, além de labelo inteiro. Floresce nos meses de junho a agosto.

Material selecionado: **BRASIL. Sergipe:** Areia Branca, VII/2010, fl., L.A.S. Santos *et al.* 192 (ASE).

17.4. *Habenaria parviflora* Lindl., Gen. Sp. Orchid. Pl.: 314. 1835.

Terrícola. Caule 26–55 cm compr. Folhas 3,5–10 × 0,28–1,4 cm, linear-lanceoladas, ápice agudo. Inflorescência 6–15 cm compr., congesta, multiflora; brácteas florais ca. 12,1 × 3,2 mm, estreito-lanceoladas, ápice agudo. Flores amarelo-esverdeadas; sépalas laterais ca. 3,5 × 1,4 mm, côncava, oval-oblongas, ápice agudo; sépala dorsal 3,2–3,8 × 2,2 mm, côncava, oval, ápice agudo; pétalas ca. 3 × 0,8 mm, bipartidas, segmento anterior lanceolado, ápice agudo, segmento posterior linear, ápice agudo; labelo ca. 3,8 × 1,4–1,9 mm, tripartido, seguimentos laterais ca. 2,2 × 0,4 mm, filiformes, ápice agudo, seguimento mediano ca. 2,6 × 0,8 mm, ligeiramente deltoide, ápice agudo; cálcar ca. 7,8 mm compr., ápice obtuso; Coluna ca. 1,2 mm compr. Fruto não visto.

Comentários: Ocorre desde a Argentina, Colômbia, Equador, Guiana, Paraguai, Uruguai e Venezuela (Batista *et al.* 2008), sendo de ampla distribuição no Brasil (Barros *et al.* 2013). Em Sergipe é encontrada em áreas úmidas, entre gramíneas às margens de riachos. É diferenciada das demais, por ter inflorescência congesta, portando flores muito pequenas com, no máximo, 1 cm compr. Floresce nos meses de fevereiro a março.

Material selecionado: **BRASIL. Sergipe:** Areia Branca, III/2011, fl., *L.A.S. Santos et al.* 489 (ASE).

Material adicional examinado: **BRASIL. Paraná:** Lapa, XII/2009, fl., *J.M. Silva* 7406 (ASE, MBM).

17.5. *Habenaria petalodes* Lindl., Gen. Sp. Orchid. Pl.: 316 1835.

Fig. 3. I-L

Terrícola. Caule 35–95 cm compr. Folhas 10–18 × 2–3,5 cm, oblongo-lanceoladas, ápice agudo. Inflorescência 8–36 cm compr., congesta ou laxa, multiflora; brácteas florais 1,1–3,1 × 0,67–0,83 cm, lanceoladas, ápice agudo. Flores amarelo-esverdeadas; sépalas laterais 6,9–10,6 × 3,6–5,5 mm, oval-oblongas, ápice agudo; sépala dorsal 7–8,7 × 5–6,1 mm, côncava, oval, ápice obtuso; pétalas 6,4–8,7 × 2,7–4,5 mm, simples, espatuladas, ápice truncado; labelo 10,3–13,7 × 2,1 mm, inteiro, ápice agudo; cálcar 17–19,5 × 0,4–0,7 mm, filiforme. Coluna ca. 2,8 mm compr., livre. Fruto não visto.

Comentários: *Habenaria petalodes* possui ampla distribuição no Paraguai e Brasil, ocorrendo neste último, nos domínios fitogeográficos da Amazônia, Caatinga, Cerrado e Mata Atlântica (Batista *et al.* 2008; Barros *et al.* 2013). Em Sergipe, *H. petalodes* é bem distribuída, ocorrendo em áreas de Mata Atlântica, Caatinga e em diversos ambientes como: bordas de mata, áreas abertas com solos de areia branca ou campos gramíneos. É facilmente reconhecida por ter pétalas simples, espatulada com ápice truncado, além do labelo inteiro. Floresce nos meses de junho a setembro.

Material selecionado: **BRASIL. Sergipe:** Areia Branca, VI/2010, fl., *L.A.S. Santos et al.* 191 (ASE); Estância, VII/2011, fl., *A.P. Prata et al.* 2685 (ASE); Indiaroba, VIII/2011, fl., *A.P. Prata et al.* 2817 (ASE); Itabaiana IX/2006, fl., *A.P. Prata* 1351 (ASE); Japaratinga, VIII/1996, fl., *M.F. Landim et al.* 959 (ASE); Pirambu, IX/1995, fl., *M.F. Landim et al.* 598 (ASE); São Cristóvão, VI/1986, fl., *G. Viana* 1503 (ASE); Simão Dias, VIII/2010, fl., *A.P. Prata et al.* 2432 (ASE).

17.6. *Habenaria pratensis* (Lindl.) Rchb.f., Linnaea 22: 813. 1850.

Fig. 3. M-O

Terrícola. Caule 17–53 cm compr. Folhas 3–17,5 × 0,1–0,95 cm, linear-lanceoladas, ápice agudo. Inflorescência 6–13 cm compr., congesta, multiflora; brácteas florais 2–2,7 × 0,1–0,6 cm, oblongo-lanceoladas, ápice agudo. Flores amarelas; sépalas laterais 11,4–14,2 × 4,2–5,4 mm, falcada, ápice mucronado; sépala dorsal 10,2–14,2 × 5,6–6,8 mm, côncava, ovada, ápice mucronado; pétalas ca. 12 mm compr., bipartidas, segmento anterior falcado, linear, ápice agudo; segmento posterior, falcado, oblongo-lanceolado, ápice agudo; labelo tripartido, divergente, segmentos laterais linear-espatuliformes, ápice arredondado, segmento mediano espatulado a lanceolado, ápice agudo; cálcar 2,8–3,1 cm compr., ápice obtuso. Coluna ca. 4,5 mm compr. Fruto não visto.

Comentários: Citada para as regiões Nordeste, Centro-Oeste e Sul do Brasil (Barros *et al.* 2013). Em Sergipe *H. pratensis* é comumente encontrada em terrenos brejosos e abertos entre gramíneas. Possui uma das maiores flores do gênero, com até 5 cm de comprimento. O conjunto de caracteres que permitem sua identificação são as pétalas bipartidas, labelo tripartido, com segmentos laterais linear-espatuliformes, formando ângulo menor que 90° com o seguimento mediano, este espatulado a lanceolado. Floresce nos meses de abril a novembro.

Material selecionado: **BRASIL. Sergipe:** Estância, VII/2011, fl., *A.P. Prata et al.* 2660 (ASE); Pirambu, IV/2008, fl., *C.S. Santos*, 235 (ASE); Santa Luzia do Itanhhy, XI/2011, fl., *L.A. Gomes* 273 (ASE); São Cristóvão, IX/2009, fl., *S.H.N. Monteiro & L.A.S. Santos* 86 (ASE).

17.7. *Habenaria rotundiloba* Pabst, Anais Congr. Soc. Bot. Brasil 14: 12. 1964.

Terrícola. Caule 36–91,5 cm compr. Folhas 8–9,7 × 0,43–0,74 cm, lanceoladas, ápice agudo. Inflorescência 8–19 cm compr., congesta, multiflora; brácteas florais 1,3–3 × 0,6–0,71 cm, oval-lanceoladas, ápice agudo. Flores esverdeadas; sépalas laterais 4,3–6,5 × 1,8–3,4 mm, falcada, ápice agudo; sépala dorsal 5,3–6 × 3,2–4,2 mm, côncava, deltoide, ápice agudo; pétalas ca. 4,5 × 2,2 mm, inteiras, oval-lanceoladas, ápice agudo; labelo 5,7–6,3 × 1,8–2,5 mm, tripartido, segmentos laterais arredondados, ápice arredondado, segmento mediano filiforme, ápice obtuso; cálcar ca. 8,1 mm compr., ápice obtuso. Coluna ca. 2,3 mm compr. Cápsulas ca. 1, 2 × 0,3 cm, fusiformes.

Comentários: Restrita ao domínio Mata Atlântica, é citada para os estados da Paraíba e Sergipe (Barros *et al.* 2013). Em Sergipe, ocorre em áreas de restinga, e em áreas abertas com solos de areias brancas no PARNA - Serra de Itabaiana, área de ecótono entre Mata Atlântica e Caatinga. *Habenaria rotundiloba* pode ser reconhecida por apresentar pétalas simples, labelo tripartido, com segmento mediano em média 4x maior que os segmentos laterais. Floresce nos meses de abril e junho, frutifica em julho.

Material selecionado: **BRASIL. Sergipe:** Areia Branca, VII/2011, fr., *L.A.S. Santos et al.* 570 (ASE). Santo Amaro das Brotas, VI/2011, fl., *L.A.S. Santos et al.* 565 (ASE).

17.8. *Habenaria schenckii* Cogn., Fl. Bras. 3(4): 61. 1893.

Fig. 3. P-S

Terrícola. Caule 12–28 cm compr. Folhas 4,4–6,5 × 4,5–7, 2 adpressas a base do caule, prostradas sobre o solo, cordadas, ápice acuminado. Inflorescência 4–12 cm compr., laxa, multiflora; brácteas florais 16–20 × 4–5,6 mm, lanceoladas, ápice agudo. Flores verde-amareladas; sépalas laterais 4,5–8 × 3,1–4,6 mm, oval-oblongas, ápice agudo; sépala dorsal 5,5–7 × 3,1–4 mm, côncava, oval, ápice agudo; pétalas ca. 10 × 3,0 mm, bipartidas, segmento anterior 7,6–8,5 mm compr., filiforme, ápice agudo; segmento posterior 5,5–7 × 1 mm, lanceolada, ápice agudo; labelo 10–11 × 0,7–1,0 mm, tripartido, divergente,

segmentos laterais filiformes, ápice acuminado, segmento mediano liguliforme, ápice obtuso; cálcio 14,8–18 mm, ápice. Coluna ca. 2 mm. Fruto não visto.

Comentários: Espécie citada para as regiões Nordeste, Centro-Oeste e Sul do Brasil (Barros *et al.* 2013). Em Sergipe é encontrada no Domínio da Caatinga, em meio a outras herbáceas sob uma vegetação relativamente mais densa nos períodos chuvosos. Pode ser facilmente reconhecida pelas folhas cordadas, de ápice agudo, adpressas à base do caule, prostradas sobre o solo. Floresce nos meses de maio a julho.

Material selecionado: **BRASIL. Sergipe:** Poço Redondo, VII/2010, fl., L.A.S. Santos *et al.* 194 (ASE).

17.9. *Habenaria trifida* Kunth in H.B.K, Nov. Gen. Sp. 1: 330. 1816.

Fig. 4. A-C

Terrícola. Caule 26–79 cm compr. Folhas 2–11 × 0,8–1 cm, lanceoladas, ápice agudo. Inflorescência ca. 8–13 cm compr. laxa, uni-biflora; brácteas florais 4,4–8,1 × 0,9–1,3 cm, foliáceas, ligeiramente deltoides a lanceoladas, ápice agudo. Flores pendentes, amarelo-verdeadas; sépalas laterais 1,1–1,5 × 0,4 cm, falcadas, ápice agudo; sépala dorsal 1–1,4 × 0,4–0,6 cm, oval, ápice agudo; pétalas 0,9–1,2 × 0,2–0,3 cm, bipartidas, segmento anterior 7–9 × 0,2–0,6 mm, filiforme, ápice agudo, segmento posterior ca. 1 × 0,2 cm, falcada, ápice obtuso; labelo 1,4–1,6 × 0,3–0,4 cm, tripartido, segmentos divergentes, segmentos laterais lanceolados, ápice agudo, segmento mediano lanceolado, ápice agudo; cálcio 4,7–8,9 cm compr., ápice truncado. Coluna ca. 3,2 mm compr. Fruto não visto.

Comentários: *Habenaria trifida* ocorre na América do Sul (desde a Colômbia até o norte da Argentina), no México, América Central e Trinidad e Tobago. No Brasil, ocorre nas regiões Norte, Nordeste, Centro-Oeste e Sudeste (Batista *et al.* 2008; Barros *et al.* 2013). Em Sergipe é encontrada em solos argilosos e encharcados na Mata Atlântica. Ocorre também em campos gramíneos e em áreas abertas com solos arenosos. *Habenaria trifida* distingue-se das demais espécies congêneres pelas brácteas muito semelhantes às folhas e por ter poucas flores pendentes, geralmente uma ou duas por planta. Floresce nos meses de maio a setembro.

Material selecionado: **BRASIL. Sergipe:** Capela, VI/2011, fl., A.P. Prata *et al.* 2596 (ASE). Itabaiana, VI/2011, fl., T. Carregosa-Silva *et al.* 209 (ASE); Santa Luzia do Itanhy, IX/2009, fl., S.M. Costa *et al.* 594 (ASE).

18. *Hapalorchis* Schltr.

Luiz Aquino Silva Santos¹

18.1. *Hapalorchis lineata* (Lindl.) Schltr., Beih. Bot. Centralbl. 37(2): 363. 1920.

Terrícola. Caule não intumescido em pseudobulbo. Folhas pecioladas, membranáceas; pecíolo ca. 3 cm compr.; lâmina ca. 3 × 1,5 cm, ovado-oblonga, ápice agudo. Inflorescência ca. 15 cm compr., racemo simples, pauciflora, terminal; brácteas do pedúnculo 6–10 mm compr., lineares, ápice agudo; brácteas florais 9–11 mm compr., lineares, ápice agudo. Flores sépalas e pétalas esverdeadas matizada de marrom, ápice esbranquiçado, labelo branco com veios acastanhados, hermafroditas, ressupinadas subsésseis; sépalas ca. 0,5 × 1 mm, lineares, ápice levemente obtuso; pétalas ca. 4 × 0,5 mm, linear-lanceoladas, agudo; labelo ca. 5 × 2 mm, subpanduriforme; coluna ca. 3 mm compr., branca. Fruto não observado.

Comentários: *Hapalorchis* compreende 11 espécies, distribuídas por países da América Central e América do Sul (Kolanowska & Szlachetko 2013; Govaerts 2013). Oito espécies são registradas para o Brasil, das quais, apenas *Hapalorchis lineata* ocorre em Sergipe. A distribuição geográfica de *H. lineata* se estende desde a América Central (Guatemala e Nicarágua, Caribe) a Venezuela, Bolívia, Brasil até a Argentina. A espécie foi encontrada somente nas áreas de brejo de altitude da Serra da Guia, sertão sergipano. Distingui-se pelas folhas pecioladas, inflorescência pauciflora, com no máximo quatro flores, pedúnculo pubescente e pelo labelo branco, constrito um pouco abaixo da região mediana (subpanduriforme). Floresce em outubro.

Material examinado: **BRASIL. Sergipe,** Poço Redondo, XI/2009, fl., S.M.S. Costa 610 (ASE).

19. *Ionopsis* Kunth

Luiz Aquino Silva Santos²

19.1. *Ionopsis utricularioides* (Sw.) Lindl., Coll. Bot.: t. 39A (1826).

Fig. 4. D-E

Epífita. Pseudobulbos ca. 1 × 0,4 cm, ovados. Folhas 5,5–11 × 0,24–0,57 cm, lanceoladas, ápice agudo. Inflorescência 11 cm, racemo ramificado, multiflora; brácteas florais 1,68–1,87 mm, deltoide, ápice agudo. Flores hermafroditas, violeta; sépala dorsal 4,58 × 2,17 mm, oblanceolada, ápice agudo a obtuso; sépalas laterais 5,14 × 3,3 mm, ovado-lanceoladas,

¹ Universidade Federal de Sergipe- UFS, Depto. Ciências Biológicas, Av. Marechal Rondon, s/n, 49100-000, São Cristóvão, SE, Brasil. luizaquino_1989@hotmail.com

² Universidade Federal de Sergipe- UFS, Depto. Ciências Biológicas, Av. Marechal Rondon, s/n, 49100-000, São Cristóvão, SE, Brasil. luizaquino_1989@hotmail.com

ápice agudo, amplamente unidas, formando um pequeno mentum na base; pétalas 5,41–6 × 2,03–2,75 mm, oblongas, ápice agudo, ligeiramente recurvado; labelo 11–11,40 × 7,86–12,07 mm, obcordado, emarginado, internamente branco, manchas magenta na porção central; coluna 1,79 mm de compr, livre. Fruto não visto.

Ionopsis Kunth apresenta ampla distribuição na América tropical e subtropical (Cribb 1998). Para o Brasil, são registradas três espécies, duas destas endêmicas (Barros *et al.* 2013). *Ionopsis utricularioides* ocorre em Sergipe, na região Centro-sul em área de agreste. A inflorescência destaca-se é muito maior do que a parte vegetativa e chama atenção pelo grande número de flores. Floresce nos meses de novembro e janeiro.

Material examinado: **BRASIL, Sergipe:** Lagarto, I/2013, fl., R.M. Deda *et al.* 218 (ASE).

20. *Jacqiniella* Schltr.

Silvana H.N. Monteiro¹

20.1. *Jacqiniella globosa* (Jacq.) Schltr., Repert. Spec. Nov. Regni Veg. Beih. 7: 124. 1920. Epífita. Caule não intumescido em pseudobulbo. Folhas 1 0,2–0,3 cm, levemente crassas, aciculares, ápice acuminado. Inflorescência 0,5–1 cm compr., terminal, racemo simples, semi-pendente, 1–3-flora; brácteas florais 0,5–1,5 mm compr., amplexiva, levemente oblíquas, ápice apiculado. Flores rosadas ou rosa-amareladas, hermafroditas, ressupinadas, pedicelada; sépalas laterais -1,8–2,1 × 1 mm, elípticas, ápice agudo, conadas na base, sépala dorsal 1,3–2 × 1 mm, elípticas, ápice agudo; pétalas 1,5–2 × 0,8–1 mm, elípticas, ligeiramente estreitadas na base, ápice agudo; labelo 2–2,5 × 1–1,5 mm inteiro, obovado, base adnata às sépalas laterais; coluna 1–1,3 mm, branco-amarelada, polínias 4. Cápsula 5–6 mm compr., globosa-ovoide.

Comentários: *Jacqiniella globosa* ocorre desde o México, através da América Central, Caribe e norte da América do Sul (Ames & Correl 1985). No Brasil é encontrada nas regiões Norte, Nordeste, Sudeste e Sul (Barros *et al.* 2013). Em Sergipe ocorre no PARNA da Serra de Itabaiana, em árvores próximas ao domo da Serra de Itabaiana. São plantas pequenas, até 10 cm de comprimento, facilmente identificáveis pelo crescimento cespitoso, folhas sub-cilíndricas e crassas, inflorescência apical curta, com as flores abrindo em sucessão, e frutos pequenos (< 1 cm compr.) globoso-ovoide. Floresce em agosto.

Material examinado: **BRASIL, Sergipe:** Areia Branca, I/2009, fr., L.C. Santos *et al.* 5 (UB).

Material adicional examinado: **BRASIL, Bahia:** Santa Teresinha, VIII/1996, fl., Lara 6 (HUEFS).

¹ Instituto de Pesquisas Jardim Botânico do Rio de Janeiro, Herbário, Rua Pacheco Leão n° 915, 22460-030, Rio de Janeiro, RJ, Brasil. shnmonteiro@gmail.com

21. *Liparis* Rich.

Luiz Aquino Silva Santos¹

Terrícolas. Pseudobulbos uni-multifoliados, homoblásticos. Folhas 1–5, sésseis, plicadas, membranáceas. Inflorescência ereta, racemo simples, terminal, multiflora, laxa; brácteas do pedicelo lineares. Flores hermafroditas, pediceladas, ressupinadas, amarelas a amarelo-esverdeadas; sépala dorsal lineares ou oblongas; sépalas laterais linear-lanceoladas ou falcadas; labelo inteiro, ovado com calosidade na base, ápice retuso ou agudo; coluna clavada, livre; polínias 4, em dois pares. Cápsula elipsoide.

Liparis é um gênero cosmopolita com cerca de 320 espécies, distribuídas pela Ásia tropical, Nova Guiné, Austrália, ilhas do sudoeste do Pacífico, e a América subtropical e tropical, com uma única espécie na Europa e duas na América do Norte (Chen 2009). No Brasil são registradas apenas quatro espécies, distribuídas em todas as regiões do país. (Barros *et al.* 2013). Em Sergipe ocorrem duas espécies.

Chave para identificação das espécies de *Liparis* de Sergipe

1. Multifoliada; labelo obovado, ápice retuso **21.1. *L. nervosa***
1'. Unifoliada; labelo ovalado, ápice agudo **21.2. *L. vexillifera***

21.1. *Liparis nervosa* (Thunb.) Lindl., Gen. Sp. Orchid. Pl.: 26. 1830.

Fig. 4. F

Terrícola. Pseudobulbo 1–5 × 0,5–1 cm, elipsoide, multifoliado. Folhas 3,5–26 × 2,3–9,5 cm, ovado-lanceoladas, ápice agudo. Inflorescência 11–59 cm compr.; brácteas florais 3,7–6,5 × 1,2–2 mm, linear-lanceoladas, ápice agudo. Flores sépalas e pétalas amarelo-esverdeadas com manchas vináceas; sépala dorsal ca. 7,5 × 1,8 mm compr., oblonga, ápice agudo; sépalas laterais 5–5,8 × 1,9–2,8 mm, falcadas, ápice agudo; pétalas ca. 6,8 × 0,4 mm, lineares, ápice arredondado; labelo 4,6–5,1 × 3,1–4,1 mm, obovado, ápice retuso; coluna 3,9–4,6 × 1,2 mm. Cápsula 1,5–2,8 cm compr., com perianto persistente.

Comentários: *Liparis nervosa* apresenta distribuição ampla, ocorrendo desde a África e Ásia tropical, e na América, desde a Flórida até a América do Sul (Romero-González 2013). Ocorre em todas as regiões do Brasil (Barros *et al.* 2013). Em Sergipe é encontrada em bordas e interiores de florestas, e em ambientes de transição da Mata Atlântica com a Caatinga. Diferencia-se de *L. vexillifera*, por apresentar folhas numerosas e labelo retuso. Floresce nos meses de maio a junho e frutifica de junho a outubro.

¹ Universidade Federal de Sergipe- UFS, Depto. Ciências Biológicas, Av. Marechal Rondon, s/n, 49100-000, São Cristóvão, SE, Brasil. luizaquino_1989@hotmail.com

Material selecionado: **BRASIL. Sergipe:** Areia Branca, VI/2007, fl., *M.F.A. Lucena et al.* 1774 (ASE, UFP); Capela, VI/2011, fl., *A.P. Prata et al.* 2594 (ASE); Indiaroba, IX/2012, fr., *M.C.V. Farias et al.* 235 (ASE); Itabaiana, VI/1987, fl., *G. Viana* 1738 (ASE); Japarutuba, VI/2010, fl., *L.A.S. Santos et al.* 174 (ASE); Lagarto, XI/2009, fr., *L.A.S. Santos et al.* 28 (ASE); Santa Luzia do Itanhy, VI/1995, fl., fr., *M.F. Landim* 439 (ASE); Santo Amaro das Brotas, VI/1982, fl., *G. Viana* 507 (ASE); São Cristóvão, VI/2006, fl., *L.V. Ribeiro & E. Santos* 120 (ASE).

21.2. *Liparis vexillifera* (Lex.) Cogn., Fl. Bras. 3(4): 289. 1895.

Fig. 4. G

Terrícola. Pseudobulbo 1,1–1,9 × 0,4–0,5 cm, ovado, unifoliado. Folha 7,5–13 × 2,4–3,5 cm, apical, oblongo-lanceolada, ápice obtuso a agudo. Inflorescência 11–24 cm compr.; brácteas florais 0,4–1 × 0,1–0,2 cm, lineares, ápice agudo. Flores sépalas e pétalas amarelo-ouro; sépalas 4,7–6,7 × 0,4–0,7 mm, linear-lanceoladas, ápice agudo; pétalas 6,1–7 × 1,1–1,9 mm, linear, ápice agudo; labelo ca. 6,7 × 3,7 mm, ovado, ápice agudo; coluna ca. 3,5 × 0,9 mm. Fruto não visto.

Comentários: *Liparis vexillifera*, ocorre desde México até a Argentina (Ames & Correl 1985). No Brasil a espécie é bem distribuída, e ocorre também nas regiões Norte, Centro-Oeste, Sudeste e Sul (Barros, et al. 2013). Em Sergipe, ocorre em região de Agreste, em áreas abertas com solo pedregoso. As principais características que a diferencia de *L. nervosa* são o pseudobulbo com apenas uma folha na porção apical e o labelo com ápice agudo. Floresce nos meses de julho a setembro.

Material selecionado: **BRASIL. Sergipe:** Itabaiana, IX/2012, fl., *D.A. Campos et al.* 163 (ASE).

22. *Lockhartia* Hook.

*Silvana H.N. Monteiro*¹

22.1. *Lockhartia goyazensis* Rchb.f., Bot. Zeitung (Berlin) 10: 768. 1852.

Epífita. Caule não intumescido em pseudobulbo. Folhas 1–2 × 0,5–0,7 cm, subcoriáceas, densamente imbricadas, bilateralmente comprimidas, ápice acuminado. Inflorescência ca. 5 mm compr., lateral, semi-pendente, 1-flora; brácteas florais ca. 1,5 mm compr., levemente orbicular, ápice agudo. Flores hermafroditas, ressupinadas, pediceladas, sépalas e pétalas amareladas; sépalas laterais 3,5–4,1 × 3 mm, ligeiramente ovada, ápice obtuso, sépala dorsal ca. 3 × 2 mm, ligeiramente ovada ápice agudo; pétalas semelhantes às sépalas, levemente mais largas; labelo ca. 7 × 4 mm, fortemente trilobado, lobos laterais divaricados, lineares, ápice agudo, lobo mediano obovado, 4-lobulado, emarginado; coluna ca. 1,3 mm compr., cor não observada, polínias 4. Fruto não visto.

¹ Instituto de Pesquisas Jardim Botânico do Rio de Janeiro, Herbário, Rua Pacheco Leão n° 915, 22460-030, Rio de Janeiro, RJ, Brasil. shnmonteiro@gmail.com

Comentários: De acordo com Govaerts. (2003), *Lockhartia goyazensis* é endêmica do Brasil. Porém o Tropicos.org. (2013) traz a informação que a espécie também ocorre na Bolívia. No Brasil a espécie é amplamente distribuída nas regiões Norte, Centro-Oeste e Sudeste, no Nordeste é registrada apenas para o Maranhão. Em Sergipe foi encontrada em área de floresta seca sombreada na região agreste do centro-sul do estado. Pelo crescimento cespitoso e folhas fortemente imbricadas, *Lockhartia goyazensis* assemelha-se a *Dichaea panamensis*, mas diferencia-se pelas folhas achatadas lembrando um triângulo e pelas brácteas florais de formato orbicular. Floresce em fevereiro.

Material examinado: **BRASIL, Sergipe:** Riachão do Dantas, II/1987, *G. Viana* 1680 (ASE).

23. *Macroclinium* Barb.Rodr. ex Pfltz..

*Silvana H.N. Monteiro*¹

23.1. *Macroclinium* sp.

Epífita. Pseudobulbo ausentes ou não observados. Folhas ca. 5 × 0,4 mm, estreito-elípticas, ápice agudo, coriáceas, flabeladas. Inflorescência lateral. Flores e frutos não vistos.

Comentários: *Macroclinium* engloba cerca de 40 espécies, distribuídas desde o sul do México até o Brasil (Pupulin 1997). No Brasil são encontradas seis espécies, especialmente na região amazônica, apenas *Macroclinium wulfschlaegelianum* (Focke) Dodson e *Macroclinium roseum* Barb. Rodr. ocorrem em outros estados (Barros et al. 2013). O gênero pode apresentar ou não pseudobulbos, quando presentes podem ser mais ou menos inconspícuos (Pupulin 1997). A espécie apresenta crescimento cespitoso, com folhas flabeladas, foi encontrada em brejo de altitude no topo da Serra da Guia. Devido à falta de material fértil não foi possível identificar o material.

Material examinado: **BRASIL, Sergipe:** Poço Redondo, III/2010, *L.A.S. Santos et al.* 136 (ASE).

24. *Notylia* Lindl.

*Luiz Aquino Silva Santos*²

24.1. *Notylia barkeri* Lindl., Edwards's Bot. Reg. 24(Misc.): 90. 1838.

Fig. 4. H-I

Epífita. Pseudobulbo, ca. 6 mm compr., heteroblástico, agrupados. Folhas 11,7–12,3 ×

¹ Instituto de Pesquisas Jardim Botânico do Rio de Janeiro, Herbário, Rua Pacheco Leão n° 915, 22460-030, Rio de Janeiro, RJ, Brasil. shnmonteiro@gmail.com

² Universidade Federal de Sergipe- UFS, Depto. Ciências Biológicas, Av. Marechal Rondon, s/n, 49100-000, São Cristóvão, SE, Brasil. luizaquino_1989@hotmail.com.

1,1–1,7 cm, 1–2 basais, 1–apical, conduplicadas, articuladas, ápice obtuso. Inflorescência lateral, racemo simples, multiflora; brácteas florais ca. 2,5 × 1 mm compr., deltoides, ápice agudo. Flores hermafroditas, ressupinadas, sépalas e pétalas amarelo-esverdeada, maculadas de verde; sépala dorsal 4,87 × 0,92 mm, livre, côncava, apiculada, ápice agudo a obtuso; sépalas laterais 5,3 × 1,61 mm, livres, conatas abaixo do labelo, margens recurvadas; pétalas 4,2–4,3 × 0,8–1,14 mm, côncavas, naviculadas, ápice agudo; labelo 4,18 × 1,25 mm, unguiculado, triangular, ápice agudo; coluna 2,4–2,7 mm compr., livre. Fruto não visto.

Comentários: *Notylia* consiste em cerca de 50 espécies distribuídas nas regiões tropicais da América Central, América do Sul, México e Antilhas (Toscano-de-Brito & Cribb, 2005). Para o Brasil são registradas 24 espécies, das quais *N. barkeri*, que ocorre nas regiões Norte e Nordeste do país (Barros *et al.* 2013). Em Sergipe é encontrada na região de Agreste do estado, em área de transição entre Mata Atlântica/Caatinga. Floresce no mês de dezembro.

Material examinado: **BRASIL. Sergipe:** Lagarto, XII/2009, fl., L.A.S. Santos & F.B. Suzart 11 (ASE).

25. *Oeceoclades* Lindl.

Silvana H.N. Monteiro¹

25.1. *Oeceoclades maculata* (Lindl.) Lindl., Gen. Sp. Orchid. Pl.: 237. 1833.

Fig. 4. J

Terrícola. Caule entumescido em pseudobulbo 2–3 cm compr., heteroblástico, piriforme, 1-foliado. Folhas 7–20 × 3–5 cm, apicais, verde-claras com maculas verde-escuro, coriáceas, elíptica, ápice agudo. Inflorescência 14–31 cm compr., racemo simples, ereta, lateral, 2–8-flora; brácteas do pedúnculo 2,3–3,2 cm compr. amplexivas, lanceoladas, ápice acuminado; brácteas florais 2,5–3,5 mm compr., triangulares, ápice agudo. Flores com sépalas e pétalas verde-amareladas e labelo branco com máculas rosadas, hermafroditas, ressupinadas, calcaradas, pediceladas; sépalas laterais 8–11 × 3–4 mm, falciformes, ápice agudo, sépala dorsal 9–10,2 × 2,8–3 mm, levemente espatulada; pétalas 10–12 × 3,5–4,2 mm, lanceoladas, ápice agudo; labelo trilobado, pandurado; lobos laterais semi-orbiculares, ápice arredondado, lobo mediano fortemente emarginado, dois calos na base do labelo; coluna 4–5 mm compr., branca, polínias 2. Cápsula 2,5–3,5 cm compr., oblonga.

Oeceoclades maculata é nativa do continente Africano, ocorre como subespontânea nos Estados Unidos (Flórida), Antilhas e por toda a América do Sul (Toscano-de-Brito & Cribb

¹ Instituto de Pesquisas Jardim Botânico do Rio de Janeiro, Herbário, Rua Pacheco Leão n° 915, 22460-030, Rio de Janeiro, RJ, Brasil. shnmonteiro@gmail.com

2005). É encontrada em todos os estados brasileiros, com exceção do Amapá (Barros *et al.* 2013). É a espécie de Orchidaceae mais amplamente distribuída em Sergipe, ocorrendo no interior ou na borda de matas úmidas. Distingue-se pelas folhas coriáceas, verde-claras com maculas verde-escuro e pelas flores com calcaradas com labelo branco com duas grandes máculas nas laterais do lobo mediano, ápice fortemente emarginado. Floresce de Janeiro a Dezembro.

Material selecionado: **BRASIL, Sergipe:** Areia Branca, XI/2012, D.A. Araújo *et al.* 2247 (ASE); Barra dos Coqueiros, VIII/2011, A.P. Prata *et al.* 2741 (ASE); Canindé do São Francisco, IX/2010, T. Carregosa-Silva *et al.* 99 (ASE); Capela, XI/2008, Silva 193 (ASE); Cedro de São João, VIII/2010, L.A.S. Santos 205 (ASE); Itabaiana, IX/1996, M.F. Landim 1031 (ASE); Japarutuba, VI/2010, L.A.S. Santos *et al.* 172 (ASE); Lagarto, XI/2009, L.A.S. Santos 23 (ASE); Poço Redondo, VI/2010, W.J. Machado *et al.* 400 (ASE); Poço Verde, XII/2012, A.P. Prata *et al.* 3492 (ASE); Riachão do Dantas, aug. 1982, E.M. Carneiro 436 (ASE); São Cristóvão, III/1982, E.M. Carneiro 334 (ASE); Siriri, XI/2012, L.A. Gomes *et al.* 814 (ASE).

26. *Polystachya* Hook.

Luiz Aquino Silva Santos¹

26.1. *Polystachya estrellensis* Rchb.f., Linnaea 25: 231. 1852.

Fig. 4. L

Epífita. Pseudobulbo 0,9–1,5 × 0,4–0,6 cm, homoblástico, ovoides, 4-foliado. Folhas 4 – 18,5 × 0,9–3 cm, linear, oblongas, ápice agudo. Inflorescência 8–25 cm, terminal, racemo ramificado, laxa, multiflora; brácteas florais ca. 2 × 1,5 mm compr., deltoides, ápice agudo. Flores hermafroditas, pediceladas, não-ressupinadas, sépalas e pétalas verde-amareladas; sépalas 2,8–3,4 × 1,9–2,3 mm, oblonga, deltoide, côncava, patente, ápice agudo; pétalas 2,6–2,9 × 0,7 mm, linear a oblanceolada, ápice agudo; labelo ca. 2,6 × 1,9 mm, trilobado, lobos laterais ca. 0,5 mm compr., ápice agudo, lobo mediano ca. 1,5 mm compr., ápice truncado, calo na porção central do disco; coluna ca. 0,8 mm compr., livre. Cápsula 0,9–1,1 cm compr., fusiforme.

Comentários: *Polystachya* engloba aproximadamente 150 espécies (Dressler, 1993), distribuídas pela África, Madagascar, trópicos e subtropicais americanos (Toscano-de-Brito & Cribb, 2005), no Brasil são registradas 13 espécies. *Polystachya estrellensis* é endêmica do Brasil com distribuição ampla ocorrendo em quase todos os estados. (Barros *et al.* 2013). Em Sergipe ocorre em áreas de Mata Atlântica e Caatinga e também em áreas de brejo de altitude. Floresce nos meses de maio a agosto e frutifica nos meses de setembro a maio.

¹ Universidade Federal de Sergipe- UFS, Depto. Ciências Biológicas, Av. Marechal Rondon, s/n, 49100-000, São Cristóvão, SE, Brasil. luizaquino_1989@hotmail.com.

Material selecionado: **BRASIL, Sergipe:** Areia Branca, VII/2008, fl., S.M.C. Costa & E. Santos 379 (ASE); Capela, XI/2008, fr., Silva 187 (ASE); Frei Paulo, IX/1981, fr., E.M. Carneiro 83 (ASE); Itabaiana, VII/2006, fl., J.R. Maciel et al. 328 (ASE, UFP); Lagarto, XI/2009, fr., T. Carregosa-Silva et al. 03 (ASE); Nossa Senhora da Glória, VI/2010, fr., T. Carregosa-Silva et al. 76 (ASE); Poço Redondo, III/2010, fr., L.A.S. Santos et al. 135 (ASE); Riachão do Dantas, VIII/1982, fl., G. Viana 631 (ASE); Santa Luzia do Itanhhy, IV/2012, fr., R.M. Deda et al. 100 (ASE); Simão Dias, III/2011, fr., T. Carregosa-Silva et al. 179 (ASE); Siriri, VI/2012, fl., L.A. Gomes et al. 909 (ASE).

27. *Prescottia* Lindl.

Silvana H.N. Monteiro¹

27.1. *Prescottia plantaginea* Lindl. in W.J.Hooker, Exot. Fl.: t. 115. 1824.

Prescottia plantaginifolia Lindl. in W.J.Hooker, Exot. Fl.: t. 115. 1824, nom. rej.

Terrícola. Caule não intumescido em pseudobulbo, inconspícuo. Folhas 8–25 × 2–4,5 cm, em roseta basal, membranáceas, ovado-lanceoladas, ápice agudo. Inflorescência ca. 20 cm compr., racemo simples, terminal, ereta, congesta; brácteas do pedúnculo 5–12 × 1,8–2,1 mm, lanceoladas, base amplexiva, brácteas inconspícuas, triangulares, membranáceas, ápice agudo. Flores com pétalas e sépalas branco-amareladas e labelo verde-escuro a verde-amarelado, hermafroditas, não ressupinadas, pediceladas; sépalas laterais e dorsal 1,5–2 × 0,5–1 mm, reflexas, as laterais conadas na base, ovadas, ápice obtuso; pétalas semelhantes às sépalas; labelo 2–2,5 mm compr., esférico-cuculado, verde-escuro a verde-amarelado. Coluna ca. 1 mm compr., esverdeada, polínias 4. Fruto não visto.

É endêmica do Brasil, ocorre em quase todas as regiões do país, com exceção da região Norte, em áreas acima de 500 m de altitude (Azevedo 2009). Em Sergipe foi encontrada em áreas de encosta na Serra da Guia, entre Poaceae. É facilmente reconhecida pela inflorescência congesta com flores muito pequenas (< 3 mm de largura) com labelo cuculado. Floresce em outubro.

Material examinado: **BRASIL, Sergipe:** Poço Redondo, XI/2010, W.J. Machado & J.B. Jesus 784 (ASE).

28. *Prosthechea* Knowles & Westc.

Silvana H.N. Monteiro¹

28.1. *Prosthechea aemula* (Lindl.) W.E.Higgins, Phytologia 82: 376. 1997, publ. 1998.

Epífita. Pseudobulbos 6–7 cm compr., heteroblásticos, elípticos, 1-foliado. Folhas 7–11 × 1,2–2,2 cm, apicais, coriáceas, elípticas, ápice agudo. Inflorescência 4–6,5 cm compr., racemo simples, ereta, terminal, 2–4-flora; brácteas do pedúnculo 2,3–3,2 cm compr., amplexivas, lanceoladas, ápice acuminado; brácteas florais ca. 3 mm compr., lanceoladas, ápice agudo. Flores creme-esbranquiçadas com estrias vináceas no labelo, hermafroditas, não ressupinadas, pediceladas; sépalas laterais 16–17 × 0,2–0,3 mm, elíptico-lanceoladas, ápice agudo, sépala dorsal 19–20 × 0,3 mm, elíptica, levemente revoluta, ápice agudo; pétalas 17,5–18 × 0,4–0,5 mm, oblanceoladas, ápice agudo; labelo 14–15 × 0,9–1 mm, orbicular, ápice acuminado, parcialmente adnato a coluna; coluna ca. 0,8 mm compr., alada, branco-amarelada, polínias 4. Fruto não visto.

Comentários: *Prosthechea aemula* tem registro apenas para a América do Sul (Brasil, Guiana Inglesa, Guiana Francesa, Suriname e Venezuela) (Carnevali et al. 2007). No Brasil ocorre nos estados do Acre, Bahia e Sergipe (Barros et al. 2013; Monteiro et al. 2012). Ocorre em áreas de clareira na Mata Atlântica no leste sergipano. Distingue pelos seus pseudobulbos alongados, elípticos, unifoliados e pelas flores não ressupinadas, bastante fragrantas, principalmente durante o dia, e pelo labelo branco amarelado fortemente marcado por estrias vináceas. Floresce em abril.

Material examinado: **BRASIL, Sergipe:** Capela, IV/2013, L.A. Gomes et al. 1060 (ASE).

29. *Sacoila* Raf.

Tamires Carregosa²

29.1. *Sacoila lanceolata* (Aubl.) Garay, Bot. Mus. Leaf. 28(4): 352. 1980 [1982].

Fig. 5. A

Terrícola, áfila quando em flor. Caule não intumescido em pseudobulbo, inconspícuo. Inflorescência 35–72 cm compr., racemo simples, terminal, ereta, multiflora, recoberta por tricomas incanos; brácteas do pedúnculo 25–57 mm compr., amplexivas, ovadas, ápice agudo; brácteas florais 0,7–2,2 mm compr., lanceoladas, ápice agudo. Flores róseas, hermafroditas, tubulosas, dotadas de mento, pediceladas, ressupinadas, vermelho-alaranjadas; sépalas 14,5–20 × 3,2–4 mm, lanceoladas, ápice agudo, pubescentes na face

¹ Instituto de Pesquisas Jardim Botânico do Rio de Janeiro, Herbário, Rua Pacheco Leão n° 915, 22460-030, Rio de Janeiro, RJ, Brasil. shnmonteiro@gmail.com

¹ Instituto de Pesquisas Jardim Botânico do Rio de Janeiro, Herbário, Rua Pacheco Leão n° 915, 22460-030, Rio de Janeiro, RJ, Brasil. shnmonteiro@gmail.com

² Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP, Instituto de Biologia, Depto. Biologia Vegetal, C.P. 6109, 13083-970, Campinas, SP, Brasil. tamirescarregosa@gmail.com

adaxial; sépalas laterais conatas na base; sépala dorsal unida às pétalas; pétalas 13,5–16 × 3–3,7 mm, falciformes, ápice agudo; labelo 16–18 × 4,5–5,5 mm, trilobado, vermelho-alaranjado; lobos laterais subtriangulares; lobo mediano elíptico, ápice agudo; coluna ca. 10 mm compr., porção mediana do labelo adnato aos lados da coluna; polínias 2. Fruto não visto.

Comentários: *Sacoila* possui seis espécies ocorrentes nas regiões tropicais e subtropicais do Novo Mundo (Szlachetko 1994). No Brasil são registradas quatro espécies (Barros *et al.* 2013). Dessas, apenas *Sacoila lanceolata* ocorre em Sergipe, nos campos abertos, assim como em áreas antropizadas, compreendendo desde a região de Mata Atlântica até o agreste do estado. Caracteriza-se por ser áfila na época de floração, ter flores de cor rosada, dotadas de mento, com sépalas pubescentes na face externa. Floresce entre janeiro e abril.

Material selecionado: **BRASIL, Sergipe:** Areia Branca, III/2008, fl., *S.M. Costa et al.* 348 (ASE); Itabaiana, II/2010, fl., *T. Carregosa-Silva et al.* 26 (ASE); Japarutuba, II/2011, fl., *M.A. Farinaccio et al.* 815 (ASE); Lagarto, III/2009, fl., *J.E. Nascimento-Júnior & D.S. Melo* 692 (ASE); Macambira, III/2012, fl., *G.M.A Matos et al.* 80 (ASE). Pirambu, IV/1984, fl., *M.C. Santana* 202 (ASE); Poço redondo, III/2009, fl., *J.E. Nascimento-Junior & W. Machado* (ASE); Riachão do Dantas, III/2012, fl., *G.M.A Matos et al.* 140 (ASE); Santa Luzia do Itanhy, II/2012, fl., *L.A. Gomes et al.* 326 (ASE); Simão Dias, IV/2010, fl., *T. Carregosa-Silva et al.* 31 (ASE).

30. *Sarcoglottis* C.Presl

*Tamires Carregosa*¹

Terrícolas, áfila ou foliosa quando em flor. Caule não intumescido em pseudobulbo, inconspícuo. Folhas quando presentes, basais, planas, membranáceas, oblanceoladas a obovadas, ápice agudo. Inflorescência racemo simples, terminal, ereta, multiflora, densamente pubescente; brácteas do pedúnculo amplexivas. Flores hermafroditas, breve-pediceladas, tubulosas, curvadas, ressupinadas; sépalas hirsutas na face adaxial, desiguais, lanceoladas a obovadas, ápice agudo ou arredondado; sépalas laterais geralmente falcadas, concrecidas na base; sépala dorsal côncava, unida as pétalas; pétalas linear-lanceoladas a lanceoladas, ápice obtuso ou agudo; labelo inteiro, unguiculado na base, deltoide, ápice arredondado; coluna curta, base prolongada em um pé envolto pelo tecido do ovário; polínias 2. Fruto não visto.

Sarcoglottis consiste em aproximadamente 45 espécies, distribuídas desde o México, Américas Central e do Sul, até as Antilhas (Salazar 2003). No Brasil são registradas 23 espécies (Barros *et al.* 2013), das quais três são encontradas em Sergipe. O gênero

¹ Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP, Instituto de Biologia, Depto. Biologia Vegetal, C.P. 6109, 13083-970, Campinas, SP, Brasil.tamirescarregosa@gmail.com

apresenta inflorescência densamente pubescente, flores bastante curvadas, carnosas ou coriáceas.

Chave para identificação para as espécies de *Sarcoglottis* de Sergipe

1. Plantas áfilas quando em flor; sépalas laterais fortemente falcadas ... **30.2. *S. curvisepala***
- 1'. Plantas foliosas quando em flor; sépalas laterais levemente falcadas 2
2. Folhas oblanceoladas; flores esverdeadas **30.1. *S. acaulis***
- 2'. Folhas obovadas; flores pardo-avermelhadas **30.3. *S. fasciculata***

30.1. *Sarcoglottis acaulis* (Sm.) Schltr., Repert. Spec. Nov. Regni Veg. Beih. 6: 53–54. 1919. Fig. 5. B-C

Terrícola, foliosa quando em flor. Folhas 9–28 × 2–6,5 cm, rosuladas, membranáceas, verdes com máculas alvas, oblanceoladas, ápice agudo. Inflorescência 55–72 cm compr.; brácteas do pedúnculo 50–65 mm, lanceoladas, ápice agudo; brácteas florais 25–42 mm compr., lanceoladas, ápice agudo. Flores esverdeadas, com estrias em tons mais escuros no labelo; sépalas 1,5–2,1 × 4–5 mm, lanceoladas, ápice agudo, pubescentes na face adaxial; sépalas laterais fundidas na base; pétalas 1,6–2,1 × 3–4 mm, oblanceoladas, ápice agudo; labelo 15–18 × 8–1,3 mm, inteiro, deltoide, ápice arredondado; coluna ca. 10 mm compr., adnata ao ovário. Fruto não visto.

Comentários: *Sarcoglottis acaulis* é amplamente distribuída, ocorrendo em todas as regiões do Brasil (Barros *et al.* 2013). Em Sergipe é encontrada em uma área de transição de Mata Atlântica e Caatinga, na região centro-sul do estado. Pode ser reconhecida por apresentar folhas basais, oblanceoladas, verdes com máculas alvas e flores esverdeadas. Floresce em outubro.

Material selecionado: **BRASIL, Sergipe:** Lagarto, XI/2009, fl., *T. Carregosa-Silva et al.* 2 (ASE).

30.2. *Sarcoglottis curvisepala* Szlach. & Rutk., Ann. Bot. Fenn.34: 277. 1997.

Terrícola, áfila quando em flor. Caule não intumescido em pseudobulbo, inconspícuo. Inflorescência ca. 30 cm compr.; brácteas do pedúnculo 25–38 mm compr., ovadas, ápice agudo; brácteas florais 1–2,2 mm compr., ovadas, ápice agudo. Flores carnosas, sépalas e pétalas verdes; sépalas 16–19 × 3,2–3,8 mm, lanceoladas, ápice arredondado, hirsutas na face adaxial; sépalas laterais fortemente falcadas; pétalas 15–18 × 2,0–2,3 mm, linear-lanceoladas, ápice obtuso, falcadas; labelo 2–2,3 × 5–6 mm, verde, deltoides, ápice arredondado; coluna ca 10 mm compr. Fruto não visto.

Comentários: *Sarcoglottis curvisepala* é endêmica do Brasil sendo registrada para o Cerrado e os campos rupestres das regiões Nordeste, Centro-Oeste e Sudeste (Barros *et al.* 2013). Em Sergipe foi encontrada em campo rupestre no PARNA da Serra de Itabaiana. Pode ser facilmente reconhecida por ser áfila na época de floração e pelas flores verdes,

carnosas, com sépalas laterais fortemente falcadas. Floresce em Setembro.

Material examinado: **BRASIL, Sergipe:** Areia Branca, IX/2008. fl., *S.M. Costa et al.* 473 (ASE).

30.3. *Sarcoglottis fasciculata* (Vell.) Schltr., Beih. Bot. Centralbl. 37(11): 415. 1920.

Terrícola, foliosa quando em flor. Caule não intumescido em pseudobulbo, inconspícuo. Folhas 8–13 × 2,5–4 cm, rosuladas, membranáceas, obovadas, ápice agudo. Inflorescência ca. 30 cm compr.; brácteas do pedúnculo 35–40 mm compr., amplexivas, lanceoladas, ápice agudo; brácteas florais 15–24 mm compr., lanceoladas, ápice agudo. Flores pardo-avermelhadas; sépalas 9–13 × 3–4 mm, lanceoladas a obovadas, ápice agudo, hirsutas na face adaxial; sépalas laterais fundidas na base; pétalas 8–13 × 3–4 mm, lanceoladas ápice agudo; labelo 9–11 × 8 mm inteiro, deltoide, ápice arredondado, pardo-avermelhadas com listras mais escuras; coluna ca. 8 mm compr. Fruto não visto.

Comentários: *Sarcoglottis fasciculata* é endêmica do Brasil, com ocorrência nas regiões Sudeste e Centro Oeste, compreendendo os domínios da Mata Atlântica, Caatinga e Cerrado (Barros *et al.* 2013). Em Sergipe é encontrada no agreste, da região centro-sul do estado. *Sarcoglottis fasciculata* pode ser diferenciada das demais, por apresentar folhas basais, obovadas e flores pardo-avermelhadas. Floresce em agosto.

Material examinado: **BRASIL, Sergipe:** Riachão do Dantas, VIII/1982, fl., *G. Viana* 623 (ASE).

31. *Scaphyglottis* Poepp. & Endl.

*Silvana H.N. Monteiro*¹

31.1. *Scaphyglottis sickii* Pabst, Orquídea (Rio de Janeiro) 18: 7. 1956.

Epífita ou rupícola. Pseudobulbos 2,5–4,5 cm compr., heteroblásticos, cilíndricos 2-foliados, superpostos, emergindo da base ou do ápice do pseudobulbo anterior. Folhas 2–3,2 × 0,3–0,5 cm, lineares, apicais. Inflorescência ca. 1,5 mm compr., terminal, racemo simples, semi-pendente, 1–2-flora, florescem simultaneamente ou em sucessão; brácteas florais ca. 2 mm compr., lanceoladas, ápice agudo. Flores brancas, hermafroditas, pediceladas, ressupinadas.; sépalas laterais 2,5–3 × 0,6 mm, oblanceoladas, ápice agudo, unidas na porção inferior, sépala dorsal ca. 2,5–2,8 × 0,9 mm, oblanceolada, ápice agudo; pétalas ca. 2,8–3 × 0,15 mm, lineares, ápice agudo; labelo 3–3,2 × 1–1,3 mm, elíptico, ápice agudo; coluna ca. 2,5 mm, branca com parte superior rosada polínias 4. Fruto não visto

Comentários: *Scaphyglottis sickii* é endêmica do Brasil ocorre apenas nas regiões Norte (Amazonas, Amapá, Pará, Roraima), Nordeste (Alagoas, Maranhão, Pernambuco, Sergipe)

¹ Instituto de Pesquisas Jardim Botânico do Rio de Janeiro, Herbário, Rua Pacheco Leão n° 915, 22460-030, Rio de Janeiro, RJ, Brasil. shnmonteiro@gmail.com

e Centro-Oeste (Mato Grosso) (Barros *et al.* 2013). Em Sergipe é encontrada no Parque Nacional da Serra de Itabaiana, no interior de matas úmidas. Os pseudobulbos cilíndricos, superpostos que crescem a partir da base ou do ápice do pseudobulbo anterior e o crescimento cespitoso, são as características mais pronunciadas desta espécie. Floresce em setembro

Material selecionado: **BRASIL, Sergipe:** Areia Branca, IX/2010, *L.A.S. Santos et al.* 572 (ASE); Itabaiana, II/2011, *Carregosa-Silva et al.* 13 (ASE); Lagarto, IX/2010, *L.A.S. Santos* 383.

32. *Sobralia* Ruiz & Pav.

*Silvana H.N. Monteiro*¹

32.1. *Sobralia liliastrum* Lindl., Gen. Sp. Orchid. Pl.: 177. 1833.

Fig. 5. D

Terrícola. Caule não intumescido em pseudobulbo. Folhas 5–17 × 2–3,5 cm, coriáceas, plicadas, estreitamente lanceoladas, ápice agudo. Inflorescência 5–6,5 cm compr., racemo simples, flexuosa, terminal, 2–5-flora; brácteas do pedúnculo 2,9–3,6 × 0,25–0,4 cm, amplexivas na base, lanceoladas, ápice acuminado; brácteas florais 1,2–1,4 cm, deltoides, ápice agudo. Flores brancas com o centro do labelo amarelado, hermafroditas, ressupinadas; sépalas laterais 55–57 × 15–17 mm, oblanceoladas, ápice agudo, sépala dorsal 58–60 × 15–15 mm, oblanceolada, ápice agudo; pétalas 60–62 × 21–29 mm, oblongo-lanceoladas, ápice obtuso; labelo 60–62 × 32–35 mm, obovado, ápice emarginado; coluna 24–25 mm compr, ápice com apêndices laterais falcados branco-amarelada, polínias 4. Fruto não visto.

Comentários: *Sobralia liliastrum* tem distribuição neotropical (Dressler 1993), no Brasil é encontrada nas regiões Norte, Nordeste, Centro-Oeste e Sudeste (Barros *et al.* 2013). A principal área de ocorrência em Sergipe é o Parque Nacional da Serra de Itabaiana onde por ser facilmente diferenciada por formar grandes touceiras com plantas que podem alcançar até 1,5 m de alt., pelas folhas plicadas e flores grandes (> 3 cm larg.), brancas com a parte interna do labelo amarelada. Floresce em abril.

Material selecionado: **BRASIL, Sergipe:** Areia Branca, III/2011, *L.A.S. Santos et al.* 491 (ASE); Itabaiana, XI/2011, *A.B. Andrade et al.* 21 (ASE); Pirambu, I/1975, *M. Fonseca* 1157 (ASE).

¹ Instituto de Pesquisas Jardim Botânico do Rio de Janeiro, Herbário, Rua Pacheco Leão n° 915, 22460-030, Rio de Janeiro, RJ, Brasil. shnmonteiro@gmail.com

33. *Trichocentrum* Poepp. & Endl.

Tamires Carregosa¹

Epífitas. Caule intumescido em pseudobulbos, heteroblásticos, ovoides, unifoliados. Folhas planas ou cilíndricas, coriáceas. Inflorescência racemo ramificado, lateral, ereta, multiflora. Flores hermafroditas, pediceladas, ressupinadas; sépalas oblanceoladas a espatuladas, ápice arredondado a levemente cuspidado; pétalas oblanceoladas a obovadas, ápice arredondado a levemente cuspidado; labelo trilobado; lobos laterais subdeltoides a obovados, ápice arredondado; lobo mediano subdeltoide a reniforme, ápice arredondado ou emarginado, calos pontiagudos na base do labelo, projetando-se em direção ao lobo mediano; coluna livre; polínias 2. Cápsula elipsoide.

Trichocentrum engloba cerca 70 espécies de distribuição neotropical. Neste trabalho seguimos a circunscrição de Chase *et al* (2009), que ao contrário de alguns autores (Braem 1993; Christenson 1999), utiliza uma definição mais ampla do gênero, não dividindo-o em *Trichocentrum*, *Lophiaris* Raf. e *Cohniella* Pfitz. Em Sergipe ocorrem duas espécies.

Chave para identificação para as espécies de *Trichocentrum* de Sergipe

1. Pseudobulbos obscuramente cônicos; folhas cilíndricas; flores > 2 cm de compr.
..... **33.1. *T. cebolleta***
1'. Pseudobulbos ovoides; folhas planas; flores <1 cm de compr. **33.2. *T. pumilum***

33.1. *Trichocentrum cebolleta* (Jacq.) M.W. Chase & N.H. Williams, Lindleyana 16(2): 137. 2001.

Oncidium cebolleta (Jacq.) Sw., Kongl. Vetensk. Acad. Nya Handl. 21: 240. 1800.

Cohniella cebolleta (Jacq.) Christenson, Lindleyana 14(4): 177. 1999.

Fig. 5. E

Epífitas. Pseudobulbos 6,2–9,5 mm compr., obscuramente cônicos. Folhas 14–40 × 2,4–4 cm, coriáceas, cilíndricas, ápice agudo, geralmente verdes com manchas vináceas. Inflorescência 40–95 cm compr.; brácteas do pedúnculo 7–9,5 mm compr., oblongas, ápice agudo; brácteas florais 2,1–4,2 mm compr., ovadas, ápice agudo. Flores ressupinadas, amarelas com máculas castanho-avermelhadas; sépalas 7,7–8,5 × 4,8–5,3 mm, espatuladas, ápice levemente cuspidado; pétalas 8–8,5 × 5,2–5,5 mm, obovadas, ápice levemente cuspidado; labelo 17,5–18,5 × 17,9–19,1 mm, trilobado, amarelo; lobos laterais obovados, ápice arredondado; lobo mediano reniforme, ápice emarginado; dois pares de calos na base do labelo, pontiagudos, um no meio projetando-se em direção ao lobo mediano; coluna 4,3–4,6 mm compr. Cápsula elipsoide, 2,5–4 cm compr.

Comentários: *Trichocentrum cebolleta* é amplamente distribuída por todas as regiões do Brasil, exceto a região Sul (Barros *et al.* 2013). Em Sergipe pode ser encontrada na Mata Atlântica e Caatinga, podendo ser reconhecida por apresentar pseudobulbos pequenos e levemente cônicos, portando uma folha cilíndrica alongada, além da inflorescência em racemo composto com flores predominantemente amarelas, maculadas de castanho. Floresce e frutifica entre setembro e janeiro.

Material selecionado: **BRASIL, Sergipe: Itabaiana**, IX/1996, fr., M.F. Landim *et al.* 1064 (ASE); **Lagarto**, XI/2009, fl., L.A.S. Santos *et al.* 53 (ASE); **Nossa Senhora da Glória**, XI/1981, fl., E.M. Carneiro 220 (ASE); **Poço Verde**, I/2010, fl., J.E. Nascimento-Júnior 714 (ASE).

33.2. ***Trichocentrum pumilum*** (Lindl.) M.W. Chase & N.H. Williams, Lindleyana 16(2): 137. 2001.

Lophiaris pumila (Lindl.) Braem, Schlechteriana 4(1–2): 21. 1993.

Oncidium pumilum Lindl., Bot. Reg. 11: t. 920. 1825.

Fig. 5. F-G

Epífitas. Pseudobulbos ca. 5 mm compr., ovoides. Folhas 4–10 × 1–1,8 cm, coriáceas, oblanceoladas, planas, ápice obtuso-mucronado, verdes ou verdes com manchas vináceas. Inflorescência 6,5–8 cm compr.; brácteas do pedúnculo 2,4–4 mm compr., deltoides, ápice agudo; brácteas florais 1,3–2 mm compr., deltoides, ápice agudo. Flores ressupinadas, amarelas pintalgadas de vináceo; sépalas 2,12–2,55 × 1,1–1,35 mm, oblanceoladas, ápice arredondado; pétalas 1,7–2,25 × 1,5–1,25 mm, oblanceoladas, ápice arredondado; labelo 2,6–3,7 × 4,8–5,8 mm, trilobado, amarelo; lobos laterais subdeltoides, ápice arredondado; lobo mediano subdeltoide, ápice arredondado; dois pares de calos na base do labelo, pontiagudos, projetando-se em direção ao lobo mediano, os externos menores; coluna 1,5–1,8 mm compr. Fruto não visto.

Comentários: *Trichocentrum pumilum* é amplamente distribuída por todas as regiões do Brasil (Barros *et al.* 2013). Em Sergipe foi encontrada na região centro-sul do estado, em área de transição entre Mata Atlântica e Caatinga. Pode ser diferenciada por apresentar pseudobulbos ovoides, folhas oblanceoladas, flores amarelas com até 1 cm compr., com pequenas máculas vináceas. Floresce em outubro.

Material selecionado: **BRASIL, Sergipe: Lagarto**, X/2009, fl., T. Carregosa-Silva *et al.* 1 (ASE).

¹ Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP, Instituto de Biologia, Depto. Biologia Vegetal, C.P. 6109, 13083-970, Campinas, SP, Brasil.tamirescarregosa@gmail.com

34. *Trigonidium* Lindl.

Silvana H.N. Monteiro¹

34.1. *Trigonidium acuminatum* Bateman ex Lindl., Edwards's Bot. Reg. 24(Misc.): 74. 1838. Epífita. Pseudobulbos ca. 4 mm compr., elipsoide-ovoides, dorsiventralmente comprimidos, unifoliados. Folha 8 × 1,3 cm, linear, ápice agudo, subcoriácea, séssil. Flor amarelado-esverdeadas, com veios vináceos, solitária, lateral, longo-pedunculada, pedúnculo ca. 9 cm compr., hermafroditas ressupinadas; brácteas do pedúnculo ca. 15 mm compr., linear-lanceoladas, ápice acuminado amplexivas; bráctea floral similar as do pedúnculo; sépalas ca. 20 × 7, mm, oblongo-elípticas, ápice agudo, reflexo; pétalas ca. 12 × 4 mm, elíptico-lanceoladas, agudo; labelo ca. 5 × 3,5 mm, deltoide, ápice acuminado; coluna ca. 3 mm compr., amarelada; polínias 2. Fruto não visto.

Comentários: *Trigonidium* inclui 12 espécies nativas da América tropical (Ames & Correl 1985). No Brasil ocorrem seis espécies distribuídas em todas as regiões. *Trigonidium acuminatum* é a única espécie do gênero registrada para Sergipe. A espécie é encontrada nas regiões Norte (Acre, Amazonas, Amapá, Pará, Rondônia, Roraima), Nordeste (Alagoas, Maranhão, Pernambuco, Sergipe), Centro-Oeste (Distrito Federal, Goiás, Mato Grosso) e Sudeste (Rio de Janeiro) (Barros *et al.* 2013). Não foi possível obter a localização precisa da ocorrência desta espécie em Sergipe, pois o material está em cultivo no horto do Departamento de Biologia da Universidade Federal de Sergipe, com indicação apenas do estado. A espécie caracteriza-se por suas flores solitárias, com longo pedúnculo, o arranjo das sépalas e pétalas lembra o formato de um triângulo. Floresce em dezembro.

Material adicional examinado: **BRASIL, Espírito Santo:** Linhares, IV/1972, fl., *D. Sucre 8458* (RB).

35. *Vanilla* Mill.

Luiz Aquino Silva Santos²

Hemiepífitas. Raízes grampiformes carnosas. Pseudobulbos ausentes. Caule cilíndrico, mais ou menos carnosos. Folhas subpecioladas, patente e coriácea, base arredondada a subcordada, ápice acuminado. Inflorescência em racemo simples, axilar. Flores amareladas a esverdeadas, hermafroditas, pediceladas, ressupinadas, vistosas, perfumadas, efêmeras. Coluna pilosa na face ventral. Grãos de pólen agrupados em massas farinosas, não formando polínia. Cápsula oblonga.

Vanilla Mill. possui distribuição pantropical, sendo reconhecidas aproximadamente 100

¹ Instituto de Pesquisas Jardim Botânico do Rio de Janeiro, Herbário, Rua Pacheco Leão nº 915, 22460-030, Rio de Janeiro, RJ, Brasil. shnmonteiro@gmail.com

² Universidade Federal de Sergipe- UFS, Depto. Ciências Biológicas, Av. Marechal Rondon, s/n, 49100-000, São Cristóvão, SE, Brasil. luizaquino_1989@hotmail.com

espécies para o gênero (Dressler 1981; 1993). Para o Brasil são registradas 30 espécies, distribuídas em praticamente todos os estados brasileiros (Pabst & Dungs 1975, 1977; Barros *et al.* 2013). Ocorre nos domínios fitogeográficos da Amazônia, Caatinga, Cerrado e Mata Atlântica (Barros *et al.* 2013).

Chave para identificação para as espécies de *Vanilla* de Sergipe

1. Entrenós com ca. 8–13 cm compr.; folhas estreito-elípticas; pétalas oblanceoladas; labelo esbranquiçado na parte basal, ápice amarelo-esverdeado, com calo no lobo central

..... **35.1. *V. bahiana***

1'. Entrenós com ca. 1,5–4 cm compr.; folhas ovadas; pétalas obtusas; labelo amarelo ouro, de cor uniforme, ausência de calo no lobo central **35.2. *V. palmarum***

35.1. *Vanilla bahiana* Hoehne, Arq. Bot. Estado São Paulo, n.s., f.m., 2: 108. 1950.

Fig. 5. H-I

Hemiepífita. Caule 6,2–7,3 mm diâm., entrenós 8–13 cm compr. Folhas 5–7,5 × 1,8–2,4 cm, estreito-elíptica, ápice agudo. Inflorescência 5–12 cm compr.; brácteas florais 4,8–5 × 4–4,3 mm, deltoide, ápice agudo. Flores com sépalas e pétalas amarelo-esverdeadas e labelo amarelo-esverdeado a esbranquiçado na parte basal; sépalas 6–6,4 × 1–1,6 cm, oblanceolada, ápice agudo; pétalas 6,3–6,5 × 1,3–1,5 cm, oblanceoladas, ápice agudo; labelo ca. 5,8 × 3,6 cm, trilobado, calo no lobo central, soldado na face ventral da coluna; coluna ca. 5,1 × 0,3 cm, adnata ao labelo. Cápsula ca. 9 cm compr.

Comentários: *Vanilla bahiana* é endêmica do Brasil ocorre nas regiões Norte, Nordeste, Centro-Oeste e Sudeste (Barros *et al.* 2013). É comum encontrar *Vanilla bahiana* em áreas de restinga, tabuleiros e matas ciliares fechadas. Diferencia-se de *V. palmarum*, por apresentar Flores amarelo-esverdeadas com labelo internamente esbranquiçado na porção basal, calosidade no lobo central, soldado na face ventral da coluna, além de caule com entrenós que ultrapassam 6 cm de compr.

Material selecionado: **BRASIL, Sergipe:** Areia Branca, fev.2010, fl., *L.A.S. Santos et al. 449* (ASE); Estância, III/2010, fl., *C.A.S. Souza et al. 21* (ASE).

35.2. *Vanilla palmarum* (Salzm. ex Lindl.) Lindl., Gen. Sp. Orchid. Pl.: 436. 1840.

Fig. 5. J

Hemiepífita. Caule 1,6–4,1 mm diâm., entrenós 1,5–4 cm. Folhas 5,5–12,5 × 1,9–4,1 cm, ovadas, ápice agudo. Inflorescência 2,5–13,5 cm compr.; brácteas florais 5,5–8,5 × 2,6–3,5 mm, ovadas, ápice agudo. Flores amarelo-ouro de cor uniforme; sépalas 4–4,7 × 0,8–1 cm, lineares, oblongas, ápice obtuso; pétalas ca. 4,6 × 1,4 cm, oblongas, ápice obtuso; labelo 3,9–4,9 × 3,3 cm, amarelo-ouro, trilobado, soldado lateralmente a coluna, levemente piloso; coluna ca. 3 cm compr. Cápsula 3,3–5,4 cm compr.

Comentários: *Vanilla palmarum* ocorre nas regiões Norte, Nordeste e Centro-Oeste do Brasil (Barros *et al.* 2013). Em Sergipe é encontrada em áreas de Caatinga, Mata Atlântica e nas zonas de transição entre estes biomas. Diferencia-se de *V. bahiana* por suas flores amarelo-ouro uniforme, ausência de calo no labelo, além de caule com entrenós mais próximos (ca. 1,5–4 cm compr.). Floresce nos meses de março a agosto. Presença de frutos de março a agosto.

Material selecionado: **BRASIL, Sergipe:** Barra dos Coqueiros, III/1995, fr., *M.F. Landim* 194 (ASE); Lagarto, VIII/2009, fl., fr., *L.A.S. Santos et al.* 01 (ASE); Pirambu, VIII/2011, fr., *D.M. Oliveira* 140 (ASE); Poço Redondo, III/2010, fl., *L.A.S. Santos et al.* 131 (ASE); Poço Verde, VI/2010, fr., *E.V.R. Ferreira* 105 (ASE); Simão Dias, IV/2011, fr., *T. Carregosa-Silva* 207 (ASE).

36. *Veyretia* Szlach.

*Silvana H.N. Monteiro*¹

36.1. *Veyretia rupicola* (Garay) F. Barros, Hoehnea 30: 183. 2003.

Terrícola. Caule não intumescido em pseudobulbo. Folhas não vistas. Inflorescência ca. 15 cm compr., terminal, em espiga, ereta, pubescente, 1–2-flora; brácteas do pedúnculo ca. 5 cm compr., amplexivas, lanceoladas, longamente acuminadas, pilosas, brácteas florais ca. 2 cm compr., lanceoladas, acuminadas. Flores branco-esverdeadas, hermafroditas, ressupinadas, não pediceladas; sépalas laterais ca. 17 × 2 mm, subfalcadas, ápice levemente acuminado, pouco reflexo, sépala dorsal ca. 13 × 3 mm, elípticas, ligeiramente estreitadas na base, ápice levemente acuminado, pouco reflexo; pétalas ca. 8 × 2 mm, oblongas, ápice agudo; labelo ca. 20 × 10 mm, trilobado, oblongo, pouco constrito próximo ao ápice, piloso no centro, lobos laterais lineares acuminados, lobo mediano levemente orbicular; coluna ca. 7,5 mm, esbranquiçada, polínias 2. Fruto não visto.

Comentários: *Veyretia rupicola* é endêmica do Brasil, com distribuição restrita aos estados da Bahia, Goiás, Minas Gerais, São Paulo, Sergipe e Distrito Federal (Barros *et al.* 2013). Em Sergipe ocorre em campos gramíneos da Serra da Miaba. As características distintivas desta espécie são a ausência de folhas durante a floração, espiga laxa, com flores branco-esverdeadas e pubérrulas. As demais Orchidaceae terrestres têm flores densamente pubescentes-pilosas. Floresce em outubro.

Material examinado: **BRASIL, Sergipe:** São Domingos, X/2010, *L.A.S. Santos et al.* 447 (ASE).

Almeida, M.N. 86 (16, 1); **Amorim, B.S.** 142 (12, 6); **Andrade, A.B.** 5 (11, 2), 21 (32,1); **Araújo, D.A.** 2247 (25,1); **Campos, D.A.** 9 (7, 2), 12 (32,1), 18 (11, 2), 163 (21, 2); **Carneiro, E.** 220 (33, 1), 407 (17, 5), 436 (25,1); **Carneiro, E.M.** 83 (26, 1), 110 (12, 2), 115 (32,1), 188 (4, 1), 277 (4, 1), 334 (25,1), 439 (16, 1), 484 (11, 4), 761 (12, 2); **Carregosa-Silva, T.** 1 (33, 2), 2 (28, 1), 3 (26, 1), 13 (31,1), 24 (12, 4), 25 (12, 6), 26 (29, 1), 31 (29,1), 44 (14, 1), 76 (26, 1), 88 (16, 1), 98 (21, 2), 99 (25,1), 100 (4, 1), 117 (12, 2), 125 (4, 1), 179 (26, 1), 184 (3,1), 185 (11, 3), 207 (35, 2), 206 (7, 4), 209 (17, 8); **Carvalho, A.M.** 4334 (16, 1); **Carvalho, L.B.** 5377 (17, 4); **Claudia & Letícia** 2 (13, 1); **Cinthya & Rosely** 5 (32,1); **Costa, S.M.** 111 (4, 2), 223 (12, 4), 332 (12, 2), 348 (29, 1), 357 (11, 4), 379 (26, 1), 473 (30, 3), 594 (17, 8), 650 (12, 5); Cruz, A. 90 (7, 3); **Dantas, T.V.P.** 43 (11, 2), 66 (17, 4); **Deda, R.M.** 100 (26, 1), 218 (19, 1); **Farias, M.C.V.** 235 (21, 1); **Farinaccio, M.A.** 815 (29, 1); Farney, C. 2757 (1,1); **Ferreira, E.V.R.** 49 (2,1), 74 (25,1), 105 (35, 2), 129 (25,1), 156 (4, 4), 163 (7, 3), 240 (2,1), 241 (4, 4); **Figueiredo, M.A.** 21 (32,1); **Fonseca, M.** 385 (12, 2), 1157 (32,1); **Gomes, E.** 239 (13,1); **Gomes, L.A.** 89 (12, 2), 164 (17, 5), 210 (16, 1), 273 (17, 5), 326 (29, 1), 401 (7, 3), 467 (7, 3), 488 (21, 1), 571 (10, 1), 613 (10, 1), 814 (25,1), 909 (24, 1), 1047 (7, 3), 1060 (28,1); **Gomes, P.** 608 (11, 1), 654 (21, 1); **Gomes, S.** 10842 (11, 1); **Jesus, J.B.** 784 (29,1); **Lima, A.C.** 24 (32,1); **Landim, M.** 194 (35, 2), 439 (21, 1), 598 (17, 4), 707 (17, 5), 818 (11, 1), 959 (17, 4), 1029 (31,1), 1030 (8,1), 1031 (25,1), 1032 (16, 1), 1064 (33, 1), 1087 (11, 3), 1329 (16, 1), 1571 (8,1); **Lara** 6 (21,1); **Lemos, I.C.** 79 (5, 1); **Lucena, M.F.A.** 1768 (21, 1), 1774 (21, 1); **Machado, W.J.** 110 (29, 1), 181 (12, 2), 399 (4, 2), 400 (25,1), 454 (6, 1), 562 (17, 7), 650 (16, 1), 784 (27,1); **Maciel, J.R.** 301 (21, 1), 327 (12, 6), 328 (26, 1); 329 (21, 2), 332 (15,1); **Matos, E.C.A.** 227 (11, 2), 228 (12, 4); **Matos, G.M.A.** 213 (4, 1), 80 (29, 1), 140 (29, 1); **Matos, I.S.** 181 (17, 1); **Melo, D.S.** *et al.* 41 (17, 5), 45 (17, 5); **Melo, E.** 676 (17, 4), 688 (17, 4); **Melo, E.A.** 20 (7, 2), 23414 (12, 2); **Melo, L.S.M.** 64 (3,2); **Mendes, K.** 283(13, 1), 298 (11, 1), 358 (11, 1); **Monteiro, S.H.N.** 80 (15,1), 83 (17, 5), 86 (17, 5); **Nascimento-Júnior, J.E.** 134 (17, 2), 147 (26, 1), 191 (11, 1), 236 (7, 4), 374 (12, 2), 539 (11, 2), 545 (7, 2), 569 (29, 1), 692 (29, 1), 788 (12, 2), 687A (17, 1), 694A (12, 6), 695 (11, 3), 714 (33, 1), 933 (13, 1), 1091 (17, 6), 1323 (3,1), 1552 (25,1); **Oliveira, D.M.** 9 (12, 4), 140 (35, 2); **Paixão, J. L.** 1293 (12, 1); **Prata, A.P.** 576 (12, 2), 1197 (12, 6), 1200 (7, 1), 1351 (17, 4), 1645 (5, 1), 1694 (17, 5), 2296 (21, 1), 2432 (17, 4), 2594 (21, 1), 2596 (17, 8), 2660 (17, 5), 2662 (35, 1), 2685 (17, 4), 2741 (25,1), 2776 (25,1); 2810 (13, 1), 2817 (17, 4), 2854 (12, 3), 2963 (12, 2), 3492 (25,1); **Pureza, S.N.** 02 (12, 4); **Ribeiro, L.V.** 120 (21, 1); **Santana, M.C.** 72 (12, 6), 116 (16, 1), 151 (12, 2), 152 (12, 6), 202 (29, 1); **Santos, C.S.** 235 (17, 5); **Santos, E.** 1 (17, 4); **Santos, J.P.S.** 44 (7, 3); **Santos, L.A.S.** 01 (35, 2), 06 (16, 1), 07 (35, 2), 8 (17, 5), 11 (24, 1), 23 (25,1), 24 (33, 2), 25 (30, 1), 26 (4, 4), 27 (12, 3), 28 (21, 1), 29 (26, 1), 53 (33, 1), 54 (19, 1), 58 (11, 4), 60 (32,1), 61 (11,2), 63 (12, 2), 64 (11, 2), 99 (3,1), 129 (12, 5), 131 (35, 2), 134 (4, 4), 135 (26, 1), 136 (23,1), 137 (4, 2), 138 (7, 3), 139 (5, 1), 170 (17, 3), 172 (25,1), 174 (21, 1), 175 (12, 2), 178 (4, 2), 183 (17, 1), 184 (17, 2), 185 (21, 1), 190 (21, 2), 191 (17, 4), 192 (17, 2), 194 (17, 7), 195 (17, 7), 197 (16, 1), 205 (25,1), 240 (35, 2), 383 (31,1), 419 (7, 2), 421 (11,2), 429 (4, 1), 441 (4, 1), 447 (36,1), 448 (13, 1), 449 (35, 1), 486 (12, 4), 489 (17, 3), 490 (12, 6), 491 (32,1), 493 (3,1), 532 (7, 3), 535 (35, 2), 565 (17, 6), 570 (17, 6), 572 (31,1), 576 (4, 4), 577 (7, 3); **Santos, M.L.** 132 (13, 1), 133 (32,1); **Santos, L.C.** 5 (20,1); **Schmidt, S.** 216 (17, 4); **Silva** 187 (24, 1); **Silva, J.M.** 7406 (17, 3); **Silva, T.R.** 29 (4,4); **Silva** 65 (9,1), 193 (24,1), 222 (9,1); **Simão-Bianchini, R.** 1767 (17, 4); **Souza, C.A.S.** 21 (35, 1); **Sucre, D.** 8458 (34,1); **Vasconcelos, M.** 5 (4, 1), 36 (12, 2); **Viana, G.** 101 (12, 6), 102 (11, 4), 243 (7, 2), 289 (12, 2), 300 (11, 3), 507 (21, 1), 528 (13, 1), 603 (14, 1), 623 (30, 2), 631 (26, 1), 650 (13, 1), 1680 (22,1), 831 (7, 2), 1175 (11, 4), 1315 (13, 1), 1434 (4, 4), 1714 (13, 1), 1806 (13, 1), 1018 (16, 1), 1028 (16, 1), 1443 A (17, 7), 1503 (17, 4), 1738 (21, 1), 1815 (17, 2), 1851 (12, 6); **Vieira, S.D.** 1 (4, 3).

¹ Instituto de Pesquisas Jardim Botânico do Rio de Janeiro, Herbário, Rua Pacheco Leão nº 915, 22460-030, Rio de Janeiro, RJ, Brasil. shnmonteiro@gmail.com

Referências Bibliográficas

- Ames, O. & Correl, D.S. 1985. **Orchids of Guatemala and Belize**. New York: Dover Publications.
- Azevedo, C.O. **Filogenia e revisão taxonômica do gênero *Prescottia* (Orchidaceae: Orchidoideae)**. 2009. Tese (Doutorado em Botânica) - Universidade Estadual de Feira de Santana.
- Azevedo, C.O.; van den Berg, C. 2005. Proposals to conserve the name *Prescottia* with that spelling and *P. plantaginea* against *P. plantaginifolia*. **Taxon** **54**(4): 1105-1106.
- Barros, F. de; Vinhos, F.; Rodrigues, V.T.; Barberena, F.F.V.A.; Fraga, C.N.; Pessoa, E.M.; Forster, W.; Menini Neto, L. 2013. *Orchidaceae In: Lista de Espécies da Flora do Brasil*. Jardim Botânico do Rio de Janeiro. (<http://floradobrasil.jbrj.gov.br/jabot/floradobrasil/FB179>) (acesso em 02/09/2013);
- Bastos, C.A & Van den Berg, C. 2012. Flora da Bahia: *Catasetum* (Orchidaceae). **Sitientibus série Ciências Biológicas** **12**(1): 83-89.
- Batista, J.A.N. & Bianchetti, L.B. 2002. A review of *Habenaria* (Orchidaceae) in Pabst and Dungs' Orchidaceae Brasiliensis. **Lindleyana** **17** (2): 75-84.
- Batista, J.; Silva, J; Bianchetti, L. 2008. The genus *Habenaria* (Orchidaceae) in the Brazilian Amazon. **Revista Brasileira de Botânica** **31**(1): 105-134.
- Batista, J.A.N.; Bianchetti, L.B.; R. González-Tamayo; X. M. C. Figueroa; P.J. Cribb. 2011. A Synopsis of New World *Habenaria* (Orchidaceae) I. **Harvard Papers in Botany** **16**(1):1-47.
- Bogarín, D. & Pupulin, F. 2010. The genus *Campylocentrum* (Orchidaceae: Angraecinae) *In: Costa Rica: a revision*. **Harvard Papers in Botany** **15**(2): 353-414.
- Braem G.J. 1993. Studies in the Oncidiinae, discussion of some taxonomic problems with description of *Gudrunia* Braem, gen. nov., and the reinstatement of the genus *Lophiaris* Rafinesque. **Schlechteriana** **4**: 8-29.
- Carnevali, G.; Christenson, E.; Foldats, E.; Ramírez-Morillo, I.M.; Romero-González, G.A.; Vargas, C.A.; Werkhoven, M. 2007. Orchidaceae. In Funk, V.; Hollowell, T.; Berry, P.; Kelloff, C.; Alexander, S.N. (eds). **Checklist of the Plants of the Guiana Shield (Venezuela: Amazonas, Bolívar, Delta Amacuro; Guyana, Surinam, French Guiana)**. National Museum of Natural History, Washington.
- Chase MW. 2009. Subtribe Oncidiinae. In: Pridgeon A.M, Chase M.W, Cribb P.J, Rasmussen F.N, eds. **Genera Orchidacearum**, vol. 5 Epidendroideae (part two). Oxford, UK: Oxford University Press. 211-394.
- Chase, M.W. *et al.* 2009. Floral convergence in Oncidiinae (Cymbidieae: Orchidaceae): an expanded concept of *Gomesa* and a new genus *Nohawilliamsia*. **Annals of Botany** **104**(3): 387-402.
- Chen, S.C.; Ormerod, P.; Wood, J.J. 2009. *Liparis*. **Flora of China** **25**: 211-228.
- Christenson, E.A. 1999. The return of *Cohniella* (Orchidaceae: Oncidiinae). **Lindleyana** **14**: 176-177.
- Cribb, P.; Bechtel, H.; Launert, E. 1998. **The manual of cultivated Orchid species**. London: Blandford.
- Dressler, R.L. 1993. **The orchids: natural history and classification**. Cambridge: Harvard University Press.
- Govaerts, R., Dransfield, J., Zona, S.F, Hodel, D.R. & Henderson, A. (2013). **World Checklist of Orchidaceae**. Facilitated by the Royal Botanic Gardens, Kew. Published on the Internet; <http://apps.kew.org/wcsp/> Retrieved 2013-09-15.
- Higgins, W.E.; van den Berg, C. 2010. The new Cattleyas: the changing face of an alliance's classification. **Orchids** **79**: 344-345.
- IBAMA. 2008. **Lista Oficial de Espécies Brasileiras Ameaçadas de Extinção**. Instrução Normativa N° 06, de 23 de setembro do Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis.
- Kolanowska, M; Szlachetko, D.L. 2013. A new species of *Hapalorchis* (Spiranthinae, Orchidaceae) from Colombia. **Plant Biosystems** **147**(2): 518-520
- Monteiro, S.H.N.; Carregosa, T.; Santos, L.A.S.; Nascimento-Júnior, J.E & Prata, A.P.N. 2012. Survey of Orchidaceae from the State of Sergipe, Brazil. **Biota Neotropica** **12**(2):167-174.
- Monteiro, S.H.N.; Silva, M.F.F.; Secco, R.S. 2009. O gênero *Galeandra* (Orchidaceae) na Amazônia Brasileira. **Acta Amazonica** **39**(1): 21-34.
- Pabst, G.F.J. & Dungs, F. 1975. **Orchidaceae Brasilienses**. v. 1. Hildesheim.Brücke-Verlag Kurt Schmiersow.
- Pabst, G.F.J. & Dungs, F. 1977. **Orchidaceae Brasilienses**. v. 2. Hildesheim.Brücke-Verlag Kurt Schmiersow.
- Pridgeon, A.M. & Cribb, P.J. 2003. *Cranichis*. In Pridgeon, A.M., Cribb, P.J., Chase, M.W. & Rasmussen, F.N. (eds). **Genera Orchidacearum**. v.3: Orchidoideae (part two). Vanilloideae. Oxford University Press, Oxford.
- Pridgeon, A.M., Cribb, P.J., Chase, M.W. & Rasmussen, F.N. 2001 **Genera Orchidacearum**, v.2, Orchidoideae, part 1. Oxford University Press, New York.
- Pridgeon, A.M.; Cribb, P.J.; Chase, M.W.; Rasmussen, F.N. 2005. **Genera Orchidacearum**. Oxford University Press, New York, v.4, 672 p.
- Pupulin, F. 1997. A synopsis of *Macroclinium* (Orchidaceae: Oncidiinae). **Caesiana** **9**: 1-20.
- Romero-González, G. A., Batista, J. A., & De Bem Bianchetti, L. 2008. A synopsis of the genus *Cyrtopodium* (Catasetinae: Orchidaceae). **Harvard Papers in Botany** **13**(1), 189-206.
- Salazar, G. A., Chase, M. W., Arenas, M. A. S.; Ingrouille, M. 2003. Phylogenetics of Cranichideae with emphasis on Spiranthinae (Orchidaceae, Orchidoideae): evidence from plastid and nuclear DNA sequences. **American Journal of Botany** **90**(5): 777-795.
- Silva, M.F.F & Silva, J.B.F.. 1998. **Orquídeas Nativas da Amazônia: O gênero *Catasetum* L.C. Rich ex Kunth**. Pará: Museu Goeldi.
- Stancik, J.F., Goldenberg, R. & Barros, F. 2009. O gênero Epidendrum L. (Orchidaceae) no Estado do Paraná, Brasil. **Acta Botanica Brasilica** **23**(3), 864-880.
- Szlachetko, D.L. 1994. Studies on the Spiranthinae (Orchidaceae): I. Miscellanea. Estudios sobre las Spiranthinae (Orchidaceae): I. Miscelánea. **Fragmenta Floristica et Geobotanica** **39**(2): 417-438.
- Toscano-de-Brito, A.L.V. & Cribb, P. 2005. **Orquídeas da Chapada Diamantina**. São Paulo.Nova Fronteira.
- Tropicos.org. Missouri Botanical Garden. 25 Sep 2013 <http://www.tropicos.org/Reference/39812>
- van den Berg, C. 2008. New combinations in the genus *Cattleya* Lindl.(Orchidaceae). **Neodiversity** **3**: 3-12.
- van den Berg, C., Higgins, W.E., Dressler, R.L., Whitten, W.M., Soto-Arenas, M.A. & Chase, M.W. 2009. A phylogenetic study of Laeliinae (Orchidaceae) based on combined nuclear and plastid DNA sequences. **Annals of Botany** **104**: 417-430.
- van den Berg, C.; Higgins, W.E.; Dressler, R.L.; Whitten, W.M.; Soto-Arenas, M.A.; Culham, A.; Chase, M.W. 2000. A phylogenetic analysis of Laeliinae (Orchidaceae) based on sequence data from internal transcribed spacers (ITS) of nuclear ribosomal DNA. **Lindleyana** **15**(2): 96-114.



Figura 1. A. *Brassavola tuberculata* Hook. A. Hábito (Ferreira, E.V.R. et al. 240, ASE). B. *Campylocentrum crassirhizum* Hoehne. B. Diagrama floral (Santos, L.A.S. 99, ASE); C. *Catasetum discolor* (Lindl.) Lindl. C. Diagrama floral (Santos, L.A.S. et al. 429, ASE). D. *Catasetum hookeri* Lindl. D. Diagrama floral (Costa, S.M. et al. 111, ASE). E-F. *Catasetum uncatum* Rolfe. E. Hábito, F. Diagrama floral (Santos, L.A.S. et al. 134, ASE). G. *Cattleya labiata* Lindl. G. Diagrama floral (Santos, L.A.S. et al. 139, ASE). H-I. *Cyrtopodium brandonianum* Barb. Rodr. H. Hábito, I. Diagrama floral (Prata, A.P. et al. 1200, ASE). J. *Cyrtopodium flavum* (Nees) Link & Otto ex Rchb. f. J. Diagrama floral (Santos, L.A.S. et al. 62, ASE). K. *Cyrtopodium holstii* L.C.Menezes. K. Diagrama floral (Santos, L.A.S. & Deda, R.M. 532, ASE). L. *Cyrtopodium parviflorum* Lindl. L. Diagrama floral (Nascimento - Júnior, J.E. et al. 236, ASE).



Figura 2. A-B. *Encyclia albioxanthina* Fowlie. A. Hábito, B. Diagrama floral (Nascimento - Júnior, J.E. et al. 191 ASE). C. *Encyclia dichroma* (Lindl.) Schltr. C. Diagrama floral (Santos, L.A.S. et al. 64 ASE). D. *Encyclia oncidioides* (Lindl.) Schltr. D. Diagrama floral (Landim, M.F. 1087 ASE). E. *Encyclia patens* Hook. E. Diagrama floral (Santos, L.A.S. et al. 58 ASE). F. *Epidendrum cinnabarinum* Salzm. ex Lindl. F. Diagrama floral (Santos, L.A.S. et al. 63 ASE). G-H. *Epidendrum orchidiflorum* Salzm. ex Lindl. G. Hábito, H. Diagrama floral (Santos, L.A.S. et al. 486 ASE). I. *Epidendrum rigidum* Jacq. I. Hábito (Santos, L.A.S. et al. 129 ASE). J. *Epidendrum secundum* Jacq. J. Diagrama floral (Nascimento - Júnior, J.E. et al. 694 ASE). L. *Erycina pusilla* (L.) N.H. Williams & M.W. Chase. L. Diagrama floral (Carregosa-Silva, T. et al. 44 ASE).

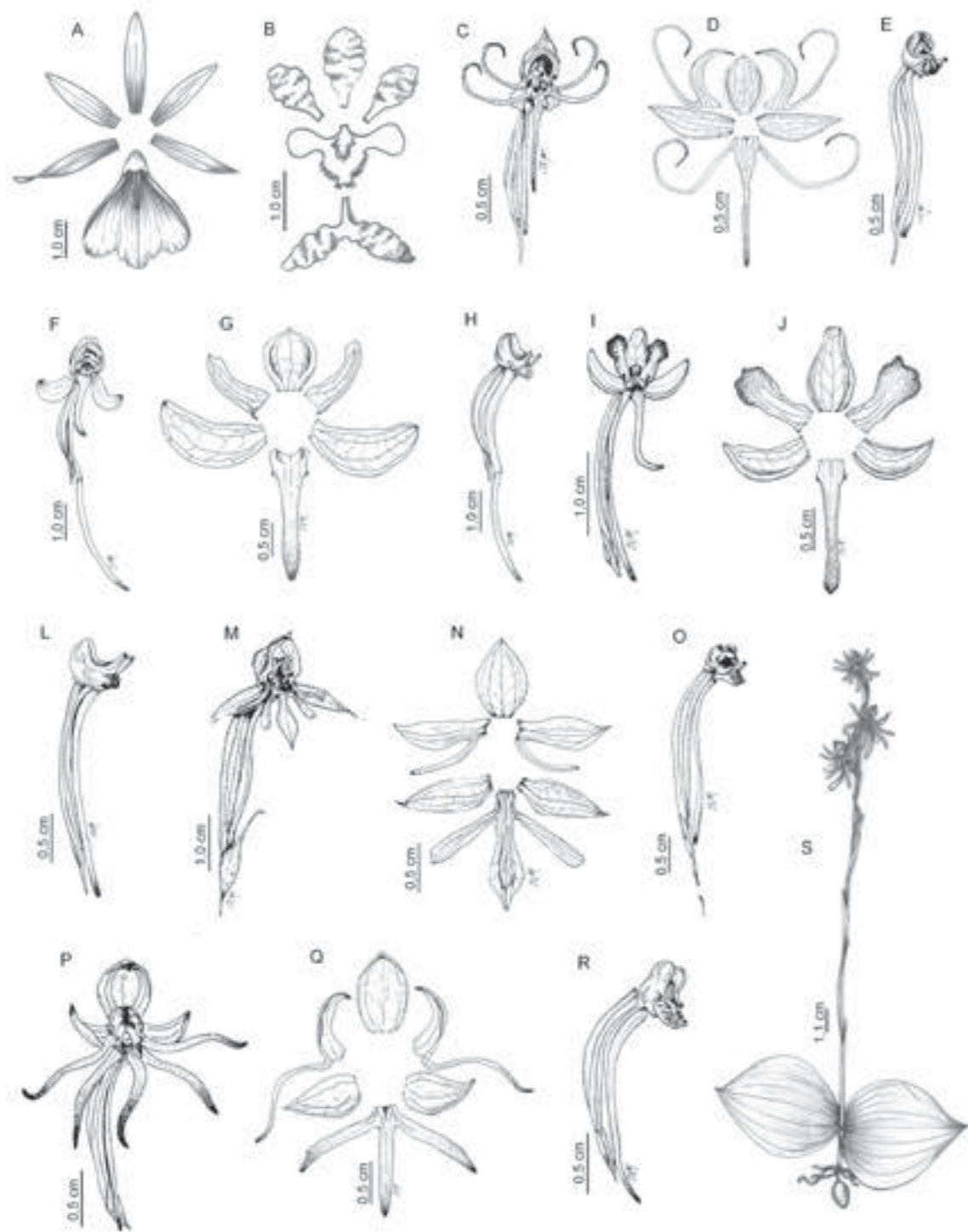


Figura 3. A. *Galeandra montana* Barb. Rodr. A. Diagrama floral (Monteiro, S.H.N. & Santos, L.A.S. 80 ASE). B. *Gomesa barbata* (Lindl.) M.W. Chase & N.H. Williams B. Diagrama floral (Santos, L.A.S. & Suzart, F.B. 06 ASE). C-E. *Habenaria fluminensis* Hoehne C. Flor, D. Diagrama floral, E. Coluna (Santos, L.A.S. & Monteiro, S.H.N. et al. 183 ASE). F-H. *Habenaria obtusa* Lindl. F. Flor, G. Diagrama floral, H. Coluna (Santos, L.A.S. et al. 192 ASE). I-L. *Habenaria petalodes* Lindl. I. Flor, J. Diagrama floral, L. Coluna (Santos, L.A.S. et al. 191 ASE). M-O. *Habenaria pratensis* (Lindl.) Rchb.f. M. Flor, N. Diagrama floral, O. Coluna (Santos, L.A.S. et al. 08 ASE). P-S. *Habenaria schenckii* Cogn. P. Flor, Q. Diagrama floral, R. Coluna, S. Hábito (Santos, L.A.S. et al. 194 ASE).



Figura 4. A-C. *Habenaria trifida* Kunth. A. Flor, B. Coluna, C. Diagrama floral (Carregosa-Silva, T. et al. 209 ASE). D-E. *Ionopsis utricularioides* (Sw.) Lindl. D. Diagrama floral, E. Hábito (Santos, L.A.S. et al. 54 ASE). F. *Liparis nervosa* (Thunb.) Lindl. F. Diagrama floral (Santos, L.A.S. et al. 28 ASE). G. *Liparis vexillifera* (Lex.) Cogn. G. Diagrama floral (Santos, L.A.S. et al. 190 ASE). H-I. *Notylia barkeri* Lindl. H. Hábito, I. Diagrama floral (Santos, L.A.S. & Suzart, F.B. 11 ASE). J. *Oeceoclades maculata* (Lindl.) Lindl. J. Diagrama floral (Santos, L.A.S. et al. 30 ASE). L. *Polystachya estrellensis* Rchb. f. L. Diagrama floral (Nascimento - Júnior, J.E. & Amaral, L. 147 ASE).

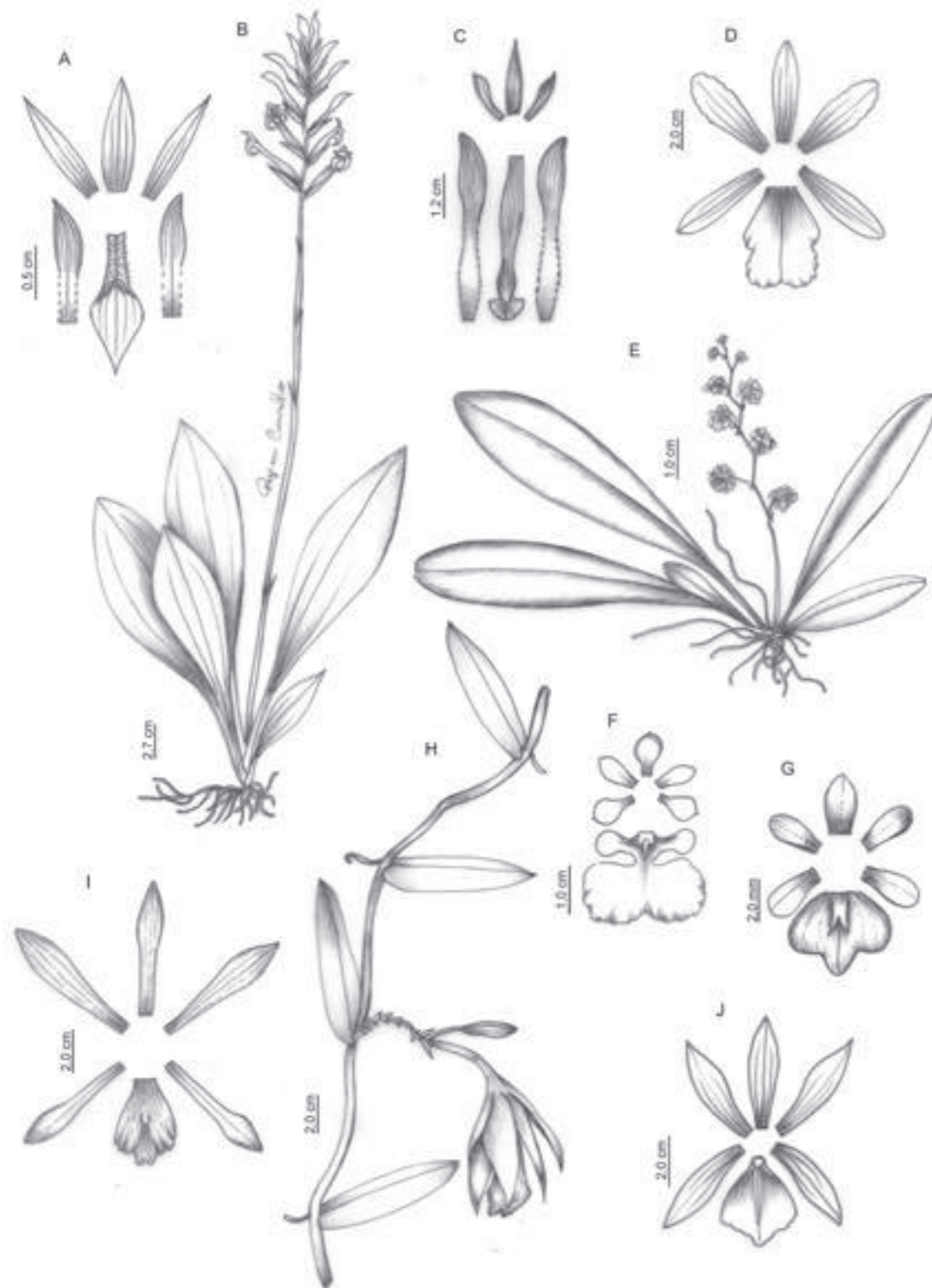


Figura 5. A. *Sacoila lanceolata* (Aubl.) Garay. A. Diagrama floral (Carregosa-Silva, T. et al. 26 ASE). B-C. *Sarcoglottis acaulis* (Sm.) Schltr. B. Hábito, C. Diagrama floral (Carregosa-Silva, T. et al. 02 ASE). D. *Sobralia liliastrum* Lindl. D. Diagrama floral (Santos, L.A.S. et al. 439 ASE). E. *Trichocentrum cebolleta* (Jacq.) M.W. Chase & N.H. Williams. E. Diagrama floral (Santos, L.A.S. et al. 53 ASE). F-G. *Trichocentrum pumilum* (Lindl.) M.W. Chase & N.H. Williams. F. Hábito, G. Diagrama floral (Carregosa-Silva, T. et al. 01 ASE). H-I. *Vanilla bahiana* Hoehne. H. Hábito, I. Diagrama floral (Santos, L.A.S. et al. 449 ASE). J. *Vanilla palmarum* (Salzm. ex Lindl.) Lindl. J. Diagrama floral (Santos, L.A.S. et al. 131 ASE).

Oxalidaceae apresenta distribuição ampla e inclui seis gêneros, dos quais apenas *Biophytum*, com nove espécies, e *Oxalis*, com 94, são nativos no Brasil. *Oxalis* ocorre em zonas tropicais e temperadas, nas mais variadas formações vegetacionais e também em áreas antropizadas. No estado de Sergipe apenas *Oxalis* ocorre de forma nativa, mas também são encontradas as duas espécies de *Averrhoa* L. (*A. bilimbi* L. e *A. carambola* L.), estas apenas em cultivo, não sendo aqui incluídas por serem alóctones. *Oxalis corniculata* L., de origem europeia-mediterrânea, é citada na Lista de Espécies da Flora do Brasil como subspontânea em Sergipe, porém por não terem sido localizadas amostras dessa espécie nos herbários consultados, optou-se por não incluí-la no presente tratamento. Os autores não adotam táxons infraespecíficos para algumas espécies por julgarem ser de difícil distinção, já que são baseados, principalmente, em caracteres plásticos, como o tipo de indumento e a variação na forma dos folíolos.

Oxalis L.

Ervas, subarbustos ou arbustos bulbosos, rizomatosos ou xilopodíferos. Folhas compostas, alternas, subopostas ou pseudoverticiladas, em geral 3-folioladas, pinadas ou digitadas; pecíolos cilíndricos, filodiais ou alados. Inflorescências axilares; unifloras, pseudoumbelas ou cimas dicasiais; brácteas e bractéolas reduzidas. Flores 5-meras, andróginas, heterostílicas; sépalas livres, persistentes no fruto; pétalas amarelas, rosadas ou alvas, unidas na porção mediana, formando um tubo; estames 10, em 2 verticilos, filetes concrecidos na base, maiores apendiculados e pilosos, menores glabros; ovário súpero, 5-carpelar, 5-locular, óvulos 1–15 por lóculo; estiletos 5, em geral concrecidos até a porção mediana. Cápsulas loculicidas, deiscência explosiva, 5-costadas, globoides, ovóides ou cilíndricas, glabras ou não; sementes em geral elipsoides, achatadas lateralmente, estriadas, testa crustácea, longitudinal ou transversalmente ornada.

Chave para identificação das espécies de *Oxalis* de Sergipe

1. Plantas com ramos e folíolos glabros; flores rosadas **1. *O. cratensis***
- 1'. Plantas com ramos e/ou folíolos indumentados; flores alvas ou amarelas.....**2**
2. Ervas prostradas; folíolos obcordados, margem setosa; cimas 1–3-floras; cápsulas profundamente 4–5-costadas **4. *O. glaucescens***
- 2'. Ervas ou arbustos eretos; folíolos com formas distintas (não obcordados), margem lisa ou ciliada; cimas 1–30-floras; cápsulas levemente 5-costadas.....**3**

¹ Laboratório de Morfo-Taxonomia Vegetal, Departamento de Botânica, Universidade Federal de Pernambuco, Cidade Universitária, Av. Professor Moraes Rego, CEP 50670-901, Recife, PE.

Email: jimcostalima@yahoo.com.br

3. Folhas pseudoverticiladas concentradas no ápice dos ramos; flores alvas.....4
4. Folíolos glabros, rombeo-ovados a estreito-ovados, o terminal 4,5–8,2 cm compr., com ápice longo-cuspidado; cimas 8–20–floras, maiores que a folhagem **6. *O. neuwiedii***
- 4'. Folíolos pilosos, trulados a elípticos, o terminal 1,6–3 cm compr., com ápice agudo a arredondado; cimas 4–9–floras, em geral menores que a folhagem **8. *O. puberula***
- 3'. Folhas nitidamente alternas, subopostas a pseudoverticiladas distribuídas ao longo dos ramos; flores amarelas.....5
5. Folhas pseudoverticiladas frequentemente distribuídas em braquiblastos (ramos encurtados) **3. *O. frutescens***
- 5'. Folhas nitidamente alternas a subopostas distribuídas ao longo do caule.....6
6. Arbustos até 1,5 m alt.; cimas pseudoumbeladas; carpelos 1–seminados **7. *O. psoraleoides***
- 6'. Ervas até 0,5 m alt.; cimas dicasiais; carpelos 2–3–seminados.....7
7. Ramos tomentosos; folíolos trulados a largo-elípticos, tomentosos na face abaxial, margem ciliada **5. *O. hedysarifolia***
- 7'. Ramos glabrescentes, hirsutos ou pubescente-glandulares; folíolos ovados, estreito-ovados, rombeo-ovados ou lineares, glabros na face adaxial ou pubescentes ao longo da nervura central na face adaxial, margem lisa.....8
8. Ramos pubescente-glandulares; folíolos estreito-ovados a lineares, raro ovados, glabros a ligeiramente pubescentes ao longo da nervura central na face abaxial; cápsulas globoso-elipsoides, carpelos 2–seminados **2. *O. divaricata***
- 8'. Ramos glabrescentes a hirsutos; folíolos ovados a rombeo-ovados, glabros; cápsulas oblongo-elipsoides, carpelos 3–seminados **9. *O. sepium***

1. *Oxalis cratensis* Hook., Icon. Pl. 4: pl. 361. 1841.

Fig. 1. C

Ervas eretas, 0,2–0,5 m alt.; ramos glabros. Folhas alternas; pecíolo 1,1–2,5 cm compr., glabro; raque 3,2–6,5 mm compr.; folíolos glabros; o terminal 1,2–2,8 x 0,7–1,8 cm, ovado a oblongo, simétrico, base cuneada, margem lisa, ápice arredondado; os laterais 0,8–2 x 0,5–1 cm, semelhantes ao terminal. Cimas dicasiais 3–15–floras, maiores que a folhagem; pedúnculos 2,4–4,5 cm compr. Lacínios do cálice 1,8–3 x 0,8–1 mm, lanceolados; corola 3,5–7 mm compr., rosada. Cápsulas 4–6,5 x 3,2–4,5 mm, globoso-elipsoides, glabras, maiores que os lacínios do cálice; carpelos 3–4–seminados.

Comentários: Distribui-se na Bolívia, Paraguai e Brasil, onde ocorre amplamente em praticamente todos os estados e em vários tipos vegetacionais (Lourteig 1994; Abreu & Fiaschi 2013). Em Sergipe habita ambientes ruderais e áreas antropizadas. É facilmente distinta das demais espécies que ocorrem no Estado por apresentar ramos e folhas glabros e corola rosada. Floresce e frutifica ao longo de todo ano.

Material selecionado: **BRASIL. Sergipe:** Capela, IV/2012, fl. e fr., J.L. Costa-Lima et al. 650 (JPB, NY, UFP); Salgado, VI/1984, fl., M.C. Santana 220 (ASE, IPA, UFP).

2. *Oxalis divaricata* Mart. ex Zucc., Denkschr. Königl. Akad. Wiss. München Ser. 1. 9:169. 1825.

Fig. 1. F

Ervas eretas, 0,1–0,4 m alt.; ramos pubescente-glandulares. Folhas alternas a subopostas; pecíolos 0,8–2 cm compr., pubescente-glandulares; raque 1–3,6 mm; folíolos glabros a ligeiramente pubescentes na face abaxial próximo à base e/ou ao longo da nervura central; o terminal 0,3–2 x 0,1–1,2 cm, estreito-ovado a linear, raro ovado, simétrico, base cuneada, margem lisa, ápice retuso; os laterais 0,1–1,6 x 0,1–1 cm, semelhantes ao terminal, simétricos ou assimétricos. Cimas dicasiais 3–8–floras, em geral maiores que a folhagem; pedúnculos 0,7–3,8 cm compr. Lacínios do cálice 2–3,2 x 0,7–1,2 mm, estreito-triangulares; corola 3,6–6 mm compr., amarela. Cápsulas 3–4,8 x 2,5–3,4 mm, globoso-elipsoides, pubescente-glandulares, maiores ou equilongas aos lacínios do cálice; carpelos 2–seminados.

Comentários: Ocorre na porção leste do Brasil, do Rio de Janeiro ao Maranhão, e no Arquipélago de Fernando de Noronha, especialmente em campos e em vegetação de Caatinga (Lourteig 1994; Abreu & Fiaschi 2013). Em Sergipe ocorre em áreas abertas em vegetação de Caatinga, restingas e em áreas antropizadas. Assemelha-se a *Oxalis sepium* pelo aspecto geral dos ramos e presença de poucos tricomas, mas pode ser diferenciada dessa espécie, principalmente, pelos folíolos estreito-ovados a lineares (vs. ovados a rombeo-ovados em *O. sepium*) e pela presença de tricomas glandulares (ausentes em *O. sepium*). Floresce e frutifica ao longo de todo ano.

Material selecionado: **BRASIL. Sergipe:** Itabaiana, VII/2006, fl. e fr., B.S. Amorim 25 (UFP); Lagarto, V/1982, fl., M.N. Almeida 61 (ASE, UFP); Poço Redondo, VIII/2008, fl. e fr., A.P. Prata et al. 1585 (ASE, UFP); São Cristóvão, VI/1986, fl., G. Viana 1464 (ASE, UFP).

3. *Oxalis frutescens* L., Sp. Pl. ed. 1. 435. 1753.

Fig. 1. D-E

Ervas eretas, 0,1–0,7 m alt.; ramos tomentosos a hirsutos. Folhas pseudoverticiladas, com braquiblastos (ramos encurtados) ao longo dos ramos; pecíolos 0,4–2 cm, pilosos; raque 1,2–3,3 mm; folíolos pubescentes a tomentosos; o terminal 0,2–1,8 x 0,2–1 cm, oblongo a obovado, simétrico, base cuneada, margem ciliada, ápice retuso; os laterais 0,2–0,8 x 0,1–0,5 cm, semelhantes ao terminal, assimétricos. Cimas dicasiais 1–3–floras, pouco maiores que a folhagem; pedúnculos 0,3–0,8 cm compr. Lacínios do cálice 2,2–3,3 x 0,8–1,2 mm, estreito-triangulares; corola 5–8,8 mm compr., amarela. Cápsulas 4,2–6,8 x 3,5–4,2 mm, globoso-oblongoides, pubescentes, maiores que os lacínios do cálice; carpelos 2–3–seminados.

Comentários: Espécie com distribuição desde o México e Antilhas até ao noroeste da Argentina. No Brasil ocorre de forma ampla, especialmente em áreas savânicas nos

domínios da Caatinga, Cerrado e Floresta Amazônica (Lourteig 1994). Em Sergipe foi registrada em áreas rupestres e na borda de florestas estacionais. É distinta das demais espécies que ocorrem no estado e facilmente reconhecida pelas folhas pseudoverticiladas em frequentemente distribuídas em braquiblastos. Floresce e frutifica entre os meses de abril e setembro.

Material selecionado: **BRASIL. Sergipe:** Capela, IV/2012, fl. e fr., *J.L. Costa-Lima et al. 648* (ASE, JPB, NY, UFP, UFRN); Itabaiana, VI/2009, fl. e fr., *L.P. Félix et al. 12947-B* (EAN).

4. *Oxalis glaucescens* Norlind, Ark. Bot. 14(6): 15-16, lâm. 4, fig. 2. 1915.

Fig. 2. I-K

Ervas prostradas; ramos tomentosos. Folhas alternas, subopostas a pseudoverticiladas; pecíolos 0,8–2 cm compr., tomentosos; raque 1,5–2,6 mm compr.; folíolos puberulentos mesclado com indumento pubescente; o terminal 6,5–10 x 8–13 cm, obcordado, simétrico, base cuneada, margem setosa, ápice obcordado a retuso; os laterais 4–7,5 x 2–6 cm, semelhantes ao terminal, assimétricos. Cimas dicasiais 1–3–floras, menores que a folhagem; pedúnculos 4,2–13 cm compr. Lacínios do cálice 1,8–2,7 x 0,8–1,6 mm, estreito-triangulares; corola 2,8–5 mm compr., amarela. Cápsulas 3,6–4 x 4,5–6 mm, globoide-achatadas, pubescentes, menores que os lacínios do cálice, geralmente com um carpelo abortado; profundamente 4–5–costadas; carpelos 1–seminados.

Comentários: Ocorre em vegetação de caatinga no Nordeste do Brasil e em Minas Gerais, além de ser registrada em áreas de cerrado nos estados do Mato Grosso e Mato Grosso do Sul (Abreu & Fiaschi 2013). Conhecida como “trevo” ou “azedinho”, tem aqui seu primeiro registro no Sergipe, onde ocorre em vegetação de caatinga hiperxerófila. Pode ser reconhecida pelo hábito prostrado, folíolos obcordados e cápsulas globoide-achatadas e profundamente 4–5–costadas. Floresce e frutifica entre os meses de abril e julho.

Material selecionado: **BRASIL. Sergipe:** Canindé de São Francisco, VI/2005, fl. e fr., *D. Coelho 708* (UFP); Porto da Folha, VII/2012, fl. e fr., *D.G. Oliveira & B.A.L. Freitas 502* (ASE, UFP).

5. *Oxalis hedysarifolia* Raddi, Mem. Mat. Fis. Soc. Ital. Sci. Modena, Pt. Mem. Fis. 18 (2): 401. 1820.

Fig. 1. B

Ervas eretas, ca. 0,5 m alt.; ramos tomentosos. Folhas alternas; pecíolos 1,2–3 cm compr., tomentosos; raque 2,2–3,5 mm compr.; folíolos glabros a glabrescentes na face adaxial e tomentosos na abaxial; o terminal 2,2–4 x 1,4–2 cm, trulado, às vezes largo-elíptico, simétrico, base obtusa a cuneada, margem ciliada, ápice agudo a obtuso; os laterais 2,2–3,5 x 1,1–2 cm, elípticos, em geral assimétricos, base obtusa a arredondada, ápice agudo.

Cimas dicasiais 10–30–floras, maiores que a folhagem; pedúnculos 3,5–9 cm compr. Lacínios do cálice 1,9–4,4 x 1,2–1,6 mm, elípticos; corola 4–6,4 mm compr., amarela. Cápsulas 5,5–7 x 3,2–5 mm, globoso-elipsoides, glabras, maiores que os lacínios do cálice; carpelos 3–seminados.

Comentários: *Oxalis hedysarifolia* tem registros na Bolívia, Brasil e Paraguai. No Brasil ocorre na porção leste, de Santa Catarina ao Maranhão, e no norte, nos estados do Mato Grosso, Pará e Rondônia, nos domínios da Caatinga, Cerrado, Floresta Atlântica e Amazônica (Lourteig 1994; Abreu & Fiaschi 2013). Sua ocorrência é confirmada aqui pela primeira vez em Sergipe, onde foi encontrada em áreas abertas em florestas estacionais, em clareiras e orlas de matas. É reconhecida pelos ramos tomentosos, folhas ao longo dos ramos, folíolos em geral trulados, cimas maiores que a folhagem e cápsulas com carpelos 3–seminados. Floresce e frutifica entre os meses de abril e setembro.

Material selecionado: **BRASIL. Sergipe:** Areia Branca, VI/2007, fl. e fr., *M.F.A. Lucena et al. 1770* (UFP); Capela, IV/2012, fl., *J.L. Costa-Lima et al. 649* (JPB, NY, UFP); Nossa Senhora das Dores, XI/1985, fl. e fr., *M.A. Figueiredo 36* (ASE).

6. *Oxalis neuwiedii* Zucc., Denkschr. Königl. Akad. Wiss. München 2(1): 267. 1831.

Fig. 1. A

Ervas eretas, até ca. 0,6 m alt.; ramos adpresso-pubescentes. Folhas agrupadas em um pseudoverticilo apical; pecíolos 3–5 cm compr., densamente adpresso-pubescentes; raque 1–1,7 mm compr.; folíolos glabros, nervuras esparsamente pubescentes na face abaxial; o terminal 4,5–8,2 x 2–4 cm, rombeo-ovado a estreito-ovado, simétrico, base obtusa, margem ciliada próxima à base, ápice longo-cuspidado; os laterais 3–4 x 1,2–2,5 cm, ovados, base arredondada, ápice cuspidado, assimétricos. Cimas dicasiais 8–20–floras, maiores que a folhagem; pedúnculos 3–10 cm compr. Lacínios do cálice 2–3,6 x 0,8–1,2 mm, lanceolados; corola 4,2–6 mm compr., alva. Cápsulas 3,2–4,5 x 2,5 mm, subglobosas, glabras, menores que os lacínios do cálice; carpelos 1–seminados.

Comentários: *Oxalis neuwiedii* é citada para as matas úmidas do leste do Brasil, do Paraná até a Bahia (Lourteig 1994), sendo este o primeiro registro da espécie em Alagoas e Sergipe, onde foi coletada no sub-bosque de florestas estacionais. Distingue-se das demais espécies de *Oxalis* em Sergipe pelas folhas pseudoverticiladas concentradas no ápice dos ramos, folíolos glabros, em geral rombeo-ovados e com o ápice longo-cuspidado. Floresce no mês de setembro.

Material examinado: **BRASIL. Sergipe:** Itabaiana, IX/2006, fl., *M. Ibrahim et al. 13* (ASE).

Material examinado adicional: **BRASIL. Alagoas:** Quebrangulo, IV/2012, fl. e fr., *J.L. Costa-Lima et al. 685* (FLOR, JPB, MAC, NY, RB, SPF, UFP, UFRN).

7. *Oxalis psoraleoides* Kunth, Nov. Gen. Sp. 5: 246. 1821 (1822).

Nome popular: azedinho

Arbustos eretos, 0,5–1,5 m alt.; ramos tomentosos. Folhas alternas; pecíolos 1–5,2 cm compr., tomentosos; raque 1–1,6 mm compr.; folíolos pubescentes na face adaxial, seríceos na abaxial; o terminal 2,4–7,5 x 1,3–3 cm, elíptico a largo-elíptico, simétrico, base cuneada, margem ciliada, ápice agudo; os laterais 2,2–5,8 x 0,8–2,4 cm, semelhantes ao terminal, assimétricos. Cimas dicasiais condensadas (pseudoumbeladas), 15–25-floras, maiores que a folhagem; pedúnculos 2–5,8 cm compr. Lacínios do cálice 5,6–8,4 x 2,2–3,6 mm, oblongos; corola 4,5–7 mm compr., amarela. Cápsulas 3,8–6,8 x 3,2–6 mm, globoso-ovoides, glabras, às vezes com tricomas glandulares, menores a equilongas aos lacínios do cálice; carpelos 1–seminados.

Comentários: Ocorre na Argentina, Bolívia, Brasil, Paraguai e Peru. No Brasil é citada na porção leste, do Rio de Janeiro ao Piauí, e no Mato Grosso e Mato Grosso do Sul, em áreas de Caatinga, Cerrado e na Floresta Atlântica (Lourteig 1994; Abreu & Fiaschi 2013). Em Sergipe é comumente encontrada em áreas de Caatinga. Diferencia-se das demais espécies que ocorrem no estado pelo hábito arbustivo (até ca. 1,5 m alt.), folíolos discolores com a face adaxial pubescente e a abaxial serícea e cimas frequentemente congestas (pseudoumbeladas). Floresce e frutifica ao longo de todo o ano. Fig. Lourteig (1994).

Material selecionado: **BRASIL. Sergipe:** Canindé do São Francisco, XI/1999, fl., *D.C. Moura & R.A. Silva 851* (UFP); Poço Redondo, IV/1986, fl., *M. Fonseca s/n* (ASE 4298, UFP); Porto da Folha, VIII/2012, fl. e fr., *A.P. Prata et al. 3283* (ASE, UFP); Tobias Barreto, IX/2010, fl., *F.C. Nogueira Junior 06* (ASE, UFP).

8. *Oxalis puberula* Nees & Mart., Nov. Actorum Acad. Caes. Leop.-Carol. Nat. Cur. 12: 43. 1824.

Fig. 2. G-H

Ervas eretas, ca. 0,4 m alt.; ramos densamente hirsuto-pubescentes. Folhas em 1–2 pseudoverticilos apicais; pecíolos 1,4–3,6 cm compr., pubescentes; raque 0,2–0,8 cm compr.; folíolos pilosos em ambas as faces; o terminal 1,6–3 x 0,7–1,6 cm, trulado a elíptico, simétrico, base cuneada, margem ciliada, ápice agudo a arredondado; os laterais 1,2–2 x 0,6–1,1 cm, ovados a elípticos, assimétricos, base arredondada, ápice arredondado. Cimas dicasiais 4–9-floras, em geral menores que a folhagem; pedúnculo 1,7–4,2 cm compr. Lacínios do cálice 1–3 x 1 mm, estreito-triangulares; corola ca. 4,5 mm compr., alva. Cápsulas subglobosas, ca. 4 x 3,5 mm, glabras, menores que os lacínios do cálice; carpelos 1–seminados.

Comentários: Espécie restrita ao leste do Brasil, registrada nos estados do Ceará, Bahia, Espírito Santo e Minas Gerais, onde ocorre em áreas florestais (Lourteig 1994). Este é o

primeiro registro de *O. puberula* em Sergipe, onde ocorre no sub-bosque de florestas estacionais. Pode ser reconhecida pelas folhas reunidas em pseudoverticilos apicais, folíolos pilosos em ambas as faces, flores alvas em cimas, estas em geral menores que a folhagem. Floresce em abril e frutifica em julho.

Material examinado: Santa Luzia do Itanhý, IV/1996, fl., *M. Landim & D. Moura 910* (ASE, UFP).

9. *Oxalis sepium* A.St.-Hil., Fl. Bras. Merid. 1: 111. 1824.

Nome popular: trevo

Ervas eretas, 0,1–0,4 m, ramos glabrescentes a hirsutos. Folhas alternas; pecíolos 2,2–4,5 cm compr., glabrescentes; raque 3–6,8 mm compr.; folíolos glabros; o terminal 2–3,8 x 1,6–3 cm, ovado a rombo-ovado, simétrico a assimétrico, base cuneada, margem lisa, ápice retuso a arredondado; os laterais 1,2–2,6 x 0,7–1,8 cm, ovados a oblongos, base cuneada, margem lisa, ápice retuso a arredondado, assimétricos. Cimas dicasiais 5–15-floras, maiores que a folhagem; pedúnculos 2–3,5 cm compr. Lacínios do cálice 2,5–3 x 0,8–1,3 mm, lanceolados; corola 3–4,5 mm compr., amarela. Cápsulas 4–7 x 3,5–4 mm, oblongo-elipsoides, glabras, maiores que os lacínios do cálice; carpelos 3–seminados.

Comentários: Ocorre amplamente no Brasil, em Caatinga, Cerrado, Floresta Atlântica e em áreas antropizadas (Abreu & Fiaschi 2013). Está sendo aqui registrada pela primeira vez no Sergipe, onde foi coletada em áreas de Caatinga. Pode ser confundida com *O. divaricata*, sendo os caracteres de diferenciação já citados nos comentários desta espécie. Floresce e frutifica em julho. Fig. Lourteig (1994).

Material examinado: **BRASIL. Sergipe:** Porto da Folha, VII/2012, fl. e fr., *D.G. Oliveira & B.A.L. Freitas 503* (ASE, UFP).

Referências Bibliográficas

- Abreu, M.C. & Fiaschi, P. 2013. Oxalidaceae. In: **Lista de Espécies da Flora do Brasil**. Jardim Botânico do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. Disponível em: <http://floradobrasil.jbrj.gov.br/jabot/floradobrasil/FB181>. (Acesso em 16 de abril de 2013).
- Burger, W. 1991. Oxalidaceae. In: Flora Costaricensis. Fieldiana, **Botany 28**: 2–16.
- Lourteig, A. 1980. Flora of Panama: Oxalidaceae. **Annals of the Missouri Botanical Garden 67**: 823–850.
- Lourteig, A. 1983. Oxalidáceas. In: Reitz, R. (Ed.). **Flora Ilustrada Catarinense**. Parte 1, fascículo Oxal. Itajaí, Santa Catarina. 176 p.
- Lourteig, A. 1994. *Oxalis* L. Subgênero *Thamnoxys* (Endl.) Reiche emend. Lourt. **Bradea 7**: 1–199.
- Lourteig, A. 2000. *Oxalis* L. Subgêneros *Monoxalis* (Small) Lourt., *Oxalis* y *Trifidus* Lourt. **Bradea 7**(2): 202–629.
- Progel, A. 1877. Oxalideae. In: Martius, C.F.P. & Eichler, A.G. (Eds.). **Flora Brasiliensis 12** (2): 473–520.

Almeida, M.N. 61 (1); Amorim, B.S. 25 (1), 68 (1); Coelho, D. 708 (4); Costa-Lima, J.L. 648 (3), 649 (5), 650 (1), 651 (3), 685 (6); Félix, L.P. 12946 (2), 12947-B (3); Figueiredo, M.A. 36 (5); Fonseca, M. s/n (7); Gomes, L.A. 184 (8), 280 (5); Ibrahim, M. 13 (6); Landim, M. 455 (8), 910 (8); Lucena, M.F.A. 1770 (5); Machado, W.J. 858 (7); Mendes, K. 115 (2), 162 (2), 242 (2); Moura, D.C. 572 (7), 646 (7), 851 (7), 1167 (7); Nogueira Junior, F.C. 06 (7); Oliveira, D.G. 502 (4), 503 (9); Prata, A.P. 1585 (2), 2597 (5), 3229 (4), 3283 (7); Santana, M.C. 220 (1); Viana, G. 1464 (2), 1836 (2).



Figura 1. A. *Oxalis newwiedii* Zucc. A. Hábito (M. Ibrahim et al. 13, ASE). B. *Oxalis hedysarifolia* Raddi. B. Hábito (J.L. Costa-Lima et al. 649, UFP). C. *Oxalis cratensis* Hook. C. Hábito (J.L. Costa-Lima 650, UFP). D-E. *Oxalis frutescens* L. D. Hábito. E. Folha (J.L. Costa-Lima et al. 648, UFP). F. *Oxalis divaricata* Mart. ex Zucc. F. Hábito (G. Viana 1464, ASE).



Figura 2. G-H. *Oxalis puberula* Nees & Mart. G. Hábito. H. Cápsula (M. Landim & D. Moura 910, ASE). I-K. *Oxalis glaucescens* Norlind. I. Hábito. J. Folíolo terminal. K. Cápsula. (D. Coelho 708, UFP).

Trepadeiras herbáceas ou lenhosas, com gavinhas axilares originadas da modificação das inflorescências, raramente arbusto ou árvore. Folhas alternas, simples, raro compostas, estípulas persistentes ou caducas, frequentemente apresentando manchas ocelares ou glândulas no pecíolo ou no limbo foliar. Inflorescência cimosa ou racemosa, em geral reduzida a uma flor. Flores vistosas, actinomorfas, andróginas, com androginóforo bem desenvolvido, cinco estames, três estiletos corona conspícua desenvolvida no ápice do hipanto, 1-multi seriada. Fruto baga ou cápsula.

Família com 16 gêneros e 700 espécies, de distribuição pantropical, principalmente na América e África. No Brasil são conhecidos quatro gêneros e 145 espécies concentradas em sua maioria nas florestas Atlântica e Amazônica. A grande maioria das espécies (137) pertence ao gênero *Passiflora* L., o único encontrado no estado de Sergipe, onde são conhecidas nove espécies. A maioria dos frutos é comestível e apresenta propriedades calmantes. No entanto, apenas *Passiflora edulis* Sims. é cultivada em larga escala comercial.

***Passiflora* L.**

Trepadeiras herbáceas ou lenhosas, com gavinhas axilares. Folhas alternas, simples, inteiras ou lobadas, raro compostas, estípulas persistentes ou caducas, frequentemente apresentando manchas ocelares ou glândulas no pecíolo ou no limbo foliar. Flores solitárias ou pareadas, raramente em racemos, vistosas, actinomorfas, andróginas, vistosas, com androginóforo bem desenvolvido, cinco estames, três estiletos corona conspícua desenvolvida no ápice do hipanto, 1-multi seriada. Fruto baga, raro cápsula, tricarpetal, unilocular. Sementes tipicamente reticuladas ou foveoladas, envoltas por arilo mucilaginoso.

Chave para identificação das espécies de *Passiflora* de Sergipe

1. Folhas inteiras2
2. Caule 4-angulado; pecíolo 2-4 glândulas, amarelo a alaranjadas **1. *P. alata***
- 2'. Caule cilíndrico; pecíolo 2 glândulas, verdes ou enegrecidas.....3
3. Planta pilosa nos ramos ou folhas.....4
4. Caule suberoso, folhas de margem inteira; pétalas ausentes **9. *P. suberosa***
- 4'. Caule não suberoso, folhas de margem denticulada; pétalas presentes .. **2. *P. bahiensis***
- 3'. Planta totalmente glabra.....5

¹ Pós Graduação em Biologia Vegetal, Departamento de Botânica, Instituto de Biociências, Universidade Estadual Paulista (UNESP), Caixa Postal 199, 13506-900, Rio Claro, SP, Brasil. diogoambientais@gmail.com

*No presente tratamento, a família Passifloraceae é considerada no seu sentido estrito. Na classificação APG III (2009), as Passifloraceae s.l. incluem ainda as famílias Malesherbiaceae e Turneraceae

5. Ramos congestos no ápice; pecíolo 2 glândulas, estipitadas; pedúnculos solitários ou pareados, estiletos 3 **8. *P. silvestris***
- 5'. Ramos congestos ausentes; pecíolo 2 glândulas, sésseis; flores dispostas em racemos, estiletos 4 **4. *P. contracta***
- 1'. Folhas lobadas.....6
6. Folhas 3-5-lobadas; brácteas convexas **3. *P. cincinnata***
- 6'. Folhas 2-3-lobadas; brácteas nunca convexas.....7
7. Caule anguloso ou comprimido; folhas 2-lobadas **7. *P. misera***
- 7'. Caule cilíndrico; folhas 3-lobadas.....8
8. Ramos pilosos a hirsutos, tricomas glandulares presentes **6. *P. foetida***
- 8'. Ramos glabros a esparsamente pubescentes, tricomas glandulares ausentes.....9
9. Caule suberoso, ramos esparsamente pubescentes **9. *P. suberosa***
- 9'. Caule nunca suberoso, ramos glabros **5. *P. Edulis***

1. *Passiflora alata* Curtis, Bot. Mag. 2: pl. 66. 1788.

Nomes populares: maracujá-açú e maracujá-doce.

Passiflora alata Dryand, Hortus Kew. (W. Aiton) 3: 306. 1789.

Liana. Caule 4-angulado, estriado. Estípulas 0,7-2 x 0,1-1 cm, inteiras, oblongo-lanceoladas a oval-lanceoladas, margem inteira, persistentes. Pecíolo 2-4 cm, glândulas 2-4, pedunculadas, globosas, amarelas a alaranjadas, na porção mediana a apical. Folha 8-16 x 7-12 cm, membranácea, glabra, inteira, oval a oval-oblonga, glabra, ápice agudo, raro emarginado, base cordada, margem inteira. Pedúnculo 2-4 cm, glabro, solitário; brácteas 0,4-2 x 0,3-1,5 cm, verticiladas, verdes, ovadas, margem inteira, persistentes; flores 10-12 cm diâm., pêndulas, hipanto 1-2 cm compr., campanulado; sépalas 3-5 x 1-2 cm, face externa verde, face interna vermelha, oblongo-ovadas, aristadas; pétalas 2,8-3,5-1-2 cm, vermelhas, oblongas; corona 4-6-seriada, duas externas 3-4 cm compr., onduladas no terço apical, séries internas 0,1-0,3 cm compr.; opérculo 0,1 cm alt., liso, margem denticulada; límen 0,4 cm alt., anular, projetando-se até a altura do opérculo, concrecido ao androginóforo, membranoso, margem inteira; disco nectarífero presente; androginóforo 3,5-4 cm alt., reto; ovário oblongo a obovado, glabro; estiletos 3. Fruto baga, obovóide-piriforme, amarelo quando maduro, glabro. Sementes cordiformes, alveoladas.

Comentários: Floresce entre abril e janeiro e frutifica de setembro a dezembro. Frequentemente utilizada como ornamental. Ocasionalmente em alguns casos sua ocorrência como subespontânea. *Passiflora alata* pode ser confundida com *P. quadrangularis* L., ausente no Estado, por ambas possuírem caule 4-angulado. Porém, se distingue, entre outros aspectos, por possuir 2-4 glândulas no pecíolo, enquanto *P. quadrangularis* possui 6 glândulas. Nativa da região centro-leste da América do Sul, *P. alata* pode ser encontrada em lugares úmidos e parcialmente ensolarados, bordas florestas e restingas. No Brasil, ocorre do Pará ao Rio Grande do Sul. Em Sergipe, pode ser encontrada em bordas de mata nas mesorregiões do Leste e do Agreste.

Material examinado: **BRASIL. Sergipe:** Areia Branca, I/1983, *Carneiro E. 478* (ASE); I/2009, *Alves-Araújo A. & Martins S. 1120* (ASE); Lagarto, II/2007, *Prata A.P. 1473* (ASE); 1382 (ASE); São Cristóvão, I/1982, *Almeida M.N. 28* (ASE).

2. *Passiflora bahiensis* Klotzsch, Linnaea 14: 293. 1840.

Nome popular: maracujá-do-mato

Fig 1. B

Liana. Caule cilíndrico, estriado, velutino. Estípulas 0,7-1 x 0,1 cm, inteiras, lineares, persistentes. Pecíolo 0,5-0,7 cm, glândulas 2, sésseis, orbiculares, verdes, na porção apical. Folha 5-7 x 2-3 cm, coriácea, vilosa, inteira, elíptica a ovada, ápice agudo, base aguda, margem denticulada, glândulas no ápice das nervuras secundárias. Pedúnculo 1-2 cm, glabro, articulado, pareado; brácteas 0,6-1 x 0,1 cm, verticiladas, verdes, linear-lanceoladas, margem serrada, caducas; flores 2-3 cm diâm., eretas, hipanto 0,5 cm compr., campanulado; sépalas 1-1,5 x 0,5-0,7 cm, face externa verde, face interna branca, oblongas, corniculadas; pétalas 1-1,5-0,3-0,7 cm, brancas, oblongas; corona 4-seriada, série externa até 7 cm, filiforme, as 3 internas 0,3-0,4 cm compr., filamentosas a liguliformes; opérculo 0,4 cm alt., liso, margem filamentosa; límen 0,1 cm alt., cupuliforme, envolvendo a base do androginóforo, membranoso, margem inteira; disco nectarífero presente; androginóforo 0,6 cm alt., reto; ovário globoso, piloso; estiletes 3. Fruto baga, globoso, escuro quando maduro, glabro. Sementes obovóides, alveoladas.

Comentários: De acordo com Nunes & Queiroz (2006), floresce e frutifica de setembro a maio. Espécie muito semelhante à *P. malacophylla*, diferenciando-se pelo número de flores por nó. Duas em *P. bahiensis*, as vezes em ramos congestos formando pseudoracemo. Enquanto que *P. malacophylla* apresenta apenas uma flor por nó em ramos não congestos *Passiflora bahiensis* é endêmica do nordeste do Brasil e distribui-se de Pernambuco à Bahia. Sendo esta a primeira publicação de sua ocorrência no estado de Sergipe, onde pode ser encontrada em bordas de mata atlântica e áreas de capoeira. No entanto, não é coletada há 15 anos.

Material examinado: **BRASIL. Sergipe:** Salgado, III/1984, *Viana G. 901* (ASE); Pirambu, III/1998, *Cruz A. & Santos E. 31* (ASE).

3. *Passiflora cincinnata* Mast., Gard. Chron. 37: 966. 1868.

Nomes populares: maracujá-brabo, maracujá-do-mato, maracujá-muchila.

Liana. Caule cilíndrico, estriado, glabro. Estípulas 0,6-1,5x0,1 cm, inteiras, linear-subuladas, persistentes. Pecíolo 2-5 cm, glândulas-2, sésseis, pateliformes, no terço basal. Folha membranácea, glabra, 3-5-lobada, lobo central 5,5-11x2-4 cm, lobos laterais 3,7-4x1,6-2cm, ápices agudos, mucronados, base aguda, margem inteira. Pedúnculo 2-5 cm, glabro, solitário; brácteas 2-4 x 2-2,5 cm, verticiladas, verdes, oval-lanceoladas, convexas, persistentes, glândulas-2 na base; flores 3,6-12 cm diâm., eretas, hipanto curto-

campanulado, sépalas 3-5 x 1-2 cm, face externa verde, face interna violácea, oblongas, corniculadas; pétalas 2,5-3 x 0,8-1,3 cm, violáceas, linear-lanceoladas; corona multi-seriada, duas séries externas 3 cm compr., ápice ondulado, com bandas horizontais róseas e alvas na região central, séries intermediárias, filamentos curtos azul-claro, duas séries internas 0,5cm compr.; opérculo 1cm alt., membranoso, margem filamentosa; límen 0,3 alt., envolto no androginóforo; disco nectarífero presente; androginóforo ca. 3 cm, reto; ovário globoso, glabro; estiletes 3. Fruto baga, globoso, verde quando maduro, glabro; sementes ovaladas, reticuladas, foveoladas.

Comentários: Floresce e frutifica o ano inteiro. Muito apreciada por seu fruto de sabor semelhante e ser mais resistente à seca que o maracujá comum (*Passiflora edulis*). Por isso é frequentemente cultivada em escala de subsistência. *Passiflora cincinnata* pode ser confundida com *P. caerulea*, por ambas possuírem folhas 5-lobadas. Pode ser diferenciada pelas estípulas linear-subuladas, enquanto que *P. caerulea* possui estípulas foliáceas e sub-reniformes. Até o momento não existe registro de *P. caerulea* no estado de Sergipe. Amplamente distribuída na América do Sul, ocorre principalmente em florestas estacionais, caatingas e cerrados. Encontrada em todas as mesorregiões de Sergipe, predominantemente no Agreste e Sertão.

Material selecionado: **BRASIL. Sergipe:** Areia Branca, IV/2006, *Araújo D. et al. 104* (ASE, UFP); Gracho Cardoso, VI/1982, *Viana G. 490* (ASE); Itabí, III/2010, *Conceição G.G. et al. 02* (ASE); Monte Alegre, XI/2010, *Machado J.W. et al. 950* (ASE); Nsa. Sra. da Glória, IV/2011, *Carregosa-Silva T. & Santos V. 199* (ASE); Poço Redondo, VI/2010, 9°41'23"S 37°41'18"W, *Simão-Bianchini et al. 1755* (ASE); Poço Verde, IX/2011, *Ferreira E.V.R. 201* (ASE); Porto da Folha, VIII/2011, 10°02'06"S 37°24'44"W, *Oliveira D.G. 298* (ASE); Simão Dias, VIII/2010, *Prata A.P. et al. 2422, 2468* (ASE); Tobias Barreto, VIII/1983, *Gomes E. 328* (ASE).

4. *Passiflora contracta* Vitta, Brittonia 56(1): 89-95. 2004.

Nome popular: maracujá-de-cacho

Trepadeira. Caule cilíndrico, estriado, glabro. Estípulas 0,2-0,3 x 0,1 cm, inteiras, lineares, caducas. Pecíolo 1-2 cm, glândulas-2, sésseis, negras, basais. Folha 7-10 x 3-8 cm, cartácea, glabra, inteira, elíptica a elíptica-oblonga, ápice acuminado, base simétrica, cuneada, margem inteira, glabra. Inflorescência racemiforme 7-flora, subséssil, pedúnculo 0,5 cm, raque 7-40 cm compr.; pedicelo 1,5-3 cm compr.; brácteas 1 x 0,5 cm, verticiladas, verdes, lineares, persistentes; bractéolas inconspícuas, 0,1 cm compr., na articulação pedúnculo-pedicelo; flores 6-8 cm diâm., eretas; hipanto 0,5 cm compr., cupuliforme; sépalas 2-3 x 0,5-1 cm, face externa verde, face interna branca, oblongas; pétalas 2-3 x 0,3-0,6 cm, brancas, oblongas; corona 2-seriada, série externa ca. 1 cm compr., liguliforme, branca, série interna 0,5 cm compr., filiforme, branca a verde-amarelada; opérculo 0,3 cm alt., plicado, margem filamentosa; límen 0,5 cm alt., formando um disco na base do androginóforo, livre, carnoso, margem inteira; disco nectarífero ausente; androginóforo 2-3,5 cm alt., curvo; ovário oblongo-elíptico, viloso; estiletes 4. Fruto baga 6-10 x 3,5-8 cm, ovóide,

verde-amarelado quando maduro, glabro. Sementes elípticas, oblongas, reticuladas. Comentários: Floresce e frutifica entre janeiro e agosto. *Passiflora contracta* é facilmente reconhecida pela longa inflorescência racemiforme e por possuir 4 estiletes. Erroneamente identificada nos herbários como *Passiflora ovalis* Vell. ex M.Roem., considerada por Vitta & Bernacci (2004) uma espécie diferente e restrita aos estados de São Paulo e Rio de Janeiro. Espécie endêmica da Floresta Atlântica ao norte do Espírito Santo, *P. contracta* ocorre em florestas de terras baixas e restingas, estendendo-se ao longo da região litorânea. Apesar de ser relativamente frequente, este é o seu primeiro registro para o estado de Sergipe.

Material examinado: **BRASIL. Sergipe:** Estância, VIII/2010, 11°10'20"S 37°29'30"W, Calazans C. et al. 348 (ASE); Itaporanga, VII/2009, Souza-Alves J.P. 15452 (ASE); Santa Luzia do Itanh, I/2012, 11°24'01"S 37°25'62"W, Gomes L.A. et al. 302 (ASE); São Cristóvão, VI/1998, Landim M. et al. 1458 (ASE).

5. *Passiflora edulis* Sims., Bot. Mag. 45: tab. 1989. 1818.

Nomes populares: maracujá, maracujá amarelo, maracujá-peroba.

Trepadeira. Caule cilíndrico, estriado, totalmente glabro a glabrescente. Estípulas 1-1,3 x 0,1-0,2 cm, inteiras, lineares, caducas. Pecíolo, 1-3 cm, glândulas-2, sésseis, orbiculares, verdes, no terço apical. Folha membranácea, nítida, glabra, 3-lobada, raro inteira quando jovem, lobo central 7-12 x 2,5-4 cm, lobos laterais 6-8 x 2,5-3 cm, ápices e base agudos, margem serrada, glândulas sésseis na margem e nos sinus. Pedúnculo 2-5 cm, glabro, solitário; brácteas 2-2,5 x 1-1,5 cm, verticiladas, verdes, ovais a oblongas, persistentes; flores 6-8 cm diâm., eretas, hipanto ca. 1 cm compr., campanulado; sépalas 1,5-3 x 0,8-1 cm, face externa verde, face interna branca, oblongas, corniculadas, duas glândulas sésseis na região apical; pétalas 2-3,5 x 5,5-7 cm, brancas, oblongas; corona 5-seriada, duas séries externas 2,5 cm, filiformes, bandas horizontais roxas na metade inferior, branco na metade superior, três séries internas 0,1 cm compr., filiformes; opérculo 0,3 cm alt., membranoso, margem filamentososa; límen 0,8 cm alt., cupuliforme, inteiro, carnososo, margem inteira; disco nectarífero presente; androginóforo ca. 0,4 cm alt., reto; ovário, ovóide-elíptico, velutino; estiletes 3. Fruto baga, globoso, amarelo quando maduro, glabro; sementes ovais, reticuladas ou foveoladas.

Comentários: Floresce e frutifica o ano inteiro (Nunes & Queiroz, 2006). Amostras de *Passiflora edulis* com ramos de folhas inteiras não foram encontradas em Sergipe. Entretanto, podem ser confundidas com *P. alata*. Diferenciando-se pelo caule 4-angulado, típico de *P. alata*. Além de *P. edulis* possuir folhas de margem serrada e flores brancas, enquanto que *P. alata* possui folhas de margem inteira e flores vermelhas. Nativa do Brasil, é encontrada naturalmente ou em plantações comerciais em todo o país, chegando até o Paraguai e Nordeste da Argentina. É cultivada extensivamente em muitos países tropicais (Nunes & Queiroz 2006). Apesar do baixo número de coletas, pode ser encontrada em todo o Estado como cultivada ou nativa.

Material examinado: **BRASIL. Sergipe:** Areia Branca, XI/1983, Viana G. 837 (ASE); IV/2006, Araújo D. 103 (ASE); Pirambu, VI/2011, Oliveira D.M 95 (ASE); São Cristóvão, III/1983, Gomes E. 213 (ASE).

6. *Passiflora foetida* L., Sp. Pl. ed. 2: 959. 1753.

Nomes populares: Maracujá-de-cobra, maracujá-de-estralo, maracujá-de-pipoco, maracujá-de-boi, maracujá-do-mato.

Fig 1. A

Trepadeira herbácea. Caule cilíndrico, estriado, glabrescente a hirsuto, tricomas simples e glandulares presentes. Estípulas 0,5 x 1,5 cm, reniformes, pinatisectas, tricomas glandulares, persistentes. Pecíolo 1-4 cm, glândulas ausentes. Folha membranácea, pilosa, 3-lobada, lobo central 2-3 x 1-3 cm, lobos laterais 1-3 x 0,8-1,2 cm, oboval, ápice agudo, base cordada, margem serrada, glandular-ciliada. Pedúnculo 1,5-3 cm, isolado pareado; brácteas, 2-3,5 x 1-2,5 cm, verticiladas, verdes, pinatisséctas, tricomas simples e glandulares na margem, persistentes; flores 4-6 cm diâm.; hipanto curto-campanulado; sépalas 1-1,5 x 0,6 cm, face externa verde, face interna branca, oblongas, corniculadas; pétalas 1-1,5 x 0,4-0,8 cm, brancas a branco-esverdeadas, oblongas; corona 5-seriada, duas séries externas 0,5-1 cm compr., filiformes, filamentos brancos de base vinácea a azuladas, séries internas 0,2 cm compr., de forma e cor semelhantes; opérculo 0,2 cm alt., membranoso, margem denteada, verrucosa; límen 0,3 cm alt., cupuliforme, não envolvendo a base do androginóforo, membranoso, margem lisa; disco nectarífero presente; androginóforo ca. 1 cm alt., reto; ovário globoso, densamente viloso, raro glabrescente; estiletes 3. Fruto baga, globoso a ovóide-elipsóide, verde, piloso; sementes oblongas, achatadas, alveoladas.

Comentários: Floresce e frutificação ano inteiro. *Passiflora foetida* é única no estado por possuir estípulas e brácteas pinatipartidas e tricomas glandulares que secretam uma substância mucilaginosa e pegajosa. Espécie amplamente distribuída pela América tropical, do sul dos Estados Unidos ao centro-norte da Argentina e introduzida em outras regiões tropicais. Generalista, no Brasil ocorre em todo o país. No estado de Sergipe pode ser encontrada em todos os tipos vegetacionais, principalmente áreas ensolaradas. Apresenta ampla plasticidade vegetativa (Araújo & Alves, 2007).

Material selecionado: **BRASIL. Sergipe:** Aracaju, XI/2008, Santana M.C. 13634 (ASE); Areia Branca, VI/1982, Santana M.C. 104 (ASE); Barra dos Coqueiros, II/2011, Nascimento-Junior J.E. 757 (ASE); Canindé do São Francisco, VI/2006, Lemos I.C. et al. 07 (ASE); Capela, XI/2008, Nascimento-Jr J.E. et al. 563 (ASE); Estância, V/2010, Carregosa-Silva T. et al. 64 (ASE); Itabi, III/2010, Conceição G.G. et al. 16 (ASE); Itaporanga, I/2008, Costa S.M. et al. 279 (ASE); Japarutuba, II/2011, Santos L.R.O. et al. 01 (ASE); Monte Alegre, XI/2010, Machado J.W. et al. 927 (ASE); Pirambu, III/2009, Sobrinho-Santos C.K. 14 (ASE); Poço Redondo, III/2010, Machado W.J. et al. 247 (ASE); Porto da Folha, IV/2011, Oliveira D.G. et al. 156 (ASE); Riachão, IX/1981, Viana 37 (ASE); São Cristóvão, VIII/2011, Santos L.R.O. 24932 (ASE); Simão Dias,

VIII/2010, Prata, A.P. et al. 2409 (ASE).

7. *Passiflora misera* Kunth, Nov. Gen. & Sp. 2: 136. 1817.

Nomes populares: maracujá-mirim, maracujazinho.

Trepadeira. Caule anguloso, 5-alado ou fortemente comprimido, estriado, glabro a esparsamente piloso. Estípulas 0,2-0,3 cm compr., inteiras, linear-setáceas, caducas. Pecíolo 0,5-2 cm, glândulas ausentes. Folha membranácea, glabrescente, 2-3-lobada, lobo central 1-2,5 cm alt., ápice retuso a levemente acuminado, lobos laterais 4-8 x 1,5-2 cm., ápices agudos, base truncada a aguda, subpeltada, margem inteira, 10 manchas ocelares na lâmina, 2 na base, 8 dispersas ao longo das nervuras secundárias. Pedúnculo 1,5-6 cm, glabro a pubescente, solitário, raramente pareado; brácteas 0,2-0,5 cm compr., alternas, verdes, lineares a setáceas, caducas; flores 2-4 cm diâm., eretas, hipanto curto-campanulado; sépalas 1-1,3 x 0,5 cm, face externa verde, face interna branca, oblongo-lanceoladas; pétalas 0,8-1,5 x 0,5 cm, brancas a verde-claras, linear-oblongas; corona 2-seriada, série externa ca. 1 cm compr., filiformes, violáceos, série interna 0,3 cm compr., lineares, ápice atenuado, branco-esverdeados; opérculo 0,2 cm alt., membranoso, plicado, margem fimbriada; límen ausente; disco nectarífero presente; androginóforo 1-1,5 cm alt., reto; ovário oblongo a elíptico, glabro; estiletos 3. Fruto baga, ovalado a elipsóide, roxo quando maduro, glabro. Sementes ovaladas, transversalmente sulcadas.

Comentários: Floresce e frutifica de outubro a junho. *Passiflora misera* é a única espécie conhecida do subgênero *Decaloba* no estado de Sergipe. Nos herbários, é frequentemente confundida com outras espécies do mesmo grupo, como *P. rubra* L. ou *P. capsularis* L., das quais se diferencia por possuir ramos transversalmente comprimidos e frutos roxos quando maduros. Nativa da América tropical, ocorre desde o Panamá até o leste a América do Sul e nordeste da Argentina, em baixas altitudes. No Brasil ocorre em todas as regiões. No estado de Sergipe é uma espécie frequente, sempre ocorrendo nas bordas de Floresta Atlântica, em áreas parcialmente expostas ao sol, como trilhas e margens de pequenos córregos.

Material selecionado: **BRASIL. Sergipe:** Aracaju, VI/1982, Santana M.C. 105 (ASE); Areia Branca, VI/2007, 10°49'70"S 37°23'26"W, Lucena M.F.A et al. 1815 (ASE); XI/2010, Santos L.A.S. et al. 482 (ASE); Capela, VI/2011, 10°57'52"S 37°54'00"W, Prata A.P. et al. 2604 (ASE); Estância, VII/2011, Prata A.P. et al. 2644 (ASE); Japarutuba, II/2011, Santos L.R.O. et al. 02 (ASE); São Cristóvão, III/2006, Ribeiro V. et al. 66 (ASE); Santa Luzia do Itanhhy, VI/2011, 11°22'19"S 37°26'03"W, Gomes, L.A et al. 154 (ASE); VIII/2011, 11°20'31"S 37°25'31", Gomes L.A. et al. 186 (ASE).

8. *Passiflora silvestris* Vell. Florae Fluminensis 9: t. 74. 1827.

Passiflora galbana Mast., Gard. Chron. 20: f. 97. 1986.

Liana. Caule cilíndrico, estriado, ramos congestos no ápice, glabro. Estípulas 1-3 x 0,3-0,5 cm, inteiras, oval-lanceoladas, persistentes. Pecíolo 2-3 cm, glabro glândulas-2, estipitadas, verde-escuras, na porção mediana à apical. Folha 7-15 x 3-5 cm, membranácea

a subcoriácea, glabra, inteira, oblongo-lanceoladas, ápice obtuso-mucronulado, base arredondada a cordada, margem inteira. Pedúnculo 4-10 cm, glabro, solitário, raro pareado; brácteas 1,5-2 x 0,5-0,7 cm, verticiladas, verdes, oblongo-lanceoladas a oval-lanceoladas, persistentes; flores 6-8 cm diâm., eretas; hipanto 0,7-1 cm compr., cilíndrico-campanulado; sépalas 3-4 x 0,7-0,9 cm, brancas, oblongas, aristadas, corniculadas, corno 0,5-0,6 cm, ápice agudo, margem lisa, glândulas ausentes; pétalas 3-4 x 0,7-0,9 cm, brancas, oblongas, ápice agudo; corona 2-seriada, série externa 1,3 cm compr., série interna 0,4 cm compr., filiformes, brancos; opérculo 0,3 cm alt., no meio do hipanto, liso, margem filamentosa; límen ca. 0,7 cm alt., cupuliforme, envolvendo a base do androginóforo, carnoso, margem lisa; disco nectarífero presente; androginóforo 3-5 cm alt., reto; ovário elipsóide, glabro; estiletos 3. Fruto baga, obovóide-elipsóide, 6-costado, verde quando maduro, glabro; sementes obovaladas, alveoladas ou reticuladas.

Comentários: Floresce e frutifica o ano inteiro. *Passiflora silvestris* em estado vegetativo pode ser confundida com *P. contracta*, que também possui folhas inteiras e relativamente rígidas. Diferenciam-se pela presença de ramos congestos no ápice, flores solitárias e 3 estiletos em *P. silvestris*, ausentes em *P. contracta*. Endêmica do Brasil, ocorre desde a Paraíba até o Rio de Janeiro. Em áreas de carrasco, floresta estacional, campo rupestre, Floresta Atlântica restinga e Cerrado (Nunes & Queiroz 2006). No estado de Sergipe, pode ser encontrada em bordas de mata ou clareiras geralmente associadas a corpos d'água, inclusive manguezais.

Material selecionado: **BRASIL. Sergipe:** Aracaju, VIII/2000, Landim M. et al. 1497 (ASE); Areia Branca, VI/2005, Araújo D. 95 (ASE); XI/2007, Nascimento-Júnior J.E & Dantas T.V.P. s.n. (ASE 11280); Barra dos Coqueiros, III/1991, Farney C. & Silva I.C. 2717(ASE); Capela, XI/2008, Silva A.C. & D'Ávila, H.M. 173 (ASE); Itaporanga, III/2007, Melo J.F. et al. 42 (ASE); Japarutuba, VI/2006, Rodrigues L.M.O. & Santos E. 64 (ASE); XI/2007, Santos A.V. & Santos E. 47 (ASE); Pirambu, VI/1996, Cruz A. & Santos E. 54 (ASE); Santa Luzia do Itanhhy, XI/2011, Gomes, L.A. et al. 259 (ASE); VI/2012, 11°23'59"S 37°25'43"W, Gomes L.A. et al 540 (ASE); Santo Amaro das Brotas, II/1978, Fonseca M. s/n (ASE 0543); São Cristóvão, XI/2009, Franco C.R.P. 14687 (ASE).

9. *Passiflora suberosa* L., Sp. Pl. 2: 958. 1753.

Nome popular: maracujá-de-cortiça

Fig. 1. C

Trepadeira. Caule cilíndrico a achatado, suberoso, esbranquiçado, estriado, esparsamente piloso, raro glabro. Estípulas 0,6-0,8 x 0,5 cm, inteiras, linear-subuladas, persistentes. Pecíolo 1-2 cm, glândulas-2, estipitadas, côncavas, verdes, na metade apical. Folha membranácea, pubescente, inteira, elíptico-lanceolada a oval-lanceolada, ou 3-lobada, lobo central 5-10 x 1,2-3 cm, ápice acuminado, lobos laterais 3-6 x 1-1,5 cm, ápices agudos, base cuneada a cordada, margem inteira. Pedúnculo 1-1,5 cm, piloso, pareado, raramente isolado; brácteas 0,5 x 0,1 cm, alternas, verdes, linear-setáceas, caducas; flores 0,5-3 cm diâm., eretas; hipanto curto-campanulado; sépalas 0,6-1 x 0,2 cm, amarelo-

esverdeadas, oval-lanceoladas; pétalas ausentes; corona 2-seriada; série externa 0,5 cm compr., filiforme, verde-amarelada; série interna 0,1 cm compr., capitelada, verde-vinácea; opérculo 0,1 cm alt., membranoso, plicado, margem denticulada; límen 0,5 mm alt., anular, envolto no androginóforo, membranoso; disco nectarífero presente; androginóforo ca. 1 cm alt., reto; ovário subgloboso ou ovóide, glabro; estiletos 3. Fruto baga, globoso ou ovóide, verde-escuro a púrpura quando maduro, glabro. Sementes achatadas dorsiventralmente, ápice acuminado, reticuladas.

Comentários: Flores e frutifica o ano inteiro (Nunes & Queiroz, 2006). *Passiflora suberosa* apresenta típica variação na morfologia foliar. Tanto entre indivíduos como no mesmo indivíduo, as folhas variam de inteiras a 3-lobadas. No entanto, a espécie é facilmente reconhecida pelo caule suberoso esbranquiçado e pelas flores apétalas. É amplamente distribuída nos Neotrópicos. No Brasil ocorre do Maranhão ao Rio Grande do Sul, no Cerrado, Mata Atlântica e Caatinga. No estado de Sergipe é representada por uma única coleta na mesorregião do Leste. Entretanto, pode ser encontrada em áreas de Caatinga, preferencialmente associada a afloramentos rochosos.

Material examinado: **BRASIL. Sergipe:** São Cristóvão, VIII/2004, Landim M. et al. 1555 (ASE).

Material adicional examinado: **BRASIL. Alagoas:** Quebrangulo, IV/2012, Amorim B.S. 1507 (JPB).

Referências Bibliográficas

Araújo, D & Alves, M. 2007. *Passiflora foetida* L.: Quantas variedades existem no estado de Pernambuco? **Revista brasileira de Biociências** 5: 852-854.

Cervi, A.C. 1997. Passifloraceae do Brasil. Estudo do gênero *Passiflora* L., subg. *Passiflora*. **Fontqueria** 45: 1-91.

Killip, E. P. 1938. The American species of Passifloraceae. **Field Museum of Natural History, Botanical Series** 19: 1-613.

Nunes, T.S. & Queiroz, L.P. 2006. Flora da Bahia: Passifloraceae. **Sitientibus Série Ciências Biológicas** 6(3): 194-226.

Ulmer, T. & MacDougal, J.M. 2004. **Passiflora: Passionflowers of the world**. Timber Press, Cambridge. 430p.

Vitta, F.A. & Bernacci, L.C. 2004. A new species of *Passiflora* in section *Tetrastylis* (Passifloraceae) and two overlooked species of *Passiflora* from Brazil. **Brittonia** 56(1): 89-95.

Lista de Exsicatas:

Almeida, M.N. 28 (1); **Alves-Araújo, A.** 1120 (1); **Araújo, D.** 104 (3), 103 (5), 95 (8); **Calazans, C.** 348 (4); **Campos, A.** 03 (6); **Carneiro, E.** 478 (1); **Carregosa-Silva, T.** 199 (3), 64 (6); **Conceição, G.G.** 02 (3), 16 (6); **Costa, S.M.** 279, 367 (6); **Cruz, A.** 31 (2), 54, 112 (8); **Farney, C.** 2717 (8); **Ferreira, E.V.R.** 48, 201 (3); **Fonseca, M.** s.n. ASE 00141, s.n. ASE 04290 (3), s.n. ASE 0938 (6), s.n. ASE 0937 (7), s.n. ASE 0543 (8); **Franco, C.R.P.** 14687 (8); **Gomes, E.** 328 (3); **Gomes, L.A.** 65, 302 (4), 154, 186 (7), 259, 540 (8); **Jardim, J.** 481 (4); **Landim, M.** 872, 1458 (4), 1520 (6), 690, 991 (7), 1244, 1497 (8), 1555 (8); **Lemos, I.C.** 07 (6); **Lucena, M.F.A.** 1815 (7); **Machado, J.W.** 142, 950 (3), 247, 927 (6); **Matos, E.** 41 (8); **Matos, I.S.** 17 (4); **Melo, J.F.** 42 (8); **Moura, D.** 781 (8); **Nascimento-Júnior, J.E.** 463, 563, 624, 757 (6), s.n. ASE 11280 (8); **Oliveira, D.G.** 298 (3), 156 (6); **Oliveira,**

D.M. 95 (5); **Prata, A.P.** 1473 (1), 2422, 2468 (3), 1539, 2409 (6), 2604, 2644 (7); **Ramos, M.** 14 (6). **Ribeiro, V.** 66 (7); **Rodrigues, L.M.O.** 76 (7), 64 (8). **Sales, A.B.** 121, 122 (4); **Santana, M.C.** 104, 13634 (6), 105 (7); **Santos, A.V.** 14 (7), 47 (8); **Santos, C.S.** 257 (6); **Santos, L.A.S.** 561 (3), 482 (7); **Santos, L.R.O.** 01 (6), 24932 (6), 02 (7); **Silva, A.C.** 173 (8); **Simão-Bianchini, R.** 1755 (3); **Sobrinho-Santos, C.K.** 14 (6); **Souza, C.A.C.** 14 (6); **Souza-Alves, J.P.** 15452 (4); **Viana, G.** 901 (2), 490 (3), 837 (5), 37, 1563, 7389 (6).



Figura 1. A-A₄. *Passiflora foetida* L. A. ramo fértil; A₁-A₄. variabilidade morfológica das folhas (Carregosa-Silva et al. 64, ASE). B. *Passiflora bahiensis* Klotzsch, ramo vegetativo (Viana 901, ASE). C. *Passiflora suberosa* L., ramo com frutos (Landim 1555, ASE).

Paspalum L.Jefferson Rodrigues Maciel¹

Ervas anuais ou perenes, estoloníferas ou não, com ou sem rizomas. Colmos floríferos eretos. Folhas concentradas na base ou regularmente distribuídas ao longo do colmo florífero; bainhas foliares glabras, pubescentes, ou pilosas; lígulas membranosas; lâminas oblongas, lineares, linear-lanceoladas ou lanceoladas, agudas ou acuminadas, glabras, pubescentes ou pilosas. Inflorescências com ramos alternos, subconjugados ou conjugados. Espiguetas com 2 antécios, 1-flora, acrótonas, pareadas ou solitárias, plano-convexas; gluma inferior ausente, raramente presente; gluma superior presente ou ausente, abaxial à ráquis; antécio inferior neutro ou estaminado (*P. pilosum*), pálea ausente ou presente (*P. pilosum*), lema inferior presente; antécio superior com flor bissexual, coriáceo, pálea superior presente, lema superior presente; pálea e lema superior com mesma consistência.

Paspalum L. é formado por 330 táxons encontrados, principalmente, nas Américas e caracterizados por suas espiguetas plano-convexas, distribuídas unilateralmente sobre a ráquis (Zuloaga & Morrone 2005). No Brasil, Valls & Oliveira (2013) listaram 206 espécies, sendo que quatro foram registradas para Sergipe, mesmo Maciel & Alves (2011) identificando oito espécies para a Serra de Itabaiana. Em Sergipe o gênero está representado por 18 espécies que ocorrem em bordas de matas, caatinga e como ruderal.

Chave para identificação das espécies de *Paspalum* de Sergipe

1. Gluma superior ausente.....2
2. Perene; antécio superior castanho claro, papiloso **8. *P. gardnerianum***
2. Anual; antécio superior estramíneo, liso **16. *P. pulchellum***
- 1'. Gluma superior presente.....3
3. Antécio superior atro-purpúreo, brilhante.....4
4. Espiguetas 2-2,5 x 2-2,5 mm, obdeltóides **4. *P. convexum***
- 4'. Espiguetas 1,9-2 x 1,7-2 mm, suborbiculares a orbiculares..... **10. *P. melanospermum***
- 3'. Antécio superior estramíneo, opaco.....5
5. Espiguetas solitárias.....6
6. Ramos 7-12 cm compr.; gluma superior com margens longo-ciliadas **3. *P. conjugatum***
- 6'. Ramos 3,5-5 cm compr.; gluma superior com margens glabras.....7
7. Gluma superior pubescente **5. *P. distichum***
- 7'. Gluma superior glabra **18. *P. vaginatum***
- 5'. Espiguetas pareadas.....8

¹ Prefeitura da Cidade do Recife, Jardim Botânico do Recife, Km 7,5 da BR 232, s/n, Curado, 50000-230, Recife, PE, Brasil. Email: jeff.r.maciell@gmail.com

8. Gluma superior pubescente ou pilosa.....9
9. Gluma superior com tricomas sobre máculas douradas **1. *P. arenarium***
- 9'. Glumas superior com tricomas, mas sem máculas.....10
10. Gluma superior com tricomas clavados **2. *P. clavuliferum***
- 10'. Gluma superior sem tricomas clavados.....11
11. Plantas estoloníferas e com rizomas laxos; gluma superior 2 ou 4-nervadas **9. *P. maritimum***
- 11'. Plantas não estoloníferas e com rizomas congestos; gluma superior 3, 5, 6 ou 9-nervadas.....12
12. Espiguetas 1,5-1,8 x 0,6-1 mm, elípticas, 3-nervadas **12. *P. molle***
- 12'. Espiguetas 1,9-2 x 1,3-1,5 mm, obovais, 5, 6 ou 9-nervadas **13. *P. oligostachyum***
- 8'. Gluma superior glabra.....13
13. Gluma superior fimbriada **7. *P. fimbriatum***
- 13'. Gluma superior inteira.....14
14. Espiguetas escutiformes **17. *P. scutatum***
- 14'. Espiguetas elípticas ou obovais.....15
15. Inflorescência com 1 ramo **14. *P. pilosum***
- 15'. Inflorescência com 2-70 ramos.....16
16. Lâminas foliares 33-45 x 0,7-1,2 cm; inflorescência com 4-70 ramos, espiguetas 2-2,1 x 2 mm **11. *P. millegrana***
- 16'. Lâminas foliares 6-29 x 0,4-1,5 cm; inflorescência com 2-8 ramos, espiguetas 2-2,5 x 1-1,3 mm
17. Inflorescências com 2-3 ramos; lâminas 6-15 x 0,4-0,7 cm; espiguetas 2,3-2,5 x 1,1-1,2 mm **6. *P. divergens***
- 17'. Inflorescências com 5-8 ramos; lâminas 12-29 x 0,6-1,5 cm; espiguetas 2-2,2 x 1-1,3 mm **15. *P. pleostachyum***

1. *Paspalum arenarium* Schrad., Mant. 2: 172. 1824.

Fig. 1A

Perenes, rizomas congestos. Colmos floríferos 25-44 cm compr., semi-prostrados a inclinados. Folhas concentradas na base; bainhas foliares glabras, algumas vezes pilosas; lígulas ca. 1 mm compr.; lâminas 3,5-8 x 0,6-1,2 cm, lanceoladas, agudas ou acuminadas, glabras. Inflorescências com 1(2) ramos, 3,5-5,5 cm compr., alternos; ráquis glabras. Espiguetas 1,2-1,5 x 0,9-1 mm, obovais, plano-convexas, agudas, pareadas; gluma superior presente, cartáceas, pubescente, tricomas sobre máculas douradas, margens glabras, 3-nervadas; lema inferior cartáceo, glabro ou pubescente, tricomas em máculas douradas; antécio superior 1-1,3 x 0,8-0,9 mm, oboval, agudo, coriáceo, estramíneo, finamente papiloso ou liso.

Comentários: Caracterizada pelas inflorescências com um único ramo, espiguetas plano-convexas com ca. 1 mm de comp. e gluma superior com tricomas em máculas douradas expondo o ápice do antécio superior. É encontrada em solos arenosos e úmidos de

restinga e cerrado. Floresce e frutifica de maio a setembro.

Material selecionado: **Brasil. Sergipe:** Areia Branca, VII/2006, *J.R. Maciel et al.* 263 (UFP); **Itabaiana**, IV/1985, *G. Viana* 1138 (ASE, MAC).

2. *Paspalum clavuliferum* C. Wright, *Anales Acad. Ci. Med. Habana* 8: 203. 1871.

Fig. 1B

Anuais, sem rizomas e estolões. Colmos floríferos 20-32 cm compr., eretos. Folhas concentradas na base; bainhas foliares densamente pilosas; lígulas 1 mm compr.; lâminas 9-13 x 0,2-0,4 cm, lineares, agudas, densamente pilosas em ambas as faces. Inflorescências com 1-3 ramos, 4-5 cm compr., alternos; ráquis glabras. Espiguetas 1 x 0,6-0,8 mm, elípticas a obovais, plano-convexas, agudas, pareadas ou solitárias na porção distal do ramo; gluma superior presente, membranácea, pilosa, tricomas clavados, margens glabras, 3-nervada; lema inferior membranáceo, glabro; antécio superior ca. 1 x 0,8 mm, elíptico, agudo, estramíneo, coriáceo, papiloso.

Comentários: Encontrada em bordas de matas e eventualmente na caatinga durante o período chuvoso. Esta espécie se distingue das demais pelas espiguetas diminutas e pela presença de tricomas clavados na gluma superior. Floresce e frutifica durante todo o ano. Material examinado: **Brasil. Sergipe:** São Cristóvão, IV/1985, *L.R. Noblick* 13 (ASE, MAC).

Material Adicional: **BRASIL.Pernambuco:** Agrestina, VI/2007, *J.R. Maciel et al.* 496 (UFP).

3. *Paspalum conjugatum* Berg., *Act. Helv. Phys.-Math.* 7: 129, pl. 8. 1762.

Fig. 1C

Perenes, sem rizomas, estoloníferas. Colmos floríferos até 28,5-52 cm compr., eretos. Folhas concentradas na base; bainhas foliares glabras; lígulas 1 mm compr.; lâminas 8,8-15 x 0,5-0,9 cm, lanceoladas, agudas, glabras a pilosas em ambas as faces. Inflorescências com 2 ramos, 7-12 cm compr., conjugados; ráquis glabras. Espiguetas 1,2-2 x 1-1,5 mm, ovais, côncavo-convexas, agudas a acuminadas, solitárias; gluma superior presente, membranácea, glabra, margens longo-ciliadas, 2-nervada; lema inferior membranáceo, glabro; antécio superior 1-1,5 x 0,8-1 mm, oval, agudo, apiculado ou acuminado, cartáceo, estramíneo ou alvo, liso.

Comentários: Espécie muito adaptada ao ambiente ruderal, sendo encontrada também em bordas de matas. Pode ser reconhecida por seus longos estolões, suas espiguetas ovais, 2-nervadas e com longos cílios nas margens da gluma superior. Floresce e frutifica ao longo de todo o ano. Tem uso ornamental (*Maciel et al.* 2009)

Material selecionado: **BRASIL.Pernambuco:** Capela, VI/2007, *Silva* 102 (ASE).

Material adicional: **BRASIL. Sergipe:** Ibatiguara, IV/2011, *B.S. Amorim & A. Alves-Araújo* 838 (UFP). Igarassu, III/2006, *J.R. Maciel* 06 (UFP).

4. *Paspalum convexum* Humb. & Bonpl. ex Flügge, *Gram. Monogr.*, *Paspalum* 175. 1810. Fig. 1D

Anuais, sem rizomas e estolões. Colmos floríferos 29-34 cm compr., eretos. Folhas concentradas na base; bainhas foliares glabras ou pilosas próximo à margem; lígulas ca. 2 mm compr.; lâminas 7-25 x 0,4-0,7 cm, linear-lanceoladas, agudas, pilosas. Inflorescências com 2-3 ramos, 2,5-5 cm compr., alternos; ráquis glabras. Espiguetas 2-2,5 x 2-2,5 mm, obdeltóides, plano-convexas, agudas, pareadas; gluma superior presente, cartácea, glabra a levemente pubescente, margens glabras, 5-nervada; lema inferior cartáceo, glabro a pubescente; antécio superior 2-2,5 x 2-2,3 mm, obdeltóide, agudo, coriáceo, atropúreo, brilhante, finamente papiloso.

Comentários: Ocorre em solos arenosos de caatinga e restinga. Também pode ser encontrada em leitos de rios secos ou bordas de matas. A espécie pode ser confundida com *P. melanospermum*, mas esta possui espiguetas menores (1,9-2 x 1,7-2 mm versus 2-2,5 x 2-2,3 mm de *P. convexum*) e de formato orbicular. Floresce e frutifica de maio a novembro. É usada como forrageira (*Maciel et al.* 2009).

Material selecionado: **BRASIL. Sergipe:** Areia Branca, VII/2006, *J.R. Maciel et al.* 258 (UFP). **BRASIL. Sergipe:** Poço Redondo, VII/2010, *W.J. Machado et al.* 634 (ASE); **BRASIL. Sergipe:** Salgado, VIII/1982, *G. Viana* 600 (ASE).

5. *Paspalum distichum* L., *Syst. Nat.*, ed. 10, 2: 855. 1759.

Perenes, sem rizomas, estoloníferas. Colmos floríferos até 30 cm compr., eretos. Folhas regularmente distribuídas ao longo do colmo; bainhas foliares glabras; lígulas 3 mm compr.; lâminas 2,5-15 x 0,2-0,6 cm, lanceoladas a lineares, agudas, glabras. Inflorescências com 2(3) ramos, 3,5-5 cm compr., subconjugados ou alternos; ráquis glabras a curtamente escabras. Espiguetas 2,8-3 x 1,4-1,7 mm, elípticas, plano-convexas, agudas a acuminadas, solitárias; gluma superior presente, cartácea, pubescente, margens glabras, 3-5-nervadas; lema inferior cartáceo, glabro; antécio superior 2-2,5 x 1-1,1 mm, elíptico, acuminado a agudo, coriáceo, estramíneo, estriado, lema superior com tufo de tricomas no ápice.

Comentários: Encontrada em lagoas e solos arenosos encharcados. *Paspalum distichum* guarda afinidade morfológica com *Paspalum vaginatum*, mas em *P. distichum* a gluma superior é glabra, enquanto que em *P. vaginatum* é pubescente. Além disso, as espiguetas em *P. vaginatum* medem 3-3,1 mm compr., e possuem ápice acuminado e as espiguetas de *P. distichum* são menores e possuem ápice agudo ou acuminado. Floresce e frutifica ao longo de todo o ano. É usada como forrageira (*Maciel et al.* 2009).

Material examinado: **Cristinápolis**, IV/1976, *G. Davidse* 11808 (MO, NY).

6. *Paspalum divergens* Döll, Fl. Bras. 2(2): 71. 1877.

Perenes, rizomas congestos, sem estolões. Colmos florífero 55-100 cm compr., eretos. Folhas concentradas na base; bainhas foliares glabras; lígulas 1 mm compr.; lâminas 6-15 x 0,4-0,7 cm, lanceoladas, agudas, glabras. Inflorescências com 2-3 ramos, 7-9 cm compr., alternos a subconjugados; ráquis glabras. Espiguetas 2,3 x 1,1-1,2 mm, elípticas, plano-convexas, agudas, pareadas; gluma superior presente, cartácea, glabra, 3-nervada; lema inferior cartácea, glabro; antécio superior ca. 2 x 1 mm, elíptico, agudo, coriáceo, estramíneo, papiloso.

Comentários: Ocorre em solos arenosos e muito úmidos na restinga na transição entre a praia e a restinga ou entre a restinga e áreas de mangue. Semelhante a *P. pleostachyum* da qual se diferencia, principalmente, pelos colmos geniculado e demais caracteres discutidos na chave. Floresce e frutifica ao longo de todo ano.

Material selecionado: **BRASIL. Sergipe:** Aracaju, III/2008, S.M. Costa 370 (ASE); Areia Branca, X/1995, M.F. Landim 725 (ASE).

7. *Paspalum fimbriatum* Kunth, Nov. Gen. Sp. ed. 4, 1: 93 pl. 28. 1815 [1816].

Fig. 1E

Anuais, sem rizomas e estolões. Colmos floríferos 50,5-100 cm, eretos. Folhas concentradas na base; bainhas foliares pilosas; lígulas ca. 2 mm compr.; lâminas 10-21,5 x 0,7-1,5 cm, lineares a lanceoladas, agudas, pilosas em ambas as faces. Inflorescências com 4-6 ramos, 4-6,5 cm compr., alternos; ráquis glabras. Espiguetas 2,5-4 x 2,7-3,5 mm, ovais, côncavo-convexas, apiculadas, pareadas; gluma superior presente, coriácea, papilosa, margem fimbriada, 3-nervada; lema inferior coriáceo, papiloso; antécio superior 2-2,2 x 1,5-1,9 mm, oval, obtuso, coriáceo, estramíneo, liso.

Comentários: Ocorre na caatinga em solos úmidos e arenosos ou pedregosos. As distintas fímbricas que se prolongam da gluma superior permitem uma fácil identificação da espécie. Floresce e frutifica entre abril e setembro.

Material selecionado: **BRASIL. Sergipe:** Canindé de São Francisco, IX/2009, A.C. Silva et al. 85; Poço Redondo, VI/2010, W.J. Machado et al. 370 (ASE); Poço Verde, VI/2010, E.V.R. Ferreira 80 (ASE); Porto da Folha, VII/2006, J.R. Maciel et al. 228 (UFP).

8. *Paspalum gardnerianum* Nees, Hooker's J. Bot. Kew Gard. Misc. 2: 103. 1850.

Fig. 1F

Perenes, rizomas congestos, sem estolões. Colmos floríferos 89-100 cm compr., eretos. Folhas concentradas na base; bainhas foliares glabras ou densamente pilosas; lígulas ca. 0,5 mm compr.; lâminas 5,5-15 x 0,3-0,7 cm, lanceoladas, agudas a acuminadas, pilosas. Inflorescências com 4-5 ramos, 3,5-5,5 cm compr., alternos; ráquis com tricomas esparsos.

Espiguetas 1,5-2 x 0,8-1 mm, elípticas, plano-convexas, agudas, pareadas; gluma superior ausente; lema inferior membranáceo glabro; antécio superior 1,3-2 x 0,5-1 mm, oboval, agudo, coriáceo, castanho claro, opaco, papiloso.

Comentários: Encontrada em solo arenoso ou argiloso de cerrado e restinga. Fácil de identificar pela ausência de glumas e pelos longos tricomas no ápice dos pedicelos. Floresce e frutifica entre os meses de maio e setembro.

Material examinado: **BRASIL. Sergipe:** Areia Branca, VII/2006, J.R. Maciel et al. 306 (UFP); Itabaiana, VII/1962, D. Andrade-Lima 4087 (IPA).

9. *Paspalum maritimum* Trin., Mém. Acad. Imp. Sci. Saint-Pétersbourg, Sér. 6, Sci. Math., Seconde Pt. Sci. Nat. 1: 148. 1834.

Fig. 1G

Perenes, com rizomas laxos e estolonífera. Colmos floríferos 52-100 cm compr., eretos a semi-prostrados. Folhas concentradas na base; bainhas foliares glabras; lígulas ca. 2 mm compr.; lâminas 7-12 x 0,6-1,2 cm, lineares a lanceoladas, agudas, glabras. Inflorescências com 4-6 ramos, 7,2-9,5 cm compr., alternos; ráquis glabras. Espiguetas 1,9-2 x 0,9-1 mm, elípticas, plano-convexas, agudas, pareadas; gluma superior presente, membranácea, pubescente, tricomas tuberculados, margens glabras, 2 ou 4-nervada; lema inferior membranáceo, glabro; antécio superior 1,7-2 x 0,8-1 mm, elíptico, agudo, coriáceo, estramíneo, finamente papiloso.

Comentários: É comum em solos arenosos e argilosos, em bordas de matas ou em áreas abertas de restingas. Caracterizada pelos longos rizomas, estolhos com nós geniculados e avermelhados e espiguetas elípticas pubescentes na metade superior. Floresce e frutifica ao longo de todo o ano. É utilizada como forrageira e ornamental (Maciel et al. 2009).

Material selecionado: **BRASIL. Sergipe:** Areia Branca, VII/2006, J.R. Maciel et al. 284 (UFP); Itabaiana, V/2009, T.V. Dantas 105 (ASE); Santo Amaro das Brotas, VI/2011, Nascimento 900 (ASE); Pirambu, I/1992, C. Farney 2964 (ASE, RB).

10. *Paspalum melanospernum* Desv. ex Poir., Encycl., Suppl. 4: 315. 1816.

Fig. 1H

Anual, sem rizomas e estolões. Colmos floríferos 29,5-40 cm compr., eretos. Folhas concentradas na base; bainhas foliares glabras; lígulas 1-3 mm compr.; lâminas 8,5-20 x 0,3-0,8 cm, lineares a linear-lanceoladas, agudas, glabras ou pilosas. Inflorescências com (1-2)3-8 ramos, 2-8 cm compr., alternos; ráquis glabras. Espiguetas 1,9-2 x 1,7-2 mm, suborbiculares a orbiculares, plano-convexas, obtusas, pareadas; gluma superior presente, membranácea, glabra a pubescente, margens glabras, 5-7-nervada; lema inferior membranácea, glabra ou pubescente; antécio superior 1,8-2 x 1,6-1,8 mm, orbicular a

suborbicular, obtuso, coriáceo, atro-purpúreo, brilhante, finamente papiloso.

Comentários: Ocorre em áreas abertas, em caatinga, cerrado e bordas de matas. Assemelha-se a *P. convexum*, mas esta possui espiguetas de 2-2,5 x 2-2,3 mm e obdeltóides, enquanto *P. melanospermum* possui espiguetas de 1,9-2 x 1,7-2 mm e suborbitales a orbitales. Na caatinga floresce e frutifica no período chuvoso entre março e agosto, mas na Floresta Atlântica floresce e frutifica ao longo de todo o ano. É utilizada como forrageira (Maciel *et al.* 2009).

Material selecionado: **BRASIL. Sergipe:** Areia Branca, VII/2006, *J.R. Maciel et al.* 282 (UFP).

11. *Paspalum millegrana* Schrad., Mant. 2: 175. 1824.

Fig. 1I

Perenes, rizomas laxos, sem estolões. Colmos florífero 80-120 cm compr., eretos. Folhas concentradas na base; bainhas foliares glabras; lígulas ca. 2 mm compr.; lâminas 33-45 x 0,7-1,2 cm, lineares, agudas, glabras. Inflorescências com 4-70 ramos, 5-10 cm compr., alternos; ráquis escabras e com tricomas esparsos. Espiguetas 2-2,1 x 2 mm, obovais, plano-convexas, obtusas, pareadas; gluma superior presente, cartácea, glabra, 3-nervada; lema inferior cartácea, glabro; antécio superior 1,7-1,9 x 1,7-1,8 mm, oboval, obtuso, coriáceo, estramíneo, finamente papiloso.

Comentários: Ocorre em solos arenosos do litoral e de paisagens de exceção do semi-árido ou em bordas de matas. Na caatinga pode ser encontrada em bordas de lagoas temporárias ou margens de estradas sujeitas a alagamento periódico. Das espécies tratadas aqui, é a mais robusta. Floresce e frutifica ao longo de todo o ano.

Material selecionado: **BRASIL. Sergipe:** Areia Branca, VII/2006, *J.R. Maciel et al.* 307 (UFP); Canhoba, I/2013, *A.P. Prata 3564* (ASE); Itabaiana, VI/2009, *T.V.P. Dantas & J.E. Nascimento - Júnior 110* (ASE); Poço Redondo, XII/2009, *A.C. Silva 147* (ASE); Santa Luzia, VI/1983, *E.M. Carneiro 693* (ASE); Santa Luzia do Itanhhy, III/2010, *C.A. Souza 56* (ASE); São Cristóvão, IV/1985, *L.R. Noblick & E. Santos 23* (ASE).

12. *Paspalum molle* Poir., Encycl. 5: 34. 1804.

Fig. 1J

Perenes, rizomas congestos, sem estolões. Colmos floríferos 40-60 cm compr., eretos. Folhas concentradas na base; bainhas foliares glabras; lígulas ca. 1 mm compr.; lâminas 10-28 x 0,3-0,8 cm, linear-lanceoladas, agudas, glabras. Inflorescências com (2-)3-4 ramos, 3,5-5,5 cm compr., alternos; ráquis glabras. Espiguetas 1,5-1,8 x 0,6-1 mm, elípticas, plano-convexas, agudas, pareadas; gluma superior presente, membranácea, pubescente, margens glabras, 3-nervada; lema inferior membranácea, glabro ou com tricomas próximo a margem; antécio superior 1,3-1,8 x 0,5-0,9 mm, elíptico, agudo,

coriáceo, estramíneo, finamente papiloso, pálea superior côncava.

Comentários: Ocorre em bordas de matas e áreas abertas próximas ao litoral. É caracterizada pelo pequeno porte, espiguetas elípticas com 1,5-1,8 mm de comprimento e pedicelos de mesmo comprimento ou mais longos que a espiguetas. Floresce e frutifica entre maio e setembro.

Material selecionado: **BRASIL. Sergipe:** Capela, VI/2007, *Silva 104* (ASE); Poço Redondo, VII/2010, *W.J. Machado et al.* 599 (ASE).

13. *Paspalum oligostachyum* Salzm. ex Steud., Syn. Pl. Glumac. 1: 23. 1853 [1855].

Fig. 1K

Perenes, rizomas congestos, sem estolões. Colmos floríferos 40-75 cm compr., inclinados. Folhas concentradas na base; bainhas foliares pilosas; lígulas ca. 1 mm compr.; lâminas 12-29 x 0,6-1,5 cm, lanceoladas, agudas, pilosas. Inflorescências com 3-8 ramos, 4,5-8 cm compr., alternos; ráquis glabras. Espiguetas 1,9-2 x 1,3-1,5 mm, obovais, plano-convexas, agudas, pareadas; gluma superior presente, membranácea, pubescente, margens glabras, 5, 6 ou 9-nervada; lema inferior membranácea, glabro ou pubescente; antécio superior 1,6-1,9 x 1,2-1,5 mm, oboval a suborbicular, agudo, coriáceo, estramíneo, papiloso.

Comentários: encontrada em áreas sombreadas de bordas de mata. Caracteriza-se por suas espiguetas fortemente plano-convexas com glumas 5-9 nervadas. Floresce e frutifica ao longo de todo o ano.

Material selecionado: **BRASIL. Sergipe:** Poço Redondo, jul. 2010, *W.J. Machado et al.* 615 (ASE); São Cristóvão: abr. 1985, *L.R. Noblick 14* (ASE, MAC).

14. *Paspalum pilosum* Lam., Tabl. Encycl. 1: 175. 1791.

Perenes, rizomas congestos, sem estolões. Colmos floríferos 60-80 cm compr., eretos. Folhas concentradas na base; bainhas foliares glabras ou pilosas; lígulas ca. 1 mm compr.; lâminas 11-29 x 0,4-0,6 cm, linear-lanceoladas, pilosas. Inflorescências com 1 ramo, 8-10,5 cm compr.; ráquis glabras. Espiguetas 2,5-3 x 1,2-2 mm, obovais, côncavo-convexas, agudas, pareadas; gluma superior presente, cartácea, glabra, 5-nervada; lema inferior cartácea, glabro, 5-nervado, sulcado; antécio superior 2-2,5 x 1,2-1,5 mm, oval, agudo, coriáceo, estramíneo, papiloso.

Comentários: Pertence a *P.* subg. *Harpostachys* e, além dos caracteres da chave, é reconhecida pela gluma inferior presente em pelo menos uma das espiguetas e antécio inferior estaminado (Denham 2005). Ocorre desde o México até a Bolívia e Brasil, onde é registrada em praticamente todo o país. Foi coletada em borda de mata. Floresce e frutifica entre maio e setembro. É utilizada como forrageira (Maciel *et al.* 2009).

Material selecionado: **BRASIL. Sergipe:** Capela, VI/2007, *Silva 113* (ASE).

15. *Paspalum pleostachyum* Döll, Fl. Bras. 2(2): 58. 1877.

Fig. 1L

Perenes, rizomas laxos, sem estolões. Colmos floríferos 70-120 cm compr., eretos. Folhas concentradas na base; bainhas foliares glabras; lígulas ca. 0,3 mm compr.; lâminas 12-20 x 0,6 cm, lineares, agudas, glabras. Inflorescências com 5-8 ramos, 8-10 cm compr., alternos; ráquis escabras. Espiguetas 2-2,2 x 1-1,3 mm, elípticas a obovais, plano-convexas, agudas, pareadas; gluma superior presente, cartácea, glabra, 3-nervada; lema inferior cartáceo, glabro; antécio superior 1,9-2 x 0,9-1 mm, elíptico, agudo, coriáceo, estramíneo, papiloso. Comentários: é encontrada em solos arenosos do litoral e de áreas de exceção no semi-árido. Também pode se comportar como ruderal em áreas mais litorâneas. É semelhante a *P. divergens*, mas a altura (até 120 cm) e espiguetas (de até 2,2 mm de comprimento, elíptica a oboval) ajudam a caracterizar *P. pleostachyum*. Floresce e frutifica entre maio e setembro. É utilizada como forrageira (Maciel *et al.* 2009).

Material selecionado: **BRASIL. Sergipe:** Estância, XII/2009, C. Calazans *et al.* 517 (ASE); Itabaiana, VI/2009, T.V. Dantas 111 (ASE); Santo Amaro de Brotas, VI/2011, J.E. Nascimento - Júnior 1012 (ASE); São Cristóvão: III/2010, D.S. Melo 87 (ASE).

16. *Paspalum pulchellum* Kunth, Mém. Mus. Hist. Nat. 2: 68. 1815.

Fig. 1M

Anuais, sem rizomas e estolões. Colmos floríferos 25-36 cm compr., eretos. Folhas concentradas na base; bainhas foliares hirsutas ou glabras; lígulas ca. 1 mm compr.; lâminas 7-14 x 0,1-0,2 cm, lineares, agudas, hirsutas. Inflorescências com 2-3 ramos, 2,7-4 cm compr., alternos; ráquis glabras. Espiguetas 1,8-2 x 0,8-1 mm, elípticas, plano-convexas, obtusas a agudas, pareadas; gluma superior ausente; lema inferior cartáceo, glabro; antécio superior ca. 1,8 x 1 mm, elíptico, obtuso a agudo, coriáceo, estramíneo, brilhante, liso.

Comentários: conhecida de apenas uma coleta, a espécie prefere solos arenosos e úmidos de mata ciliar. A ausência de gluma superior e o lema com apenas uma nervura evidente e vináceo distingue-a das demais espécies estudadas. *Paspalum pulchellum* apareceu incorretamente sob a denominação de *P. pumilum* Nees em Maciel & Alves (2011). Floresce e frutifica em abril.

Material selecionado: **BRASIL. Sergipe:** Areia Branca, IV/1985, G. Viana 2125 (ASE, MAC).

17. *Paspalum scutatum* Nees ex Trin., Gram. Panic. 105. 1826.

Fig. 1N

Anuais, sem rizomas e estolões. Colmos floríferos 18-38 cm compr., eretos. Folhas concentradas na base; bainhas foliares pilosas; lígulas 1-2 mm compr.; lâminas 4,5-7 x 0,4-0,7 cm, lanceoladas, agudas, pilosas. Inflorescências com 2-4 ramos, 1,9-3,5 cm compr., alternos; ráquis glabras. Espiguetas 1,9-2,5 x 1,9-2 mm, escutiformes, plano-convexas, apiculadas, pareadas; gluma superior presente, membranácea, glabra, 5-9-nervada; lema inferior membranáceo, glabro; antécio superior 1,5-1,8 x 1,4-1,6 mm, oboval, obtuso, coriáceo, estramíneo, liso a finamente papiloso.

Comentários: ocorre em solos arenosos e pedregosos da caatinga. Espécie reconhecida pela forma da espiguetas escutiforme, característica única e muito distinta entre as espécies do gênero. É endêmica ao domínio do semi-árido (Maciel *et al.* 2009). Floresce e frutifica no período chuvoso entre maio e agosto.

Material selecionado: **BRASIL. Sergipe:** Areia Branca, VIII/2006, J.R. Maciel *et al.* 259 (UFP).

18. *Paspalum vaginatum* Sw., Prodr.: 21. 1788.

Fig. 1O

Perenes, sem rizomas, estoloníferas. Colmos floríferos até 16-30 cm compr., eretos. Folhas regularmente distribuídas ao longo do colmo; bainhas foliares glabras; lígulas ca. 1 mm compr.; lâminas 2,5-5 x 0,3-0,4 cm, lineares, agudas, glabras. Inflorescências com 2 ramos, 3,5-5 cm compr., subconjugados; ráquis glabras. Espiguetas 3-3,1 x 1,2-1,5 mm, ovais, plano-convexas, acuminadas, solitárias; gluma superior presente, cartácea, glabra, 3-5-nervada; lema inferior cartáceo, glabro; antécio superior 2,5-2,8 x 1-1,2 mm, oval elíptico, agudo, coriáceo, estramíneo, estriado.

Comentários: encontrada desde a praia até a vegetação de transição para a restinga. *Paspalum vaginatum* possui claras relações morfológicas com *P. distichum* diferenciando-se por aspectos já discutidos sobre a segunda. Floresce e frutifica ao longo de todo o ano. É utilizada como forrageira (Maciel *et al.* 2009).

Material selecionado: **BRASIL. Sergipe:** Aracaju, III/2008, S.M. Costa 359 (ASE); Barra dos Coqueiros, VIII/2011, J.E. Nascimento - Júnior 1101 (ASE); Pirambu, I/1992, C. Farney 2959 (ASE).

Referências Bibliográficas

Denham, S.S. 2005. Revisión sistemática del subgénero *Harpostachys* de *Paspalum* (Poaceae: Panicoideae: Paniceae). **Annals of the Missouri Botanical Garden** 92: 463-532.

Maciel, J.R. & Alves, M. 2011. A Família Poaceae na Serra de Itabaiana, Parque Nacional Serra de Itabaiana, Sergipe-Brasil. **Revista Caatinga** 24: 85-93.

Maciel, J.R., Oliveira, R.C & Alves, M. 2009. *Paspalum* L. (Poaceae: Panicoideae: Paniceae) no Estado de Pernambuco, Brasil. **Acta Botanica Brasilica** 23: 1145-1161.

Oliveira, R.C. & Valls, J.F.M. 2001. *Paspalum*. Pp. 191-228. In: H.M. Longhi-Wagner; V. Bittrich; M.G.L. Wanderley & G.J. Shepherd (eds). **Flora Fanerogâmica do Estado de São Paulo**. São Paulo, Hucitec. v. 1.

Valls, J.F.M. & Oliveira, R.C. 2013. *Paspalum* in **Lista de Espécies da Flora do Brasil**. Jardim Botânico do Rio de Janeiro. disponível em: <http://floradobrasil.jbrj.gov.br/jabot/floradobrasil/FB13432>. Acesso em 05 set. 2013.

Zuloaga, F.O. & Morrone, O. 2005. Revisión de las especies de *Paspalum* para América del Sur austral (Argentina, Bolivia, sur del Brasil, Chile, Paraguay y Uruguay). **Monographs in Systematic Botany from the Missouri Botanical Garden** 102 :1-297.

Lista de Exsicatas

Amorim, B.S. & Alves-Araújo, A. 838 (3); Andrade-Lima, D. 4087 (8); Calazans, C. 517 (15); Carneiro, E.M. 224 (11), 292 (9), 693 (11); Costa, S.M. 359 (18), 370 (6); Dantas, T.V. 63 (1), 103 (9), 105 (9), 110 (11), 111 (15); Davidse, G. 11808 (5); Farney, C. 2959 (18), 2964 (9); Ferreira, E.V.R. 80 (7); Gomes, L.A. 144 (11); Landim, M.F. 725 (6); Lucena, M.F.A. 1337 (9), 1817 (1); Machado, W.J. 370 (7), 428 (13), 500 (13), 585 (13), 599 (12), 615 (13), 616 (13), 634 (4); Maciel, J.R. 06 (3), 228 (7), 258 (4), 259 (17), 262a (4), 262 (10), 263 (1), 270 (4), 277 (17), 282 (10), 284 (9), 305 (1), 306 (8), 307 (11), 496 (2); Melo, D.S. 79 (15), 87 (15); Nascimento 900 (9); Nascimento - Júnior, J.E. 1012 (15), 1028 (18), 1101 (18); Noblick, L.R. 1(13), 13 (2), 14 (13), 23 (11); Prata, A.P. 3564 (11); Santos, L.A. 91 (1), A4 (1); Santos, M.L. 103 (9); Santos, S.S. 6 (18); Silva 102 (3), 104 (12), 113 (14); Silva, A.C. 147 (11), 85 (7), 112 (7); Souza, C.A. 56 (11); Viana, G. 600 (4), 1138 (1), 2125 (16).

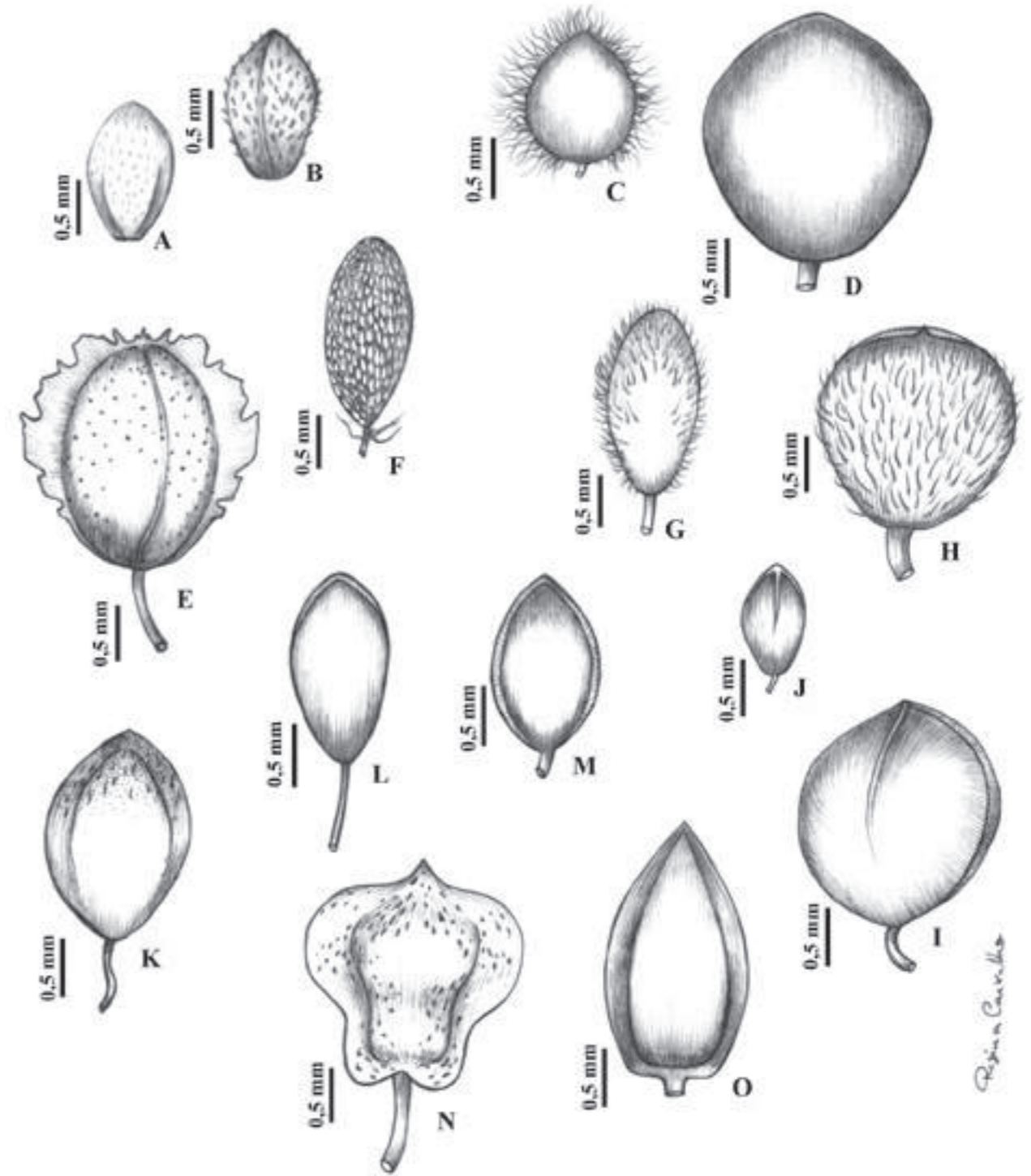


Figura 1. A-O. Espiguetas das espécies de *Paspalum* ocorrentes em Sergipe (vista dorsal). A. *P. arenarium* (Maciel et al. 263, UFP). B. *P. clavuliferum* (Maciel et al. 496, UFP). C. *P. conjugatum* (Amorim & Alves-Araújo 838, UFP). D. *P. convexum* (Maciel et al. 258, UFP). E. *P. fimbriatum* (Maciel et al. 228, UFP). F. *P. gardnerianum* (Maciel et al. 306, UFP). G. *P. maritimum* (Maciel et al. 284, UFP). H. *P. melanospermum* (Maciel et al. 282, UFP). I. *P. millegrana* (Maciel et al. 307m UFP). J. *P. molle* (Silva 104, ASE). K. *P. oligostachyum* (Machado et al. 615, ASE). L. *P. pleostachyum* (Calazans et al. 517, ASE). M. *P. pulchellum* (Viana 2125, ASE). N. *P. scutatatum* (Maciel et al. 277, UFP). O. *P. vaginatum* (Farney 2959, ASE).

RHIZOPHORACEAE

James Lucas da Costa-Lima¹
Marccus Alves¹

Árvores ou arbustos. Folhas simples, alternas, opostas ou verticiladas, inteiras, glabras. Estípulas inter ou intrapeciolares, coleteres presentes, caducas. Inflorescência panícula, racemo ou flores solitárias, axilares ou terminais. Flores uni ou bissexuadas, actinomorfas, diclamídeas, 3–16–meras; cálice gamossépalo, com prefloração valvar, persistentes no fruto; pétalas livres, com prefloração convoluta, inteiras ou fimbriadas; estames 3–numerosos, epipétalos; ovário súpero ou ínfero, 2–6–locular, 2–carpelar. Fruto cápsula ou baga, embrião sem albúmen, geralmente germinando ainda no fruto.

Rhizophoraceae possui distribuição pantropical e inclui 16 gêneros com cerca de 120 espécies. No Brasil ocorrem cinco gêneros e 16 espécies com maior representatividade na Amazônia. *Rhizophora*, que inclui cinco espécies, é o mais amplamente distribuído, presente nas regiões tropicais e subtropicais do globo. No estado do Sergipe a família é representada por apenas uma espécie desse gênero.

1. *Rhizophora mangle* L., Sp. Pl. 1: 443. 1753.

Nome popular: mangue-vermelho.

Fig. 1. A-H

Árvores de até 10 m alt.; caules aéreos especializados do tipo rizóforos; ramos glabros, 4–angulosos. Estípulas 4,2–5,5 cm compr., glabras, convolutas, caducas. Folhas opostas, elípticas, coriáceas, com pontuações negras espaçadas em ambas as faces, mais evidentes na abaxial, 8,0–10×4,4–4,8 cm, base atenuada, ápice arredondado a agudo; pecíolo 13–22 cm compr. Cimeiras 4–floras, axilares; pedúnculo ca. 3,4 cm compr. Flores com pétalas ca. 1,2 mm compr., alvas, pilosas internamente, glabras externamente; pedicelo ca. 1,4 cm compr.; estames 8; estigmas bífidus. Baga 3,0–4,0×2,5–2,8 cm, ovoide; embrião se desenvolvendo aderido à planta-mãe, com hipocótilo de até 10 cm compr.

Comentários: Ocorre na região litorânea da América e África, e no Brasil do Amapá a Santa Catarina (Prance *et al.* 1975), sendo um importante elemento na composição florística dos manguezais. Em Sergipe é registrada em toda a costa, em manguezais, estuários e vegetação de praias e dunas. É distinta de outras espécies presentes em manguezais pela presença de rizóforos, pelas folhas opostas com pontuações negras em ambas as faces e pela viviparidade (embrião se desenvolvendo no fruto ainda preso à planta-mãe). A partir dos dados dos materiais examinados em herbários, pode-se considerar que a espécie

floresce e frutifica ao longo de todo o ano.

Material selecionado: **BRASIL. Sergipe:** Aracaju, II/1982, fr., G. Viana 349 (ASE); Barra dos Coqueiros, VIII/1980, fl., M.R. Fonseca 384 (ASE); Brejo Grande, II/2009, fr., S.M. Costa 543 (ASE); Estância, VII/2011, fl., A.P. Prata *et al.* 2653 (ASE); Pirambu, XI/1981, fr., E.M. Carneiro 134 (ASE); Santa Luzia do Itanhy, I/2011, fl. fr., A.P. Prata *et al.* 2585 (ASE); Santo Amaro das Brotas, VI/2011, fl. fr., J.E. Nascimento-Junior *et al.* 1036 (ASE); São Cristóvão, V.1981, fr., M.R. Fonseca s.n. (ASE 907).

Referências Bibliográficas

Engler, A. 1876. Rhizophoraceae. In: von Martius, C.F.P. & Eichler, A.G. (eds.) *Flora Brasiliensis* 12 (2): 423-432.

Juncosa, A.M. & Tomlinson, P.B. 1988. A historical and taxonomic synopsis of Rhizophoraceae and Anisophylleaceae. *Annals of the Missouri Botanical Garden* 75 (4): 1278–1295.

Prance, G.T.; Silva, M.F.; Albuquerque, B.W.; Araújo, I.J.S.; Carreira, L.M.M.; Braga, M.M.N.; Macedo, M.; Conceição, P.N.; Lisbôa, P.L.B.; Braga, P.I.; Lisbôa, R.C.L. & Vilhena, R.C.Q. 1975. Revisão taxonômica das espécies amazônicas de Rhizophoraceae. *Acta Amazonica* 5(1): 5–22.

Lista de Exsicatas

Carneiro, E.M. 134 (1). **Costa, S.M.** 543 (1); **Fonseca, M.R.** 384 (1), ASE 907 (1); **Gomes, E.** 105 (1); **Landim, M.** 137 (1); **Lucas** 02 (1); **Nascimento - Junior, J.E.** 1036 (1); **Prata, A.P.** 1270 (1), 2585 (1), 2653 (1), 2766 (1); **Santana, M.C.** 200 (1); **Viana, G.** 349 (1), 356 (1), 1543 (1).

¹Laboratório de Morfo-Taxonomia Vegetal, Departamento de Botânica, Universidade Federal de Pernambuco, Cidade Universitária, Av. Professor Moraes Rego, 50670-901, Recife, Pernambuco, Brasil. Email: jimcostalima@yahoo.com.br

SCHOEPFIACEAE

Geadelande Carolino Delgado Junior¹
Marccus Alves¹

Árvores ou Arbustos. Folhas alternas, simples, lâmina elíptica a oval ou oblongo-lanceolada, ápice agudo, acuminado ou obtuso, base atenuada, arredonda ou oblíqua, margem inteira, coriáceas, nervação penínervia; pecioladas; estípulas ausentes. Inflorescência axilar, fascículo. Flores actinomorfas, bissexuais; cálice inconspícuo, 2-meras; corola pentâmera, gamopétala; estames 5, epipétalos; ovário ínfero, trilobular na base, unilocular no ápice; uniovulado. Fruto drupa, elipsóide, glabro.

Schoepfiaceae foi estabelecida a partir de estudos filogenéticos que apontaram o gênero *Schoepfia* como não pertencente à Olacaceae. Com três gêneros e aproximadamente 55 espécies, a família Schoepfiaceae está inserida na ordem Santalales, possui distribuição na América Central e do Sul com algumas espécies na Ásia. No Brasil ocorrem três espécies, sendo *Schoepfia brasiliensis* a única representante no estado do Sergipe.

1. *Schoepfia brasiliensis* A. DC. Prod 14: 622. Nov 1857.

Nome popular: laranjinha.

Fig. 1. A-C

Árvores ou arbustos, 3-6 m alt., ramos glabros. Pecíolo 3-6 mm compr., glabro; lâmina 4-10 x 2,5-4 cm, coriácea, elíptica a oval ou oblongo-lanceolada, ápice agudo, acuminado ou obtuso, base atenuada, arredonda ou oblíqua, margem inteira; venação abaxial proeminente, secundárias 5-6 pares. Inflorescência axilar em fascículo, 3-flores, pedúnculo 4-7 mm compr., cálice 2-meras, ca. 1 mm compr.; corola urceolada, 5-meras, 3-3,5 mm, glabra, branca a amarelo-esverdeada; estames 5, filetes adnatos à corola, anteras ovóides; ovário ínfero, glabro, estigma capitado a lobado. Fruto drupa, elipsóide 7-9 mm compr.

Comentários: Encontrada na Venezuela, Argentina e no Brasil, onde está distribuída em todas as regiões do Pará a Santa Catarina. No estado do Sergipe é encontrada na Floresta Atlântica, incluindo as matas e restingas. A floração é de janeiro a maio, e a frutificação de abril a setembro.

Materiais examinados: **BRASIL. Sergipe.** Areia Branca, 24/VIII/2012, fl., fr., G.M.A. Matos et al. 171 (ASE); Barra dos Coqueiros, 15/IX/1996, fr., M. Landim 169 (ASE); Capela, 16/VII/2012, fr., L.A. Gomes et al. 647 (ASE); Estância, 17/IX/2012, fr., D.A. Campos et al. 129 (ASE); Indiaroba, 26/IV/2012, fl., M.V.C. Farias et al. 128 (ASE); Itabaiana, 2/IV/1997, bf., A.

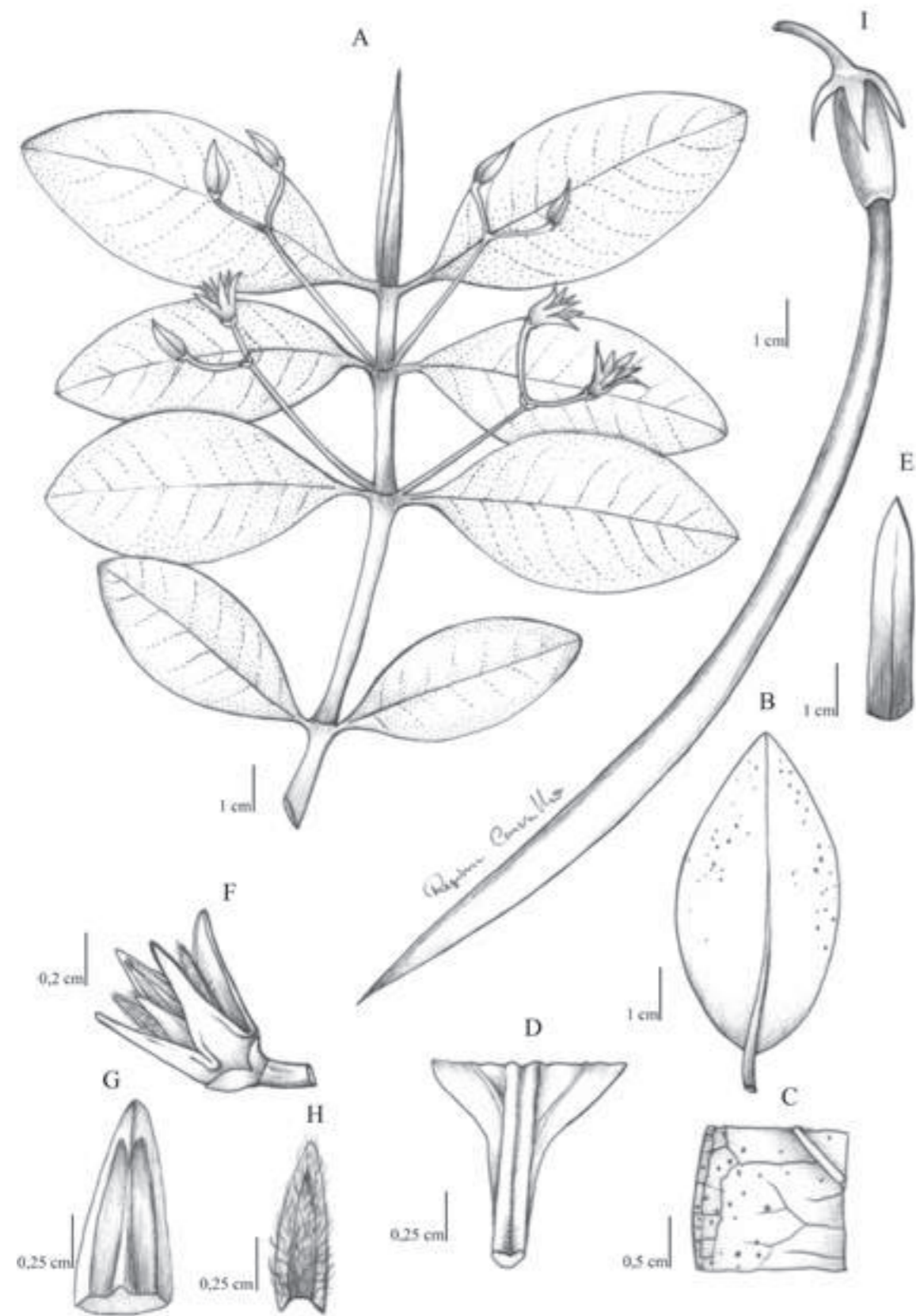


Figura 1. A-H. *Rhizophora mangle* L. A. Hábito. B. Folha, face adaxial. C. Detalhe da folha, evidenciando as pontuações. D. Detalhe da base da folha e pecíolo. E. Estípula. F. Flor. G. Sépala, vista interna. H. Pétala, vista interna. (A.P. Prata et al. 2653 ASE).

¹ Universidade Federal de Pernambuco, Centro de Ciências Biológicas, Depto. Botânica. Laboratório de Morfo-Taxonomia Vegetal. Av. Prof. Moraes Rego, s/n, Cidade Universitária, Recife, Pernambuco, Brasil. CEP: 50670-901. (geadelande@gmail.com).

Vicente 21 (ASE); Pirambu, 26/V/2012, bf., A.P. Prata et al. 3097 (ASE); Salgado, 30/III/1982, bf., E.M. Carneiro 310 (ASE); São Cristóvão, 15/VIII/1997, bf., fr., M. Landim 1320 (ASE).

Referências Bibliográficas

Der, J.P. & Nickrent, D.L. 2008. A Molecular Phylogeny of Santalaceae (Santalales). **Systematic Botany**, 33(1): 107-116.

Malécot, V. & Nickrent, D.L. 2008. Molecular Phylogenetic Relationships of Olacaceae and Related Santalales. **Systematic Botany** 33(1): 97-106.

Rossi, L. 2013. Schoepfiaceae. In: **Lista de Espécies da Flora do Brasil**. Jardim Botânico do Rio de Janeiro. Disponível em: <http://floradobrasil.jbrj.gov.br/jabot/floradobrasil/FB220>.

Sleumer, H.O. 1984. Olacaceae. **Flora Neotropica** 38: 1-158.

Lista de Exsicatas

Campos, D.A. 129 (1); Carneiro, E.M. 310 (1); Farias, M.V.C. 128 (1); Gomes, L.A. 647 (1); Landim, M. 169 (1), 1320 (1); Matos, G.M.A. 171 (1); Prata A.P. 3097 (1); Vicente, A. 21 (1).

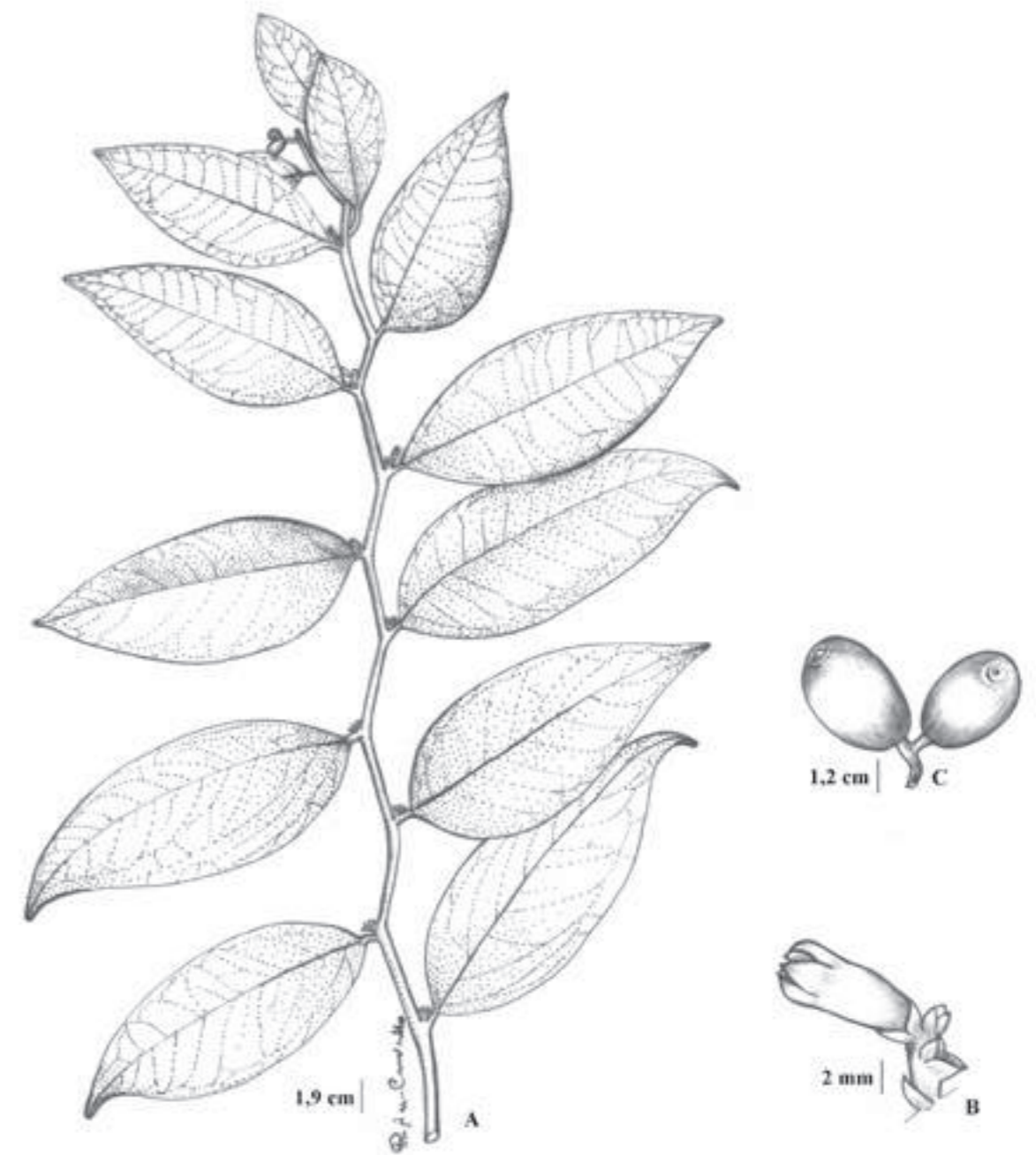


Figura 1. A-C. *Schoepfia brasiliensis* A. DC. A. Hábito. B. Cálice e corola. C. Fruto (Gomes, L.A 647 + ASE; Matos, G.M.A 171, ASE).

Jefferson Rodrigues Maciel¹

Erva perene, canóide, ereta, aquática ou anfíbia, rizomatosa. Bainha aberta, equitante, se tornando fibrosa; lâmina foliar alterna, dística, aberta, esponjosa, linear, aguda, inteira; base entre bainha e lâmina indiferenciada. Inflorescência espiciforme, terminal, acinzentada, com separação física evidente entre a parte masculina e a feminina, bracteada ou não; bráctea foliácea, caduca. Flores unissexuais, diminutas, numerosas, densamente agrupadas. Flores masculinas agrupadas na porção apical da inflorescência, reduzidas a três estames, conados na base; anteras basifixas, com deiscência longitudinal, subtendidas por tricomas alvos e esparsos. Flores femininas com ginóforo, subtendidas por bractéolas e tricomas alvos e numerosos; ovário uniloculado, uniovulado; estilete capilar, hialino; estigma espatulado. Fruto drupa, diminuto, indeiscente. Semente com uma fina testa.

Família quase cosmopolita e formada por dois gêneros e aproximadamente 35 espécies, com distribuição concentrada no Hemisfério Norte. Para o Brasil Bove (2012) reconhece duas espécies de *Typha* L., sendo que *T. domingensis* Pers. tem distribuição registrada para Sergipe, enquanto *T. latifolia* L. é citada como ocorrência provável no Estado. As espécies de Typhaceae ocorrem em lagoas, brejos e margens de rios e podem ser encontradas na Floresta Atlântica, Caatinga e Restinga.

1. *Typha domingensis* Persoon, Syn. Pl. 2: 532. 1807.

Nome popular: taboa.

Fig. 1. A-B

Erva canóide 1,5-3 m alt., agrupadas em densas touceiras. Folhas convexas na face abaxial, semicircular em secção transversal; bainha 50-80 cm compr., sem delimitação clara com a lâmina foliar; região ligular presente 0,6-0,8 cm compr., glabra; lâmina foliar 80-120 x 0,9-1,5 cm., glabra. Parte masculina da inflorescência 9-10 cm compr., com 1-2 brácteas; brácteas ca. 20 cm, decidua, glabra. Parte feminina da inflorescência 8-13 cm compr., glabra ou pilosa na base, tricomas densos, 1 bráctea presente; brácteas ca. 10 cm, decidua, glabra. Flores masculinas com (2) 3 estames; pedicelo 0,3 mm; anteras 3-4 mm, tricomas 2-3 mm compr. Flores femininas bracteoladas; ovário 1,5-1,7 mm comp., elíptico; ginóforo 4-6 mm comp.; estilete 3-4 mm, delgado; estigma, mais largo que o estilete, linear a lanceolado; bractéolas ca. 9 mm compr. Tricomas na base mais curtos ou tão longos quanto o estilete.

Comentários: única espécie de Typhaceae registrada para Sergipe. É uma planta aquática que forma densas touceiras e pode ser encontrada em todas as zonas fitogeográficas

do estado. Embora Bove (2012) tenha registrado a possível ocorrência de *T. latifolia* para Sergipe, esta não foi confirmada. As duas espécies se diferenciam pela presença (*T. domingensis*) ou ausência (*T. latifolia*) de bractéolas na parte feminina da inflorescência. No material examinado, todas as amostras possuíam bractéolas. Floresce e frutifica ao longo de todo o ano. Ilustrada em Kronfeld (1890).

Material examinado: **BRASIL. Sergipe:** Aracaju, X/2010, I.R. Menezes et al. 205 (ASE); Nossa Senhora Aparecida, II/2011, T. Carregosa-Silva et al. 132 (ASE); São Cristovão, III/2010, D. S. Melo et. al. 124 (ASE).

Lista de Exsicatas

Carregosa-Silva, T. 132 (1); **Melo, D.S.** 124 (1); **Menezes, I.R.** 205 (1).

Referências Bibliográficas

Bove, C.P. 2012. Typhaceae. In: **Lista de Espécies da Flora do Brasil**. Jardim Botânico do Rio de Janeiro. Disponível em: <http://floradobrasil.jbrj.gov.br/2012/FB000242>. (acessado em: 20/06/2012).

Kim, C.; Shin, H. & Choi, H. 2003. A phenetic analysis of *Typha* in Korea and far east Russia. **Aquatic Botany** **75**: 33-43.

Kun, S. & Simpson, D.A. 2010. Typhaceae. Pp. 158-163. In: Z.Y. Wu; P.H. Raven, & D.Y. Hong (eds.). **Flora of China**. Vol. 23. Beijing, St. Louis, Science Press, Missouri Botanical Garden Press.

Kronfeld, E.M. 1890. Typhaceae. Pp. 635-642. tab. 115. In: C.F.P. Martius, A.G. Eichler, & I. Urban (eds.), **Flora Brasiliensis**. Vol 3, part. 3. Lipsiae, Frid. Fleischer in Comm.

¹ Prefeitura da Cidade do Recife, Jardim Botânico do Recife, Km 7,5 da BR 232, s/n, Curado, CEP: 50000-230, Recife, PE, Brasil. jeff.r.maciell@gmail.com

TRIGONIACEAE

Geadelande Carolino Delgado Junior¹
Marccus Alves¹

Arbustos escandentes ou trepadeiras lenhosas volúveis. Folhas opostas, simples, pecioladas, cartáceas, margem inteira, revoluta a plana; estípulas interpeciolares. Inflorescência axilar e terminal. Flores zigomorfas bissexuais; brácteas 2-4; sépalas 5-meras, pétalas 5-meras, livres; estames livres, antera oblonga, estaminoide presente; ovários súpero, globoso. Fruto cápsula septicida, elipsóide.

Trigoniaceae está inserida na ordem Malpighiales e possui seis gêneros e aproximadamente 40 espécies. Ocorre nas Américas do Sul e Central, Madagascar e Malásia. No Brasil há o registro de dois gêneros e 20 espécies. De acordo com a Lista de Espécie da Flora do Brasil, Trigoniaceae não é citada no Sergipe, contudo, existe um representante da família no estado, a espécie *Trigonia nivea* var. *nivea*.

1. *Trigonia nivea* Cambess var. *nivea*

Arbustos escandentes ou trepadeiras lenhosas volúveis, ramos jovens lanosos, ramos velhos glabros. Estípulas lineares, pubescentes, caducas, 4-6 mm compr.; pecíolo 4-9 mm compr., pubescente a glabrescente; lâmina 4-15 x 1,7-6 cm, oblongo-elíptica, oblanceolada a oblonga, ápice agudo a obtuso, às vezes mucronado, base cuneada, face adaxial pubescente a glabra e abaxial lanosa; nervuras secundárias proeminentes na face abaxial, 10-16 pares. Inflorescência terminal e axilar, cíncino; pedúnculo ca. 5 mm compr., brácteas 2-4 ca. 4 mm, pedicelo 1-2 mm compr., bractéolas 2-4 mm compr., lanceoladas; sépalas 3-4 mm compr., ovadas, lanosas; pétalas ca. 4 mm compr.; estames 5; estaminóides 3; ovário globoso, densamente viloso. Fruto cápsula septicida, elipsóide, 3-5 cm compr.

Comentários: *Trigonia nivea* var. *nivea* distribui-se pela Venezuela, Paraguai e Brasil. É a primeira ocorrência desta espécie no estado de Sergipe, onde pode ser encontrada na Floresta Atlântica, incluindo as matas e restingas. A floração é de fevereiro a dezembro e a frutificação de janeiro a abril.

Materiais examinados: **BRASIL. Sergipe:** Areia Branca, 10/II/2012, fr., A.P. Prata 2916 (ASE); Barra dos Coqueiros, XII/1997, fl., C. Amaral & E. Santos 31 (ASE); Canindé de São Francisco, 26/II/2010, fl., A.P. Prata 2253 (ASE); Cristinápolis, 14/XII/1974, fl., M.R. Fonseca s.n. (ASE 250); Pirambu, IV/1984, bf., G. Viana 914 (ASE); Salgado, 09/IX/1986, fl., G. Viana 1624 (ASE); Santa Luzia de Itanhy, 09/X/1993, bf., fl., S.C. Sant'Ana et al. 422 (ASE); Santo Amaro das

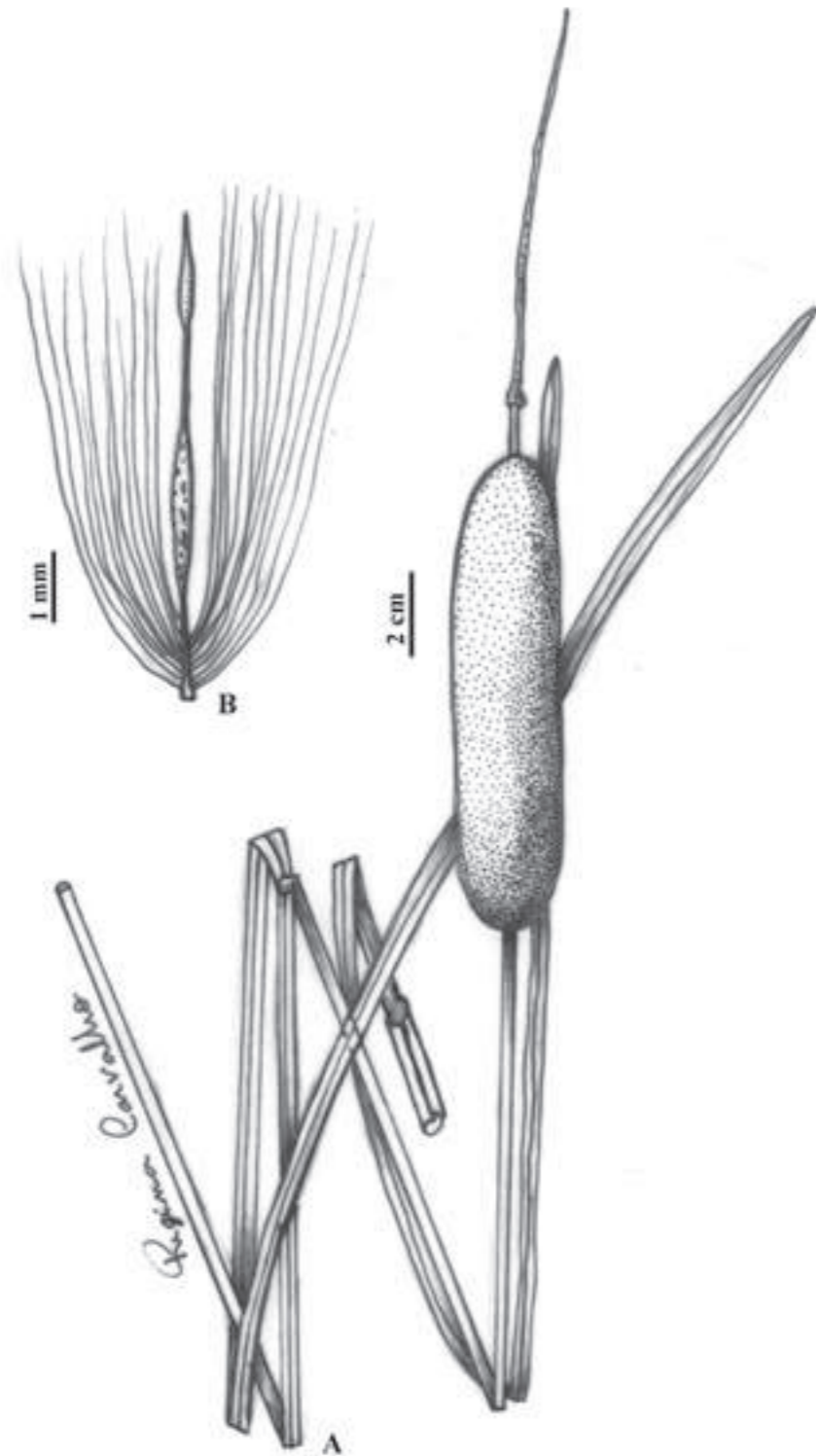


Figura 1. A-B. *Typha domingensis* Persoon. A. hábito com porção masculina da inflorescência sem flores. B. flor feminina. (Menezes et al. 205, ASE).

¹ Universidade Federal de Pernambuco, Centro de Ciências Biológicas, Depto. Botânica. Laboratório de Morfo-Taxonomia Vegetal. Av. Prof. Moraes Rego, s/n, Cidade Universitária, Recife, Pernambuco, Brasil. CEP: 50670-901. (geadelande@gmail.com).

Brotas, X/1978, bf., M.R. Fonseca s.n. (ASE 539).

Referências Bibliográficas

Berry, P. E. 2005. Trigoniaceae. In: **Flora of the Venezuelan Guayana**. Vol 2. 364-368.

Lleras, E. 2013. Trigoniaceae. In: **Lista de Espécies da Flora do Brasil**. Jardim Botânico do Rio de Janeiro. Disponível em: Floradobrasil.jbrj.gov.br/jabot/floradobrasil/FB237.

Lleras, E. 1978. Trigoniaceae. In: **Flora Neotropical** 19:1-73.

Lista de Exsicatas

Amaral, C 31 (1); **Fonseca, M.R.** s.n. ASE 250 (1), s.n. ASE 539 (1); **Prata, A.P** 2253 (1), 2916 (1); **Sant'Ana, S.C.** 422 (1); **Viana, G.** 914 (1), 1624 (1).

TURNERACEAE*

María Mercedes Arbo¹

Arbustos, subarbustos ou ervas, comumente com gemas seriadas. Folhas alternas, inteiras, serreadas ou crenadas, pilosas, nervação pinada; estípulas ausentes, rudimentares ou desenvolvidas. Flores solitárias, em cimas laterais ou em racemos terminais, actinomorfas, hipóginas, frequentemente heterostílicas; pedúnculo livre ou soldado ao pecíolo; pedicelo articulado, às vezes nulo; bractéolas (profilos) 2, geralmente opostas, às vezes rudimentares; cálice gamossépalo, lobos 5; pétalas 5, alternissépalas, unha soldada ao cálice formando um tubo floral 10-nervado, lâmina oboval; estames 5, alternipétalos. Anteras bitecas, deiscência longitudinal introrsa, pólen triaperturado; ovário súpero, tricarpelar, unilocular, placentas parietais; estiletos 3, estigma geralmente penicilado; óvulos anátropos. Frutos cápsulas loculicidas, lisos ou granulados, com 3 valvas ovas; sementes albuminadas, obovóides, 1-3 mm compr., geralmente reticuladas, com arilo carnoso *in vivo*, membranáceo *in sicco*.

A família Turneraceae é formada por 12 gêneros e 226 espécies distribuídas na América, África, Madagascar e Ilhas Mascarenhas. Na América ocorrem os gêneros *Adenocaulon*, *Erblichia*, *Piriqueta* e *Turnera*; o centro da diversidade específica acha-se no Brasil. Em Sergipe são nativas quatro espécies de *Piriqueta* e oito espécies de *Turnera*, que vivem nos biomas Caatinga e Mata Atlântica, em restinga, dunas, tabuleiro, mata de galeria, mata subperenifolia, campo aberto, cerrado, caatinga, campo rupestre, campo de altitude e áreas antropizadas.

A folha de muitas espécies tem nectários no ápice do pecíolo e/ou base da lâmina. As flores são efêmeras e comumente de antese matutina. A heterostilia com duas formas florais (brevistílica e longistílica), apresenta-se em 70% das espécies. Um pouco de espécies apresentam flores heterostílicas e homostílicas. Várias espécies de formigas visitam os nectários e dispersam as sementes.

Chave para identificação dos gêneros de **Turneraceae** de Sergipe

1. Caules e folhas com tricomas porreto-estrelados e simples, as vezes com tricomas glandulares setiformes com base inchada. Nectários extraflorais ausentes. Pedúnculo floral livre; pedicelo desenvolvido 1-10 mm, bractéolas rudimentares ou pequenas, até 2 mm. Flores nunca epifilas, com corona membranácea, anular, fimbriada ou lacerada, inserida na fauce, na base da lâmina das pétalas e sob as sépalas.....**1. Piriqueta**
1'. Caules e folhas com tricomas simples, às vezes estrelados mais nunca porreto-estrelados; tricomas glandulares capitado-estipitados, capitado-sésseis ou microcapitados. Nectários

* A família Turneraceae foi incluída em Passifloraceae s.l. na classificação APG III (2009).

¹ Instituto de Botânica del Nordeste, C.C. 209, 3400 Corrientes, Argentina, arbo@agr.unne.edu.ar

extraflorais presentes na maioria das espécies. Pedúnculo floral soldado ao pecíolo, as vezes livre; pedicelo geralmente ausente; bractéolas desenvolvidas, 2-18 mm. Flores frequentemente epifilas, sem coroa **2. Turnera**

1. *Piriqueta* Aubl.

Ervas perenes ou subarbustos; tricomas porreto-estrelados e simples, e frequentemente tricomas glandulares setiformes com base inchada. Folhas serreadas ou crenadas, pecioladas ou subsésseis, estípulas ausentes ou rudimentares; nectários extraflorais ausentes. Inflorescência uniflora ou pluriflora. Flores geralmente heterostílicas, pedúnculo floral livre, pedicelo articulado, bractéolas desiguais; corola geralmente mais longa que o cálice, coroa amarela, membranácea, anelar, fimbriado-lacerada, inserida na base da lâmina das pétalas e sob as sépalas; estames soldados apenas na base ao tubo floral, comumente com nectários na inserção, anteras dorsifixas, com a base emarginada; ovário piloso; estiletos às vezes bifurcados, comumente glabros. Frutos globosos a elípticos, verrugosos ou lisos, deiscentes até próximo da base; semente reta ou curva, arilo unilateral, inteiro ou lobulado.

O gênero apresenta 43 espécies distribuídas do sul dos Estados Unidos da América até o norte da Argentina e Uruguai. No Brasil, ocorrem 36 espécies, cujo centro de diversidade é a Bahia. Em Sergipe são nativas quatro espécies.

Chave para identificação das espécies de *Piriqueta* de Sergipe

1. Erva ou subarbusto até 1m alt. Flores grandes, 2-3 cm compr., corola branco-amarelada, salmão ou rósea. Frutos com superfície granulosa. Caules e folhas geralmente com tricomas glandulares setiformes com base inchada.

2. Pedúnculo floral patente, longo, (7-)10-25 mm compr. Folhas com 3-6 pares de veias laterais, as floríferas marcadamente decrescentes, até brácteas sésseis de 3-5 mm compr. Frutos nunca com tricomas glandulares com base inchada escura

..... **3. *Piriqueta guianensis***

2'. Pedúnculo floral ereto, curto, 2-11(-15) mm compr. Folhas com 4-8 pares de veias laterais, as floríferas não marcadamente decrescentes. Frutos com tricomas glandulares com base inchada comumente escura

..... **2. *Piriqueta duarteana***

1'. Erva até 65 cm. Flores pequenas, 1-2 cm compr., corola amarela ou alaranjada. Frutos com superfície lisa. Tricomas glandulares setiformes com base inchada nunca presentes.

3. Flores solitárias. Semente reta ou ligeiramente curvada, nós do retículo não proeminentes, aréolas concavas, às vezes com uma depressão puntiforme

..... **1. *Piriqueta cistoides***

3'. Flores dispostas em racemo terminal. Semente fortemente curvada, nós do retículo muito proeminentes, depressões puntiformes notáveis (buraquinhos)..... **4. *Piriqueta racemosa***

1.1. *Piriqueta cistoides* (L.) Griseb., Fl. Brit. W. Ind. 298. 1860.

Nome popular: "peixe-boi".

Fig. 1. A-E

Erva 10-65 cm alt., ramos com tricomas porreto-estrelados e tricomas simples tênues. Folhas papiráceas; estípulas rudimentares; pecíolo 0-2 mm; lâmina linear-elíptica ou angustioval 1-5 cm x 2-10 mm, ápice obtuso ou agudo, margem inteiro ou serreado; face adaxial com tricomas porreto-estrelados ou glabrescente; nervação proeminente na face abaxial com tricomas estrelados densos. Flores solitárias, heterostílicas; pedúnculo 4-10 mm, bractéolas 0,2-0,6 mm, pedicelo 2,5-8 mm; cálice 5-10 mm, tubo 1,5-3 mm, lobos ovais ou angustiovais; pétalas obovais, amarelas, 6,5-15 mm; coroa amarela, laciniada; filetes 3-5 mm em flores long., 5-9 mm em flores brev., anteras 1-3 mm; ovário cônico; estiletos comumente bifurcados, 3,5-6 mm em flores long., 1,5-3 mm em flores brev.; estigmas até 1 mm. Frutos 4-8 mm diâm., externamente lisos e pilosos; semente reta ou curva, 1,5-2 x 0,9-1,2 mm, reticulada, aréolas côncavas às vezes com depressão puntiforme, calaza arredondada; arilo unilateral, mais curto ou tão comprido quanto a semente.

Comentários: Espécie de distribuição ampla, no Brasil cresce na maioria dos biomas: Amazônia, Caatinga, Cerrado, Mata Atlântica e Pantanal. Arbo (1995) reconheceu duas subespécies, a típica com flores homostílicas, e *Piriqueta cistoides* subsp. *caroliniana* (Walt.) Arbo, com flores heterostílicas. Apenas a última ocorre em Sergipe. Foi coletada em caatinga e em afloramentos rochosos. Floresce e frutifica de janeiro a setembro.

Material selecionado: **BRASIL. Sergipe:** Gararu, I/1983, E. Gomes 148 (ASE); Canindé de São Francisco, Unid. de Conserv. Monumento Nat. Grota do Angico, VI/2010, A.C.C. Silva 216 (ASE); Poço Redondo, Unid. de Conserv. Monumento Nat. Grota do Angico, IX/2009, J.E. Nascimento-Junior & T.Dantas 679 (ASE).

1.2. *Piriqueta duarteana* (Cambess.) Urban, Jahrb. Königl. Bot. Gart. Berlin 2: 66. 1883.

Nome popular: "chanana".

Fig. 1 F-J

Erva ou subarbusto, 0,2-1m, ramos jovens viscosos, tomentosos ou hirsutos, com tricomas porreto-estrelados e muitos tricomas glandulares com base inchada. Folhas às vezes discolores; estípulas 0,2-0,3 mm; pecíolo 2-15 mm; lâmina oval ou angustioval, às vezes suborbicular, 6-50 x 5-30 mm, ápice obtuso ou agudo, margem denteado-crenada, 4-8 pares de veias laterais; face adaxial com tricomas porreto-estrelados e glandulares; face abaxial com tricomas estrelados. Flores solitárias, heterostílicas; pedúnculo 2-8(-12) mm, bractéolas 0,3-2 mm, pedicelo 1-10 mm; cálice 7-15 mm, tubo 1,5-2 mm, lobos triangulares ou angustiovais; pétalas branco-amareladas, salmão ou róseas, 11-20 mm; coroa amarelada ou roxa, 1-2 mm, margem laciniada; filetes 3-6 mm em flores long., 5-7 mm em flores brev., anteras 1,5-2 mm; ovário ovóide, 1,5-3 mm; estiletos 3,5-7 mm em flores long., 1,5-2,5 mm em flores brev.; estigma curto. Frutos 5-9 mm diâm., externamente

granulosos, pilosos, com tricomas glandulares de base inchada frequentemente preta; semente 2,5-3,2 x 0,8-1,2 mm, reticulada, calaza arredondada; arilo unilateral. Espécie endêmica do Brasil. Apresenta duas variedades.

Chave para identificação das variedades de *Piriqueta duarteana* de Sergipe

1. Indumento dos ramos jovens com tricomas simples, abundantes tricomas glandulares com base inchada e tricomas porreto-estrelados de comprimento igual ou menor do que o diâmetro do caule. Semente de 2-2,6 mm compr. ... **1. *Piriqueta duarteana* var. *duarteana***
1'. Indumento dos ramos jovens com tricomas simples, tricomas glandulares com base inchada e tricomas porreto-estrelados hirsutos de radio central muito longo, 3-6 mm, de comprimento bem maior do que o diâmetro do caule. Sementes de 2,5-3,2 mm compr. ...
..... **2. *Piriqueta duarteana* var. *ulei***

1.2.1. *Piriqueta duarteana* var. *duarteana*

Comentários: Encontra-se nos biomas Caatinga e Mata Atlântica, foi coletada em campo gramíneo, na borda de mata, em restinga herbácea e arbustiva, em tabuleiro arenoso, dunas e praia. Floresce e frutifica de março a dezembro.

Material selecionado: **BRASIL. Sergipe:** Aracaju, Praia de Aruana, 1km da costa, IX/2004, C. Almeida 13 (ASE); Barra dos Coqueiros, área prox. ao Porto de SE, IX/1995, C. Proença et al. 571 (ASE); Estância, Rod. BR-101 no trecho Estância/Aracaju, entrada no Km 10 à direita, ca. 18 km da BR-101 para a Praia do Abais, X/1993, J.G. Jardim et al. 325 (ASE, CTES, MBM); Indiaroba, Pov. Pontal, Rua das Mangabeiras, XII/2007, S.M. Costa & A.R. Menezes 208 (ASE); Itabaiana, Serra de Itabaiana, a 1km do posto do IBAMA, VIII/2004, C. Almeida 14 (ASE); Japarutuba, mata do Sambaiba, IV/2011, L.R.O. Santos et al. 4 (ASE); Pacatuba, Ponta dos Mangues, Apicum, VI/1988, G.Viana 2074 (ASE); Pirambu, 2 km após o Pov. de São Jose, IX/1977, M.R. Fonseca s.n. (ASE 00484); São Cristóvão, Campus Universitário, VIII/1984, E. Gomes 282 (ASE).

1.2.2. *Piriqueta duarteana* var. *ulei* Urban, Repert. Spec. Nov. Regni Veg. 4: 131. 1907.

Comentários: Foi coletada no bioma Mata Atlântica, na praia. Floresce e frutifica em janeiro.

Material examinado: **BRASIL. Sergipe:** Aracaju, Praia de Atalaia Velha, I/1992, F. Barros 2406 (SP).

1.3. *Piriqueta guianensis* N.E.Br., Trans. Linn. Soc. London, Bot., ser. 2, 6: 30. 1901.

Fig. 1. K-O

Erva ou subarbusto, 0,3-1m, ramos jovens com tricomas porreto-estrelados mais curtos

do que o diâmetro do caule e geralmente com tricomas glandulares com base inchada. Folhas papiráceas; estípulas 0,2-0,4 mm; pecíolo 0-10 mm; lâmina elíptica, oval ou angustioval, 10-55 x 5-18 mm, ápice obtuso ou agudo, margem crenada ou subinteira, 3-6 pares de veias laterais; face adaxial com tricomas porreto-estrelados e glandulares; face abaxial com tricomas estrelados; folhas floríferas marcadamente decrescentes, até bracteiformes e sésseis, de 3-5 mm. Flores solitárias, heterostílicas; pedúnculo patente, (7-)10-25 mm, bractéolas ca. 0,3 mm, pedicelo 3-10 mm; cálice 7-15 mm, tubo 2-3 mm, lobos triangulares ou angustiovais; pétalas salmão ou róseas, 10-21 mm; corona roxa, 1 mm, margem laciniada; filetes 3-4 mm em flores long., 5-7,5 mm em flores brev., anteras 1,7-2,5 mm; ovário ca. 2 mm; estiletos 3-5 mm em flores long., 1,5-2,5 mm em flores brev.; estigma multifido. Frutos granulosos 4-9 mm diâm.; semente 1,9-2,3 x 0,8-1 mm, reticulada, calaza arredondada; arilo unilateral.

Comentários: Espécie com distribuição disjunta. Arbo (1995) reconheceu duas subespécies, a típica com sementes curtas, própria de Guyana e Roraima, e *Piriqueta guianensis* subsp. *elongata* (Urb. & Rolfe) Arbo, com sementes longas, endêmica do NE do Brasil. Em Sergipe foi coletada nos biomas Caatinga e Mata Atlântica, em campo gramíneo, areias, cerrado, caatinga, topo da serra, mata ciliar, restinga e tabuleiro. Floresce e frutifica de agosto a abril.

Material selecionado: **BRASIL. Sergipe:** Areia Branca, Serra de Itabaiana, XI/1983, G. Viana 830 (ASE); Canindé de São Francisco, Unid. de Conserv. Monumento Nat. Grota do Angico, VIII/2010, A.C.C. Silva 279 (ASE); Itabaiana, Estação Ecológ. Serra de Itabaiana, IV/1991, G.L. Esteves & R.P. Lyra-Lemos 2556 (CTES, SPF); São Domingos, Serra da Miaba, IV/2006, A.C. Silva et al. 12 (ASE); São Miguel do Aleixo, II/1975, A.O. Barreto s.n. (ASE 00291).

1.4. *Piriqueta racemosa* (Jacq.) Sweet, Hort. Brit. ed. 1, 1: 154. 1826.

Fig. 1. P-T

Erva 15-80 cm alt., ramos com tricomas porreto-estrelados dourados com radio central 3-4 mm e tricomas simples curtos, tênues. Folhas papiráceas; estípulas nulas; pecíolo 1-2 cm; lâmina oval ou elíptica 2-8 x 1-7 cm, ápice agudo, margem serrada; face adaxial com tricomas porreto-estrelados; face abaxial velutina; folhas floríferas bruscamente decrescentes e sésseis, até ausentes. Flores heterostílicas ou homostílicas dispostas em racemo terminal com a porção apical comumente afila; pedúnculo 4-40 mm, bractéolas nulas, pedicelo 2-5 mm; cálice 4-8 mm, tubo ca. 2 mm, lobos ovais ou angustiovais; pétalas obovais, amarelas ou esbranquiçadas, 5-15 mm; corona laciniada, amarela ou escura; filetes 3-9 mm, anteras 1-3 mm; ovário cônico; estiletos 2-6 mm; estigmas até 1 mm. Frutos 4-8 mm diâm., face externa lisa e pilosa; semente curva, 1,5-2x 0,9-1,2 mm, nós do retículo muito proeminentes, aréolas com depressão puntiforme, calaza arredondada; arilo unilateral, mais curto ou tão comprido quanto a semente.

Comentários: Espécie de distribuição ampla, em Sergipe acha-se nos biomas Caatinga

(mata seca, campo e brejo de altitude) e Mata Atlântica (borda da mata), também em áreas antropizadas. Floresce e frutifica de março a setembro.

Material selecionado: **BRASIL. Sergipe:** Arauá, Faz. Thuy, IX/1982, M.C. Santana 121 (ASE); Lagarto, Pov. Colônia 13, mata do Poção, IX/2010, L.A.S. Santos 373 (ASE); Poço Redondo, Serra da Guia, VIII/2006, I.C. Lemos et al. 61 (ASE); Santa Luzia do Itanhy, mata do Crasto, III/2010, C.A.S. Souza et al. 45 (ASE); Riachão do Dantas, Faz. Salobra, IX/1987, G. Viana 2036 (ASE, UFRN); São Cristóvão, Campus Universitário, VIII/1995, J.F. Santana 3 (ASE).

2. *Turnera* Plum. ex L.

Arbustos, subarbustos ou ervas; indumento de tricomas simples, raramente estrelados. Folhas serradas ou crenadas, raramente inteiras, estípulas ausentes, rudimentares ou desenvolvidas, pecíolo desenvolvido ou quase nulo, frequentemente com um par de nectários no ápice e/ou base da margem foliar. Inflorescência uniflora, às vezes pluriflora racemosa. Flor frequentemente heterostílica, pedúnculo livre ou soldado ao pecíolo (flor epífila), bractéolas 2, geralmente inseridas na base do cálice, pedicelo geralmente nulo, cálice campanulado, 5-lobado, pétalas brancas ou amarelas, às vezes com mancha escura na base; estames soldados só na base ao tubo floral ou com as margens soldadas à unha das pétalas até a fauce formando sacos nectaríferos, anteras dorsifixas ou basifixas; ovário glabro ou piloso, estiletos glabros ou pilosos, estigma curto ou longo. Frutos ovóides ou subsféricos, granuloso ou lisos; semente reta ou curva, reticulada ou estriado-reticulada; arilo unilateral ou envolvente, inteiro ou lobado.

Turnera é o gênero mais numeroso da família, com 140 espécies distribuídas do sul dos Estados Unidos até a Argentina, mais duas espécies nativas da África. O Brasil apresenta 119 espécies com centro de diversidade nas regiões montanhosas de Bahia, Minas Gerais e Goiás. Em Sergipe, foram encontradas oito espécies, pertencentes às Séries *Anomala*, *Leiocarpae*, *Microphyllae*, *Papilliferae* e *Turnera*.

As folhas de algumas espécies de *Turnera* têm usos medicinais, as de *T. diffusa* Willd. ex Schult., conhecida como “damiana”, nativa no México, alguns países da América Central, Antilhas e NE do Brasil, são usadas no hemisfério norte como analgésico, energizante e afrodisíaco. No Brasil, várias espécies de *Turnera* são chamadas “chanana”, e são usadas como digestivo ou energizante.

Chave para identificação das espécies de *Turnera* de Sergipe

1. Flores com pedúnculo floral livre, nectários foliares presentes ou ausentes.....2
2. Folhas coriáceas, com nectários no ápice do pecíolo e/ou base da lâmina, flor amarelo vivo, sementes estriado-reticuladas 3,7-3,9 mm compr. **2. *Turnera cearensis***
- 2'. Folhas herbáceas, sem nectários, flor branca ou amarelo-salmão, sementes reticuladas 1,4-1,7 mm compr.....3
3. Pétalas amarelo-salmão às vezes com mancha roxa na base; caule, folhas e cálice com

- tricomas simples e glandulares capitado-estipitados, estípulas rudimentares ca. 0,2 mm compr. **3. *Turnera chamaedrifolia***
- 3'. Pétalas brancas com mancha amarela na base; caule e folhas com tricomas simples e glandulares capitado-sésseis; estípulas desenvolvidas: escuras, persistentes, 1,5-3 mm compr. **1. *Turnera calyptrocarpa***
- 1'. Flores epífilas com pedúnculo floral soldado ao pecíolo, nectários foliares presentes no ápice do pecíolo e/ou base da lâmina.....4
4. Pétalas brancas com base amarela, e estrias roxas na face abaxial **4. *Turnera coerulea***
- 4'. Pétalas amarelas, às vezes esbranquiçadas com mancha basal escura.....5
5. Caules, folhas e cálice com tricomas estrelados miúdos, frutos granuloso, semente com arilo amplo, envolvente **5. *Turnera hermannioides***
- 5'. Caules, folhas e cálice com tricomas simples, frutos lisos ou granuloso, semente com arilo estreito.....6
6. Flores grandes, 30-60 mm compr., frutos granuloso, pétalas com mancha basal escura notável **8. *Turnera subulata***
6. Flores pequenas, 6-15 mm compr., frutos lisos 7
7. Folhas com tricomas simples curtos, 0,4-0,7 mm compr., ovário e frutos piloso, semente reta ou curvada, reticulada, com aréolas pequenas, nós do retículo não proeminentes, calaza arredondada **6. *Turnera melochioides***
- 7'. Folhas com tricomas simples longos, 1,5-2,5 mm compr., ovário e frutos glabros (exceto no ápice), semente curvada, reticulada, com aréolas amplas, nós do retículo proeminentes, calaza saliente e cônica..... **7. *Turnera pumilea***

2.1. *Turnera calyptrocarpa* Urb., Jahrb. Königl. Bot. Gart. Berlin 2: 128. 1883.

Fig. 2. I-M

Arbusto ou subarbusto 0,3-2m alt., tricomas simples; cicatrizes foliares proeminentes. Folhas pequenas, discoloras; estípulas escuras, persistentes, 1,5-3 mm compr.; pecíolo 2-3 mm; lâmina oboval ou elíptica, 4-30 x 2,5-16 mm, base cuneada, ápice arredondado a agudo, margem revoluta, serrado-crenada; face adaxial escura, tricomas simples curtos; face abaxial com tricomas simples crespos e tricomas glandulares capitado-sésseis amarelados; nectários ausentes. Flores solitárias heterostílicas; pedúnculo livre 1-3 mm; bractéolas obovais, 3-4,5 x 0,8-1 mm; pedicelo nulo; cálice 3,5-6 mm, com tricomas simples, tubo 1,5-2 mm, lobos triangulares; pétalas 5-11 x 3-5 mm, obovais, brancas, com base amarela, pilosa; filetes soldados só na base ao tubo floral, 3-4 mm em flores long., 5-7 mm em flores brev., anteras 0,8-1 mm, dorsifixas; ovário ca. 2 mm, piloso; estiletos 2,5-3 mm em flores long., 1-1,5 mm em flores brev.; estigma ca. 0,5 mm. Frutos 4-5 mm, ovóides, envolvidos com os restos do perianto, face externa granulosa; semente ca. 1,5 x 1 mm, reticulada, calaza arredondada; arilo unilateral, amplo, mais curto que a semente. Comentários: Espécie endêmica do NE do Brasil, em Sergipe ocorre nos biomas Caatinga e Mata Atlântica. Foi coletada em mata seca, caatinga, agreste, mata secundária, cerrado e também em áreas antropizadas. Floresce e frutifica de abril a dezembro.

Material selecionado: Canindé de São Francisco, Faz. Brejo, VIII/2000, *R.A. Silva & D. Moura 1756* (RB); Itaporanga, Faz. Trapsa, XI/2007, *A.B. Sales et al. 52* (ASE); Lagarto, mata do Poço, VIII/2010, *L.A.S. Santos 270* (ASE); Poço Redondo, Faz. Charco, IV/2008, *J.E. Nascimento-Junior & D.S. Melo 312* (ASE); Salgado, Sítio Cipó Branco, *G. Viana 1220* (ASE); São Cristovão, próximo a Rodovia João Bebe Água, XII/2005, *L.V. Ribeiro et al. 46* (ASE, IPA).

2.2. *Turnera cearensis* Urb., Jahrb. Königl. Bot. Gart. Berlin 2: 100. 1883.

Fig. 2. N-R

Arbusto ou subarbusto ca. 1m alt., tricomas tectores estrelados e simples; cicatrizes foliares salientes. Folhas discolores; estípulas escuras, persistentes, 1-3 mm compr.; pecíolo 3-8 mm; lâmina oval ou elíptica, 2,5-7 x 1,5-3 cm, base geralmente cuneada, ápice agudo, às vezes arredondado, margem serrado-crenada; face adaxial escura, tricomas estrelados de 0,3-0,5 mm; face abaxial com tricomas estrelados mais compridos e muito densos; nectários na união do pecíolo e lâmina. Flores solitárias heterostílicas; pedúnculo livre 2-7 mm; bractéolas lanceoladas ou obovais, 3-10 x 0,5-1,5 mm; pedicelo nulo; cálice 10-17 mm, com tricomas estrelados, tubo 4,5-6 mm, lobos triangulares; pétalas obovais, amarelo ouro, base pilosa, 9-13 x 3-8 mm; filetes 6 mm em flores long., 8 mm em flores brev., margens soldadas 3,5-4 mm ao tubo floral formando sacos nectaríferos, anteras ca. 1,5 mm, dorsifixas; ovário 2,5-3,5 mm, piloso; estiletes pilosos 6 mm em flores long., 1,5 mm em flores brev.; estigma ca. 0,5 mm. Frutos ovóides, granulados, 5-8 mm, envolvidos com os restos do perianto; semente estriado-reticulada 3,7-3,9 x 1,7-1,8 mm, estriada, calaza umbilicada; arilo unilateral, amplo, mais curto que a semente.

Comentários: Espécie endêmica do NE do Brasil, em Sergipe acha-se no bioma Caatinga (caatinga hipoxerófila, brejo de altitude). Floresce e frutifica de abril a maio.

Material selecionado: **BRASIL. Sergipe:** Nossa Senhora da Glória, Faz. Olhos d'Água, VI/1982, *M.N. Almeida 74* (ASE, IPA); Poço Redondo, Serra da Guia, trilha acima do Olho d'Água, IV/2009, *A.P. Prata et al. 1651* (ASE).

2.3. *Turnera chamaedrifolia* Cambess. in Saint Hilaire et al., Fl. Bras. merid. 2: 221, 1830.

Nome popular: mane-rola.

Fig. 3. A-D

Arbusto ou subarbusto 0,3-1m alt., com tricomas tectores simples e tricomas glandulares capitado-estipitados no caule, folhas e cálice. Folhas aromáticas, viscosas, algo discolores; estípulas rudimentares 0,2 mm; pecíolo 2-7 mm; lâmina oval ou elíptica, 15-35 x 5-20 mm, base cuneada, ápice geralmente agudo, margem revoluta, serrada; indumento mais denso na face abaxial; nectários ausentes. Flores solitárias heterostílicas ou homostílicas; pedúnculo livre 4-10 mm, às vezes soldado na base ao pecíolo; bractéolas lanceoladas, 4-6,5 x 0,5-1 mm; pedicelo 0-0,5 mm; cálice 8-15 mm, tubo 1,5-2 mm, lobos triangulares; pétalas obovais, amarelo-salmão, às vezes com base roxa, 8-14 x 4-11 mm; filetes 3-5

mm, soldados só na base ao tubo floral, anteras 1-2 mm, dorsifixas; ovário 2-2,5 mm, piloso; estiletes 2-3,5 mm; estigma 0,5-1 mm. Frutos subesféricos, 4-8 mm, face externa granulosa, pilosa; semente 1,4-1,7 x 0,7-1 mm, reticulada, calaza arredondada; arilo unilateral, lobulado, mais curto ou tão comprido quanto a semente.

Comentários: Espécie endêmica do NE e SE do Brasil, em Sergipe acha-se nos biomas Caatinga e Mata Atlântica, em caatinga, campo aberto, brejo de altitude e mata secundária. Floresce e frutifica de janeiro a setembro.

Material selecionado: **BRASIL. Sergipe:** Areia Branca, Set.1981, *E.M. Carneiro 75* (ASE); Canindé do São Francisco, Faz. Xingo, perto de Xingozinho, 3 km da divisa com a Bahia, IV/2001, *R.M. Harley et al. 54307* (CTES, HUEFS); Lagarto, Assentamento Roseli Nunes, VIII/2010, *A.P. Prata et al. 2373* (ASE); Nossa Senhora da Glória, Pov. Boa Sorte Matos, VII/2011, *G.M.A. Matos 34* (ASE); Poço Redondo, Serra da Guia, I/2010, *W.J. Machado et al. 146* (ASE); Simão Dias, Assentamento Maria Bonita, VIII/2010, *A.P. Prata et al. 2427* (ASE).

2.4. *Turnera coerulea* DC., Prodr. 3: 346. 1828.

Nome popular: chanana, xanana.

Erva ou arbusto até 1,5 m alt., com tricomas tectores simples. Folhas com estípulas nulas ou rudimentares; pecíolo 3-7 mm; lâmina linear, elíptica ou oval, 2-8,5 x 0,3-2,4 cm, base cuneada ou arredondada, ápice geralmente agudo, margem serrada; tricomas simples e às vezes microtricomas e tricomas glandulares microcapitados; nectários na união do pecíolo e lâmina. Flores solitárias, epifilas, heterostílicas; pedúnculo adnato ao pecíolo; bractéolas subuladas, 3-9 x 0,5-1 mm; pedicelo nulo; cálice 10-21 mm, com tricomas simples, tubo 5-9 mm, lobos triangulares; pétalas obovais, brancas, base amarela, 11-22 x 8-10 mm, face inferior com nervuras roxas; filetes 5-9 mm em flores long., 8-15 mm em flores brev., as margens soldadas 3,5-6 mm ao tubo floral formando sacos nectaríferos, anteras 2-4 mm, basifixas; ovário 1,5-2 mm, piloso; estiletes glabros ou pilosos, 6-13 mm em flores long., 3-8 mm em flores brev.; estigma 1-2 mm. Frutos ovóides, 2,5-8 mm, face externa granulosa; semente 2-3 x 0,8-1,4 mm, reticulada, calaza arredondada; arilo unilateral, amplo ou estreito, mais curto ou tão comprido quanto a semente.

Espécie com distribuição ampla, em Brasil cresce na maioria dos biomas. Apresenta duas variedades.

Chave para identificação das variedades de *Turnera coerulea* de Sergipe

1. Lâmina foliar elíptica, oval ou oboval, até 4,5 cm compr., relação comprimento: largura mais frequente = 2-3:1, face adaxial com tricomas simples **1. *Turnera coerulea* var. *coerulea***
- 1'. Lâmina foliar lineal-elíptica ou angustioval, até 8,5 cm compr., relação comprimento: largura mais frequente = 4,5-8:1, face adaxial com tricomas simples só na nervura mediana **2. *Turnera coerulea* var. *surinamensis***

2.4.1. *Turnera coerulea* var. *coerulea*

Fig. 2. A-D

Comentários: Em Sergipe, encontra-se nos biomas Caatinga e Mata Atlântica; foi coletada em campo aberto, cerrado, mata, restinga, tabuleiro e em áreas antropizadas. Floresce e frutifica de janeiro a dezembro.

Material selecionado: **BRASIL. Sergipe:** Areia Branca, Serra Comprida, XII/2007, *E. Matos et al.* 114 (ASE); Estância, Praia dos Abais, IV/1980, *M.R. Fonseca s.n.* (ASE 743); Indiaroba, ligação BR-101 a Pontal, VIII/1995, *G. Hatschbach et al.* 63198 (CTES, MBM); Itabaiana, Estação Ecológica da Serra de Itabaiana, IV/1991, *G.L. Esteves & R.P. Lyra-Lemos* 2555 (CTES, SPF); Japarutuba, Pov. São José, P.A. Ivan Ribeiro, V/2006, *L.M.O. Rodrigues & E.S. Rodrigues* 63 (ASE); Lagarto, mata do Poço, VIII/2010, *L.A.S. Santos* 268 (ASE); Maruim, 100 m da Faz. Tanque Verde, II/1983, *E. Gomes* 166 (ASE); São Cristóvão, a 7 km de São Cristóvão, 10° 59'S 37° 15'W, IX/1981, *L.M.C. Gonçalves* 228 (CTES); Siriri, VI/1982, *M.N. Almeida* 70 (ASE).

2.4.2. *Turnera coerulea* var. *surinamensis* (Urb.) Arbo & A. Fernández

Fig. 2. E-H

Em Sergipe, encontra-se nos biomas Caatinga e Mata Atlântica; foi coletada em campo rupestre, cerrado, mata de galeria e borda da mata. Floresce e frutifica de novembro a julho.

Material selecionado: **BRASIL. Sergipe:** Areia Branca, após o Poço das Mocas, Serra de Itabaiana, XI/1983, *G. Viana* 825 (ASE); Itabaiana, VII/1987, *G. Viana* 1857 (ASE); Itaporanga, Faz. Trapsa, III/2007, *J.F. Melo et al.* 61 (ASE); São Domingos, Serra da Miaba, prox. acampamento, IV/2006, *A.P. Prata et al.* 1207 (ASE).

2.5. *Turnera hermannioides* Cambess. in Saint Hilaire et al., Fl. Bras. merid. 2: 218. 1830.

Nome popular: mela-bode.

Fig. 3. E-H

Subarbusto ca. 0,50 m alt., com tricomas tectores simples e estrelados diminutos. Folhas com estípulas 0,3-0,5 mm; pecíolo 2-6 mm; lâmina oboval, elíptica ou oblonga, 1-7 x 0,5-2,5 cm, base cuneada ou atenuada, ápice obtuso ou agudo, margem crenada; tricomas estrelados laxos e tricomas glandulares microcapitados na face adaxial e densos na face abaxial; nectários na união do pecíolo e lâmina. Flores solitárias, epifilas, heterostílicas; pedúnculo adnato ao pecíolo; bractéolas subuladas, 3-7 mm; pedicelo nulo; cálice 11-16 mm, tubo 4-5 mm, lobos triangulares; pétalas obovais, amarelas, a base às vezes lilaz, 15-25 x 8-15 mm, face inferior com nervuras roxas; filetes 5-6 mm em flores long., 8-10 mm em flores brev., as margens soldadas 2-3 mm ao tubo floral formando sacos nectaríferos, anteras 3-4,4 mm, basifixas; ovário 2 mm, piloso; estiletos glabros ou pilosos, 6-8 mm em flores long., 4-5 mm em flores brev.; estigma 1-1,5 mm. Frutos esféricos 4,5-8 mm,

face externa granulosa; semente 2,3-3 x 0,7-1 mm, algo curvada, suavemente reticulada, calaza umbilicada; arilo amplo, lobulado, mais curto ou tão comprido quanto a semente. Comentários: Espécie endêmica do Centro-Leste e NE do Brasil própria dos biomas Cerrado, Caatinga e Mata Atlântica. Foi coletada em caatinga e em áreas antropizadas. Floresce e frutifica de agosto a maio.

Material examinado: **BRASIL. Sergipe:** Aracaju, Hwy.231, 21 km S of BR-101, near Aracaju, VI/1982, *S.C. Barrett & J. Shore* 1391 (TRT); Frei Paulo, Hwy 235, ca. 30 km W of Itabaiana, *J. Shore & S. Barrett* 1, (CTES, TRT); Itabaiana, Hwy.235, ca. 15 km W of Itabaiana, *S.C. Barrett & J. Shore* 1390 (TRT); Canindé do São Francisco, Unid. de Conserv. Monumento Nat. Grota do Angico, VIII/2009, *A.C.C. Silva et al.* 45 (ASE).

2.6. *Turnera melochioides* Cambess. in Saint Hilaire et al., Fl. Bras. merid. 2: 219. 1830.

Subarbusto ou arbusto até 1 m alt., com tricomas tectores simples e tricomas glandulares microcapitados no caule, folhas e cálice. Folhas algo discolors, glabras ou pilosas; estípulas rudimentares; pecíolo 0,5-10 mm; lâmina oval ou elíptica, 20-60 x 2,5-25 mm, base geralmente cuneada, ápice agudo ou obtuso, margem revoluta ou plana, subinteira a serreada; nectários na união do pecíolo e lâmina. Flores heterostílicas, epifilas, as apicais dispostas em racemos bracteosos; pedúnculo adnato ao pecíolo, bractéolas subuladas, 2,5-7 x 0,2-1 mm; pedicelo nulo; cálice 4-10 mm, tubo 2-4 mm, lobos triangulares; pétalas obovais, amarelas, mais compridas que o cálice; filetes 2,5-4 mm em flores long., 5-6 mm em flores brev., soldados só na base ao tubo floral, anteras 1,2-1,5 mm, dorsifixas; ovário ca. 2 mm, piloso; estiletos 3-4 mm em flores long., 2 mm em flores brev.; estigma 0,5-2 mm. Frutos ovóides ou subesféricos, 2-4 mm, face externa lisa, pilosa; semente 1,7-2,1 x 0,7-1 mm, reticulada, calaza arredondada; arilo unilateral, estreito, mais curto, igual ou mais comprido que a semente.

Comentários: Espécie de distribuição ampla, no Brasil cresce nos biomas: Amazônia, Caatinga, Cerrado e Mata Atlântica. Arbo (2008) reconheceu quatro subespécies, duas ocorrem em Sergipe.

Chave para identificação das variedades de *Turnera melochioides* de Sergipe

1. Folhas com pecíolo 0,5-3 mm, lâmina angustielíptica ou linear, subinteira a serreada, às vezes plicada ao longo da nervura mediana, 23-56 x 2,5-10 mm, frequentemente relação comprimento: largura = 4-15:1 **1. *Turnera melochioides* var. *arenaria***

1'. Folhas com pecíolo 3-10 mm, lâmina oval ou oval-lanceolada, margem simples ou duplamente crenada, 20-60 x 8-25 mm, frequentemente relação comprimento: largura = 2-4:1 **2. *Turnera melochioides* var. *latifolia***

2.6.1. *Turnera melochioides* var. *arenaria* Urb.

Comentários: Em Sergipe acha-se no bioma Mata Atlântica; foi coletada em tabuleiro arenoso. Floresce e frutifica em setembro.

Material examinado: **BRASIL. Sergipe:** Pirambu, prox. ao morro da Lucrecia, IX/1977, *M.R. Fonseca s.n.* (ASE 487).

2.6.2. *Turnera melochioides* var. *latifolia* Urb.

Fig. 3. I-L

Comentários: Em Sergipe, encontra-se no bioma Mata Atlântica; foi coletada em campo gramíneo, fragmento de mata e restinga. Floresce e frutifica de março a julho.

Material examinado: **BRASIL. Sergipe:** Areia Branca, PARNA da Serra de Itabaiana, Serra Comprida, III/2008, *S.M. Costa et al. 354* (ASE), Itaporanga, Faz. Caju (EMBRAPA), VII/2008, *A.P. Prata 1429* (ASE); São Cristóvão, prox. a rodovia João Bebe Água, VII/2006, *L.V. Ribeiro & E. Santos 129* (ASE).

2.7. *Turnera pumilea* L., Syst. Nat. ed. 10, 2: 965.1759.

Nome popular: malva.

Fig. 3. M-P

Erva anual 10-40 cm alt., com tricomas tectores simples 1,5-2,5 mm. Folhas pilosas; estípulas rudimentares; pecíolo 1,5-5 mm; lâmina oval ou elíptica, 10-20 x 7-14 mm, base geralmente cuneada, ápice agudo, margem serrada; nectários 2, marginais, inseridos na base da lâmina. Folhas floríferas dispostas em roseta no ápice dos ramos. Flores homostílicas, epifilas; pedúnculo adnato ao pecíolo, bractéolas subuladas, 2-5 x 0,2-0,8 mm; pedicelo nulo; cálice 4-6 mm, tubo 2-3 mm, glabro na face externa, lobos triangulares, pilosos; pétalas obovais, amarelo, pouco mais compridas que o cálice; filetes 3,5-4 mm, soldados só na base ao tubo floral, anteras ca. 1 mm, dorsifixas; ovário 0,9-1,5 mm, piloso; estiletes 1,5-2 mm; estigma 1,5-2 mm. Frutos ovóides, 4-5 mm, face externa lisa, glabra exceto no ápice; semente curva, 1,7-2 x 0,7-1 mm, reticulada com nós proeminentes, calaza cônica; arilo unilateral, estreito, mais curto que a semente.

Comentários: Espécie de distribuição ampla, em Brasil cresce nos biomas: Amazônia, Caatinga, Cerrado e Mata Atlântica. Arbo (2008) reconheceu duas variedades, apenas a típica ocorre em Sergipe. Foi coletada em restinga.

Material examinado: **BRASIL. Sergipe:** Pirambu, Reserva Bio. de Santa Isabel, *M. Ramos & E. Santos* (ASE 7354).

2.8. *Turnera subulata* Sm. in Rees, Cycl. 36(2). 1817.

Nome popular: chanana; xanana; aranha-gato; mela-bode.

Fig. 3. Q-R

Subarbusto ou arbusto até 0,6 m alt., com tricomas simples. Folhas herbáceas, levemente discolores; estípulas reduzidas 0,1-0,5 mm; pecíolo 2-8 mm; nectários 1-2 pares, discoides, 0,5-1,4 mm; lâmina oval a elíptica, 1,5-6,0 x 0,6-3,5 cm, base cuneada ou atenuada, ápice agudo ou obtuso, margem serrada, face adaxial com tricomas simples longos, face abaxial com nervuras proeminentes, tricomas simples, curtos, eretos e tricomas glandulares micro-capitados. Flores heterostílicas; pedúnculo soldado ao pecíolo; bractéolas subuladas, 6-15 mm, verdes a arroxeadas, pedicelo nulo; cálice esverdeado ou amarelado, 11-29 mm, tubo 3-7 mm, lobos estreito-ovais a triangulares; corola 28-48 mm diâm., pétalas 16-35 x 11-21 mm, amarelas, base com uma mancha escura, ápice arredondado esbranquiçado ou amarelo claro; filetes 5,5-7 mm em flores long., 8,5-13 mm em flores brev., com margens soldadas 2-5 mm ao tubo floral; anteras basifixas, 2,5-5 mm, alaranjadas; ovário ovóide 1,2-2,2 mm, densamente piloso; estiletes 6,5-9 mm em flores long., 3-5 mm em flores brev.; estigmas amarelos, 1-3 mm. Frutos subglobosos, 2,5-8 mm, externamente granulados e pilosos; sementes 2,4-3 mm, pretas, reticuladas; arilo unilateral, lacerado, menor que a semente.

Comentários: Espécie de distribuição ampla, de Panamá até norte da Bolívia, além de constituir uma planta ruderal comum na Índia e outros países da Ásia; no Brasil cresce nos biomas: Amazônia, Caatinga, Cerrado e Mata Atlântica. Em Sergipe foi coletada em borda de mata, caatinga, tabuleiro, semi-árido, restinga, mata ciliar, campo aberto; vegeta em solos arenosos ou pedregosos, as vezes argilosos e secos; é uma espécie heliófila ubíqua, cresce em beira de estradas e áreas alteradas pela ação antrópica. Floresce e frutifica de fevereiro a novembro.

Material selecionado: **BRASIL. Sergipe:** Aracaju, IX/1980, *M.R. Fonseca 388* (ASE); Barra dos Coqueiros, área próxima ao Porto de Sergipe, IX/1995, *M. Landim et al. 572* (ASE); Canindé do São Francisco, Faz. Poço Verde, VIII/2000, *R.A. Silva et al. 1717* (RB); Estância, Porto do Mato, II/2008, *C.S. Santos 301* (ASE); Lagarto, mata do Poço, VIII/2010, *L.A.S. Santos 274* (ASE); Pirambu, Assentamento São Sebastião, VII/2011, *D.M. Oliveira 111* (ASE); Poço Redondo, Faz. Charco, IV/2008, *J.E. Nascimento-Junior & D.S. Melo 301* (ASE); Porto da Folha, Pov. Lagoa Grande, Faz. São Pedro, em direção ao Assentamento São Judas Tadeu, IV/2011, *D.G. Oliveira et al. 152* (ASE); Santana do São Francisco, Pov. Saúde, II/2010, *A.P. Prata et al. 2205* (ASE); Santo Amaro das Brotas, terreno da jazida Lev Terra, III/2011, *J.E. Nascimento-Junior et al. 784* (ASE); São Cristóvão, Campus da UFS, XI/2006, *K. Alves 4* (ASE).

Referências Bibliográficas

Arbo, M.M. 2012. Turneraceae In: **Lista de espécies da Flora do Brasil**. Disponível em: <http://floradobrasil.jbrj.gov.br/2012/>.

Arbo, M.M. 2008. Estudios sistemáticos en *Turnera* (Turneraceae) IV. Series. *Leiocarpae, Conciliatae* e

Sessilifoliae. **Bonplandia** 17(2): 107-334.

Arbo, M.M. 2005. Estudos sistemáticos em *Turnera* (Turneraceae) III. Series *Anomalae* e *Turnera*. **Bonplandia** 14(3-4): 115-318.

Arbo, M.M. 2004. Turneraceae In: Smith, N. et al., **Flowering plants of the Neotropics**, Princeton Univ. Press.: 380-382.

Arbo, M.M. 2000. Estudos sistemáticos em *Turnera* (Turneraceae). II. Series *Annulares*, *Capitatae*, *Microphyllae* e *Papilliferae*. **Bonplandia** 10: 1-82.

Arbo, M.M. 1995. Turneraceae. Parte I. *Piriqueta*. **Flora Neotropica Monograph** 67: 1-156.

Thulin, M. et al. 2012. Phylogeny of the Turneraceae clade (Passifloraceae s.l.): Trans-Atlantic disjunctions and two new genera in Africa. **Taxon** 61(2): 308-323.

Lista de Exsicatas

Almeida, C. 13 (1,2.1), 14 (1,2.1); **Almeida, M.N.** 70 (2,4.1), 74 (2,2); **Alves, J.** 316 (1,2.1); **Alves, K.** 4 (2,8); **Amorim, A.M.** 1541 (1,2.1); **Barreto, A.O.** s.n. ASE 00291 (1,3); **Barrett, S.C.** 1369 (2,8), 1390 (2,5), 1391 (2,5); **Barros, F.** 2406 (1,2.2), 2443 (2,4.1); **Carneiro, E.M.** 75 (2,3), 167 (2,1); **Coelho, D.M.** 358 (2,3); **Costa, S.M.** 208 (1,2.1), 353 (1,3), 354 (2,6.2); **Cruz, A.C.S.** 5 (2,4.1); **Dantas, T.V.P.** 15 (1,3); **Esteves, G.L.** 2555 (2,4.1), 2556 (1,3); **Farney, C.** 2739 (1,2.1); **Fonseca, M.R.** 382 (1,2.1); 388 (2,8), s.n. ASE 68 (2,4.1), s.n. ASE 743 (2,4.1), s.n. ASE 487 (2,6.1), s.n. ASE 00484 (1,2.1), s.n. ASE 7333 (1,2.1); **Gomes, E.** 148 (1,1); 166 (2,4.1), 216 (2,8), 233 (2,4.1), 282 (1,2.1); **Goncalves, L.M.C.** 228 (2,4.1); **Harley, R.M.** 54307 (2,3); **Hatschbach, G.** 63198 (2,4.1); **Jardim, J.G.** 325 (1,2.1); **Josivaldo** s.n. ASE 11616 (2,4.1); **Landim, M.** 153 (1,2.A), 154 (1,2.A), 572 (2,8), 779 (1,3), 1510 (1,2.1), 1546 (2,4.1); **Lemos, I.C.** 61 (1,4); **Machado, W.J.** 25 (1,4), 146 (2,3), 409 (2,3); **Marcal, R.M.** s.n. ASE 7914 (2,1); **Matos, E.** 114 (2,4.1); **Matos, G.M.A.** 34 (2,3); **Matos, I.S.** 51 (2,4.2); **Mattos Silva, L.A.** 2979 (1,2.1); **Melo, J.F.** 61 (2,4.2); **Menezes, I.R.N.** 230 (1,2.1); **Nascimento -Junior, J.E.** 132 (1,3), 173 (2,3), 190 (2,4.1), 301(2,8), 312 (2,1), 313 (2,8), 461 (1,2.1), 619 (2,8), 679 (1,1), 784 (2,8); **Oliveira, D.G.** 152 (2,8); **Oliveira, D.M.** 111 (2,8); **Prata, A.P.** 1207 (2,6.2), 1429 (2,6.2), 1515 (1,2.1), 1529 (1,2.1), 1530 (1,2.1), 1651 (2,2), 1655 (2,2), 1665 (1,2.1), 2205 (2,8), 2373 (2,3), 2427 (2,3); **Proença, C.** 571 (1,2.1); **Ramos, M.** 17 (1,2.1), 31 (2,7); **Ribeiro, L.V.** 46 (2,1), 85 (2,4.1), 129 (2,6.2); **Rodrigues, L.M.O.** 63 (2,4.1); **Sales, A.B.** 52 (2,1); **Santana, J.F.** 3 (1,4); **Santana, M.C.** 121 (1,4); **Santos, C.S.** 39 (2,3), 154 (2,8), 246 (2,8), 301 (2,8); **Santos, L.A.S.** 268 (2,4.1), 270 (2,1), 274 (2,8), 373 (1,4), 458 (1,3), 537 (2,3); **Santos, L.R.O.** 4 (1,2.1); **Santos, M.L.** 147 (2,4.2), s.n. ASE 5224 (1,3); **Santos, S.S.C.** 16 (1,2.1); **Shore, J.** 1 (2,5); **Silva, A.C.** 12 (1,3); **Silva, A.C.C.** 45 (2,5), 62 (2,8), 119 (2,8), 201 (1,1), 216 (1,1), 217 (1,3), 279 (1,3); **Silva, R.A.** 1717 (2,8), 1756 (2,1); **Souza, C.A.S.** 9 (1,2.1), 45 (1,4); **Viana, G.** 106 (2,4.1), 825 (2,4.2), 830 (1,3), 941 (1,4), 1220 (2,1), 1496 (2,4.1), 1701 (1,4), 1709 (2,4.1), 1792 (2,1), 1796 (2,4.1), 1857 (2,4.2), 2036 (1,4), 2074 (1,2.1).



Figura 1. A-E. *Piriqueta cystoides* (L.) Griseb. A. Rama florida. B. Detalhe da folha, pelos estrelados. C. Flor. D. Semente com arilo. E. Detalhe do fruto, pelos simples (A.C.C. Silva 216 ASE). F-J. *Piriqueta duarteana* (Cambess.) Urban. F. Rama florida. G. Detalhe da folha, pelos porreto-estrelados. H. Flor. I. Semente com arilo. J. Detalhe do fruto, pelos glandulares (E.Gomes 282 ASE). K-O. *Piriqueta guianensis* N.E.Br. K. Rama com flores e frutos. L. Detalhe da folha, pelos porreto-estrelados. M. Flor. N. Semente com arilo. O. Detalhe do fruto, pelos simples (G. Viana 830 ASE). P-T. *Piriqueta racemosa* (Jacq.) Sweet. P. Rama com flores e frutos. Q. Detalhe da folha, pelos porreto-estrelados. R. Flor. S. Semente com arilo. T. Detalhe do fruto, pelos simples (L.A. Santos 373 ASE).



Figura 2. A-D. *Turnera coerulea* DC. var. *coerulea*. A. Rama florida. B. Detalhe da folha, pelos simples. C. Flor. D. Semente com arilo (A.P. Prata 2373, ASE). E-H. *Turnera coerulea* var. *surinamensis*. (Urb.) Arbo & A. Fernández. E. Rama com flores e frutos. F. Detalhe da folha, pelos na nervura mediana. G. Flor. H. Semente com arilo (J.F. Melo et al. 61 ASE). I-M. *Turnera calyptrocarpa* Urb. I. Rama florida. J. Detalhe da face abaxial da folha com pelos simples e pelos glandulares capitado-sésseis. K. Flor. L. Semente com arilo. M. Fruto com restos do perianto (L.A.S. Santos 270 ASE). N-R. *Turnera cearensis* Urb. N. Rama com flor e frutos. O. Detalhe da folha com pelos estrelados. P. Flor. Q. Semente com arilo. R. Fruto com restos do perianto (A.P. Prata 1651 ASE).

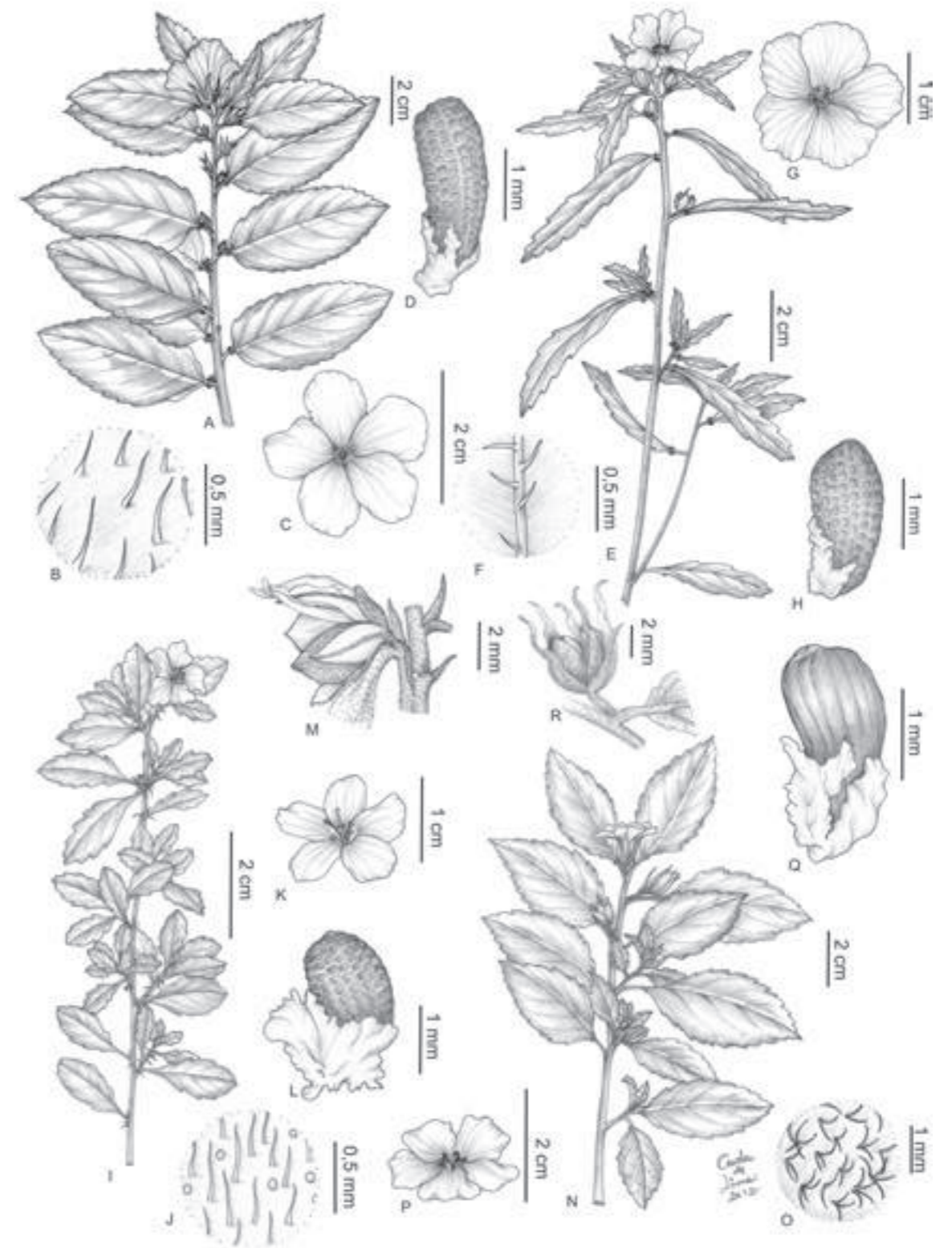


Figura 3. A-D. *Turnera chamaedrifolia* Cambess. in Saint Hilaire et al. A. Rama florida. B. Detalhe da folha, pelos simples e pelos glandulares capitado-estipitados. C. Flor. D. Semente com arilo (A.P. Prata 2373, ASE). E-H. *Turnera hermannioides* Cambess. in Saint Hilaire et al. E. Rama florida. F. Detalhe da face adaxial da folha, pelos estrelados. G. Flor. H. Semente com arilo (A.C.C. Silva et al. 119 ASE). I-L. *Turnera melochioides* var. *latifolia* Urb. I. Rama com flor e frutos. J. Detalhe da folha, pelos simples. K. Flor. L. Semente com arilo (A.P. Prata 1429, ASE). M-P. *Turnera pumilea* L. M. Planta com flor. N. Detalhe da folha, pelos simples. O. Flor. P. Semente com arilo (M. Ramos & E. Santos 31, ASE). Q-R. *Turnera subulata* Sm. in Rees. Q. Rama com flor e frutos. R. Detalhe da face abaxial da folha com pelos simples e pelos glandulares micro-capitados (A.C.C. Silva et al. 119, ASE).

Claudenir Simões Caires¹

Erva hemiparasita aérea. Caule circular a quadrangular, raro cladódio, glabro, verde a amarelo-esverdeado. Folha expandida, raro escamiforme, simples, decussada, crassa, lisa, glabra, peciolada ou sésil, margem inteira. Espiga carnosa, articulada, axilar ou terminal, unissexual ou bissexual, 2-6 séries de flores por artículo. Flor monoclamídea, unissexual, 3-4-mera; pétala valvar. Androceu isostêmone, epipétalo; antera monoteca ou biteca. Ovário ínfero, sincárpico, unilocular, óvulo indiferenciado. Fruto bacáceo, monospérmico, branco a vermelho, perianto persistente. Semente albuminosa, endosperma clorofilado.

A família possui sete gêneros e ca. de 521 espécies (Nickrent *et al.* 2010) distribuindo-se pelas regiões tropicais e subtropicais do planeta, com maior diversidade nas regiões tropicais. No Brasil ocorrem três espécies de *Dendrophthora* Eichler e 62 de *Phoradendron* Nutt., sendo *Phoradendron* amplamente distribuído (Caires & Dettke 2012), e registrado em todos os biomas brasileiros (Arruda *et al.* 2012). Em Sergipe foi registrada a ocorrência de sete espécies (Ilustrações ver Kuijt 2003).

Phoradendron Nutt.

Hemiparasita, raro epiparasita, monóica, ereta a pendente; 1-5 pares de catáfilos no entrenó basal do ramo lateral ou em todos os entrenós, livres ou formando bainha. Caule circular a quadrangular, em geral clorofilado, raro cladódio achatado. Folha crassa a coriácea, geralmente peciolada, nervação pinada ou palmada, raro reduzida a escama. Espiga terminal ou axilar, articulada, bissexual; 1 par de brácteas opostas cruzadas por artículo. Flor em 2-6 séries por artículo, 3-4-mera, unissexual; antera biteca. Fruto bacáceo, liso a verrucoso, branco a vermelho, pétalas abertas eretas ou fechadas.

Ocorre desde os EUA até a Argentina, apresentando ca. de 234 espécies (Kuijt 2003). *Phoradendron* é similar a *Dendrophthora* Eichler sendo distinto apenas pelas anteras bitecas (Caires & Proença 2005). Em Sergipe foram registradas sete espécies de *Phoradendron*.

Chave para identificação das espécies de **Phoradendron** de Sergipe

- 1. Folhas escamiformes; caules modificados em cladódios **7. P. tunaeforme**
- 1. Folhas não escamiformes; caules não modificados em cladódios 2
- 2. Catáfilos presentes em todos os entrenós 3
- 3. Folhas com nervação pinada **4. P. piperoides**
- 3. Folhas com nervação palmada 4
- 4. Artículos com 6 flores; fruto ovoide, pétalas abertas e eretas **6. P. strongyloclados**

- 4. Artículos com 26-36 flores; fruto globoide, pétalas fechadas **1. P. chrysocladon**
- 2. Catáfilos presentes apenas no entrenó basal dos ramos laterais 5
- 5. Caules angulosos (romboidais a quadrangulares) **5. P. quadrangulare**
- 5. Caules não angulosos (elípticos a circulares) 6
- 6. Folhas obovadas, espatuladas, elípticas ou falciformes, largas (15-24 mm); fruto elipsoide alongado, com pétalas abertas e eretas **3. P. obtusissimum**
- 6. Folhas lineares, estreito-elípticas a estreito-espatuladas, estreitas (2-5 mm); fruto elipsoide a globoide, com pétalas fechadas **2. P. liga**

1. Phoradendron chrysocladon A. Gray, U.S. Explor. Exped. [Bot., Phanerogam.] 15(1): 743. 1854.

Caule jovem elíptico, caule adulto elíptico a circular, amarelado *in sicco*; entrenó 3,5-6(8,5) x 0,3-0,4 cm. Catáfilo 1 par estéril, oposto as folhas, inseridos à 4-8 mm do nó proximal. Folha cartácea *in sicco*, ovada a largo-elíptica, ápice agudo a acuminado, base cuneada, 6,5-10 x 4-5,5 cm; nervação palmada com 3(-5) nervuras primárias evidentes, com retículo de nervuras secundárias visíveis; pecíolo 5-7 x 1,5 mm. Espiga 1(2) axilares, 6,3-10 cm de compr., com 1(2) artículos estéreis na base, de 0,3-1 cm de compr., com 5-6 artículos férteis de 1,2-2,5 x 0,4-0,6 cm, ca. 26-36 flores por artículo, verdes a amareladas, trisseriadas. Fruto globoide, 4 x 3 mm, liso, imaturo verde e amarelo quando maduro; pétalas fechadas.

Comentários: Registrada em beira de trilhas em ambientes de mata de terras baixas e, também, em matas de altitude. Não foram registrados os seus hospedeiros para Sergipe, mas na Paraíba foi encontrada parasitando *Tapirira guianensis* Aubl. (Anacardiaceae).

Material Examinado: **BRASIL. Sergipe:** Itabaiana, topo da Serra de Itabaiana, 27/II/1983, fl., fr., M.C. Santana 141 (ASE); Santa Luzia do Itanhhy, Mata do Crasto, 10/VII/1995, fl. fr., M. Landim 463 (ASE).

Material Adicional Examinado: **BRASIL. Paraíba:** Areia, mata do Pau Ferro, 29/VIII/1980, fl., D. Andrade-Lima *et al.* 25847 (ASE).

2. Phoradendron liga (Gillies ex Hook. & Arn.) Eichler, Fl. bras. 5(2): 134m. 1868.

Caule jovem elíptico a circular, caule adulto circular, enegrecido *in sicco*; entrenó 1,5-5,3(-6,3) x 0,1-0,3 cm. Catáfilo estéril 1(2) pares na base do primeiro entrenó dos ramos laterais, acima (2-)4-10 mm do nó. Folha coriácea *in sicco*, linear, estreito-elíptica a estreito-espatulada, ápice redondo a agudo, mucronulado, base longo-atenuada, 2-5,3 x 0,2-0,5 cm; nervação inconspícua raro 3 nervuras primárias, palmadas; pecíolo indistinto a 2 x 2 mm. Espiga 1(-3) por axila, 1-5,5 x 0,2-0,3 cm, com 1 artículo basal estéril de (2-)4-10 mm de compr., com 3-4(-5) artículos férteis de 2-15 x 1,5-3 mm, ca. (4-)6-14(-18) flores por artículo, bisseriadas. Fruto elipsoide a globoide, 3-4 x 2-3 mm, liso, alaranjado quando

¹ Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Departamento de Ciências Naturais, Vitória da Conquista, CEP 45083-900, Bahia, Brasil. E-mail: cscaires@hotmail.com

maduro; pétalas fechadas.

Comentários: Registrada em ambiente de Caatinga, sem informações sobre hospedeiros. Material Examinado Selecionado: **BRASIL. Sergipe:** Canindé de São Francisco, Assentamento Santa Rita, 9°42'03"S, 37°59'15"W, Caatinga, 20/IX/2010, fl. fr., *W.J. Machado et al. 844* (ASE); Poço Redondo, Monumento Natural Grota do Angico, Caatinga, 22/IX/2009, fl. fr., *J.E. Nascimento Jr & T. Dantas 621* (ASE).

3. *Phoradendron obtusissimum* (Miq.) Eichler, Fl. bras. 5(2): 134m. 1868.

Caule jovem elíptico, caule adulto elíptico a circular, verde-enegrecido *in sicco*; entrenó 3,3-5,5(-8,5) x 0,2-0,4(-0,5) cm. Catáfilo 1 par na forma de bainha na base do ramo lateral; nó intumescido pela existência de 2-3 ramificações laterais por axila foliar. Folha crassa *in natura*, coriácea *in sicco*, obovada a espatulada, raro elíptica a falciforme, ápice redondo a obtuso, base longo atenuada, 5-6 x 1,5-2,4 cm; nervação palmada, 3-5 nervuras primárias finas, evidentes, retículo inconspícuo; pecíolo 4-10 x 1 mm. Espiga 1-2 por axila, 1-2 x 0,1-0,2 cm, 1 artículo estéril de 3-5 mm de compr., com 2(3) artículos férteis de 3-6 mm de compr., ca. (2-)6-12 flores por artículo, bisseriadas. Fruto elipsoide alongado, 7 x 3 mm, liso, maduro alaranjado; pétalas eretas abertas.

Comentários: Em Sergipe foi encontrada vegetando em Caatinga hipoxerófila e em ambiente de Mata Atlântica com solo arenoso, sendo observada em Alagoas em ambiente de mangue. Os seus hospedeiros em Sergipe não foram registrados, mas foram encontradas sobre "camondongo" [*Albizia polycephala* (Benth.) Killip ex Record - Fabaceae] na Paraíba e sobre *Laguncularia racemosa* (L.) C.F. Gaertn. (Combretaceae) em Alagoas.

Material Examinado: **BRASIL. Sergipe:** Riachão do Dantas, Fazenda Salobre, 02/II/1983, fr., *E. Gomes 183* (ASE); Santa Luzia do Itanhy, RPPN Mata do Crasto, borda da mata das mangueiras, 11°23'53"S, 37°25'30"W, 09/VIII/2011, fl. fr., *A.P.N. Prata et al. 2618* (ASE).

Material Adicional Examinado: **BRASIL. Alagoas:** Maceió, bairro do Mutange, próx. da Lagoa Mundaú, 04/VIII/1994, fr., *C.S.S. Barros & I.A. Bayma 220* (ASE). **Paraíba:** Natuba, Sítio Quiré, alto da serra, 27/XI/1971, fl., fr., *D. Andrade-Lima et al. 1045* (ASE).

4. *Phoradendron piperoides* (Kunth) Trel., Phoradendron: 145. 1916.

Caule jovem elíptico, caule adulto circular, castanho a negro *in sicco*; entrenó (1-)4,5-11 x 0,2-0,3 cm. Catáfilo 1 par estéril oposto as folhas em todos os entrenós, nascendo a 1,7-3 cm do nó e (2-)5-7 catáfilos estéreis no entrenó proximal das ramificações laterais. Folha ovada a elíptica, coriácea *in sicco*, ápice agudo, base cuneada a aguda, (4-)7,5-9,5 x (1,5-)3,7-5 cm; nervação pinada obscura, nervura mediana visível e abaxialmente saliente; pecíolo 2-5 x 2 mm. Espiga 1-3 axilar, 3,5-6 x 0,3 cm, 1-2 artículos estéreis, 2-5 mm de compr., alaranjados, com 6-8 artículos férteis de 7-10 mm de compr., ca. (6-)10-18 flores

por artículo, bisseriadas, amarelas. Fruto elipsoide, 2-3 x 1,5 mm, liso, alaranjado; pétalas abertas ou fechadas.

Comentários: Foi encontrada em ambiente de Cerrado, sem registro de seus hospedeiros para Sergipe, sendo coletada sobre *Ziziphus joazeiro* Mart. (Rhamnaceae) e "árvore-piju" em Pernambuco. Os artículos avermelhados das espigas, visíveis no material seco, diagnósticos para essa espécie (Caires & Proença 2005), não foram observados nesses exemplares examinados, porém as espigas eram alaranjadas no material vivo, de acordo com os dados das etiquetas.

Material Examinado: **BRASIL. Sergipe:** Itabaiana, 7 km após a entrada de Itabaiana, Cerrado, 04/III/1982, fr., *E. Carneiro 290* (ASE).

Material Adicional Examinado: **BRASIL. Pernambuco:** Caruaru, Brejo dos Cavalos, 20/II/1981, fr., *D. Andrade-Lima et al. 09* (ASE 1925); Sertânia, BR 110, ca. de 26 km ao N. de Cruzeiro do Nordeste, 05/XI/1971, fl., *D. Andrade-Lima 71-6616* (ASE).

5. *Phoradendron quadrangulare* (Kunth) Griseb., Fl. Brit. W.I. 711. 1864.

Caule jovem e adulto anguloso, sendo losangular (romboidal) a quadrangular quando jovem e quadrangular quando adulto, tornando-se cilíndrico quando muito velho, mas mantendo as 4 linhas dos ângulos do caule jovem, verde-acastanhado a negro *in sicco*; entrenó 2-4,5(-6) x 0,2-0,4 cm. Catáfilo 1 par estéril na forma de bainha na base dos ramos laterais ou 4 mm acima dos nós. Folha elíptica a obovado-espatulada, cartácea *in sicco*, ápice obtuso a redondo raro agudo, às vezes mucronulado, base cuneada, (2,5-)3,5-6 x (0,8-)1-2,3 cm; nervação palmada, 3-5 nervuras primárias evidentes, retículo inconspícuo; pecíolo 2-3 x 1,5 mm. Espiga 1-2 axilar, (1,5-)2,4-4,7 x 0,2 mm, 1-2(-3) artículos basais estéreis, 1-4(-8) mm de compr., verdes, com 3-4 artículos férteis de (4-)6-8(-15) mm de compr., ca. (6-)14-18 flores por artículo, bisseriadas, amareladas. Fruto elipsoide a globoide, 3-4 x 2,5-3 mm, liso, imaturo verde, maduro alaranjado a vermelho-alaranjado; pétalas fechadas. Comentários: Espécie registrada em ambientes de Caatinga, restinga, brejo de altitude e em bordas de matas alteradas. Um único exemplar portava informações sobre o hospedeiro, tratando-se de *Randia* L. (Rubiaceae).

Material Examinado Selecionado: **BRASIL. Sergipe:** Aracaju, Povoado Mosqueiro, 28/V/1982, fl., fr., *M.C. Santana 95* (ASE); Canindé de São Francisco, Unidade de Conservação Monumento Natural Grota do Angico, 31/III/2010, fl. fr., *A.C.C. Silva & S.M. Rocha 233* (ASE); Estância, Povoado Abaís, 06/III/1998, fl. fr., *C. Amaral & E. Santos 61* (ASE); Monte Alegre de Sergipe, Ass. Raimundo Monteiro, 20/X/2010, fl. fr., *J.W. Machado 933* (ASE); Pacatuba, Povoado Piranhas, 10°33'09"S, 36°37'01"W, Restinga, 01/VI/2012, fl. fr., *D.G. Oliveira et al. 415* (ASE); Pirambú, Reserva Biológica de Santa Isabel, Sem data, fl., *M.R. Fonseca & E. Santos 68* (ASE); Poço Redondo, Serra da Guia, brejo de latitude, 29/03/2010, fl. fr., *W.J. Machado et al. 286* (ASE); Porto da Folha, Povoado Lagoa Grande, Fazendo São Pedro, lado esquerdo da estrada principal em direção ao Assentamento São Judas Tadeu, 10°02'01"S,

37°24'31"W, Caatinga, 01/09/2011, fr., *D.G. Oliveira et al.* 299 (ASE); Santa Luzia do Itanhy, Mata do Crasto, 29/VIII/1996, *M. Landim* 998 (ASE).

6. *Phoradendron strongyloclados* Eichler, Fl. bras. 5(2): 109. 1868.

Caule jovem elíptico, caule adulto elíptico a circular, verde-escuro a verde-amarelado *in natura*, esverdeado a castanho-amarelado e estriado *in sicco*, 2-3 a multi-furcados, formando densa ramificação; entrenós 2-6,3(-9) x 0,2-0,3(-0,5) cm. Catáfilos 1(2) pares na forma de bainha na base dos entrenós, castanho-claros, conspícuos. Folha elíptica a lanceolada raro estreito-ovada, crassa e verde-escuro *in natura*, coriácea e verde a castanho-amarelada *in sicco*, ápice agudo a obtuso raro longo acuminado, base obtusa a redonda, 2-3,5(-5) x 0,8-1,5 cm; nervação palmada, 3-5 nervuras obscuras; pecíolo ca. 1 x 1 mm, amarelado. Espiga 1-2 axilares e 1 terminal, 1-2,5 x 0,3 cm, 1-2 artículos estéreis, 2-3 mm de compr., com (2-)3(-4) artículos férteis, 5 mm de compr., 6 flores por artículo, cremes, bisseriadas, sendo a flor apical estaminada e as duas laterais pistiladas; as foveas dos artículos em fruto são largas (ca. 2 mm de diâm.) e profundas (ca. 1 mm), conspícuas nas espigas maduras. Fruto ovoide, com a base inserida na fovea, 5 x 3 mm, liso, imaturo verde a marrom-esverdeado, maduro alaranjado a vermelho; pétalas abertas e eretas.

Comentários: A disposição das flores pistiladas e estaminadas deixam os artículos quadrangulares e a disposição dos frutos se apresenta na forma de cruz. O padrão de ramificação e os padrões das flores na inflorescência tornam essa espécie de fácil determinação. Ocorre em mangue, Mata Atlântica, agreste, restinga e mata com manchas de campo de restinga, em solos arenosos (geralmente de areia branca), sendo alguns casos com areia quartzosa marinha. Três exemplares examinados foram coletados sobre *Coccoloba* P. Browne (Polygonaceae).

Material Examinado Selecionado: **BRASIL. Sergipe:** Areia Branca, Parna Serra de Itabaiana, ao lado da estrada que dá acesso ao portão principal do parque, 24/XI/2010, fr., *M.A. Farinaccio et al.* 761 (ASE); Estância, beira da estrada da Caueira, 02/IV/1997, fl., fr., *M. Landim* 1230 (ASE); Itabaiana, Serra de Itabaiana, no topo da Serra Comprida, 01/VIII/2007, fl., fr., *J.E. Nascimento Jr & L. Amaral* 144 (ASE); Pirambu, Sítio Paraíso, restinga de solo arenoso, 10°38'00"S, 3645'28"W, 26/VI/2012, fl., fr., *A.P.N. Prata et al.* 3102 (ASE); Santa Luzia do Itanhy, RPPN Mata do Crasto, 11°22'52"S, 37°26'11"W, 04/VII/2010, fl., fr., *A.P.N. Prata et al.* 2300 (ASE).

7. *Phoradendron tunaeforme* (DC.) Eichler, Fl. bras. 5(2): 108. 1868.

Cladódio achatado, verde e estriado *in sicco*; entrenós 2,7-4,5 x 0,4-0,5 cm. Folha escamiforme, ca. 0,5-1 mm, visível apenas nos ramos jovens. Espiga 1(2) axilares, 5-10 x 2 mm, com 1-2 artículos férteis, 4-6 mm de compr., 6 flores por artículo, bisseriadas, sendo a flor apical estaminada e as duas laterais pistiladas. Fruto globoso, 3 x 2 mm, verrucoso; pétalas abertas, eretas.

Comentários: Registrada em ambiente de Caatinga.

Material Examinado: **BRASIL. Sergipe:** Poço Redondo, Serra da Guia, na subida da serra, 19/III/2009, fr., *J.E. Nascimento Jr & J.W. Machado* 566 (ASE).

Referências bibliográficas

Arruda, R.; Fadini, R.F.; Carvalho, L.N.; Del-Claro, K.; Mourão, F.A.; Jacobi, C.M.; Teodoro, G.S.; van den Berg, E.; Caires, C.S. & Dettke, G.A. 2012. Ecology of neotropical mistletoes: an important canopy-dwelling component of Brazilian ecosystems. **Acta Botanica Brasilica** 26(2): 264-274.

Caires, C.S. & Dettke, G.A. 2012. Santalaceae. In: **Lista de Espécies da Flora do Brasil**. Jardim Botânico do Rio de Janeiro. (<http://floradobrasil.jbrj.gov.br/2012/F000215>)

Caires, C.S. & Proença, C.E.B. 2005. Viscaceae. In: Cavalcanti, T.B. & Ramos, A.E. (Org.), **Flora do Distrito Federal, Brasil**. Brasília: Embrapa-CENARGEN, vol. 4: 41-76.

Kuijt, J. 2003. Monograph of *Phoradendron* (Viscaceae). **Systematic Botany Monographs** 66: 1-643.

Nickrent, D.L.; Malécot, V.; Vidal-Russell, R. & Der, J.P. 2010. A revised classification of Santalales. **Taxon** 59(2): 538-558.

Lista de Exsicatas

Amaral, C. & Santos, E.: 61 (5); **Amorim, A.M. et al.** 1479 (6); **Andrade, A.B. et al.:** 11 (6); **Andrade-Lima, D.:** 71-6616 (4); **Andrade-Lima, D. et al.:** 09 (4), 1045 (3), 25847 (1); **Barros, C.S.S. & Bayma, I.A.:** 220 (3); **Carneiro, E.:** 290 (4); **Dantas, T.V.P. & Nascimento Jr, J.E.:** 42 (6); **Farinaccio, M.A. et al.** 761 (6); **Fonseca, M. et al.:** 434 (6); **Fonseca, M.R. & Santos, E.:** 68 (5); **Gomes, E.:** 183 (3); **Landim, M.:** 444 (6), 463 (1), 998 (5), 1230 (6); **Machado, J.W.:** 933 (5); **Machado, W.J. et al.:** 286 (5), 844 (2); **Nascimento Jr, J.E. & Amaral, L.:** 144 (6); **Nascimento Jr, J.E. & Dantas, T.:** 621 (2); **Nascimento Jr, J.E. & Machado, J.W.:** 566 (7); **Nascimento Jr, J.E. & Melo, D.S.:** 280 (2); **Oliveira, D.G. et al.:** 299 (5), 415 (5); **Prata, A.P.N.:** 1219 (2); **Prata, A.P.N. et al.:** 1648 (5), 2300 (6), 2618 (3), 3102 (6); **Santana, M.C.:** 95 (5), 141 (1); **Santana, M.C. et al.:** 918 (6); **Sant'Ana, S.C. et al.:** 382 (6); **Silva, A.C.C. & Rocha, S.M.:** 233 (5).

Lianas ou arbustos (*Leea*), gavinhas opositifolias. Folhas alternas, pecioladas, estipuladas, simples ou compostas. Inflorescências compostas, cimosas ou racemosas, opositifolias, axilares ou terminais; flores pediceladas, actinomorfas, monóclinas, hipogínicas; flores (4-)5-meras, cálice gamossépalo, pétalas livres, valvares, geralmente caducas na antese; estames 4(-5), livres entre si, opostos às pétalas, anteras ditecas; disco intraestaminal, anular ou tubular, geralmente adnato ao ovário; ovário 2(-5)-carpelar, às vezes com pseudoseptos (*Leea*), 2-4(-10)-locular, súpero, estilete central, estigma pontual ou capitado, óvulos 1-2 por lóculo. Frutos bagas com 1-2(-6) sementes.

Vitaceae inclui 13 a 15 gêneros e ca. 750 espécies ocorrendo nas regiões tropicais, subtropicais e temperadas do mundo. No Brasil ocorre naturalmente apenas *Cissus*. Espécies e híbridos de videiras do gênero *Vitis* são frequentemente cultivadas devido aos seus frutos, embora nenhuma coleta tenha sido registrada em Sergipe. *Leea rubra* Blume ex Spreng., uma espécie arbustiva, também é encontrada cultivada como plantas ornamental em Sergipe.

Cissus L.

Lianas, glabras ou com tricomas de vários tipos, ramos suculentos a lenhosos. Estípulas escamiformes a triangulares, papiráceas a carnosas, caducas ou persistentes. Folhas simples ou compostas. Inflorescências cimosas, umbeliformes; pedúnculos cilíndricos; pedicelos cilíndricos; cálice 4-mero, cotiliforme; corola 4-mera, pétalas induplicadas e coerentes entre si nas margens, caducas na antese em caliptra mais ou menos coerente ou isoladamente; estames 4, filetes de base abaulada, aderentes a base do disco nectarífero, tecas biloculares, deiscência longitudinal; disco cobrindo a superfície externa do ovário, aplanado ou tubuloso; estigma diminuto, punctiforme a levemente capitado, papiloso. Epicarpo fino, papiráceo; sementes 1(-4), endosperma 3-lobado em secção transversal.

Único gênero da família ocorrendo naturalmente no Brasil, com 48 espécies, ocorrendo principalmente em áreas de mata, mas também presentes em campos, restingas e cerrado. Em Sergipe representado por 11 espécies.

Chave para identificação das espécies de **Vitaceae** de Sergipe

1. Plantas quando floridas desprovidas de folhas.....**2**
2. Disco tubuloso 4-lobado, acrescente na base do fruto **4. *Cissus decidua***
- 2'. Disco aplanado, não acrescente na base do fruto **2. *Cissus bahiensis***

¹ Departamento de Botânica, Instituto de Biociências de Rio Claro, Universidade Estadual Paulista - UNESP, Av. 24 A 1515, Bela Vista, 13506-900, Rio Claro, SP, Brasil. E-mail: cissus@rc.unesp.br

- 1'. Plantas quando floridas, ou com frutos, portando folhas.....**3**
3. Folhas simples **11. *Cissus verticillata***
- 3' Folhas compostas.....**4**
4. Folhas digitadas.....**5**
5. Flores verde-amareladas, estípulas escamiformes **9. *Cissus simsiana***
- 5'. Flores avermelhadas, estípulas intumescidas e carnosas, folíolos lanceolados a estreito-elípticos **6. *Cissus palmata***
- 4'. Folhas trifolioladas ou pinadas.....**6**
6. Folhas trifolioladas.....**7**
7. Flores vermelhas a alaranjadas **5. *Cissus erosa***
- 7'. Flores verde-amareladas.....**8**
8. Caules, pelo menos os mais velhos, ramentáceos mas não alados **1. *Cissus albida***
- 8'. Caules alados, não ramentáceos **10. *Cissus sulcicaulis***
- 6'. Folhas pinadas.....**9**
9. Tricomas malpiguiáceos ausentes, plantas glabras ou com tricomas não ramificados ..
..... **8. *Cissus pinnatifolia***
- 9'. Tricomas malpiguiáceos presentes, pelo menos no ápice dos pedúnculos.....**10**
10. Disco tubuloso 4-lobado, acrescente na base do fruto, ramos suculentos, ramos reprodutivos vináceos, quando florida só com folhas jovens (normalmente desprovida de folhas) **4. *Cissus decidua***
- 10'. Disco não tubuloso, aplanado ou levemente côncavo, disco remanescente inconspícuo na base do fruto, portando folhas maduras quando florida.....**11**
11. Folíolos na face abaxial densamente pilosos **3. *Cissus blanchetiana***
- 11'. Folíolos na face abaxial esparsamente pilosos ou glabrescentes.....**12**
12. Pedicelos glabros, estípulas caducas, quando florida só com folhas jovens (normalmente desprovida de folhas), frutos subsféricos, lisos **2. *Cissus bahiensis***
- 12'. Pedicelos tomentosos, estípulas persistentes, espessando-se em estruturas intumescidas curtas e carnosas, portando folhas maduras quando florida, frutos botuliformes, lenticelados **7. *Cissus paulliniifolia***

1. *Cissus albida* Cambess. In A.St-Hil., Fl. Bras. merid. 1: 344. 1828.

Ramos angulosos, ramentáceos; tricomas não ramificados, glandulares e não glandulares. Folhas trifolioladas; pecíolos 1,2-5,8 cm, ramentáceos; estípulas falcadas; folíolos 2,5-13,5 x 1-6,5 cm, elípticos, rômnicos ou obovais, ápice agudo, margem denticulada, base oblíqua ou atenuada, membranáceos. Inflorescências 3,5-5,0 x 2,5-4,0 cm; pedúnculos 1,6-3,0 cm, verdes, hispídeos; pedicelos ca. 2,0 mm, hispídeos, esverdeados; cálice truncado, base truncada ou inconspícuo lobulada, hispídeo, verde-amarelado; pétalas esparso-hispídas, principalmente no ápice, verde-amareladas; disco aplanado ou levemente côncavo, amarelo. Baga 6-12 x 6-8 mm, piriforme, púrpura (Lombardi, 2000); semente 1, ca. 12 x 5 mm, uma, subclavada (Lombardi, 2000).

Comentário: *Cissus albida* é muito semelhante à *C. subrhomboidea* (Baker) Planch.,

distinguindo-se pelos folíolos não bulados, pelos frutos piriformes e pelo tamanho da semente (Lombardi, 2000). Em Sergipe foi coletada somente em área de caatinga. Coletada com flores em maio, não coletada com frutos em Sergipe.

Material examinado: **BRASIL. Sergipe:** Poço Verde, Fazenda Santa Maria da Lage, IX/2010, est, *E.V.R. Ferreira 198* (ASE, HRCB); Porto da Folha, povoado Lagoa Grande, Fazenda São Pedro, lado esquerdo da estrada principal em direção ao Assentamento São Judas Tadeu, VI/2011, fl, 10°02'06"S, 37°24'31"W, *D.G. Oliveira 185* (ASE, HRCB).

2. *Cissus bahiensis* Lombardi, Brittonia 48: 195. 1996.

Ramos suculentos, de seção circular ou sulcados (às vezes alargando-se em túberas caulinares; Lombardi, 2000); tricomas malpiguiáceos. Folhas 5,2-26,4 x 5,4-39 cm, bipinadas ou tripinadas (Lombardi, 2000); pecíolos 1,3-12,3 cm, esparso seríceos a esparso vilosos (Lombardi, 2000); estípulas elípticas; ráquis e eixos secundários seríceos a glabrescentes (Lombardi, 2000); folíolos 0,3-18 x 0,6-14,6 cm, 7-15 pares, simples, ternados ou pinados, lâminas elípticas, ovais ou orbiculares, ápices agudos a obtusos, margem denticulada, bases arredondadas, cordadas ou oblíquas, glabros ou subseríceos na face adaxial, esparso pubescentes a seríceos na face abaxial, membranáceos (Lombardi, 2000). Inflorescências 1,5-4,2 x 1,5-3,7 cm; pedúnculos 0,6-1,7 mm compr., vermelhos, esparso seríceos a seríceos; pedicelos 4-7 mm, glabros, vermelhos; cálice truncado, base arredondada, glabro, vermelho; pétalas glabras, vermelhas; disco aplanado ou levemente côncavo, vermelho. Baga 8-9 x 5-7 mm, subesférica, púrpura (Lombardi, 2000); semente 1, 6,5 x 4-5 mm, subesférica (Lombardi, 2000).

Comentários: *Cissus bahiensis* é uma espécie exclusivamente conhecida da caatinga e de afloramentos calcários, em Sergipe só foi coletada na primeira formação. Pode ser confundida com *C. decídua* por florescer sem folhas, mas se distingue pelo disco não tubular, não acrescentado no fruto. Coletada com flores de novembro a janeiro e em abril e setembro, e com frutos imaturos em abril.

Material selecionado: **BRASIL. Sergipe:** Poço Redondo, Serra da Guia, XII/2009, bt, *W.J. Machado 96* (ASE, HRCB).

3. *Cissus blanchetiana* Planch. in A. DC. & C. DC., Monogr. phan. 5: 556. 1887.

Ramos de seção circular; tricomas malpiguiáceos. Folhas 20-26 x 24-29 cm, bipinadas; pecíolos 3,5-7,5 cm, vilosos a esparso seríceos; estípulas deltóides; ráquis e eixos secundários seríceos a glabrescentes; folíolos 2,2-16,5 x 0,8-8,0 cm, 4-5 pares, simples ou pinados, lâminas elípticas a ovais, ápices agudos a acuminados, margem denticulada, bases arredondadas a cuneadas, lanosos em ambas as faces, esparso vilosos na face adaxial, esparso seríceos a glabrescentes em ambas as faces, membranáceos. Inflorescências 1,5-3,0 x 1,5-3,5 cm; pedúnculos 0,5-1,1 mm compr., verdes, vilosos a

glabrescentes; pedicelos 2,5-3 mm, glabros a pubescentes, verdes; cálice truncado, base arredondada, viloso principalmente na base e glabrescente, verde-amarelado; pétalas glabras, verde-amareladas; disco aplanado ou levemente côncavo, amarelo. Baga 10-19 x 7-10 mm, botuliforme, púrpura (Lombardi, 2000); semente 1, ca. 8 x 6 mm, subturbada (Lombardi, 2000).

Comentários: *Cissus blanchetiana* é uma espécie conhecida tanto da caatinga como de mata atlântica, tendo sido coletada nos dois ambientes em Sergipe. Pode ser confundida com *C. paullinifolia* quando ocorrendo na mata atlântica, mas se distingue pela ausência de pilosidade densa e ferrugínea nos folíolos desta última espécie. Distingue-se também de *C. pinnatifolia*, ocorrente na restinga, pois esta não possui tricomas malpiguiáceos, suas folhas são exclusivamente pinadas, e seus folíolos são glabros. Coletada com flores de fevereiro a abril e com frutos imaturos em abril.

Material selecionado: **BRASIL. Sergipe:** Poço Verde, Fazenda Santa Maria da Lage, IX/2010, *E.V.R. Ferreira 186* (ASE); Porto da Folha, povoado Lagoa Grande, Fazenda São Pedro, lado esquerdo da estrada principal em direção ao Assentamento São Judas Tadeu. IV/2011, fr, 10°02'06"S, 37°24'44"W, *D.G. Oliveira 231* (ASE, HRCB); Santa Luzia do Itanhhy, RPPN Mata do Crasto, IV/2012, fr, 11°22'58"S, 37°25'33"W, *R.M. Deda 132* (ASE, HRCB).

4. *Cissus decídua* Lombardi, Brittonia 48: 197. 1996.

Fig. 1. C

Ramos suculentos, de seção circular ou sulcados; tricomas malpiguiáceos. Folhas 15,2-36 x 23-39 cm, bipinadas ou tripinadas (Lombardi, 2000); pecíolos 3-7,6 cm, esparso pubescentes (Lombardi, 2000); estípulas falcadas; ráquis e eixos secundários esparso pubescentes a tomentosos (Lombardi, 2000); folíolos 3,4-11 x 1,8-8 cm, 9-11 pares, simples, ternados ou pinados, lâminas elípticas, ovais ou orbiculares, ápices agudos a acuminados, margem denticulada, bases cuneadas, esparso vilosos na face adaxial, esparso seríceos ou tomentosos em ambas as faces, papiráceos (Lombardi, 2000). Inflorescências 4-5 x 5-5,5 cm; pedúnculos 1,2-1,7 mm compr., vermelhos, esparso tomentosos nas ramificações a glabrescentes; pedicelos 4-6 mm, glabros, vermelhos; cálice truncado, base afunilada, glabro, vermelho; pétalas glabras, rosadas a vermelhas; disco tubular, 4-lobado, vináceo, acrescentado no fruto. Baga ca. 10 x 8 mm, subesférica, púrpura (Lombardi, 2000); semente 1, ca. 8 x 6 mm, subturbada (Lombardi, 2000).

Comentários: *Cissus decídua* é uma espécie exclusivamente conhecida da caatinga. Pode ser confundida com *C. bahiensis* por florescer sem folhas, mas se distingue pelo disco vináceo tubular, acrescentado no fruto. Coletada com flores em outubro e novembro, não coletada com frutos em Sergipe.

Material selecionado: **BRASIL, Sergipe:** Canindé de São Francisco: Fazenda Pedra d'Água, XI/1981, fl, *E. Carneiro 213* (ASE).

5. *Cissus erosa* Rich., Actes Soc. Hist. Nat. Paris 1: 106. 1792.

Cissus burchellii (Baker) Planch., *Cissus duarteana* var. *sessilifolia* (Baker) Planch., *Cissus salutaris* Kunth, *Cissus scabra* (Baker) Planch., *Cissus suberecta* (Baker) Malme.

Ramos de seção circular ou alados, tricomas malpiguiáceos. Folhas trifolioladas; pecíolos 1,1-5,2 cm, canaliculados ou alados; estípulas triangulares, rômbricas ou oblongas; folíolos 3,6-11,8 x 1,2-5,9 cm, obovados, oblongos, elípticos ou rômbricos, ápice agudo, margem denticulada ou denteada, base atenuada, cuneada ou oblíqua, papiráceos ou cartáceos. Inflorescências 9,0-15,5 x 4,5-13,5 cm; pedúnculos 4,2-8,5 cm, vermelhos; pedicelos 2-3 mm, seríceos a glabrescentes, vermelhos; cálice truncado, base arredondada, seríceo na base, vermelho; pétalas glabras, vermelhas externamente, internamente alaranjadas, disco aplanado ou levemente côncavo, inicialmente laranja na lateral e na margem e vermelho no centro, depois totalmente vermelho. Baga 5,5 x 5 mm, esférica ou piriforme, púrpura; semente ca. 5-7 x 4-5 mm, uma, subpiriforme (Lombardi, 2000).

Comentários: Espécie amplamente difundida, ocorrendo do México até o sudeste do Brasil e Paraguai. Em Sergipe ocorrendo em bordas de mata, capoeiras e restingas. Fora do estado de Sergipe, em áreas de cerrado, podemos encontrar populações de *Cissus erosa* que apresentam grande variação fenotípica, com indivíduos subarbutivos, com pecíolos muitos curtos e folhas de simples a até compostas, muitas destas formas foram no passado foram reconhecidas como espécies mas atualmente são todas consideradas sinônimos (Lombardi, 2000). Coletada com flores em janeiro, abril, junho e de agosto a outubro, e com frutos em maio, junho, setembro, outubro e dezembro.

Material selecionado: **BRASIL, Sergipe:** Arauá, IX/1982, fl, *M.C. Santana 128* (ASE, HRCB); Barra dos Coqueiros, próximo ao porto, VI/1995, fr, *M. Landim 396* (ASE, HRCB); Capela, RVS Mata do Junco, IV/2012, bt, 10°32'10"S, 37°03'48"W, *L.A. Gomes 369* (ASE, HRCB); Itaporanga d'Ajuda, Fazenda Trapsa: X/2006, bt, *M. Landim 1583* (ASE, HRCB); Pacatuba, Ponta de Areia, VIII/2011, bt, *L.A.S. Santos 648* (ASE, HRCB); Santa Luzia do Itanhhy, mata do Crasto, IX/1995, fl, *M. Landim 648* (ASE, HRCB, HUEFS); São Cristovão, Combotá, IX/1981, fl, *A.D. Júnior 67* (ASE, HRCB), Siriri, mata do Cipó, X/2012, fr, 10°30'41"S, 37°06'01"W, *L.A. Gomes 840* (ASE, HRCB).

6. *Cissus palmata* Poir. in Lam., Encycl. suppl. 1: 107. 1810.

Ramos 4-angulados ou de seção circular, tricomas malpiguiáceos. Folhas digitadas; pecíolos 1,0-3,4 cm; estípulas triangulares, persistentes, espessando-se em estruturas intumescidas agudas; folíolos 2,5-7,1 x 0,4-1,5 cm, lanceolados a estreito-elípticos, ápice agudo, margem denticulada, base atenuada, papiráceos. Inflorescências 7,5-9,0 x 3,0-4,0 cm; pedúnculos 5,0-5,6 cm, verdes; pedicelos 6-7 mm, glabrescentes, esverdeados; cálice truncado, base arredondada, glabro, avermelhado; pétalas glabras, avermelhadas, disco aplanado ou levemente côncavo, amarelo-esverdeado. Baga 12 x 12-13 mm, subesférica,

púrpura; sementes 7-8 x 4-5 mm, uma a duas, subclavadas.

Comentários: *C. palmata* tem ampla distribuição no Brasil, e é geralmente associada a cursos d'água, juntamente com *C. simsiana* são as únicas espécies do estado com folhas digitadas, pode ser distinta desta última pela presença das estípulas persistentes que com o tempo de intumescem em estruturas carnosas que chegam a assemelhar-se a espinhos (Lombardi, 2000), além dos folíolos mais estreitos, presença de tricomas malpiguiáceos e da cor das flores. Coletada com flores em fevereiro e abril, e com frutos em abril.

Material selecionado: **BRASIL, Sergipe:** Pirambu, Povoado Santa Isabel, margem da Rebio, IV/2012, fl, fr, *M.C.V. Farias 45* (ASE, HRCB).

7. *Cissus paulliniifolia* Vell., Fl. flumin. 1: 40. 1829.

Nome popular: cipó de cobra

Ramos de seção circular; tricomas malpiguiáceos. Folhas 5-32,6 x 2,5-52 cm, bipinadas ou tripinadas; pecíolos 3,7-10,9 cm, esparso tomentosos a tomentosos; estípulas falcadas; ráquis e eixos secundários esparso tomentosos a tomentosos; folíolos 2,4-17 x 1,2-13,7 cm, 5-13 pares, simples ou pinados, lâminas rômbricas ou elípticas, ápice agudo ou acuminado, margem revoluta, escariosa, denticulada ou às vezes crenulada, base cuneada, arredondada, ou oblíqua, glabros em ambas as faces ou esparso tomentosos nas nervuras na face abaxial, esparso pubescentes na face adaxial, papiráceos ou cartáceos. Inflorescências 3,9-7,3 x 1,5-6,3cm; pedúnculos 1,9-3,1 cm compr., vermelhos a verde-amarelados, tomentosos ou esparso tomentosos no ápice e na base; pedicelos 2,5-4 mm, tomentosos, vermelhos a verde-amarelados; cálice truncado, base afunilada, esparso pubescente na base, vermelho a verde-amarelado; pétalas glabras, vermelhas a verde-amareladas; disco aplanado ou levemente côncavo, amarelo. Baga ca. 13 x 9 mm, botuliforme, púrpura; semente 1, ca. 11,5 x 7 mm, subturbinada.

Comentários: A descrição desta espécie foi totalmente baseada em Lombardi (2000). *Cissus paulliniifolia* é conhecida por uma única coleta em Sergipe, de quase 40 anos, podendo indicar que a espécie já não existe no estado. *C. paulliniifolia* é endêmica da mata atlântica, onde ocorre desde o estado de Santa Catarina até Alagoas. Pode ser confundida com *C. blanchetiana* quando este ocorre na mata atlântica, mas se distinguem pela pilosidade densa e ferrugínea dos folíolos desta última espécie. Assemelha-se a *C. pinnatifolia*, que ocorre na restinga, mas esta não possui tricomas malpiguiáceos e porta folhas unicamente pinadas.

A cor das inflorescências e flores é descrita como de vermelha a verde-amarelada, pois, embora quase a totalidade dos registros desta espécie em floração seja de indivíduos de flores vermelhas, indivíduos de flores amareladas já foram registrados em São Paulo (*Handro s.n.* [SP 79562], *Lombardi 6228*). Essa característica foi incorporada a descrição, pois a cor das flores não é indicada na única coleta efetuada em Sergipe. Coletada com

flores em agosto, não coletada com frutos em Sergipe.

Material examinado: **BRASIL, Sergipe:** Pirambu, entre o povoado São José e Pirambu, VIII/1974, fl, *M.R. Fonseca* 7 (RB)

8. *Cissus pinnatifolia* Lombardi, Brittonia 54: 175, 2002.

Fig. 1. D

Ramos de seção circular; tricomas curtos não ramificados, somente nas partes reprodutivas, não glandulares. Folhas 10,6-17,5 x 10,5-18,3 cm, pinadas ou trifolioladas; pecíolos 1,8-3,7 cm; estípulas falcadas; folíolos 5,1-9,1 x 2,4-4,7 cm, 1-2 pares, às vezes aparentemente deflexos, simples, lâminas elípticas a ovais, ápice agudo ou acuminado, margem denticulada, base arredondada, às vezes levemente conduplicada, cartáceos. Inflorescências 1,6-3,7 x 1,2-4,1 cm; pedúnculos 0,6-1,6 cm compr., vermelhos, esparso pubérulos a pubérulos; pedicelos 2,5-3 mm, pubérulos, pelo mesmo na base, papilosos, vermelhos; cálice truncado, base afunilada, papiloso, vermelho; pétalas glabras, papilosas, amarelas na base interna, no restante vermelhas; disco anelar, não cobrindo o ápice do ovário, amarelo. Baga 7-9 x 7 mm, subesférica, púrpura; semente 1, ca. 5.5 x 7 mm, subpiriforme.

Comentários: *Cissus pinnatifolia* ocorre principalmente em áreas de restinga, exceto por duas coletas de identificação tentativa de mata atlântica interior, em Pernambuco e Bahia, outros estados em que esta espécie possivelmente ocorre. Pode ser confundida com as espécies de folhas pinadas *C. paulliniifolia* e *C. blanchetiana*, mas se distingue de ambas pelas folhas menos divididas e pela ausência de tricomas malpiguiáceos, também difere de *C. blanchetiana* por esta ter flores verde-amareladas. É considerada uma espécie rara do Brasil (Giulietti *et al.*, 2009). Coletada com flores de abril a junho, e em agosto, e com frutos de abril a junho.

Material selecionado: **BRASIL, Sergipe:** Areia Branca, Serra de Itabaiana, Riacho Águas Frias, VI/2004, bt, *A. Ribeiro* 526 (HUEFS); Estância, estrada da Caueira, V/1997, fr., *M. Landim* 1228 (ASE, HRCB); Ilha das Flores, Fazenda Betume, VI/1984, bt, *M.C. Santana* 250 (ASE); Pacatuba, povoado Ponta de Areia, mata da Gameleira, IV/2012, fl. fr., *L.A.S. Santos* 708 (ASE, HRCB); Pirambu, Sítio Paraíso, V/2012, fl, fr, -10°38'00"S, 36°45'28"W, *A.P. Prata* 3090 (ASE, HRCB); Santa Luzia do Itanhy, RPPN Mata do Crasto, VI/2012, fr., *R.M. Deda et al.* 132 (ASE); Santo Amaro das Brotas, VI/2011, fl., *J.E. Nascimento-Júnior*, 1032 (ASE).

9. *Cissus simsiana* Schult. & Schult.f., Mant. 3: 246. 1827.

Cissus quinquefolia Sol.

Nome popular: cipó parreira, parreira, parrera.

Fig. 1. D

Ramos de seção circular, engrossados nos nós, glaucescentes, tricomas não ramificados, não glandulares. Folhas digitadas; pecíolos 2,5-3,7 cm; estípulas deltóides, adnatas à base

do pecíolo; folíolos (1,6-)2,4-8,0 x (1-)1,5-3,5 cm, elípticos, ápice acuminado a agudo, margem denteada a denticulada, base cuneada, membranáceos. Inflorescências 4,5-6,4 x 3,5-5,7 cm; pedúnculos 1,3-2,7 cm, verdes; pedicelos 2-3,5 mm, pubérulos, esverdeados; cálice truncado ou de lobos arredondados, base truncada, glabro ou esparso-pubérulo, verde-amarelado; pétalas glabras ou esparso-pubérulas, verde-amareladas ou avermelhadas. Baga ca. 7 x 6 mm, esférica, púrpura; sementes 2-4, ca. 5 x 4 mm, piriformes (Lombardi 2000).

Comentários: *C. simsiana* tem ampla distribuição no Brasil, ocorrendo em ambientes abertos de cerrado e caatinga, juntamente com *C. palmata* são as únicas espécies do estado com folhas digitadas, pode ser distinta desta última pela presença das estípulas adnatas ao pecíolo, além dos folíolos mais largos e conspicuamente denteados, ausência de tricomas malpiguiáceos e da cor das flores. Coletada com flores em janeiro, março a maio, e em novembro, coletada com frutos de fevereiro a julho.

Material selecionado: BRASIL, Sergipe: Canindé de São Francisco, Unidade de Conservação Monumento Natural Grota do Angico, VII/2010, fr, *A.C.C. Silva* 290 (ASE, HRCB); Lagarto, Fazenda Tapera do Nico, I/1992, bt, *E.M. Carneiro* 329 (ASE, HRCB); Macambira, cachoeira de Macambira, III/2012, fl, fr, *G.M.A. Matos* 75 (ASE, HRCB); Poço Redondo, Serra da Guia, III/2009, fr., *W.J. Machado & J.E. Nascimento-Júnior* 2 (ASE); Poço Verde, Fazenda Lajes, VI/1983, fl, *G. Viana* 688 (EAC); Porto da Folha, povoado Lagoa Grande, Fazenda São Pedro, lado esquerdo da estrada principal em direção ao Assentamento São Judas Tadeu, 10°02'06"S, 37°24'44"W, IV/2011, bt, *D.G. Oliveira* 146 (ASE, HRCB).

10. *Cissus sulcicaulis* (Baker) Planch. In A.DC. & C.DC., Monogr. phan. 5: 547. 1887.

Ramos alados, tricomas não ramificados, glandulares e não glandulares. Folhas trifolioladas; pecíolos 4,8-6,0 cm, alados; estípulas deltóides ou falcadas (Lombardi, 2000); folíolos 11,5-17,0 x 5,8-7,6 cm, rômnicos, elípticos, subovais, ápice agudo, margem denticulada, base atenuada, oblíqua ou cuneada, papiráceos. Inflorescências 3,5-7,3 x 2,77,2 cm; pedúnculos 1,1-3,5 cm, verdes; pedicelos 2-4 mm, pubérulos, esverdeados; cálice truncado, base truncada e irregularmente lobada, pubérulo, verde-amarelado; pétalas glabras, verde-amareladas. Baga 12-15 x 7-8 mm, botuliforme ou subpiriforme, púrpura; semente 1, ca. 12,5 x 7,5 mm, subturbinada.

Comentários: A descrição das características reprodutivas de *Cissus sulcicaulis* foi totalmente baseada em Lombardi (2000), visto que a única coleta desta espécie para Sergipe não estava em estado fértil. A única coleta mais de 30 anos sugere que a espécie é de ocorrência ocasional ou já não existe no estado. Havendo sido encontrada é de fácil reconhecimento pelos ramos conspicuamente alados. Em coletas efetuadas em outros estados foram observadas nesta espécie túberas caulinares conspícuas, provavelmente associadas à propagação vegetativa (Lombardi, 2000). Não coletada em estado fértil em Sergipe.

Material examinado: BRASIL, Sergipe: Simão Dias, Fazenda Mercador, IX/1981, est., *E. Carneiro 34* (ASE).

11. *Cissus verticillata* (L.) Nicolson & C.E.Jarvis, Taxon 33: 727. 1984.

Nome popular: cipó de cobra, insulina.

Fig. 1. A-B.

Ramos de seção circular, tricomas não ramificados, não glandulares. Folhas simples; pecíolos 0,7-2,6 cm compr.; estípulas falcadas; lâminas 4,0-11 x 1,6-7,0 cm, elípticas ou ovais, ápice acuminado ou agudo, margem denticulada, base truncada, reniforme ou arredondada, papiráceas. Inflorescências 2,5-3,0 x 2,2-3,5 cm; pedúnculos 1,4-2,2 cm, glabros ou pilosos, verdes; pedicelos 2-3 mm, glabros, verdes; cálice truncado, base arredondada, glabro, verde-amarelado; pétalas glabras, verde-amareladas. Baga ca. 7 x 7 mm esférica, púrpura; semente 1, ca. 5 x 3 mm, piriforme.

Comentários: *Cissus verticillata* é um espécie bastante polimórfica, plantas hispidas e hirsutas, folhas lobadas, laciniadas e trifolioladas foram observadas em espécimes provenientes de localidades fora do estado (Lombardi, 2000). Também é amplamente distribuída na região neotropical, ocorrendo nos Estados Unidos (Flórida), México, toda América Central e Caribe, e em toda a América do Sul, exceto no Chile e centro-sul da Argentina. Em Sergipe, no entanto, aparentemente não é comum, com poucas coletas. Lombardi (2000) reconheceu 4 subespécies, das quais apenas a subespécie *verticillata* ocorre no Brasil. Muito empregada na medicina popular devido a sua propalada capacidade de controle do diabetes, daí o nome popular de Insulina. Coletada com flores em abril e agosto, coletada com frutos em maio.

Material selecionado: **BRASIL, Sergipe:** Frei Paulo, VIII/1987, *G. Viana 1938* (ASE, HRCB); Poço Redondo, Serra da Guia, IV/2000, fl, *D.M. Coelho 192* (BHCB, PEUFR); Porto da Folha, povoado Lagoa Grande, Fazenda São Pedro, lado esquerdo da estrada principal em direção ao Assentamento São Judas Tadeu, 10°02'01"S, 37°24'40"W, IV/2011, fl, *D.G. Oliveira 168* (ASE, HRCB); São Cristovão, campus UFS, XI/2008, est., *O.A. Santos s.n.* (ASE 12178, HRCB).

Referências Bibliográficas

Baker, J.G. 1871. Ampelideae. In C.F.P. Martius (ed.) **Flora Brasiliensis**. Leipzig, Frid. Fleischer. v. 14, pt. 2, p. 197-220.

Gilg, E. 1896. Vitaceae. In A. Engler & K. Prantl (eds.) **Die Natürlichen Pflanzenfamilien**. Leipzig, Wilhelm Engelmann. v.3, pt. 5, p. 427-454.

Giulietti, A.M.; Rapini, A.; Andrade, M.J.G.; Queiroz, L.P. & Silva, J.M.C. (Orgs.). 2009. **Plantas raras do Brasil**. Conservation International, Belo Horizonte. 496p.

Lombardi, J.A. 2000. Vitaceae - Gêneros *Ampelocissus*, *Ampelopsis* e *Cissus*. **Flora Neotropica** 80: 1-251.

Lombardi, J.A. 2013. Vitaceae in: **Lista de Espécies da Flora do Brasil**. Jardim Botânico do Rio de Janeiro.

(<http://floradobrasil.jbrj.gov.br/jabot/floradobrasil/FB15253>). Acessado em 9 de maio de 2013.

Planchon, J.E. 1887. Monographie des Ampélidées vraies. In A. de Candolle & C. de Candolle (eds.) **Monographie Phanerogamarum**. Paris, G. Masson. v. 5, p. 305-654.

Ridsdale, C.E. 1974. A revision of the family Leeaceae. *Blumea* 22: 57-100.

Suessenguth, K. 1953. Vitaceae. In A. Engler & K. Prantl (eds.) **Die Natürlichen Pflanzenfamilien**. Berlin, Duncker & Humboldt. ed. 2. v. 20d, p. 174-333.

Wen, J. 2007. Vitaceae. In: K. Kubitzki (ed.), **Families and Genera of Vascular Plants**, vol. 9. pp.467-479.

Lista de Exsicatas

Carneiro, E.M. 34 (10), 213 (4); **Carneiro, E.M.** 329 (9); **Coelho, D.M.** 133 (9), 192, 282 (11), 333, 373 (9), 473 (2); **Cordeiro, L.M.** 308 (9); **Costa, S.M.C.** 125 (9); **Deda, R.M.** 132, 139 (3); **Farias, M.C.V.** 45 (6), 223 (8); **Ferreira, E.V.R.** 198 (1), 186 (3); **Fonseca, M.R.** 7 (7), s.n (8); **Fonseca, M.R.** 544 (8); **Gomes, L.A.** 1006 (3), 369, 840, 949 (5); **Harley, R.M.** 54287 (9); **Júnior, A.D.** 67 (5); **Landim, M.** 1177, 1228, 1231 (8); **Landim, M.** 225 (3), 396, 584, 648, 1583 (5); **Machado, W.J.** 2 (9), 70, 96, 176, 334 (2); **Matos, G.M.A.** 75 (9); **Matos, I.S.** 34 (5); **Moura, D.** 1180 (9); **Nascimento - Júnior, J.E.** 1032 (8); **Oliveira, D.G.** 146 (9), 168 (11), 185 (1), 231 (3), 419 (5); **Prata, A.P.** 1637 (2), 3090 (8); **Ribeiro, A.** 526 (8); **Sales, A.B.** 143 (5); **Sales, M.F.** 839 (9); **Santana, M.C.** 128 (5), 171 (6), 250 (8); **Santos, L.A.S.** 648 (5), 708 (8); **Santos, O.A.** s.n. (11); **Silva, A.C.C.** 290 (9); **Silva, R.A.** 137 (9), 1167, 1264 (4), 1465 (9); **Viana, G.** 688 (9), 1938 (11).



Figura 1. A-B *Cissus verticillata* (L.) Nicolson & C.E. Jarvis. A. Hábito. B. Flor, (D.A. Campos 96, ASE). *Cissus decidua* Lombardi. C. Hábito, (E.M. Carneiro 213, ASE). *Cissus simsiana* Schult. & Schult.f. D. Hábito, (W.J. Machado 2, ASE). *Cissus pinnatifolia* Lombardi. E. Hábito, (M. Landim 1177, ASE)

Ervas perenes, raramente anuais, terrícolas, frequentemente helófitas, raramente aquáticas; rizoma em geral com entrenós curtos, robusto ou inconspícuo. Folhas em geral rosuladas, espiraladas ou dísticas; bainha aberta, algumas vezes com lígula marginal no ápice da bainha; lâmina achatada, elíptica, cilíndrica ou filiforme. Inflorescência em geral espiga, pedúnculo afilo ou bracteado. Flores 3-meras, heteroclamídeas; sépalas geralmente três, em geral dimórficas (*Xyris* e *Abolboda*), sendo a abaxial (anterior) distinta das duas adaxiais (laterais) ou algumas vezes ausente; pétalas em geral amarelas ou azuis, púrpuras ou vermelhas, gamopétalas ou dialipétalas; androceu com estames em geral epipétalos, antera tetrasporangiada, deiscência longitudinal; gineceu com ou sem apêndice, ovário súpero, 1 ou 3-locular; placentação basal, suprabasal, central-livre, parietal ou axial, estilete simples, em geral trifido para o ápice, estigma capitado. Fruto cápsula loculicida; sementes pequenas, geralmente numerosas, endosperma amiláceo.

Xyridaceae compreende cinco gêneros, sendo *Xyris* Gronov ex L. o mais representativo, com cerca de 400 espécies de distribuição pantropical, com maior concentração das espécies na América do Sul (Wanderley 2011, Wanderley *et al.* 2012). Os demais gêneros apresentam distribuição restrita à América do Sul: *Abolboda* Humb. & Bonpl. com aproximadamente 23 espécies, *Orectanthe* Maguire com duas espécies, e *Aratitiopea* Steyerl. & P.E. Berry e *Achlyphila* Maguire & Wurdack, ambos monoespecíficos.

A família está representada no estado de Sergipe apenas pelo gênero *Xyris*, com sete espécies. É possível a ocorrência de outras espécies, como *X. brevifolia* Michx., porém não foi examinada nenhuma coleção da mesma. Um táxon inédito encontra-se em estudo, com a necessidade de novas coletas para conclusão da descrição.

Xyris Gronov ex L.

Ervas perenes ou anuais, terrícolas, em geral formando touceiras, frequentemente helófitas; rizoma com entrenós geralmente curtos ou alongados, especialmente nas plantas aquáticas. Folhas espiraladas, dísticas ou subdísticas; bainha com base pouco a muito alargada, margem ciliada a glabra, lígula presente ou ausente; lâmina achatada, cilíndrica, subcilíndrica ou filiforme. Espata conduplicada, carenada, laminada ou não. Pedúnculo afilo. Espiga ovoide, elipsoide, cilíndrica a globosa; brácteas espiraladas, imbricadas, geralmente coriáceas, com ou sem mácula na face adaxial, margem inteira, lacerada ou fimbriada; brácteas estéreis, poucas a numerosas. Flores com sépala anterior cupuliforme,

¹Núcleo de Pesquisa Curadoria do Herbário SP, Instituto de Botânica (IBt), Caixa Postal 68041, CEP: 04045-972, São Paulo, SP. Email: gracaw@terra.com.br

recobrando o botão floral, caduca na antese, as duas sépalas laterais naviculares, livres ou adnatas, inclusas ou exsertas, inequilaterais, equilaterais ou subequilaterais, carena estreita a alargada, ciliada, lacerado-fimbriada ou mais raramente glabra; pétalas amarelas, unguiculadas, lobos expandidos; estames epipétalos; estaminódios epipétalos, bífidos, pilosos ou raro glabros; gineceu sem apêndice, estilete simples, 3-partido para o ápice, ovário uni ou raro trilobular pelo menos na base; placentação basal, central-livre ou parietal, raramente axial (espécies australianas). Cápsula ovoide, oblonga ou obovoide; sementes estriadas ou reticuladas.

Xyris é o maior gênero da família, com cerca de 400 espécies de distribuição pantropical. A maior concentração das espécies ocorre no norte da América do Sul, sendo reconhecidos dois centros de diversidade para o gênero, um na Cadeia do Espinhaço nos estados de Minas Gerais e Bahia e o outro, nos tepuis da Venezuela (Wanderley 2011). O gênero ocorre ainda na América do Norte (sudeste do Canadá, leste dos Estados Unidos e México) e América Central. As espécies americanas pertencem às seções *Xyris* (placentação parietal) e *Nematopus* (placentação basal, suprabasal ou central-livre). Algumas espécies destas duas seções também são encontradas na África e na Índia. A seção *Pomatoxyris* é exclusiva da Austrália, destacando-se das demais pela placentação axial e ovário trilobular.

No Brasil a maior concentração das espécies ocorre no Domínio do Cerrado, habitando preferencialmente a vegetação dos campos rupestres. Outras espécies estão presentes no domínio da Mata Atlântica e nos campos de altitude costeiros. Ocorrem ainda nas campinaranas da Floresta Amazônica e na vegetação dos campos sulinos.

No estado de Sergipe foram reconhecidas até o momento sete espécies, das quais quatro pertencem à Seção *Xyris* (*X. anceps* Lam., *X. fallax* Malme, *X. jupicai* L.C. Rich. e *X. macrocephala* Vahl), caracterizada pela placentação parietal e três pertencem à Seção *Nematopus* (*X. ciliata* Thunb., *X. savanensis* Miq., *X. spathacea* Lam.). Uma espécie inédita desta Seção encontra-se em estudo.

Chave para identificação das espécies de *Xyris* de Sergipe

1. Espiga com brácteas membranáceas.....2
2. Lâmina foliar achatada; espata laminada, lâmina ca. 1,5 cm compr.; pedúnculo achatado **1. *X. anceps***
- 2'. Lâmina foliar cilíndrica; espata sem lâmina; pedúnculo filiforme..... ***X. spathacea***
- 1'. Espiga com brácteas coriáceas.....3
3. Estaminódios glabros **6. *X. savanensis***
- 3'. Estaminódios pilosos.....4
4. Brácteas sem mácula; placentação central-livre **2. *X. ciliata***
- 4'. Brácteas com mácula conspícua; placentação parietal.....5
5. Lâmina com ápice longamente atenuado, margem escabra. Pedúnculo em geral multicostelado **3. *X. fallax***

5'. Lâmina com ápice agudo, margem glabra ou tuberculada. Pedúnculo sem costelas ou 1-2-costelado.

6. Espata com lâmina ca. 0,5 cm compr. Sementes translúcidas, estriadas **4. *X. jupicai***

6'. Espata sem lâmina. Sementes opacas, reticuladas **5. *X. macrocephala***

1.1. *Xyris anceps* Lam. Tabl. Encycl. 1(1): 132. 1791.

Fig. 1. A-I

Erva anual, cespitosa; rizoma curto; base estreita. Folhas dísticas a espiraladas, 2,5-14 cm compr.; bainha estreita, castanha a paleácea, fulgente, margem membranácea, glabra, lígula inconspícua; lâmina achatada, estriada, ápice subagudo a obtuso, margem glabra, algumas vezes esparsamente tuberculada. Espata conduplicada, carenada, carena glabra, lâmina ca. 1,5cm compr. Pedúnculo 4-30 cm compr., achatado, 2-costado, costas glabras, lisas. Espiga ca. 10 flores, 4-10 x 0,9 mm, ovoide, estreito-ovoide a globosa; brácteas membranáceas, castanho-claras a castanho-escuras, translúcidas, mácula apical, margem irregularmente lacerada: as estéreis 4, ca. 4-4,5 x 3,5-4 mm, ovadas a orbiculares, carenadas, algumas vezes emarginadas, as florais 4-6 x 2,5-5mm, ovadas, carenadas no ápice. Flores com sépalas laterais livres, inclusas, subespatuladas a lanceoladas, equilaterais, carena estreita, glabra; estaminódios pilosos; placentação parietal. Cápsula elipsoide; sementes largo-elipsoides, castanhas, translúcidas, estriadas.

Comentários: Apresenta ampla distribuição, ocorrendo nas Guianas, África e no Brasil, desde a região Norte até o Nordeste. É referida para o estado de Sergipe pela primeira vez no presente trabalho. *Xyris anceps*, como o epíteto específico indica, apresenta pedúnculo com duas costelas (alas), característica típica da espécie. As espigas em geral ovoides com brácteas castanho-claras, membranáceas e translúcidas distinguem esta espécie das demais da região.

Material selecionado: **BRASIL. Sergipe:** Indiaroba, Povoado Pontal, IX/2012, fl. fr., M.C.V. Farias 150 (ASE); Itaporanga d`Ajuda, Fazenda Caju, I/2008, fl. fr., S.M.C. Costa 251 (ASE); Pirambu, Povoado Lagoa Redonda, IV/2006, fl. fr., A.P. Prata et al. 1178 (ASE); Povoado Aguilhão, XI/2008, fl. fr., A.P. Prata 1561 (ASE); Santo Amaro das Brotas, XII/2008, fl. fr., J.E. Nascimento-Junior 531 (ASE).

Material adicional examinado: **BRASIL. Ceará:** Fortaleza, açude João Lopez, X/1935, fl. fr., F. Drouet 2451 (SP).

1.2. *Xyris ciliata* Thunb., Decad. Pl. Brasil. 3: 23. 1821.

Figura 2. A-B

Erva perene, cespitosa; rizoma com entrenós curtos; base da planta pouco dilatada; Folhas dísticas a subdísticas, 10-25cm compr.; bainha estreita, castanho-escuro a arroxeada, opaca, geralmente rugosa, margem ciliada, lígula ausente; lâmina achatada, superfície estriada, em geral fortemente rugosa, ápice agudo a obtuso, margem curto-ciliada.

Espata conduplicada, carenada, margem escabra, lâmina ca. 1,0 mm compr. Pedúnculo 30-6 cm compr., cilíndrico a subcilíndrico, 2-costelado, costelas curto-ciliadas, estriado. Espiga ca. 50 flores, 10-17 x 5-12 mm, ovoide, globosa ou cilíndrica, brácteas coriáceas, castanhas, mácula ausente, margem íntegra a pouco lacerada, as estéreis 12, 2,3 x 1,5-2mm, oblongas a ovadas, as florais 4-6 x 2,5-5 mm, oblongas. Flores com sépalas laterais livres, exsertas, curvas, inequilaterais, carena estreita, curtamente ciliada; estaminódios pilosos; placentação central-livre. Cápsula oblonga; sementes ovoides, castanho-escuras, reticuladas.

Comentários: Espécie comum em toda a restinga da costa brasileira, ocorrendo ainda nos Cerrados e nos campos rupestres. Distribui-se a partir do estado de Pernambuco até o Rio de Janeiro, sendo muito frequente nos campos rupestres da Bahia e de Minas Gerais. *Xyris ciliata* apresenta ampla variabilidade quanto à morfologia da espiga, desde ovoide, globosa a cilíndrica, sendo todas estas formas observadas nas coleções examinadas de Sergipe. As folhas com superfície rugosa e base castanho-escura a arroxeadada e rugosa também são importantes características que permitem o reconhecimento da espécie.

Material selecionado: **BRASIL. Sergipe:** Areia Branca, Serra Comprida, X/2008, fl. fr., S.M.C. Costa et al. 493 (ASE); Estância, APA Sul, IX/2009, fl., A.P. Prata et al. 1695 (ASE); Indiaroba, Povoado Convento, IX/2012, fl., M.C.V. Farias et al. 271 (ASE); Itabaiana, Serra de Itabaiana, X/1981, fr., C.L. Souza 21 (ASE, SP); Japarutuba, VIII/2010, fl., C.M. Donadio 37 (ASE); Santo Amaro das Brotas, XII/2008, fl., J.E. Nascimento-Junior et al. 512 (ASE).

1.3. *Xyris fallax* Malme, Bih. Kongl. Svenska Vetensk. Acad. Handl. 22(2): 12. 1896.

Fig. 2. C

Erva perene, cespitosa; rizoma curto, base estreita. Folhas dísticas 17,5-30 cm compr.; bainha estreita, castanho-avermelhada, fulgente, margem membranácea, ciliada apenas na base, lígula presente; lâmina achatada, estriada, algumas vezes com estrias vermelhas, ápice longamente atenuado, margem escabra a glabrescente. Espata conduplicada, carenada, carena glabra, lâmina ca. 1 cm compr. Pedúnculo 20-56 cm compr., cilíndrico, em geral multcostelado, costelas glabras, superfície estriada. Espiga 8-15 flores, 0,9-2,2 x 0,6 cm, elipsoide a ovoide; brácteas coriáceas, castanhas, mácula presente, margem em geral íntegra, algumas vezes irregularmente lacerada, as estéreis 6, 2-6 x 4mm, triangulares até largo-ovadas, as florais 8 x 4 mm, largo-ovadas. Flores com sépalas laterais livres, inclusas, lanceoladas, subequilaterais, carena estreita, ciliado-fimbriada; estaminódios pilosos; placentação parietal. Cápsula ovoide; sementes, fusiformes, castanho-claras, reticuladas. Comentários: *Xyris fallax* apresenta ampla distribuição, ocorrendo na Venezuela e nas Guianas. No Brasil está presente de Norte a Sul, sendo frequente em ambientes brejosos ou aquáticos. Caracteriza-se pela placentação parietal (Seção *Xyris*), brácteas com mácula presente e pedúnculo multcostelado.

Material selecionado: **BRASIL. Sergipe:** Areia Branca, Parque Nacional da Serra de

Itabaiana, IV/1982, fl., G. Viana 418 (ASE); Itabaiana, Povoado Ribeira, XI/1980, fl., M. Fonseca 404 (ASE, SP).

Material adicional examinado: **BRASIL. Maranhão:** Balsas, Vila Carli, III/1997, Oliveira & Silva 671 (HEPH).

1.4. *Xyris jupicai* Rich., Actes Soc. Hist. Nat., Paris 1:106. 1792.

Fig. 2. D-F

Erva anual, cespitosa; rizoma curto; base estreita. Folhas dísticas a subdísticas, 7-28 cm compr.; bainha pouco alargada na base, castanha, opaca, margem estreito-hialina, glabra, lígula ausente; lâmina achatada, levemente estriada, ápice agudo, margem espessada, glabra ou tuberculada. Espata conduplicada, carenada, carena glabra, lâmina 0,5 cm compr. Pedúnculo 19-45 cm compr., cilíndrico, 1-2-costelado, especialmente na porção superior, costelas glabras, superfície lisa. Espiga ca. 14 flores, 6-17 x 6-10 mm, ovoide a elipsoide; brácteas coriáceas, castanhas, mácula conspícua, margem íntegra, as estéreis ca. 10, 3 x 2 mm, ovadas a arredondadas, as florais 6 x 4mm, obovadas. Flores com sépalas laterais livres, inclusas, espatuladas a lanceoladas, subequilaterais, carena estreita, ciliado-fimbriada apenas no ápice; estaminódios pilosos; placentação parietal. Cápsula elipsoide; sementes elipsoides, castanhas, translúcidas, estriadas.

Comentários: *Xyris jupicai* é amplamente distribuída desde a América do Norte até o sul da América do Sul. No Brasil ocorre de Norte a Sul, sendo comum na restinga. Espécie muito relacionada a *X. macrocephala* Vahl., da qual difere, essencialmente, pelas plantas de maior porte, espigas maiores e sementes opacas em *X. macrocephala*, sendo algumas vezes difícil a separação destes dois táxons. Um estudo detalhado destas duas espécies é necessário para uma melhor delimitação entre eles.

Material selecionado: **BRASIL. Sergipe:** Itaporanga d`Ajuda, Fazenda Trapsa, IV/2008, fl. fr., C. Calazans et al. 14 (ASE); Pacatuba, XI/1985, fl. fr., J.S. D`Ávila 3653 (ASE); Pirambu, XII/1976, fl., M. Fonseca 407 (ASE); Povoado Santa Isabel, IV/2012, fl., M.C.V. Farias 59 (ASE); Santa Luzia do Itanhy, Mata do Crasto, IX/2009, S.M.C. Costa 599 (ASE); Santo Amaro das Brotas, XII/2008, fl., J.E. Nascimento-Junior 515 (ASE); São Cristóvão, I/2010, fl., L.A.S. Santos 41 (ASE); São Domingos, Serra da Miaba, IV/2004, fr., A.P. Prata et al. 1214 (ASE).

Material adicional examinado: **BRASIL. Bahia:** Alcobaça, XII/1981, fl. fr., A.M. Carvalho & G.P. Lewis 931 (CEPEC, SP).

1.5. *Xyris macrocephala* Vahl., Enum. Pl. 2: 204. 1805.

Fig. 2. G-I

Ervas perenes, cespitosas ou isoladas; rizoma curto, algumas vezes desenvolvido nas plantas aquáticas; base estreita. Folhas dísticas, 14-55 cm compr.; bainha com base

estreita, superfície lisa a estriada, castanha, opaca, margem hialina e glabra, lígula ausente; lâmina achatada, levemente estriada, ápice agudo, margem glabra. Espata conduplicada, carenada no ápice, carena glabra, lâmina ausente. Pedúnculo 30-90 cm compr., cilíndrico, 1-2-costelado, costelas glabras, superfície lisa ou com pontuações vermelhas. Espiga com 10-40 flores, 10-25 x 5-15 mm, ovoide a elipsoide; brácteas coriáceas, castanho-escuras, mácula conspícua, margem íntegra a levemente lacerada, as estéreis 8, ca. 10x5 mm, ovadas, as florais ca. 10 x 5 mm, ovadas a orbiculares. Flores com sépalas laterais livres, inclusas, estreito-espatuladas a lanceoladas, subequilaterais, carena estreita, ciliado-fimbriada para o ápice; estaminódios pilosos; placentação parietal. Cápsula obovoide; sementes elipsoides, castanhas, opacas, reticuladas.

Comentários: Espécie de ampla distribuição, ocorrendo em toda a América tropical até a Argentina, em ambientes brejosos com solo ácido ou arenoso. No Brasil ocorre de Norte a Sul, sendo comum em borda da Floresta Atlântica e ambientes campestres paludosos. Material selecionado: **BRASIL. Sergipe:** Aracaju, Aruana, XI/2010, fl. fr., I.R.N. Menezes 236 (ASE); Estância, XII/2009, fl. fr., C. Calazans 518 et al. (ASE); Santa Luzia do Itanhhy, XI/1993, fl., A.M.A. Amorim 1486 (ASE).

1.6. *Xyris savanensis* Miq., Linnaea 18: 605. 1844.

Fig. 2. J

Erva anual, cespitosa ou isolada; rizoma curto; base estreita. Folhas dísticas, 3-10 cm compr.; bainha com base estreita, castanha, opaca, margem membranácea, lígula inconspícua; lâmina achatada, estriada, rugulosa, ápice atenuado, margem lisa, escabra a verrucosa. Espata conduplicada, carenada, carena verrucosa, lâmina ausente. Pedúnculo 5-33 cm compr., cilíndrico, sem costelas ou 2-costelado, costelas escabras a lisas, superfície estriada; Espiga com 10-15 flores, 2-9-10 x 2-6 mm, ovoides a globosas, brácteas coriáceas, castanhas, mácula apical, margem íntegra, as estéreis 4, ca. 2,3 x 1,5-2 mm, ovadas a orbiculares, as florais 4-6 x 2,5-5 mm, obovadas. Flores com sépalas laterais livres, inclusas, espatuladas, fortemente inequilaterais, carena larga, curtamente ciliada; estaminódios glabros; placentação basal. Cápsula obovoide; sementes globosas, castanho-escuras, estriadas.

Comentários: *Xyris savanensis* é caracterizada por apresentar estaminódios glabros, distinguindo-se das demais espécies ocorrentes no estado. Espécie de ampla distribuição, ocorre desde a Venezuela e Suriname até a Argentina. No Brasil, é referida de Norte a Sul em vegetação de restinga, nos Cerrados e nos campos rupestres. Planta anual, frequente em solos brejosos e locais alagados, próximos a córregos, desaparecendo na época seca.

Material selecionado: **BRASIL. Sergipe:** Areia Branca, Parque Nacional da Serra de Itabaiana, III/2008, fl., S.M.C. Costa et al. 309 (ASE); Itabaiana, V/1987, fr., G. Viana, 1737 (ASE); Pirambu, I/1977, fr., M. Fonseca 449 (ASE); Santo Amaro das Brotas, VI/2011, fl., J.E. Nascimento-Júnior et al. 1075 (ASE).

1.7. *Xyris spathacea* Lanj., Recueil Trav. Bot. Néerl. 34: 484, fig. 4. 1937.

Fig. 3. A-I

Erva anual, solitária ou cespitosa; rizoma curto a alongado; base estreita. Folhas dimórficas, dísticas a subdísticas, 2-5 cm compr.; bainha com base estreita, castanho-clara a castanho-amarelada, opaca, margem membranácea, lígula presente, oblonga, ca. 2 mm compr.; lâmina cilíndrica, rugulosa, ápice subagudo a obtuso, lisa, escabra a verrucosa. Espata tubular, carenada, carena glabra, laminada. Pedúnculo 3,5-13 cm compr., filiforme, multcostelado, costelas glabras, superfície rugulosa. Espiga ca. 4 flores, 3-5 x 2-3 mm, elipsoide, ovoide a obovoide; brácteas membranáceas, castanhas, mácula conspícua, larga, margem lacerado-fimbriada, as estéreis 4, ca. 1-2 x 1,5-2 mm, oblongas; as florais 3 x 2mm, elípticas a obovadas. Flores com sépalas laterais livres, inclusas, lanceoladas ou linear-oblongas, subequilaterais, carena estreita, curto-ciliada para o ápice; estaminódios pilosos; placentação basal. Cápsula obovoide; sementes elipsoides, castanho-claras, reticuladas.

Comentários: *Xyris spathacea* distribui-se pela América do Sul, Colômbia e Venezuela, chegando até o Suriname. No Brasil era citada apenas para a região Norte, sendo aqui referida pela primeira vez para o Nordeste. Espécie muito característica pelo hábito aquático, sendo as folhas dimórficas, eretas ou espalhadas. Segundo Kral (1988) as folhas de ambiente aquático apresentam bainhas mais longas e lâminas flácidas, diferindo das de ambiente seco que apresentam folhas eretas com bainhas maiores em relação à lâmina. A presença de espigas com proliferação de novas espigas radialmente dispostas a partir da inflorescência da planta mãe, foi observada por Kral (1988), que segundo este autor este fato é decorrência das variações ambientais. Formas diferentes das lâminas são também observadas em outras espécies de *Xyris*, quando comparados os indivíduos que ocorrem em ambientes secos, úmidos até aquáticos. A proliferação de espigas descrita por Kral (1988), não foi observada no único material examinado no presente trabalho para Sergipe, sendo, portanto necessárias novas coletas para complementação e descrição destas interessantes características na espécie.

Material examinado: **BRASIL. Sergipe:** Estância, IX/2011, fl., L.A.S. Santos et al. 583 (ASE).

Material adicional examinado: **BRASIL. Amapá,** Oiapoque, VII/1960, fl., H.S. Irwin & L.Y. Th. Westra 47243 (SP, NY).

Referências Bibliográficas

Kral, R. 1988. The genus *Xyris* (Xyridaceae) in Venezuela and contiguous northern South America. **Annals of Missouri Botanical Garden** 75: 522-572.

Silva, G.O & Wanderley, M.G.L. 2013. A família Xyridaceae no Município de Mucugê, BA, Brasil. **Hoehnea** 40(1): 51-76.

Smith, L.B. & Downs, R.J. 1968. Xyridaceae. In: F.C. Hoehne & A.R. Teixeira (Eds.). **Flora Brasílica**, 9(2): 1-214.

Wanderley, M.G.L. 1986. Estudos em Xyridaceae, 3: *Xyris paradisiaca* Wanderley, uma nova espécie para o Brasil. **Hoehnea**, 13: 31-33.

Wanderley, M.G.L. 1989. Xyridaceae. In: J.A. Rizzo (Ed.). **Flora do Estado de Goiás**. V. 11. Goiânia: Cegraf/UFG, p. 1-81.

Wanderley, M.G.L. (Coord.). 2003. Xyridaceae. In: M.G.L. Wanderley; G.J. Shepherd; T.S. Melhém; A.M. Giuliatti & M. Kirizawa (Eds.). **Flora Fanerogâmica do Estado de São Paulo**. São Paulo: FAPESP, RIMA, p. 333-348.

Wanderley, M.G.L. 2011. Flora da Serra do Cipó, Minas Gerais: Xyridaceae. **Boletim de Botânica da Universidade de São Paulo**, 29(1): 69-134.

Wanderley, M.G.L.; Silva, G.O.; Guedes, J.S. & Mota, N.F.O. 2012. Xyridaceae. In: **Lista de Espécies da Flora do Brasil**. Jardim Botânico do Rio de Janeiro. Disponível em: <<http://floradobrasil.jbrj.gov.br/2012/FB000252>>.

Lista de Exsicatas

Amorim, A.M.A. 1486 (1.5); **Barreto, A.C.C.** 380 (1.2); **Calazans, C.** 14 (1.4), 73 (1.4), 518 (1.5); **Carregosa-Silva** 119 (1.5); **Carvalho, A.M.** 931 (1.4); **Costa, S.M.C.** 251 (1.1), 309 (1.6), 493 (1.2), 599 (1.4); **D'Ávila, J.S.** 3653 (1.4); **Donadio, C.M.** 37 (1.2); Drouet, F. 2451 (SP) (1.1); **Farias, M.C.V.** 59 (1.4), 150 (1.1), 271 (1.2); **Fonseca, M.** 404 (1.3), 407 (1.4), 449 (1.6); **Irwin, H.S.** 47243 (1.7); **Landim, M.F.** 1042 (1.2); **Mendes, K.** 114 (1.3); **Menezes, I.R.N.** 236 (1.5); **Nascimento-Junior, J.E.** 91 (1.3), 227 (1.3), 512 (1.2), 515 (1.4), 531 (1.1), 1075 (1.6); **Oliveira, E.V.S.** 671 (1.3); **Prata, A.P.** 1178 (1.1), 1214 (1.4), 1561 (1.1), 1695 (1.2), 2783 (1.2); **Santos, L.A.S.** 41 (1.4), 55 (1.3), 396 (1.6), 520 (1.4), 583 (1.7); **Santos, M.L.** 70 (1.3), 149 (1.3); **Souza, C.L.** 21 (1.2); **Viana, G.** 68 (1.2), 418 (1.3), 1737 (1.6).

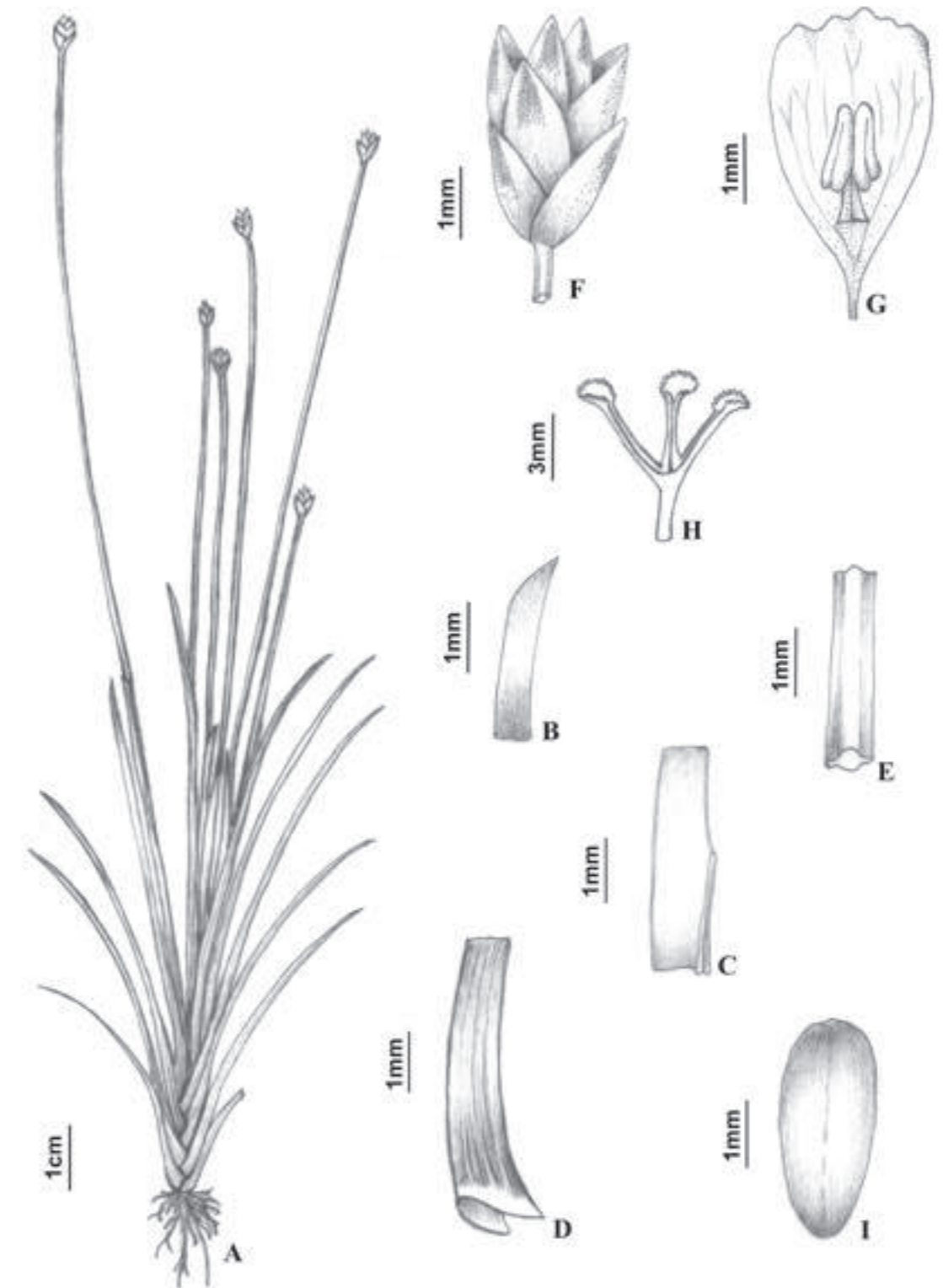


Figura 1. A-I. *Xyris anceps* Lam. A. Hábito. B. Ápice da lamina foliar. C. Meio da folha, região de transição da bainha com a lâmina. D. Bainha foliar. E. Detalhe do pedúnculo 2-costado. F. Espiga. G. Pétala portando um estame. H. Detalhe do estilete trífido para o ápice, com o estigma capitado. I. Fruto (A.C.A.S. Santos 38, ASE).



Figura 2. A-B. *Xyris ciliata* Thunb. A. Hábito. B. Espiga (S.M.C. Costa 493, ASE). C. *Xyris fallax* Malme. C. Espiga (J.E. Nascimento - Júnior 227, ASE). D-F. *Xyris jupicai* Rich. D. Hábito. E-F. Espigas demonstrando a variação morfológica na espécie (L.A.S. Santos 520, ASE). G-I. *Xyris macrocephala* Vahl. G. Hábito. H. Espiga. I. Detalhe da pétala evidenciando o estame e o estaminódio piloso (ASE 18199). J. *Xyris savanensis* Miq. J. Espiga (G. Viana 1737, ASE).

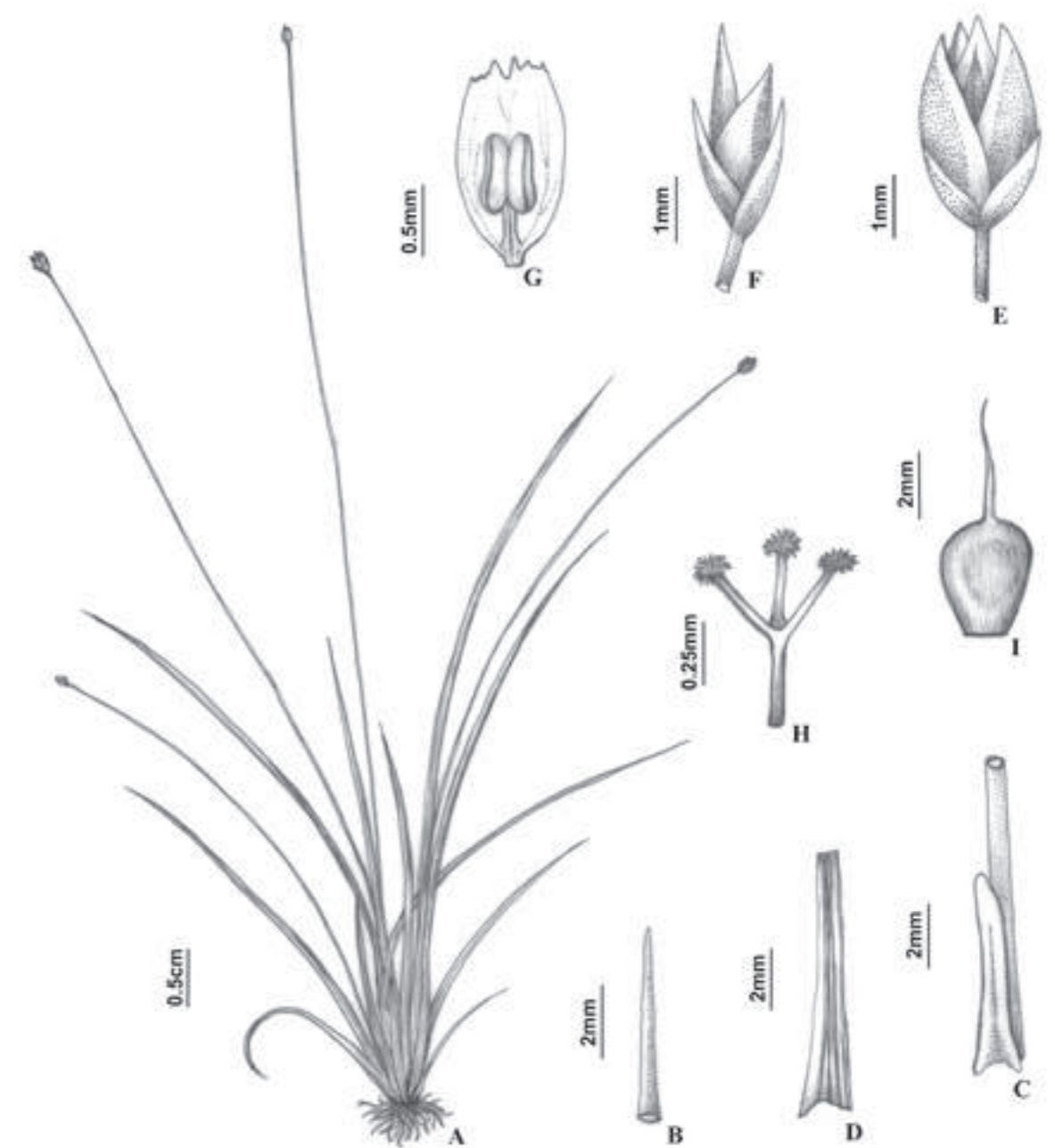


Figura 3. A-I. *Xyris spathacea* Lanj. A. Hábito. B. Ápice da lamina foliar. C. Meio da folha, região de transição da bainha com a lâmina, evidenciando a lígula marginal. D. Base da folha. E-F. Espigas demonstrando a variação morfológica na espécie. G. Pétala portando um estame. H. Detalhe do estilete trifido para o ápice, com o estigma capitado. I. Fruto (L.A.S. Santos 583, ASE).

ÍNDICE REMISSIVO DE NOMES CIENTÍFICOS

A

Abildgaardia baeothryon (Cyperaceae) – 130
Abildgaardia ovata (Cyperaceae) – 130
Abildgaardia papilosa (Cyperaceae) – 129
Abildgaardia scirpoides (Cyperaceae) – 129
Actinostemon appendiculatus (Euphorbiaceae) – 275, 285
Actinostemon concolor (Euphorbiaceae) – 275, 285
Alatiglossum barbatum (Orchidaceae) – 458
Allamanda blanchetii (Apocynaceae) - 48
Allamanda cathartica (Apocynaceae) - 49
Allamanda doniana (Apocynaceae) - 49
Allamanda laevis (Apocynaceae) - 48
Allamanda schottii (Apocynaceae) – 49
Alstroemeria longistaminea (Alstroemeriaceae) – 35, 36, 38
Aosa rupestris (Loasaceae) – 322, 325
Apteria aphylla (Burmanniaceae) – 104, 107
Aristolochia allemanii (Aristolochiaceae) - 97
Aristolochia birostris (Aristolochiaceae) – 97, 100
Aristolochia brasiliensis (Aristolochiaceae) - 97
Aristolochia galeata (Aristolochiaceae) - 97
Aristolochia labiata (Aristolochiaceae) – 97, 100
Aristolochia macroura (Aristolochiaceae) - 98
Aristolochia sp. nov. (Aristolochiaceae) 96, 98
Aristolochia trilobata (Aristolochiaceae) 96, 98, 99
Asclepias candida (Apocynaceae) – 50
Asclepias curassavica (Apocynaceae) - 50
Asclepias mellodora (Apocynaceae) – 51
Aspidosperma discolor (Apocynaceae) - 52
Aspidosperma pyriforme (Apocynaceae) – 25, 26, 53, 90
Aspidosperma subincanum (Apocynaceae) – 54, 90
Astraea klotzschii (Euphorbiaceae) – 249, 269
Astraea lobata (Euphorbiaceae) – 250, 269

B

Barbosella crassifolia (Orchidaceae) – 434
Becquerelia cymosa (Cyperaceae)– 132
Blepharodon costae (Apocynaceae) – 55, 91
Blepharodon nitidum (Apocynaceae) – 55, 56
Blepharodon pictum (Apocynaceae) – 55, 91
Bolboschoenus robustus (Cyperaceae) – 133
Bomarea edulis (Alstroemeriaceae) – 35, 36, 38
Brassavola tuberculata (Orchidaceae) – 431, 432, 435, 486
Buchenavia tetraphylla (Combretaceae) – 109
Bulbostylis capillaris (Cyperaceae) – 135
Bulbostylis conifera (Cyperaceae) – 135
Bulbostylis fasciculata (Cyperaceae) – 134, 136
Bulbostylis junciformis (Cyperaceae) – 135, 137
Bulbostylis scabra (Cyperaceae) – 134, 138
Bulbostylis truncata (Cyperaceae) – 134, 138
Bulbostylis vestita (Cyperaceae) – 134, 139
Burmannia capitata (Burmanniaceae) – 104, 105, 107
Byttneria filipes (Malvaceae) – 326, 327, 336

C

Calathea cylindrica (Marantaceae) – 339
Calathea villosa (Marantaceae) – 340
Calotropis procera (Apocynaceae) – 56
Calycolpus legrandii (Myrtaceae) – 365, 366

Calyptanthes brasiliensis (Myrtaceae) – 367
Calyptanthes clusiifolia (Myrtaceae) – 365
Calyptanthes restingae (Myrtaceae) – 369
Campomanesia aromatica (Myrtaceae) - 373
Campomanesia dichotoma (Myrtaceae) - 371
Campomanesia eugenioides (Myrtaceae) - 372
Campomanesia guaviroba (Myrtaceae) - 373
Campomanesia ilhoensis (Myrtaceae) - 373
Campomanesia viatoris (Myrtaceae) – 373
Campylocentrum aciculatum (Orchidaceae) - 436
Campylocentrum crassirhizum (Orchidaceae) - 436
Campylocentrum micranthum (Orchidaceae) – 436
Campylocentrum pernambucense (Orchidaceae) – 437
Catasetum discolor (Orchidaceae) - 438
Catasetum hookeri (Orchidaceae) - 438
Catasetum macrocarpum (Orchidaceae) - 439
Catasetum uncatum (Orchidaceae) - 439
Cattleya labiata (Orchidaceae) – 441, 486
Cattleya tigrina (Orchidaceae) - 441
Chelonanthus fistulosus (Gentianaceae) - 288
Chelonanthus grandiflorus (Gentianaceae) - 288
Chelonanthus purpurascens (Gentianaceae) - 288, 295
Cissampelos andromorpha (Menispermaceae) – 354, 360
Cissampelos glaberrima (Menispermaceae) – 355, 360
Cissampelos ovalifolia (Menispermaceae) – 355, 360
Cissampelos sympodialis (Menispermaceae) – 356, 360
Cissus albida (Vitaceae) – 557
Cissus bahiensis (Vitaceae) - 558
Cissus blanchetiana (Vitaceae) - 558
Cissus burchellii (Vitaceae) - 560
Cissus decidua (Vitaceae) - 559
Cissus duarteana var. *sessilifolia* (Vitaceae) - 560
Cissus erosa (Vitaceae) - 560
Cissus palmata (Vitaceae) - 560
Cissus paulliniifolia (Vitaceae) - 561
Cissus pinnatifolia (Vitaceae) - 562
Cissus quinquefolia (Vitaceae) - 562
Cissus salutaris (Vitaceae) – 560
Cissus scabra (Vitaceae) - 560
Cissus simsiana (Vitaceae) - 562
Cissus suberecta (Vitaceae) - 560
Cissus sulcicaulis (Vitaceae) - 563
Cissus verticillata (Vitaceae) – 564
Cohniella cebolleta (Orchidaceae) – 478
Combretum fruticosum (Combretaceae) – 109, 113
Combretum lanceolatum (Combretaceae) – 110, 113
Conocarpus erectus (Combretaceae) – 111, 113
Costus spiralis (Costaceae) – 124, 126
Coutoubea ramosa (Gentianaceae) - 289
Coutoubea spicata (Gentianaceae) – 284
Cranichis candida (Orchidaceae) – 442
Croton adamantinus (Euphorbiaceae) - 252
Croton adenocalyx (Euphorbiaceae) - 253
Croton argyrophyllus (Euphorbiaceae) - 254
Croton blanchetianus (Euphorbiaceae) - 254
Croton echioides (Euphorbiaceae) - 254
Croton fuscescens (Euphorbiaceae) - 256
Croton glandulosus (Euphorbiaceae) - 257
Croton grewoides (Euphorbiaceae) - 257
Croton heliotropiifolius (Euphorbiaceae) - 258
Croton hirtus (Euphorbiaceae) - 259
Croton limae (Euphorbiaceae) - 260
Croton lundianus (Euphorbiaceae) - 261
Croton pedicellatus (Euphorbiaceae) - 261
Croton polyandrus (Euphorbiaceae) - 262

Croton sellowii (Euphorbiaceae) - 263
Croton tetradenius (Euphorbiaceae) - 263
Croton tricolor (Euphorbiaceae) - 264
Croton tridentatus (Euphorbiaceae) - 265
Croton triquetus (Euphorbiaceae) - 263
Croton urticifolius (Euphorbiaceae) - 263
Cryptangium verticillatum (Cyperaceae) - 181
Curtia tenella (Gentianaceae) - 289
Curtia tenuifolia (Gentianaceae) - 290
Curtia verticillaris (Gentianaceae) - 290
Cyperus aggregatus (Cyperaceae) - 142
Cyperus articulatus (Cyperaceae) - 143
Cyperus compressus (Cyperaceae) - 143
Cyperus cuspidatus (Cyperaceae) - 144
Cyperus distans (Cyperaceae) - 144
Cyperus giganteus (Cyperaceae) - 145
Cyperus haspan (Cyperaceae) - 146
Cyperus hermaphroditus (Cyperaceae) - 146
Cyperus iria (Cyperaceae) - 147
Cyperus laxus (Cyperaceae) - 148
Cyperus liguralis (Cyperaceae) - 148
Cyperus luzulae (Cyperaceae) - 149
Cyperus maritimus (Cyperaceae) - 150
Cyperus odoratus (Cyperaceae) - 150
Cyperus pohlii (Cyperaceae) - 151
Cyperus rotundus (Cyperaceae) - 151
Cyperus schomburgkianus (Cyperaceae) - 153
Cyperus simplex (Cyperaceae) - 152
Cyperus sphacelatus (Cyperaceae) - 141, 153
Cyperus squarrosus (Cyperaceae) - 154
Cyperus surinamensis (Cyperaceae) - 154
Cyperus uncinulatus (Cyperaceae) - 155
Cyrtopodium brandonianum (Orchidaceae) - 443
Cyrtopodium flavum (Orchidaceae) - 444
Cyrtopodium holstii (Orchidaceae) - 444
Cyrtopodium parviflorum (Orchidaceae) - 445
Cyrtopodium polyphyllum (Orchidaceae) - 444

D

Dichaea cogniauxiana (Orchidaceae) - 446
Dichaea panamensis (Orchidaceae) - 446
Dimerandra emarginata (Orchidaceae) - 446
Dioscorea campestris (Dioscoreaceae) - 221
Dioscorea campestris var. grandiflora (Dioscoreaceae) - 221
Dioscorea discolor (Dioscoreaceae) - 221
Dioscorea dodecandra (Dioscoreaceae) - 221
Dioscorea dodecaneura (Dioscoreaceae) - 221, 229
Dioscorea dodecaneura var. maronensis (Dioscoreaceae) - 221
Dioscorea dodecaneura var. villosa (Dioscoreaceae) - 221
Dioscorea hasslerana (Dioscoreaceae) - 222
Dioscorea hastata (Dioscoreaceae) - 222
Dioscorea leptostachya (Dioscoreaceae) - 223
Dioscorea orthogoneura (Dioscoreaceae) - 224
Dioscorea ovata (Dioscoreaceae) - 224
Dioscorea piperifolia (Dioscoreaceae) - 225
Dioscorea stegelmanni (Dioscoreaceae) - 226
Dioscorea subhastata (Dioscoreaceae) - 226
Dioscorea vittata (Dioscoreaceae) - 221
Ditassa banksii (Apocynaceae) - 59
Ditassa blanchetii (Apocynaceae) - 58
Ditassa crassifolia (Apocynaceae) - 59
Ditassa dardanoi (Apocynaceae) - 59
Ditassa hastata (Apocynaceae) - 60
Ditassa hispida (Apocynaceae) - 58

Ditassa oxyphylla (Apocynaceae) - 61
Ditassa rotundifolia (Apocynaceae) - 61

E

Eleocharis atropurpurea (Cyperaceae) - 160
Eleocharis debilis (Cyperaceae) - 161
Eleocharis elegans (Cyperaceae) - 161
Eleocharis elongata (Cyperaceae) - 162
Eleocharis endounifascis (Cyperaceae) - 163
Eleocharis filiculmis (Cyperaceae) - 163
Eleocharis geniculata (Cyperaceae) - 164
Eleocharis interstincta (Cyperaceae) - 165
Eleocharis maculosa (Cyperaceae) - 165
Eleocharis mutata (Cyperaceae) - 166
Eleocharis nigrescens (Cyperaceae) - 167
Eleocharis obtusetrigona (Cyperaceae) - 167
Eleocharis schaffneri (Cyperaceae) - 168
Eleocharis sellowiana (Cyperaceae) - 168
Eltroplectris calcarata (Orchidaceae) - 447
Emmotum affine (Icacinaceae) - 299
Encyclia alboxanthina (Orchidaceae) - 448
Encyclia dichroma (Orchidaceae) - 449
Encyclia odoratissima (Orchidaceae) - 450
Encyclia oncidoides (Orchidaceae) - 449
Encyclia patens (Orchidaceae) - 450
Epidendrum carpophorum (Orchidaceae) - 451
Epidendrum cinnabarinum (Orchidaceae) - 452
Epidendrum nocturnum (Orchidaceae) - 448
Epidendrum orchidiflorum (Orchidaceae) - 454
Epidendrum pseudodiforme (Orchidaceae) - 453
Epidendrum rigidum (Orchidaceae) - 454
Epidendrum secundum (Orchidaceae) - 455
Epistephium lucidum (Orchidaceae) - 456
Erycina pusilla (Orchidaceae) - 456
Erythroxylum affine (Erythroxylaceae) - 235
Erythroxylum andrei (Erythroxylaceae) - 235,
Erythroxylum caatingae (Erythroxylaceae) - 236
Erythroxylum citrifolium (Erythroxylaceae) - 237,
Erythroxylum macrocalyx (Erythroxylaceae) - 238
Erythroxylum mikanii (Erythroxylaceae) - 238
Erythroxylum mucronatum (Erythroxylaceae) - 238,
Erythroxylum nobile (Erythroxylaceae) - 239
Erythroxylum nordestinum (Erythroxylaceae) - 240
Erythroxylum passerinum (Erythroxylaceae) - 240
Erythroxylum pulchrum (Erythroxylaceae) - 241
Erythroxylum revolutum (Erythroxylaceae) - 241
Erythroxylum rimosum (Erythroxylaceae) - 242
Erythroxylum simonis (Erythroxylaceae) - 242
Erythroxylum squamatum (Erythroxylaceae) - 243
Erythroxylum subrotundum (Erythroxylaceae) - 244
Erythroxylum vacciniifolium (Erythroxylaceae) - 244
Eugenia aff. pohliana (Myrtaceae) - 384
Eugenia astringens (Myrtaceae) - 377
Eugenia brejoensis (Myrtaceae) - 378
Eugenia candolleana (Myrtaceae) - 379
Eugenia cassinoides (Myrtaceae) - 377
Eugenia cerasiflora (Myrtaceae) - 380
Eugenia costatifructa (Myrtaceae) - 380
Eugenia excelsa (Myrtaceae) - 381
Eugenia hirta (Myrtaceae) - 382
Eugenia ligustrina (Myrtaceae) - 382
Eugenia modesta (Myrtaceae) - 383
Eugenia puniceifolia (Myrtaceae) - 384
Eugenia rostrata (Myrtaceae) - 385

Eugenia rotundifolia (Myrtaceae) - 377
Eugenia schottiana (Myrtaceae) - 386
Eugenia sp. nov. (Myrtaceae) - 387
Eugenia subreticulata (Myrtaceae) - 387
Eugenia umbelliflora (Myrtaceae) - 377

F

Fimbristylis autumnalis (Cyperaceae) - 171
Fimbristylis complanata (Cyperaceae) - 172
Fimbristylis cymosa (Cyperaceae) - 173
Fimbristylis dichotoma (Cyperaceae) - 173
Fimbristylis ferruginea (Cyperaceae) - 174
Forsteronia affinis (Apocynaceae) - 62
Fuirena umbellata (Cyperaceae) - 175

G

Galeandra montana (Orchidaceae) - 457
Genlisea filiformis (Lentibulariaceae) - 307
Goepertia cylindrica (Marantaceae) - 339
Goepertia sp. nov. (Marantaceae) - 341
Goepertia villosa (Marantaceae) - 340
Gomesa barbata (Orchidaceae) - 458
Gomphocarpus brasiliensis (Apocynaceae) - 63
Gomphocarpus physocarpus (Apocynaceae) - 63
Griffinia colatinensis (Amaryllidaceae) - 39
Griffinia espiritensis (Amaryllidaceae) - 39
Griffinia mucurina (Amaryllidaceae) - 39
Griffinia paubrasilica (Amaryllidaceae) - 39
Guazuma ulmifolia (Malvaceae) - 327
Gymnanthes klotzschiana (Euphorbiaceae) - 276
Gymnosiphon divaricatus (Burmanniaceae) - 106

H

Habenaria cryptophila (Orchidaceae) - 460
Habenaria fluminensis (Orchidaceae) - 460
Habenaria obtusa (Orchidaceae) - 461
Habenaria parviflora (Orchidaceae) - 461
Habenaria petalodes (Orchidaceae) - 462
Habenaria pratensis (Orchidaceae) - 462
Habenaria rotundiloba (Orchidaceae) - 463
Habenaria schenckii (Orchidaceae) - 463
Habenaria trifida (Orchidaceae) - 464
Habranthus itaobinus (Amaryllidaceae) - 40
Habranthus sylvaticus (Amaryllidaceae) - 41
Hancornia speciosa (Apocynaceae) - 63
Hapalorchis lineata (Orchidaceae) - 465
Himatanthus bracteatus (Apocynaceae) - 65
Himatanthus obovatus (Apocynaceae) - 65
Hydrolea spinosa (Hydroleaceae) - 296
Hyperbaena domingensis (Menispermaceae) - 357
Hypertelis spergulacea (Molluginaceae) - 361

I

Ionopsis utricularioides (Orchidaceae) - 465
Ischnosiphon plurispicatum (Marantaceae) - 344

J

Jacquemontia agrestis (Convolvulaceae) - 116
Jacquemontia bahiensis (Convolvulaceae) - 116
Jacquemontia bracteosa (Convolvulaceae) - 117

Jacquemontia choisyana (Convolvulaceae) - 117
Jacquemontia confusa (Convolvulaceae) - 119
Jacquemontia corymbulosa (Convolvulaceae) - 117
Jacquemontia evoluloides var. *longipedunculata* (Convolvulaceae) - 116
Jacquemontia ferruginea (Convolvulaceae) - 118
Jacquemontia nodiflora (Convolvulaceae) - 119
Jacquemontia pentanthos (Convolvulaceae) - 118, 119
Jacquemontia racemosa (Convolvulaceae) - 120
Jacquemontia sphaerostigma (Convolvulaceae) - 120
Jacquemontia tamnifolia (Convolvulaceae) - 121
Jacquinella globosa (Orchidaceae) - 466

K

Krameria bahiana (Krameriaceae) - 302
Krameria tomentosa (Krameriaceae) - 303
Kyllinga brevifolia (Cyperaceae) - 177
Kyllinga nemoralis (Cyperaceae) - 177
Kyllinga odorata (Cyperaceae) - 178
Kyllinga pumila (Cyperaceae) - 178
Kyllinga squamulata (Cyperaceae) - 179
Kyllinga vaginata (Cyperaceae) - 180

L

Lagenocarpus guianensis (Cyperaceae) - 182
Lagenocarpus inversus (Cyperaceae) - 181
Lagenocarpus rigidus (Cyperaceae) - 182
Lagenocarpus verticillatus (Cyperaceae) - 183
Laguncularia racemosa (Combretaceae) - 111
Langsdorffia hypogaea (Balanophoraceae) - 101
Liparis nervosa (Orchidaceae) - 467
Liparis vexillifera (Orchidaceae) - 468
Lipocarpha humboldtiana (Cyperaceae) - 184
Lipocarpha micrantha (Cyperaceae) - 185, 186
Lipocarpha salzmänniana (Cyperaceae) - 185, 186
Lockhartia goyazensis (Orchidaceae) - 468
Lophiaris pumila (Orchidaceae) - 479

M

Mabea piriri (Euphorbiaceae) - 277
Macoubea guianensis (Apocynaceae) - 66
Macoubea mesoamericana (Apocynaceae) - 66
Macoubea sprucei (Apocynaceae) - 66
Macroclinium sp. (Orchidaceae) - 469
Malouetia cestroides (Apocynaceae) - 67
Mandevilla funiformis (Apocynaceae) - 69
Mandevilla guanabaria (Apocynaceae) - 69
Mandevilla hirsuta (Apocynaceae) - 68
Mandevilla microphylla (Apocynaceae) - 69
Mandevilla moricandiana (Apocynaceae) - 70
Mandevilla scabra (Apocynaceae) - 70
Mandevilla tenuifolia (Apocynaceae) - 71
Maranta arundinacea (Marantaceae) - 342
Maranta noctiflora (Marantaceae) - 342
Maranta protracta (Marantaceae) - 343
Maranta tonckat (Marantaceae) - 343
Maranta zebrina (Marantaceae) - 334
Maranta zingiberina (Marantaceae) - 343
Marlierea excoriata (Myrtaceae) - 389
Marsdenia altissima (Apocynaceae) - 72
Marsdenia hilariana (Apocynaceae) - 73
Matelea ganglinosa (Apocynaceae) - 74
Matelea nigra (Apocynaceae) - 75

Matelea orthosoides (Apocynaceae) - 76
Melochia betonicifolia (Malvaceae) - 328
Melochia tomentosa (Malvaceae) - 329
Mentzelia aspera (Loasaceae) - 323
Microstachys corniculata (Euphorbiaceae) - 278
Microstachys heterodoxa (Euphorbiaceae) - 279
Mollugo verticillata (Molluginaceae) - 361
Monotagma plurispicatum (Marantaceae) - 344
Monotagma spicatum (Marantaceae) - 344
Myrcia amazonica (Myrtaceae) - 392
Myrcia bergiana (Myrtaceae) - 393
Myrcia decorticans (Myrtaceae) - 394
Myrcia guianensis (Myrtaceae) - 395
Myrcia hirtiflora (Myrtaceae) - 396
Myrcia ilheosensis (Myrtaceae) - 397
Myrcia insularis (Myrtaceae) - 397
Myrcia laruotteana (Myrtaceae) - 399
Myrcia littoralis (Myrtaceae) - 400
Myrcia lundiana (Myrtaceae) - 400
Myrcia neobullata (Myrtaceae) - 396
Myrcia polyantha (Myrtaceae) - 402
Myrcia racemosa (Myrtaceae) - 403
Myrcia ramuliflora (Myrtaceae) - 403
Myrcia rosangelae (Myrtaceae) - 404
Myrcia salzmännii (Myrtaceae) - 405
Myrcia sp. nov. 1 (Myrtaceae) - 398
Myrcia sp. nov. 2 (Myrtaceae) - 401
Myrcia sp. nov. 3 (Myrtaceae) - 406
Myrcia splendens (Myrtaceae) - 406
Myrcia sylvatica (Myrtaceae) - 407
Myrcia tomentosa (Myrtaceae) - 408
Myrcia verrucosa (Myrtaceae) - 409
Myrcianthes pseudomato (Myrtaceae) - 410
Myrciaria aff. *guaquiea* (Myrtaceae) - 412
Myrciaria ferruginea (Myrtaceae) - 413
Myrciaria floribunda (Myrtaceae) - 411
Myrciaria tenella (Myrtaceae) - 414
Myrosma cannifolia (Marantaceae) - 345
Myrrhinium loranthoides (Myrtaceae) - 410

N

Neomitranthes obtusa (Myrtaceae) - 415
Nothoscordum pernambucanum (Amaryllidaceae) - 43
Notylia barkeri (Orchidaceae) - 469

O

Odontadenia salzmännii (Apocynaceae) - 76
Odontocarya duckei (Menispermaceae) - 357
Oeceoclades maculata (Orchidaceae) - 470
Oncidium barbatum (Orchidaceae) - 458
Oncidium cebolleta (Orchidaceae) - 478
Oncidium pumilum (Orchidaceae) - 479
Oxalis cratensis (Oxalidaceae) - 492
Oxalis divaricata (Oxalidaceae) - 493
Oxalis frutescens (Oxalidaceae) - 493
Oxalis glaucescens (Oxalidaceae) - 494
Oxalis hedysarifolia (Oxalidaceae) - 494
Oxalis neuwiedii (Oxalidaceae) - 495
Oxalis psoraleoides (Oxalidaceae) - 496
Oxalis puberula (Oxalidaceae) - 496
Oxalis sepium (Oxalidaceae) - 497
Oxypetalum banksii (Apocynaceae) - 78
Oxypetalum harleyi (Apocynaceae) - 78

P

Paspalum arenarium (Poaceae) - 511
Paspalum clavuliferum (Poaceae) - 512
Paspalum conjugatum (Poaceae) - 512
Paspalum convexum (Poaceae) - 513
Paspalum distichum (Poaceae) - 513
Paspalum divergens (Poaceae) - 514
Paspalum fimbriatum (Poaceae) - 514
Paspalum gardnerianum (Poaceae) - 514
Paspalum maritimum (Poaceae) - 515
Paspalum melanospermum (Poaceae) - 515
Paspalum millegrana (Poaceae) - 516
Paspalum molle (Poaceae) - 516
Paspalum oligostachyum (Poaceae) - 517
Paspalum pilosum (Poaceae) - 517
Paspalum pleostachyum (Poaceae) - 518
Paspalum pulchellum (Poaceae) - 518
Paspalum scutatatum (Poaceae) - 519
Paspalum vaginatum (Poaceae) - 519
Passiflora alata (Passifloraceae) - 501
Passiflora bahiensis (Passifloraceae) - 502
Passiflora cincinnata (Passifloraceae) - 502
Passiflora contracta (Passifloraceae) - 503
Passiflora edulis (Passifloraceae) - 504
Passiflora foetida (Passifloraceae) - 505
Passiflora misera (Passifloraceae) - 506
Passiflora silvestris (Passifloraceae) - 506
Passiflora suberosa (Passifloraceae) - 507
Petalostelma martianum (Apocynaceae) - 79
Phoradendron chrysocladon (Viscaceae) - 551
Phoradendron liga (Viscaceae) - 551
Phoradendron obtusissimum (Viscaceae) - 552
Phoradendron piperoides (Viscaceae) - 552
Phoradendron quadrangulare (Viscaceae) - 553
Phoradendron strongyloclados (Viscaceae) - 554
Phoradendron tunaeforme (Viscaceae) - 554
Phrynium cylindricum (Marantaceae) - 339
Phrynium parkeri (Marantaceae) - 344
Piriqueta cistoides (Passifloraceae) - 535
Piriqueta cistoides subsp. *caroliniana* (Passifloraceae) - 531
Piriqueta duarteana (Passifloraceae) - 535
Piriqueta duarteana var. *duarteana* (Passifloraceae) - 536
Piriqueta duarteana var. *ulei* (Passifloraceae) - 536
Piriqueta guianensis (Passifloraceae) - 536
Piriqueta guianensis subsp. *elongata* (Passifloraceae) - 537
Piriqueta racemosa (Passifloraceae) - 537
Polystachya estrellensis (Orchidaceae) - 471
Prescottia plantaginea (Orchidaceae) - 472
Prestonia coalita (Apocynaceae) - 80
Prosthechea aemula (Orchidaceae) - 473
Psidium amplexicaule (Myrtaceae) - 417
Psidium appendiculatum (Myrtaceae) - 418
Psidium decussatum (Myrtaceae) - 419
Psidium guineense (Myrtaceae) - 419
Psidium oligospermum (Myrtaceae) - 421
Psidium sartorianum (Myrtaceae) - 422
Psidium schenckianum (Myrtaceae) - 422
Pycreus flavescens (Cyperaceae) - 187
Pycreus fugax (Cyperaceae) - 187
Pycreus macrostachyos (Cyperaceae) - 188
Pycreus polystachyos (Cyperaceae) - 188

R

Rauvolfia ligustrina (Apocynaceae) – 80
Remirea maritima (Cyperaceae) – 189
Rhizophora mangle (Rhizophoraceae) – 522
Rhynchospora albiceps (Cyperaceae) - 192
Rhynchospora barbata (Cyperaceae) - 192
Rhynchospora cephalotes (Cyperaceae) - 193
Rhynchospora comata (Cyperaceae) - 194
Rhynchospora contracta (Cyperaceae) – 194
Rhynchospora diodon (Cyperaceae) – 195
Rhynchospora elegantula (Cyperaceae) - 195
Rhynchospora exaltata (Cyperaceae) – 195
Rhynchospora filiformis (Cyperaceae) - 196
Rhynchospora gigantea (Cyperaceae) – 196
Rhynchospora holoschoenoides (Cyperaceae) - 197
Rhynchospora marisculus (Cyperaceae) - 197
Rhynchospora nervosa (Cyperaceae) - 198
Rhynchospora ridleyi (Cyperaceae) - 198
Rhynchospora riedeliana (Cyperaceae) - 199
Rhynchospora riparia (Cyperaceae) - 199
Rhynchospora rugosa (Cyperaceae) - 200
Rhynchospora tenerrima (Cyperaceae) - 201
Rhynchospora tenuis (Cyperaceae) - 201

S

Sacoila lanceolata (Orchidaceae) - 473
Sapium argutum (Euphorbiaceae) – 280
Sapium glandulatum (Euphorbiaceae) - 280
Sapium glandulosum (Euphorbiaceae) - 280
Sapium haematospermum (Euphorbiaceae) - 279
Sapium obovatum (Euphorbiaceae) - 279
Sarcoglottis acaulis (Orchidaceae) - 475
Sarcoglottis curvisepala (Orchidaceae) – 475
Sarcoglottis fasciculata (Orchidaceae) - 476
Scaphyglottis sickii (Orchidaceae) – 476
Schoenoplectus californicus (Cyperaceae) – 202
Schoepfia brasiliensis (Schoepfiaceae) – 525
Schubertia multiflora (Apocynaceae) – 81
Schultesia guianensis (Gentianaceae) - 290
Schwartzia brasiliensis (Marcgraviaceae) – 351
Scirpus elegans (Cyperaceae) – 161
Scleria bracteata (Cyperaceae) - 204
Scleria cyperina (Cyperaceae) - 205
Scleria hirtella (Cyperaceae) - 206
Scleria interrupta (Cyperaceae) - 207
Scleria latifolia (Cyperaceae) - 207
Scleria melaleuca (Cyperaceae) - 208
Scleria microcarpa (Cyperaceae) - 209
Scleria mitis (Cyperaceae) - 210
Scleria reticulares (Cyperaceae) - 210
Scleria scabra (Cyperaceae) - 211
Scleria secans (Cyperaceae) - 211
Scleria verticillata (Cyperaceae) - 212
Sebastiania jacobinensis (Euphorbiaceae) - 282
Sebastiania riparia (Euphorbiaceae) - 282
Skytanthus acutus (Apocynaceae) - 82
Skytanthus hancorniiifolius (Apocynaceae) - 82
Skytanthus havanensis (Apocynaceae) - 82
Skytanthus martianus (Apocynaceae) – 82
Sobralia liliastrum (Orchidaceae) - 477
Stillingia trapezoidea (Euphorbiaceae) - 283
Stromanthe porteana (Marantaceae) - 346
Stromanthe sanguinea (Marantaceae) – 346

Stromanthe thalia (Marantaceae) - 346
Stromathe tonckat (Marantaceae) - 347

T

Tabernaemontana laeta (Apocynaceae) – 84, 94
Tabernaemontana pandacaqui (Apocynaceae) – 81
Temnadenia odorifera (Apocynaceae) – 85
Temnadenia stellaris (Apocynaceae) – 85
Thevetia peruviana (Apocynaceae) – 85
Trichocentrum cebolleta (Orchidaceae) - 478
Trichocentrum pumilum (Orchidaceae) - 479
Trigonia nivea var. *nivea* (Trigoniaceae) - 531
Trigonidium acuminatum (Orchidaceae) - 480
Turnera calyptrocarpa (Passifloraceae) - 539
Turnera cearensis (Passifloraceae) - 540
Turnera chamaedrifolia (Passifloraceae) - 540
Turnera coerulea (Passifloraceae) - 541
Turnera coerulea var. *coerulea* (Passifloraceae) - 542
Turnera coerulea var. *surinamensis* (Passifloraceae) - 538
Turnera hermannioides (Passifloraceae) - 538
Turnera melochioides (Passifloraceae) - 543
Turnera melochioides var. *arenaria* (Passifloraceae) - 544
Turnera melochioides var. *latifolia* (Passifloraceae) – 544
Turnera pumilea (Passifloraceae) - 540
Turnera subulata (Passifloraceae) - 545
Typha domingensis (Typhaceae) - 528

U

Utricularia amethystina (Lentibulariaceae) - 309
Utricularia costata (Lentibulariaceae) - 310
Utricularia erectiflora (Lentibulariaceae) - 310
Utricularia flaccida (Lentibulariaceae) - 311
Utricularia foliosa (Lentibulariaceae) - 312
Utricularia gibba (Lentibulariaceae) - 312
Utricularia guyanensis (Lentibulariaceae) – 313
Utricularia hydrocarpa (Lentibulariaceae) - 313
Utricularia lloydii (Lentibulariaceae) – 314
Utricularia longifolia (Lentibulariaceae) - 315
Utricularia nana (Lentibulariaceae) - 315
Utricularia pusilla (Lentibulariaceae) - 316
Utricularia resupinata (Lentibulariaceae) - 317
Utricularia subulata (Lentibulariaceae) - 317

V

Vanilla bahiana (Orchidaceae) – 481, 490
Vanilla palmarum (Orchidaceae) - 481, 490
Veyretia rupicola (Orchidaceae) - 482
Voyria aphylla (Gentianaceae) - 291
Voyria caerulea (Gentianaceae) - 291

W

Waltheria albicans (Malvaceae) – 330, 337
Waltheria cinerescens (Malvaceae) – 330
Waltheria indica (Malvaceae) - 331
Waltheria operculata (Malvaceae) - 332
Waltheria rotundifolia (Malvaceae) - 333
Waltheria viscosissima (Malvaceae) - 333

X

- Xyris anceps* (Xyridaceae) - 569, 575
Xyris ciliata (Xyridaceae) - 569, 576
Xyris fallax (Xyridaceae) - 570, 576
Xyris jupicai (Xyridaceae) - 571, 576
Xyris macrocephala (Xyridaceae) - 571, 576
Xyris savanensis (Xyridaceae) - 572, 576
Xyris spathacea (Xyridaceae) - 573, 577

ÍNDICE REMISSIVO DE NOMES VERNACULARES

A

- Alecrim-de-vaqueiro; *Croton grewoides* (Euphorbiaceae) - 257
 Algodão-brabo; *Calotropis procera* (Apocynaceae) - 56
 Algodão-de-seda; *Calotropis procera* (Apocynaceae) - 56
 Alho-bravo; *Habranthus sylvaticus* (Amaryllidaceae) - 41
 Araçá; *Calycolpus legrandii* (Myrtaceae) - 365, 366
 Araçá; *Myrcia decorticans* (Myrtaceae) - 394
 Araçá; *Myrcia guianensis* (Myrtaceae) - 395
 Araçá; *Psidium decussatum* (Myrtaceae) - 419
 Araçá; *Psidium guineense* (Myrtaceae) - 419
 Araçá; *Psidium oligospermum* (Myrtaceae) 421
 Araçá; *Psidium schenckianum* (Myrtaceae) - 422
 Araçá-brabo; *Sebastiania jacobinensis* (Euphorbiaceae) - 282
 Araçá-branco; *Myrcia decorticans* (Myrtaceae) 394
 Araçá-da-mata; *Myrcia polyantha* (Myrtaceae) 402
 Araçá-de-birro; *Calycolpus legrandii* (Myrtaceae) 366, 427
 Araçá-de-birro; *Myrcia decorticans* (Myrtaceae) 394
 Araçá-de-boi; *Campomanesia eugenioides* (Myrtaceae) 372
 Araçá-de-boi; *Psidium appendiculatum* (Myrtaceae) 418
 Araçá-de-porco; *Psidium decussatum* (Myrtaceae) 419
 Araçá-de-porco; *Psidium guineense* (Myrtaceae) 419, 427
 Araçá-de-porco; *Psidium oligospermum* (Myrtaceae) 421
 Araçá-goiaba; *Psidium guineense* (Myrtaceae) 419, 427
 Araçá; *Psidium decussatum* (Myrtaceae) 419
 Araçá-pedra; *Psidium oligospermum* (Myrtaceae) 421
 Araçarica; *Psidium decussatum* (Myrtaceae) 419
 Araçá-verdadeiro; *Psidium guineense* (Myrtaceae) 419, 427
 Araçazinho; *Psidium decussatum* (Myrtaceae) 419
 Aranha-gato; *Turnera subulata* (Turneraceae) 545
 Azedinho; *Oxalis psoraleoides* (Oxalidaceae) 496
 Azeitona; *Eugenia candolleana* (Myrtaceae) 379

B

- Bacalhau; *Campomanesia dichotoma* (Myrtaceae) 371
 Banana-bush; *Tabernaemontana pandacaqui* (Apocynaceae) 84
 Banheira; *Campomanesia aromatica* (Myrtaceae) 371
 Batinga; *Eugenia excelsa* (Myrtaceae) 381
 Berindiba; *Buchenavia tetraphylla* (Combretaceae) 109
 Bico-de-nambu; *Alstroemeria longistaminea* (Alstroemeriaceae) 35, 36
 Bico-de-nambu; *Bomarea edulis* (Alstroemeriaceae) 35, 36
 Branquinha; *Myrcia polyantha* (Myrtaceae) -402
 Bumba-boi; *Himatanthus obovatus* (Apocynaceae) 65
 Burra-leiteira; *Sapium argutum* (Euphorbiaceae) - 280, 286
 Burra-leiteira; *Stillingia trapezoidea* (Euphorbiaceae) 283, 286

C

- Caetê; *Maranta noctiflora* (Marantaceae) 342, 350
 Cajueiro branco; *Himatanthus obovatus* (Apocynaceae) 66
 Cajueiro-bravo; *Himatanthus obovatus* (Apocynaceae) 66
 Cajueiro-bravo; *Himatanthus bracteatus* 65
 Cambucá; *Myrciaria aff. guaqueia* (Myrtaceae) 412
 Cambuí; *Myrcia polyantha* (Myrtaceae) 402, 428
 Cambuí; *Myrciaria ferruginea* (Myrtaceae) 413, 428
 Cambuí; *Myrciaria floribunda* (Myrtaceae) 411, 429
 Cambuí-do-mato; *Myrciaria floribunda* (Myrtaceae) - 411, 429
 Camuxá; *Myrcia splendens* (Myrtaceae) - 406, 429
 Cana-de-macaco; *Costus spiralis* (Costaceae) - 124
 Cana-de-macaco; *Maranta noctiflora* (Marantaceae) - 342, 350
 Cana-do-brejo; *Costus spiralis* (Costaceae) - 124, 126
 Candeia; *Calycolpus legrandii* (Myrtaceae) - 366, 427

Candeia; *Myrcia decorticans* (Myrtaceae) - 394, 427
Candeia; *Myrcia polyantha* (Myrtaceae) - 402
Candeia-branca; *Croton limae* (Euphorbiaceae) - 260
Canela-de-tabuleiro; *Myrcia lundiana* (Myrtaceae) - 400
Canela-de-veado; *Eugenia candolleana* (Myrtaceae) - 379
Canela-de-veado; *Eugenia ligustrina* (Myrtaceae) - 382
Canela-de-veado; *Eugenia subreticulata* (Myrtaceae) - 387
Carqueja-do-pântano; *Hydrolea spinosa* (Hydroleaceae) - 296, 298
Cebola-brava; *Habranthus itaobinus* (Amaryllidaceae) - 40
Cebola-brava; *Habranthus sylvaticus* (Amaryllidaceae) - 40
Cebola-brava; *Hippeastrum stylosum* (Amaryllidaceae) - 42
Cebola-de-cobra; *Hippeastrum stylosum* (Amaryllidaceae) - 42
Cega-olho; *Asclepias curassavica* (Apocynaceae) - 50
Chanana; *Piriqueta duarteana* (Turneraceae) - 535, 536, 547
Chanana; *Turnera coerulea* (Turneraceae) - 541, 542, 548
Chanana; *Turnera subulata* (Turneraceae) - 545, 549
Cipó-de-cobra; *Cissus paulliniifolia* (Vitaceae) - 561
Cipó-de-cobra; *Cissus verticillata* (Vitaceae) - 564, 566,
Cipó-parreira; *Cissus quinquefolia* (Vitaceae) - 562
Cipó-parreira; *Cissus simsiana* (Vitaceae) - 562, 566
Cu-de-nego; *Myrcia guianensis* (Myrtaceae) - 395, 426, 429
Cunhão-de-bode; *Matelea nigra* (Apocynaceae) - 75, 93
Cunhão-de-boi; *Marsdenia altissima* (Apocynaceae) 72

E

Embiridiba; *Buchenavia tetraphylla* (Combretaceae) - 109
Estrelinha; *Eugenia costatifructa* (Myrtaceae) - 380
Falso-louro; *Emmotum affine* (Icacinaeae) - 299, 301

G

Gabirobinha; *Campomanesia ilhoensis* (Myrtaceae) 373, 427, 428
Gabirobinha; *Campomanesia viatoris* (Myrtaceae) 28, 373
Gama-brejo; *Costus spiralis* (Costaceae) 124, 126
Gobirabinha; *Campomanesia aromatica* (Myrtaceae) 371, 427, 428
Goiabinha; *Psidium decussatum* (Myrtaceae) 419
Guabiraba; *Campomanesia guaviroba* (Myrtaceae) 373
Guabiraba-doce; *Myrcia polyantha* (Myrtaceae) 402, 428
Guabirabinha; *Campomanesia aromatica* (Myrtaceae) 371, 427, 428
Guabiroba; *Campomanesia dichotoma* (Myrtaceae) 371
Guabiroba-branca; *Campomanesia dichotoma* (Myrtaceae) 371,
Guabiroba-da-folha-larga; *Campomanesia dichotoma* (Myrtaceae) 371,
Guabiroba-da-folha-miúda; *Campomanesia eugenioides* (Myrtaceae) 372, 373

I

Imbiridiba; *Buchenavia tetraphylla* (Combretaceae) 109
Insulina; *Cissus verticillata* (Vitaceae) 553, 566
Itaipuna; *Myrcia salzmannii* (Myrtaceae) 405, 426, 427

J

Jarrinha; *Aristolochia allemanii* (Aristolochiaceae) 97,
Jarrinha; *Aristolochia birostris* (Aristolochiaceae) 97
Junco comum, *Schoenoplectus californicus* (Cyperaceae) - 202

L

Laranjinha; *Schoepfia brasiliensis* (Schoepfiaceae) 525, 527
Leiteiro-bravo; *Matelea ganglinosa* (Apocynaceae) 74, 93
Limãozinho; *Myrcia lundiana* (Myrtaceae) 400, 428
Louro-da-caatinga; *Emmotum affine* (Icacinaeae) 299, 301

M

Malva; *Turnera pumilea* (Passifloraceae) - 540
Malva-branca; *Waltheria rotundifolia* (Malvaceae) - 333
Malva-vermelha; *Waltheria albicans* (Malvaceae) - 330
Mama-de-cachorra; *Eugenia brejoensis* (Myrtaceae) - 378
Mama-de-cachorro; *Eugenia candolleana* (Myrtaceae) - 379, 375, 424
Mangaba; *Hancornia speciosa* (Apocynaceae) - 63
Mangue-amarelo; *Laguncularia racemosa* (Combretaceae) - 111
Mangue-branco; *Laguncularia racemosa* (Combretaceae) - 111
Mangue-manso; *Laguncularia racemosa* (Combretaceae) - 111
Mangue-sapateiro; *Laguncularia racemosa* (Combretaceae) - 111
Mangue-vermelho; *Rhizophora mangle* (Rhizophoraceae) - 518, 520
Maracujá; *Passiflora edulis* (Passifloraceae) - 504
Maracujá-açú; *Passiflora alata* (Passifloraceae) - 501
Maracujá-amarelo; *Passiflora edulis* (Passifloraceae) - 504
Maracujá-brabo; *Passiflora cincinnata* (Passifloraceae) - 502
Maracujá-de-boi; *Passiflora foetida* (Passifloraceae) - 505
Maracujá-de-cacho; *Passiflora contracta* (Passifloraceae) - 503
Maracujá-de-cobra; *Passiflora foetida* (Passifloraceae) - 505
Maracujá-de-cortiça; *Passiflora suberosa* (Passifloraceae) - 507
Maracujá-de-estralo; *Passiflora foetida* (Passifloraceae) - 505
Maracujá-de-pipoco; *Passiflora foetida* (Passifloraceae) - 505
Maracujá-doce; *Passiflora alata* (Passifloraceae) - 501
Maracujá-do-mato; *Passiflora bahiensis* (Passifloraceae) - 502
Maracujá-do-mato; *Passiflora cincinnata* (Passifloraceae) - 502
Maracujá-do-mato; *Passiflora foetida* (Passifloraceae) - 505
Maracujá-mirim; *Passiflora misera* (Passifloraceae) - 506
Maracujá-muchila; *Passiflora cincinnata* (Passifloraceae) - 502
Maracujá-peroba; *Passiflora edulis* (Passifloraceae) - 504
Maracujazinho; *Passiflora misera* (Passifloraceae) - 506
Maria-espinhenta; *Byttneria filipes* (Malvaceae) - 326
Maria-mole; *Sebastiania jacobinensis* (Euphorbiaceae) - 282
Marmeleiro; *Croton blanchetianus* (Euphorbiaceae) - 254
Marmeleiro-branco; *Croton adenocalyx* (Euphorbiaceae) - 253
Mela-bode; *Turnera hermannioides* (Turneraceae) - 538
Mela-bode; *Turnera subulata* (Turneraceae) - 545
Merindiba; *Buchenavia tetraphylla* (Combretaceae) 109
Mofumbo; *Combretum fruticosum* (Combretaceae) - 109, 113
Mulatinha; *Psidium oligospermum* (Myrtaceae) - 421
Murici-brabo; *Sebastiania riparia* (Euphorbiaceae) - 282
Murta; *Eugenia schottiana* (Myrtaceae) -, 386
Murta; *Myrcia decorticans* (Myrtaceae) - 394
Murta; *Myrcia splendens* (Myrtaceae) - 406
Murta; *Sebastiania jacobinensis* (Euphorbiaceae) - 282
Murta-branca; *Calyptanthes brasiliensis* (Myrtaceae) - 367
Murta-cheirosa; *Myrcia decorticans* (Myrtaceae) - 394
Murta-de-tabuleiro; *Myrcia splendens* (Myrtaceae) - 406
Murta-pilunga; *Calyptanthes clusiifolia* (Myrtaceae) - 365
Murta-preta; *Calyptanthes clusiifolia* (Myrtaceae) - 365
Murta-roxa; *Myrcia decorticans* (Myrtaceae) - 394
Murta-roxa; *Myrcia splendens* (Myrtaceae) - 406
Murta-tereza; *Myrcia guianensis* (Myrtaceae) - 395
Mutamba; *Guazuma ulmifolia* (Malvaceae) - 327

O

Oficial-de-sala; *Asclepias curassavica* (Apocynaceae) 50

P

Parreira; *Cissus quinquefolia* (Vitaceae) - 562
Parreira; *Cissus simsiana* (Vitaceae) - 562
Pau-de-leite; *Himatanthus obovatus* (Apocynaceae) - 65
Pau-de-leite; *Sapium argutum* (Euphorbiaceae) - 280

Pau-de-leite; *Sapium glandulosum* (Euphorbiaceae) - 280
Pau-de-leite; *Sebastiania jacobinensis* (Euphorbiaceae) - 282
Pau-de-sebo; *Mateleia ganglinosa* (Apocynaceae) - 74
Pega-bode; *Mentzelia aspera* (Loasaceae) - 323
Peixe-boi; *Piriqueta cistoides* (Turneraceae) - 535
Pente-de-macaco; *Combretum fruticosum* (Combretaceae) 109, 113
Pereiro; *Aspidosperma pyriforme* (Apocynaceae) - 25, 26, 53, 90
Pirunga; *Eugenia ligustrina* (Myrtaceae) - 382
Pirunga; *Marlierea excoriata* (Myrtaceae) 389
Pirunga; *Myrcia decorticans* (Myrtaceae) - 394
Pitanga-de-cágado; *Eugenia ligustrina* (Myrtaceae) - 382
Pitanga-de-cágado; *Eugenia subreticulata* (Myrtaceae) - 387
Porquinho-do-mato; *Mateleia nigra* (Apocynaceae) - 75

Q

Quebra-faca; *Croton echinoides* (Euphorbiaceae) 255
Quiri-preto; *Aspidosperma subincanum* (Apocynaceae) 54, 90

R

Relógio; *Waltheria indica* (Malvaceae) 331, 332

S

Sacatinga-branca; *Croton argyrophyllus* (Euphorbiaceae) 254
Sacatinga-preta; *Croton tricolor* (Euphorbiaceae) 264, 272

T

Trevo; *Oxalis sepium* (Oxalidaceae) 493, 497

U

Urtiga; *Aosa rupestris* (Loasaceae) 322, 323, 325

V

Vara-branca; *Myrcia splendens* (Myrtaceae) - 406
Vassourinha-amarela; *Waltheria indica* (Malvaceae) - 333
Velame; *Croton heliotropiifolius* (Euphorbiaceae) - 259
Velande; *Croton heliotropiifolius* (Euphorbiaceae) - 259
Velande-branco; *Croton urticifolius* (Euphorbiaceae) - 263
Velandinho; *Croton tetradenius* (Euphorbiaceae) - 263
Velandinho-de-cheiro; *Croton tetradenius* (Euphorbiaceae) - 263
Vermelhinho; *Campomanesia aromatica* (Myrtaceae) - 373

X

Xanana; *Turnera coerulea* (Passifloraceae) 541, 542, 548
Xanana; *Turnera subulata* (Passifloraceae) 545, 549



Universidade Federal de Sergipe



APOIO:



Agência Brasileira do ISBN

ISBN 978-85-63770-06-6



9 788563 770066